CONQUISTA ESPIRITUAL DO ORIENTE

Em que se dá relação de algumas cousas mais notáveis que fizeram os Frades Menores da Santa Província de S. Tomé da Índia Oriental em a pregação da fé e conversão dos infiéis, em mais de trinta reinos, do Cabo de Boa Esperança até às remotíssimas Ilhas do Japão

REPARTIDA EM TRÊS VOLUMES

Composta pelo P.e Frei Paulo da Trindade, filho da mesma Província, leitor jubilado de Prima e Comissário Geral dela, Deputado do Santo Ofício

Introdução e notas de F. Félix Lopes, O. F. M.

III PARTE

CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS ULTRAMARINOS

LISBOA / MCMLXVII

LIBRARY OF PRINCETON
OCT 22 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

BV 3263 .T74 1962 v.3
Trindade, Paulo da, 1570-
1651.
Conquista espiritual do
Oriente

CONQUISTA ESPIRITUAL DO ORIENTE

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/conquistaespirit03trin

FREI PAULO DA TRINDADE

ESTUDO HISTÓRICO
CERCA
LISBOA

CONQUISTA ESPIRITUAL DO ORIENTE

Em que se dá relação de algumas cousas mais notáveis que fizeram os Frades Menores da Santa Província de S. Tomé da Índia Oriental em a pregação da fé e conversão dos infiéis, em mais de trinta reinos, do Cabo de Boa Esperança até às remotíssimas Ilhas do Japão

REPARTIDA EM TRÊS VOLUMES

Composta pelo P.e Frei Paulo da Trindade, filho da mesma Província, leitor jubilado de Prima e Comissário Geral dela, Deputado do Santo Ofício

Introdução e notas de F. Félix Lopes, O. F. M.

III PARTE

LIBRARY OF PRINCETON
OCT 22 2001
THEOLOGICAL SEMINARY

OBRAS MAIS CONSULTADAS

ALBUQUERQUE, Afonso de — *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as ilustram.* Tom. I (-VI). Lisboa 1884-1915.

* ANDRADA, Francisco de — *Chronica do muito alto e muito poderoso Rei d'estes Reinos de Portugal D. João 3.º d'este nome.* Lisboa 1613.

Annales Minorum seu Trium Ordinum a S. Francisco Institutorum. Tomo. I (-XXVII e continua). Quaracchi 1931 e continua.

ANTÓNIO DA PIEDADE — *Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia de S. Maria da Arrabida.* Tom. I (-II, por fr. José de Jesus Maria). Lisboa 1728-1737.

* ANTONIO DE SAN ROMAN RIBADENEYRA — *Historia General de la India Oriental; los descobrimientos e conquista que han hecho las armas de Portugal en Brasil y en otras partes de la Asia y Africa desde el principio hasta el año de 1557.* Valladolid 1603.

Apologia dos Frades Menores em que se mostra quam grande fructo fizerão nesta India na propagação da Fé entre os Indios, e quam pouca rezão houve pera o Viso Rey Ayres de Saldanha meter os Padres da Companhia em Ceylão. Ms em poder do anotador.

Archivo Ibero-Americano. Ano I (-continua). Madrid 1914 e continua.

Archivo Portuguez Oriental. Vid. Cunha Rivara.

Archivum Franciscanum Historicum. Ann. I (-continua). Quaracchi 1908 e continua.

BAIÃO, António — *A Inquisição de Goa. Correspondência dos Inquisitores da India (1569-1630).* Vol. II. Coimbra 1930.

Indicam-se com * as obras que fr. Paulo da Trindade utilizou na composição da *Conquista Espiritual.*

BARBOSA, Duarte — *O Livro em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente*. Lisboa 1964.

BARBOSA MACHADO, Diogo — *Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica e Chronologica*. Tom. I (-IV). Lisboa 1741-1759.

* BAREZZI, Barezzo Cremonenese — *Croniche dell'Ordine dei Fratri Minori instituito dal Serafico P. S. Francesco. Parte Quarta*. Veneza 1608.

* BARROS, João de — *Da Asia de João de Barros. Década Primeira (-Década Quarta)*. 8 vols. Lisboa 1777-1778.

* BARTOLOMEU DE PISA — *DE Conformitate Vitæ Beati Francisci ad vitam Domini Jesu*. Tom. I (-II). Quaracchi 1906-1912 (em *Annalecta Franciscana aliaque varia documenta ad Historiam Fratrum Minorum spectantia*, Tom. IV e V).

BOCARRO, António — *Decada 13 da Historia da India*. Lisboa 1875.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. Lisboa 1875. E continua.

BOTELHO, Simão — *Tombo do Estado da India* (em *Subsidios para a Historia da India Portugueza publicados pela Academia Real das Sciencias sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner)*. Lisboa 1868.

— *Cartas de Simão Botelho* (em *Subsidos* citados). Lisboa 1868.

* BOZIO, Tomás — *De signis Ecclesiæ Dei Libri XXIII*. Tom. I (-II). Roma 1591-1592.

Breve Discurso em que se conta a Conquista do Reino de Pegu na India Oriental, feyta pelos Portuguezes em tempo do Viso-Rey Ayres de Saldanha, sendo Capitão Salvador Ribeyro de Souza, chamado Massinga, natural de Guimarães, a quem os naturaes de Pegù elegerão por seu Rey no anno de 1600. Junto com *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa 1725.

Bullarium Patronatus Portugalliæ Regum in Ecclesiis Africæ, Asiæ atque Oceaniæ curante Levy Maria Jordão. Tom. I (-III) e Appendix. Lisboa 1868-1873.

CÂMARA MANUEL, Jerónimo P. A. da — *Missões dos Jesuitas no Oriente nos séculos XVI e XVII*. Lisboa 1894.

CARDOSO, Jorge — *Agiologio Lusitano dos Sanctos e Varoens illustres em virtude do Reino de Portugal e suas Conquistas*. Vol. I (-III). Lisboa 1652-1666.

Cartas de Afonso de Albuquerque (vid. Albuquerque, Afonso).

Cartas de D. João de Castro, colegidas e anotadas por Elaine Sanceau. Lisboa 1954.

* CASTANHEDA, Fernão Lopes de — *História do Descobrimento e Conquista da India pelos Portuguezes*. Livro Primeiro (-Oitavo). Coimbra 1924-1929.

CIVEZZA, Marcelino da — *Storia Universal delle Missioni Francescane*. Vol. I (-XI). Roma, Prato, Florença 1857-1895.

— *Saggio di Bibliografia, Geografica, Etnografica, sanfrancescana*. Prato 1879.

Corpo Diplomatico Portuguez. Relações com a Curia Romana. Publicado por Luiz Augusto Rebello da Silva (e continuadores). Vol. I (-XIV). Lisboa 1862-1910.

CORREIA, Gaspar — *Lendas da India por Gaspar Correia, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisbra*. Tom. I (-IV). Lisboa 1858-1866.

* COUTO, Diogo de — *Da Ásia de Diogo de Couto. Decada Quarta (-Decada Duodecima)*. Lisboa 1778-1788. 15 vols.

Crónica dos Reis da Bisnaga. Vid. Lopes, David.

CUNHA RIVARA, Joaquim Heliodoro da — *Archivo Portuguez Oriental*. Fasciculo I (-VI). Nova Goa 1857-1876.

— *O Chronista de Tissuary. Periodico Mensal*. Nova Goa 1866-1867.

— *Ensaio Historico da Lingua Concani*. Nova Goa 1858.

— *Grammatica da Lingoa Concani composta pelo Padre Thomaz Estevão e accrescentada por outros Padres da Companhia de Jesus*. Nova Goa 1857.

DALGADO, Sebastião Rudolfo — *Glosário Luso-Asiático*. Vol. I (-II). Coimbra 1919-1921.

Documentação para a Historia das Missões do Padroado Português do Oriente Coligida e anotada por António da Silva Rego. India. Vol. I (-12 e continua). Lisboa 1947 e continua.

Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente Coligida e anotada por Artur Basílio de Sá. Insulíndia. Vol. I (-V). Lisboa 19.

Documentos (alguns) do Archivo Nacional da Torre do Tombo àcerca das Navegações e Conquistas Portuguezas, publicados por ordem de Sua Magestade Fidelissima ao celebrar-se a commemoração quadricentenaria do Descobrimento da America. Lisboa 1892.

Documentos Remettidos da India ou Livros das Monções publicados de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa e sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato. Tom. I (-III). Lisboa 1880-1885.

EUBEL, Conrado — *Hierarchia Catholica Medii Aevi. Volumen Tertium sæculum XVI ab anno 1503 complectens*. Munster 1910.

FARINHA, António Lourenço — *A Expansão da Fé no Oriente*. Lisboa 1943.

FARIA E SOUSA, Manuel de — *Asia Portugueza*. Tom. I (-III). Lisboa 1666-1675.

FERNANDO DA SOLEDADE — *Historia Serafica Chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*. Tom. III (-V). Lisboa 1705-1721.

FORTUNATO DE ALMEIDA — *História da Igreja em Portugal. Tom. I* (-IV). Coimbra 1910-1924. 8 vols.

FREIRE DE ANDRADE, Jacinto — *Vida de D. João de Castro quarto Viso-Rey da India*. Lisboa 1657.

* GASPAR DA CRUZ — *Tratado em que se contam muito por extenso as cousas da China cõ suas particularidades e assi do reyno dOrmuz*. Evora 1569.

* GÓIS, Damião de — *Cronica do Felicissimo Rei D. Manuel composta por Damião de Gois. Nova edição, conforme a Primeira, anotada e prefaciada, dirigida por Joaquim Martins Teixeira de Carvalho e David Lopes*. Parte I (-IV). Coimbra 1926.

GOLUBOVICH, Jerónimo — *Biblioteca Bio-Bibliografica della Terra Santa e dell'Oriente Francescano*. Tom. I (-V). Quaracchi 1906-1927.

* GONZAGA, Francisco — *De Origine Seraphicæ Religionis Franciscanæ*. Venza 1603.

* GOUVEIA, António de — *Jornada do Arcebispo de Goa Dom Frey Aleixo de Meneses Primaz do India Oriental, Religioso da Ordem de S. Agosti-*

nho, quando foy as Serras do Malauar e lugares em que morão os antigos Christãos de S. Tome. Coimbra 1606.

HOLZAPFEL, Heriberto — *Manuale Historiæ Ordinis Fratrum Minorum.* Friburgo de Brisgóvia 1909.

JACINTO DE DEUS — *Vergel de Plantas e Flores da Provincia da Madre Deos dos Capuchos Reformados.* Lisboa 1690.

* JOÃO DOS SANTOS — *Ethiopia Oriental, e varias historias de cousas notaveis do Oriente.* Evora 1609.
Livros das Monções. Vid. Documentos remettidos da India.

LOPES, David — *Chronica dos Reis de Bisnaga. Manuscripto inedito do seculo XVI publicado por David Lopes.* Lisboa 1897.

* LUCENA, João de — *Historia da Vida do Padre Francisco Xavier e do que fizerão na India os mais Religiosos da Companhia de Jesus.* Lisboa 1600.

* MAFFEI, G. P. — *Historiarum Indicarum Libri XVI.* Antuerpia 1605.

MANUEL DE MONFORTE — *Chronica da Provincia da Piedade, Primeira Capucha de toda a Ordem e Regular Observancia de Nosso Serafico Padre S. Francisco.* Lisboa 1751.

MARTINHO DO AMOR DE DEUS — *Escola de Penitencia, Caminho de Perfeição, Estrada Segura para a Vida Eterna. Chronica da Santa Provincia de S. António da Regular e Estreita Observancia da Ordem do Serafico Patriarca S. Francisco no Instituto Capucho neste Reyno de Portugal.* Lisboa 1740.

* MENDES PINTO, Fernão — *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto.* Lisboa 1725.

MIGUEL DA PURIFICAÇÃO — *Relação Defensiva dos Filhos da India Oriental e da Provincia do Apostolo S. Thomé dos Frades Menores.* Barcelona 1640.

* OSÓRIO, Jeronimo — *De Rebus Emmanuelis Gestis.* Lisboa 1571.

* PEDRO RODOLFO TOSSINIANO — *Historiarum Seraphicæ Religionis Libri tres.* Veneza 1586.

QUEIRÓS, Fernão de — *Conquista Temporal e Espiritual de Ceylão.* Columbo 1916.

* RIBADENEIRA, Marcelo de — *Historia de las Islas del Archipielago y reinos de la Gran China, Tartaria, Cochinchina, Malaca, Siam, Camboya, y Jappon, y de lo sucedido en ellas a los Religiosos Descalços de la Orden del Seraphico Padre San Francisco de la Provincia de San Gregorio de las Philippinas, compuesta por Frey Marcello de Ribadeneyra, compañero de los seys Frayles hijos de la misma Provincia, martyres gloriosissimos de Jappon, y testigo de vista de su admirable martyrio.* Barcelona 1601.

RIBEIRO, João — *Fatalitate historica da ilha de Ceylão.* Lisboa 1836.

SÁ, Artur Basílio de — Vid. Documentação para a História das Missões.

SAN ROMAN RIBADENEIRA — Vid. António San Roman Ribadeneira.

SCHURHAMMER, G. e E. A. Voretzsch — *Ceylon zur Zeit des Konigs Bhuvaneka Bahu und Franz Xavier 1539-1552.* Liepzig 1928. 2 vols.

SILVA REGO, António da — *História das Missões do Padroado Português do Oriente. India.* Vol. I. Lisboa 1949.

— *Documentação para a história das Missões.* Vid. Documentação para a História das Missões.

Sinica Franciscana. Vol. I (-V). Quaracchi, Roma 1924-1954.

SOUSA, Francisco de — *Oriente Conquistado a Jesus Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa.* Primeira Parte (-Segunda), Lisboa 1710.

SOUSA, Luis de — *Primeira Parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino e Conquistas de Portugal, por Fr. Luis de Cacegas da mesma Ordem e Provincia e Chronista della. Reformada em estilo e ordem e ampliada em sucessos e particularidades por Fr. Luis de Sousa.* (-Quarta). Lisboa, Benfica 1623-1733.

STREIT, Roberto — *Bibliotheca Missionum.* Tom. I (-XXI). Munster, Friburgo 1916-1959.

Tábua das Casas e Frades da Custódia de S. Tomé na India, do ano de 1585, enviada pelo custódio fr. Gaspar de Lisboa ao Geral da Ordem Franciscana. Publicada por F. Félix Lopes em *Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590,* in «Studia», n.º 9, Jan. 1962.

Tábua das casas e frades da Custódia de S. Tomé na India, do Capítulo Custodial celebrado em Goa no ano de 1595. Publicada por F. Félix Lopes, em *Missões Franciscanas na India Oriental em 1595. Casas, pessoal e legislação,* in «Archivo Ibero-Americano», 13 (Madrid 1953), 183-191.

TEIXEIRA DE ARAGÃO, A. C. — *Descrição Geral e Historica das Moedas cunhadas em nome dos Reis, e Regentes e Governadores de Portugal.* Tom. III. Lisboa 1880.

TISSERAND, Cardeal Eugénio — *Eastern Christianity in India.* Londres 1957.

VAN DER WYNGAERT, Anastásio — Vid. Sinica Franciscana.

WADINGO, Lucas — Vid. Annales Minorum.

SIGLAS

AFH — *Archivum Franciscanum Historicum*

AIA — *Archivo Ibero-Americano*

ANTT — *Arquivo Nacional da Torre do Tombo*

CC. ANTT — *Corpo Cronológico*

Gav. ANTT — *Gavetas*

APO — *Archivo Portuguez Oriental*

AS — *Arquivo de Simancas (Espanha)*

BAL — *Biblioteca da Ajuda em Lisboa*

BLN — *Bibloteca Nacional de Lisboa*

BSGL — *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*

OP — *Oriente Português*

ÍNDICE

CAP. 1. Da famosa ilha de Ceilão e de algumas grandezas suas ... 3
CAP. 2. Dos reinos que há na ilha de Ceilão e de outras particularidades suas 7
CAP. 3. Da fortaleza e conquista que os Portugueses têm na ilha de Ceilão 12
CAP. 4. Das agras, que são as terras donde se tiram as pedras preciosas na ilha de Ceilão, e como se caçam os elefantes e do que a mesma ilha rende para a Fazenda Real ... 17
CAP. 5. Como o imperador de Ceilão mandou a Portugal pedir por seus embaixadores a el-rei D. João III que lhe mandasse nossos frades para o baptizarem a ele e pregar a Fé aos seus, e o que nisto sucedeu 22
CAP. 6. Como o venerável Padre fr. João de Vila de Conde continuando com a conversão do imperador de Ceilão, se ofereceu a entrar em uma fogueira, em confirmação da Fé que lhe pregava, e da disputa que teve com seus letrados, e o desastrado fim que este pérfido rei teve 30
CAP. 7. Como o P. fr. João de Vila de Conde baptizou ao novo rei de Cota que sucedeu no império de Ceilão, e do grande fruito que com seu favor fez na conversão dos naturais da mesma ilha 38
CAP. 8. Do muito que estimaram assim Sua Majestade como Sua Santidade a conversão e baptismo de el-rei de Ceilão D. João Párea Pandar, e de algumas particularidades suas ... 43
CAP. 9. Como el-rei de Ceilão D. João Párea Pandar fez doação das terras e rendas dos pagodes do seu reino para os colégios que os nossos Religiosos fizessem e sustentação dos órfãos que neles se creassem, e como nos foram tirados por ordem de Sua Majestade 47

CAP. 10. Da notável devoção que aos nossos Religiosos sempre teve o rei de Cota D. João Párea Pandar, e de uma certidão que passou em certa ocasião em abono deles 53
CAP. 11. De outros reis, príncepes e pessoas de sangue real que os Frades Menores converteram à Fé e baptizaram no mesmo reino de Cota e em outros da mesma ilha de Ceilão ... 58
CAP. 12. Como os religiosos da nossa Ordem entraram no reino de Cândia da ilha de Ceilão, e dos reis que nele converteram e baptizaram 63
CAP. 13. Como D. Filipe foi alevantado por rei de Cândia, o qual fora convertido à nossa santa Fé pelos nossos Religiosos e baptizado no nosso convento de S. Francisco de Goa 69
CAP. 14. Dos dois príncepes de Ceilão D. João e D. Filipe, baptizados e doutrinados pelos nossos frades no colégio dos Reis Magos 73
CAP. 15. Como no reino de Cândia assiste sempre um Religioso nosso por reféns das pazes que estão juradas com os Portugueses, e da igreja e cristandade que nele temos 77
CAP. 16. De uma entrada que fez no reino de Cândia o Geral D. Jerónimo de Azevedo, e do que nela fez um Religioso nosso, e de outros casos semelhantes 82
CAP. 17. De muitos Religiosos desta santa Província de S. Tomé que na ilha de Ceilão foram mortos na pregação da Fé e conversão dos infiéis 86
CAP. 18. Como Tribuli Pandar, genro de el-rei de Cota, destruiu algumas das nossas igrejas e matou alguns frades nossos, e o camareiro-mor de el-rei de Cota recebeu o baptismo por mãos de nossos frades 90
CAP. 19. De outros muitos Frades Menores que em diversas ocasiões foram mortos em Ceilão 94
CAP. 20. Dos grandes tormentos e trabalhos excessivos que padeceu o P. fr. Pedro de Cristo em o cativeiro de Cândia 99
CAP. 21. De outros frades nossos que também foram mortos em Ceilão sendo Gerais D. Jerónimo de Azevedo e D. Nuno Álvares Pereira 104
CAP. 22. Do grande alevantamento que houve em toda a ilha de Ceilão em tempo do Geral Constantino de Sá, em que quatro frades nossos foram mortos com ele na rota do seu arraial e dois cativos 108
CAP. 23. Como se houveram neste alevantamento os Religiosos da nossa Ordem nas coisas do serviço de Sua Majestade ... 112
CAP. 24. Como os Portugueses tornaram a recuperar tudo o que pelo alevantamento passado tinham perdido em Ceilão, e das pazes que assentaram com el-rei de Cândia, e como a petição sua lhe foram dados nossos frades por reféns ... 116
CAP. 25. Da miserável perdição da galé do Achém que se perdeu

indo com o socorro de Ceilão, e do que aconteceu a dois Religiosos nossos que iam nela 123
CAP. 26. Dos muitos e grandes serviços que a el-rei nosso senhor fazem os frades de S. Francisco em a ilha de Ceilão e sua conquista 127
CAP. 27. Como na ilha de Ceilão temos cinquenta e quatro igrejas e nelas mais de setenta mil cristãos 133
CAP. 28. Como se fundou a igreja de Nossa Senhora da Piedade de Cotavata, e dos muitos gentios que aí converteram os nossos Religiosos 147
CAP. 29. De alguns milagres que houve por bem de obrar a Divina Providência em algumas das sobreditas igrejas de Ceilão 150
CAP. 30. De outros maravilhosos milagres que pelos merecimentos da sacratíssima Virgem Mãe de Deus foram feitos em uma igreja sua da mesma ilha de Ceilão 154
CAP. 31. De uma carta que o bispo de Cochim escreveu a Sua Majestade contra as nossas reitorias de Ceilão, e do que se assentou na Mesa de Consciência de Portugal que se lhe respondesse 158
CAP. 32. Dos grandes impedimentos e estorvos que temos em Ceilão para não ir muito mais por diante a cristandade que nela tem a nossa Ordem 163
CAP. 33. De trinta e um baptismos gerais que em menos de cinco meses fez um Religioso nosso na ilha de Ceilão em o ano de 1610 168
CAP. 34. Do reino de Jafanapatão, e do primeiro rei que nele houve 173
CAP. 35. Como o venerável P. fr. Belchior de Lisboa, Custódio desta Custódia, e quatro companheiros seus foram os primeiros Religiosos que pregaram a Fé no reino de Jafanapatão onde foram mortos pelos naturais 176
CAP. 36. Do dente do Bogio que se achou em Jafanapatão, e do que dele se fez por conselho dos Teólogos 181
CAP. 37. Como depois que o reino de Jafanapatão foi destruído pelo grande capitão André Furtado, começaram outra vez os nossos Religiosos ter nele nova cristandade, e fundação da igreja de Nossa Senhora dos Milagres 184
CAP. 38. Como na ilha Tanadiva e outras que ficam vizinhas ao reino de Jafanapatão fundaram os nossos Religiosos algumas igrejas e em particular a de S. João Baptista 191
CAP. 39. Das igrejas que temos em as terras de Mantota e de algumas particularidades suas 194
CAP. 40. De uma grande tribulação que os novos cristãos de Jafanapatão tiveram por rezão de o serem, e como nela pelos nossos frades foram socorridos 198
CAP. 41. Como por certa ocasião se embarcaram oitocentos cristãos de Jafanapatão, deixando sua terra por não deixarem a Fé 203

CAP. 42. Como o Chingali se alevantou por rei de Jafanapatão por morte do rei Para Raxa Chegra Pandará 207
CAP. 43. Como o Geral de Ceilão mandou gente de socorro a Jafanapatão, e o Chingali foi preso e Sua Majestade foi jurado por rei daquele reino 210
CAP. 44. Como se houve o capitão-mor Filipe de Oliveira no primeiro alevantamento geral que houve em Jafanapatão, e os alevantados foram destruídos 214
CAP. 45. Do segundo alevantamento que houve em Jafanapatão e como Filipe de Oliveira desbaratou os badagás 219
CAP. 46. De alguns milagres que a Senhora dos Milagres fez nesta guerra dos badagás, e como a seu soberano favor e a ela atribuía o capitão-mor Filipe de Oliveira a glória de suas vitórias 224
CAP. 47. Como o bispo de Cochim, havendo respeito ao muito que os nossos Religiosos tinham trabalhado e de presente trabalham no ministério da cristandade em o reino de Jafanapatão, lhes deu sua autoridade e licença para em todo ele poderem alevantar igrejas e exercer o ofício de curas 228
CAP. 48. Como os nossos Religiosos converteram e baptizaram ao princepe de Jafanapatão e à rainha sua mãe e outras pessoas de sangue real 231
CAP. 49. Como o princepe de Jafanapatão tomou o hábito da nossa sagrada Religião e professou nela, e deixou o direito que no dito reino tinha, à Coroa de Portugal 235
CAP. 50. Como no reino de Jafanapatão foram baptizados pelos nossos frades desde o ano de 1624 até o de 1626 cinquenta e duas mil almas, e entre elas duas rainhas, uma princesa e quase a nobreza toda daquele reino 239
CAP. 51. Das igrejas que fundamos em o reino de Jafanapatão depois que pelos Portugueses foi conquistado para a Coroa de Portugal, e do número de cristãos que nelas temos ... 243
CAP. 52. Da famosa imagem de Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão 249
CAP. 53. Como de diversas partes do Sul acudiam à Senhora dos Milagres de Jafanapatão muitos enfermos para remédio de suas enfermidades 253
CAP. 54. De uma grande tormenta que tiveram os moradores de Jafanapatão, e como por a Senhora dos Milagres foram socorridos 257
CAP. 55. De alguns Religiosos que na igreja de Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão descansam em o Senhor, particularmente do P. fr. Pedro de Betancor 260
CAP. 56. Da ilha de Manar e da cristandade que nela temos e de algumas coisas particulares suas 266

CAP. 57. Do grande reino de Bisnaga ou Narcinga, e de algumas grandezas que nele há 270
CAP. 58. De uma solene festa que se faz no famoso pagode de Tremelem do reino de Bisnaga, e da crença e superstição desta gentilidade 274
CAP. 59. Dos reis que houve nos reinos de Bisnaga desde que os Portugueses entraram na India até o presente que agora reina 278
CAP. 60. De uma embaixada que el-rei de Bisnaga mandou ao vizo--rei D. Francisco de Almeida por meio de um Religioso nosso que chamam fr. Luis, e do que mais passou até ser morto pelos moiros 284
CAP. 61. Como os Portugueses fundaram nas terras de el-rei de Bisnaga a cidade de S. Tomé por devoção do santo Apóstolo e suas sagradas relíquias 288
CAP. 62. De um grande trabalho que tiveram os moradores da cidade de São Tomé, pelo qual lhes mandou o vizo-rei D. Constantino de Bragança, que a deixassem, do que eles se escusaram por devoção do santo Apóstolo 294
CAP. 63. Do que o nosso bispo de Cochim D. fr. André ordenou acerca das relíquias do Apóstolo S. Tomé em a sua igreja de Meliapor 299
CAP. 64. Da informação que o mesmo bispo de Cochim D. frei André tomou do Monte Grande e da pedra milagrosa que nele se achou 303
CAP. 65. Do convento e cristandade que os Frades Menores fizeram na cidade de São Tomé, e como o P. fr. Francisco do Oriente pregou ao rei de Bisnaga e aos naiques de Tanjaor 307
CAP. 66. Do que aconteceu a um Religioso indo por mar a São Tomé onde era guardião 311
CAP. 67. De outro caso maravilhoso que a este mesmo Religioso sucedeu quando se tornou de São Tomé para Goa 314
CAP. 68. Da grande conversão de gentios que os nossos Religiosos fizeram em Negapatão, e do convento que aí temos e de uma coluna milagrosa que nela se achou 317
CAP. 69. Da reitoria que temos em Tutucurim na Costa da Pescaria, e das ocasião que houve para os paruás dela receberem nossa santa Fé, e como os nossos Religiosos ajudaram a baptizar mais de vinte mil deles 321
CAP. 70. Do grande e opulento reino de Bengala, e como os moiros se apoderaram dele 327
CAP. 71. Como dois Religiosos nossos foram ao reino de Bengala e do fruito que lá fizeram nas almas 331
CAP. 72. Como os mesmos Religiosos foram do reino de Bengala ao de Arracão, e do que lá lhes aconteceu 336
CAP. 73. Como o vizo-rei D. Jerónimo de Azevedo mandou uma

armada contra o rei de Martavão em que iam dois frades nossos, e como um deles fundou a igreja e cristandade em a ilha de Sundiva e do que com ela lhe aconteceu 340
CAP. 74. Do grande reino de Pegu, e da ocasião que teve para fazer guerra ao reino de Sião que foi o princípio de sua total destruição 344
CAP. 75. Como o grande Bramá, rei de Pegu, mandou outras duas vezes sobre Sião e de ambas foram os seus desbaratados e na derradeira o príncepe seu filho também morto 351
CAP. 76. Como o rei de Pegu crendo que o príncipe seu filho fora morto por descuido e malícia dos pegus, deu em os destruir a todos, com que a si mesmo se destruiu, e da sua lastimosa morte 357
CAP. 77. Como o venerável fr. Pedro Bonifer, doutor parisiense, foi com outro companheiro seu a pregar a Fé ao reino de Pegu antes de sua destruição 362
CAP. 78. Como outros Religiosos nossos com o zelo de converter almas foram ao reino de Pegu e ao de Martavão 367
CAP. 79. Da famosa cidade de Malaca, e como foi conquistada pelo grande Afonso de Albuquerque 372
CAP. 80. Como os nossos Religiosos vieram a Malaca e fundaram convento da Ordem 376
CAP. 81. Como a Custódia de S. Francisco de Malaca por ordem dos Prelados Gerais foi sujeita à Custódia de S. Tomé 384
CAP. 82. Do santo varão fr. Luis da Cruz, filho e honra da Custódia de Malaca 392
CAP. 83. Como o servo de Deus fr. Luis depois de sua morte foi visto glorioso, e dos muitos milagres que por ele obrou Deus Nosso Senhor em sua vida 396
CAP. 84. De outros milagres com que Deus Nosso Senhor honrou a seu servo fr. Luis de Malaca depois da sua morte 400
CAP. 85. Como o vizo-rei D. Martim Afonso de Castro foi socorrer Malaca que estava de cerco, e dos muitos Religiosos nossos que o acompanharam nesta jornada 405
CAP. 86. Continua-se com a matéria do capítulo passado 410
CAP. 87. De outro cerco que teve a mesma fortaleza de Malaca que os achéns lhe puseram, e dos grandes trabalhos que nele padeceram os nossos frades, moradores do convento da Madre de Deus, até de todo o deixarem 416
CAP. 88. Como com o socorro que da India veio, alevantaram os achéns o cerco que à cidade de Malaca tinham posto, e foram de todo desbaratados 423
CAP. 89. Descreve-se o grande reino de Sião, e se dá relação de algumas particularidades suas 427
CAP. 90. Da cidade Odiá, metrópole e cabeça deste reino de Sião,

e dos ricos paços reais que nela há e do respeito com que se trata o rei 431
CAP. 91. Como o rei Preto de Sião, por sobrenome o Cruel, mandou pedir a Malaca frades de S. Francisco para morar em o seu reino, e foi mandado para este efeito o Padre fr. André do Espírito Santo 435
CAP. 92. Dos grandes trabalhos que nesta viagem de Sião padeceu o Padre fr. André do Espírito Santo 441
CAP. 93. Do que neste caminho por terra sucedeu ao Padre fr. André do Espírito Santo até chegar à cidade de Odiá, metrópole do reino de Sião 445
CAP. 94. Como o Padre fr. André do Espírito Santo chegou à presença do Rei Preto de Sião, e das grandes honras que lhe fez 449
CAP. 95. De algumas excessivas e nocivas crueldades que ao Rei Preto de Sião viu fazer o P. fr. André do Espírito Santo no tempo que esteve lá com ele 454
CAP. 96. De algumas partes excelentes do Rei Preto de Sião, e do muito que favoreceu ao Padre fr. André do Espírito Santo no ministério da cristandade 459
CAP. 97. Do grande amor e devoção que os reis de Camboja tiveram sempre aos nossos frades, e como por muitas vezes os mandaram pedir para assistirem no seu reino 465
CAP. 98. Doutros três Religiosos que também foram ao reino de Camboja, e do que lá lhes aconteceu 472
CAP. 99. Como os nossos Religiosos pregaram a nossa santa Fé na ilha Jaoa, e do fruito que colheram da sua pregação ... 478
CAP. 100. Como do convento da Madre de Deus de Malaca foram os nossos frades a pregar a Fé aos reinos de Champá, Maluco, Amboim, Borneo, Solor, Pão, Pera e D'Aru 482
CAP. 101. Como alguns Religiosos nossos foram mandados por ordem do rei D. João III de Portugal à ilha de Macáçar onde converteram e baptizaram os reis de Supa e Sião e outros muitos infiéis 488
CAP. 102. Como os nossos Religiosos por causa da pregação foram ao reino de Cochinchina, e do que lá lhes aconteceu ... 494
CAP. 103. Do grande reino da China e de algumas particularidades suas 498
CAP. 104. Como o glorioso apóstolo S. Tomé, padroeiro da India, foi ter a este grande império da China e nele pregou a Fé de Cristo 502
CAP. 105. Como os Portugueses foram à China, e depois de vários sucessos edificaram no porto de Macau a cidade do Nome de Deus 506
CAP. 106. Como os Frades Menores foram à cidade de Cantão na China e nela pregaram a Fé de Cristo 510

CAP. 107. Do convento da Ordem que se fundou em Macau e dos santos exercícios em que se ocupavam os seus moradores 518
CAP. 108. Como na cidade de Macau se fundou um mosteiro de freiras de Santa Clara por via de Manila 523
CAP. 109. Das ilhas de Japão e de algumas coisas mais notáveis suas 529
CAP. 110. Como em Japão foram mui desejados e pedidos os Frades Menores, e da ocasião que houve para eles poderem lá ir 532
CAP. 111. Como os Frades Menores estiveram em Japão, e o que lá fizeram na conversão dos infiéis 537
CAP. 112. Como seis dos nossos Religiosos que estavam em Japão foram presos e crucificados pela pregação da Fé e com eles vinte japões 541
CAP. 113. De algumas maravilhas com que Deus Nosso Senhor fez ilustre e glorioso o martírio dos mártires de Japão, os quais sucederam assim antes como depois de sua bendita morte 545
CAP. 114. Como o bispo de Japão e os Portugueses que estavam em aquela ocasião em Nangasaqui foram com muita devoção visitar os corpos dos santos mártires depois do seu glorioso martírio 549
CAP. 115. Como em diversas partes da cristandade foram festejadas as novas desse glorioso martírio, e da solena procissão que os nossos Religiosos fizeram em Macau em fazemento de graças 553
CAP. 116. Das sagradas relíquias dos gloriosos mártires de Japão que foram trazidas a esta nossa santa Província de S. Tomé, e os muitos milagres que por seus merecimentos obram cada dia 557
CAP. 117. Como depois do martírio destes gloriosos santos tornaram outra vez os nossos frades a Japão, e dos que depois foram também no mesmo reino martirizados 562
CAP. 118. Remate e um como epílogo de toda esta obra da Conquista Espiritual do Oriente 567

LIVRO TERCEIRO
DA CONQUISTA ESPIRITUAL
DO ORIENTE

Das coisas que os Frades Menores da Província de S. Tomé fizeram na conversão dos infiéis desde a ilha de Ceilão até as de Japão

DA FORMOSA ILHA DE CEILÃO E DE ALGUMAS GRANDEZAS SUAS

CAPÍTULO 1

Uma das mais afamadas ilhas que há neste Oriente é esta de Ceilão, a qual merece mui particular lugar nesta nossa história, não tanto pelas coisas notáveis de que a natureza a ornou, quanto pelos singulares serviços que nela fizeram a Deus e à Coroa de Portugal os frades de S. Francisco, porque eles foram os primeiros pregadores do Evangelho que nela houve, onde muitos deles pela mesma pregação padeceram muitos trabalhos e ainda perderam as vidas, regando com o seu sangue as novas plantas que tinham plantado, convertendo com a sua doutrina muitos milhares dos seus // naturais, e deles muitos 706
príncipes e pessoas de sangue real, dos quais foi um D. João Párea Pandar, rei de Cota e neto do imperador de toda a ilha, o qual pela doutrina dos nossos frades recebeu o santo baptismo, e por sua morte, por não ter herdeiro, deixou o seu reino e o direito que em toda a ilha tinha, à Coroa de Portugal, por conselho dos mesmos frades. E finalmente foram tão abalizados os serviços que nesta Ilha fizeram e fazem os filhos desta santa Província de S. Tomé a Deus e a Sua Majestade que, ainda que nenhuns outros tiveram feitos na Índia, estes bastavam para os fazerem dignos de muito louvor e marcas de melhor galardão e mais avantajados favores do que dos seus ministros recebemos. Para clareza do qual, iremos tratando de cada uma de estas coisas mais em particular; e começaremos primeiro pela descrição da ilha e coisas mais notáveis que nela há.

Está esta ilha situada defronte do Cabo de Comorim e é de figura quase oval, e fica lançada ao longo desta costa da Índia pelo rumbo de nordeste, cuja ponta, a que jaz mais ao sul, está em altura de seis graus, e a do norte quase em dez, com que o comprimento dela será setenta e oito léguas, e a largura até quarenta e quatro, e de roda cento e cinquenta. Tem-se por opinião nestas partes que nos tempos antigos foi esta ilha contínua com a terra firme que lhe fica defronte, da qual dista dezasseis léguas pouco mais ou menos, o qual espaço

todo comeu o mar, como o tem feito também em outras partes. E aqui é donde se pesca o aljofre que chamam da Pescaria.

Tem esta ilha muitos nomes, uns deles postos pelos seus naturais e outros pelos estrangeiros. Os gregos e latinos lhe chamam *Taprobana*, que é o mesmo que «ilha remota», donde alguns tomaram ocasião para dizer Taprobana era Samatra, por ficar ainda mais remota que Ceilão, porém se nos hemos governar pela situação que à Taprobana dá Ptolomeu, necessàriamente havemos confessar que essa não é Samatra mas Ceilão, como claramente o mostra o nosso João de Barros (1). Os da costa de Choromândel (que é a terra firme que lhe fica defronte), vendo povoada a ilha e cultivada pelos seus primeiros habitantes, puseram-lhe nome *Ilhanare* ou *Tranate*, que em língua malabar é o mesmo que «reino da ilha». Os naturais lhe chamam *Lamiab* (2) que vale tanto como «terra santa», e têm por tradição que lhe foi posto este nome por seu primeiro rei, o qual vendo a formosura da terra, a abundância de fruitas, a serenidade dos ares, a fragância dos matos onde tudo era canela, acompanhada de muitas sortes de fruitas sabo-
707 rosas e aromáticas, lhe pareceu que nenhum outro // nome mais que este lhe quadrava. E na verdade os que tocaram esta ilha e experimentaram as excelências dela por dote da natureza, confessavam a muita razão que teve quem este nome lhe pôs, e ainda dizem que, se hoje no mundo há paraiso terreal, que aqui foi onde o plantou o Autor da natureza.

Os arábios e os pérsios em suas geografias por nome antigo lhe chamam *Serandib*, que quer dizer «coisa grande»; e parece que naquele tempo antiquíssimo de que os geógrafos escreveram dela, era de maior grandeza que agora, porque têm os seus naturais que tinha esta ilha antigamente setecentas léguas de roda e que o mar a foi comendo. E se isto é assim, bem podemos crer outra opinião destes mesmos natu-

---

(1) Barros (*Década III*, l. 2, c. 1, pp. 104-118) discute o assunto à luz dos conhecimentos históricos e arqueológicos do seu tempo. Couto retomou a discussão (*Década V*, l. 1, c. 7, pp. 66-81). De ambos se serviu o autor neste particular da identificação de Taprobana, como no mais que neste capítulo expõe.

(2) *Lamiab* é o que dá a leitura do manuscrito. Todavia é de supor que o autor escreveu *Lancab*, forma aproximada da dos textos que aproveitou (*Lanca*, em Barros *l. c.*, pg. 110; *Lancao*, em Couto, *l. c.* pg. 48), e forma dada também por Queirós (*Conquista*, 3).

Uma observação geral: A *Conquista Temporal e Espiritual de Ceylão* de Fernão de Queirós em largos passos aproxima-se tanto do texto de fr. Paulo da Trindade que às vezes até a frase é a mesma. Queirós no *Aos Portuguezes que lerem a seguinte Historia* (*ib.* pg. XX) diz que além das obras impressas que tratam de Ceilão, utilizou ainda os manuscritos de Afonso Dias da Lomba, António Barbosa Pinheiro, Bento da Silva e fr. Francisco Negrão. De fr. Paulo da Trindade não fala aí; mas que dele se aproveitou, expressamente o confessa *ib.* a pg. 587. Todavia porque nos passos paralelos e quase iguais Queirós aduz bastantes vezes particularidades e circunstâncias que não vêm em fr. Paulo da Trindade, parece que ambos os autores nesses passos, em geral, reproduzem um texto comum que possìvelmente será a *Crónica* e apontamentos de fr. Francisco Negrão.

rais que dizem ser esta ilha contínua com as de Maldiva e que o mar as dividira e apartara. Ptolomeu falando também desta ilha diz que antigamente se chamava *Salica* e aos naturais *Sali*. No tempo em que os chins senhorearam esta ilha, os estrangeiros que a ela vinham por razão de contrato e mercancia, lhe chamavam *Simondi*. Porém o nome que hoje tem comum é o de Ceilão, ainda que não consta a razão de sua etimologia, porque uns dizem que se chama assim deste nome *Cinlala*, que é o mesmo que «ilha de leão», porque dizem que o primeiro rei que teve foi um Vijabao Cumaria, que eles fingem ser neto de um leão, outros têm que se chamou assim de um naufrágio que uma grande armada dos chins padeceu em os seus baixos que ainda hoje se chamam os de Chilao, porque *Nilao* quer dizer «baixos», e *Chinalao* «baixos dos chins», o qual nome pelo discurso do tempo, perdendo algumas letras e tomando outras, se veio a converter neste de Ceilão, que é o mais célebre de todos os que tem esta ilha por todo o Oriente.

Os moradores desta ilha se chamam geralmente chingalás, nome que lhes ficou dos chins que foram em outro tempo senhores desta ilha e de toda a costa de Choromândel, parte do Malabar e das ilhas de Maldiva, do que dão bom testemunho, além de o afirmarem os naturais, muitos edifícios e nomes que ali deixaram. Porque como a sua primeira e principal habitação fosse junto da ponta de Gale, na face da terra contra o sul e oriente, onde fundaram uma cidade por nome Tunarcarim de que ainda hoje dura muita parte, os que moravam do meio da ilha para cima, chamavam aos que aqui moravam chingalás, que é o mesmo que chins de Gale, e dos que nasceram deles pelo discurso do tempo, se veio a aplicar geralmente a todos os moradores da ilha, os quais não têm outro nome senão este de chingalás.

A terra é fertilíssima e sobremaneira viçosa, porque além de ser toda regada de muitos e caudais rios de água doce que descem das serra- //nias que ficam no meio da ilha, lhe chove quase em todos os meses **708** do ano. E assim há nela muitos mantimentos, particularmente arroz que é o ordinário destas gentes, do qual há tanta cópia em a comarca Calou que, por razão dele, chamam àquela parte *Batecalou*, que é o mesmo que «Terra de Arroz», porque *bate* entre eles quer dizer arroz. Os matos todos são de canela e árvores frutíferas, como laranjeiras e outras árvores de espinho, as quais nascem sem se plantar e todo o ano têm fruito e flor. Tem muita criação de gado, vacas e búfaras, de que se faz grande cópia de manteiga, que se leva de carregação para muitas partes. Finalmente, assim dos fruitos e sementes naturais como dos estranhos que se nela plantam e semeiam, é tão fértil que não parece senão que aqui se quis esmerar a natureza a dar uma mostra de sua fertilidade. E se a terra fora ajudada do trabalho e indústria dos naturais, ainda fora muito mais fértil. Porém eles são pouco dados a isso, assim pela preguiça natural que reina neles, como também porque os reis se fazem herdeiros de seus vassalos, tomando-lhes toda a fazenda que têm por sua morte, e não dando a seus filhos mais que aquilo que eles querem, que é a razão de serem pouco cobiçosos de

fazenda e não se quererem matar por adquiri-la. Os ares são puros e excelentes, e o mar, além de dar muito peixe, produz pérolas e aljofres.

Não faltam aqui também as especiarias, porque, além da canela que só aqui se dá, pelo menos, boa, porque a de outras partes toda é agreste, brava e grossa, tem pimenta, cardamomo, brasil e algumas tintas de que os naturais se aproveitam para tingirem seus panos. Produz muitas pedras preciosas, particularmente rubis, safiras e olhos de gato, e outras muitas, ainda que as três nomeadas são as mais finas de todo o Oriente. Dos metais, dá ferro sòmente, que se tira em duas partes, a saber, Cândia e Tanavarê. Porém não tem ouro, e assim neste particular se enganaram os antigos. Tem muitos palmares, que é a melhor herança destas partes. Os seus elefantes são os melhores que há, porque são muito mais domáveis e formosos que os das outras [partes]; e assim os outros, quando se encontram com eles, lhes reconhecem certa maneira de superioridade. Valem muito e se vendem para Cambaia, Narsinga e Malabar. A gente é bem apessoada e bem disposta, de bons corpos, ainda que pouco cavaleiros e pouco de guerra. Os do sertão são gentios, e os que habitam nos portos do mar os mais deles são mouros. Os seus reis prezavam-se de serem descendentes do sol, e assim sòmente os que eram desta descendência podiam ser imperadores de toda a ilha, a qual genealogia se acabou pouco depois que vie-
709 mos à Índia. //

DOS REINOS QUE HÁ NA ILHA DE CEILÃO E DE OUTRAS PARTICULARIDADES SUAS

CAPÍTULO 2

Quando logo se começou a povoar esta ilha, e depois muito tempo, não havia nela mais que um rei que a senhoreava toda, o qual dizem uns que se chamava Vijabao Cumaria e fingem ser neto de um leão, como atrás tocámos, o qual leão, vendo um dia a uma moça donzela e muito formosa e da casta de rei, a furtou e levou para o mato onde houve dela um filho que se chamou *Cinlale*, que quer dizer «sangue de leão». Foi crescendo o menino, e chegando à idade de varão quis saber quem era seu pai. E dizendo-lhe sua mãe que era aquele leão que com ela morava em casa, receando o mancebo que ele, não achando algum dia caça, o comesse a ele, como via cada dia fazer aos outros animais que caçava, esperou que dormisse e, tendo-o bem seguro com o sono, o matou. Este Cinlale, e por outro nome Cinjaba Cumaria, se casou com uma sua irmã e teve dela um filho a que pôs nome Vijabao Cumaria, o qual fazendo uma nau e metendo nela quinhentos homens da costa de Choromândel donde era natural, veio aportar a esta ilha de Ceilão que ainda então não era povoada; e namorado de sua formosura e fertilidade, a povoou com aquela gente que consigo trazia. E foi o primeiro rei que teve a ilha, a quem, como acima vimos, ficou o nome de Cinlale que, corrompendo-se, ficou Ceilão, por ele ser neto de leão.

Outros contam isto por outro modo diferente, e de tão pouca verdade como o que temos contado, porque dizem que os primeiros povoadores de toda aquela terra que vai de além do Gange para o levante, viviam como brutos animais, sem lei, sem rei e sem algum trato humano, morando pelas covas da terra e mantendo-se das raízes das ervas e fruitas silvestres. Aconteceu, pois, que no campo de Tanaçarim, estando em um dia claro e sereno muitos destes homens bárbaros juntos, esperando que nascesse o sol para o adorarem, como tinham por costume, por o terem por deus, viram que um raio do sol que aparecia do oriente, ferindo a terra, a abriu, e da abertura saiu um

homem mui formoso e com a sua presença meteu a todos aqueles bárbaros em grande espanto, os quais, correndo logo a ele, lhe pergun-
710 taram quem era e o que queria. O qual lhes respondeu que ele era filho // do sol, e que Deus o enviava àquelas partes para ensinar aos moradores delas a viver como homens que eram e tirá-los daquela ignorância que até então tinham como se foram brutos animais. Eles se lançaram todos aos seus pés e o receberam por seu rei e senhor, o qual os começou logo a os meter em polícia, dando-lhes leis e ensinando-os a viver em povoações e a lavrar a terra, e, dilatando o seu império, se veio a fazer senhor dos grandes reinos de Pegu, Tanaçarim, Sião, Camboja, Cochinchina e de toda aquela terra até quarenta graus do norte (1).

Correndo depois o tempo, teve um destes descendentes do sol (a quem eles chamavam Surianos, que quer dizer casta do sol) que era rei de Tanaçarim, um filho por nome Vigia Raja, ao qual, por ser muito inquieto e mal acostumado, desterrou do seu reino mandando com alguns mancebos da sua criação que fosse descobrir novas terras. A primeira que tomaram foi esta ilha de Ceilão, e contentando-se do sítio dela e sua fertilidade se deixaram aí ficar e começaram a povoar casando-se com as filhas dos moradores da terra firme e costa da Pescaria que lhe fica defronte, o que dizem que sucedeu quinhentos anos antes da vinda do filho de Deus ao mundo. Durou esta monarquia de Ceilão por muitos anos, até que por vários sucessos que o tempo sempre traz consigo, se veio a repartir em muitos reinos, que é o estado em que ela hoje está.

São estes reinos quatro sòmente, posto que alguns escritores os fazem mais; porém outros que nomeiam, são como principados ou comarcas que nunca tiveram rei por si. Os quatro reinos são os seguintes: de Cota, de Ceitavaca, de Cândia e de Jafanapatão. O de Cota sempre foi império (2), a quem os outros reis e senhores pagavam vassalagem, e o derradeiro imperador se chamou Bonegabago, avô de el-rei D. João que os nossos frades baptizaram, e por seu conselho ele deixou este reino de Cota à Coroa de Portugal. Uva nunca foi reino sobre si, mas sempre foi sujeito ao reino de Cândia, e os reis de Cândia mandavam um governador para ele. Afora estes reinos há também alguns principados, como as Sete Corlas e as Quatro Corlas, nos quais nunca houve príncipes confirmados nelas que fossem filhos de reis nem que viessem da sua progénie; mas havia nelas alguns grandes, e, destes, o que mais podia era havido por príncipe. *Corla* se entende como uma vila com seu termo.

O reino de Cota, que é o maior de todos, tem dois governadores, um que é o dissava de Maturê e outro que é dissava de Dinavaca. Es-

---

(1) A lenda já Couto a consignara (*Década V*, l. 2, c. 10, pp. 208-211).

(2) Não saem claros os motivos por que os reis de Cota, Bonegabago e João Párea Pandar, se arrogaram o título de imperadores de Ceilão com certa supremacia de império sobre os demais reis da ilha. Parece até que a dinastia de Cândia era de sangue mais nobre e soberano.

tes governadores eram feitos pelo // rei de Cota. O reino de Cândia 711
está no meio da ilha metido entre grandes serranias, e com o governo de Uva fica também sendo muito grande e há nele perto de vinte corlas. É todo terra alagadiça e não tem outros caminhos senão por serras e vargiais. E haverá nele perto de quinze mil homens de peleja; e destes, os quatro mil são alevantados que se foram para ele. E só a estes se paga soldo, que os outros são obrigados a servir nas guerras por um concerto que lhes fez o rei, que é libertar-lhes tudo aquilo que cada um por si pagava à Coroa, que é a metade do que cultivavam, e sòmente lhes dão as armas, que são espingardas, lanças e frechas que se repartem pelas aldeias. A gente deste reino de Cândia é belicosa, porém trabalhosa e atraiçoada. A cidade principal não é cercada de muros nem tem fortaleza, e as casas todas são palhaças. Há neste reino uma mina de pedraria, e poder-se-ão tomar nele dez elefantes de dentes cada ano. Do reino de Jafanapatão trataremos em seu lugar.

Há também nesta ilha de Ceilão, afora os quatro reinos e dois principados que apontámos, doze senhores, uns que vivem ao longo do mar na volta da contra-costa, e outros pelo sertão dentro dos matos, os quais senhores não têm obrigação alguma de pagar tributo aos reis, mais que em conhecimento da vassalagem mandam um presente cada ano uma vez, que são dois dentes de marfil, quinhentos papos de algália, dez cargas de pássaras para emplumarem as frechas e duas mãos de cera, e isto cada um por si. (3)

Muitas coisas notáveis se acham nesta ilha de que pudéramos fazer larga relação; porém algumas apontamos sòmente, assim por evitar prolixidades como também por não pertencer tanto isso à nossa história. E a principal é o pico que chamam de Adão, e é uma altíssima serra que dista uma jornada da nossa fortaleza de Sofragão para a banda do nascente e vinte léguas da costa do mar. Está posta entre outras duas serras mais pequenas que dizem os chingalás que lhe estão fazendo reverência. E na verdade a sua figura dá bastante motivo para eles dizerem isso, porque não parece senão que tinham as cabeças levantadas e que as inclinaram vendo a altura e soberba desta serra, a qual sobe em altura de sete léguas e em alguns lugares é tão íngreme

(3) Os autores discrepam uns dos outros quando se põem a numerar os reinos de Ceilão. As relações de cada um dos pequeninos reinos da ilha com os reinos seus vizinhos eram de um molde diferente das mútuas relações dos reinos da Europa, e por isso sempre foi difícil dizer até que ponto esses *reinos* eram autónomos ou estavam em sujeição. E assim vemos que Barros numera nove reinos, a saber, Cota, Gale, Jaula, Tanavaca [Dinavaca], Vilacem, Cândia, Batecalou, Trinquinamalê e Jafanapatão (*Década III*, l. 2, c. 1, pg. 117); os *Apontamentos sobre as cousas da ilha de Ceilão* (1611) numeram só «cinco reinos e dous principados, cujos nomes são os seguintes: o reino da Cota, o reino de Ceytavaca, o reino de Candea, o reino de Uvá, o reino de Jafanapatão; os dous principados são as Sete Corlas e as Quatro Corlas» (*Livro das Monções*, 2, 81); João Ribeiro por sua parte conta os «reinos de Cota, Uvá, Cândia, Ceitavaca, Sete Corlas, Chilau, não falando no de Jafanapatão (sem embargo de ser na mesma ilha não são chingalás, porque foi povoação de malabares)» e nas terras dos Bedas (*Fatalidade historica da ilha de Ceilão*, 3-4).

que por espaço de trinta braças se sobe a ela por cadeias de ferro, em que [os homens pegam. Em o cume dela](4) faz uma planície em redondo de tão pequena quantidade que será pouco mais de trinta passos de diâmetro, em meio da qual está uma pedra de dois côvados e no meio dela uma pegada de homem que terá de comprido dois palmos, a qual é tida em grande religião porque dizem que é do Budum, que é um dos seus deuses, que dizem era agigantado, e que tinha de comprido
712 dezoito côvados de // carpinteiro. Os nossos lhe chamam Pico de Adão, dizendo que é esta pegada sua; mas o seu próprio nome é Sarmanala. Em os seus dois primeiros meses do ano, que são Abril e Maio, sobem a este pico infinitos chingalás em romaria, e ainda vêm de outras muitas partes muitos peregrinos de mais de mil léguas da terra firme a visitar este seu santuário. E muitos deles morrem lá do grande frio que faz naquele lugar, e outros caem e se fazem em pedaços, assim por ser a subida íngreme como pelos muitos e rijos ventos que aí cursam. E os que chegam ao cume, se lançam em uma lagoa pequena que aí está, com o que dizem que ficam limpos de todos os seus pecados (5).

Indo de Sofragão, ao pé deste pico tem a natureza feito em uma pedra uma casa tão grande que se recolhe ali toda a gente que vai a esta romaria, e dizem que se podem recolher duas mil pessoas; e da banda do rio de Cândia dizem haver outra casa da mesma maneira. Deste monte nascem os quatro maiores rios que há nesta ilha de Ceilão, os quais são perenes e caudalosos, de maneira divididos que um vai para o norte, outro para o sul, outro para o oriente e outro para ocidente.

Conta-se também por coisa notável desta ilha uma ponte que está junto a Rajapure, a qual vai fechar com um pagode que ali está; e será meia légua de comprido, e de largura que podem dois homens a cavalo e um de pé ir por ela mui folgadamente. Está esta ponte fundada sobre três ordens de colunas de pedra formosíssimas, e por cima é ela toda lageada de largas e formosas lágeas. Dizem os seus antigos que um lavandeiro (que cá chamamos mainato) a mandou fazer para que seu filho não molhasse os pés; porém é fábula, que obra não parece senão romana e assim se crê que a mandariam fabricar os romanos à honra daquele pagode que aí está, no tempo que eles tinham trato e comércio com os moradores desta ilha Ceilão, o que consta assim por escritura dos antigos como por coisas que nela se acharam que dão testemunho desta verdade, como foram umas moedas de cobre que se acharam no ano de 1575 e tinham por letreiro *Claudius Imperator*

---

(4) O copista do manuscrito que se publica, parece ter saltado na leitura do texto. Como o autor transcreve aqui frases de Barros (*Década III*, l. 2, c. 1, pp. 115 e 116) com palavras deste se supriu a suposta omissão.

(5) Couto, na descrição que dá do Pico de Adão, informa que os naturais lhe chamavam *Amalalá Saripadi* que em sua língua quer dizer «Serra da Pegada» (*Década V*, l. 6, c. 2, pg. 10). Onde colheu fr. Paulo da Trindade o nome que lhe dá, não consta.

Romanorum ([6]). E Plínio escreve que no tempo de Cláudio vieram quatro embaixadores a Roma do rei da ilha Taprobana, que como vimos é esta de Ceilão.

Também merece lugar entre as coisas notáveis uma marinha de sal que nesta ilha é feita pela mesma natureza, a qual está nas terras de Balaná, um dia de caminho para Panava, e é mui grande e formosa, a qual em tempo de três meses, que são Julho, Agosto e Setembro, se enche de água salgada, a qual por cima da praia e areia dela entra naquele lugar, e ficando ali represada, depois com os raios do sol se torna sal belíssimo e alvo como // a própria neve, de que se provêm 713
assim os moradores de Gale e Maturê como os do reino de Cândia. E é em tão grande cópia, que não há esgotá-lo. Traz o nosso Vedor da Fazenda arrendada esta marinha por cem pardaus para El-Rei.

Há mais nesta ilha duas presas de água com que se regam muitas terras de arroz. Uma está em Mangul Corla meia légua de Rajapuré, a qual em chingalá se chama *Noravava*, «terra três léguas em roda», e está toda cercada de outeiros de barro feito à mão, e em baixo ao longo da água é toda cercada de pedra preta lavrada e mui bem assentada. No cabo tem uma arca de pedra e nela sai esta água por um cano, a qual está ali fervendo por a grande força com que entra naquela arca, com que vai por um cano de pedra correndo por debaixo da terra, e vai sair dali um quarto de légua, com que se regam formosos campos de arroz. Na arca pequena que dissemos, está um fecho de pedra em que se fecha a água e com este fecho fazem que saia a água muita ou pouca, como querem. A outra presa, que por ser maior lhe chamam *Malavava*, que quer dizer «grande presa de água», está antes de chegar a estoutra de que tratámos, duas ou três léguas, e tem de roda sete, e é do próprio feitio da primeira, e com ela se regam muitas terras de arroz.

([6]) Às moedas romanas encontradas em Ceilão se refere Couto (*Década V*, l. 1, c. 7, pp. 71-72).

DA FORTALEZA E CONQUISTA QUE OS PORTUGUESES TÊM NA ILHA DE CEILÃO

CAPÍTULO 3

Bastantes qualidades eram as desta ilha de Ceilão para cuidarmos que elas foram as que trouxeram os Portugueses aos seus portos, desejosos de gozarem de suas riquezas, como vemos que o fizeram depois muitas vezes indo em busca de longes terras onde o proveito não era tamanho e o trabalho e perigo muito maior. Porém não foi assim, porque acaso deram nesta ilha, sem que até então tivessem tenção de a buscar e porventura que nem notícia. Porque, ou que se ocupavam em se defenderem do Samorim que os infestava muito a miúdo com suas poderosas armadas, ou que por então se davam por contentes com a pimenta que achavam com que carregavam suas naus,
714 nenhum pensamento havia neles de Ceilão // até que acaso vieram dar nela, que foi no ano de 1505, sendo vizo-rei da Índia D. Francisco de Almeida, o qual sendo informado que os moiros que vinham de Malaca, Samatra, Bengala e outras partes, por fugirem de nossas armadas faziam navegação para o Mar Roxo por dentro das ilhas de Maldiva que distam de Cochim sessenta léguas, e querendo atalhar esta cautela sua, mandou seu filho D. Lourenço com uma armada de nove velas às ditas ilhas de Maldiva para fazer presa nestas naus dos moiros.

Mas por má navegação vieram dar defronte do cabo de Comorim donde, com as grandes correntes que há naquela paragem, foram ter ao porto de Gale desta ilha de Ceilão onde foram recebidos do rei da terra com muita honra. E mandou [o rei] a D. Lourenço um presente de refresco pedindo-lhe muito quisesse ter amizade e paz com ele, porque tendo notícia, por via dos moiros que aí vinham do Malabar, das grandes vitórias que os Portugueses tinham alcançado do Samorim e do grande poder de suas armadas, receoso que lhe destruíssem a terra e queimassem as naus que no porto tinha, quis antes submeter-se à sua obediência que experimentar o furor de suas armas. E assim, prometendo de dar cada ano como por tributo a el-rei de Portugal

quatrocentos bares de canela com condição que seus portos ficassem debaixo da nossa guarda para lhos defendermos dos que lhe quisessem por nosso respeito fazer dano, logo mandou dar a D. Lourenço a canela daquele ano, a qual ele recebeu com a condição que dissemos de defendermos e assegurarmos seus portos. E com licença de El-Rei se assentou um padrão de pedra com as armas e divisa de el-rei de Portugal, em sinal da posse que então por ele se tomava (1).

E porque este tributo da canela todos os anos pontualmente [se pagava] e os vizo-reis da Índia andavam, naqueles primeiros anos do descobrimento dela, mui ocupados em outras coisas de mais importância para a segurança e assento deste Estado, como em particular foi a conquista da ilha de Goa e a tomada de Malaca, não trataram de fazer fortaleza nesta ilha de Ceilão, como muitas vezes el-rei D. Manuel em suas cartas lhes encomendava, até o governador Lopo Soares, o qual a fez indo lá em pessoa no derradeiro ano do seu governo, que foi no ano de 1518, partindo de Cochim com uma armada de dezassete velas. E chegando ao porto de Columbo mandou logo visitar ao Rei com um rico presente que lhe levava, e lhe mandou dizer que a causa da sua vinda àquele porto de Columbo era para fazer uma // fortaleza 715
para segurança dos portugueses que aí ficassem por razão do comércio, como el-rei de Portugal, seu senhor, lhe mandava, pondo-lhe diante o grande proveito que ele tiraria disso, pois, além do interesse da contratação, ficava ele tendo o seu reino seguro de seus inimigos com a contínua assistência dos portugueses nele.

O rei que já em tempo de Afonso de Albuquerque andava neste trato e desejava muito a nossa comunicação, pelos respeitos que agora apontámos, houve fàcilmente de conceder licença para se fazer a fortaleza, mandando visitar o Governador com outro presente. Porém, querendo Lopo Soares ao outro dia pela manhã sair em terra para começar a obra da fortaleza, achou no lugar em que a havia de fundar, uns valos à maneira de trincheiras com repairos de madeira em que tinham posta muita artilharia e gente frecheira para defender a terra, do que tudo foi causa o ódio que todos os moiros nos tinham nestas partes, os quais vendo que, se aí entravam os Portugueses, havia de ser para sua destruição, começaram a peitar os do conselho para que fizessem com o rei que tal não consentisse, representando-lhe para isso muitos inconvenientes que de termos aí fortaleza se lhe seguiam.

Lopo Soares com conselho dos seus capitães saiu em terra e, acometendo a tranqueira por meio de muitas bombardas, a ganharam aos inimigos com morte de muitos deles. E ao seguinte dia começou a obra da fortaleza, por ter lá prestes todas as coisas para ela. O que

---

(1) Barros (*Década I*, l. 10, c. 4, pp. 423-430) dá do facto versão diferente. A versão do autor é a de Góis (*Crónica do felicissimo rei D. Manoel*, 2, 33-35). Queirós (*Conquista*, 137-143) dá também outra versão fundada em fontes que fr. Paulo da Trindade desconheceu, pois a conhecê-las não teria esquecido o franciscano fr. Vicente que Queirós dá como companheiro de D. Lourenço na sua viagem a Ceilão.

vendo el-rei, e o grande dano que dos nossos tinha recebido e a pouca defensão que nos moiros achara, fez da necessidade virtude, e, despedindo o seu governador, mandou que se fosse ver com Lopo Soares e lhe desse suas desculpas e que de sua parte lhe dissesse que ele era muito contente de dar licença para que aí se fizesse a fortaleza. Lopo Soares lhe mandou dizer que a fortaleza se havia de fazer, pois assim lhe mandava El-Rei seu senhor; e pela resistência que tinha feito contra os Portugueses por conselho dos moiros, havia ficar sendo vassalo de el-rei de Portugal com obrigação de lhe pagar por tributo, todos os anos, trezentos bares de canela e mais doze anéis de rubis e safiras, dos que se tiram das pedreiras de Ceilão, e seis elefantes para o serviço da feitoria de Cochim; e que el-rei D. Manuel e seus sucessores ficariam obrigados de o defender de seus inimigos. E assentado este concerto de paz, se prosseguiu a fortaleza; e, sendo acabada, lhe pôs nome Nossa Senhora das Virtudes. E deixando ali por capitão dela a D. João da Silveira, seu sobrinho, com gente bastante para a
716 sua defensão e por capitão-mor do mar António de Miranda // de Azevedo com quatro velas, se partiu para Cochim (2).

Hoje, além da fortaleza, temos aqui em Columbo uma cidade cujo próprio nome na língua da terra é *Colahambá*, que se tomou de uma mangueira que estava no lugar onde hoje está a igreja de S. Lourenço que foi a primeira que os Portugueses fizeram naquela ilha, e assim se chama a cidade de S. Lourenço e tem as suas grelhas por armas; à qual árvore, ou por ser já muito velha ou por ser estéril, lhe chamavam *colahambá*, que quer dizer mangueira de folhas. E corrompendo-se o vocábulo, ficou chamando-se Columbo. É esta cidade das melhores e maiores da Índia, e tem quinhentos portugueses casados, afora outra muita gente da terra moradores da mesma cidade. A casaria toda é mui formosa e nova, e assim mesmo as ruas. É toda cercada de grossos muros de taipa pela banda da baía, que fizeram D. Francisco Roxo e Manuel Mascarenhas, sendo Capitães Gerais. Da banda da terra é também cercada de muros e formosos baluartes que a mesma cidade mandou fazer à sua custa. Da banda do sul é cercada de uma formosa alagoa a que os chingalás chamam *Calapana*, que muito a fortifica. Fora da cidade meia légua, tudo são palmares e hortas fresquíssimas e de muita e formosa casaria, que parece um pano de armar. Dentro da cidade há quatro mosteiros: do Nosso Seráfico Padre S. Francisco que foi o primeiro que se fundou, S. Domingos, Santo Agostinho, e da Companhia de Jesus. É a cidade de muito tráfego de embarcações que vêm de fora e trazem sal e roupas e levam canela, areca e outras mercadorias da terra

Tem esta fortaleza e cidade de Columbo seu Capitão que assiste

---

(2) Barros (*Década III*, l. 2, c. 2, pp. 118-132) desenvolvidamente historia como então foi construída fortaleza em Columbo e se assentou num tratado de paz e assistência entre o rei de Cota e o de Portugal, e Queirós (*Conquista*, 143-161) mais ainda desenvolve o assunto.

nela, despachado por Sua Majestade; e, afora este, há outro Capitão Geral para a conquista da ilha, porquanto el-rei D. João Párea Pandar por conselho dos nosos frades deixou por sua morte o direito de toda ela à Coroa de Portugal, como adiante diremos. Assiste este Capitão Geral, de ordinário, em um lugar chamado Malvana, duas léguas da cidade de Columbo indo sempre ao longo do célebre rio de Calane; e o arraial tem o seu assento em outro lugar chamado Manicavarê, sete léguas de Malvana, o qual é cercado de altíssimas serras em um vale ou campina não muito grande, porém de excelentíssimos ares e águas. Aqui está assentado o nosso arraial por ser o meio das terras que temos conquistadas, para daí acudir adonde for necessário. Tem suas estâncias feitas de madeira e barro, e suas vigias de dia e de noite sobre a casa das munições, que só é de telha, e tudo o mais é palha. No tempo em que D. Jerónimo de Azevedo era Geral, havia no arraial mil portugueses. Hoje não haverá mais que quatrocentos, por se prover deles Jafanapatão, Trinquinemalé // e Sofragão, onde 717
sempre há gente da guarnição (3).

Temos conquistado, dos quatro reinos que nesta ilha há, o de

---

(3) Vasco da Gama quando em 1524 foi de Vice-Rei à Índia, «levava por regimento que se desfizesse as fortalezas de Coulam, de Ceilam...» (Barros, *Década III*, l. 9, c. 2, pg. 354). Depois, em 1551, o vice-rei D. Afonso de Noronha deixou em Ceilão capitão-mor «que residise na cidade de Cota» e mandou que Columbo «se cercasse toda à roda, o mas depressa que pudesse ser» (Couto, *Década VI*, l. 9, c. 18, pp. 352-353). Os capitães-mores passaram depois a residir em Columbo. Desde 1594 a ilha foi superiormente governada por um Capitão General ou Geral da Conquista de Ceilão.

Porque ajuda a datar os acontecimentos que o texto vai referindo, transcreve-se para aqui a lista dos capitães-mores de Columbo até 1594 e a dos Capitães Generais ou Gerais, conforme a publicou B. J. Tavares de Melo (*Governadores Portugueses de Ceilão* em *OP*, 12 (1915), 72-79, rectificada todavia no que foi possível rectificá-la:

1551-1552	D. João Henriques (+1 de Maio de 1552)
1552	Diogo de Melo Coutinho
1552-1553	D. Duarte d'Eça, mandado em Setembro de 1552
1553-1555	Fernão de Carvalho, por deposição do antecessor
1555-1559	Afonso Pereira de Lacerda
1559-1561	D. Jorge Meneses Baroche
1561-1564	Baltasar Guedes de Sousa
1564-1565	Pedro de Ataíde Inferno
1565-1568	Diogo de Melo Coutinho
1568	D. Fernando de Monroi
1569-1570	Jorge de Melo de Castro
1570-1572	Diogo de Melo Coutinho
1572-1574	D. António de Noronha
1574-1578	Diogo de Melo Coutinho
1578-1579	Mateus Pereira de Sampaio
1579-1581	Manuel de Sousa Coutinho
1581-1590	João Correia de Brito
1590-1591	Simão Brito de Castro
1591-1592	Cosme Lafetar
1592-1594	Pedro Homem Pereira

Cota e de Ceitavaca, e a metade das Sete Corlas e outro tanto de Quatro Corlas que, como acima dissemos, sãos os dois principados da ilha. E afora isso estão também conquistadas vinte e sete corlas. Os principais portos de mar são os seguintes: Columbo, que é onde está a fortaleza, Putalão, Chilao, Caimel, Negumbo, Calaturê, Gale, Beligão. Muito mais pudera estar conquistado, se não foram as muitas injustiças, forças e tiranias que com os pobres naturais usam os portugueses, o que também é causa de algumas vezes se levantarem contra eles, de que sempre nós, os Frades Menores, recebemos não pequeno dano, porque além de derribarem os alevantados nossas igrejas, a muitos dos que administram nelas, tiram as vidas, como largamente constará do que adiante contaremos. Outras causas se apontam também de se não ter acabado de conquistar toda esta ilha de Ceilão, que por ora calamos por não parecer que queremos tocar em alguém.

Capitães Gerais:

1594	Pedro Lopes de Sousa
1594-1612	D. Jerónimo de Azevedo
1612-1613	D. Francisco de Meneses, o Roxo
1613-1616	Manuel Homem Mascarenhas
1616-1618	D. Nuno Alves Pereira
1618-1620	D. Constantino de Sá Noronha
1620-1623	Jorge de Albuquerque
1623-1630	D. Constantino de Sá Noronha
1630-1631	Filipe Mascarenhas
1631-1633	Jorge de Almeida
1633-1638	Diogo de Melo de Castro
1638-1640	D. António de Mascarenhas
1640-1645	D. Filipe de Mascarenhas.

DAS AGRAS, QUE SÃO AS TERRAS DONDE SE TIRAM AS PEDRAS PRECIOSAS NA ILHA DE CEILÃO, E COMO SE CAÇAM OS ELEFANTES, E DO QUE A MESMA ILHA RENDE PARA A FAZENDA REAL

CAPÍTULO 4

Aos lugares em que nasce a pedraria de Ceilão, chamam os chingalás agras, nome que se deriva deste verbo *garanaua*, que quer dizer «tirar pedras» (1), e pondo-lhe antes um *a* que denota aquela parte, com alguma corrupção se forma o nome de agra, que vem a dizer, «naquela parte se tiram as pedras» ou «a terra de pedras preciosas». Em a dissava ou partes de Sofragão há quatro destas agras ou aldeias onde se acham estas pedras, as quais todas estão povoadas de gente que se não ocupa mais que neste ministério. E uns se chamam maiorais, que são os que mandam aos outros; outros têm por ofício conhecer o lugar onde há pedraria, o qual eles conhecem por umas certas ervas que aí nascem; outros são cules, que são os que cavam; outros que, depois de estar a cova de altura de duas braças, por umas veias que vêem na terra, dão // novas de que aí há pedraria; outros se chamam 718
sanganes, que quer dizer vigias, porque servem de vigias; outros que têm por ofício conhecer as boas e más pedras, os quais são nisso estremados mestres; e finalmente sobre todos estes há um capitão português despachado por El-Rei, a quem chamam vidana das agras, que é superintendente de todos estes oficiais, o qual só tem de renda os costumes daquelas quatro aldeias.

A ordem que têm em tirar esta pedraria é esta: Tanto que é tempo disso, o capitão português ou vidana das agras dá recado aos maiorais que chamem a gente, a qual, sendo junta, vão todos aonde os que têm por ofício conhecer o lugar da pedraria, lhes dizem que a há. E chegando ali mandam os maiorais aos cules que cavem. Depois

(1) Dalgado (*Glossário*, 1, 16) diz que a etimologia de agra é o singalês-sânscrito *akara*, que significa «mina».

de terem cavado altura de um homem e às vezes de dois, pelas veias que vêem na terra, os descobridores dão novas que há aí pedraria, ao que os sanganes se põem em muita vigia, e dando na pedraria a vão tirando boa e má até acabarem de todo. Saídos da cova, se entregam as pedras que se acharam aos que têm por ofício conhecê-las, os quais apartam as verdadeiras das falsas, e as verdadeiras cosem em um pano de cotonia, e o sangane-mor que tem o selo real, lhe põe três ou quatro selos ou mutras com ele; e se levam com muito recado a Malvana e se entregam ao vedor da fazenda para as mandar contar em corjas e vender em Columbo.

Destas pedras há duas minas nesta ilha de Ceilão: Uma no reino de Cândia; outra no de Cota, nas partes de Sofragão. E delas se tiram umas vezes mais e outras menos; e vez houve em que se acharam onze mil e trezentas pedras entre boas e más, como foi no ano de 1625, sendo vidana das agras António de Miranda Coutinho, como consta de uma certidão que lhe passou o vedor da fazenda que então era de Ceilão.

E pois tratamos das pedras de Ceilão, não deixarei de fazer aqui menção de uma que se achou nela no ano de 1562, a qual, por ser tão maravilhosa, é bem que tenha lugar nesta nossa história. Era esta pedra parda, do tamanho de um ovo, e nela estavam figurados os sete céus de outras cores e uma figura de uma mulher com um menino no colo, tudo natural e de cores, entremetida nestes céus. E se teve ser esta figura da sagrada Virgem com o seu benditíssimo Jesus, porque além de ser pedra maravilhosa, era milagrosa, porque, deitada na água e dada a beber, sarava muitos doentes e ajudava as mulheres a terem bom parto. Esta pedra levou o governador Francisco Barreto
719 para Portugal e a deu // à rainha Dona Catarina, que muito a estimou (²).

Quanto aos elefantes, já dissemos que os desta ilha são os maiores e melhores de todo o Oriente. É fazenda real, e assim ninguém os pode caçar senão por ordem do Vedor da Fazenda. A qual caça se faz na maneira seguinte: Manda o Geral ou Vedor da Fazenda ao dissava das Quatro Corlas, que é a parte onde há muitos, que façam uma caçada, o qual logo manda recado pelas corlas ou terras que lhe estão sujeitas, que venham todos os homens a tais serras ou matos com machados e outras armas. Chegada a gente, que às vezes são mais de setecentas pessoas, logo por seus vidanas e ministros faz cortar árvores mui grandes e fortes, e no lugar sinalado para isso vão fechando de uma e outra parte um campo que no princípio será de largo um terço de légua, deixando de fechar pela dianteira, se não

---

(²) O governador Francisco Barreto no regresso da Índia partiu de Cochim em 20 de Janeiro de 1559; e, arribado à Índia, outra vez se partiu a 20 de Dezembro desse mesmo ano. Não podia, portanto, ter ele trazido a Portugal pedra preciosa retirada da agra em 1562. Pelo que ou esta data está errada, o que será mais provável, ou então foi outro o governador que no regresso da Índia presenteou a rainha D. Catarina.

sòmente pelas ilhargas, e assim vão sempre de cada vez estreitando mais e mais, à maneira de um bolso de rede varredoura, até que no cabo vão fechando ao modo de uma travessa mui estreita pela qual não cabe mais de um elefante, e no cabo fecham esta rua ou travessa com muitas árvores.

Feito isto, chama a sua gente de guerra, como espingardeiros e frecheiros, e logo vão mil homens destes e começam a bater o mato, tantos de uma parte como de outra. E com espingardadas e frechadas, gritos e apupadas, vão trazendo os elefantes até os embocar por aquele curral, o que se faz com tão grande estrondo e alarido que ver isto é ver uma guerra campal, porque as espingardadas e mosquetadas são tantas de parte a parte que por desastre acontece muitas vezes ferirem-se muitos e deles alguns morrerem. Embocados e metidos os elefantes pelo curral, vão os espingardeiros apertando mais com eles, de maneira que os fazem entrar um por um por aquele bolso ou travessa estreita de madeira que lhe têm feita. E chegando o primeiro até o fim dela, e não podendo passar avante por a achar fechada com mui grossas árvores, nem tornar atrás por ser mui estreita e não se podendo revolver nela, fica aí como em talas, o que vendo os caçadores, lhe atravessam paus mui grossos, e assim fica preso e metido como em uma gaiola. E chegando a ele o atam com mui grossas cordas e assim vão fazendo a todos os que meteram naquele curral.

Feita a caçada, que às vezes é de dez, doze e de mais, acodem os cornacas, que são os que governam estes feros animais, e trazem aliás mansas, que são as fêmeas, e cada elefante daqueles atam mui bem no meio de quatro aliás destas, e assim os levam para Malvana onde têm feito sua casa mui alta de palha, e aí os vão pouco a pouco amansando. Sobre esta gente que amansa os elefantes e sobre outra casta de gente que tem por ofício ir buscar erva // todos os dias pela **720** manhã e à tarde para eles comerem, há aí um capitão, o vidana, despachado pelo Vizo-Rei, o qual tem seus precalços e interesses de quatro aldeias povoadas desta gente, que o servem e lhe pagam seus costumes, e sempre cada tirará em limpo seus quatrocentos cruzados. Depois que os elefantes estão de todo mansos, havendo compradores os levam à cidade de Columbo a vender e os vendem aos côvados medidos pela anca, e cada côvado vale mil pardaus, e há elefantes de três côvados e de três côvados e meio. Vendidos eles, o modo que se tem em os embarcar em umas barcas mui grandes a que chamam champanas, é este: Fazem um cais de madeira e tábuas mui fortes da terra até a champana, e tão estreito que não cabe mais que o elefante, e fecham de uma e outra parte com mui fortes paus; e trazem o elefante e o metem com a traseira para diante, que não veja o mar, e assim o vai tangendo o cornaca e picando até que, recuando, vai entrar na champana onde logo o atam mui bem; e dão à vela até passarem aquele golfão de cinquenta léguas até chegarem a terra firme onde os vão vender a esses reis gentios que todo seu estado fundam em ter muitos elefantes e se servem deles em suas guerras.

E por darmos alguma notícia do que esta ilha de Ceilão rende ou pode render à fazenda real, e começando pelos elefantes de que agora acabamos de tratar, nos reinos que temos conquistados se podem tomar cada ano vinte elefantes de dentes, e em alguns anos mais, os quais se poderão vender por trinta mil xerafins, por todos não serem iguais. E para se tomarem estes elefantes, não custa nada a El-Rei, porque há caçadores obrigados para isso, salvo quando tomam algum elefante grande porque então se lhes faz alguma vantagem, dando-lhes alguns panos e jóias, conforme seu costume.

A pedraria nem sempre é a mesma assim na quantidade como na qualidade, porque umas vezes se tira mais e de maior preço, e outras menos e de menor preço. Mas de ordinário se poderão tirar dez ou onze mil pedras cada ano entre boas e más, as quais também se tiram sem gasto algum da fazenda real, porque os que as tiram estão já obrigados com aldeias e terras que lhes são dadas já de muito tempo com esta obrigação. E sòmente quando acham alguma pedra de muito preço, lhes dão alguns panos e jóias, como dissemos dos elefantes.

Da canela se podem fazer dois mil bares cada ano, e ainda se podem fazer mais se a mandarem fazer; afora os quinhentos bares que pagam de páreas os chaliás por contrato antigo. E para se fazer esta canela, custa a El-Rei, de se fazer, cada bar cinco ou seis larins, e um bar tem doze arrobas e uma arroba trinta e três arráteis, e, posta esta canela em Columbo, vale cada bar seis ou sete pardaus. Poder-se-ão
721 fazer // cada ano seis ou sete mil amanões de areca. E tem o amanão vinte e seis mil arecas, e para se fazer, se fará gasto de quatro larins, e posto em Columbo vende-se a nove ou dez larins.

A pimenta não é muita nesta ilha, porque sempre nela teve valia, e se os seus naturais entenderam que a terra a podia dar em abundância, não deixaram de a plantar, pois isso lhes havia custar muito pouco trabalho, pela grande fertilidade da terra, a qual, quanto nela se semeia ou planta, tudo produz maravilhosamente. E sendo Capitão Geral desta ilha D. Jerónimo de Azevedo, haverá vinte ou trinta anos, fez grandíssimas diligências por que os naturais se dessem em plantar pimenta, obrigando-os sob graves penas; porém, nem com todo esse rigor veio a ser mais do que era. E o que se pode colher dela em as terras obedecidas poderão ser cento e cinquenta quintais, pouco mais ou menos.

Os foros de aldeias eram muito poucos, por ainda não estarem aforadas nem postas em ordem. As que o estão, rendem quatro mil xerafins. Mas aforando-se todas, e sendo os foreiros livres da obrigação que lhes impõem de dar areca e de outras opressões que lhes fazem de serviço, com que ficam impedidos de poder fazer suas mercancias, virão a render uma grande cópia de dinheiro.

Nas vinte e sete corlas que temos conquistadas, de que acima falámos, haverá quatro mil aldeias, porque, como dissemos, a corla é como termo de qualquer vila ou cidade do nosso Portugal, que umas

são grandes outras mais pequenas. Assim que as corlas umas são de seis léguas de comprido, outras maiores e outras menores, e todas são povoadas de aldeias. E nas quatro mil aldeias das nossas corlas haverá quinze mil maiores, os quais têm obrigações cada ano irem dar obediência a El-Rei, e agora ao nosso Capitão Geral, uma vez no princípio do seu ano e outra pela novidade do arroz, e de cada vez que vão, levam um pano que vale três larins, ou estes três larins. E o povo miúdo são obrigados pelas mesmas duas vezes, cada um segundo o assento que entre eles de tempo imemorial está feito, pagar um tanto; e uns pagam um larim e outros mais, segundo seu costume, e junto este dinheiro, em cada aldeia, o maioral dela o leva em um bisalho a apresentar a El-Rei. Além disto, os doze senhores que dissemos havia nesta ilha de Ceilão, ainda que não são obrigados a pagar algum tributo aos reis, contudo em reconhecimento de vassalagem lhes mandam um presente cada ano uma vez, que são dois dentes de marfil, quinhentos papos de algálea, dez cargas de penas de pássaros para empenarem as frechas e duas mãos de cera, e isto cada um per si. Deixo outras coisas por serem mui miúdas. // **722**

COMO O IMPERADOR DE CEILÃO MANDOU A PORTUGAL PEDIR POR SEUS EMBAIXADORES A EL-REI D. JOÃO III QUE LHE MANDASSE NOSSOS FRADES PARA O BAPTIZAREM A ELE E PREGAREM A FÉ AOS SEUS, E O QUE NISTO SUCEDEU

CAPÍTULO 5

Um dos meios ordinários de que usou Deus Nosso Senhor por sua divina providência para trazer alguns dos reis deste Oriente ao jugo suave de sua santa Lei, foi o aperto em que se viam de seus inimigos, dos quais vendo-se abatidos e apertados e em grande perigo de perderem seus reinos e entendendo quanto lhes poderia ser bom para a segurança deles o favor dos Portugueses como aqueles que tão temidos eram de todos os destas partes pelas famosas vitórias que lhes viam alcançar de seus inimigos em terra e por as poderosas armadas com que se tinham feito senhores do mar, recorriam-se a eles, pedindo-lhes seu favor e ajuda contra seus inimigos, e para os mais obrigar a isso tomavam a nossa santa Lei. E não se enganavam nesta sua opinião, pois vemos em muitos exemplos de que essas histórias desta nossa Índia estão cheias, que muitos, por terem de sua parte as nossas armas, não sòmente saíram vencedores de seus inimigos, mas ainda se faziam tão poderosos que vinham a ser temidos daqueles próprios que antes receavam.

E para prova desta verdade baste-nos agora o que sucedeu em Ceilão com o rei de Cota que era juntamente imperador de toda a ilha, chamado Bonegabago, o qual vendo-se mui apertado de Madune seu irmão, rei de Ceitavaca, que o trazia em grandes guerras por lhe querer usurpar o império, determinou fazer-se cristão, mandando para esse efeito seus embaixadores a el-rei D. João III que então reinava em Portugal, para o obrigar mais com isso a que, por meio dos seus portugueses, o defendesse do seu inimigo. E posto que ele não mereceu a Deus pôr por obra tão santo propósito, como este era, de receber o baptismo, contudo em seu lugar entrou um neto seu que por sua morte lhe sucedeu no império, e outros reis chingalás, príncipes, infantes

e pessoas de sangue real, os quais, deixando a falsa superstição de suas idolatrias, se abraçaram com a verdade da fé de Cristo por meio dos Frades Menores, que a troco de muito sangue que nesta obra derramaram, e ainda de suas próprias // vidas que muitos deles perderam, 723
ganharam nesta muitos milhares de almas para o céu.

Era este Bonegabago filho de Vigebago Pandar (1), imperador coroado de toda a ilha de Ceilão, o qual conjurando-se contra seu pai com outros dois irmãos seus chamados Reigão Pandar e Madune Pandar, o mataram para lhe tomarem o reino, sendo ministro desta maldade o mais moço deles, que era Madune, que foi o que lhe pôs o ferro e o matou, a quem depois castigou Deus com a mesma pena, permitindo que um filho seu o matasse, que foi Raju, um e outro grandes inimigos dos Portugueses. Morto Vigebago Pandar, repartiram entre si os três filhos a ilha de Ceilão. E o mais velho que era Bonegabago, ficou por cabeça de todos com o império e reino de Cota com toda a falda do mar que é de Putulação até as baixas. Ao segundo coube Reigão Corla e Passadum Corla e Palenda e outras terras. O terceiro finalmente ficou com o reino de Ceitavaca e com as Quatro Corlas que estão nas faldas e pé das serras de Cândia.

---

(1) O autor aqui como noutros lugares dá à palavra *filho* um sentido muito largo. Bonegabago era sobrinho de Vigebago.

Com a documentação e fontes portuguesas não é fácil acertar as datas em que os reis de Ceilão uns aos outros se sucederam nem seu parentesco ou título de sucessão. No começo do séc. XVI os territórios de Cândia, Jafanapatão e Cota formavam reinos independentes com dinastias diferentes, embora aparentadas, a governá-los. O rei de Cota arrogava-se o título de imperador de Ceilão, e por isso também era conhecido simplesmente com o nome de rei de Ceilão.

A série dos reis de Cota neste período que nos interessa, é a seguinte:

1472-1518 Parakrama Bahu

1518-1521 Jayavira Parakrama Bahu, o Vigebago do texto.
Em 1521 três sobrinhos deste Vigebago, conjurados, assassinaram-no e dividiram entre si o reino, ficando Cota para Bonegabago, Ceitavaca para Madune e Reigão Corla para Reigão que morreu em 1538 e logo seu reino foi absorvido por Madune.

1521-1551 Buvaneka Bahu, o Benegabago do texto.

1551-1597 Dharmapala que depois de baptizado os nossos cronistas chamam D. João Párea Pandar.

1597-1654 Os reis de Portugal a quem D. João Párea Pandar legou o reino.

Madune de Ceitavaca parece que alegava quaisquer direitos sobre o reino de Cota, pelo que cedo ele entrou em guerra só por curtos períodos interrompida. E foi para se ajudar na defesa, que Bonegabago se encostou aos Portugueses, sempre todavia a dobar subtilezas para se não comprometer perante o seu povo. Por outro lado «por parecer mais serviço de vosalteza, escreve o vice-rei D. Afonso de Noronha a D. João III em 27 de Janeiro de 1552, nam ser a ilha de hum soo senam de muitos, os Governadores pasados nam entemderam neste negócio e [aos dois rivais Bonegabago e Madune] os deixaram amdar em suas deferemças» (em Schurhammer, *Ceylon*, 583).

Bonegabago não teve herdeiros mais que sòmente uma filha legítima muito formosa por nome Cura Adaas, a qual casou com um príncipe muito parente de Bonegabago que foi senhor de Madampé por nome Vídia Pandar, e deles nasceu Vídiapala Astane que morreu sem deixar geração, e Darmapala Pandar que depois se fez cristão, sendo rei do reino de Cota, e se chamou D. João Párea Pandar, último rei de Ceilão. Vendo pois Bonegabago, avô deste D. João, que não tinha mais herdeiros que este neto, mandou a Portugal um brâmane, por nome Proita Rala, que falava muito bem português, por embaixador a el-rei D. João e à rainha Dona Catarina, e levou uma figura de marfil grande e bem guarnecida, que representava a pessoa de Bonegabago, com outra figura mais pequena pela mão, que representava a pessoa do seu neto Darmapala Pandar, e o entregava pela mão a el-rei D. João, pedindo-lhe confirmasse e jurasse a seu neto Darmapala Pandar por rei e herdeiro do seu reino de Cota, o que lhe foi concedido. E foi jurado Darmapala Pandar pelos reis de Portugal, na sé de Lisboa, com grande solenidade, por rei e herdeiro do reino de Cota ([2]).

E porque este imperador de toda a ilha de Ceilão e rei de Cota, Bonegabago, era mui molestado das contínuas guerras que lhe fazia

---

([2]) Bonegabago escolheu para marido de Cura Adaas sua filha a Vigia Pandar ou Triaua que nossos cronistas chamam Tribuli (veja-se Couto, *Década V*, l. 2, c. 10, pg. 208). Destes lhe nasceu o neto Darmapala Pandar a quem quis assegurar a sucessão do reino por motivo de não ter filho legítimo que lhe sucedesse, ou por querer deserdar os sobrinhos se era a eles que pertencia a sucessão. Por isso procurou haver para o neto o amparo dos Portugueses, e depois de ter sendado por cartas a corte de Lisboa, na armada que saiu da Índia em princípios de 1542 mandou Proytila Rala, ou Sri Radaraksa como ele se assinava, por embaixador a D. João III com o pedido oficial de protecção. D. João III já em 1540 se informava da justiça das pretensões de Bonegabago, e as respostas que houvera não se teriam afastado muito da que lhe deu D. Estêvão da Gama: «Quanto ao que Vossalteza espreve de quem deve suceder no Regno, tudo se deve de fazer polo irmão [Madune] nom ser, que de muito lomge lhe vem querer mall a Vossalteza e aos seus; e se o neto pode ser que soçeda, ainda que seja com Vossalteza lá ter alguma jemte allguns annos pera lhe ajudar a soster a posse, muito bem me parecerya. Pergumta Vossalteza quem per direito soçede no Reyno. No Mallavar nom erda filho nem neto, sobrinho ou irmaao a de erdar; e porem qua costuma-se muytas vezes erdar quem mais pode» (em Schurhammer, *Ceylon*, 95). Nesta imprecisão de direitos, julgou D. João III poder atender o pedido que lhe era feito, e por sua carta de 12 de Março de 1543 dispôs que «per fallecymento do dito Buhanegabaho, Rey de Ceillam, ele dito Tammapala Pandarim seu neto herde e ssobçeda no dito Reyno [de Ceilam] e seja Rey dele asy e da maneira que o dito seu avoo hora o tem e posue, sem duvida, embargo nem comtradição algua», e mandou às autoridades portuguesas da Índia que assim o tivessem por legítimo e verdadeiro herdeiro para suceder no reino a seu avô e «lhe dem pera isò todo favor e ajuda» (em Schurhammer, *Ceylon*, 111). A partida da embaixada da Índia para Lisboa, embora Couto a meta num contexto de 1540 (*Década V*, l. 7, c. 4, pp. 112-113) foi nos princípios de 1542, e o seu regresso na armada de 1543. Outros assuntos da embaixada constam da série de cartas régias ou alvarás publicados por Schurhammer (*Ceylon*, 112-121).

seu irmão Madune, rei de Ceitavaca, para lhe tomar o império, posto que não faltava a ajuda e favor dos Portugueses por ser nosso amigo, contudo, querendo obrigá-los mais, para que não sòmente o ajudassem a defender de // seus inimigos como o faziam, mas com mão armada 724
dessem neles e os destruíssem para se ver livre desta moléstia que contìnuamente padecia com os quotidianos rebates de Madune, assentou consigo que o meio mais acomodado que para isso podia escolher, era fazer-se cristão; e assim ordenou ao seu embaixador que tinha mandado a Portugal, que foi no ano de 1542, que vendo-se com el-rei D. João III lhe significasse também esta sua vontade, pedindo-lhe para execução dela lhe enviasse frades de S. Francisco, dos quais tinha muita notícia e satisfação porque os tinha tratado muitas vezes, assim na sua cidade Cota como na nossa fortaleza de Columbo, onde de ordinário estavam os nossos frades acompanhando os sòldados que aí estavam, como o costumavam e costumam fazer cá em todas as partes, que são os mais ordinários capelães e companheiros dos Portugueses ([3]).

O gosto desta determinação foi tão grande a El-Rei quanto era nele o zelo que tinha de submeter todo o gentio deste Oriente ao jugo de Cristo desejando mais estender por estas partes a Lei evangélica que o senhorio da sua coroa. Escolheu para esta empresa seis frades nossos, todos pregadores e de aprovada vida, e por maioral e prelado deles ao venerável P. fr. João de Vila de Conde, que era mui afamado por suas pregações e mui exemplar, aos quais fez prover de todo o necessário para sua viagem e lhes deu cartas mui favoráveis, assim para o rei de Ceilão que os mandara pedir, como para o Vizo-Rei da Índia ([4]).

([3]) Que já então na fortaleza de Columbo morassem «de ordinário» Franciscanos, embora também Queirós o insinue (*Conquista*, 167), nenhum documento conhecido o prova. O ministério cristão entre europeus e convertidos continuaria ali na forma como o havia regulamentado em 5 de Março de 1521 a *Ordem de el-rei sobre a cristandade de Ceilão* (em *Documentação*, 1, 414-416). Todavia os Franciscanos eram já ali conhecidos. Quando as armadas saíam para a guerra, nelas se embarcavam alguns deles para assistir e animar os soldados; e ainda em 1539 o vizo-rei mandara armada de socorro ao rei de Cota, ameaçado pelo irmão Madune ajudado por armada de Calecute (Couto, *Década V*, l. 5, c. 6, pp. 454-461; Schurhammer, *Ceylon*, 81-83). Mas há mais: ao fim da campanha (veja-se Schurhammer, *l. c.*, 89-91) passou em Columbo o «Padre Comissário» dos Franciscanos, talvez fr. Paulo de Santarém, ou então outro cujo nome se não pode precisar (veja-se Parte I, c. 19[1]), e assistiu aos «requerimentos e protestações» que Bonegabago fazia, o que só bastaria para este poder avaliar o ascendente dos frades na vida dos Portugueses. Daí o estratagema de que lançou mão para captar a benevolência de D. João III: pedir-lhe Franciscanos para o doutrinarem na Fé. Segundo Queirós (*Conquista*, 186), quem sugeriu a Bonegabago o pedido de Franciscanos para doutrinarem na Fé as gentes de Ceilão foi o franciscano fr. Henrique do qual todavia não há qualquer outra memória.

([4]) Conforme privilégios concedidos pelo Papa aos reis de Portugal, a D. João III competia escolher os Religiosos a enviar à missão, e escolheu seis

Fizeram eles sua viagem embarcando-se na armada que aquele ano partiu do reino cujo capitão-mor era Diogo da Silveira, em cuja companhia vinha também o embaixador de el-rei de Ceilão mui bem despachado por El-Rei que lhe fez muitas honras e lhe concedeu tudo quanto lhe pediu. E com tempo próspero chegaram todos a Goa onde estava o Vizo-Rei a quem o venerável P. fr. João de Vila de Conde deu a carta de El-Rei. E vendo que o embaixador tinha muitos negócios que de forçado o haviam deter em Goa, pediu licença ao Vizo-Rei para logo naquela monção passar com seus companheiros a Ceilão, a qual ele lhe concedeu e juntamente todo o favor que para a sua viagem havia mister, que assim lho encomendava El-Rei na sua carta.

Chegaram a Columbo os pregadores evangélicos a salvamento e foram mui bem recebidos dos portugueses daquela fortaleza, que já esperavam por eles, por terem sabido que el-rei de Cota os mandara pedir a el-rei de Portugal para se fazer cristão ele e todo o seu reino, para o que estavam mui alvoroçados. Da sua chegada a três dias se
725 foram ter com o rei, a quem // ofereceram a carta de el-rei D. João e a do Governador da Índia, o qual os recebeu com muitas honras e lhes fez grandes oferecimentos, mostrando grande contentamento de os ver em seu reino, onde lhes prometeu lhes não faltaria nunca nada, porque além da obrigação que tinha para lhes fazer muitos favores, pois os tinha mandado pedir, era ele homem de bela condição e natureza, brando afável e liberal.

Franciscanos da Província Capucha da Piedade que logo se embarcaram na mesma armadas de 1543. De guardião seguia fr. João de Vila do Conde. Não é fácil acertar no nome dos cinco ou seis que o acompanhavam. Schurhammer (*Ceylon*, 125) conjectura que dois teriam seguido logo para Socotorá. Não deve ter sido assim. Como se disse na Parte I, cap. 19[1], em 1542 tinham-se oferecido para seguir para Socotorá fr. Paulo de Santarém e outro frade da Índia, e não há motivo para supor que não foram eles os que seguiram para tal missão. Depois lembra Schurhammer os que trabalharam em Ceilão de 1543 a 1551, segundo os documentos conhecidos: Fr. António Padrão, fr. Francisco de Monteprandone, fr. Simão de Coimbra e fr. Gonçalo. Todavia fr. António Padrão de certeza não pertenceu ao grupo, pois era frade velho na Índia (veja-se Parte I, cap. 19[1]) e na documentação publicada por Schurhammer há mesmo referências muito claras a descontentamentos seus explicados pelo facto de não pertencer ao grupo dos Capuchos (veja-se, por exemplo, carta de D. João de Castro ao rei, em *Ceylon*, 413-414). A lista que Prakasar (*A History of the Catholic Church in Ceylon*, 36) atribui a Courtenay, não tem sentido. Aos que Schurhammer aponta, a saber, fr. Francisco de Monteprandone, fr. Simão de Coimbra, fr. Gonçalo, poderiam talvez juntar-se fr. João Calvo, fr. Pascoal, fr. Pedro da Madalena.

(4) A armada de que foi capitão-mor Diogo da Silveira partiu de Lisboa a 25 de Março de 1543 (*Emmenta da Casa da India*, em *BSGL*, 25 (190f), 374) e chegou a Goa a 3 de Setembro. À abalada de Lisboa assistiu fr. João Calvo, Geral dos Franciscanos, e fr. André da Insua (veja-se F. Félix Lopes, *F. André da Insua Geral dos Observantes Franciscanos* (Madrid 1952), 49. Queirós (*Conquista*, 186) erra o ano do embarque de fr. João de Vila do Conde para a Índia.

Por então se contentaram os nossos frades com aquelas mostras, prometendo-se tirar grande fruito do seu trabalho, ficando mui satisfeitos do modo de El-Rei, guardando para outro dia o falar-lhe nas coisas da religião, por aquele ser o primeiro em que o viam. Passados alguns e tornando aos paços de El-Rei, começaram os seis religiosos a tratar das coisas de nossa santa Fé, assim a ele como aos grandes da sua corte que aí o acompanhavam, declarando-lhes a necessidade que tinham, para sua salvação, de receber fé de Cristo e o santo baptismo e deixar a falsidade e erros da sua gentilidade. As quais coisas como uma e muitas vezes lhe propusesse o P. fr. João de Vila de Conde, como excelente pregador que era e mui afervorado e zeloso da salvação das almas, começou o rei, que tinha a idolatria metida em suas entranhas, a mostrar no semblante tristeza e carregamento, dando a entender que lhe desprazia muito ouvir aquelas coisas. Ao que lhe disse o servo de Deus: — «Que tristeza é esta, ó rei, que em vós sinto? Recebei a minha palavra, pois é de vossa saúde; deixai esses receios, que este é só o caminho que há para o céu. E se isto é o que já em algum tempo desejastes e por vosso embaixador o mandastes pedir a el-rei de Portugal, prometendo-lhe de vos fazerdes cristão e receber o baptismo, em que razão está o tornardes atrás e não quererdes cumprir a vossa palavra?» O rei respondeu-lhe: — «Nem eu isso mandei pedir a el-rei de Portugal pelo meu embaixador, nem por ora tenho vontade de me fazer cristão, pelo que virá o meu embaixador e então tudo se bem fará. Por entanto estai de bom ânimo, e no que vos cumprir de mim, não vos faltarei».

Grande foi o sentimento que o servo de Deus teve em sua alma de ouvir ao rei infiel que tão arraigado mostrava estar em sua infidelidade, respondendo mal, o que via nele, ao que seu embaixador dele lhe dizia. E encomendando este negócio a Deus, de quem havia de vir aquela obra, esperou por a vinda do embaixador que não tardou muito, trazendo mui bem despachados todos os negócios que lhe El-Rei tinha encomendado, assim em Portugal com el-rei D. João III, como na Índia com o seu Governador. E depois que lhe deu as cartas e algumas peças ricas que trazia de Sua Alteza, lhe disse de boca que tivesse muita conta com aqueles frades que aí estavam, porque eram // mui 726
grandes Religiosos; e que os [ou]visse no tocante à fé de Cristo que lhe vinham pregar, pois era tudo a suma verdade; e entendesse que tudo quanto lhes fazia, o fazia ao próprio rei de Portugal, e que dele não alcançaria mais que aquilo que eles em seu nome lhe pedissem; e que, fazendo o contrário, se desenganasse, que o sobredito rei o havia tomar muito mal e se havia de dar por muito agravado.

Algum tanto ficou metido por dentro o Rei com estas coisas que lhe disse o seu embaixador, porque quanto menos vontade tinha de assegurar a salvação de sua alma, que a Fé que os nossos lhe pregavam, tanto mais desejo tinha de arriscar seu estado com desagradar a el-rei de Portugal, que sobre a sua conversão mui particularmente lhe tinha escrito. E mandando chamar os nossos frades, e recebendo-os com

muita honra e gasalhado, lhes tornou prometer todo seu favor e ajuda para tudo aquilo que lhes cumprisse, e em sinal disso lhes deu então setenta cruzados, prometendo-lhes cento para cada ano. Ao que eles responderam: — «Vosso seja, Rei, esse dinheiro que nos ofereceis, porque nós não viemos de Portugal a Ceilão, com tantos trabalhos e por meio de tantos perigos, a buscar o vosso dinheiro senão vossa alma e as dos vossos vassalos. E, assim, se vos fizerdes cristão, havei que nos dais mui grandes tesouros, e que com isso nos dais quanto dar-nos podeis. Porque aquele Deus que nós adoramos e a quem servimos, por cujo amor tomámos este caminho, Ele é só nossa riqueza e nosso bem todo, e assim Ele nos proverá do necessário para a vida, que é só o com que nos contentamos. Pelo que, se também vós quiserdes receber este Senhor por vosso Deus e adorá-lo de coração e submeter-vos a sua Lei e baptizar-vos e ter a mesma Fé que nós temos, nos tereis a nós e a el-rei de Portugal mui propícios a todas as vossas coisas, e nós lhe daremos em todas nossas cartas boa informação delas, e ainda o tereis por amigo, e certo em o favor de todas as vossas necessidades. E além disso um de nós irá a Portugal a tratar com ele os negócios do vosso reino, porque temos por tão grande bem salvar-se uma alma que, por isso, não haverá dificuldade nem perigo que com muita vontade não acometamos».

Disse-lhe então El-Rei: — «Negócio é esse mui árduo e dificultoso e que pede muita consideração e madureza. E assim nele devemos proceder não com pressa, que será temeridade e leviandade, mas devagar e com tento, que assim o ensina a prudência e boa razão. E entretanto confiai de mim, que, como sabeis, todas as coisas têm seu tempo». Quando os nossos frades viram esta sua resposta tão duvidosa, determinaram de levar outro caminho, e assim lhe disseram que, pois então se não queria fazer cristão, que pelo menos lhes concedesse uma
727 esmola que lhe queriam pedir. // — «De muito boa vontade, diz ele, vos concederei tudo o que me pedirdes, como não for fazer-me tão depressa cristão». — «Bem sabe Vossa Majestade, tornaram eles, que há neste vosso reino duas leis mui injustas e contra toda a razão: A primeira, feita por vossos predecessores, que mortos os seus vassalos fossem eles os seus herdeiros, sendo excluídos de tal herança sua mulher e filhos; e outra ainda pior que esta, feita por vós, por que tendes mandado que todos os que de vosso reino receberem a Fé e se baptizarem, percam as fazendas. Pelo que, pois nos tendes dada vossa palavra de nos concederdes tudo quanto vos pedirmos como não for fazerde-vos logo cristão, isto é o que vos pedimos: Que mandeis, por lei geral e que logo se promulgue em todo o vosso reino, que todo aquele que se fizer cristão, fique com toda sua fazenda, sem que por isso os vossos oficiais e ministros lhe façam algum mal; e outrossim que todo o cristão que morrer, herde sua fazenda sua mulher e filhos, sendo também cristãos; e que os cristãos filhos de pais gentios os possam herdar por sua morte, e por o contrário os pais cristãos aos filhos gentios. E pedimos a Vossa Magestade estas coisas, porque,

além de serem conformes à justiça e razão, são as que se guardam em o reino de Portugal e em todos os mais de toda a cristandade». Concedeu-lhes El-Rei isto que lhe pediram, e assim o mandou escrever a todos os seus capitães e oficiais, com que por alguns dias os servos de Deus não trataram de o molestar ([5]).

([5]) O relato desde a chegada do fr. João de Vila de Conde a Ceilão e os diálogos nas entrevistas com o rei são tradução ou explanação do texto de Gonzaga (*De Origine Seraphicae Religionis*, Roma 1587, 1404-1409), fornecido por fr. Gaspar de Lisboa (F. Félix Lopes, *Fontes narrativas e textos legais para a História da Ordem Franciscana em Portugal*, Madrid 1949, 96).

COMO O VENERÁVEL FR. JOÃO DE VILA DE CONDE, CONTINUANDO COM A CONVERSÃO DO IMPERADOR DE CEILÃO, SE OFERECEU A ENTRAR EM UMA FOGUEIRA EM CONFIRMAÇÃO DA FÉ QUE PREGAVA, E DA DISPUTA QUE TEVE COM SEUS LETRADOS, E O DESASTRADO FIM QUE ESTE PÉRFIDO REI TEVE

CAPÍTULO 6

Passados alguns dias, como o desejo que estes servos de Deus tinham de ganhar aquela alma e outras com ela para Deus, os não deixasse sossegar, tornaram a continuar a bateria que tinham começado a dar no empedernido coração daquele rei. E, indo à sua presença, tornaram com humildes mas eficacíssimas palavras a persuadir que, deixada a vã e falsa adoração de seus pagodes pois não eram mais que pedras e paus, quisesse receber a fé do verdadeiro Deus e de Seu Filho
728 Jesus Cristo que por nos salvar // tinha vindo ao mundo a se vestir da nossa humanidade; e que, pois ele por sua infinita misericórdia lhe fazia aquela tamanha graça de lhe querer dar quem o alumiasse e ensinasse o caminho de sua salvação, se aproveitasse dela e a não quisesse perder por seu mal.

Porém, vendo o servo de Deus fr. João (que como prelado era o que mais insistia) que com aquela prática mostrava o rei ter grande desprazer, por que a sua frieza não viesse a dar em dureza, como de ordinário costuma, chamou o embaixador que ele tinha mandado a Portugal e diante de todos os da sua corte que aí estavam presentes, lhe perguntou, dizendo: — «Não prometestes vós ao invictíssimo rei de Portugal que tomaria a nossa Lei e se faria cristão el-rei de Ceilão, se ele lhe mandasse alguns frades de S. Francisco, doutos, que o soubessem instruir nas coisas da nossa santa Fé? Pois como agora se não cumpre isto e se torna com a palavra atrás?» O embaixador lhe respondeu: — «O que eu disse a el-rei de Portugal foi sòmente que seria bom mandar ele ao meu rei alguns varões pios e religiosos para que lhe ensinassem as coisas da vossa religião cristã, porque tinha por coisa certa lhe daria ele crédito e receberia o baptismo. Isto foi só o que lhe disse e nenhuma

outra coisa mais». O que vendo o P. fr. João e entendendo que se tinham falado El-Rei e o seu embaixador, começou algum tanto a desconfiar da sua conversão, pois cada vez mais obstinado se mostrava.

Porém, não desconfiando da bondade de Deus e sua ajuda, levou o negócio por outro rumbo, por que no meio de tanta dureza e contumácia lhe não ficasse coisa por fazer. E assim lhe pediu mui eficazmente e rogou com muita instância que, pois no seu reino tinha muitos sacerdotes sábios na sua lei, fizesse vir a sua presença alguns deles, quais ele escolhesse e tivesse melhor opinião de sua suficiência, porque queria disputar com eles sobre ambas as leis gentílica e cristã. E o que fosse em tal disputa vencido, esse confessasse ser melhor e verdadeira a outra lei, e se passasse para ela e a professasse. Consentiu nisto El-Rei, dizendo que folgava muito que se averiguasse a verdade. E mandando chamar aos mais sábios, assinalou certo dia para que uns e outros viessem todos à sua presença. O qual chegado, e sendo todos juntos diante do rei e de todos os da sua corte e ainda de muita outra infinda gente que se ajuntou para verem o fim daquela disputa, vieram os nossos frades acompanhados do nosso capitão e de todos os portugueses que aí então se acharam, e começando o P. fr. João disse a El-Rei: — «Já que somos aqui vindos para disputar a verdade da lei que se há-de seguir, mandai aos vossos que me proponham as principais coisas e dificuldades da sua lei para que eu lhes satisfaça». — «Não farei eu isso, disse El-Rei, porque isso vos pertence // a vós, pois sois os que nos 729
desafiastes». Disse o P. fr. João: — «Muito embora, senhor, assim se faça. Eu proporei as dúvidas, e eles dêem a solução delas».

E sendo isto aceitado por eles, lhes propôs o pregador evangélico estas questões, a saber: Que coisa é Deus? Que quer dizer paraíso? Que coisa é o anjo? E finalmente que coisa é o vício e pecado. Às quais coisas, sendo assim propostas, como aqueles ignorantes não soubessem responder a nenhuma delas, começaram a altercar entre si e confundir-se. O que vendo El-Rei, como mais confiado, ajuntando assim mais três daqueles que pareciam mais peritos nas coisas de sua lei, quiseram sustentar o campo, e à maneira de balbuciantes trabalhavam por satisfazer as perguntas que lhes foram feitas. Mas como eram ignorantes no saber, ainda que arrogantes e presuntuosos na sua opinião, tudo era debalde, porque, faltando-lhes a graça do Espírito Santo que é o que em semelhantes ocasiões costuma alumiar nossos entendimentos, e ainda desfalecendo-lhes o lume da razão que destituída da fé em muitas coisas fica cega e fraca, quanto mais se cansavam em responder a propósito, tanto mais se confundiam e embaraçavam. E foram tantas as ignorâncias e despropósitos e sensaborias que disseram que se não podiam os circunstantes ter com o riso, e eram tantas as risadas que davam, que ficaram aqueles mestres da maldade mui confusos e envergonhados, e alguns mui indignados de verem que nem El-Rei nem os seus sábios sabiam nem podiam defender a lei que professavam.

E querendo El-Rei pôr silêncio à disputa de que tanta confusão

tinha tirado, deu por escusa aos nossos frades que não tinha ali os mais doutos de sua lei, concluindo aquele acto com dizer que, pois muitos e mui doutos homens seguiram aquela sua lei, ele também a queria seguir e morrer nela, porque lhe bastava fazer o que eles fizeram e caminhar por o caminho por onde eles andaram, pois não era melhor que eles, o assim se contentava com ser como eles. E vendo o rei quão pouco ele e os seus doutores tinham ganhado naquela disputa, mas antes o muito que tinham perdido de crédito e opinião para com o povo, mandou que não fosse ela mais por diante, havendo quinze dias contínuos que durava. Do que tomando ocasião o P. fr. João, disse a El-Rei: — «Pois que nem vós, ó rei, nem os vossos sábios soubestes desatar minhas questões, nem quereis tomar mais dias para responder a elas, como quem tem já de si entendido que o não poderá fazer, por não ter aprendido na escola do Espírito Santo que é só a Igreja Católica
730 onde // se ensinam estas verdades, pelo menos dai-me licença para que eu solte as minhas perguntas e juntamente vos declare as coisas que vos importam para a vossa salvação». — «Isso, respondeu El-Rei, não consentirei eu nunca, porque não é necessário, porque aquilo que recebi dos meus pais e mamei nos peitos de minha mãe, isso é o que entendo ser necessário para me salvar; e tudo o mais tenho por supérfluo e escusado, e assim nem o quero saber nem o desejo ouvir».

E ainda que pareceu ser esta vontade de El-Rei mui absoluta, e resoluta, contudo quis ir por diante o pregador evangélico, dizendo: — «Já que nem com palavras mui verdadeiras nem com razões mui eficazes vos posso persuadir a verdade que vos prego, concedei-me pelo menos que o faça com obras miraculosas e por virtude divina. Pelo que mandai fazer uma grande fogueira de fogo, e, depois de estar acesa, entremos nela eu e um de esses vossos sacerdotes que vós mais quiserdes e de quem tiverdes maior opinião, e de aquele que sair sem se queimar se tenha a sua lei por verdadeira e só essa de todos seja guardada; ou , se mais quiserdes, entremos ambos nesse rio que aí está defronte, cheio de lagartos, e o que entrar nele sem lhe fazerem mal, esse seja tido por vencedor e só esse seja de todos ouvido e obedecido». Respondeu El-Rei: — «Nada disso é necessário, e assim siga cada um a lei que quiser, que eu por ora não quero deixar a que aprendi de meus maiores; e daqui por diante não se trate mais desta matéria». — Dessa maneira, rei tornou o P. fr. João, desprezais a amizade de el-rei de Portugal que até agora mostráveis ter em tanta estima»? A isto respondeu El-Rei: — «Nem por el-rei de Portugal nem por outros dois reis como ele, deixarei a lei em que fui criado; e tende por mui certo que jamais tomarei a vossa lei; e quando me obrigarem a isso, antes deixarei o reino e pátria, que tal faça. Porém vós e vossos frades pregai a vossa Lei em todo o meu reino, que para isso vos dou licença; e os que a quiserem tomar, façam-se embora cristãos, que eu levarei muito gosto disso e não se lhe fará de minha parte estorvo algum; e os que a não quiserem aceitar, eu disso não tenho culpa e assim não se me há-de imputar a mim». E dizia isto El-Rei porque

sabia muito bem que nenhum vassalo seu havia de receber o baptismo, porque por meio dos seus brâmanes e jangantares pretendia estorvar esta obra.

Respondem estes brâmanes e jangantares de Ceilão aos antigos druidas de França e aos ginosofistas de Egipto e aos flâmines e outros sacerdotes de Roma, porque, como gente consagrada a Deus e religiosa, moram nas mesmas casas dos seus pagodes, ainda que em lugar apartado e distinto, ao modo dos nossos mosteiros, cujo ofício é ensinar ao povo suas gentílicas superstições, aplacar a Deus ou, para melhor dizer, aos demónios com sacrifícios e orações, sacrificar // aos pagodes e inter- 731
ceder pelo povo. O seu vestido é uma tunicazinha amarela que lhes desce da cinta até os pés e uma estola de pano da mesma cor atravessada do ombro esquerdo para o direito até o geolho, ficando nuas todas as mais partes do corpo. Estes, ainda que gentios, dão-se bem com os nossos religiosos por os terem como gente de sua mesma profissão, mormente que, também como nós, pedem esmola por as portas com grande silêncio cada dia, e quanto mais longe habitam dos outros gentios tanto são tidos deles em maior veneração. E é tão grande a que se lhes tem, que não com menos devoção acodem os gentios da Índia a Ceilão por causa destes seus jangantares, do que os mouros vão a Meca por razão do seu Mafamede. E o gentio que pode levar para a sua pátria uma pouca de terra desta ilha de Ceilão, é havido dos outros por verdadeiramente rico e bem-aventurado, que tanta é destes miseráveis a cegueira e ignorância (1).

Tornando, pois, ao fio da nossa história, com esta licença, ainda que fingida e cautelosa, começaram os nossos frades a pregar aos gentios todos desta ilha o Evangelho, ficando sòmente com o rei (que como outro Faraó de cada vez mais se endurecia) o venerável P. fr. João de Vila de Conde. E vendo o ímpio rei, que, com a pregação destes servos de Deus e com o exemplo de suas santas vidas, muitos se convertiam à Fé e recebiam o santo baptismo, tratou (ainda que secretamente) com todas as suas forças de atalhar tão santa obra. E vendo que o não podia fazer por serem muitos os que cada dia se convertiam, deixando a máscara, começou pùblicamente a proibir que ninguém se baptizasse daí por diante, sob pena de morte. E a dois, que eram dos grandes da sua corte, que se tinham feitos cristãos, mandou confiscar todos os seus bens (2). Com isto ficaram os nossos Religiosos

---

(1) Também o que vai até aqui neste capítulo, é adaptação ou tradução do já citado texto de Gonzaga (*De Origine Seraphicae Religionis*, Roma 1587, 1404-1409).

(2) Documentação publicada por Schurhammer em *Ceylon*, e Silva Rego em *Documentação* desenvolve e rectifica muito do que vai dito aqui e na *Conquista* de Queirós, pg. 185 ss. Nesta nota e seguintes se aproveita algo dessa documentação.

Dos companheiros de fr. João de Vila do Conde, alguns subiram a Cândia em apostolado, como se diz adiante, cap. 12; outros continuaram em Cota. Fr. João de Vila do Conde, pois o rei se fechou em pertinaz recusa de

mui desconsolados, vendo que a dureza e maldade daquele rei tinham chegado a tanto extremo que chegava a pôr pena de morte aos que quisessem receber o santo baptismo. E parecendo-lhes que podiam achar algum remédio para tanto mal no nosso Capitão e mais portugueses que estavam na nossa fortaleza de Columbo, eles lho não deram, porventura movidos de seus respeitos particulares que é a causa que mais tem prejudicado a propagação da Fé neste nosso Oriente (²).

---

se converter, descorçoado, em Março de 1544 retirou para a Índia. E surgiram por então desinteligências entre portugueses e o rei por causa da cristandade. Os portugueses queixavam-se de que o rei perseguia os que se faziam cristãos; e explicava o rei que «elles nam se fazem cristãos senão quamdo matão outro ou lhe furtão o seu, e se fazem outras culpas desta calydade pertemcemtes a minha coroa, com medo se fazem cristãos. E depois que o sam, não me querem paguar meus direytos e foros acustumados, pelo qual eu não são comtente deles serem cristãos. E os com que eu folgo, são os que fazem por conhecerem a Fee e me paguão meus direitos e foros» (Carta de Bonegabago a D. João de Castro, de 12 de Novembro de 1545, em Schurhammer, *Ceylon*, 194).

Em fins de 1544 Bonegabago mandou matar seu filho Jugo que se preparava para o baptismo; e porque quisera matar, pelo mesmo motivo, mais outro filho e um sobrinho, escondidamente os baptizaram em Cota com os nomes de D. Luís e D. João e os levaram a salvo por Cochim até Goa. Do feito ficaram descrições várias: a de S. Francisco Xavier em carta para os confrades de Roma, escrita em Cochim logo em 27 de Janeiro depois do seu encontro com o sobredito D. Luís (em *Documentação*, 3 148-149); a de jesuíta P. Lancilloto em carta de Goa de 22 de Outubro de 1545 (em Schurhammer, *Ceylon*, 189-190); a de André de Sousa que nos trabalhos da conversão e baptismo dos príncipes andou metido, em cartas de Goa de 15 de Novembro de 1545 ao cardeal D. Henrique e a D. João III (*ib.*, 202-206, 212-215); e a do mesmo príncipe D. João em carta ao cardeal D. Henrique de 15 de Novembro de 1545 (*ib.* 207-208). Atrás da conversão parece que havia os interesses políticos na sucessão da coroa de Cota, e outros ainda que depois no caso se misturaram.

Desta forma tornaram-se tensas as relações dos portugueses com Bonegabago naquele ano de 1545. Corria que os portugueses levariam a Cota os príncipes cristãos, e Bonegabago conluiou-se com o irmão Madune de Ceitavaca, e os dois pensaram tomar o reino de Cândia para ali se fortificarem e dali fazerem guerra aos portugueses (cartas de Duarte Teixeira e Francisco Alvares a D. João de Castro, de 5 e 6 de Outubro de 1545, *ibidem*, 165-166, 170). Na armada desse ano chegou à Índia o governador D. João de Castro com ordens para enviar a Cota embaixada a esclarecer o ambiente. E logo por Setembro se embarcou Duarte Barbudo que consigo levou fr. João de Vila do Conde que já em carta para D. João de Castro datada de Cota a 4 de Outubro envia notícias desalentadoras (*ib.* 157-159). André de Sousa também em 20 de Dezembro enviou relatório sobre a embaixada (*ib.* 274-277). A informação oficial mandada por D. João de Castro a el-rei D. João III (carta de 16 de Dezembro de 1546, em Schurhammer, *Ceylon*, 410-412) é a seguinte: «Duarte Barbudo que mandei por embaixador a el-rey de Ceilão com a carta de V. A., fallou com elle e o apertou por muitas vezes que se quizesse fazer cristão e cumprisse a palavra que a V. A. havia dado, porque disso se lhe seguirião grandes proveitos, assim neste mundo como no outro, e do contrario fortes trabalhos. Mas nenhua couza abastou pera o tirar de sua pertinacia, dizendo que por nenhua couza deste mundo se faria christão, negando que nunca tal mandára prometter a V. A., dando toda a culpa ao seu embaixador. E porque em todas as outras couzas

Mas posto que faltasse o socorro humano, não faltou o divino, e com notável dano do pérfido rei. E foi que, andando uns poucos de portugueses passarinhando com suas espingardas, um deles, sem saber o que fazia, deu com um pelouro no mísero // rei que estava a 732
uma janela dos seus paços de Calane, lusco-fusco a horas da Trindade, juntamente com o nosso feitor, de que daí a alguns dias veio a morrer, pagando sua dureza com lhe Deus tirar o reino e a vida, e, o que mais

---

se pôs em razão, como de consentir que se fizessem igrejas e mosteiros em sua terra, e que os frades pregassem e convertessem toda a gente que podessem, e que em nenhua couza iria contra isso, com tanto que os seus vassalos que por esta maneira se fizessem christãos, lhe pagassem seus direitos e servissem como a seu Rey e verdadeiro Senhor, offerecendo logo de dar ajuda pera se fazer hum mosteiro de frades e mantença para elles: e deo huma bla, em que se obrigava que, quando morresse algum destes christaons, lhes soltar as fazendas pera herdarem seus filhos, posto que por ley do sco reyno elle herdava todas as fazendas de seus vassallos, e assim lhes concedeo outras liberdades, que por escuzar prolixidades deixo de escrever a V. A.». E depois de informar como Duarte Barbudo, em vista do regimento que levava, não quebrara as provisões e dissimulara no mais, comenta assim os factos: «O que o cazo me parece hé que V. A. nam devia apertar mais com este Rey, porque esta obra parece que ha de vir de Deus quando disso fôr servido e não por força e importunaçoens de frades que com elle estam; os quaes, segundo tenho sentido, o indignão e põem em muita dezesperação, por cazo de não querer uzar de canduras e ter com elle outros meios mais convenientes, mas de tamanho rigor, que hé couza de pasmo. Este Rey rezide em huma sua cidade metropolitana de seu Reyno, na qual cidade está hua igreia onde se dizem os Officios Divines, e hua confraria aonde vão enterrar os mortos por toda a cidade com crux alçada. Ha muitos meninos filhos de christãos de terra, que aprendem a doutrina christan, ajudão a officiar as missas. A esta igreja fez el-Rey esmolla de huma cruz de prata e de hum turíbolo e de hum calix, e veio muitas vezes a ella. Hé homem de boa condição e parece que, se o levarem à língua por bem, que poderá vir em conhecimento da verdade e receber o S.to Bautismo». E, de facto, Bonegabago, recebida a embaixada, logo em 12 de Novembro expunha queixas que tinha dos seus que se baptizavam, e informava que, havido remédio, «como estivermos eu e o meu povo comformes com estes cristãos e se comprir o que lhe peço, loguo lhe mando fazer hua ygreja pera eles e os agazalharey como compre» (*ib.* 196). Fr. João de Vila de Conde não acalentava esperanças iguais às de D. João de Castro. Chegara a resolver acompanhar no regresso à Índia o embaixador Duarte Barbudo, mas, porque Bonegabago muito lho pediu, ficou em Cota, atento sobretudo aos factos que se desenrolavam em Cândia e pareciam de maiores promessas de apostolado (Carta dele a D. João de Castro, datada de Cota em 17 de Novembro, em Schurhammer, *Ceylon*, 223-225).

Em Março de 1546 fr. João de Vila do Conde subiu a Ceitavaca a libertar frade que fr. Francisco de Monteprandone levava por companheiro quando se dirigia a Cândia, e ao qual Madune aprisionara (*ib.* 363). Em Maio escrevia de Cota a NunAlvares Pereira para Cândia e informava «que numca achou El-Rei de Cota tam masyo e que o nam quer deixar ir a Colombo e que tem aguora muitas palavras com elle, semdo d'amtes seu inemyguo» (*ib.* 367). Mas em Dezembro já estava em Cochim com intenção de seguir para Dio a informar D. João de Castro (carta sua a D. João III, *ib.* 404-405).

Em 1547, princípio de Fevereiro, seguiu com o custódio fr. António do Casal e mais outros frades vindos de Cândia e Cota a falar com o Governador

era para sentir, com o condenar às penas eternas por sua grande infidelidade, tendo mostrado tanto desejo e ainda feito tanto por receber a verdadeira Fé. Mas ou fosse que o seu intento não seria o bem de sua alma ou que certo pecado a que era inclinado o inabilitou, ele desmereceu alcançar o fim de seus santos propósitos, acabando a vida miseràvelmente e na sua infidelidade. E posto que então se não soube quem fora o que o matara, depois se veio a saber que fora um mulato,

---

(*ib.* 446). Em 14 de Março já estava de regresso em Goa, reconfortado de esperanças com o socorro que ia levar a Cândia A. Moniz Barreto (*ib.* 450-452), ao qual acompanhou. Moniz Barreto em carta a D. João de Castro datada de Columbo a 11 de Outubro expõe o que foi a sua subida dele com a coluna dos soldados desde Batecalou até Cândia, como Bonegabago frustrara ali os trabalhos da cristandade fazendo pressão sobre o rei com os tratos que dava à filha dele que já tinha em seu poder para noiva do neto Darmapala, e como descera para Colombo (*ib.* 463-471). Fr. João de Vila de Conde também no mesmo dia escreveu, a desabafar as suas decepções (*ib.* 472-475), e em 27 de Novembro tornou a escrever, mas já de Cochim, a expor que dois dos seus frades desejavam voltar a Portugal e ele os acompanharia se o Governador nisso concordasse (*ib.* 492-493).

Em 1548 fr. João de Vila de Conde possìvelmente andou por Goa e Cochim. D. João de Castro não teria achado bem o seu regresso a Portugal, e não se sabe se dos companheiros alguns regressaram então. Em 6 de Junho assistiu à morte do Governador já então nomeado Vice-rei. E a 6 de Dezembro, o bispo de Goa D. fr. João de Albuquerque escrevia a D. João III: «Tres anos ha que detenho com o milhor modo e palavras que poso ao Padre Frey João de Vila de Comde, que pera isso viemos a estas partes, pera levar trabalhos e desguostos por amor de Deus e por omrra e favor de sua Fee. Este ano determinou de ir. Diz que vay a dar-lhe comta das cousas de Ceilão, pera lhe pôr V. A. remedio (*ib.* 518). Domingos Maurício (*Governadores e Vice-Reis Xaverianos*, em Brotéria, 56 (1953), 350-353) chama desânimo «pegagento» à desolação que invadira a alma de fr. João de Vila de Conde, e carrega-o de dobrez. Atribue-lhe a responsabilidade dos desalentos que por aqueles tempos ressumavam das cartas de Xavier e outros. Não vejo como fosse ele o foco de contagião. A rectitude de sua alma não se campadecia com a insinceridade e dobrez que saturava o ambiente das Índias: os indígenas defendendo-se num enredamento de subtis e pérfidas mentiras e os portugueses, tantos deles, disfarçando e embrulhando em cristianismo a sordidez de muitos de seus negócios. E o que assim não achava certo e tanto palpara em Ceilão, enchia-o de exigências de uma seriedade que era preciso impor.

A ausência de fr. João de Vila de Conde não matou a missão de Ceilão. Nela continuaram os Franciscanos. S. Francisco Xavier dizia em carta de 10 de Maio de 1546 que «con los christianos de la isla de Ceylán quedaron cinquo frayles de la ordem de S. Francisco» (em *Documentação*, 3, 339). O custódio da Índia fr. António do Casal em carta de 21 de Janeiro de 1549 a D. João III informa: «eu, em todo o meu tempo de governos tenho la sempre tres, quatro frades desta Custodia» (em *Documentação*, 4, 255). E o resultado já em carta de 28 de Janeiro de 1552 o custódio fr. João Noé o pôde assim expor a D. João III: «Os lugares donde os Padres rezidem: Está hum mosteyro [em Columbo] domde está ho guardiam; em Negumbo he huma ygreja, e em Berberym [Beruvala] outra, e em Gale que he o prymeypal porto está outra, e em Lycao [Wiligama], e nestas está hum frade em cada hua pera bautizar e emsynar aos que vem ha Fé» (em *Documentação*, 5, 100).

o qual por desastre lhe deu aquela espingardada e fugiu para Bengala, e daí mandou dizer que ele o matara por desastre, que não culpassem a alguém, e o autor da Sexta Década da Ásia diz que se chamava António de Barcelos ([3]).

([3]) Eis as palavras de Couto (*Década VI*, l. 9, c. 16, pg. 341): «Hum Antonio de Barcelos, dalli a bem annos, disse à hora de sua morte que por aquelle estado em que estava, que elle fora o que matara a ElRey da Cota por puro desastre, atirando a huma pomba, e que se não suspeitasse outra cousa porque aquella era a verdade». O vice-rei D. Afonso de Noronha em carta a D. João III de 27 de Janeiro de 1552 carrega sobre Madune a morte de Bonegabago: teria sido ele quem aliciara os portugueses que foram em sua guarda do rei quando ele saíra até Calane a favorecer o genro Tribuli que andava na guerra com o mesmo Madune; e «acabando ele de jemtar, sayo a hua varamda a ver comer os portugueses, e da estamcia deles lhe tyrarão com hua espimguarda e lo matarão (em Shurhammer, *Ceylon*, 584-586). Queirós incrimina o Vice-rei D. Martim Afonso de Sousa na morte de Bonegabago (*Conquista*, 233-235). A morte do rei deve ter acontecido pelos meados de Maio de 1551, conforme se deduz da citada carta do vice-rei D. Afonso de Noronha. A vida viciosa do rei conta-a a carta dos portugueses de Ceilão a D. João de Castro, datada de Columbo a 27 de Novembro de 1547 (em Schurhammer, *Ceylon*, 494-497).

COMO O P. FR. JOÃO DE VILA DO CONDE BAPTIZOU AO NOVO REI DE COTA QUE SUCEDEU NO IMPÉRIO DE CEILÃO, E DO GANDE FRUITO QUE COM SEU FAVOR FEZ NA CONVERSÃO DOS NATURAIS DA MESMA ILHA

CAPÍTULO 7

Não permitiu a divina bondade que de todo ficassem frustrados os santos desejos do seu servo fr. João de Vila de Conde, com que tanto desejou e trabalhou para que este pérfido rei entrasse por meio do santo baptismo em o grémio da santa Igreja, dando-lhe por ele um neto seu, filho de uma sua filha, que lhe sucedeu no reino, ao qual o venerável P. fr. João converteu e com suas próprias mãos baptizou, não sem muitas lágrimas de seus olhos e alegria do seu coração, ao qual pôs nome D. João por honra de el-rei D. João III que então reinava em Portugal. Foi este rei D. João Párea Pandar muito bom cristão e viveu sempre debaixo da disciplina dos frades de S. Francisco e favor e protecção dos Portugueses, os quais o defenderam enquanto viveu e o
733 conservaram no reino // apesar do Madune seu tio, o qual sempre o perseguiu e lhe fez cruel guerra por muitos anos (1).

---

(1) Morto Bonegabago, os grandes de Cota levantaram como rei a seu neto Darmapala, mas logo Madune de Ceitavaca apareceu com um exército a reclamar por direitos que dizia ter à coroa (Couto, *Década VI*,, l.9, c.16, pg.340), e depois também o vice-rei D. Afonso de Noronha acudiu com armada a exigir, para reconhecimento do novo rei, que ele se fizesse cristão, e a trabalhar com ele «por aver o tesouro» do defunto que, segundo a fama, era grande (Carta do vice-rei a D. João III, de 27 de Janeiro de 1552, em Schurhammer, *Ceylon*, 586). Nem sempre concordantes as descrições que do desenrolar dos acontecimentos dão Couto (*ib.*, c. 17, pp. 345-350) e o mesmo D. Afonso de Noronha na sua supracitada carta, e outros como Queirós (*Conquista*, 241 ss). Ao fim resultou: «Toda a jemte da cidade de Cota era fogida e asy de toda a terra. e todos ou a maior parte dos capitães eram idos pera o Madune» que se refugiara nas serras; Darmapala prometera fazer-se cristão logo que as circunstâncias políticas do reino permitissem; Tribuli Pandar, pai de Darmapala, fugido

E tanto que soube que era morto seu irmão Bonegabago e que em seu lugar era alevantado por rei este neto, tomou grandíssima paixão e, formando seu exército, se veio pôr não muito longe da cidade de Cota onde o novo rei estava com todos os grandes de sua corte que o tinham acabado de jurar por rei, aos quais o soberbo Madune mandou embaixada, dizendo que ele era ali vindo para que eles o tivessem por verdadeiro rei, pois por morte de seu irmão a ninguém convinha que o fosse senão a ele, e que entendessem que, quando o não quisessem fazer, era ele aí vindo com toda aquela gente de armas para entrar e destruir a cidade e dar-lhes a todos eles crudelíssima morte. Pouco caso fizeram os grandes de Cota deste recado de Madune, e assim lhe responderam que eles já tinham rei a quem com mais direito que a ele pertencia aquele reino, e assim que não tinham para que obedecer nem reconhecer outro rei; que se por isso ele lhes quisesse fazer guerra, que eles estavam prestes para se defenderem e ainda, sendo necessário, darem a vida por o seu rei. Com este desengano se resolveu Madune a

---

nos matos para se livrar do vizo-rei; o antigo embaixador Radaraksa Pandita a caminho de Goa onde foi entregue aos jesuítas do colégio de S. Paulo para catequisar, e em casa do vice-rei um filho de Bonegabago, criança ainda, baptizado com o nome de D. João. Nestas circunstâncias o apostolado cristão no reino de Cota tornou-se mais difícil.

Para cúmulo os capitães que se sucederam em Columbo não se portaram com a seriedade que as circunstâncias exigiam. Por intercessão de Darmapala o capitão D. João Henriques que primeiro tentara prender Tribuli Pandar, associou-o na guerra contra Madune que reaparecera na luta. Mas tendo o capitão morrido em Maio de 1552, Diogo Coutinho que interinamente lhe sucedeu, logo o mandou prender, e o capitão D. Duarte d'Eça que chegou em Setembro, manteve a prisão. Por então os Franciscanos doutrinaram e baptizaram a Tribuli. Quando Duarte d'Eça o soube, mandou apertar mais a prisão. A poucos dias Tríbuli evadiu-se por mina aberta desde o quintal dos frades; e, enraivecido, nas regiões de Gale devastou as povoações onde havia portugueses, tudo destruindo, até as igrejas (veja-se Couto, *Década VI*, l. 9, c. 19, pp. 365-366; l. 10, c. 6, pp. 441-443; l. 10, c. 12, pp. 478-484). P. Courtenay (*Le Christianisme à Ceilân*, 211) classifica de fábula o baptismo de Tribuli; mas, a mais do que o rei seu filho diz em carta ao Papa (em *Bullarium Patronatus*, 2, 219), há o testemunho do jesuíta António Dias que nesse mesmo ano de Goa acompanhou a Ceilão o P. Manuel Morais e o Radaraksa Pandita já baptizado, numa tentativa mais de levar o rei a fazer-se cristão. Em carta escrita de Columbo a 15 de Dezembro de 1552 escreve ele: «Quamto a hum chrystam que cá se fez, que era o pay dste Rey, como quer que ele se nam fez em sua lyberdade, amda pyor aguora que jemtio, e já quamdo aquy chegámos hera fogido pera os matos» (em Schurhammer, *Ceylon*, 653).

Provàvelmente a instâncias de Darmapala e também coagido pela necessidade, D. Duarte d'Eça chamou Tribuli para a guerra em que andava com Madune, mas logo em seguida atraiçoou-o em combinações secretas com o inimigo. Deposto por isso, também o capitão seu sucessor Fernão de Carvalho faltou nos contratos feitos com o rei e seu pai Tribuli. Madune tudo isto explorou para arrastar Tribuli contra os portugueses. E conta Couto (*Década VII*, l. 2, c. 4, pp. 132-133) como ele então «destrouio os lugares de Paneturé, Caleturé, Macú, Berberi, Galé e Beligão, e derribou por elles todos os nossos Templos que os Frades de S. Francisco em todos estes lugares tinham e nelles feitos

combater a cidade, e se foi chegando mais para ela; porém os de dentro não esperaram que fosse ele o primeiro, mas ordenando-se o melhor que souberam, levando consigo todos os portugueses que aí estavam com cujo favor se animavam a fazer todas aquelas coisas, deram com tanto ímpeto no arraial do Madune que lhe mataram muita gente e o obrigaram a levantar o exército e a se recolher com grande pena do seu coração. Mas, como era ambicioso, nunca desistiu, enquanto lhe a vida durou (e durou por muitos anos), desta sua pretensão, fazendo cruel guerra a seu sobrinho, em a qual houve diversos sucessos, inclinando-se a fortuna umas vezes a um e outras vezes a outro, mas sempre D. João conservou em si o seu reino com a ajuda de Deus e favor dos portugueses que, como dissemos, sempre o favoreceram e ajudaram, durando-lhe esta porfia mais de vinte e cinco anos, até que o Madune foi morto por um seu próprio filho chamado Raju, grande inimigo dos portugueses, o qual, por lhe tomar o reino, lhe tirou a vida, pagando com isso o malvado Madune em igual moeda o que fez

---

muitos christãos com grande edificação e exemplo de vida, recebendo alguns delles desta vez glorioso martyrio por mãos deste Barbaro que a nenhuma cousa perdoava». O jesuíta P. Lancilloto em carta para S. Inácio informava: «Este ano de sinquoenta e quatro se tornarão gentios 25 mil almas christãs que estavão em Seilam» (Schurhammer, *Ceylon*, 661); e ao mesmo S. Inácio escrevia o P. Henrique Henriques de Punical em 31 de Dezembro de 1556: «Alevantando hum Rey gentio em Ceilão guerra contra o capitão que ay estava, e Portugueses, e juntamente queimou as igreias dos lugares que pôde e fazia que os christãos se tornaçem gentios» (*ib.* 662). Queirós (*Conquista*, 252-253) data de então o martírio de fr. António Padrão, fr. João Calvo e fr. Francisco de Braga. A literatura franciscana não recorda tais mártires. Fr. António Padrão pelo menos ainda em 1556 escrevia a el-rei de Portugal, conforme consta da lista das pessoas que nesse ano escreveram da Índia e às quais havia que responder (ANTT, *Colecção S. Vicente*, 9, 291).

Afonso Pereira de Lacerda entrando para capitão de Columbo nos princípios de 1555, a livrar-se dos subtis enredos do camareiro-mor de Darmapala mandou-o para Goa onde o governador Francisco Barreto o entregou aos frades de S. Francisco que «o trataram com tantos mimos que o vieram a fazer Christão e o bautizaram com grandes festas». Depois com a ajuda de Madune desbaratou Tribuli em Pelanda e empurrou-o para Tanavarê. E ele seguiu dali a refugiar-se nas Sete Corlas, onde tais desassossegos semeou que, expulso, teve de se refugiar em Jafanapatão para onde levou os celebrados tesoiros de Bonegabago e onde afinal por um equívoco armou luta em que foi morto (Couto, *Década VII*, l. 1, c. 7, pg. 65; l. 2, c. 4, pp. 132-136; l. 3, c. 5, pp. 208-213). Liberto de Tribuli, Madune com seu filho Raju caiu sobre Cota que Afonso Pereira de Lacerda a custo salvou. E com ele começaram então de ser «restauradas as igrejas, vencidos os inimigos, acrescentada a cristandade», como em 22 de Janeiro de 1577 escrevia a el-rei o dominicano fr. Diogo Bermudes (em *Documentação*, 6, 251).

No meio destes trabalhos, em ano que não é possível precisar, regressou a Ceilão fr. João de Vila do Conde que em 1557 baptizou a Darmapala, dando-lhe o nome de D. João, D. João Párea Pandar. A data pode calcular-se pela carta do rei de Portugal que no capítulo seguinte se transcreve, pelo que se diz em *APO*, 5, n.º 257, pelo testemunho do jesuíta João Frois que escrevendo de Goa a 14 de Novembro de 1559 informa que o rei de Cota «ha dous annos se converteo» (em *Documentação*, 7, 361).

a seu pai, a quem ele matou por se ficar com o seu reino, como acima fica dito.

Com o favor do novo rei começaram os nossos Religiosos a continuar com a pregação da Fé e colheram muito grande fruito dela, porque, além do novo rei convertido, converteram também e baptizaram a seu pai (2) // e a todos os grandes da sua corte e a rainha sua mulher 734
que era filha de el-rei de Cândia, e com todas as suas damas e donzelas de sua casa. E por que lhes não faltasse igreja em que ouvissem a palavra de Deus e assistissem às missas e mais ofícios divinos, se aproveitaram os servos de Deus de um famoso pagode que ali havia; e, lançando fora todos os ídolos que tinha, uns de metal, outros de pedra, de pau outros, dos quais uns queimaram e outros tornaram em pó, o consagraram em templo divino e casa de oração, lançando-lhe água benta e com outras orações como se costuma fazer na dedicação das igrejas, em que os ensinavam e doutrinavam, e lhe puseram nome Santo António, onde temos convento e um colégio para os meninos (3). E foi em tanto crescimento esta nova conversão que crescia a olhos vistos, de maneira que dentro de poucos meses, sendo ajudados do favor divino, converteram muito perto de três mil almas; e edificaram, em espaço de trinta léguas, doze igrejas em que os ensinavam e doutrinavam em as coisas da nossa santa Fé (4). E sucedeu uma

---

(2) Tribuli Pandar, pai de Darmapala, já estava morto quando o filho se baptizou, conforme fica dito na nota precedente. Aí se referem também as circunstâncias do seu baptismo em 1552 ou 1553. Vid. também adiante cap. 18.

(3) Quando em 1557 o rei se fez cristão, o pagode do seu paço de Cota que já D. Afonso de Noronha em 1551 tentara transformar em igreja cristã (veja-se a sua carta em Schurhammer, *Ceylon*, 593), foi purificado e ficou para igreja da casa ou convento que os Franciscanos então fundaram ali em Cota e onde estiveram até 1565 quando se resolveu abandonar a cidade e o capitão Diogo de Melo ali «foi buscar ElRey e recolheo os Frades e derrubou o Templo que lá tinham e em fim deixou tudo deserto, e passou aquellas cousas a Columbo» onde desde então ficou o convento e o colégio para os meninos de que fala o texto.

(4) No ANTT, ms 1109 da Livraria, conservam-se os seguintes documentos: Carta do vice-rei da India conde D. Francisco da Gama, datada de Goa a 5 de Outubro de 1599, a comunicar ao capitão-geral de Ceilão que el-rei não aprovara a entrega feita aos Franciscanos da renda dos pagodes do reino de Cota, e que por isso havia que tomar para arrendamento as aldeias dos pagodes que eles possuíam, para com seu rendimento se pagarem as ordinárias aos frades que administravam as cristandades (*ib.* pp. 35-36); *Título das aldeias dos pagodes que os frades possuíam no reino* (*ib.* pg. 29); e *Título das despesas que se dão aos frades de S. Francisco que assistem nesta ylha na administração das cristandades pera seu mantimento em cada anno, em doze igrejas, e assi mais o que se dá a cinco igrejas dos presídios aos frades que assistem nelles* (*ib.* pp. 32-33). E as doze igrejas e cristandades eram: 1.ª N. Senhora da Vitória em Maturê; 2.ª N. Senhora da Conceição em Gale; 3.ª S. António de Alicão; 4.ª N. Senhora da Saúde em Caleturê; 5.ª Casa dos Catecúmenos em S. Tomé; 6.ª S. João no Matual; 7.ª S. Francisco em Negumbo; 8.ª Madre de Deus na comarca de Negumbo; 9.ª Porciúncula em Caimel; 10.ª S. Ana em Calane; 11.ª S. Jerónimo em Nagão; 12.ª S. António em Palanchena; e as cinco igrejas dos presídios, as de Malvana, Bategedra, Ceitavaca, Manicravarê e Ataletota. Dessas igrejas-cristandades, quatro datavam de antes de 1552, conforme se disse acima, cap. 6², a

coisa notável na dedicação da nova igreja que, como dissemos, fizeram de um pagode que os naturais aí tinham mui célebre e famoso entre eles, e foi que na noite seguinte se começaram a ouvir muitos alaridos e matinadas de adives, que são uns animais como cães ou raposas que nascem cá nestas partes da Índia assim como também em muitas de África, com que se persuadiam os gentios cegos que se lamentavam eles e choravam a expulsão de seus ídolos, de que conceberam grande temor. E muitos deles, caindo na falsidade de suas superstições, receberam de boa vontade a Lei verdadeira de Cristo.

Foi sempre mui singular o amor que os nosss frades tiveram desta cristandade de Ceilão, como aquela que tanto trabalho lhes custa e tem custado, e entre eles quem mais se avantajou neste amor e afeição foi o venerável P. fr. João de Vila do Conde, não os tendo nem tratando a todos senão como a filhos que ele pelo Evangelho tinha gerado, e assim se doía de suas calamidades e misérias, como se pode doer uma amorosa mãe, do filho que ainda tem aos seus peitos. E assim, vendo algumas necessidades suas, não só dos particulares mas também do rei que muitas vezes se viu mui apertado pela cruel e contínua guerra que Madune lhe fazia, tornou a Portugal para manifestar a el-rei D. João III, que ainda então governava, o estado das coisas daquela ilha, assim espirituais como temporais, e trouxe dele grandes favores e provisões para o Vizo-Rei da Índia, em que lhe mandava que, com particular cuidado, provesse de armadas e soldados aquela ilha, e
735 ajudasse // aquele rei e o conservasse na posse do seu reino, como sempre se fez ([5]).

---

saber, Negumbo, Berberim, Gale e Alicão, e embora destruídas por 1553-1554, logo seriam reedificadas. Precisar o ano em que foi fundada cada uma das restantes, não é possível. Uma ou outra seria das que fundou fr. Jerónimo do Espírito Santo quando em 1597 aí demorou (veja-se *APO*, 3, 702). Em todo o caso, de certo não é à sua fundação que se refere o «dentro de poucos meses» do texto. No ANTT, Colecção de S. Vicente, 10, 423 conserva-se apontamento de carta de fr. João de Vila do Conde entre os papéis de 1559, presumível ano da carta: «Frey João de Vila de Conde diz que à obra da Christandade de Ceylão que com ajuda de Nosso Senhor vay em grande crescimento, sam necessarios Padres porque nam estam nela mais de seis». A *Tábua de 1585* pouco esclarece no que respeita às cristandades de Cota, pois apenas nomeia ali «S. António, oratorio em Ceilão: Vigário fr. Luís da Conceição, confessor e pregador; fr. Manoel de S. Martinho, confessor; fr. Francisco do Salvador, leigo». Possìvelmente àquela data as igrejas estariam destruídas e abandonadas nos vai-vens da guerra. A *Tábua de 1595* também não nomeia as cristandades de Cota, mas com certeza são reitores delas os 27 sacerdotes que dá como moradores no convento de S. António de Colombo (*ib.* 186).

([5]) A viagem que fr. João de Vila de Conde fez a Portugal, como fica dito acima, foi em 1549. Tendo regressado a Ceilão antes de 1557, aí continuou venerado pelo rei D. João Párea Pandar que em 23 de Dezembro de 1561 escrevia à rainha de Portugal a rogar-lhe que tornasse a lembrar ao rei a dignidade que para ele pedira (ANTT, Gav. 15-17-39). Morreu em Cochim, conforme diz o autor na Parte II, cap. 81.

DO MUITO QUE ESTIMARAM, ASSIM SUA MAJESTADE COMO SUA SANTIDADE, A CONVERSÃO E BAPTISMO DE EL-REI DE CEILÃO D. JOÃO PÁREA PANDAR, E DE ALGUMAS PARTICULARIDADES SUAS

CAPÍTULO 8

Mui festejadas foram em Portugal as novas da conversão deste rei por se entender que, com ele receber a fé, a receberiam também os seus, pois de ordinário o povo segue o exemplo dos que o governam, e assim de facto aconteceu, porque após o rei se baptizaram logo os grandes de sua corte e a rainha, e a maior parte do seu reino. Mas a quem coube a maior parte deste contentamento foi à rainha Dona Catarina que naquele tempo governava o reino de Portugal por el-rei D. Sebastião seu neto que ainda era menino, a qual se teve por bem afortunada por em seu tempo se ganharem tantas almas para Deus. O que ela manifesta em uma carta sua escrita em Lisboa aos 25 de Março de 1559 ao Custódio desta Custódia, que então era o P. fr. Belchior de Lisboa, que dizia assim:

«Padre fr. Belchior de Lisboa, Eu El-Rei vos envio muito saudar. Pelo Padre fr. Pedro de Belém recebi uma carta vossa, e por ela e pela do P. fr. João de Vila de Conde entendi como Nosso Senhor fora servido alumiar a el-rei de Ceilão e trazê-lo em conhecimento da verdade de nossa santa Fé, de que recebi mui grande contentamento e dou muitos louvores a Deus Nosso Senhor por ser servido em meu tempo se fizesse uma obra de que se esperam tão grandes serviços. Prazerá a Ele querê-la confirmar, e ordenar como naquela ilha em que pelos príncipes dela tão ofendido até agora foi, seja Seu nome muito louvado. Quanto ao socorro que o dito rei mandou pedir ao Governador contra o Madune e a esperança que lhe deu de o ajudar, por certo tenho que, pois o dito Governador sabe quanto folgo de favorecer aos que seguem o caminho da verdade, proveria em tudo quanto ao dito rei tocasse, mui inteiramente. Na criação e doutrina do sobrinho do sobredito rei de Ceilão que no mosteiro de S. Francisco se criou e que o Governador a este reino mandou, vejo o cuidado que vós e os padres da vossa Ordem

tendes das coisas do serviço de Deus, e recebo disso muito contenta-
736 mento. E do sobredito rei // terei a lembrança que pedis e é razão, pelas que apontais. Quanto às coisas que dizeis que tendes começadas em Baçaim e em Bardês, e o que me pedis que vos mande encomendar ao Governador, eu escrevo ao vizo-rei D. Constantino, meu muito amado sobrinho, que vos favoreça em tudo o que puder ser, conforme as necessidades de essas partes. A ele o podeis requerer. Houve por bem, pelas razões que apontais, mandardes continuar com a obra do oratório que estava começado em S. Tomé quando chegastes, e o estudo da Teologia que ordenastes em Goa, e o de Artes e Gramática em Cochim, e recebo disso muito prazer pelo serviço que disso se pode seguir a Nosso Senhor nessas partes. António de Aguiar a fez». [7 de Março de 1558] (1). Até aqui a carta da rainha.

Também se festejaram muito na Corte Romana as novas da conversão deste rei, e o Papa Gregório XIII lhe escreveu uma carta, em resposta de outra sua, cheia de muitos favores, que fielmente trasladada de latim em nossa linguagem diz assim:

«Gregório Papa XIII. Amado filho, nobre varão, saúde e apostólica bênção. Incrìvelmente nos alegrámos com a vossa carta e com a vossa piedade em conhecer a Fé católica e perseverar nela constantìssimamente, porque este é o princípio e fundamento de todos os bens e daquela felicidade para a qual por Deus fomos criados. Com o qual nome abraçamos a vossa nobreza e temos naquele número e lugar que a todos os outros príncipes católicos. Nem há coisa que por vossa causa não desejemos fazer com aquela autoridade com que por Nosso Senhor Jesus Cristo presidimos em Sua Igreja católica. Porque todos os que estão em todas as partes, entendemos pertencer ao nosso cuidado e solicitude; e vós particularmente, a quem, como a uma tenra planta, a suma bondade do mesmo Cristo transferiu daquele vasto e grande deserto da infidelidade para o cultivadíssimo e fertilíssimo campo da Sua Igreja, e a quem (por usarmos das palavras do Apóstolo S. Pedro) quis que fosse de casta escolhida do real sacerdócio, da gente santa, do povo escolhido, para que denuncieis a sua virtude que das trevas vos chamou para a sua admirável luz. Portanto escrevemos a El-Rei de Portugal como pedis, e vos encomendamos a ele quanto podemos. Por entanto cavidai-vos que a perversidade de algum ou a grandeza de injúrias vos não faça retroceder da Fé e propósito santo, porque este é o maior de todos os males se tornardes outra vez ao obscuro cativeiro de Satanás donde a grande bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo e Seu sangue vos tirou. Não cessamos de orar por vós, nem nunca cansaremos de encomendar as vossas coisas a El-Rei e de interpor nisso nossa autoridade. Dada em Roma em S. Pedro sub annulo Piscatoris, ao
737 primeiro dia de Julho de 1578, // ano sete do nosso pontificado». Esta

---

(1) Inserimos no texto a data que Queirós dá à carta (*Conquista*, 262-263) por ele transcrita provàvelmente da *Crónica* ou dos apontamento de fr. Francisco Negrão.

carta e a de El-Rei se guardam originalmente em o cartório de S. Francisco de Goa ([2]).

Foi este rei sempre muito católico e bom cristão; e enquanto viveu, lhe durou a perseguição do Madune rei de Ceitavaca e Raju seu filho, contra os quais foi favorecido sempre dos nossos portugueses com suas armadas. Mas porque os capitães das fortalezas de Columbo e oficiais de El-Rei, à conta de o defenderem de seus inimigos, se entremetiam nas suas rendas e fazenda real, e metiam a mão mais do necessário em as coisas do governo do seu reino, mandou fazer por o tabelião público das notas de Ceilão um instrumento público de procuração em que fez seus procuradores as seguintes pessoas, scilicet, ao Ministro Geral da nossa Ordem, ao P. fr. Crisóstomo da Madre de Deus, lente da sagrada Teologia, Guardião e Comissário de Ceilão, ao Ministro Provincial da Província de Portugal, a D. André, bispo de Cochim e governador do Arcebispado de Goa, a Rui Sodrino de Mesquita, Inquisidor Apostólico da Índia, e ao Custódio e Comissário Geral desta Custódia de S. Tomé, para efeito de eles procurarem pelas suas coisas e bem do seu reino. E com isso fez uma lembrança ou apontamentos às sobreditas pessoas de tudo aquilo que ele quer que eles lhe alcancem, umas de Sua Santidade, outras de El-Rei de Portugal e outras dos Vizo--Reis da Índia ([3]).

Depois de receber o santo baptismo, em favor da cristandade e dos órfãos dos seus reinos, para se baptizarem, criarem e doutrinarem e assim ir a dita cristandade em crescimento, fazendo-se para eles colégios, lhes fez mercê de todas as terras pertencentes aos pagodes para tudo se gastar em os sobreditos colégios e no provimento dos ditos órfãos. E porque no ano de 1570 chegou este bom rei a grande extremo de pobreza e necessidade, porquanto o tirano Madune lhe tinha usurpado

---

([2]) Na carta que escreveu ao Papa em 26 de Janeiro de 1574 e que vem publicada no *Bullarium Patronatus*, 2, 219-220, D. João Párea Pandar expõe em que estado se encontra o seu reino, reduzido ao pequeno território das cidades de Cota e Columbo, historia como a tal estado chegou e pede ao Papa que interceda junto do rei de Portugal para que ele providencie de modo a que possa reaver todo o território do seu antigo reino. O Papa respondeu com o Breve *Incredibiliter laetati* que no texto vai em tradução; e no Breve *Redditae fuerunt* de 2 de Julho de 1578 recomendou a el-rei D. Sebastião o rei de Cota. Ambos os Breves andam também publicados no *Bullarium Patronatus*, 2, 224, 225.

([3]) Fr. Gaspar da Natividade, guardião do convento de S. Francisco de Lisboa e «procurador sobstabelecido del-rey de Ceillão», apresentou ao rei de Portugal treslado autêntico dos apontamentos datados de 10 de Dezembro de 1594 em que o dito rei de Cota declarou quais as coisas que seus Procuradores haviam de alcançar do Papa, dos reis de Portugal e dos vice-reis da Índia (em ANTT. ms. 1109 da Livraria, pp. 45-48). Dos quatro Procuradores nomeados pelo rei de Cota, fr. Crisóstomo da Madre de Deus ainda não aparece na *Tábua de 1585*, e em 1595 havia passado para vigário da vigairaria de S. António de Coulão (*Tábua de 1595*, 187); D. fr. André de Santa Maria tem sua biografia na Parte I, cap. 42; Rui Sodrino de Mesquita assinou cartas em Goa, como inquisidor, desde 24 de Dezembro de 1585 até 17 de Novembro de 1594 (veja-se Baião, *A Inquisição de Goa*, 2, 110, 220).

quase todo o seu reino, lhes pareceu aos nossos religiosos que residiam então em Ceilão e ao P. fr. Martinho da Guarda ([4]), guardião de Columbo, que seria serviço de Nosso Senhor tornar a dar ao dito rei estas terras e rendas dos pagodes para os seus gastos e prover suas necessidades. Mas como ele era cristão, o não quis consentir, salvo com a condição que o aceitava sòmente enquanto se via posto naquela extrema necessidade, declarando por um instrumento autêntico não ser sua tenção aceitar nem possuir as ditas terras e rendas dos pagodes senão sòmente enquanto estava despojado do seu reino, e que tanto que o tivesse recuperado, como esperava em Deus recuperar, havia por bem
738 que as ditas // rendas tornassem a ficar ao colégio e colégios para sustentação dos órfãos assim e da maneira que tinha ordenado. E porque a cobiça de alguns pôde mais que a tenção deste rei, se vieram a tomar estas rendas dos pagodes para El-Rei nosso senhor, com não pequeno descrétito nosso, infamando-nos que possuíamos em Ceilão o que nos não consentia a nossa Regra, como se também as nossas igrejas e colégios, e, o que mais é, os órfãos que baptizamos, filhos de gentios, fossem obrigados a guardar a perfeição da estreita pobreza da nossa profissão. Mas porque melhor conste o que sobre esta matéria se fez, trataremos mais largamente dela no capítulo seguinte.

([4]) Adiante, cap. 10, em documento de D. João Párea Pandar se afirma que fr. Martinho da Guarda foi morto em Preacota por Agosto de 1563 quando do cerco que Raju pôs a Columbo e depois a Cota (veja-se Couto, *Década VII*, l. 10, c. 14-15, pp. 548-559). O documento parece autêntico e por isso a data de 1570 que vem no texto, está errada. Em vez de 1570 deve ser qualquer dos anos que vão de 1560 a 1563.

COMO EL-REI DE CEILÃO D. JOÃO PÁREA PANDAR FEZ DOAÇÃO DAS TERRAS E RENDAS DOS PAGODES DO SEU REINO PARA OS COLÉGIOS QUE OS NOSSOS RELIGIOSOS FIZESSEM, E SUSTENTAÇÃO DOS ÓRFÃOS QUE NELES SE CRIASSEM, E COMO NOS FORAM TIRADOS POR ORDEM DE SUA MAJESTADE

CAPÍTULO 9

Conselho é do vaso da eleição e doutor das gentes, o apostoló S. Paulo, a uns cristãos que havia pouco que das trevas da infidelidade se tinham transferido ao reino da luz, que com aquelas mesmas coisas com que até então tinham servido ao diabo, com essas mesmas agora em o tempo de sua conversão sirvam a Deus, para que as mesmas coisas que tinham servido de instrumentos para ofensas contra a Divina Majestade, o fossem também de sua glória. Assim o fez D. João Párea Pandar, rei e imperador de Ceilão, o qual, tanto que pelo ministério de nossos religiosos recebeu a fé de Cristo e seu santo baptismo, ordenou que todas as terras e rendas que ele e seus antepassados tinham dado aos pagodes, ficassem para a sustentação dos colégios que queria que houvesse nesta sua ilha e reino de Ceilão, em que se criassem os órfãos que fossem baptizados. E posto que, quando fez esta doação, logo a fez na sobredita forma, como consta de suas provisões, contudo por que melhor fosse entendida esta sua tenção e fosse manifesto a todos que as rendas de que tinha feito mercê, não eram para os nossos frades que por o rigor de sua Regra e alta perfeição de seu estado são incapazes de as ter, senão para os colégios dos órfãos que ele queria se fundasse em todo o seu reino //, passou uma 739
carta de ratificação que originalmente está guardada em o convento de Santo António de Columbo, a qual diz assim (1):

(1) É por sem dúvida, tanto o assunto andou depois pelas secretarias reais, que D. João Párea Pandar, quando se baptizou, por doação aplicou as rendas dos pagodes do seu reino para as despesas do apostolado cristão que ali exerciam os Franciscanos. Não conheço o original da carta de doação que

«D. João por graça de Deus Párea Pandar rei de Ceilão, etc. A quantos esta minha carta de ratificação de esmola e mercê virem, faço saber que, havendo respeito ao muito fruito que no conhecimento da santa fé católica de Cristo Senhor Nosso vim a ter e tenho por via dos padres da Ordem do Bem-aventurado Padre Seráfico S. Francisco, correndo sempre comigo em o aumento dela como cumpre à salvação de minha alma, fazendo-me de contínuo outros muitos favores assim no espiritual como no temporal, houve por bem e me aprouve fazer esmola e mercê aos ditos padres, à instância e pedimento do P. fr. João de Vila de Conde, Guardião que foi do colégio da minha cidade de Cota, metropolitana e cabeça dos meus reinos e senhorios em tempo que a maior parte deles possuia, em cujas mãos fui feito cristão, fazendo-lhes a dita mercê dos pagodes e sítios de Calane, assim de uma como de outra banda, e do pagode de Dalade que foi igreja de S. Salvador dos ditos padres, e assim de todos os mais pagodes dos meus reinos e senhorios, com todas as suas rendas, terras, hortas, várgeas, foros, vassalagens, assim e da maneira que antes meus antecessores passados e eu, tudo o que dito é, tínhamos dado aos mesmos pagodes, donde tanto que houve o verdadeiro conhecimento, o renunciei e pus nos ditos colégios ao receber da água do santo baptismo. E por saber de certa informação que os ditos padres, pelo rigor da sua Regra, não podiam ter rendas nem possuí-las, conforme a sua santa profissão, houve por bem que, pois eu e os meus ditos antepassados tínhamos oferecido e dado as ditas terras e rendas aos ditos pagodes, e por ao tal tempo ter tomado conhecimento da verdadeira Fé, como já dito é, que estas rendas fossem gastadas em o sustentamento do colégio e colégios que os ditos padres ordenassem e tivessem nestes meus reinos e senhorios, e que para isso nomeassem e declarassem eles pessoa ou pessoas que destas rendas tivessem o devido cuidado e cargo, e que delas sustentassem, como de esmola feita de mercê, aos ditos colégios; o que assim houve por bem ordenar, por ver e saber que a pretensão dos ditos Padres não era nem é outra, salvo o serviço de Deus e salvação das nossas almas, sem para as suas pessoas reservarem coisa alguma, como a sua profissão o requer. A cuja conta, na era

---

o texto dá, nem qualquer cópia passada em forma autêntica, mas só a transcrição que também dela fez Queirós (*Conquista*, 264-265). Todavia não é isso motivo para duvidar da sua autenticidade, tão bem se enquadra todo o texto nas circunstâncias históricas do momento. Em nota se faz reparo a erro que com certeza houve na transcrição.

Por esta carta de doação fica provado que em 1557, a pedido de fr. João de Vila de Conde que então o baptizou, D. João Párea Pandar aplicou as rendas dos pagodes do seu reino à fundação e sustento de colégios de educação de órfãos; que em 1562 a pedido do guardião fr. Martinho da Guarda ratificou a doação; e outra vez a tornou a ratificar em 1591 a pedido de fr. Manuel dos Santos.

de 1573 (2), outrossim à instância e pedimento do P. fr. Martinho da // Guarda da dita Ordem, na dita minha cidade de Cota lhe tornei 740 por escrito a ratificar a dita esmola, como se verá por carta minha que aos ditos padres disso tenho passado, e eles devem ter guardada para quando cumprir e necessário for. E por ora o P. fr. Manuel dos Santos (3), Guardião que é do colégio de Santo António desta cidade de Columbo onde há muitos anos tenho feito assento e com minha corte resido, por serviço do mesmo Senhor me pediu ratificasse a dita esmola e mercê: Hei por bem e me praz ratificar-lha e de novo fazer-lha, como por esta presente faço, de tudo o que dito é, assim e da maneira que se nesta minha carta contém, para o dito colégio de Santo António e mais colégios que pelos ditos padres ordenados forem aonde e em qualquer parte que se oferecer, para o aumento deles, com especial declaração que, sendo caso que a esta ilha venham bispos, prelados ou outros quaisquer padres de qualquer Ordem e maneira que sejam e em qualquer tempo que for, não possam entender em coisa alguma dos ditos pagodes, rendas, vassalagens e o mais que já dito tenho, salvo os ditos padres da Ordem de S. Francisco, por lhes estar nesta obrigação, como dito é, por assim ser minha mercê, boa e extrema e sã vontade, como sempre foi, é e será. E se porventura se achar ter eu feito outra mercê em contrário desta antes dela ou ao depois (coisa de que não sou lembrado) a outra qualquer pessoa ou pessoas de outra diferente Ordem, declaro que por esta a hei por nula e de nenhum valor, porque esta, pela maneira que dito é, hei por boa e quero que valha e tenha força e vigor, assim em juizo como fora dele, do dia em que ao dito P. fr. João por mim lhe foi concedida para sempre. E peço a Sua Majestade muito de mercê o haja assim por bem. E a todas as suas justiças e minhas e mais pessoas a que pertencer, o notifico assim, para que lhe não ponham dúvida nem embargo algum, e aquela pessoa ou pessoas que os ditos padres nomearem, metam de posse de tudo o que dito é, oferecendo-se tempo para tal, porquanto por esta presente os hei deste dia para sempre por metidos da dita posse. Dada nesta cidade de Columbo da ilha de Ceilão, sob meu sinal e selo das minhas armas reais, aos 19 de Janeiro de 1591. O secretário António Ribeiro a fez escrever, e sobrescrevi».

Esta mesma doação, assim e da maneira que aqui está, a tornou a fazer ele mesmo e confirmar em o seu testamento, quando faleceu (4).

---

(2) A data está errada, porque fr. Martinho da Guarda foi morto em 1563, como fica advertido acima, cap. 84. O texto de Queirós neste ponto é diferente: «...sem para as suas pessoas reservarem cousa alguma; ordeney na era de 1562. a pedimento de P. Fr. Martinho da Guarda, Religioso da mesma Ordem, se lhe ratificasse a dita esmola feyta em 57, e agora a instâncias de Fr. Manoel dos Santos...». E a data de Queirós, 1562, fica perfeitamente no contexto histórico, e possìvelmente é essa a verdadeira.

(3) Fr. Manuel dos Santos em 1585, conforme a *Tábua* desse ano, estava de família no convento de S. António de Cochim.

(4) D. João Párea Pandar morreu em Columbo a 27 ou 28 de Maio de 1597 (Couto, *Década XII*, c. 6, pg. 44). Não sei do paradeiro do seu testamento nem conheço qualquer cópia dele.

E, sendo Vizo-Rei da Índia, Matias de Albuquerque também a confir-
741 mou em nome de Sua // Majestade no ano de 1595, dando por razão de o fazer, considerar o grande fruito que os padres de S. Francisco têm feito nesta ilha de Ceilão de cem anos a esta parte na conversão das almas, baptizando o rei de Cota com toda a família real, trabalhando fielmente, como verdadeiros servos de Deus, no acompanhamento dos exércitos de Sua Majestade, arriscando suas vidas e padecendo alguns deles martírio pela Fé, como no ano de 1594 vimos no reino de Cândia, no qual quatro religiosos da dita Ordem padeceram glorioso martírio, protestando nossa Fé como valorosos soldados de Cristo; e outrossim o muito que trabalharam em o arraial de Sua Majestade aquietando, esforçando e sacramentando por todas as partes onde há tranqueiras e presídios, como tudo largamente se contém na provisão que disso nos passou ([5]). Por virtude da qual e da sobredita doação de el-rei D. João Párea Pandar, apontaram os nossos religiosos, que viviam em Ceilão, ao síndico do colégio de Santo António, Pedro da Silva, para administrar os ditos bens dos pagodes e se encarregar deles. E o capitão geral D. Jerónimo de Azevedo lhe deu posse de algumas de estas várgeas que já estavam conquistadas, para efeito de se criarem e doutrinarem os órfãos, para o aumento da cristandade daquela ilha.

Mas como nunca faltam ânimos danados e naturezas depravadas que de tudo façam peçonha, não faltaram alguns ministros e oficiais de Sua Majestade que, com capa de zelo do seu serviço e acrescentamento de sua fazenda (título com que muitas vezes na Índia se fazem coisas contra a justiça e razão), lhe escreveram que os nossos frades em Ceilão possuíam rendas contra a pureza da nossa Regra, afirmando serem mui grossas estas dos pagodes, que podiam passar de setenta mil cruzados, renda com que Sua Majestade podia mui bastantemente pagar os ordenados do bispo e cabido de Cochim e todos os reitores que houvesse na ilha de Ceilão, e sobejar-lhe ainda muito para ajuda de suas armadas. Finalmente eles informaram de maneira a El-Rei nosso senhor que houve por seu serviço mandar ao seu Vedor da Fazenda de Ceilão que arrendasse e arrecadasse para a sua real fazenda todas as aldeias e rendas dos pagodes da dita ilha, dando-se porém côngrua sustentação aos colégios e vigários da dita ilha. O que logo se executou, sem embargo dos embargos que o dito Pedro da Silva
742 pôs a estes mandados de Sua Majestade ([6]) //.

E por que os que não sabem o nosso estado, entendam e vejam

([5]) Também desta provisão do vice-rei Matias de Albuquerque não conheço qualquer texto.

([6]) Veja-se *APO*, 3, 733-740, documento de 22 de Março de 1597. Em carta do rei ao vice-rei, de 15 de Janeiro de 1598, diz o rei que lhe pareceu bem o que expôs sobre doações das rendas dos pagodes de Ceilão e que desse aos Religiosos de S. Francisco ordinária para sua sustentação e mais não (*APO*, 3, 820-821). A questão arrastou-se por muitos anos e dela dá resumo carta do rei ao vice-rei, de 23 de Janeiro de 1610 (*Livros das Monções*, 1, 304-305).

claramente que neste negócio em nada se encontrava a pureza da Regra que professamos, será bem advertir aqui ao leitor que, segundo no princípio desta nossa história fica notado, o principal fim da vinda dos Frades Menores a estas partes orientais não foi outro mais que a exaltação e dilatação da nossa santa Fé, pela conversão destes infiéis. Para melhor promoção do qual, os papas nos concederam que os pudéssemos baptizar e administrar-lhes todos os sacramentos, como consta do «motu proprio» de Paulo IV e de outros indultos e concessões que refere o P. fr. Manuel Rodrigues no Primeiro Tomo das *Questões Regulares*, q. 31, art. 13, onde mais largamente resolve esta verdade, acrescentando que a causa e razão principal destas concessões foi por que, assim pregando e administrando os frades os sacramentos aos sobreditos gentios, mais se dilatasse e crescesse a Fé (7).

E assim o tirarem-nos da nossa quietação e trazerem-nos a participar desta solicitidão e ministério, foi sobre grande confiança que para negócios semelhantes de nós fez sempre a Santa Sé Apostólica, cujos passos imitaram os reis de Espanha e Portugal que, podendo procurar e enviar outros ministros para esta empresa, só connosco a principiaram. E porque o meio mais fácil de converter estes gentios é o exemplo de seus mesmos filhos e naturais, procuravam sempre prudente e cristãmente os ditos reis que nestas partes se levantassem e edificassem colégios em que por sua conta se criassem os órfãos e novos crisãos dela, que, assim instruídos e doutrinados na Fé, ajudassem depois aos mesmos frades na conversão de seus parentes e naturais. E a este fim se alevantou nas terras de Bardês o colégio dos Reis Magos, nas de Salsete o de Manapacer, em Cranganor o de Santiago, e outros em outras partes, providos por outros particulares devotos, como se pode ver nos títulos de suas fundações. E a experiência tem bem mostrado de quanto efeito estes colégios são, como já noutro lugar acima fica apontado. Vendo, pois, D. João Párea Pandar, rei de Ceilão, depois de ser cristão e estar baptizado, a grande utilidade que destes seminários e colégios resultava, determinou que nos seus reinos os houvesse também, cometendo aos nossos frades o cuidado e ministério deles, como consta das patentes que passou e ùltimamente em seu testamento aprovou e confirmou. // 743

Encarregados os nossos frades disto, não há dúvida de que lícita e santamente podem administrar os ditos colégios, assim no que toca ao espiritual de baptizar, pregar e administrar os mais sacramentos aos gentios que neles criam e catequizam ou já catequizados e baptizados vão ensinando na Fé, como consta das ditas concessões e indultos, como também no temporal porque, vendo el-rei de Ceilão como os nossos frades eram por sua Regra e profissão incapazes de por si ou por interposta pessoa contratarem pecúnia e terem rendas, ordenou e mandou por suas patentes que houvesse sempre uma pessoa, qual os frades

---

(7) Fr. Manuel Rodrigues, *Questiones Regulares et Canonicae*, I (Madride 1628) 167-168.

nomeassem, que corresse com estas rendas em lugar e nome dele dito Rei, a qual em nenhuma forma pode ser havida por interposta pessoa dos frades, porque não faz nada em nome deles se não do dito rei. E segundo os expositores da nossa Regra e se pode ver em Córdova, então há aí contratação de pecúnia por interposta pessoa quando o frade por sua própria autoridade constitui e ordena a outro para receber, gastar, dar e trespassar a dita pecúnia, o que aqui não há, pois tudo se faz por autoridade do dito rei e em seu nome ([8]).

E quanto ao nomear pessoa que em nome do sobredito rei de Ceilão corra com estas rendas, de nenhuma maneira encontra a pureza da nossa Regra, pois a tal nomeação é puramente de feito e não de direito. E assim como podem os Frades Menores nomear o executor do testamento para efeito de correr com pecúnia sem quebrantamento de sua Regra, como com Bártolo e Covarúvias tem o P. fr. Manuel Rodrigues no Tomo III das suas *Questões*, 9, 70, art. 2.º ([9]), e o defende Córdova no lugar citado, assim também podem os mesmos frades nomear pessoa que corra com as rendas dos seus colégios, pois a tal pessoa nunca fica sendo interposta pessoa dos frades, senão do rei em cujo nome é substituído e por cuja autoridade é nomeado. E quando ainda assim houvesse algum escrúpulo (que não há), o Papa Gregório XIII o tem de todo tirado por um Breve que passou em favor da cristandade destas partes orientais, que começa «*Dilecti filii, salutem. Concedimus tibi*» etc. no qual concede que os frades deputados pelo Ministro Geral possam receber e gastar pelo síndico, em favor dos índios cristãos, todas as esmolas e pecúnias que os reis, príncipes e outras particulares pessoas lhes oferecerem ou derem, como mais lar-
744 gamente // se contém no dito Breve. Com o rendimento de algumas destas várgeas dos pagodes, paga Sua Majestade as igrejas que temos nesta ilha de Ceilão, no que (e em outras igrejas que temos em outras partes, às quais não paga El-Rei nosso senhor e a nossa indústria lhes tem buscado a côngrua sustentação) apoupamos na Índia vinte e dois mil xerafins da fazenda real cada ano, os quais se haviam gastar dela, se lhes houvessem de pagar como faz às mais, por razão do Padroado, no que lhe não fazemos pequeno serviço.

([8]) Fr. António de Cordova, *Dilucida Expositio super Regulam Fratrum Minorum ex varia multiplicique authorum lectione diligenter collecta*, Madride 1616, ff. 96v-97r.

([9]) Fr. Manuel Rodrigues, *Questiones Regulares et Canonicae*, 3 (Madride 1628), 211-212.

DA NOTÁVEL DEVOÇÃO QUE AOS NOSSOS RELIGIOSOS TEVE O REI DE COTA D. JOÃO PÁREA PANDAR E DE UMA CERTIDÃO QUE PASSOU EM CERTA OCASIÃO EM ABONO DELES

CAPÍTULO 10

É mui natural dos homens nobres e generosos serem agradecidos, não só trazendo em viva memória mas também trazendo com equivalentes obras os benefícios recebidos, como vemos no príncipe da milícia de Síria, Naamão, o qual tanto que se viu limpo da lepra de que o sarou com as águas do rio Jordão o profeta Eliseu, lhe ofereceu um mui rico e precioso presente em reconhecimento daquele benefício que dele tinha recebido (1), ao qual imitando este generoso príncipe D. João Párea Pandar, jamais deixou de trazer na memória e reconhecer por obras manifestadoras do seu agradecido ânimo o benefício do santo baptismo que das mãos dos Frades Menores tinha recebido, com que ficou limpa a sua alma da asquerosa lepra do pecado. E como príncipe nobre e generoso, assim lhes foi sempre agradecido que não sabia como lhes manifestasse este seu agradecimento, não perdendo jamais ocasião de o declarar ao mundo todo, não só com palavras, engrandecendo seus louvores, mas com mui certas obras, acudindo a suas necessidades. E assim, em sendo baptizado, ofereceu aos nossos religiosos as rendas todas dos pagodes, como no capítulo passado temos contado. E vendo que eles as não aceitavam por razão da alteza de sua profissão e estreiteza de sua Regra, as aplicou para os colégios que eles edificassem.

Naquela lembrança que fez de que também no capítulo passado fizemos menção, uma das coisas que muito encomendava aos seus procuradores, era que impetrassem algumas graças do Sumo Pontífice para os nossos frades que no seu // reino de Ceilão andassem ocupados no ministério da cristandade. E sabendo que não faltaram émulos que nos quiseram desacreditar e infamar no particular das cristan- 745

(1) Alusão ao episódio contado no *4 Reis*, 5.

dades em que residiam, passou uma certidão assinada por ele e selada com as armas reais do seu reino, em que vai recontando os muitos serviços que em Ceilão temos feito assim a Deus como a Sua Majestade, e juntamente os grandes benefícios que de nós tinha recebido, pedindo a Sua Santidade e a El-Rei nosso senhor nos não faltem com o agradecimento deles, parecendo-lhe ser ele incapaz de os poder agradecer. E por que se veja o seu ânimo para as nossas coisas, poremos aqui a sua certidão que é do teor seguinte (2):

«D. João Párea Pandar, rei de Cota, etc. Certifico que desde o tempo em que os Portugueses entraram nesta ilha de Ceilão, nunca outros religiosos de Religião alguma de quantas nesta Índia Oriental há, comunicaram nela a doutrina do santo Evangelho, salvo os padres da Ordem do glorioso Padre S. Francisco, dos quais fui eu doutrinado e muitos do meu reino e dos reinos de Cândia, Ceitavaca e das Corlas. E desde o dia em que fui baptizado pelo venerando P. fr. João de Vila do Conde, a quem tive por pai e mestre, os ditos Padres em todos os meus trabalhos e grandes necessidades e apertos em que me vi, de guerras, combates e cercos tão estreitos, que em um deles, em tempo de Pedro de Taide Inferno, na Preacota, chegaram a comer elefantes, cavalos, cães, e gatos, sempre foram presentes (até comeram carne humana dos inimigos na companhia de Francisco Gomes Leitão) (3). Em tempo de Baltasar Guedes de Sousa, em um dos cinco terríveis cercos que teve, mataram em Preacota ao P. fr. Martinho da Guarda e ao P. fr. Luís pregador seu companheiro, os quais andavam nesta ilha pregando a palavra de Deus (4). Nestas aflições e em tempo de

---

(2) Também desta declaração não conheço o original nem outra qualquer cópia. Todavia não há por que duvidar de sua autenticidade.

(3) O que vai entre colchetes pertence ao texto; todavia é pedaço que parece por completo estropeado. Trata-se de episódio sucedido no cerco de Cota ao tempo do capitão-mor Pedro de Ataíde Inferno (1564-1565) e descrito por Couto em *Década VIII*, c. 3, 15-38. Véspera do Natal de 1564 o capitão-mor mandou a Francisco Gomes Leitão, um dos defensores do cerco, que no quarto de prima fosse a recolher mantimentos que de Columbo mandavam. Na volta, «cuidando o capitão que tinha arroz, achou-se com muito pouco, porque os soldados o deixaram escondido pelo mato, pera depois o irem buscar, do que se indignou tanto o capitão, que arrancou da espada, e remetteo a Francisco Gomes Leitão pera os matar» (*ib.* 24-25). Dias passados, depois de combate com grande mortandade dos inimigos, o Capitão «vendo que na Fortaleza não havia que comer naquele dia, mandou aos soldados que recolhessem os mortos, pera os salgarem em talhas, porque se o inimigo voltasse, se valessem daquella matalotagem» (*ib.* 37). No pedaço do texto há com certeza retraços de referência a estes horrores.

(4) O cerco do tempo de Baltasar Guedes de Sousa foi em 1563. Couto evoca resumidamente o que nele aconteceu (*Década VII*, l. 10, cc. 14-15, pp. 548-559) e como nele ajudaram os Franciscanos. Cota era cercada por um rio a toda a volta, excepto por um «passo, como o pescoço de hum homem, que seria de cincoenta passos de largura» o qual passo se chama Preacota. Ali foram colocados com outros defensores « o Padre Fr. Simão de Nazereth, Fr. Lucas e outros três Padres de S. Francisco, todos Religiosos de grande e mui conhecido virtude». Num dos assaltos «ós elefantes tanta força lhes fizeram

todas as de Diogo de Melo e de outros capitães que lhe sucederam, e nos famosos cercos de Manuel de Sousa Coutinho governador que foi na Índia, e no de João Correia de Brito, e nas entradas das tranqueiras do Raju com Simão de Brito de Castro e em todas as mais perseguições de que fui por longo tempo perseguido de Raju Singa Pandar meu capital inimigo e de todo o estado da Índia, em tudo foram sempre os ditos padres companheiros, doutrinando, pregando, ajudando pessoalmente aos que nos ditos transes se achavam no meio destas grandes tempestades (5), trabalhando com muito zelo pelo fruito das almas, arvorando nestes reinos muitas cruzes, alevantando muitas igrejas nas quais ministravam os divinos sacramentos com muita glória do Senhor e satisfação dos povos, ensinando seus filhos e doutrinando-os // em toda a doutrina de ler e escrever e cantar em alguns seminários e **746**

---

fazer, que arrombaram a primeira parede da Preacota, onde os nossos andavam pelejando com muito valor; e assim com aquelle ímpeto foi a Preacota entrada e mortos tres Frades de S. Francisco e mais de vinte portugueses» (*ib.* 556-557). Dos três frades que caíram, dois foram fr. Martinho da Guarda e seu companheiro fr. Luís. Queirós (*Conquista*, 339) diz que os mortos foram fr. Martinho e fr. Pedro de Belém, mas não deve estar certo. Fr. Pedro era ao tempo o Custódio da Índia; e se fora morto então, na literatura dos Franciscanos teria ficado lembrança, e D. João Párea Pandar que tão bem o conhecera no tempo em que foi guardião de Columbo (era ali guardião em 1555, como mostra Schurhammer, *Ceylon*, 186), não o poderia ter esquecido nesta sua declaração.

(5) Dos trabalhos dos Franciscanos no peso das aflições e cercos que caíram sobre Cota e Columbo e que D. João resumidamente comemora aqui, não se sabe muito.

No cerco de 1564-1565, ao tempo do capitão-mor Pedro de Ataíde Inferno, quando nos horrores da fome já se recolhiam os mais gordos dos inimigos mortos para em salga servirem de matalotagem, já acima se nota como acudiu fr. Simão de Nasaré. As dificuldades passadas e as privações sofridas, aconselharam o abandono de Cota, e Couto conta como o novo Capitão-mor em 1565 «foi buscar ElRey, e recolheo os Frades, e derribou o Templo que lá tinham, e ficou tudo deserto, e passou aquellas cousas a Columbo, onde se fizeram aposentos pera ElRey» (*Década VIII*, c. 7, pp. 56ss). E os Franciscanos, reduzidos à sua casa de Columbo, começaram de ser poucos em Ceilão por largos anos até 1593. Em 1585, não contando Manar, em Ceilão tinham eles apenas o oratório de Columbo, onde assistiam o «Vigário fr. Luís da Conceição, confessor e pregador; fr. Manuel de S. Martinho, confessor; fr. Francisco do Salvador, leigo» (*Tábua de 1585*).

O tempo de Diogo de Melo Coutinho, de 1565 até 1578, com dois pequenos intervalos de permeio, foi mais de guerra ofensiva de incursões do que pròpriamente de cercos. Por então os exércitos não se moviam sem a assistência espiritual e animação dos frades, mas faltam notícias.

Manuel de Sousa Coutinho sofreu vinte e dois meses de cerco em Columbo (1579-1581); mas falta a história daqueles tempos.

Nos tempos do capitão-mor João Correia de Brito continuaram os cercos; e porque já há deles história, sabe-se dos trabalhos em que andaram sem descanso em 1587 o comissário de Ceilão fr. Duarte Chanoca, o guardião de Columbo fr. Luís da Conceição e seu companheiro fr. Manuel de Jesus (Couto *Década X*, l. 10, c. 4, pp. 554-555).

E falta outra vez a história dos tempos do capitão-mor Simão de Brito de Castro.

colégios que para isso fizeram com esmolas que mendigando buscavam, dos quais moços pelos ditos frades criados, alguns foram depois sacerdotes, e outros, que eram filhos de portugueses, se fizeram religiosos; e empregando-se nesta obra de tanta caridade e em ajudar-me a sustentar neste reino tendo sempre de mim particular cuidado, e quase desprezando a vida, os vi muitas vezes oferecerem-se à morte por puro zelo da honra de Deus e bem da cristandade, oferecendo-se ao sacrifício, como em Cândia o P. fr. Pascoal em tempo de el-rei Maastane por ele baptizado, e o P. fr. André de Sousa em Trinquinemalé, acompanhando-o com muitos trabalhos. E depois em tempo de el-rei D. Filipe com muito risco de suas vidas, no dito reino de Cândia, assistiam o P. fr. Duarte Chanoca e o P. fr. Francisco do Oriente e o P. fr. Ângelo. E antes de tudo isto, em Jafanapatão reino que está na ponta desta ilha para a parte do Sul, em companhia do vizo-rei D. Constantino, mataram ao Padre Custódio fr. Belchior, varão de muita estima por sua grande virtude e zelo da honra de Deus. E agora em Cândia os padres que aí se acharam com grande fervor da cristandade em companhia da rainha do dito reino que eles baptizaram, e na de Pedro Lopes de Sousa, conquistador desta ilha, na desaventura que sucedeu, foram mortos o P. fr. Lucas dos Santos, Comissário daquelas partes e mui antigo nos trabalhos desta ilha e grande coajdutor meu, e o P. fr. Simão da Luz pregador e o P. fr. Manuel Pereira e o P. fr. Francisco das Chagas, com martírios de cruéis feridas pelo corpo e narizes cortados, salvo que o P. fr. Francisco, depois de todo atassalhado, foi atado em uma estaca e aí, com novos tormentos de feridas, morto. Além destes foram cativos mais dois frades: fr. Pedro de Cristo muito mal ferido e os narizes cortados, e fr. Gonçalo com outras feridas ([6]). E por que serviços tão grandes feitos a Deus e a Sua Majestade e a obrigação particular em que estamos, sem poder fazer a esta Ordem santa de cuja alta pobreza e isenção de interesses da terra muito nos tem edificado, tenham a remuneração que se lhes deve e os favores de que têm muita necessidade, muito peço a Sua Santidade lhos conceda e a Sua Majestade que mande aos seus Vizo-Reis e capitães deste estado da Índia e aos que nesta ilha forem, a favoreçam. E mandei
747 passar esta, e por também mo requerer Gaspar // Salgado, síndico e irmão da dita Ordem, a qual vai por quatro vias. Dada nesta fortaleza de Columbo sob meu sinal, e selada com o selo real do meu reino, em o primeiro de Dezembro de 1594».

E não se satisfez com passar sòmente esta certidão, a qual com outras muitas de que adiante faremos menção, estão originalmente guardadas no cartório do convento de S. Francisco de Goa, mas também em todas as cartas que escrevia a Sua Majestade, sempre lhe lembrava os muitos serviços que os nossos religiosos na sua ilha de Ceilão lhe faziam, pedindo-lhe se lembrasse de os favorecer. Depois

---

([6]) Sobre os que caíram mortos em Jafanapatão e em Cândia, veja-se adiante cc. 19 e 35.

de baptizado, imitando ao grande Constantino, não sòmente deu licença para que em todo o seu reino de Cota se pudesse pregar a lei de Cristo e alevantarem-se muitas igrejas, mas deu os seus paços reais que tinha na cidade de Cota onde tinha a sua corte, para que neles fundassem os nossos religiosos o seu mosteiro. Nunca, enquanto viveu (que foi muitos anos), se tirou um ponto da obediência dos nossos frades, seguindo por tudo e em tudo os seus conselhos. E tanto assim que, criando um menino a quem queria tanto que comia com ele no mesmo prato, que é entre eles como filhação, e tendo desejos de o fazer seu herdeiro por não ter filhos que herdassem seus reinos, puderam os nossos frades tanto com ele que fizeram com que deixasse por seu herdeiro a El-Rei de Portugal nosso senhor, e assim no seu testamento ordenou, instituiu e declarou por seu legítimo e universal herdeiro dos sobreditos seus reinos e senhorios e de tudo o mais que de direito lhe pertencia (7). E nesta herança se funda o justo e legítimo título que têm os Portugueses para conquistarem esta ilha de Ceilão. E por que não mostrasse esta sua muita devoção menos na morte do que a tinha manifestado na vida, mandou no mesmo testamento que seu corpo fosse amortalhado no nosso hábito e enterrado em a nossa igreja de Santo António de Columbo. E aí jaz na capela-mor em uma sepultura de mármore, na parede da parte do Evangelho.

---

(7) Judice Biker (*Collecção de Tratados*, 1, 180-184) publicou a doação do reino de Ceilão feita por D. João ao rei de Portugal, conforme cópia da ANTT, *Livro das Ilhas*, 238. Outro exemplar se conserva no mesmo arquivo Gav. 14-4-5, datado de 12 de Agosto de 1580, com o *Instrumento de aprovação que fizeram os vassalos d'el-rei de Ceilão Dom João Párea Pandar, da doação que este fez do dito Reino a el-rei de Portugal e a seus sucessores depois do seu falecimento, aceitando os ditos vassalos por seu rei e senhor a Dom Filipe I rei de Portugal, em Columbo, a 4 de Novembro de 1583.* No testamento com que morreu, D. João renovava esta doação (veja-se em Couto, *Década XII*, c. 6, pp. 44-45, como tudo isto se cumpriu à morte do rei).

DE OUTROS REIS, PRÍNCIPES E PESSOAS DE SANGUE REAL QUE OS FRADES MENORES CONVERTERAM À FÉ E BAPTIZARAM NO MESMO REINO DE COTA E EM OUTROS DA MESMA ILHA DE CEILÃO

748 CAPÍTULO 11 //

Com muita razão Cristo Redentor nosso, como aquele que tão bem tinha tomado o pulso a nossa natureza, dava por razão de os príncipes dos sacerdotes e fariseus, que eram os grandes da Sinagoga, não receberem a doutrina que Ele com tanta clareza lhes pregava e com tão ilustres milagres lha confirmava, o serem eles mui amigos e cobiçosos da glória humana. Porque é tão poderoso em nós este apetite de honra, que muitas vezes faz ou que não vejamos a verdade por manifesta e clara que se nos represente aos olhos do entendimento, ou que, conhecendo-a e alcançando-a, a não queiramos abraçar com a vontade. E assim vemos que os menos que se converteram e convertem à nossa santa Fé, são e foram os que têm e tiveram mais da glória deste mundo, como são os reis e príncipes e outros poderosos da terra, que por não largarem os bens temporais de que agora gozam, deixam perder os eternos que houveram de possuir para sempre. E como gente mais endurecida e obstinada para a sua conversão, fica sendo, quando se convertem, argumento mui manifesto da força da divina graça que os chamou, e da muita indústria e diligência daqueles que, como instrumentos de Deus, fizeram a tal conversão. Donde vieram alguns doutores a dizer que o chamar-se o Apóstolo das Gentes e vaso da eleição, Paulo, sendo primeiro o seu nome Saulo, foi por ter convertido e baptizado a um grande do mundo, que foi o procônsul Sérgio Paulo, mostrando nisso ser tão grande façanha o converter um poderoso destes, que com razão se podem gloriar disso os pregadores evangélicos, ficando-lhes o mesmo nome dos que converteram, por troféu glorioso de sua pregação.

E se para um apóstolo e tão grande ministro do Evangelho, como era o apóstolo S. Paulo, se estimava por façanha converter um grande do mundo, não haverá quem possa escurecer a honra dos Frades

Menores em a conquista espiritual deste Oriente, pois não um, mas muitos reis, príncipes e outros senhores poderosos do mundo trouxeram, com a sua pregação, ao jugo da nossa santa Fé, como no discurso desta história se deixa ver. E assim à vista de tantas façanhas devem os émulos e invejosos fechar suas murmuradoras bocas, pois quando com elas quiserem escurecer a honra destes pregadores evangélicos, tachando-os de pouco diligentes em a conversão dos infiéis, hão-de achar estas e outras maravilhas suas, que fazem mui clara e resplandecente a sua glória. E tratando agora sòmente da conversão que eles fizeram em os reinos de Ceilão, onde ainda estamos, não sòmente converteram e baptizaram a el-rei // D. João Párea Pandar, imperador de toda a 749
ilha, e com ele a rainha sua mulher filha de el-rei de Cândia e todos os senhores de título e grandes do reino de Cota, como atrás fica contado, mas também outros reis e príncipes e senhores de sangue real, como neste capítulo se verá.

No ano de 1546 Bonegabago, rei de Cota, entregou aos frades de S. Francisco que lá estavam (e foram dos primeiros que entraram nesta ilha de Ceilão com o venerável P. fr. João de Vila do Conde, de quem atrás fica largamente tratado), dois filhos seus para que os baptizassem e fizessem cristãos, e trouxessem a Goa ao Vizo-Rei da Índia, que então era D. João de Castro, a lhe pedir socorro de gente e armada para conquistarem os reinos de Cândia e Jafanapatão, para a qual conquista El-Rei seu pai lhes dava todo o dinheiro que fosse necessário para a paga do tal socorro; e que, tomando estes reinos, ficariam com a obrigação de pagar de tributo o que fosse justo e razão. E fazia isto este rei a estes dois seus filhos, porque determinava deixar por herdeiro do seu reino a um seu neto que depois os nossos frades fizeram também cristão e se chamou D. João Párea Pandar, como fica contado, e em efeito lhe deixou o reino com consentimento de el-rei de Portugal. E posto que o Vizo-Rei aceitou dar o socorro por assim parecer conveniente aos do seu conselho, contudo não houve efeito porque os moços morreram ambos em Goa, pouco tempo um depois do outro (1).

---

(1) Há que rectificar quanto o autor aqui afirma sobre estes «dois filhos seus», de Bonegabago. Já acima, c. 6², se disse que um deles se chamou D. João e era filho de uma irmã de Bonegabago, e o outro se chamou D. Luís e era de facto filho do dito Bonegabago, e se apontou como em fins de Dezembro de 1544 ou logo princípios de Janeiro chegaram ambos a Cochim, fugidos às sanhas de Bonegabago que procurara matá-los porque se queriam fazer cristãos. E é sem dúvida a data dos fins de 1544 ou princípios de 1545, e o seu baptismo então, e o motivo da fuga, conforme o testemunho de S. Francisco Xavier que em Cochim se encontrara com D. Luís e em carta para a Europa de 27 de Janeiro de 1545 contou as impressões com que ficara; e mais ainda o testemunho de André de Sousa que foi quem aos dois príncipes doutrinou, e fez baptizar, e os salvou trazendo-os à Índia como expõe em carta sua de 15 de Novembro de 1545 ao cardeal D. Henrique (em Schurhammer, *Ceylon*, 202-206). E do medo com que Bonegabago ficou de que o vice-rei os mandasse levar a Cota com força de apoio, fala ele mesmo em carta a D. João de Castro de 12 de Novembro de 1545: «E quamto a eses dous mamcebos que aquy fizerão

No ano de 1550, indo o Vizo-Rei D. Afonso de Noronha a Ceilão lhe deu el-rei de Cota um seu primo co-irmão para o trazer a Goa, onde o entregou aos nossos frades que o baptizaram e lhe puseram nome D. João. E tornando-se o Vizo-Rei para Portugal, o levou consigo; e el-rei D. João lhe fez muitas honras e mercês, e o tornou a mandar para a Índia com uma grossa tença para sua sustentação, onde casou com a filha de um cavaleiro honrado e aí morreu e jaz sepultado no nosso convento da cidade de Goa (²).

O P. fr. Duarte Chanoca pregador e fr. Francisco do Oriente natural de Goa, que foram mui solícitos obreiros da cristandade desta ilha, converteram e baptizaram a D. Manuel rei das Sete Corlas e Vilacem e a rainha Dona Beatriz sua mulher com a princesa Dona Antónia sua filha, os quais viveram sempre debaixo da doutrina dos nossos frades, na ilha de Manar e Ceilão (³).

750 Estes mesmos frades entraram com muito trabalho // e risco de suas vidas em o reino de Beras que é certa gente agreste e bárbara

---

cristãos e ora laa são, os officiaes que aquy forão, podem dizer a Vosa Senhoria suas culpas, qu'eu jaa o tenho esprito ao Governador pasado. Dele tambem o pode saber, se verdade se quiser dizer. Pelo que vos peço que, pois eu são vasalo del-Rey meu Senhor, que m'os não mamdeis a esta terra, por vimdo, se lhe não ha de fazer seu serviço como desejo» (*ib.* 196). Porque o rei de Jafanapatão em 1544 mandara matar umas centenas de cristãos, se projectou contra ele expedição punitiva; e tanto o governador D. Martim Afonso de Sousa como D. João de Castro que lhe sucedeu, haviam resolvido levar D. João para substituir o rei criminoso. Por motivos vários a expedição atrasou-se e entretanto «a 14 de Janeiro [de 1546] falecerão os Princepes de Ceilão de bexigas nesta cidade» de Goa, escrevia D. João de Castro a el-rei D. João III em 16 de Dezembro de 1546 (em Schurhammer, *Ceylon*, 407).

(²) Da mesma forma há que rectificar esta notícia. O príncipe a que ela se refere, chamou-se de facto D. João; mas não foi Bonegabago quem o entregou ao vice-rei na sua passagem por Ceilão em 1550, para fazer dele um cristão. O mesmo vice-rei é quem tudo conta em carta a D. João III, de 27 de Janeiro de 1552 (em Schurhammer, *Ceylon*, 599-601). Quando depois da morte de Bonegabago o vice-rei foi a Cota, no regresso quis trazer como reféns o camareiro-mor do rei Darmapala. Instaram que lho deixasse e que dariam como reféns um filho criança de Bonegabago que mandariam baptizar e lhe entregariam, para ele o fazer rei de Cota caso Darmapala não cumprisse o que prometia. O vice-rei aceitou; e, chegado à Índia, logo lhe enviaram o principezinho solenemente baptizado em Cota, e por ser de idade tão tenra sempre o trouxe em sua casa, em sua companhia veio depois para Lisboa «e ElRei o mandou entregar aos Padres da Companhia para o doutrinarem, dando-lhe seiscentos mil reis pera despezas de sua casa. Andou este Princepe na Corte muitos annos, e El-Rei lhe fazia honras», e depois o mandou à Índia onde se casou e morreu, e «jaz enterrado em S. Francisco de Goa» (Couto, *Década VI*, l. 9, c. 18, pp. 353-354).

(³) O reino das Sete Corlas assentava ao norte de Cota, tinha ao nascente Cândia e estendia-se até ao reino de Jafanapatão. Teòricamente era sujeito a Cota, mas tinha poder bastante para na prática gozar de muita independência. Fr. Duarte Chanoca e fr. Francisco do Oriente em 1585, segundo a *Tábua* desse ano, ficaram de moradores na reitoria de Manar, e seria por então o apostolado de que resultou o baptismo dos reis de Sete Corlas e Vilacem ou Welassa.

que vive em uma província muito interior da mesma ilha de Ceilão, e converteram à Fé e deram o santo baptismo à rainha deles e lhe puseram o nome de Dona Catarina, os quais viveram sempre sujeitos ao ensino dos Frades Menores na cristandade de Mantota (4).

O P. fr. Manuel dos Santos, que foi Guardião e Comissário desta mesma ilha de Ceilão, sendo presidente do nosso convento de Columbo baptizou em os 23 de Julho, dia da gloriosa Santa Ana, do ano de 1594, a D. António, rei das Sete Corlas, e a um sobrinho seu de idade de quatorze anos que houve por nome D. Francisco, e foi padrinho de ambos Pedro Homem Pereira, capitão da mesma fortaleza de Columbo. O mesmo P. fr. Manuel dos Santos ao primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, baptizou a D. Filipe, rei de Ceitavaca, de idade de onze ou doze anos, o qual estava já alevantado e obedecido por rei do dito reino, e foi seu padrinho D. João Párea Pandar, rei de Cota; e no mesmo dia baptizou a rainha de Ceitavaca, tia deste D. Filipe, mulher já de idade e que governava por ele, e foi chamada Dona Catarina, e foi seu padrinho o capitão Pedro Homem Pereira e madrinha a rainha Dona Catarina, mulher de el-rei D. João Párea Pandar.

E a oito de Dezembro, dia em que a Igreja celebra a festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, do mesmo ano de 1594, baptizou o mesmo padre a mulher que foi do modeliar grande Brique e Naginge, governador dos reinos de Ceitavaca e de Cota por el-rei D. João Párea Pandar, senhor deles, e houve por nome Dona Maria, e a um filho seu e do mesmo modeliar e se chamou D. Filipe, e uma filha dos mesmos, de idade de dois meses, a quem puseram por nome Dona Catarina, e ao pai desta Dona Maria e foi chamado Pedro Homem Pereira por ser seu padrinho o capitão de Columbo que assim se chamava, e a mulher deste mesmo Pedro Homem, que era mãe do já dito Modeliar Grande, que houve por nome Dona Ana. Estes baptismos todos que fez o dito P. fr. Manuel dos Santos, estão assentados no livro dos baptismos da nossa igreja de Santo António de Columbo (5).

No ano de 1556 baptizaram os nossos religiosos mais de setenta mil almas de uma nação que chamam dos Careás, que vivem nos portos do mar de Ceilão. E o primeiro que recebeu o santo baptismo foi o

---

(4) O reino dos Beras também foi denominado dos Biraz. A *Apologia*, escrita em 1602-1603, diz sobre o assunto: «Não escapou a seu [de fr. Duarte Chanoca e fr. Francisco do Oriente] fervor da conversão dos infiéis, de que em toda a parte do mundo são por Deus dotados os Frades Menores, o reino de Berhas, gente agreste e bárbara que vive em uma província mui interior, incomunicável, da dita ilha de Ceilão, pois dela trouxeram ao grémio da igreja a Rainha deles, chamada D. Catarina, e a seus filhos, chamados D. Manuel e D. Francisca que ainda hoje vive na cristandade e povoação de Mantota, da jurisdição dos Frades Menores» (*ib.* ff. 4v-5r).

(5) Morto o Raju, rei de Ceitavaca, que se assenhoreara dos reinos de Cândia e de Cota exceptuada apenas a fortaleza de Columbo, começou a reconquista do antigo reino de Cota, e foi por então que se fizeram estes baptismos que também Soledade recorda (*Historia Serafica*, 3, 552).

751 seu capitão que chamam // Patangati, que é como rei deles. Desta notável conversão temos notícia por uma carta de el-rei D. João III de Portugal, que escreveu ao nosso Custódio fr. Francisco de Chaves, a qual originalmente se guarda no cartório deste convento de S. Francisco de Goa, que diz assim:

«Fr. Francisco de Chaves, Eu El-Rei vos envio muito saudar. Vi a carta que me escrevestes, e folguei de ver a boa informação que nela me dais de Afonso Pereira de Lacerda que o Vizo-Rei mandou (que era D. Pedro) por capitão de Ceilão, o qual vos parece que é Nosso Senhor servido de favorecer no que faz, por sua boa tenção e consciência, de que recebi prazer. E assim folguei de ver a informação que me dais de como Nosso Senhor foi servido de alumiar, por meio dos Religiosos da vossa Ordem, aquela nação dos careás que dizeis vivem nos portos do mar de Ceilão, e se diz ser passante de setenta mil almas, cujo capitão que se chama Patangati (que é como rei deles) os acompanhou. E dou por isso muitos louvores a Nosso Senhor, e vos encomendo muito que, quanto em vós for, trabalheis por não faltarem os meios necessários para se poder conseguir o fim que se deve esperar de tal princípio, segundo os sinais que me escreveis que naquela gente se mostram de sua conversão ser verdadeira. E assim folguei de saber o fruito que se faz na cristandade da gente de Baçaim e no Colégio dos meninos, sobre o qual escrevo ao Governador e ao capitão de Cochim, como vos parece que devia fazer. António d'Aguiar a fez, em Lisboa, em 20 dias de Março de 1557 (6)».

---

(6) Fr. Francisco de Chaves foi Custódio na Índia desde 1554 a 1557. A carta do rei para ele foi também publicada por Queirós (*Conquista Espiritual*, 261-262), e pelo texto dela se vê que são interpolações explicativas as duas frases que se puseram entre parêntese.

COMO OS RELIGIOSOS DA NOSSA ORDEM ENTRARAM NO REINO DE CÂNDIA DA ILHA DE CEILÃO, E DOS REIS QUE NELE CONVERTERAM E BAPTIZARAM

CAPÍTULO 12

É o reino de Cândia, como acima dissemos, um dos que há em Ceilão, e o mais metido no sertão de todos os outros. E fica quase no coração da ilha, cercado todo de grandes serranias e mui ásperas, e assim o é por extremo o caminho por onde se vai a ele. E assim, por isso como por a gente ser belicosa e ter onde se pode recolher dos inimigos, tem dado aos nossos portugueses bem de trabalho a sua // **752** conquista, custando ele só mais que todos os outros, de que são boas testemunhas Pedro Lopes de Sousa e Constantino de Sá que, sendo Gerais desta conquista de Ceilão, ambos na entrada deste reino foram mortos e seus exércitos desbaratados. Pois aos nossos Religiosos que nele pregaram o Evangelho não tem custado menos, pois, como adiante veremos, foram não poucos os que neste reino derramaram o sangue e perderam a vidas pelo serviço de Deus e de Sua Majestade e salvação das almas (1).

---

(1) Como já se advertiu, a documentação publicada e conhecida e as fontes literárias portuguesas não chegam para precisar a série e datas dos reis do Oriente Português. Dos reis de Cândia desde 1540 a 1640 se dá a seguinte lista não em absoluto garantida:

? -1564? Javira Bandar ou Javira Astana ou Vira Vikrana, que se baptizou com o nome de D. Manuel em 1545, mas não perseverou na cristandade.

1564?-1582 Maha Astana ou Mhestana (ou Javira Bandar II?) (Couto *Década VI*, l. 8, c. 4, pg. 154 chama-lhe Caralea Bandar). Foi baptizado com o nome de D. João e parece que perseverou na cristandade.

1582-1591 Raju ou Raja Singa, que era rei de Ceitavaca, conquistou o reino de Cândia e intitulou-se imperador de Ceilão.

1591 D. Filipe, sobrinho de Maha Astana e seu sucessor legal, recuperou o poder, mas em breves dias morreu envenenado.

1591-1604 D. João que fora o modeliar Vige Sundra e à morte de

Os primeiros que neste reino entraram, foram o P. fr. Pascoal, Comissário, e fr. Gonçalo seu companheiro, no ano de 1547, os quais foram bem recebidos do rei que se chamava Javira Pandar, e os favoreceu em tudo, e lhes deu um grande chão e tudo o que haviam mister para fazer uma igreja, que eles logo fundaram, da vocação de Nossa Senhora da Conceição. Aqui estiveram algum tempo, pregando a todos livremente a fé. E converteram muitos e ao próprio rei, ainda que não chegou a receber a água do santo baptismo, por conselho de Madune, rei de Ceitavaca, seu primo co-irmão, filho de um irmão de seu pai, nosso capital inimigo; o qual lhe mandou dizer que, se se fazia cristão, os seus se haviam de levantar contra ele e o haviam de matar. E com esta resolução do rei, fez por então termos e não foi por diante aquela cristandade que até então com o seu muito favor florescia (²).

Porém no ano de 1562 tornou este rei a mandar pedir ao vizo-rei D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, nossos religiosos, dizendo por seus embaixadores que se queria fazer cristão. Foram-lhe enviados o P. fr. João Calvo e fr. Pedro da Madalena, religiosos de muita virtude e zelo das almas, os quais, chegando a Manar, avisaram ao rei da sua vinda àquela ilha; e ele lhes mandou logo muitos cules de serviço e quinhentos patacões para seus gastos, os quais se entregaram a um Bernar-

---

D. Filipe se levantou com o reino, apossou-se em 1594 de D. Catarina filha do rei Maha Astana e com ela casou, *legalizando-se* assim como rei aos olhos do seu povo.

1604-1629 Enarath Bandar, irmão de D. João e deixado por governador na menoridade de seu filho Astana Bandar, apoderou-se da coroa.

1629- Raja Singa Raju que era o filho mais novo do antecessor e se chamara Maha Astana Adacim.

(²) Documentação publicada por Schurhammer em *Ceylon*, passim, dá em esboço a história da catequese cristã em Ceilão até 1552, corrigindo o que aqui vai no texto e o que referem outros historiadores como Couto e Queirós.

O rei de Cota Bonegabago, arreceado de que os Portugueses viessem sobre o seu reino por motivo da morte de Jugo e perseguição aos dois príncepes cristãos fugidos para Goa, conluiou-se com Madune rei de Ceitavaca para entrarem em Cândia e aí fortificados resistirem à invasão portuguesa. Sabedor do projecto, o rei de Cândia logo pensou em socorrer-se dos Portugueses, e já em 18 de Dezembro de 1545 chegava a Goa pedido seu de socorro com promessa de se fazer cristão. O governador D. João de Castro, na eminência do ataque dos rumes, não pôde acudir com sua pessoa nem por seu filho D. Álvaro como lhe era pedido, mas mandou ajuda de 40 arcabuzeiros e fr. António Padrão com fr. Simão de Coimbra para a catequese e o baptismo.

Quando o socorro e os frades chegaram a Cândia em 25 de Abril de 1546, já o rei a escondidas se fizera baptizar. André de Sousa que andou nestes negócios, conta assim a D. João de Castro em carta de 27 de Maio desse ano: «lh'escrevy eu de Gale, que se fizesse cristão, porque os Portugueses areceavão d'ir laa com medo, que se os lá colhese, que se não faria cristão, nem os deixaria tornar, e quomo soubesem, que ele hera cristão, que me deixaryão, e folgaryão de me segir» (*Ceylon*, 355). Assim persuadido, o rei logo enviara pedido a Colombo e o guardião da missão de Ceilão, fr. João de Vila do Conde, lhe mandara fr. Francisco de Monteprandone com pelo menos outro

dino d'Affonseca que hoje é vigário prior da sé matriz Nossa Senhora da Assunção da cidade de Columbo e ia por síndico dos ditos padres e por sua língua, por a saber falar mui bem. E fazendo todos três seu caminho por terra, chegaram perto de Cândia junto do rio, onde os mandou El-Rei visitar, e outros quinhentos patacões. Ao outro dia chegaram à cidade real, onde foram mui bem agasalhados do rei, que lhes fez muitas honras e lhes tornou a mandar outros quinhentos patacões, os quais todos se depositaram na mão do sobredito síndico, com tenção de se gastarem na igreja que cuidavam fazer, baptizando-se o rei como tinha prometido. E depois que descansaram do caminho, foram visitar El-Rei e lhe deram as cartas do Vizo-Rei e com elas um presente de dois mil patacões que lhe // mandava. **753**

E como o principal negócio a que iam era a sua conversão, começaram logo a tratar dela, dizendo-lhe que o Vizo-Rei os mandava aí para lhe ensinarem a lei do verdadeiro Deus e lhe darem o santo baptismo, a ele e a todo o seu reino. O Rei, que estava já outra vez mudado, não lhes deferiu a isso, mas com palavras gerais os foi detendo. Não cessaram os religiosos de lhe propor a palavra de Deus declarando-lhe a importância da fé e do baptismo para a salvação da alma. E ainda tiveram com ele sobre isso muitas disputas, sem jamais

---

companheiro que Madune prendeu, e fr. Francisco baptizara o rei em 9 de Março com o nome de D. Manuel. Com o baptismo, o povo desassossegou-se, e começou a correr que Madune e Bonegabago iam ali aparecer em guerra. E fr. Simão em Junho veio ao Governador com cartas mais instantes do rei e do príncipe seu filho. Depois fr. João de Vila do Conde interveio, e em Abril de 1547 organizou-se expedição chefiada por A. Moniz Barreto, e nela também o frade seguiu cheio de esperanças de que todo o reino se ia converter. A expedição subiu de Batecalou a Cândia, e como o rei já estava mudado por pressão de Bonegabago, tudo por então se frustrou, e a coluna desceu para Cota numa caminhada difícil entre serranias e gente hostil. Fr. João de Vila do Conde, descorçoado mais não pensou que em reembarcar-se para Portugal.

Entretanto os Franciscanos já se haviam fixado em Cândia e o rei dera-lhes grande chão e «todo o necessario pera fazerem huma igreja e casas em que se agazalhassem» (Couto, *Década VI*, l. 4, c. 7, pp. 322-323) ou, como diz fr. Simão de Coimbra, mandara que lhe dessem pagode para dele fazerem igreja (*Ceylon*, 422). Quando em 1547 a expedição de A. Moniz Barreto se furtara ao ataque descendo para Columbo, «suspeitando que seria (por aviso) dos Frades, os mandou logo prender» (Couto, *ib.* 332); mas, depois, por intercessão do filho os mandou soltar (Couto, *Década VI*, l. 8, c. 4, pg. 154). Aí trabalhou por então fr. Pascoal a quem o príncipe se afeiçoara «de maneira que não lhe faltava mais que receber a água do santo baptismo» (*ib.*). Por 1550 ou ainda antes, o rei indispôs-se com o filho que «querendo fugir à sua ira, tomou comsigo os Frades, e se foi pera huma serra do Reyno de Huva e com muita gente que o seguio, fazia dalli guerra ao pai» (*ib.*). Os frades avisaram o Governador que enviou armada com socorro nos princípios de 1551. O rei de Cândia apressou-se a pedir frades, pois os outros andavam com o filho, com quem queria reconciliar-se. Foram-lhe enviados fr. António Padrão e fr. Gonçalo que se aposentaram «na mesma ermida que os prireiros fizeram, que estava ainda de pé» (*ib.* 167-168, e *Ceylon*, 562). Dali a pouco era destroçado pelo rei de Cândia o exército português que lhe entrara no reino (Couto, *Década VI*, l. 8, c. 7, pp. 169ss).

o poderem mover a receber o santo baptismo. Porque de ordinário, como estes reis gentios não mandem pedir religiosos ao Vizo-Rei para pregarem em os seus reinos e lhes darem o santo baptismo, senão movidos de algum interesse e respeito humano, tanto que este cessa, cessa também neles a vontade que mostravam de se quererem fazer cristãos.

Vendo os dois servos de Deus que perdiam o tempo com ele, depois de três meses se deterem em buscar todos os meios para a conversão daquele rei, lhe pediram licença para se tornarem para Goa a darem razão de si ao Vizo-Rei que os mandou. E parecendo ao rei que tomaria o Vizo-Rei a mal a sua inconstância, trabalhou muito com eles pelos deter em a sua corte, e lhes mandou dar outros quinhentos patacões, fazendo-lhes grandes oferecimentos. E eles que tinham vindo àquele reino não a buscar dinheiro mas almas, lhe mandaram enjeitar não só os quinhentos que então lhes dava mas os mil que lhes tinha dado, resistindo muito a isso El-Rei, dizendo que aquilo era afronta que lhe faziam, pois lhe enjeitavam o que ele com tanto amor lhes tinha dado. Ao que com boas palavras satisfizeram, dizendo que a sua Regra e profissão lhes tolhia aceitar dinheiro; e assim, se aceitaram aquele que Sua Alteza lhes dera, fora a fim de fundar a igreja que pretendiam ter naquela cidade, parecendo-lhes queria ele ser cristão, como tinha dito. Mas, pois Sua Alteza estava em o não ser, nem eles tinham para que ter ali casas nem para aceitar o seu dinheiro. Ficou El-Rei maravilhado de ver aquele desprezo de dinheiro, entre eles não acostumado, falando com os seus grandes, disse: «E há homens no mundo que enjeitem dinheiro e o não queiram receber? E dando-lhes licença para se irem, eles se despediram e se tornaram para Goa assás descontentes de não poderem plantar naquele reino a fé de Cristo [3].

Mas ainda que eles não viram o fruito de seu trabalho e o fim destes seus acesos desejos, foi Deus servido que outros o vissem, porque,
754 // não desistindo os nossos Religiosos desta mesma empresa, tornaram lá outra vez e pregaram a Fé e fizeram muito fruito nas almas, convertendo muitos daqueles infiéis, fundando a igreja na mesma cidade real de Palnagure, onde acudiam os cristãos a ouvir missa e receber os divi-

---

[3] Nas *Décadas* não ficaram clarezas sobre a continuação da guerra do rei de Cândia com o filho nem de como correram por então os trabalhos da catequisação em Cândia. Queirós também nada esclarece; e o mesmo se diga da documentação que anda publicada. Desta sorte não é possível algo acrescentar ao que vai no texto sobre a missão de fr. João Calvo e fr. Pedro da Madalena em 1562. O autor parece que transcreve documento mais antigo, pois faz intervir no episódio «um Bernardino d'Afonseca que hoje é vigário prior da sé matriz». *Hoje* não é com certeza o tempo em que fr. Paulo escrevia, mas o tempo do documento ou trecho que transcreve. Segundo Queirós (*Conquista*, 252-253) fr. João Calvo teria sido morto por Tribuli em 1555 com fr. António Padrão e outros frades. A notícia quanto a fr. António Padrão está errada , como acima ficou dito; e o mesmo será no que respeita a fr. João Calvo.

nos sacramentos, e até o próprio rei, não já o Javira Pandar, mas um filho seu chamado Maastana, o qual foi baptizado pelo P. fr. Pascoal de quem acima fizemos menção [4]. Para o que se há-de saber que Javira Pandará foi casado com duas mulheres, Gampale Biu Pandará e Astana Biu Pandará, e de cada uma teve o seu filho. O de Gampale Biu Pandará chamou-se como o pai Javira Pandará, e o de Astana tomou o nome da mãe e chamou-se Maastana, que quer dizer o grande Astana; este era o mais velho. Cada uma destas mães pretendia que o seu filho ficasse com o reino, o que vendo o pai, que favorecia o mais moço, se bandeou para a parte de Madune rei de Ceitavaca, como pelo contrário o Maastana se encostou ao rei de Cota Bonegabago nosso amigo. E correndo em suas pretenções, o Maastana foi grangeando a gente principal do reino.

E como a teve segura de lhe serem fiéis, amigou-se com o pai e com o irmão, e saindo um dia todos juntos fora da cidade de Palnagure onde estava a corte, no passar de uma ponte de rota que naquele tempo estava sobre o rio de Ganur, deixou passar o pai primeiro; e tanto que o viu da outra banda, com muita pressa mandou cortar a ponte pelos que já para isso levava e tocar os tabalinhos [5] em som de guerra. E como lhe acudissem os do seu bando, que eram os principais araches e modeliares, viu-se o Javira em tal aperto que se acolheu para o Madune e de lá fez quanta guerra pôde ao filho, o qual como tinha o favor de el-rei de Cota e pelo conseguinte dos Portugueses, sempre se defendeu dele. E como lhe ficasse nas mãos o irmão com quem trazia a competência sobre quem seria rei, daí a poucos dias o mandou matar. E por melhor se assegurar no reino, mandou pedir socorro ao rei de Cota, o qual lhe mandou trezentos portugueses, que lhos levou Pedro da Silva; e porque se havia de vir para a Índia, deixou em seu lugar a António Feio, homem de grande prudência, esforço e governo. Com estes portugueses foi juntamente o sobredito P. fr. Pascoal, o qual pregou ao rei a verdade de nossa santa Fé, e tanto trabalhou que o converteu a ele e o baptizou e alguns grandes do seu reino e muita gente // popular, e fundou uma igreja da mesma vocação da **755**
Conceição na mesma cidade real de Palnagure onde o rei Maastana residia, a qual igreja tornou depois a edificar o P. fr. Francisco do Oriente quando lá foi com Pedro Lopes de Sousa, pola achar toda desfeita.

Mas não lhe durou a este Maastana muitos anos o governo, porque logo se alevantou contra ele Raju, filho de Madune, o qual,

---

(4) Quando foi baptizado Maastana, não consta. Couto diz que em 1565, ao entrar pelas terras de Raju, a pedido dos portugueses, para aliviar o cerco de Cota, já era cristão (*Década VIII*, c. 3, pp. 28-29). O trabalhoso aposlado de fr. Pascoal em Cândia mereceu ser lembrado por D. João Párea Pandar na *Certidão* que acima vai transcrita no cap. 10.

(5) *Tabalinhos:* o mesmo que timbales, tambor oriental ou tamboril.

desenganado de por armas não poder tomar aquele reino por a defensão que tinha nos Portugueses, tentou havê-lo às mãos por alguma traição dos naturais. E concertando-se com Vira Sundra, modeliar, pai do tirano D. João que depois foi rei de Cândia, como adiante veremos, tais partidos lhe fez que lhe deu entrada pelas costas donde os nossos portugueses pelejavam nas serras de Balana. O que vendo o Maastana, chamou os portugueses que já neste tempo não eram mais que cento e cinquenta, e António Feio que os governava, e se foi com eles recolhendo pelas terras dos Beras, e se meteu em Trinquinamalé onde o P. fr. André de Sousa o veio acompanhar na companhia de D. Luís Coutinho a quem D. Diogo de Meneses mandara em socorro de Cândia ([6]). E aí em Trinquinamalé morreu de bexigas o rei Maastana e seus filhos e mulheres, ficando sòmente a rainha que casou depois com D. João Rei de Cândia, que seria de um ano, e a mãe de D. Filipe rei que morreu em Cândia, que era enteada do rei e sua prima segunda ([7]).

([6]) Dos progressos que possa ter havido na cristianização de Cândia durante o reinado de Maastana ou D. João (1564?-1582), mais nada consta além do que aqui se insinua.

([7]) À morte de Maastana em 1582 ficou como herdeiro o sobrinho Iama Singa Bandar que depois se chamou D. Filipe, mas Raju de Ceitavaca ficou com o reino de Cândia até 1591. E durante todo esse tempo o reino esteve por completo fechado à catequese cristã.

COMO D. FILIPE FOI ALEVANTADO POR REI DE CÂNDIA, O QUAL FORA CONVERTIDO À NOSSA FÉ PELOS NOSSOS RELIGIOSOS E BAPTIZADO NO NOSSO CONVENTO DE S. FRANCISCO DE GOA

CAPÍTULO 13

Dezassete anos [1] esteve o cruel e ímpio Raju de posse do reino de Cândia, o qual aspirava a ser imperador e absoluto senhor de todos os reinos de Ceilão. Mas como os maus nunca deixam de receber // 756
a paga justa de suas maldades, veio ele a perder o reino com grande mágoa do seu coração. E o caso foi que, cansado já do grande trabalho das guerras passadas e grandes despesas que tinha feito, desbaratado já da gente que tinha, por ser infinita a que nos cercos passados lhe morrera, e vendo-se já sem aqueles capitães que o descansavam nas coisas que intentava, se recolheu ao seu reino de Ceitavaca e cessou, por mais não poder, de seus propósitos. Até que em tempo de Simão de Brito de Castro, sendo governador do Estado da Índia Manuel de Sousa Coutinho, estando ele bem descuidado de cuidar que a fortuna que até então o favorecera e alevantara àquele estado, o queria derribar dele, arrematando contas com ele um D. Francisco Visugo, modeliar, neto de Gampale Pandar, aventurando-se ou a ganhar aquele reino ou a perder a vida, entrou no [reino] de Uva que é sujeito a este de Cândia,

---

(1) Com certeza está errado o número dos anos que Raju reinou em Cândia, porquanto foi em 1582 que se apoderou daquele reino (veja-se Queirós *Conquista*, 356) e já em 1590 ou 1591 nele entrou D. Filipe. Acompanharam a D. Filipe alguns portugueses por mandado de João de Melo Sampaio, capitão de Manar, e ainda por seu mando seguiu depois a ajudá-lo seu sobrinho Fernão Melo de Sampaio. Ora quando em Outubro de 1591 André Furtado de Mendonça caiu sobre Jafanapatão, já era capitão de Manar Nuno Fernandes de Ataíde, e já também por esse tempo descia de Cândia Fernão Melo de Sampaio (veja-se Queirós *Conquista*, 356, 361, 364-365, muito de aceitar no que conta destes tempos, pois se serviu de manuscrito do bem informado Bento da Silva).

disfarçado, e induziu ao povo por meio de um aio seu a se alevantar contra o Raju. E como a gente seja naturalmente amiga de novidade e este tirano pelas suas muitas crueldades fosse aborrecido dos seus, bastou pouco para se levantarem contra ele, alevantando por seu rei ao dito modeliar D. Francisco, o qual foi senhor absoluto daquele reino de Cândia por tempo de seis meses, até que o mandou oferecer a D. Filipe que tinha então chegado de Goa a Manar, assim por ser ele a quem aquele reino de direito convinha, como também porque tinha o favor dos Portugueses

Era este D. Filipe parente muito chegado de el-rei de Cota por parte de seu pai e da mãe Dona Maria Jaxadra Biu Pandará, primo segundo e enteado de el-rei Maastana. A este príncipe criaram os nossos religiosos e converteram à Fé, e vendo que era o legítimo herdeiro daquele reino de Cândia e que era aquela ocasião boa de poder entrar nele, lhe aconselharam que se viesse para Goa apresentar-se ao vizo-rei D. Duarte de Meneses que ainda então era vivo e governava a India, e lhe pedisse socorro para poder tomar posse daquele reino, pois de direito lhe pertencia, e para mais o obrigar lhe dissesse que lhe fizesse mercê de querer ser seu padrinho, porque ainda até então não estava baptizado, e que se faria vassalo de el-rei de Portugal. Com este pressuposto se veio a Goa acompanhado dos mesmos padres, e foi com honras e mercês acompanhado e agasalhado do Vizo-Rei que levava muito contentamento de lhe conceder quanto lhe pedia. Aposentou-se neste convento de S. Francisco de Goa e nele foi baptizado pelo arcebispo Dr. fr. Vicente, sendo seu padrinho o Vizo-Rei e assistindo o P. fr. Gaspar de Lisboa, Custódio desta Custódia, e lhe foi posto nome D. Filipe. Baptizou-se juntamente com ele um filho seu
757 legítimo e lhe puseram // nome D. João, príncipe herdeiro de seus reinos do qual logo trataremos, o que tudo sucedeu pelos anos de 1588 pouco mais ou menos (2). De Goa se passou para Manar com grandes favores do Vizo-Rei e ordem ao capitão daquela fortaleza que então era João de Melo Sampaio, para o meter em Cândia.

Estando aqui, lhe aconselharam os nossos frades que, pois por ordem de el-rei de Portugal havia tomar posse daquele reino, fizesse doação dele com seu filho D. João, que já era jurado por príncipe, a Sua Majestade D. Filipe I de Portugal não tendo filhos ele nem seu filho D. João, o que ele assim fez, nomeando-o por seu herdeiro, de que aí se fez público instrumento, estando presente o já nomeado João de Melo de Sampaio e três religiosos nossos, a saber, o guardião que era fr. Bartolomeu de S. Sebastião, fr. Rodrigo das Chagas e fr. Pedro

---

(2) O baptismo de D. Filipe e de seu filho D. João, a ter sido ministrado pelo arcebispo de Goa D. fr. Vicente da Fonseca, foi antes de 1587, pois no princípio desse ano o arcebispo se embarcou para Portugal (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 3 (Parte II), 1014).

Drago, os quais todos se assinaram nele [3]. Neste tempo lhe chegou recado de Cândia de D. Francisco Visugo modeliar que, como dissemos, havia seis meses estava de posse daquele reino, para o meter de posse. O que vendo o capitão de Manar João de Melo de Sampaio, mandou ao dito D. Filipe a Cândia acompanhado de António de Magalhães, filho do escrivão da Câmara de Lisboa, e trinta soldados portugueses e Miguel Fernandes, modeliar, com duzentos lascarins, sendo ainda inverno e estando os presídios de Raju por todas as corlas e faldas de Cândia, onde foi pacìficamente recebido e eleito por rei por todos os naturais daquele reino.

Chegaram estas novas ao Raju em Ceitavaca, onde residia, que foram para ele de grandíssimo sentimento por ver que aquele reino que tanto lhe custara sujeitá-lo a sua coroa, lhe tirara das mãos um só homem sem custo algum mais que temeràriamente arriscar a vida. E posto que sabia que já neste tempo tinha D. Filipe em sua companhia a João de Melo com trezentos portugueses, contudo, confiado na fortuna que sempre o favoreceu em suas pretensões, se resolveu a tornar a Cândia e combatê-la com todas as suas forças. E deixando bem provido o seu reino de Ceitavaca e todas as suas tranqueiras com muita gente e munições, em especial a Grande e a de Gurubabele que está avante de Malvana, e a tranqueirinha pequena que é a chave e porta principal de Ceitavaca, onde pôs uma guarda de gente a mais valorosa e de maior confiança que ele pôde ajuntar, se pôs ao caminho com grande pressa. Mas não foi a sua tanta que não fosse muito maior a com que o capitão de Ceilão Simão de Brito, tanto que soube de sua ida para Cândia, se abalou com toda a gente de Columbo // que não 758
eram [menos de] trezentos portugueses e seiscentos lascarins, para a tranqueira grande que, posto que estava com dois mil homens escolhidos e dois príncipes, três ou quatro modeliares e quinze ou vinte araches, não se pôde defender da fúria dos nossos, que a entraram com morte de muitos inimigos e de um dos príncipes e de alguns modeliares e araches.

Foi esta nova ao Raju a quem os grandes do seu reino lhe fizeram grandes requerimentos que tornasse a ele, se o não queria ver perdido como estava a tranqueira grande. Obrigado da necessidade, deixou Raju a empresa de Cândia e se tornou para Ceitavaca. E nesta volta que fez, vindo já entre Ruanela e Ceitavaca, a uma paragem em que lhe foi forçado deter-se debaixo de uma árvore, estando passeando se lhe meteu um mui grosso estrepe pela alma do pé, de que veio depois a morrer, porque receando-se os seus dele pela perda da tranqueira, ne-

---

(3) Não conheço o instrumento de doação ou qualquer cópia dele. Dos Franciscanos que nele assinaram, fr. Bartolomeu de S. Sebastião em 1585, segundo a *Tábua* desse ano, ficou reitor de S. Tomé de Pare; fr. Rodrigo das Chagas tanto em 1585 como em 1595 ficou de morador no convento de S. António de Cochim (*Tábua de 1585* e *Tábua de 1595*, 184); fr. Pedro Drago em 1585 morava no oratório de Cananor e em 1595 foi para presidente da vigairaria de Negapatão (*Tábua de 1595*, 187). Queirós também refere esta doação (*Conquista*, 576).

gociaram-se de maneira que na primeira cura ou na segunda lhe encheram a ferida de peçonha com que em breves dias acabou os seus, tendo 63 anos de idade e 40 de rei absoluto de quase toda a ilha de Ceilão, sendo Pedro Homem Pereira capitão e Matias de Albuquerque vizo-rei da Índia (4). Com este mau sucesso de Raju, seu capital inimigo, resfolgou D. Filipe, e esses poucos de anos que viveu, esteve pacífico em Cândia até que veio a falecer nele e não sem suspeita de ser ajudado com peçonha (5).

Em todo este tempo, estiveram com este rei de Cândia D. Filipe os nossos religiosos, particularmente o P. fr. Duarte Chanoca e o P. fr. Francisco do Oriente, acompanhando-o a ele e fazendo grande cristandade naquele reino, convertendo muitos infiéis à nossa santa Fé, e aos já baptizados administrando os sacramentos (6). E porque a igreja da Conceição que aí tinha edificado o P. fr. Pascoal, como acima dissemos, por as guerras e tumultos passados estava danificada e arruinada, eles a tornaram a reedificar, e iam em grande crescimento as coisas da religião, o que tudo depois se acabou com a morte deste bom rei. Porque sendo lançado dele o príncipe D. João, seu filho e único herdeiro, como adiante veremos, se veio a apoderar daquele reino o tirano D. João que apostatou da nossa santa Fé e [foi] ainda perseguidor grande dela e do nome português, como se viu nos muitos que martirizou, de que adiante falaremos. Baptizaram também os nossos religiosos, neste reino de Cândia, a rainha dele, a quem puseram nome Dona Catarina e a muitos grandes e senhores de título e outros da casa e
759 sangue real //.

---

(4) Raju, segundo Queirós (*Conquista*, 381) morreu em 1593, com 59 anos de idade e 16 e 2 meses de reinado. O inquisidor Rui Sodrino de Mesquita, em carta datada de Goa a 2 de Dezembro de 1593, a ele se refere como a pessoa morta (Baião, *A Inquisição de Goa*, 2, 156).

(5) Queirós (*Conquista*, 361-362) diz que o reinado de D. Filipe acabou poucos dias depois da jornada nas várgeas de Ganietane, que parece ter sido logo em 1591, visto ainda por Cândia andar o capitão João de Melo.

(6) Fr. Duarte Chanoca em 1585, segundo a *Tábua* desse ano, ficou na reitoria da Madre de Deus de Manar; conforme diz o texto, em 1590 ou 1591 subiu a Cândia na companhia de D. Filipe, mas em Outubro já assistia em Manar onde era então guardião e acompanhava André Furtado de Mendonça no assalto a Jafanapatão (Queirós, *Conquista*, 364-365, 367). Seu nome já não conta na *Tábua de 1595*. Foi guardião em S. Tomé e Goa (Couto, *Década VII*, l. 10, c. 5, pg. 480). Sobre Fr. Francisco do Oriente veja-se acima Parte II, cap. 25. Em 1585 também ficou em Manar; com fr. Duarte andou por Cândia em 1591 (Queirós, *Conquista*, 362); e em Outubro desse ano era Comissário de Ceilão e acompanhou também André Furtado de Mendonça quando foi a Jafanapatão (Queirós, *ib.* 364-365, 367) e amparou o príncipe de Cândia D. João (vid. adiante cap. 14); em 1594 foi como visitador a Ceilão e acompanhou o capitão Geral Pedro Lopes de Sousa na incursão a Cândia (veja-se adiante cap. 19); e depois desenvolveu em Jafanapatão a actividade apostólica que vai descrita adiante nos cap. 37 e 38.

Soledade, como de costume, neste ponto também resume o que escreveu fr. Paulo da Trindade (*História Serafica*, 3, 542, 550, etc).

DOS DOIS PRÍNCIPES DE CEILÃO D. JOÃO E D. FILIPE, BAPTIZADOS E DOUTRINADOS PELOS NOSSOS FRADES NO COLÉGIO DOS REIS MAGOS

CAPÍTULO 14

Grande foi sempre o amor e cuidado com que os nossos religiosos trataram as tenras plantas que nesta ilha de Ceilão tinham plantadas, e os novos cristãos que em os seus reinos tinham feito, havendo-se em suas coisas com entranhas de grande caridade, trazendo-os (como faz a águia a seus filhos) sobre seus ombros, expondo o peito às setas dos inimigos, arriscando em muitas ocasiões as vidas em seu serviço e conservação desta cristandade, particularmente em o reino de Cândia, o qual por este respeito foi muitas vezes regado com o sangue dos professores desta Ordem, como adiante veremos, sendo este o ordinário fruito que de semelhantes missões tiramos neste Oriente. E vindo ao príncipe de Cândia D. João: Foi filho de D. Filipe, rei do mesmo reino, de quem no precedente capítulo temos tratado, o qual juntamente com ele foi baptizado neste convento de nosso Padre S. Francisco de Goa, donde em companhia de seu pai se foi a Manar e daí a Cândia, onde por os povos todos daquele reino foi levantado por príncipe, como fica dito. E por morte dele, no dia seguinte, foi o príncipe D. João alevantado e jurado por rei daquele reino, por ser filho legítimo e único herdeiro seu (1).

---

(1) Ao tratar do convento de Nossa Senhora da Porta do Céu em Telheiras junto a Lisboa, Soledade traça leve biografia do príncipe de Cândia D. João fundador do convento e de seu primo D. Filipe neto do Raju de Ceitavaca (*Historia Serafica*, 4, 609-613). Com os dados fornecidos por Soledade, Sousa Viterbo teceu o pequenino quadro *Princepe de Candia, rei de Ceilão* que é parte de artigo publicado sob o título *Relação de Portugal com alguns Potentados Africanos e Asiaticos* em «Archivo Historico Portuguez». 2 (1904) 458ss, e depois aproveitando outros documentos e entre eles o testamento do dito D. João, publicou na mesma revista (*ib.*, 3 (1905), 354-364, 441-459) o estudo *D. João, Princepe de Candia*. Segundo Soledade, D. João morreu em 1 de Abril de 1642 com 64 anos de idade. Nascido em 1578, quando à morte do pai em 1591 foi levantado rei, contava 13 anos de idade.

Mas vendo alguns grandes que lhe ia faltando o favor dos Portugueses, que foi o que tinha metido de posse daquele reino a D. Filipe seu pai, vendo-o morto e a seu filho menino se rebelaram contra ele, sendo cabeça desta conjuração e alevantamento um vassalo seu chamado D. João, o qual, lançando-o fora do reino, se fez jurar por rei e senhor absoluto dele, e foi depois grande inimigo do nome português, como depois veremos. Vendo-se o príncipe D. João excluído do reino, se saiu dele com sua avó a rainha velha, por salvar a vida que já tratavam de lhe tirar por lhe tirarem o reino, e se foi para Vaicota e daí às Corlas onde veio em sua busca Mateus Mendes de Vasconcelos por ordem do Geral daquela conquista Cosme de Lafetar, e o levou a Manar. E em todo este tempo e em todos estes trabalhos e perigos acompanharam sempre a este príncipe os nossos frades, particular-
760 mente o P. fr. // Francisco do Oriente que com amor de pai o criava e olhava por ele.

E na ocasião deste alevantamento se tirou a vida a muitos dos nossos Religiosos, porque, como adiante veremos, com Pedro Lopes foram mortos na sua retirada o P. fr. Simão da Luz e o P. fr. Manuel Pereira, os quais vieram com ele para o acompanharem e andarem no arraial confessando e esforçando os nossos soldados e pregando a lei de Deus e o seu santo Evangelho aos infiéis e outros, o P. fr. Lucas dos Santos que veio a Cândia por Comissário daquele reino com quatro companheiros para se ocuparem naquela cristandade e entraram em Cândia acompanhando a rainha daquele reino que Pedro Lopes tinha mandado buscar por Francisco da Silva castelhano casado em Columbo, dos quais quatro companheiros dois foram também mortos com ele e outros dois cativos e mal feridos e um com os narizes fora (2). De Manar foi levado o príncipe D. João a Columbo, e, posto no nosso colégio, onde esteve até vir àquelas partes o P. fr. Jerónimo do Espírito Santo, Custódio e Comissário Geral desta Custódia de S. Tomé, o qual achando-o aí e juntamente com ele a D. Filipe (3) neto do Raju, rei de Ceitavaca, a quem os portugueses tinham tomado em um recontro que tiveram com os inimigos e os nossos Religiosos tinham já baptizado e posto no mesmo colégio, lhe pareceu convinha, assim para segurança

---

(2) Adiante, cap. 18, mais desenvolvidamente se historia o aprisionamento e martírio destes religiosos franciscanos que em 1594 acompanharam a expedição do capitão geral Pedro Lopes de Sousa contra o alevantado D. João de Cândia.

(3) À morte de Raju rei de Ceitavaca em princípios de 1593, uma rainha velha fez proclamar rei seu neto Nica Pita Adacim; mas o capitão de Columbo Pedro Homem Pereira pôde derrotar as hostes de Ceitavaca, reconquistar o reino de Cota e anexar-lhe o de Ceitavaca para D. João Párea Pandar, e aprisionar o pequenino rei com a rainha sua avó que entregou em Columbo aos Franciscanos para os doutrinarem e baptizarem. E fr. Cristóvão da Madre de Deus aí baptizou o príncipe com o nome de D. Filipe (Queirós, *Conquista*, 381ss).

das coisas daquela ilha como para a criação deles, trazê-los a Goa como o fez, pondo-os no colégio dos Reis Magos de Bardês ([4]).

Neste colégio estiveram estes dois príncipes quinze anos, onde, além da doutrina cristã e bons costumes, aprenderam a ler e escrever e latim. E parecendo ao Conselho de Portugal que convinha tirá-los da Índia e mandá-los levar para o reino, foram em companhia de André Furtado que acabava de ser Governador da Índia e se ia aquele ano para Portugal, e do arcebispo D. Aleixo de Meneses que fazia então a mesma viagem, encarregados a dois religiosos nossos graves, indo já ambos ordenados de epístola, que assim vinha ordenado pelo mesmo Conselho de Portugal, onde chegaram a salvamento ([5]).

Foram recebidos em Lisboa com muita honra, vindo por eles ao cais o conde da Vidigueira D. Francisco da Gama que então era presidente do mesmo Conselho, pelo conhecimento que deles tinha na Índia, porque sendo ele Vizo-Rei da primeira vez, vieram eles de Ceilão. Desembarcados em terra, foram aposentados em o nosso convento de S. Francisco de Lisboa, onde o marquês de Castelo Rodrigo, D. Cristóvão de Moura, que neste tempo era Vizo-Rei em Portugal, os mandou visitar; e eles, depois de alguns dias, em companhia do mesmo conde da Vidigueira foram a palácio onde os recebeu o Vizo-Rei com muita honra em cadeiras de espaldas, com grande acmpanhamento. // E depois de lhes mostrar todas as grandezas daqueles paços reais, 761
o forte, os almazéns e todas as outras coisas, se tornaram para o mesmo convento de S. Francisco até que Sua Majestade foi sabedor de sua vinda, o qual por Conselho mandou que fossem acomodados em dois colégios reais de Coimbra, de S. Pedro e de S. Paulo, cada um em o seu, e com dois mil cruzados cada ano de tença para cada um, até acabarem seus estudos e os proverem com alguns bispados.

O príncipe D. Filipe, como tinha estudado o curso das Artes, aceitou a mercê que Sua Majestade lhe fez, e se foi para Coimbra e lá morreu, estando em o nosso convento de S. Francisco da Ponte, antes de ser recebido no colégio real de Sua Majestade. Porém o príncipe D. João, como não tinha ouvido Artes, não aceitou ir a Coimbra, mas

---

([4]) Fr. Jerónimo do Espírito Santo foi a residir em Ceilão, por mandado do vice-rei, em 1596 (veja-se carta do rei de Portugal de 12 de Fevereiro de 1595 e outra do mesmo ano, em *APO* 3, 702, 730ss). Seria portanto em 1596 ou ou 1597 o envio dos príncipes para o colégio dos Reis Magos de Bardês.

([5]) A vinda dos príncipes para Portugal foi de sua própria iniciativa, segundo se deduz de carta do rei para o vice-rei da Índia, de 18 de Janeiro de 1607 (*Livro das Monções*, 1, 106): «Dom Filipe de Ceitavaca e D. João de Candia me escreveram, pedindo licença para vir a este reino; e porque as rasões que ha para se lhe conceder ou negar vos serão mais presentes e ao arcebispo primaz, me pareceo ordernar-vos, como faço, que parecendo a vós e ao dito arcebispo que venham a este reino como pretendem, se lhes dê embarcação com toda a comodidade, como se deve à qualidade de suas pessoas». Como André Furtado de Mendonça se embarcou para Portugal na armada dos princípios de 1610 e o arcebispo D. fr. Aleixo na armada do ano seguinte, fica sem se poder precisar em qual dos anos vieram os príncipes para Portugal.

pediu a Sua Magestade lhe desse cómodo e estado com que pudesse viver em Lisboa conforme a qualidade de sua pessoa, ao que foi respondido com quatro mil cruzados de renda cada ano da fazenda real, pagos da Casa da Índia, dos direitos reais das naus que de cá vão, até vagar alguma coisa em que se pudessem pôr pensões ou alguns benefícios eclesiásticos, porquanto já neste tempo estava o príncipe D. João ordenado sacerdote (6). Mas como na Casa da Índia se lhe pagassem mal estes seus ordenados, mandou pedir licença a Sua Majestade para ir à corte, à sua real presença, a requerer o direito que tinha nos reinos de Cândia, Vilacem e Sete Corlas, que todos por herança de seu pai D. Filipe lhe pertenciam. E na corte foi recebido de Sua Majestade com muita honra e afabilidade, e nas suas reais mãos renunciou todo o direito que nos sobreditos reinos tinha, e Sua Majestade o fez grande de Espanha mandando-o cobrir e dar-lhe assento em o banco dos bispos, acrescentando-lhe na renda outros quatro mil cruzados cada ano (7); e com outras muitas mercês o tornou a mandar para Portugal onde ao presente, quando se isto escreve, vive com grande estado (8).

---

(6) Sousa Viterbo (*l. c.*, 362-363) publica o alvará datado de 26 de Novembro de 1611 pela qual el-rei D. Filipe II de Portugal concede ao príncipe D. João a tensa de 4.000 cruzados anuais por motivo de se ordenar.

(7) O mesmo Sousa Viterbo (*ib.*) publica o alvará datado de 11 de Fevereiro de 1626 pelo qual Filipe III de Portugal acrescenta a tensa do dito D. João com mais 4.000 cruzados anuais de pensões eclesiásticas.

(8) D. João morreu em 1 de Abril de 1642 como dizem e documentam Soledade e Sousa Viterbo, e está sepultado na igreja do convento que fundou em Telheiras. D. Filipe morrera muito antes em Coimbra onde fora para frequentar a universidade, e foi sepultado no convento de S. Francisco da dita cidade (veja-se Queirós, *Conquista*, 578-579).

COMO NO REINO DE CÂNDIA ASSISTE SEMPRE UM RELIGIOSO NOSSO POR REFÉNS DAS PAZES QUE ESTÃO JURADAS COM OS PORTUGUESES, E DA IGREJA E CRISTANDADE QUE NELE TEMOS

CAPÍTULO 15

Posto que a memória deste capítulo pareça ter seu lugar mais adiante // onde com o favor divino havemos tratar dos muitos servi- 762
ços que na ilha de Ceilão fazem a El-Rei nosso senhor os religiosos desta Ordem, contudo por ela pertencer ao reino de Cândia onde ainda estamos, nos pareceu mais conveniente para o fio desta história assentarmo-la aqui. Para o que se há-de saber que, desde que os Portugueses fizeram pazes com o rei de Cândia (que haverá mais de vinte anos), sempre em aquele reino assiste um frade nosso por reféns delas (1). Estas pazes se fizeram sendo Geral daquela conquista D. Jerónimo de Azevedo por meio de um religioso nosso chamado fr. Gaspar da Madalena, pessoa de muita autoridade e que havia anos cursava naquelas partes, fazendo muito fruito na conversão das almas. E foi Guardião e Comissário da ilha, e por ser mui conhecido de todos, assim naturais como portugueses, e de bom juízo e de muita indústria, o

---

(1) O texto e Queirós (*Conquista*, 500) falam de paz firmada pelo capitão geral de Ceilão D. Jerónimo de Azevedo com o rei de Cândia ao fim das avançadas militares de 1611. De tais pazes não informou D. Jerónimo a el-rei nas cartas que lhe escreveu a 18 de Novembro e 6 de Dezembro de 1611, como se vê da resposta de el-rei que anda publicada (*Livros das Monções*, 2, 308-309); pelo que, a terem sido feitas, como é crível dado o testemunho de fr. Paulo da Trindade, só o foram em 1612. Do dito tratado de paz mais se não conhece além do que aqui se diz sobre a assistência de um Franciscano reféns na corte de Cândia. cláusula esta que se repetiu nos tratados de paz firmados em 1617 e em 1633 (sobre estes tratados veja-se em J. F. Judice Biker, *Colecção de Tratados e Concertos de Pazes*, o «Contrato de pazes feitas entre ElRey de Candia e o de Portugal, pelo capitão geral da Conquista de Ceilão, D. Nuno Alvares Pereira, no anno de 1617» (*ib.* 1. 203-217) e «Contrato de pazes feito com ElRey de Candia Maastana, sendo viso-rey o conde de Linhares, feito em Goa, a 15 de Abril de 1633» (*ib.* 2, 38ss).

escolheu o dito Geral para o mandar por embaixador àquele reino, como o mandou duas vezes, a tratar sobre as pazes; e por meio da sua prudência se concluíram muito a gosto e crédito dos nossos portugueses (2).

E porque entre outras coisas que nas capitulações delas se assentaram, uma foi que haveria sempre reféns nossos em o dito reino, o rei que tinha muita notícia das partes de outro religioso nosso chamado fr. José de Nossa Senhora, pregador e grande servo de Deus, natural de Chaul, o mandou pedir ao Geral por reféns, assegurando-se com ele e havendo que não haveria falta de, por parte de Sua Majestade, se lhe guardar fidelidade na conformidade das pazes que estavam juradas, se tivesse consigo por reféns delas a este só religioso nosso. E era tão grande o respeito que lhe tinha, que lhe não sabia outro nome senão *Padre Santo;* e foi sempre tal a correspondência que teve a esta opinião que dele se tinha com a sua vida e exemplo, que mostrou bem não se fundar no ar o que a fama de sua virtude pregoava, como o mesmo rei o manifestava quando falava com os seus, aos quais encarecia muito e por muitas vezes a santidade que nele se enxergava. E quanto mais estimada foi a sua vida, tanto mais sentida foi a sua morte, havendo todos que se perdia nele um estremado obreiro daquela cristandade. E foi que, alevantando-se contra o rei alguns vassalos seus, descontentes de ter ele feito pazes com os Portugueses, sendo a cabeça destes rebeldes um arrenegado por nome António Barreto, o quiseram matar, dando com mão armada nos seus paços. E sem falta o mataram, segundo a fúria que levavam, se o rei que teve notícia deste alevantamento e união, com mulheres, filhos e seu tesouro se não acolhera para os matos. Mas vendo os alevantados que não
763 puderam matar o rei, // descarregaram a fúria toda no padre; e assim indo-o buscar onde ele estava, o mataram cruelmente às lançadas (3).

Sendo, porém, depois morto por os portugueses o arrenegado António Barreto e destruídos os outros conjurados, se tornou o rei para

---

(2) Fr. Gaspar da Madalena, em 1595, segundo a *Tábua* desse ano pg. 186, ficou de família no convento de Columbo. Como quem ia tratar as pazes, algumas vezes subiu a Cândia com fr. António de S. Tiago por 1603 para consolar os prisioneiros portugueses (Queirós, *Conquista*, 493). Em 1611 era guardião no convento de Columbo e Comissário de Ceilão e andou com o capitão geral D. Jerónimo de Azevedo no avanço sobre Cândia e duas vezes foi a tratar da paz (*ib.* 498-499, 500, 579). Também em 1617 andou nos preparativos da paz, e Judice Biker (*l. c.* 1, 213) transcreve a declaração em que o rei de Cândia a 10 de Agosto de 1617 aceita os apontamentos levados por fr. Gaspar e promete jurar a paz. Veja-se também adiante cap. 26.

(3) Fr. José de Nossa Senhora em 1595 era «corista diácono» no convento de S. António de Cochim (*Tábua de 1595*, 184). Segundo as *Descendencias dos Imperadores e Reys da Ilha de Ceylão* publicadas por Judice Biker (*Collecção de Tratados*, 1, 218-225) a morte do arrenegado António Barreto que se levantara com o reino de Uva, sucedeu em 1620; portanto o seu ataque a Cândia e morte de fr. José de Nossa Senhora seria por 1619 ou 1620. Queirós (*Conquista*, 579-580) sobre fr. José apenas repete o que diz fr. Paulo da Trindade.

a cidade, continuando com as pazes; e em lugar do P. fr. José foi mandado pelo Geral outro religioso nosso por reféns delas. E neste ministério sempre serviram os nossos frades, como foram os padres fr. Bernardo da Cruz, fr. Pedro dos Anjos, fr. Manuel de Elvas (4) e outros que sempre assistiram naquele reino, donde davam muitos e mui importantes avisos ao nosso Geral de coisas que eles lá alcançavam dos desenhos dos inimigos e muitas vezes com não pequeno risco de suas vidas.

E quando o capitão geral Constantino de Sá quis ir fazer a fortaleza de Trinquinamalé como Sua Majestade lhe ordenara, entendendo que se havia com isso alterar el-rei de Cândia, por ser coisa que ele muito receava e refusava, por que não fosse isso causa de rompimento de guerra, pediu ao P. fr. Eleutério de S. Tiago que tinha então acabado de ser Prelado e Comissário da ilha, quisesse ir assistir a Cândia para, com sua autoridade e prudência, aquietar e assegurar o rei por que não impedisse (como se receava) o fazer-se a fortaleza. E não se enganou nisto o Geral, porque chegando lá o padre, achando ao rei e a todos os seus tão alterados que se queriam ir para os matos, ele o assegurou e aquietou e fez com que se deixassem ficar na sua cidade, dando-lhes as razões que os nossos tinham para quererem fazer aquela fortaleza, com que os satisfez. E em todas as outras alterações que houve naquele reino enquanto se fazia a fortaleza, fez o mesmo, alegando-lhes muitos exemplos da fidelidade dos Portugueses, sendo com isso causa de se acabar a obra em paz, pretendendo o rei ir-lhe à mão muitas vezes.

E tinha tanta entrada com o rei, que teve lugar de tratar diante dele e dos grandes da sua corte, por algumas vezes, das coisas da nossa santa Fé, pregando-lhes a verdade dela e abominando as falsidades das seitas dos gentios, e os convencia de maneira que chegou uma vez a dizer o rei, falando com os seus: — «Um só português nos tapa a boca a todos, sem sabermos falar». E era tanta a confiança que dele tinha, que lhe ofereceu dois filhos para os baptizar, pedindo-lhe acabasse com o Geral lhe desse para eles as duas sobrinhas de Changali, que se tinha alevantado por rei do reino de Jafanapatão, o que não teve efeito por se ter que não convinha ao serviço de Sua

---

(4) Não é possível fazer a lista dos Franciscanos que estiveram em Cândia como reféns em cumprimento do tratado de paz; mas além dos que aqui vão referidos, outros ali estiveram tais como fr. Francisco Negrão (vid. adiante cap. 16).

F. Manuel de Elvas provàvelmente foi um dos Capuchos da Província da Piedade que em 1584 foram à Índia a fundar a Custódia de Malaca (veja-se adiante cap. 81). Esteve na missão de Jaoa em Bolamboão (adiante, cap. 99); foi de capelão numa armada ao Achém (adiante, cap. 100); em 1595 estava ao serviço da Custódia de S. Tomé e foi a fundar a reitoria de Tutucurim (*Tábua de 1595*); por 1620 vivia no convento de Nossa Senhora das Vitórias de Jafanapatão (Queirós, *Conquista*, 515); e dele não se sabe mais do que o que vai aqui no texto e Queirós repetiu (*ib.* 580). Sobre fr. Pedro dos Anjos, veja-se também adiante cap. 29, Queirós, (*ib.*, 588).

Majestade, pois podia por essa via inquietar aquele reino, com título de pertencer o direito dele a seus filhos por parte das mulheres. E finalmente, querendo-se o padre vir para Columbo como a obediência
764 lhe tinha mandado, sentiu o rei tanto a sua vinda que, // pondo de parte uma espada que sempre tinha na mão, veio a ele com os braços abertos e o abraçou mui apertadamente e assim esteve com ele por algum espaço diante dos seus grandes, que todos estavam espantados de lhe ver fazer aqueles estremos, por ser nele coisa mui desacostumada. E assim o despediu com as lágrimas nos olhos, contra sua vontade e dos grandes, porque todos queriam que estivesse ele sempre ali ([5]).

Com a vinda do P. fr. Eleutério foi necessário que ficasse em seu lugar naquele reino o P. fr. José de S. Francisco que ele tinha levado por companheiro. E, por saber bem a língua da terra, foi a sua ficada de muito efeito, por alguns avisos que deu ao Geral, importantes ao serviço de Sua Majestade. E enquanto aí esteve não deixou nunca de pregar aos naturais e ao próprio rei, como tinha feito em outra missão em que foi mandado pelos prelados da Ordem só a este efeito. Também este Religioso foi muito aceito a El-Rei e se pagava tanto dele que o tratava com muita afabilidade, e lhe entregou seus filhos para os criar e ensinar, e aprenderam com ele a ler, escrever, e a doutrina cristã. E porque melhor conste a verdade disto, porei aqui a cópia duma carta que este rei escreveu à Majestade de el-rei Filipe III quando sucedeu na coroa de Espanha, a qual diz assim:

«Estão tão remotas estas partes, que se me não pode imputar a descuido a tardança de fazer minha obrigação, como vassalo que sou de Vossa Majestade, pois este inverno soube da legítima sucessão de Vossa Majestade, nessas coroas do seu império, o qual Deus queira aumentar, acrescentando a Vossa Majestade a vida para o lograr por muitos anos em paz e tranquilidade de seus vassalos. Eu como um deles a peço, lembrando a Vossa Majestade assim mande a seus capitães a tenham comigo, visto os desejos que dela tenho dado depois que possuo esta coroa, não faltando em nada do serviço de Vossa Majestade e no que seus capitães me pedem. Tenho entregues meus filhos aos frades de S. Francisco para fazerem deles o que for do serviço de Deus e de Vossa Majestade, lembrando o muito que estes religiosos a Vossa Majestade merecem pelo terem servido nesta ilha

---

([5]) Fr. Eleutério de S. Tiago em 1595 era «corista subdiácono» no convento de estudos de Baçaim (*Tábua de 1595*, 185). Em 1605 foi com fr. João da Corda em missão ao reino de Bengala, daí passou a Arracão (veja-se adiante cap. 71-72) e depois ao Pegu (adiante, cap. 78). Queirós (*Conquista*, 569-570) também repete o que vai aqui no texto. A construção de fortalezas em Batecalou e Trinquinamalé era de há anos urgência sempre recomendada pelo rei (veja-se, por exemplo, carta de 20 de Fevereiro de 1616, em *Livro das Monções*, 3, 397, 399). Só o capitão geral D. Constantino de Sá de Meneses pôde empreender a construção, a partir de 1623. Mas mesmo então foi grande a reacção do rei de Cândia; e das guerras que daí vieram, resultou o desbarato e morte do dito Capitão Geral em 1630. Fr. Eleutério foi guardião de Columbo e Comissário em Ceilão em data que se não precisa (veja-se adiante cap. 28).

com muita satisfação assim dos reis antepassados de Vossa Majestade como dos meus, e em particular neste reino de Cândia, onde derramaram seu sangue por aumento de sua Fé e serviço de seu rei. E isto é o que pretendem e não ouro nem prata, nem são cobiçosos mais que de ganharem almas a seu Deus. E assim estes mais pobres sós deviam andar no ministério desta cristandade; ao menos para este reino de Vossa Majestade só eles peço e não quero outros, porque ainda que somos gentios e quão retirados, bem alcançamos que a virtude consiste no desprezo das coisas da terra e das riquezas deste mundo. Guarde Deus a Vossa Majestade por largos anos. Deste reino de Cândia e ilha de Ceilão, em 24 de Setembro de 1623. // Rei de Cândia. **765**

O original desta carta se guarda no cartório deste convento de S. Francisco de Goa. Aqui em Cândia temos uma igreja com título do Bom Jesus aonde acodem os cristãos que há naquela cidade, uns convertidos aí pelo padre que nela assiste e outros que de outras partes vêm àquele reino negociar suas coisas, e enquanto estão aí correm com aquela igreja.

DE UMA ENTRADA QUE FEZ NO REINO DE CÂNDIA O GERAL D. JERÓNIMO DE AZEVEDO E DO QUE NELA FEZ UM RELIGIOSO NOSSO, E DE OUTROS CASOS SEMELHANTES

CAPÍTULO 16

Antes de se fazerem as pazes que no capítulo passado dissemos entre el-rei de Cândia e os nossos portugueses, houve sempre entre eles cruel e contínua guerra. E sendo Geral desta conquista D. Jerónimo de Azevedo que depois foi vizo-rei da Índia, determinou cometer a mesma cidade de Cândia, que a juízo de muitos é uma das mais formosas que os negros têm cá na Índia, arruada ao nosso modo, com ruas tão largas que podem ir por elas três pessoas a par mui desafogadamente, onde reside o rei com a sua corte. Ajuntou o Geral para esta empresa, que era assás arriscada, toda a gente que pôde, que foram cinco mil lascarins, que são soldados chingalás, e setecentos portugueses com melhoria de duzentos mosquetes de pé e duzentos mil pelouros e muita pólvora. E iam nesta companhia dois religiosos nossos, o P. fr. Gaspar da Madalena e o P. fr. Manuel de S. José, como é costume naquela ilha e ainda em todas as partes da Índia, que nunca há armada nem arraial nosso em que se não achem religiosos da nossa Ordem para confessar os soldados e os animar para a peleja.

Partiram ao primeiro de Agosto do ano de 1611, e aos seis do mesmo mês chegaram à fortaleza de Balanê que é dos inimigos, a qual acharam despejada; e quase se deteve o Geral quinze dias, os quais todos gastou em a fortificar e lhe fazer uma couraça de madeira muito forte. E deixando nela por capitão a António da Costa Monteiro com duas companhias de soldados e duzentos homens naturais de Maturé, foi continuando seu caminho até chegar ao rio de Cândia, o qual acharam mui fortificado, porque da outra parte estava o poder todo de el-rei de Cândia com mais de duas mil e quinhentas espingardas afora muitos mosquetes, e a gente fortificada com mui fortes trincheiras, e a corrente do // rio mui impetuosa e de tanta água que dava

766

pelos peitos, semeado todo de calhaus que escorregavam, de sorte que se não podia fincar o pé senão com muito trabalho; e o pior era que todo estava cheio de uns espinhos que chamam do elefante, atados a modo de esteiras com uma pedra no meio que os levava ao fundo.

Tocando a trombeta de arremeter, o P. fr. Manuel de S. José arvorou a cruz que consigo trazia, junto do Capitão-Mor onde estava, a qual tanto que os soldados viram, prostrando-se por terra a adoraram, pedindo a Deus perdão de seus pecados e vitória contra os inimigos de seu santo Nome. E beijando-a com muita devoção, cometeram com muito esforço o rio, Porém acharam-no tão fortificado que se detiveram e não puderam ir mais avante. Os inimigos tanto que viram os nossos a entrar no rio, dispararam a sua espingardaria, que durou mais de meia hora, estando os nossos sem algum reparo com os peitos abertos aos pelouros ainda que foi Deus Nosso Senhor servido de os guardar, porque nenhum foi morto e poucos foram feridos. Contudo, vendo o P. fr. Gaspar da Madalena que estavam todos parados e que se afrouxara o primeiro calor de São-Tiago, se lançou primeiro no rio levando um crucifixo nas mãos, apelidando os soldados que seguissem a tão verdadeiro e valente capitão como era aquele Senhor que nas mãos levava, cujas palavras foram de tanta eficácia que cada qual dos capitães e soldados pretendia ser o primeiro que passasse à outra banda. E assim se lançaram todos ao rio, uns a pé e outros a nado com as espadas na boca, e com muito esforço o foram passando. Vendo os inimigos a determinação dos nossos, desampararam o lugar e se foram, não os querendo esperar; ainda que, por serem tantos, o não puderam fazer tanto a seu salvo que alguns lhes não ficassem nas mãos, aos quais cortaram as cabeças.

Acometeram os nossos a cidade e a entraram, a qual acharam já queimada e despojada, porque nos quinze dias que o Geral se deteve na fortificação da fortaleza de Balanê tiveram os inimigos tempo para se recolherem nos matos e levarem quanto tinham. Mais ainda queimaram os nossos os paços reais que acharam em pé e eram formosíssimos e sobradados, e muitos pagodes, e entre eles quatro que eram os mais sumptuosos que tinham visto. E como não havia aí mais que fazer, se recolheu o Geral muito contente da vitória, dando muitas graças a Deus Nosso Senhor que lha tinha dado. Ao tempo que os nossos passaram o rio em que estava todo o perigo desta entrada, foi vista de muitos, em meio dele uma mulher vestida de branco, que se teve ser a sacratíssima Virgem Maria, a cuja conta esteve sempre na Índia o socorro e favor dos Portugueses contra os inimigos do nome de seu Filho, e assim a Ela se atribuiu então esta vitória, na qual tiveram também sua parte os nossos Reli//giosos, pois foram o instrumento 767
que Deus tomou para animar e esforçar os nossos ao passar do rio, sendo eles os primeiros que nele se lançaram. E não só nesta ocasião mas também em outras muitas, foram aos soldados de muito proveito os nossos religiosos que os acompanhavam, como se pode ver em muitos casos que nesta nossa história em seus próprios lugares vão contados;

e referiremos aqui ainda mais outros três para maior confirmação desta verdade (1).

Em tempo de Afonso Pereira de Lacerda, primeiro capitão da fortaleza de Columbo, tendo a nossa gente um recontro com a do Raju nas várgeas de Calané, se achou o P. fr. João Calvo, religioso nosso (de que atrás falámos), do princípio da batalha até o fim dela, na qual, vendo ele irem os nossos em desbarate e os inimigos com grande grita em seguimento deles e com muitos elefantes, com outro seu companheiro se foi para os nossos com um crucifixo em as mãos, e com muitas palavras os animou. E saindo ao encontro dos elefantes que com grande fúria vinham fazendo grande destruição nos nossos, lhes falou e disse que da parte de Deus lhes mandava que se detivessem. Foi cousa maravilhosa que se detiveram logo naquele mesmo ponto as bestas feras e com elas o exército todo dos inimigos, sem seguirem mais aos nossos, os quais todos muito a seu salvo se vieram recolhendo para a fortaleza, sendo do lugar onde isto sucedeu, a ela mais de duas léguas (2).

Sendo Governador da Índia Manuel de Sousa Coutinho, foram duas galés nossas a Chaul em busca de um embaixador do Mogor que lá estava, de que eram capitães D. Francisco Mascarenhas e D. Francisco Rolim, as quais chegando ao rio de Carapatão, dezoito léguas de Goa, foram acometidas de uma poderosa armada de malabares em que iam muitas galeotas e por capitão um famoso mouro chamado Catamuçá. E como as galés eram sós sem outra mais companhia e os inimigos muitos, foram mui apertadas deles, que posto que os nossos se defendiam com muito esforço, contudo estavam postos em muito grande perigo porque eram já muitos deles mortos, e esses poucos que ficavam, muito mal feridos. Ia na galé de D. Francisco Rolim o P. fr. Gaspar de Lisboa, nosso Custódio, o qual com uma cruz na mão andava entre os pelouros e setas, sem outras mais armas defensivas que a fé, no meio da galé esforçando os nossos e acudindo com muita diligência a confessar aos que caíam e animar os que pele-
768 javam. E tal esforço cobraram os soldados que, sendo poucos // e estando todos feridos, desprezando o perigo notável em que se viam, animados com a graça divina e com as palavras do seu servo, brigavam como leões, até que, vendo os malabares o grande ânimo com que se defendiam, os deixaram e se recolheram mui descontentes de não

---

(1) D. Jerónimo de Azevedo foi capitão geral de Ceilão desde fins de 1594 até que em Dezembro de 1612 tomou posse do cargo de vice-rei da Índia. Empreendeu a conquista de Ceilão, e foi muito vária a sorte que teve na guerra em todos estes anos. O episódio que aqui se conta, sucedeu em 1611, e também Queirós o refere (*Conquista*, 498-499).

(2) Afonso Pereira de Lacerda esteve de capitão em Columbo desde 1555 até 1559, e passou todo este tempo quase sempre em guerra com Madune e Raju de Ceitavaca. O evento aqui lembrado coloca-o Queirós (*Conquista*, 220--221) em contexto que parece do ano de 1549. Esta contradição não abona muito a autenticidade do caso.

levarem a presa que já tinham por sua. Teve-se este feito naquele tempo por milagroso, e o Governador agradeceu muito ao dito Padre Custódio o muito que nele trabalhara, pois foi muita parte dos nossos tão valorosamente se defenderam (3).

Tendo o Geral de Ceilão, Constantino de Sá, pregoado guerra contra o reino de Cândia no ano de 1629 e ajuntando o seu arraial para dar nele, ao passar o rio, ouvindo da outra parte dele algumas espingardadas, houve grande confusão entre os nossos, parecendo-lhes que o rei estava ali com todo o seu poder. Estando nisto, chegou um mensageiro de Cândia com uma carta para o Geral, do P. fr. Francisco Negrão que estava lá por reféns com notável perigo de sua vida, em que o avisava que, em passando o rio, logo com toda a pressa marchasse para a cidade, porque lhe fazia saber que o rei não estava mais que com trezentos lascarins, porque todo o seu poder tinha mandado para Jafanapatão; e que não reparasse na sua vida que já a tinha sacrificada em serviço de seu Deus e de seu rei, que se o achasse morto, como tinha por certo, desse sepultura a seu corpo. Com esta carta ajuntou o Geral a conselho, lendo-a aos capitães, entre os quais houve ainda com ela diferentes pareceres, sendo o de muitos que não passassem daí nem dessem em Cândia porque, levados de seus particulares interesses, queriam antes paz com ela que guerra, porque na paz vendiam suas fazendas e na guerra arriscavam suas pessoas. Contudo os mais, lembrados da verdade com que o dito Padre sempre procedera em seus avisos, se deliberaram em acabar aquela empresa dando na cidade, a qual entraram e acharam despejada, não havendo mais que duas horas que se tinha o rei recolhido para os matos com os seus, que foi o tempo que se detiveram em se determinar, porque se logo foram, como lhes tinha mandado dizer o P. fr. Francisco Negrão, tomavam o rei às mãos. Mas ainda assim destruíram a cidade e queimaram os paços reais e os puseram por terra, e os pagodes. E depois de tudo assolado, despediu o Geral, por conselho do dito Padre, a Domingos Carvalho dissava de Maturé com toda a sua gente, e a Luís Teixeira dissava das Sete Corlas com toda a sua, para Jafanapatão, em demanda dos de Cândia. E deram neles e houveram deles uma grande vitória matando-lhes três mil homens e o seu capitão-mor que era parente do rei de Cândia e segunda pessoa daquele reino. // (4) **769**

---

(3) A *Década Undecima*, pp. 64-65, dá notícia deste combate naval, mas não recorda a asistência nele de fr. Gaspar de Lisboa.

(4) Sobre a campanha de Cândia em 1629 veja-se Queirós (*Conquista*, 618-619) e João Ribeiro, (*Fatalidade*, 77-78).

DE MUITOS RELIGIOSOS DESTA SANTA PROVÍNCIA DE S. TOMÉ QUE NA ILHA DE CEILÃO FORAM MORTOS NA PREGAÇÃO DA FÉ E CONVERSÃO DOS INFIÉIS

CAPÍTULO 17

Mui juntos andam de ordinário pregar a infiéis e derramar sangue. Donde veio a dizer S. Cipriano que o sangue dos mártires é semente de cristãos, não só porque quantos mais mártires se martirizavam tantos mais infiéis se convertiam, mas também porque assim como é impossível colher-se fruito do campo se primeiro nele se não lança a semente, assim não é possível colher-se fruito da conversão de muitas almas se primeiro no campo da infidelidade se não derrame o sangue dos pregadores. E esta é a razão por que o apóstolo S. Paulo, como experimentado neste ofício de pregar aos infiéis e derramar sangue, chama aos sagrados Apóstolos cujo ofício era converter o mundo e pregar nele o santo Evangelho, «gente destinada à morte», *morti destinatos* (1). Donde se pode inferir que onde a pregação não é acompanhada de sangue, ou é pouco o fruito que dela se colhe, ou que se não prega a fé com clareza e liberdade com que se deve pregar, porque certo é que, se se prega Cristo e este crucificado, que é o que se deve pregar segundo a sentença do Apóstolo (2), hão-de escarnecer os gentios e se hão-de escandalizar os judeus. E com este fundamento já ninguém se espantará de ver tanto sangue de Frades Menores derramado por toda esta ilha de Ceilão, pois eles foram os primeiros que pregaram aos gentios nela, arvorando no meio das suas idolatrias e superstições o estandarte da cruz, derribando muitos templos dedicados aos seus falsos deuses, e quebrando e desfazendo inumeráveis pagodes.

Destes, foram os primeiros os Padres fr. Martinho da Guarda que era ali prelado, e o P. fr. Luís pregador seu companheiro, os quais, depois de pregarem a muitos gentios a lei de Cristo e com suas pre-

---

(1) *1 Cor.* 4, 9.
(2) *Nos autem praedicamus Christum crucifixum. 1 Cor.* 1, 23.

gações e vida exemplar converter a muitos deles à nossa santa Fé, foram mortos pelos inimigos dela em um cruel cerco que o Madune pôs à cidade de Cota, metrópole do reino assim chamado. Porque, como já acima fica contado, aspirava este tirano a ser absoluto senhor de toda a ilha de Ceilão, para o qual efeito queria tirar com a vida o reino a D. João Párea Pandar, sobrinho seu e rei de Cota. E posto que a primeira vez que intentou // cercar Cota, saíram os de dentro aju- 770
dados de nossos portugueses, que sempre favoreceram este rei por ser cristão e nosso amigo, e dando no seu exército o desbarataram e fizeram fugir; contudo, obstinado em sua ambição, nunca deixou a sua primeira pretensão, mas ajuntando muita gente do seu reino de Ceitavaca, tornou com grande poder a cercar a cidade de Cota onde El-Rei estava, e foram mortos no campo em um cometimento grande que os inimigos fizeram, a que os nossos saíram, os dois sobreditos padres que, por acudirem às confissões dos feridos e esforçar aos fracos, andavam no meio daqueles perigos. Nesta mesma ocasião foi também morto outro frade nosso, leigo, o qual ia para andar no serviço da igreja que havia na Cota, e foi tomado em uma embarcação em que vinha, pela armada do Samorim que andava ao redor da ilha de Ceilão em favor do Madune. E sendo levado ao Negumbo foi ali morto pelos malabares (3).

Em outro cerco que este mesmo tirano pôs a Cota, foram mortos três frades nossos em um passo dela chamado Preacota que é só a serventia que esta cidade tem para a terra, por ser a modo de ilha cercada toda a roda de um rio que se não pode passar senão em embarcações. E por ser este passo o mais perigoso, os nossos que ali estavam com o capitão de Ceilão Baltasar Guedes de Sousa, o tinham mui bem fortificado e posto, para sua defensão, um capitão português com quarenta homens, os mais esforçados e de maior confiança que ali havia. Tanto que os inimigos cercaram a cidade, lhe começaram dar mui grandes combates, principalmente por a Preacota, com os elefantes que para isso traziam. E posto que os nossos se defendiam

---

(3) Fr. Martinho da Guarda e seu companheiro fr. Luís foram mortos no cerco de Cota ao tempo do capitão Baltasar Guedes de Sousa, conforme a declaração de D. João Párea Pandar acima transcrita no cap. 10. Foi isto em fins de 1563, pois ainda nesse ano fr. Martinho levara o dito rei a ratificar a doação dos bens dos pagodes a favor dos colégios de catequese e letras a fundar pelos Franciscanos (veja-se o documento transcrito acima no cap. 9). Já no cap. 10 se relacionou o grupo destes dois Franciscanos com o grupo dos três frades de S. Francisco mortos em Preacota, segundo Couto (veja-se *Década VII*, l. 10, cc. 14-15, pp. 548ss), identificando-os. O autor não os soube identificar, por uma das fontes numerar apenas dois Franciscanos e a outra, ou seja Couto, numerar três; e por isso desdobrou em dois o que foi um episódio só. Queirós (*Conquista*, 339) agrega ao grupo de fr. Martinho e fr. Luís também a fr. Pedro de Belém, no que erra como acima cap. 10 já fica dito. Do irmão leigo Franciscano apanhado no mar pela armada do Samorim e morto em Negumbo, não ficou o nome. E talvez fosse a coincidência de tempos e de circunstâncias, o que levou Couto a associá-lo aos dois outros formando o grupo de três que então teriam sido mortos.

mui valorosamente, matando muitos dos inimigos e abrasando muitos elefantes com lanças de fogo, contudo foi tanta a porfia deles que em um cometimento que fizeram, depois de outros muitos, em que meteram o resto de todo o seu poder, foi entrada a Preacota, aonde acudiu logo El-Rei com o capitão Baltasar Guedes de Sousa com os mais da sua companhia, indo diante de todos o venerável P. fr. Simão de Nazaré com cinco ou seis frades mais nossos, que na maior fúria da batalha se acharam sempre diante, esforçando a todos e animando-os com um Cristo crucificado que levavam alevantado no ar, e chamando muitas vezes pelo seu santíssimo Nome, pedindo-Lhe socorresse aqueles que por a sua santa Fé pelejavam. Porém, foi tal a fúria dos inimigos, que mataram muitos dos que estavam pelejando naquele passo de Preacota, e entre eles a três frades nossos e mais de vinte portugueses. Mas vendo El-Rei e o capitão o perigo em que estavam, chamando de coração o favor divino, foram dele socorridos, e acudindo com todo o resto da gente que tinham, apertaram os inimigos de feição
771 que os lançaram fora com morte de // mais de quatrocentos deles, sendo tal o estrago, que houve por seu partido recolher-se o inimigo quase desbaratado. El-Rei e o capitão, sem tomarem repouso algum por não ser tempo dele tornaram a reformar e fortificar a Preacota, da banda de dentro, com muito cuidado e diligência ([4]).

E porque ainda se temiam do inimigo que de todo se não tinha recolhido, assentaram que importava muito mandar à Índia quem fizesse saber ao Vizo-Rei o estado em que estavam, para que os socorresse com gente e munições de que se achavam mui faltos. Mas tinham isso por muito duvidoso por estarem os caminhos todos tomados; e não era possível poderem passar por eles. O que vendo um frade nosso, se ofereceu a isso, com notável risco de sua vida, por serviço de Deus e remédio daquela cidade. E tomando um chingalá por guia, se embrenhou por uns matos mui espessos e cheios de muitos elefantes, e caminhando com muito trabalho e risco, em duas horas chegaram a Columbo, por não haver mais, de Cota a Columbo, que légua e meia. E, entrando a nossa fortaleza, deu conta do grande trabalho e perigo dos nossos, e entregou as cartas que levava de El-Rei e do capitão Baltasar Guedes de Sousa ao alcaide-mor, em que lhe pediam desse ao portador delas embarcação para passar a Tutucurim, que logo lhe negociaram, que foi um tone pequeno em que se embarcou e foi atravessando a Tutucurim, aonde, chegando, achou a Diogo de Melo Coutinho, capitão de Manar, o qual tendo sabido o trabalho e perigo da cidade de Cota, a vinha socorrer com alguns navios em que trazia muita gente e munições e muitos mantimentos. E sabendo do frade o que passava, partiu logo para Columbo, levando também em sua companhia, para o socorro, a António da Costa Travassos que tinha vindo de Cochim por capitão-mor de seis navios de remos. E ao outro dia entraram

---

([4]) Episódio que é apenas desdobramento do anterior, como fica notado na nota precedente.

naquela baía com aquele grande socorro de que logo tiveram novas os inimigos. Os nossos, desembarcando em terra, se puseram em ordem de ir a Cota e se ajuntaram mais de quatrocentos homens. E estando para partir, souberam como os inimigos se tinham já de todo recolhido com perda de dois mil homens que naquele cerco foram mortos pelos nossos, os quais deram muitas graças a Deus por se verem desembaraçados de tão cruel inimigo. E provendo-se do necessário, assim de gente e munições como de mantimentos, se recolheu Diogo de Melo para a sua fortaleza de Manar ([5]).

O Madune enquanto lhe durou a vida, e depois Raju, seu filho, sempre continuaram com esta guerra. E a cidade de Cota foi cercada cinco vezes. E em um destes cercos chegaram // os nossos a tanto 772
aperto e necessidade que comeram elefantes, cães, gatos e quantos animais e bichos imundos podiam achar. Em todos eles assistiram sempre os nossos frades, sendo um deles o venerável P. fr. Simão de Nazaré, de quem acima fizemos menção, com tanta opinião de santo entre os soldados que diziam que por ele os sustentava Deus. Foi este religioso mui exemplar. E foi depois desta guerra Custódio desta Custódia de S. Tomé, como no seu lugar fica apontado.

([5]) Também Couto (*Década VII*, l. 10, c. 15, pp. 558-559) recorda a proeza deste Franciscano anónimo. Queirós (*Conquista*, 340) atribue a proeza a fr. Simão de Nazaré.

COMO TRIBULI PANDAR, GENRO DE EL-REI DE COTA DESTRUIU ALGUMAS DAS NOSSAS IGREJAS E MATOU ALGUNS FRADES NOSSOS, E O CAMAREIRO-MOR DE EL-REI DE COTA RECEBEU O BAPTISMO POR MÃOS DOS NOSSOS FRADES

CAPÍTULO 18

Mui florida estava a cristandade que os Frades Menores com o favor divino tinham plantada em a ilha de Ceilão, onde eram inifinitos os que cada dia com a sua pregação e muita indústria e cuidado recebiam o santo baptismo, e inumeráveis os pagodes que se derribavam, e muitas as igrejas que se faziam, com tão feliz progresso que sem falta estivera já hoje toda a ilha convertida se não foram as contínuas guerras que nela os seus reis tiveram sempre com os portugueses, nas quais muitas vezes os ministros da cristandade eram mortos, as igrejas destruídas e arrasadas, e dos que estavam já convertidos e baptizados, a uns tiravam a vida e a outros captivavam e destruíam. De algumas destas guerras temos já feito menção, e de outras a faremos agora e nos capítulos seguintes.

E não foi a menor delas a que fez Tribuli Pandar pai de Párea Pandar, rei de Cota, o qual por morte de seu sogro pretendeu a sucessão do reino, o que fàcilmente conseguira se não lhe faltara o favor dos nossos portugueses, os quais, por ser ele homem mau e tirano, nunca o quiseram favorecer, antes por alguns agravos que dele tinham recebido, o prendeu em Columbo D. Duarte de Eça, capitão daquela fortaleza. Mas ele teve tais manhas e ardis que soube livrar-se da prisão em que estava posto; e, juntando muita gente, começou a fazer uma cruel guerra aos nossos, destruindo muitos lugares que estavam
773 sujeitos à coroa de Portugal, como era o Panaturê, // Calaturê, Macuna, Barbarim, Gale e Beligão. E como tinha entranhável ódio não só aos Portugueses mas também à lei que eles professavam de Cristo, com uma infernal fúria fez queimar e destruir as igrejas que os nossos frades em os sobreditos lugares tinham, e matou cruelmente aos ministros delas; e a muitos dos cristãos que eles aí tinham feito, captivou, mal-

tratou e ainda meteu em tormentos, o que sucedeu no ano de 1555. Do número de estes servos de Deus que nesta ocasião foram mortos, nem de seus nomes, não podemos ter mais notícia que a que aqui damos, porque, ou pelo descuido dos escritores ou pela força do tempo que tudo acaba, esta lembrança se veio a perder, ficando seus nomes sepultados com seus corpos, o que aconteceu não só a estes mas a outros muitos que, chegando a nós a glória de seus martírios, não chegou a notícia de seus nomes, como pelo discurso desta nossa história se pode ver (1).

Não tardou muito a vingança que deste cruel inimigo tomaram os portugueses, porque sabendo o que passava, deram nele com mão armada e o seguiram e apertaram de sorte que o obrigaram a recolher-se nas Sete Corlas. E vendo que nem aí o deixávamos, se foi, meio desbaratado, para o príncipe de Vrumgur, que é uma das Corlas, por ter muito chegado parentesco com ele, o qual o recebeu mui amigàvelmente e lhe fez muito agasalhado, oferecendo-lhe todo o favor que lhe fosse necessário para aquela guerra. E foi este Tribuli Pandar tão mau e perverso que a paga que deu a este Príncipe por estas boas obras, foi matá-lo uma noite à traição e apoderar-se da cidade em que se fortificou com os seus, fazendo-se senhor dos paços, casa e tesoiro daquele Príncipe, com fundamento de se senhorear de todas as Sete Corlas, ajuntando para isso muita gente com a qual começou a entrar pelas Corlas, conquistando suas terras.

Mas não permitiu Deus que sua maldade ficasse sem castigo. Porque, vendo os naturais esta tão grande ingratidão e tirania, se cartearam todos e fizeram uma liga geral contra ele, jurando, ao seu modo, de perderem as vidas na vingança daquele Príncipe e defensão das suas terras. E para melhor saírem com o seu intento, se valeram do favor dos portugueses e o mandaram pedir ao capitão de Columbo Afonso Pereira de Lacerda, que folgou de lho dar, por ser aquele inimigo comum e mui aborrecido de todos por suas tiranias. E juntos todos lhe começaram a fazer guerras pela parte de cima; e o Raju, filho de Madune, rei de Ceitavaca, que também era seu inimigo, pela parte de baixo. E assim o perseguiram e apertaram que, desesperado de poder escapar com vida, tomou por último remédio salvar sua pessoa e esperar do tempo outra melhor conjunção, e em uma noite se foi para Jafanapatão, por caminhos escusos, levando // consigo sua 774
mulher, sogra e seus tesoiros.

O rei de Jafanapatão, que era grande inimigo dos Portugueses, o recebeu com muito gosto e lhe prometeu de o ajudar com sua gente

---

(1) Já acima, no cap. 71, a propósito de acertar a cronologia nas actividades de fr. João de Vila do Conde, se lembraram as duas razias feitas por Tribuli e comemoradas por Couto em 1553 e 1555, nas terras ribeirinhas ou portos onde os portugueses já se tinham fixado com igreja e frades. As povoações depradadas e igrejas destruídas foram as de Panaturê (Panadura) Caluturê (Kalatura), Macu ou Macuna (Maggona), Barbarim (Beruwala), Beligão (Weligama).

contra eles, parecendo-lhe boa aquela ocasião de os lançar fora de Ceilão, para o que começaram os dois a solicitar os reis amigos e parentes. Mas o fim que esta conjuração teve, foi ser morto o Tribuli Pandar pelo rei de Jafanapatão por cobiça de seus tesoiros, que os recolheu a si e se fez com eles mui poderoso e soberbo. E veio também depois a pagar estas e outras maldades suas, sendo seu reino destruído pelo vizo-rei D. Constantino de Bragança como adiante em seu lugar se contará (2). Com a destruição de Tribuli Pandar se recuperaram pelos Portugueses os lugares acima nomeados que ele lhes tinha tomado, e neles tornaram os nossos frades a reedificar outras tantas igrejas e provê-las de novos ministros, ainda que não estiveram muito tempo em pé, porque na guerra que nos fez Raju, fez derribar estas e todas as mais que tínhamos em Ceilão, como veremos em o capítulo seguinte (3).

Por ocasião desta guerra de Tribuli Pandar sucedeu, ordenando-o assim Deus que de males tira bens, converter-se e baptizar-se o camareiro-mor de el-rei de Cota que era um grande senhor daquele reino. E foi desta maneira: Ao tempo em que Tribuli Pandar fugiu da prisão em que o tinha D. Duarte capitão de Columbo, era rei de Ceitavaca Madune que, como muitas vezes temos dito, aspirava a ser imperador de toda a ilha de Ceilão e com esse intento tinha no ânimo matar a seu irmão rei de Cota e a seu genro Tribuli Pandar, porque, com os matar a ambos e com deitar fora dela os Portugueses, que, como isso, lhe parecia coisa fácil, ficava sendo único e absoluto senhor de todo Ceilão. E sabendo destas diferenças entre Tribuli Pandar e os Portugueses entendendo lhe vinham elas à medida de seus desejos e mui a prumo de sua pretensão, mandou com muito segredo pessoas de confiança a Tribuli Pandar a lhe persuadir vingar-se da afronta que lhe tinham feito os Portugueses, oferecendo-lhe toda a ajuda de dinheiro e gente que para isso houvesse mister. O que aceitando Tribuli Pandar, lhe mandou seiscentos chingalás com seus modeliares, que são os seus capitães; com o qual socorro começou Tribuli Pandar a guerra que dissemos, contra os Portugueses. Vendo Madune Pandar, que era sagaz e manhoso, a Tribuli Pandar bem homiziado com os Portugueses, despediu embaixadores ao capitão de Columbo, que já nesse tempo era Afonso Pereira de Lacerda, para o visitarem e darem as boas vindas e juntamente oferecer-lhe sua amizade contra Tribuli Pandar.
775 O capitão, que não caía nas invenções e traças de Madune, // aceitou sua amizade e se fizeram concertos entre ambos de fazerem guerra a Tribuli Pandar.

---

(2) Couto (*Década VII*, l. 2, c. 4, 132-136; l. 3, c. 5, pp. 208-213) acompanha Tribuli nestas suas andanças até à morte.

(3) Também em cap. 71 se anota documento que garante estarem já em 1557 restauradas as igrejas que Tribuli arrasara. Com a pressão de Madune e Raju sobre Cota, por muito tempo só Columbo e Gale estiveram em poder dos portugueses e só aí foi possível o apostolado.

E porque Madune se temia muito do camareiro-mor de el-rei de Cota e de seu cunhado Alaca modeliar e de um filho capitão preto, entendendo que estes três lhe poderiam ser estorvo para seus desenhos por serem grandes pesssoas e mui esforçados na guerra, fez crer ao capitão Afonso Pereira que estes três eram os que aconselharam e persuadiram a Tribuli Pandar a fazer os danos que tinha feito aos Portugueses. E meteu entre as condições das pazes que os prendessem a todos três, o que o capitão pôs logo em efeito, pondo-os a todos três em prisão. E ao camareiro-mor, por evitar algumas alterações que por sua causa podia haver nos naturais, dos quais era muito amado e benquisto, mandou para Goa à presença do Governador da Índia Francisco Barreto, o qual o recebeu honradamente e o mandou entregar aos nossos frades que o agasalharam em o convento de Goa, fazendo-lhe muitos mimos para lhe ganharem a vontade, por ver se podiam nesta ocasião ganhar aquela alma para Deus. E tantas coisas lhe disseram, que o vieram a render à nossa Fé, prometendo de a receber e se fazer cristão. Deram eles disto conta ao Governador, que o estimou e festejou muito, parecendo-lhe que por aquela via o teria mais seguro e fazia de inimigo amigo; e, para mais o obrigar, o quis honrar com ser seu padrinho. E chegando o dia do baptismo, se celebrou ele com muita solenidade em a nossa igreja de S. Francisco de Goa, aonde veio o Governador acompanhado de muitos fidalgos, todos vestidos de festa. E o nosso Custódio que então era o P. fr. Francisco de Chaves, o baptizou e lhe pôs o nome do mesmo Governador, chamando-lhe Francisco Barreto. E correndo o tempo que tudo descobre e manifesta, se veio a saber que sem culpa fora a sua prisão e que tudo fora ardil do Madune que logo descobriu a tenção que tivera de fazer guerra ao rei de Cota e aos Portugueses, como logo lhe fez. E assim inteirado o Governador da verdade e inocência do seu afilhado, o tornou a mandar a Ceilão, cheio de muitas honras e mercês [4].

---

[4] O camareiro-mor que se chamava Tammita Sembahap Perumal, foi baptizado em 1555 (veja-se Queirós que lhe chama Eranaz, *Conquista*, 255-256, e Couto, *Década VII*, l. 2, c. 4, pp. 134-135).

DE OUTROS MUITOS FRADES MENORES QUE EM DIVERSAS OCASIÕES FORAM MORTOS EM CEILÃO

CAPÍTULO 19

Com muita razão podemos dizer da cristandade que os Frades Menores plantaram na ilha de Ceilão, o que por seu profeta disse Deus
776 Nosso Senhor da vinha de // Sabaoth, a sinagoga, que fora plantada em sangue, o que disse por o muito que dos profetas em diversos tempos nela e por ela fora derramado. A água com que se regaram as novas plantas que os nossos frades plantaram nesta ilha, foi o sangue que muitos deles por muitas vezes derramaram em serviço de Deus e daquelas almas, ficando esta Pronvíncia de S. Tomé com eles mais ornada e ilustre do que o é a própria ilha com os preciosos rubis que produz. Dos que foram mortos em a guerra de Madune e alevantamento de Tribuli Pandar, tratámos em os dois capítulos passados. Agora trataremos de outros muitos que em outras ocasiões por diversos tiranos foram também martirizados.

E começando pelo Raju, filho do Madune rei de Ceitavaca, enquanto lhe durou a vida, que foi por muitos anos, sempre estava nele vivo o ódio que tinha herdado de seu pai, assim ao nome português como ao de Cristo, trabalhando com todas suas forças, por uma parte de lançar aos portugueses de Ceilão, e por outra de extinguir nela o nome de Cristo. E por sair com ambos estes intentos, não cessava de fazer mui cruel guerra a todos os lugares que eram já da coroa de Portugal, destruindo uns e sujeitando a si outros, e juntamente derribar todas quantas igrejas naquele tempo tinham os nossos frades em Ceilão, que passavam de vinte, e pôr a ferro os ministros delas e todos aqueles que professavam a lei de Cristo. Quais e quantos foram os frades que este cruel inimigo fez perder a vida, não o pudemos alcançar, nem mais notícia que a confusa que aqui damos. Porém sabemos que, se fez males, colheu deles o seu ordinário fruito, que foi morrer desastra-

damente, como atrás fica contado, respondendo bem a má morte à má vida que sempre teve [1].

Com a morte do Raju ficaram os Portugueses cobrando novas esperanças de poderem recuperar tudo o que tinham perdido em Ceilão. E assim mandaram logo com muita pressa as novas dela ao Vizo-Rei que então era Matias de Albuquerque, o qual, vendo a boa ocasião que o tempo lhe dava, mandou por Capitão Geral daquela conquista a Pedro Lopes de Sousa com muita gente e munições. E vieram também com ele dois frades da nossa sagrada Religião, que foram o P. fr. Simão da Luz, pregador, natural de Goa e religioso de grande exemplo e mui respeitado pela sua muita virtude, e o P. fr. Manuel Pereira, confessor e era também religioso de muita opinião, os quais vieram com ele para o acompanharem naquela conquista e andarem com ele no campo confessando e esforçando os nossos portugueses, e juntamente pregarem a lei de Deus aos infiéis. Foi na mesma companhia o P. fr. Francisco do Oriente que ia por Visitador de Ceilão, com o irmão fr. Afonso, leigo, e com o P. João da Cruz, clérigo de casta malabar mas padre grave, teólogo e pregador, que tinha sido vigário em Manar onze ou doze anos. Entrou Pedro Lopes de Sousa a serra e se agasalhou // em Palnagure, donde mandou, por um Fran- 777
cinco da Silva, castelhano, casado em Columbo, trazer a rainha de Cândia para a meter de posse daquele reino, por ser morto El-Rei seu marido, a qual veio logo e em sua companhia o P. fr. Lucas dos Santos, que estava feito Comissário daquele reino de Cândia e trouxe consigo três frades: fr. Pedro de Cristo e fr. Francisco Contreiras, naturais de Cochim, e fr. Gonçalo, corista, natural de Manar.

E posto que era Pedro Lopes de Sousa mui bom capitão, de muitos anos da Índia, contudo por desordem foi desbaratado por D. João Chingalá que se tinha alevantado com o reino de Cândia, e a rainha foi tomada; e ele, atravessado pela verilha e cortados os narizes, [foi] morto, e com ele quase todo seu arraial, porque de quinhentos homens que eram, não escaparam cinquenta e todos com os narizes fora. No meio deste destroço foi morto o P. fr. Simão da Luz, que

---

[1] Raju cedo se tornou o chefe do exército de Ceitavaca e dirigiu os cercos apertados postos a Cota e Columbo. Seu pai Madune que morreu em 1581, já antes, em 1578, nele renunciara o reino que já então abrangia Ceitavaca e Cota menos Columbo ocupada e defendida pelos Portugueses. Em 1582 Raju apossou-se também do reino de Cândia. Em 1590 ou 1591 começou o declínio do seu poder com a restauração do reino de Cândia levada a efeito pelo rei D. Filipe ajudado dos Portugueses. E Raju logo em 1593 morreu. À morte o vice-rei Matias de Albuquerque mandou D. Julião de Noronha à conquista de Ceilão, e houve-se ele de modo que cativou «a rainha e Rey menino de Ceitavaca, ajuntando aquele Reino à Coroa de Sua Magestade» (*Vida de Matias de Albuquerque*, ms. CXV/1-13 de BPE. Parte I, cap. 23). Diz aqui o texto que «passavam de vinte» as igrejas que Raju derribou nas suas conquistas. O número que já vem na *Apologia*, fl. 5, está com certeza exagerado. Nem as Crónicas do tempo nem os documentos conhecidos nomeiam mais qualquer Franciscano que Raju mandasse matar além dos que em 1563 morreram em Cota.

lhe atravessaram os peitos não longe do seu Geral. Ao P. fr. Manuel Pereira o atravessaram por a barriga na várgea onde ficou morto. O P. fr. Pedro de Cristo foi cativo com cinco ou seis feridas e o nariz cortado, e esteve no cativeiro de Cândia cinco anos, onde padeceu mui grandes trabalhos que, por serem notáveis, nos obrigam a fazer deles aqui capítulo particular.

O P. fr. Lucas, Comissário, foi levado nu a D. João com os narizes e beiços cortados e quatro ou cinco feridas penetrantes pelos peitos e costas. E como tinha sido seu mestre, porque o criara no colégio de Columbo com outros naturais, e o via naquele estado de condenação porque tinha apostatado da Fé e estava feito um cruel tirano e inimigo dela e dos cristãos, com grande zelo da honra de Deus o começou a repreender pùblicamente com muita liberdade, representando-lhe o mal que fazia em deixar a lei de Cristo pela honra vã deste mundo. Mas como ele já tinha feito pacto com o inferno, o com que pagou a seu santo mestre a criação e bom ensino que sempre lhe dera, foi com o mandar matar. E assim o ataram logo a uma estaca onde o assetearam à imitação do glorioso mártir S. Sebastião, e desta maneira perdeu a vida pela confissão da fé e honra de Deus, sendo verdadeiro mártir de Cristo, que assim o nomeava muitas vezes o P. António da Companhia de Jesus, religioso grave e doutor *in utroque*, quando falava nele, por haver tudo o acima dito sucedido em sua presença e do P. João da Cruz, vigário de Manar. O P. fr. Francisco das Chagas, depois de lhe cortarem os narizes, foi cruelmente morto. O P. fr. Francisco
778 Contreiras, filho de Cochim, foi tomado às mãos, // muito mal ferido, e dizem que D. João o mandara atar a uma das cento e vinte estacas em que ataram os portugueses que escaparam vivos, e aí, esforçando e animando os companheiros a receberem animosamente e com paciência a morte, foi também com eles morto às lançadas e cutiladas.

O irmão fr. Gonçalo, corista, como era mui moço tomou-o um chingalá honrado e o escondeu em sua casa até passar a fúria da guerra; a qual passada, o apresentou a D. João que por benefícios que tinha noutro tempo recebido dele, o mandou livremente para Manar onde se curou dalgumas feridas que levava. O P. fr. Pedro de Lisboa, pregador, que também se achou nesta revolta, foi cativo juntamente com o sobredito P. fr. Pedro de Cristo, os quais, depois de serem sãos de suas feridas, os mandou o mesmo tirano D. João a Columbo a tratar alguns partidos e concertos de pazes com D. Jerónimo de Azevedo que já tinha vindo de Goa por Capitão Geral em lugar de Pedro Lopes de Sousa que fora morto (²). E não querendo o Geral aceitar

---

(²) A morte destes Franciscanos na derrocada de Pedro Lopes Pereira de Sousa em 1594 afirma-a e documenta-a a *Apologia*, fl. 5v-6r por estas palavras: «No desbarato do Geral Pedro Lopes de Sousa, em Cândia, faz agora oito anos, foram mortos quatro Frades Menores, dois às lançadas, a saber, o P. fr. Simão da Luz, pregador e o P. fr. Manoel Pereira, e os outros dois, a saber, o P. fr. Lucas, pregador e Comissário dos Frades de Ceilão, e o P. fr. Francisco

os partidos que lhe oferecia, por não serem convenientes, se tornaram para Cândia com sua resposta, oferecendo-se ao cruel cativeiro que ali tinham, sem temor algum dos grandes trabalhos que aí padeciam, querendo-os sofrer livremente, não tanto pela palavra que tinham dado ao tirano de tornarem, pois bem se deixa ver quão pouco ela os podia obrigar, quanto por entenderem ser de muita importância e necessidade a sua assistência a duzentos e tantos portugueses e mui grande número dos cristãos índios que foram também cativos naquele desbarato, os quais os haviam muito mister assim para receberem de suas mãos o sacramento da confissão quando morriam ou quando o tirano os mandava matar, como também para os esforçar nos tormentos que de ordinário mandava ele dar a muitos deles para que deixassem a Fé.

E assim aproveitou tanto a assistência destes dois servos de Deus, que muitos portugueses, por não deixarem a Fé ou furarem as orelhas que comummente na Índia é divisa de gentilidade, foram mortos a tormentos, sofrendo-os com muita fortaleza e constância por serem ajudados dos conselhos, admoestações e ainda orações dos sobreditos Frades Menores, arriscando eles com isso as suas vidas e tendo-as já sacrificadas a Deus por este serviço que lhe faziam em bem daquelas

---

das Chagas, depois de lhes cortarem os inimigos infieis, com grande deformidade, os narizes, beiços e orelhas, foram asseteados e mortos em ódio da Fé, pola pregarem e defenderem [...]. E outros dois, a saber, o P. fr. Pedro Manhós, pregador e o P. fr. Pedro, cativos, os quais estimaram em tão pouco suas vidas no serviço de Deus, de Sua Majestade e do próximo, que mandando-os uma vez o sobredito tirano de Cândia D. João de Cândia a Columbo tratar alguns partidos e concertos de pazes com o Geral D. Jerónimo de Azevedo que em nenhum modo os queria fazer, foram e tornaram a Cândia». Esta exposição que pode dizer-se contemporânea e para mais documento oficial, desfaz as incertezas de Queirós, (*Conquista*, 398), e precisa o texto de fr. Paulo da Trindade que também Soledade resume (*História Serafica*, 3, 542-543). Dos Franciscanos que foram mortos ou cativos sabe-se o seguinte:

Fr. Simão da Luz em 1585 era corista e lente de Gramática no Colégio de Cranganor (*Tábua de 1585*).

De fr. Manuel Pereira não se conhecem quaisquer outros dados biográficos. Fr. Lucas, ou como lhe chama Queirós (*l. c.*) fr. Lucas de S. Francisco, ficou de guardião no convento de Baçaim em 1585, segundo a *Tábua* desse ano; era guardião de Manar e Comissário de Ceilão em 1591, depois de Outubro, pois nesse mês quando do assalto a Jafanapatão ainda ali estava de guardião fr. Duarte Chanoca e de Comissário fr. Francisco do Oriente (veja-se *Queirós*, 538-539). No capítulo seguinte o autor chama-lhe fr. Lucas dos Santos.

De Fr. Francisco das Chagas também nada mais consta que a ocasião e data de sua morte.

Fr. Pedro Manhós pode ser que seja o fr. Pedro de Lisboa que o texto diz ter ficado cativo; e dele nada mais consta.

De fr. Pedro de Cristo fala o cap. seguinte.

Dos demais Franciscanos que foram a Cândia com o exército ou com a rainha D. Catarina, também nada mais consta.

Do jesuíta P. António que se encontrou no desbarato, a *Apologia*, fl. 6r. lembra as habilidades que ele usou para captar a simpatia de D. João de Cândia e preparar a libertação que cedo alcançou, mas não lhe completa o nome.

almas remidas com o seu precioso sangue. Porque como aquele tirano era mui solícito em querer fazer retroceder da Fé aqueles pobres cristãos que tinha cativos, não cessava nunca de os solicitar a isso, já com grandes promessas de liberdade e riquezas que lhes oferecia, já com esquisitos tormentos que lhes dava. E sendo informado que os
779 dois frades // que com eles estavam, os aconselhavam sempre e esforçavam a passarem por tudo por se conservarem na fé de Cristo, mandava-os maltratar muitas vezes e algumas eram levados pelos algozes a degolar. E posto que não chegavam a isso por respeitos e intentos particulares que havia, contudo não deixaram de os açoitar mui àsperamente, satisfazendo com isso a vontade que tinham de lhes tirar as vidas. E nestes tormentos estiveram muitos anos, particularmente o P. fr. Pedro de Cristo até que foram livres deste cativeiro, como no capítulo seguinte se dirá.

DOS GRANDES TORMENTOS E TRABALHOS EXCESSIVOS QUE PADECEU O P. FR. PEDRO DE CRISTO EM O CATIVEIRO DE CÂNDIA

CAPÍTULO 20

Antes que passemos avante a tratar de outros frades nossos que também foram mortos em Ceilão, será razão determo-nos um pouco neste capítulo para nele darmos larga relação de tudo o que aconteceu a este verdadeiro soldado de Cristo, desde que o cativaram em Cândia até que saiu deste cativeiro, porque lhe sucederam coisas notáveis que são bem merecedoras de se porem em lembrança e terem particular lugar nesta nossa história.

Já temos dito como um dos frades que foram com o P. fr. Lucas dos Santos, Comissário de Cândia, foi o P. fr. Pedro de Cristo, o qual chegando onde estava o Geral Pedro Lopes de Sousa esperando por a rainha do mesmo reino de Cândia para a meter de posse dele, chegou a tempo em que sucedeu o seu desbarato, que foi a 9 de Outubro de 1594. Porque vendo Pedro Lopes o negócio mal parado e determinando de se recolher com todos os seus soldados e gente de guerra, que consigo tinha, ao reino de Ceitavaca, lhe saiu ao encntro o alevantado D. João, e com tanto ímpeto deu nos nossos que os desbaratou, matando ao Geral e aos mais dos portugueses, e aos outros levou cativos a Cândia, segundo atrás fica contado. E enquanto durou a briga, o P. fr. Pedro veio sempre confessando a todos os feridos e animando-os com as suas palavras, ficando por essa causa muitas vezes para trás com mui pouca companhia, até que alcançando-o a ele e a uns dez ou doze // soldados que ia confessando, um tropel de negros, foram **780** os soldados mortos e o padre, cuidando seria a mesma a sua sorte, se pôs de geolhos para receber a morte. E um dos negros lhe deu uma lançada de que caiu, o qual por lhe parecer que o deixava morto como os seus companheiros, se foi e o deixou, tomando-lhe tudo quanto tinha no corpo, ficando nu.

E como neste tempo o pérfido D. João dava dez fanões a quem

lhe trouxesse uma cabeça ou os narizes de algum português, andavam os negros discorrendo de umas em outras partes, buscando os mortos para lhes tirarem as cabeças ou os narizes, e achando entre eles ao P. fr. Pedro desacordado e sem sentido algum, do muito sangue que pelas feridas tinha derramado, lhe cortaram os narizes mui disformemente sem o ele sentir. E assim esteve todo aquele dia. Ao outro, tornando em si se levantou meio morto e foi caminhando para onde o tirano estava, que seria daí a um quarto de légua, indo por todo o caminho confessando os feridos que ainda achava vivos, dando-lhe muitos vágados e desmaios por haver três dias que nem comia nem bebia, estando tão sangrado das feridas que parece não lhe ficava algum sangue no corpo.

Neste caminho encontrou aqueles cento e vinte portugueses que dissemos D. João mandou atar a outras tantas estacas para serem alanceados, os quais o padre assim como pôde confessou e confortou a receberem a morte com paciência, pois a recebiam pela Fé e pelo serviço de seu rei. E depois de os confessar se foi à porta do tirano, o qual, sabendo que vinha nu, lhe mandou dar um pano para se cobrir, e trazer perante si, e, vendo-o tão mal ferido, mandou que o curassem, o que fizeram com ervas do mato. E assim esteve toda aquela noite. E tanto que foi manhã se foi o tirano para a cidade, levando consigo alguns cativos, os quais não pôde acompanhar o padre por lhe não darem lugar suas feridas. Mas ainda não tinham bem saído da casa, quando os moradores dela o deitaram fora, dizendo-lhe muitas afrontas e ameaçando-o de morte, com que o obrigaram a se pôr ao caminho da cidade, no qual, com não ser mais que de uma légua, gastou cinco dias sem comer coisa alguma em todo este tempo. E como encontrava algum dos nossos ferido, o confessava e animava, o que vendo os negros e tomando-o mal, lhe deram muitas pancadas que o servo de Deus sofria com muita paciência. E chegando já perto da cidade encontrou um negro, o qual lhe tirou o pedaço de pano com que vinha coberto, e intentou matá-lo, o que o padre de geolhos aceitava alegre-
781 mente; mas a este tempo chegaram outros negros em três // elefantes que o tiraram disso, dizendo-lhe que não sujasse as mãos em coisa tão baixa e torpe como aquele padre era, e assim o deixou ainda bem afrontado de muitas palavras que todos eles lhe disseram.

Chegando o padre à porta da cidade, os porteiros o não deixaram entrar, ameaçando-o com as canas que nas mãos tinham; e assim lhe fizeram tomar outro caminho, no qual, vendo-se sem remédio algum e em tanta necessidade, faltando-lhe já o alento, caiu no chão, desmaiado e meio morto. Mas, achando-o assim alguns cristãos, o levaram nos braços a uma palhota onde estava um capitão português e aí esteve alguns dias, até que uma mulher portuguesa que tinha ido em companhia da rainha de Cândia, sabendo a necessidade em que estava, pois nem um pedaço de pano tinha com que se cobrir, estando ainda tão mal tratado de suas feridas e apertado de fome, lhe mandou uma bandeira de pano para se embrulhar. E assim nesta suma miséria

esteve alguns dias, tendo já as feridas cheias de bichos, e sem mais sustentação que uma pouca de canja que lhe davam os cristãos de esmola que pediam. E neste estado esteve perto de seis meses, que as feridas tardaram de sarar pelo pouco remédio que para curá-las tinha, não tendo em todo este tempo para comer mais que um pouco de arroz que lhe dava um mouro faraz, daquele que lhe davam para o cavalo.

Tendo alguma melhoria das feridas, se pôs a pedir esmola, e da que lhe davam, partia com os outros cativos. E todas as vezes que podia, os confessava; e onde quer que os encontrava, não deixava de lhes fazer lembrança da Fé que professavam, dizendo-lhes muitas coisas que a muitos foram parte para não desesperarem com a má vida que naquele cruel cativeiro levavam, e se fazerem gentios, que era o que o apóstata tirano desejava. O qual como o soube, vendo que era o padre grande estorvo para o que pretendia, mandou que se viesse para Columbo, o que sabendo os portugueses e quanto mal lhes faria a sua ausência, se lhe lançaram aos pés, pedindo-lhe com muitas lágrimas que os não desamparasse. E posto que entendia o padre o risco em que se punha se ficasse, o quis fazer, antepondo à vida a necessidade espiritual de tantos cristãos. E sendo disso sabedor o tirano, o houve de dissimular, porque pretendia fazer pazes com os Portugueses, e entendia que por meio do padre as poderia fazer mais depressa a seu gosto.

E com este fundamento começou a tratá-lo melhor e fazer alguns favores, como foi dar licença aos portugueses cativos que pudessem pedir esmolas, e perdoar a morte a que tinha condenado dois araches cristãos, dizendo aí diante de todos que por amor do padre lhes perdoava. Porém estes favores seus // duraram pouco porque, vendo que 782
se não contentavam os Portugueses com as condições que ele queria nas pazes, o tornou a tratar com muita crueldade. E com achaque de dizer que ele escrevia ao Geral em segredo muitos avisos em prejuízo seu, lhe mandava lançar duas bragas e prendê-lo com uma corda a um esteio da casa do tronco, e mandou que lhe não dessem de comer, o que durou até que veio uma carta do geral D. Jerónimo de Azevedo em que dizia que se não havia falar nas pazes sem o padre assistir a elas, ainda que se lançasse de fora, como se tinha lançado, por ver que quem da nossa parte as tratava o não fazia com a fidelidade que devia. Com isto tornou o tirano às boas com ele; mas vendo que as pazes nem daquela vez se concluíam, tornou a pô-lo em prisão.

E sabendo de como ele tinha avisado ao Geral de como um negro, de que se ele muito fiava, se carteava com D. João, o mandou por quarenta homens de armas ao lugar em que se fazia justiça, para lhe cortarem a mão. E tendo-a já posta no cepo, chegou um recado seu que lha não cortassem, e que o levassem para a cidade e o atassem a uma árvore, onde esteve três dias ao sol e à chuva, sem comer coisa alguma, porque tinha o tirano mandado que ninguém chegasse a ele sob pena de morte. E depois dos três dias, vendo que do vento e

chuva estava mui inchado, parecendo-lhe que morresse, o mandou levar a uma aldeia onde o meteram em um tronco com grandes vigias, que ninguém falasse com ele, porque suspeitava que por sua via sabia o Geral de alguns desenhos seus como de feito assim era, porque antepondo o bem comum e serviço de El-Rei ao seu particular, por todas as vias que podia, avisava aos nossos que estavam em Columbo do que cá se tratava em Cândia. Mas como o Senhor não desampara os seus e lhes acode à sua maior necessidade, ao tempo que este seu servo padecia estas cruéis fomes, ordenou com a sua divina providência que todos os dias lhe dava uma galinha um ovo que lhe punha à cabeceira. E permitiu que adoecesse um elefante que o tirano D. João muito estimava; e como lhe não acertavam com a cura, tendo mandado chamar para ela os negros que disso entendiam, se recorreu aos seus feiticeiros, aos quais fez grandes promessas se davam saúde ao seu elefante, que também por ordem do déu nada fizeram, indo de cada vez piorando o elefante. O que vendo o padre, tendo grande confiança em Deus tomou o seu cordão com que estava cingido, ainda que sem hábito, e o entregou a um negro cristão, dizendo que o fosse pôr sobre o elefante enfermo, porque sem falta havia de sarar. E assim o mandou dizer ao tirano, que não temesse porque esperava em Deus que por meio do cordão de seu Padre S. Francisco desse saúde ao seu
783 elefante. E pondo-se // sobre ele e fazendo-lhe o sinal da cruz, de improviso se alevantou em pé, são, com grande admiração de todos aqueles infiéis que presentes estavam. E foi isto parte para que o tirano se abrandasse mais, e o mandou chamar perante si e lhe disse que lhe agradecia muito a saúde do seu elefante. E respondendo-lhe o padre que por ali veria ele se era verdadeiro o Deus dos cristãos que ele tinha deixado, lhe respondeu o tirano que bem entendia que era isso assim.

Mas nem por isso se converteu, antes por certo desgosto que teve dos portugueses de Manar que não quiseram admitir na ilha dois brâmanes que ele lá mandava buscar roupa, tornou a apertar com o padre, porque nele se vingava de todos os males que lhe faziam os nossos, e lhe mandou lançar duas bragas com quatro elos e levá-lo a um pagode que fazia, para acarretar pedras e barro. Mas cuidando ele que o levavam a martirizar, ia mui contente, dizendo aos cativos que pelo caminho encontrava, que já Deus se lembrava dele. Porém vendo que os negros lhe mandavam trabalhar no pagode, respondeu que ele era sacerdote de Cristo e que aquela casa que faziam era para o diabo, e assim que tal não havia de fazer ainda que o matassem. E dizendo-lhe os negros que fizesse o que El-Rei lhe mandava senão que lhe tirariam a vida, o padre com muitos rogos lhes pedia que o matassem antes que obrigá-lo a fazer tal coisa. Eles o fizeram saber ao tirano que o mandou recolher; e em cinco anos que o teve cativo, sempre lhe deu muitos tormentos, até que prouve ao Senhor livrá-lo dele por via de pazes.

E todas estas coisas tiramos de certidões juradas que estão no

cartório do nosso convento de S. Francisco de Goa, dos mesmos portugueses que com ele estiveram neste cativeiro. E enquanto lhe durou a vida, que foi por muitos anos (porque morreu já velho) [1], sempre esteve nesta ilha de Ceilão, ocupando-se do serviço da cristandade.

---

[1] Fr. Pedro de Cristo em fins de 1591 foi mandado pelo Comissário fr. Lucas de S. Francisco a Jafanapatão a «tomar posse da ermida da Cruz, levantada por um cristão da terra chamado Antonio Fernandez no lugar da praya aonde depois Andre Furtado de Mendonça alojou o arraial». Ali assistiu alguns meses, e depois numas casas que lhe deu o rei, perto do seu paço, «levantou hua ermida mayor com a invocação de Nossa Senhora da Vitória» (Queirós, *Conquista*, 539). Por 1599 o rei de Cândia restituiu-o à liberdade (*ib.* 443). Ainda vivia em 1602, conforme testemunho da já citada *Apologia* que diz: «Não faltavam nem faltam desnarigados, a saber, o P. fr. Estêvão de Jesus e o P. fr. Pedro de Cristo, um dos dois que foram cativos em Cândia de que acima fizemos menção [...] dos quais ainda hoje vive o P. fr. Pedro de Cristo» (*ib.* fl. 7).

DE OUTROS FRADES NOSSOS QUE TAMBÉM FORAM MORTOS EM CEILÃO SENDO GERAIS D. JERÓNIMO DE AZEVEDO E D. NUNO ÁLVARES PEREIRA

CAPÍTULO 21

Os muitos trabalhos que na ilha de Ceilão padeciam os nossos frades na conversão dos infiéis e o muito sangue que muitos deles derra-
784 maram, não eram bastantes para // os fazer afroixar um ponto do serviço de Deus em que se ocupavam. Antes com mui animoso coração e alegre rosto se ofereciam cada dia a outros de novo, para serem companheiros aos que morriam nos trabalhos, desejando de o ser também nas coroas. E assim parece que não houve Geral em esta Conquista, em cujo tempo não houvesse muitos frades nossos que oferecessem a Deus suas vidas e sangue em sacrifício.

E continuando com D. Jerónimo de Azevedo que, como atrás fica dito, sucedeu neste cargo a Pedro Lopes de Sousa, também em seu tempo sucederam em Ceilão muitos alevantamentos, e no primeiro deles se acharam com ele no campo os Padres fr. Henrique de Santo António, fr. Gaspar dos Reis, pregador, natural de Baçaim, e fr. Estêvão de Jesus, natural de Goa. Era o nosso exército de quatrocentos soldados e os inimigos, que actualmente pelejavam, doze mil, sendo o corpo do campo onde estes se cevavam e revesavam, de quase trinta mil homens, porque como o alevantado que era um Domingos Correia chingalá, se intitulou libertador da nação chingalá, não houve em toda a ilha quem se não ajuntasse a ele. Pelejavam os nossos, vindo-se sempre retirando e recolhendo dois dias com duas noite, cercados por todas as partes dos inimigos e combatidos em roda viva, sem em todo este tempo o não terem os nossos de comer e repousar. E indo todos neste aperto, o P. fr. Gaspar dos Reis ouviu que chamava por ele e lhe pedia confissão Henrique Alvares da Silva, um capitão de muito esforço, que naquela hora o tinham derribado os inimigos, de uma mosquetada. E posto que o perigo era evidente, se foi a ele a o consolar e confessar, onde foi atravessado em ambas as pernas de outra mosquetada, o que não foi parte para que não acabasse a sua confissão.

E vendo os nossos que se não podia bulir por ter as pernas quebradas, o puseram em cima de um elefante, atando-o muito bem nele por não cair. E apertando uma vez os inimigos aos nossos com muita força, com o estrondo das espingardas e mosquetadas o elefante se apartou do caminho e com grande ímpeto foi rompendo pelos matos e silvados, que naquela parte os há mui espessos. E como o padre ia atado, e se não podia tirar do elefante nem tinha forças para isso, o foi despedaçando pelos espinhos e árvores, ficando-lhe os pedaços do corpo em diversas partes (1). O P. fr. Estêvão de Jesus foi tomado dos inimigos que lhe cortaram os narizes, e dando-lhe sete feridas o deixaram por morto; porém ainda viveu, e morreu depois em Negumbo (2). Nesta mesma ocasião cativaram aos padres fr. Pedro de Lisboa (3), pregador, e fr. Sebastião da Luz (4) e fr. Manuel da Trindade (5), confessores. O alevantado Domingos Correia foi depois tomado às mãos e levado a Columbo, onde pagou sua maldade sendo esquartejado.

Depois disto se alevantaram uns araches que andavam no serviço de modeliar Simão // Pinto, e deram em Nagão onde estava o P. fr. 785
Inácio de Santa Luzia, sobrinho do Geral D. Jerónimo, e lhe queimaram a igreja e as casas, e o houveram de matar a ele se se não recolhera por ter aviso do alevantamento (6).

Também se tem sabido que os mouros que moram nesta ilha, vendo o grande fruito que fazem os nossos frades na conversão dos

---

(1) Fr. Gaspar dos Reis em 1585, segundo a *Tábua* desse ano, era sacerdote estudante no convento de S. Francisco de Goa. Foi morto na retirada do exército de D. Jerónimo de Azevedo nos fins de 1595 (veja-se Queirós, *Conquista*, 411, e Soledade, *Historia Serafica*, 3, 544).

(2) Fr. Estêvão de Jesus será possìvelmente o fr. Estêvão que em 1585 era noviço no convento de S. António de Baçaim. A *Apologia* fl. 9, diz que «andando ocupado na conversão dos infiéis e propagação da Fé, cortaram(-lhe) os inimigos os narizes e beiços com miseranda e horrenda deformidade», e acrescenta que já então, em 1602, havia morrido.

(3) Fr. Pedro de Lisboa diz fr. Paulo da Trindade acima, no cap. 19, que ficara prisioneiro em 1594.

(4) Fr. Sebastião da Luz era «confessor de frades, tangedor, escrivão de livros» no convento de S. Francisco de Goa em 1585 (*Tábua de 1585*), e vem na lista dos moradores do convento de Columbo em 1595 (*Tábua de 1595*, 186).

(5) Fr. Manuel da Trindade fora colocado em Columbo no ano de 1595 (*Tábua de 1595*, 186). Apanhado pelos inimigos, trazia-o consigo como prisioneiro o apóstata Simão Correia, irmão de Domingos Correia, o qual num assalto dos portugueses em fins de 1595 ao fugir deixou-o em liberdade (Queirós, *Conquista*, 414). Em 1601 era reitor na cristandade de Palanchena quando os inimigos lhe queimaram a igreja, mas ele «escapou com a escuridão da noite do ímpeto e fúria deles» (*Apologia*, 9v). Diz Queirós (*Conquista*, 582) que na derrocada do exército português em Ceilão no ano de 1630 quando morreu o capitão geral D. Constantino de Sá de Meneses, também morreu fr. Manuel da Trindade que com ele andava como capelão e vigário. Não sei se será ainda o mesmo.

(6) Fr. Inácio de S. Luzia em 1595 ficou de reitor em Maim (*Tábua de 1595*, 190).

naturais, como inimigos declarados da nossa Fé deram peçonha a muitos deles, dos quais morreram dois.

Na retirada do mesmo Geral D. Jerónimo de Azevedo que fez do reino de Cândia, acompanharam o arraial cinco frades nossos que também passaram muitos trabalhos; e destes ficaram dois em duas tranqueiras por ordem do mesmo Geral, e um deles levaram captivo os inimigos a Cândia. E dos que estavam em outros presídios, foram mortos não poucos. Porque em Malvana alancearam e cortaram a cabeça ao P. fr. Francisco das Lapas, natural de Setúbal (7). Em Caimel mataram às lançadas ao P. fr. Francisco de Cananor, e lhe cortaram a cabeça e levaram a Cândia (8). O mesmo fizeram em Negumbo ao P. fr. Bernardo da Conceição, natural de Goa (9). Em Ceitavaca tomaram os inimigos ao P. fr. António Silvestre (10), pai e amparo dos soldados; e depois de lhe despirem o hábito, lhe furaram as orelhas, e, metendo-lhe uma corda por elas, vestiu um deles o hábito e por zombaria da nossa religião cristã tomou o missal com que o padre dizia missa e iam diante dele outros a modo de procissão puxando-lhe pela corda das orelhas, dizendo *ora pro nobis*. E depois de terem deste modo escarnecido dele, o alancearam e cortaram a cabeça. Em Talapitim cortaram a cabeça ao P. fr. André de Setúbal a quem acharam, quando os negros o despiram, com um cotão de áspero cilício. E com estes frades foram também destruídas e queimadas não sòmente as igrejas de que eram reitores, mas também quase todas as outras que na ilha tínhamos, e eram muitas (11). E na cidade de Columbo onde não haviam ficado mais que mulheres e nossos frades, por ter o Geral levado consigo a Cândia toda a mais gente, tanto que a ela chegaram as novas deste triste desbarato, as mulheres se ocuparam em chorar as mortes de seus maridos, e os nossos frades, tomando as armas, em defender os muros e baluartes da cidade.

---

(7) A retirada de D. Jerónimo de Azevedo foi nos princípios de 1603. Fr. Francisco das Lapas foi morto em Malvana «com o devoto ermitão Jerónimo Fenandes» (Queirós, *Conquista*, 477-478). Era natural da Índia (Fr. Miguel da Purificação, *Relação Defensiva*, fl. 14).

(8) As *Tábuas* de 1585 e de 1595 não nomeiam fr. Francisco de Cananor, por ventura porque seria também conhecido por outro nome. Dele diz a *Apologia*, fl. 9v: «Mataram os inimigos em um assalto que deram nas terras já sugeitas a nós, faz agora um ano e meio, às lançadas, um Frade Menor por nome fr. Francisco de Cananor, reitor então da cristandade de Caimel, queimando-lhe a igreja em que residia». Foi, portanto, sua morte em 1601.

(9) Fr. Bernardo da Conceição em 1595 ficou reitor em Bombaim, (*Tábua de 1595*, 190). Também Queirós (*Conquista*, 479) refere a sua morte.

(10) Fr. António Silvestre, por outro nome fr. António da Madre de Deus, estava de guardião em Cananor em 1591 (veja-se adiante c. 37) e em 1595 ficou de morador no convento de S. Francisco de Goa (*Tábua de 1595*, 183). Também Queirós recorda a sua morte (*Conquista*, 476, 477).

(11) De fr. André de Setúbal e fr. Boaventura de S. Francisco não encontro notícia a não ser em Soledade (*Historia Serafica*, 545) que, como sempre, vai resumindo o que aqui diz fr. Paulo.

Sendo Geral de Ceilão D. Nuno Álvares Pereira, em um alevantamento que houve no ano de 1616, morreu o P. fr. Boaventura de S. Francisco no presídio de Balane, estando de cerco pelo rei de Cândia, padecendo muitas fomes e necessidades, porque foi tão apertado o cerco que não ousavam os nossos abrir a porta // do forte para se proverem 786
de fora de algum mantimento, por se ter já acabado o que dentro havia. E assim morreu o dito padre pelo muito trabalho que então teve e falta de sustentação. No mesmo alevantamento foi morto o P. fr. José da Madre de Deus ([12]), religioso de santa vida, a quem o mesmo Geral tinha posto em Cândia por reféns e segurança das pazes que então de novo tinha feitas com o rei daquele reino. E, alevantando-se alguns capitães do rei por ele ter feito as pazes, e entrando na cidade de Cândia, às lançadas mataram ao dito padre e lançaram seu corpo aos animais, como atrás fica referido.

([12]) Fr. José da Madre de Deus em 1595 era corista no convento de S. Bárbara de Chaul (*Tábua de 1595*, 185). Veja-se o que dele diz o autor adiante cap. 26.

DO GRANDE ALEVANTAMENTO QUE HOUVE EM TODA A ILHA DE CEILÃO EM TEMPO DO GERAL CONSTANTINO DE SÁ EM QUE QUATRO FRADES NOSSOS FORAM MORTOS COM ELE NA ROTA DO SEU ARRAIAL, E DOIS CATIVOS

CAPÍTULO 22

Bem regada estava a ilha de Ceilão com o sangue de tantos Frades Menores quantos nela acabaram a vida em mãos dos idólatras, em a conversão das almas e serviço de Deus e Sua Majestade. Mas enquanto não faltarem inimigos da Fé, tão pouco faltarão aos pregadores dela ocasiões de novas mortes. E a que agora houve em Ceilão para a tirarem a quatro religiosos nossos, foi a menos cuidada de quantas nela houve nos tempos, por ser em ocasião que a ilha gozava de grande paz, estando quase toda debaixo da obediência dos Portugueses. Mas, ou fosse pouca prudência dos que governavam ou, o que parece mais certo, os nossos pecados, quando menos cuidámos, nos achámos com as terras todas alevantadas, o Geral morto, seu arraial desbaratado, e, o que mais é para sentir, muitos Religiosos mortos e as igrejas todas profanadas, destruídas e arrasadas. E como mal tão grande, não faltou um aviso do céu que os não advertisse dele, porque, como constou por testemunhas fidedignas que se tiraram por ordem do Ordinário, pela festa da Degolação de S. João se viu em uma noite de grande luar, sobre uma igreja nossa da mesma vocação, tremular uma bandeira vermelha por grande espaço à vista de muitos, que por ser sinal tão conhecido de guerra se teve geralmente por denunciadora do que depois daí a um ano sucedeu naquela ilha.

787 A causa principal deste tão // grande desbarate foi não tanto o poder dos inimigos como a traição dos nossos, particularmente de um chingalá cristão chamado D. Teodósio que era capitão de muita gente da terra que militavam debaixo da sua bandeira e pelejavam por nós no nosso arraial, o qual, tendo tratos secretos com el-rei de Cândia, lhe prometeu de dar a cabeça do Geral Constantino de Sá, e

assim o foi esperar, vindo o dito Geral de fazer a fortaleza de Baticalou, para lhe cortar a cabeça e levá-la a Cândia, como tinha prometido. Mas desta traição foi avisado um religioso nosso, chamado fr. António Peixoto [1], por um dos principais modeliares de Maturê onde era Reitor, o qual avisou ao dissava João Cardosinho que logo mandou gente que lho trouxeram do meio do caminho onde estava já com trezentos homens lascarins dos seus, e levando-o ao Geral lhe deram conta do que passava. E o P. fr. António Peixoto lhe entregou uma ola, que lhe viera ter às mãos, de el-rei de Cândia para o dito D. Teodósio, em resposta de outra sua em que lhe prometia ao dito rei dar-lhe a cabeça do Geral. Mas era Constantino de Sá tão afeiçoado a este negro e vivia tão enganado com ele, que a nada deu crédito, vendo que lançava ele a coisa a zombaria dizendo que tudo aquilo eram traças de el-rei de Cândia para o inimizar com os Portugueses de quem sabia que era grande amigo e servidor. E assim ficou correndo a mesma graça com o Geral, que assim permite muitas vezes Deus que se enganem os homens quando quer neles executar o rigor de sua vingança.

E sabendo o traidor D. Teodósio que por via do nosso frade se viera a descobrir a sua traição (que lho descobriu o mesmo Geral), lhe tomou capital ódio e o perseguiu alevantando-lhe muitos falsos testemunhos, tudo a fim de o fazer tirar da sua reitoria de Maturê, porque sabia que o dito Padre só poderia saber os seus tratos por saber muito bem a língua da terra e ter grande comunicação com os naturais que concorriam todos a ele assim os de guerra como os mais, e lançando-o de Maturê não seriam descobertas suas maranhas. E para mais assegurar ao Geral, se casou com uma mestiça honrada, natural de Columbo, e se vestiu à portuguesa com espada doirada e ricas esquipações, com o qual artifício assim ficou seguro dele o Geral que dizia: — «Não sei se ainda agora dirá o P. fr. António Peixoto que se há-de alevantar D. Teodósio?» Ao que o dito padre respondeu a quem lhe disse que o Geral dizia isto: — «Diga Vossa Mercê ao Capitão Geral que digo eu que hoje se há-de recear mais que nunca o alevantamento // de D. 788
Teodósio, porque tudo o que faz não é mais que a fim de o segurar para fazer a sua mais a seu salvo. Porque os chingalás estimam pouco as mulheres, porque a cada passo deixam uma e tomam outra; e eu os conheço mui bem por haver vinte e cinco anos que lido com eles, e me achei em três alevantamentos desta ilha e sei quão falsos eles são».

E assim como o Padre disse, assim aconteceu; porque este negro foi a cabeça e origem de todo o alevantamento e morte do Geral que tanto [se fiou?] nele e por ele. E não lhe faltou para isso oportunidade e ocasião, porque lha deu a mal julgada determinação que o Geral tomou de querer tornar outra vez a Cândia para a destruir, porque lhe ficara a mão leve de a ter destruída o ano atrasado, como acima

---

(1) Sobre fr. António Peixoto veja-se adiante os cap. 23 e 24.

fica dito. E ajuntando o seu arraial que podia ser de quatrocentos soldados portugueses, afora os lascarins e gente da terra, com o falso D. Teodósio capitão de muitos deles e de muitas munições e petrechos de guerra, foram dar no reino de Uva, que é sujeito ao de Cândia, e onde o rei tinha um filho por rei daquele reino. E entrando a principal cidade que é do mesmo nome, a destruiu e assolou. Vindo-se recolhendo com esta vitória, ao caminho lhe saiu el-rei de Cândia com o seu poder, sendo o maior e em que mais se estribava os nossos próprios lascarins com o falso D. Teodósio e outros que também tinham entrado na mesma rebelião, com os quais se tinha concertado el-rei de Cândia que, quando acometesse o nosso arraial, o desamparassem e se fossem para ele, para todos juntos darem nos nossos e os desbaratarem. Assim o fizeram, permitindo assim a justiça divina que não dorme e, se dissimula com nossas culpas, é para que, não achando em nós emenda, castigar com mais rigor. O arraial foi desbaratado e o Geral morto, e os mais portugueses foram levados cativos para Cândia ([2]).

Sucedeu esta desventura, que foi bem sentida por ser menos esperada, no mês de Agosto de 1630, na qual foram quatro Religiosos nossos mortos: o P. fr. Manuel da Trindade, pregador, em companhia do Geral, que ia por capelão e vigário do arraial; o P. fr. José de S. Francisco em Cotavata, jurdição de Maturê; o P. fr. Marcos de Santa Catarina, em Diavela; e o P. fr. Manuel da Conceição em Paredua; todos três reitores, sendo juntamente suas reitorias destruídas com todas as outras ([3]). E o P. fr. António Peixoto por pouco deixou de fazer companhia a estes, porque tanto que D. Teodósio viu o nosso arraial desbaratado e o Geral morto, pela boa vontade que tinha ao
789 dito padre despediu mui depressa um lascarim // seu, casta chaleá, que logo fosse a Belitote, onde o Padre estava por reitor, e o matasse. Mas como Deus o tinha guardado daquele perigo, não o achou na igreja que fazia de novo naquele lugar. E como o lascarim o não achou e tinha dele recebido algumas caridades, despediu um seu sobrinho que lhe fosse dizer de sua parte que, se queria escapar com vida,

---

([2]) O desbarato de Constantino de Sá de Meneses em 1630 e precedentes são resumidamente historiados por João Ribeiro (*Fatalidade*, 75-78), por Queirós (*Conquista*, 619-637) e em carta de Raja Singa, rei de Cândia, de 9 de Setembro de 1636 (em David Lopes, *Cartas de Raja Singa*, BSGL 25 (1907) 29-31).

([3]) Destes quatro Franciscanos mortos no desbarato fala Queirós (*Conquista*, 582) transcrevendo o que aqui diz o texto, e da mesma forma Soledade (*Historia Serafica*, 546-547).

Sobre fr. Manuel da Trindade, veja-se acima cap. 21[3].

Fr. José de S. Francisco tinha ficado em Cândia de reféns depois de fr. Eleutério de S. Tiago (veja-se Queirós, *Conquista*, 570).

De fr. Marcos de S. Catarina consta apenas o que vai no texto.

Fr. Manuel da Conceição pode ser que seja algum dos frades desse nome que em 1595 ficaram um no convento do Espírito Santo de Damão, outro no convento de S. Tomé de Meliapor (*Tábua de 1595*, 186, 188).

se recolhesse logo em Columbo, fazendo-lhe a saber como vinha com ordem do alevantado D. Teodósio para lhe levar a cabeça, e que se o não achasse, com isso se escusaria. Com o qual aviso se recolheu o padre, e escapou daquele perigo de que o quis Deus guardar por sua misericórdia. Com os portugueses que foram levados cativos para Cândia, foram dois Religiosos nossos que também cativaram os inimigos, um que foi o P. fr. João de Turim que estava no presídio de Sofragão, e outro que foi o P. fr. Luís da Conceição [4], em o passo de Nacolagão.

Foram tomadas quatro fortalezas nossas que estavam pelo sertão, de Manicravarê, Sofragão, Malvana e Caleturê, por serem fracas e mal providas, e juntamente destruídas e queimadas as cinquenta e quatro igrejas que tínhamos nesta ilha de Ceilão. E finalmente as terras todas que estavam obedecidas e por nós, com esta perda dos nossos se rebelaram não ficando mais que Gale, Negumbo, e a cidade e fortaleza de Columbo, aonde logo o rei de Cândia com os três príncipes seus filhos, juntos com os rebeldes e alevantados, lhe vieram pôr estreito cerco no mesmo mês de Agosto, queimando e destruindo todos os arrabaldes por não haver na cidade gente bastante para os defender, por ter os muros rasos e caídos por muitas partes e os almazéns sem nenhumas armas nem munições. E segundo estavam os nossos desprovidos, foi grande mercê de Deus poderem-se defender de tanto poder dos inimigos. Mas como os castigos que nos dá sejam de pai, houve por bem que a cidade ficasse livre não só dos de fora mas também dos mouros que estavam dos muros adentro, os quais se tinham concertado com o rei de Cândia para queimarem a cidade e lhe abrirem as portas. Mas por misericórdia divina se veio a saber esta traição, e os inventores dela foram todos mortos e os nossos se fortificaram com tranqueiras e novos muros, recolhendo algumas mulheres e filhos dos alevantados e pondo todas as peças que havia em repairos, em lugares convenientes, as quais preparações e diligências foram causa, com o favor divino, de se defender aquela cidade.

---

(4) Também sobre estes Franciscanos prisioneiros em Cândia no ano de 1630, Queirós (*Conquista*, 582) transcreve o que dá aqui o texto, e Soledade resume (*l. c.*).

De fr. João Turim ou fr. João de Turim não se alcançam outras notícias.

Com o nome de fr. Luís da Conceição viviam em 1595 dois franciscanos, um no convento de Columbo, outro na vigairaria de S. João de Cochim (*Tábua de 1595*, 186, 188). Em 1633 fr. Luís acompanhou a Columbo e depois a Goa os embaixadores do rei de Cândia que foram a tratar da paz (veja-se adiante cap. 24).

COMO SE HOUVERAM NESTE ALEVANTAMENTO OS RELIGIOSOS DA NOSSA ORDEM NAS COISAS DO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE

790 CAPÍTULO 23 //

Era tal o estado em que nesta ocasião se via a cidade de Columbo, e tão falta se achava de tudo o que necessário lhe era para a sua defensão, que se viam as moradores dela em grande afronta, vendo por uma parte o poder dos inimigos, e por outra quão abarbados lhe ficavam pois com as lanças lhe tocavam as portas. Estavam os muros em parte arruinados e postos por terra, e sem a fortificação costumada de fortes baluartes e grossas peças de artilharia. Os almazéns sem armas nem munições. A gente que pudesse tomar armas, pouca, pois a que havia, uns eram mortos no campo e outros estavam cativos em Cândia. Era o aperto grande e a necessidade maior, e assim era forçado que tomassem as armas ainda aqueles que não tinham a profissão delas, como eram os religioss e em especial os da nossa sagrada Religião, que, por serem mais em número que todos outros juntos, corria por eles mais esta obrigação.

Havia neste tempo em a cidade trinta frades nossos, porque como se alevantaram as terras, e as igrejas que nelas tínhamos, foram pelos inimigos destruídas e queimadas, todos os que assistiam nelas, se recolheram para a fortaleza, tirando os que foram mortos e cativos e os que estavam em Gale e Negumbo. Começaram a repartir entre si o cuidado da defensão da cidade, não perdoando a trabalho algum, sustentando o maior peso dele, como aqueles que tinham por herança participarem e serem companheiros em todos os trabalhos que os Portugueses tiveram na Índia, e muito mais particularmente em Ceilão, pois não se acha que jamais corresse por eles alguma má fortuna que não coubesse aos nossos frades sua parte, como se viu em todos os cercos e perlins (que assim chamam lá aos alevantamentos) que houve nele, nos quais padeceram muitas fomes e se viram em grandes apertos, e, o que mais é, derramaram muito sangue e padeceram cruéis mortes.

E começando por Columbo, que é a principal força que na ilha temos, pela pouca fortificação que os seus muros tinham, foi necessário acudir-se a eles com maior cuidado, e o Padre Guardião do convento tomou à sua conta mandar fazer neles uma mui formosa e forte guarita capaz de vinte e trinta pessoas e em que podia jogar dentro uma peça grande de artilharia, e nela pôs alguns frades que vigiavam e defendiam a cidade por aquela parte a que chamam de Mapane, no posto mais perigoso por ficar a barreira do inimigo. E posto que estavam providos de armas, como arcabuzes, espingardas, panelas de pólvora e outros petrechos de guerra, contudo as em que mais se fiavam eram as da oração que sempre a Deus faziam com muita instância, assim por serem elas mais próprias de sua profissão, como por entenderem serem de maior efeito e importância para semelhantes perigos.

Vigiavam mais os nossos frades no baluarte de S. João e noutro que chamam de El-Rei, e em umas casas que eram de Diogo de Sousa que // caíam sobre a alagoa onde estava um presídio. E tinham de 791
noite seus quartos em que roldavam a cidade. E porque as peças de artilharia estavam todas no chão por terem os repairos todos podres, os nossos religiosos deram para o conserto deles todo o taboado grosso que havia em casa, que era muito, e até as rodas dos carros que serviam para as obras do convento, para com elas puxarem as peças. E porque havia grande falta de pelouros, lhe deram também, para se eles fazerem, os pesos dos órgãos que eram de chumbo, e os bancos da igreja para guaritas. E porque se receou que os inimigos passassem o rio, o Padre Guardião se foi oferecer à cidade e ao Capitão dela para o vigiar, dando para isso gente bastante, contanto que lhe dessem embarcações; mas por estas faltarem, não teve efeito este oferecimento, que fora de grande importância.

E porque o Capitão-Mor da guerra que então ficou naquela fortaleza de Columbo por morte do Geral Constantino de Sá, tinha grande necessidade de uma pessoa que soubesse a língua natural, de feição que o pudesse ocupar em ler as olas que vinham dos alevantados e pessoas particulares que estavam lá com os inimigos, e respondê-las com o segredo necessário atalhando ao que convinha e podia recrescer em alguma traição, que era o que mais então se receava e o que mais prejuízo podia fazer, não achou outro religioso que pudesse servir disso senão um nosso chamado fr. António Peixoto, de quem acima temos falado, que era peritíssimo naquela língua e mestre de muito tempo, e que havia mais de vinte anos que se ocupava no ministério das cristandades daquela ilha e tinha algumas vezes andado no arraial e nas mais fronteiras. E por essa razão e de falar com as espias e mandá-las quando convinha, mandou que assistisse no baluarte da Madre de Deus que estava também abordado com o inimigo. E em algumas saídas que o capitão-mor Lancerote de Seixas fez ao inimigo, o levou sempre consigo e ele o acompanhou com muito ânimo e esforço, particularmente em ocasião em que se matou o dissava de Sofragão, que era um nosso alevantado, na qual, levando o Padre um crucifixo na

mão, ia animando a todos a irem por diante e a terem o ímpeto dos inimigos que eram muitos, sendo os nossos muito poucos, estando descoberto à espingardaria e mosqueteria, que sempre jogava e de muito perto.

E no segundo alevantamento que houve depois do grande, estando já o arraial fora dos muros, este mesmo Religioso que andava no arraial, foi grande parte, não com pequeno risco de sua pessoa, para se prenderem os alevantados, aos quais depois mataram por ordem do Geral que já era D. Filipe Mascarenhas, capitão de Cochim, que tinha acudido
792 àquela // fortaleza tanto que soube o que passava. E como seja mui ordinária e certa companheira dos cercos a fome e falta de mantimentos, foi tal esta em Columbo que se teve por não menor castigo do céu o um que o outro, e chegou o negócio a tanto extremo que valia uma medida de arroz um larim, e ainda assim se não achava, preço pelo qual em outro tempo se compravam algumas vezes vinte e outras trinta medidas dele. Pela qual começou a haver na cidade muitas mortes, particularmente na gente mesquinha, na qual semelhantes faltas costumam sempre fazer mais dano. E eram tantos os que cada dia morriam que já se não podiam enterrar nem encomendar como é costume, e se achavam muitos estirados pelos caminhos sem haver lugar de lhes poder dar sepultura. E muitos escravos, não podendo já sofrer a fome que padeciam em casa de seus senhores, fugiam deles e se iam para os inimigos. De sorte que em um mesmo tempo se viu esta cidade com todos os três açoutes com que Deus ameaçou a el-rei David, pelo pecado de contar o povo; e parecendo-lhe que, para ele ser bem castigado, bastava um deles, qual o mesmo David escolhesse, aqui por seu justo juízo quis que esta triste cidade tivesse todos três juntos, padecendo em um mesmo tempo cerco apertado, peste cruel e fome desesperada.

Vendo-se neste aperto, o Guardião do nosso convento, despediu um religioso a Negapatão para lhe trazer o mantimento que para sustentar os seus lhe era necessário. O qual metendo-se em umas champanas que para lá partiram de Columbo, com o mesmo intento de trazer também mantimento para a cidade, o acharam lá em Negapatão tão caro que os das champanas o não quiseram comprar, querendo antes esperar pela novidade que não havia de tardar. Contudo o nosso Religioso quis tomá-los assim como os achou, caros, respeitando o grande aperto da fome que havia na cidade de Columbo, e se veio para ela em uma embarcação que ia para Gale carregada também de mantimentos, cujo capitão a rogos e persuasão do nosso Religioso, aceitou deitá-lo em Columbo, como o fez. E tanto que o Geral D. Filipe Mascarenhas soube da sua chegada, foi logo em busca do nosso Religioso e lhe disse: — «Meu padre, nessa champana não vem frade de S. Francisco , senão o mesmo Padre S. Francisco, porque saberá Vossa Reverência que haverá três dias que em Negumbo despedimos quatrocentos lascarins, por não haver com que os sustentar; e eu não tenho para os lascarins desta fortaleza mais arroz que para seis dias,

e, se essa champana não chegara, também os havia de despedir, porque não havia outro remédio». E lhe pediu que de sua parte dissesse ao Padre Guardião que também o arroz que trazia para o seu convento se havia meter com o mais na sua lógia, e que ele tinha // sido síndico dos 793
frades de Cochim; e quando lhe faltasse, ele os proveria. E assim o fez. E ao homem capitão da champana, além de lhe pagar muito bem o arroz que lhe tomou, deixando-lhe sòmente o que lhe era necessári para sua casa, lhe deu uma aldeia em Gale em nome de Sua Majestade por ter vindo socorrer a fortaleza no estado em que estava.

Em não menor aperto e necessidade se achava neste tempo a fortaleza de Santa Cruz de Gale, assim de gente como de todas as outras coisas que se haviam mister para a sua defensão. E o padre que aí estava por prelado se ofereceu ao Capitão com tudo o que tinha no convento, e lhe deu muita pedra e chumbo que tinha em casa para as obras da igreja, para se fazerem os andaimes e guaritas. E assim mais emprestou o sino dela por lho pedir o feitor para a vigia, por não haver sino de Sua Majestade na fortaleza, que tão pobre como isto é El-Rei nosso senhor nesta ilha de Ceilão, sendo nela senhor de tantas riquezas. O qual sino pelo discurso das vigias se quebrou e fez em pedaços. E o dito Padre Guardião com mais cinco religiosos súbditos seus assistiram no trabalho, acarretando pedra às costas e o que era mais necessário para o serviço da obra que se fazia para a defensão daquela fortaleza; e assistiam nas vigias de dia e de noite. E em uma saída que se fez a Beligão, foi um deles na companhia do arraial acudindo sempre com sua obrigação, não refusando, assim ele como os mais, nenhuma coisa do serviço de Deus e de Sua Magestade. E o mesmo cuidado tinham os religiosos nossos que no tempo deste alevantamento se acharam na fortaleza de Negumbo, que eram cinco, acudindo com muita prontidão a tudo que então se oferecia de necessidade, assim ajudando ao espiritual, confessando os soldados e administrando-lhes os outros sacramentos de que tinham necessidade, como no corporal entrando com eles em todo o trabalho que se oferecia de vigiar, carretar e pelejar.

COMO OS PORTUGUESES TORNARAM A RECUPERAR TUDO O QUE PELO ALEVANTAMENTO PASSADO TINHAM PERDIDO EM CEILÃO, E DAS PAZES QUE SE ASSENTARAM COM EL-REI DE CÂNDIA, E COMO A PETIÇÃO SUA LHE FORAM DADOS NOSSOS FRADES POR REFÉNS

CAPÍTULO 24

Costume é mui usado do nosso Deus, como aquele que é infini-
794 tamente bom, acudir // com dobrados favores e misericórdias aos que tocou com a vara de sua justiça. Bem o deu a entender o real Profeta em um Salmo, quando disse: *misericors Deus et justus, et Deus noster miseretur* (1). O qual verso ponderando Santo Ambrósio, notou chamar o Profeta a Deus uma só vez justo e duas misericordioso, como dando a entender que traz a sua justiça como metida e encerrada entre muitas misericórdias. *Bis misericordiam posuit*, diz o santo Doutor, *semel justitiam, in medio justitia est gemino septo inclusa misericordiae*. E na verdade assim é, porque de tal maneira resplandece nEle a sua bondade, que não quer que saia a sua justiça a tomar vingança de nossos pecados senão rompendo primeiro pelos fortes muros de sua misericórdia, para que com isso, levando já como botados os fios de sua espada, seja menos pesado o golpe e lhe fique sempre lugar de benignamente dar a mão aos que, como forçado, deu o castigo, como vemos que fez no alevantamento de Ceilão, onde se viu bem a olho como traz Deus Nosso Senhor a sua justiça acompanhada de grandes misericórdias, pois claro está que, se como mereciam nossas culpas Ele nos deixara nas mãos dos nossos inimigos, nada desta feita nos ficara de Ceilão. Mas levado de sua bondade foi servido que esta justiça viesse acompanhada de muitas misericórdias, sendo a primeira acudir-se à traição dos moiros como no capítulo passado

---

(1) *Salmo* 114, 5.

vimos, porque se viera a ter o efeito que se pretendeu, tudo se acabava; mas atalhou-se com se descobrirem os autores dela que foram logo todos mortos e a cidade de Columbo com isso assegurada. Dando juntamente ordem (que foi outra misericórdia e mui grande) como, sendo mui desiguais nossas forças, fôssemos contudo prevalecendo e por fim viéssemos a recuperar tudo quanto estava perdido e alevantado, e que o mesmo rei de Cândia nos rogasse pelas pazes, fazendo tanto por elas, sendo o vencedor, quanto mais não pudera fazer, se fora o vencido. E o como isto passou, o contaremos agora.

Já fica atrás dito como, tanto que sucedeu esta desventura da morte do Geral de Ceilão Constantino de Sá e o desbarate do nosso arraial e geral alevantamento de todas as terras que eram de nossa jurdição, chegando as tristes novas a Cochim, deixou D. Filipe Mascarenhas aquela fortaleza onde era capitão, e com muita brevidade se foi lá a acudir àquela necessidade, com sua pessoa e dinheiro, como bom fidalgo e leal vassalo de Sua Majestade; onde esteve, sustentando o peso todo daquele alevantamento, até que de Goa se proveu com capitão e gente, e D. Filipe se tornou para a sua fortaleza. E saindo os nossos fora da cidade onde os inimigos os tinham acurralados, tiveram com eles alguns encontros, ficando sempre com a melhor. O que vendo el-rei de Cândia, se recolheu para o seu // reino com a mais da 795
sua gente, deixando cá em baixo alguns capitães seus para que, ajudados dos alevantados, continuassem a guerra, já com menos esperanças das que lhe tinham dado esses mesmos alevantados.

Neste tempo sucedeu também vir-se para nós o alevantado D. Teodósio, tendo para isso nosso seguro, o qual, como vimos, foi a principal cabeça deste alevantamento, bem que depois, por alguns sinais que nele enxergaram, vieram os nossos a suspeitar ser tudo o que fazia, fingimento e invenção para que, fiando dele as terras de Maturê de que pretendia ser dissava, se alevantasse com elas e destruísse o presídio que ali já tínhamos, tendo tratado com Abiagão, que era outro alevantado, fizesse o mesmo ao arraial de Sofragão, os quais tratos e dissimulação o primeiro que deu no rasto deles foi um Religioso nosso, de quem atrás fizemos menção, chamado fr. António Peixoto, que por saber extremadamente a língua da terra e pela muita experiência que tem daquela gente chingalá por haver mais de vinte anos que lida com ela, lhe deu logo o faro da traição que se tornava a armar de novo e deu aviso do que sentia ao Geral e à cidade de Columbo e mais em particular a António de Mota que estava ali em Maturé por Capitão-Mor dos portugueses. E posto que ao princípio parecessem a alguns dos nossos sòmente suspeitas, se vieram logo a certificar mais nelas, vendo que o bom de D. Teodósio fugiu para a outra parte do rio onde já o foi tomar o sobredito António de Mota. E trazendo-o a bom recado, o fez entregar ao Geral que estava em Columbo, o qual o teve em ferros até o embarcar para Goa onde o fez o Vizo-Rei prender e depois justiçar em Ceilão. Assim que tivemos também por favor do céu descobrir-se este laço que se armava contra nós.

Vendo, pois, el-rei de Cândia as nossas coisas neste estado e que havia já presídio dos Portugueses em seis partes da ilha, a saber, em Negumbo cinco léguas de Columbo, Petigaldené que são doze léguas, em Manicavarê oito léguas, em Sofragão doze léguas, nas terras de Maturê vinte e oito léguas, e em Gandole, os quais presídios todos tinham seus capitães, dissavas, modeliares e araches que de contínuo vigiavam em suas tranqueiras e baluartes com as armas sempre nas mãos; e, o que mais é de crer, movido por Deus que queria já levar mão deste açoute, havendo já dois anos pouco mais ou menos que durava a guerra, começou a solicitar as pazes mandando pedir ao Geral por quatro portugueses que lá tinha cativos que lhe desse
796 seguro para poder mandar seus embaixadores // a tratar delas. Mandou-lho o Geral, e vieram por seus embaixadores dois modeliares do seu reino, acompanhados de três portugueses e um religioso nosso chamado fr. Luís da Conceição que também lá estava cativo. E chegando a Columbo onde o Geral estava, os saiu a receber, fora da cidade, o Capitão da fortaleza acompanhado de muita gente. E ao outro dia, depois de descansarem do trabalho do caminho, foram ouvidos. Mas porque el-rei de Cândia pedia algumas coisas no concerto das pazes que demandavam mais autoridade, lhe foi respondido pelo Geral que ele não podia tomar assento nelas; que, se quisesse, podia mandar seus embaixdores a Goa a tratá-las com o Vizo-Rei, que ele lhe deferiria; e que por entanto haveria tréguas até vir o recado e resolução do Vizo-Rei.

Com esta resposta do Geral se tornaram para Cândia, e a El-Rei lhe pareceu bem mandar a Goa e assim o fez, e mandou dois modeliares dos maiores do seu reino com alguns portugueses que tinha cativos e com o dito padre fr. Luís, os quais partindo de Columbo chegaram a esta barra de Goa aos 9 de Março de 1633 e foram recebidos com todas as honras que se costumam fazer aos embaixadores (²).

E a substância de sua embaixada era que el-rei de Cândia queria ter pazes para sempre com os portugueses e ser irmão em armas com El-Rei de Portugal, e juntamente queria dar os duzentos e cinquenta portugueses, antes mais que menos, que cativara na guerra passada, em que entrava o capitão-mor do campo Francisco Barbosa e dois dissavas que eram os homens mais principais e de melhores serviços que havia em Ceilão, scilicet, Luís Teixeira dissava das Sete Corlas e Domingos Carvalho dissava de Maturé; e que em recompensão deles, dos dois elefantes que era obrigado a pagar cada ano de páreas como tributário que é de El-Rei de Portugal, não fosse obrigado a pagar mais que um daqui por diante. Item pedia que fosse sua a fortaleza de Batecalou com as terras adjacentes, porquanto eram elas suas e os

---

(²) Judice Biker (*Colecção de Tratados*, 2, 38ss) publicou documentação respeitante ao tratado de paz firmado em 15 de Abril de 1633 entre o vice-rei da Índia e o rei de Cândia. Queirós desenvolve o assunto a pp. 645 ss. da sua *Conquista*.

portugueses fizeram aquela fortaleza contra sua vontade e contra o juramento das pazes que se fizeram sendo Geral de Ceilão D. Nuno Álvares Pereira. Item que estivesse sempre em Cândia um frade de S. Francisco por reféns, como sempre se costumou. E porque el-rei de Cândia tem três filhos e pretende que o mais moço deles, que se chama Divima Rajuru Masthana, lhe suceda no reino de Cândia por lhe estar mui afeiçoado, ordenou, como sagaz, que esta sua embaixada viesse em seu nome e a esta conta o meteu de posse do dito reino; assim como também ao filho mais velho, chamado Comara Sinja Astana, tem feito rei de Uva, e ao do meio que se chama Vigiapala Astana deu o reino de Mathala. E ordenou que esta embaixada viesse já em nome deste // filho mais moço, porque como receava que por sua morte 797
pretenda o mais velho tomar o reino de Cândia por lhe pertencer de direito, quis que por via destas pazes ficassem os Portugueses obrigados a favorecer esta sua tenção, entendendo que sem falta aquele que por si tiver os Portugueses, esse prevalecerá e será o rei de Cândia. Isto era o que principalmente continha a embaixada.

E posto que foi ela bem recebida do Vizo-Rei, por nos vir bem fazermos estas pazes com el-rei de Cândia nesta ocasião, pois com elas todas as terras que se nos alevantaram em Ceilão nos haviam logo obedecer, como de feito obedeceram e ficam obedientes desde o ponto em que se começou a tratar delas, e juntamente porque por este modo podemos recuperar os portugueses que estão cativos em Cândia, os quais ou haviam lá acabar a vida como acabaram os que cativaram na rota de Pedro Lopes ou, se se houvessem de resgatar por dinheiro, havia de ser com muito custo da fazenda real; contudo as coisas que pedia no concerto delas, eram tais que não convinha ao Estado conceder-lhas, mormente no particular da fortaleza de Batecalou que queria que largássemos, que era o principal negócio em que se debateu por muitos dias e não havia concordarem, porque por uma parte persistiam muito os embaixadores em que ficasse por el-rei de Cândia esta fortaleza, porquanto fora feita sem seu consentimento, estando nas suas terras, e foi coisa que ele muito sentiu, como também o fazer-se a fortaleza de Trinquinamalê na mesma forma sem sua licença, as quais fortalezas ambas fundou, sendo Geral de Ceilão, Constantino de Sá por ordem de Sua Majestade, de que ele muito se queixou, como se vê em uma carta que escreveu ao nosso Guardião de Columbo e está em nosso poder, e lhe dá conta deste agravo, alegando que fora sempre fiel vassalo de Sua Majestade e que nunca quisera consentir aos de Dinamarca ficarem naquele porto de Trinquinamalê onde chegaram com sete naus, e isso sòmente por respeito de conservar a amizade que tinha com os portugueses, e assim pedia mui encarecidamente ao Guardião sobredito que, pois era pessoa a quem o Geral devia ter respeito, quisesse meter a mão neste negócio, pois era de um rei que fora sempre amigo da cristandade e afeiçoado aos frades de S. Francisco, de quem fiara seus próprios filhos para os criar e ensinar, como fez entregando-os ao P. fr. José de Nossa Senhora e ao P. fr.

Francico Negrão no tempo que estiveram por reféns em Cândia; e por outra parte nos não convinha largar estas fortalezas, particularmente a de Batecalou que era a sobre que se contendia, assim pelo crédito como pelo risco que há de poderem vir ali ter os inimigos de Europa, como já vieram, com tenção de fazerem fortaleza por ser porto de mar onde,
798 além de ser acomodado para // continuar com os seus tratos, ficam tomando pé para nos inquietarem a ilha de Ceilão, e posto que el-rei de Cândia tem jurado solenemente de o não consentir nunca, contudo não se pode fiar muito dele porque, como é inimigo, com qualquer agravo que tenha dos Portugueses e por qualquer ocasião que o tempo lhe oferecer, poderá vir nisso com grande detrimento do Estado da Índia. Assim que por esta causa se passaram muitos dias sem que se tomasse resolução nas pazes, até que depois de muitos debates se vieram elas a assentar na forma seguinte:

Que El-Rei de Cândia seja obrigado a dar todos os portugueses que tenha em seu poder e por tempo de seis anos não pague mais que um elefante dos dois que era obrigado a pagar; que a fortaleza de Batecalou seja dos portugueses, porém as terras que fiquem para el-rei de Cândia e que a alfândega que há naquele porto se parta por ambos igualmente; e que finalmente haja sempre reféns em Cândia, e que estes seja sòmente um frade de S. Francisco; e que estas pazes durem para sempre.

Assentadas as pazes, o Vizo-Rei as jurou solenemente, como se costuma, aos 3 de Abril do ano de 1633, e os embaixadores no mesmo mês se partiram muito contentes para Ceilão. E como com as pazes as terras que estavam alevantadas em Ceilão se tornaram a sujeitar como de antes e correr pelos portugueses, começaram os nossos Religiosos a se espalhar por elas para correrem com os cristãos que nelas tinham, alevantando suas igrejas de palha, entretanto, até vir a ordem que se dá para se elas reedificarem com a mesma perfeição em que estavam antes de serem queimadas pelos alevantados. E deste convento de S. Francisco de Goa foram mandadas para lá algumas coisas que por cá se puderam ajuntar da nossa pobreza, pertencentes ao culto divino, como frontais, ornamentos, vestimentas, cálices e missais. E foi juntamente ordem dos prelados superiores para que os reitores que por causa do alevantamento se tinham vindo de Ceilão, se tornassem para as suas reitorias, e que em lugar dos mortos se pusessem outros. E com isto, com a ajuda de Deus se tornou a continuar com a muita cristandade que naquela ilha tínhamos, para glória do mesmo Senhor.

Restava sòmente que, assim como o Vizo-Rei tinha cá em Goa juradas as pazes, as jurasse também el-rei de Cândia em Ceilão, o que ele foi dissimulando por algum tempo, por alguns respeitos que para isso tinha. Até que já enfadado desta sua espera, o Geral, que já então era Diogo de Melo de Castro, se resolveu a lhe representar batalha para que assim tomasse o rei a conclusão que quisesse ou de nova guerra ou de confirmar as pazes. E como este pressuposto ajuntou

o seu arraial e foi buscar o inimigo às suas próprias portas, assentando a sua gente defronte da cidade de Cândia, onde El-Rei estava. De aí lhe mandou um Religioso nosso muito douto na língua chingalá e de muita experiência nas coisas daquela // ilha por haver mais de 799
vinte anos que administra nela a cristandade com muito aproveitamento dos naturais e zelo da sua conversão, o qual vendo-se com El-Rei lhe disse que vinha a ele da parte do Capitão Geral para saber o assento que queria tomar no negócio das pazes que seu embaixador tinha trazido de Goa. Pôs o rei, que é manhoso e mui prudente, algumas dificuldades, sendo uma delas o não lhe concederem ser irmão em armas de el-rei de Portugal, como tinha mandado pedir ao Vizo-Rei, pois o não mereciam mais que ele os outros reis da Índia que o eram. Ao que satisfez o Religioso, dizendo que quando ele fizesse obras de irmão a Sua Majestade, como as tem feitas el-rei de Cochim que depois que o foi, nunca se lhe soube traição, que então Sua Majestade o tomaria por irmão e verdadeiro amigo, tirando-lhe não as páreas mas ainda fazendo-lhe mercês que valessem mais que todo o seu reino. Finalmente, depois de passadas muitas coisas, jurou as pazes solenemente e entregou ao padre os duzentos e doze portugueses que estavam lá cativos, o qual se tornou para os nossos com grande alegria e contentamento geral de todos, por verem acabada, com tanta honra nossa, uma coisa que tanto se desejava ([3]).

Ao tempo que isto sucedeu, o filho mais pequeno de El-Rei que, como acima dissemos, estava já jurado rei de Cândia, matou o irmão mais velho com peçonha por se melhor assegurar no reino, e se crê que o mesmo fará ao segundo, que tanto como isto podem com os homens a ambição e glória de reinar que, pela alcançar e conservar, atropelam todas as outras obrigações, ainda que sejam do próprio sangue.

Concluídas que foram as pazes, vendo o Capitão Geral quanto nelas o tinha ajudado o nosso Religioso, e considerando o muito serviço que poderia naquela ocasião fazer a Deus e a Sua Majestade, lhe encarregou o mesmo capitão geral Diogo de Melo de Castro os negócios e cárias (que assim chamam cá às demandas e pleitos) da gente da guerra que estava esbulhada de suas aldeias, comedias e sustentação pelos portugueses, para que ele tornasse a cada um o seu, passando o mesmo capitão as olas, por andarem os naturais todos por essa razão alevantados. O que ele tudo fez com muita prudência e justiça, não tendo respeito a ninguém, que foi causa de se não consumirem todos à pura fome com a guerra (porque já se não lavravam as terras havia três anos) e de se fazerem as pazes tão honradas como se fizeram.

([3]) Na já citada carta de Raja Singa de 9 de Setembro de 1636, em *BSGL* 25 (1907), 30-31, dá o rei de Cândia a sua versão do desenrolar dos acontecimentos e das dificuldades na sua aceitação da paz.

É este religioso mui douto na língua chingalá e prega nela aos naturais; e por entender deles que são afeiçoados à música e poesia,
800 lhes compõe e representa // ao seu modo muitas comédias, na sua língua chingalá, da vida dos Santos e de Cristo Senhor Nosso e de Adão e Eva, e muitas cantigas da Paixão do Salvador, com que, pelas lástimas delas e pelo tom e som, se punha muitas vezes a igreja toda em pranto e muitos dos gentios que se achavam presentes recebiam a fé e se convertiam. E outrossim muitas vezes em público defendeu a honra de Deus, pregando a sua lei aos infiéis, dos quais muitos, particularmente das fronteiras, se não queriam baptizar sem que primeiro vencesse o padre com argumentos aos seus sacerdotes dos ídolos e changatares, o que ele fez com grande glória do nome cristão. E por ser grande este seu zelo da salvação das almas tem convertido e baptizado um grande número delas, e com seu trabalho e indústria tem feitas doze igrejas nesta ilha de Ceilão, e em outras muitas do serviço de Deus como singular ministro que é daquela cristandade. E seu nome é fr. António Peixoto, de quem atrás temos já feito menção ([4]).

([4]) Não conheço qualquer exemplar de obra literária, em língua indígena, composta por fr. António Peixoto. E dados para a sua biografia, além dos que vão no texto até aqui e ainda adiante no cap. 28, só a notícia dada por Queirós (*Conquista*, 587) de que «na paz e na guerra o fizerão algum tempo capitão de hum terço de chingalaz». Queirós também parece não acreditar que D. Teotónio tivesse todas as culpas que lhe foram atribuídas (vid. *ib.*, 650).

DA MISERÁVEL PERDIÇÃO DA GALÉ DO ACHÉM QUE SE PERDEU INDO COM O SOCORRO DE CEILÃO, E DO QUE ACONTECEU A DOIS RELIGIOSOS NOSSOS QUE IAM NELA

CAPÍTULO 25

Tanto que em a cidade de Goa houve novas certas do alevantamento da ilha de Ceilão e da morte do Geral daquela Conquista, Constantino de Sá, e da perda e desbarate do nosso arraial, tratou o Vizo-Rei deste Estado, que era o conde de Linhares D. Miguel de Noronha, de acudir com os socorros necessários com muita diligência e cuidado. E entre outros que lhe mandou, foi uma formosa galé que fora tomada com outras em Malaca ao Achém pelo capitão geral Nuno Álvares Botelho, como adiante em seu lugar mais largamente se contará (1), com duzentos e cinquenta homens de armas dos melhores que havia, e juntamente uma urca em que iam perto de quinhentos soldados. Estas duas embarcações com este socorro que para o tempo era o melhor que se podia mandar, despediu o Vizo-Rei da barra de Barcelor, onde estava com uma grossa armada com que aquele ano passou ao Sul. E por a galé ser embarcação grande e formosa e que, por ser tomada em Malaca aos achéns, estava refrescando a memória daquela vitória que foi uma das mais celebradas da Índia, quis que nela fosse D. Jorge de Almeida que estava // eleito por Capitão Geral **801** de Ceilão em lugar de Constantino de Sá, por lhe parecer que iria nela com mais pompa e majestade.

E depois de estar tudo bem aparelhado, partiram da barra de

---

(1) Sobre a vitória de Nuno Alvares Botelho sobre o Achém veja-se adiante cap. 88 e P. Manuel Xavier, *Victorias do Governador da India Nuno Alvares Botelho*, Lisboa 1633 (reeditada por A. Botelho de Sousa em *Nuno Alvares Botelho Capitão Geral das Armadas de Alto Bordo e Governador da India*, Lisboa 1940, 113-254).

(2) A cópia que se publica tem 1630, o que é com certeza erro do copista. O desbarato de Constantino de Sá foi em 6 de Outubro de 1630, e a seguir foram na Índia os preparativos do socorro e seu envio na galé que partiu de Goa em 1631, a 23 de Fevereiro, ou a 19 como diz Queirós (*Conquista*, 641).

Barcelor em 23 de Fevereiro do ano de 1631 ([2]), indo na galé dois religiosos nossos, um que ia por guardião de Manar, que era o P. fr. Miguel da Madre de Deus ([3]), e outro que se chamava fr. João de Santa Maria ([4]) que tinha sido guardião e comissário de Ceilão e ia por Visitador do reino de Jafanapatão. Mas como a galé fazia já muita água e muitas vezes no dia e na noite era necessário despejarem-na com ambas as bombas, e tinha os mastros, que de novo lhe puseram em Goa, compridos mais do necessário, principalmente a messena que era demasiadamente grande e pesada, revolvia-se a galé de maneira que defronte de Mangalor, na barra ou rio de Cornate, com a força de revolver-se, as argolas e cadeias de ferro muito fortes em que estavam atadas as enxárceas, se quebraram de uma parte. Contudo prosseguiu sua viagem, e a 2 de Março passou por Cochim, na primeira dominga de Quaresma, onde se deteve um dia, que foi de grande prejuízo para a viagem por razão de se avizinhar a lua cheia que foi a 14 do mesmo mês de Março, que a tomou o dia que dobrou o cabo de Comorim. E metendo-se no golfão, na segunda dominga de Quaresma, às nove horas da noite, veio um vento ponteiro de borbotão e tal que foi necessário forçarem a galé, a qual abolinava muito mal E tanto lhe apertaram os aparelhos que se fez a verga em dois pedaços e, vindo abaixo, com o abalo e movimento que fez, o mastro se desencaixou da carlinga e daí a pouco espaço se quebrou, indo ao mar a gávea com a maior parte do mastro, que foi mercê de Deus, porque, se caíra dentro da galé, logo a abrira toda e ninguém escapara, mas ainda com o pedaço que lhe caiu dentro, a abriu. Três dias resistiram à muita água que fazia por todas as partes. No derradeiro se declarou o piloto que não tinha já nenhum remédio, e em muito segredo se concertou o Geral com ele e com o capitão da galé, que era António Soares Vives, e outros homens para saírem à meia noite secretamente e meterem-se na barquinha.

Chegado o tempo, foram-se os sobreditos todos meter na barquinha, e mandando o Geral chamar os nossos dois frades, um deles logo com o recado se foi também meter nela, que era o P. fr. João de Santa Maria; mas o outro que era o P. fr. Miguel da Madre de Deus, como estivesse no corpo da galé confessando os soldados que se aparelhavam para morrer, não lhe puderam dar o recado e assim já ficava na galé. Mas como Deus Nosso Senhor atentou sempre mui particularmente pelos que se empregam por seu amor nas obras de caridade, lhe acudiu milagrosamente porque, tendo acabado de confes-

---

([3]) Em 1595 (*Tábua de 1595*, 184) morava no convento de S. António de Baçaim fr. Miguel da Madre de Deus, sacerdote e ainda jovem (era ao tempo ainda só «confessor de homens e frades») que suponho ser o mesmo que em 1631 seguia para guardião de Manar.

([4]) Fr. João de S. Maria havia sido guardião de Columbo e comissário de Ceilão, conforme notícia dada adiante, cap. 29, que Queirós também transcreveu (*Conquista*, 588).

sar o derradeiro soldado e não sabendo // nada da barquinha, lhe 802
deu Deus Nosso Senhor um movimento interior e um grande impulso para, sem saber o que fazia, dar uma grande carreira para a varanda onde a barquinha estava, e vendo o que passava, sem ter tempo de tomar nem ainda o breviário, deu um salto na barquinha a tempo que estava já para se desamarrar da galé. E tinha o Geral dado recado a um seu criado que toda pessoa que mais saltasse nela (por estar já muito carregada), matasse com uma faca que lhe meteu na mão. E assim, saltando o P. fr. Miguel, lhe deu com ela para lhe impedir a entrada ou tirar a vida; mas também deste perigo o guardou Deus, porque ordenou que a faca escorregasse e lhe não fez mais que uma pequena ferida que não sentiu senão depois de estar na barquinha, onde sabendo que era ele, lhe fez o Geral e todos muito agasalhado.

Metidos todos na barquinha, deixaram a galé que, segundo estava destroçada, não passaram muitas horas que se não alagasse com todos os que nela iam. E posto que os da barquinha não estavam em tanto perigo, o em que se viam era tal que bastava para nenhum deles dar nada pela sua vida. Porque, além da barquinha ser pequena e os que iam nela muitos, pois eram vinte e nove pessoas, não havia mais que um barril de Cananor com outro barril pequeno de água, e seis medidas de arroz, que não era tudo bastante para um só dia, porque estavam já no golfão de Ceilão, mas no que jaz entre as ilhas de Maldiva e a costa da Índia, que é maior, e distavam da terra por ambas as partes mais de trinta léguas. Estavam sem remos, porque não havia lugar para isso, nem vela, nem outro mais remédio que a misericórdia de Deus, o qual, como costuma acudir nas maiores necessidades, foi servido de querer salvar as vidas dos que aí iam, porque começou um vento muito rijo com que se empolaram as ondas do mar, de feição que cada uma que dava na barquinha parecia que a submergia, mas não era assim, senão que a lançava muito adiante. E depois de três dias viram terra com grande contentamento de todos que já se davam por perdidos, atribuindo a milagre o escaparem com vida e chegarem daquele modo a terra, aos merecimentos do glorioso S. José por ser o seu dia, o segundo depois da perdição.

A terra que tomaram foi uma das ilhas de Maldiva, e não quiseram tomar a principal e a em que o rei delas residia. E por mais que os naturais trabalharam por isso, não quiseram ir lá, assim pelo perigo que corriam de serem roubados, como porque houveram de perder a monção, e, se lá ficavam, seria para morrerem todos. Aqui nesta ilha se detiveram quatorze dias, e pelas suas ruins águas e falta de mantimentos adoeceram todos; e dos vinte e nove que eram, morreu a terceira parte deles.

Os nossos dois religiosos ambos adoeceram, e tão mal que um faleceu ao segundo dia que partiram para Cochim, que foi o P. fr. João de Santa Maria. E o P. fr. Miguel esteve tão mal que // todos o julga- 803
ram por morto; mas quis Deus alargar-lhe mais a vida pelos merecimentos e intercessão da Virgem sua Mãe, a quem com fé tinha invocado,

e um dia, quando com mais fervor chamou pela sua ajuda, se achou sùbitamente com tanta e tão notável melhoria, que ao mesmo Geral causou espanto e lhe disse que bem podia afirmar que milagrosamente ficava com vida. E este Religioso me contou que, antes de fazer esta viagem, havia muitos dias que em suas orações pedia a Deus Nosso Senhor que lhe deparasse alguma ocasião de seu serviço; e que quando se viu na galé no tempo de maior perigo em que se pusera a confessar os soldados dela e a alguns deles que havia tempo que se não confessavam, entendeu que ouvira Deus suas humildes orações, pois tendo-se embarcado na galeota de Manuel da Câmara que ia por capitão-mor do Cabo de Camorim, que, por ter alguma razão de parentesco com ele, o levava com muito gosto e mui bem agasalhado no seu próprio palanquim, se tirara dela para se meter na galé onde teve aquela ocasião de tanto merecimento, o qual serviço não ficou sem seu galardão, pois o livrou de tantos perigos e lhe guardou a vida que tão arriscada esteve tantas vezes a se perder. Em efeito os que escaparam com vida se meteram em uma gundra e atravessaram o golfo e em seis dias chegaram a Cochim, donde o Geral partiu para Ceilão e o P. fr. Miguel veio para Goa a se achar no Capítulo Procivincial que então se havia de celebrar, como vogal que dele era.

DOS MUITOS E GRANDES SERVIÇOS QUE A EL-REI NOSSO SENHOR FAZEM OS FRADES DE S. FRANCISCO EM A ILHA DE CEILÃO E SUA CONQUISTA

CAPÍTULO 26

Tão juntas andaram sempre na conquista deste Oriente as duas espadas do poder secular e eclesiástico que poucas vezes achamos mover-se uma sem que se meneasse a outra, porque nem as armas conquistavam senão com o direito que a pregação do Evangelho lhe dava, nem a pregação podia ser de algum fruito se não era acompanhada e favorecida das armas. E assim como se juntavam sempre estas duas espadas, assim também sempre se ajudavam, de tal maneira que, se por uma parte os reis favoreciam os ministros da palavra divina, por outra estes também se empregavam e esmeravam nas coisas do seu real serviço. E onde isto mais se viu foi e é na ilha de Ceilão, na qual se pode dizer com muita verdade que não com // menos cuidado **804** tratavam os Frades Menores as coisas do serviço de El-Rei que as de sua profissão, padecendo não menos trabalhos e pondo-se em não menos riscos e perigos por servir a El-Rei que por servir a Deus, entendendo que também nisso O serviam.

E porque se não pode dizer tudo o que nisto há, contentar-nos-emos com referir algumas coisas das muitas que se contêm em três certidões autênticas, entre outras muitas cujos originais se guardam no cartório do convento de S. Francisco de Goa, que, por serem de pessoas qualificadas, bastarão para tirar toda a dúvida aos escrupulosos. Elas são, uma do bispo de Cochim, D. Sebastião de S. Pedro, que depois foi arcebispo de Goa, debaixo de cuja jurdição caía esta ilha de Ceilão; outra de Constantino de Sá, Capitão Geral da conquista da mesma ilha; e a outra da cidade de Columbo, as quais não trasladamos aqui todas, assim por evitarmos prolixidade como por algumas

das coisas que nelas se contêm, ficarem já escritas acima em seus lugares [1].

É, pois, a substância delas que os Frades Menores foram os primeiros religiosos que entraram naquela ilha e a cultivaram, e semearam nela a palavra de Deus pregando àqueles bárbaros infiéis o santo Evangelho com muito zelo e diligência, convertendo muitos deles e dando-lhes o santo baptismo. Edificaram muitas igrejas, arvoraram muitas cruzes e alevantaram por toda aquela ilha e seus reinos o estandarte da Fé, e converteram a muitos reis e entre eles a D. João Párea Pandar, rei de Cota e imperador de todo Ceilão, o qual por sua morte deixou os seus reinos à coroa de Portugal, e isso por conselho e persuasão dos Frades Menores, como ele mesmo declara no seu testamento.

Muitos deles antepondo a honra de Deus, serviço de Sua Magestade e bem das almas à sua própria vida, a deram em diversas ocasiões, sendo o sangue derramado mui certa prova da sua mui grande fidelidade e caridade, não sendo bastantes os imensos trabalhos que padeceram e padecem cada dia, para afrouxarem um pouco nas coisas de sua obrigação, antes parece que lhes serve de motivo para de novo continuarem nesta santa empresa, opondo-se aos mesmos trabalhos pelo serviço de Deus e de seu rei.

Assistiram sempre e continuaram nos arraiais e presídios que de novo pela Conquista se iam estendendo, oferecidos a fomes e sedes e más noites, que é o que a guerra nestas partes de ordinário traz consigo, particularmente nesta ilha e naqueles primeiros tempos quando o refrigério era mui pouco, dormindo muitas vezes à chuva e nos sapais de lama, e algumas estando a noite toda em pé com a água pelo geolho sem terem onde se pudessem encostar. E tanto que de novo se fazia algum forte pela terra dentro (como se fizeram muitos) em que houvessem de ficar portugueses, logo com eles ficavam frades de
805 S. Francisco, os quais não sòmente // nos presídios mas também nos arraiais serviam e curavam os soldados feridos e enfermos, assim no espiritual administrando-lhes os sacramentos da confissão, comunhão e extrema-unção, como também no corporal procurando para este efeito, movidos de sua muita caridade, trazer consigo medicinas. E quando as necessidades eram grandes e as faltas muitas, para que os soldados de todo não perecessem, serviam os frades de seus enfermeiros curando-os com muito cuidado e lembrando ao Geral e mais capitães acudissem às necessidades dos enfermos. E muitas vezes eles mesmos os socorriam com esmolas que para isso buscavam. E foram tantos os trabalhos que os Religisos nestes caritativos ministé-

---

[1] Não se conhecem os originais nem quaisquer cópias das três relações de que se serviu o autor para a redacção deste capítulo. D. fr. Sebastião de S. Pedro foi bispo de Cochim desde 1615 até 1625, e portanto desse tempo data a sua relação. Queirós também deste capítulo se aproveitou na sua *Conquista*, pp. 568ss.

rios padeceram, que muitos deles adoeceram e alguns morreram do trabalho, porque nele eram iguais aos soldados, que nesta ilha são os que pior vida levam que em todas as partes da Índia.

Estando por vezes muitos soldados cativos em Cândia, se ofereceram eles com muito espírito para os irem confessar e consolar, como de feito foram, mandados pelos seus prelados e pelo Capitão Geral, com grande perigo de suas vidas. E assim foram a esta santa obra juntamente a tratar algumas coisas com o rei de Cândia por ordem do Capitão Geral, para ver se podiam por algum modo tirar os soldados do cativeiro. E posto que o tirano não dava orelhas a nada, não deixaram os Religiosos de ser de muita importância lá, porque confessavam os cativos e os animavam a sofrer os trabalhos do seu cativeiro, deixando-lhes algumas esmolas que para isso levavam. E posto que vez houve que o rei tirano tomou mal esta ida dos frades ao seu reino, tendo-os por suspeitos, e ainda lhes dizia que não tornassem lá porque os havia de mandar matar, contudo nada disso bastava para deixarem de tornar lá a consolar aos pobres cativos. O que sabendo o tirano, os fazia vir ante si com tenção de os mandar matar; mas Deus Nosso Senhor assim lhe abrandava o coração que só com palavras satisfazia sua ira, dizendo-lhes muitas mui afrontosas com muitas ameaças, que tudo eles sofriam com alegre rosto.

E como entre os soldados sejam mui ordinárias as brigas e dissensões, eles eram os que acudiam a apaziguá-los e amigá-los, pondo-os em paz e amizade. E já sucedeu que, alevantado-se os soldados contra o capitão-mor do campo e indo para o matar, o houveram de fazer senão fora o frade que estava no arraial por capelão, o qual o escondeu e o fez ir às escondidas para Columbo, ficando o mesmo frade por capitão-mor do arraial, a requerimento dos mesmos soldados, até que os concertou com o Geral, por cujo respeito tinham eles feito aquele motim e alevantamento, como aconteceu ao P. fr. Bernardo de Santa Maria, sendo capitão-mor do campo Gomes da Silva. E todas estas coisas não sòmente as faziam em tempo que só eles corriam com a cultura desta vinha, mas ainda hoje têm o mesmo exercício, porque, suposto que as mais Religiões estão já // nela, contudo o que é **806** de mais trabalho, eles só o têm à sua conta.

E assim de contínuo estão no arraial de Manicavarê e no forte de Balanê (²), cuja assistência, por ser mui desconversável, é forçado mudarem-se os soldados cada dois meses, por o sítio ser péssimo e de maus ares e quase inabitábel. E todas as vezes que o arraial vai correr as terras dos inimigos, e em todos os mais particulares assaltos, sempre se acham os frades de S. Francisco, alguns dos quais se houveram de maneira que merecem ser aqui particularmente nomeados, como foi o P. fr. Gaspar da Madalena, religioso grave e de muita opinião e aceitação entre os soldados e grande obreiro desta cristandade, onde

(²) Balanê e Manicavarê ou Manicravarê ficavam no interior da ilha de Ceilão sobre as terras do reino de Cândia.

foi Guardião e Comissário, o qual assistiu muitas vezes no arraial e tranqueiras e nas voltas que se faziam, sendo algumas ferido, como se viu na Tranqueirinha dos Mortos (assim chamada pelos muitos que nela houve) em que ficou muito mal ferido. E depois disto, por ser pessoa de muito respeito e experiência naquelas partes, o mandou o Geral por embaixador ao reino de Cândia para assentar as pazes que ele assentou a gosto de ambas as partes, as quais duraram até este último alevantamento em que foi morto o Geral Constantino de Sá de que acima falámos.

Também o P. fr. Manuel Banha ([3]) se achou em muitas entradas e ficou na fronteira de Cândia, no presídio de Balanê, e assistiu nele com muitos trabalhos e fomes até os inimigos o virem cercar com o próprio rei, de quem os nossos houveram então uma famosa vitória. Achando-se outrossim em outros muitos assaltos e particularmente em um que os inimigos deram de noite no nosso arraial com muitos elefantes de guerra que, rompendo pelo meio deles, se viu a ponto de se perder, aonde o Padre se houve com tanto ânimo, que foi grande parte para de todo se não desbaratarem.

Da mesma maneira o P. fr. José da Madre de Deus assistiu no arraial e andou nele oito anos, achando-se em todas as voltas e assaltos que de ordinário se faziam nas terras inimigas e em suas fronteiras, e por ser religioso de muito nome e mui conhecido de todos, ao tempo que se assentaram as pazes de Cândia, foi pedido pelo rei de Cândia por reféns delas e lá foi morto às lançadas pelos alevantados, como acima fica contado.

Estas e outras muitas coisas fizeram os Frades Menores, nesta ilha de Ceilão, do serviço de Sua Majestade, que deixamos de relatar por escusar prolixidade, contentando-nos com dizer que com muita razão, havendo respeito aos sobreditos serviços, ordenou Sua Majestade que na sobredita ilha não pudessem entrar nenhuns outros religiosos, tirando os da nossa sagrada Religião, como o mandou no ano de 1594, governando o reino de Portugal o cardeal, como consta de uma provisão sua que originalmente se guarda no cartório de S. Francisco de Goa,
807 parecendo-lhe que sós eles bastavam para aquela empresa em que // tantos e tão abalizados serviços tinham feitos a Deus e à sua coroa ([4]).

([3]) De fr. Manuel Banha diz Barbosa Machado (*Biblioteca Lusitana*, 3, 189) que pertencia à Província da Madre de Deus da India e compôs *Vocabulário* da língua concani que ficou manuscrito, citando fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 10).

([4]) Não se conhece o teor da provisão do cardeal Alberto, arquiduque de Áustria, sobrinho de Filipe I de Portugal e governador do reino em seu nome; mas conhecem-se as ordens dadas pelo rei em carta sua de 10 de Março de 1593 ao vice-rei da Índia: «E assi me forão dados outros apontamentos dos frades de São Francisco, e antre outras cousas que nelles me pedem he que haja por bem que não entrem outros Relligiosos no reino de Ceilão ... e vos encomendo que assi o façais comprir» (*APO*, 3, 385). Tentaram depois os Franciscanos alcançar da Santa Sé confirmação do «alvará» em que el-rei lhe concedera o exclusivo da missionação de Ceilão (veja-se *ibidem*, 733-740), mas sem efeito.

E posto que isto se não guardou depois, por se ter conquistado quase toda a ilha, onde de necessidade se havia de prover com mais obreiros do que podia a nossa Custódia, por não serem tantos os filhos dela e muitas as partes a que haviam de acudir, contudo sempre se teve na mesma ilha muito respeito aos nossos frades como aqueles que foram os primeiros que nela semearam a Fé (5).

---

(5) É deste teor o alvará que derrogou a concessão: «Dom Filipe, por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'Alem-mar em Africa senhor da Guiné e da conquista, navegação, comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da India e dos reinos de Maluco, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que, havendo eu respeito a ir por deante a conquista da ilha de Ceilão, e espero com o favor divino que antes de mui pouco tempo se dê fim a ela e fique a dita ilha senhoreada e ganhada pera minha coroa real e os naturais dela debaixo do meu mando e poder, como são os das mais partes da India meus vassalos; E porque tenho obrigação de mandar promulgar o santo Evangelho e aumentar por todas as partes daquele Estado que está debaixo do meu governo e senhorio, pelos Religiosos que se ocupam na conversão dos infiéis; E porquanto os Religiosos e Padres do Bem-aventurado S. Francisco que residem na dita ilha de muitos anos a esta parte não podem por si, sós, por serem poucos, cumprir em todas as partes com todas suas obrigações, por a dita ilha ser em si mui grande e muito maior o numero das almas que nela se hão de baptizar, em ajuda dos Religiosos das outras Religiões; E considerando ser isto assim, D. Fr. André de Santa Maria, bispo de Cochim, de cuja jurisdição é a dita ilha, quando a foi pessoalmente visitar significou ao meu vizo-rei da India mandasse lá outros Religiosos pera o dito efeito, e que fossem os da Companhia de Jesus pela grande diligência e fervor com que procedem na conversão dos infiéis e por terem muita experiência, industria e meio pera com tudo irem avante, e por tudo fazerem com grande zelo do serviço de Deus e meu, como se tem deles alcançado e claramente se vê no modo com que hoje procedem na India e o grande fruto que têm feito em lugares e partes tão remotas por onde andão e se estenderam, e sobretudo residirem na Costa da Pescaria, vizinha à dita ilha, que por sua intercessão pode a dita ilha e sua conquista ser ajudada e socorrida com muitos cristãos moradores na dita Costa, soldados e lascarins valerosos que estão debaixo do mando e obediência dos ditos Padres, e com mantimentos e outras cousas que forem necessárias pera a sustentação do arraial do Geral da conquista que em boa parte se poderá escusar ir-lhe de Goa; Por todos os respeitos acima ditos, e havendo outrossim ter eu mandado por minhas cartas e instruções ao dito meu vizo-rei que às partes e provincias da India onde lhe a ele parecer que é serviço de Nosso Senhor e meu mandar Religiosos da Ordem ou Ordens que lhe parecer pera a conversão das almas, posto que nelas estejam já outros Religiosos com provisões ou ordem minha pera que não vão lá outros, os mande pera os ajudar na dita conversão; Hei por bem e me praz, por assim ser deste parecer D. fr. Aleixo de Meneses arcebispo primaz da India com quem o dito Vizo-rei tratou e comunicou este negocio, que os ditos Padres da Companhia passem e vão à dita ilha de Ceilão e nela residam nas partes e distritos que pelo dito bispo de Cochim lhe forem assinados, e nelas façam as suas residências e levantarão igrejas como lhes parecer e conviver pera aumento do culto divino e exaltação da nossa santa Fé católica e conversão dos infiéis à cristandade, sem a isto haver pessoa de qualquer condicão, qualidade e dignidade que seja, eclesiástica ou secular, que lhe ponha dúvida nem contradição, mas antes com efeito cumprirão e guardarão em tudo e por tudo esta minha carta e mandamento inteiramente, dando aos ditos Padres todo o favor e ajuda pera melhor poderem fazer as ditas igrejas, pois são pera tanto serviço de Deus Nosso Senhor e meu. Notifico assim ao Capitão e Geral daquela ilha e conquista

E havendo Sua Magestade de ordenar, por bem do seu serviço, que sempre na Mesa de sua Fazenda da mesma ilha assistisse um religioso, quis que este fosse o Guardião e Comissário de S. Francisco, segundo consta de outra provisão sua feita no ano de 1619, e assim se guarda, o que é de notável proveito porque é este um freio com que se atalham muitas coisas que lá se faziam desordenadamente por a muita liberdade que tinham os seus oficiais ([6]).

---

e ao capitão de Columbo, e a todas as mais justiças e oficiais e pessoas a quem pertencer lhes mando que assim o cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar esta minha carta como nela se contém, sem dúvida nem embargo algum que a isso seja posto, sem embargo de qualquer provisão ou provisões ou outra cousa que haja em contrário, que serão de nenhum efeito e vigor porque assim o hei por bem pelos respeitos acima declarados e outros muitos juntos que a isto me movem. Dada na minha cidade de Goa sob meu selo das armas reais da Coroa de Portugal, a 24 de Fevereiro. El Rey nosso senhor o mandou por Aires de Saldanha do seu conselho e Vizo-Rei da India, etc. Miguel de Sá a fez anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1602. Esta valerá, posto que não passe pela Chancelaria por justos respeitos. António Maris a fez escrever». (*Apologia*, ff. 2-3). Não obstante as largas perspectivas que se abriram com a conquista de Ceilão começada por D. Jerónimo de Azevedo, os Franciscanos julgavam-se com pessoal suficiente para missionar a ilha, e tentaram por isso obstar a que o alvará fosse dado à execução. É do processo dessa tentativa a *Apologia dos Frades Menores em que mostram quam grande fruto fizeram nesta India, na propagação da Fé entre os infiéis, e quam pouca razão houve para o viso-rei Aires de Saldanha meter os Padres da Companhia em Ceilão, e quam falsamente foi informado dos motivos segundo sua Provisão adiante escrita, que a isso o movem*. O recurso todavia não impediu que a provisão se cumprisse. Os jesuítas estabeleceram-se em Ceilão e logo pouco depois também outras Ordens Religiosas começaram a exercer ali o ministério, o que foi motivo para a seguinte resolução del-rei mandada ao vice-rei da Índia em carta de 28 de Novembro de 1609: «E porque o dito arcebispo [de Goa] me escreveo também que na ilha de Ceilão residem os religiosos de todas as Ordens, e por escusar contendas seria conveniente repartirem-se entre elles as províncias da ilha de modo que não estejam huns nas terras dos outros, tendo seus mosteiros em Columbo como cabeça, e me parece bem considerado fazer-se a dita repartição, hei por bem que se faça nessa cidade de Goa, e vos mando que assi ordeneis, de maneira que não possa haver duvida entre elles» (*Livros das Monções*, 1, 266-267). Queirós (*Conquista*, 468, 586-587) anota as cristandades assistidas pelos Jesuítas, Dominicanos e Agostinhos.

([6]) Provisão por que o Prelado de S. Francisco que residir em Ceilão, se ache em todas as Juntas que ali se fizerem (em *APO*, 6, 1189, tirada do Livro 3.º do Registos do vice-rei da Índia conde de Redondo).

COMO NA ILHA DE CEILÃO TEMOS CINQUENTA E QUATRO IGREJAS E NELAS MAIS DE SETENTA MIL CRISTÃOS

CAPÍTULO 27

Ainda que a obra de converter almas e reduzir os infiéis ao lume da Fé seja sobrenatural e própria de Deus, pois ninguém pode vir ao Filho (como Ele mesmo diz) senão trazido pelo Padre, contudo não se pode negar que importa muito para isso a indústria, trabalho, cuidado e diligência dos ministros, pois não menos nas obras sobrenaturais que nas naturais o ordinário modo de obrar a causa primeira é por meio das segundas. E pelo conseguinte podemos dizer que, suposto que serem muitos os que se convertem e recebem a Fé, o principal louvor é de Deus que é a causa principal desses tão soberanos efeitos; todavia também os ministros são dignos de louvor, pois foram os instrumentos por meio dos quais esses efeitos se obraram. E se no número destes obreiros se devam contar os Frades Menores que se ocuparam no ministério de converter almas na ilha de Ceilão, se deixará bem ver das muitas que eles converteram e trouxeram a Cristo, propagando a sua Fé por toda a ilha e edificando nela muitas igrejas.

E dos primeiros frades nossos que entraram nela, que, como vimos, foi o nosso P. fr. João de Vila de Conde e seus companheiros, fica dito como em espaço de poucos meses tinham convertido perto de três mil infiéis e alevantado doze igrejas (1). E continuando com

---

(1) Já se disse e repetiu que esta informação não está certa. De entrada, a missão que em 1543 fr. João de Vila de Conde chefiou, foi de desalentadores resultados. Em 1552 expõe o Custódio da Índia que os Franciscanos tinham em Ceilão cinco cristandades com igreja e cristãos que «aynda que nam sejam tam bons, por tempo ho seram» (em *Documentação*, 5, 100): Columbo, Negumbo, Berberim, Gale e Licão. Por 1555 Tribuli arrasou as igrejas, que todavia em 1557 já estavam restauradas. No reino de Cândia entretanto fundara-se a igreja da Conceição que, por motivo das guerras, só a temporadas funcionou. Depois Madune e Raju de Ceitavaca apoderaram-se do reino de Cota à excep-

a mesma obra, assim os mesmos como outros que depois lhe sucederam,
808 se iam de cada vez // multiplicando mais convertidos e mais igrejas com tão feliz progresso que no ano de 1631, no qual foi o último alevantamento desta ilha de Ceilão, como temos contado, havia nela cinquenta e quatro igrejas nossas, cada uma com seu ministro, e nelas setenta e um mil e setenta e quatro cristãos, baptizados pelos nossos frades, como o testemunha Constantino de Sá, Capitão Geral da mesma ilha, em uma certidão sua jurada, feita em Columbo a 23 de Novembro do ano de 1628, que tenho em meu poder (²). As igrejas são as seguintes:

Da igreja de Nagão. 1

Seja a primeira a do glorioso Doutor S. Jerónimo, a qual é mui formosa e grande, e fica perto de Malvana que é o lugar onde reside o Capitão Geral, ao longo do rio para a parte do poente, em uma aldeia chamada Nagão, que em chingalá quer dizer «Nove Aldeias», porque tantas tinham dado os reis gentios ao pagode que neste mesmo lugar estava, mui sumptuoso e de grandes edifícios e com muitas colu-

---

ção de Columbo, e em 1582 também do reino de Cândia, e todas as cristandades e igrejas outra vez foram destruídas e arrasadas.

Com a morte de Raju em 1593 recomeçou a cristianização dos reinos de Cota e Ceitavaca no meio de guerras sucessivas com frequentes desbaratos das hostes portuguesas. O reino de Cândia fechara-se à missionação e guerreava os Portugueses para se apoderar de toda a ilha. Como foram ressurgindo as antigas cristandades e outras se fundaram, não é possível precisar à falta de documentos. No entusiasmo da conquista iniciada em 1595 por D. Jerónimo de Azevedo e com a ilusão de que em pouco tempo toda a ilha seria portuguesa, foi ali mandado em 1596 o Custódio fr. Jerónimo do Espírito Santo que por carta do rei de Portugal ao vice-rei da Índia se sabe que promoveu a fundação de doze igrejas e seminários (*APO*, 3, 702). O bispo de Cochim D. fr. André de S. Maria que por então visitou Ceilão, obteve que em 1602 também os Jesuítas entrassem ali a missionar e depois entraram outras Ordens. Mas nos desaires das continuadas guerras da conquista, faltou a segurança precisa para uma infiltração cristã persistente e progressiva. Cristandades e igrejas que um dia se fundavam, ao outro dia as desvastavam guerras e razias.

Das cristandades e igrejas que os Franciscanos mantinham em 1599 ficou lista acima no cap. 7⁴. Em 1602 o número havia subido a dezoito, a saber: «S. Tomé ao pé dos muros de Columbo, S. João do Matual, S. Ana de Calane, S. Jerónimo da Nagão, Nossa Senhora da Assunção de Ceitavaca, S. António de Caimel, S. André de Palanchena, Madre de Deus de Negumbo, Si Tiago de Betal, S. Maria Madalena de Panadurê, S. Clara do Morro de Mapane, Nossa Senhora da Esperança de Caliturê, S. Salvador da outra banda de Caliturê, S. Miguel de Alvão [Alicão?], Nossa Senhora da Conceição de Gale, S. António de Beligão, S. Luís de Maturê, e o Espírito Santo do presídio de Negumbo que também tem anexa a si cristandade» (*Apologia*, fl. 17v).

(²) Queirós também transcreveu daqui a lista das igrejas e cristandades ou da certidão de Constantino de Sá datada de 23 de Novembro de 1628 (*Conquista*, 582-586). O texto numera 54 igrejas, mas na lista apresenta 55. Queirós (*ib.* 572) numerou 56, mas a lista é a mesma.

nas de pedra, em cujo lugar está hoje esta nossa igreja, onde temos dois mil cento e vinte e três cristãos (3).

Da igreja de Mapitigão. 2

Defronte desta igreja de Nagão mais acima, da banda do rio para o oriente, está a igreja da Madre de Deus, de grande devoção, sita em um lugar onde os chingalás tinham um pagode muito nomeado, como dos pequenos vestígios que ainda hoje duram, se deixa bem ver. Chama-se esta aldeia, onde esta nossa igreja está, Mapitigão, que na sua língua vale tanto como «Campo Grande de Aldeia». E na verdade ele é tão grande e formoso que se pode assentar nele um grande arraial de muita gente, e por isso foi escolhido este lugar até Malvana para os nossos Capitães Gerais fazerem nele seu assento. Esta igreja fez, por sua devoção, D. Jerónimo de Azevedo, Vizo-Rei da Índia, no tempo que estava por Geral em Ceilão, e a dotou à nossa Ordem e a ornou de retábulo e mais coisas necessárias. Ao presente está mui danificada das cheias do rio que lhe fazem muito dano, e a querem mudar para um lugar mais alto, tiro de espingarda. Temos aqui mil duzentos setenta e oito cristãos (4).

Da igreja de Dampê. 3

Para a parte do nordeste, meia légua de Mapitigão, está a igreja de Dampê // cujo título é da Assunção de Nossa Senhora, a qual está **809** situada em um pequeno outeiro todo rodeado de vales mui frescos. Chama-se esta aldeia Dampê ou Dampeheja que quer dizer os «Murtinhos-estão-Maduros», e abreviando o nome por síncopa lhe chamam Dampê (5). Esta aldeia deu de esmola, em nome de El-Rei, D. Jerónimo de Azevedo para com os rendimentos dela se curarem no convento de Columbo os nossos frades que adoecessem no ministério das cristandades. Esta igreja não é muito grande, porém muito bem feita, e tem no seu rol dos cristãos setecentos e vinte e três.

Da igreja da Cidade Nova. 8

Indo da cidade de Columbo para Malvana, uma légua ao longo do rio de Calane (6) está a igreja da gloriosa Santa Ana, onde temos mil quinhentos e cinquenta e cinco almas.

---

(3) Nawagamwa. O titular da igreja faz supor que foi fundada ao tempo da visita de fr. Jerónimo do Espírito Santo em 1596-1597.

(4) Aí em Mapitigão fundara o ermitão Jerónimo Fernandes que foi morto com fr. Francisco das Lapas em Malvana, uma ermida de Nossa Senhora das Angústias na qual assistia como ermitão (Queirós, *Conquista*, 478).

(5) Dompe.

(6) Kelaniya. Já tinha igreja em 1599.

Da igreja de S. Bartolomeu de Calane. 5

Indo da cidade de Columbo, da outra banda do mesmo rio está a igreja de S. Bartolomeu, situada em um lugar onde os reis de Cota tinham uns paços em que se vinham a recrear, dos quais já não há mais que os alicerces. Tem esta igreja, por rol, mil cento e sete cristãos.

Da igreja de Betal. 6

Indo de Columbo por terra para Negumbo, ao passar do rio que vem de Calane da banda do Betal (7), temos uma igreja pequena de S. Tiago, posta no mesmo lugar em que os gentios antigamente tinham um pagode, e tem setecentos e trinta cristãos.

Da igreja do Matual. 7

Meia légua da cidade de Columbo se vem a meter no mar o formoso rio de Calane, tão nomeado e conhecido nestas partes pelas suas doces e cristalinas águas, e neste lugar a que os portugueses chamam Matual e os chingalás *Modore* (8), que quer dizer «Barra», temos a formosa e bem acabada igreja de S. João Baptista, que tem mil e trinta e seis cristãos. Aqui mesmo temos um formoso colégio que fizeram os nossos frades para nele se ensinarem meninos órfãos. Porém os oficiais de El-Rei não acabam de dar o que El-Rei lhe manda
810 dar, e assim está sem meninos. //

Da igreja da Cidade Nova. 8

Deste lugar de Matual para onde nasce o sol espaço de tiro de esfera, está a Cidade Nova que fez Constantino de Sá sendo Geral, povoada das mulheres dos araches, lascarins e mais gente de guerra e das Sete Corlas para segurança desta Conquista. Porque tendo-lhes cá as mulheres, estamos de alguma maneira seguros de se não poderem alevantar e irem-se para el-rei de Cândia, como de antes faziam muitas vezes. Aqui temos uma igreja pequena e bem forte, com duzentos cristãos sòmente, porque os outros todos ainda são gentios. Chama-se a igreja de Santa Cruz, e se faz a sua festa em Maio.

Da igreja de S. Tomé. 9

Nos arrabaldes da cidade de Columbo temos a formosa igreja do apóstolo S. Tomé (8¹) e nela uma cruzinha de pedra esculpida em uma coluna pequena, daquelas cruzes que o glorioso apóstolo S. Tomé fazia com suas mãos. Foi esta a primeira igreja que tivemos nesta

---

(7) Wattala. Já em 1602 existia aí igreja.

(8) Mondorá. Mutual. Já aí havia cristandade e igreja em 1599.

(8¹) Já em 1599 estava fundada esta igreja.

ilha e reside nela o pai dos cristãos dela, com pouca cristandade porque a mais nos tomaram os clérigos com uma igreja que neste mesmo posto fundaram, mas ainda o nosso frade por aqui reside e baptiza muitos gentios.

Da igreja de Cota. 10

Indo da cidade de Columbo para a parte do sul por espaço de meia légua, temos uma igreja pequena da invocação de Nossa Senhora do Parto, e haverá nela trezentos cristãos. E daqui para onde nasce o sol, tiro de uma boa esfera, se vêem ainda os vestígios da grande cidade de Cota que foi destruída pelo Raju.

Da igreja de Dicuela. 11

Do grande pagode e cidade de Tanavarê duas léguas, indo ao longo do mar para a parte do norte, está a aldeia de Dicuela (9) que em chingalá quer dizer «Grande Ribeira», por razão de uma grande ribeira que a cinge do norte ao sul, a qual aldeia foi antigamente dos cápuas ministros dos pagodes, e hoje com os seus rendimentos se pagam três igrejas nossas. A que aqui temos é com título de Santa Luzia, que tem por rol passante de dois mil cristãos e cada dia se vão convertendo muitos à nossa santa Fé. // 811

Da igreja de Bohoubaranda. 12

Tornando para Tanavarê desta igreja de Dicuela que é a derradeira que temos desta banda de Gale, uma légua antes de Tanavarê e uma de Dicuela, temos uma igreja pequena de Santo António na aldeia Bohoubaranda (10), que é uma das grande desta ilha, que isso quer dizer Bohoubaranda, «Aldeia-Muito-Grande», porque tem duas léguas de comprido e quatro de roda e se semeiam nela cada ano sessenta jalas de arroz que são sessenta e seis moios do nosso Prtugal, e era antigamente do Raju imperador desta ilha. Tem esta igreja ao presente não mais de trezentos cristãos por ser muito nova, mas cada dia se vão fazendo mais.

Da igreja de Tanavarê. 13

Da igreja acima dita, uma légua, como já disse, está a cidade de Tanavarê (11) que foi antigamente mui famosa por um pagode que

---

(9) Dikwella. Diavela.

(10) Bambarenda ou Babarenda.

(11) Dondra. O que era o pagode de Tavanarê e como em 1588 foi destruído pelos Portugueses, conta-o Couto (*Década* X, 1. 10, c. 15, pp. 648-657) Ao que em 28 de Janeiro de 1551 escrevia à rainha de Portugal D. Catarina o embaixador de Bonegabago Sri Radaraksa Pandita, já um Franciscano em 1550 tentara fazer igreja junto do pagode, mas sem efeito porque «a jente da terra veo e derribou-a» (em Schurhammer, *Ceylon*, 565).

nela havia mui grande e de mui famosos edifícios que se chamava Deva Rajuruvu e assim se chama a cidade Devanuvara que quer dizer «Cidade de Deus». Aqui se acham todos os bons oficiais e também as bailhadeiras, que então eram muitas e serviam de ganhar para o pagode, mas hoje poucas, e os mais servidores deste pagode, o qual tinha renda de setenta e tantas aldeias. Nos mesmos edifícios deste pagode que, com a pregação da lei de Deus, se arrasou e pôs por terra, fizemos uma formosa e grande igreja de três naves de colunas de pedra, e temos nela dois mil e quatrocentos cristãos e cada dia se convertem mais.

Da igreja de Mahaturê. 14

É Mahaturê um lugar forte, cercado de um rio, onde os dissavas têm seu assento. Antigamente se chamava Mapapatana, que quer dizer «Povoação Grande», porque então o era e mui povoada de chatins e mercadores. Agora lhe chamam Mahaturé ([12]) que é o mesmo que «Porto Grande», porque o rio que o cerca, entra aqui no mar e por ele entravam muitas champanas e outras embarcações neste porto a fazer suas mercancias. Aqui temos a igreja de Nossa Senhora da Vitória que é uma das formosas desta ilha, e tem dois mil e quatro-
812 centos cristãos. //

Da igreja de Cotavata. 15

Indo por o rio de Mahaturê acima, légua e meia para onde nasce o sol, em uma aldeia chamada Cotavata que quer dizer «Fortaleza-da--Horta» por antigamente ali em uma horta haver estado uma fortaleza pequena, temos a igreja de Nossa Senhora da Piedade. O fundamento que houve para se fundar esta igreja, e o número dos cristãos que tem, diremos no capítulo seguinte.

Da igreja de Paradua. 16

Indo por este mesmo rio acima para a parte do norte, espaço de duas léguas e meia, em uma aldeia das que tem Sua Majestade dadas para a sustentação dos nossos frades que residem nas cristandades desta ilha, chamada Paradua, que quer dizer «Caminho-da-Ilha», porque sai aqui o rio a uma ilha, temos a igreja da invocação de S. Joaquim, pai da Virgem Nossa Senhora, a qual, por ser nova, não tem mais que seiscentos e tantos cristãos, mas cada dia se vão baptizando mais.

Da igreja de Mirseu. 17

Indo de Mahaturê para Beligão, chegando desta parte à formosa baía que aí faz o mar, duas léguas andadas, temos a igreja de Nossa Senhora de Boa Viagem em uma aldeia chamada Mirseu ([13]), e dizem

---

([12]) Maturê, Matara, Mhapapatuna. Em 1599 já tinha igreja.
([13]) Mirissa.

os chingalás que lhe veio este nome de antigamente nela não haver mais que matos e que a gente dela se sustentava de um marisco que nasce pelas pedras daquele mar, chamado *mirisa*. Tem esta igreja quatrocentos e trinta e oito cristãos.

Da igreja de Beligão. 18

Em o porto e baía de Beligão, que em chingalá quer dizer «Aldeia-da-Praia», onde reside um capitão português despachado por Sua Majestade, temos uma formosa igreja com o nome do Arcanjo S. Miguel, e tem por rol duas mil e tantas almas ([14]).

Da igreja de Angama. 19

Vindo de Beligão para Gale ao longo da praia, depois de andada uma légua, e entrando pela terra dentro espaço de um tiro de bombarba, temos // uma pequena igreja chamada Nossa Senhora dos Remé- 813
dios, em uma aldeia que tem por nome Angama ([15]), isto é, «Aldeia-dos-Cornos», por certas festas que com uns cornos costumam fazer os chingalás, para as quais estava dedicada a renda desta aldeia. Há nesta freguesia mais de mil cristãos.

Da igreja de Cogala. 20

Vindo da igreja de Angama pela praia, depois de uma légua andada, está a aldeia de Cogala ([16]), que quer dizer «Pedra-das-Garças», porque em chingalá *coum* quer dizer garça e *agalá* pedra. E é assim chamada porque a cerca uma formosa lagoa de água meia doce e meia salgada, onde há uma pedra em que de ordinário estão muitas garças. Junto desta alagoa, afastada do mar tiro de mosquete, está a igreja do bem-aventurado S. José, esposo da Virgem Mãe de Deus e Senhora Nossa. Tem esta igreja por rol mil e quinhentos cristãos, e há muitos anos que reside nela um Religioso nosso, grande servo de Deus, chamado fr. Pedro dos Anjos, por cujas orações e merecimentos do Santo tem Deus Nosso Senhor obrado aqui muitos e mui maravilhosos milagres, de alguns dos quais faremos adiante especial menção para louvor e glória do mesmo Deus. E tem o dito P. fr. Pedro dos Anjos feito, por curiosidade, um livro em que tem assentados, de sua letra, oito mil cristãos que ele por suas mãos tem baptizado desde que está nesta ilha de Ceilão, em diversas igrejas que administrou.

Da igreja de Codagolim. 21

Passando a grande alagoa de Cogala, espaço de uma légua, e caminhando légua e meia pela terra dentro para a parte do nordeste, em

---

([14]) Weligama. Já em 1552 existia ali igreja e cristandade.

([15]) Queirós grafou *Anjame* (*Conquista*, 583). Hoje Ahangama.

([16]) O manuscrito dá a forma *Cogula*, mas possìvelmente foi erro do copista, pois ainda hoje é Koggala. Sobre fr. Pedro dos Anjos, veja-se adiante, cap. 29.

uma formosa aldeia chamada Codagolim ([17]) (o qual nome lhe ficou de uma pergunta que fez um rei gentio que, indo a ver esta aldeia e depois de passar muitas serras e matos estando já nela, perguntou aos seus: — «Cordagodim», isto é, «Que é da terra que venho ver?» E dizendo-lhe eles que estava nela, lhe ficou a sua pergunta por nome que hoje tem com pouca corrupção) temos uma formosa e bem acabada igreja da vocação do Nascimento de Cristo Jesus Nosso Senhor, e nela mil duzentos e tantos cristãos.

Da igreja de Gale. 22

É Gale a parte mais austral desta ilha, onde têm os Portugueses uma fortaleza com seu capitão e mui bem cercada de muros e baluar-
814 tes, e nós também // uma formosa e bem acabada igreja da vocação da Puríssima Conceição da Virgem Nossa Senhora com os seus claustros e dormitórios, onde administramos os sacramentos a mais de dois mil cristãos que moram fora da fortaleza ([18]).

Da igreja de Vacuela. 23

De Gale para a parte do norte, uma légua junto ao rio de Vacuela ([19]) (chamado assim por razão que faz aí o rio uma volta de mui doces e cristalinas águas) temos à borda dele uma igreja de S. João Baptista com mais de mil cristãos.

Da igreja de Reigama. 24

Indo de Gale para Columbo, depois de andadas duas léguas, temos uma formosa igreja de S. Luís, bispo. Chama-se a aldeia Reigama ([20]), que quer dizer «Aldeia Real», porque assim o foi antigamente, que era de El-Rei. São os baptizados nesta igreja mil duzentos e tantos.

Da igreja de Jenduem. 25

De Reigama indo caminhando para Columbo, andada uma légua, vamos dar na aldeia chamada Jenduem ([21]), que quer dizer «Espada do Diabo», porque era ela antigamente oferecida para gastos da espada do seu diabo, que os gentios adoravam. Aqui temos uma igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, e nela seiscentos cristãos.

Da igreja de Madampê. 26

Vindo pelas praias de Tostagem que são as maiores que há nesta ilha, depois de andarmos uma boa légua vimos a dar em uma aldeia

---

([17]) Kadogore?
([18]) Já aí havia igreja e cristandade em 1552.
([19]) Wakwella.
([20]) Ratgama. Veja-se adiante, cap. 28.
([21]) Queirós (*Conquista*, 584) grafou Vadum. Wadduwa. Hikkaduwa.

chamada Madampê, assim chamada porque vindo a ela um príncipe e vendo uma grande mata de murtinhos, disse: *Madampesa*, «Os-Grandes-Murtinhos-estão-maduros». É muito fresca e, à maneira de Veneza toda cortada de ilhetas e de uma formosa alagoa. E as ilhetas estão cheias e povoadas de cristãos em formosas hortas, donde vêm à igreja em umas embarcações pequenas que eles chamam tones. E a igreja é da vocação de Santa Clara e é muito formosa e nova; e temos nela mil trezentos e tantos cristãos.

Da igreja de Vilitota. 27

Uma légua de Madampê está a aldeia Vilitota ([22]), que quer dizer «Porto da Praia», povoada toda de miseráveis chaleás, cativos de El-Rei para lhe fazer canela, e muito mais cativos // dos seus oficiais, 815
os quais usam com eles mais cruelmente do que usavam os gitanos com os filhos de Israel, porque lhes fazem muitas injustiças e sem-razões e tiranias; e já pode ser que por castigo destas e de outras que os mesmos portugueses usam nesta ilha com os naturais dela, no-la tirou Deus Nosso Senhor no último alevantamento. Aqui temos uma formosa e nova igreja dos Santos Três Reis Magos, com mais de dois mil cristãos.

Da igreja de Cosgodem. 28

Da igreja de Vilitota légua e meia, está a aldeia chamada Cosgodem ([23]), que quer dizer «Terra de Jacas», pelas muitas que aqui há. [Nela] temos uma formosa igreja intitulada Nossa Senhora da Boa Viagem; e temos aqui mais de quinhentos cristãos.

Da igreja de Alicão. 29

Duas léguas de Cosgodem está um formoso rio de muito e bom pescado e formosas aldeias de palmares de uma e outra banda, onde fica o porto e a aldeia de Alicão, que em chingalá se chama *Alut Goma*, e é o mesmo que «Aldeia Nova». Aqui têm os Portugueses capitão, é despachados por Sua Majestade; e nós uma igreja do bem-aventurado Santo António, com mais de dois mil e quinhentos cristãos ([24]).

Da igreja de Meteveli. 30

Indo por este rio de Alicão acima, depois de quatro léguas andadas, na aldeia chamada Meteveli, que é o mesmo que «Barco-de-Areia», que é uma das que Sua Magestade tem dado para a sustentação destas

---

([22]) Welitara.

([23]) Queirós (*ib.*) grafou *Cosboddem*. Kosgoda.

([24]) Alutgama. Já em 1552 aí havia igreja e cristandade.

nossas igrejas, temos a do nosso santo novo S. Pedro de Alcântara; e por ser cristandade nova não tem mais que cem cristãos e poucos mais.

Da igreja de Macunê. 31

Deste porto de Alicão, indo para Columbo ao longo da praia, depois de termos andado légua e meia, imos dar na aldeia chamada Macunê ([25]), onde temos uma igreja dedicada ao glorioso apóstolo S. Pedro, com novecentos cristãos.

Da igreja de Calaturê. 32

Vindo de Macunê pela praia, depois de andadas duas léguas
816 vimos dar na fortaleza // da Calaturê ([26]), nova e boa, onde uma povoação de portugueses está junto de um formoso rio que vem do Pico de Adão, e é um dos quatro que dele nascem. Aqui perto desta fortaleza e mais perto de uma formosa alagoa que aqui faz o mar, temos uma nova e formosa igreja das Chagas de nosso seráfico Padre S. Francisco, com mil e trezentos e tantos cristãos.

Da igreja de Nossa Senhora da Saúde, da outra banda do rio de Calaturê. 33

Passando o rio de Calaturê, o qual se chama assim por suas águas serem pretas, porque o seu próprio nome é Calatota que é o mesmo que «Porto Negro» e corrompido o vocábulo lhe chamam Calaturê, da banda que vai para Columbo, em um teso ao longo do mesmo rio, está a igreja de Nossa Senhora da Saúde ([27]), onde há mil e trezentos e tantos cristãos.

Da igreja de Galpata. 34

Indo pelo rio de Calaturê acima, depois de andadas duas léguas além da aldeia Diagama, que quer dizer «Aldeia de água» por ser ordinàriamente alagada das cheias daquele rio, espaço de um bom tiro de mosquete está a aldeia Galpata, que é o mesmo que «Aldeia-de--pedras-baixas», por razão que, assim como em Diagama há no rio umas grandes pedras que aparecem fora da água e fazem aquele passo mui perigoso no tempo das cheias e se perdem ali muitas embarcações que vêm de Sofragão, assim em Galpata há outras pedras debaixo das águas nas quais correm o mesmo perigo, e daqui lhe vieram a dar este nome. Nesta aldeia onde antigamente foi adorado o demónio nos vestígios de um pagode que ainda aí hoje aparecem, temos uma igreja do glorioso S. João Baptista, que, por ser nova, não tem ainda mais que cento e tantos cristãos.

([25]) Maggona.
([26]) Kalatura.
([27]) Kalatura North. Em 1599 já aí havia igreja e cristandade.

Da igreja de Vravarê. 35

Indo pelo mesmo rio acima, duas léguas da igreja de Galpata temos outra da vocação de Nossa Senhora de S. Lucas na aldeia de Vravarê ([28]), que quer dizer «Mais Acima», o qual nome lhe ficou de um dito de um rei que, perguntando os seus onde haviam de fazer a fortaleza e tranqueira entre os portugueses, respondeu *Vravará*, «mais acima», que foi nesta aldeia. Temos aqui quinhentos e tantos cristãos.

Da igreja de Sofragão. 36

Seis léguas desta igreja de Galpata está a fortaleza de Sofragão ([29]), nome que foi tomado // de uma casta de folhas muito 817
largas que havia naquele lugar, que se chamam em chingalá *habara*, o qual nome junto com *gão* que quer dizer «aldeia», fica compondo o nome Habaragão ou Sabaragam, e corrompido o vocábulo pelos portugueses, lhe chamam Sofragão. Aqui reside o dissava e capitão-mor da gente da terra; e nós temos aqui também uma igreja do Salvador, com mil e quinhentos e tantos cristãos, assim portugueses como chingalás.

Da igreja de Panadurê. 37

Tornando de Sofragão pelo rio abaixo até Calaturê, indo caminhando pela praia para Columbo, depois de duas léguas andadas vimos dar no rio e aldeia de Panadurê ([30]), chamada assim porque antigamente costumavam de noite pôr em terra um farol ou candeia acesa para os pescadores saberem vir tomar a barra do rio. E como esta candeia aparecia de mui longe, daqui vieram a chamar esta aldeia Panadurê, que vale tanto como «Candeia-de-Longe». Aqui temos, perto do rio, uma formosa igreja de Santa Maria Madalena, com mil duzentos e tantos cristãos.

Da igreja de Gorcana. 38

Indo por este rio de Panadurê acima, depois de andada uma légua imos dar em uma ilha que está no meio deste rio, que se chama Due, defronte da qual está a aldeia de Gorcana ([31]), chamada deste nome de uma gorjeira que ali antigamente havia, que é árvore que dá uma fruita azeda que serve em lugar de vinagre. Aqui nesta aldeia, junto do rio, temos uma pequena igreja do Bom Jesus, e há mais de quatrocentos cristãos.

Da igreja de Raigão Corla. 39

Desta igreja do Bom Jesus, indo pelo rio acima para onde nasce o sol, depois de uma légua boa imos dar no passo da aldeia Bolagre,

---

([28]) Uduwara.
([29]) Sabaragamuwa.
([30]) Panadura. Já aí existia igreja e cristandade em 1602.
([31]) A ilha chama-se hoje Duwa, e a povoação Gorakana.

chamada assim por ser povoada de Bolgareás, nome que têm os pescadores de rio que não vão pescar ao mar alto, que entre os chingalás é casta baixa. Depois desta aldeia chegamos a Ramacunê ([32]) que é dos Padres de Santo Agostinho onde têm uma igreja, e daí imos dar na aldeia Vidagama em Raigão Corla, na qual aldeia, no lugar de um pagode antigo, está a igreja de Nossa Senhora dos Milagres, com mil
818 trezentos e tantos cristãos. //

Da igreja do Morro. 40

Vindo de Gorcana pela praia, depois de andada uma légua está um morro ([33]) que ali faz a terra ao longo do mar, onde desviado do mar, tiro de uma bombarda, em um alto, temos uma igreja, bem feita e acabada, de Santa Cruz, com mil quatrocentos e cinquenta e tantos cristãos.

Da igreja de Veral. 41

Da igreja do Morro pela terra dentro uma légua, temos uma igreja nova e cristandade nova. A igreja é de Nossa Senhora; e a cristandade será de quinhentas almas.

Da igreja de Negumbo. 42

Na fortaleza de Negumbo ([34]), cinco léguas de Colombo para a banda do Norte, temos uma formosa igreja da Madre de Deus, e perto de duas mil almas.

Da igreja de Pitigão C[orla?]. 43

Da outra banda do rio de Negumbo que sai para a barra, temos uma pequena igreja do Espírito Santo, com setecentos e tantos cristãos.

Da igreja de Chunapite. 44

De aqui de Negumbo meia légua para o norte, temos uma igreja da Santíssima Trindade, e nela se administram os sacramentos a duas mil almas.

Da igreja de Bonavolana. 45

Da igreja acima dita outra meia légua para o sul, temos na aldeia Bonavolana ([35]) uma formosa igreja de Nossa Senhora dos Remédios, com dois mil duzentos e tantos cristãos.

([32]) Bolagre é Ferry of Bolgoda. Ramacunê é Rambukkana.
([33]) Lunawa.
([34]) Negombo. Aí havia cristandade já em 1552.
([35]) Bolawalana.

Da igreja de Galalua. 46

Uma légua da igreja de Nossa Senhora dos Remédios para o nascente do sol, na aldeia chamada Galalua ([36]), que quer dizer «Cabeça-de-Pedra» por haver nela um [?] que jogava as cabeçadas com qualquer pessoa e sempre vencia, temos uma nova e formosa igreja, com seus claustros e celas, chamada a igreja de Santa Maria de Jesus; e tem por rol mil seiscentas e tantas almas. // 819

Da igreja de Vilicarê. 47

Da igreja acima posta uma légua para o sul, em uma aldeia chamada Vilicarê, que é o mesmo que «Coroa-de-Areia», temos uma igreja e cristandade nova, com mais de setecentos cristãos.

Da igreja de Gampaha. 48

Uma légua da igreja acima, está Gampaha ([37]), que quer dizer «Cinco Aldeias», das quais quase todos os moradores são chaleás, homens que fazem canela para El-Rei. Aqui temos uma igreja nova de Santa Cruz, com mais de mil almas.

Da igreja de Salpê. 49

De Negumbo para onde nasce o sol uma boa légua andada, na aldeia Salpê ([38]) temos uma igreja de S. Boaventura, e debaixo de sua jurdição mil trezentos e tantos cristãos.

Da igreja de S. Benedito de Palermo. 50

Na aldeia de Caragama ([39]), meia légua de Salpê, temos uma igreja de S. Benedito de Palermo, com trezentas e tantas almas.

Da igreja de Palanchena. 51

De Negumbo indo pela praia para o norte, depois de uma légua andada metendo-se um tiro de esfera pela terra dentro, temos uma formosa igreja de S. Diogo ([39¹]) onde se administram os sacramentos a mil quatrocentas e cinquenta e tantas almas.

Da igreja de Vilicara. 52

Indo da igreja do Betal para Negumbo, pelo caminho e estrada que vai pela terra dentro (porque vai também outro caminho pela

---

([36]) Queirós (*Conquista*, 385) grafou Gaboyua.
([37]) Queirós (*ib.* 386) grafou *Sampha*, com certeza por má leitura, pois o nome ainda é hoje Gampaha.
([38]) Halpe.
([39]) Queirós grafou *Ecerajama*. Hoje é Akaragama.
([39¹]) Já em 1599 existia esta igreja e cristandade.

praia), depois de andada uma boa légua, na aldeia chamada Vilicara ([40]) e nos confins da aldeia Nagode, temos uma igreja das Chagas do nosso Padre S. Francisco, com mil cento e tantas almas.

Da igreja de Andugão. 53

Da igreja acima escrita andada outra boa légua, junto ao Rio dos Lagartos, na aldeia Andugão ([41]) temos uma nova cristandade e
820 igreja do glorioso S. Pascoal // Bailão; e haverá poucos mais de duzentos cristãos.

Da igreja do Arraial. 54

Em Manicavarê ([42]) nove léguas da cidade de Columbo, logar, como acima fica dito, em que reside sempre o nosso arraial, temos uma formosa igreja da vocação de Santa Cruz. Aqui reside de contínuo um frade nosso, que é reitor assim dos portugueses que andam no arraial como da gente da terra. Os portugueses não têm número certo, porque umas vezes são mais, outras menos. A gente da terra, do basar e aldeias do capitão-mor, chegarão a mil e trezentos cristãos.

Da igreja do reino de Cândia. 55

Na cidade de Cândia, lugar onde reside o rei gentio deste reino, duas jornadas e meia do nosso arraial, temos uma igreja onde mora e reside o padre que está em Cândia em reféns das pazes, ao qual o mesmo rei sustenta. E tem o dito padre a seu cargo avisar ao nosso Capitão Geral de todas as coisas de importância que se oferecem, e assim importa muito a sua assistência para o bem daquela ilha e serviço de Sua Magestade. Não tem cristãos certos mais que aqueles que, andando naquele reino gentio fugidos, querem ir à igreja, o que eles não fazem por cuidarem dão naquilo gosto ao rei. Chama-se esta igreja do Bom Jesus, e é a derradeira que temos em Ceilão. Todos os cristãos destas cinquenta e cinco igrejas foram convertidos à Fé e baptizados pelos frades de S. Francisco.

([40]) Welisara.
([41]) Dandugama.
([42]) Menikkadavara.

COMO SE FUNDOU A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE DE COTAVATA E DOS MUITOS GENTIOS QUE AÍ CONVERTERAM OS NOSSOS RELIGIOSOS

CAPÍTULO 28

Esta aldeia de Cotavata era da jurdição da freguesia de Nossa Senhora da Vitória de Mahaturê e com ela corria o seu reitor, onde havia alguns cristãos, os quais, por ficarem mais de légua e meia distantes dela, padeciam alguns inconvenientes, que trataram os nossos Religiosos que corriam com eles, de os remediar. Porque, como ficavam tão longe, não podiam vir a tempo os domingos e dias santos à igreja para ouvirem missa; e quando adoeciam, se não mandavam logo chamar o padre para se confessarem, arriscavam-se a morrerem sem confissão; // e finalmente era-lhes muito penoso levarem os que 821
morriam, a enterrar à igreja pela grande distância do caminho, que por ser sempre por rios e águas, tinham para isso necessidade de fretarem embarcação, o que não podiam fazer todos por serem alguns deles muito pobres, donde nascia que algumas vezes houve que alguns deles, por se forrarem deste trabalho, enterravam os seus defuntos nos matos, podendo mais com eles a miséria de sua grande pobreza que o zèlo da religião. Assim que, por estes e por outros grandes inconvenientes que aqueles cristãos por serem novos sentiam muito, se tratou de lhes dar remédio.

E para isto consultaram os nossos Religiosos, que tinham aquela jurdição, com o senhor da aldeia que era um português honrado, que servia de capitão-mor e dissava das terras de Mahaturê, por nome João Cardoso de Pina, e era muito bom cristão e favorecia muito a cristandade e os ministros dela, o qual, vendo a grande necessidade que havia de se fundar nova igreja na sua aldeia Cotavata, veio muito fàcilmente nisso, compadecendo-se do que os moradores dela padeciam, que ele sabia muito bem, e lhe corria quase tudo pelas mãos. E assim com seu parecer e consentimento e ainda com sua ajuda, fundou esta igreja de Nossa Senhora da Piedade o P. fr. António Peixoto que nesta

ocasião era reitor da igreja da Vitória de Mahaturé, de cuja jurdição, como dissemos, eram estes cristãos.

É este Religioso, como algumas vezes temos já dito, um dos bons obreiros que nestes presentes tempos temos em Ceilão, onde há mais de vinte anos contínuos que se ocupa no ministério daquela cristandade, baptizando, catequizando, e convertendo muitos milhares daqueles naturais com muito zelo, cuidado e diligência, ajudando-se muito, para este efeito, da língua da terra na qual é tão perito que é mestre e ensina aos outros religiosos há muitos anos e prega nela com grande aceitação dos que o ouvem. E como o senhor desta aldeia fosse mui afeiçoado à cristandade, como temos dito (qualidade que naquelas partes se acha em poucos portugueses, que levados do próprio interesse tratam mais de ajuntar dinheiro que de ganhar almas para o céu), lançou mão desta ocasião, e aproveitando-se do seu muito favor ia à dita aldeia e ajuntando os seus moradores lhes pregava a fé de Cristo, trabalhando por os tirar daquela cegueira em que estavam e trazê-los ao conhecimento da verdadeira Fé. E sendo nesta obra ajudado de Deus, converteu muitos que, desenganados da falsidade de suas superstições, se abraçaram com a verdadeira lei de Cristo Deus Nosso Senhor.

E tendo juntos muitos deles, tratou de os baptizar, fazendo um baptismo muito solene, para o qual convidou ao padre guardião de Columbo e comissário de toda a ilha de Ceilão, fr. Eleutério de S. Tiago, e ao sobredito capitão-mor e dissava de Mahaturê e alguns outros
822 portugueses mais que por aquelas partes pôde ajuntar, que todos // quiseram vir com muito gosto e vontade por entenderem ser aquela obra muito do serviço de Deus. Na noite antes do dia do baptismo se representou uma comédia, na própria língua, composta pelo mesmo Padre, na qual era excelente poeta, em que se representou a vida e morte do grande Baptista e sua pregação e baptismo, tudo com muita perfeição, declarando-se muito em particular a causa do seu martírio, que foi por repreender a el-rei Herodes que tinha a mulher de seu irmão, coisa que entre estes bárbaros e gentios [corre?] por costume e usança, porque a mulher de um irmão o é também de todos aos outros. A obra se representou com muito aparato, e de noite, por ser costume entre esta gente terem de noite as suas representações; e a esta acudiram não sòmente os cristãos todos daquela comarca, mas também os gentios, por serem mui curiosos de verem semelhantes autos com que muito se recreiam, gostando muito da poesia que é entre eles de muita estima.

Ao dia seguinte se armou a igreja aonde se havia de fazer o baptismo, e, antes de se começar, se pôs no púlpito o sobredito padre Reitor e pregou na língua. Depois do sermão se desceu do púlpito e se pôs a argumentar com dois changatás (que são como seus mestres e doutores, e eram dos mais doutos em suas superstições e entre eles de maior opinião) diante dos que se haviam de baptizar, e com argumentos mui claros e evidentes refutou todos os seus erros, dos quais foram aí pùblicamente convencidos, o que vendo os outros, todos a uma voz começaram a bradar e dizer que queriam ser cristãos e tirar-se

dos enganos em que até ali tinham vivido cegamente. Foram muitos os que se baptizaram, pois passavam de seiscentas almas, entre os quais oitenta eram os maiores e principais.

E por que fosse manifesto a todos como de sua livre vontade se baptizavam e não por força ou violência alguma, antes de receberem o baptismo lhes persuadiu por muitas vezes, admoestou e pediu o sobredito capitão-mor que, quando não quisessem ser cristãos de sua própria vontade, não queria que o fossem. Ao que eles responderam que queriam receber a fé de Cristo, por entenderem que era só a verdadeira. E por fazer melhor a experiência desta sua vontade, pedindo-lhe eles que os libertasse de certos costumes da dita aldeia, ele lhes não quis conceder; mas os tornou a admoestar que, não querendo ser cristãos de suas próprias vontades e puramente pelo bem e salvação de suas almas, se fossem embora com todos os mais que aí estavam. Ao que eles tornaram a responder que queriam receber o baptismo e ser cristãos, ratificando esta sua vontade muitas vezes, trazendo logo aí muitos deles suas mulheres e filhos. E de ordinário se costuma fazer esta diligência em os baptismos gerais, para se acudir à murmuração de alguns émulos nossos que, quando vêem que nos não podem caluniar de ociosos e que não convertemos almas, publicam com pouca verdade e menos consciência, que os cristãos que fazemos é por força, // pre- 823
tendendo por esta arte, que não é nova no mundo nem pouco usada nele, acreditar-se a si com desacreditarem aos outros.

Enfim este acto se fez com muita solenidade e foi no ano de 1626, e de então para cá se foram baptizando muitos desta mesma aldeia ; que como o Reitor tem o favor do dissava, pode fàcilmente trazê-los ao que quer, porque, como já em outro lugar fica advertido, governam-se estes naturais muito pelos capitães e dissavas que têm. E assim um dos maiores impedimentos que os religiosos têm nesta ilha para não poderem converter todos os moradores dela à nossa santa Fé, são os portugueses senhores das aldeias, com os quais pode mais a cobiça de seus interesses que o zelo da honra de Deus e salvação das almas.

DE ALGUNS MILAGRES QUE HOUVE POR BEM DE OBRAR A DIVINA POTÊNCIA EM ALGUMAS DAS SOBREDITAS IGREJAS DE CEILÃO

CAPÍTULO 29

Mui importantes companheiros foram sempre os milagres da pregação da nossa santa Fé, porque, como os mistérios dela sejam sobrenaturais e excedam a natural capacidade de nosso entendimento, quando em confirmação dela se obram alguns maravilhosos milagres, ficam-se fazendo mais críveis, porque com eles se confirma mais a verdade que se prega, e se acreditam os que a pregam para serem melhor ouvidos, e os gentios que os ouvem pregar, movidos dessas boas obras tão maravilhosas e extraordinárias que vêem, mais fàcilmente cativam o entendimento e rendem a vontade para crerem o que não vêem, e ainda aqueles próprios que já se converteram, vendo tão soberanas obras ficam mais corroborados na Fé que aceitaram. E assim vemos que, quando os sagrados Apóstolos foram enviados ao mundo pelo Redentor dele para pregar a sua Fé, com a virtude que do divino poder tinham recebido, obravam tais maravilhas que convertiam logo muitas cidades e ainda reinos inteiros e províncias. Nem com esta sua providência faltou a divina bondade na promulgação do seu santo Evangelho neste Oriente, pois em todo ele houve sempre por bem, em confirmação de sua fé, obrar inumeráveis e maravilhosos milagres, como do discurso de toda esta história consta. E descendo mais ao particular trataremos, neste e no seguinte capítulo, de alguns mais notáveis que em toda esta ilha de Ceilão em algumas igrejas houve por bem obrar a Omnipotência divina.

824 E começando pela do glorioso patriarca // S. José de Cogala, sendo Reitor dela um religioso de mui conhecida virtude chamado fr. Pedro dos Anjos ([1]), que há muitos anos anda ocupado no ministério da

([1]) Fr. Pedro dos Anjos esteve de reféns em Cândia (Queirós *Conquista*, 580) em data que se desconhece, e também em data desconhecida foi reitor em Cogala ao tempo dos prodígios que se contam neste capítulo e também Queirós refere (*Conquista*, 588ss).

cristandade desta ilha e tem feito nela muitos serviços a Deus e baptizado e convertido muitos milhares destes naturais com grande edificação e exemplo de sua vida, obrou Deus Nosso Senhor por meio de suas orações e merecimentos do glorioso S. José, esposo de sua sacratíssima Mãe, muitos e mui maravilhosos milagres, alguns dos quais estão tirados autênticamente pelo Vigário daquela ilha, João de Paiva, a petição do P. fr. João de Santa Maria, Guardião e Comissário dos nossos frades de Ceilão, como consta de um instrumento judicialmente feito pelo Vigário da Vara de Gale, Miguel Vaz de Matos, o qual eu tive em meu poder e fica guardado no cartório do convento de S. Francisco de Goa. Os milagres são os seguintes:

A Catarina de Sousa, mulher de Agostinho Seco Moniz, ambos moradores na fortaleza de Gale, nasceu um filho cego a quem puseram por nome no baptismo Lázaro. E por muitos remédios que lhe procurou a mãe por ver se podia fazer-lhe abrir os olhos, nenhum aproveitou; antes, tendo-os sempre fechados, lançava por eles sangue e matéria. E desesperada já de todo o remédio humano, se quis valer do divino, pondo em seu ânimo oferecê-lo a Deus e valer-se dos merecimentos e intercessão do bem-aventurado S. José. E com este fundamento tomou a criança que era já de quarenta dias, e se foi com ela em romaria à igreja do glorioso Patriarca e pediu com muita devoção e fé ao P. fr. Pedro dos Anjos, reitor dela, quisesse dizer uma missa ao bem-aventurado S. José para que Deus, por seus merecimentos e intercessão, lhe fizesse mercê de dar vista a aquele menino. Aceitou o padre de boa vontade de fazer aquela obra de caridade, e pondo-se no altar para começar a missa, puseram a criança junto dele. E foi coisa maravilhosa, que antes que a missa se acabasse, de improviso abriu o menino os olhos, são e claros, e assim os teve sempre daí por diante.

Vindo em um domingo um tone (que é uma embarcação pequena) da outra banda do rio com algumas mulheres e meninos e uma criança de mama que vinham para esta igreja do bem-aventurado S. José para ouvirem missa, e chegando ao meio do rio se virou com todos os que nele vinham. À matinada e grita que logo se começou, acudiram os que estavam na igreja, e com eles o P. fr. Pedro dos Anjos que era reitor dela, os quais, vendo que os da embarcação se afundiram, movidos de compaixão pediram ao dito padre que rogasse a Deus por eles, pois eram seus fregueses e vinham ouvir missa à sua igreja. E obedecendo ele a seus rogos, voltou com muita pressa para a igreja e se pôs de geolhos junto do altar do glorioso Patriarca, recomendando mui eficazmente aquela necessidade a Deus e aos merecimentos do Santo. Neste tempo, estando o tone cheio de água, que se ia quase ao fundo, viram os da terra o menino de mama andar em cima // da água, atravessado 825
dentro no mesmo tone sem se ir ao fundo nem se bolir de uma parte nem de outra como uma boia que anda em cima da água, de que todos ficaram não pouco maravilhados, atribuindo esta maravilha aos merecimentos de bem-aventurado S. José e orações de seu devoto servo.

A mãe da dita criança se foi logo ao fundo e esteve nele espaço

de uma hora, e tornando para cima em direito donde o tone estava, e vendo o filhinho junto dela, com uma mão apegou do filho e com outra do tone, e assim esteve até que lhe acudiram os que estavam em terra e a levaram, assim como estava, para a praia, onde, vendo-se a pobre mulher e achando-se sem outra filhinha que também trazia aí consigo, de idade de três anos, começou a fazer grandes prantos e dizer muitas lástimas, pedindo com muitas lágrimas aos que presentes estavam que quisessem acudir à outra sua filha que ficava no fundo do rio. Mas ainda que alguns deles o fizeram logo, lançando-se no rio e mergulhando algumas vezes, não puderam jamais dar com ela. Porém depois de espaço de uma hora viram que tinha ela vindo do fundo; e, vendo-a em cima da água, a trouxeram para terra, a qual vinha quase morta sem sentido algum nem sinal de vida. E vendo que nenhum remédio lhe aproveitava de alguns que lhe fizeram para a fazer tornar em si, a levaram à igreja e pediram ao padre que quisesse encomendar a Deus e a seu glorioso Santo aquela criança. E o padre se revestiu para dizer missa, por ser já tempo dela, e mandou que pusessem a menina, que todos julgavam por morta, junto do altar do Santo. E foi coisa maravilhosa, que quando o servo de Deus acabou a missa, estava já a menina em seu sentido e com notável melhoria, e se tornou para sua casa sã e salva, louvando todos a Deus.

Uma mulher cristã, natural duma aldeia chamada Cutecuranda, casada com um maioral dela, por nome Francisca, que tinha uma filha de idade de três anos chamada Catarina, a qual era tonta, que nem falava nem ouvia nem dava acordo de si para nada, e estava contìnuamente rangindo os dentes; e por ser tal, os pais, enfadados dela, a tinham posta em um pedaço de saco a um canto da casa sem fazerem caso algum dela. Aos quais, vendo-os assim desconsolados, uma amiga sua chamada Madalena Fernandes, lhes disse que, pois aquela criança estava assim naquela forma sem lhe poderem dar algum remédio, a levassem à igreja do bem-aventurado S. José de Cogala, porque, segundo era milagroso, lhe daria a saúde que eles lhe desejavam. E parecendo-lhes bem o seu conselho, tomaram a menina e se foram com ela à dita igreja, e falando com o reitor dela que era o memo P. fr. Pedro dos Anjos, lhe deram conta de sua necessidade e do remédio que por suas orações vinham pedir ao glorioso Patriarca S. José. E
826 assim lhe rogaram quisesse dizer uma missa no altar do Santo // por esta sua intenção. Fê-lo o padre, compadecido de ver aquela criança que em nada parecia viva, e depois de com muita devoção dizer a missa por ela, lhe rezou um Evangelho e lhe lançou água benta. Coisa maravilhosa, que começou a menina logo a falar e ouvir e ficar em seu acordo, sem mais rangir os dentes como fazia sempre de contínuo, e em tudo com perfeita saúde, de que todos os presentes deram glória a Deus que assim sabe honrar os seus Santos.

Em a aldeia de Reigama, onde estava a igreja do bem-aventurado S. Luís, bispo, frade da nossa Ordem, havia muitas visões dos demónios de dia e de noite, com que os moradores da dita aldeia andavam

mui assombrados. Mas depois que se fundou aqui esta igreja pelos nossos frades, e se fez por meio deles a maior parte dela cristã em um baptismo geral, logo daí por diante cessaram as diabólicas visões. Nem houve mais alguém que recebesse dano algum daqueles espíritos malignos, com grande espanto de todos. Outros milagres aconteceram também aqui pelos merecimentos deste glorioso Santo, que se deixam por evitar prolixidades.

DE OUTROS MARAVILHOSOS MILAGRES QUE PELOS MERECIMENTOS DA SACRATÍSSIMA VIRGEM MÃE DE DEUS FORAM FEITOS EM UMA IGREJA SUA NA MESMA ILHA DE CEILÃO

CAPÍTULO 30

É tanto o que a sagrada Virgem pode com Deus, pelo haver trazido em suas puríssimas entranhas e ser Mãe sua, que não se pode ter por maravilha as muitas que por sua intercessão faz cada dia, antes o fora mui grande não as fazer por Ela, mormente em favor dos pecadores cuja advogada é, alcançando a muitos deles o remédio de suas necessidades, como aquela que verdadeiramente é a árvore da vida que viu o evangelista S. João no seu Apocalipse, cujas folhas diz que são para a saúde das gentes. E entre outras muitas igrejas suas que temos na Índia em que Ela resplandece por milagres, é uma que temos em Ceilão chamada Nossa Senhora de Mandanale (1), a qual é tão milagrosa que é espanto. E assim não fora possível, ainda que quiséramos, referir todos os milagres que tem feito e cada dia faz, porque são inumeráveis. Por onde nos contentaremos com relatar sòmente os que fez no ano de 1622 em espaço de quatro meses, os quais vieram às nossas mãos por via dum Religioso nosso, reitor da mesma igreja, fidedigno.

Em 5 de Agosto do dito ano, o bada (2) do Morro, lançado em um
827 andor por morto // no dia da primeira festa da Senhora, pondo os olhos nEla com muita fé, lhe pediu que houvesse por bem de lhe dar saúde. E no mesmo instante se alevantou são, e deixando o andor

---

(1) A igreja de Mandanale não consta com esse nome na lista das igrejas em que os Franciscanos assistiam em 1628. Queirós (*Conquista*, 580) grafou o nome desta forma *Mondanalê*. Parece ter sido igreja não muito distante da de Santa Cruz do Morro, e pode por isso ser a mesma que na lista supra do cap. 27 vem com o nome de Nossa Senhora de Veral.

(2) *Bada* é o «tesoureiro ou arrecadador das rendas públicas duma aldeia ou comarca, em Ceilão» (Dalgado, *Glossário*, 2, 460).

em que viera, se foi por seus pés para sua casa, havendo oito anos que estava enfermo de uma enfermidade incurável, à vista de duas mil almas, confessando e dizendo a altas vozes que aquela Senhora lhe mandara que se fosse. E foi tal o movimento que em todos fez este milagre que começaram a derramar muitas lágrimas de devoção. E era tal o concurso da gente que não havia quem pudesse entrar na igreja.

Aos 22 do dito mês de Agosto, um canarim aleijado dos pés e mãos, de quatorze anos, pedindo à Senhora que lhe desse saúde ou lhe desse licença para dar ao diabo cinco fanões (o que é certa moeda daquela terra) que lhe pedia para lhe dar saúde, de improviso à vista de todos se alevantou são sem doença alguma, e por agradecimento desta mercê que da Senhora recebeu, ficou ali servindo dois anos nesta sua casa.

António Gonçalves, filho de Pedro Gonçalves, indo aleijado de ambos os pés em um palanquim aos 5 de Setembro, em um sábado, ele e um moço porteiro que foi de S. Francisco, também aleijado de ambos os pés um de quatro anos e um de três, cobraram saúde tão perfeitamente que da igreja se foram a pé para suas casas, indo as suas mulheres nos palanquins que a pé os tinham acompanhado, deixando suas muletas na igreja.

Dos 13 até 16 do dito mês de Setembro, fez a Senhora os seguintes milagres: Uma mulher de Guilapane que havia doze dias que estava com dores de parto sem poder parir, estando já quase morta, a mandou Belchior Veloso, mordomo e tesoureiro da dita Senhora, trazer às costas à igreja onde, untando-se com o azeite da alâmpada, de improviso lhe deram dores com tanta pressa que não teve mais tempo que para sair fora da igreja, e na primeira casa que logo achou, pariu um filho macho.

Outra mulher havia sete anos que tinha um pelouro na barriga; bebendo do azeite da Senhora, o lançou logo fora e ficou sã. Um menino lázaro, cheio de muita lepra, untando-se com o azeite da alâmpada da Senhora de improviso foi são à vista de muita gente que na igreja estava. Uma mulher careá da Ponta de S. Lourenço, aleijada de muitos anos de um braço que já o tinha seco, untando-se com o mesmo azeite logo ficou sã. Pedro de Ameixoeira, português, doente de muitos anos de uma doença incurável, bebendo do mesmo azeite da Senhora ficou são e deu à Senhora um *Flos Sanctorum* de esmola. A mulher do meirinho que foi de Calane, vendo-se com // a vista quase 828
perdida, a cobrou perfeitamente. E o mesmo aconteceu a um negro gentio de Saltipite Corla, cego de muitos anos. São estes milagres por todos nove.

Em 28 do dito mês de Setembro até 10 de Outubro, fez a Senhora doze milagres, que são os que se seguem:

António de Almeida, sendo aleijado de um dedo, tocando na Senhora ficou são. Uma menina de três anos, filha de uma Dona Maria, que não falava até o dito tempo nem andava, sendo oferecida à Senhora logo falou e andou. Pedro Mendes, estando muito mal de

uma pontada, bebendo do azeite da alâmpada de improviso ficou são. O mesmo aconteceu a António de Pedrosa e a um homem de Goa e ao P. fr. Álvaro da Purificação, religioso da nossa Ordem, os quais sararam de pontadas com o azeite da Senhora. Um pagem de Jorge Fernandes de Abreu, doente de gota, bebendo do azeite ficou são. Um filho do mesmo Jorge Fernandes de Abreu que já estava quase morto, sendo pesado em uma balança e sendo oferecido à Senhora o peso que pesou em dinheiro, de improviso cobrou saúde por duas vezes. Um menino português, que estava muito inchado e tão mal que não tinha esperanças de vida, com o mesmo azeite ficou são. Um genro de Gaspar Cardoso, português, estando muito enfermo de uma enfermidade incurável, untando-se com o mesmo azeite, sarou perfeitamente. Um menino surdo e mudo, da banda de Mapitigão, oferecido à Senhora cobrou fala e ouvidos. Um careá que morava na horta de Cipião Rodrigues em Columbo, muito inchado, sarou com o mesmo azeite.

Por todo o mês de Outubro até 10 de Novembro fez a Senhora dezoito milagres, dando saúde a diversas pessoas enfermas de diferentes enfermidades, uma das quais foi a mulher de Francisco Aguiar irmão terceiro de nosso Padre S. Francisco, a qual, estando já sem fala e com a candeia na mão, sendo oferecida à Senhora ficou naquele mesmo ponto sã e foi dar graças à Senhora com uma oferta de vinte pardaus. E outra foi o bada branco de Boheme de Chanda que estava doente e muito inchado, e vindo no andor a pedir saúde à Senhora, da sua enfermidade, que havia doze anos que a tinha, ficou logo são e se foi a pé para sua casa. E outra Dona Maria da Costa, aleijada, estando de parto lançou uma criança morta e sendo apresentada à Senhora, ela cobrou vida e ela saúde. Estes três foram os principais; os outros foram semelhantes aos que acima ficam escritos.

Por todo o mês de Novembro fez a Senhora trinta milagres, dos quais por não enfadarmos a leitor, poremos aqui sòmente os principais, que são os seguintes: Francisco Barbosa, muito doente dos olhos, untando-se com o azeite da Senhora cobrou saúde neles. Isabel
829 Coutinha, moradora // em Calane, tinha uma chaga incurável na garganta, bebendo do azeite da alâmpada da Senhora ficou sã. Um moço de Baltasar Moniz que lançaram por morto na igreja da Senhora, de improviso ficou são. Uma mulher de um maioral de Calane que estava muito doida, sendo levada à igreja tornou em seu juízo. Uma menina de Beomede, pegado a Malvana, que não comia nem falava, sendo trazida à Senhora logo falou e comeu. Um cego da banda de Negumbo, untando-se com o azeite cobrou vista e se foi para sua terra. Jorge de Aguilar que tinha a boca posta na orelha, enfermo de muitas enfermidades, tanto que ofereceu uma cabeça de cera à Senhora e se untou com o azeite, logo ficou são. Um menino muito pequeno que caiu em um tanque sem ninguém o ver, encomendando-o seus pais à Senhora o foram achar sem perigo algum em cima da água. Afora estes milagres, sararam sessenta e tantas pessoas, no mesmo

tempo dos quatro meses, de diversas enfermidades. Aconteceu muitas vezes caírem os trabalhadores do cume da igreja onde estavam trabalhando e não perigarem em coisa alguma, antes, levantando-se, logo tornavam ao trabalho.

São sem conto os moços fugidos que se acham por intercessão desta Senhora. Foi também mui notável o milagre que aconteceu quando quiseram meter o retábulo onde esta Senhora está pintada, dentro na igreja depois de estar já feita, porque sendo maior que a porta e não cabendo por ela, por virtude divina entrou por ela com grande espanto dos que presentes estavam. E um moço que havia cinco anos que andava fugido de seu senhor, que era o pintor que pintou este retábulo da Senhora, na hora que o pintor pôs o pincel no rosto da Senhora, lhe apareceu diante dele, sem saber como nem por onde viera ali ter. Por muitas vezes indo os romeiros ante-manhã à igreja e não achando fogo nela nem na casa do padre Reitor, estando assim enfadados por não poderem acender suas candeias, de repente se acendeu a alâmpada por si mesma. Finalmente são inumeráveis os milagres que a Senhora obra nesta casa, por cujo respeito há sempre nela muitos romeiros e se fazem muitas novenas com grande concurso de gente. Ela e seu bendito Filho sejam para sempre louvados. Amen.

830 DE UMA CARTA QUE O BISPO DE COCHIM // ESCREVEU A SUA MAGESTADE CONTRA AS NOSSAS REITORIAS DE CEILÃO E DO QUE SE ASSENTOU NA MESA DA CONSCIÊNCIA DE PORTUGAL QUE SE LHE RESPONDESSE

CAPÍTULO 31

Foram tantas e tão graves as moléstias com que por vezes nos molestaram alguns dos bispos desta Índia Oriental sobre o particular das reitorias que por ordem de Sua Majestade nela temos, que sem falta, já vencidos delas, lhas houvéramos de ter largado, satisfazendo a seus desejos, se não respeitáramos por uma parte o muito serviço que nelas a Deus fazemos em a conversão das almas, e por outra o muito favor que sempre contra eles achamos assim na benignidade da Sé Apostólica como no real peito de Sua Majestade. E já víramos que deste ministério resultava à Ordem algum proveito temporal, pudéramos dizer que o interesse dele nos facilitava o sentimento das semelhantes sem-razões, que enfim coisa ordinária é no mundo com fadigas adquirirem-se e conservarem-se os seus bens; mas que cesse de todo o ponto em nós este tal respeito, não nos resultando deste ofício outros interesses mais que muito infindo trabalho e suor, muitas fomes e sedes, muitos perigos, e finalmente muito sangue derramado e vidas perdidas, e que com isso hajamos de sofrer tantas moléstias quantas nos fazem aqueles que antes tinham obrigação e razão de nos favorecer e ajudar, é coisa pesada de sofrer e que há mister muito socorro do céu. E porque demos desta verdade alguma notícia aos que lerem esta nossa história, e vejam a razão de nossas queixas, deixando outros diversos encontros que tivemos neste particular, só quero pôr aqui a cópia de uma carta que um bispo de Cochim [1],

---

[1] O bispo de Cochim em 1617 era D. fr. Sebastião de S. Pedro. Dele dizia o governador da Índia em carta para el-rei de 18 de Fevereiro de 1622, depois de notar seu bom procedimento: «Mas tem aspera e vehemente natureza de que se deixa levar, e dizer e escrever muitas cousas com menos fundamento e consideração da que se requer em quem tem seu officio e dignidade» (em Nazaré, *Mitras Lusitanas*, *BSGL*, 27 (1909, 70-71).

debaixo de cuja jurdição fica Ceilão, escreveu a Sua Magestade no ano de 1617, e o que na Mesa da Consciência com maduro conselho se assentou que se lhe respondesse. E a carta dizia assim:

«Na ilha de Ceilão tenho cinquenta e três igrejas, das quais sòmente nove administram os religiosos da Companhia, e os clérigos não têm mais que a matriz de Columbo e a de Gale, e todas as mais administram os religiosos de S. Francisco. Estes Religiosos não conhecem o bispo por prelado daquelas igrejas, nem lhe pedem jurdição sobre as ovelhas e para lhe administrarem os sacramentos. O Custódio de S. Francisco é o bispo que põe e tira os vigários e lhes dá a jurdição, e assim me tira o ofício e se faz prelado daquelas ovelhas e igrejas para as prover, e eu sou sòmente bispo para dar a Deus conta das almas e para crismar. // Desta desordem se têm seguido muitas des- 831
composturas, porque os vigários que se põem naquelas igrejas são frades moços e alguns, por serem estes, fazem coisas alheias de seu hábito e profissão.

«Vossa Majestade deve dar ordem como os frades de S. Francisco que residem na ilha de Ceilão em as igrejas, e nas terras de Mantota e de Manar e Jafanapatão, e os da Companhia que estão na ilha de Ceilão, me reconheçam por bispo daquelas igrejas e pastor das ovelhas delas. E que o Custódio de S. Francisco e o Provincial da Companhia do sul não ponham nelas reitores nem vigários sem minha ordem, porque eu sou o prelado que os hei-de aprovar e examinar e lhes hei-de dar a jurdição, e não o Custódio nem o Provincial que não são prelados delas. E de outra maneira sempre haverá mais desordens que escandalizem o povo cristão e ofendam as orelhas de Vossa Majestade e de seus ministros.

«Também deve Vossa Majestade mandar uma provisão para que os ministros de sua fazenda em Ceilão e Manar e em qualquer outra parte deste bispado não paguem ordenados a estes religiosos que estiverem por vigários, reitores, curas, nem a seus síndicos, senão constando-lhes que são postos por mim com provisão minha, porque desta maneira poderei ser conhecido por prelado e minhas ovelhas cuidarão também que sou eu prelado, e não o Custódio e Provincial.

«Peço a Vossa Majestade seja servido mandar ao Custódio e prelado maior de S. Francisco que me largue a igreja de Negumbo e a do Matual e a de S. Tomé e a de Maturê e as em que houver portugueses e cristãos de Europa ou porto do mar na ilha de Ceilão, e as de Jafanapatão e das ilhas ali juntas, e a igreja de Aripo porque me é necessária para fazer a pescaria, e a do lugar dos careás na ilha de Manar, porque, de mais de convir assim ao serviço de Deus e de Vossa Majestade, sou bispo de clérigos e tenho muitos a que devo acomodar para ser melhor servido e obedecido. Esta petição tão justa faço a Vossa Majestade por escusar violências e escândalos, nem é justo que me descomponha quando tenho a Vossa Majestade por rei e senhor que saberá mandar diferir a requerimentos tão arrazoados.

«Em quase todas as igrejas que neste bispado têm os religiosos

de S. Francisco, tem o seu Custódio frades reitores e vigários que não sabem a língua da terra, e padecem as almas dos fiéis e assim morrem sem sacramentos, e eu choro e clamo, e o Custódio trata de acomodar os amigos, e a cristandade perece, e Vossa Majestade trata de pagar os ordenados a quem não serve nem os merece. E posto que o arcebispo D. fr. Aleixo proveu com muita consideração no quinto Concílio
832 Provincial que se celebrou em Goa, que não houvesse vigários, // reitores, nem curas, nem o fossem senão os que soubessem a língua da terra, cá não se guarda nem eu o possa fazer guardar a estes Religiosos e a outros, porque os mais prelados descuidaram-se na guarda dela (²). Pelo que Vossa Majestade deve ordenar que ou se peça confirmação deste Concílio ao Papa para que os religiosos fiquem obrigados a guardá-lo, ou mandar provisão expressa que não estejam por vigários, reitores nem curas nas igrejas, religiosos que não sabem a língua da terra, postos e examinados pelos Ordinários, nem se lhes paguem ordenados da fazenda de Vossa Majestade, e assim com o braço real se fará tudo bem feito, se os ministros de Vossa Majestade obedecerem na guarda de seus mandados e ajudarem aos bispos e encaminharem os religiosos em o poder e jurdição que o Direito Canónino e o Concílio Tridentino e a Sagrada Congregação dos Cardeais mandam; e se escusará ter brigas contínuas e desobediências e dar ocasião a descomposturas contra os bispos, de que de forçado hão-de nascer grandes escândalos. Porque estes se escusem, escrevo a Vossa Majestade e lhe peço com toda humildade remedeie, pois tem Vossa Majestade o poder, que eu não hei-de descompor-me com ninguém: e Vossa Majestade tem obrigação de me conservar em paz na jurdição de minhas ovelhas».

Esta carta mandou Sua Majestade que se pusesse na Mesa da Consciência e se tratasse do que se lhe havia de responder; e depois de maduro conselho e suficiente informação da verdade, se assentou que se lhe respondesse o seguinte:

«Em a carta do bispo de Cochim de 3 de Novembro de 1617, no cap. 1, 2 e 3 diz que em Ceilão tem cinquenta e três igrejas, e que sós duas dessas administram os clérigos, e as mais religiosos da Companhia e de S. Francisco; e que não reconhecem o bispo por prelado nem lhe pedem jurdição sobre as ovelhas; e o Custódio de S. Francisco põe e tira os vigários e lhes dá jurdição; e que destas desordens se têm

---

(²) O quinto Sínodo ou Concílio Provincial de Goa em 1606, presidido por D. fr. Aleixo de Meneses arcebispo de Goa, legislara: «Nenhum padre pode ser vigário, se não sabe a língua da terra» (em *Bullarium Patronatus, Apendix* 1, 123). Para se aquilatar da verdade da acusação feita pelo bispo (a ignorância da língua indígena foi o crónico recurso de que se lançou mão sempre que por quaisquer motivos se queria tirar aos Regulares da Índia a administração das suas reitorias) confronte-se com o que se afirma em relatório ou representação feita pelo Provincial dos Franciscanos da Índia em 13 de Dezembro de 1629: «Em Ceylao estão 50 Religiosos velhos e beneméritos de exemplo, que há muitos annos lá residem e todos confessam e pregam na língua e tem convertido 60.000 almas» (em Nazaré, *Mitras Lusitanas* no *BSGL*, 27 (1909), 413).

seguido muitas descomposturas. Pareceu que nisto não há que inovar, porquanto aquelas residências estão encarregadas àqueles Religiosos, e é estilo que sempre se praticou e usou na Índia, nomear o Provincial e Custódio as pessoas para as residências e estas ficam apresentadas em nome de Vossa Majestade sem outra mais jurdição. E assim é nas residências de Salsete e Bardês do arcebispado de Goa de que ele se não queixa nem queixou nunca por ser assim conforme ao estilo que se tem nas Índias de Castela e Peru. Porém Vossa Majestade deve mandar advertir ao Custódio de S. Francisco e Provincial da Companhia que as pessoas que nomearem sejam de exemplo, virtude e idade para bem curarem as almas e que tenham muita conta com se informarem de seus procedimentos para se // atalharem alguns danos, **833** se os houver.

No cap. 4 diz a Vossa Majestade deve mandar aos frades de S. Francisco que residem nas igrejas da ilha de Ceilão e nas terras de Mantota e de Manar e Jafanapatão, e aos da Companhia, o reconheçam por bispo daquelas igrejas e pastor das ovelhas delas, e que o Custódio de S. Francisco e o Provincial da Companhia do sul não ponham nelas religiosos sem sua ordem. Parece que se deva mandar escrever aos vizo-reis da Índia que dêem ordem com que os Religiosos que se puserem naquela cristandade nas residências, reconheçam o bispo de Cochim como reconhecem os religiosos de S. Francisco e da Companhia que estão nas residências da ilha de Salsete e Bardês junto a Goa, e se corra com o termo com que se corre com o arcebispo quando os Provinciais põem os Religiosos nelas, porque com isso fica assás satisfeito, porque não deve ter mais o bispo que o arcebispo, nem é justo que se inove com prejuízo da fazenda de Vossa Majestade.

«No cap. 5 pede a Vossa Majestade uma provisão para os ministros da fazenda de Vossa Magestade não pagarem ordinárias aos Religiosos que estão nas residências de seu bispado, vigários nem reitores, senão constando-lhes que estão postos por provisão sua nas igrejas. Parece que se lhe deve escrever se aquiete e não intente tão grandes novidades contra o estilo, uso e costume tão ordinário do Padroado de Vossa Majestade, e que se guarde o que se tem nas mais residências, como atrás fica apontado.

«No cap. 6 pede a Vossa Majestade mande ao Custódio de S. Francisco que lhe largue a igreja de Negumbo e de Maturê e as em que houver portugueses e cristãos da Europa, fortes ou presídios de Vossa Majestade ou porto de mar na ilha de Ceilão, e as de Jafanapatão e das ilhas ali juntas, e a igreja de Aripo, que lhe são necessárias para a pescaria, e a do lugar dos careás na ilha de Manar, porque é bispo de clérigos e tem muitos que acomodar para se escusarem escândalos e a ele descompor-se. Parece que se lhe deve mandar escrever o mesmo que acima se diz, que se aquiete e que declare o direito que tem nestas igrejas, e se seu antecessor apresentou nelas, e por que ordem se proveram até agora. E quanto aos clérigos da terra, que não há por ora que tratar deles.

«No 7.º cap. em que diz que os Religiosos que estão nas residências não sabem a língua da terra e que por isso morrem muitos sem sacramentos, parece que se deve mandar escrever que nas naus de 1618 foi provisão pela Mesa da Consciência sobre esta matéria, em que está provido que, não apresentando os prelados dentro de três anos quem saiba a língua, se lhes tirem as igrejas. Em Lisboa
834 em 27 de Outubro de 1618». //

Muitas coisas se puderam responder pela nossa parte a esta carta do senhor bispo de Cochim, mas, pois os senhores da Mesa da Consciência o têm feito tão suficientemente, não há por que tomarmos este trabalho. Só advertirei que ao tempo que isto se escreveu ao reino, tínhamos nós em Ceilão muitos religiosos muito graves e velhos que sustentavam aquela cristandade com muito exemplo e virtude, e eram tantos os que sabiam a língua da terra que havia entre eles alguns que eram doutíssimos nela e não só pregavam e administravam os sacramentos com a suficiência que se requere, mas ainda compunham livros. Mas o grande desejo que este prelado tinha de com estas igrejas plantadas com o sangue dos Frades Menores prover os clérigos do seu bispado, lhe fazia dizer o que era tão alheio de toda a verdade, como claramente se vê e o sabem os que militam por aquelas partes.

DOS GRANDES IMPEDIMENTOS E ESTORVOS QUE TEMOS EM CEILÃO PARA NÃO IR MUITO MAIS POR DIANTE A CRISTANDADE QUE NELA TEM A NOSSA ORDEM

CAPÍTULO 32

Cheio de todo o engano e maldade, filho do diabo e inimigo de toda a justiça, chamou o Doutor das gentes, o apóstolo S. Paulo, a Elimas Mago que tratava de divertir ao procônsul Sérgio Paulo de receber a fé que o mesmo Apóstolo lhe pregava, como consta do livro dos *Actos dos Apóstolos*, cap. 13. E não se satisfez o santo Apóstolo em só o repreender de palavra, mas também o castigou por obra cegando-o de ambos os olhos, de feição que, vendo-se privado da vista, começou a buscar quem lhe desse a mão para poder andar (para que se entenda, diz aqui o nosso doutíssimo Nicolau de Lira, explicando este passo, que os que impedem a pregação divina, incorrem em as trévoas da culpa e incorrerão também, se se não arrependerem, em as do inferno). Se Deus Nosso Senhor houvera de tirar os olhos a quantos são impedimento e estorvo a se pregar a sua Fé e converterem-se muitos infiéis por meio da pregação do seu santo Evangelho, como fez a Elimas Mago, muitos cegos houvera hoje na ilha de Ceilão, e não dos idólatras, que isso não fora muito de espantar e menos de sentir, mas dos mesmos portugueses que lá moram e têm aldeias, alguns dos // quais assim se deixam cegar do seu próprio interesse que, por respeito 835
dele, perdem a obrigação que como cristãos têm de favorecer a cristandade, antes são em grande impedimento de se não estender a Fé por os naturais, tanto quanto com a contínua pregação dos Frades Menores se pudera estender.

Do que, tendo alguma notícia Sua Majestade, mandou haverá quatro ou cinco anos, como católico príncipe e zeloso da honra de Deus e salvação das almas destes seus vassalos, que se fizesse uma inquirição disso e, achando-se alguns compreendidos nesta culpa, fossem desapossados das aldeias e castigados conforme a qualidade dela. Mas como na devassa os mesmos culpados eram os que haviam

de informar e testemunhar, não pôde ser de muito efeito. O que respeitando o prelado que então estava por Comissário em Ceilão, passou uma patente em que mandou a todos os Religiosos da sua jurdição, por santa obediência e sob pena de excomunhão, dissessem na verdade o que, como testemunhas de vista, sabiam do caso, para com mais verdade informarem dela a Sua Majestade. E do que resultou desta inquirição, poremos aqui alguns casos, para que se veja quão justo juízo foi o de Deus, pois no tempo em que estas coisas se faziam em Ceilão pelos portugueses, os castigou neste último alevantamento do Geral Constantino de Sá não menos que com os três maiores castigos que nesta vida há, que são guerra, fome e peste, segundo atrás fica apontado.

Seja, pois, o primeiro caso por onde começamos, o que sucedeu a um reitor que, mandando dar em um pagode que se fazia em sua freguesia e tomando o meirinho da igreja uns ídolos que ainda achou de metal, foram os negros dar rebate ao senhorio da aldeia que naquele tempo estava nela recolhendo a novidade, o qual mandou logo gente para trazer o meirinho diante de si com os mais que o acompanhavam. E, tomando-lhe da mão os pagodes ou ídolos que tinha tomados e tendo-os na sua, lhe disse: — «Estes pagodes fazem-vos algum mal ou ao Padre Reitor? Agora ide-vos embora e não torneis mais a esta aldeia a fazer semelhantes coisas». E tornou a dar os pagodes ao gentio, cujos eram.

Com este mesmo reitor se veio ter um português e lhe pediu que fosse alevantar uma cruz à sua aldeia e fazer uma ramada para mandar vir ali os gentios para os catequisar, que se fariam cristãos. O que ouvindo o religioso, alevantou as mãos ao céu, dando graças a Deus pela novidade do oferecimento e devoção do senhorio da aldeia, dizendo aquelas palavras de Cristo Senhor Nosso: *Non inveni tantam fidem in Israel.* E ficou com ele de fazer o que lhe pedia. Encontrando-o daí a alguns dias, lhe perguntou se ainda estava naquele
836 bom propósito, ao que lhe respondeu // que lhe perdoasse, porque seus parentes lhe tinham dito que por nenhum modo tal fizesse porque perderia muito do seu proveito; e que, posto que entendia ser ruim conselho, não estava em ir contra eles. Português havia na ilha que dava graças a Deus de não ter alguns cristãos na sua aldeia.

As primeiras terras que se conquistaram em Ceilão foram as que chamam da Tranqueira Grande, que estão duas léguas da fortaleza de Columbo e uma légua de Malvana onde os Capitães Gerais da ilha assistem, nas quais terras assiste de contínuo um português, o qual se intitula capitão da Tranqueira Grande, ao qual falaram muitas vezes os nossos Religiosos lembrando-lhe como aquelas terras foram as primeiras que se conquistaram haverá mais de quarenta anos e estavam tão vizinhas à cidade, que não parecia bem haver nelas tanto número de almas gentias sem receberem o santo baptismo, sendo isso coisa tão fácil que, para se fazer, bastava dizer-lhes ele uma palavra, porque são estes naturais tão sujeitos àqueles debaixo de cuja obediência estão,

que não será mais necessário, para se fazerem cristãos, que dizerem-lhes eles que o façam e que os favorecerão por isso. Mas por mais que rogaram a este capitão que fizesse esta obra tanto do serviço de Deus, jamais o quis fazer, antes dizia aos gentios que estavam catequizados e não esperavam mais que esta palavra do capitão: — «Quando o padre falar convosco e vos disser que vos baptizeis, dizei-lhe que falareis comigo. E quando ele falar comigo, eu lhe direi que falarei convosco. E assim passaremos o tempo». E assim o fez. E ficaram os negros sem se baptizarem por respeito deste mau cristão. Tinha mais ordenado este português que nenhuma pessoa das suas aldeias se havia de baptizar nem casar sem sua licença, e, o que o fazia sem ela, era logo preso com machos e lhe tomava por isso uma boa pena de dinheiro.

O reitor da igreja da Madre de Deus de Mapitigão e de Malvana mandou a Reigama o seu meirinho, acompanhado de outras pessoas, a tomar certos gentios que actualmente estavam fazendo umas cerimónias ao diabo. E depois de o meirinho ter tomado o jadesse [1], que é o mestre destas diabólicas cerimónias, os negros da terra se ajuntaram e tiraram o preso das mãos do meirinho dando-lhe, a ele e aos mais que em sua companhia iam, muitas feridas e pancadas, dizendo a altas vozes que assim lho mandava fazer o senhor daquela aldeia Reigama, o qual era um português. E fazendo-se queixa ao Geral, não fez nada no caso . E destes se puderam contar outros muitos que deixamos, por evitar prolixidade.

Tendo Sua Majestade passado provisões e alvarás em favor e aumento da cristandade, em que manda que todos os infiéis cativos de outros infiéis que se converterem e baptizarem, ficando seus senhores na // mesma gentilidade, ficassem forros, o Capitão Geral a petição 837
dos gentios mandou lançar um pregão público por toda a ilha, que nenhum se fizesse cristão sem ser examinado por ele. E é tão grande o desaforo e atrevimento de alguns, que chegam a pôr mãos violentas nos próprios Religiosos, por fazerem aquilo a que a consciência os obriga por razão de seu ofício.

Por não consentir o reitor da igreja de Nossa Senhora do Cabo em Tavanarê ao dissava que então era de Maturê, tomar um negro da igreja, veio com muita gente de armas para o prender e levar amarrado para sua casa. Ao reitor de Alicão tomou o capitão daquele forte e lhe deu muitas pancadas, de que o padre esteve muito tempo mal, indo-o buscar para isso à sua própria igreja acompanhado de sua própria mulher e quantas negras em sua casa tinha, as quais todas arremeteram ao Religioso e o trataram muito mal, e isto sòmente

---

[1] Dalgado (*Glossário*, 1, 474) nota apenas as formas *jadaca* e *jedaca*, abonando-se com Fernão Queirós na *Conquista de Ceilão*, e define assim o termo: «religioso mendicante, mas não budista, em Ceilão». Todavia em todos os exemplos que dá, é clara a nota de que os jadacas eram «sacerdotes dos pagodes». Conservaram-se aqui neste capítulo as duas grafias encontradas na cópia que se publica, «jadesse» e «jadecas», na incerteza da verdadeira pronúncia da palavra.

porque lhe mandou que guardasse os domingos e dias santos, como era obrigação e ele o não fazia.

Em a igreja de Santa Ana em Calane, um filho de Columbo aleijou ao reitor dela de um dedo por lhe defender não tomasse o que não era seu. O capitão de Negumbo mandou prender o escrivão da igreja por ir em companhia do meirinho da mesma igreja a prender um amancebado e por acudir pelos cristãos que os não desfolasse com lhes levar penas excessivas. Finalmente fora processo infinito querer contar os desacatos, afrontas e outros semelhantes termos que se têm com os pobres reitores daquelas partes por quererem fazer aquilo que para bem de suas ovelhas entendem ser conveniente e necessário; pois o tratamento que fazem os portugueses aos que se convertem, é tão tirânico e cruel que põe espanto, porque usam com os pobres miseráveis de diversos tormentos, como se foram inimigos da Fé, mandando-os pôr sobre um pé ao sol, fazendo uma roda no chão para que daí se não saiam, pondo-lhes certa pena de dinheiro por isso, e lhe põem uma mui pesada pedra no toutiço com espinhos cruelmente. E do mesmo género de tormento usam com as mulheres, atando-lhes as tetas. E um capitão de uma destas fortalezas de Ceilão houve que os mandava amarrar com os dedos polegares em uma escápula que estava pregada na parede para este efeito, alta do chão, de modo que os pobres escassamente ficavam tocando com as pontas dos dedos dos pés nele, onde estavam por tanto espaço de tempo naquele cruel tormento, até que acabavam as vidas. Agora veja-se se faziam mais os Décios e os Domicianos e os mais tiranos que, por atormentarem os cristãos, inventavam novos géneros de tormentos.

838 E tudo isto // fazem os portugueses em Ceilão a estes mesquinhos a fim de lhes fazerem pagar os tributos injustos que por eles lhes são postos, para a contribuição dos quais vendem tudo quanto têm e depois de não terem mais que vender vendem e empenham os filhos por remirem sua avexação. E isto é geral e corrente em toda esta ilha, sem haver quem acuda a estas injustiças e sem-razões, o que é grande estorvo para a cristandade se propagar como devia. Porque vendo os gentios as muitas forças, tiranias e sem-justiças que os portugueses senhorios das aldeias fazem aos cristãos seus parentes, dizem, quando lhes falamos em receberem a fé: — «Como quereis, padre, que eu me faça cristão, quando entre vós não há justiça, senão tudo forças e sem-razões, como de contínuo estamos vendo fazerem-se aos nossos parentes cristãos, e sendo nós gentios estamos livres de tudo?». E com isto nos dão em rosto. E assim esta é uma das causas por onde muitos se deixam de converter, e ainda de haver tantos alevantamentos quantos de contínuo nesta ilha há. E assim o dizem eles das serras para onde se acolhem nos tais tempos, gritando que se alevantam por não poderem sofrer mais tantas forças e injustiças.

Além destes inconvenientes e desacatos do serviço de Deus e da cristandade e propagação de sua Fé católica, usam também os senhorios das aldeias de outros não menores, servindo-se de mouros, tomando-os

por seus canacápoles e ocupando-os em outros cargos que têm jurdição e governo sobre os naturais, por cujo respeito se fazem soberbíssimos e ficam com mais liberdade para converterem à sua pérfida lei muitos dos naturais gentios. E tendo Sua Majestade por muitas vezes mandado que se lancem estes mouros fora da ilha por entender este prejuízo que fazem à cristandade e o risco que esta ilha corre com sua assistência nela, jamais se concluiu com este negócio, sendo de tanta importância para o seguro desta Conquista, pois são inimigos nossos por lei. E bem se viu neste último alevantamento do geral Constantino de Sá quão prejudiciais nos eles são, pois se tinham concertados com os inimigos para lhes entregarem a fortaleza e matarem todos os que nela estavam, o que sem falta efeituariam se não fora um aviso que houve da sua traição, com que se acudiu a tão grande mal matando todos os culpados que eram os que estavam connosco dos muros adentro da mesma cidade. E queira Deus Nosso Senhor que baste isso para que os Capitães Gerais que daqui por diante houver em Ceilão, queiram desterrar dele tão má canalha, pois se tem visto por experiência o que neles temos. Mas receio que possa mais com eles o interesse, que o serviço // de Deus e de Sua Majestade. Importa também 839
muito para o aumento da cristandade desta ilha, fazer desterrar de toda ela os jadecas, nagatas, barabajas, cápuas e chagatares (²), porque estes são o mestres das cerimónias dos gentios e pregadores e fomentadores da gentilidade. E como vivem de mistura com os novos cristãos, de contínuo os estão induzindo a que façam sacrifício ao diabo e se tornem à cegueira de suas idolatrias e superstições. Estes e outros impedimentos tem esta nova cristandade de Ceilão, a que com muito pouco custo se pudera acudir com o remédio necessário se não fora a grande sede que todos têm de dinheiro, por cujo respeito fecham os olhos à razão, atropelando obrigações divinas e humanas com não pequeno encargo de suas consciências.

(²) Dalgado anota as formas «negata» e «nangatás» que define casta de Ceilão cujos membros são astrólogos, divinhadores ou feiticeiros (*Glossário*, 2, 103); «berbaia», o «indivíduo duma das castas baixas de Ceilão, cujo ofício é tanger os bombos e atabales», e que por isso não sei se é palavra correspondente a *barabajas* do texto (*ib.* 1, 118); e «changatá, changatar, sangatar», o presidente da assembleia dos budistas ou seu prelado (*ib.* 1, 259). Não encontrei em Dalgado qualquer palavra que se parecesse com o «capua» do texto.

DE TRINTA E UM BAPTISMOS GERAIS QUE EM MENOS DE CINCO MESES FEZ UM RELIGIOSO NOSSO NA ILHA DE CEILÃO EM O ANO DE 1610

CAPÍTULO 33

Aquelas ovelhas limpas e tosquiadas a que o Espírito Santo em o 4.º capítulo do Livro dos Cantares compara os dentes de sua esposa santa, a Igreja, para prova de que não eram estéreis mas fecundas, diz que andava cada uma delas acompanhada de dois filhinhos gémeos: *Omnes gemellis foetibus et sterilis non est inter eas* (1). Pelos dentes da Igreja entende S. Gregório Papa os pregadores do santo Evangelho, porque eles são os que têm por ofício morder e dar dentadas nos vícios e pecados, repreendendo e arguindo os pecadores; que já por isso são também comparados ao sal, como advertiu S. João Crisóstomo, cujo próprio é morder e escaldar. Hão-de ser ovelhas, isto é, mansos e humildes, porque são estas as virtudes com que fàcilmente se conquistam os corações dos ouvintes. Hão-de ser lavados, isto é, limpos de toda a mácula do pecado, para assim poderem melhor morder, porque mal poderão repreender os outros os que tiverem em si que repreender. Hão-de ser tosquiados, isto é, desapropriados de todos os bens desta vida, porque quanto menos tratarem da terra tanto melhor persuadirão o Céu. Finalmente não hão-de ser estéreis mas fecundos, porque, como diz o mesmo S. Gregório Papa, não merece nome de pregador o que não trabalha de, por meio de sua pregação, gerar e parir muitos filhos para Deus: *Quia*, diz o Santo, *profecto praedicator dicen-*
840 *dus non est, si spirituales filios gignere contemnit* //.

Não se podem chamar estéreis mas fecundíssimos os Frades Menores desta santa Província de S. Tomé, pois tão felicíssimos partos tiveram nesta Índia Oriental, sendo nela os dentes da Igreja, pois sempre morderam e deram profundíssimas dentadas em os vícios e pecados deste Oriente, particularmente em a idolatria que tanto senhoreava nela, convertendo tantos milhares de idólatras à fé de Cristo por meio da sua pregação, havendo-se neste ministério como ovelhas,

(1) *Cântico dos Cânticos* 4,2.

mostrando-se em tudo mansos e humildes; lavados de toda a mácula do pecado, sendo muitos deles tão grandes servos de Deus que obraram na vida e na morte muitos milagres; e tão tosquiados que jamais quiseram aceitar grandes dons de ouro e prata e peças ricas que muitos destes reis orientais lhes ofereciam; e finalmente tão fecundos em seus partos que geraram por meio de suas pregações e do santo baptismo muitos filhos para Deus, como se deixa bem ver em esta nossa história, onde tratamos de tantos baptismos gerais que eles em todas as partes deste Oriente fizeram, e dos muitos infiéis idólatras que converteram, e particularmente constará isto deste capítulo, pois veremos como um só religioso nosso em menos de cinco meses trouxe ao grémio da Igreja sete mil e quinhentos e tantos infiéis em trinta e um baptismos gerais que fez em a ilha de Ceilão.

Este foi o Padre fr. Francisco Negrão (²), assás conhecido nestas

---

(²) Fr. Francisco Negrão nasceu na Índia cerca de 1568 (em carta de 1628 datada de 1 de Fevereiro de 1628, publicada em *Annales Minorum*, 27 (Quarachi 1934), 61-62, diz-se *sexagenário*). Jovem ainda professou a vida franciscana na Recoleção da Custódia de S. Tomé da Índia. O Capítulo Custotodial de 1595 destinou-o à vigairaria de Manar (*Tábua de 1595*, 187-188). Em 1597 era Custódio da Custódia de Malaca (veja-se adiante, cap. 97). Em 1610 era Comissário na ilha de Ceilão e promoveu os baptismos de que se fala no texto e sobre os quais escreveu *Relazione* que Civezza publicou em *Orbis Seraphicus* de Gubernatis, tom. 2, pp. 771-773, com o título *Relazion delli battesimi generali delli Indiani, quali nel'isola Taprobana dell'India Orientale Fr. Francesco Negrone Minorita Osservante, Cronista generale de'Frati Minori di tutta l'India Orientale , ha convertido alla fede di Cristo e battezato. 1610.* Em 1619 atravessou a Pérsia com destino a Roma onde ia tratar da impressão de algumas obras suas (Civezza, *Storia*, 7 (Parte III) 238-240). Em Roma o cardeal Crescêncio fê-lo seu teólogo, e Paulo V honrou-o com o título de pregador apostólico na Índia Oriental e concedeu-lhe a graça de, no regresso à Índia, ser reitor-vogal no colégio de Manapacer, terras de Baçaim, durante um sexénio, graça que Gregório XV em 28 de Maio de 1621 ampliou com mais outro sexénio. Em 1623 metia-se à Turquia, de regresso à Índia (Civezza, *Storia*, 6, 238-239). O Geral da Ordem urgira que ele regressasse para aprontar a Crónica da Província, de que afinal apenas aprontou a Primeira Parte, deixando o mais em apontamentos. Antes de 1628 esteve em Cândia onde foi professor de Vigiapala que depois ali foi rei (carta deste de 1 de Maio de 1643, em ANTT, *Livro das Monções*, 54, fl. 9). Em 1 de Fevereiro de 1628 estava em Goa, donde escrevia ao Papa a acusar de ociosos seus confrades depois de ter engrandecido suas próprias actividades apostólicas, e a expor a necessidade de se criar seminário onde se preparassem indígenas para o apostolado, conforme se expôs em sessão da Congregação da Propaganda Fide de 7 de Setembro de 1629. Outra vez de Goa escrevia em 17 de Dezembro de 1630 carta também ela recheada de acusações a que a mesma Congregação deu expediente nas sessões de 26 de Janeiro e 13 de Fevereiro de 1632 (veja-se *Annales Minorum*, 27 (Quaracchi 1934), 61-62, 448-449). Fernão de Queirós, *Conquista de Ceilão*, 164, lembra a passagem dele por Calicute em 1636, e Streit refere carta sua que diz datada de 1 de Maio de 1643 (*Bibliotheca Missionum*, 5, 134). Da *Primeira Parte da Chronica manuscripta da Provincia de S. Thomé* conservava-se exemplar na livraria do convento de S. Francisco de Lisboa (Soledade, *Historia Serafica*, 3, passim; fr. Manuel de S. Dâmaso, *Verdade Elucidada e Falsidade convencida*, Lisboa 1730, 147; Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, 2, 241), exemplar este que se teria perdido nalgum dos incêndios de 1742 ou 1755. E outro qualquer exemplar também hoje se não conhece.

partes assim pela sua muita virtude e zelo da conversão das almas como por o ofício de cronista que nelas teve, o qual vindo de ser custódio da Custódia de Malaca, foi enviado pelos prelados a Ceilão por Comissário daquela ilha onde, tanto que chegou, tratou de fazer uma vindima grande para Deus, e foi tanto o que fez que pôde levar ao cabo uma coisa tão grande como foi em tão pouco tempo converter tantos infiéis. O modo que nisso teve foi este:

Tanto que chegava a alguma das muitas reitorias que naquela ilha temos, mandava chamar o senhorio da aldeia que pertencia à jurdição daquela igreja e lhe pedia fizesse ajuntar nela todos os gentios que naquela aldeia havia. Juntos todos, mandava o dito P. fr. Francisco Negrão ao P. fr. António de S. Tomé ([3]) que, como pregador, na língua chingalá pregasse a todos aqueles gentios a verdade de nossa santa Fé e falsidade de seus ídolos. O que feito, lhe mandava que lhes dissesse que os desenganados da falsidade de seus pagodes e alumiados na verdade da lei de Cristo, se queriam ser cristãos e receber o santo baptismo, se deixassem ficar na igreja para lho darem, e os que o não quisessem ser, bem se podiam ir livremente porque a ninguém se fazia força para o ser.

E os que queriam (que de ordinário eram os mais deles), respondiam a altas vozes que eles queriam livremente e de suas vontades ser cristãos, por entenderem ser só a lei de Cristo verdadeira. E com isto, indo-se os que não queriam, ficavam todos os outros, os quais
841 catequizava // o dito P. fr. António de S. José em voz alta e na sua própria língua, começando-lhes a declarar o mistério da Santíssima Trindade no melhor modo que podia ser, segundo a capacidade de seus entendimentos. Perguntando-lhes no fim se criam firmemente neste mistério, e respondendo que sim, criam, lhes ia declarando os mais Artigos da Nossa Santa Fé e os Dez Mandamentos da Lei de Deus e os Cinco da Igreja que eram obrigados a guardar. E com isto os movia (por serem adultos) a ter dor e arrependimento de todos os seus pecados. E finalmente, estando já todos postos por ordem, os baptizava o Padre Comissário com muita solenidade, fazendo todas as cerimónias que em tal acto usa a igreja, sendo presentes não só muitos dos nossos Religiosos mas todos os portugueses que havia naquele distrito.

E desta maneira fez em diferentes igrejas trinta e um baptismos, cinco deles em a aldeia Vilitota em a igreja dos Reis Magos: O primeiro em 27 de Março de 1610, e o segundo ao dia seguinte em que se baptizaram seiscentas e cinquenta e três almas; o terceiro aos 30 do mesmo mês, de cento e vinte e cinco pessoas; o quarto ao primeiro de Julho, de quatrocentos e vinte infiéis; o quinto aos 8 de Julho, de trezentos e seis infiéis. Em Madampê se baptizaram quatrocentos aos 29 de Maio, que foi véspera do Espírito Santo; e logo aos 30 de Junho

---

([3]) Fr. António de S. Tomé já em 1595 trabalhava em Ceilão, pois ficou nesse ano na comunidade de Columbo (*Tábua de 1595*, 186).

duzentas e oito almas. Em Mahaturê receberam o baptismo trezentas e trinta e cinco, em dois baptismos, o primeiro em 19 de Julho, um sábado, pela tarde, e o segundo logo ao dia seguinte, domingo, 20 do mesmo mês. Em Beligão houve três baptismos gerais na mesma igreja de S. Miguel, o primeiro aos 13 de Junho, o segundo aos 14 e o terceiro aos 22 do mesmo mês. Nos primeiros dois se baptizaram quatrocentas e oito pessoas, e no terceiro cento e cinquenta e cinco. Em Mipé houve quatro baptismos: O primeiro aos 7 de Junho; o segundo e o terceiro aos 8; o quarto aos 24 do mesmo mês. E nos três primeiros se baptizaram oitocentas e cinquenta pessoas, e no quarto cento e noventa. Em Gale, na nossa igreja da Conceição, se baptizaram cento e sessenta e oito em o dia dos gloriosos apóstolos S. Pedro e S. Paulo. Em a igreja de Santo António de Alicão, fez o P. fr. Francisco Negrão quatro baptismos gerais em o mês de Julho: O primeiro aos 4, de duzentas e sessenta e cinco pessoas; o segundo aos 7, de duzentas e doze; e o terceiro aos 9, de cento e vinte e sete almas; e o quarto aos 11, de duzentas e uma.

Afora estes, baptizou na mesma igreja o P. fr. Bartolomeu da Piedade (4), reitor dela, aos 9 de Julho, cento e vinte e sete pessoas da aldeia Birbiri, os quais, vendo os muitos // gentios que se conver- 842
tiam à fé de Cristo e se baptizavam, de maneira ficavam movidos e abalados que se foram ter com o dito reitor e lhe pediram o baptismo. Em a igreja do apóstolo S. Pedro em Macunê, se fizeram aos 5 de Julho duzentos e cinquenta cristãos. Em a igreja do Nosso Padre S. Francisco de Calaturê, se baptizaram em dois baptismos duzentas e noventa e sete almas. Aos 12 e aos 13 do mês de Julho, em a igreja de Santa Maria Madalena de Panadurê, aos 14 do mesmo mês de Julho foram trazidos à Fé e baptizados pelo mesmo P. fr. Francisco Negrão quatrocentas e trinta e quatro pessoas; e depois aos 20 de Setembro baptizou o reitor daquela igreja, o P. fr. Manuel dos Mártires (5), outras seiscentas almas, ao qual baptismo se não pôde achar o sobredito Padre Comissário por estar ocupado, porém por sua ordem se fez. Em Salpê se baptizaram cento e cinquenta e cinco aos 18 de Agosto. Em Calane, na nossa igreja da bem-aventurada Santa Ana, houve dois baptismos: Um no dia do Lume da Igreja, Santo Agostinho, de trezentas pessoas; outro de duzentas e vinte e seis aos 31 do mesmo mês de Agosto. Finalmente na igreja do grande Doutor S. Jerónimo de Nagão se fez o derradeiro baptismo, de cento e nove almas, ao primeiro de Setembro do dito ano de 1610.

Estes baptimos acreditaram muito ao P. fr. Francisco Negrão em Roma onde mostrou certidões autênticas e fidedignas, as quais hoje estão em meu poder. E assim se maravilhavam os senhores cardeais,

---

(4) Fr. Bartolomeu da Piedade também já em 1595 ficou por morador no convento de Columbo (*Tábua de 1595*, 186,.

(5) Fr. Manuel dos Mártires em 1595 era sacerdote recém-ordenado e ficou por morador no convento de S. Francisco de Goa (*Tábua de 1595*, 183).

e alevantando as mãos davam muitas graças a Deus quando lhe ouviam dizer que ele só trouxe ao grémio da igreja sete mil e quinhentos e tantos gentios e que todos ou quase todos baptizara com suas mãos. E o Sumo Pontífice Paulo V, que então tinha a cadeira de S. Pedro, lhe fez muitas honras e falou algumas vezes com ele, e quando lhe foi beijar o pé para se voltar para a Índia, o fez Pregador Apostólico e Padre da Província. E um dos cardeais cujo nome não me lembra, o tomou por seu teólogo. Tornou para a Índia a efeito de acabar suas obras, porque era cronista desta Província de S. Tomé, as quais, se saíram à luz, houveram de ser mui estimadas; mas como cá falta a impressão, todas ficaram assim como estavam, e são as seguintes: A *Primeira Parte das Crónicas desta Província de S. Tomé; Excelências do Nosso Padre S. Francisco e sua Seráfica Ordem; Reliquiaria da Religião Franciscana; Norma Evangélica;* e outras. E depois de as ter compostas, tornando-se para Roma a imprimi-las, faleceu no caminho em Mascate em o religioso mosteiro dos Padres de Santo Agostinho. Foi natural de Chaul e tomou o hábito da Ordem nesta Província, sendo Custódia; e nela estudou e foi pregador, foi Custódio de
843 Malaca e Comissário de Ceilão, onde além // destes trinta e um baptismos fez outros muitos serviços a Deus e a Sua Majestade, particularmente no tempo em que esteve por reféns em Cândia, onde tinha à sua conta e ensinava a ler e escrever a um dos príncipes filho de el-rei de Cândia. E dali dava muitos avisos ao Capitão Geral, Constantino de Sá, o qual depois confessou pùblicamente que lhe foram de muita importância e que a vitória que tivera contra el-rei de Cândia em lhe destruir o reino e queimar seus paços reais, depois de Deus a devia aos avisos do dito Padre. Jaz sepultado em o sobredito convento de Mascate.

DO REINO DE JAFANAPATÃO E DO PRIMEIRO REI QUE NELE HOUVE

CAPÍTULO 34

É Jafanapatão um dos reinos que há na ilha de Ceilão, cujo próprio nome é Jafanaimpatalão, que é o mesmo que «Povoação do Senhor Infante», porque na sua língua *patalão* quer dizer «lugar» ou «povoação»; e a palavra *im* que fica no meio da dicção, significa «senhor», e *Jafana* é nome próprio do homem que primeiro fundou este reino. Mas corrompendo-se o vocábulo, se chama comummente Jafanapatão.

A terra deste reino ainda que era mui cheia de arvoredos, contudo antigamente era esterilíssima de arroz, mantimento principal destas partes. E assim os reis de Ceilão se serviam deste reino como de terra sem proveito, como na verdade então o era, não tendo outro seus moradores mais que o que se pescava no mar e o que se criava na terra. Por onde muitos tempos não teve mais título, o que o regia, que de *vidana*, que é como «abegão». Depois, sendo já mais o proveito por o trabalho e indústria dos seus moradores, veio a ser comedia de araches, que são os capitães, e por fim terra de modeliares, que são os governadores do reino. E neste foro esteve mui largos anos até que veio a acrescentar-se tanto com os contínuos benefícios dos naturais e comércio dos estrangeiros, que chegou a ter nome na corte que então estava posta no reino de Cota.

Reinando, pois, Mapravera Mabahu, veio ter àquele império um panical estrangeiro, natural das serras do Malabar, de um lugar chamado Sulunar, o qual como era mui dextro nas armas e grande mestre delas, o rei o agasalhou com muito amor e lhe fez muitas honras, dando-lhe título de modeliar, o qual depois de casado houve dois filhos que se criaram no paço e foram muito amados do rei. // Mas **844**
depois, vendo-os já homens e que pela parte da mãe estavam mui aparentados, temendo-se que por sua morte se levantassem contra um neto seu que, por não ter filho, o tinha jurado por rei, pretendeu matá-los. Deu deste desenho conta a um seu capitão de que muito se

fiava, o qual por ser de boa inclinação o desviou disso, aconselhando-lhe que os não matasse, mas com algum título de honra mandasse aquele de quem mais se receava ao reino de Jafanapatão que naquela ocasião governava um modeliar do mesmo rei que se lhe tinha alevantado com a terra e feitos muitos agravos a seus vassalos. Parecendo-lhe ao rei bom conselho, o mesmo modeliar que o dera, com licença do rei foi em busca do filho do panical e lhe alevantou as mãos, dando-lhe título de príncipe, e se chamou Chamba Perimal. Com este nome e grande poder de gente se foi ele a Jafanapatão, e pôs a ferro e fogo a todos os que se lhe puseram em resistência, e se senhoriou daquele reino e, investindo-se nele, continuou com os tributos, pagando-os, sem nunca faltar, ao rei de Cota, com muita fidelidade. E assim este foi o primeiro que com título de príncipe reinou em este reino de Jafanapatão.

Correndo os tempos, vieram uns brâmanes naturais do reino de Guzarate, chamados arus, que se prezam de filhos do sol e de geração real, ao estado de Madurê, e fizeram, com o favor daquele naique, o pagode de Ramanancor, e daí vieram ter comércio com os reis de Jafanapatão, donde veio a casar-se um deles com a filha do rei e aparentar-se com a casa real, e por fim os seus descendentes ficarem herdeiros dela, até que, em tempo de Jorge de Melo de Castro chamado Punho, capitão de Manar, vieram a ter os do povo uma grande contenda com o rei que então reinava, chamado Cochim Neina, dizendo que lhe não pertencia o governo a ele senão a outro seu parente. Sobre esta diferença foi chamado o dito Jorge de Melo a quem fizeram juiz da causa, e sendo-lhes propostas as razões de uma e outra parte e alegado o direito de cada uma delas, achou Jorge de Melo que o Cochim Neina era intruso e não lhe cabia o reino, e assim, a requerimento do povo, o depôs dele e pôs em prisão, e foi o outro levantado por rei.

Mas o Cochim Neina, depois que viu recolhido a Jorge de Melo, teve tal indústria que fez com os da sua parcialidade com que matassem ao que estava alevantado de novo por rei; e tirando-o a ele da prisão o alevantaram por rei. Teve logo disto aviso Jorge de Melo e se concertou com um lascarim mui valorso e esforçado, natural do mesmo reino de Jafanapatão, e o obrigou, com dádivas e promessas, a que matasse a Cochim Neina que se tinha alevantado por rei, o que o lascarim fez com muito esforço e ânimo. E depois de o ter morto,
845 passou o rio a nado e veio dar a Jorge de // Melo as novas do que tinha feito, o qual, tendo a certeza do caso, se foi com muita pressa a Jafanapatão e com o parecer do povo alevantou por rei a Pereapuli, ao qual sucedeu depois por sua morte o rei torto chamado Pera Xagra Pandara a quem matou André Furtado, como adiante veremos [1].

---

[1] Os reis de Jafanapatão que se relacionaram com os portugueses, foram:

1544 Chekarasa Sekaran ou Xaga Raya, de seu nome Sankily.
1561 o mesmo ainda.

Tem Jafanapatão muitas ilhas pequenas adjacentes, a principal das quais é a de Manar, a qual é hoje nossa e temos nela uma fortaleza que se fundou em tempo do vizo-rei D. Constantino de Bragança, como adiante veremos. No ano de 1543, estando o Governador Martim Afonso de Sousa com uma poderosa armada de quarenta e cinco velas na Ilha das Vacas, mandou dizer ao rei deste reino de Jafanapatão que, se queria ter paz com ele, desse obediência a el-rei de Portugal e lhe pagasse tributo cada ano, o que ele aceitou por ver sobre si tão grande poder dos Portugueses, dos quais nunca fora amigo, antes favoreceu sempre aos inimigos do Estado, e passou logo ao Governador carta de vassalagem, com obrigação de pagar cada ano à Coroa de Portugal cinco mil pardaus e dois elefantes, e deste dinheiro mandou logo dois anos de antemão e com isso juntamente entregou muita artilharia que tinha em seu poder, dos nossos navios que se perdiam por aquela costa na sua terra (²). Mas ainda que se fez vassalo e tributário nosso nunca perdeu o mau e danado ânimo que tinha para os Portugueses, manifestando-o em muitas obras que depois lhe grangearam, pelo discurso do tempo, muitos trabalhos, e por fim sua total destruição e do seu reino, como do que adiante contarmos se verá.

156?	Cachim Neyra que Jorge de Melo de Castro sentenciou de intruso;
156?	Congi Naynar, posto por Jorge de Melo e morto por mandado de Cachim Neyra que também por isso foi morto a mandado de Jorge de Melo;
156?	Perea Puli ou Pera Pulai, posto por Jorge de Melo;
? -1591	Puvi Baja Pandara ou «o Rei Torto»;
1591-1615	Pera Raja Chegara Pandara, filho de Perea Puli e de seu nome Hendarmana Singa Cumara, posto por André Furtado de Mendonça.
1615-1619	Chingali;
1619	Aclamado o rei de Portugal.

(²) A armada saiu de Goa a 12 de Agosto, esteve na Ilha das Vacas, chamada Neduntivu e ilha Pongardiva e pelos holandeses Ilha de Delf, donde foi o ultimato ao rei de Jafanapatão, e no regresso em Calecoulão o governador Martim Afonso de Sousa se partiu com o exército a um assalto ao pagode de Tebilicarê. Couto diz que a expedição partira de Goa com o fito de assaltar o pagode de Tremel, no reino de Bisnaga por altura de Paleacate; e que uma tempestade, dispersando a armada, a atirou com o Governador para a ilha das Vacas e aí o demorou todo o tempo da monção (*Década V*, l. 9, c. 7, pp. 344--352). Gaspar Correia por seu lado leva toda a armada à Ilha das Vacas sem tempestade nenhuma, e aí a demora à espera de recado de Paleacate que veio, sim, mas a dissuadir o assalto (*Lendas*, 4, 324-325). Seria a disfarçar os intentos da expedição, que o Governador desde a Ilha das Vacas mandou a Jafanapatão António Mendes de Vasconcelos com urgências ao rei para «que desse a obediencia a ElRey de Portugal e lhe pagasse tributo, senão que o mandaria destroir e elle em pessoa hiria lá com sua armada. O Rey, como era muy fraquo e pouqa cousa, ouve muyto medo, e logo o obedeceo e deu carta de vassalagem com pagar cad'anno cinco mil pardaos e dous alifantes». As exigências de vassalagem e tributo eram punição pelos maus tratos dados aos portugueses e seus navios. Queirós (*Conquista*, 198ss) confunde esta expedição com outra que em 1545 estava em projecto mas não chegou a realizar-se; e não aceita o relato de Couto.

COMO O VENERÁVEL P. FR. BELCHIOR DE LISBOA CUSTÓDIO DESTA CUSTÓDIA E QUATRO COMPANHEIROS SEUS FORAM OS PRIMEIROS RELIGIOSOS QUE PREGARAM A FÉ NO REINO DE JAFANAPATÃO ONDE FORAM MORTOS PELOS NATURAIS

CAPÍTULO 35

Grande era o sentimento que tinham os religiosos desta santa Província de não poderem entrar com o arado da Fé em o reino de Jafanapatão para lavrar aquela inculta terra tão povoada de gentios, assim como o tinham feito em os outros reinos da mesma ilha de Ceilão. Porque desejavam eles, e com razão, que não houvesse terra em todo este Oriente em que o verdadeiro Deus não fosse de seus naturais conhecido, recebendo a limpa e pura doutrina do Evangelho
846 todos aqueles que até então se tinham abraçado com as torpes // e abomináveis superstições da gentilidade. Mas resistia-lhes grandemente neste reino o rei que então governava, o qual, além de ser grande inimigo (ainda que encoberto) dos Portugueses, o era também em sumo grado da religião cristã, não consentindo que nenhum dos seus vassalos a recebesse, sob pena de perder a vida e a fazenda. Contudo Deus que via os acesos desejos dos nossos, quis em parte satisfazer a eles, oferecendo-lhes uma ocasião, a qual, se não foi de poderem eles fazer muitos cristãos, pelo menos o foi de termos muitos mártires.

Tinha, pois, este perverso rei cometido muitas insolências e maldades, que não parecia senão que era do número daqueles que tinham feito pacto com o inferno. Porque primeiramente se tinha tirânicamente introduzido naquele reino, desapossando dele a seu irmão mais velho, cujo ele era. E por mais se segurar, trabalhou pelo haver às mãos e tirar-lhe a vida, o qual, por segurar a sua e fugir a força daquela perseguição, se passou a terra firme com alguns dos que o seguiam, e, caminhando por terra mais de duzentas léguas, veio ter a Goa para se valer dos Portugueses contra a tirania de seu irmão, e para os mais obrigar a isso tomou a nossa lei, recebendo o santo bap-

tismo. E a esta maldade tinha acrescentado outra não de menos culpa, encapelando umas com outras, como de ordinário fazem os obstinados, e foi que, vendo em seu reino ao príncipe de Ceilão Tribuli Pandar de quem atrás fizemos larga menção, que se vinha valer dele e pedir-lhe socorro para a guerra que queria fazer, podendo mais com ele a cobiça dos tesouros que trouxera consigo que o respeito de hóspede, o fez matar apoderando-se de todas as suas riquezas, como acima em seu lugar fica contado. E o com que acabou este pérfido tirano de arrematar sua maldade, foi com mandar matar os moradores da ilha de Manar que, como fica dito, era de sua jurdição, por terem recebido a lei de Cristo e se terem feitos cristãos. E não fazendo diferença de pessoas, idades e estados, fez tirar a vida a ferro a mais de seiscentos, entre homens, mulheres e meninos, em um lugar da mesma ilha chamado Patim que depois, por memória deste feito, se chamou Vale dos Mártires (1).

Eram estas maldades deste cruel tirano mui estranhadas e sentidas dos Portugueses; e vindo o clamor delas às orelhas do mui católico rei de Portugal D. João III, mandou aos seus Vizo-Reis por muitas vezes que lhe dessem o castigo que por elas merecia, os quais por andarem ocupados em outros negócios do Estado, não tiveram lugar de pôr em execução este tão justo mandamento. Mas tendo o governo da Índia o vizo-rei D. Constantino de Bragança, estimulado das cartas de Sua Alteza que sempre lhe recomendava este negócio, determinou de ir em pessoa a Jafanapatão, e tendo junta uma grossa armada de doze galés, dez galeotas e setenta navios de remo, partiu da barra de Goa a 7 de Setembro do ano de 1560.

---

(1) Os careás de Patim na ilha de Manar haviam pedido a S. Francisco Xavier os fosse baptizar. O Santo, preso com os trabalhos da Costa de Pescaria, em Agosto de 1544 pensara ali mandar o P. Francico Mansilhas em sua vez; mas também este não pôde seguir, atarefado como andou com a incursão dos badagás. E foi então por eles Francisco Coelho, padre indígena que ali na missão os ajudava. Feito o baptismo, logo por Novembro ou Dezembro desse ano de 1544 o rei de Jafanapatão «cujas eram essas ilhas de Manar», ordenou grande mortandade nos neófitos (vejam-se cartas de S. Francisco Xavier, em *Documentação*, 3, 106-107 e 147-148). Ao saber do facto, o governador Martim Afonso de Sousa preparou armada para castigar o tirano e pôr no seu lugar ou um irmão que prometia fazer-se cristão se lhe dessem o trono ou D. João que por então se refugiara em Goa a fugir às iras de Bonegabago rei de Ceilão seu tio, por motivo de ser ter feito cristão (veja-se acima cap. 6²). A expedição todavia não chegou a largar porque soaram rumores de que ia surgir armada turca no mar das Índias e ainda porque naufragara na costa de Jafanapatão a nau do Pegu e havia que primeiro, a bem, salvar a sua carga que era riquíssima. Depois chegou o governador novo D. João de Castro, sobreveio o cerco de Dio que absorveu todas as atenções da Índia, e foi assim que a projectada expedição punitiva contra o rei de Jafanapatão só em 1560 se realizou. Entretanto mais se tinham avolumado as queixas dos portugueses contra o rei de Jafanapatão: entre outras coisas dera asilo a Tribuli Pandar que em Cota tanto mal fizera, e por fim matara-o e ficara com o tesouro do defunto Bonegabago, sonegado pelo dito Tribuli, e do qual fazia parte o dente de Budão de que trata o cap. seguinte (veja-se acima, cap. 18).

Era neste tempo custódio desta nossa Custódia de S. Tomé o
847 venerável P. fr. Belchior // de Lisboa, religioso de singular virtude e zelo da salvação das almas, o qual tinha de outra vez acompanhado ao mesmo vizo-rei D. Constantino quando foi tomar as terras e cidade de Damão, como no seu lugar fica contado. E vendo que era boa esta ocasião para os nossos frades entrarem naquele reino a pregar a fé de Cristo e converter aqueles bárbaros infiéis, como havia tanto desejavam, não quis fiar a empresa de outro, mas ele mesmo se ofereceu para ela, escolhendo para este efeito quatro companheiros do seu espírito (2).

Seguiu o Vizo-Rei sua viagem e foi surgir sobre Jafanapatão, e em uma mata que ali estava mandou armar um altar em que se disse uma missa mui devotamente a Nossa Senhora, tomando-a por advogada daquele bom sucesso, e nela comungou o Vizo-Rei e a maior parte dos fidalgos e gente da armada. E o bispo de Cochim D. Jorge Temudo que também se quis achar naquela jornada por ser aquela ilha de sua jurdição, deu a bênção a todos e concedeu as indulgências que os Sumos Pontífices concederam, a instância de El-Rei D. Manuel, para todos os que na Índia morressem na guerra, pelejando pela fé de Cristo. Com isto começaram a desembarcar em terra, e depois de alguns recontros se fizeram senhores da cidade que já neste tempo estava despejada dos seus moradores, onde acharam muita artilharia e algumas outras coisas de que os soldados se aproveitaram. E de um pagode que eles tinham em maior veneração, levaram ao Vizo-Rei um dente de Bugio, engastado em oiro e pedras preciosas, que aqueles cegos gentios tinham pela mais sagrada coisa de quantas adoravam, do que logo foi o Vizo-Rei avisado; e lhe afirmaram que tinha nele um grande tesouro pelo muito que todos os gentios da Índia o estimavam, como no capítulo seguinte mais largamente contaremos.

O Rei fugiu da cidade para uma fortaleza que tinha dali légua e meia, mui forte com seus baluartes e cubelos. E vendo que nem aí o deixavam os Portugueses, mas que o iam lá buscar, se passou a outra banda, deixando o reino nas mãos dos nossos. Mas tomando depois melhor conselho, mandou por seus embaixadores pedir pazes ao Vizo-Rei, que lhas concedeu com as condições seguintes: Que El-Rei ficasse no seu reino como de antes, e jurasse vassalagem a El-Rei de Portugal e que lhe entregaria logo todo o tesouro de Tribuli Pandar, e ficaria por nossa a ilha de Manar onde tinha martirizados os cristãos. Assentados e assinados estes concertos, se passou o Vizo-Rei para o rio deixando a cidade, e se deteve aí mais de quinze dias em que lhe foram fazendo entrega das coisas que por concerto das pazes prometera aquele rei, que poderiam montar perto de oitenta mil cruzados.

---

(2) Não se sabe o nome dos Franciscanos que acompanharam o Custódio nesta expedição, e nela foram também mortos. O texto diz que eram quatro e o mesmo repete Soledade (*Historia Serafica*, 3, 548) que também neste ponto resume fr. Paulo da Trindade. Couto (*Década VII*, l. 9, c. 3, pg. 320) fala simplesmente de «alguns», sem os numerar.

Entregou algumas olas em que estavam postas lembranças das partes // em que no reino de Cota estavam enterrados os tesouros de Tribuli 848
Pandar, que poderiam montar mais de trezentos mil cruzados.

Enquanto os portugueses se ocupavam em todo este tempo no arrecadar do tesouro da terra, se ocupavam os nossos frades em acrescentar muitas almas no tesouro do céu, gastando aqueles dias em catequisar uns e baptizar outros, que, como a cidade e o reino estavam por nosso, recebiam muitos fàcilmente a nossa Fé. Mas como os chingalás sejam naturalmente belicosos e de ânimo inquieto, ordenaram estes uma conjuração geral contra os Portugueses, que estavam bem fora de lhes parecer que teriam eles nem pensamento disso. E dando todos juntamente, com ímpeto infernal, nos lugares em que sabiam estavam os Portugueses, a todos quantos acharam tiraram as vidas. E dando no lugar em que estava o nosso Custódio com os seus companheiros, ocupados em converter e baptizar, e achando-os ocupados em aquele tão santo ministério, arremeteram a eles como leões ferozes e os mataram a todos, ajuntando dos seus corpos com a água com que actualmente estavam baptizando, pagando-lhes mal o bem que deles recebiam, pois davam a morte aos que procuravam de os escrever no livro da vida (3). No lugar do martírio destes servos de Deus, que era onde antigamente estavam os paços reais e se chama Copai, está hoje fundada uma cristandade nossa com sua igreja (4).

O Vizo-Rei, vendo a terra alevantada, se passou com toda a sua frota à ilha de Manar a tomar posse dela e fazer uma fortaleza, como logo se fez; e deu ordem como para ela se passasse o capitão da Pescaria com todos os moradores de Punicale, por fugir as afrontas que

---

(3) Couto (*Década VII*, l. 9, cc. 1-5, pp. 300-339), desenvolvidamente historia a expedição de D. Constantino a Jafanapatão, e conta do mesmo modo que vai aqui no texto a morte de fr. Belchior e seus companheiros (*ib.*, pg. 327); mas o jesuíta Henrique Henriques que a tudo assistiu, em carta ao seu Geral datada da Costa da Pescaria a 8 de Janeiro de 1561, conta as coisas de modo diferente: Com a expedição «pertendeo o viso-rey tomar o reino de Jafanapatam pera ahi agasalhar os nossos christãos [da Costa da Pescaria], pollo que muito elles sospiravam, em huma ilha que se chama Manar, do dito rey». A cidade de Jafanapatão foi entrada, o rei fugiu, a maior parte dos seus vieram prestar obediênca ao vice-rei que acabou por se concertar com o filho do rei que por mandado do pai viera pedir misericórdia. Feito o tratado de paz, já o bispo e outros começavam a baptizar as gentes, quando o povo se alevantou, queixoso como se dizia dos agravos que lhe faziam os portugueses. «Se alevantou assi a terra contra nós e mataram logo o custodio de S. Francisco, com outros portugueses, em sua companhia, que hiam a desfazer hum pagode, o qual, por entam, não desfizeram, que ja estavam determinados fazer a guerra, des aquele dia que o mataram» (*Documentação*, 7, 267) E ao apreciar os motivos do alevantamento lembra: «Ouve também hay quebrar pagodes, que o viso-rey com zelo santo que tinha do exalçamento de nossa santa fee, mandou recado ao bispo para se quebrarem, *sed nondum erat tempus*» (*ib.* 269). Queirós (*Conquista*, 301-302) só fala de dois Franciscanos, fr. Belchior e fr. João, e diz que ambos foram degolados depois de vários dias de tormento.

(4) A igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, em Copai (veja-se adiante cap. 51).

muitas vezes lhe fazia o naique daquela terra. E porque ainda na armada estavam alguns frades nossos que escaparam daquela conjuração e desejavam de se ocupar na conversão dos infiéis, o Vizo-Rei os fez ficar na mesma ilha, onde eles fundaram logo casa e começaram a converter e baptizar muitos dos seus moradores, fazendo grande fruito neles, como adiante veremos. E posto que por então cessasse a cristandade que os nossos tinham começada em Jafanapatão, contudo, como tinham no céu aqueles santos mártires que não deixavam de pedir a Deus que se lembrasse daquelas almas remidas com o seu precioso sangue, depois tiveram os nossos outra ocasião de pregar a Fé e plantá-la de feição que jamais faltou, antes foi tanto em crescimento que veio a se converter quase o reino todo, como hoje está e adiante veremos.

DO DENTE DO BUGIO QUE SE ACHOU EM JAFANAPATÃO E DO QUE DELE SE FEZ A CONSELHO DOS TEÓLOGOS

CAPÍTULO 36 // **849**

Tinha o demónio tão cegos aos miseráveis infiéis do Oriente no particular da adoração dos seus falsos deuses, que tinham e adoravam por esses a homens torpíssimos, brutos animais, cousas insensíveis, e, o que pior é, ao próprio demónio representado em a mais feia e espantosa figura que podia ser. E entre estas diferenças de abominações tinham também em grande estima e veneração o dente de um bugio branco, que, como atrás vimos, tomaram os portugueses quando destruíram a cidade de Jafanapatão (1). Tinham eles que este dente fora do seu Budão, a quem tinham por um grande santo, o qual, depois que se foi de Ceilão onde andou muitos anos fazendo grandes maravilhas, se foi ao reino do Pegu ensinando a todos a verdadeira lei que haviam ter, e fazendo espantosos milagres; e que ao tempo que estava para morrer, arrancou da boca aquele dente e o mandou a Ceilão por memória e lembrança sua, onde estava tido em tão grande estima que não havia coisa entre todos estes orientais que mais sagrada e divina fosse.

E tanto assim que todos os anos mandava el-rei do Pegu seus embaixadores a Ceilão com riquíssimos presentes para lhe deixar imprimir, como sinete em cera, este seu precioso dente em certa massa de ambar, algália, almíscar e outras confecções aromáticas, que para isso traziam em uma boceta de oiro, de modo que ficasse estampada a feição, comprimento e grossura dele, para que já que o não podiam ter a ele, tivessem pelo menos sua figura. Se não que, achando-se uma vez D. João Párea Pandar, rei de Cota, em necessidade de dinheiro, para o haver de el-rei de Pegu usou desta graciosa invenção (2): Fin-

---

(1) Como em nota ao cap. precedente se informa, o dente de Buda pertencera ao rei de Cota Bonegabago e à sua morte dele se apoderara Tribuli Pandar que o levava consigo quando foi morto pelo rei de Jafanapatão.

(2) Couto (*Década VIII*, cc. 12-13, pp. 74-88) desenvolvidamente refere a *graciosa invenção*.

giu um dente falso e o engastou em oiro e pedras preciosas, e lhe mandou fazer uma caixa muito preciosa em que o meteu, e o mandou, escondido dos portugueses, ao dito rei de Pegu, fazendo-lhe crer que era o dente de Bugio e que lho mandava por ser seu amigo e o não haver mister em o seu reino, por ser cristão. Não cabia o pobre rei de Pegu em si de prazer com aquele tesouro que lhe viera de Ceilão, que por tal o tinha ele, julgando-se pelo mais bem afortunado rei de todos os seus antepassados, pois só em seu tempo merecera o reino de Pegu ter em si uma coisa tão preciosa como aquela. E assim o mandou receber com grandíssimas festas, e em retorno mandou ao rei de Cota uma mui grande nau carregada de mantimentos e outras coisas de muito preço com que ele folgou muito, porque só isso era o que pretendia com aquela invenção.

Quando se soube por todos estes infiéis o que em Jafanapatão era sucedido e como o seu dente, que eles em tanta estima e veneração
850 tinham, estava em poder dos Por//tugueses, foi grande o sentimento que todos tiveram, não só os do mesmo reino a quem esta perda mais em particular tocava, mas todos os outros, receando que por estar em poder de cristãos, inimigos declarados de sua falsa superstição, viria ele a dar no que deu, que foi, depois de ser queimado, feito em pó. Contudo, sabendo quanto com todos acaba o interesse, trataram alguns o resgate desta sua tão preciosa relíquia, oferecendo por ela grande soma de dinheiro, não reparando no preço que se podia pedir porque haviam que, por muito que fosse, era muito pouco, contanto que se recuperasse o que eles tanto desejavam.

E o que nisto mais trabalhou foi o rei de Pegu, o qual, sabendo o que passava, mandou chamar um fidalgo português que naquele reino estava fazendo seu negócio, e lhe pediu encarecidamente que, pois ia para Goa, acabasse com o Vizo-Rei lhe desse aquele dente e que lhe daria por ele quanto quisesse (3). E oferecendo-se o fidalgo a fazer na matéria quanto pudesse, o despediu cheio de mercês e com ele seus embaixadores, pelos quais mandava dar ao Vizo-Rei por aquele dente trezentos mil cruzados que iam em oiro, pedraria e outras coisas de muito preço, e com ordem para lhe darem ainda mais, se mais quisesse; obrigando-se juntamente a ter perpétua amizade com o estado e prover a fortaleza de Malaca de mantimentos todas as vezes que deles tivesse necessidade, e com muitos outros oferecimentos. Chegaram a Goa os embaixadores e foram bem recebidos do Vizo-Rei, e ouvida a sua embaixada lhes disse que não podia deferir a sua petição sem primeiro saber o que parecia aos do conselho, no qual, pondo aquele negócio, não pareceu mal aceitar-se aquele dinheiro, pois o Estado estava tão falto dele e com muitas necessidades a que acudir, parecendo-lhes que nisso se não fazia ofensa a Deus, pois eram idóla-

(3) O preço oferecido pelo dente de Buda aos portugueses criou um grave problema de consciência que as autoridades eclesiásticas resolveram com a digna austeridade cristã que o texto conta e Couto (*Década VII*, l. 9, c. 2, pp. 317-318; c. 17, pp. 428-433) melhor ainda desenvolve.

tras os que procuravam o dente, e como esses adoravam pedras e paus, e assim que também adorassem aquele dente, ia pouco nisso. E finalmente tantas coisas souberam dizer ao Vizo-Rei que o tinham quase abalado para consentir na venda.

Mas sabendo o que passava, o arcebispo D. Gaspar, varão de grandes letras e singular virtude, de quem acima falámos no seu lugar, estranhando muito tal conselho e se foi ter com o Vizo-Rei e lhe disse que de nenhuma maneira podia vir nisso sem mui grande ofensa de Deus, pois dava ocasião a que a honra a Ele só devida se desse a uma tão torpe e baixa coisa como aquele dente era. E por que fizessem suas palavras mais efeito, não se contentou com o avisar em particular, mas o fez também em público pregando no púlpito diante dele e de todos os fidalgos de Goa, declarando-lhes, como excelente teólogo que era, o mal que nisso se cometia. Não aproveitaram pouco estas admoestações do santo Arcebispo, movido das quais o Vizo-Rei determinou de pôr o negócio em consulta geral, e assim o fez chamando para ela ao mesmo arcebispo, inquisidores, os prelados maiores das religiões, cada um com seu teólogo, e todos os capitães e fidalgos velhos com todos os oficiais da fazenda. // **851**

Sendo todos juntos, lhes propôs o Vizo-Rei a coisa para que os ajuntara ali, que era para saber o que devia de fazer no requerimento de el-rei de Pegu, representando-lhes por uma parte a grande soma de dinheiro que se oferecia, e por outra as grandes necessidades do Estado, concluindo porém que não faria senão o que mais fosse do serviço de Deus e de Sua Alteza. E posto que os seculares votaram todos em favor do dente, contudo o que os teólogos assentaram foi não ser lícito fazer tal venda, pois com ela se dava ocasião a novas idolatrias. E como o Vizo-Rei era tão bom cristão, ouvindo o parecer deles o seguiu, sem mais haver na Junta quem o contradissesse, do que se fez um termo em que todos se assinaram, cujo traslado se guarda ainda hoje na Torre do Tombo de Goa.

Com esta resolução mandou o Vizo-Rei ao tesoureiro que trouxesse o dente, e depois de ser por todos visto e examinado se era aquele, o entregou ao Arcebispo, o qual, lançando-o aí em presença de todos em um almofariz, o desfez todo em pó, e pediu um braseiro em que foi lançado, e depois as cinzas e carvões mandou lançar no rio. E este fim teve aquele supersticioso dente que em tanta estima e veneração estava posto neste Oriente. E posto que esta obra fosse mal tomada de alguns por julgarem as coisas segundo o parecer da carne e sangue, conformando-se com as regras da prudência humana, contudo ela foi mui acertada e digna de louvor, pois ao vil interesse do dinheiro se antepôs (como é razão) a honra do verdadeiro Deus, querendo antes não desagradar ao Rei do Céu que comprazer ao da terra, que enfim aproveita mais para a conservação dos reinos o favor divino que todas as riquezas do mundo.

COMO DEPOIS QUE O REINO DE JAFANAPATÃO FOI DESTRUÍDO PELO GRANDE CAPITÃO ANDRÉ FURTADO, COMEÇARAM OUTRA VEZ OS NOSSOS RELIGIOSOS TER NELE NOVA CRISTANDADE, E DA FUNDAÇÃO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES

CAPÍTULO 37

Com a morte do nosso Custódio, o venerável P. fr. Belchior de Lisboa, e seus companheiros, deixou de ir por diante aquela nova cristandade que eles com tanto gosto e fervor tinham começada. E
852 a muita crueldade do rei pagão e o // entranhável ódio que sempre mostrou contra a religião cristã, não deu nunca lugar a se poder fundar de novo, até que ele foi de todo destruído e morto pelo grande capitão André Furtado [1]. Era tão insolente este bárbaro tirano que tinha tomado por nome Puni Raja Raju, que quer dizer «Rei dos Reis da Terra», e tão cruel que fàcilmente mandava tirar as vidas a seus vassalos, e tão inimigo do nome português e da fé de Cristo que jamais

---

[1] A expedição de André Furtado de Mendonça a Jafanapatão largamente a historiam C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos na obra que publicaram em 1955 com o título *André Furtado de Mendonça*, e também Queirós (*Conquista*, 362-370). O rei de Jafanapatão, confederado com Catamuça Marcá de Cunhale, propusera-se conquistar a ilha de Manar onde os Portugueses se haviam estabelecido em 1560, e depois varrer aos mesmos de Ceilão e costa de Tuticurim e Malabar. Capitaneada por André Furtado de Mendonça saiu ao mar a armada portuguesa, e o vice-rei derrotou Catamuça, foi a Columbo compor questões domésticas e, saltando sobre Jafanapatão, destroçou o exército inimigo em 28 de Outubro de 1591 e ao rei, morto na refrega, substituiu-o por outro que era amigo. Por motivo de intrigas e invejas André Furtado ao fim da campanha recolheu-se no convento da Madre de Deus de Goa onde se quis fazer frade, «mas o Padre Custódia, como varão prudente, sem respeytar os augmentos que de tal filho podia ter a sua Religião, com graves rezões o divertiu, representando-lhe a falta que faria ao serviço de Sua Magestade» (Queirós, *Conquista*, 370).

consentiu que estivesse Religioso algum em suas terras, nem se oferecia ocasião alguma de favorecer nossos inimigos que o não fizesse, como se viu no socorro que deu ao tirano D. João rei de Cândia, de que acima temos tratado, a quem deu passagem e o ajudou contra nós, provendo-o de muita pólvora e munições.

E querendo por isso dar-lhe um açoute o Vizo-Rei que então governava a Índia, que era Matias de Albuquerque, mandou a André Furtado com uma armada de vinte navios a 10 do mês de Agosto, que é ainda inverno nestas partes, do ano de 1591, o qual, saindo com muito trabalho e não menos perigo pela barra de Goa Velha e seguindo sua viagem, chegou defronte de Cananor onde o foi visitar o Guardião do convento que naquela fortaleza temos, que então era o P. fr. António da Madre de Deus, religioso grave e bom letrado, levando-lhe algum refresco de fruita da horta e alguns barris de água, o que tudo o bom capitão estimou muito. E por ser mui devoto do nosso hábito, sabendo que naquele convento estavam dezoito frades por moradores, pediu ao dito Guardião que as missas todas fossem ditas por sua tenção enquanto ele andasse naquela empresa, rogando-lhe muito tivessem particular cuidado de o encomendar a Deus, a ele e àquela sua armada. Com isto se partiu de Cananor e chegando defronte de Calecute deu com três naus de Meca, das quais meteu duas no fundo e a outra rendeu e a levou a Cochim onde a deixou. E partindo com muita pressa foi em busca de um grande corsário chamado Catamuça que estava no rio de Cardiva com uma poderosa armada de vinte e duas galeotas de coberta, e, investindo nela, a desbaratou com morte de muitos inimigos.

Animados os nossos com estas vitórias e muito mais com a boa fortuna que em seu Capitão-Mor sempre conheceram, chegaram a Jafanapatão. Sabendo o rei da sua vinda, se começou com muita pressa a apetrechar, fortificando com grandes valos a praia do rio onde imaginou fosse a desembarcação. Mas os nossos, que de tudo estavam já avisados, foram tomar outra paragem chamada Columbo onde se desembarcaram muito a seu salvo, apesar dos inimigos que trabalharam muito pelo estorvar, e se foram ao lugar onde depois se fundou a primeira igreja que tivemos neste reino de Jafanapatão com título de Nossa Senhora da Vitória. // E daí, marchando com 853
muita ordem para Nelur onde estavam os paços reais e a cidade, meia légua do lugar da desembarcação, lhe saiu o rei ao encontro com todo o seu poder, e, baralhando-se uns com os outros, começaram uma bem travada batalha. E posto que os inimigos eram muitos mais em número e mui esforçados, os nossos os romperam e de todo desbarataram, matando inumeráveis deles. O rei vendo-se naquele estado, por salvar a vida que havia arriscada, se foi esconder em um pagode que aí perto estava, onde, sendo achado, foi morto. E sendo-lhe cortada a cabeça, a puseram sobre uma comprida lança, para que fosse vista de todos. Alcançada esta tão gloriosa vitória, fez o valoroso capitão aquietar os naturais. E ajuntando os modeliares que, como dissemos, são os gover-

nadores, e toda a mais gente popular, fez jurar por rei e senhor de todo aquele reino de Jafanapatão a el-rei de Portugal e em seu nome fez Governador e alevantou por rei a um sobrinho mais moço do rei morto, chamado Aper Ragera Chegara Pandara, até ele ou o Vizo-Rei da Índia ordenar outra coisa.

No tempo deste novo rei começaram os Religiosos da nossa Ordem outra vez a fundar igrejas e ter cristandade neste reino de Jafanapatão. Porque ainda que era gentio e como tal inimigo da nossa lei, contudo, como fora posto naquele lugar pelos Portugueses, sempre lhes teve algum respeito. E assim, uma vez por bem e outras por mal, consentia na pregação da Fé e conversão dos seus vassalos. E a primeira igreja que se fundou foi em a maneira seguinte: Um cristão da terra daquele primeiro tempo do vizo-rei D. Constantino, chamado António Fernandes, fez no lugar em que André Furtado fez o seu arraial ao longo do mar, uma pequena palhota na qual pôs uma cruz, da qual aquele devoto cristão tinha sempre muito cuidado de aos sábados a enramar e alimpar. Nesta casinha se agasalharam os nossos Religiosos que iam e vinham a este reino, até que sendo Comissário naquelas partes o P. fr. Lucas de S. Francisco (de cujo glorioso martírio pelo tirano D. João de Cândia acima fica tratado) mandou ao P. fr. Pedro de Cristo que fosse tomar posse dela, como tomou. E alcançando licença do rei para fazer uma igreja, a edificou em um lugar que o próprio rei lhe apontou mui acomodado para aquele edifício. Porém como as posses eram poucas, a fez sòmente de palha; e quis que se chamasse de Nossa Senhora da Vitória, por memória da que naquele reino alcançou André Furtado.

E foi isto para os anos de 1602 (²). E no seguinte, veio por reitor

---

(²) Esta data não diz respeito ao que no texto vem antes. Chegada a notícia de que morrera na viagem o Custódio que ia para a Índia, fr. Gaspar de Lisboa, custódio cujo governo então terminava, convocou Capítulo Custodial nos fins de 1591 ou princípios de 1592. Nesse Capítulo foi eleito Custódio fr. Manuel Pinto e Comissário de Ceilão fr. Lucas de S. Francisco a substituir fr. Francisco do Oriente que terminara o seu triénio de governo (fr. Francisco do Oriente nesse ano de 1591 andara por Cândia com o rei D. Filipe, à sua morte estranhara a D. João de Cândia o seu levantamento, depois descera a Manar donde acompanhou André Furtado na entrada de Jafanapatão em 28 de Outubro, e ainda então era Comissário de Ceilão). Fr. Lucas mandou a fr. Pedro de Cristo para a palhota com cruz erguida em Jafanapatão; e este, depois, obteve melhor sítio e levantou a igreja de Nossa Senhora da Vitória, em palha. Em 1594 subiram os dois a Cândia e fr. Lucas morreu às mãos das gentes do alevantado D. João. Desta sorte a data 1602 estaria errada se se referisse aos acontecimentos que o texto antes apresenta ou seja à fundação da igreja de Nossa Senhora da Vitória em Jafanapatão a qual foi em 1593 ou o mais tardar em princípios de 1594. Julgo, porém que a data está certa, mas se refere a trecho do texto que vinha antes dela e que o copista omitiu. Diz Queirós, (*Conquista*, 539) que neste particular aproveita a mesma fonte que fr. Paulo da Trindade usou, que «já no ano de [1]600, o Comissario Geral F. Miguel de S. Bõa Ventura mandou residir naquela casa o P. Fr. Francisco do Oriente, natural de Goa, por Reytor e Comissario das partes do Sul [...] e deixando na Casa seu companheyro Fr. André de S. Joseph...» A notícia de que esta

dela // e Comissário daquelas partes o P. fr. Francisco do Oriente, o 854
qual, por ser mui zeloso da conversão das almas, começou a converter e baptizar muitos dos naturais, aos quais pregava a nossa santa Fé com muito fervor e edificava com santos exemplos. Indo uma vez à ilha Tanadiva (3) que é ali perto, a plantar uma cruz, como costumava fazer em todos os lugares em que se achava, deixou nesta casa de Nossa Senhora da Vitória seu companheiro que se chamava fr. André de S. José (4). Mas como aqueles idólatras sofriam mal ver fundada em sua terra aquela igreja dos cristãos que eles pelas coisas passadas muito aborreciam, uma noite, véspera da Assunção da mesma Senhora, lhe puseram fogo que, por ser de palha como está dito, logo se ateou e foi ardendo de feição que se houvera de queimar o padre que, bem descuidado do que passava, estava dormindo na sua cela. Mas quis Deus que um moço da casa sentisse o incêndio, e logo foi acordar o padre, o qual, quando saiu fora, estava já o fogo tão apoderado da igreja que se não esperava poder-se salvar nada dela nem ainda o retábulo da Senhora que nela estava. Mas ela tal ânimo deu a três portugueses que aí moravam, casados, que sem algum receio entraram pela igreja e, apesar do fogo que estava ateado com grande braveza no tecto, tiraram o retábulo. E ainda bem não o tinham tirado quando a armação veio ao chão toda queimada, o que vendo alguns gentios que também acudiram ao fogo, espantados, disseram: — «Olhai o Deus dos critãos que não quis deixar cair aquela armação até que os portugueses o tiraram fora!»

Sabendo, pois, o P. fr. Francisco do Oriente o que passava, teve grande sentimento daquele desacato e, vindo-se, com muita pressa se foi ter com o rei a quem se queixou do que os seus vassalos tinham

---

ida de fr. Francisco do Oriente para a Casa de Nossa Senhora da Vitória de Jafanapatão foi no tempo do Custódio fr. Miguel de S. Boaventura com o que também se diz adiante no cap. 38 e 55, ajuda a tudo esclarecer. Fr. Miguel de S. Boaventura chegou à Índia em fins de 1602 e logo nesse ano, ao fim, ou no princípio do ano seguinte reuniu Capítulo para distribuição dos cargos da Custódia e fr. Francisco do Oriente foi mandado então a Jafanapatão, onde chegou nos começos de 1603 portanto «no ano seguinte» ao de 1602 conforme o texto.

(3) À pequena ilha Tanadiva (Tana-divayina, hoje Kayts, do português caes), encostada a Manar, passou fr. Francisco do Oriente no intuito de aí levantar igreja. Escolhido sítio no chamado Cais dos Elefantes onde logo plantou a Cruz (facto que desencadeou as iras do rei), instou pela vinda de fr. Pedro de Betancor então colocado em Columbo, para vir ali construir a igreja. Adiante no cap. 55 se conta como fr. Pedro Betancor veio para Manar e começou a igreja de S. João Baptista no Cais dos Elefantes contra a vontade do rei que, em protesto, mandou incendiar a igreja de Nossa Senhora da Vitória em Jafanapatão (ou o incêndio que aqui neste capítulo se conta e que estará em contexto errado e é o que parece mais certo, ou outro incêndio posto pouco depois do primeiro), a qual foi obrigado a reconstruir (veja-se também Queirós (*Conquista*, 539 ss).

(4) Fr. André de S. José em 1595 era corista subdiácono e estudantes no convento de S. António de Cochim (*Tábua de 1595*, 184). Em 1603 acompanhou fr. Francisco do Oriente a Jafanapatão, e dele mais não consta.

feito à igreja, dizendo que, pois a queimaram, ele faria disso queixa ao vizo-rei da Índia que saberia tomar daquela injúria boa vingança. O rei, posto que se presumia que com seu consentimento se fizera aquela afronta, mostrou pesar-lhe muito do feito, dizendo ao padre que se ele soubera quem fora o que teve aquele atrevimento, lhe havia mandar tirar a vida até a quarta geração; mas que se não agastasse que ele mandaria pôr a igreja no mesmo estado em que estava. E ao outro dia, não sendo ainda bem manhã, saiu dos seus paços reais acompanhado dos seus modeliares e araches e mais gente de sua guarda, e chegando à povoação se foi pôr à porta da igreja, e assentando-se sobre uns madeiros que ali estavam, ordenou aos taliares que mandassem logo cortar as palmeiras, e lavradas lhas trouxessem porque não se
855 havia // tirar daquele lugar até as não ver ali postas. Tudo se fez com muita brevidade, e ao pôr do sol estavam já ali todas as coisas juntas, perfeitas e lavradas. Mas por se ter acabado o dia se não pôs mão à obra, o que se fez em o seguinte, porque lhe mandou o rei sob graves penas que ao outro dia acudissem todos àquele lugar e se não recolhessem sem que a igreja dos padres ficasse acabada e posta em toda a sua perfeição. O que tudo se cumpriu à risca, sem faltar coisa alguma.

Nesta igreja e casa moraram os nossos religiosos alguns dez ou doze anos, com título de Nossa Senhora da Vitória, depois dos quais se fez outra nova de pedra e cal (5), para onde se passaram e passaram a Senhora já com nome de Senhora dos Milagres, pelos muitos que fez ao tempo que se estava fazendo em casa do marceneiro, segundo adiante se contará. Foi fundada a igreja nova pelo P. fr. Pedro de Betancor (6), grande obreiro naquelas partes. E tendo já todos os materiais juntos, desejava de a fundar em uma mesquita que aí estava, por ser lugar mui acomodado para isso. E não sabendo como o poderia fazer, pois nunca os mouros, cuja ela era, o haviam querer consentir, uns portugueses que moravam naquele lugar, tendo notícias dos desejos do padre, parecendo-lhes que faziam serviço a Deus e a sua gloriosa Mãe, puseram secretamente fogo à mesquita que toda

---

(5) Esta igreja de Nossa Senhora da Vitória já com o título de Nossa Senhora dos Milagres com seu convento e colégio anexos começou de se edificar em 8 de Maio de 1614, como adiante neste capítulo se diz, com ajuda do rei que para isso deu as rendas da ilha Tanadiva e outras esmolas, e depois também com ajuda do Changali que se apossou do governo de Jafanapatão em 1615 (veja-se adiante, cap. 55, e também Queirós, *Conquista,* 54 ss, tendo porém cuidado de rectificar a data 1624 que aí se dá).

(6) De fr. Pedro de Betancor há traços biográficos adiante nos cap. 38 e 55. Aqui apenas uns dados cronológicos suficientes para esclarecimento do texto: Em 1595, reitor em Mantota; em 1603, colocado em Columbo, mas logo transferido para Tanadiva ou Cais dos Elefantes; em 1614, reitor de Nossa Senhora da Vitória para construir a igreja que se ficou chamando de Nossa Senhora dos Milagres, e por então fundou as igrejas que Queirós (*ib.* 541) recorda; em 1618, era Comissário de Ceilão; em 1619, morreu na casa de Nossa Senhora dos Milagres em Jafanapatão.

ardeu por ser de palha. E queixando-se do caso os mouros a El-Rei, ele que era muito amigo do P. fr. Pedro, os aquietou e contentou, passando-os para outra parte onde se foram morar e fizeram sua mesquita, ficando aqule lugar para a igreja, fazendo El-Rei este favor aos nossos Religiosos e prometendo-lhes outros muitos, como de feito o fez, que, com ser gentio, assim lhe tinha o Padre fr. Pedro ganhada a vontade, que sempre o favoreceu naquela obra, ajudando-os muitas vezes com suas esmolas quando sabia que se não trabalhava por falta de dinheiro, dizendo-lhe que não deixassem de trabalhar, mas que o avisassem, que ele daria quanto houvessem mister. Em complemento do qual, além de outras esmolas lhe deu posse da ilha Tanadiva, que ele tinha dado ao P. fr. Nicolau da Cruz (7) para aquela mesma igreja e colégio de meninos que nela temos.

E não sómente foi o P. fr. Pedro ajudado do rei, mas também de outros senhores gentios poderosos seus amigos, como do Changali que lhe deu, para o mesmo efeito, as aldeias de Visavil e Laur (8) que eram de seu património, e do naique de Tanjaor que lhe deu outra aldeia na enseada. Com as quais ajudas acabou o P. fr. Pedro a sua igreja e as casas e moradas para os frades, com seus dormitórios e oficinas e cerca, tudo com muita perfeição. E vendo os portugueses que aí moravam, tão grande máquina, e parecendo-lhes serem desnecessários // tamanhos edifícios em um reino gentio, murmuravam do padre, aos **856** quais ele respondia, não sem algum espírito profético: — «Senhores, deixai-me fazer o que faço, porque ainda há-de vir tempo em que tudo isto vos há-de servir, sendo esta casa o vosso único remédio e de vossos filhos, mulheres e família». E não tardou muito que não vissem eles com seus olhos esta verdade, porque não uma mas muitas vezes se alteraram as coisas de maneira que foi necessário recolherem-se e defenderem-se nesta igreja, dos naturais, dos quais foram sem falta mortos, e suas mulheres e filhos cativos, e fazenda tomada, se não tiveram esta fortaleza (que tal a acharam então) em que se recolhessem.

E quando daí a alguns anos conquistou Filipe de Oliveira (9) este reino, aqui na igreja se fortificou e esteve todo o tempo que durou a conquista, particularmente no alevantamento dos badagás, que foi

---

(7) Sobre fr. Nicolau da Cruz veja-se acima Parte I, c. 42. Suas actividades em Jafanapatão foram ao tempo em que aí foi Visitador pelo bispo de Cochim D. fr. André de Santa Maria. O rei de Jafanapatão deu-lhe a ilha de Tanadiva em 1593 para custeio das despesas de colégio de meninos que por então se não construiu, e foi por isso depois, em 1614, aplicada à construção da igreja de Nossa Senhora dos Milagres em Jafanapatão e ao colégio que se lhe juntou (veja-se cap. seguinte).

(8) Visavir ou Visivil era aldeia de Janafapatão em frente à ilha das Búfaras junto a Manar (Queirós, *Conquista*, 43). Em Laur ou Ilaur levantou fr. Pedro Betancor por 1615 igreja da invocação de Nossa Senhora da Conceição (Queirós *ibidem*, 541, 567).

(9) Filipe de Oliveira veio para Jafanapatão em 1619, como adiante se dirá.

o mais perigoso; e da mesma maneira se recolheram nela os portugueses daquela povoação com suas fazendas e famílias. Nas suas lógeas se agasalharam naqueles princípios os mantimentos de El-Rei para a sustentação do nosso arraial, e até hoje em dia está nela recolhida, nos seus sobrados sobre as celas dos religiosos, a pólvora com todas a munições e petrechos que há aí de guerra, sendo não pequenos os trabalhos que os nossos religiosos padeceram nesta ocasião em serviço de Deus e Sua Majestade, porque eles acompanhavam ao Capitão-Mor em todas as saídas que fazia e aos soldados nas entradas das tranqueiras, nas vigias, nos assaltos e em todas as batalhas que houve em todo o tempo que durou aquela guerra.

E nesta mesma conformidade foi de grande importância a nossa igreja de S. João Baptista que temos no Cais dos Elefantes, nesta mesma ocasião servindo de forte e ajudando a defender a entrada aos malabares que tratavam de entrar por aquela barra em favor dos inimigos. E quando os rebeldes de Europa vieram ter, de outra feita, àquela paragem para o mesmo efeito de socorrer aos naturais, foram rebatidos naquele lugar pelos nossos, não havendo então mais gente que o defendesse senão o P. fr. António de S. Bernardino ([10]) que era reitor daquela igreja, com um homem da terra, assestando umas peças que estavam na praia e tirando com elas muitos tiros, com o que defendeu a entrada do rio e os fez voltar muito a seu pesar, havendo-se valorosamente, querendo antes arriscar a vida que o crédito da Nação Portuguesa.

Foi lançada a primeira pedra desta igreja de Nossa Senhora dos Milagres aos 8 de Maio do ano de 1614, dia em que caiu então a festa da gloriosa Ascenção do Senhor, o que se fez com muita festa, ajuntando-se aí para este efeito com o P. fr. Pedro todos os Religiosos que no reino e suas ilhas havia. Além da qual igreja que, como disse-
857 mos, // é a principal que temos em Jafanapatão e sua comarca, tivemos, naquele mesmo tempo em que governava o rei gentio, outras quatro ou cinco mais, afora outras que também tínhamos nas ilhas circunvizinhas e nas terras de Mantota, havendo então nesta nossa cristandade mais de onze mil almas convertidas e baptizadas pelos nossos Religiosos. Porém, depois que morreu este rei e o reino foi conquistado pelos Portuguess, cresceu muito mais o número dos fiéis e das igrejas, como adiante veremos.

([10]) Fr. António de S. Bernardino era corista no Colégio de Cranganor em 1595 (*Tábua* desse ano, 189). Em 1619 ajudou em Tanadiva a impedir o desembarque de um arrenegado D. Pedro que ali saltou com cinco parós (Queirós *Conquista*, 510-511). Era então reitor de Nossa Senhora dos Milagres em Jafanapatão e cooperou com Filipe de Oliveira na sua entrada em Jafanapatão (*ib.*, 512-513). Adiante, cap. 50 e 51, se recorda a dextreza com que manejava a língua indígena. Em 1626 era reitor na Casa de Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão (adiante, cap. 50) e nessa mesma casa morreu e foi sepultado (adiante, cap. 55).

COMO NA ILHA TANADIVA E OUTRAS QUE FICAM VIZINHAS AO REINO DE JAFANAPATÃO, FUNDARAM OS NOSSOS RELIGIOSOS ALGUMAS IGREJAS, E EM PARTICULAR A DE S. JOÃO BAPTISTA

CAPÍTULO 38

Era tão grande o fervor que os nossos Religiosos tinham de propagar a fé de Cristo e converter muitas almas no reino de Jafanapatão, que não se contentando com a igreja que nela já tinham da Senhora dos Milagres, fizeram outras em todas as ilhas adjacentes, como nas de Purgandiva, de Tristão Golaio, do Pagode ou dos Brâmanes e Tanadiva. E nesta de Tanadiva temos a igreja de S. Tomé de Alipiti e Mandadiva, e a de Nossa Senhora da Saúde de Valana [1], e a de Nossa Senhora de Charavane, e a de S. João Baptista que é a principal de todas elas. Esta ilha Tanadiva que fica defronte da povoação de Jafanapatão, deu o rei gentio ao colégio de Nossa Senhora dos Milagres no segundo ano de seu governo, da qual doação deu ao P. fr. Nicolau da Cruz, Visitador que então era do senhor bispo de Cochim D. André de Santa Maria, pelos anos de 1593, uma ola de cobre que está no cartório do convento de Santo António de Cochim. E o lugar em que nesta ilha está fundada a igreja do Santo Precursor, se chama Cais dos Elefantes, e foi escolhido para este efeito pelo P. fr. Francisco do Oriente, por lhe ser mui acomodado, o qual em o ano de 1603, estando por Comissário daquelas partes e reitor da igreja de Nossa Senhora da Vitória de Jafanapatão, deixando nela o companheiro, se foi ter à sobredita ilha, e no lugar já nomeado começou, com alguma gente que consigo levava, a roçar um pedaço do mato para nele pôr uma cruz, como tinha de costume.

Tinha este Padre tanta devoção à Sagrada Cruz de Cristo Nosso Senhor, que nunca caminhava por aquelas partes sem a levar nas mãos

---

(1) Queirós (*Conquista*, 567) recorda também as igrejas de Alipiti e Valana ou Valanê, como ele escreve, erguidas na ilha Tanadiva; mas das restantes não fala aí.

858 ou na cinta; e por onde se achava, // se podia plantava logo uma cruz, a quem com muita devoção reverenciava, pondo-se de geolhos e beijando o chão, e fazia com os presentes que fizessem o mesmo, e lhes rogava guardassem sempre aquele costume. Tendo pois, como dito é, consertado o lugar, pôs nele uma cruz com muita devoção, e junto dela fez uma pequena palhota em que escassamente cabia em pé, e nela se agasalhava. Sendo o rei de Jafanapatão sabedor disso e tendo-o por grande atrevimento, pois em suas terras queria o padre fazer igreja sem sua licença, cheio de cólera mandou a um arache, que é o mesmo que captião, com duzentos homens que fossem ao Cais e que lançassem aquela cruz no mar, e a quem a quisesse defender fizessem o mesmo. Partindo o arache, teve o Padre aviso do mandado de El-Rei, e quando chegou ao lugar, achou o Padre de geolhos, abraçado com a cruz, tendo por mui ditosa sorte que fosse uma mesma a sua e a daquele sagrado sinal. Chegando o arache e vendo o padre naquela forma abraçado de geolhos com a cruz, falando com os seus soldados disse: — «El-Rei mandou-me que lançasse aquela cruz ao mar e quem a defendesse. Aqui não há quem me resista, mais que aquele pobre frade. Mas quem há-de ter mãos para um *labaqui* (que é como se disséramos um jogue)? Vamo-nos embora e mande El-Rei quem o faça». E assim se tornou sem bulir com a cruz. E contando a El-Rei o que vira, como estava já fora da paixão, por então dissimulou com isso. Mas passando algum tempo e estando o mesmo padre na outra ilha aí vizinha, por queixa dos balalas a mandou El-Rei tirar e lançar nos matos, o que sabendo o padre, escreveu logo uma ola a El-Rei de agravo do que fizeram à sua cruz. E por ser dele muito respeitado pela sua muita virtude, mandou aos mesmos balalas que a tornassem ao seu lugar, e eles o fizeram ainda que muito a seu pesar.

Passados alguns anos (²), foi mandado pela obediência para haver de fazer aquela igreja do Cais dos Elefantes o P. fr. Pedro de Betancor, de quem muitas vezes se fala nesta nossa história, por ser também um dos singulares ministros que tivemos naquelas partes, o qual vendo que El-Rei lhe não queria dar licença para a fundar, fez no rio, sobre a água uma palhotinha armada sobre paus de mato, na qual se recolheu com os da sua companhia, porque o seu muito espírito lhe não permitia tornar atrás naquela obra, encomendando o bom sucesso dela a Deus Nosso Senhor, o qual em breve tempo lhe deparou o remédio, que foi passar por aquela parte Lançarote de Seixas que era vedor da fazenda de Sua Majestade e vinha de Trinquilamalê, o qual vendo ao padre e sabendo como El-Rei lhe não queria dar licença para fundar aquela igreja, lhe mandou um recado pedindo-lhe de sua parte e da do vizo-rei da Índia, pois era seu amigo a quisesse conceder, o que

(²) *Passados alguns anos* é expressão que não tem aqui sentido, pois fr. Pedro Betancor, como fica dito no capítulo precedente, foi mandado para o Cais dos Elefantes em 1603, e logo então começou nos preparativos da construção da igreja de S. João Baptista. Possìvelmente a expressão veio de texto que o autor aproveitava e inadvertidamente transcreveu.

logo fez El-Rei. E com esta licença // saltaram todos em terra, e 859
depois de cortar um pedaço do mato que naquela terra é muito espesso, fizeram uma pequena palhota em que o padre disse missa, com grandes festas e regozijos de todos, à honra do glorioso Precursor de Cristo, a quem dedicara aquela igreja. E depois, continuando mais com o trabalho, roçaram outro pedaço onde fundou a igreja grande e casa que hoje aí temos, que foi no ano de 1604.

E depois disto se foi este mesmo Padre, cujo espírito era fazer igrejas e converter almas, à ilha de Manar. E por serem já muitos os cristãos e ficarem mui distantes da igreja, lhes fundou outra. E fez a igreja grande de Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão, como fica contado.

E depois de tomar posse da ilha Tanadiva que o rei nos tinha dado para o nosso colégio, como fica dito, baptizou por suas próprias mãos todos os seus moradores, sem ficar em toda a ilha gentio algum; e na era de 1603 (3) passava o número deles de quatro mil almas. E aos taliares, que são os grandes e cabeças das aldeias, pediu a cada um um filho para os criar e andar sempre em sua companhia. E porque era já muita a cristandade desta ilha, fez outra igreja nela com título de Nossa Senhora da Saúde (4).

E como era incansável no serviço de Deus e bem dos próximos, passava muitas vezes a Jafanapatão a converter almas, como foi na Ponta das Pedras e em Panangaro (5), e por todo aquele reino onde converteu e baptizou muitos, e entre eles ao modeliar branco D. Pedro (6), que é um dos governadores do reino, e outro arache modeliar, e muitos grandes e nobres da casa real. E foi o que principiou a grande cristandade que temos em Mantota, onde tinha já três ou quatro mil cristãos, e finalmente no mesmo reino de Jafanapatão, enquanto foi vivo o rei gentio que o governava. Mas depois que ele morreu e por sua morte conquistaram os Portugueses o reino, fundaram muitas igrejas outras, e só desde o ano de 1624 até o de 1626, baptizaram os nossos frades cinquenta e duas mil almas e o príncipe e rainha e outras pessoas da casa real, como adiante mais largamente contaremos.

---

(3) Também esta data deve estar errada. Em 1603 foi a sua entrada em Tanadiva a construir a igreja de S. João Baptista do Cais dos Elefantes; e embora ele a tais trabalhos juntasse o apostolado entre os indígenas, não foi logo esse o número de almas baptizadas.

(4) Não se pode precisar o ano em que fr. Pedro Betancor construiu a igreja de Nossa Senhora da Saúde de Valana em Tanadiva.

(5) A Ponta das Pedras e Panangaro (Panankaman) em Jafanapatão que fr. Pedro Betancor catequisou, tiveram igrejas depois entre 1621 e 1623 (Queirós, *Conquista*, 567).

(6) O modeliar Branco (Tanapuli Arache) foi baptizado em Jafanapatão em 1615 ou 1616 com o nome de D. Pedro de Betancor (Queirós *Conquista*, 560 .

DAS IGREJAS QUE TEMOS EM AS TERRAS DE MANTOTA E DE ALGUMAS PARTICULARIDADES SUAS

CAPÍTULO 39

Ficam as terras de Mantota na outra costa da ilha de Ceilão, onde também fica o reino de Jafanapatão que com elas vizinha e, começando de Batecalou e Trinquilamalê, chega sua jurdição até Pareangali. E
860 as terras de Mantota começam em // Pareangali [1] e se estendem até Aripocharava que pouco mais ou menos serão três ou quatro léguas de costa. Estas terras de Mantota estão sujeitas ao capitão de Manar e há nelas muita abundância de gado vacum, e por este respeito há muito leite e manteiga. Há também muito mel, e muito arroz e outros legumes para que têm muitas terras que se semeiam. E os matos são povoados de elefantes, ossos, veados e porcos em muita quantidade, e muitas árvores de fruitas de que os moradores se sustentam.

Toda a cristandade que nelas há, e é muita, é dos frades de S. Francisco; e o que nela mais trabalhou foi o P. fr. Pedro de Betancor [2], porque ao tempo que foi enviado por obediência a estas terras, havia nelas ainda poucos cristãos que os nossos Religiosos moradores de Manar tinham feitos. E ele pôs tanta diligência e trabalho na conversão daqueles gentios que trouxe aos mais deles ao conhecimento da nossa santa Fé. E fundou a igreja de Nossa Senhora da Saúde e outras que hoje aí têm os nossos Religiosos, que são por todas cinco, que são, a de Nossa Senhora da Saúde de Mantota, a de Nossa Senhora da Boa Viagem de Aripo, a de Nossa Senhora da Salvação de Nanata, a de S. Tiago de Pereangali, a de Santa Cruz de Chitaveli [3]. Ainda que estas duas últimas derradeiras são também do distrito do

---

(1) Queirós (*Conquista*, 39) grafou Paragali, o actual Perunkaly.

(2) Fr. Pedro de Betancor foi mandado como reitor a Mantota no Capítulo Custodial de 1595 (*Tábua de 1595*, 188); mas já antes aí exercia ministério fr. Cosme da Anunciação (*ib*).

(3) Também Queirós (*Conquista*, 541) atribue a fr. Pedro de Betancor a fundação das cinco igrejas de Mantota, ainda que parece datar de mais tarde a sua construção.

reino de Jafanapatão, que, como dissemos, chega a sua jurdição até Pereangali, ficam, porém, mais perto de Mantota.

Na sobredita igreja de Nossa Senhora da Saúde, que é a própria e principal de Mantota, está um Menino Jesus de idade de doze anos, mui milagroso, o qual se fez em Jafanapatão por aí morarem os oficiais; e quando se fez, sucedeu que, ao tempo que iam serrando um pedaço de pau para os braços, achou o maceneiro, que era um gentio chamado Pichá, um pedaço de ouro que pesava dez fanões. E posto que o padre que mandava fazer o Menino, que era o Padre fr. António de Santa Maria ([4]), reitor da mesma igreja de Nossa Senhora da Saúde e Comissário que foi algumas vezes naquelas partes e mui grande obreiro da vinha do Senhor, estivesse lá mesmo em Jafanapatão, que tinha ido a este efeito, contudo não se achou presente quando o oficial achou o ouro, mas sòmente lhe disse ele: — «Padre, este Menino há-de fazer muitos milagres». E perguntando-lhe o padre porque dizia aquilo, ele respondeu: «Eu algum dia o direi a Vossa Reverência».

Passados dois dias, feitos os braços, ao tempo de os querer pôr o mestre, arrebentou-lhe o braço direito pelo bucho acima e achou nele oito fanões de ouro de peso, com o qual se foi para casa mui contente. E achando outro gentio seu amigo, lhe contou tudo o que tinha acontecido com grande admiração do que com os seus olhos vira, dizendo que receava de contar aquelas coisas ao Padre porque temia que lhe tomasse o ouro por relíquia. Porém ele o assegurou e, dando conta ao Padre, lho mostrou a ele e a todos os mais padres que naquela casa de Jafanapatão estavam por moradores, que ficaram não pouco // maravilhados do caso. E até os seculares o souberam, e um Manuel **861**
de Sousa, casado ali, homem fidalgo, lho comprou e o traz com muita devoção ao pescoço em uma nónima. Correu a fama do ouro, começaram a fazer cruzes dos pedaços de pau de que o Menino foi feito. E tornando-se o dito P. fr. António para a sua casa de Mantota, levando consigo aquela rica peça, mui contente dela a pôs na sua igreja de Nossa Senhora da Saúde, onde é venerado o Santo Menino, de todos. E se vão a ele com muita devoção, e é servido de fazer muitos milagres naquela gente com os seus cavacos. Uma mulher sarou com a água deste pau, que estava mui acabada, não podia levar coisa alguma para baixo porque tudo vomitava; e em tomando a água, teve saúde. E ao tempo que se isto escreve, eram já feitos cinco milagres com diversos enfermos; e sucedeu isto no ano de 1632.

([4]) Fr. António de S. Maria em 1595 ficou de morador no convento de S. Francisco de Goa (*Tábua de 1595*, 183). À morte de fr. Pedro de Betancor ficou em Jafanapatão e cuidou do acabamento da igreja de Nossa Senhora dos Milagres (Queirós, *Conquista*, 554-555), promoveu em 1622 o baptismo de rainha de Jafanapatão e outros nobres (*ib.* 559-561 e também adiante cap. 50). Ainda estava na Casa de Nossa Senhora dos Milagres em 1628 quando despersuadiu a viúva de Filipe de Oliveira de tirar da dita igreja os restos mortais do marido (*ib.* 532). De documentos seus se serviu Queirós para historiar os milagres de Nossa Senhora dos Milagres (*ib.*, 521, 647 ss).

Este mesmo padre trouxe para esta sua igreja de Mantota, juntamente com o dito Menino, uma imagem de Nossa Senhora. E no mesmo dia que chegou a esta terra, choveu a primeira água, que foi dia das Onze Mil Virgens do mesmo ano acima posto, havendo já muitos dias que se esperava por chuva, começando os lavradores, que tinham semeados seus campos, a sentir e ainda chorar a falta dela. O que vendo o Padre lhes prometeu de a pôr o dia de sua Presentação, que vem no seguinte mês de Novembro, no seu altar em seu nicho. Sendo tempo de lhe dourarem os cabelos, em lhe tocando com o ouro neles, choveu oito dias contínuos com grande contentamento de todos, pela muita necessidade que havia então de grande golpe de água para os campos que, como está dito, estavam já semeados. E se entendeu que, pelos merecimentos da Virgem, lhe fizera seu Filho aquela mercê. E dando complemento à sua promessa, o padre a pôs no seu altar no mesmo dia de sua Presentação com festa e missa cantada.

Trouxe mais um Santo António grande com tenção de o dar à nossa igreja de Manar; mas, em chegando a esta de Mantota, começou a resplandecer com tantos milagres que houve de mudar o conselho, porque logo o Santo, que até então não era conhecido daquela gente (falta por certo muito de se estranhar), se quis fazer conhecer deles com lhes dar suas búfaras perdidas de três e quatro anos, de maneira que tem remediado a muitos pobres que não lavravam os quais, movidos da devoção do Santo e obrigados do que por meio de sua intercessão tinham recebido de Deus Nosso Senhor, pediram com muita instância ao dito padre que o não tirasse daquela casa, o que ele fez levemente por acudir a seus tão justos desejos. Este mesmo Padre por uma carta sua [que] escreveu a este convento de S. Francisco de Goa
862 a um religioso grave e definidor actual da Província, dá relação // de todos estes três sobreditos casos que, por serem maravilhosos e ele autor digno de fé, os quis contar aqui para glória de Deus que há por bem de abrir os seios de suas misericórdias para com estes seus novos cristãos, para mais os confirmar na sua fé e mover a maior devoção dos seus santos.

Em a igreja da Cruz de Chitiveli que, como dissemos se conta entre as de Mantota, aconteceu o seguinte caso, estando aí por reitor o P. fr. Fernando da Visitação ([5]): E foi que havia aí um cristão da terra, honrado, por nome D. António, casta malabar, que era cabeça de uma aldeia chamada Caparate, o qual, com haver muitos anos que era cristão, tinha ainda a mãe gentia. E todas as vezes que o dito padre lhe dizia que se fizesse cristã (que eram muitas), lembrando-lhe que tinha o filho cristão, não lhe dava outra resposta mais senão que ainda não era tempo. Sucedeu, pois, que um dia se veio ela de sua casa à igreja, que é espaço quase de um quarto de légua, e falando com

([5]) Fr. Fernando da Visitação em 1595 ficou de morador no convento de S. António de Baçaim (*Tábua de 1595*, 184).

o padre lhe disse que era tempo de se baptizar, que a fizesse cristã, que para isso viera ter com ele. O que o reitor fez logo com muito gosto, tendo-a primeiro muito bem catequisada e instruída nas coisas da nossa santa Fé. Acabado o baptismo ela se tornou para sua casa com seus pés, assim como viera, sem alguma doença ou achaque que se enxergasse nela. Na noite seguinte, estando já todos os de sua casa dormindo, começou ela a entrar em artigo da morte e, mostrando que morria, dizia muitas vezes : — «Jesus! Jesus!» E, despertando o filho, foi ver o que tinha sua mãe e a achou em passamento, sem ter tempo para mais que para lhe meter a candeia na mão. E com o Santíssimo Nome de Jesus na boca expirou, deixando grande confiança que estaria seu nome escrito no livro da vida, pois assim soube morrer.

DE UMA GRANDE TRIBULAÇÃO QUE OS NOVOS CRISTÃOS DE JAFANAPATÃO TIVERAM POR RAZÃO DE O SEREM, E COMO NELA PELOS NOSSOS FRADES FORAM SOCORRIDOS

CAPÍTULO 40

Por larga experiência se tem alcançado neste Oriente o pouco fruito que de ordinário se tira com a pregação que da nossa santa Fé fazem os ministros dela em as terras sujeitas a reis gentios e infiéis, porque ainda que não faltem muitos que, alumiados por Deus, entendam a verdade da sua Lei e tenham vontade de a receber, contudo,
863 amedron//tados com o temor dos que os governam, ou a não acabam de professar ou, se a professam, são tantos os males que por isso padecem que os outros que os vêem, temendo experimentar aquela má fortuna (que assim lhes parece, não sendo senão grande mercê do Céu) nem ainda o nome de cristão querem que lhes chegue a seus ouvidos. Porque, como os que têm o governo do povo sejam governados pelos ministros dos pagodes, que de ordinário são os brâmanes, inimigos descobertos da cristandade, por conselho destes fazem leis iniquas contra todos aqueles que recebem o santo baptismo, despojando a uns das fazendas, confiscando-lhes seus bens, e a outros privando-os dos ofícios e honras que tinham ou podem ter na república. E como o amor destas coisas, pela fraqueza em que pelo primeiro pecado ficou a nossa humanidade, seja tão mau de desarraigar do coração humano, não é tão copioso o fruito da nossa pregação, sendo muitos os que alcançam ser ela verdadeira e poucos os que se atrevam a confessar sua verdade.

E o que há aqui ainda mais para sentir é que até aqueles reis que têm amizade com o Estado e são vassalos de el-rei de Portugal, com procurarem muito conservar nossa amizade nem por isso se dão por obrigados para favorecer nossa Lei, como se viu bem no rei de Cochim que, com ser tão grande amigo dos Portugueses e irmão em armas de El-Rei nosso senhor, por muitas vezes pôs em seu reino

gravíssimas penas contra os que recebem a Fé. Cujas pisadas seguiu também o de Jafanapatão, o qual, com ser também vassalo nosso e ter recebido o reino de nossas mãos (porque este era o que André Furtado deixou por rei por morte do seu tio, como fica contado), no que podia não deixava de estorvar seus vassalos de tomarem a lei de Cristo. Era neste tempo reitor de Jafanapatão o P. fr. Manuel de S. Matias (1), de cujo zelo da salvação das almas temos falado algumas vezes nesta história, o qual vendo-se muitas vezes com os grandes do reino e com o rei, os persuadia que deixassem a vaidade de seus pagodes e recebessem a verdadeira lei de Cristo porque só nela havia salvação. E disputava com os seus brâmanes e, como estava muito visto nas histórias das suas gentilidades, os convencia e os envergonhava, mostrando-lhes por suas mesmas escrituras os seus erros e quão indignos eram de serem venerados aqueles que eles tinham por deuses. E era isto de feição que, sentindo por uma parte estes vitupérios que dos seus pagodes cada dia ouviam e por outra os muitos gentios que pela pregação deste servo de Deus se convertiam à fé e se baptizavam, fizeram cortes para nelas se ordenar o meio que haviam de ter para lançarem daí o padre sem incorrerem na indignação do vizo-rei da Índia e dos portugueses, e juntamente // para impedirem o feliz curso 864
que viam ter a cristandade. E depois de debaterem muito, ensinados pelo diabo, assentaram que todo gentio, de qualquer qualidade que fosse, encontrando em qualquer parte algum cristão da terra, logo lhe dissesse, cuspindo nela (que é grandíssima desonra entre eles): — «Ó desventurado e baixo, desonra de teus antepassados, que deixaste os teus deuses e de teus pais por tomar um deus tão baixo e vil que foi açoutado e crucificado!» E como os mais dos cristãos eram dos nobres e honrados do povo, foi este o maior combate que o diabo podia inventar.

E por que não ficasse coisa por fazer para este seu diabólico intento, foram escolhidos dois dos mais doutos em seus erros e de mais autoridade, contra os dois que havia na cristandade, um que era já velho e o mais douto do reino e tinha sido lente de Guirandão (2), que é o seu latim em que estão escritos os Vedãos que, como temos dito, é a sua Sagrada Escritura, e muito nobre por geração porque era filho de um príncipe daquele reino, cujo nome cristão não podemos alcançar e em gentio se chamava Chatampi; o outro, tecelão, por nome Paulo, que sabia muito bem ler e escrever, e fora, sendo gentio, vinte e tantas vezes à Costa em romaria a Chilabalão e outros pagodes afamados, e tinha trazido ao reino muitos livros de sua seita, o qual, por ter bom

---

(1) Sobre fr. Manuel de S. Matias veja-se nota acima Parte I, c. 27. Era o reitor de Jafanapatão em 1600 (veja-se cap. seguinte) e por isso aí demoraria no cargo de 1599 a 1602 ou de 1600 a 1603.

(2) Dalgado (*Glossário*, 1, 447-448 anota a forma *Gueredão* que etimològicamente significa «livro» e que tem comummente a significação de «Lingua Sânscrita», a língua dos livros sagrados escritos no alfabeto devanagárico ou *gratham*.

entendimento e ser alumiado por Deus, vendo a maldade dos pagodes e brutalidade dos seus sequazes, e por outra parte considerando a celestial doutrina da nossa santa Fé, veio ver a nossa igreja, que não era ainda então mais que uma palhota, e ali mesmo se converteu e foi pelo dito Padre baptizado. E tinha este cristão Paulo tanto espírito que parecia discípulo do apóstolo S. Paulo, porque pregava nossa Fé a todos com tanta liberdade como se fora pregador por ofício, e confundia os gentios e convertia muitos trazendo-os ao dito reitor de noite e de dia, do modo que podia, passando por traspassos onde havia mandamento do rei que, tanto que ele passasse com algum gentio, ambos fossem mortos, porque se sabia este seu zelo na conversão dos infiéis; e os gentios lhe chamavam *Cota Padre*, que quer dizer «Padre Negro».

E a este, como ao principal coadjutor do Padre, mandou El-Rei prender e meter na sua cerca, e se cuidou que era para o mandar matar. Mas receando ao Padre, não o fez; mas trabalhou muito polo divertir da nossa santa Fé, dando-lhe para isso rijos combates, mas nada pôde acabar, polo ter o Espírito Santo mui mortificado com a sua graça. E depois de passados vinte dias o soltou, e, vindo ouvir missa, estando o padre reitor com três ou quatro portugueses casados em Manar à porta da igreja, vendo-o entrar por ela lhe perguntou
865 que fora o que lhe queria o rei, e ele lhe respondeu, // dizendo: — «A alma é de Deus, o corpo leve-o quem quiser!», e foi entrando na igreja, de que os portugueses se edificaram muito, tendo em muito a constância e fortaleza daquele novo cristão.

E vendo ele as muitas perseguições que o rei fazia aos que sabia que se queriam converter, porque os prendia com mui grandes machos ou os lançava nos matos, e aos que se convertiam tomava os parentes e lhes fazia outro tanto, e lhes mandava dizer que, se se tornassem para a gentilidade, lhes soltaria os parentes e lhes faria outras mercês, se ofereceu ao Padre para ir a Goa à sua custa com as queixas ao Vizo-Rei.

Era tanto o sobrosso que nestes dois cristãos tinha o rei, que pediu ao padre reitor que os tirasse do seu reino porque o perturbavam, e que os mandasse para Manar, que ele os sustentaria lá mui honradamente. Ao que o Padre lhe respondeu que, se eles tinham cometido alguma culpa, de muito boa vontade o faria; mas que se era por eles serem bons cristãos e mostrarem aos outros o bom caminho de Deus por onde eles caminhavam, que nem Sua Alteza lho devia pedir nem ele o devia fazer, mas antes morrer por os conservar e defender.

Assentado finalmente pelo rei e os de seu conselho o que acima fica dito, tanto que o gentio encontrava algum cristão, cuspia no chão e lhe dizia as afrontas e vitupérios que apontámos, pondo em execução o que lhes estava mandado. E porque era grande a perturbação que os cristãos recebiam com aquela novidade, foi necessário ao padre reitor acudir com o remédio necessário, oferecendo-se por o dar àquelas novas plantas, a todo perigo do mundo.

Tomou três homens da terra, graves e que sabiam mui bem falar, um dos quais era o seu topaz, a quem pagava sessenta paraus e de comer cada ano por ser o melhor em todo o Malabar e naquelas partes e muito bom cristão, e foi-se com eles a Nelur que era onde o rei morava e tinha seus paços, onde se fazia todos os dias à tarde uma feira a que chamam *chandeá* e se ajuntava muita gente. E antes que ela começasse se foi meter entre uns chatins que aí estavam, que depois dos brâmanes é a casta mais honrada daquele reino, defronte de uma guarita dos paços reais, que estava com umas vidraças, onde o rei estava vendo o que na feira se passava.

E tanto que os gentios viram ali o Padre, se ajuntaram muitos, entre os quais se meteu um tido no reino pelo mais douto em seus erros. E vendo-os o Padre aí juntos, mandou a um menino de cinco para seis anos que dissesse o Credo em língua tamula [3], o mais alto que pudesse. E ele o fez assim, por ter um tiple muito bom, e todos o ouviam, e o próprio rei que estava na sua guarita. // Depois de o **866** menino recitar o Credo, o Padre o declarou aos circunstantes, os quais lhe puseram algumas dúvidas que foram por ele satisfeitas. E por que entendessem aqueles bárbaros a nobreza da nossa Lei, lhes provou que a maior honra que havia era padecer o Criador pela salvação das almas, não enquanto Deus senão enquanto homem; e o fez com tão evidentes razões que eles ficaram satisfeitos.

Feito isto, mandou ao mesmo menino que da mesma maneira dissesse os Mandamentos, com que eles ficaram mais contentes por verem a perfeição deles e quão conformes estavam com a razão natural; e puseram também suas dúvidas, especialmente no matar, dizendo que, pois Deus manda que não matemos, porque matávamos as vacas, por ser isto uma coisa que eles muito estranham de nós por terem a vaca por coisa divina. Depois de tudo isto, lhes disse o Padre que ele tinha pregado esta Lei do verdadeiro Deus [ao] Rei, não uma vez mas muitas, a todos os príncipes e modeliares e mais gente nobre do reino e aos brâmanes em os mesmos seus pagodes, e que nenhum deles lhe pudera mostrar falta ou nota alguma nela, pelo que não tinham eles razão de ter por vitupério e desonra professar a tal Lei, antes se haviam eles afrontar de seguir a lei que professavam, pois estava cheia de tantas torpezas e maldades, como ele o tinha mostrado tantas vezes. E com isto lhes foi relatando muitos dos seus erros, os quais são tais que repugnam à própria razão natural. E lhes foi trazendo muitas histórias dos seus falsados deuses, dos quais dizem os seus Vedãos que uns se converteram em porcos e outros se fizeram jogues e pobres pedintes, e outros que foram tão maus em a vida e costumes que foram adúlteros

---

(3) Ao adjectivo *tamul* não costumam os escritores dar-lhe flexão feminina, como o autor faz aqui. «Língua tamul» é uma das línguas dravídicas falada no sudeste da Índia, na região hoje chamada de Madrasta. Alguns também assim chamam à língua malaiala falada no Malabar, que embora língua afim, é todavia algum tanto diferente.

e homicidas e cometeram outros vícios indignos de se dizerem quanto mais de se ter por deus quem os cometia.

Finalmente concluiu com lhes dizer que estes eram os deuses de que um homem se podia envergonhar e ter-se por afrontado de o adorar, e não o que por sua grande bondade e clemência se quis fazer homem nascendo de uma Virgem puríssima e morrer em uma cruz voluntàriamente por nos livrar do cativeiro do pecado e nos levar ao Céu. Com estas razões que foram dadas com muito espírito e fervor, ficaram os gentios mui confusos e não ousaram daí adiante mais cuspir nem dizer afrontas aos cristãos, antes, quando os viam, viravam o rosto para a outra banda, como que envergonhados do que dos seus deuses tinham ouvido. E assim se deu remédio a este mal que não era pequeno para a propagação da cristandade.

COMO POR CERTA OCASIÃO SE EMBARCARAM OITOCENTOS CRISTÃOS DE JAFANAPATÃO, DEIXANDO A SUA TERRA POR NÃO DEIXAREM A FÉ

CAPÍTULO 41

// Do profeta Elias conta a Divina Escritura no *3.º Livro dos Reis*, cap. XIX, que depois que matou os falsos profetas do ídolo Baal, vendo-se ameaçado da rainha Jezabel fugiu para o deserto e, entrando por ele, foi ter ao monte Horeb, onde se escondeu em uma cova que achou, vindo-o ali visitar Deus Nosso Senhor. E achando-o triste e aflito, lhe perguntou que fazia. E ele lhe respondeu que a causa de sua tristeza e desconsolação era o zelo que tinha de sua lei, porque vendo a obrigação que tinham os filhos de Israel de a guardar, eles o fizeram tanto ao contrário que, deixando a ela e a Ele, tinham tomado por deus ao ídolo Baal. Manda-lhe Deus que se não desconsole e que não cuide que todos os filhos de Israel eram idólatras e O tinham deixado por Baal, porque lhe fazia saber que oito mil homens tinha em Israel, os quais conservavam sua fé e não tinham curvado o geolho diante do falso Baal. **867**

A muita facilidade que alguns cristãos da terra têm para se tornarem ao culto dos pagodes que deixaram, dá ocasião a muitos para os terem a todos por pouco cristãos e parecer-lhes que não é muito verdadeira a sua cristandade, sendo assim que há muitos deles que receberam a Fé tão de verdade que crêem não haver mais que um só Deus verdadeiro e tudo o dos pagodes ser mentira e embustes dos seus brâmanes. Nem a pouca constância de uns há-de prejudicar a boa opinião que se deve ter dos outros, pois está claro que entre os que recebem a Fé, uns hão-de ser bons e outros maus, que, a não ser assim, não compararia Cristo Senhor Nosso a sua fé a uma rede que se lança ao mar e que ajunta todas as castas de peixes que acha, os quais, sendo depois trazidos à praia, uns se escolhem por bons e outros por maus se lançam fora.

E quem considerar aos filhos de Israel as muitas vezes que afocinharam na fé tomando ídolos e deixando a adoração e culto do

verdadeiro Deus, sendo nascidos de patriarcas, ensinados dos profetas e obrigados com tantos benefícios divinos e alumiados com tantas maravilhas, quantas obrou Deus em Egipto e por todo o caminho do deserto, não terá de que se espantar vendo que estes pobres cristãos algumas vezes retrocederam, pois, além de serem novos na Fé, uns têm os pais ainda gentios, outros os parentes, outros os mestres da gentilidade, e sobretudo ser gente rústica e criada em erros e superstições; antes temos razão de dar muitas graças a Deus Nosso Senhor, vendo a força que tem a sua graça, pois, sendo estes tais, os pode render, como de feito rende muitos deles e traz ao grémio da sua Igreja, dos quais muitos são tão bons cristãos como os que do berço o são.

E desta verdade pudera trazer aqui alguns exemplos, e ainda no discurso desta história se apontam alguns; e bastava o que agora quero aqui contar. Pois de uma cristandade tão pequena e nova como a de
868 Jafanapatão se acharam oitocentos homens que deixavam // suas terras, suas fazendas e tudo o que nelas tinham, e se embarcavam para irem a terras estranhas, só a fim de se não arriscarem e porem a perigo de perder a Fé. Por certo que prova é esta assás eficaz para se crer que também entre estes cristãos da terra há muitos que não curvavam os geolhos diante de Baal.

Foi, pois, o caso que, chegando Aires de Saldanha por vizo-rei da Índia, que foi no ano de 1600, achou grandes queixas contra o rei de Jafanapatão, porquanto deixava passar pelo seu reino ao de Cândia (com quem tínhamos guerra) pólvora, salitre, enxofre, roupas e outras coisas assim desta qualidade, as quais vinham da costa de Choromândel em champanas e, desembarcando em os portos do mar de Jafanapatão, daí em boiadas eram levadas a Cândia, e daí traziam algália, pedraria e areca. E posto que el-rei de Jafanapatão era nosso amigo e ainda vassalo, contudo pelo grande interesse que desta passagem tinha, a consentia contra a capitulação das pazes, com grande detrimento nosso, porque com isso se fortificava muito el-rei de Cândia e se provia das munições que para a guerra que com os Portugueses de ordinário tinha, lhe eram necessárias.

E por estas queixas que o Vizo-Rei estando ainda em Cochim teve, que foi a primeira terra que tomou da Índia, mandou ao capitão-mor de Manar, Manuel Barreto da Silva, que fosse a Jafanapatão a tratar com El-Rei sobre este negócio, e ainda que, se lhe parecesse, lhe desse algum açoute por esta e outras culpas que dele tinha. Foi o capitão de Manar com a mais grossa armada que pôde ajuntar, que foram perto de trezentos portugueses e setecentos careás, que para aquela jornada era bastante gente. Chegando a Jafanapatão, sendo já avisado El-Rei a que ia, não lhe quis falar, antes em som de guerra tinha toda a sua gente, que eram mais de doze mil homens.

Foi o reitor daquela casa, que era o P. fr. Manuel de S. Matias a visitar ao Capitão à sua manchua, e ele o recebeu carregadamente, dizendo que tinha por notícia que ele se não queria sair de Jafanapatão,

sendo assim que vinha ele aí por mandado do Vizo-Rei a dar um castigo àquele rei e que não era bem que com isso ficasse nenhum Religioso naquela terra, pois estava claro que o haviam de matar. O Padre respondeu que se todos os cristãos daquele reino se embarcassem, que ele o faria também; mas que, se ficassem dois, ele havia de ser o terceiro, porque era pastor e não era razão que deixasse em perigo suas ovelhas e ele se pusesse em salvo; que se fosse necessário embarcar-se o seu companheiro com todos os ornamentos e sino da igreja, que logo o faria. Foi-se o capitão descompondo, dizendo que cristãos eram aqueles, e que ainda que lhes ele mandasse que se embarcassem, nem quatro o haviam de fazer.

Finalmente o Padre se tornou para a sua igreja; e vendo que o negócio se ia pondo em maus termos porque quase estavam já rotos e vinham às armas, se foi ter com El-Rei achando pelo caminho muita gente de armas, os quais todos lhe davam lugar // e faziam cortesia. **869** Entrando nos paços, achou a El-Rei com as portas abertas, assentado em uma cadeira de veludo, com uma cabaia de grã muito boa, cercado de muitos príncipes e modeliares, todos em pé. E depois de lhe fazer a sua cortesia acostumada, falando com os príncipes lhes disse: —« Que mal vos fez este rei e este reino para o deitardes a perder?» E virando-se para o rei lhe disse: — «E que mal a vós, senhor, vos fizeram estes príncipes e este povo para o quererdes destruir? Não sabeis que El-Rei de Portugal é pai, e como tal trata a todos os seus, e que também é grande senhor para os castigar quando eles não correspondem com a obrigação de filhos?» Ele lhe respondeu que muito bem o sabia e que havia três dias e três noites que estava naquela cadeira sem comer nem beber nem dormir; e que os mouros lhe vieram dizer que a galeota do Capitão-Mor estava em seco e que eles a iriam logo tomar; e que ele os lançara fora porque, ainda que tinha gente para pelejar com Manuel Barreto, muito a seu salvo, porém que depois podia vir outra com que ele não pudesse; e que nas suas mãos, pois era o padre dos portugueses, se punha, que, pegado no seu cordão, iria falar com o Capitão onde quer que quisesse. Aprouve-lhe ao Padre os termos e lhe disse que ele falaria com o Capitão e que esperava em Deus que tudo viesse a bem.

Foi-se ter com o Geral para lhe dar conta do que com El-Rei passara, e já neste tempo estavam oitocentas almas cristãs da terra embarcadas, não havendo no reino mais que mil e tantas, sem que houvesse pregão nem coisa que os obrigasse a embarcar mais que parecer-lhes que se armava guerra com os Portugueses e que, por razão dela, ficando eles em terra, o rei os obrigaria a deixar a Fé, como costumava fazer. E queriam antes perder tudo que verem-se em perigo de poderem perder suas almas. E com esta consideração se vieram embarcar na armada do Capitão, o qual determinava de os levar à ilha de Tanadiva que é nossa, sendo alguns deles de duas e três léguas pela terra dentro, sem saberem para onde haviam de ir, nem levarem mais que o que tinham vestido, que sem falta foi coisa

que pôs em admiração ao Capitão, que parece lhe quis Deus mostrar quão errada era a opinião que daqueles cristãos tinha. E assim ficou mui edificado deles. E os portugueses não acabavam de se maravilhar de tanta Fé como viam naquelas plantas novas. Assim embarcados estiveram alguns dias, nos quais foi grande o cuidado que deles teve o padre reitor, e sendo seu companheiro, provendo-os do necessário e levando-lho às embarcações onde estavam, até que por fim o Capitão
870 se concertou com El-Rei aceitando as suas satisfações // e promessas. E assentada a paz, os cristãos se tornaram a desembarcar e cada um se foi para sua casa.

COMO O CHINGALI SE ALEVANTOU POR REI DE JAFANAPATÃO POR MORTE DO REI PARA RAXA CHEGRA PANDARÁ

CAPÍTULO 42

Acima dissemos como André Furtado de Mendonça, depois de desbaratar o reino de Jafanapatão e matar ao Rei Torto, alevantou em nome de Sua Majestade por governador e rei daquele reino um sobrinho seu chamado Para Raxa Chegra Pandará. Este foi confirmado no reino pelo Vizo-Rei Matias de Albuquerque que então governava a Índia, e viveu no seu reino vinte e oito anos. Estando para morrer, vendo que não podia nomear rei sucessor sem ordem de Sua Majestade ou do seu vizo-rei da Índia, mandou chamar a um seu irmão mais velho chamado Arca Guerari Pandará (1) e lhe entregou o reino, pedindo-lhe que escrevesse ao Vizo-Rei em como tinha um filho que então seria de sete ou oito anos, e lhe pedia que, tendo idade, lhe sucedesse no reino, e que entretanto governasse ele, encomendando-lhe muito a paz e fidelidade com os portugueses.

Morto o rei (2), foi o irmão para os paços reais e foi conhecido

---

(1) Queirós (*Conquista*, 376) grafou Harique Iara Pandarâ.

(2) O texto nem data a morte do rei nem fornece dados para a calcular. Queirós que destes acontecimentos dá versão mais desenvolvida (*Conquista*, 376-380, 510-531), apresenta os seguintes dados cronológicos: O rei Pera Raja Chegara adoecera gravemente no decorrer do ano de 1615 (*ib.* 376); a 13 de Maio de 1616 nomeara governador regente na menoridade de seu filho a seu irmão Harique Iara Pandara; e a 31 de Agosto chegava a confirmação do Governador da Índia a tempo em que o rei já era morto (*ib.* 378). Em 1619 um renegado D. Pedro viera de Cunhale com cinco parós e, saltando sobre Tanadiva, praticara por ali mortandade (*ib.*, 510). O Capitão Geral de Ceilão cometeu a Filipe de Oliveira castigar o renegado e também o Chingali que se ia mostrando tirano, e ele já de Nelur escrevia a 8 de Junho a informar que «os parós entrarão na Costa, segundo dizem por ordem do Chingaly e nella fizerão infinitos roubos e desembarcarão nas mais das ilhas até chegarem a brigarem no Cais, atrevimento nunca dante visto...» (Pissulancar, *Assentos*, 1, 54). Dentro desta datas, portanto, se desenrolaram os acontecimentos lembrados no texto.

por todos por governador daquele reino, o que lhe durou mui poucos dias porque os outros parentes seus e do mesmo sangue real se começaram a inquietar e desejar cada um deles aquele lugar para si. E, entre todos, o que mais aspirava ao governo foi Chingali Cumara ([3]), o qual, ajuntando alguma gente de sua parcialidade, um dia, estando o governador bem descuidado, que era ao meio dia, tempo em que os gentios estão em o seu repouso, lhe entrou em casa. E, vendo-o o governador, sobressaltado e temendo o que podia ser, lhe disse: — «Filho, que vinda é esta? Isto são horas para andardes por fora?» Respondeu-lhe o Chingali: — «Logo vereis a que venho». E remetendo a ele, o matou e a um modeliar que estava com ele, E saindo-se dos paços, se foi correndo as casas dos outros que eram do sangue real e podiam herdar o reino, e pondo fogo nelas os matou a todos, tirando um só que escapou, que era um cunhado do mesmo Chingali, casado com sua irmã, chamado Lecu Gumará, ao qual fez depois tirar os olhos, parecendo-lhe que, com ficar só, poderia ficar pacífico no reino.

E fazendo-se alevantar por rei, foi de todos obedecido, assim
871 modeliares que são os governadores do reino, como do povo, // ainda que era sua tenção matarem-no tanto que o vissem fora dos paços. E entendendo ele esta má vontade nos modeliares, determinou tirar-lhes a vida, e assim os mandou chamar. E andando passeando em uma sala grande que servia de esgrima, lhes falou por um breve espaço, depois do qual entrou para dentro de outra casa ou câmara, na qual se dizia tinha aberto um grande poço para nele dar sepultura aos modeliares. Os quais vendo-o tão inquieto e suspeitando o que podia ser, na derradeira vez que entrou para dentro, porque não fazia senão sair e entrar, se foram saindo da casa para fora e se acolheram. Quando o Chingali tornou e os não achou, mostrou não fazer caso disso.

Por esta e outras crueldades que começou a exercitar com os seus vassalos, e juntamente por ser sua pretensão (segundo se tinha declarado) por sua morte levantar por rei um seu sobrinho, e haver muitos dias que não aparecia o príncipe, filho do rei morto, nem se saber o que era feito dele, antes suspeitar-se que era morto pelo tirano Chingali, se ajuntou o povo todo, e com grandes gritos e clamores se ajuntaram às portas dos paços chamando pelo Chingali, e dizendo em altas vozes que, se queria ser rei e governador, havia fazer três coisas: A primeira dar-lhes seu príncipe herdeiro do reino; a segunda entregar-lhes os matadores dos outros herdeiros; e a terceira lançar de si a bailhadeira que trazia consigo, e casar-se com uma das rainhas.

O Chingali viu-se confuso e, sabendo estar aí todo o reino junto, mostrou querer-lhes fazer a vontade. E assim chegou a uma janela e, levantando as mãos em alto, fez uma grande zumbaia ao povo e, tomando o príncipe menino entre os braços, o mostrou ao povo, o qual,

---

([3]) Queirós grafou Changali, de seu nome Sankily Kumara, sobrinho do rei defunto Pera Raja Chegara.

tanto que o viu e o conheceu, se lançou todo por terra fazendo-lhe reverência como a seu rei e senhor. E vendo mais o Chingali que lhe era forçado entregar os matadores, antes de abrir as portas lhes mandou aviso que se acolhessem pelos muros fora, e eles se acolheram com muita pressa. Mas, suspeitando o povo o que podia ser, cercaram os paços todos; e foi a tempo que só puderam tomar o modeliar que foi causa de tirar os olhos a seu cunhado, e assim vivo lhe arrancaram os seus e com muitas afrontas o arrastaram ao redor dos paços onde o deixaram morto. Passado isto, tendo o Chingali aviso em como os modeliares ajuntaram gente contra ele, como era de pouco ânimo não se atreveu a esperá-los. E assim, acompanhado de cinco mil homens que tinha consigo, se foi para o Cais dos Elefantes para se fortificar em a igreja que aí temos do bem-aventurado S. João Baptista // por ser ela tal que serve de fortaleza e chave daquele reino. 872

Vendo-se os modeliares desafogados do Chingali e com o governo todo, querendo fugir de um erro foram dar em outro, porque resistindo como temos visto ao governo do Chingali, convidaram para ele a um príncipe (que assim chamam eles aos que são de sangue real e podem herdar o reino) que era sobrinho do Rei Torto a quem matou André Furtado, que estava em Ramanancor, mandando-lhe seus embaixadores, pelos quais lhe enviaram a dizer que com toda a pressa se viesse a tomar posse do reino, pois nenhum tempo podia achar mais acomodado para isso que aquele em que eles tinham o governo, e não tinha para que recear os portugueses porque os mais deles eram mortos, e que para os que ficavam, poucas forças bastavam. O príncipe, posto que visse a instância que lhe faziam para ser rei, coisa que tanto se deseja no mundo, e entendesse bem quão boa era aquela ocasião, contudo, usando de prudência, quis esperar o segundo recado, o qual lhe foi, como adiante veremos. Não se descuidava entretanto o Chingali, porque, querendo ajuntar mais poder para se fazer obedecer do reino, mandou pedir socorro ao naique de Tanjaor que ficava na outra costa, o qual logo lhe mandou muitos badagás e por capitão deles o rei dos careás chamado Varana Gulata, grande inimigo dos portugueses. Vendo-se o Chingali com bastantes forças para sujeitar o reino, se passou à ilha Cardiva que está junto de Jafanapatão e só a divide uma pequena barra a que chamam falsa. O que sabendo os modeliares e o mais povo, ajuntando-se todos em um corpo o foram buscar, e vindo às mãos tiveram uma mui travada briga com ele, trabalhando cada uma das partes por desbaratar a contrária. E posto que os modeliares pelejassem da sua mui esforçadamente e como bons cavaleiros, contudo foram desbaratados e assim se acolheram cada um para onde melhor lhe pareceu. E o povo, vendo-se sem eles nem quem os encaminhasse, se foram para o Chingali e o trouxeram para suas casas, dando-lhe em tudo obediência como a seu rei e senhor. E com isto ficou a terra em paz por alguns meses.

COMO O GERAL DE CEILÃO MANDOU GENTE DE SOCORRO A JAFANAPATÃO E O CHINGALI FOI PRESO, E SUA MAJESTADE FOI JURADO POR REI DAQUELE REINO

CAPÍTULO 43

Com muita razão compara o Profeta Rei em um salmo a glória dos maus ao feno dos telhados, o qual, primeiro que se seque, se arranca (1), porque ainda que algumas vezes venham eles por permissão divina a conseguir o efeito de suas pretensões, dura-lhes esse bem tão pouco, que mais parece que subiram para se verem em confusão que para terem glória. Boa prova desta verdade é o que aconteceu ao Chingali, o qual, se permitiu Deus que com morte de tantos príncipes
873 subisse ao // reinado, foi para mais sua confusão, pois o que grangeou com isso foi ser levado com ferros a Goa onde lhe cortaram a cabeça. Ainda que em parte foi ditoso, porque, se perdeu o reino e a vida, não perdeu a alma, como piedosamente podemos crer, pois, vendo-se às portas da morte e sendo alumiado por Aquele que por diferentes caminhos leva aos homens a sua salvação, pediu o santo baptismo e morreu cristão, edificando não menos com a morte do que tinha escandalizado com a vida.

Alguns meses (2), segundo fica dito, esteve este tirano de posse do reino, sendo de todos obedecido por rei, gozando da desejada paz, que então a pudera ter por tal, se lhe não durara tão pouco, que não parece senão que lhe quis o mundo enganoso mostrar sua glória para logo com maior pena o livrar dela. Porque tendo notícia Constantino de Sá, geral de Ceilão, das suas desordens, quis acudir com o remédio necessário por lhe pertencer a ele dá-lo, por ser aquele reino da sua Conquista. E para este feito mandou a Filipe de Oliveira (que então

---

(1) *Peccatores* [...] *fiant sicut foenum tectorum: quod priusquam evellatur, exaruit* (*Salmo* 128, 6).

(2) De 1616 a 1619, portanto três anos, e não apenas *alguns meses*.

servia de Capitão-Mor do campo) com duzentos soldados e muitos lascarins ao reino de Jafanapatão, com uma instrução do que havia de fazer. O qual chegando lá, ainda que não sem trabalho por ser em tempo de grande seca e falta de água, se aposentou com os Frades Menores em a sua igreja de Nossa Senhora dos Milagres, tomando-a desde aquela hora por advogada sua naquela empresa. E, querendo logo pôr mão à obra a que viera, pediu ao padre reitor daquela casa, que então era o Padre fr. Manuel de Santa Maria ([3]), que, pois o mesmo era servir a El-Rei que a Deus, quisesse ir ver-se com o Chingali e dizer-lhe o que trazia por regimento, que eram três coisas: A primeira, que lhe entregasse os badagás que aí estavam; a segunda, da mesma maneira lhe entregasse o rei dos careás que ele tinha trazido da outra costa por se assegurar no reino, pois sabia mui bem que assim ele como os badagás eram inimigos do nome português; e a terceira, que lhe pagasse o dinheiro dos elefantes que ele comprara à fazenda de Sua Majestade.

Aceitou o padre fazer aquele serviço e diligência, e se foi ter com o Chingali e lhe propôs o que lhe mandava dizer o capitão Filipe de Oliveira. Ao que ele respondeu que, quanto aos badagás e rei dos careás, nunca lhe estava bem entregar-lhos, pois eram aí vindos por seu pedimento, que se contentasse com os fazer embarcar para as suas terras; e que do dinheiro dos elefantes daria logo cinco mil pardaus, ficando os outros cinco para os pagar daí a três meses. E com esta resposta, não se dando por seguro onde estava, que era, como fica dito, nas suas casas, por neste tempo ter já queimados os paços o arache Dom Luís, se foi para um pagode onde lhe pareceu estar mais seguro. // E à porta dele mandou pôr toda a sua gente em ordem 874
de guerra. E começando a descobrir o danado ânimo que tinha para os Portugueses, mandou chamar ao padre reitor e a um português senhor das ilhas das Vacas, chamado António Rebelo, homem naquelas partes muito respeitado, e, tendo uma espada nua na mão, lhe disse: — «Dizei, senhores, ao Capitão-Mor que se embarque para Ceilão, e que, como chegar a Malenuale, que são três jornadas deste reino, embarcarei os badagás e rei dos careás para suas terras e lhe mandarei os cinco mil pardaus dos elefantes.

Bem entendeu Filipe de Oliveira por este recado do Chingali qual o seu desenho e a peçonha que tinha no peito, e se desenganou que não havia de acabar aquele negócio até o não encomendar às armas. E assim o dia seguinte, depois de ouvir missa de Nossa Senhora encomendando-lhe o bom sucesso daquela empresa, mandou tocar a caixa e aos capitães que pusessem a gente em ordem, e se foi marchando para o campo, fora da povoação, mandando que fosse diante o dissava capitão da gente da terra. Não teriam bem andado meio quarto de

---

([3]) Fr. Manuel de Santa Maria em 1595 ficou de família no convento de S. Francisco de Goa (*Tábua de 1595*, 183). Queirós (*Conquista*, 512-513) diz que foi fr. António de S. Bernardino o comissionado para ir falar ao Changali.

légua, quando deram de rosto com a gente do Chingali, os quais, em os vendo, descarregaram sobre eles uma carta de espingardaria e segundaram com outra. O que vendo o dissava Luís Cabral, deu neles são-tiago, a tempo que o Capitão-Mor acudia ao estrondo; e já, quando chegou, iam enfraquecendo de maneira que, em o vendo, deram as costas aos nossos, largando com o campo as armas. E depois de os seguirem os nossos um pedaço matando muitos deles, mandou o Capitão-Mor tocar a recolher. E vindo-se já recolhendo com os despojos que acharam pelo campo, lhes veio às suas costas saindo o rei dos careás com toda a sua gente, aos quais voltando os nossos e acometendo-os com grande ímpeto, os fizeram também recolher deixando as armas. E se não fora por ser a terra mui espinhosa e os nossos, por estarem descalços, não poderem andar por ela, alcançaram naquele dia uma mui grande vitória, porque nenhum houveram deixar com vida. Mas ainda assim cortaram mais de cem cabeças, que logo foram mandadas apresentar pelo Capitão-Mor à Virgem dos Milagres a quem se tinha encomendado. Ficando por então no campo até ver se tornavam, e vendo que o não faziam, mandou marchar sua gente para Nelur, onde lhe pareceu melhor fazer seu assento em um pagode que aí estava.

Bem entendeu o Chingali naquele encontro, que foi o primeiro que com os Portugueses teve, quão fortes inimigos neles tinha. E assim, por reforçar com mais gente o seu campo, que da briga passada ficava assás desbaratado, em muito segredo fugiu para a outra costa. Porém, sendo esta sua fugida sabida pelo Capitão-Mor, mandou com
875 muita pressa duas embarcações em busca dele, // que já o alcançaram no meio daquele golfo. E trazendo-o a muito bom recado, o entregaram ao dito Capitão-Mor, o qual, levando-o a seus aposentos, lhe fez meter um grosso macho nos pés e daí o enviou a Ceilão ao geral Constantino de Sá que, por de todo segurar aquele negócio, o enviou assim mesmo preso a Goa ao governador da Índia Fernando de Albuquerque (4). E pondo-se a sua causa na relação, foi sentenciado que morresse degolado.

Em todo aquele tempo que esteve na cadeia, o foram sempre visitar os nossos frades moradores do convento de S. Francisco de Goa. E vendo ser boa aquela ocasião, lhe persuadiram que, pois perdia a vida, não perdesse a alma, recebendo a fé de Cristo e o santo baptismo, meio único de sua salvação. E sendo favorecido de Deus, disse que se queria tornar cristão; e os mesmos frades o baptizaram e lhe puseram nome Dom Filipe, e o mesmo fizeram a sua mulher sendo-lhe posto nome Margarida de Áustria. E foi padrinho de ambos o arcebispo D. fr. Cristóvão (5), fazendo-os vestir para isso como convinha a tais

---

(4) Estes acontecimentos decorreram desde Junho de 1619 no tempo do vice-rei D. João Coutinho conde de Redondo que faleceu em Goa a 10 de Novembro desse ano, e ao qual Filipe de Oliveira logo de tudo informou, como adiante se diz. O Chingali porque foi primeiro a Columbo, quando daí foi remetido a Goa já governava na Índia Fernão de Albuquerque.

(5) D. fr. Cristóvão de Lisboa ou de Sá, promovido a arcebispo de Goa em 1610, faleceu a 31 de Março de 1622.

pessoas. E era tanto o desejo que tinha de ser cristão que brevemente aprendeu a doutrina e disse que de muito pequeno tivera sempre desejos de receber a nossa santa Fé por entender (pelo que muitas vezes lhe disse o Padre fr. Pedro d Betancor de quem fora particular amigo) ser ela só a verdadeira, mas que por estar entre os seus nunca se dispusera a recebê-la. E dava muitas graças a Nosso Senhor polo trazer a estado de conhecer a verdade e santidade da sua Lei, afirmando que não sentia morrer por morrer cristão e que melhor era ser cristão cule que rei gentio, e prezava mais ter recebido a lei de Cristo que possuir muitos reinos.

E depois de lhe lerem a sentença da morte que ele ouviu com muito ânimo, lhe puseram sobre uma mesa um devoto crucifixo com o qual falava muitas vezes e tinha muitos colóquios e de feição que punha espanto aos que o ouviam e entendiam. Chegado o dia em que havia de ser degolado, armaram um teatro no cais do Vizo-Rei coberto todo de panos negros e nele uma alcatifa com um cochim de veludo raro, onde, sendo chegado em companhia de muitos religiosos nossos que nunca o deixaram, não consentiu que lhe atassem as mãos para trás como é costume fazer-se aos padecentes, dizendo que não era necessário, que ele morria de boa vontade. E com o dulcíssimo nome de Jesus em a boca lhe cortaram a cabeça. E depois de morto foi vestido no hábito da nossa Ordem que pediu em vida, e sendo acompanhado dos nossos frades, em procissão foi levado à nossa igreja de S. Francisco e sepultado no Capítulo honradamente. Sua mulher foi posta no mosteiro das convertidas, onde ainda vive com grande exemplo e satisfação de sua pessoa.

E tornando a Filipe de Oliveira, depois que prendeu o Chin- // **876**
gali e o mandou a Ceilão, se puseram em melhor ordem as coisas daquele reino e assim, vendo-se obedecido de todos geralmente, fez ajuntar os modeliares, que são os governadores, e todos os grandes, e fez que jurassem por rei daquele reino a Sua Majestade, o que eles logo fizeram com muita solenidade. E ele da mesma maneira jurou em nome de Sua Majestade de os conservar em paz, fazer justiça e guardar os seus foros e privilégios. E tudo o que tinha feito, escreveu ao Vizo-Rei da Índia, que ainda naquele tempo era D. João Coutinho, conde do Redondo, o qual festejou muito estas novas, e em nome de Sua Majestade lhe agradeceu muito o que tinha feito em seu serviço, confirmando-o no cargo com título de Governador daquele reino, que bem era não faltasse o galardão onde sobejavam merecimentos.

COMO SE HOUVE O CAPITÃO-MOR FILIPE DE OLIVEIRA NO PRIMEIRO ALEVANTAMENTO GERAL QUE HOUVE EM JAFANAPATÃO E OS ALEVANTADOS FORAM DESTRUÍDOS

CAPÍTULO 44

Ainda que com a prisão do Chingali, segundo atrás fica contado, ficasse o reino todo debaixo da obediência de Sua Majestade a quem tinham jurado por rei e o povo no comum gozasse da desejada paz, contudo não faltaram alguns particulares que, levados de suas pretensões, a inquietassem, em especial um arache que havia pouco (por recear que o matassem) se tinha feito cristão, chamado Dom Luís, o qual ainda em tempo do Chingali, de quem fora sempre inimigo capital, se tinha passado à outra costa a pedir socorro e ajuntar gente para levantar por rei a um príncipe que estava em Remanancor.

Este Dom Luís [1], pois, sendo já o Changali preso e governando aquele reino o capitão-mor Filipe de Oliveira, continuando com o seu mau ânimo, começou da costa aonde estava, a inquietar o reino, carteando-se com os principais dele e persuadindo-os a se rebelarem com geral alevantamento e alevantarem por rei ao sobredito príncipe. E como fosse certificado da vontade de todos, pareceu-lhe ser muito importante concertar-se também para o mesmo efeito com os dinamarcas, para que ao mesmo tempo viessem dar na nossa igreja do Cais e fazerem-se senhores daquele porto. E dando aviso ao príncipe do que tinha feito e da gente que ajuntara, lhe pediu que viesse donde estava

---

[1] Quando o Chingali em 1616 entrou no paço real, com o Governador Regente foi morto também o arache Perea Migapuli que com ele estava. Um filho deste, também chamado Migapule, à porta do paço disparou mosquetes «chamando pelo Changali com palavras infamatorias». Como o povo não acudiu a secundá-lo, passou a Manar com duas princesas que tomou, e acoitando-se ali à sombra de fr. Luís de S. Diogo, recebeu o baptismo e tomou o nome de D. Luís (Queirós, *Conquista*, 377; veja-se também Pissulancar, *Assentos*, 1, 12). E foi ele quem preparou em 1620 este alevantamento.

a conquistar o reino, pois tinha nas mãos a melhor ocasião que podia ser. E com isto se veio para Jafanapatão, onde, ajuntando mais de vinte e cinco mil homens, se foi ao presídio do Pagode onde os nossos estavam // aos 2 [...] do ano de 1620. **877**

Estava neste tempo o Capitão-Mor com muito pouca gente porque, parecendo-lhe que tinha acabado ao que viera, houve de mandar a Ceilão o arraial entregue a seu genro António da Mota, tomando sòmente para guarda de sua pessoa trinta portugueses. Porém, como era de grande ânimo, não descoroçoou vendo-se cercado de tantos inimigos e com poucas forças, antes, mostrando-se em tudo com o rosto mui alegre, começou a dar ordem do que devia fazer por então, que era, irem-se sustentando até lhe vir socorro de Ceilão, que não duvidava haver-lhe de vir tanto que o geral Constantino de Sá tivesse novas do alevantamento. A Francisco Pereira Velho encomendou a defensão da nossa igreja de Nossa Senhora dos Milagres, com os portugueses da povoação que eram pouco mais de vinte. E ele, dos seus trinta soldados, mandou alguns à igreja do Cais para a defenderem, e dos outros que ficaram deu o cuidado deles a Jerónimo Botelho, ordenando tudo o mais que lhe pareceu necessário para a defensão do Pagode onde estava.

Dom Luís, tendo toda a sua gente junta, sem esperar pelo príncipe que esperava ver em que termos se punham as coisas, veio marchando para onde estava o Capitão-Mor e, pondo-se em emboscadas, mandou pôr fogo a uma igreja nossa que aí estava perto , com fundamento de saírem os nossos a acudir ao fogo e, como estivessem fora do Pagode, dar neles e matá-los a todos, o que seria fácil de se fazer, pois eram tão poucos e eles tantos. Mas, vendo que se não buliam do lugar onde estavam, se vieram para a povoação e daí se vieram cometer a nossa igreja da Senhora dos Milagres, tendo-a cercada toda à roda. Mas os nossos que estavam dentro e não passavam de trinta, se defendiam tão valorosamente que, por mais que eles trabalhavam, jamais puderam chegar perto, sendo muitos deles mortos porque, como eram muitos e estavam em pinha, não se perdia pelouro neles. E assim com mosquetadas e panelas de pólvora os fizeram afastar da igreja, o que vendo eles e o pouco que faziam, se tornaram para a povoação e casas dos portugueses, entrando nelas e roubando quanto achavam.

Os modeliares, parecendo-lhes que tanta gente não podia deixar de levar a melhor, se passaram para eles, e todos juntos caminharam outra vez para o lugar onde estava o Capitão com o seu presídio e o cometeram com muito esforço. Mas também foi nada o que aqui fizeram, porque se defenderam os de dentro com muito ânimo, matando muitos dos inimigos; e assim, vendo dos seus tantos mortos, tomaram por melhor partido deixarem-nos. Estiveram assim quase um mês, em o qual tempo deram os nossos muitos assaltos nos inimigos, fazendo neles grandes estragos e, por serem tão poucos, não ousavam a sair ao campo, contentando-se com o mal que lhes faziam até verem o socorro de // Ceilão que por momentos esperavam, o qual não tardou muito, **878**

porque, tendo notícia o geral Constantino de Sá do aperto em que os nossos estavam, despediu logo navios por mar e gente por terra.

Por mar lhes mandou três navios carregados de gente e munições, e por capitão André Coelho, capitão velho e bem afortunado que nos tempos atrás tomou uma nau inglesa, com que se fez assás afamado nestas partes. Por terra mandou a Luís Teixeira, dissava das Sete Corlas, capitão mui esforçado e de muita experiência na guerra, com cem soldados portugueses e mil e quinhentos lascarins. Os três navios fazendo viagem com próspero tempo, chegaram brevemente a Jafanapatão, onde, desembarcando a gente toda e as munições, se foram ter ao presídio à presença do Capitão-Mor que os recebeu com muita alegria. Luís Teixeira, marchando com os seus, entrou em poucos dias pelas terras do reino, fazendo em os seus moradores grandes proezas e cruezas (que para o tempo pareceram necessárias), abrindo os homens com machados e cortando os peitos às mulheres, e a outras abrindo-lhes as barrigas e metendo-lhes os filhos dentro. E, chegando ao presídio, foi também muito bem recebido do Capitão-Mor que, vendo-se com tanto aparelho para poder sair aos inimigos, o determinou fazer com parecer dos capitães que aí estavam. E depois de ordenar todas as coisas segundo pedia a necessidade de cada uma delas, e de se oferecer à Senhora dos Milagres a cuja protecção sempre se encomendava, estando já todos confessados e tendo recebido das mãos dos nossos frades o diviníssimo Sacramento, deixando no presídio a António da Mota, seu genro, com alguma gente, se saiu com toda a outra mais ao campo em busca do arraial inimigo. E, dando nele, se começou entre uns e outros uma áspera batalha. E, posto que os inimigos eram tantos em número e brigavam valorosamente, contudo, não podendo sofrer o ímpeto dos nossos, começaram a fugir, deixando no campo muitos mortos.

Alcançada esta vitória pela qual não cessava o Capitão de dar muitas graças a Deus conhecendo-O pelo dador dela, se deixou aí estar alguns dias perdoando aos que se vinham à obediência (que eram muitos) e castigando a outros que o não faziam. E depois de estar toda aquela parte obedecida e em paz, se veio recolhendo para o seu presídio. E uma jornada antes de chegar a ele, teve recado em como era desembarcado o príncipe de Ramancor, ao qual se tinha já ajuntado alguma gente do reino; e ele trazia consigo seis ou setecentos homens maravazes, gente belicosa. E vindo às jornadas, chegou a um pagode junto a Putur, duas léguas do presídio, com tenção de o cometer. Sendo de tudo isto certificado Filipe de Oliveira, a primeira coisa que fez foi pedir aos nossos Religiosos que estavam em Nossa Senhora
879 dos Milagres que celebrassem todos pelo arraial e bom // sucesso daquela guerra. E depois de se confessarem outra vez e comungarem, ao meio dia, tempo em que os inimigos estavam mais descuidados, mandou marchar o seu arraial às surdas, sem instrumento algum ou sinal de guerra, por que deles não fossem sentidos. E chegando a eles, arremeteram com grande fúria, descarregando neles os seus

mosquetes, e de feição apertaram com eles que em pouco espaço os desbarataram, sendo muitos deles mortos, e outros, deixando as armas, se metiam pelos matos.

O príncipe, vendo sua gente desbaratada, tomou por melhor partido entregar-se. E, vendo a Luís Teixeira que andava ajuntando a sua que se tinha desornada, se lhe veio lançar aos pés, o qual, alevantando-o e tomando-o pela mão, o foi presentar ao Capitão-Mor, o qual, com esta grande vitória do príncipe se veio à povoação dar as devidas graças a Nossa Senhora, onde já de dentro lhe saíram os nossos frades em modo de procisão com cruz e pálio para o receber. O qual, vendo-os, se encostou a uma parede dizendo que não daria mais passada avante se não recolhiam o pálio, porque não a ele mas a Deus e Sua Mãe Santíssima se deviam os louvores daquela vitória. Recolhido o pálio, o P. fr. Manuel de Elvas, Comissário então daquelas partes, lhe meteu na mão uma palma, a qual ele beijando, lha tornou a dar, dizendo que a desse a Luís Teixeira que à sua mão esquerda vinha tendo o príncipe pela mão em meio de ambos. Entrando todos na igreja e ficando o príncipe à porta dela, tomou o Capitão-Mor a bandeira da mão do alferes e com muita cortesia a lançou aos pés da Senhora em cima dos seus degraus, e pondo-se de geolhos, com muita devoção fez oração, dando muitas graças à Senhora por cuja intercessão lhe dera Deus aquela vitória, oferecendo-lhe aquela bandeira por sua desde aquela hora. E, tornando-a a levantar, com sua licença a entregou ao alferes e se tornou para o presídio com o príncipe seu prisioneiro a quem fez lançar um macho, e depois o mandou a Ceilão ao geral Constantino de Sá.

Era este príncipe mancebo que parecia ser de vinte anos, mais alvo que negro, alto do corpo, bem apessoado, e lhe começava a sair a barba, com um semblante alegre, e representava siso e majestade, o qual, com licença do Capitão-Mor, posto a uma varanda donde se via muita gente do povo, lhes falou dizendo: — «Vós outros com vossas doudices me inquietastes, e vossos enganos me foram causa de vir a este estado». E com outras mais cousas que lhes disse com muito sentimento, se tornou para dentro. Daí adiante vinham todos à obediência trazendo suas armas, que assim o tinha mandado o Capitão-Mor, e as entregavam // aos modeliares que já estavam também aí, 880
porque jogaram de fora e, vendo a causa mal parada da parte dos seus, se vieram para os nossos; e se ajuntaram por este modo mais de mil e oitocentas espingardas, muitos arcos e frechas, muitas espadas e montantes.

Os de Dinamarca (²) que estavam esperando pelo recado do príncipe, sabendo que estava preso e seu exército desbaratado, fazendo-se à vela se foram para sua terra. D. Luís, o arache, houve modo

---

(²) Dos dinamarqueses em Tranguebar, veja-se Pissulancar, *Assentos*, 1, 351.

com que pôde escapar, e se tornou para a costa a pedir novo socorro ao naique, com que se tornou a atear outra nova guerra, como logo veremos; porém, cativaram-lhe a mulher e filhos com outra muita gente. E vendo-se a mulher cativa e desemparada do marido, cheia de desesperação, tanto puxou pela língua que morreu. E este fim tiveram os alevantados e suas coisas, por justo juízo de Deus que, se permite aos maus fazerem males, é para serem com maior rigor castigados.

DO SEGUNDO ALEVANTAMENTO QUE HOUVE EM JAFANAPATÃO E COMO FILIPE DE OLIVEIRA DESBARATOU OS BADAGÁS

CAPÍTULO 45

Alguns meses estiveram os nossos portugueses, depois de alcançada esta vitória, com muita quietação, sendo obedecidos de todos, assim modeliares que, como temos dito são os governadores do reino, como do povo, sem que movessem coisa em que se pudesse suspeitar o contrário deles. Mas o inimigo da paz (parece, entendendo o grande fruito que dela se havia de tirar de muitos milhares de infiéis convertidos e baptizados) não satisfeito com as alterações passadas, começou a urdir outras de novo por meio do mesmo D. Luís que escapando, como dissemos, das nossas mãos, deu consigo na outra costa e se foi ter com o mesmo naique de Tanjaor, a quem meteu muitas mentiras na cabeça, fazendo-lhe crer que, com mui pouco trabalho, poderia nesta ocasião em que lhe faltava o rei natural, fazer-se senhor daquele reino, e que os portugueses eram os mais deles mortos e os que ficavam estavam tão desprovidos dos petrechos da guerra que, em vendo gente sua no reino, o haviam de deixar e meter-se pelos matos. Finalmente, tantas coisas lhe soube dizer que se resolveu o Naique a conquistar o reino, mandando para este efeito dois mil badagás, gente guerreira e a melhor e mais valorosa do seu reino, e por capitão-mor do campo Cheni, naique dos grandes de Tanjaor, e por geral a Bornagolate, rei dos careás, que já na ocasião passada tinha // provada a mão com os **881** portugueses.

Tanto que os casados de Negapatão foram certificados do desenho do Naique (em cuja terra está esta cidade), mandaram com muita pressa e segredo aviso ao capitão-mor Filipe de Oliveira, e juntamente alguns barris de pólvora e pastas de chumbo e outros petrechos de guerra que ele soube agradecer por então com palavras, prometendo não faltaria nunca com obras. Já neste tempo estavam os nossos mais fortificados e em melhor modo de se poderem defender, porque tinham derribado o pagode em que até então estivera o presídio, e se tinham

recolhido na nossa casa da Senhora dos Milagres, a qual tinham fortalecida com o formoso baluarte que fundaram a 15 de Agosto de 1620, a que puseram nome Nossa Senhora da Assunção. E posto outro de outra parte, ficando a igreja no meio, a cercaram de mui fortes muros com suas seteiras e parapeitos; e pondo as coisas todas em ordem, estiveram todos prestes, esperando pela vinda do inimigo, que foi a 5 de Dezembro do já dito ano de 1620. E por não mostrar fraqueza aos inimigos, antes que os tinha em pouco, pareceu bem i-los buscar a Nelur, que é um lugar meia légua da povoação, onde lhes disseram que tinham assentado o seu arraial.

E assim junta a gente e posto cada um em o lugar que pelo capitão lhe fora apontado, começaram a marchar, indo o P. fr. António de S. Filipe [1] (como das outras vezes) com um crucifixo, junto ao Capitão-Mor. Mas quando lá chegaram, viram que não estavam aí, e assim se houveram de recolher, esperando ver o desenho deles, os quais não tardaram muito que não viessem em sua busca, aos quais saindo os nossos, os acometeram com grande ímpeto, disparando seus arcabuzes com que mataram muitos deles; mas não foi tanto a seu salvo, porque foram também muitos dos nossos feridos, porque brigavam com muito esforço e como gente que se tinha visto muitas vezes no perigo da guerra, por serem nela muito exercitados. O Capitão-Mor, vendo a briga e o perigo dela, arremeteu, pondo-se na dianteira, onde, sendo conhecido dos badagás por verem junto dele a bandeira de Cristo, arremeteram a ele sete lanceiros e um deles, correndo com a sua lança, lhe deu uma ferida na boca passando-lhe o queixo de baixo, e com facilidade o matara se o não guardara Deus para bem daquele novo reino. Mas não ficou sem a sua paga porque, encomendando-se à Virgem dos Milagres que sempre trazia no coração invocando-a nos maiores perigos, arremeteu a ele coberto do seu escudo de aço, e de tal maneira o feriu com a espada que deu com ele morto no chão e o mesmo fez ao outro; os demais, vendo o esforço do seu contrário, lhe
882 viraram as costas. Finalmente, // por escusarmos contar mais particularidades, de maneira apertaram os nossos com eles que os fizeram fugir e largar o campo, tendo-o primeiro coberto de mortos. E vendo já que não apareciam, se recolheram para a povoação onde já o P. fr. António de S. Filipe tinha trazido os feridos, os quais foram agasalhados na nossa sacristia, que era o lugar em que os frades então estavam por tudo o mais estar já ocupado dos soldados, e se foram a umas choupanas junto da capela-mor.

Os inimigos, vendo quão diferente esforço era o dos nossos do que imaginavam, não se dando por seguros se começaram a entrincheirar uma légua da povoação, e ali se deixaram estar sem mais

---

(1) Fr. António de S. Filipe era sacerdote jovem em 1595 e estava de morador no convento de S. Francisco de Goa (*Tábua de 1595*, 183). Também Queirós, (*Conquista*, 521) recorda como fr. António de S. Filipe andou então ao lado de Filipe de Oliveira com um crucifixo levantado.

ousarem acometer-nos. E porque lhes foram muitos mortos, mandaram pedir ao Naique mais gente, indo com este recado o irmão do rei dos careás. E enquanto não vinha este socorro, chegou aos nossos o de Ceilão, que foi aos 14 de Janeiro do ano de 1621, que foram três companhias de noventa soldados e mil lascarins. E formando o Capitão-Mor um exército de cento e cinquenta portugueses, fora os lascarins, foram caminhando em busca dos inimigos que, como disse, estavam entrincheirados. E passando só a dianteira avante, todo o mais corpo do arraial ficou pelo campo, com a rectaguarda posta junto ao pagode onde antigamente tínhamos a nossa tranqueira. Sendo a dianteira tanto avante como o Pagodinho, nos saíram os inimigos a receber. Os nossos se arrimaram ao Pagodinho, assestando na boca da rua os mosquetes de pé que levavam, e a primeira surreada que deram foi tanto a tento que se não perdeu algum pelouro, ficando postrados por terra todos os que na sua dianteira vinham. E foi tanta a pressa que os lascarins davam em lhes cortarem as cabeças aos que caíam, que logo então foi recado ao Capitão-Mor que cento eram cortadas. O que, considerando ele e vendo, como prudente, que não podia ser aquilo naturalmente, pois só a dianteira brigava, disse: — «E quem as cortou?» E dizendo estas palavras, pondo os olhos no crucifixo que junto de si tinha em as mãos do nosso frade, se ageolhou diante dele e os mais com ele, dando a entender que o poder daquele Senhor por cuja fé e honra pelejava, era o que fazia com tão poucos e em tão pouco tempo tanta mortandade.

Os inimigos depois de pelejarem pouco espaço, vendo serem muitos deles mortos se recolheram para a sua tranqueira. E enquanto os lascarins se ocupavam em cortar as cabeças dos que estavam caídos, foram os nossos seguindo o alcance, e quando já chegaram à tranqueira, estava de todo despejada, e sòmente acharam muitas armas como mosquetes e espingardas, lanças, bombas, pólvora e panelas de pólvora. E depois de recolhido todo este // despojo, se deixaram ficar alguns **883** dias em as várgeas do Putur a ver se tornavam os inimigos. O Capitão-Mor também se deteve aí alguns dias que gastou em paziguar a terra, e aos naturais que vinham à sua obediência, que eram muitos, os recebia com muita benignidade e resgatou mais de mil e quinhentos deles das mãos dos chingalás que vieram com o socorro de Ceilão e os tinham cativos naquela guerra, aos quais o Capitão-Mor, depois de resgatados, os mandou em paz para suas casas, contentes de verem aquela benignidade. E porque se esperava ainda pelo socorro que ao Naique mandaram pedir os badagás, mandou ao arraial que se fosse para Chavacheira e por capitão dele a António da Mota, seu genro; e deixando todo aquele caminho, até a tranqueira dos badagás, semeado de inumeráveis corpos agigantados e sem cabeça, e elas postas nas árvores de Putur, dependuradas todas pelos cabelos, e ao pé delas muitos outros por terra, se recolheram para a nossa povoação a tempo que já os nossos frades o tomaram à porta da igreja por fugir o recebimento com que sabia o esperavam, donde o levaram à capela-mor da Senhora

dos Milagres, cantando *Te Deum Laudamus*. E, dadas a Ela e a seu bendito Filho as graças por tantas vitórias, se recolheu ao seu aposento.

Não se passaram muitos dias que não viessem de Negapatão novas de como o Naique tornava a mandar mais badagás de socorro, com as quais o Capitão-mor mandou a três capitães que com suas companhias se fossem a um lugar chamado Ponta das Pedras, e juntamente mandou que o arraial, que como dissemos estava em Chavacheira, se fosse também para o mesmo posto a fim de impedir a embarcação aos inimigos. Porém eles desembarcaram muito a seu salvo por se desencontrarem, e se foram alojar em uma formosa vargem junto de um tanque de água. Eram mil e quinhentos e vinha por seu capitão-mor um muito parente do Naique, o qual vinha para ser governador do reino, e trazia consigo já feitos os modeliares e os mais oficiais com suas mulheres e filhos, até gaiolas de pássaros, cães e gatos, que por tão certo tinham conquistarem aquele reino e apoderarem-se dele. Tanto que o Capitão-mor teve aviso da sua chegada, despediu uma carta ao Capitão do arraial em que lhe dizia o que havia de fazer, e com isso juntamente, como aquele que toda a esperança dos bons sucessos tinha suposta na Senhora dos Milagres, se foi para a sua igreja mandando todas as candeias acender de todos os altares.

884 E em companhia dos nossos frades velou das quatro horas // da tarde até a madrugada, na qual pediu que lhe dissessem missa, a qual ouviu com muita devoção. E esteve na mesma igreja até lhe vir um escrito do capitão do arraial, em que lhe dizia: — «Pode Vossa Mercê dar graças a Deus pela mercê que nos fez de termos a vitória por nós; e são já cortadas quinhentas cabeças». Com as quais novas se ageolhou logo diante da Senhora, arrasando-se-lhe o olhos em água; e com muita humildade beijou a terra, fazendo o mesmo quantos presentes estavam assim religiosos como seculares. E cheios de alegria mandaram repicar os sinos e cantaram em fazimento de graças, como se costuma, *Te Deum Laudamus*. Não tardou muito que não chegasse outro escrito do mesmo capitão do arraial em que lhe fazia saber serem cortadas oitocentas cabeças, e que eram tantos os mortos do inimigo que não tinham já braços para lhas cortar. Finalmente os badagás foram desbaratados sem que da nossa parte fosse algum morto, que não foi pequeno milagre. E, recolhidos os despojos, se veio marchando o nosso arraial para Nelur, deixando todo aquele campo cheio de corpos sem cabeças. O Capitão-mor, para que fosse mais festejada aquela vitória, mandou o seu alferes-mor com a bandeira de Cristo acompanhada de todos os capitães e companhias que ficaram em guarda da povoação e igreja, que fossem a Nelur em busca dos vitoriosos, os quais começaram a caminhar com aquele grande e poucas vezes visto espectáculo de novecentas e tantas cabeças em as pontas das lanças, que tantas foram as que se cortaram, afora muitas armas e cativos que traziam consigo. E antes de chegarem, um bom espaço, os saiu a receber o Capitão-mor, da igreja onde até então estivera,

com todos os nossos frades com cruz em modo de procissão. E chegando ao alpendre um arache modeliar, foi desenvolvendo uma cabeça que consigo trazia e a lançou aos pés do Capitão-mor, a qual era do Geral e Governador que o Naique mandara. E depois de cantarem *Te Deum Laudamus* e se dizer a oração costumada em fazimento de graças, pôs o alferes a bandeira junto ao altar da Senhora dos Milagres, que era o seu lugar, e se recolheram às suas estâncias.

Esta vitória se alcançou aos 11 de Fevereiro do ano de 1621, e ao dia seguinte houve na mesma igreja da Senhora missa solene, e se gastou todo em muitas festas com que ficou solenizada esta tão grande vitória, com a qual e desbarate dos inimigos cessaram de todo os alevantamentos daquele reino, e se conserva em paz até o presente debaixo da obediência de Sua Majestade, havendo sempre nele um Governador português. O arache D. Luís, que foi causa de todas estas inquietações, as veio pagar, sendo morto pelo Madune que lhe mandou tomar as filhas e o fato.

DE ALGUNS MILAGRES QUE A SENHORA DOS MILAGRES FEZ NESTA GUERRA DOS BADAGÁS E COMO A SEU SOBERANO FAVOR E A ELA ATRIBUÍA O CAPITÃO-MOR FILIPE DE OLIVEIRA A GLÓRIA DE SUAS VITÓRIAS

CAPÍTULO 46

885 // Quem ler o discurso desta nossa história achará o particular cuidado que a Mãe de Deus, Rainha dos Anjos e Senhora Nossa, sempre teve de favorecer aos Portugueses em muitas ocasiões da conquista deste Oriente, mostrando-se não menos piedosa a eles que terrível a seus inimigos, esforçando as armas de uns e enfraquecendo as dos outros, sendo meio, este seu favor, de em muitas e mui arriscadas batalhas saírem os inimigos vencidos e eles vencedores. Assim vemos que sucedeu no segundo cerco de Dio e no cerco de Chaul, segundo atrás em seus lugares fica contado, e em muitas ocasiões onde, pelejando os nossos em número muito desigual, sendo visìvelmente ajudados da Virgem alcançaram gloriosas vitórias. Mas onde parece que se quis Ela mais mostrar em nosso favor foi nesta conquista do reino de Jafanapatão, a qual sem falta se acabou mais com ajuda sua que com as armas nossas. O que entendia bem o valoroso capitão Filipe de Oliveira que à boca cheia confessava dever-se a glória desta conquista e suas vitórias à Senhora dos Milagres, a quem, entrando neste reino e sabendo quão gloriosa era, tomou por sua particular ajudadora, encomendando-se a Ela em esta sua igreja com muita fé e devoção, não saindo jamais aos inimigos sem que primeiro viesse a Ela a lhe pedir o seu favor. E algumas vezes o tomaram as novas das vitórias estando nela velando e orando, como vimos que lhe sucedeu em a primeira vitória que alcançou dos badagás, como fica contado. E muitas vezes lhe ouviram dizer os nossos frades que lá se achavam com ele nesta conquista: — «Padre, todas as vitórias que tive neste reino, foram maravilhosas, e a Virgem dos Milagres mas concedeu. E a Ela se devem as graças e os louvores porque, segundo

eu depois entendi, eu caminhava para a minha perdição; mas esta Senhora, nesses mesmos caminhos, sempre me endereçou para alcançar as vitórias que alcancei». E pregando uma vez na festa da Senhora dos Milagres um frade nosso e recitando na sua presença estas formais palavras suas, depois de acabada a missa o foi buscar à sua cela e lhe deu as graças por isso, tornando-as a repetir muitas vezes.

Não faltaram alguns milagres com os quais quis esta Soberana Senhora mostrar visìvelmente que era Ela a que metia nas mãos aos Portugueses todas estas vitórias. E assim nesta mesma guerra dos badagás, que foi a mais arriscada e perigosa, sucedeu uma vez, estando a dianteira do nosso arraial pelejando com eles como atrás contámos, serem ouvidas as mosquetadas na nossa igreja e as mulheres dos portugueses que aí estavam recolhidas, cheias de medo e receosas de suceder algum mau sucesso por serem os inimigos muitos e mui valorosos, se foram a pedir misericórdia à Senhora dos Milagres, em cuja casa estavam, umas // ao coro e outras à capela-mor, e com muitas lágri- 886
mas e batendo muitas vezes nos peitos começaram a lhe pedir o seu favor. Estando assim, foi visto por elas sair do nicho, onde a Senhora estava, um grande resplandor. E não podendo sofrer a claridade dele, deram consigo em terra, espantadas do que viam, e conceberam em seus corações uma mui certa confiança de a Senhora nos ajudar como nos ajudou, ficando por nós a vitória. E a mesma imagem da Virgem, a qual, como adiante veremos, está imperfeita e sem se pintar, foi vista naquele dia de todos os presentes com a face e mão direita mui corada e vermelha, e assim a viram estar por espaço de quinze dias, que foi o tempo em que o nosso arraial estava em Putur e se acabaram de desbaratar de todo os badagás.

E antes destes milagres que foram à vista de todo o povo, no dia em que estes inimigos desembarcaram, contaram depois alguns deles que viram na praia do rio uma mulher muito formosa que lhes perguntou: — «Que buscais neste reino? ou para que passastes a ele, miseráveis, pois ficais sem remédio de tornar-vos para as vossas terras?»

Todas estas coisas que foram mui públicas e sabidas de todos, serviram de lhe dar confiança em o meio dos mais arriscados perigos e acrescentar a devoção que todos lhe tinham e em particular o capitão-mor Filipe de Oliveira. O qual, em reconhecimento e gratificação de tantas mercês, jamais saía com o seu arraial ao campo nem se recolhia sem que se abatesse a sua bandeira aos pés da Senhora, mandando e ordenando que estivesse ela sempre na sua capela posta à sua vista, e desde então ficou este tão louvável costume. E por que em todas as coisas daquele reino estivesse representada a lembrança da Senhora, fundando a fortaleza que depois da conquista fundou, não lhe quis pôr outro nome senão da Senhora dos Milagres. E assim se nomeia nos feitos e papéis que aí se fazem em juízo.

E com ser esta Senhora de tanto respeito que não ousam muitos Religiosos dizer missa no seu altar de puro temor e reverência, ordenou contudo o Capitão, contra o parecer dos Religiosos, que no dia

de sua festa saísse ela em procissão por todas as ruas da cidade em uma charola que para isso se consertou e ornou das mais preciosas e ricas jóias da terra, dando por razão que, pois esta cidade era sua e ganhada com seu favor, era bem que saísse ela a visitá-la e abendiçoá-la uma vez cada ano. E assim se faz todos os anos. E por que os religiosos das outras Religiões entendessem dele quão obrigado estava a esta Senhora, lhes dizia muitas vezes: — «Padres, ordenem Vossas Reverências suas festas de maneira que se não encontrem nunca com alguma que nesta igreja de Nossa Senhora dos Milagres se fizer, porque, por maior solenidade que houver em qualquer outra,
887 não hei por isso faltar nesta, havendo // nela uma só missa cantada». E em efeito, assim o punha por obra.

E tão cuidadoso era de aumentar a devoção de esta casa da Senhora que ainda bem não vinha àquela terra algum músico ou cantor quando ele já o mandava tomar e o tinha salariado para cantar na sua capela, a uns metendo-os nas estâncias se podiam servir de soldados, e a outros que não podiam ter ofício militar, os sustentava à sua mesma custa. E enquanto viveu jamais faltou, por mais ocupado que estivesse, às ladainhas que à boça da noite todos os dias se lhe cantam, e aos sábados pela manhã à sua missa da Conceição com muita solenidade, e à tarde às suas ladainhas, *Salve* e *Tota Pulchra*, não faltando também a uma e outra coisa todo o povo e todos os soldados e muitos deles com suas candeias acesas nas mãos, de sorte que, sendo às vezes noite, não parecia a igreja senão claro dia. E porque nesta igreja há uma confraria da Senhora, ele se assentou nela por mordomo perpétuo, e à sua imitação e exemplo se assentam todos os capitães e soldados que têm tomado à sua conta os sábados e os servem às hebdómadas, armando a igreja e provendo os altares de velas muito formosas, o que tudo se faz sempre com muita devoção e perfeição. Finalmente até na morte quis mostrar o particular amor e afeição que sempre lhe teve em vida, ordenando que fosse seu corpo sepultado na sua capela, onde esteve até se passar para um sepulcro de pedra que está encaixado na mesma capela [1].

E, pois viemos a falar neste famoso capitão, não podemos deixar de falar em uma virtude sua que entre outras tinha, que era ser muito amigo e devoto dos Religiosos e particular da nossa sagrada Religião. E assim acontecia muitas vezes estar ele na sua varanda com os modeliares e araches, que são, como temos dito, os governadores e capitães do reino, e darem-lhe recado que estava ali para lhe falar um Religioso, e levantar-se logo e vi-lo receber ao topo da escada, que era um espaço muito grande, e perante eles (que o vinham acompanhando) de geolhos lhe beijava o hábito. E se o Religioso, por humildade e cortesia, fugia com a mão, ele dizia: — «Deixe-me, padre, fazer o que faço

---

[1] Filipe de Oliveira morreu de sua enfermidade em Jafanapatão no dia 22 de Março de 1627 com 53 anos de idade, e foi sepultado na igreja de Nossa Senhora dos Milagres (Queirós, *Conquista*, 531-532).

diante desta gente, que assim como os eu respeitar, serão deles respeitados. E muitas vezes dizia aos grandes daquele reino, quando estava com eles em conversação: — «Eu sou vosso capitão e estou aqui em lugar de el-rei de Portugal para vos mandar matar e lancear se o merecerdes por vossas culpas; porém, o senhor Padre que aqui está (apontando para o Religioso) e todos os mais que estão neste reino, são sobre mim e os seus pés sobre minha cabeça. E se me eles quiserem prender, eu hei-de cruzar as mãos e ir-me à prisão. E quando havia de prover algum cristão da terra com algum ofício que lhe pedia, lhe dizia: — «Haveis-me primeiro trazer um escrito do vosso padre de como procedeis // e se sois bom cristão, e então vos darei o ofício 888
que me pedis». E é cousa certa que, se os nossos Religiosos e os outros puderam converter tantos infiéis como converteram, não foi senão pelo favor que para isso sempre lhes deu.

E enquanto lhe durou a vida, sempre se exercitou em obras de muito louvor, porque ele foi o que naquela terra fundou a Casa da Misericórdia e com suas esmolas foi muita parte para se acabar a nossa igreja da Senhora dos Milagres, e nos fez mais à sua custa outras quatro igrejas, e assim mais a casa de S. Domingos e a dos Padres de Companhia de Jesus, as quais ambas sustentou do seu até haverem provisão dos Vizo-Reis da Índia para se lhes pagarem suas ordinárias. E de crer é que quem na terra se ocupou em tão santas obras, gozará hoje no Céu o prémio delas.

COMO O BISPO DE COCHIM, HAVENDO RESPEITO AO MUITO QUE OS NOSSOS RELIGIOSOS TINHAM TRABALHADO E DE PRESENTE TRABALHAM NO MINISTÉRIO DA CRISTANDADE EM O REINO DE JAFANAPATÃO, LHES DEU SUA AUTORIDADE E LICENÇA PARA EM TODO ELE PODEREM ALEVANTAR IGREJAS E EXERCITAR O OFÍCIO DE CURAS

CAPÍTULO 47

Do pai de famílias que muito de madrugada saiu a buscar trabalhadores para a sua vinha, conta o evangelista S. Mateus, cap. 20, que de nenhuma vez os foi buscar que os não achasse prestes e lestos para trabalharem, e assim diz que os achou pela manhã e à hora de terça sexta e nona até quase ao sol posto. O que parece ser grande argumento do incansável desejo que estes trabalhadores tinham de trabalhar, pois tão desocupados estavam sempre e tão prontos e aparelhados para se ocuparem no serviço de quem deles se quisesse servir. E ainda parece que, com se porem na praça pública, que era o lugar onde o pai de famílias os achava todas as vezes que os ia buscar, em certa maneira se estavam convidando e oferecendo a todos os que deles quisessem lançar mão para o seu serviço que, quando é para este fim, tão longe está de ser tacha, que antes é grande prova de caridade oferecer-se um a Deus Nosso Senhor em semelhantes ocasiões, como vemos que o fez o santo profeta Isaías, como ele mesmo de si conta no VI capítulo de suas profecias, onde diz que, ouvindo perguntar a Deus Nosso Senhor quem mandaria e quem iria pregar ao povo de Israel, ele mesmo se lhe ofereceu dizendo: *Ecce ego, mitte me.* Onde nota S. Gregório Nazianzeno que foi acto este de singular
889 // caridade porque, parecendo-lhe ao santo Profeta que de sua pregação se seguiria grande proveito àquele povo, *prae animi laetitia seipsum obtulit,* «com grande alegria de sua alma» por ver que se lembrava

Deus daquela gente, não reparando nos muitos trabalhos que havia de passar naquele exercício da pregação, «se ofereceu» a Deus para o exercitar em seu serviço e prol das almas.

Os primeiros obreiros que pelo pai de famílias Deus Nosso Senhor foram chamados para trabalharem nesta vinha sua, a Índia Oriental, foram os Frades Menores, porque eles foram os que el-rei D. Manuel mandou na primeira armada que para a sua conquista enviou a estas partes, como acima fica contado; e depois em todas as mais armadas que este católico rei e mui zeloso da conversão dos infiéis mandou a este Oriente, enquanto lhe durou a vida, sempre mandou nelas os nossos Religiosos. E sempre, assim ele como os reis que lhe sucederam, os acharam prestes e aparelhados para este serviço que eles com grande pontualidade exercitavam, não só em aquela manhã do princípio do descobrimento e conquista da Índia, mas em todo o outro tempo até o presente em que estamos, a que por nossos pecados não sei se podemos chamar a tarde e fim desta oriental monarquia, não havendo em todos estes cento e trinta e tantos anos ocasião de converter infiéis, em que os reis de Portugal, vizo-reis da Índia e os bispos destas partes não lançassem mão deles para semelhantes empresas, [sabendo] por experiência a boa conta que delas davam e a boa vontade com que aceitavam estes trabalhos. E ainda muitas vezes, movidos do zelo da honra de Deus e bem espiritual dos próximos, eles mesmos para eles se lhes ofereciam, que, como sua pretensão era não fazerem-se poderosos com as coisas da terra nem grangearem as riquezas nem possessões dela, mas sòmente ampliar e estender os termos da nossa santa fé católica, não se envergonhavam de solicitarem estas ocasiões nem de para elas se oferecerem, do que temos mostrado nesta nossa história muitos exemplos, e o prova assás o que neste capítulo havemos de tratar.

Pois, vendo os Frades Menores quão boa ocasião deparava Deus Nosso Senhor em os seus santos desejos em a conquista do reino de Jafanapatão, feita e gloriosamente acabada pelo grande capitão Filipe de Oliveira, e a grande porta que se lhes abria naquele reino para conquistar muitas almas para Deus, de novo se ofereceram assim ao Vizo-Rei como ao bispo de Cochim D. fr. Sebastião de S. Pedro, para conseguirem o ministério da Cristandade que muitos anos havia que eles tinham aí começado e continuado com grande aproveitamento das almas. E eles // lhes agradeceram muito este serviço que a Deus **890**
queriam fazer e lhes concederam de muito boa vontade esta licença, encarregando-lhes aquela espiritual conquista e dando-lhes ordem para que em todo aquele reino pudessem edificar novas igrejas, além das que tinham edificadas, e fazer para com os novos cristãos o ofício de curas, como até então faziam.

E por que se veja o conceito e opinião que os prelados da Igreja tinham dos nossos Religiosos, quando com algum respeito particular se não deixavam cegar, porei aqui fàcilmente o traslado de uma provisão que nesta ocasião nos passou o senhor bispo de Cochim já

nomeado, que porventura não foi dos mais afeiçoados e bem afectos que cá tivemos para as nossas coisas neste Oriente, que não será pequeno argumento de falar verdade, pois se pode presumir que ela é e não alguma demasiada afeição o que o moveu a confessar de nós semelhantes coisas. A provisão é na maneira seguinte:

«D. fr. Sebastião de S. Pedro, por mercê de Deus e da santa Igreja Romana bispo de Cochim, do Conselho de Sua Majestade, etc. Aos que esta nossa provisão virem, saúde em Jesus Cristo Nosso Senhor. Fazemos saber que, considerando nós o muito fruito que os religiosos de S. Francisco têm feito na cristandade da ilha de Ceilão, e por serem os primeiros que na dita ilha pregam a lei de Deus convertendo muitas almas, padecendo martírio e grandes trabalhos pela exaltação da fé católica; Considerando outrossim que há muitos anos que entraram no reino de Jafanapatão onde têm muitas igrejas e convertida muita gente, e serem muita parte para que o Chingali que tirânicamente possuía aquele reino, fosse preso; Considerando outrossim a criação que os ditos religiosos têm feito no príncipe herdeiro daquele reino e quão afeiçoado o têm à nossa santa fé, esperando-se cada dia que com todo aquele reino se baptize por meio e doutrina dos ditos religiosos, Havemos por bem que os ditos religiosos se ocupem no ministério da cristandade em todo o reino de Jafanapatão até a Ponta das Pedras e Trinquilamalê e Batecalou, e que no dito distrito em que tanto têm trabalhado e trabalham cada dia, se ocupem, e possam levantar de novo igrejas nos ditos lugares e distritos, tantas quantas lhes parecer serem necessárias, e nas ilhas adjacentes, para o que lhes damos licença e autoridade e para poderem pregar a fé e exercitarem o ofício de converter almas e administrar os sacramentos aos cristãos já convertidos e que de novo se converterem. E mandamos ao capitão de Manar ou pessoa que governar o dito reino de Jafanapatão, que em tudo favoreçam aos ditos religiosos de S. Francisco e os deixem livremente usar desta nossa provisão. Dada nesta fortaleza de Manar, sob nosso sinal e selo da nossa chancelaria, aos vinte de Julho do ano de
891 1619 (1). // António Coelho a fez. D. fr. Sebastião Bispo de Cochim.

Esta provisão originalmente se guarda no cartório do convento de S. Francisco de Goa, e se no que nela diz dos nossos Religiosos se não enganou o bispo, se verá nos seguintes capítulos.

---

(1) O bispo de Cochim D. fr. Sebastião de S. Pedro estava de visita pastoral em Manar a 5 de Junho de 1619, como se vê de Pissulancar, *Assentos*, 1, 60.

COMO OS NOSSOS RELIGIOSOS CONVERTERAM E BAPTIZARAM AO PRÍNCIPE DE JAFANAPATÃO E A RAINHA SUA MÃE E OUTRAS PESSOAS DE SANGUE REAL

CAPÍTULO 48

Agora será bem tratarmos do grande e copioso fruito que os nossos Religiosos colheram no reino de Jafanapatão, e começaremos pelo príncipe herdeiro e outras pessoas reais que eles converteram à à nossa santa Fé e deram o santo baptismo.

Por morte de Para Raxa Chegra Pandará, rei de Jafanapatão, lhe ficou um filho de seis ou sete anos que ele na hora da sua morte entregou, juntamente com o governo do reino, a seu irmão mais velho, como acima fica contado. Depois que se alevantou com o reino o Chingali, bem se deixa ver o risco que correu a vida deste inocente porque, quem tanto cuidado teve de matar todos os que eram de sangue real, mal se descuidaria de querer tirar a vida a quem era o príncipe daquele reino, filho último e legítimo do seu último rei. Mas Deus que o guardava para Si, lhe deparou por sua divina providência os Frades Menores, os quais não sòmente lhe guardaram a vida do corpo mas também lhe deram a da alma, convertendo-o à fé de Cristo Senhor Nosso e fazendo-o cristão.

Porque, vendo a rainha sua mãe ao Chingali apoderado do reino tirânicamente e à custa de tanto sangue real e entendendo a má tenção que para o príncipe seu filho tinha, o entregou ao P. fr. Luís de S. Diogo (1), reitor da nossa casa da Senhora dos Milagres, pondo-lho nos

---

(1) Fr. Luís de S. Diogo em 1595 era corista subdiácono, estudante no convento de S. António de Baçaim (*Tábua de 1595*, 185). Em 1616 estava em Manar possìvelmente como reitor, e aí baptizou o modeliar Branco D. Pedro de Betancor, e ainda aí continuava no ano seguinte (Queirós *Conquista*, 377, 380). Seria também em 28 de Outubro de 1616 que ele pregou na igreja de Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão, quando fr. Pedro de Betancor festivamente fez levar a imagem da titular para a igreja ainda em construção

braços dizendo, não sem muitas lágrimas, que aí lho entregava e que já não era seu filho senão seu dele, e que se o Chingali o matasse, ele daria disso conta a Deus, pois ela aí lho entregava em sua guarda e amparo. O padre o recebeu com muita caridade. O que sabendo o Chingali, e veio ter com ele como um raio, e foi para lho tirar dos braços onde ainda o tinha, requerendo-lhe com grandes gritos que lho
892 largasse. O que o Padre nunca consentiu; e o mesmo // menino, como se tivera mais idade para poder recear seus males, vendo o Chingali diante começou a aferrar-se tão fortemente do Padre e com tantas lágrimas que até com os dentes apegava dele, o que causou nos que presentes estavam não pequena compaixão, ajudando-o com as suas a celebrar aquele acto.

E depois que o capitão-mor Filipe de Oliveira prendeu o Chingali, segundo temos contado, tornou a entregar o príncipe ao mesmo Padre por ordem de justiça e em nome de Sua Majestade, para que a todo tempo desse conta dele, por não haver outro lugar mais seguro que a sua cela. E o padre se encarregou dele, e com tanto cuidado tratava da sua vida que nunca o largava; e por o ter mais seguro, dormia na sua cela e no seu próprio catre, fechando a porta com uma grande tranca e as janelas com dois fortes cadeados.

E depois que o arache D. Luís se alevantou com o reino, como também fica contado, insistia muito e mandou pedir ao Padre por muitas vezes e com grandes promessas de dinheiro que lho entregasse. Mas o que resultou desta sua importunação foi pôr-se o menino a melhor recado e vigiar-se mais sobre ele, de maneira que, no meio de tantos e tão poderosos inimigos que lhe desejavam beber o sangue, escapou com vida, sendo-lhe este Padre como outro sacerdote Joiadas para o príncipe Joas.

Vendo depois o mesmo capitão-mor Filipe de Oliveira que para a quietação daquele reino era necessário tirar dele o príncipe, o mandou a Ceilão com a rainha sua mãe e outras pessoas da casa real que se entregaram ao geral Constantino de Sá, o qual tornou a entregar o mesmo príncipe aos nossos frades que o recolheram no mesmo seu convento de S.António, onde o menino esteve algum tempo aprendendo bons costumes e as coisas da nossa santa Fé, porque, como o tinham debaixo da sua disciplina, o foram afeiçoando a ela, de feição que mostrava não ter outro maior gosto que falar nas coisas dela, pedindo muitas vezes aos frades que, pois sabia já a doutrina cristã, acabassem de lhe dar o santo Baptismo.

Porém ele se dilatou até a vinda do padre Ministro Provincial fr. Gaspar da Conceição que, vindo visitar aquela ilha e achando ali o príncipe, lhe quis ordenar um baptismo muito solene e de

---

(*ib.*, 551-552). Em 1619 estava de reitor em Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão e ao seu cuidado foi entregue o príncipe filho do rei Pera Ranjera Pandará e também o príncipe que veio do pagode Ramancor, induzido por D. Luís, para se apossar do reino (*ib.* 516, 573-574).

grandes festas, pois tudo estava ele merecendo, assim por ser tal pessoa como pelos grandes desejos que mostrava de querer ser admitido no grémio da Igreja. E enquanto se elas aparelhavam, chegou o Padre fr. António de Nossa Senhora (2) que estava por reféns em Cândia, com um recado de el-rei de Cândia para o geral Constantino de Sá, a quem mandava pedir que houvesse por bem de lhe dar a princesa filha do rei morto (que era uma das pessoas que viera de // Jafanapatão) para a dar por mulher a seu filho rei de 893
Uva e herdeiro de Cândia, e que para isso lhe daria trinta mil cruzados; e prometendo ao Padre que, se acabasse este negócio, lhe faria muitas mercês. Mas como ela estava já para se fazer cristã, não o quis consentir o Geral nem o padre Ministro Provincial, dizendo que por nenhum preço do mundo deixaria de fazer aquelas almas todas cristãs, no que se não fez também pequeno serviço a Sua Majestade, pois a tenção de el-rei de Cândia era ficar-lhe, por razão deste casamento, o direito do reino de Jafanapatão.

Eram os que se haviam de baptizar setenta e cinco pessoas. E depois de estarem já todos bem catequizados pelos nossos frades que foram os que correram com a sua conversão, se fez o baptismo com muita solenidade aos 18 do mês de Junho do ano de 1623. Ao som do repique dos sinos todos da cidade saíram os nossos frades todos em procissão com sua cruz, assim os moradores do convento como os reitores, que todos se ajuntaram aquele dia. E indo diante deles algumas danças e folias, foram caminhando para a casa que serve naquela cidade de Câmara, que fica no cabo da Rua Direita, onde estava o príncipe com a rainha sua mãe e todos os mais que se haviam baptizar. E chegados lá, mandaram recado ao geral Constantino de Sá, o qual acudiu logo, acompanhado do capitão de Columbo e do ouvidor da cidade e do vedor da fazenda e de muitos soldados e todo o mais povo, e se foi para onde o príncipe estava, a quem, em chegando, lançou uma formosa cadeia de ouro ao pescoço com seu relicário. Estava o príncipe, rainha e outros meninos primos seus mui ricamente vestidos, e os mais cada um conforme sua qualidade. Depois de estarem aí juntos, se saíram da Câmara e, vindo pelas principais ruas da cidade que estavam mui bem armadas com muitas alcatifas e cobertores ricos da China lançados pelas janelas, vieram à nossa igreja de Santo António, onde estavam já postas muitas igrejas (3) preparadas com todo o necessário para aquele acto.

E o primeiro que se baptizou foi o príncipe, que se chamou

---

(2) Fr. António de Nossa Senhora em 1595 ficou de família na vigairaria de Negapatão (*Tábua de 1595*, 187). Em 1623 estava de reféns em Cândia, ou como diz Queirós (*Conquista*, 564) era aí reitor.

(3) No manuscrito está muito clara a palavra *igreja*, que todavia no contexto não dá sentido. No original estaria talvez *mesa*. Queirós que também nesta parte aproveita o texto de fr. Paulo da Trindade ou com fr. Paulo da Trindade aproveitou texto comum, traz «onde tudo estava prestes, rico, e aceado» (*l. c.*, 565).

D. Constantino de Sá, cujo padrinho foi o já nomeado geral de Ceilão, e o que o baptizou o padre Ministro Provincial. E se foram baptizando todos os mais por sua ordem com muita solenidade e aparato. E o guardião do convento baptizou a rainha e lhe foi posto o nome Dona Clara, e foi seu padrinho o vedor da fazenda, Ambrósio de de Freitas. Baptizaram-se mais, da casa real, duas irmãs do príncipe que se chamaram Dona Isabel e Dona Maria, e com elas D. Diogo, cunhado do rei morto (a quem cegou o Chingali, como vimos no seu lugar), e Dona Maria sua mulher, irmã de El-Rei, com três filhos e uma filha. Os nomes dos filhos foram D. Filipe, D. Francisco e D.
894 Bernardino, e da filha Dona Inês. // Afora estes, se baptizaram outros muitos que chegaram a número de setenta e cinco, como temos dito. Acabado este acto que se fez com toda a solenidade possível, se recolheu cada um para sua casa. E os meninos, assim o príncipe como os seus primos filhos do cego, ficaram com os mesmos frades e assim estiveram até serem levados a Goa por ordem do vizo-rei D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira, onde foram postos no Colégio Real dos Reis Magos para estudarem Latim e bons costumes.

COMO O PRÍNCIPE DE JAFANAPATÃO TOMOU O HÁBITO DA NOSSA SAGRADA RELIGIÃO E PROFESSOU NELA E DEIXOU O DIREITO QUE NO DITO REINO TINHA, À COROA DE PORTUGAL

CAPÍTULO 49

Um dos soberanos efeitos da vinda do Filho de Deus ao mundo foi render ao suave jugo da sua Lei os reis e príncipes poderosos do mundo, humilhando a sua soberba e abatendo as levantadas asas da sua presunção e fazendo que aqueles que andavam com o pescoço alevantado, sendo levados do seu divino amor e movidos de sua poderosa graça, se humilhassem a receber a doutrina do seu santo Evangelho. Neste sentido explicam alguns expositores aquele verso do Cântico do profeta Habacuc, cap. 3, *Contriti sunt montes saeculi, incurvati sunt colles mundi ab itineribus aeternitatis ejus* (1), onde «pelos caminhos de sua eternidade» se entende o caminho que o Verbo Eterno fez do Céu à terra, vestindo-se da nossa humanidade e fazendo-se homem para remédio dos homens, *id est Deus ipse ad nos per Incarnationem venit*, diz neste lugar um expositor; e pelos «montes» se entendem os monarcas, reis e príncipes do mundo, os quais sem falta são os alevantados e inchados montes deste mundo, alevantados por sua dignidade, inchados pela sua soberba e presunção.

Estes, pois, ouvindo a doutrina evangélica que o Filho de Deus trouxe ao mundo e ensinou nela, por si mesmo primeiro depois por seus sagrados Apóstolos e finalmente por outros pregadores que lhe sucederam, foram rendidos à sua santa Fé e, humilhando sua soberba e altiveza, se humilharam e encurvaram, obedecendo a seus mandados, recebendo sua doutrina e sujeitando-se ao seu Evangelho. E posto que verdade seja que para todos é igualmente a pregação do santo Evangelho, e a todos recebe a si e ao seu rebanho o soberano Pastor

---

(1) *Hab.* 3, 6.

de nossas almas, grandes e pequenos, senhores e servos, príncipes
895 // e vassalos, como aquele que não é aceitador de pessoas, nem respeita tanto em menos o que somos, quanto o que com sua divina graça podemos ser, contudo não se pode negar que é grande crédito e honra para a nossa santa Fé o que se grangeia com se converterem a ela os grandes e poderosos do mundo, pois nisso se manifesta melhor a força da divina graça, poderosa para render e sujeitar os mais soberbos e endurecidos corações dos homens, quais de ordinário são os dos reis e dos príncipes, os quais, quanto mais têm dos bens do mundo, tanto menos apetecem os do Céu, e quanto mais alevantados são em dignidade, tanto mais insolentes são na soberba e presunção. E assim vemos que, com Deus ser Senhor de tanta glória e majestade, se honra de ser rei dos reis, tomando isso por brasão seu, como vemos no Livro do Apocalipse, onde diz o evangelista S. João que trazia Cristo Senhor Nosso este rótulo *Rex Regum et Dominus dominantium* (2) «Rei dos reis e Senhor dos senhores».

E posto que os reis deste Oriente se mostrassem sempre menos capazes desta sujeição, uns pela natural rudeza de seus grosseiros entendimentos, outros por serem demasiadamente dados às idolatrias e superstições, e outros finalmente por serem criados em todas as delícias e regalos da vida, contudo não foram poucos os que, cortando por todos estes impedimentos, se renderam aos divinos chamamentos e se encurvaram aos caminhos soberanos da sua eternidade, sendo instrumentos desta obra os Frades Menores, filhos desta santa província de S. Tomé da Índia Oriental, como claramente o poderá ver o que com atenção ler esta nossa história, sendo um deles o príncipe de Jafanapatão de que imos tratando, o qual, como já fica dito, foi trazido à nossa santa Fé pelos Religiosos nossos e deles aprendeu a doutrina cristã e bons costumes, dando de tudo tão boa conta como neste capítulo se verá.

Alguns sete ou oito anos esteve este príncipe no nosso Colégio Real dos Reis Magos de Bardês, aprendendo a ler, escrever, cantar e Latim, e sempre com grandes desejos de largar o mundo de quem tão desenganado estava, e de servir a Deus. E manifestando muitas vezes este seu intento aos prelados da Ordem, trabalhava por mostrar por obras não desmerecer favor nesta santa pretensão. E tendo já a idade do sagrado Concílio Tridentino e estando suficientemente instruído na língua latina, lhe deram o hábito neste célebre convento de S. Francisco de Goa aos 4 de Fevereiro do ano de 1632, e perseverando na sua vocação, louvàvelment acabou o ano do noviciado, dando
896 sempre mostras de muita virtude, sendo o primeiro // nas obrigações daquele estado, servindo a todos com muita diligência e alegria e ocupando-se nos exercícios de humildade (em que a nossa sagrada Religião

---

(2) *Apocal*, 19, 16.

tanto se esmera com tanta vontade que ficava tendo esta singularidade nele tanto esplendor, assentando-se como rico esmalte em o fino ouro de sua real nobreza. E para que o acto de sua profissão fosse feito com mais solenidade como era razão, se deu conta ao vizo-rei da Índia, que então era D. Miguel de Noronha, conde de Linhares, o qual quis assistir a ela, como assistiu, com toda a nobreza e fidalguia desta cidade, não faltando também a este acto os prelados de todas as outras Religiões que juntamente com os seus religiosos o quiseram solenizar. E em presença de todos fez a sua profissão com muitas lágrimas e devoção, no ano seguinte de 1633, e tomou por nome fr. Constantino de Cristo. E querendo antes disto fazer testamento e dispor de suas cousas, ajudado do conselho dos nossos religiosos que sempre em tudo foram sua guia, deixou escrito que como príncipe e herdeiro do reino de Jafanapatão [todo o direito que] tinha nele, [o deixava] à coroa de Portugal. E por que melhor se veja a razão e prudência com que o fez, poremos aqui a verba do seu testamento, tirada à letra fielmente, que é na maneira seguinte:

«Declaro que sou filho legítimo de Para Raxa Pandará, rei de Jafanapatão e da Rainha Dona Clara sua mulher, e como tal me cabe legìtimamente o dito reino de Jafanapatão por sucessão, como príncipe que sou dele e filho do sobredito rei, o qual foi sempre fiel e muito obediente a Sua Majestade e a seus ministros, satisfazendo em todo o tempo que reinou com as páreas a que estava obrigado, sem nunca cometer rebelião ou desobediência. E porque ao tempo de sua morte que foi natural e de sua enfermidade, eu era menino e estava ainda na idade pupilar, sem ser capaz de poder governar o dito reino, o deixou encomendado a um irmão seu e tio meu, para me empossar dele como tivesse idade conveniente para isso. E nesta vagante sucedeu a rebelião do Chingali que tirânicamente pretendeu usurpar o dito reino e introduzir-se nele, matando ao dito Governador meu tio e outras pessoas da casa real, com que deu ocasião para o Vizo-Rei deste Estado acudir com suas armas, prendendo e degolando ao dito Chingali e pondo capitão e presídio no dito reino. Conforme o que de direito me cabe à sucessão dele, e porque foi Deus servido trazer-me não só ao conhecimento da sua santa Fé católica mas também // fazer-me 897
religioso nesta sagrada Religião onde recebi o santo baptismo e a boa criação que me deram os seus religiosos, seguindo seus conselhos, e conformando-me com o que D. João Párea Pandar, imperador da ilha de Ceilão, e D. Filipe, rei de Cândia, que por morrerem sem herdeiros de direito deixaram por suas mortes a El-Rei nosso senhor seu império e reino, renuncio todo o direito, acção, domínio e possessão que por qualquer via tenho no dito reino de Jafanapatão em el-rei de Portugal meu senhor, para que, como de cousa sua, disponha, use e goze na maneira que lhe parecer, e dimito de mim a posse que tenho ou tive no dito reino e a ponho no dito Senhor com todas as cláusulas, soleni-

dades e requisitos em direito necessários, que todos hei por expressos e declarados como se deles e de cada um fizera específica menção».

O treslado autêntico deste testamento se mandou por suas vias a Sua Majestade a Portugal ([3]).

([3]) Não se conhece esse treslado autêntico nem qualquer cópia deste testamento. De fr. Constantino de Cristo escreve fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 17): «Foy tambem convertido o Princepe herdeiro deste Reyno (de Jafanapatão) com a Rainha sua may, e duas Infantes; o qual se fez Religioso da mesma Provincia de São Thomé, renunciando o Reyno à Coroa de Portugal; e nella viveo, e morreo com grande exemplo de vida, chamado Frey Constantino de Christo; foy Guardião muitas vezes, e Diffinidor, e depois de o ser do Convento de Goa, cabeça daquella Provincia, sendo Reytor do Collegio Real dos Reys Magos, faleceo com mais pressa, que a esperança de que seus annos dava [...]. As Infantes se fizerão Religiosas no Convento de Santa Monica desta cidade de Goa, vergel de suavissimas plantas, agradaveis flores do seu Esposo Jesus: hua se diz Dona Maria, que hoje (de 1680 é a censura da obra) vive com muyta reputação; Dona Isabel a outra, que em flor se murchou, para lograr fruto no jardim da Gloria».

COMO NO REINO DE JAFANAPATÃO FORAM BAPTIZADOS PELOS NOSSOS FRADES DESDE O ANO DE 1624 ATÉ O DE 1626 CINQUENTA E DUAS MIL ALMAS E ENTRE ELAS DUAS RAINHAS, UMA PRINCESA E QUASE A NOBREZA TODA DAQUELE REINO

CAPÍTULO 50

Uma das coisas que mais diante dos olhos trazia o valoroso capitão Filipe de Oliveira depois de ter conquistado o reino de Jafanapatão, era dar ordem com que todo ele se convertesse à nossa santa Fé e se fizesse cristão, parecendo-lhe que com isto por uma parte satisfazia em alguma coisa a grande obrigação em que a Deus estava por tantas mercês quantas lhe fez naquele reino, dando-lhe tantas vitórias, e por outra ficava Sua Majestade tendo aqueles vassalos mais seguros e com menos suspeita de se rebelarem, sendo todos de uma mesma lei. E deste pensamento digno de seu generoso ânimo e cristão peito, depois de ter o reino apaziguado, escreveu uma carta ao Padre Comissário Geral desta Província // que então era o P. fr. Luís da Cruz [1], **898**
em que, depois de lhe relatar as muitas mercês que Deus naquela Conquista lhe tinha feito e o ditoso fim que alcançara de todos os seus trabalhos que era dar a El-Rei nosso senhor aquele novo reino, lhe pedia com todo o encarecimento lhe mandasse muitos Religiosos seus, porque determinava de, com o favor de Deus e indústria e trabalho deles, converter todos aqueles infiéis, para que lhe prometia todo o seu favor, e assim para o particular da conversão deles como para a edificação das igrejas que de novo se haviam de fazer.

Tiveram os Religiosos desta santa Província esta ocasião por caída do céu e assim a tiveram em muita estima, agradecendo muito a Deus Nosso Senhor dar-lha tão boa de O servir e ganhar muitas

---

[1] Fr. Luís da Cruz, franciscano da Província de Portugal, esteve na Índia como Comissário Geral desde 1622 a 1625 (veja-se acima Parte I, cap. 21).

almas para Ele. E posto que muitos se ofereciam para esta tão santa obra, contudo não foram mandados mais que aqueles que por então pareceram necessários, e alguns deles doutos, porque assim o pedia o Capitão-mor, por que tivessem a suficiência que para a catequização de tantas almas se requeria. E, sendo favorecidos de Deus, foram tantos os que se convertiam e recebiam o santo baptismo, que desde o ano de 1624 até o de 1626 tinham baptizado naquele reino cinquenta e duas mil almas e ao diante se baptizaram ainda outras mais, e entre elas toda a nobreza e gente principal dele.

E no ano atrás de 1622, a 2 de Agosto, se tinham baptizado duas rainhas, ambas irmãs, mulheres do rei morto Para Raxa Sagra Pandará, e uma filha sua de doze ou treze anos com outra muita gente em a nossa igreja de Nossa Senhora dos Milagres, sendo reitor dela o P. fr. António de Santa Maria, que foi o que trabalhou muito para converter as rainhas que ao princípio se mostraram não pouco duras. E para este baptismo se puseram na igreja duas mesas: Na primeira, que estava na capela-mor, se baptizaram as duas rainhas e uma filha sua, e elas houveram nome D. Clara da Silva e D. Antónia e a menina D. Catarina, e foi o seu padrinho Filipe de Oliveira; na outra mesa que estava no corpo da igreja, se baptizou a mulher do modeliar branco D. Pedro de Betancor com dois filhos e uma filha, a ela lhe foi posto nome D. Maria e aos filhos Filipes, e assim mais a mulher do arache modeliar D. Francisco Betancor, a que foi posto nome D. Clara, com mais dois meninos irmãos seus, Filipes. E depois destes se baptizou um talear de Navala com sua mulher e três filhos, e ele e os filhos se chamaram Filipe e ela D. Maria. A este talear, dando-lhe o Padre Reitor um *Flos Sanctorum*, o leu todo; e depois andava pelejando com os mais gentios porque se não baptizavam, contando-lhes
899 o que sabia do *Flos Sanctorum* e do // catecismo. De todos estes foi padrinho Filipe de Oliveira com muito gosto seu, como quem tanta parte tinha na sua conversão. Depois se baptizaram muitas pessoas da obrigação das rainhas. E foram os baptizados deste dia por todos mais de trezentas pessoas (2).

Acabado o baptismo, pediu a rainha mais velha ao padre Reitor lhe trouxesse uma imagem da Senhora que estava no altar, pequena, e tendo-a a par de si levantou as mãos ambas ao céu, fazendo-lhe uma grande reverência; e tomando a filha pela mão, lhe mandou que pusesse as suas junto às da Senhora, o que ela fez e a beijou. E falando com a imagem disse: — «Senhora, já agora somos todas três vossas servas e cativas, o que vos peço que vos mostreis Mãe e Senhora nossa e amparo de esta orfã». E pondo os olhos no padre Reitor lhe disse: — «E vós, Padre, pedi isto mesmo a esta Senhora para que nos conceda para todas este bem, pois vós estais em lugar de pai». E depois beijou os pés à Senhora, e o mesmo fez a princesa e a outra

---

(2) Anota também este baptismo solene Queirós (*Conquista*, 559-561).

rainha. E com isto se recolheram para suas casas. E estas duas rainhas com a princesa sua filha foram mandadas para Ceilão com o príncipe e rainha sua mãe e outras pessoas da casa real pelo capitão-mor Filipe de Oliveira, por entender ser assim necessário ao serviço de Sua Majestade; e ali estiveram algum tempo. Porém, o vedor da fazenda Lançarote de Seixas tornou a mandar para Jafanapatão estas duas rainhas com esta princesa, ficando em Ceilão o príncipe e a rainha sua mãe e uma irmã sua. E todas elas e eles receberam o santo baptismo por mãos dos nossos frades, uns em Ceilão e outros em Jafanapatão como temos contado.

Afora estes baptismos se fizeram mais outros três gerais, e o primeiro a véspera de N. Senhora da Conceição, o segundo no seu dia, o terceiro no dia de N. Senhora do Ó do ano de 1624, os quais se fizeram com muita solenidade e aparato na mesma igreja da Senhora dos Milagres. E nestes se baptizaram muitos dos príncipes deste reino e inumeráveis do povo. Baptizaram-se os três modeliares, que são os governadores do reino, porque o quarto estava já baptizado, havia muito, pelo P. fr. Pedro de Betancor, como temos dito; e quase todos os araches, que são os capitães, com suas famílias, que passaram de quinhentas almas; e quase todos os brâmanes e principais dos pagodes, e assim naturais como forasteiros com suas mulheres e famílias, que chegariam a cento e cinquenta. E se fez com o capitão-mor Filipe de Oliveira que se lançassem do reino // os outros brâmanes forasteiros que não quiseram receber a Fé, por serem de grande estorvo e impedimento da cristandade. Receberam mais o santo baptismo dois baneás e dois adiviras (3) de Panangamo, que são seus duques e marqueses, com cinquenta ou sessenta pessoas mais de suas casas e parentes, e alguns vinte cumarás (4), que são os que têm razão com a casa real, e, entre estes, quatro eram príncipes por serem sobrinhos do rei, e quatrocentos careás entre homens e mulheres, entrando aqui toda a gente principal desta casta que é das principais deste reino, e nove patangatins, que são as cabeças das suas nove terras ou aldeias. 900

Além disto se baptizaram em outro baptismo mais de seiscentos meninos e meninas, filhos dos careás, que não passavam de dez até onze anos . Em os três baptismos gerais houve sempre pregação na mesma língua, e nela pregaram o P. fr. António de S. Bernardino, reitor da mesma casa da Senhora dos Milagres, e o P. fr. Francisco de Santo António (5), reitor da igreja de S. Filipe e S. Tiago

(3) Dalgado (*Glossário*, 2, 403) define *vaneá* o «rico-homem ou duque em Ceilão; actualmente é o principal funcionário indígena duma divisão da Província Oriental»; e *adivira* um «título de nobreza em Ceilão» (*ib.*, 2, 449); e exemplifica com frase de Queirós (*Conquista*, 537) que é a mesma do texto aqui.

(4) *Cumara*, segundo Dalgado (*Glossário*, 1, 333), é o «príncipe, infante, na Índia».

(5) Fr. Francisco de S. António em 1595 ficou vigário na vigairaria do Bom Jesus de Cananor (*Tábua de 1595*, 187), a não ser que seja ele o Capucho que nesse ano era corista no convento da Madre de Deus de Goa (*ib.* 185). Em 1614 passou de Cochim à Casa de Nossa Senhora da Vitória de Jafanapatão;

de Nelur, ambos mestres na língua da terra e mui peritos nela; e o fizeram com muita satisfação de todos. Nestes baptismos se achou sempre, para mais solenizar, o capitão-mor Filipe de Oliveira e o Vigário da vara daquele reino, e grande concurso do povo, que acudiam não só os cristãos mas também os gentios, para verem aquele acto, particularmente quando se baptizaram os modeliares que, como eram pessoas tão principais, concorriam todos a vê-los e com o seu exemplo se moveram muitos a fazer o mesmo. E afora estes baptismos que foram os gerais, se fizeram muitos outros particulares em que se baptizaram infinitos deles, de tal sorte que quase todo o reino é cristão. Concluo este capítulo com dizer que se houvera um vizo-rei que no particular da conversão dos infiéis tivera o zelo que tinha Filipe de Oliveira governando o reino de Jafanapatão, houvera muito poucos gentios em Goa, Salsete, Bardês e mais partes deste Estado.

---

e de peça de madeira que levou, mandou fazer a imagem de Nossa Senhora que depois se chamou Nossa Snhora dos Milagres (adiante, cap. 52 e Queirós, *Conquista*, 543). Em 1619 em S. João do Cais dos Elefantes em Tanadiva ajudou eficazmente a repelir o assalto de um arrenegado D. Pedro (Queirós, *Conquista*, 511). Em 1626, como diz o texto, era reitor da igreja de Nelur, erguida no lugar da antiga cidade dos reis de Jafanapatão. Das suas actividades literárias em língua indígena, fala o cap. seguinte.

DAS IGREJAS QUE FUNDÁMOS EM O REINO DE JAFANAPATÃO DEPOIS QUE PELOS PORTUGUESES FOI CONQUISTADO PARA A COROA DE PORTUGAL E DO NÚMERO DOS CRISTÃOS QUE NELAS TEMOS

CAPÍTULO 51

// Querendo o profeta Isaías dar a entender os muitos infiéis que **901**
os sagrados Apóstolos haviam de converter à fé de Cristo por meio da sua pregação, discorrendo para este efeito por diversas partes do mundo, levando a todas as nações o lume do santo Evangelho, diz não com pequena admiração, em o capítulo LX de suas profecias: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant, et quasi columbae ad fenestras suas* (1). Onde notam os expositores sagrados que com muita propriedade comparou aqui o profeta aos Apóstolos a estas duas cousas, a nuvens e a pombas: A nuvens quando por esses ares despedem de si doces águas com que fertilizam a terra, porque, discorrendo eles por diversas partes do mundo, não houve nação em todo ele a que não comunicassem as doces águas de sua celestial doutrina, conforme aquilo de um salmo, *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terrae verba eorum* (2); a pombas que entre todas [as aves] são as mais fecundas, porque eles o foram tanto que foram inumeráveis os filhos que por meio da sua pregação para Deus geraram, segundo aquilo do vaso da eleição, o Doutor das Gentes: *Per Evangelium ego vos genui* (3). E assim como dando o mesmo profeta à Igreja Católica os parabéns desta tão grande multiplicação de filhos que havia de ter mediante a pregação dos sagrados Apóstolos, acrescenta no mesmo lugar, falando com a mesma Igreja: *Tunc videbis et aflues, mirabitur et dilatabitur cor tuum, quando conversa fuerit ad te multitudo maris,*

---

(1) *Isaías* 60,8.
(2) *Salmo* 18, 5.
(3) *I Cor.* 4, 15.

fortitudo gentium venerit tibi ( ), como se dissera então: Vereis, Igreja Católica, a multidão dos que hão-de crer e vos alegrareis, e ficará o vosso coração não menos cheio de espanto que de alegria quando virdes que por meio dos sagrados Apóstolos vêm a vós pela Fé todas as nações do mundo e muitos reis, príncipes e monarcas dele, dilatando-se com grande glória os vossos limites por toda a redondeza da terra e estendendo por todas as partes o vosso império.

Nuvens velozes e pombas fecundas foram sem falta os Frades Menores em este novo mundo oriental, pois discorrendo por todos os reinos e províncias que nele há desde o Cabo de Boa Esperança até as remontadas ilhas do Japão, pregaram a fé a todos os infiéis deste Oriente, convertendo inumeráveis deles e dando-lhes o santo baptismo, e entre eles a muitos reis, príncipes e pessoas de sangue real, dando com o copioso fruito de sua pregação muita glória a Deus, honra à nossa sagrada religião e contentamento à Igreja Católica,
902 dila//tando por todas estas partes os seus limites e estendendo por todos estes reinos o seu império, de que é bom testemunho o que eles fizeram em o reino de Jafanapatão onde foram inumeráveis os gentios que converteram e baptizaram particularmente desde o ano de 1624 até o de 1626, e muitos os baptismos gerais que se celebraram, trazendo ao conhecimento da fé a muitos príncipes, muitas rainhas e outras pessoas reais, como consta do que atrás fica contado. Fundaram-se outrossim muitas igrejas assim na terra firme como nas ilhas circunvizinhas, o número das quais e os cristãos que em cada uma delas há, em o ano de 1634, que foi quando se fez esta computação, poremos aqui com toda a brevidade.

A principal igreja que neste reino temos é a da Senhora dos Milagres , de cuja fundação atrás fica largamente tratado. É guardiania e reside nela o Comissário daquele reino, que de ordinário é o Guardião, debaixo de cuja jurisdição ficam todos os religiosos que residem naquele reino e em Manar e Mantota. Temos aqui cristandade e chegam os fiéis a número de 630, falando dos de confissão, além dos quais há mais cento e oitenta e sete meninos de doutrina, que fazem ao todo oitocentos e dezassete, fora as crianças de peito. Há nesta igreja um colégio de meninos onde temos de ordinário quinze ou vinte colegiais que se sustentam do suor e pobreza dos frades, cujo quotidiano exercício é aprenderem ler, escrever, cantar e tanger, e o Latim; e todos os dias se ocupam em louvor da Senhora dos Milagres debaixo de cujo amparo militam, cantando-lhe em sendo manhã, ao romper da alva, o seu hino *O Gloriosa Domina* com o seu verso e oração, às duas horas lhe tornam a cantar o hino *Ave Maris Stella* também com seu verso e oração, à boca da noite lhe cantam as suas ladainhas com a *Salve* e antífona que começa *Tota pulchra es Maria*, outrossim com seu verso e oração, ao que acode o povo todo com muita devoção. E por ser aqui a povoação dos Portugueses, se depo-

---

(4) *Isaías* 60,5.

sita há já alguns anos nesta igreja o Santíssimo Sacramento com grande consolação deles e dos Religiosos, por entenderem quanto vão emparados com a sua presença e quão seguros com a sua defensão em o meio de tantos inimigos.

A segunda igreja se intitula Nossa Senhora da Salvação, está na aldeia chamada Nelur (5), ou como é o seu próprio nome Nalaur, que naquela língua é o mesmo que «Boa Aldeia» ou «Boa Terra». E por ela ser essa, tinha naquele lugar o Chingali e outro rei passado os seus // paços reais. E nesta igreja fez o P. fr. Pantaleão da Madre de **903** Deus (6), sendo reitor dela, sete mil almas cristãs, que todas converteu e baptizou com suas próprias mãos; e vinham à doutrina todos os dias mais de seiscentos meninos que com suas cruzes, repartidas pelos bairros, entravam na igreja cantando a doutrina cristã na mesma língua da terra que é o tamul, que o Padre sabia excelentemente. Tem esta igreja ao presente 3760 almas de confissão entre homens e mulheres, e mais 870 meninos, fazendo ao todo 4640 cristãos.

A terceira está na aldeia Chavacheira e é dedicada às Chagas do nosso Padre S. Francisco (7). E tem 2700 almas de confissão e 1467 meninos de doutrina, e fora 207 crianças de peito, fazem ao ao todo 4374 fiéis.

A quarta igreja está em Cachai, da vocação do Padre S. António (8). Tem 3.825 almas de confissão e mais 1320 meninos, que fazem ao todo 5145 cristãos.

A quinta igreja é de N. Senhora de Guadalupe em Copai, que era o lugar em que antigamente estavam os paços reais deste reino, e foi onde mataram os inimigos da Fé, em tempo do vizo-rei D. Constantino de Bragança, ao nosso venerável P. fr. Belchior de Lisboa, custódio desta Custódia , com seus companheiros que estavam ocupados em converter e baptizar aqueles naturais. Tem 2015 pessoas de confissão e 581 meninos de doutrina, e fazem ao todo 2596 almas.

A sexta igreja é de N. Senhora do Parto de Manipai. Tem 2292 almas de confissão e 1107 meninos, que fazem ao todo 3399 pessoas.

---

(5) Nelur era a cidade corte do rei de Jafanapatão, e assentava a cerca de meia légua da fortaleza que os Portugueses construíram. Já na paz firmada entre D. Constantino de Bragança e o rei de Jafanapatão em 1560 se assentara começar imediatamente a construção de igrejas em Nelur, etc., o que não teve efeito por motivo da derrota que logo dias depois ali sofreram os Portugueses (Queirós *Conquista*, 299). A igreja e reitoria deviam ter sido fundadas pouco depois de 1619 com o título que o texto no cap. precedente diz ser S. Filipe e S. Tiago e aqui Nossa Senhora da Salvação. Queirós na lista das igrejas assistidas pelos Franciscanos em Jafanapatão não anota Nelur (*ib.* 567) ou então anota-a com outro nome.

(6) Fr. Pantaleão da Madre de Deus em 1595 era corista, estudante no convento de S. Francisco de Goa (*Tábua de 1595*, 184). Não consta o tempo certo em que foi aqui reitor.

(7) Queirós grafou Chavacera (*Conquista*, 567). Actual Chavakachchery.

(8) Queirós não a nomeia.

A sétima igreja está em Uruiur, que é o mesmo que «sete aldeias», por tantas serem as daquela jurdição, e se intitula da Conceição. Tem 1215 pessoas de confissão e 1106 meninos, que fazem ao todo 2321 cristãos.

A oitava igreja é a da Ponta das Pedras, da vocação de N. Senhora da Boa Viagem. Tem 3956 pessoas de confissão e 556 meninos de doutrina; somam 4512 almas.

A nona igreja é de Putur, da vocação de N. Senhora da Vitória. Tem 2260 almas de confissão, e meninos de doutrina 260, que fazem ao todo 2520 cristãos.

A décima igreja é Cateveli ([9]), da vocação da Madre de Deus. Tem entre homens e mulheres 1930 pessoas de confissão e 1300 meninos, e fazem ao todo 3230 pessoas.

A undécima igreja é a de Chudocolim e se chama S. João Bap-
904 tista ([10]). // Tem 2050 pessoas de confissão e 400 meninos de doutrina; somam 2450 cristãos.

A duodécima igreja é Urupeti ([11]). Tem 4000 almas de confissão e 1500 meninos, que fazem 5500 fiéis.

A décima terceira igreja é de Varani, que é um lugar tão privilegiado que, se nas olas, que são as provisões reais que os reis passavam para todo o reino, não faziam dele especial menção, se entendia que não falavam nele. É da vocação de S. Boaventura, e tem 2800 pessoas de confissão, e meninos de doutrina 1330, que somam 4130 almas.

A igreja décima quarta está em Uludu Matual, e se intitula Santa Cruz. Tem entre homens e mulheres 3620 pessoas de confissão, e meninos da doutrina 1500; que somam 5120 pessoas.

A décima quinta igreja é a de Navaculi, da vocação de N. Senhora da Piedade. Tem 1460 cristãos de confissão, e meninos de doutrina 614; uns e outros fazem 2094 almas.

A décima sexta igreja é de S. João Baptista no Cais dos Elefantes, em a ilha Tanadiva. Tem de confissão 3000 almas, e 820 meninos, que fazem juntos 3800 cristãos.

A décima sétima igreja é a de Balana ([12]), da vocação de N. Senhora da Saúde. Tem 880 de confissão, e 500 meninos, que fazem ao todo 1380 almas.

A décima oitava igreja é de Mapeti ([13]), e se intitula S. José. Tem de confissão 2300 pessoas, e meninos de doutrina 400; e somam 2700 almas.

A décima nona igreja é da ilha de Marticota ([14]), da vocação

---

([9]) Cataulay.

([10]) Queirós grafou Chondaculi (*ib.* 567), e diz que primeiro assentou em Columbo (Kolombugam) com o título do Salvador.

([11]) Também com este nome a não nomeia Queirós.

([12]) Em Queirós (*ib.*) Valane.

([13]) Em Queirós (*ib.*) Alapiti.

([14]) Também com este nome não a nomeia Queirós.

de Nossa Senhora de Guadalupe. De confissão tem 1200, e 400 meninos de doutrina; fazem ao todo 1600 almas.

A vigésima igreja é da vocação de N. Senhora da Boa Viagem em a ilha que chamam dos Forçados ([15]), que é de D. Clara, e tem 890 almas de confissão, e meninos de doutrina 400; somas 1290 cristãos

A vigésima primeira igreja [é a] da Ilha dos Brâmanes, e se intitula da Santa Cruz ([16]). Tem entre homens e mulheres 600 almas de confissão, e 400 meninos; e uns e outros somam 1000 pessoas.

A igreja vigésima segunda é da Ilha das Vacas, dedicada à Imaculada Concepção de Nossa Senhora ([17]). Tem 900 almas de confissão e 300 meninos, que fazem ao todo 1200 cristãos.

A vigésima terceira igreja é da vocação de N. Senhora da Concepção de Punarim ([18]). Tem 2000 de confissão, e meninos 1100, que juntos fazem 3100.

A vigésima quarta igreja é de Elaur, da vocação de N. Senhora da Concepção. Tem entre homens e mulheres 1100 pessoas, e meninos 600, que somam 1700 almas.

A vigésima quinta igreja é a dos modeliares, que são os quatro // governadores do reino, que não tem mais cristãos que a eles e aos **905**
araches, que são como senhores e capitães, com suas famílias.

E, segundo esta conta, chegam os cristãos que temos em o reino de Jafanapatão e ilhas a ele circunvizinhas, a número de 71438, os quais todos ou quase todos foram convertidos à fé e baptizados pelos nossos religiosos de dez anos a esta parte, fora quatrocentos que se baptizaram em o mês de Agosto do ano de 1634, que é quando este capítulo se escreve, e outros tantos que estão para logo se baptizarem, segundo escreve o Comissário daquele reino a quem encomendei, por razão do ofício de Comissário Geral destas partes, fizesse com muita diligência e verdade esta computação, ficando fora deste número os cristãos que temos nas igrejas de Mantota de que adiante trataremos, que também são do distrito deste reino, e os que nestes dez anos faleceram, que é uma grande quantidade.

Em todas estas igrejas residem os nossos Religiosos e fazem o ofício de pároco, e todos sabem a língua da terra, e muitos pregam nela e são mestres que a ensinam aos outros, como são os padres fr. Francisco de Santo António, fr. António de S. Bernardino, fr. Mateus

---

([15]) A Ilha dos Forçados (Island of Galley slaves) assentava junto ao Cais dos Elefantes, a oeste de Tanadiva (*ib.* 43). Diz o autor que pertencia a D. Clara, mãe do príncipe fr. Constantino de Cristo, e Queirós diz que pertencia a Tristão Golay de Castelo Branco e não lembra ali igreja.

([16]) A Ilha dos Brâmanes era ao sul da dos Forçados, ambas estendidas junto à costa entre Manar e Jafanapatão. Queirós também não lembra a igreja que ali tinham os Franciscanos.

([17]) A Ilha das Vacas ou Portugaldivo (hoje Now Delft). Queirós também ignorou a sua igreja.

([18]) Queirós (*Conquista,* 541) dá-a como fundada por fr. Pedro de Betancor, logo depois de 1614.

de Cristo ([19]), dos quais este derradeiro fala com tanta propriedade e tão excelentemente esta língua que, como dissemos, é a tamul, que, se o ouvirem falar e lhe não virem o rosto, dirão que é chingalá e não português; e o primeiro, que é o P. fr. Francisco de Sto. António, é tão perito nesta língua que tem trasladado nela o *Símbolo da Fé* do Cardeal Belarmino e a Primeira Parte das nossas *Crónicas* e vai também trasladando as outras. Afora outros muitos religiosos que também eram mui peritos nesta língua, que faleceram, como o P. fr. António de S. Bernardino e fr. Gaspar dos Anjos e outros.

([19]) Não encontro qualquer notícia deste Franciscano.

DA FAMOSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES DE JAFANAPATÃO

CAPÍTULO 52

O glorioso apóstolo S. Paulo, escrevendo aos de Corinto, diz que os sinais e milagres que Deus neste mundo faz são para os infiéis e não para os fiéis [1], porque, como eles sejam uma certíssima confirmação da verdade da nossa santa Fé, tanto mais são eles necessários quanto um menos firme e certificado está // ainda nela, donde se tem 906
alcançado por experiência que mais milagres obra Deus Nosso Senhor entre aqueles que se ocupam na conversão dos infiéis que entre os que vivem entre fiéis. E assim vemos que em diversas partes deste Oriente há algumas imagens tão miraculosas que, se assim como estão cá, estiveram em Espanha ou em outra parte assim da nossa Europa, foram dos mais famosos santuários da cristandade, das quais não tem o ínfimo lugar esta da Senhora dos Milagres, a qual assim quis a divina virtude tão de antemão orná-la com suas maravilhas, que primeiro resplandeceu por milagres do que o macineiro [2] que a fazia em sua casa a acabasse de aperfeiçoar.

Sendo, pois, reitor da igreja (que então tinha o nome antigo de Nossa Senhora da Vitória) o P. fr. Francisco de S.to António, no ano de 1614, mandou fazer uma imagem de vulto de Nossa Senhora para a pôr no altar-mor dela, de um pedaço de pau que trouxera de Cochim [3]. E estando-a fazendo em sua casa o oficial, que era gentio e se chamava Annacuti, antes de a ter acabada e perfeiçoada aos 25 do mês de Maio do dito ano, veio a sua casa um gentio chamado Engabanu e, não se querendo assentar no chão, se assentou sobre a imagem que estava ali; mas ainda bem se não tinha assentado quando se viu com grande força e ímpeto deitado no chão, do qual alevantando-se disse falando com a imagem: — «Ora, já que me lançastes no chão

---

(1) *Linguae in signum sunt non fidelibus sed infidelibus* (*1 Cor.* 14, 22).

(2) Conserva-se a forma *macineiro* usada pelo autor.

(3) Queirós também longamente historia a imagem de Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão com seus prodígios (*Conquista*, 543ss).

hei-me de tornar a assentar em vós, e quero ver se o tornais a fazer». E, assentando-se tornou a imagem com mais ímpeto a dar com ele em terra muito longe do lugar, onde se achou com os vestidos rasgados e quase desacordado, de que não ficaram com pequeno espanto os que presentes se acharam, que era o mesmo macineiro e sua mulher, e começaram dali por diante a ter mais respeito à imagem do que lhe tinham.

Sucedeu depois disto que estando uma filha do mesmo macineiro comendo betre e querendo lançar fora o mastigado, caiu parte dele sobre a imagem, do que foi repreendida pelo dito seu pai, mandando-lhe que alimpasse o que tinha sujo e que não o fizesse mais. E querendo a menina alimpar a imagem, foi por ela derribada no chão onde esteve por um espaço desacordada e sem fala, de que ele Annacuti gentio e sua mulher ficaram mui atemorizados. Daí a alguns dias querendo o mesmo Annacuti macineiro trabalhar na imagem e assentando-se
907 nela para isto, foi também com grande fúria lançado no chão, onde // por espaço de um quarto de hora esteve sem fala e desacordado; e alevantando-se do lugar se achou com grandes dores nas cadeiras e com um pé ferido com o mesmo ferro com que queria lavrar a imagem.

Com estas cousas que em todos os que as viram punham muito espanto, começou a correr a fama desta imagem, e muitas pessoas enfermas se vinham a ela a pedir-lhe saúde para as suas enfermidades, como foi uma Filipa do Prado que padecia, havia muito, grandes dores de estômago e de um espinho que metera pela alma do pé, o qual não podia tirar por mais que nisso trabalhava, e ainda não podia andar sobre ele. E movida com a fama dos milagres que a imagem obrara, se veio a casa do mesmo macineiro, onde ainda estava, aos 12 do mês de Junho do mesmo ano de 1614. Pondo-se diante da imagem, começou a falar com ela pedindo-lhe lhe desse remédio para aquelas dores; e tomando um pequeno de pau que se tinha lavrado da imagem, o meteu na boca, e a pouco espaço ficou sã sem mais ter dores de estômago, e o espinho por si saltou fora, vendo-o todos os que presentes estavam. No mesmo dia uma filha de Cristóvão, meirinho da mesma igreja, tinha grandes dores de olhos dos quais lançava matéria e sangue, e não podia ver cousa alguma. E sabendo o pai o que passava, prometeu à dita imagem um pouco de azeite se lhe sarava sua filha, e logo sarou daí a dois dias, ficando sã sem mal algum.

Estes e outros milagres fez a imagem estando ainda em casa do gentio macineiro, o qual assim estava pasmado e ainda amedrontado que, não se atrevendo mais pôr mão nela, se foi ter com o padre Reitor e, contando-lhe aquelas maravilhas que ele tinha visto com seus olhos, lhe disse que mandasse tirar a imagem de sua casa porque ele não podia já trabalhar nela. Não ficou pouco maravilhado o padre de ouvir ao gentio aquelas cousas, dando muitas graças a Nosso Senhor de haver por bem de querer por aquele meio manifestar a verdade de sua Fé em meio de tanta gentilidade. E por que cousas tão soberanas ficassem sempre em lembrança, fez uma petição ao capitão e juiz ordinário daquele porto de Jafanapatão Amador Travassos de Sousa,

em que lhe pedia tirasse judicialmente e de modo que fizesse fé as testemunhas dos milagres que aquela imagem tinha feitos em casa do gentio Annacuti macineiro para honra de Deus e louvor da mesma Virgem, o que o Capitão fez, tirando um instrumento das testemunhas // em que se contam os sobreditos milagres e outros alguns mais, **908** o qual se guarda no cartório da mesma casa, donde se tirou uma cópia, por pessoa fidedigna, que está em meu poder.

E porque o padre Reitor e os mordomos da Senhora desejavam que se aperfeiçoasse a sua imagem, por se não pôr assim tosca e por acabar no seu altar, trabalharam muito por tirar ao gentio aquele medo que tinha, persuadindo-lhe que era serviço mui agradável o que fazia àquela Senhora em lhe aperfeiçoar e acabar de todo a sua imagem, e para mais lhe facilitarem a obra se foram a sua casa e fizeram altar debaixo de um pavilhão, e ao macineiro lhe mandaram que se valesse dos melhores e mais limpos vestidos que tinha e pusesse na cabeça uma touca nova e com muita reverência pusesse as mãos à obra e acabasse de a perfeiçoar. Mas nem com todos estes resguardos e respeitos se atreveu o gentio tocar na imagem, porque, quando estendia a mão para trabalhar nela, parecia-lhe que já dava com ela em terra.

Enfim, vendo o padre Reitor e mordomos que não tinha isso remédio, se resolveram que ficasse a imagem assim como estava e que em uma mui solene procissão fosse dali levada para a sua igreja da Vitória. E para este efeito, aos 24 de Julho de 1614, tendo já tudo concertado e aparelhado, fizeram a sua procissão; e indo da igreja para a casa do gentio Annacuti em busca da sagrada imagem, trazendo para ela uma rica charola mui bem armada e juntando-se para esta solenidade o Comissário daquelas partes que então era o P. fr. Pedro de Betancor, tão conhecido nelas, e outros religiosos que de Manar vieram, e um sacerdote que ali estava, e os portugueses todos, os quais para aquele dia se vestiram dos melhores vestidos que tinham, não faltando algumas danças e folias, e chegando a casa do gentio e pondo-se em ordem de trazer a bendita imagem, vieram dizer ao Padre Comissário que andava ali alguma gente com armas mandada pelo Chingali (de quem atrás tratámos), a impedir a procissão que não fosse pela rua em que estavam os paços reais. O qual pediu a dois portugueses que da sua parte o fizesse saber ao rei, o qual, mostrando sentimento do Chingali, lhe mandou dizer que não sòmente viesse a procissão pela rua, mas que se fosse necessário ele em pessoa a iria acompanhar.

Com esta resposta que mais parecia de rei cristão que de gentio, se alegravam todos muito e começaram a procissão com muita alegria e devoção, levando os portugueses nos ombros a charola da Senhora e indo no couce o Padre Comissário revestido como se costuma com umas relíquias debaixo do pálio. Chegaram aos paços e se pôs o rei com as rainhas suas mulheres e filhos a um miradeiro, que caía sobre a rua, a ver a procissão, não // pouco admirados de a ver, havendo **909** por todos aqueles caminhos infinidade de gente, todos gentios e infiéis,

muitos dos quais se fizeram depois cristãos sendo conquistado o reino, como fica dito.

Pelo caminho veio também a sagrada Virgem fazendo suas costumadas maravilhas, uma das quais foi que um gentio, vendo tantas festas, alevantando a voz disse: — «Pasmado estou de ver os portugueses, sendo homens que se prezam de o serem e saberem mais que os outros, vestirem-se galantes e fazerem todas estas festas para trazerem às costas um pedaço de madeira da casa de Annacuti para a sua igreja!» Cousa maravilhosa! Que ainda não tinha bem acabado de dizer estas palavras, quando um pelouro perdido lhe deu na cabeça com que as falou, e deu com ele morto em terra: castigo dele bem merecido, pois claro está que quem não sofreu que Oza tocasse na Arca do Testamento indo para cair, menos sofreria a este bárbaro infiel tocar com a sua língua sacrílega em sua Mãe Santíssima figura daquela arca. Nem parou aqui o castigo, mas passando o pelouro da outra banda deu em um topaz cristão que estava junto dele e quase que o aleijou de um braço, ou fosse que se riu do dito ou porque lhe não foi à mão; mas como era cristão, caindo no mal que fizera, arrependido dele, se mandou levar à igreja da Senhora onde teve uma novena, no fim da qual se tornou são para sua casa.

Melhor o fez outro gentio que, vendo da mesma maneira as festas da procissão e sabendo a causa, disse, alevantando as mãos ao céu: — «Se vós, Senhora, sois o que dizem, sarai-me um filho que tenho muito doente de bexigas e eu vos darei uma só palmeira que tenho e um fanão para azeite!» Cousa maravilhosa! que daquela mesma hora se foi achando bem o menino, e depois de ser são veio o pai à igreja e disse ao Padre que mandasse olhar pela palmeira porque a tinha dada à Senhora pela saúde do seu filho.

Chegando a procissão à igreja, foi posta a Senhora no meio dela sobre um altar pequeno, já não com o nome de Vitória mas dos Milagres, que desde aquele dia lhe ficou. E porque respondesse o fim da procissão ao princípio e meio, também nele houve muitas maravilhas, e, em particular, que beijando-lhe todos os pés com muita devoção e humildade, um topaz lhe foi beijar a mão, o qual em lhe tocando a boca se achou ferido nela, lançando muito sangue à vista de todos; e conhecendo sua culpa, com grande sentimento se humilhou
910 ante a imagem beijando-lhe muitas vezes // os pés e pedindo-lhe perdão. Depois que todos lhe beijaram os pés, foi posta pelos Religiosos com muita reverência no seu altar da capela-mor onde foi continuando sempre com os milagres, fazendo verdadeiro o novo nome que lhe deram da Senhora dos Milagres, acudindo a ela de diversas partes muitos enfermos e necessitados a lhe pedir remédio de suas misérias, com que cada vez se fazia mais famosa, como no capítulo seguinte mais largamente contaremos. O gentio que fez esta imagem, estando para morrer mandou chamar aos nossos frades e lhes disse que se queria fazer cristão, que o baptizassem; e assim se fez, e morreu cristão pelos merecimentos da Senhora ,como se pode crer.

COMO DE DIVERSAS PARTES DO SUL ACUDIAM À SENHORA DOS MILAGRES DE JAFANATÃO MUITOS ENFERMOS PARA REMÉDIO DE SUAS ENFERMIDADES

CAPÍTULO 53

É a nossa natureza tão interesseira e amiga do seu proveito que ainda nas cousas de Deus, que só se deviam de estimar por serem suas, aquelas nos são mais aceitas que nos são mais proveitosas. O que notou o evangelista S. Lucas tratando daquela multidão de gente que de toda a Judeia, Jerusalém, de Tiro e de Sidónia seguiam a Cristo. E diz que iam após ele *ut audirent eum et sanarentur a languoribus suis*, «não só para ouvirem a sua palavra, mas também (e por ventura mais) para cobrarem saúde de suas enfermidades» (1). E quando isto nos acontece com o próprio Filho de Deus, não temos de que nos espantar de ver suceder o mesmo em a sagrada Virgem sua Mãe, a qual sendo a mesma em todas as suas igrejas, contudo em aquelas lhe temos mais devoção nas quais costuma abrir os seios da sua misericórdia, acudindo às nossas necessidades com o remédio delas, como vemos nesta igreja de Jafanapatão, a qual por ser de tantos milagres é tão frequentada de todos que não só os que moram no mesmo reino mas de outros, como de todo Ceilão, S. Tomé, Negapatão, Manar e outras partes dessas, vão a ela em romaria, pedindo à Senhora o remédio de suas enfermidades, cujos rogos há ela por bem de ouvir, dando a todos o que lhe // pedem muito à medida de seus desejos. E destes 911
milagres em que a bendita imagem resplandece, pudéramos aqui relatar muitos; mas por evitar prolixidades sòmente tocaremos alguns para honra de Deus que é o autor de todo o bem, e louvor da sua sacratíssima Mãe.

Estando a mulher do síndico dos frades Simão de Abreu com a boca e dentes fechados de ar que lhe dera, sem poder lançar alguma

(1) Nota no texto, à margem: *Luc.* 6, 18.

palavra, lançaram-lhe por força uma pequena de água do cavaco do pau da Senhora, e logo falou e daí a poucos dias se levantou sã.

Manuel Carvalho, casado e morador em Manar, vindo com sua mulher a umas novenas à Senhora dos Milagres, lhe adoeceu um moço. E como, para o sangrarem, o assentassem sobre uma canastra, por muito que o barbeiro trabalhava por meter a lanceta pela veia, já nunca o pôde fazer, antes se lhe dobrava a lanceta. E cuidando o que teria, vieram a cair que na canastra estavam umas cascas do pau da imagem da Senhora dos Milagres, e abrindo-a logo as tiraram fora, e tornando-o o barbeiro a sangrar, entrou a lanceta, do que todos ficaram não pouco espantados.

Uma mulher cristã da terra, por nome Antónia, indo-se lavar a um poço com outras mulheres suas amigas perdeu umas orelheiras e quando as achou menos, ficou muito sentida. E vendo que nem as amigas lhe davam razão delas, se foi à igreja de N. Senhora dos Milagre, e fazendo oração lhe rogou ouvesse por bem de lhe deparar as suas orelheiras. Dormindo a sesta, viu uma mulher mui formosa e resplandecente que tinha na mão uma formosa pedra preciosa e lhe disse: — «Mulher, as tuas orelheiras não são perdidas, mas torna ao poço onde te lavaste, e mais adiante um pouco donde as buscaste, as acharás debaixo de uma casca de balanja (²), que quem as tomou, as escondeu aí, pondo-lhe a casca por sinal. Acordando do sono foi muito depressa ao lugar donde lhe foi dito estavam as suas orelheiras e as achou assim e da maneira que lhe disseram; e deu muitas graças à Senhora.

Veio à igreja da Senhora uma mulher prenhe e por sua devoção se pôs a varrê-la toda, com o qual trabalho lhe deu um fluxo de sangue de que esteve acabada. O que vendo os parentes, prometeram um pouco de azeite para a alâmpada da Senhora. Havendo feita a promessa, sarou logo.

Estando Paulo Pires, morador no Carul, cego e mudo, prometeu a Nossa Senhora dos Milagres uns olhos de ouro e de ir a sua casa
912 em romaria. Foi cousa de admiração que logo viu e foi // falando, e veio cumprir sua novena a casa da Senhora em Jafanapatão, onde por três dias continuou meter na boca um pequeno de azeite da sua alâmpada e no cabo deles falou mui clara e distintamente e se tornou para sua casa são e sem mal algum.

De semelhantes milagres são sem número os que esta Senhora tem feito e faz cada dia, dando saúde a muitos enfermos de diversas enfermidades, uns com porem o pau milagroso na boca, outros com prometerem-lhe um pouco de azeite para a sua alâmpada. E assim escusamos de referir mais que os acima postos.. E contaremos outros milagres que a mesma Senhora fez, dignos de memória.

(²) Dalgado (*Glossário*, 2, 463) anota a forma *balanga* que é «a batata doce, em Ceilão, na zona dravídica», e exemplifica com frase de Queirós (*Conquista*, 548) na narrativa que dá deste milagre.

No ano de 1621 partiu de Bengala uma nau grande e formosa de um homem já morador em Orixa, na qual vinha por capitão um Francisco de Sousa, soldado português. E em apartando-se da terra, lhe sobreveio um tão terrível temporal que deu com o mastaréu da gávea em baixo, não sem dano de alguns escravos que tomou debaixo e os matou. E indo o tempo em crescimento, ficou a nau em poucas horas sem velas, à árvore seca, e ainda depois foi necessário cortar o mastro grande, indo o traquete e mecena por si ao mar, ficando todos atónitos e pasmados em meio daquele grande perigo; e alijando ao mar tudo quanto puderam, e como o tempo, sem embargo de todas estas diligências, estivesse sempre em sua força, um mercador português que também aí vinha, chamado Manuel Rodrigues Teixeira, falando com os mais, disse: — «Chamemos, senhores, por Nossa Senhora dos Milagres de Jafanapatão, porque só ela nos poderá livrar de tal perigo». O que todos fizeram logo , chamando por a Senhora a grandes vozes e clamores, e lhe prometeram suas esmolas. E foi Deus servido que fossem suas orações ouvidas, porque de improviso começou o tempo a enfraquecer e ficar bonançoso e favorável para tomarem a costa de Negapatão.

E dando à Senhora muitos louvores pelo benefício de os livrar da morte que já tinham diante dos olhos, fazendo das suas boas varas de cabrestante uma cruzeta encostada no castelo da proa e pondo nela um bolsozinho de pano, puseram a proa a Negapatão; porém jamais a nau quis fazer para lá seu caminho, sendo assim que, como está dito, lhe servia o vento que então cursava, virando-se a proa, apesar do leme, para Jafanapatão. Entendendo os da nau que aquela era a vontade de Deus e da Virgem sua Mãe, deram o leme para lá e a nau mui quieta foi fazendo sua derrota, onde chegou em poucos dias. E tomando a barra do Cais e querendo entrar, se viram em outro perigo maior porque, como vinham sem piloto da terra que soubesse bem aquela entrada, foram dar // em uma restinga que na ponta da ilha Cardiva **913**
está, onde começou a nau a fazer muita água. Mas tornando a chamar pela Senhora dos Milagres que para aquele porto os guiara, foram livres daquele perigo, indo a nau milagrosamente saindo daquele baixo, e metendo-se no canal veio surgir à porta da nossa igreja S. João Baptista. Desembarcados, todos se foram assim juntos com muita alegria à igreja de Nossa Senhora dos Milagres a dar-lhe as graças pela mercê recebida, e levando às costas a pequena vela com que aí chegaram, lha ofereceram como tinham prometido, e depois de alguns dias deram por ela uma boa esmola e a levaram. E o devoto que os induziu a chamarem pela Senhora, da sua parte só lhe deu cem cruzados e duas alcatifas grandes para o seu altar. A nau se tornou a consertar e fez sua viagem pròsperamente, indo daí a Malaca e daí a Bengala com muito proveito.

Uma vez, em a sagrada noite do Natal do Senhor, estando os nossos Religiosos celebrando as Matinas nesta sua igreja da Senhora dos Milagres, ao tempo que estavam na capela com as cerimónias das

três homilias, ao *Te Deum Laudamus*, naquele verso *Tu ad liberandum susceptures hominem non horruisti virginis uterum*, advertiam todos os que presentes estavam, ficar a Senhora tão clara, formosa e resplandecente como se a pintaram aquele dia, e com uma notável alegria no rosto, sendo assim que está a imagem não só por pintar mas por acabar, não dando lugar a isso os muitos milagres que começou a fazer estando ainda em casa do macineiro, como atrás fica contado. E o capitão-mor Filipe de Oliveira, que também estava na capela e tinha notado o mesmo, pediu ao P. fr. Miguel Varela da Ordem do Padre S. Domingos que a seu lado estava servindo de ministro, que soubesse dos nossos frades se a mandaram pintar para aquele dia, e como lhe dissesse que não, ficou não pouco espantado, dando muitas graças ao Senhor que assim queria honrar em todas as ocasiões a Sua Santíssima Mãe.

DE UMA GRANDE TORMENTA QUE TIVERAM OS MORADORES DE JAFANAPATÀO E COMO POR A SENHORA DOS MILAGRES FORAM SOCORRIDOS

CAPÍTULO 54

// No ano de 1627, aos 20 de Fevereiro, no sábado antes da **914** primeira dominga da Quaresma, sendo o quarteirão da lua minguante, começaram a se engrossarem as nuvens correndo com desconcerto de uma a outra parte, de maneira que de todo escureceram o dia fazendo-o parecer uma sombra da noite; e foram os ventos crescendo até Domingo. E posto que com todas estas cousas estavam não pouco admirados os moradores daquela povoação, contudo parecia-lhes que eram os mesmos tempos, que naquele reino se incham com avantajadas forças do acostumado nas demais terras da Índia. E assim, sendo duas horas da tarde se foram à igreja de Nossa Senhora dos Milagres, onde estiveram ao sermão da Cruz-às-costas. E por o tempo estar então algum tanto sossegado e sem água, começaram a sair com a procissão; mas não pôde ir muito por diante porque, tornando o tempo com grande ímpeto e braveza, a fez recolher com grande sentimento de todos. E daí por diante foi crescendo sempre, de maneira que parecia querer acabar tudo. A noite toda do Domingo foi semelhante à tarde, de águas e ventos, e na manhã da segunda-feira se começaram a ver algumas ruínas de casas e edifícios; e escurecendo-se os céus de nuvens mui grossas, ficou a terra sem luz na sombra da mesma noite, seguindo-se a esta obscuridão grande dilúvio de águas e ímpeto de furiosos ventos, com que cresciam as águas do rio de maneira que pareciam altos montes, as quais se vinham metendo pela povoação alagando-a toda.

O que vendo as mulheres em quem o medo de semelhantes cousas faz sempre maior impressão, tendo aquele dia pelo derradeiro da sua vida, se vieram com muita pressa recolher em a nossa casa e igreja de Nossa Senhora dos Milagres, vendo que só aí poderiam ter remédio em tão manifesto perigo. Tal foi o medo de que foram salteadas que, sem mais consideração, se saíram todas de suas casas e aposentos em

cabelo assim como etavam descompostas com os cabelos soltos, e derramando mui amargas lágrimas, e ferindo os peitos enchiam os ares de grandes alaridos. E muitas delas com o pavor de verem as ruas alagadas, perdendo o sentido caíam desmaiadas e aí ficariam afogadas se não foram socorridas umas de gentes de sua casa e outras dos soldados com quem se encontravam, indo todas com tão pouco acordo que nem o pai se lembrava do filho nem o marido da mulher, e sem outro tino mais que correrem com grande pressa para a igreja por fugirem daquele dilúvio de águas. Juntos que foram todos nela, homens e mulheres, grandes e pequenos, não faziam outra cousa mais que a altas vozes pedirem a Deus misericórdia e à Senhora dos Milagres o seu socorro. E porque também se acharam na mesma igreja os
915 // Religiosos, não sòmente os nossos mas também os da Companhia que tinham aí vindo para fazerem a procissão da Cruz que temos dito, a persuasão deles todos se confessaram.

Já neste tempo tinham crescido as águas de maneira que chegavam até a frontaria da igreja, e eram impetuosos os ventos que, dando na armação dela, a faziam tornar atrás do seu lugar e tremer como se foram varinhas mui tenras; o que causava tão grande medo em todos os que aí estavam, que receavam fosse a mesma armação o instrumento de suas mortes. E estando todos nesta grande aflição esperando cada momento acabarem as vidas, começaram os nossos Religiosos a rezar as ladainhas de Nossa Senhora, acompanhando-as com muitas lágrimas e suspiros, pedindo-lhe não fosse servida de que a sua igreja fosse sepultura de tanta gente. E neste tempo, no meio de tantas vozes que não sem grande confusão lhe pediam misericórdia, foi vista a Senhora, de um devoto Religioso, meter a sua mão direita debaixo dos pés do Menino que em seus braços tinha e, como que apertando-o com eles, o abraçava. E desde aquele ponto foi abrandando o vento, passando as águas, não indo com o seu arrebatado curso mais avante, antes pouco a pouco começaram a tornar para trás, até que de todo se recolheram no seu lugar natural, pondo-se debaixo dos limites que a natureza ou, para melhor dizer, o Autor dela lhe pôs. E posto que a tormenta durou ainda depois disto o restante do dia e parte da noite, não foi de sorte que assombrasse, tendo já todos concebido mui grandes esperanças de escaparem daquele perigo que tão descorçoados os tinha, pelos merecimentos da Sagrada Virgem dos Milagres a quem não sabiam de que maneira agradecessem a vida que lhes dava. Muitas das casas e edifícios da povoação e quase todas as igrejas que naquele reino tínhamos, caíram por terra, tirando a da Senhora dos Milagres que ficou sem dano algum, as quais foram outra vez pelos nossos frades, não sem grande trabalho e custo seu, alevantadas.

Acabada a tormenta, entendendo os nossos Religiosos cousa tão estranha e desacostumada naquelas partes não poder ser permitida por Deus senão obrigado de pecados, ordenaram fazer uma devota procissão de penitência, convidando para ela os religiosos do Padre

S. Domingos e da Companhia que aí estavam. E a sexta-feira seguinte depois da primeira dominga da Quaresma, juntos todos na nossa igreja dos Milagres com todo o povo e capitão- // -mor Filipe de Oli- 916
veira, depois das duas horas houve sermão. O qual acabado, começou a sair a procissão em que os nossos frades iam todos com suas insígnias e penitências, levando cadeias de ferro nos pés, paus e ossos de defuntos na boca e caveiras ao pescoço, derramando muitas lágrimas, com cuja vista se desfaziam em sentimento todos os que os viam, acomphando-os com as suas e muitos gemidos e clamores. O Capitão-mor vinha atrás com o crucifixo em as mãos, mas por andar doente o não pôde trazer mais que até a porta da igreja e aí o tomou das suas o padre reitor da Companhia, vindo junto dele os seus Padres todos com suas tochas em as mãos, pegado do Senhor. E deante ia o padre vigário de S. Domingos com outro religioso da mesma Ordem com suas candeias acesas e alguns disciplinantes. E em esta ordem correram as ruas da cidade e já tarde se recolheram para a igreja onde todos, batendo nos peitos, pediram por muitas vezes em vozes altas a Deus misericórdia.

E com isto se deu fim a este acto que foi de muita edificação para os moradores daquela cidade, os quais metidos por dentro com este açoute e outros que quase no mesmo [tempo] tinham recebido da justiça divina, de crer é que melhorariam as vidas com que merecessem viver daí por diante com mais quietação e bonança, aos quais deixaremos agora nela por ser tempo já de tratarmos de alguns Rreligiosos de santa vida que neste reino faleceram e jazem na igreja de Nossa Senhora dos Milagres.

DE ALGUNS RELIGIOSOS QUE NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES DE JAFANAPATÃO DESCANSAM EM O SENHOR, PARTICULARMENTE DO P. FR. PEDRO DE BETANCOR

CAPÍTULO 55

Nesta igreja está sepultado o P. fr. Pedro de Betancor que foi o que a fundou, e foi um dos grandes obreiros da cristandade daquelas partes. Era natural da Ilha Terceira e de pais fidalgos. Veio à Índia, sendo mancebo; e depois de alguns anos servir a el-rei em suas armadas, tomou o hábito nesta Custódia, sendo prelado-mor dela o bispo de Cochim D. fr. André (1), e deu sempre nela mostras de grande servo de Deus, porque entre outras virtudes resplandeciam nele a caridade e
917 humildade. E por se enxergar nele o grande // zelo da salvação das almas, o ocuparam os prelados neste ministério, e nele se exercitou quase todo o tempo de sua vida, deixando por ele todas as honras da Religião com que muitas vezes o convidaram, por o verem merecedor delas; mas nunca se pôde acabar com ele que as aceitasse, e assim sendo eleito Guardião do convento de Santo António de Baçaim, renunciou à guardiania por se não tirar daquela tão santa ocupação de converter infiéis, com que tanto serviço fazia a Deus Nosso Senhor. Foi reitor de Mantota (2), em tempo que não havia nela senão mui poucos cristãos e quem lá ia andava muito arriscado. E fez logo uma igreja no lugar de um pagode antigo, de pedra e telha, mui grande e formosa, e casas para morar, também de pedra e telha e sobradadas. E converteu e baptizou inumeráveis daqueles gentios; e era tão respeitado de todos pela sua grande virtude e cobrou tanto nome, que era espanto.

---

(1) D. fr. André de Santa Maria foi Custódio na Índia desde fins de 1583 até à chegada da armada de 1584 (veja-se Parte I cap. 19[1] e 42).

(2) Reitor de Mantota nomeado no Capítulo dos princípios de 1595 (*Tábua de 1595*, 188).

Enquanto aí esteve não parou por aquelas partes, que são mui distantes do nosso socorro e das nossas armadas, inimigo algum, porque, se para administrar os sacramentos a suas ovelhas era cura, para as defender de seus inimigos era captião. E assim vindo algumas vezes gente de Cândia saquear aquelas terras, ele com a sua gente lhe saiu ao encontro muitas léguas pela terra dentro e os fez fugir e lhes tomou as presas. Tinha em o seu pátio uma árvore de certa fruita que chamam marmelos bravos e só aquela havia naquela terra; e quando queria chamar alguma das pessoas, mandava uma daquelas folhas dizendo que tal dia viesse ter com ele a tal parte. E ainda que a pessoa estivesse nos matos ou daí vinte léguas e no reino de Jafanapatão, logo vinha ter com ele, porque o respeitavam como a rei e assim em tudo lhe obedeciam. E com esta sujeição que lhe tinham, teve lugar de compor muitas diferenças que entre eles se alevantaram e de converter muitos à fé de Cristo, porque achavam nele amparo e defensão para todos os seus trabalhos. E era tanta a caridade com que todos tratava, que pelo mínimo cristão seu arriscava a vida e não descansava até o pôr em salvo, livrando-o de grandes apertos em que se via.

No Capítulo Custodial que se celebrou em o tempo do P. fr. Miguel de S. Boaventura (3), foi mandado por ele a Ceilão para se ocupar naquela cristandade; mas o bispo de Cochim D. fr. André tornou-o a tornar para Manar (em cujo distrito fica Mantota) por via dos prelados daquelas partes, para o pôr no Cais dos Elefantes em uma igreja que queria fazer, e deu disso conta, pedindo-lhe o beneplácito, ao Visitador que // o dito Padre Custódio fr. Miguel de S. 918
Boaventura tinha mandado com todo o seu poder a Cochim, que era o P. fr. Manuel de S. Matias actual Definidor. O qual lhe respondeu que visse Sua Senhoria o como isso podia ser, porque, fazendo-se a tal igreja, logo o rei de Jafanapatão, havia de queimar a nossa que estava em Jafanapatão, e havia lançar do seu reino os frades e pedir ao capitão de Manar que lhe desse outros; e que ele o havia de fazer, escrevendo a Goa e ao reino que os frades de S. Francisco alevantaram o reino de Jafanapatão e que por isso o rei lhes queimara a igreja e deitara fora do reino, e que ele o pacificara com lhe dar outros Religiosos, o que tudo era em descrédito do nosso hábito; porque se Sua Senhoria queria que aquela igreja se fizesse, havia de ser mandando-o o rei ou o capitão de Manar, ou consentindo-o o mesmo rei. O bispo lhe respondeu que nessa forma estava ordenado, porque haviam de vir navios de Goa e se havia tudo fazer na forma que ele dizia.

Com isto passou o dito Visitador ao P. fr. Pedro uma obediência em que lhe dizia que se deixasse estar aí em Manar, para onde fora mandado a instância do bispo de Cochim; porém que tivesse advertido que de nenhuma maneira fizesse a igreja que se pertendia fazer nessa ilha Tanadiva, em a ponta que chamam Cais dos Elefantes, senão

(3) Chegado de Portugal na armada de 1602, o custódio fr. Miguel de S. Boaventura reuniu o Capítulo em fins desse ano ou princípios de 1603.

tendo para isso primeiro licença do Vizo-Rei ou do capitão de Manar, ou de el-rei de Jafanapatão. Não tardou muito que não viesse a licença de Goa do Vizo-Rei e navios para Lançarote de Seixas ir com eles e outros de Manar. E tanto que lá chegaram, mandou o rei queimar a nossa igreja que estava em Jafanapatão, porque tomava muito mal fazer-se igreja no Cais, e dava a Lançarote de Seixas seis ou sete mil patacões e dons para El-Rei, que não deixasse fazer igreja naquele lugar do Cais. Mas ele, como era tão grande cavalheiro e bom cristão, não os quis aceitar, antes obrigou a El-Rei que à sua custa tornasse a fazer a igreja de Jafanapatão que queimara, e que juntamente largasse a ilha Tanadiva aos nossos frades pois lha tinha dada, e deixasse fazer a igreja do Cais. Tudo se fez como se ordenou; e o P. fr. Pedro de Betancor fez uma igreja mui grande e forte, e casas, e sustentou aquela barra e costa com um besteiro, que é certa maneira de embarcação, e outras embarcações, de maneira que nem parós nem os badagás puderam nunca fazer mal algum em todo o seu tempo.

E D. Jerónimo de Azevedo enquanto foi geral de Ceilão o escreveu aos prelados, pedindo-lhes que não tirassem aquele Padre dali pelos muitos serviços que naquelas partes fazia a Deus e a El-Rei. E tanto assim que, sendo depois o mesmo D. Jerónimo vizo-rei da Índia e
919 fazendo uma armada para Cananor // e não achando quem quisesse ir por capitão dela, disse na sala dos seus paços, diante de muitos fidalgos que estavam presentes: — «Pois na Índia não há fidalgos que sirvam a Sua Majstade, hei-de mandar chamar o P. Betancor e fazê-lo capitão-mor do Malavar». E dizia isto pela experiência que tinha do seu zelo em todo o tempo que esteve em Ceilão; porque além de ser homem que não sabia que coisa era medo, foi naturalmente temido dos inimigos; e com ser um pobre frade, assim haviam medo dele como se fora algum grande capitão. E sobretudo era muito zeloso do serviço de El-Rei, que parece herdou aquele espírito de seus pais, os quais se ocuparam sempre em seu serviço. Era tanto o temor e respeito que lhe tinham em todo o reino de Jafanapatão, e em toda a enseada o veneravam tanto, que dizendo uma vez um Visitador que lá foi àquelas partes, ao Príncipe grande, que o deixava ali por Padre Grande (porque o deixava por Comissário), ele se sorriu e deu uma castanheta e um passo, dizendo: — «Quando não foi ele grande?»

Depois de ter fundada em Mantota a casa de N. Senhora da Saúde e três ou quatro outras mais, e a de S. João Baptista no Cais dos Elefantes, como está dito e em seu lugar mais claramente se contou, passou a Manar onde fez outra igreja, por ficar as cristandades mui dìstantes uma de outra. E com andar ocupado nestas obras materiais, nunca se descuidou da conversão das almas, mas sempre trabalhou nelas, porque seu espírito não era senão converter infiéis e fazer igrejas, e trazê-los ao jugo de nossa santa Fé. E em Jafanapatão converteu muitos na Ponta das Pedras e em Pananguro e por todo o reino, entre os quais trouxe à fé e baptizou ao modeliar branco D. Pedro e ao arache modeliar, afora outros muitos grandes e nobres

da casa real, e o mesmo rei se quis baptizar, estando para morrer, senão fora o Chingali que o estorvou. E depois de ter feitas quatro ou cinco igrejas em as terras de Manar, como dito é, e dado princípio à cristandade de Mantota onde tinha já três ou quatro mil cristãos, e no reino de Jafanapatão três igrejas e ganhadas muitas almas a Deus, acabou a igreja de Nossa Senhora dos Milagres que, como vimos, é a principal deste reino e foi de tanta importância para a conquista dele. Sendo de 60 anos veio a falecer no de 1619, e jaz sepultado na capela-mor e no próprio lugar onde ele mesmo em vida dizia que havia de ser enterrado (4).

Nesta mesma // igreja descansa em o Senhor o P. fr. António de **920** S. Bernardino, um dos grandes obreiros desta cristandade e mui douto na língua da terra em que pregava, e fez grandes conversões.

Está também aqui sepultado o P. fr. António da Porciúncula, Custódio e Comissário Geral desta Custódia de S. Tomé, de que temos tratado acima no Primeiro Livro quando fizemos menção dos custódios todos que nela houve (5). No mundo, antes que se metesse na Religião, foi desembargador deste Estado da Índia e juiz dos feitos muitos anos, e serviu também de chanceler e foi com alçadas a algumas fortalezas donde, podendo vir rico, nunca trouxe mais que o seu ordenado. E assim quando se meteu na Religião, depois de quatorze anos de desembargo, testou três mil xerafins, estando outros companheiros seus que tinham servido a esse ofício muitos menos anos com muitos mil cruzados e casas com aparatos e ricas baixelas que ele nunca teve. E assim como homem que já no mundo desprezava suas riquezas, na Religião foi sempre muito pobre, porque não teve nunca mais que os hábitos e túnicas muitas vezes remendadas. Tomou o hábito nesta Custódia para os anos do Senhor de 1595 e viveu sempre nela com grande exemplo e opinião de verdadeiro filho do Padre S. Francisco. Foi mui casto e de vida inculpável, e mui zeloso da honra de Deus e bem da Religião, e muito amigo do culto divino e coro, e exemplar em sua pessoa, não consentindo, sendo prelado-mor desta Custódia, que lhe fizessem algum especial, mas sempre seguia a vida comum tomando a sua ração da tábua. Dizia muitas vezes a certos propósitos que era mais amigo da Religião que de seus amigos, por onde, por não cortar por ela, cortava por eles. Foi dezoito ou vinte anos deputado do Santo Ofício com muita aceitação de todos os da Mesa, por suas muitas letras, virtude e autoridade.

Foi também por Sua Majestade um dos juízes da segunda instância dos Cavaleiros Freires deste Estado. E tendo ele renunciado este ofício por carta sua que escreveu a sua majestade Filipe III que já lhe sabia o nome e estava informado de quem era, porquanto seu pai Filipe II o tinha mandado a esta Custódia por Custódio e Comis-

---

(4) Queirós (*Conquista*, 552) diz que morreu com 70 anos de idade.

(5) Parte I, cap. 19.

sário Geral com título de reformador, não quis aceitar sua renunciação; mas indo à corte a lhe beijar a mão o conde Almirante D. Francisco da Gama da segunda vez que veio por vizo-rei da Índia, tratou com ele esta renunciação que o P. fr. António da Porciúncula lhe fazia.
921 O qual, quando // chegou a Cochim e indo a o visitar o dito padre e dar-lhe as boas vindas, lhe disse estas formais palavras: — «Indo eu a beijar a mão a Sua Majestade para me embarcar para este Estado, me disse que estava nele um Padre da Ordem do Padre S. Francisco que se chamava o P. fr. António da Porciúncula, o qual por uma carta sua lhe renunciava o ofício de juiz da segunda instância. Vede lá: Se pela muita idade está inabilitado para me servir, aceitai-lhe a renunciação e provei esse lugar de outro Religioso grave; mas tendo ainda forças para me poder servir, não lhe aceiteis a renunciação. Pelo que eu vejo a Vossa Paternidade tão bem disposto, que nenhuma escusa tem para não servir neste ofício a Sua Majestade que se dá por bem servido dele».

Mas nem por ter todas estas qualidades deixou de ter grandes trabalhos em o derradeiro quartel da sua vida, nos quais todos mostrou sempre grande constância e fortaleza. E finalmente sendo desterrado para Manar, foi lá mui maltratado assim de enfermidades como de perseguições. E vindo para Jafanapatão, no caminho lhe deu o ar; e quando chegou, ia já mui mal, mas ainda recebeu os sacramentos. E morreu no ano de 1627, e jaz sepultado nesta igreja de Nossa Senhora dos Milagres.

O P. fr. Amador da Madre de Deus, natural de Cochim, estando por reitor de uma igreja em Chavacheira neste reino de Jafanapatão, em um alevantamento vieram os infiéis e lhe cortaram a cabeça. Foi este religioso sempre de muito boa vida e dado aos exercícios da oração e contemplação, e de rara simplicidade e inocência, e exercitava aquele ministério da cristandade com muito zelo e aproveitamento dos naturais por saber muito bem a língua da terra; e assim apascentava suas ovelhas com exemplo e doutrina. Foi sua morte por os anos do Senhor de 1631 (6).

No ano de 1634, aos 13 de Julho, véspera do nosso Seráfico Doutor S. Boaventura, faleceu o P. fr. Francisco de Jesus, natural de Goa, pregador e grande religioso, sendo actualmente Guardião desta casa de Nossa Senhora dos Milagres e Comissário de todo o reino de Jafanapatão. Foi a sua morte mui sentida de todos por ser religioso de muita satisfação. Era mui pobre e zelava sempre o bem da Religião, e foi mui respeitado de todos. Um dia antes da sua morte sonhou que um frade morria apressadamente, o que piedosamente podemos crer que foi querer-lhe Deus por este modo revelar a sua morte, por-
922 que, alevantando-se // sobressaltado com o sonho, deu dele conta aos Religiosos que tinha em casa, dizendo que não sabia se seria ele

(6) Destes Franciscanos apenas consta o que vai aqui no texto.

mesmo aquele frade; e com este pensamento se confessou e disse missa e se aparelhou para morrer, e ao outro dia pela manhã amanheceu sem fala e se crê que foi ar que lhe deu. Às duas horas deu e alma a Deus, tendo-o nos braços o bispo de S. Tomé, D. fr. Paulo da Estrela (7), da Ordem da Penitência do Nosso Padre S. Francisco, que ia para o seu bispado e havia poucos dias que havia ali chegado, o qual lhe fez o ofício de seu enterramento, a que se acharam presentes não tão sòmente os nossos religiosos mas os das outras Religiões com o povo todo, que concorreram àquele acto, com o capitão-geral Baltasar da Câmara Noronha, o qual, antes de ser metido na sepultura, pondo-se diante dele de geolhos lhe beijou os pés.

---

(7) D. fr. Paulo da Estrela, natural de Lisboa, foi sagrado bispo de S. Tomé de Meliapor em 1631. «Faleceu a 9 de Janeiro de 1637, segundo parece mais provável» (Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 3 (Parte II), 1937).

DA ILHA DE MANAR E DA CRISTANDADE QUE NELA TEMOS E DE ALGUMAS COUSAS PARTICULARES SUAS

CAPÍTULO 56

Está a ilha de Manar apegada à ponta mais setentrional de Ceilão, no cabo dos Baixos de Ceilão. Era antigamente dos reis de Jafanapatão cuja circunvizinha e fronteira é; mas agora pertence à coroa de Portugal porque, depois que o vizo-rei D. Constantino de Bragança destruiu o reino de Jafanapatão e desbaratou o rei, lhe tomou, em pena dos seus erros, esta ilha, para onde se foi com toda a sua armada e fundou a fortaleza que nela temos. E porque os portugueses que moravam em Punicale, na costa da Pescaria, receberam muitas vezes notáveis afrontas do naique de Tanjaor cuja aquela terra é, de que não resultava pequeno descrédito ao estado da Índia e novas ocasiões de guerras, mandou o mesmo Vizo-Rei um recado ao capitão Manuel Rodrigues Coutinho que se viesse com todos os moradores daquele lugar a morar na ilha de Manar, e entregou-lhe aquela fortaleza tomando-lhe homenagem dela, o que todos fizeram com muito gosto e alegria porque, não perdendo os proveitos que em Punicale tinham por ficarem na mesma paragem, forravam-se das injúrias e sem-razões daquele naique.

E tendo o mesmo Vizo-Rei muita notícia do grande cuidado que os Frades Menores têm de cultivarem as almas e do muito zelo de as converter à fé de Cristo, por cuja ocasião acabava então de ver morrer
923 // ao nosso custódio fr. Belchior de Lisboa e seus companheiros, deixou na mesma ilha para este fim alguns deles, os quais com grande fervor começaram a pregar o santo Evangelho àqueles bárbaros ilhenos, convertendo muitos deles e dando-lhes o santo baptismo. Edificaram ali logo uma igreja, que foi a primeira, com título de Madre de Deus, onde desde então até agora assistem os nossos frades e administram os sacramentos aos novos convertidos e convertem cada dia outros de

novo, e assim são muitos os que aqui foram por eles baptizados (1).

Nesta igreja está uma imagem de vulto de Nossa Senhora que foi trazida de Roma, e de muita devoção pelos muitos milagres que por ela fez Nosso Senhor. Entrando uma vez nesta igreja uma mulher gentia, casada, que não podia ter filhos, acendeu uma candeia de cera e fez voto à Senhora que se lhe desse geração lhe traria todos os sábados uma candeia para o seu altar e um pouco de azeite para a sua alâmpada. E foi ouvida dela, porque daí a pouco tempo pariu um filho. Outra mulher cristã, morrendo-lhe um filho, o trouxe à igreja e o ofereceu à mesma Senhora com muita devoção, pedindo-lhe alcançasse do seu belo filho vida para ele. Cousa maravilhosa, que logo a teve, e vivo o tornou a levar para sua casa. No lugar dos careás havia um cristão o qual cegou de uma enfermidade que teve, e todos os dias se encomendava à Virgem Nossa Senhora e lhe pedia lhe desse vista para os seus olhos. Apareceu-lhe um dia ela e lhe disse: — «Vai à minha igreja de Manar e, quando chegares ao lugar donde ela se possa ver, eu te darei vista». Foi ele e assim como a Senhora lhe tinha dito, lhe aconteceu, porque chegando ao lugar donde a igreja se descobre, recebeu vista e ficou ali servindo a Senhora naquela sua casa. Outros muitos milagres tem feito cada dia e que por guardar brevidade os deixamos.

Há nesta ilha um lugar chamado Patim que foi regado com o sangue de muitos mártires (2). Porque sabendo el-rei de Jafanapatão, grande inimigo do nome cristão, que havia nesta ilha muitos dos seus vassalos que o professavam, mandou lá um capitão com seus soldados o qual pôs a ferro quantos cristãos achou, sem fazer diferença de pessoas, idades e estados. E foram os que padeceram martírio pela nossa Fé, mais de seiscentos, entre homens, mulheres e meninos. E não se satisfazendo com ter derramado tanto sangue, fez mui diligentes pesquisas, buscando os cristãos por todos os modos e ardis que podia e lhe ensinava o seu furor diabólico. // E a quantos achava, punha a **924** tormentos, obrigando-os com a força deles a retroceder na Fé que

---

(1) Levantadas as gentes de Jafanapatão, D. Constantino de Bragança foi a Manar donde saiu a 2 de Janeiro de 1561 depois de ter aí estabelecido os cristãos da «pescaria do aljófal» que mandara para ali levar. Com eles ficaram os Jesuítas que prepararam a transferência. E que o vice-rei também logo aí deixou os Franciscanos, afirma-o Couto (*Década VII*, l. 9, c. 5, pg. 339) e os cronistas que depois vieram. Segundo a *Tábua de 1585*, nesse ano foram destinados para a «Casa da Madre de Deus de Manar: fr. Duarte Chanoca, confessor e pregador; fr. Francisco do Oriente, confessor». Em 1595 Manar era vigairaria que ficou provida com o seguinte pessoal: «Vigario, fr. Manoel de S. Mathias, confessor e pregador; o P. fr. Francisco Negrão, pregador e confessor; o P. fr. João da Madalena, o P. fr. Sebastião de S. Phelipe, confessor; o P. fr. Cosme da Anunciação, confessor que ora está em Mantota» (*Tábua de* 1595, 187-188).

(2) Sucedeu a mortandade no ano de 1544, como fica dito acima no cap. 35.

tinham professado, muitos dos quais favoreceu Deus naquela batalha que por sua causa tomavam e os fez tão firmes na confissão de seu nome que antes queriam perder a vida que deixá-lo. E por memória destes gloriosos mártires se chama agora este lugar, por todo este Oriente, Vila dos Mártires.

Aqui nesta ilha tivemos um grande servo de Deus a quem comummente não sabiam outro nome senão de Flamengo (3) por o ser de nação, o qual se ocupou nela muitos anos no ministério da cristandade e conversão dos infiéis. Era Religioso de mui santa vida e fez muitos milagres, e por ser esse tinha o demónio com ele grandes encontros e lhe fazia muitas zombarias visíveis, como era levar-lhe o breviário quando ele queria rezar ou apagar-lhe a candeia; mas, pondo-se o servo de Deus em cruz, logo lhe tornava o breviário e lhe acendia a candeia. Muitas outras obras maravilhosas fez que estão, como outras muitas, por culpa do tempo, sepultadas no esquecimento, não chegando a nós mais que uma pequena notícia delas, que mais motivo nos dá de o sentirmos que de o escrevermos.

Sendo Prelado de Manar e Comissário daquelas partes o P. fr. Manuel de S. Matias, religioso grave desta Província e de grande zelo da salvação das almas, foi a Putulão (4) por ser de sua jurdição e lá fez uma igreja e baptizou muitos cristãos, no que o ajudou muito um Manuel do Prado modeliar-mor de Manar e Putulão e o capitão Manuel Barreto da Silva; e outrossim catequizou trezentos homens que estavam dali duas léguas e fez igreja de uma casa que lhe deu o mesmo Manuel de Prado e disse nela missa. E porque foi necessário ir a Goa por se achar no Capítulo Custodial que então se havia de celebrar, por ele ser vogal, ficaram os seus companheiros encarregados de fazer aquele baptismo, os quais o fizeram com muita diligência. E sucedeu nele um caso assás maravilhoso, que foi de grande espanto não só aos cristãos que se baptizavam, mas aos gentios que se acharam presentes. E foi que estando-os baptizando fora da igreja por serem muitos, veio uma grande pancada de chuva; e querendo-se todos meter na igreja, os padres lhes disseram que se deixassem estar e não se inquietassem. E chovendo grandemente por todas as partes só naquele lugar e na igreja não chovia nem choveu até que se acabou o baptismo e se recolheram todos na igreja, e em se recolhendo logo começou a chover como nas outras partes.

---

(3) Seria fr. Pedro dos Anjos, professo na Província da Germânia Inferior que se estendia pela actual Holanda e Bélgica (*Annales*, 26, 223). Sobre ele veja-se o que fica dito acima, cap. 29.

(4) Putalão, porto de mar entre a ilha Calpetim e a costa de Ceilão, já tinha igreja e cristandade em 1595, pois o Capítulo Custodial para ela destinou ao P. fr. António de S. Francisco (*Tábua de 1595*, 188). Se fr. Manuel de S. Matias foi o fundador da igreja em tempo que esteve de reitor em Manar, temos de concluir que essa sua estadia seria antes de 1592, pois nesse ano de 1595 ele aí ficou reitor e era das leis então respeitadas não se reelegerem superiores em Capítulo, para as mesmas casas, os que ao tempo já aí o eram.

Na ponta da barra de Manar temos a igreja do glorioso S. João Baptista com sua cristandade (5), da qual tratamos em outro lugar.

Concluiremos este capítulo com darmos aqui notícia de umas árvores que // a natureza produziu nesta ilha de Manar, de estranha 925
condição. Os naturais lhe chamam *caparapules* e os nossos «árvores de Judas». Delas estão cheios os campos. São mui grandes, e algumas tanto, que no vão delas (que de ordinário são todas ocas e vãs em os troncos) pudera caber um leito mui folgadamente. Estão sempre sem folhas e dão umas fruitas à maneira da bolsa de Judas, segundo comummente se costuma pintar, e têm dentro trinta grãos pretos, que parece representam os trinta dinheiros por que Judas vendeu Cristo. E é cousa não pouco notável que, com serem árvores tão grandes, não há cousa nelas que sirva para algum uso humano e nem ainda de lenha para o fogo, salvo que do seu cortiço se fazem as cordas com que se enforcam os padecentes. E têm observado os velhos daquela terra uma cousa de admiração e é que todas elas estão sempre de uma mesma grandeza, de maneira que nem as pequenas crescem nem as grandes se fazem maiores, mas sempre estão no mesmo ser. Donde com muita razão lhe puseram o nome de Judas, pois nelas se vêem as suas insígnias que são bolsa e baraço, uma que é insígnia de sua culpa e outra de sua pena; e o vulgo crê que são elas da mesma espécie daquela em que o maldito Judas se enforcou. Deus sabe o segredo disto, mas ela é sem falta uma cousa estranha. Também é bem que se saiba que esta ilha é toda terra plana sem alto algum e assim carece de fontes, e a gente toda bebe de uma água que se tira de umas poças feitas na areia, por toda ser de areal. E porque a água que delas se tira, vem muito turva e com muita terra misturada, proveu-a a natureza ou, para melhor dizer, o Autor dela, de umas favas de que ali há muitas, a qual, moída e lançada na água, logo em brevíssimo espaço ajunta o sujo todo no fundo do vaso, e fica a água limpa e clara como de fonte que corre.

---

(5) Desta igreja de S. João na Barra de Manar diz Queirós (*Conquista*. 541): Fr. Pedro de Betancor em 1614, indo a Jafanapatão para levantar a igreja de Nossa Senhora da Vitória ou dos Milagres «encarregou ao P. Fr. Angelo fazer a Igreja de pedra, e cal, com a maior diligencia possivel. Passou a Manâr, levantou a Igreja de S. João, na ponta da barra, e por não ter Religioso que pôr nela, largou-a ao Ordinario, e depois na era de 1642 o Bispo de Cochim D. Fr. Miguel Rangel Dominicano, indo àquellas partes, a deu a seus Religiosos».

DO GRANDE REINO DE BISNAGA OU NARSINGA E DE ALGUMAS GRANDEZAS QUE NELE HÁ

CAPÍTULO 57

O reino de Bisnaga ou Narsinga é um dos famosos deste Oriente assim em terras e gente como em tesouros de muito ouro e riquíssima pedraria. Chama-se Bisnaga por razão da sua principal cidade e cabeça
926 // do reino que é do memo nome, e Narsinga por assim se chamar um rei que o governou quando os Portugueses vieram à Índia. Tem duzentas léguas de costa, começando do Cabo de Comorim para dentro onde fenece a província Malabar, e tendo por seu último limite o reino de Orixa. A sua cidade principal que, como está dito, se chama Bisnaga é tão grande que ocupa a sua cerca cinco léguas em torno, e é rodeada de uma pequena serra quase toda de pedra donde se tira com muita facilidade toda a sorte de colunas que querem. Tem entresachadas grandes e frescas lapas em que se recreiam em tempo de calma em uma abundante ribeira de água que se estende pela maior parte da cidade, a quem deram entrada e saída cortando a serra de que está cercada. A terra é mui viçosa e abundante de mantimentos, de muitas hortas e outros arvoredos, e de fontes, rios e ribeiras, e há nelas muitas e mui ricas minas de ouro e de diamantes.

O rei é gentio e serve-se com muito estado, e vive mais polidamente em o seu comer e vestir que os reis do Malabar; contìnuamente tem guarda de muitos soldados e muitos porteiros. Tem muitas mulheres, todas filhas de grandes senhores do seu reino; e quando ele morre, todas elas se queimam com ele, com quantos privados tem e todos os oficiais de sua casa, o que fazem com tanto amor que pelejam sobre quem primeiro chegará à fogueira, a qual se faz de águila e outros paus cheirosos, e se lançam nela juntamente muitas moedas de ouro, crendo que tudo aquilo vai com o rei ao outro mundo e que tem lá disso necessidade. Reside de ordinário na sua principal cidade de Bisnaga, e tem nela muitos grandes e sumptuosos paços, e assim de casas, como pátios, jardins e tanques de muitos pescados. E há nela tanta gente que não cabe pelas ruas, e muitos mercadores cristãos, gentios, mouros e judeus

de diversas nações, porque de todas as partes do mundo podem ali ir comprar e vender seguramente, pela inteira justiça que se faz guardar com os estrangeiros. E acha-se na cidade todo o género de mercadorias com que os mercadores podem entrar no reino, sem pagarem direitos, se levam cavalos de Ormuz, Pérsia e Arábia, os quais el-rei compra todos. E são tantos os que tem, que se afirma que só os de sua cevadeira passam de vinte mil, afora os quais tem espalhados pelo reino mais de oitenta mil. Os peões são sem conto, porque fàcilmente ajunta em seu exército e põe em campo novecentos mil.

Têm os reis de Bisnaga por costume fazerem tesouro cada // 927
um por si, sem tocarem no que fez o seu antecessor; e têm isto por grande honra. E, com isto, o tesouro que se ajunta neste reino, é inestimável de ouro e prata, além das pérolas, aljôfar e pedraria que é tanta que se mede por medidas como trigo, e isto de um certo peso para baixo. Tem el-rei diamantes que pesam duzentos e trezentos mangelins, dos quais mangelins fazem, um, dois quilates dos nossos (1). Tem este rei de renda, das terras da coroa sòmente, oitenta e quatro lachaus, que são oitocentos e quatrocentos mil (sic) patacões. E tem um vassalo seu, naique de Maduré, de renda cada ano quatro contos nossos, que são quarenta seus; e o naique de Tanjaor, também seu vassalo, treze contos, que são um conto nosso e trezentos mil patacões. Tem outro seu vassalo, naique de Gingi, dezassete contos, que são nossos um conto e setecentos mil patacões. Pagam estes três, de páreas a el-rei, cada ano, doze contos seus — cinco o de Maduré, quatro o Panjaor e três o de Gingi —, ainda que, como são poderosos, muitos vezes se rebelam contra ele e lhe não querem pagar as páreas; e por isso traz às vezes guerra com eles, agora com um, agora com outro.

Tem um sobrinho o rei a quem pagam páreas os reis do Canará, o qual tem de renda trezentos mil patacões, tem cem elefantes, mil cavalos e dez mil homens de pé. E o naique de Maduré trezentos elefantes, quatro mil cavalos, e, de paga, quinze mil homens, e fora vinte capitães a quem tem dado terras, os quais podem ajuntar perto de cem mil homens. O naique de Tanjaor tem perto de cento e cinquenta elefantes e mais de dois mil cavalos, e, de paga, dois mil homens. E o naique de Gingi tem outros tantos elefantes e mil cavalos, e dez mil homens de paga, e pode ajuntar outros sessenta mil, se quiserem. Tem mais o rei vinte vassalos de casta rajos, e vinte e quatro capitães de casta naiques, e sessenta e quatro capitães do mato de pouca posse. O principal capitão é rajo (2), é o barajo (3) seu sogro, que tem de renda

---

(1) Veja-se Góis, *Crónica do Felicissimo Rei D. Manuel*, 2, c. 6, pp. 19-21.

(2) Raja rajá (raju, rajo, rao), formas todas elas usadas pelos escritores portugueses, segundo Dalgado (*Glóssário*, 2, 242-244) é «rei, régulo, na Índia árica e dravídica; às vezes é simples título honorífico».

(3) Barajo «representante do rei de Bisnáguer, provàvelmente vice-rei, em S. Tomé de Meliapur. Presumo que o seu étimo é o sânscrito *uparaja*, vice-rei» (Dalgado, *Glossário*, 2, 465). A palavra tem aqui sentido mais largo e não restrito a S. Tomé de Meliapor.

quinhentos mil patacões e cento e vinte elefantes, quinhentos cavalos, e de paga dez mil homens de pé, poderá ajuntar trinta mil; e todos os demais rajos são inferiores a este e de menos posse. O segundo em posse, émulo deste é o *delevai*, que quer dizer capitão-mor e lugar-tenente do rei, o qual tem de renda trezentos mil patacõs, tem cento e vinte elefantes, quinhentos cavalos e dois mil homens de pé e de paga, e
928 pode // ajuntar mais de quinze mil. Este não é senhor de juros, porque, por sua morte, quanto tem é do rei. Mas agora, por sua morte, quis o rei, pelo amor que lhe tinha, dar tudo a um neto seu, ao qual foi o mesmo rei ver a sua casa por lhe fazer aquela honra. E depois ele veio ver ao rei, e trouxe cento e cinquenta mil pagodes de presente para o rei. Porá o rei em campo com todos os seus, afora os três naiques seus vassalos e afora seu sobrinho Rimala Rajo, perto de duzentos mil homens sendo necessário e mais de quinhentos elefantes e dez mil cavalos, e tem o rei, de sua guarda, mil homens de casta rajos que é a gente de quem se mais fia.

Tem também um padre a que eles chamam *Tatachari*, o qual tem de renda cem mil pagodes afora muitas jóias e peças que lhe dá cada ano o rei e as rainhas, e afora as rendas que tem dos seus pagodes, que são mui grandes, e esmolas que lhe dão pessoas poderosas por razão de sua dignidade. E tem-lhe o próprio rei tanto respeito que, quando entra em os seus paços, se alevanta e lança prostrado aos seus pés, e o Tatachari com muita gravidade lhe põe a mão na cabeça e o faz alevantar, e não se há-de assentar sem que ele se assente primeiro. E por este mesmo modo cada um dos senhores e rajos tem um *guru* seu, que lhe faz as suas cerimónias, como capelães seus, a quem eles tem o mesmo acatamento e fazem a mesma reverência e conforme sua posse lhe dão as rendas. E o mesmo faz cada casta destes gentios, que tem e dois e três gurus, que são estes seus padres grandes, os quais fazem e desfazem os casamentos, e os apenam, se cometem certos erros, e cada um supremo no seu grau e não reconhece superioridade a outro algum ainda que seja ao do próprio rei.

É a gentilidade de Bisnaga a mais supersticiosa e dada a cerimónias e idolatrias, de toda esta Índia Oriental. Há neste reino sessenta e quatro pagodes do ídolo chamado Oreaver, a quem adoram e têm por deus os malavares e os que trazem o lingão e se untam com cinza, os quais todos têm muitas rendas e são os mais afamados, porque além deles há infinitos pequenos. Porém os senhores badagás são mui contrários a estes tais pagodes e se desprezam de lhe darem rendas, e, quando passam por eles, cobrem com as rodelas o palanquim em que vão, para não verem o pagode. E todo este desprezo e aborrecimento merecem bem estes pagodes pela torpeza do seu lingão, do qual em outra parte temos dito o que é e o que representa.

Destes pagodes o maior é Canjevarão (4), o Grande, o qual

---

(4) O pagode Cajavarão ficava situado a «duas jornadas da cidade de S. Thomé ou Meliapor» (Couto, *Década V*, l. 6, c. 3, pg. 31).

tem de renda sessenta mil pagodes e vinte mil // cotas de nele que 929
é arroz por pilar. Tem este pagode cinquenta pachevelões ([5]) dourados; e afora outros muitos oficiais e servidores, tem vinte homens que andam com umas campainhas, os quais têm por ofício zelar a honra daquele pagode, e assim, sabendo que se lhe faz algum agravo, se ferem com as suas facas, e com o sangue que de si tiram untam o pagode; e com isto se fecha e fica como posto interdito e se não abre até se não satisfazr aquele agravo. E tem de gastos, cada dia, de dinheiro do pagode oitocentos patacões, afora o que os seus devotos querem gastar. Celebra-se cada ano neste pagode uma festa que chamam de Carreta, em que vão quatro carretas que custam quatro mil patacões, e levam sombreiros cento, e cem bandeiras, e cem corades que são outro modo de sombreiros, e tudo de tanto preço e riqueza que se gastam, só nisto, dois mil patacões. E levam estas carretas cinco mil homens. E tem um boi de prata que está posto defronte do pagode.

O outro pagode deste mesmo que chamam de Oreaver, por nome Chelombarão ([6]), tem de renda duzentos e sessenta mil patacões e cento e oitenta mil cotas de nele, e tem mais, de esmolas, trezentos e sessenta mil patacões, e tem duas mil bailadeiras e dezassete carretas douradas, e mil e quinhentos brâmanes, e mil servidores, e cento e vinte casas de esmolas em que de contínuo há comer para os passageiros. E finalmente há outros pagodes de grandes rendas, os quais são mui venerados desta bárbara gente, e suas festas mui celebradas e frequentadas de gente. Comem os brâmanes setecentas e setenta e quatro aldeias do Agrarão, que quer dizer aldeias eclesiásticas, sem delas pagar pensão alguma de datas de reis e senhores. E haverá neste reino quinhentas casas de esmolas e em algumas dão de comer a três e a quatro mil pessoas.

([5]) *Pachavelão* é o nome de um «pano de ramagem, no Choramândel». «O seu oferecimento tinha a mesma significação que a do *pachari*», isto é, significava prova de benevolência ou de estima do superior» (Dalgado, *Glossário*, 2, 127-128).

([6]) O pagode Chelombarão será talvez o pagode «Odixilavaráo oito leguas de Negapatão» (Couto, *Década V*, l. 6, c. 3, pg. 31).

DE UMA SOLENE FESTA QUE SE FAZ NO FAMOSO PAGODE DE TREMELEM DO REINO DO BISNAGA E DA CRENÇA E SUPERSTIÇÕES DESTA GENTILIDADE

CAPÍTULO 58

Por ser coisa mui notável a festa que todos os anos se celebra
930 neste // pagode, que é um dos mais nomeados de Bisnaga, não podemos deixar de fazer aqui dela especial menção. Está fabricado este famoso pagode em um largo e espaçoso campo defronte do qual ordenaram os reis antigos daquele reino uma feira que por honra do pagode fosse livre e franca a toda a gente que a ela viesse de qualquer sorte e condição que fosse, porque nem as mercadorias e fazendas pagam direito algum, nem as pessoas podem ser presas, por quaisquer culpas ou obrigações que tenham, enquanto duram estas festas, em todo o tempo que assistem nelas e se tornam para suas casas. É tão grande o concurso de gente que se ajunta nesta festa, que muitas vezes chega a quatro milhões em que haverá trezentos e quatrocentos mil de cavalo, e se acham quase todas as nações deste Oriente e toda a sorte de mercadorias que se pode imaginar, e em tanta abundância todas que causa espanto.

Ninguém pode ir a adorar o pagode se não for muito bem ataviado conforme a qualidade de sua pessoa, e todos vão lavados e ensandalados e ornados com peças de ouro; e os homens são obrigados a rapar a cabeça à navalha, sem deixarem mais que uma pequena guedelha no mais alto dela. E é tanta a quantidade de cabelos que aí se ajuntam, que há homens que lhos vão logo comprar aos barbeiros e dão por eles mil pardaus e às vezes mais, porque deles, torcidos, mandam fazer cordas grossas e delgadas, e cabeleiras para mulheres e outras cousas que aí tornam logo a vender, em que ganham muito dinheiro. Toda esta gente se agasalha em tendilhões, os quais são tantos que ocupam oito léguas de campo. E com ser tanta gente nenhuma pessoa se vai oferecer ao pagode que lhe não lance dinheiro

de oferta, cada um conforme sua possibilidade. E como ali se achem muitos senhores grandes e muitos ricos e poderosos, há quem lhe lance mil pardaus e outros dois mil e outros cinco mil, com que diante do pagode se alevanta um monte de moedas de ouro e prata de altura de dez moios de trigo. Por todo aquele tempo que dura esta solenidade há muitos sacrifícios e se degolam um milhão de cabras, cabritos, carneiros e cordeiros, os quais, depois de se oferecer o seu sangue ao pagode, se dão aos pobres por amor de Deus. E para maior abundância e grandeza da festa, correm nelas todas as moedas de todos os reinos estranhos.

O rei de Bisnaga costuma não faltar nesta festa; e com vir a ela // o mais aforrado que pode, traz ainda até dez mil de cavalo e duzentos mil de pé, e cento até duzentas mulheres das suas, as quais vão em seus palanquins e andores fechados com chaves que ninguém as pode ver e elas de dentro podem ver tudo por umas redes de prata muito miúdas, as quais são todas mui bem guarnecidas de ouro com muito feitio e lavor. Da cidade de Bisnaga a este pagode faz el-rei muitas jornadas e sempre por terras suas e de seus vassalos, os quais para o agasalharem com a decência que convém à sua pessoa, fazem casas novas, grandes e mui aparementadas, e provêem de todas as cousas necessárias assim para o rei como para todos os que o acompanham. E há senhor destes que, neste breve tempo que tem a el-rei por hóspede, gasta mais de cinquenta mil pardaus de ouro. E, por serem estas festas tão célebres, são mui nomeadas neste Oriente. E passamos por outras muitas cousa notáveis delas, por não arriscar o crédito da nossa história. 931

Quanto à crença e superstições do gentio deste reino de Bisnaga, crêem que há um só Deus sobre todas as cousas, e juntamente crêem nos pagodes e nos diabos a quem honram por lhes não fazer mal. Dizem que há quatro mundos, três que já passaram e o quatro que é o que corre. O primeiro se chamou Cretajugão, o qual dizem que durou um conto, setecentos e setenta e quatro mil anos, o qual tempo têm que falava Deus com os homens, e os tratava, e se lhes manifestava. O segundo se chamou Tretajugão, o qual durou um conto e duzentos e noventa e seis mil anos, e houve nele muita verdade e esmola entre os homens, e neste floresceu o seu Rama e o bugio Anomá, os quais passaram a Ceilão e, vindo em campo, mataram a Ravuná que era um afamado gigante, rei daquela ilha, que tinha cem braços e mãos, e tinha levado a furto a mulher de Ramá Peremal, e, vindo com vitória, em gratificação a seus deuses que lha deram, edificou o pagode de Ramancor (1). O terceiro se chamou Duaparajugão, que durou oitocentos

(1) O pagode Ramancor (Couto usa a forma Ramanancor, e outros ainda Ramanacor, Ramdecoir, etc.) assentava na ilha do mesmo nome que é parte da Ponte de Adão que vai de Ceilão ao continente asiático, «defronte de Manar junto aos baixos de Chilao» (Couto, *Década V*, l. 6, c. 3, pg. 31), e era dos pagodes de mais veneração em toda a India e Ceilão.

e setenta e quatro mil anos, em o qual tempo dizem eles que já Deus se não deixava comunicar dos homens, salvo com alguns em secreto. Em este têm outrossim que viveu Peremal debaixo do nome de Quivixtna, e floresceu o seu Damaputião que com seus irmãos destruiu ao imperador Fistidana com todos os reis seus vassalos, com o favor de Peremal. O quarto finalmente dizem que é este que dura a que chamam Calijugão, que quer dizer tempo ou mundo de falsidade; e dizem que
932 há-de durar quatrocentos e trinta e dois mil // anos e tem já durado quatro mil e seiscentos e cinquenta anos .

Destes idólatras, uns adoram o seu Odiaver de que acima falámos, e untam cinza; e estes vão ao pagode as segundas-feiras e dizem que os que podem e querem, vão cada dia, e se não vão um dia, não incorrem por isso em pena alguma. Outros adoram a Peremal, e untam namão (2); e hão-de ir ao pagode à sexta-feira, e também, não indo, não têm pena e assim muitos deixam de ir. Outros adoram ao Sol, e cada dia se debruçam ao nascer dele, depois de lavados. Há entre eles certos homens que chamam senaces (3) que não são casados, comem pouco e, quando vão ao pagode, não lhe fazem mais reverência que inclinar-lhe a cabeça; e esta é a sua sumbaia. Os seus jogues são mui penitentes, porque andam nus, cobertos de cinza, e não comem senão folhas; sua morada e habitação é nos matos, fazendo vida solitária; e estes não fazem sumbaia ao pagode, e se vêm ao povoado estão assentados e são venerados como deuses.

Conhecem ser Deus ofendido pelos pecados e usam de algumas cousas para remédio deles. Particularmente se aproveitam de dois tanques que estão em Bipiti, no seu pagode, os quais são todos pedrados; e dizem que os que se lavam nas suas águas, ficam absoltos de seus pecados por grandes que sejam. Em Mangre há um tanque pedrado onde dizem que em cada doze dias crescem tanto as suas águas em espaço de três horas que trasbordam, e todos os que se lavam então com elas, dizem que ficam sem pecados; e afirmam por cousa certa que esta água vem de Cassi das Gangas (4) de Bengala.

Repartem-se estes gentios todos em dois bandos: a uns chamam da mão direita, e aos outros da mão esquerda (6). E de cada um deles

---

(2) Namão ou Namo, o barro com que se untam ou que põem na testa os adoradores de Vixnu. Dalgado (*Glossário*, 2, 97-98) anota as formas «nanam, namo, trinamo».

(3) Dalgado (*ib.* 2, 285-286) regista a forma «saniassi», «o asceta hindu; brâmane do quarto estádio da vida. Do sânscrito *sunyasi*, que literalmente quer dizer «o que renunciou ao mundo e às paixões».

(4) «Parece-nos bem dar relação das *Gangas de Bengala* (que na nossa linguagem são rios) porque são muitas e mui diversas» (Couto, *Década XII*, l. 1, c. 5, pg. 37). Gangas de Bengala são, pois, os braços do delta do Ganges, com que sai ao mar.

(5) Também Couto (*Década V*,l.6,c.4,pg.48) diz que as castas se «repartem em duas partes, a que chamam Valanga, e Elange, que quer dizer os da mão direita, e os da esquerda».

há noventa e oito castas, e são obrigados a favorecer-se uns aos outros; e de cada parte entram ricos e pobres, altos e baixos, sòmente ficam de fora os brâmanes, rajos e canacápoles. E quando há alguma grave contenda entre eles, usam de uma cerimónia, a mais ridícula do mundo, e é matarem na praça pùblicamente um jumento, para o que se lhe faz um teatro ou cadafalso. E, depois de morto, o cobrem com um pano amarelo, e os tangedores hão-de tanger à sua morte assim e da maneira que costumam fazer às mortes dos homens, e os parachis (5) o planteiam, perfumando-o até que se concertem entre si. E achando-se pessoa da casta do que fez o erro de que se queixam, os cavaris (7) e da mão direita o fazem rodear o jumento morto; e à sua custa fazem os da mão esquerda um asno de ouro, com outras muitas cerimónias. E não o querendo eles fazer, faz // o Aguidar (8) com 933
eles que paguem o custo do asno de ouro e do mais que se gastou, e o fazem acompanhar com as cabeças rapadas, que entre eles é sinal de tristeza.

As mulheres, quando lhe morrem os maridos, queimam-se com eles; mas as que trazem lingão, não morrem queimadas mas são enterradas vivas e abraçadas com os maridos, e destas as mais são as mulheres dos ourives e oficiais. As brâmanes não se queimam nem se enterram, mas fazem-se monjas pedintes, rapam o cabelo, comem no chão, não podem comer betre nem trazer jóia alguma sobre si, nem vestem panos, salvo branco. O mesmo faz a mulher principal do rei, se tem filhos.

---

(6) Dalgado, *Glossário*, 2, 127) regista a forma «pachari, pachori, passori», que diz significar «chale branco ou de côr, na Índia do sul [...]. Parece que em algumas das abonações o vocábulo tem sentido diverso». Se o termo é este, tem aqui significação muito diferente, como se adivinha pelo contexto.

(7) Não sei precisar o significado desta palavra.

(8) Dalgado (*Glossário*, 1, 11-12) regista «adigar, digar», «do tamul-malaal *adhigari*, sânsc. *adhikari*», «aquele que possui autoridade, administrador, director». «No sul da Índia era, e ainda hoje é em algumas partes, o título do chefe da aldeia; mas parece que em certas regiões designava outras autoridades». Deve ser esta a palavra do texto.

DOS REIS QUE HOUVE NO REINO DE BISNAGA DESDE QUE OS PORTUGUESES ENTRARAM NA ÍNDIA ATÉ O PRESENTE QUE AGORA REINA

CAPÍTULO 59

Porque havemos aqui de fazer menção de alguns dos reis de Bisnaga, será razão pormos a série deles desde que a Índia é dos Portugueses, para maior clareza desta nossa história, começando por Narsinga Deva Rai, o qual tinha a coroa no tempo que os Portugueses descobriram a Índia. Este era da geração dos rajos, que é uma das mais ilustres deste Oriente, e foi o que mandou a embaixada ao vizo-rei D. Francisco de Almeida por um religioso nosso chamado fr. Luís, como logo diremos no capítulo seguinte. E porque lhe não ficaram filhos que pudessem herdar o reino, veio-lhe a suceder um grande privado que tinha, chamado Ixvara Naique, ao qual, por ser homem principal e de muita prudência, lhe tinha em vida entregue o governo de todo o reino. Era este da geração turval, os quais costumavam usar de umas rodelas muito grandes e são estimados por cavaleiros. E depois de governar o reino 21 anos o deixou por sua morte a um filho que tinha por nome Naria Naique que reinou 12 anos.

Teve este um filho por nome Achuta Rai, homem brando e frouxo; e receando o pai que por esta sua condição o não quisessem seus vassalos por seu sucessor, como homem menos apto para o governo, e que escolhessem antes outro filho seu bastardo chamado Crisna Rai, o qual era esperto e grande cavaleiro e por isso mui estimado do povo, tratou de lhe mandar tirar os olhos, parecendo-lhe que com
934 isso ficava o seu filho legítimo seguro na sucessão de seu // reino. E encarregou este negócio a um seu secretário, homem principal e de quem muito se fiava, porém ele foi dilatando a execução que el-rei lhe mandava fazer, entretendo-o sempre com novas razões que para isso buscava, até que chegou o tempo de morrer. E tanto que faleceu, ele com os mais grandes do reino, deixando o filho legítimo Achuta Rai, alevantaram por rei ao bastardo Crisna Rai o qual foi mui estimado dos seus. Este foi o que, sendo governador da Índia Diogo Lopes de

Siqueira, fez guerra ao Idalcão, e depois de lhe ter desbaratado o seu exército e tomado por despojo dele quatro mil cavalos arábicos, cem elefantes, quatrocentos tiros de artilharia grossa, afora outra miúda, e cativos e cativas sem conto, lhe tomou por força de armas a fortaleza de Rachol, e deixando nela gente de guarnição se tornou vitorioso e cheio de muita glória para Bisnaga.

Não teve Crisna Rai filho que lhe sucedesse no reino, mas sòmente uma filha que ele muito amava; e querendo-a casar, ela lhe pediu que o marido que lhe havia de dar fosse aquele que ela mesma escolhesse. Concedeu-lhe o pai, e mandou lançar grandes pregões por todo o reino, que todas as pessoas principais dele viessem a sua corte; e entre outros muitos que acudiram, foi um homem nobilíssimo por geração que se chamava Rama Rajo, o qual servia a el-rei de soldado com três filhos seus, o primeiro dos quais se chamava como o pai Rama Rajo, o segundo Tirumula Rajo e o terceiro Vingatadar Rajo. E sendo todos apresentados à infanta, ela disse ao pai que queria por seu marido ao filho mais velho de Rama Rajo que, como dissemos, tinha o mesmo nome, porque, ainda que era soldado pobre, levava vantagem aos demais que tinham vindo à corte, por ser mancebo mui bem disposto, gentil homem e alvo, as quais partes, juntas à nobreza de sua geração e esforço de sua pessoa, campeavam grandemente nele e o faziam merecedor daquela boa fortuna. Tomou-o el-rei por genro e o fez logo governador e vedor da fazenda de todo o reino, e os dois irmãos fez capitães, a Tirumula Rajo fez capitão-mor do campo com título de Dalavai; e eles serviram estes ofícios com muita satisfação de todo o povo.

Estando Crisna Rajo para morrer, deu ordem ao governador Rama Rajo que seu irmão legítimo Achuta Rai, que ele tinha preso em uma fortaleza, fosse alevantado por rei; e assim se fez. Mas como era frouxo e pouco para aquela dignidade, não tinha de rei mais que o nome, porque o governo todo do reino era e dependia de Rama Rajo como casado com a filha do rei Crisna Rai. Teve Achuta Rai um filho por nome Cataxava Rai, o qual por sua morte foi alevantado por rei, contra o qual se alevantou um tio, irmão de sua mãe, que era mui poderoso, e // havendo-o às mãos, o prendeu. Ao que acudiu 935
o governador Rama Rajo, e, vendo-se o tirano sem partido, matou-se a si próprio com mandar pôr fogo às suas casas, onde acabou com todas as riquezas. E o rei Cataxava Rai foi obedecido como rei, e ou fosse por esta obrigação em que ficou ao governador Rama Rajo ou por ser pouco de mando, o governo todo do reino estava com o dito Rama Rajo, estando ele metido em umas casas suas com suas mulheres como preso, e sòmente em algumas festas grandes saía fora. E vinha o Rama Rajo, que era em tudo rei, e os mais capitães lhe faziam zumbaia e mostravam alguma obediência exterior. E assim viveu nesta forma enquanto lhe durou a vida.

Rama Rajo que, como digo, era havido de todos por rei, por

ser ele só o que governava tudo absolutamente, veio cercar a cidade de S.to Tomé que está na sua terra, como depois largamente hemos de contar. E porque entre outros males que Rama Rajo e seus irmãos fizeram àquela cidade, foi levar dela para Bisnaga um retábulo de Nossa Senhora e o cofre das relíquias do santo Apóstolo, como também havemos depois contar, afirmam os gentios da terra que por este pecado que estes reis cometeram contra o apóstolo S. Tomé, daí a poucos meses foram vencidos e desbaratados em uma grande batalha que lhes deram os reis mouros de Decão, Nisamaluco de Chaul, Cotamaluco de Virido e o melique de Golconda e o Idalcão. E Rama Rajo foi morto e juntamente seu irmão menor Vingatadar Rajo, escapando da batalha só Tirumula Rajo com uma grande cutilada pelo rosto e um olho quebrado, e perderam a grande cidade de Bisnaga, cabeça do reino, que nunca mais se pôde recuperar. Salvaram-se também três capitães naiques, e cada um se recolheu, levando consigo muitas riquezas do tesouro real. E um deles se foi para aquela parte que fica para o Cabo de Comorim e é senhor de todas aquelas terras, e se chama agora naique de Maduré. Outro se fez senhor das terras de Negapatão, e se chama naique de Tanjaor. E o terceiro se fez senhor das terras de Gingi e assim se intitula naique de Gingi.

Por morte do Rama Rajo e seu irmão menor Vingatadar Rajo, ficou com o governo de todo o reino o segundo irmão Tirumula Rajo, o qual houve três filhos que todos foram reis de Bisnaga um após outro: O primeiro se chamou Siranga Rai, o segundo Rama Rajo, e o terceiro Vingatipati Rajo. O primeiro dos quais, por que possuísse o reino mais seguramente e com menos sobrosso, mandou matar Sataxava, rei natural, que, como dissemos, estava preso; mas castigou-o
936 Deus, porque veio a morrer sem ter filho // que lhe herdasse o reino. E assim o foi também seu irmão Rama Rajo, como está dito, o qual Rama Rajo houve dois filhos, o primeiro, por nome Tirumula Rajo, que morreu sem deixar filhos e era homem de mui grandes partes e mui temido dos grandes, o segundo, chamado Chica Rai, o qual por lhe morrer a primeira mulher de quem houve filhos, ficava inabilitado para poder ser rei por lei daquele reino, ainda que seus filhos sim.

Por morte de Rama Rajo foi rei Vingatipati Rajo que, como dissemos, era o terceiro filho de el-rei Tirumula Rajo, o Torto. Este Vingatipati Rajo, tendo a coroa deste reino de Bisnaga, mandou fazer guerra e pôr cerco à cidade de S. Tomé por seu cunhado Narraja Rajo e outros muitos capitães com passante de vinte mil homens e muitos elefantes no ano de 1611, sendo capitão daquela cidade Manuel de Frias; mas foram os portugueses ajudados de Deus e de seu Apóstolo, de feição que, defendendo-se valorosamente, foram os inimigos desbaratados e se recolheram com morte e perda de muita gente.

Teve este rei muitas mulheres, e uma delas que era filha de Ocal Rajo, um daqueles capitães que vieram pôr cerco à dita cidade

de S. Tomé, veio a parir um filho a que puseram nome Chequi Rai, que dizem geralmente os grandes do reino que não é filho do rei, porquanto, estando ele ausente e ocupado em certas guerras em que andava, foi concebido, segundo a computação dos meses do seu nascimento; porém, foi criado como filho de rei. Governando o reino de Bisnaga Vangatipati Rajo, foi muitas vezes persuadido de uma das suas mulheres, que ele amava muito e por quem se governava e era irmã de Narrapa Rajo que, como dissemos, veio pôr cerco à cidade de S.to Tomé, que em sua vida, pois era velho, levantasse por rei daquele reino a Chica Rai, o viúvo, visto ser seu sobrinho, filho de Rama Rajo seu irmão. E ainda que sempre em sua vida o rei refusou fazer rei a este sobrinho por estar inabilitado segundo as leis daquele reino, e por isso nunca lhe quis dar estado, que foi causa de ele andar sempre ausente e nas terras dos naiques onde veio a ter estreitíssima amizade com Chaipa Naique, que era um velala mui grande capitão mui valente e esforçado, e senhor de muita gente de guerra.

Contudo tanto puderam com o rei as persuasões da sua sobredita mulher que, estando para morrer, mandou chamar ao viúvo seu sobrinho Chica Rai e, estando quase sem fala, lhe meteu o seu anel no dedo e mandou que diante dele o coroassem por rei, e depois de feito isto morreu, ficando em seu lugar o sobredito Chica Rajo, seu sobrinho viúvo, o qual, por ser homem de rija natureza e terrível condição, não era benquisto dos seus, particularmente // dos rajos. Os quais, vendo 937
que era ele muito grande amigo do já nomeado Chaipa Naique e dos naiques, que é outra geração contrária aos rajos, e receando que o rei lhes fizesse males e lhes tirasse suas terras e riquezas e fazendas, alevantaram por rei ao outro Chica Rai, neto de Ocal Rajo, que não era tido comummente por filho do rei morto Vangatipati Rajo, e com mais de cinco ou seis mil homens que ajuntaram, entraram à força de armas a cidade de Velur onde, depois que perderam a cidade de Bisnaga, residem os reis; e, ensenhoreando-se dos paços reais, houveram à mão do rei Chica Rai viúvo, e o prenderam em umas casas na mesma cidade onde o puseram com suas mulheres e filhos, dando-lhe a sustentação necessária para todos, tendo de contínuo posto grandes guardas dos mesmos rajos por se não fiarem de outra gente.

Sabendo, pois, o caso Chepa Naique que, como dissemos, era grande amigo do rei preso, lhe mandou dizer por um homem principal do reino que dava betre ao rei, que é ofício particular entre eles, que ele estava prestes com toda a sua gente para o ajudar e favorecer; que trabalhasse por fugir da prisão em que estava, que ele o defenderia de seus inimigos e o faria ser obedecido como verdadeiro rei de todos. Com este recado procurou o Chica Rai, preso, sua fugida, parecendo-lhe que por aquele caminho viriam a ter remédio suas cousas; e abriu para isso uma mina que ia das casas em que estava preso até as do que dava o betre ao rei, que fora o medianeiro deste negócio. Mas como a fortuna, quando começa a perseguir um homem, não

descansa até o pôr no último estado da desesperação, ordenou que uma noite, andando os rajos vigiando e rodeando-lhe as casas, com o peso da gente caiu a terra da mina e foi descoberta a fugida que pretendia fazer. E sendo o rei intruso avisado disso, por conselho dos rajos lhe tiraram as três partes da anona que lhe costumavam dar, e só lhe davam para a sua sustentação a terceira parte do que antes lhe davam.

Foi de tudo isto avisado o Chepa Naique, o qual lhe tornou a mandar dizer que, pois se não pudera efeituar a sua fugida, lhe mandasse escondidamente algum filho seu, porque a esse alevantariam por rei e com ele fariam guerra ao rei inimigo e destruiriam todos os rajos da sua parcialidade. Procurou o Chica Rai preso, ouvindo esta determinação e bom conselho de seu amigo, mandar-lhe um dos seus filhos; e vendo que era mui grande a guarda e vigia que os rajos lhe tinham posto, ordenou que um mainato levasse o filho metido entre a roupa suja e menstruosa das suas mulheres, por ser cousa que estes gentios
938 muito aborrecem e fogem de a tocar e // nem ainda ver com os olhos. E perguntou o Chica Rai ao seu filho mais velho, que se chamava Vangatipati Rajo (como o tio que o fez rei), se queria experimentar aquela fortuna e ir metido naquela roupa e pôr-se naquele perigo que não era menos de poder ser morto, pois era cousa certa que, se o acharam, lhe não haviam perdoar a vida. O mancebo não se atreveu a pôr em tão manifesto perigo. E sendo perguntado o segundo filho, que se chamava Raju, se queria ele ir dentro no fardo da roupa suja e às costas do mainato, respondeu que sim. E, metido entre a roupa, o levou o mainato às costas até o entregar ao capitão Echepa Naique.

Não se pôde fazer isto com tanto segredo que não viesse à notícia dos rajos e do rei intruso, o qual, em sabendo o caso, procurou de matar o Chica Rai preso, levando os rajos consigo. Sendo disto avisado o preso, ensandalando-se primeiro e ungindo-se com preciosos cheiros de almíscar, âmbar e água rosada, se foi a todas as mulheres que tinha, e as matou. Depois, saindo com uma espada em a mão em companhia do filho mais velho que não quis naquele transe desamparar ao pai, foram ambos brigar com os inimigos mui valorosamente por ver se poderiam por este modo romper por eles e escapar das suas mãos; mas, como eles eram muitos, foram ambos, pai e filho, mortos na briga, tendo primeiro mui bem vendido as suas vidas com a morte de muitos dos seus inimigos, os quais, vendo-os mortos, entraram as casas em que estiveram e achando sòmente dous filhos do triste Chica Rai, meninos de mui tenra idade, que, por serem tais, os não pôde o pai levar consigo, os mataram ambos cruelmente para que assim não ficasse algum da geração deste Chica Rai viúvo.

Tanto que o capitão Echepa Naique teve em seu poder o filho do morto Chica Rajo, ajuntou outros naiques e velalas da sua geração com muita gente, e deram sobre o rei Chica Rai feito pelos rajos, e, ensenhoreando-se da fortaleza de Velur e dos paços reais, depuseram

ao rei intruso, e os naiques e velalas ficaram governando o reino, repartindo entre si as terras dele, até que este Rama Raju, filho do morto Chica Rajo viúvo, foi de idade para governar. E como o foi, o casaram com a filha do naique de Tanjaor. E com a ajuda do sogro e do naique de Gingi veio a senhorear-se do reino todo e é agora o que governa na era de 1629. E, pelo caso que lhe aconteceu, se chama comummente o rei Mainato Rama Deua Rajo.

---

(1) A lista dos reis de Bisnaga dada neste capítulo vai com imprecisões e anacronismos fáceis de verificar. Acertá-la, todavia, é difícil, à falta de suficientes documentos literários ou epigráficos. David Lopes na Introdução à *Cronica dos Reis de Bisnaga, manuscripto inedito do seculo XVI*, que em 1897 publicou, tentou determinar a cronologia real de Bisnaga, aproveitando os dados da *Chronica*, de Couto (*Década VI*, l. 5, c. 4, pp. 375-383) e outras achegas que pôde haver. É dele (*ib.*, pg. XXIX) a seguinte lista a que chamou *provisória:*

?1487-1509	Narsinga
1509	Vira Narsinga
1509-1530	Crisnadeva
1530-1542	Achiutaraja
1542- ?	Sadáxiva
1542-1564	Ramajara
1565- ?	Tirumala
? -1577?	Ranga
? -1614	Vencatapati, que não deixou descendência. E à sua morte o país parcelou-se em pequenas soberanias.

DE UMA EMBAIXADA QUE EL-REI DE BISNAGA
939 // MANDOU AO VIZO-REI D. FRANCISCO DE ALMEIDA POR MEIO DE UM RELIGIOSO NOSSO QUE CHAMAM FR. LUÍS E DO QUE MAIS PASSOU ATÉ SER MORTO PELOS MOUROS

CAPÍTULO 60

Um dos primeiros religiosos que passaram à Índia com intento de converter os infiéis dela, foi o P. fr. Luís, religioso de muita virtude e mui zeloso da salvação das almas, o qual entrou em o grande reino de Bisnaga com tenção de semear nele a semente da palavra de Deus e juntamente visitar o santo corpo do bem-aventurado apóstolo S.to Tomé que está em a cidade de Meliapor nas terras de Bisnaga, como logo diremos (1). E com esta ocasião a teve de pregar a Fé ao mesmo rei, que se chamava Narsinga, com o qual achou tanta graça, ordenando-o assim Deus, que não só lhe deu licença para que pregasse em as suas terras, senão que lhe disse que se queria fazer amigo dos cristãos e ter paz e amizade com os Portugueses, pedindo-lhe quisesse ele meter mão nisso e ir com um grande do seu reino por seu embaixador ao vizo-rei da Índia que então era D. Francisco de Almeida, o qual estando em Cananor teve aviso desta embaixada por via do feitor de Cochim.

O P. fr. Luís aceitou fazer esta viagem mostrando ao rei ter muito gosto em o servir nisso, e assim se aparelhou com um companheiro que lhe apontou e veio em busca do Vizo-Rei, ao qual achou ainda

---

(1) As fontes documentais coevas abundantemente provam que os Franciscanos, apenas entrados na Índia em 1500, logo se interessaram e fraternizaram com os cristãos de S. Tomé, dos quais com certeza logo houveram notícia do sepulcro de S. Tomé. Pelo que a devota romagem de fr. Luís Salvador a Meliapor com a travessia por Bisnaga, muito embora se não possa provar com documentos, tem todos os visos de real.

em Cananor, que sabendo da sua chegada folgou muito com ela [2]. E porque ainda neste tempo não tínhamos ali fortaleza nem casa de qualidade que nela pudesse o Vizo-Rei receber o embaixador de um tão grande príncipe como sabia que era, foi assentado que o fizesse na mesma nau em que então tinha chegado de Portugal no ano de 1505, para o que mandou a todos os seus capitães, cada um em o seu batel, que o fosse receber à praia, donde o trouxeram à nau cuja tolda toda estava alcatifada e coberta de panos de seda e ouro.

E entrando o embaixador na nau acompanhado do P. fr. Luís, o veio receber ao bordo dela o Vizo-Rei a som de trombetas e atabales com todos os capitães e fidalgos que com ele estavam, e, levando-o pela mão até um estrado, se assentaram ambos cada um em sua cadeira de espaldas e, depois de lhe perguntar o Vizo-Rei pela saúde e disposição do rei de Bisnaga e discurso do seu caminho, // recebeu as cartas **940** de crédito em que se tinha a sua embaixada. E a sustância dela era dizer ao Vizo-Rei que el-rei de Bisnaga, seu senhor, sabendo da sua vinda e das vitórias que lhe dera Deus em sua viagem, e de quantas os capitães de el-rei de Portugal, seu irmão, na Índia tinham alcançado, desejava ter amizade com um tão poderoso rei para, se necessário for, o ajudar com as naus de todos os portos de mar que tinha na costa da Índia e com quanta gente quisesse. E que, para maior confirmação de sua amizade, lhe consentiria que nos mesmos portos mandasse fazer fortalezas, para o que lhe daria toda a ajuda necessária. E para que esta amizade fosse mais firme e segura, lhe oferecia uma sua irmã moça e de bom parecer para a casar com o príncipe seu filho, com a qual lhe daria, tomando-a, dote de terras e dinheiro que fosse bem contente. E, acabada a sua embaixada, deu ao Vizo-Rei uma carta de el-rei de Bisnaga para el-rei D. Manuel em que lhe escrevia o conteúdo na embaixada, e lhe entregou para o príncipe D. João dois colares de pedraria de inestimável valor e alguns anéis de pedras riquíssimas e muitos e mui ricos panos de ouro e seda.

Muito folgou o Vizo-Rei e todos os portugueses com esta embaixada, por entender de quanto proveito e crédito seria para o Estado

---

(2) Gois de quem fr. Paulo da Trindade aproveitou o descritivo da embaixada (*Cronica do felicissimo Rei D. Manuel*, 2, c. 7, pp. 22-23) não fala de fr. Luís. Barros (*Década I*, l. 8, c. 9, pg. 266) vagamente recorda que um «frade» andou metido no assunto. Mas documentação coeva ùltimamente publicada tudo esclareceu. Pedro Fernandes Tinoco escrevendo de Cochim a el-rei D. Manuel em 21 de Novembro de 1505, conta: «cando chegamos Amjadyva, foi dada huma carta a Dom Francisco de Gonçalo Gil, em como esse Padre Frei Lois e Pero Leitam, seu sobrinho, eram em Narsynga, a chamada delrei de Narsynga, como Vossalteza lá sabera por eles» (*Documentação* 1, 34-35). E em seguida refere o encontro do vice-rei D. Francisco de Almeida com os embaixadores em Cananor. Fr. Luís deve ter vindo na armada dos princípios de 1506 a Lisboa a informar o rei acerca das coisas de Narsinga ou Bisnaga, pois nesse propósito estava ainda nas vésperas da partida da armada, a 15 de Janeiro, como informa em carta desse dia o mesmo Pero Fernandes Tinoco (*Documentação*, 1, 46).

da Índia a amizade de tão poderoso príncipe, e assim ao embaixador fez muito agasalhado, e ao nosso fr. Luís deu os agradecimentos do serviço que nisso fizera a el-rei de Portugal em lhe grangear um tão bom amigo. E, sendo tempo, os despachou com cartas de grande oferecimentos para el-rei de Bisnaga e algumas peças de ouro e prata lavrada, das que trazia de Portugal. E se conservou sempre esta amizade, a qual não foi de pequena importância para este Estado, pois por meio dela viemos a ter no Canará, que está sujeito a este rei, as fortalezas que nele temos, e achámos sempre favor e ajuda neste rei e seus vassalos em muitas guerras que depois tivemos contra o rei de Calecute e o Idalcão.

E assim sendo governador da Índia o grande Afonso de Albuquerque, e com sentimento da morte do Marechal e outros fidalgos que foram mortos na cidade de Calecute, desejando de buscar maneira para se vingar deste desbarate, escreveu ao dito rei de Bisnaga (o qual confina o seu reino com o de Calecute e não eram muito amigos) que, querendo vir com sua gente por terra que ele viria por mar e destruiriam o Samorim, e que trabalharia por ter inteligências com alguns senhores da Serra para o ajudarem. E sabendo a muita entrada que com este rei tinha o nosso fr. Luís, por a este tempo ter já vindo de Bisnaga o mandou a este negócio com uma instrução do que lhe havia
941 // de dizer [3]. Não refusou o trabalho o P. fr. Luís por ver que era do serviço de el-rei de Portugal e bem deste Estado. E assim se tornou para Bisnaga e tratou com o rei o negócio que lhe era encomendado. Foi dele mui bem recebido, mostrando muita vontade de ajudar sempre os Portugueses. E, enquanto se deteve aqui neste reino, escreveu muitas vezes a Afonso d Albuquerque dando-lhe conta de quão bem recebido fora do rei e lhe mandou muitos avisos importantes a este Estado.

E tendo novas el-rei de Bisnaga como Afonso de Albuquerque tinha tomado Goa, lhe mandou seus embaixadores a dar os parabéns daquela vitória e oferecer-se de novo para o ajudar. E ainda aos vassalos deste rei se deve o termos Goa, porque eles foram os que informaram Afonso de Albuquerque desta cidade e lhe mostraram de quanta importância seria para os portugueses terem-na conquistada, e muitos deles o vieram acompanhar para esta empresa sendo o principal deles Timoja de quem tão largamente se fala nas histórias da Índia, cujos conselhos foram poderosos para divertir a Afonso de Albuquerque do caminho que queria fazer para Ormuz e persuadi-lo a que fosse tomar Goa, como o fez, acompanhando-o ele sempre com a sua gente enquanto a guerra durou. Do que, sendo informado o Idalcão, mandou seus embaixadores a el-rei de Bisnaga fazendo-lhe

---

(3) Fr Luís se, como parece, em 1506 veio a Portugal, depressa regressou à Índia, e em Fevereiro de 1510 Afonso de Albuquerque o despachou para Narsinga com a nova embaixada de que fala aqui o texto (*Documentação* 1, 88-89).

queixa de seus vassalos ajudarem aos portugueses naquela empresa e principalmente de Timoja, e se isto não era por seu consentimento lhe pedia que o ajudasse porque pretendia tornar a ganhar Goa. Ao que o rei lhe respondeu que havia quarenta anos que os mouros de Decão lhe tinham tomado o reino de Goa e que agora folgava muito de o ver em mãos de el-rei de Portugal cujo amigo e irmão ele era, e que a ajuda que lhe pedia para o tomar daria ele aos portugueses para se defenderem. Com esta resposta ficou mui sentido o Idalcão e perdeu grande parte das esperanças que tinha de tornar a recuperar Goa.

E sabendo que estava em Bisnaga o nosso fr. Luís e que era o medianeiro desta amizade que havia entre o rei daquele reino e o de Portugal, deu ordem com que fosse morto, como foi, por um turco que, achando-o em parte onde o pôde fazer a seu salvo, lhe tirou a vida que ele deu por bem empregada de se perder por serviço de Deus e seu rei (4).

E daí a alguns anos, sendo governador da Índia Diogo Lopes de Siqueira e tendo partido com uma grossa armada para Diu e Ormuz, parecendo-lhe ao Idalcão (que não perdia o sentim[ent]o de haver perdido Goa) que era boa esta ocasião de a recobrar, ajuntou muita gente para vir sobre ela, e não lhe fora muito dificultoso tomá-la segundo // havia nela pouca defensão. Mas vendo el-rei de Bisnaga, 942
que então era Chrisnará, os desenhos do Idalcão, se pôs em campo contra ele e o veio buscar a suas terras com um poderoso exército, e dando-lhe a batalha o desbaratou junto das terras de Goa e lhe tomou as cidades de Rachol e Biligam de Salsete e outros muitos lugares em que entravam as tanadarias do Balagate vizinhas a Goa. O que feito e acabado com muita glória sua, mandou dizer a Rui de Melo, que então era capitão de Goa, que mandasse tomar posse das ditas tanadarias e terras de Salsete e Bardês em nome de el-rei de Portugal D. Manuel e que fazia delas doação por sinal de amizade que com ele tinha e queria sempre ter. O que muito lhe agradeceu depois o governador Diogo Lopes tornando de Ormuz e lhe mandou as graças por seus embaixadores. E se conserva até hoje esta aliança e amizade de el-rei de Bisnaga com o Estado da Índia.

---

(4) Certifica o assassínio de fr. Luís em Bisnaga, Afonso de Albuquerque em carta a el-rei D. Manuel de 1 de Abril de 1512 (*Alguns Documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo*, 240).

COMO OS PORTUGUESES FUNDARAM NAS TERRAS DE EL-REI DE BISNAGA A CIDADE DE S. TOMÉ POR DEVOÇÃO DO SANTO APÓSTOLO E SUAS SAGRADAS RELÍQUIAS

CAPÍTULO 61

Entre outros muitos lugares e cidades que do Cabo de Comorim para dentro tem o reino de Bisnaga, é a cidade de Meliapor em a costa de Choromândel em altura de 13 graus do Norte, a qual se chamava antigamente Calamina, e, depois, por os seus moradores lhe foi posto o nome de Meliapor que quer dizer pavão, dando com ele a entender a sua muita nobreza e formosura, porque tinham eles que a diferença que o pavão faz às outras aves, faria Meliapor a todas as outras cidades daquela província, por ser mui frequentada de naus e toda a sorte de embarcações da Índia, Pegu, Bengala, Malaca, que a faziam ser uma escala de todas as mercadorias e riquezas deste Oriente, além da mesma terra ser mui abundante de outras cousas que nela havia, de que se fazia boa carregação, sendo uma grande parte do comércio do sobredito reino de Bisnaga. Floresceu muitos anos conservando em si este seu trato e comércio e adquirindo por meio dele muitas riquezas que a faziam ser uma das mais afamadas cidades da Índia. Aqui veio ter o glorioso Apóstolo S. Tomé depois de ter corrido grande parte
943 deste // Oriente, fazendo nesta cidade muitos cristãos e assim como também os tinha feitos em outra, dando a conhecer o nome de Cristo e trazendo-os a seu jugo e baptizando muitos milhares destes bárbaros orientais [1].

---

[1] Sobre a pregação de S. Tomé em Meliapor, a sua morte e sepultura, o autor aproveitou sobretudo o relato de Barros (*Década III*, l. 7, c. 11, pp. 222-228 feito com as informações de Diogo Fernandes e Bastião Fernandes em 1517, e de António Lobo Falcão e João Falcão e João Moreno em 1519, e das inquirições ordenadas pelo rei de Portugal ao governador D. Duarte de Meneses em 1522, e ao governador Nuno da Cunha em 1533. Os inquiridores Manoel

E tendo já muitos que nesta cidade seguiam a sua doutrina, desejava de lhes fundar uma igreja como também em outras partes tinha feito, para nela lhes administrar os sacramentos e pregar a palavra divina. E por o rei da terra ser gentio não tinha confiança para lhe pedir a licença e o lugar que havia mister para a fazer. Mas Deus que olhava seus bons desejos, lhe deparou com que os pudesse pôr em efeito com grande glória de seu nome e crédito do sagrado Apóstolo. E foi que na praia daquela paragem que distava da cidade doze léguas, se achou um madeiro de estranha e nunca vista grandeza, do qual querendo-se aproveitar o rei, mandou que o tirassem para terra, mas já nunca o puderam fazer por muito trabalho que nisso se pôs, porque era tal a sua grandeza que nem a força de muitos elefantes foi bastante para o abalar e tirar do lugar em que estava.

Nisto se chegou o santo Apóstolo ao rei, que a tudo estivera presente e estava já desesperado de se poder servir do madeiro, e lho pediu dizendo que lho desse porque com ele queria fazer uma casa para si. Teve o rei esta petição por cousa de riso, e assim lhe disse que era muito contente de lhe dar o madeiro e que, se o pudesse levar daí, onde quer que o pusesse lhe dava licença para aí fazer a casa que queria. Não fez o Apóstolo mais, depois de se pôr em oração com os olhos postos no céu e geolhos em terra, que atar por uma aselha que tinha, uma corda delgada com que se cingia e lançando-lhe a bênção tirou por ele, o qual se foi após o Santo com grandíssimo espanto de todos os que estavam presentes e viam aquela maravilha, e desta maneira o levou com muita facilidade até o lugar onde agora está a sua igreja, o qual era então habitação de um brâmane em quem a gente da terra tinha grande fé. E deixando aí o pau se tornou a el-rei que, sabendo o que passara, disse ao Apóstolo que fizesse a casa onde quisesse, e, se queria fazê-la naquele lugar onde tinha posto o pau, aí a fizesse ainda que o chão fosse do brâmane.

O qual tomando muito mal aquela determinação e tendo-a por grande afronta sua e menoscabo do crédito que com os naturais tinha, determinou de vingar-se do santo Apóstolo e urdir-lhe um laço que lhe não custase menos que a vida, porque, instigado do demónio, matou um seu próprio filho e o levou assim morto a apresentar ao rei com grandes lástimas e clamores, dizendo que // Tomé lho matara **944**
porque se ele queixara de lhe tomar a sua casa. Ficou o rei mui espantado do caso, e mandando chamar ao santo Apóstolo lhe perguntou porque fizera uma tão grande crueldade como era matar aquele menino. Ao que o Santo respondeu que tal não fizera. E, replicando o brâmane com muita instância que ele o matara, disse o Santo

---

de Frias e P. Alvaro Penteado em 1522-1523 e Miguel Ferreira em 1533) haviam recolhido as lendas ou histórias que vinham na tradição oral e os ensinamentos alcançados nos trabalhos de reparação e aumento da igreja ali existente. Silva Rego em *História das Missões do Padroado Português do Oriente, India*, 411-435 muito criteriosamente tudo isto expõe e aprecia.

a el-rei que perguntasse ao menino quem o matara que ele o diria. Sorriu-se o rei de lhe ouvir isto e por modo de zombaria disse que lho perguntasse ele.

O Santo então, pondo-se de geolhos e fazendo oração a Deus, lançou a bênção ao moço, o qual, alevantando-se vivo em pé, se prostou aos do sagrado Apóstolo e disse a el-rei: — «Senhor, a este homem servem os anjos; e ele não me matou senão meu pai para que, acusando-o ante ti da minha morte, tu lhe desses o castigo que merecesse». Depois do qual o Santo o baptizou, e depois de baptizado, tornando-lhe a lançar a bênção, caiu morto. Com este tão maravilhoso milagre se fez o rei cristão com toda a sua casa e gente, e se chamou Tave Modeliar, que na nossa língua quer dizer Tomás Servo de Deus, chamando-se em gentio Sagamo. E o brâmane parricida e traidor foi desterrado com grande mágua e confusão sua e dos outros brâmanes seus parentes e amigos (²).

Fez o Santo a sua igreja com a madeira que tirara do pau que mandou serrar, e com as serraduras dele e às vezes com a areia que tomava do chão, que se lhe convertia em arroz, pagava aos que trabalhavam na obra. E aqui morou sempre enquanto viveu, tendo dali não muito longe em um outeiro outra casinha em que se punha em oração, que é o lugar onde ao presente está a casa de Nossa Senhora do Monte. Sobre o qual outeiro apareceu muito tempo um fogo tão alto que o viam os que passavam pelo mar e em havendo vista dele abaixavam as velas em sinal de reverência. Aqui neste lugar foi o santo Apóstolo morto pelos brâmanes, estando em oração de geolhos ao pé de uma cruz que ali tinha alevantado, sendo atravessado com uma lança.

O que sendo sabido pelos seus discípulos, o vieram buscar e o levaram à sua igreja e aí lhe deram sepultura em uma capelinha que fizeram à parte do Evangelho da capela-mor dela. E sucedeu uma cousa assás notável e maravilhosa e foi que, metendo os discípulos o corpo do seu santo mestre em a sepultura, jamais lhe puderam meter o braço direito debaixo da terra porque com este meteu os dedos no lado de Cristo Senhor Nosso. E assim esteve muitos anos, até que,
945 no tempo em que os chins conquistaram a Índia, foram aí ter alguns // deles em romaria, os quais vendo aquela maravilha do braço do santo fora, lho quiseram cortar para o levar consigo a suas terras por relíquia; e em lho querendo cortar se encolheu e meteu debaixo da terra sem o ninguém mais ver. Não tardou muito o castigo de Deus sobre aquela cidade pela morte do seu santo Apóstolo, porque daí por diante começaram a lhe suceder grandes infortúnios, até chover terra sobre ela de maneira que se veio a despovoar. E quando os portugueses vieram

---

(²) As duas maravilhas que, segundo a tradição, haviam convertido o rei, refere-as Barros (*Década III*, l. 7, c. 11, pp. 231-232), e depois outros como o P. Barzeu em carta a S. Inácio datada de Goa a 12 de Janeiro de 1553 (em *Documentação*, 7, 170-171).

à Índia não havia dela mais que umas ruínas, ainda que eram elas tais que bem mostravam a sumptuosidade e formosura da antiga Meliapor; e a igreja do santo também estava arruinada, não ficando dela em pé mais que a capela, a qual estava lançada ao levante com a situação das nossas igrejas, e feita de abóboda de pedra e cal e tijolo com um coruchéu em cima, e tudo, assim por dentro como por fora, sinalado de cruzes.

A primeira notícia que depois de se descobrir a Índia se teve desta santa casa, foi no ano de 1517 (3) por via de dois portugueses chamados Diogo e Bastião Fernandes, os quais, vindo de Malaca, foram ter a Paleacate que dista de Meliapor cinco léguas e ali se agasalharam com uns arménios cristãos dos quais foram convidados para irem em romaria a esta santa casa, o que eles aceitaram de boa vontade; e, indo lá, acharam a igreja na forma que está dito e nela estava um mouro que fora cego e havia poucos dias que recebera vista pelos merecimentos do santo Apóstolo e tinha cargo de alumiar a casa do Apóstolo e mostrou aos ditos portugueses onde jaziam as suas sagradas relíquias e lhes mostrou uma sua pegada esculpida em uma pedra a qual estava tão fresca como se naquela hora se pusera o pé em um pouco de barro. E assim mostrou mais na mesma pedra uma joelhada do Apóstolo que, quando caiu e o mataram, fez com os geolhos. Os dois portugueses escreveram todas as particularidades que nesta casa mui miùdamente tinham visto e, tornando-se a Malaca e daí a Goa, deram conta de tudo o que viram ao governador Diogo Lopes de Siqueira e de tudo lhe deram largos apontamentos, os quais ele, quando se houve de partir para o reino, deu ao governador D. Duarte de Meneses, que lhe sucedeu, e ele os deu a Manuel de Frias que ia por feitor da costa de Choromândel, o qual, achando ser verdade tudo quanto nos apontamentos estava, avisou logo ao governador que mandou lá um sacerdote, homem de boa vida, chamado Manuel Penteado, e por ele escreveu ao feitor que o levasse à santa // casa e a fizesse reparar o melhor que fosse **946** possível, o que, posto se não pôs então em execução, se fez depois, e a igreja foi muito bem reparada e concertada.

---

(3) Como acima se diz, cap. 60[1], antigas fontes históricas relacionam a passagem de fr. Luís Salvador em Bisnaga com peregrinação por ele empreendida a Meliapor. D. Manuel já em 1501 escrevia aos reis de Castela que, segundo a tradição dos cristãos da Índia, o sepulcro de S. Tomé estava em Meliapor. Em 1507 o vice-rei D. Francisco de Almeida mandou às costas orientais da Índia missão a explorar as possibilidades comerciais e também a saber da «casa do apostolo San Thomé que lá estava, segundo tinha informação por alguns homens do Malavar» (Gaspar Correia, *Lendas*, 1, 739). No regimento com que Diogo Lopes de Siqueira foi a descobrir Malaca em 1508, lhe mandava el-rei que procurasse saber «em todas as ilhas em que fordes, assy em Mallaca», «se them allgua notiçia do Apostollo Sam Thome». E por isso não é de 1517 a primeira notícia da casa de S. Tomé em Meliapor. A de 1517 seria, sim, a primeira que em forma de informação serviu para a exposição feita por Barros nas *Décadas*.

E foi tão grande a devoção que os portugueses tomaram àquela terra por saberem que estavam nela as relíquias do Apóstolo S.to Tomé, que muitos foram fazer nela sua habitação, a qual em pouco tempo cresceu de maneira que se veio a fazer uma formosa cidade como hoje está com muitos e mui formosos edifícios, a que puseram nome Santo Tomé, por honra e memória do sagrado Apóstolo, e por este nome é hoje nomeada e conhecida não só dos cristãos, mas também dos gentios, ficando sepultado o antigo Meliapor, onde é tida em suma veneração a dita igreja que o sagrado Apóstolo aí fundou, assim dos cristãos como dos gentios, e foi renovada e quase de novo edificada no ano de 1525 e depois, crescendo os moradores, foi necessário fazerem mais um alpendre tão comprido quão larga é a igreja nova que depois se fez, o qual alpendre fez à sua custa um arménio que aí era morador ([4]).

Mas não bastando ainda a igreja juntamente com o alpendre por o povo ter crescido muito, indo àquela terra o nosso bispo de Cochim D. fr. André no ano de 1589 ordenou com os moradores dela fazer a igreja nova na forma em que hoje está, ficando-lhe à mão esquerda a igreja velha toda inteira assim e da maneira que estava de antes, cuja capela-mor serve agora de capela onde está o Santíssimo Sacramento, e no lado dela está a capelinha que o santo fez, em que orava, e nela estão suas sagradas relíquias, e tem umas grades de ferro para o corpo da mesma igreja velha, por donde a gente que quer ouve a missa que nesta capelinha do Santo se diz.

E era costume antigo dos gentios daquela terra, segundo contou o mouro de que acima fizemos menção, que nos dias em que haviam de solenizar as suas festas, traziam os seus ídolos de noite acompanhados de muita gente com muita solenidade e, chegando à vista da porta desta igreja do sagrado Apóstolo, em sinal de reverência abaixavam os ídolos três vezes até o chão, e com a mesma solenidade os tornavam a levar às suas casas. E os mesmos reis de Bisnaga tiveram sempre cuidado de lhe aplicarem rendas para a sua fábrica, por que lhe não faltasse cousa alguma das que havia mister para a sua reparação e mais cousas necessárias, dos quais foi o primeiro um que se chamava Asudadeva ([5]), o qual no ano do Senhor de 1543 fez doação à sobredita
947 // igreja dos direitos das roupas e mantimentos que àquele porto viessem por terra, o que chamaram a renda da chapa. E depois o rei Rama Raju ([5]) em lugar desta renda lhe deu outra que se chama Mambolão, que é uma aldeia que está meia légua daquele povo.

E querendo o rei que por morte deste lhe sucedeu, tirar esta renda, o santo Apóstolo lho defendeu; e tanto assim que, no ano de 1581, sendo adigar daquela terra Nigama Naique e tendo tomado já a terra da igreja por mandado do rei, veio ter uma manhã com Luís

---

([4]) Silva Rego (*l. c.*) minuciosamente expõe as obras que se fizeram por então no templo e as escavações.

([5]) Os reis Sadáxiva e Ramaraja da lista dada acima, cap. 59[1].

de Macedo, homem nobre e honrado casado naquela cidade, que então era mordomo de S. Tomé, e lhe disse estas palavras: — «Tomai o vosso Mambolão, que eu o não quero, e, se el-rei o quer, venha-o cá tomar». E perguntando-lhe Luís de Macedo porque dizia aquilo, respondeu-lhe que falara aquela noite com S. Tomé porque, indo-se recolhendo para casa e sentindo que ia detrás dele alguém, olhou para trás e viu o santo Apóstolo na mesma forma em que ele está pintado no altar mas com um cajado na mão e um clérigo detrás dele, e que lhe dissera: — «Porque me quereis tomar a minha renda que me deu el-rei»? Por onde, que lá se houve Luís de Macedo com a renda, que ele não queria entender nela.

E antes destes reis de Bisnaga que eram gentios, fez também outra doação o rei de Meliapor Sagamo que o Apóstolo fez cristão, dos dízimos de todas as mercadorias do mar e da terra para a igreja de S. Tomé e que esta esmola durasse para sempre. E alguns governadores da Índia deram também alguns bares de fazenda, fora de fretes e direitos daquele porto para Malaca e Pegu, que importavam um grande pedaço. E o primeiro que fez esta esmola foi o governador Garcia de Sá, a qual confirmou depois Jorge Cabral que lhe sucedeu no governo.

DE UM GRANDE TRABALHO QUE TIVERAM OS MORADORES DA CIDADE DE SÃO TOMÉ PELO QUAL LHES MANDOU O VIZO-REI D. CONSTANTINO DE BRAGANÇA QUE A DEIXASSEM, DO QUE ELES SE ESCUSARAM POR DEVOÇÃO DO SANTO APÓSTOLO

CAPÍTULO 62

Para que se veja a grande devoção que os Portugueses têm ao sagrado apóstolo S. Tomé, contaremos o que aconteceu aos moradores daquela cidade sendo vizo-rei da Índia D. Constantino de Bragança.
948 Pela muita devoção que os Portugueses // sempre tiveram cá na Índia ao bem-aventurado apóstolo S. Tomé, padroeiro dela, tornaram a povoar e edificar de novo a cidade de Meliapor onde o Santo fora morto e tinha ainda a sua sepultura, que ao tempo que eles lá foram acharam despovoada, destruída e toda posta por terra, como acima fica contado, e a enobreceram de feição com edifícios e hortas aprazíveis que ficou sendo uma das boas cidades da Índia. E posto que tudo isto eles fizeram com o beneplácito do rei de Bisnaga, cuja aquela terra era, por ser amigo dos Portugueses e ter corrido sempre com eles, como no seu lugar se disse, contudo correndo o tempo, sendo vizo-rei da Índia D. Constantino de Bragança, no ano de 1559 se alevantou o rei contra esta cidade pondo os moradores dela em o maior aperto em que até então nunca estiveram, com tenção de os destruir e acabar [1].

As ocasiões que para isso teve foram muitas, das quais a principal foi o ódio que os brâmanes sempre tiveram à nossa religião cristã e seus ministros, porque vendo quanto ela por aquelas partes estava dilatada, arrebentavam de raiva não podendo sofrer que nas suas

---

[1] Também Couto (*Década VII*, l. 7, c. 1, pp. 53-60) dá notícia desta vinda do rei de Bisnaga Rama Rajo sobre a cidade de S. Tomé, e em termos que fazem supor fosse ele a principal fonte de que neste capítulo se serviu fr. Paulo da Trindade.

próprias terras fossem seus ídolos tão abatidos e vituperados, seus templos derribados e postos por terra e em seu lugar alevantadas muitas igrejas em que o Deus dos cristãos era conhecido não por os que tinham a sua fé, dos quais havia aí muitos trazidos a ela pela indústria e trabalho dos nossos frades, mas ainda dos próprios idólatras aos quais a soberana luz dos milagres que cada dia em aquela terra do santo Apóstolo experimentavam, abriam os olhos da alma para conhecerem ser só o verdadeiro Deus o que tais maravilhas obrava. Com este ódio que traziam sempre na alma, não cessavam de maquinar muitas cousas em mal daqueles que a tal fé pregavam e sustentavam, grangeando-lhes muitas perseguições e trabalhos, procurando-lhes sua total destruição por verem destruída a lei de que tanto se afrontavam.

E assim com este danado intento, vendo que os nossos frades tinham tomada à sua conta toda aquela costa de Negapatão até S. Tomé, sendo os primeiros que por ela começaram a pregar a lei do santo Evangelho, vendo por toda ela alevantados muitos templos e derribados muitos pagodes, todos os anos se queixavam a Rama Rajo, rei de Bisnaga cujos vassalos eram, pedindo-lhe que acudisse por a honra dos seus ídolos pois era gentio e rei em cujas terras eles eram tão mal tratados. E posto que o idólatra rei como tal muito sentisse a afronta que lhe os seus brâmanes contavam feita aos ídolos de quem ele era observantíssimo, contudo dissimulava // por não romper com os Portu- 949
gueses com quem tinha amizade de muito tempo e comércios, principalmente dos cavalos de Pérsia e de Arábia que não podia haver senão por via deles.

Mas sucedeu que um homem casado na própria cidade de S. Tomé, nobre na geração mas baixo nas obras, por sua maldade ou por vingança que quisesse tomar da mesma cidade por alguns agravos que dela tivesse ou por respeito de algum interesse que de Rama Rajo esperasse, lhe escreveu uma carta em que lhe dizia que como seu vassalo o avisava das grandes riquezas que naquela cidade tinham os portugueses, das quais era bem se aproveitasse ele, pois era o verdadeiro e legítimo senhor daquela terra; e que lhe aconselhava viesse contra ela, que ele lhe segurava mais de dois milhões de ouro que ele podia acrescentar no seu tesouro. E como estes gentios sejam naturalmente cobiçosos de dinheiro, fez este arbítrio, no coração deste, tão grande abalo que se moveu a lançar mão do conselho que o português traidor lhe dava. Do que tendo notícia os seus brâmanes, crendo ser boa aquela ocasião para tomarem vingança dos desprezadores dos seus ídolos, aprovaram a tenção do rei e ainda a isso muito o incitaram, dizendo-lhe tais cousas que de todo se deliberou a vir em pessoa contra aquela cidade.

Para o qual efeito mandou ajuntar seus exércitos e com mais de quinhentos mil homens de armas começou a marchar para aquela povoação. Tiveram disto logo aviso os moradores daquela terra e, vendo-se confusos e atalhados, ajuntaram a conselho para verem

o que deviam fazer em um tão grande perigo como era aquele em que se viam. E posto que um fidalgo nobre e grande cavaleiro que aí se achou, os persuadiu que se defendessem, oferecendo-se ele para os ajudar a isso e apontando-lhes muitas razões para o poderem fazer, pois por grande poder que o inimigo trouxesse, bastavam para se defenderem dele quaisquer tranqueiras que eles fizessem, por não trazer artilharia, e ficando eles senhores do mar por onde podiam cada dia ser socorridos e providos do que para sua defensão lhes fosse necessário; e que, pois o rei vinha com tão danada tenção, não era bem que os achasse desarmados e desapercebidos pois além de arriscarem nisso as vidas, suas e de suas mulheres e filhos, se punham em manifesto perigo de verem detruídas e arrasadas as igrejas de Deus, que eles, como cristãos, haviam sobretudo de sentir e evitar. Contudo o assento que se tomou foi que se não defendessem mas, antes saindo ao caminho, fossem receber de paz ao Rama Rajo, e que, para o receberem na cidade, lha tivessem toda mui bem armada e concertada. A razão
950 que para isso davam, era ser do rei // aquela cidade; e pois não tinham bastante poder para a defender pois não tinham muros nem peças de artilharia nem soldados com que o fizessem, que melhor era sujeitarem-se, que enfim confiavam em Deus e nos merecimentos do seu santo Apóstolo que, quando ele os visse assim humildes, se abrandaria e deixaria a má tenção com que vinha.

Assim como o determinaram, o puseram por obra; e tirando entre si um presente que valeria quatro mil cruzados, o entregaram a quatro dos seus cidadãos mais honrados e autorizados, os quais, saindo-lhe ao caminho, lho ofereceram da parte da cidade, dizendo que todos os moradores dela lhe mandavam os parabéns da sua vinda e que com muito alvoroço o esperavam. Ele os recebeu bem e os levou consigo até chegar perto da cidade; e fora dela, em uns campos muito largos, assentou os seus arraiais, e despediu alguns capitães, em que mais confiava, para que lhe trouxessem à sua presença todos os moradores, mulheres, meninos e escravos, o que logo se fez. E ele os mandou pôr em uma parte separada com grandes guardas e vigias. Após isto mandou que lhe trouxessem aí toda a fazenda que se lhes achasse pelas casas, até os pobres móveis, o que também se fez, não montando tudo o que lhe foi trazido (que era tudo o que na cidade havia) nem cem mil cruzados. Vendo-se o rei enganado e que os dois milhões de ouro que o traidor lhe assegurava se tornavam em menos de cem mil cruzados, cheio de ira contra ele o mandou tomar e lançar aos elefantes, que o despedaçaram à vista de todos: justo castigo de sua maldade, pois além do mal que queria fazer aos seus próprios naturais, punha aos templos de Deus em risco de se tornarem casas dos pagodes. E se concertou com os moradores que lhe dessem cem mil pagodes, a metade logo e outra daí a um ano, ficando-lhe em reféns por eles cinco ou seis dos principais deles. E com isto os soltou a todos e lhes mandou tornar toda a sua fazenda, o que se fez com tanta inteireza e pontua-

lidade que, sendo eles duzentos moradores, não faltou mais que uma colher de prata, pela qual mandou el-rei fazer tantas diligências que apareceu logo pelo chão sem se saber quem era o que a tinha, porque, se se soubera, logo o havia mandar despedaçar, que tanto como isto entre estes naturais se estranha o furto. Feito isto alevantou el-rei seu campo e se recolheu para o seu reino.

As novas deste sucesso vieram ao Vizo-Rei que as sentiu muito com todos os fidalgos de Goa pelo menoscabo da nação portuguesa tão respeitada e temida de todos os reis deste Oriente, por grandes e poderosos que sejam. E asim escreveu o Vizo-Rei uma carta aos moradores daquela // cidade, cheia de grandes repreensões, estranhando-lhes o modo com que se houveram com Rama Rajo a quem houveram de resistir antes que pôr-lhe nas mãos suas pessoas e fazendas, estando eles certos que lhes não havia o Estado da Índia faltar com o seu socorro; e que, pois queriam estar em terras de reis estranhos e tiranos, tratassem de fazer o possível por se cercarem e segurarem por que outra vez lhe não sucedessem semelhantes afrontas pois elas também redundavam em todos os Portugueses. 951

E quando em o ano seguinte de 1560 foi o mesmo vizo-rei destruir o reino de Jafanapatão, tendo tomada a principal cidade dele, parecendo-lhe que seria mais acertado povoarem os moradores de São Tomé aquela cidade que já era da coroa de Portugal, que não a sua em que cada dia tinham com os infiéis mil sobressaltos, lhes escreveu uma carta em que lhes pedia e rogava muito se passassem para aquele reino que estava de novo conquistado, onde podiam viver sem o sobrosso com que viviam debaixo daquele bárbaro infiel, e com muita abundância e riqueza pois dela tinha muito aquele reino, prometendo de partir com todos as terras e aldeias, de feição que ficassem contentes. E com isto ajuntando todas as embarcações que pôde, lhas mandou a São Tomé para que logo se embarcassem e viessem aonde ele ainda estava. E ainda que era tão bom este partido que o Vizo-Rei lhes oferecia, contudo o não houveram de aceitar por não largarem, com a cidade, a igreja e o corpo do santo Apóstolo. E mandaram três moradores dos mais honrados e antigos com a resposta ao Vizo-Rei, em que lhe agradeciam muito a mercê que lhes queria fazer, que eles conheciam por muito grande; porém que a não aceitavam por lhes não parecer justo despovoar uma terra onde estava um tão rico tesouro como era o corpo do apóstolo S.to Tomé que cada dia resplandecia com milagres, com o que eles viviam mui contentes e consolados, pedindo-lhe disso grandes perdões. E o Vizo-Rei não tomou bem esta determinação, e assim não quis ver nem falar com estes homens que a traziam (2). Porém, entendemos que se pagaria muito dela o santo

(2) O vice-rei projectou conquistar Jafanapatão em 1560 e transferir para ali as populações da cidade de S. Tomé e ao mesmo tempo os cristãos da Costa da Pescaria frequentemente avexados pelos badagás. Do projecto deu conta à rainha D. Catarina regente em Portugal, acrescentando que mandaria

Apóstolo, pois a seu respeito queriam aí ficar, por ficarem com ele, expostos a novos sobressaltos. E os tem favorecido tanto que sempre esta povoação sua foi crescendo em riquezas e prosperidades, enxergando-se bem nelas terem dele muito particular favor.

---

recolher em Goa as relíquias de S. Tomé para as salvar de possíveis profanações. A transferência foi marcada para Agosto de 1560. O «capitam [da Costa da Pescaria tinha] regimento do viso-rey da India, pera que [a mudança] a fizesse em Agosto, porque pretendia mudar também os portugueses de Sam Thome e Neguapatam, que são terras do mesmo rey de Bisnaga. Areceava-se o viso-rei não fizesse alguma represaria em os portugueses, se se fizesse a mudança dos christãos, antes da mudança de S. Thome, que entam não podia ser» (Carta do P. Henrique Henriques ao P. Diogo Laines, de 8 de Janeiro de 1561, em *Documentação*, 8, 263). D. Catarina aprovou a transferência das populações e das relíquias de S. Tomé (trecho da sua carta em Queirós, *Conquista*, 311). Mas por acontecimentos que sobrevieram e sobretudo porque as coisas em Jafanapatão não correram como se esperava, os cristãos da Costa da Pescaria, a dar fé ao que conta Queirós, só em Dezembro foram transferidos para Manar (*ib.* 317-318). E os de S. Tomé à carta que o vice-rei desde Jafanapatão lhes escreveu em 10 de Novembro, responderam com escusas, como diz aqui o texto e mais desenvolvidamente expõe Queirós (*ib.* 312-316).

// DO QUE O NOSSO BISPO DE COCHIM D. FR. ANDRÉ ORDENOU ACERCA DAS RELÍQUIAS DO APÓSTOLO S. TOMÉ EM A SUA IGREJA DE MELIAPOR 952

CAPÍTULO 63

Quão aceita e agradável a Deus seja a honra que se faz na terra aos corpos dos Santos que com Ele gozam da glória no céu, se deixa bem ver no particular cuidado que muitas vezes teve de revelar os lugares em que alguns deles estavam postos, para que deles, por serem indecentes, fossem tirados e colocados em outros com a honra e respeito a eles devido, como vemos que o fez com os corpos dos santos mártires Gervásio e Protásio que, havendo estado muitos anos em lugar menos acomodado, foi avisado por divina revelação o glorioso Doutor da Igreja S. Ambrósio para que os tirasse dali e lhe desse outra diferente sepultura onde com a honra a eles devida pudessem de todos ser honrados. E o mesmo aconteceu com os corpos do proto-mártir S. Estêvão e de Gamaliel, Nicodemos e Abibas, seus companheiros.

E na conformidade disto bem podemos crer seria mui agradável a Deus o trabalho que os nossos Portugueses tiveram cá na Índia em descobrir o lugar em que as sagradas relíquias do bem-aventurado Apóstolo S.to Tomé estavam, havia tantos anos, postas, para que sendo trasladadas a melhor lugar fossem dos fiéis com mais respeito acatadas. E o fundamento que houve para se dar com estas santas relíquias, foi quererem consertar a capela da sua igreja para que não viesse ao chão, como a igreja que, segundo vimos, estava toda ruinada e posta por terra, com intento de que aquela obra do santo Apóstolo ficasse em pé e permanecesse para memória de seu nome, pois constava que por suas próprias mãos e por um tão famoso milagre, segundo atrás referimos, fora fabricada. E posto que já se sabia e com toda a certeza possível que em uma capelinha junto desta sua santa capela estavam suas santas relíquias, contudo ninguém se atreveu a querer buscá-las

ou tirá-las daquele lugar por parecer que seria isso mais atrevimento que devoção.

Contudo, como era vontade de Deus que elas se descobrissem e fossem postas onde com mais veneração fossem dos fiéis respeitadas, inspirou, como se deve crer, no coração do governador D. Duarte de Meneses com que desse ordem como a sobredita capela se reparasse e renovasse, o que se começou a fazer no ano de 1523. E querendo
953 // guarnecer e aforrar por a banda de fora a sobredita capela e o coruchéu que o Apóstolo fez, se abriu um alicerce da banda da epístola para fazerem uma sacristia, em o qual alicerce acharam a ossada do rei Sagamo que S.to Tomé fez cristão, tendo sobre a sua sepultura uma pedra que depois se pôs na capelinha do sepulcro, na qual estavam umas letras na língua da terra que continham a doação que aquele rei tinha feito àquela igreja, de que acima fizemos menção. Esta ossada se meteu em um cofre da China.

E logo no mês seguinte, que foi a 2 de Julho do mesmo ano de 1523, foi necessário bolirem com a cova do santo Apóstolo para assentarem o alicerce que havia de forrar o coruchéu, e cavando bem fundo e com muito trabalho, começaram de achar alguma areia e cal virgem em pó. E foram logo começando a achar alguns ossos da cabeça e depois das costas e de todo o corpo. E outressim acharam uma panela de barro, que levaria um almude, e estava cheia de terra, e jazia aos pé da cova. E acharam também tanto mais avante como uma das coxas das pernas, um ferro de lança de feição da folha de oliveira, todo inteiro; e dentro no alvado tinha um pequeno de pau. O que tudo foi tirado fora e metido em um cofre da China com dous cadeados de prata. E nas mais pequenas peças do torno foi posta a ossada e ficou fechada com uma chave; e no outro torno maior se meteu a ossada do rei atrás nomeado e assim a ossada de outro discípulo de S.to Tomé que jazia à porta principal à mão esquerda. De maneira que tudo ficou fechado e as chaves se entregaram em Goa ao governador D. Duarte.

E daí a dous anos se meteram todas estas relíquias dentro de um caixão velho de pau, o qual se pôs debaixo do altar do santo Apóstolo. E depois de algum tempo, porque o caixão apodreceu de todo, foram tiradas as relíquias do santo Apóstolo e se meteram elas sòmente, separadas das outras, em um cofre de um palmo de largura e meio de altura. E as outras ossadas meteram em um cofre grande; e o cofre pequeno do Apóstolo dentro neste cofre grande, e se pôs dentro na capela do Apóstolo.

Mas sendo bispo de Cochim o nosso fr. André, como era prelado tão zeloso e devoto, indo visitar por muitas vezes a cidade de S.to Tomé por naquele tempo ser ainda de sua jurdição, ordenou alguma cousa acerca das santas relíquias do sagrado Apóstolo e achou outras por informação que por serem notáveis e verdadeiras será razão as

ponhamos aqui (1). Primeiramente diz o dito bispo que achou, por informação destas partes e como por tradição, que no ano de 1559, sendo Vizo-Rei da Índia D. // Constantino, vieram a Santo Tomé 954
os três irmãos que então eram reis de Bisnaga, onde lhes aconteceu com os moradores daquela cidade o que no capítulo precedente temos referido. E tornando-se para sua terra levaram consigo o cofre das relíquias e os ossos do apóstolo S.to Tomé e juntamente um retábulo de Nossa Senhora de três palmos de comprido e dous de largo que ainda hoje está na casa de Nossa Senhora do Monte, uma légua daquele povo.

Chegando este retábulo à corte com o cofre dos ossos do Santo, é fama pública e tradição que a rainha, mulher do principal dos irmãos chamado Rama Rajo, foi espantada em sonhos com aparecimentos da Virgem, de tal maneira que obrigou ao rei a tornar a seu lugar as relíquias e retábulo que levara consigo. E assim foi trazido o retábulo com as relíquias à cidade de S.to Tomé e se entregaram a um homem principal dos que lá estavam reteudos, por nome Gil Vaz Palha, ali casado e morador. É há pessoa nesta povoação, diz o bispo, que lhe lembra que o dito Gil Vaz Palha entrou nela cavalgado sobre um boi quando trazia consigo as ditas relíquias.

Acrescenta mais o bispo que afirmam os gentios da terra que por este pecado que estes reis cometeram contra S.to Tomé em lhe levar as suas relíquias, aconteceu daí a poucos meses serem vencidos e destruídos pelos mouros do Decão em uma grande batalha onde morreram dous dos irmãos e ficou o terceiro com uma cutilada pelo rosto, como acima fica contado. E perderam a cidade de Bisnaga, e tanta parte do reino que nunca ele mais pôde levantar cabeça. E assim nunca mais os reis que lhe sucederam ousaram entrar em S.to Tomé nem chegar a ela, tendo a sua corte ordinàriamente em Chardriguir que é menos de três jornadas daí. E desta obra e outras que Deus fez pelos merecimentos do seu santo Apóstolo, vieram a dizer os gentios que S.to Tomé é mui agastado.

Diz mais o bispo que ao tempo que as relíquias do santo Apóstolo foram trazidas por Gil Vaz Palha, estava naquele povo de S.to Tomé um religioso nosso chamado fr. Lopo de Almada (2) o qual sabendo que o vizo-rei D. Constantino mandava despejar aquela terra

---

(1) A diocese de S. Tomé de Meliapor foi criada pelo papa Paulo V, a 9 de Janeiro de 1606, a pedido do bispo de Cochim D. fr. André de S. Maria. Antes, toda a costa oriental da Índia pertencia à diocese de Cochim, pelo que algumas vezes D. fr. André, desde que em 1589 tomou posse da diocese, a ela foi em visita pastoral, visitando portanto também a povoação de S. Tomé. Quando se procedeu às inquirições a que se refere o texto, não consta. Com elas pôde D. fr. André fazer o «memorial» que, segundo refere o autor no cap. seguinte e também fr. António Gouveia na *Viagem do Arcebispo* (fl. 79), se guardava no arquivo da Sé de Goa e na de S. Tomé, mas não é hoje conhecida nem no original nem em cópia.

(2) De fr. Lopo de Almada consta apenas o que aqui no texto se diz.

dos portugueses que nela moravam, pela afronta passada que lhes fora feita em os levar daí presos como dito é, trabalhou por haver à mão a metade das ditas relíquias do Apóstolo e o ferro da lança com que fora morto, com tenção de as pôr em casa de S.to Tomé que o dito vizo-rei fazia em Goa em o campo de S. Lázaro, para onde queria levar os moradores daquela terra.

Mas vendo depois que isto não se efectuava, porque os portugueses, por devoção do santo Apóstolo, não quiseram deixar a sua cidade, entregou as ditas relíquias ao bispo que então era de Cochim
955 D. Jorge Temudo, o qual as fez pôr na capelinha do // sepulcro do santo Apóstolo a um canto dela para a banda do Oriente, metidas em um altar muito pequeno, o qual altar não tinha mais que seis palmos de comprido porque o seu comprimento era sòmente a largura da capelinha do sepulcro, a qual não tem mais de largo que seis palmos. E estavam estas relíquias metidas em um cofrezinho de latão mourisco de menos de um palmo de comprido, o qual estava metido em outro cofre maior, no côncavo do altar, debaixo de uma grade de latão com sua fechadura, e de outra portinha de pau com sua fechadura. E tudo isto ficava debaixo da pedra de ara. E na mesma capelinha do sepulcro, para a banda do ponente, estava uma jarra soterrada no chão com a boca na face da terra, a qual jarra tinha muita terra dentro, que devia ser a terra que estava no calão que se achou no sepulcro do Santo como dissemos, e também a que estava misturada com os ossos do Santo quando cavaram o seu sepulcro, porque entre ela se achava alguns pedacinhos de ossos pequeninos.

Mas vindo aí ter o sobredito bispo D. fr. André e vendo que aquele lugar tão santo estava com pouca decência, porque negros e brancos entravam nele quando queriam e andavam por cima do lugar do sepulcro e ainda metiam a mão na jarra e levavam dela o que queriam, mandou tirar a terra da jarra e metê-la em um cofre grande, e mandou desfazer o altar pequeno porque era tão curto que se não podia dizer nele bem missa; e mandou fazer outro altar ao comprido da capelinha, o qual ocupa quase todo o lugar do sepulcro. E debaixo deste altar grande pôs o cofre grande com as relíquias do santo Apóstolo na forma em que estava no outro altar. E assim estão agora ali, senão que o cofre pequenino de latão mourisco em que estavam as santas relíquias do Apóstolo, está metido em outro cofre maior de prata dourada, e este cofre está posto em uma caixa de madeira com três chaves, das quais uma tem o bispo, outra o capitão e outra a cidade. E mandou o mesmo bispo D. André pôr excomunhão que nenhuma pessoa entre naquele lugar se não for clérigo de ordens sacras, e que o vigário da igreja seja o sacristão dela para a varrer e limpar. E os sacerdotes, o dia que chegam àquela cidade e no que dela se vão, podem dizer missa neste altar; mas nos outros tempos a não podem dizer sem especial licença do Ordinário, tirando o dia da festa do mesmo Apóstolo.

// DA INFORMAÇÃO QUE O MESMO BISPO DE COCHIM D. FR. ANDRÉ TOMOU DO MONTE GRANDE E DA PEDRA MILAGROSA QUE NELE SE ACHOU 956

CAPÍTULO 64

São tão notáveis e maravilhosas as cousas do bem-aventurado Apóstolo S.to Tomé em esta sua cidade de Meliapor e tanta a obrigação que os desta Província lhe temos por nos honrarmos com o seu nome, que creio me não será mal contado deter-me algum tanto mais em as referir, mormente estando elas tão averiguadas, como estão, pela diligência e cuidado que disso teve de todas as vezes que, como prelado que era daquela terra, a ia visitar o nosso bispo de Cochim D. fr. André, o qual depois de largas informações fez um como memorial das mais das cousas que aqui referimos assim no capítulo passado como neste, o qual firmado com o seu sinal, se guarda no cartório da Sé daquela cidade de S. Tomé (1). E o que mais acrescentar, é da mesma maneira tirado de graves autores que não menos trabalharam na averiguação destas cousas, cujos nomes vão apontados em as margens deste capítulo (2).

Uma boa légua pois da cidade de S.to Tomé está um monte que dizem se chamava antigamente Antenudur e agora uns lhe chamam de Nossa Senhora, por razão de uma ermida que nele há da mesma Virgem, como logo veremos, e outros o Monte Grande para diferença de outro chamado Pequeno que fica à entrada dele. Este monte foi sempre mui venerado e visitado dos cristãos e peregrinos que vinham visitar a casa do Apóstolo, por haver fama que nele orava muitas vezes o Apóstolo e que nele foi morto por um brâmane, como o dizem

---

(1) Como já no cap. último se disse, hoje não se conhece este Memorial de D. fr. André de S. Maria nem no original nem em qualquer cópia.

(2) No manuscrito que se publica, neste capítulo faltam as notas à margem que o autor anuncia. Pelo que não se pode destrinçar o que veio desse Memorial de D. fr. André de S. Maria e o que veio de outros autores.

as letras daquela santa pedra que está por retábulo do altar, de que logo hemos de falar. Quando os portugueses vieram àquela terra não havia edifício algum neste monte, só havia uns alicerces que estavam sobre a terra obra de um côvado, lançados de levante ao poente, que parecia haverem sido de algum oratório muito pequeno. Sobre os quais alicerces levantou um Diogo Fernandes aí morador e dos primeiros portugueses que aí vieram, um oratório na era de 1523, que foi o ano em que se fez a igreja de S.to Tomé, de abóboda, dedicado à Madre de Deus e tão pequeno que não cabiam nele oito pessoas.

Depois disto, crescendo a romagem e devoção deste santo monte
957 e da ermida da Madre // de Deus, determinaram os moradores daquele povo fazerem outra ermida maior que aquela. E tendo juntos uns duzentos pardaus para princípio da obra, a quiseram começar no ano de 1547 pelo mês de Março, sendo aí vigário Gaspar Coelho e capitão Gabriel de Ataíde. Foram-se ao monte para isso o vigário e capitão com dez ou doze homens dos mais honrados daquele povo, e determinando fazer a igreja nova ao redor da velha lançou o mestre da obra seus cordéis e medidas. E começando depois disto a cavar os alicerces, uma terça-feira 23 do mesmo mês de Março, deram com outros alicerces de que se não sabia parte, também de leste a oeste, e onde parece que havia estado outra igreja mais antiga. E indo cavando a longo deles e tendo cavado altura de três côvados, deram com a pedra santa que está hoje por retábulo de Nossa Senhora.

É esta pedra tamanha como uma mó de atafona, de cor parda claro, onde estava feito de meio relevo um portal ao modo gótico, e no meio uma cruz como a dos cavaleiros de Avis, e em cima na cabeça uma pomba com as asas estendidas assim como se pinta quando o Espírito Santo apareceu sobre os Apóstolos no dia do Pentecoste. E no circuito do portal tinha umas letras de tão antigos caracteres que se não achou em toda aquela cidade quem as conhecesse. Estava esta pedra com a cruz virada para baixo e com as costas para cima; e como o adverso da pedra era rude e por lavrar, parecia algum penedo tosco que aí pusera a natureza. Estiveram os que abriram o alicerce para a deixar no mesmo lugar sem fazer caso de ela, contudo movidos por Deus a viraram e acharam nela a cruz que dissemos. Tinha a pedra por um lado da cruz uma como espadana de sangue que parecia tão fresco como se naquela hora fora aí derramado. O qual sangue, ainda que com o tempo se foi gastando com o suor e água que a pedra lança quando se faz o milagre e com raparem alguns dele, contudo ainda agora se enxerga o sinal do que ali esteve, havendo tantos anos que foi achada e posta ali por retábulo.

Não foi de pequena consolação para todos os que presentes estavam, a vista deste tesouro, que por tal tiveram esta maravilhosa pedra, e com grande veneração a levaram para a igreja da cidade com tenção de, acabada aquela ermida, a passarem para ela, como fizeram com grandes festas e regozijos, e a puseram sobre o altar. E por que ficasse

para sempre a memória de uma cousa tão milagrosa, mandaram fazer um acto, por um oficial público, do modo como se achou, e mandaram tirar a forma e debuxo dela, e se mandou a el-rei D. João III que a estimou muito e enco- // mendou aos governadores da Índia que tra- **958** balhassem por buscar quem declarasse aquelas letras que estavam ao redor da cruz. E porque no dia próprio do Apóstolo, que é a 21 de Dezembro, lhe fazem a sua festa na sua igreja, ordenaram que a desta ermida fosse a de Santa Cruz a 18 do mesmo mês, quando em Espanha se celebra a festa de Nossa Senhora do Ó a quem a dita ermida é dedicada.

E chegando esse dia foi grande o concurso do povo, acudindo todos os cristãos da cidade a celebrar a festa daquela santa casa. E querendo Deus Nosso Senhor manifestar mais a glória do seu santo Apóstolo, sucedeu em a missa que, tanto que o diácono começou a cantar o Evangelho que naquela festa se costuma dizer, que é o de *Missus est*, e à vista de todo o povo, começou a cruz a perder e mudar as cores tornando primeiro de parda que era, amarela, e logo preta, e finalmente da cor do céu aprazível. E assim como se iam mudando estas cores, assim se ia juntamente a mesma cruz ao princípio como orvalhando umas gotas de sangue; mas logo de tal maneira se cobriu e banhou toda em suores dele que, correndo por todo o campo da pedra, enchia e deixava da mesma cor de sangue as toalhas brancas e lenços com que se enxugavam. Com a vista desta tão grande maravilha, atónito o povo começou a levantar a voz e com grandes clamores e alaridos louvar ao Senhor, derramando muitas lágrimas e dando grandes suspiros nascidos do coração. E não só esta vez senão outras muitas sucedeu a mesma maravilha no mesmo ponto que se começava o Evangelho da missa da festa daquela santa casa.

Só faltava para remate desta marvilha saber-se o que queriam dizer as letras que estavam ao redor da cruz, sobre o que se fizeram muitas diligências até que no ano do Senhor de 1561 se achou um brâmane velho que se tinha por o maior letrado que havia em todo o reino de Bisnaga, o qual, com grandes esperanças de grandes prémios à ermida para que declarasse as letras e perguntado se as sabia ler, respondeu que as letras eram mui antigas, das quais os antigos sábios usavam, e que por descuido dos homens se perdera a notícia delas, e que também a língua em que estavam escritas era sabida de poucos. Disseram eles ao brâmane que subisse em cima do altar para dali ler melhor as letras, ao que ele muito resistiu, dizendo que era pecado pisar com os pés o lugar que estava dedicado a Deus. Mas, sendo constrangido, o fez, e leu as letras e disse que cada uma delas tinha significação de dez e quinze e vinte letras nossas, e que a sentença das letras era esta:

«Que no tempo de el-rei Sagamo fora // mandado Tomé, varão **959** divino, pelo Filho de Deus cujo discípulo era, àquelas partes para trazer a gente delas ao verdadeiro conhecimento de Deus, e que edifi-

cara ali um templo e fizera grandes milagres, e que finalmente, estando orando de geolhos diante daquela cruz, fora traspassado com uma lança por um brâmane, e que ficara aquela cruz tinta com o sangue do Santo para perpétua memória dele».

E isto disse que diziam as letras. E fez maior fé que, sendo depois chamado outro brâmane muito velho e letrado, interpretou as letras da mesma maneira. E o vigário Gaspar Coelho mandou fazer um auto de tudo isto, e o mandou ao bispo que então era de Cochim D. Jorge Temudo, o qual logo ao ano seguinte de 1562 o mandou ao reino ao Cardeal Infante D. Henrique por um instrumento autêntico, segundo conta o bispo do Algarve D. Jerónimo Osório no 3.º livro de *De Rebus Emmanuelis*, no fim dele (3).

O autor da 7.ª Década de Ásia, livro 10, cap. 5 (4), diz que o sentido das letras era o seguinte: «Em tempo do filho de el-rei Sagaad gentio que reinou trinta anos, um só e verdadeiro Deus veio à terra e tomou carne no ventre de uma Virgem, e tirou a lei dos judeus, de cujas mãos por sua vontade tomou castigo por os pecados dos homens depois de andar no mundo trinta e três anos, e ensinou a doze criados a verdade que andou pregando. E um destes veio a um lugar chamado Majale com um pau na mão, e trouxe um grande madeiro chamado Bajade que veio pelo mar, do que fez uma igreja de que toda a gente folgava. Um rei de três coroas Cheralacone, Indalacone, Cuspandiad e el-rei Alexandre do reino de Ertinabasão (5) com Catarina sua filha e muitas virgens e seis genros de castas, por sua vontade tomaram a lei de Tomé por ser a da verdade, e ele deu o sinal da cruz para adorarem. E ele subio ao lugar de Antenudur onde um brâmane lhe deu uma lançada e ele se abraçou com esta Cruz que ficou manchada de seu sangue, e os discípulos o levaram a Majale e o enterraram na sua igreja com a lança no corpo. E porque nós os reis acima nomeados vimos isto, fizemos estas letras».

Até aqui o sobredito autor, o qual foi tão grande pesquisador das cousas antigas da Índia por andar nela muitos anos que merecem muito crédito suas escrituras, e por isso quisemos aqui fazer menção dele. O mesmo, quase, tem o nosso P. Gonzaga, o qual para escrever
960 as cousas da Índia teve // mui certas informações dos velhos desta santa Província de S.to Tomé, donde as mandou pedir sendo Ministro Geral da nossa Ordem (5).

---

(3) Jerónimo Osório, *De Rebus Emmanuelis Lusitaniae Regis* (Coimbra 1791) 2, 140.

(4) Couto, *ib.*, pp. 467-488 traz, a mais da versão do letreiro que rodeava a cruz, outras informações dignas de nota.

(5) Francisco Gonzaga, *De Origine Seraphicae Religionis*, que foi informado por fr. Gaspar de Lisboa.

DO CONVENTO E CRISTANDADE QUE OS NOSSOS FRADES MENORES FIZERAM NA CIDADE DE SÃO TOMÉ E COMO O P. FR. FRANCISCO DO ORIENTE PREGOU AO REI DE BISNAGA E AOS NAIQUES DE TANJAOR

CAPÍTULO 65

É tão grande bem o ganhar-se uma alma para Deus, que se não deve julgar por grande algum perigo da vida à conta de se acudir com o remédio aos que estão postos no caminho de sua perdição, como são os infiéis que, cegos com obscuras trévoas de suas superstições e idolatrias, não atinam com o lume da verdadeira Fé. E quem por furtar o corpo a perigos deixa de acudir a semelhantes necessidades espirituais em que se arrisca não a vida do corpo mas a saúde da alma, bem clara mostra dá da sua pouca caridade, pois esta há-de ser como o fogo que tudo atropela e por tudo faz caminho, nem há obstáculo algum que se lhe possa pôr diante que com grande força e ímpeto o não desfaça. O caminho que na costa da Índia é de mais trabalho e cheio de maiores perigos, é o de S.to Tomé, porque se lhe atravessam no meio os famosos baixos de Ceilão, sobre os quais se podiam fundar com mais razão as fábulas que sobre os de Sila e Caribdes fingiram os antigos. Porém , nunca estes perigos foram bastantes para amedrontar os famosos soldados de Cristo, os Frades Menores, para que por receio de suas carrancas deixassem de passar por eles, ainda que fossem com a alma na garganta e com a morte diante dos olhos, para levarem o lume da Fé aos gentios daquelas partes e juntamente visitar o sagrado corpo do apóstolo S. Tomé que nelas tinha a sua sepultura.

E o primeiro Religioso nosso que cometeu esta empresa foi o venerável P. fr. António Padrão, Custódio que foi nesta santa Custódia, o qual no ano do Senhor de 1540 com um companheiro se veio a esta cidade de Meliapor com desejo de converter as almas e visitar as sagradas relíquias do Santo, onde edificou uma casinha pequena dentro dos muros e defronte // de um célebre pagode que aí têm os **961**

gentios, aos quais pregou com tanto fervor e espírito que, movidos todos da sua doutrina e muito mais do exemplo da sua vida, receberam a fé em mui breve tempo mais de 1300 infiéis e foram baptizados por ele (1). E vendo que cada dia se convertiam mais e era já muito grande o número dos que receberam a Fé e o santo baptismo, para melhor lhes pregar e administrar os sacramentos lhe pareceu necessário fundar naquele lugar um convento da Ordem dedicado ao bem-aventurado Apóstolo S. Tomé, como logo começou a edificar de esmolas que os devotos moradores daquele povo com muita liberalidade lhe davam, satisfeitos de sua santa companhia, e depois pelo discurso do tempo se acabou perfeitamente. É convento pequeno, em que poderá haver doze Religiosos moradores; mas mui bem acabado com todas as oficinas necessárias, claustro e horta muito formosa.

Neste convento moraram os nossos religiosos Observantes até o ano de 1569, em o qual o nosso Custódio fr. João de Ceita o deu juntamente com o de Damão para a Recoleição que então se fundou na Custódia, da instância do arcebispo santo D. Gaspar, que foi instrumento desta santa obra segundo no seu lugar mui por extenso fica contado (2).

---

(1) Já na Parte I, cap. 19[1] se procurou acertar a biografia de fr. António Padrão, diferençando-o de fr. António do Louro e fr. António do Casal, com os quais frequentemente o confundem. Até Couto, uma vez só que dele fala, erra (*Década VI*, l. 4, c. 7, pg. 321) dando-o como «Custódio» do grupo de Capuchos que em 1543 de Lisboa seguiram para Ceilão, quando por superior do grupo, seu «guardião», foi fr. João de Vila de Conde, como abundosa documentação coeva o diz. Afirma o texto que em 1540 foi ele até São Tomé de Meliapor com companheiro a fundação humilde. A data deve estar errada. Em relatório a D. João III expõe em 1545 o vigário geral Miguel Vaz: «Parece serviço de Deus asy pello fruyto que homens de bem aly podem fazer, como tambem por homrra do Apostolo, pois hé lugar [o de São Tomé] onde amdou, pregou e recebeu o martyrio, homrrar-lha com alguns homens de bem e que façam obras de comversam á fee, que se poderá fazer em muyto louvor de Deus. Os quaes, nam podemdo ser destes da Companhia de Jesus, porque nam poderá aver tamtos, deviam ser destes de Sam Framcisco da Piedade, que sam de menos peso e mostram zello a exercitarem-se em obras de fee, os quaes até mea duzea se poderam aly soster». E em despacho: «Que agora dos que leva, ponha os que lhe parecer» (*Documentação*, 3, 218). Portanto ainda em 1545 não havia frades em São Tomé. Mas é crível que logo pouco depois ali chegasse fr. António Padrão e a temporadas (porque por estes tempos muito andou por Ceilão) ali demorasse até morrer.

(2) Veja-se Parte I, cap. 41. Conforme a *Tábua de 1585*, nesse ano era ainda oratório e ficou assim provido: «S. António, oratório em S. Tomé, Recolectos: Vigário, fr. Jerónimo de S. Lourenço, pregador e confessor; fr. João de Guimarães, confessor, fr. Tomé d'Assunção, confessor; fr. Pedro da Madre de Deus, confessor; Coristas: fr. Paulo da Paixão, subdiácono porteiro, fr. Francisco da Porciúncula, corista; fr. João da Madalena, corista; fr. Francisco das Chagas, leigo sacristão; Noviços: fr. Francisco, fr. Tomé». O Capítulo Custodial de 1595 declarou que «a Vigairaria de Sancto Antonio da povoação do Apostolo San Thome, se alevante a guardiania por ser caza capax de poder sustentar doze frades» (*Tábua de 1595*, 191), e nomeou para guardião fr. Manuel de Sousa que aí ficou com mais onze Religiosos.

E assim esteve o dito convento de S.to Tomé em poder dos Padres Recoletos até o ano do Senhor de 1591 no qual eles o renunciaram por alguns respeitos que para isso tiveram, e o tornaram a dar à nossa Observância, sendo prelado-mor desta Custódia o P. fr. Manuel Pinto. Mas depois, no ano de 1618, quando, por ordem do Capítulo Geral de Segóvia e do Sumo Pontífice Paulo V, das casas recoletas se eregeu a Custódia da Madre de Deus da Recoleição, foi agregada a elas também esta de S.to Tomé por assim o pedir o P. fr. Francisco da Natividade que era fliho de S.to Tomé, e grande religioso, e tinha ido a Roma por Procurador da Recoleição, e vinha por primeiro Custódio da Custódia da Madre de Deus. E assim, chegando à Índia as letras do Generalíssimo fr. Benigno de Génova em que mandava dar execução ao que no sobredito Capítulo Geral fora decretado, o P. fr. Francisco de S. Miguel a quem ele tinha eleito por Comissário Geral e assim da Província de S. Tomé como da Custódia da Madre de Deus, fez entregar aos Padres Recoletos o já nomeado convento de S. Tomé; e se ajuntou aos outros da Recoleição e de todos eles se eregeu a Custódia da Madre de Deus, segundo fica contado no seu lugar.

Mas como este convento não era acomodado para o modo de viver dos Padres Recoletos, o tornaram a enjeitar no ano de 1622, sendo Custódio // da Custódia da Madre de Deus o P. fr. António 962
de S. Jorge e Comissário Geral o P. fr. Luís da Cruz. E desde então é este convento nosso, que parece permitiu Deus Nosso Senhor se não desmembrasse desta Província que tanto se gloreia do nome que tem de S. Tomé, o convento que, além de ter o mesmo nome do sagrado Apóstolo, está fundado na terra onde ele tem as suas santas relíquias (3). E com quanto sentimento nos foi ele tirado por ordem dos Prelados Gerais, com tanta consolação e alegria o tornámos a tomar, não nos parecendo dificultoso, por amor de tão glorioso padroeiro, nem o trabalho do caminho que sempre é com não pequeno risco da vida por razão dos já ditos baixos de Ceilão, nem o pouco cómodo que hoje naquela cidade há para a sustentação dos Religiosos que lá hão-de morar, por estar ela quase destruída e acabada pela má vizinhança que tem nos hereges de Paleacate, que, como cruéis inimigos e poderosos

---

(3) Em 1588 os Franciscanos da Custódia de Malaca desejavam o convento de S. Tomé, conforme se vê do seguinte trecho de carta do bispo de Malaca ao rei, datada de 15 de Dezembro desse ano: «Eu e o Padre Custodio que lhe [a fr. Diogo da Conceição] sucedeo, com os mais Religiosos asentamos que fosse ao Reino a tratar com Vossa Magestade e com o Padre Geral quanto importa, assy pera a conservação e augmento desta Custodia como pera os Religiosos della poderem proseguir o ministerio da conversão dos infieis a que vierão, ajuntar-se a esta Custodia a casa de San Tome e a casa da China, por não terem mais que esta soo casa [de Malaca]» (AS, Provinciales, liv. 1551, fl. 416). O pedido pelo visto não surtiu efeito, pois o convento de S. Tomé continuou na Recoleição da Custódia de S. Tomé, em 1591 os Recoletos entregaram-no aos Observantes, em 1612 nas Letras Apostólicas que criaram a Custód'a da Madre de Deus, nesta ficou incorporado e assim continuou até que os Capuchos dele se cansaram (veja-se fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, 84-85).

naquelas partes, lhes tomam as suas embarcações, tendo por essa causa quase cessado o grosso trato e comércio que nela havia para diversas partes deste Oriente, com não pequena quebra do crédito da nossa nação. Mas, como dissemos, por respeito do nosso santo Padroeiro em nada se reparou, e se aceitou pela nossa Província este convento e hoje o tem e sustenta não sem algum trabalho pelas cousas que apontámos.

Nesta mesma cidade de S. Tomé, além do convento, temos fora dos muros uma cristandade da Senhora da Luz (4) onde reside um Religioso nosso por reitor dos que ali foram trazidos à Fé, que ao presente poderão ser 1500; mas como esta reitoria não tenha ordinária alguma de Sua Majestade para sustentação do Religioso que a administra e dos cristãos pobres e muitos órfãos que aí se sustentam por amor de Deus, tem o reitor não pouco trabalho de procurar as esmolas que para tudo isso lhe são necessárias, ainda que nunca lhe falta a providência de Deus, por cujo amor e pelo mérito de obediência sofre tudo com bom ânimo.

Neste convento de S. Tomé morou algum tempo e foi Comissário e Visitador o grande servo de Deus o P. fr. Francisco do Oriente, um dos singulares obreiros desta vinha do Senhor que teve esta Província, o qual, além dos muitos gentios que aqui na terra converteu à fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e do grande exemplo que com a sua santa vida dava aos cristãos assim portugueses como da terra, movido do espírito do Senhor e zelo de converter almas, foi a Bisnaga vestido com um hábito de grosso e áspero cambolim, com uma grande e pesada
963 cruz às costas, // e pregou ao mesmo rei a nossa santa Fé, e depois fez o mesmo aos naiques de Tanjaor e Gingi, onde lhe aconteceu o que mais largamente relatámos quando tratámos do convento de S.to António de Baçaim onde este grande servo de Deus repousa em o mesmo Senhor.

---

(4) A reitoria de Nossa Senhora da Luz data de antes de 1595, pois nesse ano já o Capítulo Custodial a proveu de reitor, «o P.e Fr. Matheus de Sá, em Nossa Senhora da Luz, confessor», contado entre os moradores do convento de São Tomé (*Tábua de 1595*, 187).

DO QUE ACONTECEU A UM RELIGIOSO INDO POR MAR A S. TOMÉ ONDE ERA GUARDIÃO

CAPÍTULO 66

Com razão disse o Eclesiástico em o capítulo 43 que os que navegam pelo mar contam os perigos dele, e que estes, ouvidos de nós, nos põem em espanto e admiração: *Qui navigant mare, enarrent pericula eius; et audientes auribus nostris admirabimur* (1). E onde esta verdade mais se verifica e vê a olho mais vezes, é nos religiosos destas partes, os quais, obrigados pela obediência de seus prelados, entram muitas vezes em o mar por estarem todos os seus conventos postos em esta costa oriental, de tal maneira que não há mudar-se de um a outro senão navegando. O que é causa de poderem os mais deles contar muitos perigos do mar, porque, por causa deste seu contínuo e ordinário barquear, uns caem nas mãos dos piratas que a muitos tiraram as vidas e os que escaparam com ela tiveram pelo menos ásperas prisões e duros cativeiros, e outros experimentaram naufrágios e se viram em braços com a morte tendo-a muitas vezes diante dos olhos. E vez houve que o escaparem dela foi por querer Deus Nosso Senhor obrar com eles algumas maravilhas para mais glória sua e crédito dos que O servem, como vemos que aconteceu a um Religioso nosso que, indo por guardião de S. Tomé, esteve a pique de perder a vida em uma grande tormenta que no caminho lhe sobreveio, da qual escapou milagrosamente pelos merecimentos de nosso Seráfico Padre S. Francisco.

O caso sucedeu da maneira seguinte: No ano do Senhor de 1610, celebrando o Padre Custódio e Comissário Geral fr. Francisco de Arruda (2) a sua Congregação, saiu por guardião de S. Tomé o P. fr.

---

(1) *Eclesi.* 43, 26.

(2) Sobre fr. Francisco da Arruda, veja-se Parte I, cap. 19[1] e adiante, cap. 81[7] e 106.

Valério de S. Miguel [3], o qual, sendo tempo, se embarcou na barra de Goa em um navio que em companhia de outros fazia viagem para aquelas partes. E chegando à vista da igreja do glorioso Apóstolo
964 S. André, sete léguas de Cochim, lhes deu uma tormenta tão // rija, que obrigou aos capitães mandar surgir, por lhe não dar o vento lugar para arribar nem ir avante. E os mares eram tão grossos que todos julgaram se perderiam se o céu os não socorresse com sua misericórdia. E estando assim neste perigo e conflito lembrou-lhe, ao dito P. fr. Valério, que levava consigo dous ou três fios daquela corda do milagre da nau S. Francisco em Coulão de que atrás temos largamente tratado [4], e disse ao capitão do navio em que ia, que buscasse alguma cousa em que pudesse lançar ao mar aquela relíquia. Ele lhe deu uma bolsa de tafetá, na qual meteu um fio daquela corda de nosso Seráfico Padre S. Francisco, envolto em um pedaço de papel; e o capitão a atou com um fio de barbante, e, atado o fio ao navio, a lançou ao mar, fincando todos com muita fé que Deus Nosso Senhor os havia livrar daquele perigo pelos merecimentos de seu servo o Padre S. Francisco e virtude de sua corda.

Passaram aquela noite com bem pouco descanso. E tanto que foi manhã quiseram os capitães continuar sua viagem por estar o tempo alguma cousa mais brando; mas durou-lhe pouco, porque indo à vela defronte de Porcá, lhes tornou a entrar a tormenta com tanta fúria que os tornou a arribar para Cochim. E navegando o que de dia lhes restou e toda a noite seguinte, chegaram ao outro dia, depois do meio dia, defronte da barra de Cochim que de todo estava fechada arrebentando em furor. E tomando conselho os capitães, que eram três, sobre o que fariam, determinaram que acometessem a barra pois no mar não tinham remédio. Assim o fizeram; e dando os traquetes, e os marinheiros com os remos nas mãos, a foram acometendo. E antes de chegarem, veio um mar tão empolado e quebrando com tanta fúria que, cavalgando por cima dos outros dous navios, os meteu no fundo à vista do terceiro, que assás o atemorizou, temendo lhe sucedesse o mesmo, ainda que sempre tiveram grande fé na relíquia do cordão que trazia pela popa e com isso se animavam uns aos outros, e todos com muitas lágrimas se encomendavam a Deus Nosso Senhor, tomando por intercessor ao Nosso Padre S. Francisco, chamando por ele e por seu favor.

Foi o Senhor servido ouvir seus rogos, como claramente se viu, porque, vindo os mares quebrando sobre o navio, em chegando

---

(3) Fr. Valério de S. Miguel em 1606 foi na armada de socorro a Malaca com outros Franciscanos (veja-se adiante, cap. 85 e 86), com o encargo de Visitador da Custódia de Malaca na falta de fr. António Garcia. Possìvelmente é o fr. Valério que em 1595, segundo a *Tábua* desse ano, pg. 189, ficou de morador na reitoria da Luz de Agaçaim.

(4) Veja-se Parte II, cap. 86, 87.

ao fio em que vinha a relíquia do cordão, se dividiam em duas partes, indo quebrando por cima das perchas sem entrar um só gota de água dentro. E com estas ânsias da morte foi Deus servido que chegassem ao cais a salvamento com grande espanto de todos os que da terra os estavam vendo, e assim os receberam como homens da outra vida, louvando todos a Deus pela mercê que lhes fizera.

O capitão // depois que tornou em si, perguntou ao seu mocadão **965** pela bolsa da relíquia que lançara ao mar, e ele lha mostrou dentro na água. E fazendo-lha tirar, achou a bolsa quase desfeita por haver três dias que estava no mar; e, abrindo-a achou o papel em que estava o cordão, tão seco e enxuto que parecia não fora nunca molhado. E assim entendeu que Deus o trouxera a salvação por virtude daquele cordão, e logo se foi ao bispo D. fr. André ([5]) e, informando-o de tudo na verdade, mandou autenticar o milagre e o mandou entregar ao Guardião que então era do nosso convento de S. António, o P. fr. Crisóstomo da Madre de Deus ([6]), que o devia guardar em o cartório dele. Aconteceu este caso dia das Onze Mil Virgens da era sobredita de 1610, e no ano seguinte, no fim do mesmo mês de Outubro, sucedeu a este Religioso outro não menos milagroso que contaremos no capítulo seguinte.

([5]) D. fr. André de S. Maria, ao tempo bispo de Cochim.

([6]) Fr. Crisóstomo da Madre de Deus em 1585, segundo a *Tábua* desse ano, ficou no convento de S. António de Cochim como «lente de Gramática», em 1586 quis acompanhar à China fr. Martim Inácio de Loiola, e porque o custódio fr. Gaspar de Lisboa se opôs, queixou-se ao rei em carta de 24 de Novembro de 1587 (original em AS, Provinciales, liv. 1551), depois «fue Lector de Theologia, Guardião, y Comissario de Çeilão, y otros conventos, y primero Diffinidor» (Fr. Miguel da Purificação, *Relação Defensiva*, 12v). Em 1595 ficou de vigário na Vigairaria de Coulão (*Tábua de 1595*, 187).

DE OUTRO CASO MARAVILHOSO QUE A ESTE MESMO RELIGIOSO SUCEDEU QUANDO SE TORNOU DE S. TOMÉ PARA GOA

CAPÍTULO 67

Menos de um ano esteve o sobredito Religioso na sua guardiania de S. Tomé e se tornou para Goa por ser tempo de celebrar-se o Capítulo Custodial onde se havia ele achar por ser vogal. Em esta tornada lhe sucedeu o que aqui pretendemos contar. E foi que, chegando a Tutucurim em companhia do P. fr. Francisco Cordeiro [1], que era prelado de Manar e vinha também a Goa para se achar naquele Capítulo, acharam ali duas naus da China e outras três de mercadores daquela costa, todas carregadas de muitas riquezas, e esperavam monção para fazerem viagem. Começando-lhes a entrar a 15 de Outubro, trabalharam logo os oficiais de se partir para Cochim. O P. fr. Valério determinava fazer o seu caminho por tera por ser viagem mais segura.

E estando para partir, lhe disse um Manuel Nogueira, casado em Chaul, que a sua nau tinha muita gente, assim portugueses como escravos que os homens aí compraram e estavam ainda por baptizar, não indo naquela nau um sacerdote para alguma necessidade, se se oferecesse, que lhe pedia se quisesse ir nela, que faria nisso muito serviço a Deus Nosso Senhor, pois o P. fr. Francisco Cordeiro já ia no
966 galeão. Ouvindo // o Padre esse tão justo requerimento, movido do zelo do serviço de Deus e bem daquelas almas aceitou o lugar na nau que lhe ofereciam, e assim, chegado o dia, se foi embarcar nela e o P. fr. Francisco na sua. E, partidos daquele porto, chegaram a Coulão com bom tempo, onde se desembarcou o P. fr. Francisco para logo se tornar a embarcar. E as naus, indo navegando, aquele dia à tarde chegaram a Calecoulão com tempo muito rijo, e surgiram a terra. Foi o tempo recrescendo de maneira que foi necessário lançar duas ou três âncoras para não cassar para a terra; e assim estiveram aquela noite.

---

(1) Fr. Francisco Cordeiro em 1595 ficou de reitor em Nelur, nas terras de Bardês (*Tábua de 1595*).

Amanheceu com a tormenta muito mais terrível assim de ventos como de mares, que eram tão empolados que cobriam as naus, e tanto foram crescendo que, quando foi as três ou quatro da tarde, as três naus que estavam mais a terra deram à costa e muitos navios que vinham naquela companhia.

A nau em que estava o P. fr. Valério começou a fazer tanta água que, por mais que os homens trabalharam, nunca a puderam vencer, dando sempre à bomba e ao gamote. O Padre se pôs a fazer o seu ofício e confessou a todos os que o quiseram fazer; e, foi cousa notável, nenhum dos que se confessaram morreu, sendo assim que, dos que o não fizeram, nenhum foi a terra com vida. Feito isto começou a baptizar os escravos que seriam entre grandes e pequenos duzentas almas pouco mais ou menos, que parece ordenou a divina Providência que, por elas se não perderem, se achasse ali este sacerdote, tirando-o do seu caminho que determinava fazer por terra, que este é Deus que aos que estão escritos no livro da vida nunca falta com os meios necessários para sua salvação. Já neste tempo começavam a cortar o mastro grande; e, ele cortado, lançava-se a gente ao mar para se pegarem a ele, e alguns homens ao batel. E dando pique as amarras, mandou o piloto dar a vela de proa para se chegar mais a terra, mas durou-lhe pouco a viagem porque a nau, logo tocando em uma restinga que estava mais de uma légua ao mar, se foi virando, fazendo miserável naufrágio.

Vendo o Padre isto, encomendando-se a Deus tomou um relicário pequeno de cobre em que tinha a relíquia do cordão do nosso Padre S. Francisco de que no capítulo passado falámos, e o meteu na boca, com fé que, enquanto nela o tivesse, lhe não entraria água dentro. E tendo feito esta diligência, veio quebrando um mar por cima da nau que o lançou ao mar fora dela. E tornando ele em cima, viu diante de si um vulto e se foi a ele nadando, e sem o saber fazer, como se fora mais dextro no ofício; e achou que era um caixão sobre o qual estava um // menino e, perguntando-lhe quem era , ele respondeu: **967**
— «Jesus». E consoladíssimo de ouvir nomear aquele dulcíssimo nome a tal tempo e por um inocente que podia ser de sete para oito anos e um dos que ali tinha baptizado na nau havia poucas horas, deu graças ao Senhor e entendeu que se não podia perder, e ensinou ao menino que dissesse «Jesus, Maria, S. António», o que ele começou logo a dizer com tanta pressa, como quem se via salteado do temor da morte, que parecia não tomar folgo. E o Padre, com aquela ladainha, dizendo as mesmas palavras com o menino, ia para onde os mares o levavam, os quais eram tão grossos que, quebrando-lhe muitas vezes nas costas, o levavam ao fundo. E tornando acima, achava o menino fora do caixão em que ia, e com algum trabalho o tornava a pôr nele.

Assim com este trabalho, a cabo de seis ou sete horas que havia que andava no mar, foi perdendo o ânimo e desconfiando da vida. Mas foi logo socorrido do céu porque, indo assim com ânsias da morte sem saber onde estava, viu à sua mão direita um vulto que falando

com ele lhe disse: — «Ó frade, ó frade!» E perguntando-lhe ele quem o chamava, respondeu: — «Não hajais medo, que não haveis de morrer!» Ao que ele, dando-lhe as graças pela consolação, respondeu: — «Eu não sei se vou para o mar se para a terra». «Onde vos dão os mares, lhe replicou, nas costas ou no rosto?» — «Nas costas», lhe respondeu. — «Pois não vedes que ides para terra? Logo a vereis porque o primeiro mar que vier, vo-la mostrará». E com isto não viu mais nada, ficando ele mui animado e consolado. E logo viu vir um mar que se vinha empolando e fazendo uma grande serra sem quebrar, e posto ele em o caixão no cume daquelas águas viu tão claramente a terra e os palmares como se fora de dia, sendo noite mui tenebrosa e escura. A esta consolação se seguiu logo outro mar que veio quebrando sobre ele com tanta fúria que o levou ao fundo; mas, tornando a cima, com tanto ímpeto o levou para a terra que ficou tomando pé nela. Mas não achou o menino, que devia o mar deitá-lo em terra enquanto o Padre andava no fundo.

E chegando a terra tirou a relíquia da boca, dando muitas graças a Deus pela mercê que lhe tinha feito livrando-o de tão certo perigo pelos merecimentos de nosso Padre S. Francisco e virtude do seu cordão. Nem tão pouco [faltaram] semelhantes maravilhas no galeão que ia na mesma companhia e estava no mesmo trabalho porque, vendo os soldados que lhe tinha a tormenta quebrado já duas amarras e que
968 não tinha mais que uma que o sustentava, receosos que também //
se quebrasse, se foram ao camarote do sobredito fr. Francisco Cordeiro que, como acima dissemos, veio naquele galeão, e achando nele uma corda do mesmo Padre, com muita alegria e fé a foram atar na amarra. E foi cousa maravilhosa que o galeão se aquietou não cassando mais como até então fazia, e se sustentou sobre aquela amarra até se acabar a tormenta que durou ainda até o dia seguinte. E todos julgaram que o nosso Padre S. Francisco os livrara daquele perigo por virtude do seu cordão.

DA GRANDE CONVERSÃO DE GENTIOS QUE OS NOSSOS RELIGIOSOS FIZERAM EM NEGAPATÃO E DO CONVENTO QUE AÍ TEMOS E DE UMA COLUNA MILAGROSA QUE NELA SE ACHOU

CAPÍTULO 68

É Negapatão uma povoação ou cidade dos portugueses, dos baixos de Chilao para dentro na costa de Choromândel, sem fortaleza nem outra defensão mais que a cortesia do senhor da terra, o qual é de Badagá, sujeito também aos reis de Bisnaga, desta cidade de São Tomé. E foi um dos primeiros lugares que os portugueses povoaram quando logo chegaram à Índia, por sua muita fertilidade e abundância de mantimentos e ser terra de trato pelo bom porto que tem, onde vão sempre muitas naus de diversas partes da Índia. Com os portugueses entraram nesta cidade juntamente os nossos Religiosos, como fizeram de ordinário em todas as mais da Índia, acompanhando-os sempre para sua espiritual consolação e tendo com isso ocasião de pregar aos infiéis, que é a mercadoria em que sòmente tratam, não tendo nem querendo ter outros interesses que ganhar almas para Deus, como o fizeram também aqui em Negapatão onde em pouco tempo converteram e baptizaram quase três mil gentios.

E para fomentar esta cristandade e satisfazer a devoção que ao nosso hábito tinham os portugueses ali moradores, foi necessário fundar-se convento da Ordem em que pudessem morar até oito frades, o qual fizeram com as esmolas que eles para isso lhes deram; e são aqui providos do necessário com muita abundância, assim por a fertilidade da terra como por a muita devoção e caridade de seus moradores [1]. A igreja é dedicada às Chagas do Nosso Padre S. Francisco.

---

[1] Não se pode precisar o ano da fundação do convento. Em 1585 já era oratório onde viviam dois sacerdotes e um irmão leigo: «Vigário, fr. Tomé Toscano, confessor e pregador; fr. António Pinheiro, confessor; fr. Bartolomeu de Viana, leigo» (*Tábua de 1585*). Em 1595 continuava ainda na situação de Vigairaria, e aí ficou de vigário fr. Francisco do Oriente com quatro sacerdotes e um irmão leigo (*Tábua de 1595*, 187).

969 Há aqui sé // matriz com um clérigo que é vigário da vara. E o senhor da terra, ainda que é gentio idólatra, dá uma aldeia para a igreja que lhe rende seiscentos cruzados, de que se sustenta bastantemente. Há também outros Religiosos, como do Padre S. Domingos, S.to Agostinho e da Companhia de Jesus, que muito depois dos nossos fizeram também aqui suas casas, em que não pequeno serviço fazem a Deus.

Em um pagode dos gentios desta cidade de Negapatão está uma coluna das que fez o Apóstolo S. Tomé, à qual eles aí têm muita veneração e lhe oferecem suas ofertas e a untam com o azeite que lhe oferecem, e untam depois o rosto com ele, tendo-o por cousa sagrada. Tem esta coluna, de uma parte talhado um galo, e da outra uma corda e uma vela, e no meio uma daquelas cruzes que o santo costumava pôr em as suas igrejas que, como dissemos, é da feição das que trazem os cavaleiros de Avis. É tradição antiquíssima que esta coluna veio pelo mar uma noite, e que aquela vela vinha acesa e, sendo vista dos pescadores que andavam pescando no mar em suas embarcações, se foram a ela por ver que claridade aquela era, e chegando viram que a coluna de pedra vinha nadando sobre as águas e ia para a terra onde encalhou; e cheios de grande espanto do que viam, foram dar rebate aos moradores da cidade que eram todos gentios, os quais acudiram logo à praia, e vendo aquela maravilhosa coluna a tiveram por cousa divina e com muita veneração a levaram ao seu pagode onde a puseram e como cousa sagrada a honraram e veneraram. E depois que os Portugueses vieram à Índia, receando-se os gentios que eles a tirassem dali por ser a cruz insígnia de sua religião, e a pusessem na igreja onde viam serem semelhantes cousas postas e veneradas, a fixaram bem no chão com uns varões de ferro muito fortes, e a cercaram de paredes, ficando aí como dentro de um pátio.

E o que desta coluna se crê é que foi feita, como outras muitas, pelo apóstolo S. Tomé, e que porventura estava posta em Meliapor, que fica daí 50 léguas como dissemos, e naquela paragem das doze léguas que foi o mar comendo, e que a encaminhou Deus Nosso Senhor para aquela povoação, como mostrando aos gentios que ainda ela havia de ser de cristãos como hoje é, e esperamos em Deus que ainda pelo tempo adiante se convertam dos naturais tantos à nossa santa Fé que não haja nela senão cristãos, e que aquele pagode onde a coluna está
970 e que serve de casa de abominação, se consagre // em templo de Deus e sirva de casa de oração e onde Ele seja de todos honrado e venerado. E Ele permita que assim seja, para maior glória do seu santo Nome.

E por que se veja a razão que os moradores desta cidade têm de ser muito devotos do nosso Padre S. Francisco e de seus filhos, e de estimarem muito a sua companhia como estimam, contarei aqui um caso que lhes aconteceu, no qual viram a grande caridade com que os filhos deste tão santo Padre costumam tratar os povos onde moram e

com cujas esmolas se sustentam. Sucedeu, pois, que no ano de 1577 (²) o senhor da terra, ou pela sua má condição ou por alguns agravos que dizia ter recebidos dos portugueses, ajuntando muita gente de armas determinou de dar neles e tomar em a morte de todos a sua cruel vingança. Tendo os portugueses notícia desta determinação e vendo que com o poder que tinham, não podiam fazer rosto ao inimigo que quase lhe tocavam com as lanças as portas, trataram de pôr o remédio na fugida. E aproveitando-se das muitas naus que no porto estavam, por ser, como dissemos, porto de muito trato, se meteram nelas com a maior pressa que puderam, trazendo consigo suas mulheres e filhos e fazendas, quanto lhes foi possível, e dando as velas se fizeram de largo e deixaram a cidade. Mas como as naus não eram tantas que abrangessem a recolher em si todos os moradores dela, não se puderam embarcar muitos e ficaram ainda em terra sessenta portugueses, duzentos mestiços naturais daí e três mil índios cristãos que os nossos Religiosos tinham baptizados.

Estava então naquela cidade o grande servo de Deus o P. fr. Francisco do Oriente, o qual, ainda que se pudera embarcar se quisesse, contudo não o quis fazer por não desamparar aquela nova cristandade, antepondo o remédio dela à sua própria vida. Veio o inimigo e cometeu a cidade; e vendo que não achava nela resistência alguma dos que ali ficaram, os prendeu a todos e os levou consigo para a sua terra, com os quais ia também o P. fr. Francisco. O qual, como era mui cabido com todos os reis e senhores daquelas partes e mui conhecido e venerado de todos por haver muitos anos que fazia por lá sua habitação ocupando-se sempre em converter almas e pregar aos infiéis, deu-lhe Nosso Senhor tal graça com aquele bárbaro gentio que não sòmente alcançou dele que os portugueses que tinha cativos não fossem mortos como determinava, mas ainda acabou com ele que os soltasse e deixasse ir livremente para a sua cidade. E ainda tratando de os compor a todos, teve em tudo tão boa mão, que alcançou // licença daquele tirano **971**
para que todos os que se tinham embarcado nas naus e deixado a cidade se viessem para ela, assentando entre uns e outros uma paz firmíssima, postas certas condições da parte dos portugueses, com que tudo ficou quieto e sossegado. Os ausentes foram chamados com seguro do senhor da terra e se tornaram mui contentes para suas casas, não acabando de dar muitas graças a Nosso Senhor de os haver livrado

---

(²) Julgo que houve aqui erro do copista do manuscrito, e que em vez de 1577 se deve ler 1597 ou data por aí ao pé, pois se é facto que a esse tempo do ano de 1577 já fr. Francisco do Oriente seria sacerdote na Custódia, não podia ser de maneira nenhuma por então pessoa que há muitos anos «fazia por lá sua habitação», como se diz abaixo. Fr. Francisco do Oriente ficou ali vigário em 1595, e possìvelmente no cargo continuava em 1597, pelo que poderia talvez o copista ter errado um dos algarismos e ser nesse de 1597 o episódio recordado no texto.

daquele trabalho por meio daquele seu servo a quem tiveram daí por diante em mais conta e reputação, reconhecendo sempre aquela boa obra que dele tinham recebido.

Além do convento temos nesta terra outra igreja dedicada à Madre de Deus onde um religioso nosso sempre assiste e corre com a cristandade que aí há. E duas léguas daí, indo para Manar, temos outra cristandade que tem a seu cargo outro religioso nosso, e a igreja dela é da vocação de N. Senhora da Saúde (3).

---

(3) Destas duas igrejas ou reitorias ainda não dá notícia a *Tábua de 1595*, pelo que é de crer que sua fundação foi depois daquele ano.

DA REITORIA QUE TEMOS EM TUTUCURIM NA COSTA DA PESCARIA E DA OCASIÃO QUE HOUVE PARA OS PARAVÁS DELA RECEBEREM NOSSA SANTA FÉ E COMO OS NOSSOS RELIGIOSOS AJUDARAM A BAPTIZAR MAIS DE VINTE MIL DELES

CAPÍTULO 69

A Costa de Pescaria é uma praia de cinquenta léguas em comprido, que corre desde o Cabo de Comorim até os baixos de Ceilão ou Remanacor e pertence ao naique de Madurê, senhor poderoso posto que vassalo dos reis de Bisnaga, o qual conquistou e meteu debaixo do seu senhorio o reino de Travancor que é o derradeiro da costa de Malavar que acaba no dito Cabo de Comorim, e alguns outros estados seus vizinhos. Chama-se de Pescaria por ser um dos três mineiros principais que nos mares deste Oriente há em que se pescam pérolas e aljôfar, sendo o segundo o que está na enseada de Ainão na grande costa da China, e o terceiro na costa da Arábia defronte de Julfar que é uma vila do reino de Ormuz, da qual parece tomou o nome o mesmo aljôfar por serem os que nele se pescam os maiores e de mais quilates, sem embargo de que as outras duas pescarias // sejam em **972** maior abundância. Mas de alguns anos a esta parte cessou de todos esta pescaria dos paravás, que assim se chamam os moradores dela, ou por se mudarem os tempos e cursos naturais ou, o que mais parece, por castigo de Deus, pelas muitas injustiças, forças e tiranias que àqueles pobres no tomar do aljôfar se faziam, de maneira que hoje nem um só aljôfar se pesca nela, cessando uma tão notável cousa como era esta, não sem notável espanto de todos.

Tem esta Costa de Pescaria, de que íamos tratando, trinta lugares entre vilas e aldeias, dos quais o principal de todos eles é Tutucurim, e está junto da costa de Travancor que corre da parte do poente da ponta do Cabo Comorim para o norte até Coulão por espaço de vinte e cinco léguas. E sendo estas duas costas tão vizinhas uma de outra que não há entre elas mais distância que a de um tiro de pedra, sendo

o termo que as divide, o dito Cabo de Comorim, e que jaz sete graus e dous terços do norte, e ficando ambas debaixo do mesmo clima ainda que uma com o rosto para o oriente e a outra para o ponente, contudo são tão diferentes nos tempos que o verão de uma é inverno da outra. E assim os que habitam o cabo, gozam sempre de verão, porque quando entra o inverno em uma costa, se vão morar com suas famílias e casas na outra.

É toda mui estéril, que parece se deu a natureza por desobrigada com os moradores dela só com lhes dar as suas pérolas. E reverbera aqui o sol com tanta força, que não parece que aquenta senão que abrasa, e assim as suas calmas são as maiores de toda a Índia, salvo as de Ormuz que lhe podem fazer parelha. Os moradores eram antigamente gentios e mouros, aqueles naturais da terra, e estes estrangeiros que por razão do trato das pérolas vieram fazer aí sua habitação, e, como tinham este comércio, eram ricos, embebendo em si a sustância toda daquela pescaria, deixando aos gentios naturais tão pobres que escassamente tinham com que sustentar a vida e só viviam do que lhe pagavam por pescar a ostra.

Antigamente em Punicale, que é um lugar desta costa, havia um capitão português e muitos portugueses moradores; mas o vizo-rei D. Constantino de Bragança, por agravos que eles ali receberam do senhor da terra, os fez passar para a fortaleza que fundou em Manar. E posto que os portugueses, por a terra ser seca e doentia, se tornaram os mais deles a povoar o lugar de Punicale, contudo o capitão reside
973 em Manar, e no tempo em que se fazia a pescaria, // mandava um capitão de sua mão, que residia aí com um ouvidor enquanto ela durava, e acabando-se tornavam para Manar. Mas hoje que já não se pesca, o capitão de Manar põe um capitão feito por ele em Tutucurim, o qual o é de toda a costa.

Os paravás que, como dissemos, são os moradores desta costa, são todos cristãos e receberam a Fé todos juntos, de comum acordo e consentimento, e foi por esta ocasião: Os mouros que entre eles moravam, como eram ricos por razão do trato do aljôfar que eles tinham tomado aos naturais, e soberbos de condição, tratavam aos paravás (que era gente mesquinha, pobre e desarmada) muito mal, usando com eles de muitas injustiças e sem-razões, as quais não podendo eles já mais sofrer davam suas queixas e faziam suas lástimas a um cristão que entre eles morava, malavar de nação, chamado D. João da Cruz, a quem D. João III [1], por sua fé e nobreza e bons serviços feitos cá na Índia, lhe lançou o hábito de Cristo indo ele a despachar-se a Portugal, e lhe fez outras mercês. E pelo terem por homem prudente lhe pediram encarecidamente os aconselhasse no que deviam fazer para sacudirem

---

(1) Não foi D. João III mas sim D. Manuel quem recebeu a embaixada do rei de Calecute que D. João da Cruz trouxe a Portugal em 1512 e que foi ocasião de o mesmo D. João da Cruz se baptizar e ser agraciado com o hábito da Ordem de Cristo.

de si aquele pesado jugo que eles mesmos sobre si tinham posto, admitindo em aquela costa aqueles insolentes mouros e metendo-lhes nas mãos o grosso trato dos seus aljofres, com que estavam tão ricos que os desprezavam e não faziam conta deles, e ainda os avexavam e tiranizavam (²).

E como D. João não tinha menos de cristão que de prudente, inspirado por Deus lhes disse que, segundo ele via aos mouros tão poderosos e insolentes, nenhum remédio lhes achava para o seu mal senão valerem-se do braço português; e que para isso se fizessem todos eles cristãos, porque, como fossem de uma mesma lei com os Portugueses, ficavam eles obrigados por lei, não só de caridade mas de honra e primor, de os ajudar e favorecer, e mais sendo contra mouros a quem eles naturalmente aborreciam e contra quem sempre tiveram a espada desembainhada na Índia. Estavam os pobres paravás tão molestados de seus inimigos que lhes pareceu este conselho caído do céu, e assim assentaram os cabeças principais de o tomarem. E escolhendo de entre si alguns dos mais honrados, os mandaram a Cochim encaminhados a um clérigo honrado que era Vigário Geral de toda a Índia, chamado Miguel Vaz, pessoa de muita prudência e virtude e de grande zelo da salvação das almas, para que ele por sua parte escrevesse ao governador da Índia que então era D. Estêvão // da Gama. **974**

Fê-lo ele como de sua muita caridade se esperava, escrevendo ao governador o que passava, manifestando-lhe o grande serviço que a Deus se fazia em receber à sua santa Fé toda aquela gente que passava de vinte mil almas, e quão justo era o seu requerimento pois, sendo os naturais daquela costa, eram com tanta insolência molestados dos mouros, que, fiando-se nas suas riquezas, lhe tinham posto o pé no pescoço, e ainda, o que era mais de estranhar, se tinham todos conjurados para os destruir e de todo acabar. E posto que aqueles mouros costumavam pagar ao estado da Índia certas páreas por serem favorecidos das nossas armas, quis então o católico Governador perder essas páreas à conta de ganhar para Deus tantas almas. E assim respondeu ao vigário geral Miguel Vaz que era muito contente de favorecer os paravás, pois queriam receber o santo baptismo; e mandou ordem com que a armada que havia de ir ao Cabo de Comorim, como sempre se costumava, fosse dar esta ajuda aos paravás contra os mouros, pondo-os a todos a ferro e a fogo. Com esta resolução quis o mesmo Vigário Geral ir a esta empresa de baptizar aquela gente toda, e logo aí mesmo em Cochim deu o santo baptismo aos que tinham vindo com a embaixada. Mas como os que se haviam de baptizar eram tantos, pareceu-lhe ser necessário levar,

---

(²) Em lúcida e mui bem documentada exposição historia Silva Rego (*História das Missões do Padroado Português no Oriente, India*, 359-377) a conversão dos paravás e precedentes, completando as informações que têm corrido e corrigindo muita coisa que se tem dito sobre o assunto.

além dos clérigos que para isso se ofereciam, alguns religiosos; e como então na Índia não havia outros mais que os nossos, lhes rogou o quisessem ajudar naquele negócio tanto do serviço de Nosso Senhor e bem da cristandade (3).

Estava naquele tempo em Cochim o P. fr. António Padrão, religioso de grande virtude e zelo da salvação das almas, que tinha sido e depois foi outra vez Custódio desta Custódia, o qual tinha baptizado e convertido muitos infiéis na mesma cidade de Cochim no campo que chamam dos Jaus, onde tinha fundada uma igreja debaixo da nossa administração, com título de N. Senhora da Graça, para administrar os sacramentos àqueles novos convertidos, a qual depois pelo discurso do tempo se largou aos clérigos. E estava de caminho para S. Tomé onde queria ir com desenho de visitar o corpo do santo Apóstolo e juntamente ver se podia converter à Fé alguns daqueles naturais, como fez e atrás fica largamente contado. A este religioso ordenou o Custódio que então era, que pois o seu caminho para S. Tomé havia de ser por aquela costa, fosse ajudar a fazer aquela obra tanto do serviço de Deus, e levasse consigo alguns Religiosos do convento de Cochim; e que depois disso podia seguir a sua derrota para S. Tomé,
975 deixando ali alguns // dos seus companheiros para correrem com aquela nova cristandade.

Com esta ordem se embarcou o P. fr. António Padrão com os companheiros que lhe pareceram necessários, em companhia do digno Vigário Geral que também quis ir em pessoa àquele negócio. Chegando lá, acharam os mouros postos em ordem de peleja, posto que tiveram aviso da nossa armada e seu desenho. Mas dando os nossos neles os desbarataram fàcilmente com morte dos mais deles, ficando a terra fora daquela tribulação. Vendo-se os paravás livres dos mouros, cumpriram mui inteiramente o que tinham prometido e logo receberam mais de vinte mil deles o santo baptismo da mão do Vigário Geral e do P. fr. António Padrão, o qual, tendo dado fim ao que viera, se

---

(3) Não se conhece qualquer documento que explìcitamente afirme a cooperação dos Franciscanos nos baptismos dos paravás em princípios de 1536. D. João da Cruz que promoveu aquela conversão em massa da gente paravá, relatando o caso a el-rei D. João III fala na ida do Vigário Geral com mais quatro «clérigos» (em *Documentação*, 2, 257). Na linguagem eclesiástica do tempo o termo clérigo não se usava para designar clérigos religiosos; todavia não se pode afirmar que D. João da Cruz empregue o termo na significação exclusiva em que comummente era usada, e não se pode por isso dizer que ele exclui a presença dos Franciscanos na Costa de Pescaria nesse ano de 1536. E tal presença aqui afirmada no texto e também por Soledade que vai resumindo o que fr. Paulo escreveu (*História Seráfica*, 3, 534), torna-a acreditável a carta de fr. Lourenço de Góis a el-rei D. João III, datada de 28 de Dezembro de 1536 (sobre Fr. Lourenço de Góis veja-se Parte I, cap. 19[1]) na qual relata o que tinha feito na cristandade de S. Tomé de Cranganor e diz que «destes cristãos não sprevo mais a V. A. nem dos outros do Cabo de Comorim, porque la vam pessoas que lhe diram largamente tudo», no que mostra seu interesse na cristandade que na Costa de Pescaria então se criara.

partiu para S. Tomé com um só companheiro, deixando todos os mais ali para correrem com aquela cristandade ([4]).

E posto que o autor da *Década Quinta de Asia*, l. 7, cap. 5, diga que por sermos então poucos e andarmos repartidos pelas armadas e termos outras partes a que acudir, em as quaresmas sòmente visitávamos estas tenras plantas, contudo o contrário achamos na memória dos velhos desta santa Província, os quais me certificicaram que nos nossos Capítulos Custodiais se elegia sempre um vigário da Pescaria, o qual ia ali assistir com alguns companheiros ([5]) até que depois se entregou aquela cristandade aos Padres da Companhia de Jesus que fazem nela muito serviço a Deus Nosso Senhor e grande fruito nas almas.

E assim em toda esta costa não temos mais que uma igreja em Tutucurim que, como dissemos, é o principal lugar dela, onde reside um Religioso nosso ([6]). Fundou-se esta igreja em um chão que nos deu um clérigo chamado Francisco da Cruz, muito devoto do nosso Padre S. Francisco e seus filhos, o qual era coadjutor do Vigário da Vara daquela costa que também era clérigo muito nosso devoto e chamado Fulano Correia, e desejava muito ter naquela povoação religiosos da nossa Ordem e escreveu aos prelados dela que houvessem assim por bem. O que foi fácil de se conceder, porque, como por aí de ordinário passavam os nossos frades que haviam ir a Manar e outras daquelas partes, vinha-nos muito a pêlo termos aí igreja e casa aonde se pudessem agasalhar. E assim foi mandado para este efeito o P. fr. Manuel de Elvas, pregador, ao qual deu o clérigo Francisco da Cruz as suas casas em que morava, por serem os seus desenhos ir morar a S. Tomé como foi, nas quais fez logo o Padre uma igreja pequena // por entanto; e sendo ajudado das esmolas do Vigário da **976**
Vara e outras que ele por sua indústria adquirira, fundou a que agora

---

([4]) Não se conhece documentação que confirme ou que desminta o que vai aqui no texto sobre actividades de fr. António Padrão na Costa da Pescaria. Sobre fr. António Padrão veja-se Parte I, cap. 19[1].

([5]) Esta notícia ouvida pelo autor aos «velhos» não tem valor. No tempo que corre desde o baptismo dos paravás em 1536 até à entrada de S. Francisco Xavier na Costa da Pescaria em 1542, a missão franciscana da Índia ainda não formava uma Custódia e portanto não celebrava Capítulos Custodiais. E o facto de serem tão poucos os Capítulos dos frades para distribuição de pessoal nesse período (e foram dois apenas, em 1536 e 1539, à chegada ou na entrada dos novos Comissários, como era o costume) deixa sem sentido a afirmação de que «se elegia sempre um vigário da Pescaria, o qual ia ali assistir com alguns companheiros, até que depois se entregou aquela cristandade aos Padres da Companhia».

([6]) A casa franciscana de Tutucurim foi fundada em 1595, segundo se vê da *Tábua de 1595*, 191: «Assi mais declara o P. Custódio que esta Custódia aceita a caza da Madre de Deos que está em Tutucurim, que o senhor bispo de Cochim deu a esta Custodia. E o Padre Custodio nomeará os Religiosos que nella an de estar». E já nesse ano para ela foi de reitor fr. Manuel de Elvas (*ib.* 190).

aí está, que é grande e mui formosa, com casas bastantes para se agasalharem quatro ou cinco frades. Porém cristandade não a temos aqui nem ordinária de Sua Majestade, e nos sustentamos das esmolas que nos dão assim os moradores da povoação como os passageiros que são aí muitos e mui ordinários, os quais se agasalham connosco e lhes fazemos muita caridade, da qual usamos também com os moradores, fazendo muitos serviços a Deus com nossas confissões, pregações e festas, com muito exemplo e edificação.

DO GRANDE E OPULENTO REINO DE BENGALA E COMO OS MOUROS SE APODERARAM DELE

CAPÍTULO 70

É Bengala dos maiores e mais opulentos reinos de todo este Industão [1] e tanto que costumava dizer soldão Badur, rei de Cambaia, de cujas riquezas temos dado algumas notícias em seu lugar, que ele era um, el-rei de Bisnaga dous e o de Bengala três, dando a entender nisso que a vantagem que el-rei de Bisnaga lhe fazia a ele, essa fazia ao de Bisnaga o de Bengala, tendo ele só quanto os dous tinham juntamente; e quando isto dizia o Badur, tinha juntos vinte e dois contos de ouro. Os limites deste reino são dois notáveis rios, um da parte oriental e outro da ocidental. Ao da oriental chamam os nossos de Chatigão por entrar em uma cidade assim chamada, que é a mais célebre e rica daquele reino pelo porto que tem, no qual concorrem as embarcações de todas aquelas partes. Ao rio da parte ocidental chamam de Satigão por razão de uma cidade deste nome abaixo da qual entra no grande oceano, onde também entra o famoso Ganges, por duas bocas, que rega este reino e dá nome à enseada onde está, chamando-se Gangética.

Dele temos tratado acima, na primeira parte desta história, como também da graduação e situação deste reino e das cousas que nele produz a natureza. O rio de Chatigão nasce nas serranias dos reinos de Avá e de Vagaru, e, fazendo seu curso do nordeste para sudoeste, divide o reino de Bengala das terras do Codavascão; e ao longo das correntes deste rio ficam os reinos de Tipura e de Bramalima que rodeiam Bengala da parte oriental. Pela do // norte cercam este **977**
reino umas serranias que o apartam do reino de Barcunda; e voltando destas serras ao ponente apartam os bengalas dos povos patanes, e mais abaixo contra o meio-dia do reino Orixá. Deste reino de Bengala e doutros quatro que vizinham com ele dizem os gentios e mouros

(1) Para o desenho deste pequenino quadro geográfico e histórico do reino de Bengala, o autor aproveitou sobretudo Barros (*Década IV*, l. 9, cap. 1-2, pp. 451-465) que por vezes transcreveu à letra.

daquelas partes que a cada um deles deu Deus seu particular dom: A Bengala gente de pé sem número, ao reino de Orixá elefantes, ao de Bisnaga gente mui dextra na espada e adaga, ao reino de Deli muitas cidades e povoações e ao de Cou grande número de cavalos.

A principal cidade deste reino se chama Gouro, situada nas correntes do Ganges, e tem, segundo dizem, de comprido três léguas das nossas e duzentos mil vizinhos. De uma parte a cerca o rio, e da outra um mui alto e forte muro de pedra e cal. As ruas são largas e direitas e as principais têm árvores postas por ordem ao longo das paredes para fazerem sombra à gente que passa. E é o concurso daquela gente tanto, e tanto o tráfego e serviço dela, que com serem as ruas largas não podem uns romper por outros, particularmente nas que vão demandar os paços de el-rei; e assim, se acertam de cair entre os cavalos e elefantes em que vão os senhores e homens principais, aí ficam muitas vezes mortos ou esmagados.

A terra, como está entre vinte dois e vinte e sete graus do norte e a maior parte dela seja de campos que se regam de quatro rios notáveis e está retalhada em lezírias, é toda fertilíssima não sòmente de arroz, que é seu geral mantimento, de que se carregam muitas naus para fora, mas de legumes, hortaliças e fruitas. Faz-se em todo este reino muito e bom açúcar, que também se leva em fardos para outras partes, e nasce nele muita pimenta longa, e é abundante de todo o género de gado miúdo e grosso, e animais monteses, e aves de toda a sorte. Acham-se muitos tigres, e tão carniceiros que alguns andam muitas léguas à vista de uma embarcação esperando que se desembarque alguém para dar nele e o levar, e alguns menos pacientes arremetem as embarcações que vão passando pelos rios e saltam nelas com muita ligeireza, e dando na gente fazem nela muita destruição, matando às vezes quinze e vinte pessoas juntas; e assim são mui temidos dos naturais
978 e estrangeiros que, quando vão a Bengala, nenhuma cousa mais // trazem no pensamento para recearem que a fúria dos seus tigres. Mas proveu a natureza, ou para melhor dizer Deus que é o autor dela, de um estranho remédio para este mal, que são uns animaizinhos que se criam no mato do tamanho de um cachorro, a que chamam peva, o qual tanto que vê o tigre, o segue ladrando, dando com isto aviso à gente e a outros animais para que se guardem dele e ponham em salvo; e mete ao tigre em tanto aperto que, ficando alguns dias sem caça, vem a morrer de pura fome, e depois que assim deixa morto um, vai em busca de outro e lhe faz o mesmo.

A gente natural da terra é fraca e pouco para armas, mas mui industriosa e hábil para obras de mãos. E nas cousas de lavores de agulha e diferenças de teceduras, a todas as gentes levam vantagem os bengalas, como se vê nos lavrados das colchas riquíssimas e de outras cousas que de lá vêm. Há muitos oficiais que tecem finíssimos panos e podem dar de vestir com eles a toda Europa, porque não sòmente de Malaca por diante em que há infinitas ilhas naquele arqui-

pélago, mas ainda em toda a Índia (em cuja costa em todos os lugares se fazem infinitos panos de algodão por o geral da gente se não vestir de outra cousa) quem se quer vestir de panos finos, de Bengala os há-de haver. A gente popular não tem mais de seu que quanto ganham para comer aquele dia, e nesta pobreza conservam com mais segurança a vida que os grandes, aos quais, como el-rei sente fazenda, logo os manda matar com capa de alguma culpa. Quando morrem, naturalmente el-rei é o herdeiro de todos, assim dos ricos como dos pobres, tirania mui usada entre os bárbaros deste Oriente. O povo é gentio e os reis mouros, os quais usurparam aquele reino na maneira seguinte:

Haverá duzentos anos, pouco mais ou menos, que acertou de vir uma nau do reino de Áden, que está na boca do estreito do Mar Roxo, ao porto da cidade de Chatigão, da qual vinha por capitão um mouro arábio, homem nobre e rico, que trazia consigo duzentos homens. Vendo este o estado da terra, como sagaz e curioso a quem a fortuna chamava para maiores cousas, começou a inquirir o estado do rei e do reino e seu governo e poder. E sendo bem informado de tudo, começou a conceber em seu ânimo maiores esperanças das com que ali viera. Carregada sua nau com o retorno das fazendas que trouxera, a tornou a mandar para Áden, escrevendo a alguns parentes seus, ricos e poderosos e de quem mais confiança tinha, que lhe vendessem aquelas fazendas que a sua nau levava, e que do dinheiro fizessem novos empregos e lhos mandassem com // outra nau mais e mais gente. E 979
fazendo isto em alguns anos, se veio a achar com muito poder de riquezas e soldados.

E como el-rei tivesse guerra com o de Orixá, seu vizinho, lançou mão deste arábio para se servir dele nela, vendo-o poderoso e que de sua pessoa dava boas esperanças de esforço e prudência. E não se enganava nesta sua opinião (ainda que para seu mal), porque o mouro, além de ser mui valoroso, era prudente e entendido na arte militar. E assim, sendo favorecido de sua estrela que o guardava para maior estado, alcançou do inimigo muitas vitórias, matando-lhe muita gente e tomando-lhe muitos elefantes, com que acreditou de maneira sua pessoa que de todos era estimado e muito mais do rei que, por lhe satisfazer em parte os muitos serviços que naquela guerra lhe tinha feito, o fez guarda-mor de sua pessoa, parecendo-lhe que a tinha segura com ele, segundo era muito o que de seu esforço tinha experimentado.

Mas como nos mouros e mais arábios não seja menor a falsidade que o esforço e valentia, quanto este mais valoroso era, tanto mais tinha de aleivoso e atraiçoado. E assim, achando um dia ocasião, matou ao rei e se apoderou dos seus paços reais onde se deixou estar, que eram maiores que uma grande vila, e eram a fortaleza daquela cidade Gouro que, como dissemos, é a cabeça do reino, em que estavam seus tesouros, armas, cavalos, elefantes e mantimentos. E com este aparelho e muita gente que consigo tinha, assim dos seus arábios como

dos bengalas que para ele se vieram, não foi necessário muito para se vir senhorear da mesma cidade e depois de todo o reino. E por que melhor se pudesse conservar nele, mandou vir muitos arábios da sua cidade Áden, com os quais repartiu os ofícios e governo do reino. E por este modo ficaram os mouros senhores de Bengala. E este foi o primeiro rei mouro que este reino teve, e dele são os descendentes que lhe sucederam, uns por sucessão de pai e filho e outros (que foram os mais) por força de armas.

COMO DOUS RELIGIOSOS NOSSOS FORAM AO REINO DE BENGALA E DO FRUITO QUE LÁ FIZERAM NAS ALMAS

CAPÍTUL 71

Particular cuidado tiveram sempre os prelados maiores desta santa Província de S. Tomé de enviar a diversas partes deste Oriente // Religiosos aptos e idóneos conforme pede a nossa Regra, de vida **980** aprovada e zelo da salvação das almas: umas vezes eles mesmos movidos de si, ou para melhor dizer de Deus que interiormente a isso os incitava; outras rogados dos reis gentios que, querendo ligar-se com o estado da Índia, tomando por meio desta privança e amizade ter em seus reinos igrejas e nelas Religiosos, e outras finalmente, importunados dos portugueses que, achando-se muitos e de assento em as terras dos infiéis, pela devoção que geralmente têm à nossa Ordem Seráfica, procuraram ter consigo os seus professores para sua espiritual consolação, como vemos que sucedeu (entre outras muitas vezes) no tempo que era Custódio e Comissário Geral o P. fr. Miguel de S. Boaventura, ao qual escreveram algumas vezes e com não pequena instância os portugueses que moravam em Bengala, manifestando-lhe os grandes desejos que tinham de ter consigo os frades nossos e o muito fruito que fariam assim neles como na conversão dos gentios daquele reino.

Havia neste tempo em Bengala um português chamado Manuel de Matos [1], que era o capitão-mor de todos os portugueses que lá

---

[1] Aproveitando os desassossegados movimentos e guerras dos povos ribeirinhos do Golfo de Bengala até Pegu, aventureiros portugueses, nos fins do século XVI e princípios de XVII, porque também por ali então os holandeses competiam influências com intuitos comerciais, procuraram criar bases de apoio à influência portuguesa. E foi assim que, por iniciativa particular, Manuel de Matos com Domingos Cordeiro tomaram a ilha de Sundivá para com uma fortaleza e alfândega dominarem o Golfo de Bengala senhoreado pelos Mogos de Arracão. Em carta ao vice-rei da Índia de 2 de Março de 1605 diz o rei que, dadas as informações de Aires de Saldanha (1600-1604), concedera aos dois aventureiros o foro de fidalgo; e agora, porque lhe constou ter morrido Domin-

havia, e tão aceito ao Mogo, rei de Arracão, que o tinha feito como governador de Bengala (que então era seu e o tinha tomado à força de armas), e não lhe chamavam senão rei de Bengala e como a tal o tratavam e respeitavam. Este foi o que mais em particular escreveu ao dito Padre Custódio e Comissário Geral sobre este requerimento, o qual, querendo satisfazer a esta sua devoção e por lhe parecer seria do serviço de Deus e proveito das almas, escolheu para esta missão a dois Religiosos pregadores e de muita satisfação, cujos nomes eram fr. João da Corda e fr. Eleutério de S. Tiago, os quais tomada a bênção do prelado se embarcaram no ano de 1605 para Bengala onde chegaram a salvamento, tendo mui bom e próspero tempo nesta sua viagem (²).

Sabendo Manuel de Matos e os portugueses da sua vinda, ficaram mui alegres; e mandou o capitão alguns deles que fossem ao rio em sua busca e os fizessem desembarcar e os trouxessem consigo a sua presença. Eles o fizeram assim, e com tanta devoção que, com ser tempo de chuvas e muita lama, e vindo eles mui bem trajados de vestidos de seda, se metiam pela lama a lhes oferecerem os seus seriões, que são como paviolas em que se costuma andar naquela terra. E como os frades os não quisessem aceitar e quisessem fazer aquele caminho a pé conforme nossa Regra, eles os foram acompanhando, metendo-se
981 pela lama, e descarapuçados // sem jamais se quererem cobrir, por mais que os Padres lhe rogavam que o fizessem, até os paços de Manuel de Matos, que era uma grande distância, o qual, posto que muito doente, os estava esperando com muitos portugueses e com os embaixadores dos bojões de Bengala, que são os governadores, e muitos

---

gos Cordeiro, pede informações do que há (*Livros de Monções*, 2, 25). Carta do rei de 23 de Janeiro de 1607 diz que depois da morte de Domingos Cordeiro continuava «apoderado da ilha de Sundivá Manuel de Matos» (*ib.* 111); e outra de 4 de Janeiro de 1608 acrescenta ter-se entendido por cartas chegadas na última armada «ser fallecido o dito Manuel de Matos». Portanto seria a sua morte em 1606. À morte dele ficou governador da ilha Pero Gomes (*ib.* 176). Mas em breve um moiro, seu servo, se apoderou dela com morte dos portugueses que ali havia, diz o rei em sua carta de 20 de Fevereiro de 1610 (*ib.* 347-348). Filipe de Brito Nicote, conforme tratado feito com o rei de Arracão, ali mandou seu filho tomar posse da ilha, mas o rei, atraiçoando, o matou (*ib.* 348). Constou em Portugal que na ilha sucedera André Gonçalves Traçado, de quem todavia o Governador, respondendo a carta do rei em 29 de Dezembro desse mesmo ano de 1610, diz que não encontrou notícia, mas sim a encontrou «de hum Sebastião Gonçalves Tibão, que hoje está em posse da dita ilha de Sundiva, e a defende delrey de Arracão», (*ib.* 356). Este Tibão continuava na posse de Sundivá em 1615 (*ib.* 3, 271), e ainda em 1617 como se vê do cap. 73.

(¹) Fr. João da Corda em 1585, segundo a *Tábua* desse ano, foi colocado no convento de S. Bárbara de Chaul; em 1595 era um dos padres conceituados da Custódia de S. Tomé, «pregador e confessor», e ficou de família no convento de S. Francisco de Goa (*Tábua de 1595*, 183). Veja-se adiante, cap. 72 e 78, o seu apostolado em Arracão e Pegu. Sobre seu companheiro nesta missão fr. Eleutério de S. Tiago, veja-se acima, cap. 15, e adiante, cap. 72 78. Também Soledade (*Historia Serafica*, 3, 561-564) descreve esta missão de Bengala e Arracão, sem todavia nada acrescentar ao que leu aqui em fr. Paulo da Trindade.

patanes de sua guarda que era de 600 soldados, e, chegando, lhes fez extraordinárias honras.

Porque, primeiramente, diante de toda aquela gente que com ele estava, os fez assentar em duas cadeiras de espaldas que para isso estavam já aí postas, ficando ele, assim doente, com os mais em pé. Após isto mandou vir água para lhes lavarem os pés, que os traziam descalços, como o costumam os de sua profissão, a qual veio em calões de prata (que assim os chamamos cá na Índia), porque todo o seu serviço não era de outra cousa. E mandou mais vir a sua baixela de prata e um prato grande com o seu gomil, cousa muito rica, e diziam fora de el-rei D. Manuel, rei de Portugal, e nele lhes lavaram os pés; o qual ministério não quis o fizesse algum moço, como é costume, mas os mesmos portugueses o fizeram, com tanta devoção e caridade que era espanto. E como eles pusessem os pés descalços depois de lavados outra vez no chão, Manuel de Matos com grande brio e zelo cristão, falando com os gentios que presentes estavam, lhes disse: — «Estareis espantados de ver aos Padres pôr os pés nus na terra depois de lavados. Pois sabei que o fazem por mostrar que toda esta honra que lhes aqui fizemos, desprezam e têm em tanto como esse pó que têm debaixo dos pés, porque sua profissão é desprezar todas as riquezas e honras da terra, e a maior que me eles agora podiam fazer era consentir que lhes lavara eu mesmo os pés». Donde ficaram com grande crédito; e assim quando os encontravam depois fora, lhes faziam todos, assim portugueses como gentios, muita reverência, e os tratavam com muita honra e respeito.

Trataram logo de fundar igreja e plantar nova cristandade. E enquanto se escolhia o sítio e se juntavam os materiais, arvoraram, a requerimento do povo, uma cruz a que todos chamavam de S. Francisco. E era tão frequentada, que a ela, como se fora igreja, vinham fazer oração, e era tanto o azeite que lhe ofereciam que, confessava o vigário da terra a quem todo ele se dava, bastava para sustentar sua igreja e casa. E foi Deus Nosso Senhor servido de, por ela e nela, obrar algumas // maravilhas, como logo veremos. **982**

Em todo o tempo que aqui estiveram os nossos frades (que não foi muito, pela ocasião que logo contaremos), fizeram muitos serviços a Deus Nosso Senhor e tiraram grande fruito das almas, porque, por uma parte com o seu bom exemplo e por outra com suas pregações, umas vezes em público e outras a cada um em particular, os moviam a deixar a má vida passada e porem-se bem com Deus. Porque, como a terra era deliciosa e eles (dos portugueses trato) viviam sem que os pudessem refrear, tinham largadas as rédea a todos os vícios e pecados, pecando com tanta soltura e liberdade que parecia de cristãos não terem mais que o nome e quando muito a fé, mas esta morta e sem as obras de virtude e caridade que é o que a aumenta. Os mais deles viviam com ocasião das portas adentro, tendo filhos de suas mancebas e tratando-as tão bem resguardo como se com elas estiveram legìtimamente desposados na face da igreja. Os ódios eram entranháveis,

os homicídios ordinários e finalmente as suas vidas eram tão destragadas que pouca vantagem eles faziam aos gentios em cuja terra moravam.

E como os nossos Religiosos foram informados da liberdade com que viviam, trataram de reformá-los, ajudando-se para isso de suas orações, disciplinas e cilícios, pedindo a Deus de quem só pode vir o remédio de semelhantes larguezas, se lembrasse daqueles que em meio de tanta gentilidade representavam o seu povo e tinham o seu nome. E foram tão eficazes todos estes remédios de que lançaram mão, que se viu logo a mudança que neles tinha feito a graça divina, porque todos se confessaram e alguns que havia oito anos que o não tinham feito. E um houve que pùblicamente disse que nunca se houvera de confessar se os ditos Padres não foram a Bengala. Porque, usando eles de prudência, quanto um era maior pecador e de vida mais estragada tanto mais lhe facilitavam a confissão, e tais cousas lhes sabiam dizer que os moviam a se quererem confessar. Muitos amancebados foram tirados do mau estado em que estavam e, ou se casavam com as mancebas, ou as deitavam fora de casa. Os ódios se acabaram reconciliando-se uns com os outros. E finalmente começaram a ser cristãos nas obras assim como até então o tinham sido de nome.

Mas este tempo de reformação não durou muito, porque o diabo, inimigo do bem das almas, invejoso do que via nelas, trabalhou para os estorvar, tomando por meio disso a morte do capitão-mor
983 Manuel de Matos, // a qual foi desta maneira:

Era este cavaleiro muito bom cristão e zeloso da cristandade e serviço de Sua Majestade, e vendo que tinha ocasião de meter aquele reino de Bengala que ele tinha nas mãos, na coroa de Portugal, tratou de efectuar estes seus tão bons intentos. E assim, por uma parte começou a ajuntar muitas armas e fazer muitas munições e prover-se de muitos petrechos de guerra, e por outra deu aviso ao vizo-rei da Índia do seu desenho, pedindo-lhe o ajudasse com uma armada. Mas como tivesse alguns inimigos dos mesmos portugueses, não faltou de entre eles quem o fosse malsinar com o Mogo, avisando-o do que passava. O qual o mandou chamar e lá o matou com peçonha, e depois de o ter morto se levantou contra os portugueses que estavam em Bengala, mandando lá muitos mogos, os quais, matando uns e fazendo fugir outros, asseguraram o reino, ficando muitos nele para o defenderem.

E como eram inimigos do nome cristão, também se armaram contra ele, cortando as imagens das igrejas e matando muitos meninos cristãos em ódio da nossa santa Fé. Nem a nossa cruz ficou fora desta perseguição e alevantamento, antes, pola cortarem, a quiseram derribar primeiro. E como lhe lançassem um elefante de guerra para isso, ele o não quis fazer, recuando duas ou três vezes para trás, e dando grandes urros, e sem querer tocar nela como conhecendo ser cousa sagrada. E porque o tornaram a forçar a que arremetesse a ela, a tomou na tromba e a foi descendo com muita reverência até a pôr

no chão, e depois se alevantou com grande fúria e dando grandes urros tornou a fugir, não havendo quem o pudesse ter. E estando a cruz no chão, veio um negro e lhe deu um grande golpe com todas as suas forças; mas, em vez de cortar a cruz, cortou as suas mesmas pernas e caiu decepado delas. E passados alguns dias depois desta destruição, viu um gentio no meio de um tanque de água muito grande que estava junto ao lugar em que estivera a cruz, uma cruz arvorada e muitos meninos vestidos de branco ao redor dela, postos de geolhos com as mãos levantadas, que parece que estavam pedindo a Deus justiça daqueles inimigos da sua Fé.

Com estas altercações se perturbou de sorte a terra que não houve lugar de se continuar com aquela cristandade que se começou a fazer , porque os portugueses se espalharam e esconderam em diversas partes, fugindo da fúria do Mogo, e os nossos dois Religiosos eram idos juntamente com Manuel de Matos a Arracão ao chamado do rei, porque não quis ir lá sem os levar em sua companhia. E posto que se ajuntou o povo e lhe pediu que, pelo menos, lhes deixasse ficar aí // um deles para sua espiritual consolação, não quis vir nisso **984**
o capitão-mor, e os aquietou dando-lhes com muitas palavras as razões que tinha de os levar ambos consigo, e juntamente lhes prometeu de os tornar a trazer muito cedo, o que não teve efeito com sua morte, como no capítulo seguinte mais largamente diremos.

COMO OS MESMOS RELIGIOSOS FORAM DO REINO DE BENGALA AO DE ARRACÃO E DO QUE LÁ LHES ACONTECEU

CAPÍTULO 72

O reino de Arracão vizinha com o de Bengala, não se metendo entre estes reinos mais que o estado de Codasvacão que é um príncipe mouro. Assim o rei como os moradores deste reino, todos são gentios. O reino é grande e metido pelo sertão dentro, pelo que não tem portos de mar nesta grande costa, que descrevemos, do Oriente. O rei é muito rico de dinheiro e muito poderoso de gente de guerra, a qual traz contìnuamente com seus vizinhos, e tem grandes paços por todas suas terras com grandes tanques de água, jardins e árvores de todo o género. Usam de muitas mulheres, nem têm ordem alguma no matrimónio. É gente dada a muitas delícias, por ser terra muito rica e abundante de todo o necessário.

Neste tempo que lá foram ter os nossos frades, estava este rei feito um grande senhor, porque tinha conquistado muitos reinos, como o de Tipora que fica ao longo das correntes do rio de Chatigão de que acima tratámos, cuja gente é mui belicosa, e os dos Chacomas, Pegu e Bengala, o qual, por lhe ser muito aceito Manuel de Matos, o tinha feito como senhor de Bengala, como fica dito. E sendo informado como ele queria entregar aquele reino aos Portugueses, o mandou chamar dissimuladamente e com cor de o querer ver e tratar negócios de importância. Não deixou o capitão de suspeitar o para que o poderia mandar chamar, por ser aquela sua ida sem algum fundamento e fora de conjunção. Contudo, como estava debaixo de seu poder, não pôde deixar de fazer, e quis levar consigo os nossos dois religiosos fr. João da Corda e fr. Eleutério de S. Tiago, assim para autorizar mais com eles a sua pessoa como por os ter consigo em tempo em que esperava acabar a vida, entendendo que a ninguém melhor que a eles podia deixar encarregadas e encomendadas as cousas de sua consciência.

Chegando a Arracão, passados alguns dias, foram todos três

visitar o rei, o que lhes fez muitas honras, // particularmente aos 985
nossos frades. Sabendo que eram Religiosos, fazendo-os assentar junto de si diante dos seus filhos, tios e mais parentes e grandes de seu reino, e tomando logo em as mãos duas báticas de ouro (que assim chamam cá na Índia a certos vasos à maneira de pratos), as dava aos frades. E porque Manuel de Matos que lhe disse pola sua língua, que a sabia muito bem, que as não haviam aceitar, como resistindo-se disso respondeu: — «Tomem-nas, pois lhas dou eu que sou rei; e depois, se as não querem, lancem-nas ao mar». Mas tornando-lhe a dizer o capitão que aqueles Religiosos tinham por sua profissão não aceitar ouro nem prata nem ter por próprio cousa alguma desta vida, mas que professavam suma pobreza e viviam de esmolas que pediam de porta em porta, com isto recolheu el-rei as suas báticas de ouro e, espantado do que ouvia dizer, fez calar aos seus e, mandando-lhes que o ouvissem, disse estas palavras mui dignas de notar-se: «Estes não amam dinheiro? Pois havei que há-de ser sempre certa sua palavra e como a tal eu sempre a crerei, pois trazem os pés na terra e o coração no céu». E assim dali por diante os tratou sempre com muito respeito, e teve tanta confiança que não havia cousa que deles não fiasse.

E havendo sete padres, entre clérigos e religiosos, na sua corte, sucedendo daí pouco alterarem-se os portugueses que estavam em Bengala, com a morte do capitão que logo sucedeu, e com o mais que lá fizeram os mogos, segundo fica contado, escolheu de todos os padres o P. fr. João da Corda para os ir lá aquietar, entregando-lhe para isso o seu sinete real que jamais fiava de algum, nem do próprio príncipe seu herdeiro. E ao P. fr. Eleutério tomou por seu Padre para ficar na corte, e para isso lhe deu uma ilha rodeada de muita água (por serem as mais das ruas ruins e cheias de água, e se comunicam como outra Veneza, por embarcações) para fazer igreja. E em o tempo que aí residiu, que foram quatro ou cinco meses, tinha dado el-rei ordem para o dito Padre falar com ele nos seus paços duas vezes cada dia. Uma era de dia, primeiro em público à vista dos seus, e, depois de os despedir, na sua recâmara que era toda dourada de finíssimo ouro, onde se detinha com ele grande espaço só com o seu língua que era um grande dos seus, e o tratava com tanta mistiguidade e familiaridade que até os males que pretendia fazer aos portugueses, lhe descobria. E dizendo-lhe uma vez o Padre que não sabia como Sua Alteza lhe contava aquelas cousas, pois devia entender que ele como Padre cristão e português os havia // avisar delas, lhe respondeu: 986
— «Padre, posto que as digais, sei que não há-de ser de modo que me façais mal, pois não tomais dinheiro». E outra vez de noite, diante dos seus. E nesta forma continuou todo aquele tempo que ali esteve, até a tornada do P. fr. João da Corda de Bengala onde deixou concertados e quietos os portugueses.

E com a sua chegada trataram ambos de irem ao reino de Pegu, porquanto todo aquele reino ardia em guerras, e tornar a Bengala, como desejavam, não era possível, porque por razão delas estavam

os caminhos todos impedidos. E assim, às escondidas e sem o saber o rei, se foram para Pegu, porque de outra maneira não pudera ser, segundo lhe estavam aceitos, onde esperavam tirar o fruito que não puderam ter na conversão dos gentios nem em Bengala nem em Arracão, por causa daquelas guerras que se alevantaram. O capitão Manuel de Matos não viveu muito tempo, porque o aviaram com peçonha, cuja morte foi muito sentida dos portugueses que lá estavam e dos Religiosos, porque de todos [era] benquisto, e, tirando alguns poucos que mais por inveja que por agravos o não gostavam, todos os mais lhe tinham muito amor e respeito; e tinha-se entendido que, se vivera, ficara daquela vez Bengala da coroa de Portugal.

E enquanto os nossos frades estiveram em Arracão, lhes sucederam cousas notáveis, particularmente ao P. fr. Eleutério que, além de ser muito bom religioso e verdadeiro filho do Padre S. Francisco, era bom teólogo e de suave conversação, e assim tão aceito a todos que nunca esteve em parte onde não fosse mui amado e buscado de todos. Foi uma vez ver-se com um dos seus raulins (que são os padres daquela terra), o qual era mestre de todos os outros; e argumentando com ele sobre cousas tocantes a religião, diante de muitos raulins e portugueses, com grande contentamento dos nossos e confusão dos seus, o convenceu e fez calar cinco vezes

Outra vez foi falar com o raulim-maior, que responde ao nosso Sumo Pontífice, o qual vinha em uma como cherola; e tanto que o viu e soube quem era, se desceu dela muito depressa e se foi a ele e o tomou pela mão saudando-o, e fazendo-lhe muitos oferecimentos o foi levando para uma casa que estava fazendo para agasalhar os peregrinos, que naquela ocasião estavam dourando de fino ouro, e subindo pela escada acima ia com tanto respeito que não queria pôr o pé primeiro que o Padre nem adiantar-se nada dele. E chegando acima se assentaram ambos em o assento de uma porta, cada um em o seu. E vendo que um raulim grave de sua casa, que respondia a cardeal, se não queria assentar no assento em que o Padre estava por ficar
987 como detrás dele e ter ele isso por menoscabo de // sua pessoa e dignidade, o repreendeu o raulim-maior com ásperas palavras e graves, dizendo-lhe que não era ele merecedor de estar sentado nem ainda detrás dele, e que, se ele e o Padre estavam em dois lugares, era porque não cabiam ambos em um; e por aqui lhe foi dizendo outras cousas em que mostrava o grande concepto e opinião que tinha do dito Padre.

Neste mesmo tempo, adoecendo um menino de mama de grandes febres, filho de um gentio de Bengala que assistia na corte do Mogo, o veio chamar seu pai uma noite dizendo que seu filho estava morrendo e, pois o havia de perder, que o fosse baptizar. Foi o Padre com grande caridade e o baptizou, pondo-lhe nome Francisco. E foi cousa maravilhosa, que, em lhe lançando a água do santo baptismo, foi o menino sùbitamente são diante de muitas pessoas que estavam presentes, despedindo-se-lhe logo a febre em que estava ardendo. O que, vendo o pai, disse que se queria baptizar com toda a sua casa, que

eram doze pessoas; mas não teve isto efeito porque, enquanto o Padre se deteve em os catequizar e instruir nas cousas da Fé, aconteceu a sua apressada ida para Pegu, deixando, porém, o menino baptizado encomendado e entregue aos padrinhos.

Quando se partiram estes dous servos de Deus para Pegu, foi com grande sentimento dos portugueses que aí estavam em Arracão, porque ainda que tinham aí clérigos e outros religiosos, recebiam destes grande consolação. E no tempo em que se iam, já estando no pátio da casa em que se agasalhavam, saiu de dentro a senhora dela, que era mulher de um português muito devoto nosso, e se foi a eles e os abraçou pelos pés dizendo com muitas lágrimas e devoção: — «Ainda que eu sou um diabo, não se me vão estes anjos de casa porque, enquanto os tive nela, sempre me cresceram os bens com eles». E contou esta devota mulher muitas vezes, como tinha notado que, enquanto estiveram estes dous Religiosos em sua casa, todas as cousas lhe cresciam nela.

O que eles passaram em Pegu, adiante contaremos.

COMO O VISO-REI D. JERÓNIMO DE AZEVEDO MANDOU UMA ARMADA CONTRA O REI DE MARTAVÃO EM QUE IAM DOUS FRADES NOSSOS E COMO UM DELES FUNDOU A IGREJA E CRISTANDADE EM A ILHA DE SUNDIVÁ E DO QUE COM ELA LHE ACONTECEU

CAPÍTULO 73

Tinha o estado da Índia alguns agravos do rei de Martavão (1) e era necessário dar-lhe um açoute, remédio ordinário e o melhor
988 que os Portugueses têm neste // Oriente para se conservarem em meio de tantos inimigos, com os quais pode mais o temor das armas que a esperança dos benefícios. Aprestou-se para este efeito uma armada de doze galeotes e dous pataxos e se entregou a D. Francisco Roxo de Meneses, fidalgo, bom cavaleiro, e que muitos anos servira a el-rei nas

---

(1) Em carta de 4 de Janeiro de 1608 escrevia o rei D. Filipe II ao vice-rei da Índia: «Fui informado que será conveniente fazer-se fortaleza nas terras de Martavão, que estão despovoadas, para d'alli se conquistarem e povoarem; e posto que sobre esta materia mandei tomar n'este reino alguas informações, se não pôde verificar o que será mais conveniente a meu serviço, pelo que me pareceu remetter-vol-a, para que a trateis em conselho, pondo em consideração que os rebeldes [holandeses] teem muita communicação com o rey de Syão, e levaram seus embaixadores a Hollanda, com desenho de fazerem com elle muita liga e amizade, pretendendo fundar fortaleza em hum dos portos do seu reino» (*Livro das Monções*, 1, 177). Dada a sua posição e condições naturais, Martavão depressa se refez depois do desfazer do reino de Pegu ao qual pertencia. Os holandeses que de há muito por ali rondavam em procura de amizades que possibilitassem a fundação de feitorias e fortalezas, haviam de ter tentado a cidade ou reino que renascia. Depois, morrera Filipe Brito de Nicote e caíra a fortaleza de Sirião que ele encravara em terras do antigo Pegu (veja-se *ib.* 3, 178-179), o que complicara a situação naquelas regiões. Martavão não fez o jogo por Portugal, e por isso quando o rei por sua carta de 13 de Março de 1616 mandou ao vice-rei que se esforçasse por passar ao Sul ou mandar armada que remediasse o dano que ali estavam causando os holandeses, (veja-se *ib.* 499-500), a primeira armada que para o Sul partiu, escolheu como alvo Martavão para castigar seu proceder.

guerras de Ceilão onde tinha dado larga experiência de sua pessoa. Iam nesta armada dous frades nossos, fr. Domingos do Espírito Santo e fr. Cristóvão da Concepção (2), por capelães dela e com ordem dos prelados para naquelas partes fundarem igrejas e cristandades.

Partiram da barra de Goa aos 14 de Setembro, dia da Exaltação da Santa Cruz, do ano de 1617; e não sem muitos trabalhos e perigos que na viagem tiveram, chegaram em breve tempo à barra de Arracão (3). E estando aí alguns dias lhes saiu de dentro uma poderosa armada de inimigos de muitos e mui grandes galeotes que pareciam galés e muitos sanguicéis e jaleas e um patacho holandês. E posto que o capitão-mor visse ser mui desigual o partido, como o seu ânimo valoroso não sabia temer, deliberou-se a pelejar. E pondo-se em ponto disso, o P. fr. Cristóvão que ia com ele na sua galeota, tomando um crucifixo nas mãos à vista de toda a armada, os animou que pelejassem pela fé de Cristo e seu Nome. E assim o fizeram, durando a peleja todo aquele dia até a noite, em a qual houve grande destruição nos inimigos, ainda que também dos nossos não faltaram alguns mortos e muitos feridos, aos quais se pôs logo o dito Padre a confessar por estarem perigosos, e alguns deles acabaram a vida. E porque foram também feridos muitos marinheiros da nossa armada que eram gentios, não quis o Padre perder aquela ocasião e os exortou a que recebessem a fé de Cristo, pois era só a verdadeira. E muitos deles o fizeram por suas exortações, e recebendo o santo baptismo morreram logo. Neste mesmo tempo baptizou dous mogos que o capitão-mor mandou cortar as cabeças, os quais se vieram ter à sua galeota dizendo que queriam vir para nós, e porque lhe pareceu ao capitão-mor que eram espias e que vinham com aquela capa para saberem como ficara daquela briga a nossa armada, os mandou matar, recebendo primeiro a fé e o santo baptismo.

E posto que pudera o capitão haver por bastante aquele castigo, segundo foi grande o estrago que fez nos inimigos, contudo determinou ainda dar-lhes outro maior. E com este fundamento se foi para o porto grande de Bengala para se ajuntar com a armada de Sebastião Gonçalves Tibão, capitão da ilha de Sundivá (4). E para este efeito pediu aos nossos dous Religiosos que quisessem, por serviço de Deus e bem daquela armada, ir em busca do dito Sebastião Gonçalves e dar-lhe conta do que passava e pedir-lhe que com toda a brevidade // possível se viese ter aí com toda a sua armada para juntos tornarem 989
a cometer o inimigo. Eles o fizeram de boa vontade e foram à ilha

---

(2) Nem de fr. Domingos do Espírito Santo nem de fr. Cristóvão da Conceição se encontra qualquer notícia. Seus nomes não constam da *Tábua de 1595*, pelo que se pode presumir que não eram ainda frades nesse ano ou então eram dos capuchos da Custódia de Malaca.

(3) Também Soledade (*Historia Serafica*, 3, 564-565) resume este capítulo.

(4) A actual Sandwip, na foz do Ganges, frente a Chittagong (veja-se acima, cap. 70[1]).

Sundivá onde acharam o capitão que buscavam e lhe deram conta do que para que eles eram ali vindos, o qual sem demora alguma se aprestou de muitas munições e de todos os petrechos de guerra, com toda a sua armada se veio logo ao porto grande onde estava o capitão-mor D. Francisco Roxo, e depois de passarem seus cumprimentos, assentaram ambos, com o parecer de todos os mais capitães de ambas a armadas, a irem buscar os mogos, porque ainda que viam que tinham com eles desigual partido, entendiam convir ao crédito do nome português não mostrarem que os receavam.

E com esta determinação, confiados no favor divino debaixo de cujo nome pelejavam, se foram outra vez a demandar a barra de Arracão. Mas antes de partirem se confessaram todos os da armada com os nossos frades, os quais, depois de os terem confessados, mandaram armar uma tenda e debaixo de ela fazer um altar para dizer missa para a qual tinham levado de cá todo o aparelho, e um deles a disse e deu a sagrada comunhão quase a todos. E com esta preparação se partiram do porto grande de Bengala e foram dar em uma tranqueira de el-rei de Arracão, a qual destruíram; e tomaram algumas embarcações que logo desfizeram para com a madeira delas fazerem paveses. E depois de bem negociados e empavesados se partiram para a barra de Arracão. E, antes que entrassem dentro, queimaram muitas casas que ao longo do Ganges tinham, e lhe mataram muito gado, e lhe deram muitos assaltos, tomando-lhe muitas presas de homens, mulheres e meninos. O que sabendo o rei, ficou muito sentido e jurou pelo seu cetro de se vingar dos portugueses, particularmente de Sebastião Gonçalves que soube vinha com a sua armada naquela companhia.

Acabados estes assaltos, de que os inimigos receberam muito dano, se puseram os nossos em ordem de pelejar, fazendo de toda a nossa armada duas alas, uma em que ia Sebastião Gonçalves que havia de ser a dianteira, e outra em que ia o capitão-mor D. Francisco Roxo, na rectaguarda. E feito o sinal com uma peça de artilharia, entraram pela barra dentro e em uma grande ganga sua, defronte de um pagode que tinha uma varela mui comprida e dourada, se começou a briga, peleijando primeiro a primeira ala e depois a segunda, e ambas fizeram maravilhas, matando infinitos dos inimigos. Durou a peleja desde pela manhã até a tarde, estando sempre um dos nossos frades,
990 por nome // fr. Cristóvão, com um crucifixo nas mãos, que levava sempre consigo, posto em cima do toldo do navio do capitão-mor, por que melhor de todos fosse visto; e daí os animava que pelejassem, pois o faziam contra os inimigos daquele Senhor que ele tinha em suas mãos.

Todos o fizeram valorosamente, e segundo o furor grande com que brigavam, sem falta houveram de alcançar aquele dia uma grande vitória, se não sucedera a morte do capitão-mor D. Francisco Roxo, que caiu morto de uma espingardada. Com que se fez logo sinal com uma bandeira grande que desenrolaram da sua galeota, para se recolher a armada como se recolheu com grande sentimento da desastrada

morte do seu capitão, em cujo lugar ficou um fidalgo que aí ia por almirante, chamado D. Luís de Azevedo, ficando por almirante Gaspar de Abreu Lima. Alguns dias se deteve aí a armada; e provendo-se de todas as cousas necessárias para a sua viagem, se tornou para Goa, indo nela o P. fr. Domingos.

Sebastião Gonçalves com os seus navios se tornou para a sua ilha de Sundivá, levando consigo o P. fr. Cristóvão para nela fundar igreja e fazer cristandade, como fez, convertendo muitos daqueles gentios e dando-lhes o santo baptismo. E segundo recebiam bem os naturais a pregação da Fé e era ela ajudada do favor do capitão, esperava-se fazer grande fruito e converter-se a ilha toda. Porém, não deu lugar a isso o ódio que o rei de Arracão concebeu contra Sebastião Gonçalves, porque daí a algum tempo mandou uma poderosa armada sobre a sua ilha. E como ele visse que a não podia defender contra tão grande poder, se meteu nos seus navios com o nosso Padre e um vigário que ali havia, e com todos os cristãos, ficando os mogos feitos senhores da ilha, a qual destruíram e puseram a fogo e a ferro quanto acharam.

Os nossos se foram para o porto pequeno de Bengala, na qual viagem o P. fr. Cristóvão fez muitos serviços a Nosso Senhor, porque adoeceram muitos, os quais todos ele ocnfessou, e juntamente baptizou alguns mogos que iam na mesma companhia. E de caminho foi ter à ilha Banja onde estavam muitos portugueses, e foi a tempo que o clérigo que era aí cura, era falecido; e assim tiveram os seus moradores a sua vinda como de um anjo do céu, com os quais se deteve algum tempo, administrando-lhes os sacramentos e dizendo-lhes missa. No porto pequeno foi muita parte para apaziguar os portugueses que aí moravam, os quais estavam de brigas uns com os outros e às espingardadas. E, depois de os concertar e pôr em // paz, se partiu para **991**
Tutucurim, e daí veio ter a Goa.

DO GRANDE REINO DE PEGU E DA OCASIÃO QUE TEVE PARA FAZER GUERRA AO REINO DE SIÃO, QUE FOI O PRINCÍPIO DE SUA TOTAL DESTRUIÇÃO

CAPÍTULO 74

Não há aí maior preságio nem prognóstico mais certo de grandes infelicidades que grandes prosperidades, maiormente nos maus; porque quanto o lugar a que a fortuna os lenvanta é mais alto, tanto é mais profundo o abismo de misérias em que os derriba. Daqui veio a dizer o Profeta-Rei no salmo 36, que os maus acabariam como fumo: *deficientes sicut fumus deficient* (1).. Porque, como aqui nota o grande Padre Doutor da Igreja S. Agostinho, expondo este verso, o fumo, quanto mais se estende, tanto mais se desfaz: *fumus* (diz ele) *quanto plus extenditur tanto plus evanescit.*

Não quero trazer para evidência desta verdade o que a muitos reinos e impérios tem acontecido nos tempos antigos, dos quais sabemos que sua muita prosperidade foi véspera de sua muita miséria, e, imitando ao fumo, quanto mais se estendeu sua glória tanto mais depressa se acabou. Mas bastará o que em nossos tempos sucedeu ao reino de Pegu, que era um dos mais opulentos que havia neste Oriente, cuja felicidade chegou a tanto que o fez ser senhor e cabeça de muitos reinos tendo-os a todos debaixo de seu poder, sendo suas riquezas incríveis, suas vitórias famosas, sua glória e felicidade invejadas de muitos e alcançadas de poucos. E o remate desta tragédia foi, como fumo desaparecer tudo isto, reino, riqueza, glória e senhorio, e vir a dar em um tão desastrado fim, como foi o seu, reduzindo-se esta monarquia que assombrava a Índia toda, a uma só cidade e ainda essa destruída e quase posta por terra. E o seu Bramá (2), tão celebrado

---

(1) A lição da Vulgata é: *Deficientes, quemadmodium fumus deficient. Salmo* 36, 20.

(2) «Bramá é o nome que os nossos escritores antigos dão ao país que agora nomeamos Birmânia, e os ingleses conhecem por Burma» (Dalgado, *Glossário*, 1, 149). Aos reis costumavam os nossos antigos dar o nome do país por eles governado. Daí chamarem também com o nome genérico de Bramá os reis

neste Oriente e conhecido de todos por suas grandes vitórias e riquezas, veio por sua soberba a ver-se cativo de um que era seu vassalo e, o que mais espanta, veio // a morrer às piloadas por sua própria 992
irmã, como, no que dele e de suas cousas contarmos, se verá.

Este reino de Pegu, se o tomarmos segundo os seus próprios limites e demarcação, não é muito grande porque outros há sem comparação maiores, porém a grandeza a que veio a subir, foi adquirida à força de armas, por meio das quais veio o seu grande Bramá a sujeitar muitos reinos, como logo veremos. Confina com o reino de Arracão e com os povos bramás e jangomas, pela parte do ponente é cercado do mar da enseada de Bengala, e começa na cidade Rey e acaba na de Sidoa, ambas cidades marítimas, de sorte que haverá em seu comprimento pouco mais de noventa léguas e no mais largo outras tantas. Ele porém se veio a estender de maneira que veio a ser um dos mais poderosos impérios que cá havia.

Seu próprio nome é Bagou, e assim lhe chamam os naturais, porém os estrangeiros não o nomeiam senão Pegu. [T]em língua própria, diferente das de siames, bramás e Arracão com que vizinha, ainda que, quanto à maneira de sua religião, templos, sacerdotes, grandeza de ídolos e cerimónias dos seus sacrifícios, uso do comer

---

do reino le Bramá. E porque o rei de Bramá conquistou o Pegu e no Pegu se estabeleceu, daí o chamar-se Bramá aos reis que governaram no Pegu entre 1540 e 1600.

O povo ou nação pegu formou um estado independente que nos princípios do século XVI ocupava o território que se estendia desde cerca do Cabo Negrais até Martavão e subia pelo interior entre os rios Iravadi e Saluen, a entestar ao norte e poente com os reinos de Bramá e Arracão e a nascente com os reinos de Tangu e de Avá e de Sião (veja-se a descrição do reino de Pegu em Couto, *Década V*, l. 5, c. 9, pp. 478ss, e do de Bramá *ib.* l. 6, cap. 1, pp. 1ss). Em 1540 o rei de Bramá chamado Pranginoco ou Prão Mandará conquistou o Pegu onde se estabeleceu (*ib.*, l. c.). Em 1544 Prão Mandará foi sobre o Sião para o conquistar (Couto, *Década VI*, l. 7, c. 8, pp. 115ss). No regresso foi morto, e depois de curtos reinados de intrusos, em 1555 sucedeu-lhe seu genro Talanha Ginoco ou Mandaragri (Couto, *Década VII*, l. 2, c. 6, pp. 148ss). Várias vezes ele acudiu a Sião que se levantava para conquista da independência. Na última rebelião mandou a sufocá-la o filho que foi morto na guerra em 1594. Num desvairo de vingança contra o seu povo, o Bramá destruiu o Pegu, e em 1599 entregou-se com o seu tesoiro ao rei de Tangu (*ib.* c. 5, pp. 473). E foi então, em 1600, que Salvador Ribeiro de Sousa empreendeu a sujeição do Pegu aos Portugueses, fixando-se em Sirião que fortificou e sustentou até 1603, como expõe o *Breve Discurso em que se conta a Conquista do Reino de Pegu na India Oriental*, publicado em apenso à edição de 1725 de *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Por informação errada do bispo de Cochim D. fr. André de Santa Maria, ao que parece, houve os favores do rei D. Filipe II de Portugal, pela fundação de Sirião, Filipe de Brito de Nicote que depois de 1603 de facto assistiu à fortaleza até à sua morte em 1614. Do interesse despertado pela sujeição do Pegu e problemas de moral que sua conquista suscitou, falam por exemplo os *Apontamentos das cousas que daa o Reyno de Pegu* (no ANTT, ms da Livraria 1104, pg. 97) e *Questão acerca do dereyto do Reyno de Pegu e como pode pertencer a Sua Magestade* (*ibidem*, pp. 101-115).

toda a imundície e torpeza de trazer cascavéis no instrumento da geração, convêm muito com os siames, e ainda dizem eles que os siames procedem de sua linhagem. Mas outros dizem que esta terra e a de Arracão foi povoada de degredados, e que o uso dos cascavéis introduziu uma rainha por nome Canaré para evitar o pecado nefando que naquelas partes muito se usava. E João de Barros refere, na sua *Ásia*, Década III, l. 3, cap. 4, que alguns judeus daquela região que sabem a língua e entendem a escritura deles, dizem que estes degradados eram enviados por el-rei Salomão no tempo que as suas naus navegavam aquelas partes em busca de ouro que levavam de Ofir, que eles imaginavam ser Samatra, que naquele tempo havia ser terra contínua a esta. E porque os homens deste reino Pegu são mui feios e as mulheres pelo contrário muito formosas, inventaram que procediam os pegus de uma mulher e de um cão, e que eles saíam ao pai e elas à mãe, o que alguns têm por crível e eu por assás ridículo e fabuloso.

A terra é tão fértil que se podiam, no tempo de sua prosperidade, carregar cem naus de arroz sem fazer falta na terra, e tão rica que,
993 afora outras mercadorias, sòmente // em pedras preciosas se podia em um mês empregar um conto de ouro. Tinha muitas cidade e vilas cercadas de muros de pedra e ladrilhos com suas torres e cubelos. Tem muitos elefantes e é abundante de muitos animais e aves de várias castas, e vendem o peixe de água doce vivo como se faz em algumas partes de Europa. A gente é baça e de mediana estatura. Têm muitas armas para guerra, posto que eles são fracos por serem mui dados ao vício torpe da carne. Só em Pegu, que é a cidade principal e donde o reino tomou o nome, havia três mil e duzentas peças de artilharia.

Assim o rei como o mais povo são gentios, ainda que não faltam na terra mouros moradores, mas estes são estrangeiros que vêm aí ter por razão do trato que tem. Tem mosteiros de frades e freiras que vivem em muita abstinência, que chamam talapóis; e são estes tão dados ao estudo de suas ciências que só em Pegu havia vinte mil estudantes. Muitos anos teve este reino por reis os seus mesmos naturais, até que, correndo o tempo, o veio um Bramá a conquistar, e com ele muitos outros reinos mui ricos por terem muitas minas de ouro, prata e pedras preciosas, ajudando-se nestas suas conquistas de muita gente estrangeira, em que entravam mil portugueses, de que era capitão um António Ferreira, natural de Bragança, a quem el-rei dava vinte mil cruzados de partido afora mercês particulares que montavam quase outro tanto. De maneira que o reino de Pegu no tempo de sua prosperidade era tão grande que senhoreava todos os reinos que se estendem pelo sertão dentro, os quais por uma parte confinam com a China e por outra com os tártaros, em cujo distrito havia vinte e quatro reinos mui grandes, os quais todos pagavam páreas e obedeciam ao rei de Pegu, além de outras muitas terras cujos príncipes e senhores, posto que não tivessem nomes de reis, contudo muitos lhes faziam vantagem em estado e vassalos. E pela fralda do mar

também lhe obedeciam os reinos de Patana, Ligor, Sião e Tanacorim com toda a sua costa e fralda do mar até a ponta de Junsalão.

E era o rei de Pegu neste tempo tão poderoso que punha em campo dous contos de gente de guerra, com a qual podia ir fora do seu reino cada vez que quisesse, sem para isso lhe faltar nele gente que o defendesse de qualquer rei que lhe fizesse guerra. E tinha doze mil elefantes e muitos deles industriados na guerra, cavalos quase infinitos. Pois por mar bem se pode afirmar não haver hoje rei no mundo (tirando o da China) que pudesse lançar nem a terça parte da armada que o rei de Pegu podia // lançar, para o que lhe não 994
faltava todo o aparelho necessário, havendo tudo dentro no seu reino. E assim se conta deste rei Bramá que, sendo-lhe tomada neste mar uma nau pelos portugueses e sabendo-o ele, lançou uma barbata, dizendo: — «Olhem lá o que fazem os francos (3), porque não me será muito dificultoso fazer uma ponte de naus pelo mar que de Pegu chegue a Malaca, pela qual eu lhe irei tomar a cidade». E posto que isto fosse fero e modo de falar com exageração, contudo muitas vezes se viram vir a Malaca cáfilas (4) de trinta e quarenta naus de alto bordo como as nossas, carregadas de arroz e outras fazendas, as quais eram de moradores pegus que viviam em Martavão.

Pois das riquezas deste reino e do seu grande tesouro não há para que tratar, porque era tanto o ouro, prata e pedras preciosas que tinha, que, quando se queria falar no maior tesouro do mundo, comparava-se ao de Pegu. De um só rei se sabe por cousa certa que no seu tempo ajuntou trezentas e sessenta e seis combalengas de ouro, cada combalenga de sessenta biças de Pegu, e cada biça tem três arráteis de ouro; afora a prata que era quase sem conto, e muita e mui rica pedraria. Toda esta glória se veio a desfazer como fumo, quanto mais se estendeu tanto mais depressa se acabou, não ficando de toda esta monarquia de Pegu mais que uma cidade e essa desbaratada. O como isto sucedeu contaremos aqui brevemente.

Foi pois o caso que, quando se conquistou o reino de Sião (que foi o derradeiro, e para sua conquista levou Bramá um conto e sessenta mil homens), depois de ter destruídas suas terras e tomada a cidade real em que o rei de Sião residia, chamada Odixá, houve em seu poder o rei com dous príncipes filhos seus. E deixando ao mesmo rei no reino com obrigação de lhe pagar certo tributo, se tornou para Pegu mui glorioso, levando consigo o tesouro que era muito grande, e os dous sobreditos príncipes, parecendo-lhe que com isso ficava seguro da

---

(3) *Frangue* e *fringue* era a forma que na Pérsia tomara a palavra *franco* e forma que se espalhou pelo Oriente para significar «europeu cristão». Depois, na Índia, passou a significar sòmente o «português». Alguns dos nossos escritores voltaram de *frangue* à forma *franco* com a significação de «português», como aqui no texto (veja-se Dalgado, *Glosário*, 1, 406-407).

(4) *Cáfila* (palavra de origem árabe) foi o nome que se deu ao comboio de mercadorias no interior da África ou da Ásia; mas depois também se chamaram *cáfilas* as frotas de navios (veja-se Dalgado, *Glossário*, 1, 169-170).

rebelião daquele reino. Chamava-se um deles o Príncipe Preto por o ser nas cores, e outro Príncipe Branco por o ser como china, os quais estiveram em Pegu muitos anos servindo ao rei Bramá das portas adentro com ofícios honrosos.

Dizem alguns que era este rei de Pegu tão soberbo que por desprezo e abatimento de el-rei de Sião que tinha vencido, lhe mandou pintar na cabeça a forma de seu pé, significando nisso que, como a cativo seu, o tinha sempre debaixo de seus pés, não se lembrando que havia pouco que lhe obedecia ele como a seu senhor e era seu vassalo. Mas esta soberba veio ele depois a pagar com o maior abatimento
995 // que podia ser de sua pessoa, sendo instrumento desta sua ruína um filho deste mesmo rei.

Tendo pois os dous príncipes Branco e Preto, filhos de el-rei de Sião, servido muitos anos ao de Pegu, sendo já mancebos e de idade que podiam governar o que lhe fosse entregue, pediram licença ao rei de Pegu para irem ver a seu pai que era já muito velho, e ele lha deu levemente, parecendo-lhe que a criação que neles tinha feito de tantos anos, os tivesse afeiçoado e seria bastante freio para se não levantarem nunca contra ele. Porém, enganou-se, como logo se verá pelo que depois sucedeu. Com licença de el-rei de Pegu se tornaram os dous príncipes para Sião mui contentes de se verem livres daquele cativeiro, que por tal o julgaram sempre, e mui desejosos de verem a seu pai, ao qual acharam já mui velho e cansado assim da idade como dos trabalhos. Porém, vendo-os diante de si pareceu que tornou a reviver, e já parece que morria contente pois tinha quem deixar em seu lugar na sucessão de seu reino. E como era já velho e os príncipes estavam em idade de poderem governar, assinou-lhes terras em que estivessem. E ao Príncipe Preto [o fez senhor] de Portoloquo que está pelo sertão dentro quase dous meses de caminho.

Sucedeu neste tempo virem os embaixadores de el-rei de Pegu, como todos os anos costumavam, arrecadar as páreas que lhe havia de pagar o rei de Sião. E tanto que o Príncipe Preto foi disso sabedor, se foi com muita pressa à cidade Odiá onde seu pai estava, e lhe disse que de nenhuma maneira havia de pagar aquele tributo, que, pois o reino de Sião fora senhor do de Pegu, não era razão que agora ficasse seu tributário. E respondendo-lhe o pai que o tributo se devia e o pagara depois que o rei de Pegu lhe tomou o reino, e que era velho e que não estava em estado para sustentar a guerra que estava certo alevantar-se se lhe não mandava as páreas como costumava, lhe tornou a replicar que o tributo se não havia de pagar; e que se ele era velho para não poder fazer a guerra, tinha filhos mancebos e valorosos que lha sustentavam, e que lhe deixasse a ele este cuidado que esperava dar conta dele.

Com esta resolução se tornaram os embaixadores de Pegu mui descontentes por ver o desgosto que com aquela rebelião havia de receber o seu Bramá. O qual tanto que soube o que passava, caindo (ainda que tarde) no erro que fizera em largar aos dous príncipes de

Sião que tinha em seu poder, cheio de grande furor e raiva pediu que lhe trouxessem o seu elefante, porque ele em pessoa queria ir tomar vingança daquela afronta que el-rei de Sião lhe // fazia. Passado, **996** porém, aquele primeiro sentimento, determinou mandar seu exército a Sião fazer aquela guerra, o qual com muita pressa se aparelhou de todo o necessário, nomeando por seu capitão geral a um privado seu que era um senhor de título, parecendo-lhe que aquela diligência bastava para reduzir à sua obediência uma gente tão fraca e que ele havia já vencido, como era a de Sião. Começando o Banha (que assim se chamava este capitão) o seu caminho, tanto que entrou nas terras do reino de Sião começou a destruí-las, pondo tudo a ferro e fogo sem perdoar a cousa viva.

Tanto que o Príncipe Preto soube o que passava, depois de, como prudente e valoroso capitão, ter mui bem fortificado a cidade de Odiá onde o rei estava, ajuntando a mais gente que pôde se foi com muita pressa em busca do exército peguano; e, encontrando-o, trabalhou de fazer-lhe resistência, porém foi de nenhum efeito, porque o poder do Pegu era mui diferente. E assim, vendo que era desigual o partido, veio-se recolhendo com boa ordenança até se recolher em a cidade Odiá, a qual era mui forte, cercada toda de muro mui largo, e ao redor dela um rio caudaloso que tem de fundo sete braças que a cerca toda em roda, servindo-lhe de cava. Este mesmo rio entra por muitas partes na cidade e a faz muito fresca. Além desta defensão tinha outra o Príncipe Preto, em que mais se fiava, que era saber que toda aquela terra de Sião se alaga em certo tempo com águas que descem da serra de Jangomá, as quais crescem tanto que sobem por cima dos campos duas braças, e assim duram dous meses, pondo em encher e vasar quatro. E, em todo este tempo, assim ficava alagado todo este campo de Sião, que parecia um mar de Espanha. E por esta causa os siames fazem as casas mui altas com bailéus sobre os quais guardam o gado até tornar a vasar a água. E muitas vezes nestes bailéus estão diferentes animais, como bois, porcos, cães, gatos, todos juntos com a paz com que estavam na arca de Noé, sem uns brigarem com os outros, senão que os cães, por estarem mais altos da água, dormem sobre os bois.

Recolhido o Príncipe Preto na sua cidade Odiá, ficou lugar ao capitão pegu para ao longo dela assentar o seu arraial, cercando-a toda em roda. E começando a batê-la por alguns dias, pareceu-lhe que a levasse nas unhas, segunda vinha soberbo e costumado a nada lhe fazer resistência. Porém, de dentro se defendiam os cercados mui valorosamente, e se foram sustentando até ser chegado o tempo que eles esperavam, de virem as cheias das águas. O que sentindo o capitão pegu, e vendo que não pudera até então // fazer nada, e que vindo **997** as águas não tinham mais que perecerem todos, tomado o seu conselho alevantou uma manhã o cerco e começou a caminhar para sua terra.

Não se descuidou o Príncipe Preto; mas, sentindo que se levantava o arraial, saiu da cidade com a sua gente e começou a dar nas

costas ao Pegu. E foi tanto o medo com que caminhava, que não usou nunca fazer-lhe rosto nem representar batalha, e não parando em sua jornada foi sempre caminhando com muita pressa e maior medo até se ver fora das terras de Sião. Nesta retirada lhe mataram muita gente e outra muita também lhe morreu à fome, de maneira que, quando chegou à presença do Bramá, ia já de todo desbaratado. Muito sentiu o soberbo Bramá este revés da fortuna, e tanto mais pena lhe deu quanto menos costumado estava a semelhantes desfavores por ser um príncipe a quem a mesma fortuna até então tinha muito mimoso. Mas contudo não desistiu de sua pretenção, mas com maior cabedal tornou a continuá-la, ainda que debalde, como no capítulo seguinte mais largamente contaremos.

COMO O GRANDE BRAMÁ REI DE PEGU MANDOU OUTRAS DUAS VEZES SOBRE SIÃO E DE AMBAS FORAM OS SEUS DESBARATADOS E NA TERCEIRA O PRÍNCIPE SEU FILHO TAMBÉM MORTO

CAPÍTULO 75

Como era já chegado o tempo em que queria Deus que caísse e que fosse desfeita e ainda tornada em nada esta monstruosa estátua de Nabucodonosor, o soberbo Bramá, cuja soberba, como depois veremos, chegou a tanto extremo que quis competir com o mesmo Deus, ordenou que uma pedrinha muito pequena, como era o Príncipe Preto que havia sido seu prisioneiro, lhe desse nos pés de barro (que, enfim, que cousa há na vida por forte que pareça que os não tenha) e derribasse e pusesse por terra toda aquela glória, vencendo e desbaratando outros dous exércitos que ordenou contra ele e matando o príncipe seu filho, sendo com isso causa de toda a sua perdição [1].

Vendo pois o Bramá o mau sucesso do seu capitão Banha, determinou de buscar outro que desse melhor conta daquela empresa, e escolheu para ela seu cunhado, irmão de sua mulher, que era muito valoroso capitão e que em muitas // outras ocasiões tinha dado expe- 998
riência de sua pessoa. E entregando-lhe outro exército maior que o primeiro, mui bem provido das cousas necessárias o despediu dizendo que, pelo muito que de seu esforço confiava, lhe encarregava aquele negócio em que tanto lhe ia a sua honra, que esperava em Deus que ele lhe daria o desejado fim. Neste tempo não se descuidava o Príncipe Preto, mas como capitão prudente, depois de se recolher na sua cidade Odiá, começou a tratar em a fortificar melhor e prover de bastantes mantimentos, tendo por certo que havia o Bramá tornar a seguir a

---

(1) Estas invasões do Sião pelo bramá do Pegu historiou-as Couto nas suas *Décadas* perdidas. A última chefiou-a o filho de Bramá «que chegando àquelle Reyno lhe começou a fazer guerra, em que acontecêram casos muito notaveis, e houve grandes feitos em armas, que se verão na nossa onzena Decada» (*Década XII*, l. 5. c. 5. pg. 473).

guerra começada até de todo a acabar ou ficar de todo destruído, que, como quem se criara com ele, sabia sua soberba e conhecia muito bem sua condição.

Lançou suas espias, encomendando-lhes que, entrando nas terras de el-rei de Pegu, soubessem qual era o seu desenho, e de tudo o que lá passasse lhe trouxessem mui certas informações. E sabendo que vinha já marchando o cunhado de el-rei de Pegu com o seu exército, e sabendo quão grande capitão ele era, não deixou de ter algum receio. E assim aconselhou ao pai (que nesta matéria de guerra não fazia senão o que ele lhe dizia) que mandasse seus embaixadores ao rei de Camboja, seu vizinho, para que o quisesse socorrer, trazendo-lhe à memória que, se caso fosse que os pegus se senhoreassem de Sião, não havia dúvida que haviam tomar Camboja. Assim o fez o pai, e mandou pedir socorro a Camboja que lho mandou de trinta mil homens, que ainda que chegou já tarde, contudo a nova de haver de vir foi muita parte para o bom sucesso que depois teve o Príncipe Preto, como veremos.

Partido com o seu exército, o cunhado de el-rei de Pegu deu-se muita pressa no marchar, não se querendo deter em nada no caminho para que tivesse largo tempo de se poder deter no cerco da cidade Odiá antes de virem as águas, considerando ser esta a total causa do passado desbarate e perdição. Com este pressuposto começou a marchar com o seu exército; e tanto que entrou nas terras de Sião, ainda que em nada se detinha, contudo, como era grande o seu poder, nada lhe fazia resistência, e assim vinha pondo tudo o que no caminho achava, a ferro e a fogo, e dando com crueldade morte aos siães que encontrava e eram tomados vivos, para que desta maneira atemorizasse seus inimigos. Algumas jornadas antes de chegar a Odiá, sabendo da sua vinda o saiu a receber com seu exército o Príncipe Preto que, posto via tinha mui desigual partido, como era muito animoso nada lhe fazia medo, e esforçando o melhor que pôde a sua gente foi cometer o inimigo.

Chegados que eram uns a outros, tiveram alguns encontros de que eram muitos mortos de ambas as partes, ainda que não quis o Sião romper batalha por entender que não tinha partido, e assim não fazia
999 mais que ver se podia // fazer reter o inimigo. Mas vendo que aproveitava pouco, se veio recolhendo com muita ordem mas sempre à sua vista, até de todo se recolher com todos os seus em a cidade. Recolhido o Príncipe Preto, daí a poucos dias chegou o poderoso exército de Pegu, que vindo sem resistência alguma, começou a cercar a cidade e a cometê-la por todas as partes, dando-lhe mui fortes baterias. Porém, os siães se defendiam valorosamente, sendo animados pelo seu príncipe que a todos esforçava com a sua presença, valor e boas palavras, prometendo a todos vitória, porque, como fosse tempo, ele sairia aos inimigos e os destruiria a todos como de outra vez, de maneira que poucos ou nenhuns escapassem de suas mãos.

O Pegu continuava com o combate, não querendo perder tempo

por recear que se chegasse o das águas. E porque dentro na cidade estavam alguns pegus poderosos que tinham vindo aí no tempo da paz, pareceu-lhe que por meio deles pudesse ganhar a cidade, mandando-lhes fazer grandes promessas e oferecer-lhes grandes riquezas para que, se pudessem, matassem à traição ao Príncipe Preto que sabia era o que sustentava a guerra, e quando isso não pudessem lhe abrissem as portas da cidade para a poder entrar. Mas tudo era em vão, porque era tal o cuidado que o Príncipe Preto em todas as cousas tinha, que não havia lugar de os pegus fazerem alguma traição, ainda que quisessem. Neste meio tempo vieram as novas do socorro de Camboja que eram trinta mil homens. O que considerando o capitão pegu, e vendo que se acabava o tempo e que não tinha tomado a cidade como cuidara, e que os campos se começavam a alagar, desesperado de poder acabar aquela empresa se resolveu de levantar o cerco e recolher-se para Pegu. E com esta determinação pôs em ordem sua retirada.

Não dormia o Príncipe Preto; e sabendo a pretensão do Pegu, na mesma manhã em que ele alevantou o cerco, saiu da cidade com toda a sua gente e lhe foi dando com tanto esforço que, vendo-se apertados os inimigos, se começaram a desordenar, e em poucos dias foi o exército roto, e eles a se espalharem por diversas partes procurando cada um salvar a vida pelo melhor modo que pudesse. E assim fugiram uns por uma parte e outros por outra, metendo-se pelos matos. O capitão pegu, vendo-se naquele estado, ajuntou alguma gente da melhor que tinha, e a unha de cavalo se foi recolhendo para Pegu onde chegou de todo desbaratado, tendo perdido nesta jornada mais de duzentos mil homens e uma multidão muito grande de elefantes e cavalos, os quais todos ou quase todos ficaram ao Sião que a poucos ou nenhuns perdoou a vida. Com que se recolheu para a sua cidade com tanta glória e honra como era razão que tivesse // quem tinha alcançado **1000** uma tão insigne vitória.

O socorro de el-rei de Camboja, posto que não chegou a tempo que se encontrasse com o Pegu, a notícia porém da sua vinda foi grande parte para ele alevantar o cerco tão depressa e se recolher. E o que mais sucedeu a este socorro de Camboja com o Príncipe Preto a quem vinha socorrer, diremos adiante quando tratarmos do reino de Camboja, porque lá virá mais a prumo para o que havemos de dizer.

Bem se deixa ver quão festejada seria esta vitória dos siães, pois não só se viam fora do perigo em que estavam postos no meio de tantos e tão fortes inimigos, mas os tinham desbaratados a todos, gozando de um tão rico despojo como lhes ficou nas mãos. Depois de alguns dias com muitas festas se celebrar este tão bom sucesso do qual redundava toda a glória ao Príncipe Preto como aquele cujo esforço e prudência lhes fora de muita importância, determinou o rei velho, por se ver já mui alcançado de dias e no derradeiro quartel da vida e não se poder levantar da cama, de deixar o governo e recolher-se a servir algum pagode, como é costume deles. Para isto fez vir diante

de si ao Príncipe Preto, e lhe descobriu sua tenção, dizendo que, pois estava naquele estado de que se não podia bulir de um lugar pelos muitos anos de sua idade, não queria daí por diante entender mais no governo do reino, o qual tinha partido entre ele e seu irmão o Príncipe Branco, para que ambos fossem reis e partissem entre si igualmente as terras.

Não contentou ao Príncipe Preto esta resolução de seu pai, dizendo que um reino não podia ter dous reis, que, se seu irmão era para governar, saísse com ele ao campo com armas iguais e brigassem ambos, e quem melhor o fizesse, esse ficasse por rei. E com estas palavras e outras de grande ira e sanha na boca, se saiu dos paços deixando ao velho pai mui triste de lhas ouvir, o qual, receando que por sua morte houvesse algumas dissensões entre estes dous filhos seus, mandou chamar ao Príncipe Branco, que era o que mais amava, e lhe contou o que com seu irmão tinha passado, pedindo-lhe que se quisesse concertar com ele, pois sabia o seu esforçado ânimo e insolente condição. O Príncipe Branco lhe respondeu que era contente que seu irmão fosse só rei de todo Sião, pois por seu muito esforço o merecia; que ele se contentava com que ele jurasse de o tratar bem, fazendo-lhe as honras que, como irmão seu, se lhe deviam, e conservando-o na sua dignidade. Era este príncipe frouxo de condição e pouco ou nada inclinado às armas; e assim quis antes, com menos, viver em paz, que com o título de rei herdar cruéis guerras que entendia havia sempre de ter com seu irmão.

1001 Muito se alegrou o velho com esta // resposta do Príncipe Branco e mandou chamar o Preto e todos os grandes do seu reino. E depois de todos juntos, disse ao Príncipe Preto o que seu irmão pedia. E ele foi mui contente com isso, e diante de todos jurou de tratar ao Príncipe Branco seu irmão com muita honra e amor, guardando-lhe os privilégios que os príncipes naquele reino costumam ter. Acabado o juramento, tomou el-rei uma espada de ouro e pedraria muito rica, que é o cetro de el-rei de Sião, e a entregou ao Príncipe Preto metendo-lha na mão, dando-lhe juntamente a posse do reino para que dali por diante ele só o governasse, como rei e senhor de todo ele. E o velho se recolheu a uma varela onde esteve esses poucos dias que teve de vida.

Quando o Bramá soube da perdida do segundo exército, cheio de paixão não tanto pela perda da gente, que essa lhe fazia pouca míngua, mas pela de sua honra e reputação, porque até então não houve quem lhe resistisse e levasse a melhor, e assim cheio de grande sanha, ajuntou um poderoso exército de um conto e setecentos mil homens e de mil e quinhentos elefantes, oito mil cavalos e muita munição e petrechos de guerra, com determinação de ele mesmo vir a Sião em pessoa. O que sabendo os capitães e senhores do seu reino e alguns reis seus vassalos, lhe disseram que não era crédito e honra sua que, sendo um rei tão poderoso como era, fosse sua propria pessoa em busca de um negro cativo seu, tendo ele debaixo de seus pés tantos reis e capitães que o podiam mui bem fazer. Com esta

razão, posto que desistiu de fazer em pessoa esta jornada, contudo não deixou de considerar o muito ânimo, esforço e ciência militar do Rei Preto de Sião, e assim não quis fiar aquela empresa senão do príncipe seu filho, herdeiro de seus reinos, que por não ter outro legítimo lhe queria muito, o qual se chamava Mapa Rajá, a quem entregou todo o exército, dando-lhe por adjuntos e assistentes os melhores capitães que no seu reino tinha, indo também em sua companhia alguns portugueses, os quais aceitaram a jornada, parecendo-lhes que não haveria resistência a tamanho poder como aquele era, e assim poderiam petiscar à sua vontade dos tesouros de ouro e prata do Sião. Mas quanto nisso se enganaram, logo se verá.

Com todo este poder e com título de rei de Sião partiu o príncipe de Pegu da presença de seu pai e começou a marchar com seu exército com toda a pressa possível para chegar à cidade Odiá a tempo que lhe as águas não impedissem destruí-la e pô-la por terra assim a ela como a todas as do Sião. Sabendo o Rei Preto da sua vinda e do grande poder // que consigo trazia, depois de cuidar consigo o que havia **1002** de fazer, mandou ajuntar perante si todos os capitães e grandes do seu reino a quem fez esta fala: — «Já sabeis como vem entrando pelas minhas terras Mapa Rajá, príncipe de Pegu, com título de rei de Sião e com tanta gente que vem cobrindo os campos por onde passa, destruindo e pondo por terra tudo quanto acha. E posto seja muito grande o seu poder, contudo nenhum abalo faz no meu coração, pelo que sòmente vos pedirei não descorçoeis nem percais o ânimo e me ajudeis nesta empresa, porque eu tenho confiança de vos fazer senhores das terras de Pegu. E se morrer na demanda, me podeis agradecer esta boa vontade, porque eu determino combater-me com o príncipe de Pegu e chegar com a minha espada a provar ventura com ele. E qual de nós ambos ficar com vida e com vitória, esse com justiça se poderá chamar rei de Sião».

Posto que estas palavras do Rei Preto eram ditas com muito ânimo, fizeram pouca mossa no coração dos seus porque, vendo o imenso poder que vinha sobre aquela cidade, entendiam que de nenhuma maneira poderiam resistir. E assim lhe persuadiram que tomasse melhor conselho que, o que então convinha, era mandar ao caminho cometer ao príncipe de Pegu com algum bom partido. Esta resposta e pouco ânimo dos seus sentiu muito o Rei Preto; porém não lho quis dar a entender, dissimulando o sentimento o melhor que pôde. E lhes disse que assim o faria; mas, porque não via entre eles quem se atrevesse a ir com aquele recado ao príncipe de Pegu, que ele mesmo lho queria levar e dar-lho de rosto a rosto; que eles não tivessem cuidado de mais que de o seguirem e fazerem o que ele fizesse.

Com esta resolução ajuntou a sua gente e saiu fora da cidade em busca do príncpie de Pegu, e o foi esperar a poucas jornadas daí em um lugar alto chamado Pempum detrás do qual escondeu a sua gente toda. E tanto que teve vista do príncipe de Pegu que, por sua desdita, vinha na dianteira do exército, bem descuidado do que

lhe havia de suceder, lhe mandou um recado, com uma bandeira branca como de paz, em que lhe mandava dizer que se espantava muito de um rei e senhor tão grande como ele era, vir com tanto trabalho em busca de um pobre coitado, e que ele, por lhe fazer honra, o ia buscar ao caminho para ambos os dous averiguarem a quem pertencia o reino de Sião e o de Pegu, que se ele era homem, o esperasse. Ainda bem não estava este recado dado ao príncipe quando para ele abalou o Rei Preto de Sião com toda a sua gente e enrastou com ele valorosamente. O príncipe de Pegu o recebeu também com muito ânimo e
1003 maior cólera // por causa do recado que então se lhe acabava de dar. Estava cada dos dous combatentes em seu elefante de guerra e começaram sua batalha com muita porfia, servindo-se de lanças, azagaias e outras armas de remesso. E como eram ambos mui animosos e esforçados, não se sentia em nenhum deles fraqueza e se feriam sem piedade.

O príncipe de Pegu tinha recebido muitas feridas, e o Rei Preto de Sião tinha já uma em o braço, o qual ficando com ela mais aceso em ira, picando bem o seu elefante que era um dos melhores e de mais força que ele tinha, justou com ele o do príncipe de Pegu, tomando-o um pouco pela banda da ilharga, de maneira que pôde o Rei Preto com sua própria mão chegar ao príncipe de Pegu, e por não ter já armas com que o ferir, com o gancho de ouro com que picava o elefante, lhe deu com tanta força que, ferrando nele, deu com ele do elefante abaixo, o qual, por estar já muito mal ferido, caindo em terra logo expirou. Os pegus a quem este assalto tomou mui descuidados, com a grita que os siães deram de súbito, ficaram desacordados, e muito mais quando souberam que o seu príncipe era morto. E assim, perdendo o ânimo, viraram as costas e começaram a fugir desordenadamente. O que vendo o Rei Preto de Sião, os foi seguindo com a sua gente, matando neles sem piedade por espaço de um mês, que todo este tempo gastaram os pegus em chegar a sua terra, onde chegaram com vida mui poucos, levando consigo o corpo do príncipe morto. E os siães se tornaram também para a sua, cheios de despojos e mui contentes com uma tão sinalada vitória como era aquela que de seus inimigos tinham alcançado.

COMO O REI DE PEGU CRENDO QUE O PRÍNCIPE SEU FILHO FORA MORTO POR DESCUIDO E MALÍCIA DOS PEGUS, DEU EM OS DESTRUIR A TODOS, COM QUE A SI MESMO SE DESTRUIU, E DE SUA LASTIMOSA MORTE

CAPÍTULO 76

Ao mau comparou excelentemente o Profeta-Rei em um salmo ao pó que qualquer bafo de vento basta para o espalhar e fazer que desapareça de sobre a face da terra: *Tanquam pulvis quem projicit ventus a facie terrae* (1). // Mostrando nesta semelhança (diz aqui Genebrardo) **1004**
quão pouco basta para se destruir um mau e aniilar-se, de feição que de todo desapareça da terra como um pouco de pó que leva o vento: *Impii* (diz ele comentando este verso) *levi negotio quasi vento infeliciter dilabuntur atque disparebunt.* Quão pouco bastou para desaparecer do mundo este grande e poderoso dele, o soberbo Bramá, rei do Pegu, senhor de vinte e quatro reinos , cujas riquezas eram faladas em todo o Oriente, cujo poder assombrava a todos, e cuja glória punha as gentes em admiração! Pois se ocasionou sua total ruína e do seu reino de uma tão leve cousa como foi rebelar-se-lhe um vassalo seu, que foi o Rei Preto do Sião, o qual tinha sido cativo e escravo seu, de que ele nenhum cabedal fazia por em tudo lhe ser muito inferior; a cujo pai tinha mandado que trouxesse pintada sobre a sua cabeça a forma de seu pé, denotando nisso que como a escravo seu o trazia sempre debaixo dos pés; e quem finalmente tinha criado em sua casa e lhe servia de pagem. Mas como era mau, este assopro e bafo de vento bastou para o destruir a ele e ao seu reino, desbaratando três poderosos exércitos seus, matando a seu próprio filho; e fez com que desaparecesse do mundo ele e toda a sua glória, como se fora um pouco de pó levado do vento.

---

(1) *Salmo* 1, 4.

E foi assim que, tanto que os pegus chegaram à presença do Bramá com o corpo morto do príncipe seu filho, a quem ele muito amava e a quem tinha para deixar por herdeiro dos seus grandes estados, foi tão grande o sentimento e paixão que teve, que ficou como homem sem juízo e fora de si. E porque se suspeitou que o morrer o príncipe seu filho daquela maneira às mãos do Rei Preto do Sião fora por culpa e malícia dos Pegus, aos quais ele havia pouco tinha gravemente ofendido mandando que todos se chapassem nos braços, cousa que entre eles se não costumava fazer senão aos escravos do rei, e ordenando que os Bramás sòmente se não chapassem, que por serem da sua casta lhes quis fazer aquela honra, foi tal o ódio que por esta só suspeita contra eles concebeu, que propôs em seu peito de os extinguir e acabar a todos sem que ficasse um só pegu no mundo, se lhe fosse possível. E com este fundamento, ajudado também do seu natural que era ser soberbo e cruel (partes que de ordinário andam juntas), começou a fazer neles grandes estragos, tratando-os não como vassalos mas como inimigos, querendo que pagassem todos o descuido ou malícia que ele presumia só em alguns.

1005 E assim, tanto que viu o corpo do príncipe seu // filho morto, rasgou as vestiduras e se embraveceu como um leão. E logo mandou matar a todos os pegus que então na cidade se puderam achar, que foram mais de vinte mil pessoas de todo o género e idade; e mandou lançar pregões que, donde quer que fossem achados, os matassem. E assim houve dias em que na cidade onde o rei Bramá estava, foram queimadas vivas onze mil pessoas, metidas em cercas fechadas cheias de lenha. E não sòmente mandava matar aos particulares, mas lugares e povoações inteiras sem perdoar a nenhuma sorte de gente. E foram tantos os que mandou lançar [ao] Ganja que, sendo um rio muito grande e navegável em que estavam surtas muitas naus, se veio a entupir de maneira com os corpos mortos que nele se lançavam, que uma embarcação pequena não podia passar por ele.

Com os muitos que matou e outros que por escaparem da sua fúria fugiram a outros reinos estranhos, ficou despovoado o reino do Pegu, e lhe foi necessário, para povoar, mandar despojar o reino de Avá que também era seu, e trazer toda a gente que lá havia, até as mulheres e meninos, os quais poderiam ser até setenta mil homens; os quais, com a sua vinda, trouxeram também certa doença de bexigas, das quais, depois de estarem em Pegu, morreu a maior parte deles. Com esta grande falta de gente começou também a haver grande falta de mantimentos, com que chegou a fome a tanto extremo que se comiam uns aos outros, e havia na cidade açougue público de carne humana. E nem os pais perdoavam aos filhos nem os filhos aos pais, e até as mulheres andavam com as facas e cutelos e matavam aos que menos podiam, e nas ruas públicas os assavam e comiam.

Vendo os reis vizinhos e vassalos o estado em que o Bramá estava todos se lhe rebelaram, e alguns trataram de vir sobre ele e aproveitarem-se dos seus grandes tesouros que tão falados eram. E alguns

o fizeram, como de Arracão, Sião e Tangu. Mas o de Sião que tinha vindo a cercá-lo com grande poder, houve de alevantar o cerco, assim porque lhe faltaram os mantimentos como porque teve novas que el-rei de Camboja com a ajuda dos portugueses e castelhanos o tinha entrado; e perdeu nesta retirada mais de cem mil homens que lhe morreram por falta de mantimentos. Mas posto que o Rei Bramá ainda neste tempo tivesse consigo os bramás, que eram muitos e mui valorosos, estavam também tão desgostosos dele, que antes o tomariam morto que vivo, porque estava tão encarniçado em matar que até a eles matava por mui leves ocasiões.

O que sabendo o rei de Jangomá, que era seu irmão, determinou de vir a Pegu a o aconselhar // que não acabasse de se destruir, pois **1006**
já se via naquele estado. E vindo pelo caminho, teve novas como o rei Bramá, seu irmão, o estava esperando para o matar, dando por razão que, pois não tinha filho, não queria ter irmão. E com este aviso o rei de Jangomá se tornou para o seu reino, dizendo: «Deixem a esse cruel fartar-se do sangue humano, pois ele é bruto animal». E assim se tornou. O Rei de Arracão pondo uma grossa armada no mar, entrou pelo rio Ganja do Pegu, e foi pôr cerco à cidade onde o rei Bramá estava. E o maior nojo que lhe fez, foi impedir-lhe os mantimentos de fora, porque com aquela armada não lhe podiam vir pelos rios e banda do mar por via dos portugueses que às vezes lho traziam pela costa de Choromândel, onde enriqueciam muitos, porque chegaram a vender o candi de arroz a quinhentos cruzados e mais.

Mas quem acabou de dar fim a esta triste tragédia de el-rei de Pegu, foi o rei de Tangu que era seu vassalo e com sua própria irmã desposado, o qual vendo o termo em que suas cousas estavam, quis lograr os seus ricos tesouros. E assim, fazendo-se prestes de todo o necessário, lhe veio pôr cerco à cidade e lhe deu alguns combates, nos quais entrou parte dela mas sempre foi lançado fora pelos cercados, onde além dos bramás havia ainda muitos portugueses e mouros que fortemente a defendiam. Sabendo porém o rei de Tangu como a gente da cidade, por falta de mantimentos, cada vez se ia diminuindo e acabando, mandou lançar um pregão pegado dos muros em parte onde pudesse ser ouvido dos de dentro, que toda a pessoa de qualquer nação e condição que fosse, dentro de três dias se saísse da cidade e se viesse para ele porque lhe prometia fazer mercê das vidas e de tudo o que consigo trouxesse de prata e pedraria ou outra qualquer cousa, e além disso lhe mandaria dar mantimentos em abundância, e que não vindo no tempo de três dias, entrada por ele a cidade, a nenhum daria vida.

Com este pregão se começaram a inquietar os que estavam dentro. E vendo que se não podia defender a cidade muito tempo, porque os mantimentos faltavam e a gente ia morrendo mais cada dia, trataram de só sair dela. E os primeiros que isto puseram por obra, foram os portugueses e os mouros, os quais uma madrugada se saíram da cidade levando cada um consigo o que pôde, e se foram para o campo do rei

de Tangu. E antes que a ele chegassem, os mesmos tanguns deram neles e, posto que os não mataram, tomaram parte do que levavam. Tinha também o Bramá um filho bastardo, mancebo animoso, que até então corria com as coisas da guerra, e o qual, deixando ao pai, se foi para o
1007 rei de Tangu, parecendo-lhe que por ser // seu sobrinho lhe faria bom agasalhado. Mas a rainha que, como dissemos, era irmã do Bramá, lhe fez cortar a cabeça, dizendo que quem não fora fiel a seu pai, mal o seria a ela e a El-Rei seu marido.

Sabendo o Bramá como os portugueses, os mouros e seu próprio filho o tinham desamparado, se deu por perdido e começou a desconfiar de se poder mais defender. Tinha ele mandado chamar um grande privado seu que ele queria muito e tinha feito rei e senhor de Martavão, para lhe entregar a cidade e sua pessoa. E vendo que tardava e receando que, entrando-lhe o rei de Tangu a cidade, o mandasse matar, pareceu-lhe melhor conselho entregar-se-lhe de vontade. E assim lhe mandou dizer que entrasse seguramente e viesse tomar posse da cidade, que ele lha entregaria juntamente com os tesouros, que ele não queria para si mais que um pedaço de pano e, feito talapoi, acabar fazendo penitência em um varela, que são suas igrejas. Com este recado se alegrou muito o rei de Tangu, e, pondo sua gente em ordem, entrou na cidade, onde foi recebido pacìficamente. E foi-se aos paços onde achou o rei Bramá com muito ouro, prata e pedraria, de que logo se senhoriou e fez levar para a sua cidade de Tangu. E dizem que em doze cáfilas de setecentos elefantes e cavalos não pôde acabar de esgotar a pedraria e ouro que estava recolhido naquela cidade, deixando a prata e os mais metais por cousa baixa.

Ao tempo que isto sucedeu, estava ausente o rei de Arracão com quem o Tangu estava concertado de ambos combaterem a cidade e partirem entre si os tesouros. E quando soube o que estava feito, ficou muito indignado contra o Tangu por não querer estar por os concertos, e com muita pressa se foi à cidade de Pegu a recolher parte das presas. E ainda o que achou podia montar três contos de ouro, afora muita artilharia que ali ficou. E se senhoriou da cidade, a qual só tinha ficado de todo o reino de Pegu, porque tudo o mais pelo Bramá foi destruído.

Depois que el-rei de Tangu s apoderou do tesouro de Pegu e o fez recolher à sua cidade, se tornou para ela levando consigo o triste Bramá, seu cunhado. E posto que o não tratou como sua pessoa merecia, pois era irmão de sua mulher e rei de que ele fora vassalo, contudo não era tão mau como isso o seu tratamento, mas levava-o com um estado moderado. E chegando à sua cidade o apresentou à rainha sua mulher, irmã do mesmo Bramá; a qual, tanto que o viu
1008 diante de si, já não // com o cetro e coroa imperial na cabeça, mas humilhado a seus pés, feita uma leoa brava (permitindo-o assim Deus) começou a dizer-lhe muitas injúrias e afrontas, e mandou-o depois disso tirar diante de si e que fosse preso em ferros em uma cadeia suja e

escura onde não visse sol nem lua. E sabendo que El-Rei seu marido não determinava matá-lo, mas deixá-lo viver em uma varela como talapoi, ela o induziu ao contrário, e ele lho entregou a ela para que fizesse de seu irmão o que mais quisesse, com que ficou muito contente. A sentença que deu, foi que fosse morto na mesma prisão às catanadas. E porque, sendo-lhe estas dadas, lhe não entravam pela carne por ter em si (segundo diziam) certa erva ou raiz que tinha virtude para o ferro não penetrar o corpo de quem a trouxesse consigo, mandou esta cruel mulher que o trouxesse diante de si. E tendo-o diante, cheia de raiva e de ira, disse: — «Este não merece ser morto senão às pancadas como bruto animal». E assim mandou vir paus grossos e mandou que com eles lhe tirassem a vida. E assim acabou o rei Bramá, um dos maiores senhores do mundo!

Muitos juízos se lançaram sobre este caso e perdição deste rei e império tão poderoso como este era, e cada um dizia o mais que se lhe representava. Mas os que melhor atinaram com a verdade deste juízo de Deus, foram aqueles que atribuíram à muita soberba deste Bramá, a qual chegou a tanto que, como outro Nabucodonosor, mandou fazer uma estátua sua de ouro e mandou que todos a adorassem. E esta soberba e arrogância sua castigou Deus com o baixar ao mais triste e miserável estado que podia ser, pois veio a perder todos os seus reinos, suas riquezas, seus filhos, até a própria vida, morrendo infamemente às pancadas por mandado de uma mulher que era irmã sua, como temos visto. Donde se deixa bem entender quão prejudicial cousa é um mau rei, pois não sòmente a si mas a todo o seu reino é causa de destruição. E assim podemos dizer que foi este Bramá aquele cardo ou espinheiro que as árvores escolheram para seu rei, o qual, como se diz na sua parábola, sendo movido do vento tomou fogo com que não só se abrasou a si mas às outras árvores, até os altos cedros do monte Líbano, e se tornou tudo em pó e cinza. Sucedeu esta desventurada morte do Bramá e destruição do seu reino Pegu no ano de 1599. // **1009**

COMO O VENERÁVEL P. FR. PEDRO BONIFER, DOUTOR PARISIENSE, FOI COM OUTRO COMPANHEIRO SEU A PREGAR A FÉ AO REINO DE PEGU ANTES DE SUA DESTRUIÇÃO

CAPÍTULO 77

Muito enganado está quem cuida que pode haver amor de Deus sem o amor do próximo. Porque de tal maneira estão encadeados estes dois amores que, faltando um deles, impossível é que haja outro. Esta é a razão, diz o bem-aventurado S. Hilário, por que se quebraram as tábuas da lei como se conta no Livro do Êxodo, cap. 32, as quais eram de pedra e dadas pelo mesmo Deus (1), a saber, porque Moisés não escreveu em cada uma delas toda a lei, senão que repartiu os seus mandamentos por ambas, escrevendo os que tocavam ao amor de Deus em uma e os que pertenciam ao amor do próximo em outra, sendo assim, diz o santo Doutor que *necesse erat omnia ea in utraque tabula conscribi*, «era necessário que todos esses preceitos da lei se escrevessem em cada uma da tábuas», para que não se dividisse o amor de Deus do amor do próximo mas andasssem juntos ambos. Com este fundamento vemos que os Santos, quanto mais se abrasavam no amor de Deus, tanto mais se estremavam no amor do próximo. tratando muito de sua salvação e empregando-se na conversão das almas remidas com o sangue de Cristo.

Assim o fazia o santíssimo Patriarca dos Pobres, meu Padre S. Francisco, que se por uma parte ardia no amor de Deus, por outra se desvelava em ajudar ao próximo, querendo, da mesma maneira, que seus frades de tal maneira ordenassem sua vida que, para se exercitarem em os ofícios da oração e contemplação, não deixassem por isso de se entregar ao proveito do próximo. E assim indo ele uma vez para França e encontrando[-se] no caminho com um Cardeal que era Protector da Ordem, que estava por Legado do Papa em Florença,

---

(1) *Exod.* 32, 19.

e dizendo-lhe o Cardeal, que era devotíssimo seu e de sua Religião, por que espalhara para tão diversas partes do mundo os seus frades, lhe respondeu com muito espírito: — «Cuidais, vós, senhor, que Deus fez esta Religião para a salvação das almas de Itália? Sabei que Deus escolheu aos Frades Menores e os fez para os enviar ao mundo, para saúde e salvação de todas as almas de sua Igreja. E não sòmente nas terras dos fiéis mas também às partes dos infiéis irão, e serão recebidos e ganharão // muitas almas dos pagãos a Nosso Senhor». **1010**

Estas palavras de meu Padre S. Francisco com a verdadeira doutrina em que se fundavam, deviam estar impressas no coração e estampadas na memória do grande servo de Deus, o P. fr. Pedro Bonifer, o qual, sendo doutor em Paris e tendo lido muitos anos a Sagrada Teologia naquela Universidade, movido do zelo da salvação das almas se veio a esta Índia Oriental, só com intento de ir pregar a Fé aos infiéis e convertê-los à lei de Cristo (2). Era este servo de Deus fr. Pedro Bonifer francês de nação e doutor e mestre jubilado em Paris, e depois de ensinar vinte anos a sagrada Teologia naquela célebre Universidade e ter muitos discípulos doutores e mestres e alguns que chegaram a ser cardeais da Igreja Romana, se veio a esta santa Província de S. Tomé da Índia Oriental que ainda então era Custódia, movido da fama dos muitos serviços que os filhos dela a Deus faziam no particular da conversão dos gentios. E de Paris lhe escreviam muitas vezes seus discípulos com grandes invejas do assunto que tomara, de tão aceito serviço a Deus como era converter almas.

Nesta Custódia esteve alguns anos, edificando a todos dela com o exemplo de sua santa vida e consolando-os com o bom cheiro de suas virtudes. Era ciente em todas as sete Artes Liberais e, quando chegou a esta cidade, todos os Religiosos dela se ajuntaram e lhe pediram quisesse ler, que todos iriam ouvir a sua lição. Do que ele com muita humildade se escusou, e dizendo que viera à Índia a ensinar os infiéis. Era homem tido por santo e de muita oração mental. Estando em

---

(2) Soledade (*Historia Serafica*, 3, 565-567) resume o que o texto diz aqui de fr. Pedro Bonifer e fr. Pedro Pascásio (Soledade leu «Bonofer», e outros leram «Bemfer»). Também Achilles Meersman em estudo que publicou sobre os trabalhos dos Franciscanos no Pegu (*The Franciscans in the ancient burmese kingdoms of Ava and Pegu 1557-1818*, em AFH 31 (1938), 356-386 lembra os dois missionários, mas sem nada acrescentar ao que Soledade disse. A partida de fr. Pedro para o Pegu foi em 1555, segundo notícia de Luís Frois em carta datada de Malaca a 15 de Dezembro desse ano para os Confrades de Portugal. «Partio agora outro padre francês da Ordem de S. Francisco, pera ir aos reinos de Pegu, de Braga [Bramá] e de Sião, conquistar e ver se pode fazer nelles algum fruito. He elle mui suficiente pera Nosso Senhor obrar muito por tão bom instrumento, assi pole virtude como pole suficiencia de letras» (em *Documentação Insulíndia*, 2, 178). Julgo que também a ele se refere o jesuíta Luís Frois em carta de 6 de Dezembro de 1560 nestas palavras: «Ahi estão os japões, chinas,pegus, dos quais diz hum religioso da Ordem de S. Francisco, que laa andou, que tem mais de 500 livros da sua escritura, e todos diversos» (*Documentação*, 8, 193). A ser certa a conjectura, fr. Pedro em 1560 já havia regressado da sua excursão pelo Extremo Oriente.

Cananor, onde morreu, o vieram uma vez chamar os frades, que se queimava a horta, os quais ele aquietou dizendo que era obra dos demónios. E assim se viu que era, porque, indo à horta, não acharam rasto do fogo que tinham visto. Não podia ouvir cantar no coro canto de órgão; e se o cantavam algum dia, saía-se dele e se ia para a sua cela.

Havida licença dos superiores, se embarcou com outro companheiro seu da mesma nação, chamado fr. Pedro Pascácio, para o reino de Pegu em tempo em que ele florescia e estava em toda a sua prosperidade. Chegando lá, a primeira coisa que fez foi dar-se com muito cuidado ao estudo da língua dos naturais para assim melhor poder-lhes declarar os mistérios da nossa santa Fé. E depois que esteve suficientemente instruído nela, começou com grande fervor a pregar a todos os que o queriam ouvir, grandes e pequenos, sem dife-
10 11 rença alguma de pessoas, o mistério // que *ab aeterno* fora escondido para nossa glória, declarando-lhes com suma clareza a vinda de Deus ao mundo, sua morte e paixão, a necessidade do santo baptismo para a salvação das almas, e todas as mais cousas tocantes à nossa santa Fé. Teve grande amizade com os talapois, parecendo-lhe que, convertendo estes, lhe seria fácil converter os mais.

São os talapois os religiosos e sacerdotes deste reino, dos quais há nele grande número. Vivem em clausura e vão pola esmola; e quando a pedem é com grande composição e silêncio, com as mãos encruzadas, olhando para o chão, e sem falar palavra, e com uns cestinhos onde lançam o que lhes dão. E é tanta a devoção que todos lhe têm, que se tem por grande pecado não lhe sair a dar esmola cada um conforme pode e quer. O seu vestido ordinário são umas lobas até os pés, de cor amarela, que é a própria sacerdotal, e com umas altirnas (4) lançadas por cima dos ombros e sobraçadas ao modo de estolas. E há entre eles bicos, grepos, menigrepos, talegrepos, guimões e rolins, que são as ordens e dignidades do seu sacerdócio (3). Os menigrepos são como entre nós os Capuchos, e são de todos mui respeitados e tidos por santos; andam descalços e vestidos de esteiras pretas por desprezo do mundo, com caveiras e ossos de finado na cabeça, e cordas ao pescoço e as testas barradas de lama. Há entre eles um Rolim, que é como entre nós o Sumo Pontífice, cuja eleição se faz com grandes cerimónias e por votos de noventa sacerdotes deputados para isso, à qual, para mais solenidade, se acha El-Rei em pessoa, e o vai buscar depois que está eleito, acompanhado de todos os grande do seu reino, e,

---

(4) Também Fernão Mendes Pinto, (*Peregrinações*, c. 165, pg. 266) usa neste a propósito o termo *altirnas:* «Os sacerdotes [...] andão vestidos de amarello como os Rólins de Pegu, com suas altirnas sobreçadas a modo de estolas».

(3) Também Mendes Pinto (*Peregrinações*, c. 167, pg. 270) diz: «Bicos, Grepos, Menigrepos, Talagrepos, Guimões e Rólins que são as ordens e dignidades do seu sacerdocio» [de Bramá]. Dalgado ao anotar em seus *Glossário* (passim) estas palavras não soube precisar melhor sua significação nem determinar com certeza suas etimologias.

chegando onde ele está, se prostra diante dele, beijando a terra por três vezes. E o assentam em uma cadeira rica de ouro e pedraria, e o rei em baixo aos seus pés, por honra grande que o Rolim lhe dá, porque o mais tempo não pode El-Rei assentar-se diante dele, e ele só o pode repreender, e se tem por grande culpa não aceitar ele a sua repreensão, e pôr por obra seus conselhos e admoestações. O assento deste Rolim-Mor é a ilha de Mounay que é sua, e é entre eles como entre nós Roma, cabeça do seu diabólico pontificado.

Pois com estes talapois tinha o servo de Deus fr. Pedro Bonifer muita conversação, particularmente com o Rolim-Mor, ao qual era aceito e o tratava com tanta familiaridade e mistiguidade que lhe chamavam o rolim pequeno. E como já sabia a língua mui bem // **1012** e estava mui visto nas cousas da sua gentilidade e superstição, tinha com eles muitas vezes disputa; umas altercando sobre a vaidade dos seus pagodes, convencendo-os dos seus erros e envergonhando-os com as cousas da sua mesma lei, outras declarando-lhes as da nossa, confirmando com muitas razões e exemplos os mistérios da nossa santa Fé. E com o ver confutar suas patranhas, que eles tinham por verdades sagradas, não o tomavam a mal nem por isso deixavam de ter muito gosto de o ouvir e conversar, tendo-o em muita conta pela guarda da castidade e pobreza, pela qual cousa o veneravam todos como a santo, e posto que não sabiam seguir suas pisadas, sabiam venerar suas virtudes. Contudo o aproveitamento com eles não era muito, porque, quando se viam convencidos, respondiam que as cousas que ele lhes pregava eram boas, e da mesma maneira o eram as que eles seguiam. E juntamente diziam que lhes era proibido polos seus maiores e polos seus livros admitirem doutrina alguma que fosse contrária à sua; mas que, louvando a peregrina, se aferrassem com a sua própria. E eles assim o faziam, que nem deixavam de confessar ter razão o nosso Padre no que dizia, nem queriam deixar a lei que professavam.

E querendo o Rolim-Mor fazer experiência do servo de Deus, entendendo, com ser gentio, ser esta a pedra de toque em que se descobrem os quilates da virtude de cada um, deu ordem, recolhendo-se ele para a sua casa, o esperassem uns poucos de rapazes, e com pedras e paus o maltratassem. O que fazendo eles, o servo de Deus, parando e encruzando as mãos e pondo-as no peito, e descoberta a cabeça, e com muita paciência e alegria, recebia as pedras que lhe lançavam, folgando muito de padecer pelo nome de Cristo aquela contumélia. Do que não pouco admirado ficou o Rolim que de uma janela de sua casa estava vendo a sorte, e bradando aos meninos que se aquietassem, saiu à rua fazendo-se de novas e pondo a culpa à travessura deles, e escusando-se assim o tornou a levar para sua casa.

E o Padre fr. Eleutério, estando em Pegu, ouvia contar deste servo de Deus muitas cousas ao talapoi maior (com que teve também muita amizade, como no capítulo seguinte veremos); e entre outras, que enquanto esteve em Pegu o dito P. fr. Pedro, morava sempre com os talapois, fazendo tal vida que conheciam eles nela a verdade e santi-

dade da nossa santa Fé. E era tanta a reputação que dele se tinha que, estando para morrer o talapoi-maior daquele tempo, deixava em
1013 seu lugar e naquele seu falso pontificado ao Padre // francês, o que ele não quis aceitar, antes se viera logo para a Índia. E dizia mais que profetizara muitas cousas, que todas se cumpriram depois; e uma delas foi que, estando el-rei de Pegu fazendo uma varela muito formosa, o mandou uma vez chamar, e perguntando-lhe o que lhe parecia, respondeu que à última mão que nela se pusesse, havia de vir um raio desfazê-la, e assim acontecera.

Finalmente no cabo de dous anos inteiros que esteve em Pegu, vendo o pouco fruito que nele fazia, deixando-o em seus erros e maldades se tornou para a Índia onde faleceu e jaz sepultado em o nosso convento de Cananor. E posto que parecesse bastante razão para se crer o pouco fruito que a pregação podia fazer neste reino de Pegu, o pouco que fez nele o P. fr. Pedro Bonifer com suas letras, virtude e doutrina, contudo nem por isso deixaram os Religiosos desta santa província de quererem outra vez provar a mão nesta mesma empresa, tornando outra vez a ir a este reino; considerando o que em semelhante propósito disse a Suma Verdade Cristo Senhor Nosso, que doze horas tinha o dia. Do qual ajudados, não deixaram de tirar algum fruito espiritual desta sua ida, como no capítulo seguinte contaremos.

COMO OUTROS RELIGIOSOS NOSSOS COM ZELO DE CONVERTER ALMAS FORAM AO REINO DE PEGU E AO DE MARTAVÃO

CAPÍTULO 78

Grande impedimento foram sempre para não frutificar nos corações dos homens a pregação do santo Evangelho, as espinhas das riquezas do mundo e suas delícias e prosperidades. E assim, por certa experiência, se tem visto neste Oriente que tanto menos fruito fazem os ministros evangélicos quanto a terra em que eles pregam, é mais abundante das cousas da vida; porque enfrascados os homens nelas, fecham o coração para não receber a doutrina que eles com os olhos da alma alcançam ser verdadeira, como se viu em o reino de Pegu no tempo de sua prosperidade, onde as riquezas por uma parte e os vícios que delas nascem por outra, fechavam a porta ao aproveitamento que em seus naturais pudera fazer a pregação da Fé, suposto que muitos deles entendessem ser verdadeira. E ajuntou-se a este mal outro pior, que é quase geral em toda esta gentilidade, que tem poder-se cada um salvar na sua lei, crendo serem todas boas e dadas por Deus; não vendo, os cegos, que não é possível nascerem de uma mesma fonte cousas tão contrárias, pois está claro // que, se Deus fora legis- **1014**
lador de leis contrárias, ele se contrariaria a si mesmo e desfaria por uma parte o que pretendia fazer por outra, o que é assás repugnante àquela Suma Perfeição que [n]a divina essência alcança o natural lume da razão.

Mas nem com todos estes estorvos perdem o ânimo os pregadores evangélicos, entendendo que, posto que do seu trabalho não tirem fruito de grandes conversões, nem por isso perdem o merecimento diante de Deus, o qual não quer de nós mais que aquilo que em nós é. E com este fundamento, passados alguns anos depois que o Padre francês veio de Pegu, tornaram a ele os Padres fr. João da

Corda e fr. Eleutério de S. Tiago [1], os quais, deixando o reino de Arracão por causa de suas guerras, foram ter a este de Pegu, como atrás fica contado. O qual, por satisfazer aos portuguses que consigo tinha, alguns serviços que nas suas guerras lhe tinham feito, deu a barra de Sirião que é a principal de Pegu, a um Filipe de Brito de Nicote para que em seu nome fizesse nela uma fortaleza, na qual seguramente pudessem ter seu comércio os Portugueses. E quando aqui chegaram os nossos Religiosos, já acharam fundada a fortaleza e por capitão dela o já nomeado Filipe de Brito, o qual vendo-os, mostrou muito contentamento, e os agasalhou benignamente oferecendo-lhes tudo o que houvessem mister para fazerem aí igreja e terem cristandade.

E lançando os nossos mão desta oportunidade, com as ajudas do mesmo capitão-mor e mais portugueses fizeram a sua igreja e convento. E começaram a baptizar muitos dos pegus, que, como estavam aí sujeitos a ele e tinham passado por tantas misérias, mui fàcilmente receberam a Fé e o santo baptismo. Mas quem mais deles se satisfaziam eram os talapois que, com haver aí clérigos e religiosos de outras duas religiões, só com eles se comunicavam, pagando-se muito do seu modo, vendo que pediam esmola polas portas, cousa que eles também têm por sua profissão. E muitas vezes lhes pediram que deixassem a fortaleza e se fossem morar com eles meia légua dela, em uma varela sua, em cujo pé estava uma ermida da Madre de Deus; e que todos queriam aí vir morar com eles, e que em esta sua companhia não lhes faltaria o necessário para os corpos, e, o que mais era, ocasião mui certa de converter muitas almas. E, o que mais era, no tempo em que os inimigos tinham cercada a fortaleza de Sirião onde os nossos, por se verem mui apertados deles e com grande falta de mantimentos, tratavam já de a largar e romper pelos inimigos que estavam no rio, lhes diziam os talapois que não temessem nem se fossem com os portugueses, pois iam tão arriscados; mas que com eles iriam pela terra dentro, seguros de lhes não fazerem algum mal.

E o P. fr. Eleutério era tão aceito ao talapoi-maior que, estando uma vez doente, o mandou chamar e lhe deu queixas que já se esque-
1015 cia dele, // pois estando ele tantos dias em cama, deixava de o ver,

---

(1) Também Soledade (*Historia Serafica*, 3 567-568) e Achilles Meersman (*The Franciscans in the ancient burmese kingdoms of Ava and Pegu*, 358-359) comemoram a estadia de fr. João da Corda e fr. Eleutério no Pegu. Meersman data a missão pelos tempos de à volta de 1595, supondo referirem-se a ela as palavras da carta do bispo de Malaca de 11 de Abril desse ano ao Governador da diocese das Filipinas: «O Rey de Sianon se faz muito poderoso e tem alcansado algumas victorias com o Rey de Pegu , muito nosso amigo e dos Christãos, onde andaon nas Christandades religiosos da Ordem de S. Francisco, e tem feito yglesias» (carta publicada por L. Perez, em AIA, 12 (1919). 435. Todavia deve datar de mais tarde, do ano de 1606 (veja-se acima, cap. 71 e 72). Em 1595 ainda fr. Eleutério era estudante no convento de Baçaim (acima, cap. 15). A carta do bispo de Malaca dá notícia de missão de Franciscanos no reino de Pegu por 1594-1595, missão que fr. Paulo da Trindade desconheceu.

sabendo a consolação que disso tinha. E sucedeu uma cousa milagrosa, e foi que, levando o dito P. fr. Eleutério umas poucas de rosas e um frasquinho de água de cheiro para lançar nele por saber que estava enfermo, e manifestar naquela obra de caridade algum conhecimento do muito amor que lhe mostrava e chegando a ele e achando-o com grandíssima febre em que ardia, lançou sobre ele as rosas que levava e derramou a água de cheiro sobre a cabeça, em cruz, e imediatamente ficou sem febre. O que notando o talapoi e admirado do caso, lhe disse: — «Olhai, Padre, quanto pode o amor que me tendes, que foi poderoso para me dar com estas rosas e com esta água a saúde que os meus médicos, com suas mezinhas, me não puderam dar». Ao que lhe respondeu o Padre: — «Senhor, espanto-me de seres tão douto e não atinardes na causa desta maravilha. A saúde que tendes, não vo-la deu o meu amor que, como cousa de uma criatura e tão baixa como eu sou, não podia causar isso; mas deu-vo-la o sinal da cruz que sobre vós fiz, que, por ser sinal da nossa redenção, é instrumento de todo o bem. E quis-vos nisso mostrar Deus quão eficaz esse sinal será para vos salvar a alma, pois assim tão fàcilmente vos pôde sarar o corpo». Mas posto que o talapoi folgasse de o ouvir, nem por isso deu lugar à graça que lhe queria comunicar. Este rolim-mor foi o que contou ao dito Padre as cousas que atrás referimos do P. fr. Bonifer, porque alcançou aos que o trataram.

Era tal a reputação em que todos geralmente tinham os nossos frades, particularmente ao P. fr. Eleutério que, pelo modo que tinha de tratar a todos, era deles mui bemquisto e lhes era muito aceito, que el-rei de Prom ali vizinho, querendo fazer pazes com os portugueses, mandou dizer ao Geral que, para as assentar, não queria ele mais que o sobredito P. fr. Eleutério fosse lá e só lhe dissesse de palavra que eram os portugueses seus amigos; e com isso se daria por satisfeito. E chegando-se o tempo da guerra, como os soldados e capitães, por estarem desgostosos do Geral, se não quisessem embarcar, não bastando para os trazer a isso os outros Religiosos que ali estavam e lho persuadiam, o dito P. fr. Eleutério os moveu a isso com uma pregação que lhes fez na Sé, dia de Nossa Senhora do Monte, em que os moveu a se quererem embarcar, dando-lhes muitas razões. E não se contentando com o sermão, depois dele foi buscar a todos os capitães em os baluartes em que estavam, e tornou a lhes pedir o mesmo. E todos lhes responderam em uma mesma conformidade, dizendo que se embarcariam se ele dito P. fr. Eleutério // se embarcasse com eles. Escu- **1016**
sando-se ele com dizer que não parecia razão deixar a sua igreja só, pois, sucedendo-lhe alguma desgraça, não teria satisfação que dar a seus prelados, todos geralmente assim o Geral como os religiosos e clérigos e capitães e soldados e mais povo, lhe passaram uma certidão na qual certificavam que a ida do dito Padre naquela armada importava muito para o bem daquela cristandade e remédio daquela fortaleza. E com isto se embarcou com eles, ficando todos com isso tão contentes como se nele tiveram certa a vitória.

Estando embarcado, perpassou pelo seu navio outro de um capitão que na opinião dos homens era tido por pouco esforçado e animoso. E parecendo ao Padre que recearia ele mais que os outros entrar naquela batalha, pois sendo as nossas embarcações sòmente nove com cento e cinquenta soldados, as dos inimigos eram mil e duzentas em que vinham quarenta e quatro mil homens, e pedindo-lhe que ele lhe lançasse a bênção, lha lançou com grande fé, dizendo-lhe que não temesse que nem uma só pessoa lhe haviam ferir do seu navio. Foi cousa maravilhosa que, sendo infinitos os pelouros sobre todos, nenhuma pessoa daquele navio foi ferida. Nesta armada confessou o dito Padre a gente dela em um dia e uma noite, porque, ainda que havia aí outros confessores, tinham todos particular consolação de se confessarem com ele. E outrossim baptizou muitos gentios de várias nações que, sendo por ele admoestados e induzidos, quiseram aceitar o santo baptismo.

A este mesmo reino de Pegu foram mandados, depois, de Malaca o P. fr. Francisco Landeiro (2) pelo P. fr. André de Santa Maria (3), Custódio de Malaca; e esteve lá um ano e meio em a nossa igreja, onde achou ainda muitos daqueles cristãos baptizados pelos nossos frades. E ele baptizou e trouxe à Fé outros muitos em todo aquele tempo que ali esteve.

Também no reino de Martavão estiveram frades nossos. Dista Martavão de Pegu algumas trinta léguas, confina com o reino de Tanaçarim pela parte do leste, e pela da terra com o de Jangomá e de Tangu. É reino grande e fértil, dá três novidades no ano; acham-se nele muitas minas de ouro e prata, e muitos rubis. Tem porto e muito bom, aonde vêm ter muitas naus de Cochim, Negapatão, São Tomé, Massulapatão, Bengala, Reitava, Tanassari, Jugulão, Achém e Malaca. Os naturais são pegus e falam a língua pegua, e assim o rei como o povo todos são gentios. A terra é mui sadia, não se sabe nela que cousa é dor de cabeça, não tem médicos nem os há mister. Foi este um dos reinos que conquistou Bramá, rei de Pegu, e quando pôs cerco
1017 à cidade principal e do mesmo nome, tinha em campo setecentos mil // homens, e no rio mil e setecentas velas em que entravam cem galés, todas muito bem providas de gente estrangeira, da qual tinha muita em seu serviço. E na cidade havia, para a defender, cento e trinta e cinco mil soldados, todos mui valorosos, que a defenderam com muito esforço até serem quase todos mortos. Durou o cruel cerco seis meses, e no cabo deles, vendo-se o rei já sem gente, se entregou ao Bramá com grandes

---

(2) Fr. Francisco Landeiro em 1595 era reitor em Siolim, terras de Bardês (*Tábua de 1595*, 190). Em que ano foi o seu apostolado no Pegu, não consta. Soledade (*Historia Serafica*, 3, 568) nomeia-o antes de fr. João Baptista e fr. Rafael de Jesus que ali missionaram pelos anos de 1620.

(3) Fr. André de S. Maria em 1595 ficou de família na vigairaria de Coulão (*Tábua de 1595*, 187); em 1606 foi em ministério na armada que de Goa acudiu a Malaca (veja-se adiante cap. 86); depois disso é que esteve de Custódio em Malaca. Também missionou no reino de Martavão.

partidos; mas ele o mandou matar e saqueou e queimou a cidade que era formosíssima e opulentíssima, adornada de muitos e mui custosos edifícios, com vinte e quatro portas. Sòmente do que coube do saque ao rei Bramá, passou de cem contos de ouro, em que estava uma estátua de ouro de um ídolo, toda coberta de pedraria tão rica e de tanto resplendor que parecia não ter preço. Morreram nesta guerra, à fome e a ferro, cento e sessenta mil pessoas, e foram outros tantos cativos. E foram queimadas cento e quarenta mil casas e mil e seiscentos templos, nos quais acharam sessenta mil estátuas de ídolos, a maior parte deles cozidos em ouro, e três mil elefantes que se comeram no cerco, e seis mil peças de artilharia de ferro e de bronze, e se tomaram muitas e mui grandes riquezas. Neste reino estiveram muitas vezes os nossos frades da Custódia de Malaca, particularmente o Padre fr. André de Santa Maria que foi Custódio dela; e tiveram sua igreja e cristandade, a qual por razão das guerras se deixou, com não pequeno sentimento dos que a tinham fundada.

DA FAMOSA CIDADE DE MALACA E COMO FOI CONQUISTADA PELO GRANDE AFONSO DE ALBUQUERQUE

CAPÍTULO 79

O reino de Malaca, ainda que pequeno, é dos mais nomeados do Oriente. Tem o seu assento na costa marítima do reino de Sião e começa em Singapura e acaba em uma ilha chamada Pulocambilão, que são algumas noventa léguas (1). E em todo este espaço de costa não tem mais que uma cidade do mesmo nome, afora alguns portos que são habitados de pescadores, e por dentro mui poucas aldeias; e tudo o mais é despovoado, por serem terras alagadiças, por estarem vizinhas à linha do equinocial, clima naturalmente quente e húmido, e tão
1018 // fácil na criação das cousas, que é causa de serem mui doentias e mal povoadas de gente por dentro. Tem grandes árvores, na espessura das quais se criam muitos e mui diversos animais nocivos, principalmente tigres; os quas, por serem muitos e ferozes, dorme a gente em cima das mais altas árvores que acham, porque de altura de vinte palmos os pream de pulo; contra os quais não têm outro remédio mais que fazerem fogueiras de fogo de noite, que eles muito temem; e por esta causa também é aquela terra toda mal povoada e menos agricultada.

A cidade que, como em outra parte fica dito, dista da linha equinocial pouco mais de dous graus contra o norte, está situada na boca de um pequeno rio que a corta por duas partes, tendo para a serventia de ambas uma ponte de madeira. Antigamente era de uma légua de comprido ainda que mui estreita, lançada toda ao longo do mar à maneira de uma touca, em que havia mais de trinta mil vizinhos, mui viçosa e de fruitos e boas águas; mas outros mantimentos todos lhe vêm de fora. Os seus duriões são tão doces e de tão excelente sabor, que o açúcar em sua comparação o não é; e

---

(1) O autor, na descrição, aproveitou Góis (*Cronica do felicissimo rei D. Manuel*, 3, 3-4) e Barros (*Década II*, l. 6, c. 1, pp. 1ss).

tanto que nos banquetes não se põem na mesa nem se comem senão depois de comido o doce, porque, fazendo-se o contrário, perde ele a doçura e o sabor.

Quando os Portugueses entraram na Índia, haveria pouco mais de duzentos e cinquenta anos que era povoada, ainda que o modo com que se veio a fundar não o contam todos de um mesmo modo. Chama-se Malaca que quer dizer degredado, por causa de seu primeiro rei que teve, o qual foi degredado de seu próprio e natural reino que era Singapura e Bintão, por certo agravo que fez a um grande de sua corte, o qual, carteando-se com alguns senhores da costa de Jaoa, ajuntou uma poderosa armada com que, dando na cidade de Singapura onde o rei estava, o obrigou, por salvar a vida, deixar-lhe o reino em as mãos. E vindo ter àquele porto onde agora está a cidade de Malaca, que naquele tempo não era mais que uma pequena povoação de pescadores, fez ali assento; e tendo muitos que o seguiram, começou com eles a dar princípio a esta famosa cidade debaixo do nome do seu desterro. E porque a terra era de el-rei de Sião, lhe mandou pedir que lha quisesse dar com o título de rei, obrigando-se a lhe pagar, como vassalo seu, certo tributo; o qual, havendo-o assim por bem, lhe assinou por limite do seu reino as noventa léguas que temos dito.

Como Raju Sambu (que assim se chamava) se viu feito rei de Malaca, entrando nele a cobiça das riquezas que de ordinário acompanha // aos grandes do mundo, tratou de buscar maneira como viessem **1019**
ao porto daquela cidade as embarcações todas que até então costumavam ir a Singapura, a qual naquele tempo era a mais célebre daquela terra, situada em uma ponta que é a mais austral da Ásia e está em altura de meio grau da parte do norte, onde concorriam todos os navegantes dos mares ocidentais da Índia, e dos orientais a ela que são as regiões de Sião, China, Champá, Camboja e de tantas mil ilhas como jazem naquele Oriente. E assim uns como outros vinham diferir àquela cidade de Singapura, como a um geral empório e feira daquelas partes.

E para conseguir o efeito deste seu desenho, com armadas que ajuntava de navios de remo, obrigava as naus que navegavam por aquele estreito dentre Malaca e a ilha Samatra, que não fossem adiante a Singapura mas que viessem aí fazer em a sua cidade de Malaca as suas comutações de mercadorias. O que não foi mui dificultoso de efeituar porque, considerando os mercadores ser melhor o porto de Malaca que o de Singapura para as suas nevagações porque, segundo os ventos que cursavam em uma e outra parte, não punham em ir a Malaca mais que um ano sendo assim que gastavam dous indo a Singapura, folgavam de vir antes a Malaca. Com que veio Singapura a despovoar-se de mercadores, vindo todos a povoar Malaca, com que se veio a engrossar de maneira que ficou sendo uma das mais ricas cidades do Oriente. Porque vinham a esta cidade naquele tempo todas as nações de gente que há desde o reino de Quíloa, Mar de Arábia, Pérsia até a China, Léquios e Luções, a que traziam todas as mercadorias que há naquelas províncias, que ali trocavam umas com as

outras. E era tão grosso este trato e de tanto proveito, que havia na cidade alguns mercadores que atravessavam cinco e seis naus e tornavam a dar cargas para elas aos mesmos de quem compravam, do que o rei, pelos contínuos e muitos direitos que recebia, veio a ser tão poderoso que negou vassalagem a el-rei de Sião seu senhor, o que era causa de haver muitas vezes guerras entre eles.

Os malacos (que assim se chamam desta cidade) são cavaleiros, e prezam-se de namorados e sobremaneira opiniáticos e afidalgados. E tão vãos são nesta parte, que se não poderá acabar com algum deles, por pobre que seja, que queira levar às costas cousa alguma de carga, por muito que lhe dêem por isso. E assim todo o seu serviço é por escravos. O rei é mouro; e o primeiro que tomou a lei de Mafamede
1020 // foi o filho de Raju Sambu que se chamava Cacemo, em cujo tempo veio ter a Malaca um caciz, o qual o converteu à sua falsa seita e lhe mudou o nome, pondo-lhe o do seu falso profeta; e assim se chamou Xá Mafamede. O que sucedeu perto dos anos do Senhor de 1384.

A um descendente deste Xá Mafamede e que tinha o mesmo nome, tomou o grande Afonso de Albuquerque a cidade de Malaca. Era este rei tirano e mui perverso, porque por reinar tinha mortos a um seu irmão e um primo, e também à sua própria mulher. E tendo feito paz com Diogo Lopes de Siqueira que tinha aí vindo para esse efeito por ordem de el-rei D. Manuel, ele o quis matar à traição e tomar-lhe a armada em que aí viera no ano de 1509, que era de cinco velas (2). E aos portugueses que com a segurança das pazes que ele tinha juradas, andavam pela cidade, a uns matou e a outros prendeu e lhes tomou as fazendas. Sendo sabedor deste sucesso Afonso de Albuquerque, não lhe sofrendo o seu grande ânimo que tamanha maldade ficasse sem o devido castigo, tendo já conquistada a cidade de Goa partiu da sua barra com uma armada de dezanove velas e oitocentos portugueses, seiscentos malavares, e chegou a Malaca ao primeiro de Julho do ano de 1511 (3).

E vendo que o Rei não dava satisfação ao agravo que tinha feito, antes com cautelas o queria ir entretendo até vir uma armada sua por que esperava, com a qual pretendia não só defender-se mas ofender aqueles que já tinha por inimigos, se resolveu a fazer-lhe cruel guerra e tomar-lhe a cidade. E repartindo toda a sua gente em dois esquadrões, deu nela com tanta fúria que, apesar de muitos que a defendiam, a entrou matando tantos dos inimigos, assim homens como mulheres e meninos (que todos quis Afonso de Albuquerque que passassem pelo fio da espada), que corria o sangue pelas ruas. E o Rei escapou fugindo com uma lançada que lhe deram em uma mão. Foi esta uma vitória que muito realçou o nome português em

---

(2) Relatam o que sucedeu em Malaca a Diogo Lopes de Sequeira, Góis (*ib.*, pp. 4-9) e Barros (*Década II*, l. 4, pp. 402ss).

(3) As mesmas fontes usou o autor no relato da tomada de Malaca por Afonso de Albuquerque (Góis, *Cronica*, 3, 68ss; Barros, *Década* II, l. 6, c. 3, pp. 40ss).

todo este Oriente, porque havia na cidade oito mil peças de artilharia e mais de trinta mil homens de peleja, afora os moradores. E foi tanto o espanto que em os reis daquelas partes causou a fama desta conquista, que muitos deles mandaram por seus embaixadores a Afonso de Albuquerque os parabéns dela e oferecer-lhe paz e amizade com presentes de muito preço, como foi el-rei de Sião que lhe mandou para ele um anel com um mui rico rubi, e um estoque de ouro e uma copa de ouro com uma // carta para el-rei D. Manuel, em que lhe escrevia **1021** ter grande contentamento de o ver feito senhor daquele reino. E o mesmo fizeram os reis de Jaoa e de Campar.

O saco da cidade não foi tamanho como se esperava porque, como a cidade se cometeu duas vezes, houve tempo para se tirar dela muitas riquezas que El-Rei levou consigo e outros que o acompanharam, que eram três mil homens. Contudo ainda do que se achou, coube à parte de El-Rei mais de duzentos mil cruzados, não entrando na repartição cousa de ouro nem prata, nem os cativos, porque se tudo viera, fora o preço maior. Conquistada a cidade, fundou nela uma fortaleza no mesmo lugar em que estava a mesquita, a que pôs nome a Formosa, a qual, posto que muitas vezes foi combatida assim deste rei de Malaca enquanto viveu, e depois de um seu filho, como de outros inimigos do nome português, sempre Deus a conservou e conserva até o presente, servindo as guerra que lhe fizeram, de ser mais afamada com muitas e mui esclarecidas vitórias que Deus lhe tem dado para honra sua e propagação da Fé.

COMO OS NOSSOS RELIGIOSOS VIERAM A MALACA E FUNDARAM CONVENTO DA ORDEM

CAPÍTULO 80

O convento da Madre de Deus que temos em Malaca [1], foi

---

[1] Resumindo trechos de estudo do P. Lourenço Pérez, feito todo ele à base de documentação coeva, *Origen de las Misiones Franciscanas en el Extremo Oriente* (em AIA, 1 (1914) 100-120, 301-328; 2 (1914) 39-67, 202-228; 3 (1915) 20-43, 379-415; 4 (1915) 63-82, 225-250; 5 (1916) 80-100, 387-412; 6 (1916) 401-420) podem-se assim seriar os factos desenrolados à volta da fundação do convento de Malaca:

1575. Recrutamento, entre os Franciscanos Descalços de Espanha, de missionários para as Ilhas de Salomão então descobertas. Ofereceu-se como missionário o italiano fr. João Baptista Lucarelli que estava de família no convento de S. Bernardino de Madrid.

1576, Junho ou 1577. A missão partiu de S. Lúcar de Barrameda, via América, com destino não às Ilhas de Salomão mas às Filipinas. Nela seguiram fr. Pedro de Alfaro, eleito custódio da Custódia de S. Gregório que a missão ia fundar, e fr. João Baptista.

1578, Fevereiro. Atravessado o México, a missão reembarcou em Acapulco e chegou a Manila em Julho, mas já então com projectos de expansão para a China.

1579. Fr. Pedro de Alfaro, fr. João Baptista, fr. Agostinho de Tordesilhas, fr. Sebastião de S. Francisco ou de Baeza, com alguns seculares que desejavam entrar na Ordem Franciscana, embarcaram-se para a China, e aportaram a Cantão no dia 19 de Julho. Porque não houveram licença das autoridades chinesas para demorar na China, deixaram Cantão a 10 de Novembro, e a 15 estavam em Macau fr. Pedro de Alfaro, fr. João Baptista com o irmão Pedro de Villaroel tendo os restantes regressado a Manila. Recebidos com suspeição pelos comerciantes e autoridades civis de Macau, foram acarinhados pelo povo e pelo clero, e logo nesse mês puderam começar ali a construção do convento de Nossa Senhora dos Anjos e pouco depois já nele admitiam noviços portugueses.

1580, Junho. A antipatia dos portugueses para com os espanhóis agravada do tempo pela reacção às pretensões de Filipe II de Espanha ao trono de Portugal e pelos receios de que a presença dos frades favorecesse os da sua nação no competir influências nos territórios do Extremo Oriente, levaram as autoridades de Macau a afastar fr. Pedro de Alfaro para a Índia. Embarcado com um noviço, morreu na viagem em naufrágio.

1581. As autoridades afastaram também para a Índia a fr. João Baptista,

fundado pelo P. fr. João Baptista, religioso de mui exemplar e santa vida, da santa Custódia de S. Gregório das Filipinas. Era este servo de Deus italiano de nação e natural de Pésaro. Tomou o hábito e professou entre os conventuais, e, depois de viver entre eles alguns anos, passou para a nossa Observância com desejo de maior perfeição. E assim, vindo à Espanha, tornou a professar no convento de S. Bernardino dos Descalços, renunciando todos os breves e liberdades de

---

obrigando-o a ir a Goa explicar ao vice-rei os fins da sua vinda à China. No convento de Nossa Senhora dos Anjos de Macau ficou apenas fr. Bernardino de Jesus, frade recém-professo, com alguns noviços em expectativa do destino que a casa levaria, e fr. João embarcou com fr. António dos Mártires e fr. Boaventura de Lisboa (há que preferir o relato do mesmo fr. João Baptista, em *Sinica Franciscana*, 2, 67-68, ao menos autorizado do Padre Lourenço Perez em AIA 2 (1914), 327). Fazendo escala em Malaca e constando-lhe aí que Filipe II de Espanha fora aclamado rei de Portugal, fr. João Baptista houve-se por dispensado de seguir até Goa com explicações ao vice-rei. Mandou a Portugal fr. Boaventura a informar, e a Goa fr. António dos Mártires talvez em sondagens embora a título de recrutar missionários.

1582. A 10 de Janeiro fr. João Baptista foi morar numa capela em ruínas que o bispo D. João Ribeiro Gaio por escritura lhe entregara e que ficava fora da cidade. Uma vez aí, começou a construção de convento que intitulou da Madre de Deus, e no princípio da Quaresma já nele tinha admitidos dez noviços. Depois, em Julho, aproveitando os oferecimentos que Aires Gonçalves Miranda, amigo dos frades espanhóis, lhe fez de o levar no seu barco, com ele seguiu para Macau, e mais cinco dos noviços, deixando no convento de Malaca fr. António dos Mártires com os noviços restantes.

Entretanto, em Fevereiro, o custódio das Filipinas fr. Paulo de Jesus tentara ir a Macau com frades para a China e Cochinchina, mas o Governador de Manila impediu-o. Tendo chegado em Maio o Comissário Visitador fr. Jerónimo de Burgos, logo em 26 de Junho empreendeu a viagem a Macau com fr. Martim Inácio de Loiola, fr. Agostinho de Tordesilhas, fr. Jerónimo de Aguilar fr. António de Villanueva e mais outros dois. Porque se perderam, foram dar a Fokien e caídos nas mãos dos chineses foram resgatados por diligências do capitão de Macau Aires Gonçalves de Miranda. Fr. Jerónimo de Burgos fez a Visita, e julgando remediar assim as dificuldades da antipatia dos portugueses pelos frades espanhóis, fez dos dois conventos de Malaca e de Macau uma Custódia independente, para a qual logo foi eleito custódio fr. Martim Inácio de Loiola. Em Macau ficou de guardião fr. Jerónimo de Aguilar, e em Malaca fr. João Baptista.

1583. Feitas as nomeações, fr. Martim Inácio e fr. João, em 31 de Dezembro de 1582 embarcaram para Malaca onde aportaram em 27 de Janeiro. Dada a oposição que ali lhes fizeram as autoridades portuguesas, continuaram viagem na nau que trazia a embaixada de japoneses mandada ao Papa pelo jesuíta P. Valignano, e estavam em Lisboa em Agosto de 1584.

Em 1583 houve instâncias, ao que parece, perante Filipe I de Portugal para que o convento de Malaca fosse povoado de frades portugueses, continuasse embora o de Macau povoado de espanhóis. O rei informou dos seus desejos o Geral dos Franciscanos fr. Francisco Gonzaga, então por Espanha.

1584. Fr. Francisco Gonzaga criou a Custódia de Malaca e recrutou para ela vinte Franciscanos das Províncias Capuchas da Arrábida, da Piedade e de S. António e por sua Patente de 13 de Março confirmou o Custódio por eles eleito fr. Diogo da Conceição. A missão seguiu logo na armada desse ano, fr. Diogo da Conceição com mais doze frades em navio directo que aportou a Malaca em Outubro, os restantes sete seguiram em navio que foi dar a Goa e só

que usam os Padres Conventuais. Era letrado e pregava com grande fervor e zelo de trazer todos a Deus. E sendo mui áspero e rigoroso consigo, tinha muita brandura e afabilidade para com os outros. Trouxe-o consigo para as Filipinas, e daí para a China, o venerável P. fr. Pedro de Alfaro, custódio da Custódia de S. Gregório. E tendo fundado o convento de Nossa Senhora da Porciúncula em Macau, se alevantou contra eles grande perseguição de alguns moradores daquela

---

em 1585 retomaram a viagem para Malaca. Não se conhece exemplar ou cópia do Decreto ou Patente que criou a Custódia de Malaca, e por isso não se pode saber se foi da imprecisão da sua letra que resultaram as dificuldades surgidas depois quando foi para a determinação do território da Custódia.

1585. Por Abril ou Maio chegaram a Malaca os Capuchos que de Portugal tinham feito o caminho por Goa, e com eles ordens do vice-rei da Índia para os Capuchos portugueses também tomarem posse do convento de Macau. Na ausência do Custódio que fora a Goa assistir ao Concílio Provincial, foi Comissário seu a Macau tomar posse do convento, o que fez com protestos dos frades espanhóis.

Fr. Martim Inácio de Loiola chegado que foi a Lisboa em 1584, logo se encaminhara para Roma onde chegou a 24 de Novembro. Alcançou do papa Gregório XIII o breve *Exposuisti Nobis* datado de 8 de Dezembro (Breve em AIA, 5 (1916) 399[1]) pelo qual se lhe concedia comissão para missionar na China com mais doze companheiros que a si agregasse, alcançou ainda do cardeal Alberto concessão de pregar na Cochinchina, regressou a Lisboa e já na armada de 1585 se pôde embarcar para a Índia com seis companheiros que em Espanha recrutara. Em carta de 22 de Dezembro o custódio da Índia, fr. Gaspar de Lisboa, de Goa se queixava ao Ministro Geral de que fr. Martim por ali andava a desinquietar frades da Custódia para consigo os levar à China.

1586. Fr. Martim Inácio de Loiola seguiu de Goa a caminho de Macau e, pela comissão que pelo Papa lhe fora dada de missionar na China, tomou posse do convento de Macau, esteve em Cantão donde foi obrigado a regressar a Macau.

1587. Mal recebido em Macau e expulso de Cantão, fr. Martim Inácio resolveu ir a Espanha informar o rei.

1589. Outra vez os Franciscanos portugueses tomaram conta do convento de Macau. Fr. Martim Inácio já em 1588 retomara o caminho de Espanha, via México, em Espanha esperou despacho às suas queixas, mas como até 1594 o não teve, nesse ano seguiu para as missões da América do Sul. Em 1601 foi apresentado bispo de Ascensão no Paraguai, foi trasladado para a sé arquiepiscopal de Las Charcas em 1605 e morreu em Buenos Aires no ano de 1612.

Fr. João Baptista Lucarelli que chegara a Lisboa em 1584, só em 1585 seguiu para Roma onde alcançou Breve para regressar à China *Superni dispositionis* de 28 de Setembro de 1585, em *Annales Minorum*, 21 (Quaracchi 1934) 63-65);mas tendo-se posto ao caminho, não pôde passar de Espanha. O Papa lhe concedeu licença para fundar em Itália conventos de Descalços para preparar missionários para a China, e chegou a fundar conventos em Roma e Génova que depois, por Decreto do Sixto V de 1589, passaram a Conventos Reformados. Morreu em Nápoles no convento de S. Luzia em 1604.

É abundante a documentação espanhola sobre as tentativas feitas desde 1579 pelos Franciscanos de Manila para entrarem na China e Cochinchina em trabalhos de evangelização. As tentativas desandaram em episódios apaixonantes de política internacional. Por aquelas regiões, portugueses e espanhóis competiam na conquista de mercados e influências. E por mais que os missionários não quisessem ver, a sua só presença afoitava seus naturais e criava

cidade, tomando mal virem castelhanos a ela, pela grande perda que recebiam com eles em suas mercancias. E assim contrangeram ao custódio fr. Pedro de Alfaro que se viesse // apresentar ao vizo-rei da **1022** Índia a quem desse conta de suas cousas. Embarcou-se o dito Padre em um junco que se perdeu, e ele se afogou, como tudo o mais largamente contaremos quando adiante falarmos do convento de Macau.

Não cessou com isto a tormenta contra os nossos frades por

---

para eles simpatia entre os indígenas. A Santa Sé, perante o facto que se não podia negar, reservara a evangelização dos territórios aos missionários da nação que neles já tivesse domínio ou influência. E porque os portugueses com as bases comerciais primeiro de Liampó e depois de Macau dominavam todas as regiões de à volta desde a Cochinchina e China até ao Japão, aos missionários portugueses entregou a missionação da Cochinchina, China e Japão. Este direito chamemos-lhe assim, foi contestado perante a Santa Sé, que por isso foi abrindo aquelas regiões à evangelização dos frades espanhóis idos pelas Filipinas e depois a outros, e provocou emulações e invejas que deflagraram em pugnas criadoras de outros impérios e influências e em paixões que ainda hoje cegam a tantos para não saberem ler os factos desta história. As principais peças documentais deste episódio de competências entre 1579 e 1588 são:

Fr. Agostinho de Tordesilhas, *Relacion del viage que hizimos en China nuestro hermano Fr. Pedro de Alfaro con otros frailes de la Ordem de nuestro Serafico Padre San Francisco.* Publicada por Fr. João Gonçalez de Mendonça, em *Historia de las cosas mas notables, ritos, y costumbres, del gran Reyno de la China,* Roma 1585; por Marcelino da Civezza, em *La Palestina e le rimanente Missione francescane in tutta la terra,* Roma, 1890; e Anastasius van der Wyngaert, *Sinica Franciscana,* 2 (Quaracchi (1933), 103-160.

Carta de fr. Pedro de Alfaro a fr. Agostinho de Tordesilhas, e *Carta de P. André Coutinho a fr. Agostinho de Tordesilhas,* escritas de Macau em Novembro de 1579, e publicadas por Paulo Pastells e Francisco Colin, em *Labor evangélica le la Compañia de Jesus en las Islas Filipinas,* I (Barcelona 1900), 305.

Viaggio dell'Indie fatto per il R. P. Scalzo Fra Giovanni Battista da Pesaro, escrita pelo mesmo em 1592, e publicada por Wyngaert, *Sinica Franciscana,* 2, 12-92. Existe cópia manuscrita na BAL.

Ytinerario del Padre Custodio fr. Martín Ignacio, de la Orden del Bienaventurado Sant Francisco que paso a la China em compania de otros Religiosos de la misma Orden, publicado por P. João González de Mendonza, en *Historia de la cosas más notables, ritos y costumbres del gran reyno de la China,* Roma 1585.

Carta del Comisario de la India Oriental fr. Gaspar de Lisboa ao Geral da Ordem Franciscana fr. Francisco Gonzaga, datada de Goa a 22 de Dezembro de 1585, publicada por P. Lourenço Pérez, em AIA, 5 (1916). 396-408.

Carta do mesmo ao mesmo, datada de Goa a 14 de Dezembro de 1585, publicada por F. Félix Lopes, *Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590,* Lisboa 1962.

Carta de fr. Francisco e de fr. Martim Inácio de Loiola ao rei de Espanha, datada de Macau a 6 de Julho de 1587, publicada em AIA, 5 (1916), 408-412, e em *Sinca Franciscana* 2, 210-213.

Relacion del viaje que hicieron Pedro Unamuno, Fr. Martin Ignacio de Loyola y otros Franciscanos desde la isla Macarera, China, hasta el puerto de Acapulco Méjico, en el año de 1588, em AIA, 7 (1917).

Depois de entregues em 1961 estas notas para publicação, desenvolvemos este assunto nos dois trabalhos seguintes: *Custodia de S. Francisco de Malaca, sua fundação,* publicada em «Itinerarium» 7 (Lisboa 1961), 246-273, e *Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590,* em «Studia» 9 (Lisboa 1962).

serem castelhanos, e assim tornaram a dar rijos combates em o santo varão fr. João Baptista que ficara lá por Guardião do nosso convento que estava edificado. E começaram, primeiro por via de conselho, representando-lhe que seria bem que, pois seu companheiro não havia chegado à presença do Vizo-rei, fosse ele em pessoa a dar conta de si e do estado em que estava aquela nova fundação. Mas entendendo o servo de Deus o intento que eles tinham, o qual não era outro senão fazer com ele o que tinham feito com o seu companheiro, lhes respondeu dizendo que lhe não seria nunca bem tomado deixar o convento onde era guardião, sem ordem de algum Prelado Superior da Ordem, e mais não havendo nele mais que três religiosos modernos na Religião, nenhum dos quais era sacerdote que lhes pudesse dizer missa e confessar; e assim, indo-se ele à Índia, era necessário buscar-lhes prelado que não fosse da mesma Ordem, o que não podia ser. Bastantes razões eram estas para fazer quietar aos que pretendiam lançar fora daquela terra ao santo varão fr. João Baptista, mas como o seu fundamento era o próprio interesse que com suas desordenadas cobiças costuma cegar o mais claro juízo e bom entendimento, não serviram de mais que de mudar os meios dos seus danados desenhos. E deixando conselhos amigáveis, lançaram mão de ameaços rigorosos, mandando-lhe dizer que, se por vontade se não fosse, o fariam ir por força.

Bem entendeu o servo de Deus quão danados tinham os ânimos aqueles que assim o ameaçavam; mas, encomenda[ndo] esta sua causa ao mesmo Senhor, o que daí por diante mais trabalhava era por acrescentar o rigor de sua costumada penitência, crendo que, quando com semelhantes obras não alcançasse de Deus que abrandasse aqueles empedernidos corações, pelo menos lhe não faltaria com a necessária paciência para os trabalhos que deles esperava. O seu comer eram ervas cruas ou, quando muito, cozidas sem sal. O seu hábito era de esteiras; e, deixando a cela que tinha em cima, se meteu em um pequeno oco que estava debaixo de uma escada. Ali sobre a terra nua passava as noites em contínua oração e lágrimas sem que de dia faltasse aos ordinários ofícios e exercícios do coro e altar e cura dos leprosos. Mas como seja próprio de ânimos danados fazer da triaga peçonha e pecado da virtude, estas novas penitências do servo de Deus, que eram bastantes para os abrandar e fazer mudar conselho serviram de armas para mais o perseguir, infamando-o por elas os
1023 seus desafeiçoados // e publicando que com o rigor de suas penitências enlouquecera, acrescentando mais não ser conveniente que um homem louco governasse um convento. E assim com esta capa e sombra de caridade, o prenderam e lhe lançaram uma cadeia e o embarcaram em uma nau que estava para partir para a Índia. Todos estes trabalhos sofreu o santo varão com igual ânimo e singular paciência, nem se lhe ouviu nunca palavra alguma de descomposição, antes com o rosto alegre mostrava ter contentamento de padecer aquelas contumélias por amor de Deus. Tanto que a nau se fez à vela e partiu do

porto, lhe tiraram as prisões, pois elas não serviam já para o que lhas puseram, que era por que se não tornasse a desembarcar e tornar a terra. Prosseguindo a viagem chegaram à cidade de Malaca onde, desembarcando o servo de Deus, se foi agasalhar no convento que já aí tinham os Padres de S. Domingos, os quais com muita caridade o receberam e com a mesma o trataram em o tempo que aí esteve com eles.

Estando as cousas assim, ao primeiro de Maio do ano do Senhor de 1582, chegou àquele porto uma nau que vinha da cidade de Cochim para Macau, em que vinha por capitão Aires Gonçalves de Miranda, fidalgo bem conhecido cá na Índia e devotíssimo de nosso Padre S. Francisco e seus frades, o qual levava as provisões e cartas da nova sucessão de el-rei D. Filipe em a coroa de Portugal por morte do cardeal e rei D. Henrique. E sabendo o que em Macau tinham feito ao servo de Deus fr. João Baptista por ser castelhano, parecendo-lhe que faria nisso a Sua Majestade serviço em amparar aquele vassalo seu, e outrossim que corresponderia com a muita devoção que ao nosso Padre S. Francisco tinha, se favorecesse ao seu frade, se foi ter com ele a S. Domingos e lhe disse como tinha sabido o ruim termo que com ele tinham usado os de Macau e a modéstia e paciência com que se houvera em os sofrer, e sobretudo que estava inteirado da sua muita virtude; e que convinha ao serviço de Deus e de El-Rei nosso senhor que tornasse para lá, assim por que fosse por diante o grande fruito que com a sua santa e exemplar vida em todos fazia, como também por que se entendesse que, pois os Portugueses e Castelhanos tinham também um mesmo rei, tinham também um mesmo coração e uma mesma vontade, e ficasse campo franco de se poderem tratar e comunicar uns com os outros, como tão precisa obrigação o pedia. Agradeceu o servo de Deus ao capitão Aires Gonçalves de Miranda o honroso termo que com ele tinha, e aceitou a caridade que em o querer tornar ao seu convento de Macau lhe fazia.

Com este favor do capitão // e a razão em que se fundava, **1024**
começaram todos a olhar com bons olhos ao servo de Deus, e já na cidade e entre os Portugueses lhe não sabiam outro nome senão o do Capuchinho santo. Buscavam-no, ouviam-no, respeitavam-no e favoreciam todos suas cousas, que tanto como isto podem ainda em as cousas de Deus os respeitos do mundo, tendo já todos por santo aquele que havia pouco, por causa de seus interesses, baptizavam por louco. E como a sua exemplar e santa vida a todos edificava e a devoção que em todas as partes ao nosso Seráfico Padre se tem, seja grande, começaram a lhe pedir se quisesse deixar ficar aí com eles naquela cidade de Malaca onde lhe dariam lugar e cómodo para edificar um convento da Ordem que eles havia muito desejavam. E quem mais instâncias nisto fazia era o capitão da fortaleza e o bispo daquela cidade, chamado D. João Gaio (²) devotíssimo de nosso hábito. Dava

(²) O bispo de Malaca, ao tempo, era D. João Ribeiro Gaio, confirmado em 29 de Janeiro de 1578. Diz Fortunato de Almeida (*Historia da Igreja em Portugal*, 3, (Parte II), 1030) que morreu em 1601. Em carta sua ao rei, datada

já o santo varão por bem empregadas todas suas perseguições, pois delas tirava tão grande fruito, pois era ter casa naquela cidade onde os filhos de nosso Padre S. Francisco pudessem edificar aos moradores dela com sua vida e pregações e converter muitos infiéis dos reinos circunvizinhos. E assim houve de aceitar o oferecimento que lhe faziam quanto ao particular de fundar ali casa da Ordem; que no mais mostrava com claras razões ser a sua tornada para Macau mui necessária.

Deu-lhe o bispo para este efeito uma ermida que estava em um alto, fora algum tanto da cidade, de vocação de Nossa Senhora de Bocachinos, e ele mesmo lhe deu a posse. E com solene procissão e com grande acompanhamento o levaram do convento de S. Domingos onde estava, para aquele lugar. E foram tantas as esmolas que lhe davam, que em breve tempo reparou a igreja que algum tanto estava do tempo danificada, e junto dela fizeram umas celas de madeira e outras oficinas para morada e serviço dos Religiosos. Ali o santo varão e seu companheiro faziam uma vida mais angélica que humana, gastando as noites em oração e contemplação e os dias em pregar, pedir esmola e confessar. E pregava o P. fr. João com tanto fervor de espírito, que a muitos dos moradores tornou a melhor estado, porque com muita liberdade repreendia os pecados públicos e a santidade de sua vida fazia que todos de sua pregação se aproveitassem. E era tão manifesta a mudança em todos, que não cessavam de louvar a Deus em os seus humildes servos. Alguns deles pediram o hábito da Ordem e o servo de Deus lho deu, criando-os e ensinando-os santissimamente.

1025 E como se chegou o tempo de // se embarcar para Macau, o fez com o mesmo capitão, deixando em o nosso convento de Malaca a seu companheiro que se chamava fr. António dos Mártires (3). Chegaram a salvamento a Macau, e foi o servo de Deus de todos bem recebido, porque, como souberam o que passava, não havia quem ousasse mostrar-se desafeiçoado às cousas de Castela. E estando aqui

---

de Malaca a 15 de Dezembro de 1588 e trazida por fr. Diogo da Conceição com procuração para em seu nome renunciar o bispado, dá de si mesmo alguns dados biográficos: «Eu ha vinte cinquo annos que sirvo V. Magestade, sc., sinquo que estive nas partes da Guine por Governador do bispado de Sam Thome por ser chamado ao Reino o bispo delle, e juntamente servi na alçada que no tal tempo se mandou as ditas partes, onde fis muitos serviços a Deos e a V. Magestade e tive muitos trabalhos e imfirmidades. E vindo ao Reino servi dez annos de Dezembargador de vossas Relações e na Mesa do Sancto Officio e Visitador dos vossos Hospitaes comprindo com minhas obrigações. Donde fui chamado pera estas partes e nelas servi na Relação de Goa e no cargo de Presidente da Justiça e na dignidade de Bispo, achando-me prezente sempre nos trabalhos, nos sercos, guerras e fomes e imfirmidades, acodindo as necesçidades e obrigações da Fortaleza e aos pobres e aos soldados com muito grandes gastos e despezas. E esta licença [regressar a Portugal] tenho pedido a V. Magestade os anos atras e em suas cartas ma promete. E alem disto tudo sou muito doente e velho e pobre, e esta terra he muito trabalhosa» (AS Chancelarias Provinc. Livro 1155, fl. 416).

(3) O companheiro que deixou no convento de Malaca, fr. António dos Mártires, era português e professara no convento de Macau onde havia entrado logo ao tempo da sua fundação.

o santo varão continuando com os seus ordinários exercícios, chegou àquela cidade uma fragata de Manila em que vinha o P. fr. Jerónimo de Burgos, religioso Descalço e Comissário da embaixada que da parte de el-rei Católico se fez à China dos de Manila, o qual celebrou ali capítulo e elegeu em Custódio daqueles dois conventos de Macau e Malaca o P. fr. Martim Inácio de Loiola seu companheiro, que na monção se partiu logo a visitar a casa de Malaca, levando consigo ao seu primeiro fundador fr. João Baptista. Estiveram aí algum tempo assentando as cousas daquele convento. E porque pareceu, assim aos frades como ao bispo e capitão daquela cidade, ser muito necessário que os dous ou um deles passasse à Espanha, eles o fizeram assim partindo-se para Cochim e daí para Portugal (4).

Chegaram a Lisboa e daí a Madrid onde acharam Sua Majestade, a quem informaram larga e bastantemente das cousas que traziam a seu cargo. E com seu favor e crédito passaram ambos a Roma e se apresentaram ao Papa, que então era Gregório XIII, a quem deram razão de si e tudo o que havia e era necessário prover naquelas partes. E sendo deles bem recebidos, fez logo volta para a sua Custódia o custódio fr. Martim Inácio de Loiola, vindo cheio de favores e graças apostólicas.

O P. fr. João se deixou ficar lá, com fundamento de ajuntar alguns frades que pudesse trazer consigo para a mesma Custódia, por haver grande falta deles. E sucedendo na Cadeira de S. Pedro, por morte de Gregório XIII, Xisto V, frade da nossa sagrada Religião, lhe foi o P. fr. João beijar o pé e se lhe deu a conhecer do tempo que ambos eram conventuais (porque o Papa também o fora), de que levou sumo gosto, mormente vendo-o tão reformado e tão penitente. Falou-lhe muitas vezes e lhe fez muitos favores, instituindo-o Pregador Apostólico. E como era de singular espírito, começou a fazer uma reformação ao modo dos Descalços de S. José. Concedeu-lhe o Sumo Pontífice para isso um Breve mui favorável, que começa *Muneris solicitudo* a título de que nela se criassem Religiosos para a China e outros reinos de infiéis daquelas partes. E ajuntando-se muitos a ele, fundou um convento // em Roma que intitulou Nossa Senhora de **1026**
Miraculo, e em Génova outro de Monte Calvário, e em outras cidades de Itália outros e em Nápoles um de Santa Lúcia, onde faleceu estando para partir para Malaca com alguns frades, deixando de si grande fama e opinião de santo. E dizem que tem Deus obrado por ele alguns milagres (5). Neste estado ficaram as cousas de santa Custódia; contudo sempre provida de frades castelhanos por via de Filipinas, até que se ordenou outra cousa, como no capítulo seguinte se verá.

---

(4) É para rectificar com o que acima na nota primeira se diz, quanto neste parágrafo se afirma.

(5) Também Soledade (*Historia Serafica* 3, 575-577, 582-585) e fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 122-127, 270-271) recordam as actividades de fr. João Baptista Lucarelli e fr. Pedro de Alfaro no Extremo Oriente Português e a fundação dos conventos de Macau e Malaca.

COMO A CUSTÓDIA DE S. FRANCISCO DE MALACA POR ORDEM DOS PRELADOS GERAIS FOI SUJEITA À CUSTÓDIA DE S. TOMÉ

CAPÍTULO 81

Grande era o exemplo da virtude que de si davam os primeiros fundadores desta Custódia nos dois conventos de Malaca e China, como verdadeiras plantas que eram de uma tão reformada província como a de S. José, donde todos eles eram, cuja fama naquele tempo (que era de sua maior reformação) corria pela boca de todos. E assim os exercícios destes santos Religiosos eram de muita edificação, particularmente no convento de Macau, que era o primeiro e o maior, onde se ocupavam na cura dos leprosos, por haver muitos naquela terra, como em seu lugar veremos, curando-os, alimpando-os e consolando-os com grande caridade, não lhe faltando nem com a consolação para os corpos nem com o remédio para as almas. E vivendo em uma terra que era a mais abundante de riquezas e delícias, mimos e regalos, e pelo conseguinte de larguezas na vida e consciência, de todas as da Índia, em meio desta Babilónia faziam eles uma vida angélica, tendo só os corpos na terra, mas os sentidos, os desejos e as almas sempre no céu.

E como o cheiro de suas virtudes se derramasse por todos os moradores, era grande a opinião e conceito que deles se tinha, porque era a sua vida tal que aos maus causava confusão, aos bons exemplo e a todos espanto e admiração. Sòmente de uma cousa tinham grandíssimo desgosto e não a podiam tragar, que era serem castelhanos e haverem-se de prover aqueles dois conventos de castelhanos. Porque, ainda que pola coroação de El-Rei D. Filipe no reino de Portugal
1027 não havia quem // ousasse mostrar-se desafeiçoado às cousas de Castela, como no capítulo passado tocámos, antes em tudo as favoreciam e reverenciavam, contudo no secreto de seus corações tinham pegada esta espinha que os não deixava aquietar, porque viam e experimentavam de quanto dano era para os moradores daquela cidade virem a ela castelhanos de Manila, porque como não sabiam os preços

das cousas, assim mantimento como fazenda, eles os alevantaram de maneira que recebiam notável perda com a sua assistência na terra.

E assim por esta como por outras cousas fundadas todas em razão de estado e bem comum (que por tal o [ba]ptizavam), se persuadiram os do Governo que importava dar-se disto aviso ao vizo-rei da Índia para por sua via se informar Sua Majestade de todos estes danos, e pedir-lhe o remédio deles, que não era outro senão que, pois Macau e Malaca não pertenciam senão às Índias Orientais de Portugal e não às Ocidentais de Castela, se entregassem aqueles dous conventos aos frades portugueses, encarregando assim à Província de Portugal como à Custódia de S. Tomé de os prover de moradores bastantes e de pregadores e confessores, e com isso se escusava abrir-se esta porta de comunicação com os castelhanos por via de Manila. Deste requerimento se deu notícia aos do Conselho de Portugal; e eles escreveram aos de Castela e a Sua Majestade, encarecendo quanto convinha para o bem daquela cidade de Macau ordenar-se que frades portugueses povoassem aquela Custódia. E foi isto fácil de alcançar, por ser isto a tempo que Sua Majestade e seu Real Conselho em tudo queriam comprazer aos Portugueses, por saberem quão mimosamente foram sempre tratados dos reis de Portugal, correndo com eles não como vassalos mas como filhos.

E se assentou que assim se ordenasse e escrevesse da parte de Sua Majestade ao Ministro Geral da Ordem, que então era o Padre fr. Francisco Gonzaga, o qual andava naquela ocasião visitando as províncias de Espanha no ano de 1584 (1). E havia pouco que era chegado

---

(1) A história da Custódia de S. Francisco de Malaca é mal conhecida. A criação da Custódia resultou da reacção dos portugueses que se julgaram feridos no seu patriotismo e interesses comerciais quando em 1579 os Franciscanos espanhóis das Filipinas tentaram ir missionar a China e fundaram convento em Macau como base das suas actividades apostólicas. Porque os princípios da Custódia se embrulham assim em lutas de influências desencadeadas entre portugueses e espanhóis na regiões do Extremo Oriente, os antigos cronistas franciscanos portugueses houveram por bem religiosamente calar ou disfarçar todos os episódios em que os frade foram parte e que lhes pareceram de menos edificação. A documentação que resta, ainda não foi por completo organizada e aproveitada em estudo de conjunto. Tratam da criação da dita Custódia ou a ela aludem, na literatura franciscana portuguesa Soledade (*Historia Serafica*, 3, 575-579) o qual apenas resume o que vai aqui no texto, fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 117-126, 267-317), fr. António da Piedade (*Espelho de Penitentes e Chonica da Provincia da Arrabida*, 1, 643-672) e fr. Manuel de Monforte (*Chronica da Provincia da Piedade*, 417-422). Na moderna literatura histórica espanhola, o P. Lourenço Pérez na citada *Origen de las Misiones Franciscanas en el Extremo Oriente* anota a bibliografia espanhola bem como a documentação publicada que ao assunto interessa.

Do grupo de Franciscanos espanhóis que em 1578, conduzidos por fr. Pedro de Alfaro, chegaram às Filipinas a fundar a Custódia de S. Gregório (veja-se cap. precedente), logo em 1579 alguns se dirigiram à China e, porque aí os não consentiram, recolheram a Macau onde fundaram convento. A Custódia de S. Gregório das Filipinas não foi criada por quaisquer Letras Apostólicas que delimitassem o território das suas actividades e fundações. As coisas deviam ter-se passado simplesmente desta forma: O rei, em virtude das faculdades a

à sua presença um frade da Custódia de Malaca, enviado pelo seu Custódio e mais frades, os quais pediam a Sua Reverendíssima houvesse por bem de os querer prover de frades, porque [a Custódia]

---

ele atribuídas pelo breve de Adriano VI *Exponi Nobis* de 10 de Maio de 1522 comummente denominada a *Bula Omnimoda* (em *Annales Minorum*, 16 (Quaracchi 1933), 157-159), enviou às ilhas de Salomão grupo de missionários que o Ministro Geral da Ordem Franciscana lhe apresentou, e depois quase à hora do embarque destinou o grupo às ilhas Filipinas. Com o grupo de missionários assim enviados, o Ministro Geral por decreto seu criou uma Custódia com o nome de S. Gregório. O território entregue à missão e portanto à Custódia de S. Gregório deve ter sido logo alargado para além das Filipinas, pois em 15 de Novembro de 1577 já o Papa pelo breve *De salute gregis Dominici* a favor da dita Custódia concedia indulgências para as igrejas fundadas ou a fundar nas Flipinas, China e India (em fr. Francisco de Madrid, *Bullarium Descalceatorum* 1, 246-247 e *Annales Minorum*, 21, 521-522).

Porque os portugueses obrigaram fr. Pedro de Alfaro, fundador do convento de Macau, a ir a Goa explicar ao vice-rei a sua entrada na China e a fundação do convento de Macau, e depois fizeram o mesmo a fr. João Baptista Lucarelli, fr. Jerónimo de Burgos quando em fins de 1582 veio de visita ao convento de Macau, a ver se acalmava as suceptibilidades dos portugueses com os conventos já fundados de Macau e Malaca criou uma nova Custódia para a qual foi eleito por Custódio fr. Martim Inácio de Loiola. Porém a solução não satisfez os portugueses, e quando fr. Martim Inácio chegou a Malaca com fr. João Baptista Lucarelli eleito guardião dali, viram-se obrigados a continuar viagem até Portugal para na corte de Espanha e em Roma apresentarem a questão. Todavia antes de terem chegado a Lisboa, outra solução fora dada ao assunto, uma solução de compromisso que entregava aos frades portugueses o convento de Malaca e deixava aos espanhóis o de Macau. Pensa Lourenço Pérez que teria sido fr. Jerónimo de Burgos quem correra a Espanha a tratar o caso. Tendo reembarcado de Macau para as Filipinas em 13 de Janeiro de 1583 e aí aportado em 27 de Março, não podia ter chegado a Espanha a tempo (veja-se AIA, 2 (1914) 211, 214-215). Chegou, sim, a tempo fr. Bartolomeu de Lisboa mandado por Lucarelli em princípios de 1582 de Malaca «a Portugallo, accio sua Magesta catholica fosse informata apieno di quanto s'era per noi indegni operato nella cita di Amacao e quello che si sperava si potesse fare in Malacca, essendo il centro de l'India ove concorrono tutte le nationi» diz o mesmo Lucarelli (em *Sinica Franciscana*, 2, 69), e portanto poderia ter sido ele quem preparou a solução do compomisso. Mas fosse quem fosse, o facto é que Filipe I de Portugal assim representou a fr. Francisco Gonzaga, Ministro Geral dos Franciscanos, o qual imediatamente recrutou nas Províncias Capuchas de Portugal vinte frades que em Março de 1584 enviou a ocupar o convento de Malaca criando com ele e outros a fundar a Custódia de S. Francisco de Malaca. Não se conhece o Decreto ou Patente pelo qual fr. Francisco Gonzaga criou a nova Custódia, e por isso não se conhece com precisão qual o território que lhe adjudicou. De carta de fr. Gaspar de Lisboa, custódio de S. Tomé na India, escrita ao Geral da Ordem Franciscana em 22 de Dezembro de 1585 sabe-se de certeza que no seu território caía a Cochinchina (em AIA, 5 (1916), 399), mas não Macau e a China (*ib.* 399-404), embora os Capuchos portugueses alistados para a Custódia de Malaca partissem de Portugal persuadidos de que também teriam a China no campo das suas actividades, como diz o mesmo fr. Gaspar de Lisboa e ainda o jesuíta Valignano na *Apologia en la cual responde a diversas calumnias que se escribieron contra los Padres de la Compañia del Japon y de la China* (citada em AIA, 2 (1914) 225). Portanto ao findar do ano de 1584 a situação dos Franciscanos no Extremo Oriente Português era assim: Malaca com os territórios da sua influência até à Cochinchina inclusive, formavam a Custódia de S. Francisco de Malaca entregue aos Capuchos portugueses; Macau com a Chi-

estava em grande falta deles. Porque ainda que ela estava debaixo da jurdição da Custódia de S. Gregório de Manila e assim lhe corria à sua conta esta obrigação, todavia, como era também novamente

---

na e outros territórios de à volta pertenciam aos Franciscanos espanhóis da Custódia de S. Gregório das Filipinas, pois que a Custóda criada em 1582 por fr. Jerónimo de Burgos com os conventos de Macau e Malaca não tivera aprovação e o Custódio das Filipinas logo mandara como seu Comissário a fr. Francico de Santa Maria para governar os frades daqueles dois conventos (veja-se P. Lourenço Pérez, *o. c.*, em AIA 5 (1916) 400-401).

Fr. Martim Inácio de Loiola apenas aportou a Lisboa em 1584 logo correu a Roma a assegurar-se com Letras Apostólicas. Gregório XIII pelo breve *Exposuisti Nobis* de 8 de Dezembro (em *Annales Minorum*, 21 (Quaracchi 1934) 450-451) concedeu-lhe autorização de levar à China alguns confrades a missionar, o cardeal Alberto deu-lhe provisão para missionar a Cochinchina; com esta documentação houve licença do Conselho Geral das Indias para se embarcar para o Extremo Oriente com até vinte confrades, e do Comissário Geral da Ordem Franciscana para as Índias Ocidentais fr. Jerónimo de Gusmão comissão *cum plenitudine potestatis* para poder missionar em todo o território da sua jurisdição (Lourenço Pérez na citada *Origen*, em AIA 2 (1914) 225-226 e carta de fr. Gaspar de Lisboa ao Geral dos Franciscanos de 22 de Dezembro de 1585, em AIA 5 (1916) 399-404). Recrutados os confrades que numa pressa pôde e foram seis, com eles se embarcou na armada de 1585 para Goa onde aportou em Novembro ou Dezembro. Aí tentou recrutar na Custódia de S. Tomé mais alguns frades, e logo na monção de 1586 seguiu para Macau com intenção de retomar o convento dali onde se haviam estabelecido os frades portugueses em 1585 por mandado do vice-rei da Índia, que mal interpretara ordens de el-rei D. Filipe (veja-se citada carta de fr. Belchior de Lisboa, *l. c.*, 403-404, e Lourenço Pérez *Origen* citada em AIA 2 (1914). Uma vez em Macau logo entrou em Cantão (veja-se adiante, cap. 106); e expulso dali, escrevia ao rei em 6 de Julho de 1587 a informar das dificuldades que lhe punham os portugueses e os jesuítas. Assinavam a carta como definidores dois dos confrades que levara de Espanha, o que leva a supor que aí organizara, com a comisão que levara de fr. Jerónimo de Gusmão, qualquer coisa como uma Custódia (carta anotada em AIA, 5 (1916), 408-412 e em *Sinica Franciscana*, 2, 210-213). Porque os emperramentos às suas actividades mais e mais cresceram, não julgou suficiente a carta enviada ao rei, e em 1588 ele mesmo se pôs a caminho de Espanha para pessoalmente tratar o assunto. Mas entretanto já em Lisboa e Madrid se decidira a sua sorte. Em 6 de Fevereiro de 1589 escrevia o rei de Portugal para o vice-rei da India: «Receby desprazer do que me escrevestes sobre Frey Martinho Inacio de Loyola cometer na povoação de Macáo as liviandades e desmandos que dizeis, pondo em muitos trabalhos e arriscando a entrada dos Religiosos da Companhia de Jesus na China, que vão fazendo muito fruito naquelas partes. E posto que o anno passado vos mandey escrever que não consentiseis entrase na China e o fizeseis vir com seus companheiros a Malaqua pera o bispo daquela cidade lhe limitar os lugares em que avião de pregar o Evangelho, por o dito Frei Martinho vir ter a este Reino pela via do Peru depois de chegada das naos vos avisarey por outra carta do que a elle toca, e com os seus companheiros que lá ficarão se procederá na ordem e maneira que mandei escrever o anno passado» (APO, 3, 179-180). Em virtude das ordens mandadas pelo rei no ano anterior de 1588, o Custódio de Malaca fora a Macau, donde escrevia a Filipe I de Portugal a 9 de Outubro de 1589: «Quanto ao que toca ao ajuntamento destas duas casas (Malaca e Macau) sobre que escrevi a Vossa Magestade, já estão juntas e fez-se com muita quietação dos Religiosos e edificação dos seculares» (original no AS Secretarias Provinciales, liv. 1551, fl. 668). E assim ficou constituída a Custódia de Malaca com todo o território desde Bengala por Malaca até à China inclusive, e os dois conventos de Malaca e Macau.

plantada, não tinha tantos frades quantos parecia serem necessários para aquelas partes; mormente que, como eram tantos os reinos de infiéis circunvizinhos, entendiam que para mandar a todos eles minis-
1028 tros evangélicos // que pregassem a Fé àquelas bárbaras nações como intentavam, era necessário que se procurassem frades de todas as províncias da Ordem, por que se não queixasse (como já noutro tempo fez) quem, por salvar a todos, deu a vida em uma cruz, que era a messe muita e os obreiros poucos (2).

E começando o Ministro Geral a dar ordem como este tão justo e santo requerimento se desse à execução, querendo mandar suas Patentes por todas as Províncias reformadas de Espanha para ajuntar frades a quem o Senhor tivesse dado aquele espírito de querer pregar a sua Fé em terra de infiéis e ganhar muitas almas para Ele, vendo a ordem de Sua Majestade houve de mudar o rumo e encaminhar as Patentes sòmente para as Províncias Reformadas de Portugal; com as quais se ajuntaram logo vinte Religiosos graves e de vida aprovada, os quais com muita vontade se ofereciam para aquela empresa, sacrificando suas vidas ao dador delas. E vindo à presença do Ministro Geral foram dele recebidos com muita afabilidade, agradecendo a todos o serviço que queriam fazer a Deus Nosso Senhor, por cujo amor e propagação da Igreja se queriam desterrar de suas próprias pátrias e cometer um caminho tão perigoso e irem-se a terras estranhas. E ordenou, com o parecer de alguns Padres graves que para isso chamou, que o convento de Malaca fosse a cabeça daquela Custódia, a quem todos os outros que ao diante se fundassem, reconhecessem superioridade; e que a Custódia houvesse nome de S. Francisco de Malaca; e que fosse sujeita à Província de Portugal e Custódia de S. Tomé para efeito de a prover de frades, de pregadores, confessores e de um Comissário que a governasse (3).

---

(2) Alusão à palavra de Jesus; *Messis quidem multa, operarii autem pauci. Mat.* 9, 37.

(3) Não se conhece qualquer exemplar ou cópia da Patente pelo qual o Ministro Geral da Ordem Franciscana criou a Custódia de Malaca, e por isso não se conhecem os termos precisos da sua constituição no que respeita à dependência de uma Província e à determinação do seu território. Que, de facto, como afirma o texto, ficou dependente da Província de Portugal por meio da Custódia de S. Tomé que era dela dependente, confirma-o Patente do Custódio de S. Tomé fr. Gaspar de Lisboa, dada em Goa em 1584 ou o mais tardar em 1585, na qual expressamente diz: «por essa Custodia [de Malaca] ser subalternada e subjecta a esta [de S. Tomé] como determinou o Reverendíssimo Padre Geral» (publicada no citado «Itinerarium» 7 (Braga 1961), 265); e confirmam-no ainda os *Statutos feitos e aprovados polo Capitulo Geral de Toda a Ordem pera as Custodias de S. Thome e de Malaca na India Oriental* em 1593, nos quais se determina que, «porquanto na India Oriental ha duas Custodias mui distantes hua da outra, hua chamada de San Thome que he a mais antiga, a outra se chama de Malaca que he a mais moderna, e ambas estão sojeitas a Provincia de Portugal e o Ministro e Definidores da Provincia de Portugal tem muito trabalho em mandar la cada tres annos Prelados pera as ditas Custodias», de futuro os Custódios de Malaca sejam eleitos no Capítulo da

E tendo tudo o mais ordenado, antes de os despedir de si os fez ajuntar todos, e depois de lhes fazer uma comprida prática encomendando-lhes muito a paz que haviam ter entre si e pondo-lhes diante dos olhos outras muitas cousas que de religiosos tão graves e santos se esperavam em uma empresa de tanto merecimento como aquela era, e encarregando-lhes o cuidado que haviam de ter de pregar a fé de Cristo em aquelas partes tão remotas e converter os infiéis não menos [com] o exemplo de suas vidas que com a doutrina de suas pregações, mandou que de todos eles elegessem eles um a quem obedecessem por Prelado e fosse seu Custódio. E presidindo na mesma eleição o Ministro Geral, saiu canònicamente eleito o P. fr. Diogo da Conceição, filho da santa Província da Arrábida e pregador, ao qual o Ministro Geral confirmou naquele ofício, e os outros prometeram de lhe obedecer como a seu verdadeiro e legítimo Prelado. E passou-lhe uma Patente em que lhe concedia toda sua omnímoda autoridade, e que pudesse ele, em aquelas partes de sua jurdição, fazer todas aquelas cousas que o mesmo Ministro Geral faria se estivesse presente. E outrossim concedeu-lhe // todos os privilégios que os Sumos Pontí- 1029
fices até então tinham concedidos aos mais Prelados que vão às Índias assim Ocidentais como Orientais, por particular autoridade que para isso tinha. E assim os despediu a 13 de Março de 1584 (4).

Custódia de S. Tomé (em AIA, 13 (1953), 209). Também no que respeita ao território da Custódia de Malaca o texto está certo, lembrando que a Custódia era formada do convento de Malaca com os territórios da sua influência, sem portanto o convento de Macau ou da China como também se lhe chamava, e dos territórios da sua influência, pois em sua carta de 22 de Dezembro de 1585 o custódio de S. Tomé, fr. Gaspar de Lisboa, escrevia ao Geral que «Tee gora os frades da Custodia de Malaqua que do reino vierão, ticverão esperanças que também terião a casa da China, e nelas se sustentavão, e cuidavão que os castelhanos lha usurpavão;e esperavão pera este anno mandarem saber de V. P. Rvma. se era sua ou não, dizendo claramente que se lha não davão que se avião de tornar pera suas Provincias», e o mesmo repete por outras palavras a já citada *Apologia* do jesuíta Valignano.

(4) Os vinte Franciscanos Capuchos que em 1584 foram fundar a Custódia de Malaca eram das três Províncias Capuchas de Portugal, sc. Arrábida, Piedade e S. António, como sai claro do que escreveu o Custódio de S. Tomé fr. Gaspar de Lisboa ao Ministro Geral em 14 de Dezembro de 1585; «Asj escrevj a discordia que antre os nossos frades que vierão do reino, ouve sobre cada qual Capucho (erão três Ordens de Capuchos, sc. S. Antonii, Pietatis e Arrabida) querer que se guardassem as ceremonias de sua Provincia» (no citado *Os Franciscanos no Oriente Português*). Não tem, pois, razão fr. António da Piedade ao afirmar que eram só das Províncias da Piedade e da Arrábida (*Chronnica da Provincia da Arrabida*, I, 645). O nome dos vinte que compunham a missão não consta de qualquer fonte documental. Fr. Manuel de Monforte apesar de dizer que da sua Província da Piedade seguiram dez, só dá o nome de quatro, a saber, fr. Bernardino de Marvão, fr. Jorge de Viseu, fr. Pedro de Arouca, e fr. Manuel de Elvas (*Chronica da Provincia da Piedade*, 420). E devem ter sido só estes os que da sua Província seguiram. Fr. António da Piedade nomeia os restantes dezasseis entre os quais estão os que pertenciam à Província de S. António: fr. Diogo da Conceição que foi de Custódio, fr. Rodrigo da Cruz, fr. Gregório de S. Francisco, fr. António Leal, fr. Miguel

Estes Religiosos se embarcaram naquele mesmo ano em Lisboa, metendo-se o Custódio com outros doze companheiros em um galeão que havia de ir direito a Malaca, e os outros sete se embarcaram nas outras naus que vinham a Goa; e todos chegaram a salvamento. Não se pode encarecer o contentamento que a cidade de Malaca teve quando soube que eram chegados frades portugueses para povoarem aquele convento e o de Macau, cousa que tanto haviam desejado e procurado. E assim os foram receber à praia em companhia do bispo e capitão da fortaleza, e com grande pompa e solene procissão os trouxeram para o seu convento. Os frades da Custódia de S. Gregório que aí estavam, vendo o que, por ordem de Sua Majestade, o Ministro Geral mandava, abaixando as cabeças como filhos de obediência, deixando aquele convento se foram para a sua Custódia (5). E daí por diante sempre teve particular cuidado a nossa Custódia de S. Tomé de prover aquela de Malaca, assim de Prelado que a governasse como de confessores e pregadores.

---

da Ilha, fr. Pedro Manhós, fr. Henrique de S. Luís, fr. Damião da Torre, fr. Ambrósio, fr. Miguel de Campo Maior, os coristas fr. João de Santa Maria ou Lucena fr. Inocêncio de Setúbal, fr. Cosme da Paz, e os leigos fr. Jerónimo Valente, fr. Pedro Galego e fr. Leão de S. Bernardino (*Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 650). Qual o valor desta lista de nomes não é fácil saber. O autor quis autorizá-la com o testemunho de fr. João das Chagas que foi contemporâneo dos acontecimentos; mas outra lista que logo junta de cinco arrábidos que teriam acompanhado fr. Diogo da Conceição quando ele segunda vez foi a Malaca de Custódio, possìvelmente à volta de 1600, a saber, fr. António da Madalena, o leigo fr. António de S. João, fr. António dos Reis, fr. André de S. Maria e fr. Cosme da Anunciação (*ib.* 651-652), não merece muito crédito e por isso faz que também da outra se suspeite. Fr. António dos Reis que foi Custódio de Malaca desde 1588 até 1591, era frade Capucho da Custódia de S. Tomé que tinha ido servir na Custódia de Malaca e não consta que andasse pela India outro homónimo seu de Portugal; fr. André de S. Maria que também foi Custódio de Malaca era Capucho da Custódia de S. Tomé e não consta de qualquer homónimo seu que tenha ido de Portugal; e fr. Cosme da Anunciação era guardião de Macau em 1587 (veja-se *Apologia*, 62-63) sob o regime de fr. Martim Inácio, e por isso é de crer que fosse frade professo na Custódia de S. Tomé onde aparece depois em 1595 na vigairaria da Madre de Deus de Manar (*Tábua de 1595*, 188) e que em 1586 tivesse acompanhado à China a fr. Martim Inácio em virtude da licença que este levou de Roma para agregar a si os frades que desejassem com ele trabalhar.

(5) Como foi este abaixar a cabeça, conta fr. Gaspar de Lisboa ao Ministro Geral na já citada carta de 14 de Dezembro de 1585: «ali [pelo correio dos Luções] escrevi a V. P. Rssª as cousas de Malaqua e as revoltas que lá forão sobre os Padres castelhanos não quererem entregar a casa aos que V. P. mandou» no já citado *Os Franciscanos no Oriente Português)*. Lourenço Pérez dá o nome dos frades da comunidade de Malaca que, feita a entrega do convento aos portugueses, retiraram para Manila onde chegaram a 6 de Junho de 1585 depois de quarenta e tantos dias de viagem: Fr. Francisco de S. Maria, fr. Diogo de Oropesa, fr. Francisco de Montilha, fr. Jerónimo de Jesus, fr. Francisco de Gata, e os portugueses fr. Brás da Madre de Deus, fr. António de S. Maria, fr. Tomás Pacheco fr. Bernardino de Lisboa, fr. António de S. Tomé, fr. António dos Mártires e outro de quem não soube o nome. (*Origen*, em AIA, 2 (1914), 217-219).

E por que as cousas dela fossem sempre em crescimento como era razão, se ordenou em os Estatutos comummente chamados da Nova Reformação que para estas partes se fizeram no Capítulo Geral celebrado em 5 de Junho de 1593 no convento de Valladolid nos reinos de Castela sendo Ministro Geral o Rev.mo fr. Boaventura de Caltagirone, que o Custódio e Definidores da nossa Custódia de S. Tomé, em os seus Capítulos ou Congregações, elegessem um Custódio para Malaca ao qual dessem poder para receber noviços, fazer capítulos, e neles pregadores e confessores; e lhe dessem tudo o mais *in utroque foro* que tem o Ministro Provincial de qualquer Província, porque para isso lhe dava o Capítulo Geral sua autoridade. E que este Custódio de Malaca, parecendo bem aos definidores da Índia, pudesse mandar por si e seus definidores um procurador aos Capítulos que se fizerem na Custódia da Índia, o qual procurador tivesse voz activa e passiva no Capítulo sobredito. E parecendo bem ao definitório da Custódia da Índia que viesse o Custódio de Malaca, tivese a mesma voz activa e passiva (6).

E nesta conformidade se governou aquela Custódia até que, por autoridade apostólica, se eregeu a da Madre de Deus dos Padres Recoletos, em a qual se encorporaram os dous conventos de Malaca e China, como no seu lugar fica dito (7).

---

(6) A estes Estatutos «chamados da nova reformação» editou-os F. Félix Lopes em *Missões Franciscanas na India Oriental em 1595, Casas, Pessoal e Legislação* (AIA, 13 (1953), 204-210). Publicados na Índia em 1595, os Custódios de Malaca começaram a ser eleitos nos Capítulos Custodiais da Custódia de S. Tomé, e assim se procedeu até que a Custódia de Malaca foi incorporada na Província da Madre de Deus da Índia quando ela foi definitivamente criada em 1628.

(7) Veja-se Parte I, cap. 48. Não é possível dar a lista seriada dos Custódios que governaram a Custódia de Malaca. Alguns de que foi possível obter notícias:

Fr. Diogo da Conceição (1584-1588).

Fr. António dos Reis (1588-1591 ou 1592).

Fr. Jerónimo de S. Lourenço, era Custódio em 1597 (veja-se adiante, cap. 114).

Fr. Francisco Negrão era Custódio em 1598 (veja-se adiante, cap. 97).

Fr. Diogo da Conceição, (veja-se fr. António da Piedade (*Chronica da Provincia da Arabída*, 1, 651 (1603-1606?). Veja-se adiante cap. 91.

Fr. Francisco da Arruda Custódio possìvelmente entre 1606 e 1609.

Fr. André de S. Maria Custódio depois de 1606 (veja-se adiante cap. 78).

Fr. André dos Anjos Custódio em 1612 (veja-se adiante, cap. 97).

1030 // DO SANTO VARÃO FR. LUÍS DA CRUZ, FILHO E HONRA DA CUSTÓDIA DE MALACA

CAPÍTULO 82

Um dos argumentos com que se prova o particular amor que Deus Nosso Senhor tem ao Seráfico Padre S. Francisco, é ver os muitos e mui santos filhos que lhe deu, verificando-se nele o que esse mesmo Senhor disse ao Patriarca Abraão: «Que se multiplicarão seus filhos como areias do mar e estrelas do céu», pois vemos que, no número, são os filhos deste santo Patriarca dos Menores como as areias do mar, e no resplendor da virtude e santidade, como as estrelas do céu, pois sòmente nestes cem anos próximamente passados se contam novecentos e quarenta e três santos, todos milagrosos e abalizados, da nossa Seráfica Ordem. Entre os quais podemos contar este santo varão fr. Luis da Cruz, com quem muito se pode honrar esta santa Custódia de Malaca pois tantas são as maravilhas que o Senhor por seus merecimentos obra cada dia em diversas partes deste Oriente (1).

Era português e natural de um pequeno lugar junto de Lisboa chamado Charneca, nascido de pais humildes e lavradores. Trouxe-o à Índia o desejo de melhorar a fortuna e buscar riquezas, sebo com que muitos se cevam para deixarem a amada pátria e por meio de tantos mares e climas buscarem terras estranhas onde muitos, em lugar de ouro que buscam, acham trabalhos de vida e perigos de morte e, o que mais é, risco de salvação. Na Índia se deu à mercancia, negociando sua fazenda e alheia que, por ser homem de verdade, muitos a fiavam dele não se enganando do crédito que dele tinham, porque sendo sempre, ainda naquele tão perigoso estado, mui temente a Deus, trabalhava por granjear riquezas próprias, mas sem encargo nem embaraço das alheias. E como o mundo não sabe dar cousa boa, como aquele que se funda todo em enganos e mentiras, assim se veio a desenganar dele o servo de Deus que, sendo tocado da sua graça, deter-

(1) Traça larga biografia de fr. Luís da Cruz com rol dos seus milagres fr. Jacinto de Deus, *Vergel*, 317-352. E também Soledade (*Historia Serafica*, 5, 480-522).

minou mudar não o ofício mas a matéria dele, trocando o ouro e prata pelo acertado emprego das virtudes.

E buncando a Religião que mais se singulariza no desprezo das riquezas e bens do mundo, como é a Seráfica, tomou nela o hábito, pondo por obra o que o Fundador dela na sua Regra // ordena, que **1031** é repartir seus bens com os pobres. E assim despindo-se do homem velho e todos os seus actos, se vestiu do novo, pondo detrás das costas o caduco e diante dos olhos o eterno, e não querendo nesta vida ter mais que ao doce Jesus, e de todo se entregou a Ele. Tomou o estado de leigo por ser mais humilde e o que Deus tem alevantado com tantos e tão esclarecidos santos como nele houve desde a primeira fundação da nossa sagrada Ordem, e nele fez profissão em o convento da Madre de Deus de Malaca, sendo o discurso da sua vida, neste estado, de 33 anos, dos quais 25 foram no convento da Madre de Deus de Malaca e os outros em o de Macau, enchendo um e outro do suave cheiro de sua vida. E como bem sabia o ofício de mercador e estava tão ensinado pelo Espírito Santo, fez seu maior emprego em aquelas virtudes que de mais ganância e valor são diante de Deus, como são caridade, humildade, e obediência, e oração, em as quais assim resplandeceu este santo varão que todos o tinham por um vivo retrato da perfeição e verdadeiro filho do Seráfico Padre S. Francisco.

Foi mui amado de todos e havido geralmente por santo, e como a santo o respeitavam e se encomendavam em suas orações. Seu sono era muito pouco, porque de ordinário se não recolhia para a sua cela (que não era outra senão de esteiras, muito pequena) senão das dez para as onze da noite, o qual tempo gastava (depois de dar aviamento às cousas necessárias do convento onde sempre foi porteiro e refeitoreiro) em oração e contemplação. E antes de meia noite se levantava para despertar os mais Religiosos às Matinas, assistindo a elas até se acabarem e ficando com os mais no quarto da oração que no fim delas se costuma ter uma hora de relógio, recolhendo-se às três depois da meia noite, e muitas vezes se não recolhia mas ordenava todo o restante dela em oração até o ser de espertar os Religiosos para a Prima. O dia gastava nos ofícios mais humildes da casa; e se lhe restava algum tempo, para o não perder o passava na horta cavando e plantando árvores, e muitas vezes pela força da calma com a cabeça descoberta ao sol. Era mui devoto de assistir às missas, e assim, com ser porteiro, ajudava todas que havia, e com muita devoção, no que gastava a maior parte da manhã.

Foi de singular abstinência, sendo seu ordinário sustento só dos sobejos que ficavam dos frades, aos quais servia sempre à mesa, e não se assentava nela senão depois que tinha dado de comer aos pobres da portaria, o que fazia // com tanta caridade que se esquecia de si **1032** por amor deles. E assim, polos servir, eram muitas vezes três e quatro horas da tarde sem ter tomado alguma refeição; e a que então tomava, era um pouco de arroz frio. E se por isso era repreendido do Prelado, respondia que lhe não prestava o que comia, se primeiro não tivesse

dado de comer aos pobres. E se acertava algum deles de chegar tarde depois que os outros tinham acabado de comer, polo não deixar desconsolado tirava da boca o que tinha guardado para si e com muita alegria lho dava, e assim eram não poucas as vezes que por esta ocasião ficava o servo de Deus sem jantar, querendo antes por seu amor passar aquela falta que vê-la passar ao pobre. E o servia e provia com tanta caridade que parecia ver em cada um deles o Senhor que, por amor de nós, no mundo se fez pobre. Pois da caridade que com os enfermos tinha, que direi? Ainda quando era porteiro e havia outro Religioso que tivesse cargo da enfermaria, ia sempre a ela, e a uns consolava e a outros servia e a todos regalava.

Foi tão pronto na obediência dos prelados que jamais se escusava ao que eles lhe mandavam, ainda que ele por velhice ou alguma má disposição não estivesse para o fazer. E nisto se esmerava tanto que a todos causava admiração. Assim se abraçou com a humildade que jamais deixou de a ter em todas as suas palavras e acções, tratando-se no exterior como quem no interior se reputava pela mais vil cousa do mundo. Aos sacerdotes tinha notável reverência; e quando lhes tomava a bênção, era com primeiro se pôr de geolhos, e jamais se queria assentar diante deles senão se era por eles muito importunado. Teve espírito de profecia, dizendo muitas cousas muito antes de sucederem; e assim tinham todos muita fé em suas palavras. Fez Nosso Senhor, por ele, muitos milagres assim em vida como depois de sua morte, dos quais contaremos alguns no capítulo seguinte.

Muitos anos havia que o servo de Deus estava por morador deste convento de Malaca com grande consolação não só dos Religiosos mas também dos seculores, aos quais parecia que, com o terem vivo em aquela cidade, tinham um grande e certo amparo para todas as necessidades em que ela muitas vezes se via. E querendo Deus Nosso Senhor dar-lhe já o galardão de seus trabalhos, o chamou a si por uma prolixa enfermidade de febres e fastios, de que esteve mais de três meses em cama com grande paciência e mui conforme com a vontade divina. E crê-se que teve revelação de sua morte, porque
1033 por muitas vezes disse aos frades // que o iam visitar, que daquela enfermidade havia de morrer. E em ocasião em que parecia ia tendo alguma melhoria, recebeu os sacramentos todos com muita edificação; e querendo-lhe dar o da santa-unção, disse que ainda não era tempo, que, como o fosse, ele o pediria, como pediu ao outro dia. E finalmente aos 12 dias do mês de Fevereiro do ano do Senhor de 1622, tendo de idade 67 anos e de religião 33, deu o espírito ao seu Criador no primeiro Sábado da Quaresma às cinco horas da manhã, ficando seu rosto tão bem assombrado que provocava aos que o viam, à devoção

Em sendo falecido, correu logo pela cidade uma voz, que já morrera o santo fr. Luís. E foi mui grande o concurso que acudiu ao seu enterramento, o qual se fez no mesmo dia. E assistiram a ele muitos religiosos das outras Religiões e clérigos e capitão da fortaleza, com o que

se fizeram umas mui solenes exéquias. E o Padre Reitor do Colégio da Companhia de Jesus a quem coube pregar aquele sábado por ser da Quaresma, tomando ocasião do corpo do servo de Deus que estava no cruzeiro em a sua tumba, lhe chamou por muitas vezes santo, dizendo muitas coisas particulares suas, assim das suas virtudes como dos seus milagres, as quais não eram ocultas aos ouvintes por ser a sua virtude e santidade mui conhecida naquela terra. Acabada a missa e pregação, chegaram todos a beijar o santo. E foi tanta a devoção de todos, que foi necessário levarem-no com muita pressa à sepultura, porque de outro modo ficava de todo nu, segundo eram muitos os que lhe cortavam o hábito em que estava amortalhado, tendo já descobertos os braços e pernas. E os que não tinham com que cortar, se contentavam com lhe tocarem os lenços nos pés, para os guardarem por relíquia. E outros muitos, vendo que lhes tolhiam cortar o hábito, subiram com muita pressa à enfermaria a buscar cousas que tivessem servido ao servo de Deus naquela sua enfermidade para levarem por relíquias, como levaram tudo quanto acharam até os panos das sangrias. E foi tão grande o fervor e devoção que houve em alguns, que não podendo alcançar outra cousa sua por ser já tudo tomado, se foram à horta e cortaram ramos e folhas das árvores que o servo de Deus plantara, e as trazem ao pescoço por relíquias. Esta devoção se vai continuando naquele povo com grande aumento, pelas muitas maravilhas que pelos seus merecimentos obra a divina bondade cada dia. E muitos vão à sua sepultura e tomam a terra // dela para dar aos **1034**
enfermos; e outros a veneram e trazem consigo por relíquia. Foi sepultado no Capítulo em que os frades se costumam enterrar comummente, porém em lugar separado e assinalado. Seus ossos se tiraram daí a alguns anos, e estão postos em uma caixa debaixo do altar maior.

COMO O SERVO DE DEUS FR. LUÍS DEPOIS DE SUA MORTE FOI VISTO GLORIOSO, E DOS MUITOS MILAGRES QUE POR ELE OBROU DEUS NOSSO SENHOR EM SUA VIDA

CAPÍTULO 83

Passados alguns dias depois da morte do santo fr. Luís, houve por bem a divina clemência de revelar a um Religioso do mesmo convento de Malaca a glória de sua alma. Era este Religioso muito seu devoto, e o tratava com amor pela grande perfeição que via em sua vida. E estando já no cabo dela lhe pediu com muita instância que, pois era Deus servido de o levar para si daquela enfermidade, houvesse por bem de alcançar dele aparecer-lhe depois de sua morte, porque ficaria com isso muito consolado. E por em alguma maneira se fazer capaz da consolação que, em o ver glorioso, esperava receber este Religioso, se foi dispondo por alguns dias com algumas particulares e extraordinárias devoções e penitências secretas, em que também entravam algumas disciplinas de sangue. Aos nove dias, pois, de Março,dia dos Quarenta Mártires, sendo passados vinte e cinco de sua gloriosa morte, recolhendo-se este Religioso para a cela, acabado o quarto da oração que se costuma ter no fim das Matinas, sendo perto das três horas depois da meia noite, estando acordado e com os olhos abertos sentiu encher-se a cela de uma grande claridade, com a qual viu a dous Religiosos defronte de si com seus hábitos, cordas e capelos na cabeça. E olhando atentamente para um deles que mais perto lhe ficava, viu e conheceu claramente ser o servo de Deus fr. Luís da Cruz, cujo rosto estava muito alegre, risonho, claro e formoso, o qual o chamou por seu nome a que o religioso, algum tanto turbado, lhe respondeu manso, dizendo: — «Irmão!». Disse-lhe então o servo de Deus fr. Luís, com a boca cheia de riso, que não temesse; e lhe deu
1035 as graças de algumas // orações e penitências que por ele tinha feito, dizendo que Deus lho pagaria. A isto tornou o Religioso a levantar os olhos para ele e o tornou a ver com a mesma alegria e claridade.

E tomando mais ânimo lhe perguntou, com os olhos cheios de lágrimas, se suas obras eram aceitas diante de Deus e em que conta diante da Divina Majestade era tido, e se salvaria ou não. O que a isto lhe respondeu, ele o não entendeu; mas rematou dizendo que trabalhasse pela virtude e encher-se dela. E depois de lhe dizer algumas cousas que importavam para o bem e salvação de certas pessoas seculares daquela cidade, dando aviso do que lhe convinha fazer, lhe disse estas palavras: — «Frei fulano, tem-me Deus feito muitas mercês!» Ao que o frade lhe disse que, pois assim era, rogasse por ele ao mesmo Senhor. E ele respondeu que o faria. E desapareceu, ficando a cela às escuras como estava antes daquele glorioso aparecimento. E ficou o Religioso consolado com esta visão, ainda que algum tanto pesaroso de não saber nem perguntar quem era o outro frade que com o santo fr. Luís vinha, sòmente notou ser mais comprido e magro, o qual sempre estava calado, sem falar palavra.

Passados alguns dias depois desta visão, uma daquelas pessoas a quem mandou o santo avisar que emendasse a vida, tendo feito o que em si era por meio da sacramental confissão e satisfação, ainda que não sentia cousa que agravasse a sua consciência, não se aquietava com ela, mas vivia atormentado de contínuos escrúpulos. E dando disso conta ao Religioso que tivera a visão e lhe dissera da parte do santo fr. Luís que emendasse a vida, e pedindo-lhe mui afincadamente que o encomendasse a Deus e ao seu servo irmão fr. Luís, ele o fez, e daí a poucos dias lhe disse que se aquietasse e deixasse os escrúpulos porque grande era a misericórdia de Deus, e que assim lhe tinha dito o irmão fr. Luís, em sonhos uma noite, estando ele quase desperto. Ficou com isto esta pessoa não pouco consolada; porém, não de todo quieta porque ainda tinha alguns rebates dos seus escrúpulos. E daí a alguns dias, estando dormindo, viu em sonhos ao mesmo servo de Deus fr. Luís com o rosto muito alegre, o qual lhe dizia que estivesse mui consolado, porque grande era a misericórdia de Deus. E neste mesmo tempo, outra pessoa que estava na mesma casa onde isto // **1036** passava, viu em um canto dela uma claridade extraordinária que lhe pareceu, à primeira vista, ser alguma candeia acesa, pelo que tratou de a mandar apagar; mas advertindo que para aquela parte não ficava alguma candeia, ficou algum tanto atemorizado. A qual claridade se apagou no tempo que a outra pessoa acordou, e lhe contou o que em sonhos tinha visto, com que ambos ficaram muito consolados em o Senhor, particularmente o que padecia os escrúpulos.

Honrou Nosso Senhor ao seu servo com muitos e mui maravilhosos milagres assim em vida como depois de sua morte, porque, como depois constou por testemunhas fidedignas, muitos enfermos foram livres de gravíssimas enfermidades pelos merecimentos do santo fr. Luís. E só nos primiros oito meses do seu bendito passamento, se escreveram perto de cem milagres. E destes e de outros que desde então a esta parte tem Deus obrado, estão já muitos autorizados por

ordem e mandado do bispo daquela cidade D. Gonçalo da Silva [1], o qual com muito zelo e devoção fez tirar uma informação jurídica do povo, por mais de duzentas testemunhas, da opinião de santo em que todos o tinham em vida e hoje depois de sua morte; e fez também uma junta de prelados e teólogos na forma do sagrado concílio de Trento sobre esta mesma matéria, em que se examinaram e aprovaram muitos dos seus milagres. As quais diligências e outras que sobre este mesmo negócio se fizeram, foram enviadas a Roma a Sua Santidade para tratar da sua beatificação, com cartas da mesma cidade de Malaca em que isto pedia com grande instância ao Vigário de Cristo. E no ano de 1628 mandou a Sagrada Congregação *De Ritibus* um Breve que chamam de Rótulo, para se tirar a inquirição da vida e milagres do servo de Deus fr. Luís, dirigido aos bispos de Malaca e China. E porque o de Malaca estava a este tempo em Goa para se embarcar para Portugal, cometeu este negócio às dignidades da sua Sé de Malaca, os quais o fizeram com muita diligência. E do que acharam, mandaram aqui a Goa três vias, das quais duas foram nas duas naus que no ano de 1631 partiram para o reino, e outra está guardada no cartório da Madre de Deus de Goa [2].

E entre os milagres que fez em vida, foi mui celebrado naquela terra o de trinta candis de trigo que se danaram a uma dona viúva, chamada Genebra de Figueira, a qual pela devoção grande que a nosso
1037 Padre S. Francisco e a seus filhos // tinha, tomava por trabalho havia muitos anos mandar fazer em sua casa o pão para eles. E segundo a muita falta que naquela cidade há de trigo, vinha a ser mui grande esta perda, e só no que a ela lhe cabia à sua parte, perdia perto de mil cruzados. E estava tão danado que não podia já fazer dele pão que se pudesse comer, porque vinha negro, duro e amargoso. Sucedeu neste tempo ir o irmão fr. Luís a sua casa, a qual lhe fez queixa de se lhe danar o trigo, dizendo-lhe que o que mais sentia, era não a perda que nisso tinha, senão ficarem os frades de S. Francisco sem pão. Ao que ele lhe respondeu que se não agastasse, que Deus proveria. E indo o servo de Deus ver o trigo que estava todo estendido a granel em uma grande sala, tomou dous ou três punhos dele e o lançou sobre o outro. O que vendo o genro da dita dona, por nome André Toscano,

---

(1) D. Gonçalo da Silva foi nomeado bispo de Malaca em 1610. Em 1628 deixou o governo do bispado aos padres Francisco Soares e Lourenço da Costa e pôs-se de viagem para Portugal (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, 3, (Parte II), 1030).

(2) Em 1526 os sumários dos milagres atribuídos a fr. Luís da Cruz «se imprimirão em Napoles, com outros de muytos Bemaventurados da nossa Ordem, que entrarão na Rota» (Soledade, *Historia Serafica*, 3, 515). A tratar do processo de beatificação em Roma, em princípios de 1630 embarcou-se para Portugal fr. João de Capistrano que era o guardião do convento de Malaca ao tempo em que o servo de Deus morreu; «mas perdendo-se na viagem, morreu o zeloso Padre na Cafraria em o Cabo de Boa Esperança» (*ib.*, 522).

que ali estava com o servo de Deus, se abraçou com ele e quase por força o foi levando par cima do trigo, dizendo: «Amasse-o V. R. com os pés que logo o pão será bom». E foi cousa maravilhosa, que logo se começou a fazer pão daquele trigo e saiu formosíssimo, alvo, branco e de muito gosto e sabor; e desta maneira se fez até se acabar todo o trigo, atribuindo-se esta maravilha à virtude do servo de Deus. Este milagre está aprovado autênticamente com sete testemunhas, gente principal da cidade de Malaca, em que entram os três vereadores dela. Esta mesma dona afirma que havia dez ou doze anos que fazia pão aos frades daquele convento da Madre de Deus (porque lho pedira o irmão fr. Luís de quem era muito devota), e que de então até agora sempre lhe crescia o seu trigo por muito que os seus escravos lho furtavam, sendo de antes tanto ao contrário que, por mais que se provesse da quantidade que havia mister para um ano, sempre no cabo dele lhe faltavam alguns candis.

Havia na mesma cidade de Malaca uma mulher casada, por nome Mónica Henriques, e seu marido se chamava Domingos Gonçalves, a qual tinha um menino seu doente de febres. E passando um dia por sua porta o servo de Deus fr. Luís, lhe pediu entrasse dentro a dar a bênção àquele menino, que o tinha muito enfermo. Entrou ele, e vendo o menino, fez sobre ele o sinal da cruz. E foi cousa maravilhosa, que saindo-se para fora se achou logo imediatamente o menino são.

O ilustre senhor D. Cristóvão de Lisboa, arcebispo de Goa, estando em Malaca por bispo dela, foi uma vez convidado pelo Prelado daquele convento para pregar a festa do nosso Seráfico Padre S. Francisco. E, posto que havia seis meses que estava // mui apertado de **1038**
dores de gota a que era sujeito, por satisfazer assim os nossos Religiosos como a muita devoção que ao santo Patriarca sempre teve, aceitou a pregação. Chegado o dia, muito cedo se veio ao convento, a tempo que o Presidente que o tinha convidado, estava no altar dizendo missa por lhe parecer que não viria ele tão cedo. E como levasse consigo a chave da cela que tinha muito bem concertada para o agasalhar, achando o bispo na portaria o servo de Deus fr. Luís a quem tinha particular devoção, disse que na sua cela se queria agasalhar. E assim o fez, por mais que se escusava ele por a não ter com a decência que convinha a tal hóspede. Acabou o Prelado a sua missa; e sabendo que estava ali o bispo, se veio com muita pressa a ele, pedindo-lhe perdão daquele descuido em que caíra por lhe parecer que Sua Senhoria não quereria vir tão cedo, e o quis levar para a cela que para ele tinha concertada. Ele lhe respondeu que dali havia de ir pregar, porque vindo até ali com dores e com intenção, por essa causa, de pregar pouco, em se deitando no catre do irmão fr. Luís se lhe foram, e que havia pregar mais de duas horas tudo o que tinha estudado para aquele sermão. E assim o fez sem em todo aquele tempo ser molestado de sua gota. Este catre, depois da morte do servo de Deus, levou o senhor bispo D. Gonçalo da Silva, e tem feito muitos milagres.

DE OUTROS MILAGRES COM QUE DEUS NOSSO SENHOR HONROU O SEU SERVO FR. LUÍS DE MALACA DEPOIS DE SUA MORTE

CAPÍTULO 84

Suposto que verdade seja que as obras santas e heróicas virtudes sejam as que fazem ao homem santo, e são como a mão do horológio que mostra com certeza quem cada um é, conforme aquilo de Cristo *Ex fructibus eorum cognoscetis eos*, que «pelos fruitos se coohecem as árvores», e isto sem dependência alguma de milagres, compadecendo-se mui bem ser um santo e não os fazer, contudo não se pode negar que são mui importantes para nos constar da santidade de cada um, pois são um como testemunho que Deus dá da virtude do santo e mui verdadeiro fundamento para cuidarmos que quer Deus que a Igreja militante honre na terra aquele que assim a triunfante honra no céu. E assim vemos que uma das cousas que o Sumo Pontífice ordena
1039 quando quer escrever // algum no catálogo dos santos, é mandar inquirir e examinar os milagres que fez, porque não é possível que concorra Deus honrando na morte senão aquele que muito lhe agradou na vida. Os que a divina Bondade tem obrado pelos merecimentos do seu servo fr. Luís da Cruz são tantos e tão maravilhosos, que bem nos têm persuadido que foi ele muito aceito e agradável a sua Divina Majestade. E pois no capítulo passado fizemos menção de alguns que fez na sua vida, será razão que neste contemos também alguns dos muitos com que o tem honrado na morte.

Um moço do mesmo convento da Madre de Deus, chamado Gaspar, que serviu ao servo de Deus fr. Luís na sua última enfermidade, havia mais de um ano que estava doente de febres e frios, sem nunca lhe aproveitar remédio algum dos muitos que se lhe aplicaram na sua casa. E vestindo um cotão e cingindo um cordão que tinha servido ao santo fr. Luís quando estava enfermo, ficou de todo são e se foram as febres sem lhe tornarem mais.

Luísa Matela, dona viúva, padecia havia dois anos grandísimas dores de estômago que a tratavam muito mal. Bebendo por um púcaro por onde o servo de Deus fr. Luís tinha bebido quando estava enfermo, se sentiu logo sã sem lhe tornarem mais semelhantes dores.

Uma menina da casa de António Lima, casado e morador em Malaca, havia mais de mês e meio que tinha umas febres que lhe não saíam nunca do corpo e a tinham posta no último porque não comia nada, e a tinham já por morta. Pondo-lhe ao pescoço um pedaço da túnica do servo de Deus fr. Luís, logo de improviso se lhe foi a febre e pediu de comer. E sucedeu mais que, caindo do pescoço da menina a santa relíquia e estando sem ela, lhe tornou a febre, e pondo-lha outra vez ao pescoço logo se foi; de modo que por curiosidade lha punham e tiravam, e em lha tirando vinha a febre, e em lha pondo se lhe ia. E isto por três ou quatro vezes.

Francisca Pereira, mulher de João de Lima, ambos criados do capitão daquela fortaleza de Malaca Frederico Lopes de Sousa, estando enferma de muitos dias de uma grande dor de cabeça que lhe tinha tirado o sono e o comer e compadecendo-se dela D. Inês de Lacerda, mulher do dito capitão, lhe disse tivesse muita fé no irmão fr. Luís de lhe alcançar saúde de Deus Nosso Senhor. E com isto lhe atou na cabeça uns panos menores que foram do servo de Deus, estando // ela no força das dores. E foi cousa maravilhosa, que no mesmo **1040** instante se lhe tirou aquela intensa dor, ficando ela dormindo e com um sono tão pesado que, fazendo-se de indústria estrondo na casa, não era bastante para a despertar, que tanto era o descanso com que dormia por haver muitos dias que andava desvelada com as dores.

Uma mulher que estava muito mal de parto, com grandes dores e aflições de morte, por haver três dias que tinha a criança morta sem a poder parir, em lhe pondo um pequeno de hábito do servo de Deus fr. Luís, a deitou toda esfolada e que cheirava já mal por haver três dias, como dito é, que estava morta.

Uma menina que havia muitos meses que andava doente de febres, a trouxe sua mãe ao convento da Madre de Deus à sepultura do servo de Deus fr. Luís, na qual achando uns raminhos de alfavaca, lhos pôs ao pescoço. E foi Nosso Senhor servido que logo se foram as febres sem lhe tornarem mais. E afirmou mais esta mulher em seu testemunho que, tendo pedido no mesmo convento um pequeno de hábito do servo de Deus fr. Luís e não lho dando, levou para sua casa os pedacitos de alfavaca que dissemos achou sobre a sua cova, dizendo que já que lhe não davam o hábito, levaria aquilo; e que em casa achara entre a alfavaca um pedacinho do hábito, persuadindo-se com isso que a quisera Nosso Senhor consolar assim milagrosamente pela devoção que tinha ao seu santo.

Lourenço Dias, homem já de muita idade e casado na mesma cidade de Malaca, tinha uma grande postema na barriga com a qual andava mui aflito e desconsolado por estar em parte tão perigosa. E ouvindo dizer os muitos milagres que Deus Nosso Senhor fazia pelos

merecimentos do seu servo fr. Luís, pediu um pequeno do seu hábito, e pondo-o na postema fez oração a Deus que pelos merecimentos do seu servo fosse servido de lhe mudar aquela postema daquele lugar para outro menos perigoso. E ao outro dia achou a postema em uma perna, lugar sem perigo. Com que ficou dando muitas graças ao Senhor que tantas maravilhas obra em o seu santo.

Domingas da Costa, mulher de Francisco Nunes, tinha uma grande postema em uma perna, na qual o cirurgião tinha determinado dar ao outro dia um botão de fogo ou lancetada. E sabendo isto Domingos Rebelo,em cuja casa estava, lhe disse que pusesse na postema um pequeno do hábito do servo de Deus fr. Luís. O que fez naquela noite, e ao outro dia pela manhã se achou toda sã, sem haver nem ainda sinal da postema.

Uma mulher tendo mui apostemado um peito, de que padecia
1041 grandíssimas // dores havia muitos dias, e pondo nele uma túnica que servira ao servo de Deus fr. Luís na sua última enfermidade, ao outro dia se achou perfeitamente sã.

Vicente Ferreira, casado e morador em a cidade de Malaca, havia um ano que estava tolhido e aleijado dos braços e mãos, e tinha os dedos fechados sem os poder estender nem servir-se das mãos para nada. E juntamente estava quase aleijado dos pés, sem poder andar mais que três ou quatro passos. E dando-lhe Gaspar de Sousa, criado do senhor bispo, um pedacinho da precinta que fora do catre do servo de Deus fr. Luís, em que dormia, o qual deitaram dentro de um púcaro de água que bebeu, no mesmo instante estendeu os dedos das mãos e os braços e todos os mais nervos, e começou a andar muito bem, ficando perfeitamente são. E todos os que isto viram e souberam, deram muitas graças a Deus.

Um soldado, por nome Francisco António de Sousa, havia três meses que padecia grandíssimas dores no braço direito, e além disso quebrou depois por desastre um osso dele, com que se lhe acrescentaram mais as dores sem poder ter aquietação alguma, nem lhe aproveitavam os remédios que lhe faziam. E vendo-o um amigo seu nesta aflição, lhe aconselhou que chamasse pelo servo de Deus fr. Luís da Cruz, pois o Senhor fazia por seus merecimentos tantos milagres, e juntamente com isso lhe deu um pequeno do seu hábito que logo o enfermo fez pôr no seu braço. E em o pondo nele, de improviso cessaram as dores, sem lhe doer mais o braço. E em breve tempo sarou da quebradura dele.

Fr. José de Sá, religioso da Ordem do Padre S. Agostinho, chegando à cidade de Malaca muito enfermo de grandes quenturas, das quais havia um ano se estava curando em Goa sem nunca se achar bem, e principalmente tinha a língua tão cortada e rebentada que não podia comer mais que arroz e leite, e tanto que muitas vezes deixava de dizer missa pela notável pena que recebia com o lavatório do vinho; e ouvindo contar, logo em chegando, as grandes maravilhas que Nosso Senhor por seu servo fazia, se veio a sua sepultura, incitado pelos mais Religiosos da

sua Ordem ali moradores. E prostrado sobre ela e pondo a sua língua por um espaço na sua terra, pedia ao santo fosse seu advogado naquela necessidade. E alevantando-se da cova, bebeu uma pouca de água em que molhara seu hábito. E foi Deus servido, que logo daí por diante fosse melhorando; e ao terceiro dia se achou de todo são.

Mónica Henriques, mulher de Domingos Gonçalves, de quem no capítulo pasado // fizemos menção, havia perto de um ano que lhe **1042** dava gota coral todas as luas novas, cheias e quartos, caindo no chão e espumando pela boca, como costumam fazer aqueles a quem dá semelhante mal. Estando na força dele, lhe pôs seu marido o hábito do servo de Deus e juntamente lhe deu a beber uma pouca de água em que molhara o hábito. E logo no mesmo instante que isto fez, tornou a enferma em si ficando fora daquele acidente, sem nunca mais lhe tornar semelhante enfermidade.

Manuel Lopes, casado na mesma cidade de Malaca, havia muitos tempos que andava assombrado e via diversas visões de demónios, uns que lhe falavam à orelha e outros que parecia o queriam matar; e por esta causa não comia nem bebia, desinquietando não só a sua casa mas a vizinhança toda. O que vendo o Padre Manuel dos Anjos que fora seu mestre, lhe pôs na cabeça, atado em um lenço, um pedacinho do hábito do servo de Deus fr. Luís. E logo naquele ponto ficou são e livre de semelhantes visões, sem chegarem mais a ele os demónios como costumavam. Afirmou mais o dito Manuel Lopes que, ao tempo que lhe puseram na cabeça o hábito, estavam junto dele dois demónios em figura de feios cafres com alfanges nas mãos, ameaçando-o de morte, e que logo em lhe sendo posto o hábito, se afastaram dali dizendo manso um para o outro: — «Cortemos-lhe a cabeça e vamo-nos». Mas sem lhe fazerem nojo, se foram, ficando o homem livre e quieto e com seu perfeito juízo.

João Leitão, casado e morador na mesma cidade de Malaca, vindo de Balacr (que é onde reside el-rei de Jor) em uma pequena embarcação, lhe deu uma terrível tormenta junto a uma ilha, com que se viu perdido sem esperança de remédio por estar a embarcação já quase alagada dos muitos mares que dentro entravam. E vendo que não lhe aproveitavam as indústrias e remédios humanos, se valeu dos divinos, tomando por terceiro para com Deus Nosso Senhor o seu servo o irmão fr. Luís, e juntamente metendo com a mão dentro na água um pedacinho do seu hábito. E foi cousa admirável, que no mesmo instante que isto fez, cessou a fúria do mar ficando quieto, e a embarcação livre sem lhe entrar dentro mais alguma água, sendo assim que com esta mesma tormenta se perderam três ou quatro embarcações muito maiores.

Partindo um frade nosso de Negumbo em uma embarcação que chamam pada, e tem dous paus iguais por mastro com uma corda atravessada, teve defronte de Calepeti uma tormenta grande, com que se cerrou o tempo e não aparecia o sol, // com grandes mares, sem **1043** verem terra nem terem esperança de salvação, ajuntando-se mais à

braveza do tempo uma baleia que trabalhava quebrar a cangalha, onde só a tinham abaixo de Deus. E assim se confessaram todos os que aí vinham, e esperavam cada momento serem afogados, sem levarem já mastro nem pau em que pudessem pôr um pano que servisse de vela. Vendo-se todos neste estado, tomou o Religioso um pedacinho da relíquia do santo fr. Luís e a atou em um pau de lenha, e a lançou ao mar. E pondo-se todos de joelhos, começaram a bradar, dizendo: — «S. Luís, misericórdia». E foi Deus servido que logo apareceu o sol, e abrandou o vento, e se aplacou a fúria do mar, e viram terra com vento para ela, e o que mais é, que a baleia deu a fugir com grande ímpeto como se alguém a perseguisse. E louvaram todos ao Senhor.

Uma menina da casa de Manuel Loureiro de Castelo Branco, estando já no último da vida e com a mortalha à cabeceira por haver três dias que viam nela todos os sinais de morte, e pondo-lhe na cabeça a mulher do dito Manuel Loureiro um pequeno do hábito do servo de Deus Fr. Luís, logo se levantou e comeu e finalmente ficou de todo sã, de que todos os que presentes estavam, ficaram maravilhados.

Um moço por nome Lucas, da obrigação de Pascoal da Costa, estava assombrado e falava muitos desatinos, deitando de si o crucifixo e as imagens de Nossa Senhora e dos Santos, não podendo em casa ninguém com ele por estar furioso, e conforme os gestos que fazia, mostrava estar endemoniado. O que vendo o dito Pascoal da Costa, lhe atou no pescoço o hábito do servo de Deus fr. Luís; e logo se achou bem, ficando muito quieto. E querendo o mesmo Pascoal da Costa experimentar a virtude singular do hábito, lho tirou do pescoço, e logo no mesmo instante lhe tornou a dar o mesmo mal. E tornando-lho a pôr, se aquietou e perfeitamente ficou são.

Uma moça, por nome Catarina, da casa de Pascoal Soares cidadão de Malaca, estava no último da vida, arrancando a alma, segundo parecia. O que vendo sua senhora, Joana Ferreira, lhe pôs na boca um pequeno do hábito do servo de Deus fr. Luís. E logo no mesmo instante se levantou a moça sã, como se nunca tivera nada. De que todos os presentes receberam não pouco espanto e começaram a louvar a Deus.

Vindo de Bintão, terra de infiéis, para Malaca um embarcação
1044 // de cristãos mercadores, deram nela uns mouros inimigos nossos e a tomaram, roubando e matando a quantos nela vinham. Entre eles vinha um mancebo muito particular devoto do servo de Deus fr. Luís, e trazia consigo um pedaço do seu hábito. E ao tempo que os inimigos o iam matando, se encomendou muito particularmente a ele, pedindo a Deus o livrasse daquele perigo pelos merecimentos do seu servo. E depois de ser morto e enterrado na praia com os mais companheiros pelos mouros, veio ter com ele o santo fr. Luís e o ressuscitou; e tirando-o da cova em que estava, o foi levando por uma praia até lhe mostrar de longe uma embarcação na qual disse se fosse embarcar para Malaca. Onde chegando, contou a todos com muitas lágrimas o que lhe tinha acontecido.

COMO O VIZO-REI DOM MARTIM AFONSO DE CASTRO FOI SOCORRER MALACA QUE ESTAVA DE CERCO E DOS MUITOS RELIGIOSOS NOSSOS QUE O ACOMPANHARAM NESTA JORNADA

CAPÍTULO 85

Duas das cousas que mais em particular encomenda Sua Majestade, como tão católico príncipe, aos Vizo-Reis da Índia, é que em todas as suas armadas, e ainda podendo ser, em cada um navio delas vão Religiosos por seus capelães, tendo isto por muito serviço seu, por se ter alcançado de quanta importância seja, para os soldados pelejarem valorosamente e sem medo da morte, estarem confessados e bem com Deus, como também pelo contrário quanto se acobardam se no tempo da peleja se acham com a consciência embaraçada por qualquer [...] pelos aires já cuidam que os vêm buscar para dar com eles nas profundezas do inferno. Assim que por este proveito, que não é pequeno, e outros muitos que da companhia e assistência dos Religiosos recebem os soldados nas armadas, aos quais respeitam e em sua presença não ousam a despejar-se tanto, evitando-se por este modo muitas desordens que em gente que professa as armas são mui ordinárias, ordena El-Rei que não parta armada alguma sem eles. E assim se guarda pontualmente.

E muitas // vezes os mesmos prelados, particularmente os nossos, **1045**
se mandam oferecer aos Vizo-Reis para este serviço de Deus e de Sua Majestade, que eles folgam muito de aceitar pelo muito que os soldados estimam levar um frade francisco em sua companhia. E se houvera de fazer menção de todas as vezes que nas armadas foram Religiosos nossos, fora um processo infinito. E assim me parece que basta dizer aqui em uma palavra o que também dissemos em outro lugar: que nos 42 anos primeiros do descobrimento da Índia só eles se acharam em todas as conquistas, cercos e armadas que houve nela, porquanto em todo aquele tempo não havia cá outros Religiosos de assento mais que eles. E posto que depois que vieram os outros, se

repartiu este trabalho com todos, contudo ainda assim de ordinário são os nossos Religiosos os que se ocupam neste ministério. E porque a armada que o vizo-rei D. Martim Afonso de Castro levou a Malaca quando passou àquelas partes do Sul, foi uma das mais poderosas que nos nossos tempos vimos cá na Índia, só dela quero fazer menção e apontar os Religiosos nossos que nela se embarcaram por serviço de Sua Majestade, para que se veja como neste particular o servimos também.

Sendo, pois, avisado o sobredito Vizo-Rei do grande cerco em que por mar e por terra estava posta a fortaleza de Malaca, tratou com muita diligência e cuidado de a ir socorrer, e ajuntou para este efeito uma poderosa armada de doze galeões e vinte e quatro navios de remo, em que entravam quatro galeões (1). Os capitães dos galeões eram Álvaro de Carvalho que tinha vindo já apontado de Portugal para capitão-mor daquela armada (2), Manuel Mascarenhas Almirante que ia por capitão do galeão do Vizo-Rei, D. Henrique de Noronha, D. Fernando Mascarenhas, Guterres de Monroio, D. Francisco de Sotomaior, D. Luís Lobo, D. Álvaro de Meneses, D. Francisco de Meneses, Manuel Barreto, e Jerónimo Botelho, e João Pinto de Morais, e capitão-mor da armada de remo D. Nuno Álvares Pereira, afora uma naveta e outra caravela e duas naus que chamavam da prata, que haviam de ir para a China, e era capitão de uma delas D. Paulo Portugal que ia fazer a viagem do Japão.

E tendo o Vizo-Rei despedido alguns dias antes a armada de remo com ordem que o fosse esperar às ilhas de Nicobar, partiu com toda a mais frota da barra de Goa aos 3 de Maio do ano de 1606 e che-
1046 gou a Cochim aos 9 do mesmo mês. // E por não ter aí por que se deter, aos 15 se fez à vela, e chegou às ilhas de Nicobar ao último do mesmo mês. E juntando-se com a armada de remo que aí o estava aguardando no canal de S. Tiago, todos juntos em companhia partiram aos 9 de Junho, e aos 13, dia bem-aventurado Santo António, surgiram na barra de Achém. No mesmo dia à tarde mandou o Vizo-Rei um recado àquele Rei por João Lopes de Moreira e fr. André Lázaro (3), religioso nosso, para que lhe desse licença para enviar um

---

(1) D. Martim Afonso de Castro, vice-rei da Índia desde 20 de Maio de 1605 até que morreu em Malaca a 2 de Junho de 1607, recebera ordens de el-rei D. Filipe II de Portugal em 1605 para passar com armada «às partes do Sul» a fim de desarreigar delas os rebeldes de Holanda que por ali traziam armada, e logo nesse ano comunicou que na primeira monção partiria «em direitura à barra do Achém» (Veja-se carta do rei de 18 de Janeiro de 1607, em *Livros das Monções*, 1, 101-102). Só depois do assalto ao Achém, é que recebeu notícia do cerco posto pelos holandeses a Malaca em Maio desse ano de 1606.

(2) Álvaro de Carvalho partira de Lisboa em 12 de Março de 1605 com armada de três galeões já destinada a passar da Índia «às partes do Sul».

(3) Nada mais consta de fr. André Lázaro além desta sua assistência na armada que enfrentou os holandeses junto a Malaca e do que no cap. seguinte se diz.

embaixador. Os quais tendo a resposta, se tornaram ao dia seguinte trazendo muito refresco de fruitas e galinhas que lhe dera El-Rei.

E ao outro dia foi por embaixador António de Vilegas, secretário de Estado, com o mesmo P. fr. André, acompanhado de dez ou doze soldados todos mui ricamente vestidos, os quais foram de El-Rei recebidos com muitas honras. E lhe deram sua embaixada, cuja sustância era pedir-lhe que lhe desse lugar em que se fizesse uma fortaleza, com outras cousas do serviço de Sua Majestade. Passados três dias se tornaram com muito refresco e em sua companhia veio outro embaixador para o Vizo-Rei, o qual ao outro dia logo representou a sua embaixada. E porque não diferia ao que o Vizo-Rei lhe tinha mandado dizer, o tornou a mandar no mesmo dia dando-lhe algumas peças ricas e dizendo-lhe que, se o seu Rei não consentisse o que lhe tinha mandado pedir, que havia de desembarcar em terra, e que a resposta a enviasse com presteza. Porém ela não foi outra mais que fazerem represa em cinco batéis dos nossos galeões que naquele mesmo dia tinha ido a terra fazer aguada com perto de cem lascares e trinta portugueses, os mais deles contra-mestres e oficiais, e tirar duas bombardas com pelouros às nossas naus, e arvorar juntamente nas tranqueiras bandeiras vermelhas em sinal de guerra. Postas estas cousas nestes termos, mandou o Vizo-Rei três navios para que lhe trouxessem três naus de mouros que estavam surtas na barra, as quais foram logo trazidas. E era uma de Bengala, outra de el-rei de Sião e outra de Guzarates, na qual se achou muito arroz com outros legumes e muitos fardos de aço e balas de algodão e algumas peças de artilharia, e a nau era nova do trinque.

E aos 25 de Julho houve conselho na nau do Vizo-Rei na qual se ajuntaram todos os capitães da armada, e nela se assentou o modo em que se havia de desembarcar. E se deu a dianteira a Álvaro de Carvalho, D. Pedro Mascarenhas e D. Nuno Álvares Pereira // que, 1047
por a não querer aceitar, foi deposto da capitania-mor da armada de remo e se proveu em D. António de Meneses. Aos 29 do mesmo mês, dia em que a igreja celebra a festa dos seus dois príncipes apostólicos S. Pedro e S. Paulo, às quatro horas de ante-manhã, desembarcou o Vizo-Rei com a mais da sua gente em terra, e os inimigos os vieram receber à praia com muita gente e elefantes para lhe tolherem a desembarcação. Mas posto que pelejaram valorosìssimamente, os nossos os foram levando com morte de muitos, e caminhando para a tranqueira a ganharam, sendo o primeiro que subiu nela D. Pedro Mascarenhas que logo arvorou a nossa bandeira. Assim como ganharam esta tranqueira, foram os nossos seguindo a vitória e lhes entraram a cidade e a puseram a ferro e fogo, dando ao Achém o castigo que há muitos anos nos merece por muitos males que nos tem feito. Mas seguindo o Vizo-Rei o conselho dos que o não souberam aconselhar em cousa alguma desta jornada, se deixou ficar na tranqueira e a fortificou de gente, não cessando a peleja até a noite. Mas como

os inimigos brigavam de entre os arvoredos e matos onde não eram vistos dos nossos e eles os viam, fizeram-lhes muito nojo.

Ao outro dia fizeram os inimigos um valo defronte da tranqueira que lhes tínhamos ganhada, entre uns bambuais mui serrados e muito fechados que ficavam muito perto, donde com a sua artilharia nos tiravam sem cessar inumeráveis tiros de falcões, mosquetes e muitas espingardadas e frechadas, sem que os nossos lhe pudessem fazer dano algum porque os não podiam ver, que com o valo e mato estavam amparados. O que vendo os nossos, os acometeram valorosamente dando neles com muita fúria, metendo-se com grande perigo por entre aqueles bambuais, e ganharam o valo onde acharam muitas peças de artilharia assestadas, umas grossas, e miúdas com condestables holandeses. Mas vendo que maior era o perigo dos nossos que o dano dos inimigos, se houve o Vizo-Rei de recolher, deixando o castigo daquele Rei para outro tempo, e assim se embarcaram todos na noite seguinte.

Recolhida a gente nos galeões, eram tantos os feridos que era lástima vê-los; e como não puderam fazer aguada, começaram a sentir tanta falta de água, por que por alguns dias se não fazia fogo de noite por esse respeito e se dava água a meio quartilho por dia, e
1048 ainda isto a alguns. E os lascares // e a escravagem chegaram a tanto aperto de sede que bebiam água salgada com tamarinho delido nela, e muitos não ousavam comer biscouto nem carne salgada, por lhes não fazer mais sede, e houve quem comprasse uma vez de água por uma pataca. Com estes infortúnios e outros que deixamos de contar, os quais sempre acompanharam esta mal descansada jornada, e sendo perdidas algumas das nossas embarcaçeõs por casos fortuitos, tomaram a derrota de Malaca e chegaram à ilha chamada Pulojarra e à de Porrustreira. Aos 7 do mês de Agosto chegou o aviso que lhe mandava André Furtado de Mendonça que era o capitão da fortaleza de Malaca, o que não foi sem particular ordem da divina Providência que em tal ocasião quis prover aquela fortaleza de um tal capitão cujo esforço, prudência e boa fortuna na guerra lhe foram então de muita importância. O qual sabendo que havia vir socorro da Índia naquele tempo por ser o da monção ordinária, mandou avisar por um bantim do aperto em que estava, fazendo saber de como estavam cercados por mar e por terra valorosamente: por mar, de onze naus holandesas e sete patachos e trezentas embarcações pequenas dos naturais; por terra, de onze reis dos vizinhos que em pessoa estavam no cerco, repartidos em presídios, com quatorze mil homens de peleja postos e ordenados em suas tranqueiras feitas em terra donde batiam rijamente a fortaleza por todas as partes com muita porfia. E neste tempo estavam já tão chegados aos muros que estavam abarbados com eles, tendo já derribadas todas as igrejas que estavam fora da cidade e feitas pelos hereges grandes notomias e desacatos em algumas imagens e pinturas que ainda acharam em algumas partes da nossa igreja da Madre de Deus, havendo já quatro meses que durava o cerco, e os nossos postos em grande aperto e afronta.

Com estas novas se deu o Vizo-Rei toda a pressa por chegar, e aos 10 do dito mês de Agosto, dia do ínclito mártir S. Lourenço, chegou Francisco Rebelo que o Vizo-Rei tinha mandado com recado à cidade para saber o que lá se passava, o qual disse que estava de tal maneira cercada por todas as partes que não era possível desembarcar-se nela. Os inimigos tanto que tiveram vista da nossa armada, alevantaram logo o cerco e se embarcaram todos em suas embarcações, os holandeses nas naus e // patachos e os naturais em seus navios, recolhendo **1049** juntamente toda a artilharia que tinham em terra. E os holandeses com as suas onze naus e um patacho sòmente vieram esperar a nossa armada no caminho, todas postas em ordem de guerra. E chegando uns e outros defronte do Cabo Rachado, sete léguas de Malaca, aos 17 de Agosto, estando já muito perto uns dos outros, sendo três horas da tarde, começaram a jogar às bombardadas com tanta fúria que parecia vinha o céu abaixo, porque a artilharia inimiga era muito grossa, e a nossa da mesma maneira. E assim choviam os pelouros e onde davam não havia resistência, porque passavam as nossas naus, com serem grossíssimas e mui fortes, de parte a parte, e as varavam de uma banda à outra; e se davam em as nossas peças, as quebravam e faziam em pedaços; e cortavam as enxárcias, estais, e estingas, de feição que tudo ficava desaparelhado. E as amarras, com serem mui grossas, assim eram desfeitas como se com uma faca foram levemente cortadas, de maneira que tudo ficou destruído e assolado, e muita gente morta, assim na nossa como na dos inimigos, porque foi o dano igual de ambas as partes. E porque se chegou a noite, ela pôs fim a esta porfia, ainda que não ao ânimo de a tornarem a continuar, como o fizeram e nós o faremos também no capítulo seguinte.

CONTINUA-SE COM A MATÉRIA DO CAPÍTULO PASSADO

CAPÍTULO 86

Posto que a noite que sobreveio fizesse acabar esta cruel batalha, tornando o outro dia a amanhecer se tornou também ela a continuar com dobrada braveza e maior dano de ambas as armadas, ainda que o nosso ficou sendo maior pela muita vantagem que nos eles faziam assim na artilharia que era melhor e em mais número e melhores oficiais dela, como nas naus que eram mais ligeiras e com melhores xárceas e, o que mais é, ficar-nos a barlavento. Mas esta vantagem que eles tinham, supriram os nossos com muito esforço e valor dos seus braços, e sem falta, se tiveram o vento em seu favor, de todo o houveram desbaratar. Mas sempre o tiveram contra si, e só uma hora que tiveram [a favor] por razão de uma trovoada que naquela paragem e tempo são mui continuadas, foram com muita determinação cometer o inimigo, e Sebastião Soares com a sua nau abalroou uma deles, e depois de matar a muitos lhe pôs fogo, com que ardeu toda sem ficar cousa
1050 alguma dela, sendo a mais formosa daquela companhia // e estava carregada de sândalo que todo se queimou com tudo o mais que nela vinha.

Da mesma maneira o capitão-mor Álvaro de Carvalho abalroou outra, ainda que foi com menos ventura, porque ainda que lhe pôs fogo, ajudado de Duarte de Guerra que também chegou com a sua nau, depois das duas estarem atracadas, virando o vento ao outro rumo e ficando contra nós, todas três se queimaram juntas e os capitães foram mortos com muita gente, assim da nossa como da sua.

D. Henrique de Noronha se foi atracar com a sua capitania em que vinha o seu Geral que se chamava Cornélio Madelif, e, estando já o fogo ateado nela, chegou ele ao bordo perguntando quem era o capitão da nossa nau. E respondendo-lhe que era D. Henrique de Noronha, pediu lhe fossem dizer do estado em que aquelas duas naus estavam, pois, queimando-se uma, a outra de necessidade se havia de queimar com ela; que melhor conselho era afastarem-se, pois com isso fazia cada um deles mais serviço ao seu rei. Aceitou D. Henrique o partido por ver que tinham todos ali a morte certa, e mandando

cortar os garoupeses que estavam atracados e metidos um em outro, se apartou cada um para o seu cabo, ficando eles concertados de não brigarem ainda que outra vez se encontrassem. D. Henrique, pouco satisfeito do que tinha feito e parecendo-lhe não lhe seria bem tomado não queimar a nau de Cornélio, pois com a morte dele por ser Capitão Geral estava certo que havia ficar a vitória connosco, se foi ter com o Vizo-Rei e lhe encampou a sua nau, dizendo que antes queria ser seu soldado que capitão. O Vizo-Rei proveu logo aquela nau de capitão, mandando para ela D. Pedro Mascarenhas. E sucedeu que, no discurso da peleja, se encontraram outra vez estas duas naus; e parecendo-lhe a Cornélio que estava ainda aí o seu capitão D. Henrique, se veio para ele sem tirar tiro algum, com tenção de o visitar amigàvelmente e saber como lhe ia, segundo o concerto em que ficaram ambos. Porém D. Pedro, tanto que viu chegar a nau inimiga, a começou servir de muitas bombardadas com que a fez retirar. E não curou mais daí por diante Cornélio de querer estar pelo concerto passado. E D. Pedro, como grande cavaleiro que era, ficou aquele dia fazendo maravilhas, e acabada a peleja achou dentro da sua nau quatrocentos pelouros, sem que lhe fizessem mais dano que matar-lhe um cafre e ferirem-lhe com um pelouro na mão a um soldado que andava na gávia apagando o fogo que nela duas vezes se ateou. Durou esta batalha oito dias; e como sempre tiveram os inimigos o vento por si, nos acometiam com muita vantagem, tirando-nos muitas bombardadas, deixando os nossos galeões mui destroçados, ainda que eles // o fica- **1051**
ram grandemente.

Aos 24 dias do mês de Agosto, dia do bem-aventurado apóstolo S. Bartolomeu, estando eles surtos pouco menos que uma légua, na nossa armada nos deu um pé de vento às sete horas da noite, com que nos levamos e fomos mareando sobre eles. Mas não nos quiseram esperar, e dando velas nos fugiram, cortando com muita pressa as amarras; e foram fazendo seu caminho para Jor com a armada daquele rei que estava na ilha grande, defronte de Malaca, esperando nossa destruição.

Morreram nesta briga muitos homens, uns com as cabeças e entranhas fora, outros sem braços e pernas, outros despedaçados, de maneira que era um horrendo espectáculo ver como aquelas naus ficaram. E além dos mortos que jaziam pelos convés, estavam elas todas alagadas de sangue, que se não via outra cousa.

Vendo o Vizo-Rei fugidos os inimigos, se veio aos 26 de Agosto surgir na barra de Malaca e desembarcaram todos em terra, a qual acharam toda destruída e posta em miserável estado, pelo apertado cerco que tinham padecido. Os palmares cortados, e as árvores todas postas por terra, e com tanta falta de mantimentos que veio a valer uma ganta de arroz, que são quatro medidas, um cruzado, e uma galinha quatro cruzados, um pão uma tanga e ainda assim se não achava. O Vizo-Rei mandou chamar a conselho para se determinar o que se havia de fazer. E posto que André Furtado, capitão da fortaleza,

fosse de parecer que a armada se não dividisse e andasse junta, porque era certo que, vendo-a os inimigos dividida e com menos poder, a havìam de vir cometer, contudo os outros capitães foram da opinião contrária, e dizem que mais por seus particulares respeitos que pelo que convinha ao serviço de El-Rei, bem daquela armada e honra do Vizo-Rei, cujo parecer ele seguiu, permitindo-o assim Deus, porque ainda não queria que tivessem fim as desventuras daquela mal descansada jornada. E assim dividiu a armada em duas partes, e deu uma esquadra de sete galeões a D. Álvaro de Meneses para ir às ilhas de Nicobar a esperar as naus da Índia e do reino, por ser então tempo de elas virem; e os outros cinco galeões a D. Nuno Álvares Pereira, capitão-mor que tinha sido da armada de remo, para ir ao Estreito de Singapura que fica além de Malaca, a dar guarda aos juncos de Jaoa que haviam de vir com mantimentos para aquela fortaleza, o qual, tendo vista das naus inimigas, se tornou a recolher à barra de Malaca com toda a sua armada.

As nove naus dos holandeses neste meio tempo se consertaram e proveram de todas as cousas, porque, como dissemos, também ficaram da briga mui destroçadas. E tendo novas que tinha o Vizo-Rei dividida a sua armada, voltaram sobre Malaca onde estavam os cinco galeões com D. Nuno Álvares Pereira, e chegaram defronte dela a 18 de Outubro, surgindo um dia em uma parte e outro noutra até os 22 do dito mês que foi um domingo. Estando a nau de D. Fernando um pouco afastada das outras, vieram as inimigas abalroá-la; o que vendo as nossas, se levaram e foram a elas, e se travou entre todas uma peleja mui porfiada que durou das sete da manhã até a noite, na qual foram mortos muitos homens assinalados dos nossos, a saber:

D. Pedro Mascarenhas e D. Fernando seu irmão, porque sendo entrada a sua nau de gente de três naus holandesas que a tinham abalroada, estes dous fidalgos, pelejando valorosamente como esforçados cavaleiros que eram, mataram à espada perto de sessenta holandeses, ficando eles também aí mortos. E o corpo de D. Fernando se achou na sua nau, e depois de acabada a peleja o levaram a enter-
1052 rar // na Sé com grande acompanhamento e dor de toda aquela cidade; mas o corpo de D. Pedro não se achou, e se suspeita que o deitaram ao mar os inimigos. Foi a morte destes dous irmãos mui sentida em todo este Estado, e se teve por uma notável perda, assim da qualidade de suas pessoas como por serem mui grandes cavaleiros e terem dado de si mui grandes esperanças, em particular D. Pedro que era o mais velho.

Foi também morto D. Francisco de Noronha, capitão de outra nau; e sendo eleito em seu lugar António Boto, filho de Luís Boto Machado, foi também morto, e a nau queimada sem dela se salvar mais que alguns sete ou oito homens. Mas sucedeu que ao tempo que chegou o fogo ao lugar da pólvora, arrebentou com grande fúria a nau e matou mais de cem holandeses que em suas lanchas andavam junto dela matando quantos saltavam no mar, ficando com estas mor-

tes vingadas em alguma maneira as dos nossos que nela morreram. Sesbastião Soares pelejou com a sua nau valorosamente; mas como a vantagem das dos inimigos era tão grande, depois de lhe matarem a gente toda, o cativaram com alguns soldados, estando já sem um braço que lhe tinha levado um pelouro; e a nau se queimou depois de os inimigos lhe terem tirada a artilharia e quanto recheio acharam.

André Pessoa que foi eleito capitão da nau de D. Francisco Sotomaior por estar preso, pelejou também com muito esforço; mas, por a sua gente ser morta e a nau destruída, querendo-se vir para a cidade já de noite com esses poucos que escaparam no seu batel em que todos se meteram, foi o capitão pôr fogo à nau; e antes que o pusesse, os do batel, por verem os inimigos perto, cortaram o cabo e o deixaram lá só, pelo que foi tomado dos holandeses, e a nau queimada depois de lhe tirarem a artilharia e tudo o mais que tinha.

Assim que este foi o fim que aquela armada tão poderosa teve, à qual jamais lhe sucedeu cousa que não fosse desastrada, porque as mais das embarcações se perderam, umas queimadas pelos inimigos, outras perdidas por causa dos temporais, a gente que era a melhor e mais lustrosa que então na Índia havia, a mais dela morta ou cativa, e tudo finalmente foram desastres e infortúnios. E por remate se lhe ajuntou a morte do Vizo-Rei que morreu em Malaca de sua enfermidade; se já não foi do sentimento de ver tanta desventura. E posto que os juízos de Deus são mui ocultos, não duvidamos que o fundamento de ele permitir tantas calamidades seriam os pecados da Índia, e por ventura alguma soberba e confiança própria, com que dizem que o Vizo-Rei, vendo a sua armada posta na barra de Goa tão formosa e com tão escolhida gente, disse que não havia haver cousa que àquele poder se não rendesse, levando em a sua bandeira real não as vencedoras armas de Portugal como sempre foi costume, senão as de Castela e com uma letra que dizia: «Leva, leva»; não advertindo que, como em outro lugar apontámos, todas as vitórias dos portugueses neste Oriente foram mais pela virtude divina que pelo poder de suas armadas; e quem não sofreu a David a presunção que mostrou em mandar contar a gente que tinha para a guerra, mal havia dissimular com tantas demonstrações de própria confiança.

Mas deixemos estas coisas, pois ainda hoje nos lastima a memória delas, e façamos aqui menção dos nossos Religiosos que acompanharam esta armada, que foram muitos e mui escolhidos.

Ia primeiramente nesta armada o P. fr. António Garcia, religioso grave e velho que tinha sido guardião de Baçaim e ia // (1) por Visitador 1053
daquelas partes. E assistiu nos galeões enquanto durou a batalha naval

(1) O manuscrito, de pp. 1055 a 1061, porque a tinta alastrou e corroeu o papel, é de leitura difícil. Para mais o copista dessas páginas e outras seguintes espanholou muitas palavras do texto. Desta forma não nos foi possível ler algumas palavras que subsituímos no texto por interrogações entre colchetes, e de outras damos leitura duvidosa e vão por isso seguidas de interrogação.

que, como dissemos, foram oito dias, no cabo dos quais desembarcou já enfermo do muito trabalho que ali passou, de que logo morreu em Malaca (2). O P. fr. Valério de S. Miguel (3) que ia por seu companheiro e futuro sucessor, como de feito por sua morte lhe sucedeu no ofício de Visitador, que também do trabalho que ali teve adoeceu em Malaca e esteve à morte. O P. fr. Boaventura dos Reis (4) que morreu na barra do Achém. O P. fr. Miguel da Ilha (5); o P. fr. Cosme, religioso de grande opinião de virtude e bom letrado, que ia por confessor do Vizo-Rei, e sempre o acompanhou até a sua morte. Outro fr. Cosme da Anunciação (6); o P. fr. André de S. Maria eleito depois custódio de Malaca; o P. fr. Manuel de Pina; o P. fr. Francisco de S. Luís (7) que ia por capelão de toda a armada. O P. fr. André Lázaro que, sendo secular, tinha mandado Sua Majestade a este Estado por engenheiro-mor dele e depois tomou o hábito. Era este religioso de belas partes, e tal que parece não tinha nele pecado Adão, porque, além de ter uma condição belíssima e aprazível, era muito virtuoso, e sabia todas as sete Artes liberais, grande arquitecto, que por ser esse o mandou el-rei Filipe I de Portugal por engenheiro deste Estado, e ele mesmo o examinou para isto. Escrevia e pintava excelentemente e era grande [?] e teólogo, e de mui lindo parecer, servindo-lhe de esmalte de todas estas boas partes a muita humildade de que era dotado; assim que parece se ajuntaram nele todas as boas qualidades que numa pessoa se pode desejar. Era natural de Luca, cidade de Itália, e depois de ter servido alguns anos cá na Índia o ofício de engenheiro-mor, por melhor se dar a Deus e fugir dos laços do mundo se recolheu na nossa sagrada Religião e tomou o hábito no convento da Madre de Deus de Goa, e sendo já sacerdote o levou o Vizo-Rei consigo a Malaca por se servir dele no que de seu ofício se oferecesse, por ser mui hábil e de grande juízo natural, e se achou na briga do Achém, na batalha naval em companhia do Vizo-Rei que nunca o largava, e depois de sua morte foi mandado à China para traçar os muros que naquela cidade

---

(2) Fr. António Garcia em 1595 ficou de guardião no convento de S. Bárbara de Chaul (*Tábua de 1595*, 185). Também Soledade (*Historia Serafica*, 3, 578) comemora sua presença na armada de D. Martim Afonso de Castro em 1606, e bem assim a presença dos demais lembrados no texto.

(3) Sobre fr. Valério de S. Miguel veja-se acima, cap. 66.

(4) Fr. Boaventura dos Reis em 1595 foi colocado no convento de S. Bárbara de Chaul (*Tábua de 1595*, 185).

(5) Fr. Miguel da Ilha era dos Capuchos que em 1584 haviam seguido para Malaca a fundar aí a Custódia de S. Francisco. E fr. Cosme pode ser o fr. Cosme da Paz seu companheiro nessa empresa (veja-se fr. António da Piedade, *Cronica da Provincia da Arrabida*, 1, 650).

(6) Fr. Cosme da Anunciação por 1584-1588 foi em missão a Macáçar (veja-se adiante, cap. 101). Ao celebrar-se o Capítulo Custodial de 1595 residia em Mantota e passou então para a reitoria da Madre de Deus de Manar (*Tábua de 1595*, 188). Morreu em Jafanapatão. Veja-se também fr. António da Piedade, *Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 656).

(7) Sobre fr. André de S. Maria veja-se acima, cap. 78. De fr. Manuel de Pina não encontrei qualquer notícia.

se queriam fazer por respeito dos mesmos holandeses que desejavam muito tomá-la; mas quando lá chegou, ia já tão mal que ao outro dia faleceu com grande sentimento dos nossos Religiosos que todos o amavam muito e sentiram a sua perda.

Quando o Vizo-Rei desembarcou no Achém, desembarcaram na sua companhia o P. fr. Cosme seu confessor e o P. fr. André Lázaro, como agora acabamos de dizer, e os outros Religiosos cada um com o seu capitão, os quais andaram acudindo a uma parte e a outra, confessando os feridos e esforçando os soldados, tra // zendo em as **1054** mãos cruzes arvoradas.

E no tempo em que Malaca estava de cerco antes de chegar o Vizo-Rei com a sua armada, morreram na mesma cidade dois Religiosos nossos, moradores no convento que nela temos (dos quais não pudemos saber os nomes) pelo muito trabalho que tiveram, andando sempre, enquanto durou o cerco, com dois caldeirões às costas com arroz e canja para sustentar os pobres que, por a terra estar naquele estado, padeceram grandes necessidades.

DOUTRO CERCO QUE TEVE A MESMA FORTALEZA DE MALACA QUE OS ACHÉNS LHE PUSERAM E DOS GRANDES TRABALHOS QUE NELE PADECERAM OS NOSSOS FRADES, MORADORES DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS, ATÉ DE TODO O DEIXAREM

CAPÍTULO 87

Sãos os Achéns um dos vinte e nove reinos de mouros que há nas fraldas do marítimo da grande ilha Samatra, segundo no princípio desta história nós apontámos. Foram sempre grandes inimigos do nome português, e com suas poderosas armadas molestaram não poucas vezes a nossa cidade de Malaca, ainda que, apesar delas, a tem Deus conservado, livrando-a sempre do seu poder. E deixando o que em tempos mais antigos fizeram, no ano de 1627, vinha uma armada poderosíssima contra Malaca, mas indo-a buscar ao rio de Mivaxão a nossa, que não era mais que de dezasseis navios em que ia por capitão-mor Francisco Coutinho Docém, comendador e alcaide-mor da vila de Ferreira, investiu nela e depois de uma mui áspera peleja a desbaratou e destruiu. E era esta armada inimiga de trinta e cinco galeões e tinha por capitão-mor o rei de [?], das quais se queimaram trinta e quatro e só uma escapou, e foram cativos e mortos mais de três mil pessoas, e se tomaram oitocentas peças de artilharia de bronze e ferro, entre grandes e pequenas, não se perdendo dos nossos nem um só navio, e havendo poucos mortos e alguns feridos.

E o que pudera servir de lhe quebrantar o ânimo, serviu de lho dobrar. E assim, juntando mor poder, determinaram desta vez de não desistir da demanda até conquistar Malaca e fazê-la sua ou destruí-la de todo e pô-la por terra, que é o que há muitos anos trazem na vontade. E com este desenho ajuntaram duzentas e sessenta velas (em que entravam trinta e oito galés, as maiores que na Índia nunca se viram e com gáveas e mastareus), e nelas dezanove mil homens de
1055 armas com mil peças de ar- // tilharia de trinta e duas, de quarenta, e de cinquenta e cinco libras de bala. E o mesmo rei, tendo por mui

certa a vitória, por ficar com a glória dela vinha em pessoa nesta armada, que parecia assombrava com ela a Índia toda, e chegou até perto de Malaca; porém, vendo os seus grandes que ficava o reino sem gente e sem artilharia, o obrigaram a tornar-se para ele. E ficou a armada encarregada a Lazamane que era o general do mar, mui afamado e conhecido naquelas partes, e tinha ganhados e subjugados cinco reinos à coroa do Achém.

Com todo esse poder vieram os inimigos demandar Malaca, e não a querendo acometer pelo rosto da fortaleza arreceando a fúria da artilharia, se foram por um rio que fica detrás dela meia légua a que chamavam dos Lagartos e agora com mais razão da Madre de Deus por ficar vizinho ao mosteiro dos nossos frades que é do mesmo nome (1). E se tem por sem dúvida que ela fora quem os guiou para aquela paragem, para sua total destruição, pois toda nasceu de deixarem o mar largo e se irem encurralar naquele rio a que aportaram todos juntos, uma quinta-feira, 5 do mês de Julho do ano de 1629, para as nove horas do dia. E sendo o rio tão pequeno que não podia entrar por ele um pequeno balão senão de marés cheias, eles, pondo mão à obra, o fizeram tamanho (por ser todo lamarão) que iam a lado duas galés juntas, por ser de águas vivas. E muito a seu vagar, como quem não tinha quem lhe fosse à mão, se meteu a armada toda nele, permitindo-o assim Deus e sua Mãe Santíssima para sua perdição. E se tranqueiraram mui fortemente, fazendo na dianteira, obra de um tiro de mosquete, alguns baluartes mui fortes e bem artilhados, e na boca do rio dois baluartes para que não pudessem entrar ou fazer mal às galés.

Tanto que os portugueses tiveram em Malaca novas certas desta armada do Achém, a primeira cousa que fizeram foi pedir ao Geral que aí estava, uma embarcação para Negapatão com cinco soldados, para dali se mandar por terra aviso a Goa de como ela vinha sobre aquela cidade, para que o Vizo-Rei mandasse socorro bastante para se defender, pois nela não havia poder. Chegaram estas novas a Goa em tempo que governava este Estado o bispo de Meliapor D. Luís de Brito, por ter acabado o seu tempo o conde de Vidigueira. E pondo-se este negócio em conselho, se aprovou ser muito necessário enviar-se àquela fortaleza um grande socorro bastante para se defender, como de feito se enviou segundo veremos no capítulo seguinte, indo por capitão-mor dela o Geral dos galeões Nuno Álvares Botelho.

Enquanto não chegou o socorro, se fortificaram o melhor que puderam, provendo-se de mantimentos // e munições, e repartindo os 1058
lugares da defensão como melhor pareceu. E por não cuidarem os inimigos que tinham medo a seu grande poder, despediram uma companhia de trezentos soldados, capitão Alexandre Mer, homem da

(1) J. H. da Cunha Rivara publicou alguma documentação sobre este ataque e cerco posto pelos de Achém a Malaca em 1629, em *O Chronista de Tissuary* (Nova Goa 1866) n.° 1, pp. 6-20).

terra, filho de Malaca, mas mui valoroso e esforçado, os quais os acharam já detrás do outeiro de S. João, e pondo-se com eles às espingardadas mataram alguns que seriam mais de sessenta, e feriram mais de cento, tomando algumas bandeiras inimigas e muitas azagaias e crises, não havendo da nossa parte mais que três feridos. E sendo já tarde e estando os nossos cansados, mandaram o Capitão da fortaleza e o Geral tocar a recolher, o que os nossos fizeram em boa ordem, vindo-se recolhendo com os mosquetes no rosto e as mechas caladas. E assim nestes como em todos os outros assaltos que os portugueses fizeram aos inimigos, se acharam sempre com eles os nossos frades, acompanhando os soldados e animando-os para a peleja, e em todos eles sempre levámos a melhor e lhe matámos muita gente.

E porque os inimigos se vinham chegando para o outeiro em que estava o nosso convento da Madre de Deus, foi necessário pôr nele gente de guarnição que o defendesse. E assim mandou o capitão da fortaleza Gaspar de Melo, um capitão com alguns duzentos homens para que assistissem no convento, não com pequeno risco de todos, pois podia mui fácilmente vir uma manga de quinhentos negros e cercar o outeiro e matá-los a todos. Mas a grande confiança que tinham no socorro da Madre de Deus e o desejo de lhe defenderem sua casa, lhes dava ânimo e esforço para não temerem à sua sombra perigo algum de suas pessoas. Porém não deixaram de se aparelhar para qualquer sucesso, confessando-se todos com os nossos Religiosos que aí estavam com eles. Assim estiveram alguns dias, em os quais se iam alguns soldados nossos ao campo de S. João a desafiar os achéns, ao que eles nunca acudiram. Só um dia desses apareceu um e disse aos nossos pela sua língua: «*Nanti, nanti!*» que quer dizer «Esperai, esperai!», como quem diz: — «Nós vos buscaremos, como for tempo».

E assim foi, porque não tardou muito quando na manhã de uma segunda-feira amanheceram com uma tranqueira no meio do campo, tão comprida que quase o tomava todo, e começaram a jogar muitas bombardadas, e um pelouro deu no nosso sargento e lhe quebrou a perna direita, de que morreu de aí a quatro ou cinco dias. E o mesmo pelouro houvera por um nada de matar o Capitão Geral, e deu num pagem seu que daí a poucas horas o privou da vida, e foi o primeiro homem que os achéns nos mataram neste cerco. Fizeram também os nossos no mesmo campo sua tranqueira, a qual fortificaram com muitas peças de artilharia e gente que a defendesse. E mandaram os dois capitães, da fortaleza e o geral, a Diogo Lopes da Fonseca, nosso síndico, com cinquenta homens mais para o nosso convento, o qual,
1059 como se viu lá, ordenou logo que se fizessem umas // guaritas na horta onde vigiassem os soldados, mandando fazer andaimes na parede que fica detrás da capela-mor da igreja, fazendo seteiras por toda a casa, e cercou meia horta com uma tranqueira muito forte que, por ser grande e ficar desviada, pareceu se não poderia bem defender toda. E fez outra tranqueira fora no adro, do canto da portaria até meia parede da cerca da banda da capela, e pôs dois falcões e uma peça

de colher? da parte onde ficavam os inimigos, com que faziam muitos tiros à sua tranqueira deles. E meteu no convento uma pipa e meia de pólvora e dois bares de calaim, afora dez ou doze barris que El-Rei deu com muitos pelouros, morrões e panelas de pólvora; o que tudo se recolheu na sacristia, tendo a chave dela um dos nossos frades, assim por que se não desperdiçassem as cousas, como para não acontecer algum desastre.

Com estas preparações todas e fortificações estiveram os portugueses nesta casa da Senhora, de 12 de Julho até 4 de Agosto, dia do grande Patriarca S. Domingos, que naquele ano caiu em sábado, assistindo sempre com eles os nossos frades, porque, ainda que já tinham por ordem do Capitão Geral recolhido dentro na cidade tudo quanto na igreja e convento havia, assim retábulos, ornamentos, como tudo o mais do seu pobre uso, contudo eles sempre estiveram lá acompanhando os soldados e confessando-os, e servindo-os à mesa e em tudo o que se oferecia. E no sobredito dia do Patriarca S. Domingos, depois da meia noite, cometeram os inimigos a nossa casa pela horta, e entraram dentro na cerca com grandes gritas e alaridos, e chegaram até a varanda. E ainda um deles entrou nela por uns paus que aí estavam encostados, mas foi logo deitado em baixo por um soldado que ao tempo que ele vinha metendo um pé dentro na varanda, lhe deu com a coronha de sua espingarda na cabeça e o matou. E dessa varanda brigaram os nossos mui valorosamente, com muitos mosquetes e panelas de pólvora.

E vendo que o ímpeto dos inimigos era desta banda, saíram à horta com muito esforço, indo na dianteira o Padre Comissário fr. António da Conceição (²) com uma lança na mão brigando valorosamente, até que o atordoaram com uma pedrada na face deixando-lha escalavrada e inchada por alguns dias. Mataram neste posto muitos negros, os quais foram tirados da cerca pelos seus e enterrados no outeiro que fica detrás do nosso convento. E alguns que ainda ficaram, por a manhã os fizeram os nossos enterrar por não dar peste. Também acometeram por detrás da capela e entraram dentro, mas da capela se fez um tiro com um falcão, que fez grande destruição neles, por estarem todos em pinha. E não podendo os nossos sofrer que em tal lugar estivessem os inimigo, arremeteram a eles com muita braveza, à força de muitas mosquetadas os fizeram fugir e saltar por a cerca fora. Não descansavam neste tempo os nossos frades, mas se ocuparam sempre, enquanto durou a briga que foi até por a manhã, em repartir pólvora e pelouros, com muita ordem // e concerto, discorrendo de uma 1060
parte a outra, vendo quem tinha necessidade de algumas destas cousas e animando-os com a sua presença e com o nome da Madre de Deus que muitas vezes lhes repetiam.

(²) No convento capucho do Espírito Santo de Damão em 1595 vivia fr. António da Conceição que não sei se será este mesmo que em 1629 estava em Malaca (*Tábua de 1595*, 186).

Sabendo-se na cidade que os inimigos tinham acometido nosso convento, mandaram muita pólvora e pelouros que foi de grande efeito, porque sendo manhã foram os nossos por fora da cerca da banda da horta donde deram Santiago nos inimigos, matando-lhes muita gente, e lhes tomaram muitos falcões, roqueiras e jarras de pólvora que tinham na tranqueira que fizeram defronte, na porta da nossa horta, a qual foi logo destruída e queimada. A este tempo mandaram os capitães a João Soares Vivas, que era capitão-mor do campo e estava com mais de duzentos homens na tranqueira, da banda da ilha, que deixasse nela trinta soldados, e viesse ele com os mais a socorrer a nossa casa. Mas não foi necessário porque, quando chegou, os inimigos estavam retirados no outeiro que está detrás do nosso, distância de um tiro de mosquete, onde fizeram suas tranqueiras, de que nos atiravam com peças e roqueiras muitos tiros, que de todos nos livrou a Madre de Deus, porque nunca nos fizeram nojo, e nós neles muito, matando muitos deles, que se viam cair da tranqueira abaixo.

Neste assalto se acharam cinco mil negros e morreram deles trezentos e duzentos ficaram feridos, entre os quais foi o rei do [?], que saiu com duas pelouradas. Dos nossos morreram seis ou sete, um só homem branco, e os mais destes por desastre dos nossos mesmos pelouros que, como a briga foi de noite, davam neles em vez de dar nos inimigos. Teve-se este sucesso por milagroso, porque brigaram trezentos homens com cinco mil mouros, e estes escolhidos e dos mais valentes daquela armada, por espaço de sete horas. Sendo tão poucos os nossos mortos e tantos os seus, se não pode crer outra cousa senão que foi particular favor da Madre de Deus, que quis defender a sua casa e a todos os seus devotos que pelejavam por sua honra e de seu Filho, para o qual se aparelharam todos, ganhando a grande indulgência da Porciúncula, tendo-se todos confessados na mesma casa. E assim os ajudou Deus, dando-lhes tão grande vitória.

E posto que ficamos com ela, contudo não deixavam os nossos capitães de considerar o manifesto perigo em que estavam todos os que defendiam aquela casa da Senhora, porque além de ficarem os inimigos tão abarbados com ela, não tínhamos mantimentos, e era cousa muito fácil e que muito se arreceava que viessem os negros e a cercassem de todo. E como ficava mui distante da fortaleza, não era possível romper pelos inimigos que eram muitos, e levar-lhes socorro. E assim fizeram sobre isto conselho, pondo de uma parte os desejos que todos tinham de que a casa da Senhora se conservasse, e da outra
1061 os grandes inconve // nientes que para isso havia. E assim, depois de se debater muito o negócio, se assentou por todos que a casa se deixasse, pois não se havia de poder sustentar contra tão grande peso de inimigos. Assim se mandou logo ordem para que a deixassem; e os nossos, assim soldados como frades, se recolheram para a cidade, o que se fez aos 20 de Agosto, dia do bem-aventurado S. Bernardo, com grande sentimento de todos, pondo-se fogo às duas horas da tarde ao convento, queimando-se por todas as partes num mesmo tempo; e a

gente toda que nele estava se veio para baixo em fileira com as mechas oaladas, bandeira largada e a caixa diante.

Vendo os negros que os nossos desamparavam o convento, vieram logo pela cerca da horta e se puseram debaixo das árvores do adro, com grande grita e alarido, fazendo muitos floreios pelo outeiro, e se começaram a entranqueirar por todas as partes dele e puseram seis ou sete peças assestadas para a cidade. E fizeram dois baluartes donde faziam muitos tiros a ela, ainda que um deles logo se desfez porque, dando nele um pelouro de canhão do baluarte de Santiago e metendo-se por uma jarra de pólvora, tomou fogo e matou alguns, sendo um deles o seu caciz, o que eles sentiram muito e tiveram por ruim prognóstico, e assim desmancharam logo o baluarte. Depois que se viram senhores do outeiro, vieram caminhando para a cidade, e continuando com as tranqueiras chegaram a tiro de mosquete do baluarte de S. Domingos. Neste meio tempo deram os nossos alguns assaltos, e no derradeiro, que foi o primeiro domingo de Outubro em que se costuma celebrar a festa do Rosário, lhe entraram a tranqueira e arvoraram nela a bandeira do Rosário, e lhe mataram muita gente, e entre eles um negro que era pessoa grave que vinha para suceder a Lazamane, e lhe tomaram vinte e oito armas de fogo; mas nos outros assaltos também nos mataram muita gente, achando-se em todos eles os nossos frades, e sendo companheiros de todos os trabalhos que aquela cidade teve em todo o tempo que durou este bravo cerco, que foram quatro meses e meio, rondando de noite os muros das oito horas da noite até as três da madrugada, animando os soldados e confessando aos que o queriam fazer, e muitos o faziam. E estavam repartidos para esse efeito os confessores com seus companheiros pelos baluartes, para acudirem tanto que ouvissem qualquer repique ou rebate.

E posto que os achéns estavam senhores do nosso convento, não se alojaram dentro nele e diz-se que porque o servo de Deus fr. Luís da Cruz, de que tratamos nos capítulos passados, os andava enxotando com uma cana e lhes tirava as panelas de arroz do fogão onde estavam postas, e lhas quebrava. Porém disto não houve certeza, mas só era fama entre os nossos, como também se dizia comummente que perguntavam os achéns aos nossos das suas tranqueiras (porque estavam tão perto que de noite se punham a praticar com eles) que mulher era uma que saíra a brigar com eles aquela noite que eles deram na nossa casa da Madre de Deus. O que se assim foi, bem podemos crer que foi a mesma Senhora que, como padroeira advogada dela, a queria defender dos inimigos. E já noutra ocasião se viu outro favor da // mesma Senhora em aquela mesma casa. E foi que, da **1062** primeira vez que vieram os jaus sobre Malaca, que também se alojaram neste convento, estando uma noite todos dormindo, sonharam que uma mulher muito formosa e resplandecente falava com eles, e lhes dizia a cada um em particular que não se fiasse doutro porque o queria matar à traição. Com o que espertando, todos começaram a gritar,

dizendo: — «Traição, traição», e levando dos crises se mataram uns aos outros, de sorte que, de muitos mil negros que eram, só quinze ou dezasseis escaparam, que foram os que contaram a causa daquela destruição. E deste milagre ainda hoje há pessoas na cidade de Malaca que se acordam dele. Neste estado estavam as cousas deste cerco, quando foi Deus servido de trazer àquela fortaleza o socorro de Goa que a aliviou daquela tão grande opressão, como no capítulo seguinte se contará.

COMO COM O SOCORRO QUE DA ÍNDIA VEIO, ALEVANTARAM OS ACHÉNS O CERCO QUE À CIDADE DE MALACA TINHAM POSTO, E FORAM DE TODO DESBARATADOS

CAPÍTULO 88

Ordinário costume de Deus é acudir com os remédios aos nossos males, quando eles pareciam que menos o podiam ter, para que assim a sua infinita Bondade nos seja a nós mais manifesta, e o benefício que nos fez, de nós mais estimado, como foi na cidade de Malaca o socorro com que lhe acudiu da Índia, em tempo que estava posta em grandes angústias e tribulações, porque por uma parte o poder dos inimigos era mui possante, e por outra nossa defensão tão fraca que bem se via que, a não acudir Deus com seu favor, seria aquele o fim desta fortaleza. E assim se não pode encarecer o grande contentamento que nela houve, quando viram surgir na barra a nossa frota, sendo esta uma das maiores alegrias que aquela cidade teve, há muitos anos. E assim se começaram logo a repicar os sinos todos dela, e os navios a esbombardear e os baluartes a disparar suas grossas peças, e finalmente quanto então se via não era mais que demonstrações de grande festa e regozijo.

Os inimigos, sabendo o que passava, ficaram mui confusos e cheios de pavor, porque com uns cinco navios que aí vieram de S. Tomé, se persuadiram não haver de vir outro socorro da Índia. E assim estavam já tão seguros e certos de acabarem aquela empresa, que tinham já semeados os campos e repartidos entre si, e muitos deles tinham trazido consigo suas mulheres, com fundamento de morarem em Malaca depois de a terem tomada. Mas melhor o fez Deus do que eles o desejavam, convertendo todas estas suas esperanças em grande dor e sentimento, vendo em Malaca a nossa armada, arreceando vir por ela a sua total destruição, como lhe veio. E assim logo naquela mesma hora alevantando o cerco e desamparando todas suas tranqueiras que em terra tinham, se recolheram para as suas embarcações.

Era capitão-mor da nossa armada Nuno Álvares Botelho. Geral dos galeões e um dos três Governadores que, por ordem de Sua Majestade,
1063 governavam este Estado, por // morte do bispo de Meliapor D. fr. Luís de Brito, té a vinda de D. Nuno Álvares Pereira, governador nomeado nas vias de sucessão que em este tempo era capitão de Moçambique, onde estava. Trazia vinte galeotas e um patacho, e nelas gente escolhida e com muitos petrechos de guerra.

Partiu da barra de Goa a 21 de Setembro do ano de 1629, e continuando sua viagem com próspero tempo, chegou às ilhas de Nicobar uma quarta-feira, a 10 de Outubro, e a Pulambucera domingo, 14 do mesmo mês, onde achou a galera do aviso que deu as novas de como Malaca estava de cerco pelo Achém havia quatro meses e meio, e por esta causa em grande aperto, esperando pelo socorro que lhe ele trazia a tão bom tempo. Com este recado partiram para Malaca com toda a brevidade possível, onde chegaram a 21 de Outubro, dia das Onze Mil Virgens. E sabendo como os inimigos estavam com toda a sua armada metidos naquele rio, o foram cercar, sem se deter em Malaca nem uma só hora. Eles os receberam com muita artilharia que desparceram os nossos navios, tolhendo-nos a entrada e nós a eles a saída. Daqui houve grandes batarias e mui contínuas, chegando quase a barbas com as tranqueiras, donde receberam os nossos algum dano, que não quis Deus que fosse muito. Porque na verdade se julgou por muitos que houve excessos nestes acometimentos, pois chegaram a cometer os seus baluartes que estavam na boca do rio, estando eles peito aberto. E assim os tiveram cercados mês e meio, com muitas bombardadas, assim das galeotas como de duas barcaças que lá tinham ordenado, de que receberam notável dano. E mostravam os soldados em todas estas acções tanto valor e esforço, que iam a elas como quem vai aos touros, não estimando mortes nem feridas, que não faltavam. E ao próprio Geral que sempre mostrou grande esforço de que a natureza o dotou, lhe levaram muitas vezes os marinheiros do seu balão em que ia, guardando-o Deus para lhe dar aquela tão ilustre vitória.

Em 19 de Novembro pretenderam os inimigos sair para fora do rio ao mar largo, onde lhe parecia que ficavam com melhor partido. E a primeira galé que começou a sair, estando ainda meia dentro a cometeram os nossos balões e galés, com tanto ânimo que se não pode encarecer, e lhe queimaram a proa e quebraram o mastro do traquete, obrigando-a com isso a se recolher outra vez para dentro, não sem muito dano seu e nosso, porque naquele dia nos mataram e feriram perto de cento e vinte homens, entre brancos e pretos. Porém, com este sucesso ficaram os inimigos tão quebrantados que, logo aos 29 do mesmo mês de Novembro, puseram bandeiras de paz nas tranqueiras, mandando embaixadores para tratarem de concertos.

A primeira cousa que lhes mandou dizer Nuno Álvares, foi que lhe mandassem a Pero de Abreu que havia quatro anos fora ao Achém com uma embaixada e o traziam preso, que sem lho darem não tinham que falar em concerto. E depois de muitos dares e tomares

o mandaram, e pediram quatro galés para se ir para a sua terra. Ao que lhe respondeu o nosso Geral que nem a seu filho as daria. Finalmente Lazamane, que, como dissemos, tinha tomado e metido na coroa do Achém cinco reinos, mandou ao nosso Geral o seu cris, em sinal de reconhecimento, e que lhe pedia a vida e liberdade e // que o não 1064
quisesse ver por que não fosse maior sua pena e confusão. Ao que ele lhe respondeu que Lazamane havia de ser o primeiro que havia de vir, e que se não quisesse isso, o desenganava, que ao outro dia os havia todos de matar à espada. Marrasa que era o Geral da terra, vendo-se neste estado morreu de puro pesar a 7 de Dezembro, véspera da Imaculada Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora. Os inimigos que, de dezanove mil que eram, se não achavam aí mais que três mil, sendo todos os outros mortos ou fugidos, desampararam as estâncias fugindo por terra para Muar, deixando as galés grandes com muita artilharia e mais despojos.

Acharam-se nas galés e tranqueiras cento e dez peças de artilharia de bronze e ferro, algumas mui grandes de trinta e duas, quarenta e cinquenta e cinco libras de bala, afora falcões e berços e outras algumas peças que ficaram enterradas na lama. As galés que se acharam inteiras, foram trinta, todas de disforme grandeza e as maiores que nunca se viram, de quinze peças por banda de dezoito e vinte libras, fora outras embarcações pequenas que seriam vinte. E todas as mais embarcações que faltam para a conta de duzentas e setenta que tinham trazido nesta armada, as desfizeram para com as tábuas delas e madeira fortificarem os seus baluartes e tranqueiras. Uma galé muito grande queimaram os inimigos a noite que se foram, em que queimaram as mais das mulheres que traziam consigo para povoarem Malaca, e algumas cousas de importância que não puderam levar. Ao fogo desta galé acudiram os nossos às tranqueiras, e conhecendo que os inimigos iam fugindo cavalgaram e entraram de novo.

O Rei de Pão, com sua mãe, que andava fugido por o não tomar o Achém que lhe tem destruído o reino e quase tomado, veio em socorro da nossa armada em o primeiro de Dezembro, e trouxe à armada Clasroa Thiá que é a rainha de Patana, e eram perto de duzentas embarcações todas de pouca importância; e assim não se arriscou alguma nem perigou, antes ficaram ricos os malacos destas guerras, porque tomaram muitos cativos que fugiram para eles no discurso delas, e o mesmo geral Lazamane se lhe foi a entregar a Muar com os demais capitães e muita riqueza, não servindo a vinda deste rei senão demais que de ser ocasião de os inimigos se nos não entregarem tendo dada palavra disso.

Os gerais desta armada do Achém, como fica dito, se chamava um deles Lazamane que era o do mar, ilustre em geração e famoso por armas; o outro se chamava Marrasa, mui privado do rei mas de baixa casta, o qual morreu dentro no rio, como temos contado. Perderam os inimigos nesta guerra duzentas e setenta embarcações, dezanove mil homens, mil peças de artilharia entre pequenas e grandes. Mor-

reram às pelouradas, conforme a melhor computação, dez mil homens, a melhor gente daquele reino; e dos dezanove mil que partiram de sua terra, nem um só tornou para ela, porque foram todos ou mortos ou cativos. Dos nossos, entre mortos e feridos, brancos e pretos, cento e cinquenta homens. Das peças de artilharia que se tomaram, deu o geral
1065 Nuno Álvares Botelho a Malaca vinte, e doze ao forte da // ilha, e nove a S. Tomé, e seis a Solor, e a outra veio a Goa. E meuda e os mais deu francamente a saco aos soldados. E ele como de ânimo generoso e que só cobiçava honras, só tomou para si o cris do geral Lazamane e o seu papagaio e gato. E as galés partiu com os mosteiros de Religiosos, e ao nosso da Madre de Deus, por estar queimado, deu as embarcações pequenas.

E tinha prometido aos nossos frades de o fazer de novo e o fizera, segundo era muita a sua liberalidade, se a morte lhe não cortara com a vida esta e outras obras heróicas e dignas de eterna memória que pretendia fazer. Porque tendo concluído tão gloriosamente com o Achém, como temos visto, se foi com vinte galés ao estreito de Singapura a esperar as embarcações da China por ser então a sua monção, e achando cinco naus dos inimigos de Europa as cometeu e, depois de render uma, tomando nela fogo a pólvora do paiol, de maneira alterou o mar com o ímpeto que fez, que se virou a embarcação em que ele estava, e caindo no mar se afogou, pois que quando o buscaram, o acharam já quase morto. Foi sepultado em Malaca e foi esta sua desastrada morte mui sentida de toda a Índia, porque além de ser um capitão de muito valor e esforço e que não sabia que cousa era medo, era mui zeloso do serviço de El-Rei, e nada amigo de dinheiro e muito de honra. O mais que deste valoroso capitão pudera dizer aqui, fica já noutro lugar contado.

DESCREVE-SE O GRANDE REINO DE SIÃO E SE DÁ RELAÇÃO DE ALGUMAS PARTICULARIDADES SUAS

CAPÍTULO 89

É tão grande este reino de Sião, que mais lhe poderemos chamar império que reino, porque tem debaixo de si nove reinos muito grandes, dois deles habitados dos naturais siames e os outros sete de estrangeiros (1). E assim entre os três principais que há em todo este Oriente maiores em terras, riquezas e estados, este é um deles e os outros dois são China e Bisnaga. O próprio nome do reino principal é Sernau, mas vulgarmente lhe chamam Sião. O rei se chama por título Sugrem Pracheu Saleu, que é o mesmo na sua língua que «membro santo de Deus», e os estrangeiros lhe chamam Senhor de Elefante Branco. Rendiam ordinàriamente neste reino os direitos reais cada ano doze contos de ouro, afora as servidões que lhe faziam os senhores dele que é outra muita quantidade. As alfândegas de todo o reino são dedicadas por esmola a centos de pagodes.

Têm na jurdição dos seus senhores duas mil e seiscentas povoações a que eles chamam *produno* que são como entre nós cidades e vilas, não tratando de aldeias porque dessas não fazem caso. A terra é na mor parte baixa, em que há muitas campinas lavradas e rios de água doce, e por isso é mui fértil e abastada de mantimentos e de carnes. Tem muitas minas de prata e de ouro e muita seda, águila, beijoim, rubis, safiras e marfim. Tem o rei sempre // gente farta e or- 1066
denada para qualquer acidente de guerra que sobrevier ao reino, até

(1) O antigo Sião corresponde ao que modernamente se chama a Tailândia, embora os territórios não coincidam em absoluto. Barros (*Década III*, l. 2, c. 5, pp. 152-173) descreve o reino de Sião como era no seu tempo, à volta de 1550. Fr. Paulo da Trindade teve presente o texto de Barros, como se vê de frases que dele aproveitou. Porque naquelas regiões da Ásia a extensão dos estados andava muito à mercê das guerras frequentes ou quase contínuas, o Sião do tempo de Barros não era bem o mesmo que o do tempo do apostolado de fr. André do Espírito Santo (depois de 1600), pois entretanto Madaragri, bramá do Pegu, por várias vezes assolara com seus exércitos o Sião para o conservar em vassalagem e só de poucos anos o novo rei, chamado Rei Preto, emancipara o reino de servidões e começara a sujeitar os reis vizinhos.

duzentos e cinquenta mil homens, dez mil elefantes de peleja e de carga, porque é este o reino em que há maior cópia deles que em parte alguma. E pode juntar um conto de homens, ficando-lhes todas as fronteiras, em que tem posta gente de guarnição, providas do seu ordinário . E se quisesse levar gente dos outros reinos de que é senhor, não teria conto; mas por constituição está assentado não trazer nos seus exércitos senão sòmente dos próprios siames.

Pelo meio deste reino corre um poderoso rio chamado Menão, que na sua língua quer dizer «Mar das Águas»; e nos seus confins atravessa outro, dos mais notáveis deste Oriente, chamado Mecon, que é o mesmo que «Capitão das Águas», porque traz tanta cópia delas que, quando vem sair ao mar, antes de sair a ele, retalhando a terra por muitas partes, faz um lago de mais de oitenta léguas em comprimento, com que fica dividindo os dois reinos o de Camboja pegado com o de Sião pela parte marítima da pequena enseada, e o de Choampá que fica no Oriente dele.

A gente de todos estes nove reinos de Sião é idólatra; e quase em todas as cousas da sua crença se conformam, por tudo ser trazido da religião da provincia de China que já foi senhora destes estados. Entre muitas patranhas têm algumas verdades que parece tomaram da pregação do apóstolo S. Tomé, que também pregou neste reino. Porque têm que Deus é criador do céu e da terra, e que dá glória às almas dos bons e inferno às dos maus, e que a alma do homem, a qual crêem ser imortal, tem nesta vida dois espíritos: um que a guarda, outro que a tenta. É gente mui dada à sua religião, e tem muitos e mui magníficos templos nos quais tem muitos ídolos de figuras de homens, os quais dizem estar no céu porque viveram bem na terra, e que têm suas imagens por lembrança, mas não que as adorem nem tenham por deuses. Seus templos são grandes e sumptuosos; e cada rei, em tomando posse do reino, tem por costume começar um templo em que gasta muito, porque todo é cosido de ouro e azul.

Os sacerdotes são muito estimados de todos, e tão honestos que dentro nas oficinas das suas casas não pode entrar mulher. Seu vestido é como dos talapois de Pegu, comprido até os artelhos, de cor amarela, e atravessada uma vira de pano comprida ao modo das nossas estolas. Andam rapados e descalços; e na mão um abano de papel grande com que se defendem do sol e cobrem o rosto da gente que passa por eles. Têm muitos jejuns pelo discurso do ano, particularmente em um tempo em que geralmente concorre todo o povo aos templos a ouvir sermões ao modo que nós costumamos em Quaresma. São muito doutos ao seu modo, porque não sòmente estudam nas cousas da sua religião, mais ainda na revolução do céu e dos planetas e nas cousas de filosofia natural. Têm que o mundo teve princípio e há-de ter fim por fogo, e que houve dilúvio geral, dando-se
1067 muito à teologia // e tudo fazem com eleição do tempo, e são grandes feiticeiros.

A terra a que pròpriamente chamamos Sião, que é reino por si distinto dos outros que, como dissemos, são da sua jurdição, é toda um campo raso que tem de comprimento e largura mais de cem léguas, e em todo ele não há serra ou outeiro algum, salvo para uma parte do mar onde há algumas serras pequenas a modo de ilhas. Toda esta terra rasa se alaga todos os anos com as águas que descem do reino Jangomá que lhe fica pelo sertão dentro dois meses de caminho. E cresce tanto a água sobre esta terra de Sião que parece no tempo dela [?] (2) de Espanha, havendo em qualquer parte duas braças de água e às vezes mais, de maneira que seguramente podem navegar por todo o reino de Sião, no circuito que temos dito, naus e galés. E o que é mais de espantar poderem os animais domésticos com que aquela gente se serve, estar quatro meses em sobrados, feitos de madeira, sem deles ousarem sair fora por toda a terra estar alagada. Começam a encher as águas no mês de Agosto (e porque naquele reino é verão) e dura até o mês de Janeiro que torna a água a descer, e em todo este tempo estão os sobreditos animais em grande paz e conformidade, sendo de sua natureza uns contrários aos outros, como cães, gatos, porcos, bois, cavalos, búfaros, cabras e galinhas, todos juntos e de mistura; senão por falta de lugar, os cães estão em cima dos bois juntamente com os gatos.

É também cousa notável neste tempo que a terra toda está alagada, ver como a sementeira do arroz que naqueles campos está semeado, vai crescendo juntamente com a água, levando sempre o arroz a ponta ou espiga fora da água, e assim tanto cresce quanto cresce a água. E pelo tempo da sega o vão segar os lavradores em embarcações, e nelas andam segando em grandes bandos. Assim por razão destas águas é este reino do Sião mui abundante de mantimentos, os quais saiem dele para outros muitos reinos. É mui grande a quentura no tempo do verão, como também insofrível o frio no do inverno. A calma é comummente do mês de Fevereiro até o de Setembro, e o frio de Setembro até todo Janeiro; e no meio destes frios grandíssimos vão as mães que parem naquele tempo lavar os filhos em nascendo (e daí por diante) no rio, cuja água está fria como caramelo e a gente grande se não pode valer com o frio.

Há neste reino muitas vacas, das quais os naturais não costumam tirar leite, antes o estranham muito se o vêem fazer, dizendo que quem o come, bebe o sangue delas, o que para eles é cousa mui nojenta e que lhe causa asco. Nos matos e campos que se não cultivam, há muitos animais bravos, como tigres, elefantes, badas e búfaros, os quais são tão ferozes que, com medo deles, a gente que caminha por aquelas paragens, dorme de noite em cima das árvores das mais altas e grossas que acham, e se vê logo rebanhos de seiscentas vacas bravas juntas. E destes rebanhos há muitos, e outros tantos de búfaros bravos.

---

(2) Não foi possível ler ou conjecturar a palavra do manuscrito.

1068 Há também grande abundância de veados // e se acham rebanhos de mais de mil juntos, cuja coirama é boa veniaga para capas, e dela carregam muitas embarcações.

Com este reino de Sião ser um dos grandes do mundo e de muita e infinda gente, uma própria pessoa não pode andar por ele sem chapa e muito menos sem ela sair fora do reino, o qual é todo cortado, como dissemos, de rios caudalosos de água doce nos quais se criam muitos largatos, muitos deles de duas braças de comprido. Os matos dão muito sapão, que é como o pau vermelho do Brasil. Há também muito marfim, pela abundância dos elefantes que nestes matos se criam. O rei tem estrebarias de muitas badas e tigres mui grandes. É gente de cor baça. As mulheres neste reino trabalham tanto como os homens, porque também lavram os campos, cavam, remam as embarcações e navegam pelos rios em navios sem ajuda de homens e até de [?] (3) servem. E assim os escravos que deste reino trazem os portugueses, são de melhor serviço que todos os mais.

---

(3) Palavra que não foi possível ler.

DA CIDADE ODIÁ METRÓPOLE E CABEÇA DESTE REINO SIÃO E DOS RICOS PAÇOS REAIS QUE NELA HÁ E DO RESPEITO COM QUE SE TRATA O REI

CAPÍTULO 90

A cidade metrópole e cabeça do reino Sião se chama Odiá, e é uma das mais notáveis cousas que nele há (1). Está situada em campo raso, e dista do mar algumas quarenta léguas. É toda redonda e murada, e terá de circuito duas léguas. As casas são todas de madeira, cobertas de telhas. A cidade é toda por dentro cortada de rios, por os quais se anda toda (como outra Veneza) em embarcações, das quais haverá nela passante de trinta mil, por nelas se fazer o serviço todo no tempo que está a cidade alagada. Há porém algumas ruas entulhadas nas quais não chegam as águas no tempo que o reino todo está alagado, como o são também os paços reais, e os troncos e cadeias públicas e o bazar grande, e sòmente estas sobreditas cousas se não alagam; porém, tudo o mais se cobre da água, e por este respeito todas as casas são de sobrados mui altos.

Aformosentam-na muito os muitos templos que tem dentro de si, os quais são de tijolo e chunambo, e são tantos que quase é a terça parte das casas, e muitos deles são dourados e com muitos lavores. E ao redor do templo, da banda de fora, muitas pirâmedes grossas e altas, e todas douradas; e por serem tantas e reverberar o sol nelas se vêem de muito longe. E cada templo tem sua cerca com o muro, feita de tijolo e chunambo com suas ancas (?). Dentro da cidade há dois bazares todo o ano, um em terra e outro no rio em embarcações de que há grande número, como fica dito, e assim num como noutro se vendem todas as coisas necessárias em muita abundância. As ruas todas se fe-

---

(1) Fr. Paulo da Trindade no que respeita às actividades de fr. André do Espírito Santo no Sião aproveitou informações por ele escritas, como refere adiante no cap. 95. Possìvelmente são dessas informações os elementos que utilizou nesta descrição da cidade de Odiá, tão opulenta em relação por exemplo à que dá Couto (*Década VI*, l. 7, c. 9, pp. 123-128). Odiá é a actual Ayuthia,

cham de noite, e ningém pode àquele tempo andar por elas sem fogo aceso, sob pena de ser morto como ladrão.

1069 A prima noite se tange um sino muito grande // para que todos apaguem o fogo em suas casas, e o que não o faz, é castigado com graves penas. E a casa que acerta de tomar fogo, quer seja por desastre quer de qualquer outra maneira, toda a gente dela tem pena de morte. E tem-se este rigor nisto, porque, como as casas todas sejam de madeira e estejam contíguas umas com as outras, tomando uma fogo arrisca-se a se queimar toda a cidade. Tem da banda de fora um mui caudaloso rio de sete braças que a cerca toda em roda, do qual rio entram muitos regatos por diversas partes da cidade, e é de tanta água que, indo descendo pelos campos, vem contestar com o muro da cidade; e ali, entrando na cava que parece foi feita por indústria humana para este efeito, se reparte em duas partes, as quais correndo ao longo de todo o muro, se vão outra vez juntar no lugar mais baixo e daí vão fazendo sua derrota para o mar. E por razão desta cava, com dificuldade poderá esta cidade Odiá ser tomada por cerco nem tão pouco por assalto. E se a gente fora de mais ânimo, nunca se tomara, por ser, por respeito deste rio que a cerca toda, quase inexpugável. Mas quanto tem ela de fortaleza, tanto menos ânimo têm os seus moradores.

Da barra principal deste reino à cidade Odiá haverá cinco dias de caminho pelo rio dentro em embarcações bem esquipada; e quando a terra está alagada, menos dias bastam, porque atravessam pelo meio dos campos e não dão voltas. Nesta cidade, a qual, além da cava que dissemos, está toda cercada de muros, diz-se que há dentro dela quatrocentos mil fogos. É de muito tráfego e trato por concorrerem nela muitos mercadores estrangeiros de diversas partes do Oriente que vêm ali a fazer sua contratação. E quando há guerra, só esta cidade lança de si cinquenta mil homens de peleja. Há nesta cidade muitas festas no ano, as quais se celebram com muito aparato. Uma delas se faz no rio Menão, onde se ajuntam mais de três mil barcos, os quais se partem em dois bandos, e depois de irem todos à força de remo a um certo posto, o que primeiro a ele chegar, tem certo prémio. O que acabado, entram na peleja uns contra outros; e a esta chamam eles festa do mar. E a da terra é de se encontrarem a cavalo e em elefantes e pelejarem a pé, de espada e rodelas, uns com os outros, e alguns vão em animais bravos, como tigres e búfaros de mato. E alguns condenados à morte são lançados a elas; e [se] ficam com vitória, além de lhe El-Rei perdoar a vida, lhe faz outras mercês.

Os paços reais que nesta cidade tem El-Rei, são mui sumptuosos e magníficos, e se poderão ter por uma das maravilhas do mundo, porque ainda que sejam de madeira, seu feitio e arquitectura é obra mui notável para ver, porque estão feitos e repartidos em cinco torres altíssimas sobremaneira, as quais se vêem e divisam ao longe muitas léguas, e estão postas a modo de quinas, duas de uma parte e duas de outra e uma no meio; e de umas a outras há varandas e corredores

pelos quais se servem. E são feitas de obra de macenaria, e pela banda de fora estão feitos muitos gigantes e elefantes, tigres, leões e outras muitas figuras de espantável grandeza, as quais com maravilhoso artifício ficam servindo de paredes das mesmas torres. E o que mais lustro dá a esta obra, é o muito ouro de que está esmaltada. Cada torre é de dez sobrados, havendo de uma a outra grande distância; a telha com que está telhado o remate do coruchéu, de cima é de calaim que ao longe resplandece como fina prata. As varandas que dissemos havia nestas torres, estão na mesma // conformidade ricamente 1070
lavradas e com muitas figuras esculpidas da mesma madeira, e tudo dourado.

E à roda destes paços estão muitos castelos, todos pintados e dourados, e neles se agasalham os elefantes mais prezados e estimados do rei, os quais são servidos com tanto cuidado como se foram criaturas racionais. E quando algum elefante destes vai fora a lavar o corpo ou a qualquer outra coisa, vai debaixo de um pálio branco com sombreiros e gente de estado diante. E para que todos se afastem do caminho, vai muito diante um homem em cima doutro elefante tangendo uma trombeta. E leva finalmente tal aparato, que muitos reis o não têm semelhante. O porteiro-mor destes paços reais é de ordinário o Rei de Tanaçarim, senhor de muitas terras e vassalos, o qual ainda se tem por bem-aventurado de merecer ter aquele ofício na casa do rei de Sião.

Junto às torres está a sala real, a qual é muito grande e espaçosa e tem um sobrado de muita altura. Aqui toma El-Rei as embaixadas que contìnuamente a ele vêm doutros reis, assim seus vassalos como vizinhos e amigos. Está esta sala toda cosida em ouro por dentro e por fora, e no mais alto dela está uma charola e assento todo de ouro e pedraria feita com tanto artifício que põe espanto a quem a vê. Aqui se assenta El-Rei sem que possa ser visto dos de fora, por ter uma reixa ou grades muito finas de ouro diante de si. Sòmente lhe fica aparecendo às vezes a touca da cabeça; e para que os embaixadores o vejam, uma só vez chega o rosto a reixa onde se deixa estar por espaço de um *Pater Noster;* e se falar cousa alguma corre umas cortinas de seda que por dentro tem, e assim se recolhe. Desta maneira recebe os embaixadores da primeira vez que lhe vêm a falar, estando assim eles como todos os reis e senhores que na sala se acham, em um sobrado alevantado do chão dois côvados, que fica fronteiro à charola de El-rei, prostrados com os rostos em terra e as mãos alevantadas por cima da cabeça. E desta maneira é reverenciado e adorado o rei de Sião.

E para mais ornato e autoridade, são também ali trazidos muitos elefantes dos melhores que El-Rei tem. E fora das cercas dos paços estão muitos mil homens postos em ordem com suas armas. Estão estes paços cercados com três cercas ou muros, e o que está mais junto a eles, é de muita altura. E nas portas têm muitas figuras feitas de macenaria, e de uma parte e de outra, como em guarda delas, têm muitos

leões, tigres, serpentes e alguns gigantes com suas maças, tudo feito de pedra mármore e de muita grandeza. E é tanto o respeito com que se quer tratado o rei de Sião, que não pode pessoa alguma, qualquer que seja, ainda que rei, aparecer ainda longe da cerca de seus paços com sombreiro nem a cavalo. E assim os princípes e senhores quando querem ir ao paço, muito longe dele deixam seus estados e ainda despem os vestidos ricos que trazem, e cingem ao longo de si um pano de pouco preço, o qual vestem ou amarram tão justo como se houvessem de lutar; e desta maneira entram pela porta do paço. E logo à entrada dele se debruçam no chão e alevantam as mãos sobre a cabeça, que é a cortesia que lhe fazem. E indo mais adiante, no meio do terreiro fazem outra vez a mesma reverência prostrados em terra. E sempre vão andando quase de gatinhas até chegarem de frente do lugar onde El-Rei sai a falar. E ali terão outra vez a prostrar-se por terra, ficando assim sentados no chão.

1071 Esta cerimónia fazem todos os // reis e senhores e toda a outra gente que entram no paço, tirando os seus sacerdotes, porque estes não fazem nada disto por serem tidos até do Rei em muita veneração. É cousa também notável ver naqueles paços tantos mil homens de diferentes nações e todos com um tão grande silêncio que nem uma palavra se ouve, porque nem falar podem e nem ainda tossir. E finalmente tem por grandeza o rei de Sião não dar mostra de si ao povo mais que duas vezes por ano; e ambas o faz com grande majestade e aparato, assim de riqueza como de poder. Conhece porém superioridade, por via de vassalagem e tributo, ao rei de China, o qual foi já noutro tempo senhor de todos estes reinos.

COMO O REI PRETO DE SIÃO, POR SOBRENOME O CRUEL, MANDOU PEDIR A MALACA FRADES DE S. FRANCISCO PARA MORAR EM SEU REINO E FOI MANDADO PARA ESTE REINO O PADRE FR. ANDRÉ DO ESPÍRITO SANTO

CAPÍTULO 91

Deste Rei Preto de Sião temos já atrás dado alguma notícia, porque este foi o que desbaratou os três potentíssimos exércitos de el-rei de Pegu e lhe matou em guerra o príncipe seu filho, com o que deu ocasiões a tal ruina daquele reino e rei [1]. Este, pois, acabado de alcançar essas e outras vitórias, se recolheu para o seu reino de Sião e tratou de pôr em boa ordem as cousas dele, porque estavam algum tanto desconcertadas, assim por razão das guerras passadas como pela muita frouxidão de el-rei seu pai que os tinha governado antes dele.

A primeira cousa que fez para esta reformação, foi tirar os cargos do governo e justiça a todos os grandes que em tempo d'El-Rei seu pai os tinham, e ainda aos mais deles mandou matar, pelas tiranias que tinham feito, dizendo que ele, sendo príncipe, os tinha conhecido muito bem. E proveu com os ofícios homens baixos, alevantando-os e fazendo-os grandes para que tudo estivesse forte na sua mão. Depois disto, porque naquele reino havia muitos ladrões e tantos que não ousava a gente passar duma cidade a outra porque logo eram assaltados no caminho e mortos e roubados, de maneira os perseguiu que os extinguiu de todo, porque a todos tirou a vida, sem perdoar nunca a algum por pequeno que fosse o furto.

E para saber se haveria no seu reino quem se levantasse contra ele, quis fazer a experiência disto em dois irmãos que sòmente tinha, um bastardo e outro legítimo, chamado o Príncipe Branco, dos quais sòmente podia arrecear algum alevantamento. E a experiência que neles tomou, foi na maneira seguinte: Ao irmão bastardo mandou um dia

---

(1) Veja-se acima, cap. 74-75.

prender e pô-lo na cadeia pública e onde se punham os malfeitores, onde esteve alguns dias, os quais passados o mandou soltar. E logo em se vendo solto, se veio ao paço a fazer sumbaia aos pés de El-Rei seu irmão, como é costume naquele reino. E entrando no paço, achou que estava o Rei já recolhido por ser tarde; e assim se foi para sua casa sem o ver, com intenção de muito de madrugada tornar ao paço a fazer sua sumbaia. Porém primeiro que ele, madrugaram os algozes, aos quais mandou El-Rei que fossem a sua casa e lhe cortassem a cabeça, dizendo que ele não viera a fazer a sumbaia por estar agastado
1072 // pela prisão, e que quem com tão leve ocasião se agastava contra o seu Rei, muito melhor o faria com outras cousas maiores, e por isto que era bem não vivesse. E assim foi o pobre descabeçado sem culpa alguma.

Ficava por examinar o Príncipe Branco. E deixando passar muito tempo com que pudesse estar menos lembrado o que com o outro irmão tinha feito, estando ele um dia no paço com todos os grandes do seu reino e tendo o príncipe seu irmão aos pés, como é costume, por mui leve ocasião lhe deu uma grande bofetada no rosto e com muito agastamento o lançou de si. Recolheu-se o Príncipe Branco com esta injúria, parecendo-lhe ser-lhe naquele dia feita uma grande mercê por El-Rei seu irmão, por se satisfazer com tão leve castigo, posto que dele pouco merecido, porque segundo era cruel, muito fàcilmente lhe pudera tirar a vida. Passados dois dias o mandou chamar El-Rei; o qual vindo se foi assentar a seus pés, lugar acostumado, e ali lhe fez a sumbaia. Estava El-Rei neste tempo comendo uma romã, e, partindo-a, deu a metade ao príncipe para que a comesse. E tomando-a com muita alegria e bom semblante, a comeu. O que visto por ele, entendeu o bom ânimo do príncipe seu irmão, pois tão pouco sentia a bofetada que lhe tinha dado. E assim, parecendo-lhe que estava seguro de em algum tempo se levantar contra ele, com muito contentamento desceu do trono donde estava e se veio a ele e o levou nos braços, dizendo que bem mostrava ser seu irmão e que como a tal sempre o havia de amar muito. E assim daí por diante lhe quis sempre muito e lhe deu um estado quase igual ao seu, e mandou que fosse chamado «rei pequeno», como o foi sempre até por sua morte lhe suceder no reino, como lhe sucedeu, por falecer sem filhos porque não teve mais que uma filha a qual casou com seu irmão.

E porque tinha alcançado muitas vitórias, conquistando muitos reinos como o de Saveiares, Tavei, Muaxiartão, os quais eram da jurdição do rei Bramá do Pegu, os quais todos conquistou com pouco trabalho depois da morte e destruição do Bramá, pondo em as cidades principais delas capitães seus com gente de guarnição bastante, veio a ensoberbecer-se de maneira que lhe pareceu que podia ser senhor de todo o mundo. E assim, tendo destruído o reino de Camboja e posto nela rei de sua mão, mandou seus embaixadores a todos os reis camarcões, como o de Jangomá que era irmão do rei Bramá do Pegu, o de Lancham e

outros muitos, aos quais fazia saber como ele tinha com a força de seu braço restituído o reino de Sião ao estado antigo que sempre tivera de ser império, pelo que todos o deviam de reconhecer por senhor e pagar-lhe tributo, como antigamente faziam os reis seus vassalos tributários. E que o que assim fizesse de boa vontade, ele lho agradeceria muito e lhe faria mercês; como também aos que desobedecessem, havia de fazer provar a golpe de sua espada.

Eram tantas as vitórias deste rei e sua fama estava tão estendida por todas aquelas partes juntamente com se saber dele que era crudelíssimo, que houveram todos estes reis de vir no que ele queria. E assim lhe mandaram seus embaixadores com grandes presentes, dizendo que eles eram contentes de conhecer a ele por senhor e ao reino de Sião por império, a quem serviriam todas as vezes que fosse necessário; e tudo com algumas condições que apontaram, que o Rei de Sião aceitou e prometeu guardar. Com esta obediência destes reis // tomou logo as insígnias de imperador, e como tal se fez **1073** tratar de todos.

Acabadas estas cousas, que todas foram efeitos de sua muita prudência e esforço, e redundavam em grande glória sua, se deu por satisfeito e, recolhido na sua cidade Odiá, começou a governar seu reino e dar-se a todos os regalos e deleites de vida. E vendo que havia dois ou três anos que não vinham os Portugueses a Sião, o que fariam por se arrecearem dele por certo desconcerto que lá tinham feito alguns deles havia pouco tempo, pareceu-lhe que faltando-lhe eles faltava grande parte da sua glória, por muito que os estimava por os conhecer por gente esforçada e de muito primor e fidelidade; e pelo interesse que seu reino tinha com o trato de Malaca e China, determinou de os mandar chamar para que tornassem a correr o seu comércio como sempre costumaram.

E para os obrigar mais a isso, mandou juntamente pedir frades de S. Francisco de que ele já tinha muita notícia assim por alguns que moram já em Sião, como pelos que ele tinha trazido de Camboja quando conquistou aquele reino, como adiante no seu lugar se contará (²). E com esta resolução mandou uma carta de ouro a Malaca e ou-

---

(²) Ao que conste, os portugueses ainda em 1579 não tinham empreendido a evangelização do Sião. Pode ser que aos Franciscanos de Manila, na tentativa feita em 1579 de entrar na China, simplesmente os movesse o zelo apostólico; todavia o que é certo é que aquele seu surto de zelo coincidia com sondagens de penetração comercial que os espanhóis pretendiam fazer numa zona que julgavam pertencer-lhes, conforme os acordos internacionais. Respondendo a carta que fr. Pedro de Alfaro lhe escrevera de Cantão, o governador de Manila dizia-lhe em 17 de Maio de 1580: «Bien quisiera que vuestras mercedes se vinieran; mas en el ynterin, siempre nos avisarán de lo de alla, y si oviere platica con los governadores de China, será açertado saber si holgaran vamos allá a contractar como los de Siam» (em AIA, 4 (1915), 235). Sião já fora sondado e respondera afirmativamente que folgava contratar com os espanhóis de Manila. Neste ambiente de simpatia, acudiram os Franciscanos apenas puderam.

tra mandou à China, na qual pedia ao capitão e à cidade lhe mandasse para morar no seu reino padres, e que fossem daqueles que vestem o hábito grosso e se cingem com uma corda, aos quais prometia fazer muitas honras e mercês, e juntamente que fossem portugueses, como sempre costumavam fazer (3).

1582, no final do ano, foram destacados desde Macau para o Sião fr. Agostinho de Tordesilhas com fr. João Pobre. Porque fr. Agostinho foi acometido de doença grave, ao fim de dois meses regressaram a Macau a conselho dos portugueses que ali moravam (AIA, 3 (1915), 33).

1583. Tendo chegado a Macau grupo de 8 Franciscanos saídos de Manila em 1 de Maio, três deles seguiram para o Sião: Fr. Jerónimo de Aguilar, fr Francisco de Montilha e fr. Diogo Jiménez. Foram bem acolhidos; mas ao fim de 9 meses, sobrevindo invasão do bramá do Pegu, retiraram para Manila a informar das possibilidades da missão desde que voltasse a paz (*ib.* 25, 33-35). Derrotado o Bramá não houve por então oportunidade de regresso dos missionários de Manila, e entretanto o breve *Dum ad uberes fructus* de 15 de Novembro de 1586 (em *Annales Minorum*, 22 (Quaracchi 1934), 389-391) que criou a Província de S. Gregório das Filipinas concedia aos frades da Custódia faculdade de evangelizar e fundar casas nas Filipinas e na China mas de modo nenhum «nos reinos e províncias de Malaca, e Cochinchina e terras de sua jurisdição» por estarem já destinadas «aos padres da mesma Ordem que foram a fundar ali outra Custódia pela via de Portugal», diz Filipi I de Portugal (*ib.* 402-405).

1593. O rei de Sião invadiu Camboja e derrotou-a; e entre os prisioneiros que dali levou, contavam-se três Franciscanos cujos nomes, conforme adiante no cap. 98 se diz e Soledade (*História Serafica*, 3 572) repete, seriam fr. Gregório, fr. António da Madalena e fr. Damião da Torre. E foram eles os primeiros missionários franciscanos portugueses que entraram no Sião. Lourenço Pérez, interpretando documentos que transcreve, opina que foram mortos pelos siameses. Não interpretou bem. Os padres cuja morte o documento refere, não têm que ver com os prisioneiros trazidos de Camboja (*ib.* 36, veja-se também adiante, cap. 98, e fr. António da Piedade *Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 661-665).

1596. Caídos nas mãos dos piratas quando de caminho para Espanha, fr. Pedro Ortiz Cabezas e fr. Pedro dos Santos, foram entregues ao rei de Sião que mandara lhe fossem levados todos os portugueses apanhados nos seus portos, por motivo de represálias. Como provaram ser espanhóis e não portugueses, foram soltos e mandados numa embaixada ao governador de Manila. No caminho uma tempestade arrastou-os a Camboja onde, apesar de bem recebidos pelo rei, ambos foram mortos (*ib.*, 36-38, e veja-se adiante o cap. 97).

E eram estas as notícias que o rei de Sião tinha dos Franciscanos.

(3) Para datar este pedido feito pelo rei de Sião, há os seguintes elementos: a) Era capitão de Malaca Fernão de Albuquerque (foi para ali despachado capitão em Abril de 1600, conforme Couto, *Década XII*, l. 4, c. 13 pg. 434); b) Malaca estava *sede vacante* ou assim ficou pouco depois, conforme se deduz do que vem adiante no cap. 96 (houve *Sede vacante* em Malaca de 1601 a 1605, desde à morte do bispo D. João Ribeiro Gaio até nomeação de sucessor como se pode ver em Fortunado de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal*, 3 (Parte II), 1030); c) era Custódio de Malaca fr. Diogo da Conceição (não consta quando foi o segundo período de governo deste Custódio); d) o dominicano fr. Jorge da Mota já regressara a Malaca, mas no Sião ainda se não sabia da sua morte na viagem, como se deduz do que vem adiante, no cap. 93 (Fr. Jorge da Mota, com outros com ele aprisionados em Camboja e trazidos ao Sião «escreverão ao Vigário Geral da Congregação, que então era o padre frey Hyeronimo de S. Domingos, pellos annos de 1599, significando-lhe a vontade

Era capitão de Malaca neste tempo Fernão de Albuquerque, que depois foi governador da Índia por morte do vizo-rei D. João Coutinho, conde de Redondo, o qual e a cidade folgaram muito com esta carta por ver que se lhe desempedia aquele reino de Sião para poderem para lá os Portugueses fazer o seu comércio, e muito mais para dele se prover aquela cidade de mantimentos, dos quais tem de ordinário tanta falta que havia pouco tinha sucedido que, em breve tempo, morreram nela passante de duas mil almas de fome e chegaram a comer, os mesquinhos da terra, carne humana em um cerco que, sendo capitão daquela fortaleza João da Silva, lhe pôs el-rei de Jor com bem pouca gente pela banda do mar, defendendo-lhe os mantimentos, que de fora lhe vêm, por ser em tempo que não havia monção para poder vir a armada da Índia (4). Assim que por este respeito padece aquela fortaleza muitas necessidades, e naquela ocasião muitas mais por lhe ter faltado Pegu que estava destruída e Jaoa que toda ardia em guerras. E assim não havia outro remédio donde lhe pudessem vir mantimentos senão de Sião, que é mui abundante deles, como temos visto.

E assim se determinou que fossem lá portugueses, e com eles os nossos Religiosos, pois a eles só queria o rei; e o significaram ao P. fr. Damião da Torre (5) que era Comissário de Malaca e tinha ficado em lugar do Custódio que então era o P. fr. Diogo da Conceição que era ido à China a visitar o convento que também lá tem a nossa Ordem. E posto que eram poucos os Religiosos que então estavam em Malaca, se assentou por todos que fossem pelo menos um a Sião, assim por satisfazer a devoção que o rei mostrava ao nosso hábito, pois sòmente os nossos frades pedia, como também por ver que se abria caminho para se poder pregar o santo Evangelho num império tão grande como era Sião, onde se podia dar notícia da nossa Fé a tantos contos de infiéis como há naquele reino e em outros que lhe estão sujeitos; e outrossim pelo grande

---

que o rey de Sião mostrava de os ter em sua companhia, pedindo-lhe que mandasse outros que substituíssem sua falta, o que elle fez, no anno 1600, mandando aos padres frey Hyeronimo Mascarenhas e frey Pedro Lobato que não paçarão de Malaca, por acharem nova que o padre Silvestre tornara para Camboja e que o padre frey Jorge de Mota falecera no mar, vindo por embaixador do rey de Sião pera o capitão de Malaca», em fr. Jacinto da Encarnação, *Summaria Relaçam*, publicada em *Documentação*, 7, 416-417, 461). De tudo isto se conclui que a missão de fr. André do Espírito Santo caíu entre 1601 e 1605, e que o pedido do rei é de pouco antes da missão.

(4) João da Silva foi despachado para a capitania de Malaca em 1585, e as dificuldades havidas com o cerco do Achém foram em 1586 (Couto *Década X*, l. 6, c. 5, pg. 37; l. 7, c. 12, pp. 205-213).

(5) Fr. Damião da Torre era sobrinho do fr. Damião da Torre, duas vezes Provincial da Província da Arrábida, Comissário Geral da Ordem Franciscana em Portugal pela aceitação em que o tinha o cardeal D. Henrique e apeado do cargo por ordem de Filipe I de Portugal (veja-se sua biografia em fr. António da Piedade, *Espelho de Penitentes e Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 754-763). Passou à Índia no grupo de Capuchos que em 1584 foi fundar a Custódia de Malaca. Das suas actividades apenas se sabe a cristandade que fez em Camboja e Sião (veja-se adiante, cap. 98. Comemora-o também Soledade, *Historia Serafica*, 3, 572).

1074 // proveito que resultava àquela fortaleza de Macau ter aquele rei por amigo, para poder por seu meio ser socorrida de mantimentos; e finalmente por haver naquele reino de Sião muitos cristãos assim portugueses como da terra, os quais havia muitos anos que estavam lá cativos sem terem quem lhes administrasse os sacramentos e ensinasse as coisas da nossa santa Fé, de que estavam bem faltos pela comunicação de tanto tempo com os gentios, cujos costumes se lhes iam pegando, correndo por isso muito risco a salvação de suas almas.

Assim que por estes e outros justos respeitos se determinou que fossem frades nossos àquele reino, e foi logo de entre todos eles escolhido o P. fr. André do Espírito Santo ([6]), religioso de mui aprovada vida e mui exemplar, que por serviço de Deus e de Sua Majestade aceitou de boa vontade aquela peregrinação. E se ordenou que por então fosse ele só por haver penúria de Religiosos, que, como ele lá estivesse, de cá o proveriam de companheiros. E como se fosse chegando o tempo de partir, começou o Padre a se prover de tudo o que lhe era necessário, não para a sustentação humana porque dessa estava ele descuidado por se ter entregue à Providência divina, mas do que havia mister para o culto divino. E o convento lhe deu um ornamento muito rico que servia nas festas principais no altar-mor, provendo-o também de farinha e vinho para as missas, ajudando-se para isso das esmolas que lhe faziam alguns devotos que, por saber o para que eram, lhas davam de boa vontade. Com que se proveu de tudo o mais que era necessário, como de cálix, missal, albas e outras coisas semelhantes, que pois se haviam os ofícios divinos de fazer entre os gentios que com tantas riquezas servem a seus pagodes, era bem se celebrassem com toda a limpeza e aparato possível para edificação dos mesmos infiéis. Depois que teve tudo prestes, se embarcou, por ser tempo de monção para aquelas partes, numa nau muito grande e formosa que carregava quatro mil candis, a qual ia ao Sião buscar mantimentos para aquela cidade de Malaca com a embaixada que o capitão Fernão de Albuquerque mandava em nome de Sua Majestade ao Rei de Sião, da qual ia por secretário o mesmo P. fr. André, para tratar com o rei os negócios que visse serem necessários para o serviço de Deus e bem do Estado da Índia e proveito daquela fortaleza, e em particular para assentar com o dito rei de Sião que de nenhuma maneira consentisse que os holandeses fizessem assento em o seu reino, como pretendiam. O que lhe sucedeu nesta viagem diremos no capítulo seguinte.

([6]) Em 1595 havia na Custódia de S. Tomé dois frades com o nome de fr. André do Espírito Santo, um no convento de Cochim outro no da Madre de Deus de Goa (*Tábua de 1595*, 184 e 185). É de supor que seja um deles, e no caso o que era Capucho e morava no convento recoleto da Madre de Deus, o fr. André que missionou nas Molucas (veja-se adiante, cap. 100) e no Sião. Soledade (*Historia Seràfica*, 3, 573-574) dá dele biografia que resume a do texto; fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 275-298) traça-lhe biografia larga mas não segura; também fr. António da Piedade (*Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 663-665) recorda esta sua ida ao Sião.

DOS GRANDES TRABALHOS QUE NESTA VIAGEM DE SIÃO PADECEU O P. FR. ANDRÉ DO ESPÍRITO SANTO

CAPÍTULO 92

Dos que se ocupam em servir a Deus e põem nele suas esperanças, diz o profeta Isaías, cap. XL, que mudarão a fortaleza e tomarão asas como águias, e correrão sem cansar e andarão sem desfalecer: *Qui autem sperant in Domino, mutabunt fortitudinem, assument pennas sicut aquilae, current et non // laborabunt* (1), *ambulabunt et non deficient.* 1075
Tomar asas como águia quere dizer, diz Vatable, renovar-se nas forças à maneira desta ave da qual dizem os naturais que em cada dez anos se remoça, deixando as penas velhas e tornando a tomar outras novas; e mudar a fortaleza é o mesmo, explica aqui o nosso Lira (2), que dizer que naqueles que se ocupam em servir a Deus é tão poderosa a sua graça que, de débeis e fracos para sustentar trabalhos, os tornam fortes e valentes para poder fàcilmente com eles; e por isso se segue que correrão sem cansar e andarão sem desfalecer.

Quando este Religioso cometeu esta empresa não era mancebo nem de muitas forças, antes quebrado e tão débil e fraco e com a muita penitência tão consumido, que não parecia ter mais que a pele sobre os ossos. E os trabalhos que neste caminho teve, assim por mar como por terra, foram tais que puderam cansar qualquer pessoa robusta e forte (3). Aquele, porém, que remoça as águias, o remoçou de maneira que fàcilmente pôde com o peso de todos eles, não havendo coisa que o cansasse e fizesse desfalecer, ajudado da graça divina. Este caminho de Malaca a Sião de ordinário se faz em oito dias; mas nesta viagem de que hemos de tratar, foram tão contrários os tempos que puseram sete meses, em que todos passaram muitos trabalhos de fomes e sedes

---

(1) *Isaías* 40, 31.

(2) Fr. Nicolau de Lira, exegeta teólogo franciscano (c. 1270-1340), cursou a Universidade de Paris e publicou *Postilae perpetuae seu praevia Commentaria in universa Biblia*, editada em Roma, 5 vols. 1472, e depois muitas vezes reeditada.

(3) Fr. Paulo da Trindade, como já se disse, no que respeita às actividades de fr. André do Espírito Santo no Sião, aproveitou informações por eles escritas.

e viram muitas vezes a morte diante dos olhos. Ajudou também muito para ser esta viagem tão trabalhosa como foi, o ir a nau mal provida do necessário, coisa que muitas vezes vemos na Índia, assim por ano se perdem nela muitas naus, porque não levavam boas velas nem bom piloto, o qual não sabia bem aquela carreira. Em vez de ir sempre costeando à vista da terra, se afastou dela de feição que quase a perdia de vista. E tendo já andado alguns dias lhe sobreveio um temporal tão grande, que estiveram a pique de se perder. Porque como o vento era travessão e mui forte, levou a nau à costa de Camboja. E como não visse diante de si senão serras que lançavam muito ao mar rochedos de grandes penedias em que o mar quebrava com muita fúria, foi-lhes necessário surtir(?) com todas as amarras que levava. Mas era tal a força do tempo e os mares tão furiosos que, no primeiro balanço que a nau deu, quebrou as amarras todas e começou a desaparelhar-se das enxárcias, as quais todas, com os balanços da nau, se fizeram pedaços. E não ousavam os homens andar por cima do convés, com temor das roldanas e polés que de cima caíam com grande fúria e tinham já esmechados a alguns deles, assim que ficou a nau anhota e o vento que bramava a ia levando sobre os rochedos, onde, se dera, nenhum dos que iam nela podiam escapar com vida. Pelo que todos, vendo o perigo em que estavam, se davam por mortos, sem verem remédio algum mais que do céu, ao qual se acolheram, tomando por valedora a sereníssima Rainha dos Anjos e Nosso Padre S. Francisco.

Vendo o P. fr. André o estado em que estavam, lhes fez uma prática em que amoestou a todos que se pusessem bem com Deus e se confessassem, o que eles logo puseram por obra, não ficando algum que com ele o não fizesse. Feita esta deligência que era a de mais importância, começou o Padre com todos eles a rezar as ladainhas, acompanhando-as com muitas lágrimas e suspiros, parecendo-lhes que cada instante era o derradeiro de suas vidas. Estando todos neste transe continuando as ladainhas, debaixo da coberta por não haver quem se pudesse ter em pé em cima da nau, sobrevindo a noite que era medonha, escu-
1076 ra e cheia de relâmpagos // e trovões que parecia que se acabava o mundo, deu a nau um balanço tão grande que os mastros e os costados dela todo rangeu, de maneira que cuidaram todos que se fizera pedaços sobre os penedos. E com este pensamento aferraram todos, assim portugueses como os cristãos da terra, do Padre, lançando-se aos seus pés, dando gritos e clamores que chegavam ao céu, pedindo a Deus misericórdia. Porém, vendo como todavia que não tocara a nau, tornaram a continuar com as ladainhas, derramando muitas lágrimas, porque se naquela paragem a nau tocara, escusado era buscar remédio para a vida porque nenhum havia mais que o de Deus.

Neste tempo o piloto disse que era o vento mais largo um pouco, que dessem a vela do traquete, posto que rota e espedaçada, para que a nau saísse algum tanto para fora. E assim se fez, o que foi causa de não varar aquela noite. Com isto trouxe Nosso Senhor a manhã, a

qual para os que se viam naquele perigo, foi tão alegre que mais não podia ser, porque ainda que não estavam seguros do naufrágio que os ameaçava, contentavam-se com poder ver cada um como morria. Indo assim caminhando, entre receios e esperanças, muito junto da terra, com determinação de, quando o tempo se não melhorasse, ir varar nela ao pé de uma serra alta que estava pouco avante, onde por o mar quebrar nela lhes pareceu que seria aquele lugar alcantilado, e assim, dando aí a nau, poderiam alguns ir a terra, endereiçaram com a ponta da serra e, estando já bem perto dela, lançaram o prumo e acharam onze braças, e igualando-se mais com ela, descobriram um boqueirão no qual não quebrava o mar como fazia por toda aquela costa, e assim foram entrando nele.

E deram numa enseada pequena, a qual ficava com a mesma serra amparada do vento, e com o mar tão quieto como se fora um rio, o que tiveram por grande mercê de Nosso Senhor. Porque, a não ser assim, a nau se houvera de perder, porque nem amarras tinha com que surgir. E assim tomando o pedaço de uma que ficou mais comprida das que se quebraram, com ele surgiram naquele remanso onde Deus os trouxe milagrosamente, porque em toda aquela paragem não havia outro lugar semelhante. E assim se não fartavam de lhe dar muitas graças, conhecendo ser aquela mercê vinda da sua mão. E se abraçavam os uns com os outros de alegria e contentamento de se verem ressuscitados e fora de tamanho trabalho e perigo, como era o que tinham passado. Tendo surgido por toda a terra desembarcaram todos, assim o Padre como os portugueses, para se aproveitarem do marisco que viam andar pela praia, porque, como a viagem se prolongou tanto, tinham já gastados os mantimentos todos e havia já dias que padeciam todos muitas necessidades por falta deles. Mas como eram muitos os que na nau vinham, de maneira alimparam a praia do marisco que aos quatro dias não havia já de que lançar mão; e assim se aproveitaram de algumas ervas do mato que depois fizeram muito nojo aos que as comeram.

E de feição os apertou a fome que estiveram a ponto de deixarem a nau e, como desesperados, ir-se pelos matos caminhando para Sião, posto que entre eles não havia quem soubesse aquele caminho nem ainda em que // paragem estavam. E sem falta o houveram de fazer, **1077**
se não sucedera no cabo de quinze dias que ali estiveram, aparecerem numa ponta da serra umas embarcações, as quais, tendo vista da nau, se tornaram a meter detrás da ponta da serra. E por ser já quase noite não pôde ir o balão da nau a elas e passaram de largo sem mais serem vistas da nau. Mas posto que não tiveram fala de estas embarcações para se informarem da paragem em que estavam, contudo se alegraram por ver que estavam em parte por onde passavam embarcações. E tendo confiança que passariam outras, esperaram aí mais alguns dias, até que sucedeu na mesma ponta da serra aparecerem sete embarcações, às quais foram logo, tanto que tiveram vista delas, três

portugueses com suas espingardas no seu balão bem equipado para tomarem fala delas e saberem onde estavam.

Chegando às embarcações, souberam como elas eram duma armada que o rei de Sião tinha mandado a Camboja para socorrer o rei que ele lá tinha posto de sua mão, contra o qual estavam os cambojos do mato a que chamam os alevantados. E vinha por capitão destas sete embarcações um mouro de cinquenta anos de idade, mui bem disposto, o qual sabendo que a nau era de Malaca e ia para Sião com embaixada ao rei, se veio chegando a ela e foi surgir ao longo da praia defronte dela. E como a nau estava em extrema necessidade de mantimentos, de aquelas embarcações se proveu de algum arroz, ainda que não de quanto havia mister, porquanto não vinham eles muito providas dele.

O Padre com o capitão da nau e mais portugueses trataram sobre o remédio que teriam para haverem arroz para se sustentarem naquele lugar até vir a monção que lhes servisse, e juntamente se proverem de amarras, porque, com as que se quebraram, ficaram de todo desprovidos delas. E para isto assentaram que era necessário que o Padre fosse naquelas embarcações a Sião e fizesse saber ao rei o modo com que ficava a nau, pedindo-lhe os mandasse prover de mantimentos e de rota para as amarras. E com esta determinação foi o Padre falar com o mouro capitão das embarcações, pedindo-lhe o quisesse levar na sua para Sião. O mouro folgou muito e achou que era alvitre para ele levar o Padre à presença de El-Rei, porque sabia quanto ele folgava de ter padres de S. Francisco em seu reino. E embarcando-se o Padre naquela embarcação, ele o agasalhou no melhor lugar dela; e se embarcaram mais dele sete cristãos, porém pagaram fretes ao mouro. O qual fazendo-se à vela uma manhã ao longo da costa, o tempo que ainda estava rijo não deu lugar para nevegar mais que aquele dia sòmente, no qual chegaram com muito trabalho a um boqueirão onde se recolheram por ser abrigado do vento, e ali esperaram alguns dias até que o tempo deu algum sossego e se fizeram à vela.

E foram correndo quatro dias e quatro noites com vento escasso, no cabo dos quais uma noite sobreveio tão grande tormenta que das sete embarcações se perderam as seis, ficando só a em que o Padre ia, que também esteve a pique de se perder; mas como era maior, teve-se melhor com os mares. E tornando a arribar para trás, se recolheu
1078 numa // ilha que estava perto da terra firme, e ali estiveram alguns dias sustentando-se com marisco sòmente, por não haver outro mantimento. No cabo deles chegaram ali alguns gentios e mouros que a nado se salvaram das ditas embarcações que se perderam, os quais se resolveram de ir dali por terra a Sião, dizendo que, depois de três dias de caminho, havia povoado. Com os quais se quis ir também o Padre e os cristãos que com ele estavam, por ver o tempo tão verde que não dava lugar para a sua embarcação se poder desamarrar daquele lugar, e assim se desembarcou o Padre para fazer aquele caminho por terra. O que nele lhe sucedeu, diremos no capítulo seguinte.

DO QUE NESTE CAMINHO POR TERRA SUCEDEU AO PADRE FR. ANDRÉ DO ESPÍRITO SANTO ATÉ CHEGAR À CIDADE DE ODIÁ, METRÓPOLE DO REINO DE SIÃO

CAPÍTULO 93

Tinha-lhe ao P. fr. André sucedido tão mal a viagem por mar que quis antes fazer este caminho por terra, arriscando-se aos muitos perigos e trabalhos que o ameaçavam, que enfim estes carranca fazem sempre na terra como no mar. E foram correndo pela praia dois dias, e ao terceiro caminharam já pelo sertão adentro e no fim dele chegaram a uma povoação de poucas casas, na qual não havia mais que caçadores de veados, por haver aí grande número deles. E tendo dormido aquela noite, tornaram a prosseguir seu caminho cortando ao direito para diante, de maneira que daquele lugar nem se meteram mais pelo sertão nem declinaram para o mar, indo sempre por matos tão espessos e cerrados que parecia nunca por ali ter andado gente, onde havia muitos animais bravos, como tigres, elefantes, badas e búfaros, os quais de noite faziam tanto ruido que a todos punham em grande medo. E assim para dormirem seguros deles, se subiam às árvores levando para isto suas escadas que fizeram ali dalguns bambus que acharam. E para não cair em baixo com o sono, se atavam às mesmas árvores pelo meio com um morrão.

E este trabalho tiveram quatro noites que dormiram naqueles matos, no cabo dos quais chegaram a uma aldeia grande de lavradores, na qual estava por cabeça um mouro. E posto que no lugar não faltava arroz nem galinhas, contudo, como faltava dinheiro, não havia quem quisesse dar nada de graça nem emprestado sobre palavra, e isto nem aos próprios naturais que iam em aquela companhia. O que vendo o Padre, se foi ter com o mouro que era ali cabeça, e na mesma língua malaia que o padre sabia muito bem, lhe falou e lhe disse como el-rei de Sião mandara pedir de Malaca padres para ter em seu reino, e que ele vindo para Sião a este chamado, fora com tormenta dar nas

terras de Camboja donde viera ter àquele lugar com muito trabalho, e assim que em nome do mesmo rei de Sião lhe pedia e ainda requeria
1079 que lhe mandasse dar o mantimento necessário // e carreta que o levasse dali para Sião, e que, não o fazendo assim, faria disto queixa ao rei.

Não fez o mouro caso deste requerimento, dando por escusas que ele não conhecia ao Padre nem sabia onde vinha nem para onde ia, que lhe mostrasse alguma chapa do rei de Sião, que então o proveria de todo o necessário, que aquele caminho não era de estrangeiros. Vendo o Padre a resolução do mouro e juntamente que já se não podia bulir por lhe incharem as pernas, do caminho, e ele ser enfermo e quebrado das virilhas, que foi mercê de Deus dar-lhe forças para chegar àquele lugar, determinou de se ficar nele e escrever pelos da companhia aos portugueses que estavam em Sião, que fizessem saber a El-Rei como ele ficava mal disposto naquele lugar e lhe pedissem o madasse buscar. Disto teve notícia o mouro, e soube como o Padre queria escrever a El-Rei. E arreceando lhe fizesse isto algum mal, lhe disse que esperasse dois dias que ele lhe negociaria uma carreta para o levar a outro lugar. E logo mandou vir arroz e ovos e algumas galinhas, e proveu de todo o mantimento que o padre e os cristãos que com ele vinham, haviam mister.

E vindo a carreta, o Padre se meteu nela com mais três pessoas dos cristãos que estavam doentes, e com a chapa daquele mouro foram caminhando pelos matos, porém por melhor caminho, no qual pôs o Padre três dias. E no cabo deles chegou a outra povoação pequena, à boca da noite, na entrada da qual estava uma árvore mui grande, ao pé da qual se encostou o padre, por vir moído da carreta. E estando aí um pedaço, começou a acudir toda a gente do lugar a ver o que nunca tinham visto naquela paragem. E entre os mais, veio um gentio, homem já muito velho, e trouxe uma bandeja cheia de arroz branco e em cima um peixe escalado e um guinde de água perfumado ao seu modo, e um molho de paus de alimpar os dentes. E pondo tudo diante do Padre, se debruçou em terra e, alevantando as mãos, lhe fez a zumbaia e cortesia a seu modo.

Espantado o Padre da oferta do gentio, lhe mandou perguntar pelo língoa quem era e porque lhe trazia aquelas coisas. Ele respondeu que era cambojo de nação, e que, estando na sua terra, vira lá padres daquele hábito que pediam esmolas pelas ruas e não queriam tomar dinheiro, aos quais El-Rei fazia muitas honras. E porque era boa gente, por isso lhe oferecia aquela esmola e lhe pedia rogasse a Deus o tirasse daquela terra onde estava e o levasse a morrer à sua. O Padre lhe agradeceu a sua caridade, e em paga dela lhe falou de Deus, dizendo-lhe que, se queria alcançar a perfeita liberdade, havia de conhecer e adorar a um só Deus criador de todas as coisas e fazer-se cristão. Ao que respondeu o velho que não queria mais do que ir morrer à sua terra, e sem mais se despediu.

O Padre como levava chapa do mouro, foi logo agasalhado pelo cabeça da aldeia em um baileu, onde lhe trouxeram arroz e ovos, sem o pedir. E sendo já de noite tornou outra vez o velho gentio a visitar o Padre e lhe trouxe um melão, do qual comeu e partiu com os companheiros; e afirmava depois que era tão rico que lhe não chegavam os melhores de Abrantes. Tanto que foi manhã, partiu o Padre daquele lugar noutra carreta, com mais duas búfaras sobre as quais iam os cristãos doentes, e com a chapa do cabeça daquele lugar, e caminhando todo o dia por campinas e prados // mui frescos, onde havia 1080
bandos de seiscentos veados e de muitas vacas bravas e búfaros de mato. Havia também muitas alagoas mui alegres, cheias de diversidades de rosas de várias cores e ao longo delas muitos pavões, garças, grous e outras aves em muita quantidade. À boca da noite chegaram a uma aldeia que estava na borda do mar, onde descansou o Padre aquela noite e todo outro dia, enquanto o maioral da aldeia negociava uma embarcação, na qual o Padre se embarcou.

E dando à vela, naquele mesmo dia à tarde foram entrar por um rio e, indo pouco espaço por ele dentro, deram com outra povoação onde dormiram aquela noite. E o maioral do lugar deu outra embarcação ao Padre, que o levou pelo mesmo rio dentro. E depois de terem andado todo aquele dia e noite, foram pela manhã a dar no rio largo de Sião que se chama Banquoc, a qual está da barra um dia e meio de caminho, onde estava por capitão um senhor grande de título que entre nós responde a duque, o qual, sabendo da chegada do Padre, o mandou chamar. E indo o Padre lá, o achou numa sala muito grande toda esteirada, e ele assentado numa alcatifa grande e formosa, rodeado de muitos capitães seus inferiores. E tanto que entrou na sala, ele acenando com a mão o chamou e o fez assentar igualmente consigo na alcatifa. E depois de tratar da sua viagem lhe perguntou pelo P. fr. Jorge da Mota (1), que era um Padre da sagrada Religião de S. Domingos que muito tempo estivera em Sião mui favorecido do rei, o qual, vendo que os grandes do reino invejavam aquela privança que o rei tinha, se foi escondidamente para Manila numa fragata que ali veio ter, sucedendo nesta sua fugida ou retirada coisas mui notáveis que não escrevemos aqui por não fazer ao nosso propósito.

E depois de estarem praticando um pouco, mandou o capitão trazer um presente, naranjas, doces e duriões e um ramo de figos e outro de lanhas, e o deu ao Padre, dizendo-lhe que logo mandaria equipar um barco mui formoso para levá-lo, perguntando-lhe se queria ir à cidade Odiá ou onde El-Rei estaria com o seu arraial, porque tinha feito juramento de não entrar na cidade até se vingar do rei de Tangut, porque tomara os tesouros de Bramá, rei de Pegu, que ele queria para si, e tinha ido lá com um poderoso exército. E o Padre, como vinha tão cansado do caminho e tivesse necessidade de alguns

---

(1) Sobre fr. Jorge da Mota, veja-se cap. 91[3].

dias de repouso, disse que primeiro que se iria à cidade e que depois, como tomasse alento, iria à presença d'El-Rei. E assim foi levado àquela cidade de Odiá que, como dissemos, é metrópole e cabeça de todo o reino de Sião, com muita honra remando o barco trinta remeiros. E despedindo-se de aquele capitão, ele lhe pediu que, pois se havia de ver com o rei, se lembrasse dele, o que o Padre lhe prometeu de fazer, havendo ocasião.

Fazendo seu caminho, não tardou muito que não chegasse à cidade onde desembarcou com grande contentamento por ver já o fim daquele caminho em que tantos trabalhos tivera. Onde o vieram logo buscar á praia todos os portugueses que ali estavam, mui contentes de o verem naquela terra, por haver tempos que careciam de sacerdote, e o levaram para uma igreja que eles aí tinham, feita de bambus
1081 e palha, na qual se encomendavam a Deus, e tinham ordenado // o altar com um frontalinho de tafetá verde, no qual estava posto um retábulo do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, com o qual o Padre se consolou muito, dando muitas graças a Deus por achar no meio desta infidelidade casa em que Ele fosse conhecido e seu Santíssimo Nome adorado. Aqui nesta igreja se agasalhou o Padre com tenção de descançar alguns dias, por assim o estar pedindo o trabalho passado, com o qual se achou muito mal disposto e tão fraco que não trazia mais que a pele sobre os ossos, e tão queimado do sol que não parecia português.

Mas nem este pequeno descanço foi Deus Nosso Senhor servido que tivesse, pelo que sucedeu e foi que naquele mesmo tempo mandou o Rei Preto que, como logo veremos, era cruelíssimo, prender um português dos que ali estavam naquela cidade a quem ele tinha de primeiro feito algumas mercês por ser homem nobre. Porém estava dele muito enfadado e desgostoso por o ter achado em uma mentira e engano que queria cometer (coisa que este rei, com ser bárbaro, sumamente estranhava) e além disso lhe tinham feito queixume que impedira a execução de certo mandado real, pelo que o mandava levar à sua presença amarrado, que entre eles é sinal de morte. Foi o português avisado desta ordem d'Ele-Rei, e antes de serem chegados os algozes que o haviam de levar preso, se foi ter com o Padre e lhe deu conta do seu trabalho, rogando-lhe muito lhe quisesse valer nele, pois lhe não ia menos que a vida, e que se fosse ter com El-Rei a pedir-lhe perdão daquela culpa, porque tinha por mui certo não lho havia de negar, por entender quanto El-Rei havia de folgar com a sua vinda. E posto que o Padre se via naquele estado, contudo pôde mais com ele a necessidade alheia que a própria. E assim, esforçando-se o mais que pôde, se embarcou com o mesmo português, o qual três dias não comeu coisa alguma com o temor da morte, no cabo dos quais chegou o Padre onde estava o arraial de El-Rei, que como dissemos estava no campo. E o que com ele passou, dizemos no capítulo que se segue.

COMO O PADRE FR. ANDRÉ DO ESPÍRITO SANTO CHEGOU À PRESENÇA DO REI PRETO DE SIÃO E DAS GRANDES HONRAS QUE LHE FEZ

CAPÍTULO 94

Do coração do rei, diz Salomão nos seus Provérbios, cap. XXI, que o tem Deus na sua mão e que o inclina para onde quer, *sicut divisiones aquarum, ita cor regis in manu Domini; quocumque voluerit, inclinabit illud* (1). E ainda que Salomão com toda a sua sabedoria nos não descobrira esta verdade, nós a temos assás manifesta em as Sagradas Letras onde vemos que por muitas vezes em muitas ocasiões inclinou Deus Nosso Senhor, por ordem particular de Sua divina Providência, o coração de alguns reis ainda que bárbaros e infiéis porém mui poderosos, e os afeiçoou e inclinou a alguns servos seus, aos quais encheram de muitas mercês e favores e levantaram a grandes honras e dignidades. Assim o fez Faraó, rei do Egipto, ao santo moço José, ao qual assim ficou afeiçoado pelo sonho que ele soltou que lhe // entregou o anel de seu dedo que era o seu selo real, e lhe deu o governo da sua casa e ainda de todo o Egipto, e o fez quase igual a si, não lhe precedendo mais que no trono real do seu reino. Pois Nabucodonosor não menos que isto se afeiçoou ao santo profeta Daniel a quem fez ricos e magníficos dons, e o alevantou sobre todas as províncias do seu império. E finalmente ao santo velho Tobias tanta graça lhe deu Deus Nosso Senhor para com Salmanazar, rei dos assírios, que com ter oprimido os mais cativos, a Tobias que era um deles, tanto foi o respeito que lhe teve e tão aceito lhe foi, que lhe deu larga licença para andar por onde melhor lhe parecesse e para fazer quanto quisesse. O que tudo era ordem do céu e força da Providência de Deus, o qual pode no coração dos reis mais do que eles mesmos podem, e faz muitas vezes que queiram aquilo que eles não haviam de querer, e isto com tanta facilidade com quanta Ele mesmo no princípio da creação do

1082

(1) *Prov.* 21, 1.

mundo dividiu umas águas das outras, que isso quer dizer, diz Lira, *sicut divisiones aquarum*, ou segundo Vatable [2], se toma a metáfora do que rega uma horta, que leva a água por donde quer.

Quando o Padre foi a Sião, era rei daquele reino um que por sobrenome tinha o «Cruel», por o ser em tanto extremo que os mais ordinários passatempos e que mais gosto lhe davam, era lançar homens (às vezes por bem leves culpas) aos tigres e outras bestas feras. E tão cego era da sua paixão que, quando a tinha, e tinha-a muitas vezes, não respeitava pessoa alguma. E tanto que, uma vez, por sua mãe querer acudir a uma dama sua que o rei, sem culpa alguma, estava matando com uma azagaia, correu após ela para a matar e viu-se tão perseguida dele que, por lhe escapar, se lançou de uma janela abaixo, onde quebrou as pernas de que depois morreu. Tão absoluto que não sofria que alguém lhe falasse por outra pessoa, como adiante veremos, e finalmente tão soberano que não só todos os grandes do seu reino mas ainda todos os reis seus vassalos que vinham à sua corte, não lhe falavam senão prostrados por terra, com as mãos alevantadas sobre a cabeça e rostos postos no chão até ele os mandar alevantar.

Com ser, pois, este rei tão bravo, tão absoluto e tão soberano, não se pode crer o respeito, mimo, brandura, afabilidade, honra e cortesia com que tratava ao servo de Deus, o P. fr. André, em todo o tempo que o teve consigo, que foram alguns anos. E porventura se não achará tão fàcilmente entre reis cristãos o que neste particular havia neste rei infiel e bárbaro, que não podemos cuidar senão que, como Deus Nosso Senhor tinha o seu coração na mão, inclinava-o para aquelas coisas todas de tanto favor e honra do seu servo. Assim sabendo que era ele chegado ao seu arraial, o mandou logo chamar, e entrando no paço achou assentados no chão muitos reis e senhores que andavam naquela corte, com o rei em alto de duas braças em uma câmara ricamente lavrada e doirada com uma varanda pequena pouco mais abaixo, lugar em que só o príncipe sobe e algum particular a que o rei quer fazer grande honra. E querendo-se o Padre sentar em baixo com aqueles reis e senhores, o rei lhe mandou dizer que aquele lugar não era seu, que subisse para cima junto dele.

1083 E subindo o Padre, se assentou // um côvado abaixo dEl-Rei, o qual muito alegre e contente lhe perguntou como vinha do caminho, e que folgava com a sua vinda ao seu reino. Ao que o Padre lhe respondeu que, posto que fora grande o trabalho que tivera, todo o dava por bem empregado, pois o tinha passado em serviço de Deus e de Sua

---

(2) Fr. Francisco Vatable ou Vatablé (+1547) professor de hebraico no Colégio de França em Paris logo quando da sua fundação. Por si nada publicou sobre Sagrada Escritura, mas Roberto Estienne quando em 1545 publicou em Paris tradução do texto hebraico da Escritura em latim, juntou-lhe muitas notas que atribuiu ao ensino de Vatablé. Censurada essa tradução pela Universidade de Paris, foi dela publicada edição corrigida em 1584 pelos profesores da Universidade de Salamanca.

Alteza. Mostrou que folgava com a resposta. E vendo os óculos que o Padre trazia, lhos pediu, e pondo-os no nariz, lhe perguntou se tinha outros. E respondendo-lhe ele que não, abriu o rei um escritório de gavetas e tirou uns óculos encadernados em oiro e ornados de rubis ao redor, entre os quais havia um no meio tão formoso que parecia uma estrela do qual disse El-Rei que ele só valia três mil pardaus e que aqueles eram uns dos óculos com que ele às vezes via e que lhos dava para que visse com eles porque lhe queria bem. O Padre, tomando os óculos da mão do rei, os pôs na cabeça por cortesia, e tornando-lhos a dar lhe disse que ele lhe beijava a mão por aquela mercê que tinha por muito grande, porém que não podia ter coisa tão rica, que se Sua Alteza lhe fizesse mercê doutros que não tivessem oiro nem pedraria, os aceitaria. O que vendo o rei, tomou dois pares de óculos, um dos quais era também guarnecido de oiro e rubis pequenos e outro de oiro sòmente, e com eles tomou outros encadernados em marfim; e pondo todos três numa salva de oiro, os ofereceu ao Padre para escolher os que quisesse.

E estando o Padre vendo os óculos, o rei o mandou chegar mais perto de si, e pedindo-lhe a mão, lhe quis meter nos dedos três anéis de muita valia. Um era de rubi, outro de diamante e o terceiro de safira, que por ser muito grande e formoso, disse El-Rei que tinha em muita estima. Mas vendo o Padre o que El-Rei lhe queria fazer, recolhendo a mão lhe disse que ele estimava muito aquelas honras e mercês que Sua Alteza lhe fazia e as punha sobre a sua cabeça, porém que soubesse Sua Alteza que ele tinha prometido a Deus o desprezo de todas as coisas do mundo, e em particular de oiro e prata e outras fazendas, querendo ser pobre por amor do mesmo Deus, e que folgaria soubesse Sua Alteza que ele não vinha ao seu reino buscar oiro nem prata nem pedras preciosas, senão ensinar o caminho do céu e a fé do verdadeiro Deus a quem por sua vontade o quisesse saber; e que outrossim vinha também a servir a Sua Alteza com um coração muito limpo e vontade muito pronta.

A isto respondeu El-Rei, espantando-se de o Padre não querer aceitar da sua mão as mercês que lhe fazia, dizendo que outros padres vieram ao seu reino e tomaram tudo o que ele lhes dera ([3]). E porque não fazia ele assim também? O Padre lhe respondeu que cada um fazia conforme sua obrigação. E que aos outros padres não era proibido tomar ouro, prata e pedraria como era a ele que, por ser de mais estreita pobreza, lhe não consentia a sua Regra e instituto nem ainda tocar em semelhantes coisas. Vendo o rei que o Padre não queria aceitar os anéis, lhe deu um abano de marfim guarnecido de oiro batido ao martelo, o que também o Padre enjeitou dizendo que não podia usar de coisa que tivesse ouro, e tomando sòmente os óculos guarnecidos de

---

([3]) Missionários que não tivessem as obrigações de pobreza dos Franciscanos Capuchos e passassem pelo Sião, conhecem-se os Dominicanos e Agostinhos que também em 1593 foram trazidos de Camboja como prisioneiros.

marfim, tornou a dar ao rei a salva com o mais que nela estava. Perguntou El-Rei que era o que havia de dar ao Padre, pois ele não queria aceitar aquilo que lhe dava. Ao que o Padre respondeu que falaria devagar com Sua Alteza, dando-lhe ele licença, que então lhe pediria
1084 mercês. Respondeu El-Rei // que tudo que lhe pedisse lhe daria.

E logo lhe mandou fazer casa e igreja no arraial, dizendo que o Padre havia de estar sempre junto dele. E fazendo-lhe o Padre sua cortesia como religioso, cruzando as mãos metidas nas mangas do hábito e inclinando um pouco a cabeça, se despediu de El-Rei, pedindo-lhe perdão para os portugueses de que acima tratámos. E El-Rei, logo mandou que não bulissem os seus com eles. Recolheu-se com isto o Padre para uma casa que por entretanto lhe deram, e mandou dizer ao português (que ficara escondido na embarcação) que já El-Rei lhe tinha perdoado. O qual, saindo da embarcação para vir dar os agradecimentos ao Padre, ainda bem não tinha postos os pés em terra quando ferraram dele quarenta ou cinquenta homens e o levaram em colos de cavaleiros ou, para melhor dizer, quase de rasto a casa do vedor da fazenda de todo o reino, que é um senhor grande a quem El-Rei tinha mandado lhe trouxesse o português amarrado. E por mais gritos que o pobre homem ia dando pelo caminho, dizendo que já El-Rei lhe tinha perdoado, nada bastara para deixar de o levar a casa deste senhor, ao que ele disse que já El-Rei por amor do Padre lhe perdoara.

Mas por ele se certificar, cavalgou e se foi ao paço, e lá soube de El-Rei como tinha perdoado já ao português. E o mandou logo soltar, e lhe perguntou quantos dias havia que o Padre era chegado e onde queria que lhe fizesse a casa e a igreja. E juntamente com o português mandou gente sua a saber isto do Padre, o qual, escolhendo um bom sítio um pouco afastado do arraial, disse que ali lhe fizessem a igreja e a casa, o que tudo foi feito em poucos dias pela multidão de gente de serviço que concorreu para a obra.

Passados cinco dias da primeira vista que o padre teve de El-Rei, foi chamado dele ao paço, aonde o Padre foi, levando algumas coisas por apontamentos escritas em letra de Sião, todas para bem da cristandade. E a primeira que apontou foi que pedia licença a El-Rei para livremente em seu reino pregar a fé de Cristo e fazer cristãos a todos aqueles que por sua vontade o quisessem ser, sem que El-Rei por isso lhes fizesse algum mal; e também lhe pedia que em nenhum tempo Sua Alteza constrangeria por força a cristãos (4) nem fazer coisa contra a sua lei, e que daria Sua Alteza liberdade a todos os cristãos que no seu reino havia, para se poderem ir para suas terras se quisessem, salvo os que deviam dinheiro a Sua Alteza, que esses Sua Alteza lhes podia perdoar.

Outros muitos apontamentos deu o Padre a El-Rei, tudo para o bem e a paz e a quietação da cristandade daquele reino, os quais

---

(4) O copista com certeza omitiu aqui quaisquer palavras ou frase.

El-Rei mesmo leu duas vezes, e respondeu que tudo aquilo lho concedia; e lhe ficou perguntando por cousas del-rei de Portugal e do vizo-rei da Índia e do grande capitão André Furtado do qual lhe tinham dito grandes coisas, e perguntou também do modo com que pelejava. A tudo respondeu o Padre o que convinha. E depois de estar com El-Rei quase uma hora, o rei se recolheu, com perguntar ao Padre se tinha já as casas feitas, ao que ele respondeu que era Sua Alteza um rei tão grande que, em mandando alguma coisa, logo era feita. E assim se tornou o Padre para casa, que ainda não estava de todo acabada, nem a igreja com a qual se corria mais devagar // por não ter **1085** ali o Padre aparelho para dizer missa. E também lhe era necessário ir para a cidade a celebrar a festa de Nosso Padre S. Francisco que se vinha chegando. E foi o primeiro dia que disse missa em o reino de Sião, a qual foi cantada e celebrada com a maior solenidade que então naquele lugar pôde ser.

DE ALGUMAS EXCESSIVAS E ENORMES CRUELDADES QUE AO REI PRETO DE SIÃO VIU FAZER O P. FR. ANDRÉ DO ESPÍRITO SANTO NO TEMPO QUE ESTEVE LÁ COM ELE

CAPÍTULO 95

Antes que vamos mais adiante e continuemos com outras obras que de muito serviço de Deus fez neste reino de Sião o P. fr. André enquanto nele esteve, será bem darmos aqui uma breve notícia das muitas e desumanas crueldades de que usava o Rei Preto que, como dissemos, foi o que neste tempo tinha o governo deste reino, o qual foi com tanto extremo cruel que me parece pôs o risco sobre todos os cruéis, não do seu tempo mas quantos no mundo houve. E assim pondo-me a considerar o que nesta matéria das suas crueldades deixou escrito este que as experimentou e como testemunha de vista as referiu, me ocorre o que lá notaram os expositores, e em particular o nosso fr. Nicolau de Lira, daqueles quatro animais por os quais se entendiam as quatro monarquias de que trata o profeta Daniel no cap. VII das suas Profecias; porque tendo posto nome aos três primeiros, dizendo que um era como leão, o outro como urso, e o terceiro como tigre, quando chegou a tratar do quarto pelo qual quis entender o Romano Império, não diz como se chamava nem declara que animal era ou com que se parecia (1). E a razão diz Lira que foi porque não achou o profeta o nome de alguma besta fera pelo qual pudesse declarar a sua extremada ferocidade: *Quia non habuit aliquod proprium nomen alicuius bestiæ per quod posset ferocitatem huius regni designare.*

Quem cnsiderar a estranha ferocidade e crueldade deste Rei Preto de Sião, não há-de poder [achar] alguma besta fera nem algum desses cruéis que tanto celebra a antiguidade, com quem o possa comparar, porque, por extremados que fossem, lhe ficam todos muito abaixo. E se as crueldades que deles se contam, não tiveram uma

---

(1) *Ezech.* 7, 7.

tão qualificada testemunha como este Religioso que as viu e deixou postas em memória [2], são elas de tal qualidade que nos houveram de pôr em condição de as termos por fabulosas. E logo no seu semblante e catadura e talho de sua pessoa parece que quis a natureza manifestar a ferocidade do seu coração, porque se conta dele que era mui desprezível, e de tão pequeno e esmagado corpo que se não achava no seu reino outro que o fosse mais. Tinha a cabeça grande, os olhos rasgados e esbugalhados para fora e vermelhos por dentro, dos quais parecia sair fogo quando se agastava; e vê-lo então, era coisa medonha. Era de cor muito preta, e mui enfermo e falto de saúde, asmático e com outras enfermidades, e sobretudo mui luxurioso; e assim não tinha mais que a pele sobre os ossos.

E posto que era dotado de algumas boas partes que, como depois diremos, o faziam ser julgado por excelente princípe e mui digno do cetro que // tinha, contudo no particular da crueldade assim era **1086** infamado por todo este Oriente que não havia quem das suas coisas se não espantasse. E começando pelos malfeitores, era tão grande o ódio que a estes tinha e em particular aos ladrões, que a nenhum perdoava ainda que o fosse em coisa muito leve; e seu maor gosto e recreação era justiçá-los e acabar-lhes as vidas com crudelíssimos tormentos. Quando queria ter algum passatempo, mandava em sua presença lançar ladrões aos tigres, que com muita ferocidade os espedaçavam. E porque uma vez um tigre não arremeteu logo, mandou-lhe cortar a cabeça, juntamente ao homem que dele tinha cargo, dizendo que o não tinha bem ensinado. E achou-se [ter] lançado aos tigres perto de três mil pessoas, e havia dia em que se lançavam vinte destes miseráveis, e sempre em presença de El-Rei. Tinha também por grande recreação lançar ladrões aos lagartos, e tinha para isso cercas feitas de madeira que estavam cheias deles e alguns de muita grandeza, postos em menos de uma braça de água para poder ver como os pobres dos pacientes lutavam com os lagartos dos quais em breve espaço eram despedaçados.

Tinha para seu passatempo feita uma cerca de madeira, na qual mandava a meter búfaros bravos, que são animais muito ferozes. E por uma portinhola mandava meter dentro os ladrões e outros malfeitores, posto que suas culpas às vezes não eram merecedoras de semelhantes castigos; e lhes mandava dar uma azagaia para pelejarem com os búfaros. E os quais eram logo espedaçados por eles, rompendo-lhes as barrigas e lançando-os para o ar, e com tanta braveza que se não contentavam em os matar, mas ainda depois de mortos com os pés, mãos e focinhos os estavam espedaçando. A este espectáculo, na verdade cruel e desumano, chamava o rei brinco, e assim quando o queria ir ver, dizia que ia brincar com os búfaros. E tinha naquele tempo mortos desta maneira mais de cinco mil homens. E posto que a for-

---

(2) Deste Memorial ou Apontamento que fr. André do Espírito Santo escreveu sobre seus trabalhos no Sião, não se conhece qualquer cópia.

tuna favorecesse algum desses desventurados para algumas vezes matar o búfaro a que o lançavam, nem por isso escapava da morte, porque o cruel rei o mandava assetear (?), e dizia a parte em que o haviam de ferir. E deste modo em pouco tempo alimpou a terra de ladrões E sendo-lhe uma vez dito que já os não havia para os lançar aos búfaros, respondeu: — «Não pode ser que em meu reino faltem ladrões; e se hoje dizeis que faltam, é porque todos são ladrões; e eu irei brincar com búfaros com os grandes do meu reino». E por esta causa procuravam os grandes ter alguma gente baixa e mesquinha presa no tronco, posto que sem culpa alguma, para dar ao rei quando os pedisse para ir brincar com os búfaros, tigres e lagartos, arreceando que, faltando malfeitores que justiçar, fossem eles os ajustiçados.

Tendo notícia que um rei seu vassalo se queria rebelar contra ele, o mandou chamar à sua presença e o fez meter numa gaiola de pau muito estreita, feita de grades, onde lhe não davam outro mantimento mais que sua própria carne, da qual lhe iam cortando a pedaços cada
1087 dia e lha // davam a comer. E depois de alguns dias que o pobre não teve mais no seu corpo por a ter toda comida, mandou que o tirassem fora da gaiola e o frigissem, como costumava fazer a muitos. E depois de frito, mandou que o metessem noutra gaiola de ferro e a pregassem, como estava, em um lugar público para que fosse visto por todos.

E porque dissemos que mandou frigir este rei e era o género de morte que dava a muitos, por ser tão estranho e desumano no mundo poremos aqui o modo dele. Havia no meio da cidade um castelo de esteios de madeira, tão alto que descobria a cidade toda; e em cima tinha um sino que sòmente servia para tanger quando haviam de frigir algum, para virem a ver muitos aquele cruel espectáculo. Em baixo lhe ficavam de ferro os tachos, os quais eram muito largos que bem podiam cozer neles uma pessoa. Punham-se em cima do fogo, onde se estavam aquentando até que ficavam feitos uma brasa viva. E depois que estavam assim, tomavam o padecente e o atavam de pés e mãos, e assim atado o lançavam no tacho, e os algozes com ganchos de ferro o viravam de uma parte a outra para que assim todo ficasse assado. E se o rei não limitava os dias em que havia de andar o padecente neste tormento, logo em breve espaço era morto. Mas quando o rei apontava três ou quatro ou cinco dias, que é o mais tempo que durar podia, de tal maneira o iam assando que tinham muito tento que não morresse antes do termo assinalado; porque se acertava de morrer antes dele, todos os algozes e ministros da crueldade que aí assistiam, eram lançados no mesmo tacho. E por esta razão o iam cada dia frigindo pouco a pouco. E para que tivessem maior tormento, os tiravam fora do tacho e os punham sobre umas folhas frias, e espremiam sobre o corpo queimado o sumo de umas ervas com que lhe davam grandíssimo tormento, imitando nisto as penas do inferno, passando os desaventurados dos frios para os ardores sempiternos.

E não sòmente os homens, mas também os brutos animais participavam das estranhas crueldades deste cruel tirano, aos quais mandava tirar a vida por qualquer paixão que de algum deles tinha. Tinha um bugio com que algumas vezes brincava, e mandou-o vir um dia diante de si. Porque se chegou tão perto que meteu a mão numa boceta de ouro em que tinha o betre que comia, lhe mandou cortar a mão, dizendo que tivera muito atrevimento. A outra bugia branca que tinha uma filhita também branca, porque tirando-lhe com uma casca de figo, lhe tornou a bugia a tirar com a mesma casca, a matou com uma azagaia, passando-a de parte a parte, dizendo: — «E vós levantais a mão, vós contra mim?» E vendo a filhinha a mãe morta, se veio correndo e se abraçou com El-Rei, o qual lhe disse: — «Grande foi a vossa dita em vos acolherdes a mim». Correndo El-Rei um dia num cavalo, porque não parou tanto à sua vontade, mandou que o levassem à estrebaria real e diante dos outros cavalos lhe cortassem a cabeça, e depois // de cortada lha trouxessem numa bacia de oiro. E assim 1088
se fez. Porque as gralhas um dia gritaram sobre o seu paço, mandou que as tomassem. E foram naquele [dia] tomadas quinhentas, as quais todas as sentenciou, mandando a umas que lhes cortassem a cabeça, a outras espetassem, e outras fossem presas em gaiolas de pau, e a outras deitassem cangas ao pescoço e as lançassem a voar para exemplo e temor das outras. A um tigre, porque não arremeteu com muita ferocidade a um homem que lhe lançaram para que espedaçasse, lhe mandou cortar a cabeça, dizendo que era cobarde e pouco feroz.

Mas o que mais faz alevantar de ponto a bárbara crueldade deste tirano, é ver que nem aos inocentes e àqueles que o amavam e serviam, perdoava. Tinha dito ao Príncipe Branco seu irmão que, quando o visse agastado, não aparecesse diante dele, porque sabia de si que era tão cega sua paixão que nem a ele lhe perdoaria. Costumava, por não ter filhos, mandar buscar meninos bonitos, de idade de ano e meio até dois anos, ainda que foram filhos de qualquer pessoa, para os criar, e tinha por filhos. Com estes meninos brincava muitas vezes beliscando-os e mordendo-os, os quais, se choravam, dava com eles de uma janela abaixo, e assim morriam espedaçados. E acha-se ter mortos destes meninos e de outros maiores que lhe serviam de pagens, mais de quinhentos. E por este respeito os pais que tinham filhos bonitos, posto que pobres e de baixo estado, os escondiam, querendo antes que seus filhos vivessem abatidos e em pobreza, que vê-los morrer feitos filhos dEle-Rei.

Chamando uma noite pelos pagens, que eram meninos de sete ou oito anos, e porque com o sono não acudiram ao primeiro chamado, ao primeiro que depois acudiu a segundo chamado, o atravessou com uma zagaia de parte a parte, o que vendo os outros fugiram para fora da cerca. E porque os guardas que estavam em baixo, não pegaram neles, ali mesmo de noite os mandou dependurar pelas pernas, e com

o punho de uma espada mandou que lhe quebrassem os dentes, e depois lhes mandou cortar a cabeça, juntamente a dois capados que ali se achavam, e que lhas trouxessem todas numa bacia, que as queria ver. E quando as viu, disse que estava muito bem feito. E destes pagens pequenos, por semelhantes culpas teria morto mais de mil.

Vindo um dia de caçar elefantes, foi-lhe feito queixume que suas damas andaram brincando umas com as outras, e sem mais dilação logo mandou matar cinquenta e seis. Com suas próprias mãos matou a sete damas suas, cortando-lhes o corpo pelo meio, dizendo que andavam depressa. A outra dama sua parenta, por se rir um dia que ele estava mal disposto, ele com a sua própria mão lhe tirou a vida. Estando um dia falando com uns portugueses, querendo-lhes fazer mercê, como costumava fazer muitas vezes por ser muito grandioso e liberal, pediu
1089 às damas que dentro o serviam, um saco de prata // dos muitos que para esse efeito tinha junto de si. E porque lhe não trouxeram aquele que ele apontava, se alevantou dali e foi para dentro e lhe cortou as pernas junto aos goelhos a três das mais formosas que tinha, e pondo as pernas em bacias de oiro, mandou que as trouxessem fora e as mostrou aos portugueses que estavam esperando pelo dinheiro, os quais, vendo aquela crueldade, desistindo da mercê se recolheram com grande medo, não se dando por seguros em suas casas. E para este rei achar aparelho para exercitar suas crueldades, ao redor do esquife em que dormia, que era todo de oiro maciço, tinha machadinhas, serras, cutelos, escopros, espadas, zaragunchos, tudo muito limpo e bem aguçado, para fazer o ofício de carniceiro. O que é mais de espantar, que quando acabava de fazer alguma crueldade destas por sua mão, então estava mais contente e alegre, e mais disposto para fezer mercês.

A um sobrinho seu, filho do Príncipe Branco, que depois lhe sucedeu no reino, sendo de idade de sete anos, servia-se El-Rei dele das portas adentro. E sucedeu uma noite mandar-lhe que tivesse mão numa tocha acesa e com ela alumiasse o que ele estava fazendo. E porque o menino, tendo a tocha, tosquenejou com sono, lha tomou da mão, e lhe queimou com ela o rosto e os olhos, e sendo de dia o mandou levar para que fosse curado. E porque os mestres que o curavam, lhe não deram a vista que tinha perdido, os mandou chamar e matar a todos. Finalmente fora processo infinito querer relatar as crueldades todas deste tirano, do qual se sabe que matou mui perto de cinquenta mil pessoas de todo o género e idade e com muitos tormentos e crueldades. E assim porei por remate que até a sua mãe própria quis matar, como atrás fica contado. Mas posto que fosse tão cruel, por essa causa de todos mui temido, contudo não lhe faltavam outras partes mui excelentes que o faziam ser um dos notáveis príncipes do seu tempo, como diante se dirá.

DE ALGUMAS PARTES EXCELENTES DO REI PRETO DE SIÃO E DO MUITO QUE FAVARECEU AO PADRE FR. ANDRÉ DO ESPÍRITO SANTO NO MINISTÉRIO DA CRISTANDADE

CAPÍTULO 96

Ainda que é verdade que o bom, para o ser, não há-de ter mistura alguma de mal, pois, como diz o filósofo, *bonum ex integra causa, malum autem ex quocumque defectu*, contudo não se pode negar que, se no mau se acha algum bem como se pode achar, não perde por isso o seu preço e valor. Era tão extremada a crueldade do Rei Preto de Sião que pudera nela competir com todos os da fama, segundo do que fica dito se pode bem coligir. Porém, era com isso adornado de tão boas partes e excelentes virtudes, que era na opinião de todos um dos mais singulares príncipes do Oriente.

Porque, primeiramente, era de muita verdade, não se lhe sabendo jamais falta dela, antes, pelo contrário, tão inimigo da mentira que rigorosamente castigava aos que achava nela. A um português a que ele queria // muito e tinha feito muitas honras e mercês, porque o achou **1090** numa mentira, jamais lhe pôde cair em graça; e, se não fora português (aos quais tinha muito respeito e tratava com muito amor), fora pelo mesmo caminho dos outros, e a puros tormentos lhe tirara a vida. Foi mui zeloso da justiça, procurando sempre que cada um possuísse o seu sem forças nem agravos de ninguém. E assim em breve tempo alimpou o seu reino de ladrões, os quais eram tantos, pela muita frouxidão do rei passado, que se não podia caminhar por parte alguma, quer por terra, quer pelos rios, senão com muita companhia para lhes poderem resistir. Mas tomou tanto ao peito limpar o reino desta má canalha, que foi essa uma das primeiras coisas que fez entrando no governo dele.

Sendo avisado que o rei de Tanaçarim, seu vassalo, fazia naquele reino muitas forças e agravos, o mandou chamar e o privou do reino, pondo outro em seu lugar, causando esta mudança grande

espanto e temor em todos os príncipes seus vassalos, porque lhe tinha a este tanto amor que lhe chamava filho, e sua mãe era a pessoa mais principal que o rei tinha das portas adentro do seu paço, que por ser bela e mui estimada do rei, tinha jurdição sobre todas as mulheres e damas do rei, porém nada disto foi bastante para que deixasse de fazer justiça nele. Outra coisa fez também, tanto que tomou posse do reino, em que mostrou grande zelo de justiça, que foi tirar dos cargos e ofícios a todos os grandes dele, mandando matar a muitos, dando por razão que os tinha a todos mui bem conhecidos e sabia as forças e as injustiças que faziam às partes em vida de seu pai. E logo fez outros oficiais novos, dando-lhes honras e dignidades por serem os mais deles pessoas baixas, para desta maneira ter tudo em paz e justiça. E costumava dizer muitas vezes que só os que tinham ânimo fraco e baixo, faziam forças, e que os tais não se haviam de chamar homens senão mulheres.

E esta mesma justiça que mantinha no seu reino de Sião, procurava se conservasse em todos os reinos que tinha debaixo de sua coroa que, como dissemos, eram muitos. E assim, quando sabia que os reis seus vassalos faziam agravos aos seus, em particular aos estrangeiros, costumava dizer, por modo de zombaria, no seu paço: — «Fuão, por estar longe de mim, cuida que o seu pescoço é de ferro». Era tão temido de todos que só esta palavra, tanto que dela tinham notícia os reis e senhores contra que ele a dizia, bastava para se emendarem.

Era outrossim príncipe de grande prudência e capacidade e muito saber no governo de todos seus reinos, guardando-se tudo sem ter necessidade de ninguém que o governasse a ele, assim nas coisas de paz como de guerra. E o que mais admirava era que, para responder e dar resolução a negócios, por graves que fossem, o fazia logo de repente, sem tomar tempo para muito deliberar. E era o que assim ordenava, tão acertado e justado com a razão, que parecia ter nisso
1091 particular favor do Céu. // E tinha por hábito muito seu perguntar a alguma pessoa o que se devia fazer. Aos embaixadores que de longe vinham à sua corte, respondia em breves palavras, mas tão compendiosas que nelas dizia muito. Foi também mui valoroso e esforçado e, posto que era homem pequeno de corpo, desprezível em sua pessoa, contudo parecia-lhe que não havia no mundo homem que no esforço se pudesse igualar com ele. Todas as suas práticas eram cousas de armas, nas quais era mui dextro. Matou com sua própria mão ao príncipe de Pegu e desbaratou por muitas vezes o seu exército, como atrás fica contado. E fazendo guerra a muitos reinos, conquistou sete e os pôs debaixo do seu poder, e reduziu o seu reino de Sião ao estado antigo de ser império naquelas partes.

Nem deixaremos de contar aqui um caso que lhe aconteceu, em que mostrou seu grande ânimo, e foi que, indo uma vez à caça de um tigre muito feroz e tendo-o cercado num mato com muitos mil

homens de pé, viu fugindo a gente do tigre para aquela banda onde ele estava numa charola de ouro sobre um elefante; e descendo dele muito depressa com duas azagaias na mão, foi andando dez ou doze passos adiante para a parte donde a gente vinha fugindo do tigre. E ali com uma azagaia na mão direita em boa postura, como quem queria fazer arremesso, perguntou duas ou três vezes onde estava o tigre. E depois de ali o esperar um pouco, vendo que não vinha tornou a subir no seu elefante.

Foi finalmente príncipe mui liberal. E além de que em seu peito não entrava cobiça de fazenda, quase contìnuamente gastava o tempo em fazer mercês, tendo nisso particular gosto. E por esse respeito, de longes terras e mares acudiam à sua corte diversas nações de gentes trazendo-lhes presentes, os quais ele satisfazia com muita largueza. E dizia que os reis não haviam de ter posto o seu coração no dinheiro, mas só haviam de pretender nome e fama. Entregou uma vez um junco carregado de fazenda a um português que morava em Sião, para que fosse a Malaca e lhe trouxesse muitos veludos e setins e outras coisas de Portugal. E indo o português a Malaca e tornando para Sião com ventos contrários, arribou ao reino de Patane com o junco, e ali invernou e jogou toda a fazenda que trazia para o rei. E depois de ter perdido tudo, se veio para Sião com o junco. E sabendo o rei o que passava, lhe mandou dizer que se não agastasse, que mais estimava a sua fidelidade em vir com o seu junco à sua presença, do que estranhava a culpa de lhe jogar a sua fazenda. E mandou-lhe fazer mercê.

Mas entre todas estas partes, a de que se mais prezava era de ser grande amigo dos Portugueses e favorecer a cristandade, porque tinha grande gosto de virem ao seu reino os portugueses, e os tratava com assinalados favores e lhes fazia muitas honras e mercês. E com ser gentio, folgava de ter aos cristãos consigo, e aos padres tratava com muito respeito e lhes fazia estranhas vantagens, como o experimentou por muitos anos o nosso P. fr. André do Espírito Santo, ao qual, quando logo chegou à sua presença, fez as honras que atrás contámos, e neste favor continuou sempre // enquanto lhe durou a vida. Man- **1092**
dava-o chamar muitas vezes por falar com ele, e gostava muito da sua conversação; e tudo o que lhe pedia, lhe concedia fàcilmente. E sendo assim que era tão altivo que pessoa nenhuma em nenhum tempo podia falar com ele mais que naquilo sobre que ele tratava, só ao Padre consentia que lhe falasse em todos os negócios que bem lhe parecesse. E assim dizia que o Padre não era como os outros homens, pois era padre.

E tendo-lhe falado um dia o Padre sobre um português, para que lhe fizesse mercê e o deixasse ir para Malaca donde viera por embaixador, o rei o mandou chamar. E vieram com ele muitos portugueses para falarem a El-Rei, vendo que era boa a conjunção. E estando todos em sua presença, um capitão português a quem El-Rei

queria muito e era seu privado, fiado nesta privança sua quis também falar por este mesmo português por quem tinha falado o Padre. E assim, prostrando-se por terra, como é costume, lhe disse que Sua Alteza se lembrasse daquele português que era homem honrado. Ao que o rei, cheio de cólera, respondeu: — «E quem sois vós para falardes por outro?» E o capitão, meio esmorecido, disse que o fazia por ser escravo velho de Sua Alteza. E o rei avisou se guardasse de nunca mais ser tão atrevido, que aquela liberdade só podia ter o Padre que era servo de Deus.

Estando outra vez falando com o Padre, entre outras coisas que lhe disse de grande favor foi entregar-lhe os portugueses e todos os mais cristãos que no reino de Sião estavam, dizendo: «Eu até agora olhei pelos portugueses, agora vo-los entrego a vós para que, como padre seu que sois, os ensineis e castigueis, de maneira que não façam coisas mal feitas. Sòmente não poderá o padre matar, porque no meu reino ninguém o pode fazer senão eu, que sou rei de justiça e quero que até de vós se guarde». Indo o padre visitar um dia o rei, o fez assentar no lugar do príncipe que, como dissemos, é um pouco abaixo do rei, onde esteve praticando com ele em diversas coisas. E fazendo-o chegar mais junto de si, pediu o manto de burel com que o padre estava coberto, para o ver, e pôs sobre o seu regaço, e esfregando as costas das mãos por ele e achando-o áspero lhe perguntou como podia sofrer vestido tão áspero. Ao que o Padre satisfez, dizendo que era vestido de penitência e desprezo do mundo. El-Rei muito contente lhe mandou dar um elefante, e lhe disse que andasse nele pela cidade, coisa que se não concede senão a príncipes e grandes senhores.

Estes e outros muitos favores fazia este rei ao P. fr. André, que lhe duraram, como dissemos, enquanto viveu, dos quais ele aproveitava para o intento que o levara àquele reino, que não era outro senão pregar a Fé, converter os gentios e conservar aos que eram cristãos. E era muito o fruito que com sua pregação e exemplo fazia em todos. E porque ao tempo que tinha lá ido, havia muitos anos que não havia estado ali padre algum de assento, estava aquela cristandade toda per-
1093 dida e cheia de muitos vícios e pecados, e usavam mui // tas cerimónias gentílicas, não só os cristãos da terra mas também os próprios portugueses. O que visto pelo P. fr. André, começou a visitar judicialmente conforme a autoridade que tinha do cabido *Sede vacante* de Malaca [1], e ordenou tudo o que convinha para o serviço de Deus e bem das almas dos cristãos, dos quais quase todos estavam amance-

---

[1] O bispo de Malaca D. João Ribeiro Gaio faleceu em 1601, e seu sucessor D. fr. Cristóvão de Lisboa saiu de Lisboa no princípio de 1605 para estar na diocese pelo fim do ano. Foi nesta *sede vacante* a estadia de fr. André em Sião (Fortunato de Almeida, *Historia da Igreja em Portugal* 3 (Parte II), 1030).

bados, tendo as mancebas das portas adentro com filhos, e cheios de outros gravíssimos pecados que, por serem tais, se não declaram aqui. O que tudo pela bondade de Deus se remediou, admoestando, emendando e castigando o padre, para o que achou sempre muito favor no rei, o qual perguntava muitas vezes por ele e, sabendo que estava na cidade (porque como acima dissemos o rei tinha jurado de não entrar nela até se vingar do rei de Tangu) o mandou chamar.

E indo o Padre à sua presença, lhe perguntou onde estivera todos aqueles dias e porque se apartava dele. O Padre lhe respondeu que fora necessário ir à cidade a ensinar os cristãos para que não fizessem coisas mal feitas no reino de Sua Alteza como ele lhe tinha encomendado, e que para isso Sua Alteza lhe havia de dar licença quando fosse necessário. El-Rei lhe disse que fosse, mas que tornasse logo. Então lhe pediu o Padre lhe mandasse fazer uma igreja na cidade, a qual ele logo mandou se fizesse, e fosse de pedra e cal, dando cargo de isso ao rei de Martavão, dizendo ao Padre que, depois de feita, a havia de mandar dourar toda.

Tendo o Padre este despacho do rei e vendo o favor que nele achava, determinou de fazer na cidade de Odiá uma igreja a modo de mosteiro com seu claustro e celas para poderem morar quatro religiosos, visto a Custódia de Malaca não ter naquele tempo mais casas que Malaca e China. E assim teria aquela mais aonde se podiam fazer muitos serviços a Nosso Senhor, morando nela Religiosos de vida exemplar, o que só era necessário porque o rei dava quanto fosse necessário para a sustentação. E assim escolheu o Padre o campo na cidale alta, onde não chegam as enchentes das águas que, como dissemos, em certos meses do ano alagam aquela cidade e seus campos todos por grande espaço.

E começando-se pela igreja, com muito fervor, em breve tempo se pôs em boa altura, e juntamente os alicerces do dormitório, onde o rei tinha gastado três mil pardaus sòmente em tijolos, chunambos, madeira, pregadura e telhas, afora os mestre de obra e muita infinda gente do serviço que trabalharam sete meses, nos quais se pôs a armação da igreja em cima, e ela quase acabada. E o rei lhe perguntava muitas vezes se a igreja se fazia à sua vontade, mostrando grande desejo que se acabasse, e dizia-lhe que estivesse sempre junto dele. E por o Padre algumas vezes ir à cidade ver a obra que se fazia na igreja, não podia assistir sempre ao rei. E assim, faltando algumas vezes, lhe perguntava porque se afastava dele. E respondendo-lhe que ia a ver a igreja que Sua Alteza lhe tinha mandado fazer, lhe dizia que deixasse fazer a igreja pois a tinha encomendada ao rei de Martavão, e que estivesse junto // dele. E por querer satisfazer e agradar ao **1094**
rei, se deixou ficar com ele no arraial quase um mês, ao qual tempo muitas vezes o mandava chamar tratando-o com muita familiariedade, de que os grandes do reino e os estrangeiros se espantavam muito por

ver um rei tão poderoso e soberbo comunicar com tanta familiaridade com um padre pobre e remendado.

Vendo o Padre que o rei lhe era afeiçoado, não fazendo caso das muitas mercês que lhe oferecia, procurou converter todo aquele favor em proveito e aumento daquela cristandade. E assim pediu muitos favores e liberdades para a pregação da Fé, de que acima fizemos menção, os quais lhe foram todos concedidos. E se deteve neste ministério alguns anos em grande serviço de Deus e bem das almas, depois dos quais se tornou para Malaca e morou muitos anos nesta santa província de S. Tomé, e nela morreu no convento de Cochim nestes anos atrás, mui cheio de merecimentos porque era Religioso de vida exemplar, mui pobre e casto. E teve na Religião lugares honrosos, sendo Comissário de Malaca, China e Ceilão, e faleceu com grande opinião de servo de Deus.

Afora este Religioso, foram também outros nossos a este mesmo reino de Sião a pregar a Fé, como foi o P. fr. André de Santa Maria (2) com igreja e muita cristandade e poder de Vigário da Vara, e o P. fr. António da Madalena (3), o qual era de todos aí tão respeitado, ainda dos gentios, que lhe aconteceu, indo por uma rua com sua sacola pedindo esmola, encontrar com um mandarim (que assim chamam em Sião aos seus regedores, à imitação dos chins) o qual ia a cavalo com grande acompanhamento, como lá se costuma. E tanto que o viu, descavalgou muito depressa e mandou comprar algumas coisas na praça e lhas deu com os goelhos no chão, pedindo-lhe rezasse sobre ele alguma coisa. Foi este padre um dos doze companheiros que trouxe o Padre fr. Diogo da Concepção, Custódio que foi de Malaca (4). E depois de estar alguns anos no reino de Sião, se tornou para a Índia. E, indo para Portugal, se perdeu na viagem com Dom Paulo de Lima em a nau S. Tomé.

---

(2) Sobre fr. André de S.Maria, veja-se acima, cap. 78. Não consta o ano em que esteve no Sião. Soledade (*Historia Serafica*, 3, 574) e fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 294) afirmam que foi ali a substituir fr. André do Espírito Santo, mas não aduzem qualquer prova.

(3) De fr. António da Madalena nada mais se sabe do que o que vai dito no texto copiado em parte de Couto (*Década V*, l. 6, cap. 1, pp. 6-7), e que é repetido por Soledade e fr. Jacinto de Deus (*l. c.*), e o que adiante se diz no cap. 98.

(4) Quando fr. Diogo da Conceição em 1584 foi de Custódio a fundar a Custódia de Malaca, levou consigo 19 confrades (veja-se acima, cap. 81). Em 1589 voltou a Portugal e regressou mais tarde a Malaca com outra leva de missionários. Nesta segunda leva que o texto diz ser de 12 e o cronista da Província da Arrábida diz ser de 4, foi fr. António da Madalena.

DO GRANDE AMOR E DEVOÇÃO QUE OS REIS DE CAMBOJA TIVERAM SEMPRE AOS NOSSOS FRADES E COMO POR MUITAS VEZES OS MANDARAM PEDIR PARA ASSISTIREM NO SEU REINO

CAPÍTULO 97

O reino de Camboja jaze entre Sião e a grande China (1). Corre por meio dele um poderoso rio chamado pelos naturais Mecon, que quer dizer «Capitão das Águas» cujo nascimento é na China; e, por se ajuntarem a ele muitos rios, o fazem tão grande que, quando quer sair ao mar, retalha // a terra por muitas partes por se estender, **1095** e faz um lago de mais de oitenta léguas de comprimento com o qual se dividem os reinos do Camboja e Champá do Sião, e em tempo de cheia se não pode andar por toda a terra do Camboja se não em barcos como em Sião. A principal fazenda que tem é bejoim. E por ser reino marítimo e ter muitos portos de mar, é mui frequentado dos estrangeiros, particularmente dos Portugueses, que vão ali fazer suas veniagas, assim de Malaca como de China, em companhia dos quais portugueses foram algumas vezes àquele reino os nossos frades que moravam em Malaca, porque, além de que serviam na viagem de seus capelães, em terra tinham ocasião de poder pregar o santo Evangelho aos naturais que eram gentios, dos quais alguns se baptizavam (2).

---

(1) A actual Camboja, rodeada pela Tailândia a noroeste e norte, pelo Laos a norte, pelo Vietnam a leste e sul, e também a sul pelo oceano, quanto ao território não corresponde perfeitamente à Camboja dos séculos XVI e XVII.

(2) Também só depois de os Franciscanos das Filipinas se terem interessado pelas terras da Ásia Oriental é que os Franciscanos portugueses se interessaram por Camboja. Antes, desde 1569, evangelizavam ali os Dominicanos portugueses, com pouco fruto todavia (pode ver-se um sumário de notícias com indicação de bibliografia em Benno M. Biermann, *Los portugueses y españoles en Camboja al fin del siglo XVI*, publicado em AIA, 22 (1935) 261-270).

A notícia da mais antiga entrada de Franciscanos portugueses em Camboja é dada assim em *Apologia*, fl. 66v, texto que data de 1602: «Não escapou também ao fervor da propaganda da Fé que sempre houve nos Frades Menores,

E por esta via vieram estes Religiosos a ser conhecidos do rei que então era daquele reino, o qual vendo por uma parte o seu modo de conversar tão humilde e religioso, e por outra a sua pobreza não só no vestido mas muito mais em não querer receber dinheiro, coisa que eles têm por grande maravilha (como na verdade o é), de tal maneira se lhes afeiçoou que tinha mui grandes desejos de os ter de assento em o seu reino, e assim os mandou pedir a Malaca, escrevendo uma carta

---

o reino de Camboja, porque lá sujeitaram ao suave jugo da fé de Cristo os naturais dele, plantando ali duas grandes cristandades em que fundaram duas igrejas; mas entrando o rei de Sião no dito reino, à força de armas o tomou e foram cativos os ditos Frades Menores e assim se perderam e não puderam levar àvante aquelas duas cristandades». Dos missionários que fundaram estas cristandades e quando entraram eles em Camboja, não é possível dizer mais do que isto: O rei Phra Unkar ou Prauncar que sucedeu no reino de Camboja por 1594, em carta adiante transcrita diz que «de menino tomei afeição particular aos costumes de sua [dos religiosos da Ordem Franciscana] Religião», o que obriga a levar a entrada dos Franciscanos em Camboja logo na sua chegada a Malaca em 1584 ou pouco depois. A missão acabou em 1593 quando o rei de Sião invadiu Camboja e levou cativos os frades para Sião; um destes chamava-se fr. Gregório da Cruz e do Sião escreveu ao governador das Filipinas em 8 de Outubro de 1594 (em Ema Helen Blair e James Alexander Robertson, *The Philippine Islands*, 9, 197); estes prisioneiros não foram os que o rei de Sião mandou matar em Martavão e Marmolei como pensou Lourenço Pérez, conforme já acima se disse. Os Franciscanos espanhóis que tinham vindo a Macau em 1579 parece que não chegaram a entrar em Camboja. Em 1582 o bispo que estava em Macau, pediu ao jesuíta Valignano que mandasse missionários à Cochinchina e Camboja; e porque ele não pôde satisfazer ao pedido, voltou-se para os Franciscanos (Veja-se Lourenço Pérez, *Origen*, em AIA, 3 (1915), 21) que consta foram a Cochinchina mas não a Camboja, porque lhes faltaria oportunidade. Uma vez em Malaca os Franciscanos portugueses em 1584, com certeza logo o bispo lhes teria apontado aquelas terras ali tão ao pé e sem assistência cristã. Fr. António da Piedade (*Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 657-661) historia a missão de Camboja, mas porque maltrata a cronologia, tudo embrulha. Todavia é possível que esteja certa a lista dos missionários que em 1593 aí estavam e, presos, foram levados ao Sião: Fr. Rodrigo da Cruz, fr. Gregório de S. Francisco, fr. António da Madalena e fr. Damião da Torre.

Com a derrota de Camboja em 1593, começou ali um período de guerras entre vários pretendentes ao governo do reino. Apram Langara que então era o rei, obrigado a refugiar-se no Laos morreu de desgosto. Seu filho Prauncar, ajudado dos laos e de portugueses e espanhóis que por ali andavam, foi-se firmando. Quando em 1596 ou 1597 fr. Pedro Ortiz Cabeza e fr. Pedro dos Santos que iam de Sião para Manila com embaixada (veja-se acima cap. 91), acossados por tempestade aportaram em Camboja, Prauncar atenciosamente os recebeu e deplorou depois a morte que os laos deram a fr. Pedro Ortiz, e mais tarde em 1599 escondeu fr. Pedro dos Santos, em aflições que surgiram, para o salvar da morte, o que afinal não conseguiu porque fr. Pedro julgou salvar-se fugindo e foi apanhado e morto. Em Julho de 1598 Praucar mandou embaixada a Manila a pedir socorro de homens para a guerra, e frades. E de Manila partiu expedição e nela, com outros dominicanos, os franciscanos fr. João Baptista e fr. Diogo de S. Maria. A nau capitania em que os dois seguiram foi dar à China e em Lampacoo esteve retida até que em fins de 1599 regressou a Manila sem ir Camboja (*ib.*, 36-43). Prauncar ao mesmo tempo que pediu socorros a Manila, pediu-os também a Macau e a Malaca, conforme se vê da documentação aqui neste capítulo arquivada.

ao Custódio que então era daquela Custódia, o P. fr. Francisco Negrão, cujo teor é o seguinte ([3]):

Carta primeira de el-rei de Camboja,
escrita ao Custódio de Malaca:

«Prauncar, rei de Camboja, à Ordem de S. Francisco e Casa de S. Francisco, saúde. Reconhecendo os muitos e grandes bens que dos espanhois hei recebido e de presente recebo e espero receber, e por que não diga que me esqueço de tão grande dívida, despachei agora esta embaixada em tempo das maiores guerras e que mais necessidades tinha dos que nela vão, pelo qual se estenderá claro o muito que estimo a amizade dessa cidade, o um para acudir ao que devo e o outro para sustentar e seguir a antiga amizade e comércio que meus antepassados com essa cidade sempre tiveram, me força a fazê-lo. E assim eu agora peço a essa Religião e Casa recebam a minha, e tomem a seu cargo as coisas deste seu reino como o faziam em tempo de El-Rei meu pai, e me mandem Religiosos, pois dessa ordem hão sido os que mais assistiram neste reino e eu de menino mais comuniquei e mais afeição tive, e por fim esta cristandade é mais de direito sua. E pois em tempo hão gozado os meus antepassados deste bem, não desmereça eu o que com mais razão se [me] deve dar, pois posso dizer que sou feitura dos cristãos, pelo qual tenho mais razão de lhes pedir. e assim mesmo mais // obrigação de tornar e olhar mais por suas **1096**
coisas, que eu prometo de lhes fazer templos dourados e sumptuosos e dar-lhes chapas amplas para tudo o que quiserem. E peço a vinda seja sem falta, para consolação dos cristãos que aqui estão e que com tantas eficácias me hão pedidos. Pois fui de tão pouca ventura que um que tinha vindo, diz-se o mataram os laos, coisa que eu senti muito e mais de não haver podido fazer disso justiça. Mas eu prometo fazê-la mui deveras, como eu vir o meu reino com algum descanço e paz. Por causa das inquietações deste reino ando gastado. Peço a essa Casa e Ordem sejam parte para que este dinheiro meu que lá está, se me mande» ([4]).

Até aqui a carta de el-rei de Camboja, a qual não causou pequeno alvoroço nos Religiosos daquele convento de Malaca, por não haver coisa que eles mais desejassem nem estimassem que ter ocasião

---

([3]) Soledade, como de costume, resume o texto de fr. Paulo da Trindade: e a propósito das cartas do rei escreve: «Não copiamos esta [carta], e outras do mesmo Príncipe, por não exceder o estylo que observamos nesta relação da India; e também porque já andão impressas» (*Historia Serafica*, 3, 379-381). Onde foram impressas, não descobri. Pode ser que «impressas» queira simplesmente significar «transcritas» na obra de fr. Paulo da Trindade.

([4]) A carta deve datar de Julho de 1598. E parece texto comum enviado a Manila e a Malaca: «reconhecendo os muitos e grandes bens que dos espanhóis hei recebido». E a embaixada a Manila é de Julho de 1598. Nela deplora o rei a morte que a fr. Pedro Ortiz deram «os laos», facto que data dos princípios de 1598.

de estender com a sua pregação os limites de nossa santa Fé por todos aqueles reinos vizinhos de infiéis. E assim foi escolhido e enviado para aquela empresa o P. fr. António, cujo sobrenome não chegou a nossa notícia, o qual partiu logo na primeira monção com outro companheiro ([5]). E foram mui bem recebidos do rei e lhes fez muitas honras e favores, como consta de uma provisão real que logo lhe mandou passar, selada com o selo maior do reino, a qual depois se trouxe ao nosso convento de Malaca e se guardou originalmente muitos anos em o seu cartório, e ao presente está em nosso poder com as cartas que aqui se referem. E o teor da provisão é o que se segue:

Provisão de el-rei de Camboja
em favor dos nossos frades e da cristandade:

«Poder, liberdade e autoridade que eu Prauncar, rei de Camboja, concedo aos religiosos da Ordem de S. Francisco da Custódia de Malaca porque de menino tomei afeição particular aos costumes de sua religião, e por isto movidos, a pedimento meu vieram de Malaca a estes meu reinos a doutrinar aos cristãos que em eles há, e para de novo pregarem e ensinarem sua lei aos que a quiserem tomar. E porque de minha parte não falte com o favor para isso necessário, lhe passo a presente, consultada e autorizada com os do meu conselho e selada com o meu selo maior.

«Primeiramente concedo aos religiosos de S. Francisco pleno poder para que de hoje em diante possam baptizar a toda a pessoa camboja, jaoa, champá e a toda a outra de qualquer nação, condição e estado que seja, que esteja em estes nossos reinos, sem por isso perder dignidade de pessoa nem cargo que de ofício tenha, de modo que em tudo ficará, assim em estado como no ofício, da maneira que es-
1097 tava em gentio. Item mais concedo // aos ditos padres inteira jurdição sobre os cristãos, assim os que já o são como os que ao diante forem, ainda que sejam escravos meus ou gente da minha casa, para que eles os possam obrigar com castigos e penas à guarda de sua lei em qualquer parte destes meus reinos aonde estiverem. Item mais

---

([5]) Esta embaixada do rei de Camboja despertou o interesse das esferas governamentais de Malaca. No ANTT, ms de Livraria, n.º 1109, pg. 1, se conserva a notícia das *Cousas que ha no Reino de Camboya,* notícia que é de então; no ms 1104, pg. 79, o exemplar originar selado, em espanhol da *Provisão de el-rei de Camboya* que vai no texto. E assim logo nesse ano de 1598 ali foi enviado em missão o Franciscano fr. António da Piedade de quem se conserva carta datada de Camboja a 2 de Janeiro de 1599 a contar seus primeiros trabalhos na missão. Esta carta conserva-se no original no dito ms 1109, pp. 3-8 do ANTT, e foi publicada de cópia do mesmo arquivo, CC. 1-45-127, pelo já citado Benno M. Biermann no AIA, 22 (1935), 264-270). Com fr. António da Piedade seguiu outro frade que, como ele escreve em sua carta, «des que chegou a tres mezes pollo mao tratamento da viagem e por falta das cousas necessarias ao sustento hum anno (?) deu fim aos trabalhos da presente vida e principio à futura».

mando que todo o escravo que se quiser fazer cristão, não lhe possa seu senhor impedir e, impedindo-lho, lho poderão tirar por justiça, pagando-lhe o que o padre com um mandarim avaliar. E sendo seu senhor contente de que seu escravo seja cristão, lhe dará licença e a liberdade para que aos domingos acuda à igreja e a cumprir com todas as obrigações do cristão. E o senhor não perde por que o escravo se faça cristão, nenhum direito. Item mais mando a todos os meus parentes e grandes do meu reino e conselho, que estimem e reverenciem aos ditos padres com o acatamento costumado a fazer aos nossos sancarraches ([6]). Item prometo mais fazer aos ditos padres igrejas douradas, acabado que as guerras me dêm lugar a o fazer. Item mais prometo dar aos ditos religiosos de S. Francisco todo o mantimento de arroz, sal, candeias e gente do serviço. Item mais concedo seguro aos delinquentes destes meus reinos que também valham as igrejas dos padres para nelas as minhas justiças os não prenderem. Tudo isto acima conteúdo concedo aos padres de S. Francisco da Custódia de Malaca. Em fé do qual a selamos com o nosso selo maior. Dada em Sirtior (?)».

Até aqui a provisão de el-rei de Camboja. Com estes favores começaram aqueles servos de Deus a entender com muito fervor em converter almas, das quais ganharam naquela ocasião muitas para Deus. E era tão angélica a conversação destes dois religiosos naquela terra e a sua vida tão exemplar, que tinha o rei de Camboja muito grande contentamento de os ter em sua companhia e não sabia como poderia agradecer ao Custódio o tê-los enviado, e assim, para gratificação deste seu ânimo, lhe escreveu uma carta de agradecimentos na forma seguinte:

Carta segunda de el-rei de Camboja escrita ao Custódio de Malaca:

«Prauncar, rei de Camboja, ao Padre Custódio e Religião de S. Francisco de Malaca. Por meus embaixadores tive a resposta de uma que tinha escrito a essa Religião, e outra com o presente pelos padres, e ambas vinham cheias de muitas mostras de amor e vontade que nelas Vossa Reverência me mostra ter. Com o que fico obrigado a dar todo o favor que de minha parte foi necessá // rio para a cristan- **1098**
dade destes reinos, o qual já tenho concedido por chapa real a essa Religião, com todas as condições que o Padre fr. António me pediu. E se de novo outras forem necessárias, também as darei. E o não pôr logo tudo por obra não é por falta de vontade senão de posse, que os

([6]) O texto original espanhol que, como se disse acima, está no ANTT, ms 1104 da Livraria, pg. 79, traz assim a frase «...estimen y reberençien a los dichos Padres con el acatamiento acostumbrado que haçen a nuestros Religiosos». *Sancarraches*, o nome que dá o texto aos «religiosos cambojos», também Soledade o apanhou para a notícia que dá desta missão (*Hist. Seráfica*, 3, 580).

muitos gastos que as guerras me fizeram, me impossibilataram. Mas agora lhes fico dando fim, e [estando] tudo quieto, eu não terei descuido de cumprir minha palavra. Agora mando essa embaixada ao Vizo-Rei. Vai tudo remetido a Vossa Reverência, que se lá parecer bem passem os embaixadores, fá-lo-ão; e se não, fiquem nessa cidade esperando resposta da embaixada que em todo o caso passará a Goa. O que nela peço é que me conceda o Vizo-Rei o que por informação tenho ter concedido a outros reis que nos desejos e vontade de servir a esse Estado me não ganham. Vossa Reverência com suas cartas me ajude e mui particularmente lhe escreva como lhe pedir isto. E pois eu gozo de tantos servos feitos por vassalos do rei de Portugal, razão será me germane com ele. E quanto à ilha para se nela fazer fortaleza, não estou em estado para lhe dar ajuda dela. Se lha puderem mandar, podem-na fazer. Vossa Reverência se sirva destes reinos em tudo o que neles for servido, pois são dessa Religião. Com a vinda dos padres me alegrei muito. E o não serem tratados como minha vontade pede, as causas disso e tudo o que os meus embaixadores disserem de minha parte, dê-lhes Vossa Reverência crédito. Não deixe Vossa Reverência escrever ao Vizo-Rei sobre o junco e fazenda que em essa fortaleza me tomaram, indo nele por capitão um cativo meu».

Até aqui a carta. Estiveram estes Religiosos em Camboja alguns anos e por ordem de seus prelados se tornaram para Malaca, e foi enviado no seu lugar o P. fr. Jácome da Conceição (7), sendo já então custódio da Custódia de Malaca o P. fr. André dos Anjos (8). E por ser este Religioso exemplar e de condição aprazível, foi mui aceito a todos, particularmente ao rei, que já não era o Prauncar, por ser falecido, mas um seu irmão que lhe sucedeu no reino chamado Naiqui Fumadai Para Orachi Onquar, do qual foi mui bem recebido e estimado, como se verá de uma carta que escreveu ao custódio de Malaca na maneira seguinte:

Carta terceira, de el-rei de Camboja
ao Custódio de Malaca:

1099 «Naiqui Fumadai Para Orachi Onquar, Rei // de Camboja Moor. O Padre Custódio de S. Francisco da cidade de Malaca me mandou uma carta pelo P. fr. Jácome da Conceição, na qual dizia ficar cá

---

(7) Fr. Jácome da Conceição era Capucho, provàvelmente arrábido, vindo de Portugal para a Custódia de Malaca em ano que se desconhece. Como consta da carta que se publica a seguir, entrou na missão de Camboja em 1612. Com fr. André dos Anjos evangelizou em Champá e Solor (veja-se adiante, cap. 100) e na Cochinchina (adiante, cap. 102).

(8) Fr. André dos Anjos foi outro Capucho que veio de Portugal para a Custódia de Malaca em ano que se desconhece. Acompanhou fr. Jácome nas missões de Champá, Solor e Cochinchina, como acima se diz.

neste meu reino comigo o mesmo padre, para que eu o tratasse como meu irmão Naiqui Prauncar passado tratava os padres que estavam neste reino com ele. Com o qual eu folguei por me mandar o padre, por haver muitos anos não vir padre a este meu reino, e por eu desejar muito nele padres da Ordem de S. Francisco, os quais eu trato sempre como meu irmão Naiqui Prauncar passado os tratava. Agradeço muito a Vossa Reverência mandar o Padre fr. Jácome da Conceição, por ser padre quieto e amigo de aquietar todas as coisas, como tem aquietado muitas entre os portugueses e japões, e aquieta cada hora. É amigo da sua igreja e de todos os cristãos e os admitir a ela. Tem já feito quarenta cristãos neste meu reino, de que eu folgo muito e lhe dou licença para que faça todos os que puder. E assim concedo licença por todo o meu reino para que todos os que se quiserem fazer cristãos, se fizessem mui embora. Aos vinte do mês de Outubro de mil seiscentos e doze anos. Será dada ao Padre custódio um pico de cera, e mais dois dentes de marfim para o convento, que manda El-Rei».

Até aqui a carta, da qual se colige bem os muitos serviços que a Nosso Senhor fez este Religioso entre aqueles infiéis, os quais se não particularizam mais aqui porque não chegaram à nossa notícia; que, como já outra vez dissemos, foram os nossos Religiosos sempre de condição que se prezaram mais de obrar que de escrever, e tratavam mais de se ocupar em o serviço de Deus e bem das almas que de publicar e engrandecer suas cousas, querendo por prémio delas, não a glória popular com que alguns se contentam, mas a glória verdadeira, no que são muito dignos de louvor. Que bem é sejam louvados os que por amor de Deus desprezam seus próprios bens.

DOUTROS TRÊS RELIGIOSOS QUE TAMBÉM FORAM AO REINO DE CAMBOJA E DO QUE LÁ LHES ACONTECEU

CAPÍTULO 98

Falando o Profeta-Rei em um salmo, segundo a explicação do nosso doutíssimo fr. Nicolau de Lira, dos sagrados Apóstolos e mais pregadores evangélicos, debaixo da metáfora de semeadores, diz que ao tempo que iam semeando e lançando na terra dos corações dos homens a semente da divina palavra, iam correndo e derramando muitas lágrimas, *euntes ibant el flebant mittentes semina sua* (1), notando neste modo de falar que, assim como é certo e verdadeiro o trabalho naqueles que têm por ofício cultivar os campos e semeá-los, assim o é também naqueles a cujo cargo está ensinar a Fé e pregar o Evangelho, porque é impossível fazerem isto sem muitas fadigas e trabalhos. E deixando para prova desta verdade o muito que padeceram os sagrados Apóstolos que foram os primeiros que no mundo exercitaram este ofício de cultivar a terra dos corações humanos e semear neles a soberana semente da palavra de Deus, e se pode ver no que de
1100 si diz o apóstolo S. Paulo em // a segunda Carta que escreveu aos de Corinto, cap. 11, onde faz um breve sumário dos muitos trabalhos que na pregação da Fé e conversão dos infiéis tinha padecido, basta vermos o que passaram nesta conquista espiritual do Oriente os seus primeiros conquistadores, cujos trabalhos foram imensos e incomportáveis, não só de fomes e sedes e outras descomodidades semelhantes, mas, o que mais é, de muito risco de suas vidas, vivendo como gente destinada à morte, e sendo muitos deles presos, cativos, encarcerados e mortos, como da relação desta nossa história se deixa ver claramente.

Esta mesma sorte tiveram três Religiosos que foram pregar o santo Evangelho no reino de Camboja, os quais, além de outros muitos trabalhos que tiveram ao semear esta divina semente, se viram

---

(1) *Salmo* 125, 6.

em grandes perigos de perder a vida e foram presos e cativos pelo rei Preto de Sião, de que largamente temos tratado nos capítulos passados. O qual, vindo com um poderoso exército sobre o reino de Camboja, o destruiu e desbaratou, trazendo cativos para sua terra todos os cristãos que ali achou, assim portugueses como naturais, que eram muitos, e entre eles três Religiosos nossos, todos cativos, presos e aferrolhados, padecendo, assim no caminho como depois no cativeiro, grandísisimos trabalhos, tendo sempre a morte diante dos olhos. A ocasião que houve para esta guerra entre estes dois reinos vizinhos que de ordinário eram amigos e aliados, com o parentesco de seus príncipes, casando os filhos de um com as filhas do outro, será bem contarmo-la aqui por maior clareza da nossa história.

No tempo em que o rei de Sião se viu em grande aperto pelo cerco que lhe tinha mandado pôr à sua cidade o grande Bramá de Pegu, segundo atrás fica mais largamente contado, quis-se valer do favor dos reis seus vizinhos e confederados, particularmente do de Camboja por haver entre eles razões de parentesco, por estarem apalavrados de se casarem o filho de um com a neta de outro, e para este efeito despediu seus embaixadores, os quais foram do Cabojo muito bem recebidos. E deferindo a sua embaixada lhe mandou um bastante socorro de trinta mil homens de peleja e por seu general o seu próprio irmão, mancebo brioso e esforçado. Porém quando este socorro chegou a Sião, já tinha o reino o Príncipe Preto por morte de seu pai. E estava aquela guerra de Pegu acabada, e ele mui soberbo e alevantado com a vitória. E tanto que, como fica dito, se fez alevantar por imperador, mandou embaixadores aos reis vizinhos que lhe reconhecessem vassalagem, como de facto fizeram. E, levado desta soberba, mandando-lhe o irmão do Cambojo pedir licença para se tornar para a sua terra, pois o seu socorro já não era de nenhum efeito, lhe mandou responder que primeiro que se fosse lhe havia de vir à sumbaia, prostrando-se aos seus pés.

Muito sentiu o Cambojo este recado, e lhe mandou dizer que diferentes obras esperava dele, pois o viera socorrer da sua terra com tanto dispêndio de sua fazenda, e que ele nunca fizera sumbaia a seu irmão e que menos a devia de lhe fazer a ele, pois el-rei de Camboja nunca fora menos que o de Sião, antes se tinha por // maior que ele. **1101**
Não se aquietou com isto a soberba de el-rei Preto de Sião, antes lhe tornou mandar dizer que se logo não vinha prostar-se aos seus pés, ele com todos os seus haviam de ser mortos, porque não havia outro rei como ele, e que todos os outros lhe haviam de fazer sumbaia a ele. Com esta resolução se resolveu também o Cambojo a não vir nunca no que o Sião queria, pela força que nisso a El-Rei seu irmão fazia. Porém, os seus capitães lhe foram à mão a esta sua honrada determinação, representando-lhe o manifesto perigo de vida em que se punha ele e toda a sua gente, pois não era possível algum deles sair com ela. E quanto à afronta que ele dizia, não a podia haver onde havia força, e que depois lhe podia tomar conta disto.

Movido o irmão de el-rei de Camboja com estas e outras razões que lhe deram os seus capitães, foi fazer a sumbaia ao rei de Sião e com sua licença saiu com muita pressa. Sabendo o rei de Camboja o que passava e que seu irmão fizera sumbaia ao rei de Sião, se deu por muito afrontado, e, sem o querer ver, lhe mandara cortar a cabeça. Ao que acudiram os seus capitãos, dizendo o muito que ele isso refusara, e que se o fizera foi por assim lhes parecer a todos que convinha ao seu serviço. Com isto se aplacou algum tanto a ira do rei contra seu irmão. E posto que lhe perdoou a vida, mandou-lhe contudo que daí por diante lhe viesse fazer a sumbaia, pois a fizera ao rei de Sião; e isto até ele tomar justa vingança desta injúria.

E não tardou muito em a querer executar, porque, estimulado do desprezo e menoscabo em que lhe parecia ficava com o que o rei de Sião tinha feito a seu irmão, se deu todo pressa em ajuntar gente para lhe fazer guerra. E assim em breve tempo pôs no mar uma armada de doze mil embarcações, entre grandes e pequenas, em que iam um conto e duzentos mil homens, e se gastaram três dias em sair do porto esta armada que tomava de largura do mar duas léguas. E assim se crê que nunca rei algum pôs no mar semelhante armada. Com este aparato chegou o Cambojo (que quis em pessoa ir acabar esta empresa) à barra de Sião; e por lhe constar que já o Rei Preto tinha notícia desta vinda, quis com dissimulação encobrir o seu ânimo para que o Sião se não preparasse a o receber em som de guerra. E assim lhe mandou dizer que ele sòmente vinha buscar a mulher do príncipe seu filho, que ele lhe tinha prometido, que era sua filha.

Era o Rei Preto de Sião mui ardiloso nas coisas de guerra, como já noutra parte notámos. E, posto que era verdade que aquele casamento estava entre eles concertado, não lhe pareceu bem vir a esse efeito com tanto aparato de guerra. E assim por saber o que na matéria havia, começou a peitar com alguns dos capitães cambojos e por fim veio a saber, por modos secretos, de pessoas particulares, que a intenção do rei de Camboja era sòmente tomá-lo desapercebido e fazer-se senhor da sua cidade de Odiá. Como teve isto entendido, também com dissimulação mandou visitar o Cambojo, e dar-lhe as boas vindas com muito refresco de fruitas e outras coisas ao seu modo. pedindo-lhe se deixasse estar alguns dias enquanto ele preparava o necessário para lhe entregar sua filha por mulher do príncipe seu filho.

1102 Com este recado que mandou, tomando // consigo cinquenta mil siames, da melhor gente que tinha, se pôs ao caminho de Camboja, onde chegando com muita brevidade, começou a destruir a terra toda por onde passava e que estava bem descuidada deste assalto, e queimou a cidade real daquele reino chamada Loeque. Foi disto avisado o Cambojo que, como dissemos, estava na barra de Sião fazendo pouco mais de nada, porque sòmente tinha queimado algumas cidades e lugares marítimos de el-rei de Sião. E com estas novas, que nele e em todos os seus causaram não pequeno espanto, tornou a voltar para

Camboja, onde chegou em breves dias por ser o caminho perto, com aquelas embarcações sòmente que, por serem ligeiras, o puderam acompanhar, que foram poucas.

E sabendo que o Rei Preto tinha queimado a sua cidade de Loeque, e que se estava aparelhando para voltar para Sião, determinou, ainda que com pouca gente, de chegar às mãos com ele, parecendo-lhe que com a sua presença e por estar em sua própria terra seria isso bastante para quebrar o ânimo ao inimigo. Porém sucedeu-lhe muito ao contrário, porque o Rei Preto, que a nada se acanhava, o saiu a receber com muito esforço e, rompendo batalha, o desbaratou com muita facilidade e ainda lhe tirara a vida se não se acolhera, fugindo pelos matos onde esteve três dias sem aparecer, sendo por isso tido dos seus por morto; e sem falta o fora, se não levara vestido um peito de aço, no qual lhe deram uma espingardada por meio da barriga, que o não passou por ser de prova. E foi tanto o medo dos cambojos, além de lhe faltar a maior parte do exército que ainda não era chegado, que se o Rei Preto quisera seguir a vitória, daquela vez destruía o reino todo, e escusara tornar sobre ele a segunda vez, como depois tornou. Mas por então se contentou com o que tinha feito, e se recolheu cheio de despojos para o seu reino de Sião, com determinação de não descansar até sujeitar os reinos a ele comarcãos e ainda mais diante, como depois o fez.

Passado algum tempo tornou o Rei Preto a prosseguir a guerra de Camboja, por cujas terras entrou com um bom exército, e de tal maneira se houve nesta empresa que, desbaratando o rei, o fez fugir para o reino dos Laos que é muito pelo sertão dentro, ficando senhor absoluto de Camboja onde pôs o rei de sua mão. E cheio de grande glória voltou para Sião, trazendo cativos todos os estrangeiros que naquele reino estavam, como chinos, malaios e todos os cristãos assim portugueses como da terra, entre os quais trouxe também cinco religiosos: Dois, do patriarca S. Domingos que havia pouco tempo tinham ido àquele reino de Camboja a suceder a um padre seu que naquele reino falecera, onde estivera muitos anos, como cativo, sem o rei o deixar vir, alegando para isso que tinha certas contas com ele, as quais se acabaram com a morte do dito padre, o qual morreu com deixar entre aqueles infiéis muita fama // de virtude e santidade, como ver- **1103**
dadeiro filho do Pai S. Domingos; e três religiosos nossos, alguns dos quais havia nove anos que estavam no reino de Camboja onde foram mandados a pregar nossa santa Fé, e tinham igreja sua e feitos muitos cristãos, e eram mui aceitos ao rei pelo bom exemplo que sempre lhe deram, particularmente na muita pobreza que sempre neles resplandesceu, enjeitando-lhe todas as suas mercês que lhes fazia de ouro e prata, sem dele nunca quererem aceitar mais que a esmola do alforge, a qual iam pedir cada oito dias, assim ao rei como ao povo, de que todos se admiravam, por não terem até então visto semelhante coisa, o que se acabou naquele reino de Camboja com a distruição que nele fez o Rei Preto de Sião.

E posto que na relação que tivemos deste sucesso, se não diga como se chamavam estes três religiosos nossos, crê-se que seriam [fr. Gregório] (2), guardião de uma casa de Arrábida donde era filho, e aí deixou a guardiania por vir converter almas à Índia, e fr. António da Madalena de quem, tratando do reino de Sião, fizemos menção, e fr. Damião da Torre, sobrinho do P. fr. Damião da Torre, Comissário Geral do Reino, da província da Arrábida, porque nos consta que todos três estiveram no reino de Camboja, e em este mesmo tempo que sucedeu esta destruição, segundo nossa conta (3). Neste cativeiro padeceram esses Religiosos, com os mais cativos, grandíssimos trabalhos, vendo suas vidas em mão de um tão cruel tirano, como era o Rei Preto de Sião, cujas maiores recreações eram ver matar homens e ainda matá-los com as suas próprias mãos. A fome neles era mui grande porque, como a gente cativa é desestimada, lhes dava o mantimento muito por regra e medida, o que vendo os benditos frades, lembrando-se das palavras de sua Regra que, «com muita fé vão pedir esmola», o quiseram pôr por obra.

E assim fizeram seus alfoges e, tomando-o às costas, corriam a cidade toda, pedindo esmola por amor de Deus de porta em porta. E do que lhe davam (tirando dinheiro, que este nunca aceitavam) repartiam com os outros seus concativos, como fazia o santo Tobias o Velho. E indo isto à notícia do rei, mandou chamar os frades juntamente com todos os mais cristãos, e lhes disse como pediam esmola sendo cativos de um tão grande rei como ele era, que sem isso ele os podia sustentar mui bem. E logo mandou vir trinta cates de prata, que serão quantia de dois mil e quinhentos cruzados, e os entregou para que repartissem entre si, o que eles fizeram de boamente, tirando os nossos três religiosos que nem nesta ocasião nem em outra alguma quiseram aceitar dinheiro. O que notando o rei, se espantou muito, e os mandou chamar, e muito de vagar lhes perguntou pelo seu modo de vida. E satisfeito com as razões que lhe deram, daí por diante lhes teve mais respeito e tratou melhor. E ainda lhes mandou fazer igreja e
1104 casas, com que tiveram, assim eles como os mais cristãos, // mais alívio. E assim estiveram naquele reino alguns anos sem o rei lhes querer dar licença para se tornarem para Malaca.

---

(2) Completamos o texto com o nome dado por fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 297) pois o copista o omitiu. Esta missão, como já se esclareceu no capítulo precedente, foi a primeira missão franciscana portuguesa que entrou em Camboja. Fr. Gregório deve ser o fr. Gregório da Cruz que já depois, de Sião, em 1594 escreveu ao governador das Filipinas (acima, cap. 97). Se a assinatura foi bem lida, fr. António da Piedade enganou-se quando lhe chamou fr. Gregório de S. Francisco na lista que dá dos frades desta missão (*Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 669-652).

(3) A esta lista de missionários, reproduzida também por fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 297 e Soledade (*Historia Serafica*, 3, 572), acrescenta fr. António da Piedade (*Crónica* citada, 661) mais fr. Rodrigo da Cruz.

Mas como os corações dos reis estêm nas mãos de Deus, como já noutro lugar dissemos, houve por bem de mover o deste tirano para dar esta licença aos nossos Religiosos, dos quais um era já falecido de sua enfermidade. E mandou o rei chamar os outros dois que ficaram, e disse para a mais velho que se fosse embora e que soubesse que, depois que o vira, o tivera sempre em conta de pai, e que o encomendasse a Deus; e, querendo tornar para o seu reino, folgaria muito com isso. E com isto lhes mandou mercê de onze anéis de pedraria que eles não quiseram aceitar, como tão pouco o provimento e gasto que El-Rei mandava se lhes desse para a viagem, querendo mendigar conforme a sua Regra. E vendo o rei, em cuja presença tudo isto passava, que enjeitavam tudo, como desconfiado disse não era bem que os padres lhe enjeitassem o que lhes dava. O que vendo eles, querendo-o contentar lhes disseram que lhes fizesse esmola de uma pouca de cera e algum beijoim para a igreja de Malaca. E logo o rei mandou que lhes fosse dado o que pedissem.

E assim se despediram dele, e sairam do paço levando consigo o vedor da fazenda dEl-Rei, o que El-Rei mandava. E parecendo-lhe que os padres pediram muita coisa, lhes perguntou quanto queriam de beijoim e cera. E dizendo-lhe eles que duas mãos sómente de cera e sete ou oito arráteis de beijoim, que inda aquilo tomavam por contentar a El-Rei, ficou o Vedor da Fazenda e os mais que acompanhavam, espantados de ver o pouco caso que aqueles servos de Deus, verdadeiros desprezados do mundo, faziam de todas as suas coisas, porque, quanto nestes infiéis reina mais a cobiça e estima do dinheiro, mais espanto têm de ver que haja quem o despreze e ponha debaixo dos pés. Deu-lhes o Vedor da Fazenda essa pouquidade que pediam, e eles se tornaram para Malaca mui sentidos de verem perdida a cristandade que tinham em Camboja, mas com as esperanças de ainda permitir Deus que alguma hora se recuperasse. Daí a alguns anos mandou também o Rei Preto de Sião pedir nossos Religiosos a Malaca, e sucedeu tudo o que mais atrás fica contado.

COMO OS NOSSOS RELIGIOSOS PREGARAM A NOSSA SANTA FÉ NA ILHA JAOA E DO FRUITO QUE COLHERAM DA SUA PREGAÇÃO

CAPÍTULO 99

Profetizando o santo rei David, em um dos seus salmos, do estendido senhorio que havia de ter o Filho de Deus na terra quando a ela
1105 viesse a vestir-se da nossa humanidade, diz que seria dum mar a // outro e desde o rio Eufrates até os últimos fins da terra, *dominabitur a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum* (1), sendo de(?) ver quão à letra está cumprida esta profecia, pois nos consta quanto estendido está este soberano império de Cristo, chegando de um mar a outro, isto é, como declara Genebrardo, do Oceano do Ocidente ao Oceano do Oriente e desde o rio Eufrates de Palestina até à Índia Oriental, que são verdadeiramente os últimos fins da terra. Porquanto se os antigos para encarecer uma coisa por muito remota, diziam ser na Taprobana, como nas suas Lusíadas o dá a entender o poeta português, vemos hoje o estandarte de Cristo arvorado ainda muito além da Taprobana, ou queiramos entender por Taprobana a ilha de Ceilão como os escritores modernos afirmam, ou a ilha de Samatra como os antigos geógrafos ensinam. Pois muito além assim de uma como da outra ilha está conhecido o nome de Cristo, sendo pregada sua santa lei não só em toda a terra firme que até o grande reino de China está descoberta, mas em as mais das ilhas do Arquipélago do Sul, entre as quais se pode contar a ilha de Jaoa (2) que confina com Samatra, da qual havemos de tratar neste capítulo.

Esta ilha Jaoa, da qual temos dada alguma notícia acima no Livro I, cap. 8, dista de Samatra quinze léguas para o Oriente. Divide-se em muitos reinos e senhorios, uns de gentios que são os naturais da terra, outros de mouros que, vindo de Malaca primeiramente como mercadores, depois por força de serem mais, os conquistaram.

---

(1) *Salmo* 71, 8.

(2) Jaoa é a grafia do autor e dos escritores antigos. Hoje diz-se Java, mas os seus naturais ainda se chamam jaus. Barros (*Décadas IV*, 1, 1, c. 12, pp. 73 ss) descreve a ilha e nomeia seus reinos. O de Bolamboão ou Bolemboão, como o de Panaruca, assentavam na extremidade ocidental da ilha.

A um destes reinos que era de gentios, chamado Bolamboão ([3]), foram quatro frades nossos do convento de Malaca, sendo Custódio daquela Custódia da primeira vez o P. fr. Diogo da Conceição.

Partiram daquela fortaleza sendo capitão dela Roque de Melo, e se meteram em uma fragata de Manila, cujo capitão se chamava Manuel Pinto, o qual ia a Maluco, e deitou os padres na Jaoa por ser mesmo o caminho. E não se põe de Malaca a Jaoa [menos] que um mês, eles por ser bom tempo [levaram só] vinte sete dias. Chegando, dois deles se foram à cidade Panaruca do mesmo reino, os quais se chamavam fr. Pedro de Arouca, sacerdote, e fr. Jerónimo, leigo, e os outros dois cujos nomes eram fr. Manuel de Elvas, fr. Jorge de Viseu ([4]), ambos sacerdotes, foram ter à mesma cidade onde El-Rei tem a sua corte, que tem o mesmo nome do reino, e se chama Bolamboão. E uns e outros foram mui bem recebidos, assim do rei como de todos; e lhes fizeram muitas honras, particularmente o rei que era muito amigo dos Portugueses e desejava que fossem eles ao seu reino para contratarem, como algumas vezes o faziam. E assim fez muitos favores a estes Religiosos, dando-lhes licença geral para poderem pregar a Fé em todo o seu reino e de baptizar todos quantos eles convertessem, sem por isso receberem algum prejuizo; pelo qual respeito muitos recebiam a nossa santa lei e se baptizavam.

Deu-lhes também lugar para poder fazer igrejas que logo se fizeram, e casas em que morassem. E dava-lhes dinheiro e algumas peças ricas de ouro e prata que eles não quiseram nunca aceitar, de que // **1106**
o rei não pouco se espantava. Dava-lhes também a sustentação ordinária; porém nem isso quiseram, mas viver das esmolas conforme a Regra que professavam. E assim iam todas as semanas uma vez ao bazar pedi-la. E do que lhes davam, partiam com os presos, levando-lho ao tronco eles mesmos. E os visitavam e consolavam muitas vezes, e com issso lhes pregavam a palavra de Deus, os quais, vendo a sua caridade, grande amor e cuidado com que os tratavam e acudiam a remediar suas necessidades, se afeiçoavam muito à nossa santa Fé, e muitos a recebiam e se faziam cristãos.

Mas, quem mais se sinalava nesta devoção e caridade para com

([3]) Os Capuchos que foram à Índia em 1584 a criar a Custódia de Malaca, logo de entrada, no governo do primeiro custódio fr. Diogo da Conceição (1584-1588), fundaram em Bolamboão missão à qual alude o bispo de Malaca em carta ao rei, datada de 31 de Dezembro de 1588 (original no AS, Secretarias Provinciales, liv. 1551, fl. 276). Do rei de Bolamboão diz fr. Gaspar de Lisboa em carta ao Geral dos Franciscanos de 22 de Dezembro de 1585: Em Malaca «tudo vem de fora, dum reino que se chama Jaua, cujo rei se chama Malambuão, e he bebado e soo pola menhan lhe falão» (em AIA, 5 (1916), 403).

([4]) Sobre fr. Manuel de Elvas, veja-se acima cap. 15, e adiante cap. seguinte. Os três restantes frades nomeados aqui no texto, foram dos Capuchos que chegaram à Índia em 1584; e de suas actividades apenas se conhece o que o texto dá aqui e no cap. seguinte. De fr. Jerónimo traça larga biografia fr. António da Piedade (*Chronica da Provincia da Arrabida*, 1, 665-671).

os frades, era a rainha velha, a quem aquele reino de direito pertencia. E sem falta que, se ela viera a possuí-lo como esperava, todo o reino se houvera de baptizar, que assim o tinha ela dito aos Religiosos. Porém o rei que tinha o reino tirânicamente, por se assegurar nele a veio a matar por modo secreto, o que sentiram muito os nossos Religiosos, porque tinham nela mãe, e assim os provia liberalìssimamente do que haviam mister, e os mandava chamar, e falava com eles com muito gosto e, vendo bem as coisas da nossa santa Fé que era a matéria em que de ordinário tratavam, lhes pedia muitas vezes que a encomendassem a Deus, e lhes dizia que, se o reino fosse seu como esperava, ele seria dos padres e dos cristãos.

Em este ministério se detiveram quatro anos estes quatro Religiosos, e se tornaram depois deles para Malaca, donde foram outros que lhes sucederam. Receberam a Fé e a água do santo baptismo muitas pessoas nobres e principais do reino e algumas de sangue real. Porque o Padre fr. Pedro de Arouca na sua cidade de Panaruca converteu e fez cristão a um sobrinho do rei que era pandito, sacerdote entre eles, homem muito grave e de muito bom entendimento, o que tomaram tão mal os outros sacerdotes e ministros dos ídolos, que deram em o perseguir, e não descansaram até lhe tirarem a vida, o que tudo o nobre soldado de Cristo sofria com muita paciência, ajudado da graça divina e animado com os santos conselhos que o Padre lhe dava.

E o P. fr. Manuel de Elvas que, como dissemos, residia na corte de El-Rei, converteu um filho do mesmo rei. Era este príncipe muito amigo dos portugueses e a todos os que iam ao seu reino agasalhava com muito amor e fazia muitas honras. E por estar mui instruído nas coisas da nossa santa Fé, o baptizou o Padre e lhe pôs nome de Francisco. Daí a poucos dias faleceu, que parece estava o seu nome escrito no Livro da Vida, pois assim achou tão prestes os meios de salvação.

Também converteu o P. fr. Manuel um sobrinho do rei que era já homem, e lhe pôs nome D. António, e a um filho que tinha chamou D. Pascoal por se fazer este baptismo no mesmo dia de Páscoa, que
1107 para aqueles religiosos foi de // muito gosto e contentamento espiritual, por ver que ganhavam aquelas almas para Deus. A mulher também se converteu e baptizou, porém não pudemos saber o nome que lhe foi posto. Este D. António foi sempre muito bom cristão e deu muitas mostras de ter recebido nossa santa Fé, porque frequentava muitas vezes a igreja e cumpria com todas as obrigações dela com muita devoção e pontualidade. E tanto que se baptizou, deixou os trajos de gentio e se vestiu à portuguesa. Mas como não possa ser Abel quem não tem contra si um Caim, nem possa ser lírio quem não tiver alguns espinhos que o maltratem, segundo diz S. João Crisóstomo, teve este príncipe uma grande adversária em uma filha de El-Rei seu tio, a qual, como outra Herodias, lhe negoceou a morte.

Era esta infanta muito dissoluta e de costumes mui indecentes

à sua nobreza, a qual, porque este D. António, doendo-se da honra d'El-Rei seu tio, algumas vezes a repreenderia e estranhava suas solturas e desaforos, ou por que quer que fosse, ela lhe cobrou um ódio figadal e, instigada dele ou do demónio, tratou de lhe maquinar a morte com El-Rei seu pai, dizendo-lhe muitos males dele, e foi de feição que, indignado o rei, o mandou matar. Sendo levado pelos algozes ao lugar onde havia de ser ajustiçado, ia mui conforme com a vontade divina. E chegando ao lugar, disse aos que o haviam de matar que ele era cristão e que antes de morrer se queria encomendar a Deus naquela derradeira hora de sua vida; e tomando as suas contas que as levava ao pescoço como sempre costumva, se pôs de goelhos a rezar por elas; e depois que acabou de rezar, pondo outra vez as contas ao pescoço, disse aos algozes que já podiam fazer o seu ofício, os quais, dando nele muitas crisadas com os seus crises, o deixaram ali morto. Donde depois o trouxeram os cristãos e o enterraram na igreja com grande sentimento de todos eles e dos nossos Religiosos, quando o souberam em Malaca, porque já neste tempo não estavam aí.

Em Bolamboão se detiveram estes dois Religiosos quatro anos, com dissemos, com grande aproveitamento daquela cristandade. E sabendo o rei da Parsavão, que era um moiro e um dos da Jaoa, os mandou chamar por um português que estava lá com a sua galiota, pedindo-lhes que fossem para lá, oferecendo-lhes muitas riquezas e que lhes daria um junco carregado para Malaca. Porém eles não só não aceitaram suas ofertas, mas nem quiseram ir lá, porque souberam que os não queriam para fazer cristandade, mas para com o seu favor e com os portugueses que lá estavam com ele, tomar o reino de Bolamboão onde os padres estavam. O P. fr. Manuel de Elvas se tornou // para Malaca deixando aí o P. fr. Jorge de Viseu seu **1108** companheiro, o qual morreu daí a algum tempo; e foi mandado em seu lugar o P. fr. Cosme [que] por alguns anos correu com aquela igreja. E isto é o que pudemos ainda alcançar das coisas que na Jaoa fizeram os nossos Religiosos na conversão de almas e pregação da Fé, ficando outras muitas e mui dignas de memória sepultadas no esquecimento (5).

(5) *Apologia*, fl. 66v, texto de 1602, conta como acabou a missão de Jaoa. «Ao fervor de conversão dos Frades Menores não escaparam reinos remotíssimos desta Índia Oriental, a saber, o reino de Balumbão, na Java Maior, onde residiram muito tempo, ocupados na conversão dos gentios infiéis, alguns Frades Menores da Custódia de Malaca, com igrejas e cristandades mui numerosas de cristãos; mas entrando à força de armas (permitindo assim Deus por seus ocultos juízos) no dito reino de Balumbão um rei mouro de outro reino comarcão chamado Passarvão, o destruiu todo e juntamente a grande cristandade que estava feita nele, e assim se não pôde levar avante, como se esperava. No reino de Bale, também de Jaos, passaram, não com pouco fervor da conversão dos infiéis, outros Frades Menores da Custódia de Malaca, onde fizeram grande multidão de cristãos; mas permitindo também Deus, por outras guerras que sobrevieram, sendo destruído o reino destruiu-se também a cristandade que já estava feita pelos ditos Frades Menores». Das missões de Java falam fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 304-307) e Soledade (*Historia Serafica*, 3, 587-591).

COMO DO CONVENTO DA MADRE DE DEUS DE MALACA FORAM OS NOSSOS FRADES PREGAR A FÉ AOS REINOS DE CHAMPÁ, MALUCO, AMBOIM, BORNEO, SOLOR, PÃO, PERA E D'ARU

CAPÍTULO 100

O principal fundamento de se fundar Convento da Ordem em a cidade de Malaca foi, como vimos no seu lugar, para dali sairem os nossos frades a levar o conhecimento da verdadeira Fé de Cristo e sua santa lei a diversos reinos vizinhos seus. Porque, como consta do que acerca de Malaca temos dito, é ela o empório e praça geral de muitos e diversos reinos que a ela acodem por razão do comércio e contratação. E assim o entenderam os primeiros fundadores daquele convento que, com o terem ali, ficavam com grande ocasião para levar o santo Evangelho a muitas e diversas nações de infiéis, das quais podiam, com o fervor divino, trazer muitos milhares ao grémio da Igreja Romana, para que assim, quanto ela ia perdendo em diversos reinos da Europa por meio dos pérfidos herejes, tanto fosse recuperando e submetendo debaixo da sua obediência e jurdição em a Índia por meio dos Frades Menores. E não se enganaram nesta sua opinião, porque quase em todos os reinos vizinhos a Malaca andaram os nossos frades pregando o santo Evangelho e convertendo muitos dos infiéis.

E fora este seu fruito maior sem comparação, se lhes não atalharam este seu santo propósito as muitas guerras que em diversos reinos e tempo houve nestas partes, umas vezes entre si e outras com os Portugueses. Porque com elas não se consentem os Religiosos, nem a turbulência e inquietação das armas dão lugar a tratar de outra coisa mais que de assegurar cada um a sua pessoa e família, do impeto dos inimigos. Esta foi a causa porque tanta interpolação houve, por muitas vezes, nestas orientais partes na pregação da Fé, não podendo os denunciadores dela continuar com a conversão das almas, impedidos pelos mesmos reis que, ocupados em ofender e defender

os corpos, perdiam totalmente o cuidado de tratar das almas. Pois se já a guerra era entre eles e os nossos Portugueses, então era maior o estorvo, porque com o ódio deles não permitiam morar os Religiosos em suas terras, porque, ainda que entendiam que não tratavam de mais que de pregar e ensinar, não os queriam admitir nem permitir nelas, assim pelo ódio da mesma nação, como por recearem de, por meio deles, poderem os Portugueses saber seus desenhos, coisa que os que têm guerra tratam muito de evitar, pelo muito que nela importa o segredo.

Assim que, por as sobreditas causas, temos visto muitas vezes com os olhos e palpado com as mãos, quão mal se logram e vão por diante muitas pregações nossas que se começaram com grande fervor dos pregadores e não menos gosto dos ouvintes, sendo cortado o fio de grandes conversões pela espada inimiga. E este dano // correu 1109
mais particularmente nestas partes de Malaca, onde as guerras são contínuas e o medo do nome português menor por ficar mais longe o poder das suas armadas. E assim, tanto mais afoitos ficam aqueles bárbaros para desprezarem os ministros do santo Evangelho e perseguir e afrontar a quantos o recebem, quanto mais distantes ficam daqueles a cujo cargo está vingar semelhantes desacatos. Por que nenhuma razão haverá de culparmos aos que naquelas partes se ocupam em pregar a Fé, se não virmos aqui copiosos fruitos da sua pregação, pois fica entendida a que poderia haver para se não colherem, que nunca nasceria da parte deles, senão da disposição dos reinos em que pregavam.

E nos contentaremos com resumir em um só capítulo o que eles em tantos e tão estendidos reinos fizeram com a sua pregação, que, quando fosse pouco, sempre havia de ser mais do que tem chegado à nossa notícia, sendo assim que trabalhámos muito por tirarmos à luz e pôr aqui em lembrança os seus suores, maiormente sendo eles frades franciscos, que têm por condição fazer muito e assoalhar pouco. Porque, ocupados em o serviço de Deus e proveito do próximo, e fazendo em uma e outra coisa muitas dignas de imortal fama, se ocuparam muito pouco ou nada em as publicar pelo mundo. E assim, não guardando, como fazia o outro capitão romano, uma mão para a espada e outra para a pena, mas ocupando ambas em obrar, fizeram muito e escreveram pouco.

Vindo, pois, ao nosso intento, em todos os sobreditos reinos pregaram a Fé os nossos frades que moravam em o convento de Malaca. E começando por Champá, que fica entre o reino de Sião e a Grande China, neste reino pregaram os padres fr. André dos Anjos e fr. Jácome da Conceição, os quais tinham ido, para o mesmo efeito da conversão das almas, a Camboja [1].

O mesmo P. fr. André dos Anjos e o P. fr. Cosme com outros re-

---

[1] Sobre fr. André dos Anjos e fr. Jácome veja-se acima, cap. 97.

ligiosos foram a Solor, que é uma ilha que está oito graus da banda do sul e dista de Malaca quatrocentas e oitenta léguas, onde El-Rei nosso senhor tem uma fortaleza, e aqui estiveram pregando e convertendo muitos dos naturais. Aqui nesta ilha têm os religiosos do Patriarca S. Domingos muitas igrejas e muita cristandade, e é grande o fruito que fazem com a sua pregação e exemplo, tendo convertido inumeráveis gentios, e entres eles muitos príncipes e senhores e pessoas principais (2).

Em Maluco pregou o P. fr. André do Espírito Santo e teve ali igreja e cristandade, e era Vigário da Vara por haver ali muitos portugueses. E teve muitos trabalhos com D. Julião, que foi o derradeiro capitão que aquela fortaleza teve. Porque, vendo os vizo-reis da Índia as contínuas inquietações que nela havia, a vieram a largar, contentando-se com mandar lá uma nau pelo cravo, e com muito que dele vem ter a Malaca donde sem mais trabalhos nem custos se provê dele toda a Índia (3).

---

(2) Os Dominicanos evangelizaram a ilha de Solor desde 1556 (veja-se a *Sumaria Relaçam* de fr. Jacinto da Encarnação, publicada em *Documentação*, 7, 424 ss). Não se conhece qualquer documento que lembre a missão franciscana em Solor da qual fala o texto e também fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 308-309) e Soledade (*História Seráfica*, 3, 597) que, como de costume, repetem apenas o que leram aqui em fr. Paulo da Trindade. Fr. António dos Reis, custódio de Malaca, em carta de 9 Outubro de 1589 escrevia ao rei de Portugal: «Já o ano de 1588 eu tinha informado como depois de eu ser Custódio tinha mandado as partes do Ende [ilha das Flores, vizinha de Solor] tres Religiosos a pregar o Evangelho, e porque no tempo que eu delles esperava de saber o como forão recebidos, me foi necessário passar a estas partes da China a tomar posse desta casa [de Macau] por mandado de Manoel de Sousa Coutinho, governador de Sua Majestade nestas partes, não escrevo delles cousa alguma (Original em AS, Secretarias Provinciales, liv. 1551, fl. 668). Será talvez esta a missão que o texto diz enviada a Solor. O nome de fr. André dos Anjos não consta em qualquer das *Tábuas* conhecidas da Custódia de S. Tomé, e por isso pode presumir-se que seja o nome de um dos Capuchos vindos para a Custódia de Malaca. Fr. Cosme não se pode saber se seria o fr. Cosme da Anunciação, frade da Custódia de S. Tomé, de quem se fala acima no cap. 86. Civezza, *Storia universale delle Missioni Francescane*, 7 (Parte III), 220 ss. fala das missões franciscanas de Timor, mas citando documentos do ANTT (Documentos remetidos da India) que tratam de Dominicanos e não de Franciscanos.

(3) Maluco é termo que corresponde ao actual Molucas, nome de um grupo de ilhas entre as Célebes e a Nova Guiné, no mar que ainda hoje se chama das Molucas. Todavia tal nome não abrangeu sempre o mesmo número de ilhas. Barros chama Maluco ao grupo de cinco pequenas ilhas encostadas à de Batochina do Moro (a actual Gilolo ou Halmahera), donde se trazia o cravo (*Décadas III*, 1. 5, 566-568). Valignano (1580) inclui sob a denominação de Maluco, além do Moluco de Barros, mais Gilolo e «las tierras de los Siaos del Moro, de los Sebeles, de Amboino y de muchos otros lugares» (*Documentação, 12, 517*). O lugar do apostolado de fr. André do Espirito Santo, não consta. Poderia ter sido em Ternate ou Amboino e ainda em Tidor, ilhas onde houve fortaleza portuguesa com capitão. O tempo teria sido pouco depois de 1600, pois a fortaleza de Amboino, assediada pelos holandeses, capitulou em 1 de Fevereiro de 1605 e pouco depois a de Tidor, e bastante

Em uma destas ilhas de Maluco padeceram no ano do Senhor de 1610 glorioso martírio dois religiosos da nossa Ordem da santa Província de S. Gregório de Manila donde vieram a pregar a Fé, e foram mortos pelos mouros tagolandas. Eram espanhois e filhos da santa Província de S. Paulo, donde se passaram para a de S. Gregório das Filipinas. Um era sacerdote e o outro leigo. O sacerdote se chamava fr. Sebastião de S. José e o leigo fr. António de Santa Ana ([4]). A fr. Sebastião cortaram a cabeça e, sendo despido depois de morto, lhe acharam um cilício de ferro junto da carne, do qual se puseram a zombar como aqueles que não aprenderam na escola de sua idolatria a dar semelhante tratamento à carne por se não alevantar e rebelar contra o espírito. Depois de algum tempo foi achada a sua disciplina cheia de sangue no mesmo lugar do seu martírio, sendo assim que a tinham lançada em a corrente de um rio mui arrebatado, e uma cruz maravilhosa que fazia rosto de qualquer parte que a vissem. E o irmão fr. António seu companheiro não o quiseram matar logo, antes trabalharam muito com ele por que deixasse a fé de Cristo e se passasse à sua falsa seita, oferecendo-lhe muitas riquezas e mulheres para o seu casamento e uma delas dizem que era a filha do próprio rei E vendo que o santo mancebo tudo desprezava por conservar a fé, // **1110**
foi entregue às próprias que lhe ofereciam, as quais o mataram cruel-

---

antes a de Ternate de que se apossara o rei indígena. Estas ilhas eram missionadas pelos jesuítas desde os tempos de S. Francisco Xavier.

Como apareceu ali em ministério fr. André do Espírito Santo, não explicam os autores. Fr. Jacinto de Deus também ràpidamente comemora esta missão (*Vergel*, 309). O mesmo fez Soledade (*Historia Serafica*, 3, 593-594); e como ele aproveitou o ensejo para recordar que Tabarija, antigo rei de Ternate, fora em Goa catequisado pelos Fanciscanos, os que depois o leram apressadamente tudo baralharam: Haja vista fr. Clemente de S. Iria que na sua *Noticia*, publicada em *Documentação*, 5, 395 ss, diz a pág. 435 que «nas Malucas, evangelizarão a palavra divina os frades de S. Francisco, já o rei Tabarija abraçado a lei evangelica por industrias do Padre Frei Andre do Spirito Santo»; e o mesmo repete P. Lourenço Pérez em *Historia de las Misiones de los Franciscanos en las islas Malucas y Célebes* (em AFH, 6 (1913 45 ss), estudo aliás de muito interesse pelos esclarecimentos que traz sobre o auxílio prestado nas Molucas pelos espanhóis das Filipinas desde 1582 e sobre a ocupação que das ilhas fizeram desde pouco depois que os portugueses as abandonaram até 1666.

([4]) Em 1606 os espanhóis das Filipinas apoderaram-se de Ternate dominada então pelos holandeses, e logo deram aos Franciscanos a mesquita da cidade que eles transformaram em hospital. Em Outubro ou Novembro de 1609 para ali partiram de Manila fr. Sebastião de S. José, fr. João del Caño e os leigos fr. António de S. Ana e fr. Cristóvão Gómez. Já à vista de Ternate assaltou-os armada holandesa que ainda aprisionou a galera em que seguiam fr. Sebastião e fr. António. Resgatados, serviram no hospital de Ternate; e em 30 de Maio de 1610 partiram-se os dois para as Célebes em ministério. Abicaram em Manados, seguiram depois até à foz do rio Cauripa e aí pregaram na corte da rainha. No regresso, indígenas muçulmanos sagitaram a fr. Sebastião de S. José; e a fr. António de S. Ana, depois de muitos maus tratos cortaram-lhe a cabeça. Largamente descreve seu martírio e dá suas biografias Lourenço Pérez, na supracitada *Historia* (em AFH 6 (1913), 688-701; 7 (1914), 198-209).

mente às crisadas e lhe cortaram a cabeça, a qual, cortada, palpitou por três dias. E o santo corpo, sendo lançado no mar, por três vezes tornou à terra. E, indo aí ter uns castelhanos de Manila e sabendo do seu glorioso martírio, quiseram resgatar a sua cabeça, que ainda a acharam incorrupta, mas não a quiseram os mouros vender por nenhum preço. Foi o seu glorioso martírio no mês de Junho de 1610, um aos dezoito e outro aos vinte e quatro.

Em Amboim, Borneo, Pão, Pera e d'Aru também estiveram nossos frades e pregaram aos naturais a fé de Cristo, mas não sabemos se tiveram igreja e cristandade, que tão pouca é a notícia que temos do muito que sem falta fariam estes religiosos em todos estes reinos ([5]).

E se os Religiosos do santo convento de Malaca foram por uma parte mui pontuais e solícitos no serviço de Deus, por outra foram também mui prontos no serviço de Sua Majestade, não partindo nenhuma armada daquela fortaleza para fora em que não fossem frades nossos, os quais eram de muita consolação para todos, por os acharem sempre fiéis companheiros em todos os riscos e perigos em que andam os que exercitam as armas e seguem a vida militar.

E quando Francisco de Miranda, capitão geral de quatro galeões com que passou a Manila por ordem de Sua Majestade, depois de desembarcar e pôr em fugida uma poderosa armada de trezentas velas de el-rei do Achém, em que ele mesmo em pessoa vinha pôr cerco a Malaca, se recolheu à mesma fortaleza e à vista dela, estando surto na Ilha das Naus, o veio demandar o inimigo inglês com sete galeões, durando a briga três dias, vendo o Guardião deste Convento, que então era o P. fr. Jorge dos Anjos, o grande trabalho em que a nossa armada estava, se foi meter nela com o seu companheiro, o P. fr. Manuel de Santa Luzia ([6]), e nela esteve sempre enquanto a brava briga durou, confessando os soldados e animando-os com um crucifixo na mão. E vendo o Geral que lhe iam faltando a pólvora e munições, e que um dos seus capitães era morto e ele estava ferido nos peitos com uma racha e na perna com um pelouro, pediu ao dito Guardião quisesse ir ao conselho de Malaca a lhe manifestar a necessidade e perigo em que sua armada estava e lhe pedir socorro, o que ele fez com muita prontidão e deligência. Seu companheiro esteve sempre na armada com o peito aos pelouros dos inimigos até se acabar de perder, tendo em pouco arriscar a vida por seu Deus e por seu rei.

([5]) Amboino e Bornéu são ilhas que ainda conservam o mesmo nome. Pão e Pera eram reinos da península de Malaca, um a Oriente outro a Ocidente. O reino d'Aru era um dos muitos que assentavam na ribeira norte da Samatra. Fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 310-311) e Soledade (*Historia Serafica*, 3, 597) repetem também neste particular o que vai aqui no texto.

([6]) Não encontro estes nomes em qualquer das *Tábuas* conhecidas da Custódia de S. Tomé, pelo que é de presumir fossem estes Franciscanos dos Capuchos vindos de Portugal para a Custódia de Malaca.

Finalmente, assim nesta como em todas as ocasiões que se ofereceram, nunca faltaram os Religiosos deste santo convento ao serviço de Deus e de Sua Majestade com ânimo pronto e vontade determinada, como também se viu particularmente na ida que D. Paulo de Lima fez a Jor, onde alcançou uma das famosas vitórias que na Índia tiveram os portugueses, a quem acompanhavam dois Religiosos nossos, a saber, o P. fr. António Leal que ia por capelão da armada, e fr. Jerónimo, leigo, seu companheiro ([7]), que foi o primeiro que entrou na fortaleza com sua cruz arvorada. E depois de alcançada a vitória, tendo novas que el-rei de Jor tornava a reedifirar a fortaleza que ficara arrasada pelo rio acima, o bispo de Malaca que governava a fortaleza de Malaca, por respeito de o capitão João da Silva estar doente, mandou uma armada de vinte embarcações de remo, isto é, dois navios, uma fragata, e os mais eram batéis, e capitão-mor António Anduja, muito grande cavaleiro, para irem desfazer a dita fortaleza. E pediu o mesmo bispo ao P. fr. Manuel de Elvas quisesse ir naquela armada por capelão dela, o que ele fez, e andou lá quatro meses. E, posto que a não puderam desfazer por estar já quase feita e com muita defensão de artilharia e gente, contudo fizeram grandes destruições no reino, queimando mais de duzentas povoações, e trouxeram setecentas almas cativas.

([7]) Couto (*Década X*, l. 9, cap. 9-12, pp. 466-511) descreve o assalto e conquista de Achém em Agosto de 1587 e lembra os trabalhos dos capelães, mas não os nomeia. Fr. António Leal e fr. Jerónimo Valente são da lista dos fundadores da Custódia de Malaca dada pelo cronista da Província da Arrábida (veja-se acima, cap. 81).

1111 // COMO ALGUNS RELIGIOSOS NOSSOS FORAM MANDADOS POR ORDEM DO REI D. JOÃO III DE PORTUGAL À ILHA MACAÇAR ONDE CONVERTERAM E BAPTIZARAM OS REIS DE SUPA E SIÃO E OUTROS MUITOS INFIÉIS

CAPÍTULO 101

Reinando em Portugal el-rei D. João III, por avisos que teve cá da Índia, escreveu ao Ministro Geral da nossa sagrada Religião fr. André da Ínsula (1), português de nação e por suas raras partes de virtudes, letras e prudência, mui aceito ao mesmo rei, que lhe desse alguns religiosos da Ordem para os enviar à ilha de Maçácar (2) a pregarem a Fé a seus moradores que a queriam receber e fazer-se cristãos. De quem Sua Alteza teve estes avisos, os autores que isto escreveram o não declaram; mas com muita probabilidade podemos crer que os teve de António Galvão, insígne capitão e não menos ilustre por armas que pelo zelo da Fé com que em todo o tempo que esteve na fortaleza de Ternate, que é uma das ilhas de Maluco, fez clara a nação portuguesa com muitas vitória que alcançou e o nome cristão, e lá muitos infiéis converteu, cujos serviços tanto melhor galardão terão na outra vida gozando de Deus no céu quanto pior o teve nesta, morrendo pobre num hospital.

Este valoroso capitão, digno de andar sempre sobre as asas da fama, tendo feitos muitos cristãos não só nas ilhas Malucas mas em outras muitas suas comarcãs, vieram aí a Ternate ter com ele dois irmãos, homens nobres, naturais da ilha Macáçar, e lhe pediram os

---

(1) Fr. André da Ínsua ou fr. André Álvares foi eleito Ministro Geral da Ordem Franciscana em 28 de Maio 1537 em Capítulo Geral celebrado em Assis, e esteve no governo da Ordem até 20 de Maio de 1553 (Veja-se F. Félix Lopes, *Fr. André da Ínsua, Geral dos Observantes Franciscanos*, Madrid, 1952, separata do AIA).

(2) Macáçar foi o nome pelo qual os nossos antigos conheceram a ilha Célebes a Oriente de Bornéu.

quisesse fazer cristãos e ser seu padrinho, o que ele fez com muito gosto, pondo o nome a um António Galvão e a outro Miguel Galvão. E depois de lhes dar algumas peças, os tornou a mandar para a sua terra, os quais tais cousas souberam dizer a outros naturais, assim da limpeza da nossa santa Fé na qual iam já bastantemente instruídos, como da condição e bondade do capitão António Galvão, que muitos se abalaram a o ir buscar, e receber dele o santo baptismo. E assim embarcando-se muitos deles com os dous irmãos cristãos em certos navios carregados de sândalo e algum ouro e mercadorias, vieram ter a Ternate onde o capitão os recebeu a todos com muita honra, e favorecendo-os em suas mercancias os baptizou e fez cristãos.

E considerando o prudente capitão quão disposta estava aquela gente para receber a nossa santa Fé, não querendo perder tão boa ocasião como ali lhe oferecia Deus de pregar e dilatar a sua lei por aquelas ilhas, mandou àquelas partes um cavaleiro honrado chamado Francisco de Castro e com ele dois pregadores para que // pregassem **1112**
a Fé aos macáçares e baptizassem os que a quisessem receber. Mas como esta empresa tinha Deus guardado para os Frades Menores, tiveram eles o tempo tão contrário que jamais puderam tomar a ilha Macáçar, por mais que trabalharam nisso. Não ficou o seu trabalho baldado porque indo dar na ilha Santigano, que com outras muitas estão ao norte de Maluco mais de cem léguas, fizeram cristão ao rei que era gentio e com ele a rainha e um seu filho e três irmãos do rei e muitos fidalgos e gente popular. E passando ao longo da ilha Mindanao chegaram a um rio ao longo do qual estava a cidade Soligano cujo rei se fez também cristão e com ele a rainha e duas filhas suas e muitas pessoas outras. E na mesma ilha se fez cristão o rei de Butuano a quem chamaram o rei D. João o Grande, e a el-rei de Pimilarano que também se chamou D. João, e a el-rei de Camisino que se chamou D. Francisco, e se baptizaram as mulheres e filhos destes reis e muita parte de seus vassalos. E deixando a Fé assim dilatada por aquelas ilhas, se tornaram à de Ternate e deram conta ao capitão António Galvão do que nelas deixavam feito, e como por lhe ser sempre o tempo contrário e o vento ponteiro não puderam tomar a de Macáçar ([3]). Com esta ocasião podemos muito bem crer que escreveu este bom capitão a El-Rei D. João III, que então reinava em Portugal, dando-lhe conta de todas estas cousas que ele havia muito de estimar, e pedindo-lhe mandasse Religiosos a colher aquela sementeira que tão assazonada estava, pois os que na Índia haviam, que eram sós os nossos frades, não eram bastantes nem ainda para os gentios que à porta tinham, segundo eram muitos e de muitos reinos e províncias. Mas ou o aviso fosse por esta via ou por outra alguma, Sua Alteza dando conta ao nosso Ministro Geral da necessidade de prega-

---

([3]) O trecho usa palavras muito iguais às de Barros (*Década IV*, l. 9, c. 21, pp. 591-595). Veja-se também Couto *Década V*, l. 7, c. 2, pp. 87-90).

dores evangélicos que tinha para esta empresa de Macáçar, lhe pediu que lhe nomeasse alguns das províncias de Portugal para os mandar a ela. E o Ministro Geral apontou alguns Religiosos que folgaram de tomar este trabalho por servir a Deus e Sua Alteza.

E embarcando-se em Lisboa para a Índia, dela se foram a Maçácar em companhia de um António de Paiva, que por ordem do capitão de Malaca Rui Vaz Pereira ia ao reino de Supa a carregar de sândalo; e levando sempre boa viagem e com tempo próspero tomaram o porto de Supa.

E sabendo o rei da sua vinda, folgou muito com ela e os mandou visitar com algum refresco, e ao outro dia lhes deu audiência e
1113 teve muito contentamento // de os ver e ouvir. Eles lhe disseram como tinham vindo ao seu reino de tão longes partes só a fim de lhe manifestar o verdadeiro caminho da salvação que é só a fé de Cristo Senhor Nosso e o santo baptismo, sem as quais coisas ninguém se podia salvar. Finalmente eles lhe disseram tudo o que era necessário para o trazer à Fé, que ele recebeu sem embargo de alguma contradição que faziam os mouros daquela terra e os ministros dos ídolos. E recebendo o santo baptismo, houve nome D. Luís; e depois o recebeu também a rainha e os mais dos seus vassalos. Daqui se foram para a cidade oposta de Sião, que é na mesma ilha cinquenta léguas da de Supa, a que chamaram Macáçar de Baixo, e converteram à fé de Cristo e baptizaram ao rei, pondo-lhe nome D. João, e com ele sua família e o melhor da sua corte e reino. E o mesmo fizeram em as ilhas de Maluco e nas outras daquele arquipélago do Sul onde converteram à fé de Cristo e baptizaram mais de cinquenta mil almas com as suas pregações (4).

---

(4) Conforme documentação já hoje publicada, a evangelização de Maçácar fez-se desta forma:

1544. António de Paiva, sem a companhia de qualquer eclesiástico ou religioso, passou a Maçácar e deixou ali baptizados dois reis, que recomendou à rainha D. Catarina em carta datada de Goa a 30 de Novembro de 1545 (*Documentação Insulíndia*, 1, 463-466).

1545. Chegou a Malaca pedido do rei de Maçácar para lhe enviarem quem pudesse instruir na Fé a ele e aos seus (informação de S. Francisco Xavier, em carta de 7 de Abril publicada em *Documentação*, 3, 161). — Com Manuel Pinto partiu para Macáçar o P. Vicente Viegas que por ali ficou a baptizar (informação de Manuel Pinto dada ao Bispo de Goa em carta datada de Malaca a 7 de Dezembro de 1548, na qual diz ter-se demorado nessas terras três anos (em *Documentação Insulíndia*, 1, 589-594). — S. Francisco Xavier, ao saber do pedido vindo de Macáçar e Malaca, resolveu ir até lá a evangelizar; tendo-se metido ao caminho, ao passar em Malaca aconselharam-no que esperasse ali notícias do clérigo que lá fora (informação de S. Francisco Xavier em cartas desse ano publicadas em *Documentação*, 3, 166-167, 234 252 e 340). Como as esperadas notícias não chegaram a tempo de aproveitar a monção, resolveu seguir para Amboíno (carta de S. Francisco Xavier já datada de Amboíno a 10 de Maio de 1546, publicada em *Documentação*, 3, 340). — Em Novembro o vigário geral Miguel Vaz expôs a D. oão III a situação religiosa de Macáçar (em *Documentação*, 3, 219).

Mas é bem que advirtamos neste lugar ao leitor que o que aqui dizemos da conversão dos reis de Supa e de Sião no Macáçar ser feita por frades da nossa Ordem, o tiramos do P. fr. António Daça, Cronista Geral da nossa sagrada Religião em a 4.ª Parte das suas Crónicas, lib. 3, cap. 36, e cita na margem a Caroleo em a 1.ª parte, fólhas 351; e que o mais é de tradição dos antigos, da qual ainda achamos algum rastro em os velhos desta Província de S. Tomé que se alembram ouvirem-no assim contar a outros mais velhos que alcançaram o tempo em que estas cousas aconteceram. E advertimos aqui isto porque não falta autor que, tratando desta conversão e baptismo, o atribui ao sobredito António de Paiva em cuja companhia e em cuja nau os nossos Religiosos foram ter àquelas partes. E não nos podemos persuadir que houvesse nele malícia de querer tirar à nossa sagrada Religião esta glória (ainda que pequena, em comparação de outras que tem nesta mesma matéria), pois tão sinistra tenção se não pode nunca presumir de um ânimo pio e religioso como o seu é, e nos fica lugar sòmente de cuidar que se fundou em falsa informação, a qual é mui ordinária em cousas que sucedem em partes tão remotas como a Índia de Portugal. E ainda mal, porque tantas vezes têm caído muitos autores e de muita autoridade em semelhantes erros, os quais, governando-se por informações que tomam das cousas da Índia, escrevem muitas delas mui alheias da verdade, como os que andamos // cá o vemos e experimentamos. **1114**

Os quais muitas vezes nos rimos de ler algumas cousas, por vermos quão norte salvam de como são, no que nos não deixará mentir o curioso autor das *Décadas de Ásia*, Diogo do Couto, o qual em muitos lugares das suas [Décadas] mostra terem-se enganado muitos autores antigos e modernos nas cousas que se viram deste Oriente. Nem se

---

1546. D. João III a Miguel Vaz: «Procurareis saber a ilha de Macasar como está, e a gente dela se está aparelhada para receber a santa fee catholica, como tenho por informação, e sendo assy ordenareis as pessoas, com parecer do Bispo e de mestre Francisco, que pera lá ayão de ir» (*Documentação*, 3, 262).

1559. Em carta escrita de Malaca a 5 de Dezembro, o jesuita Baltasar Dias escreveu que, depois de o P. Vicente Viegas ter regressado de Macáçar a Malaca, nenhum outro padre ali tornou (em *Documentação Insulindia*, 2, 347).

1564. O mesmo jesuita em carta de Malaca de 3 de Dezembro escreveu: «Agora se nos abrio outra porta grande e vinha: a qual o senhor bispo nos quer entregar a nossa Companhia, que he o Macaçar, terra onde ainda ha hum ou dous reis e muitos senhores christãos» (*ib.*, 3, 106).

Daqui se conclui à evidência que fr. António Daça se deixou enganar pelo autor que cita, e por sua vez enganou a fr. Paulo da Trindade, pois nem a António de Paiva acompanhou qualquer Franciscano a Macáçar nem de 1544 até 1564 qualquer Franciscano ali foi. E é sem sentido o remoque que vai no texto, atirado ao Padre João de Lucena. Talvez toda esta imaginação nascesse de qualquer pedido de missionários para Macáçar feito por D. João III a fr. André da Ínsua, mas pedido que por quaisquer circunstâncias de momento não foi satisfeito.

deve ter por [?] nossa contarem-se muitas vezes obras feitas pelos nossos frades sem que sejam eles dados e nomeados por autores delas, como vemos no mesmo autor acima (5) que, referindo muito por extenso a conversão e baptismo de el-rei de Tanor, nenhuma menção faz ao P. fr. Vicente, religioso da nossa Ordem, que foi o que converteu à fé e baptizou, como com graves autores no seu lugar largamente contámos. E não é só deste mas também doutros esta falta (se o é porventura), pois vemos que o diligente, curioso e douto escritor João de Barros em a sua *primeira Década* atribui o baptismo de el-rei do Congo, que se fez por ordem de el-rei D. João II, aos padres da sagrada Religião do Patriarca S. Domingos, sendo ele feito pelos da nossa Ordem, como largamente conta o antigo Garcia de Rezende na história que compôs do mesmo D. João II, cujo pagem ele então era, e o servia na sua câmara quando aquelas cousas aconteceram (6). E o elegante Mariz em seus *Diálogos*, contando um caso estranho em que certos filhos se puseram às pedradas contra seus próprios pais, em defensão de seu mestre ao qual os pais vinham matar por se darem por afrontados de ele açoitar os mesmos filhos que ensinava e andavam na sua escola, não diz que aconteceu o caso (que ele ali por notável muito celebra) a um frade de S. Francisco que foi o mesmo fr. Vicente de que acima tratamos, sendo reitor do colégio que temos em Cranganor, mas diz sòmente que sucedeu a um sacerdote português. E na verdade não o podemos arguir de mentira, pois sacerdote era o P. fr. Vicente e português; mas de curto, sim, pois nada perdia em acrescentar que esse sacerdote era um Frade Menor, que, com o declarar por este modo, não fazia a sua escritura menos elegante e ficava mais verdadeira.

Assim que atribuir-se a conversão dos reis de Supa e Sião ao secular que ia buscar sândalo, sendo feita pelos nossos frades que iam buscar almas, não é cousa nova ou singular de que, como tal, nos devemos muito espantar ou escandalizar, mas sòmente queremos que se não embarace o leitor com esta nossa narração, parecendo-lhe que
1115 nos queremos abonar e acreditar com // trabalhos alheios, sendo os nossos bastantes para nos honrar sem que seja necessário, por sair a luz, usarmo-nos de penas alheias.

A esta mesma ilha de Macáçar foram depois outros frades nossos, sendo Custódio de Malaca o P. fr. Diogo da Concepção a quem o rei daquela ilha mandou pedir lhos mandasse, e ele enviou quatro, scilicet, fr. António dos Reis, fr. Bernardino de Marvão fr. Cosme da Anunciação que depois faleceu em Jafanapatão, e um frade leigo cujo

---

(5) Citação no texto, à margem: «Lucena *(Historia da vida do Padre Francisco Xavier)* l. 7, cap. 18». Já na Parte II, cap. 66 se explicou a parte que fr. Vicente de Lagos teve no baptismo do rei de Tanor: se bem que foi ele quem o cativou no seu convívio, não o baptisou nem catequisou.

(6) Também na Parte I, cap. 4, se expôs a discrepância dos autores antigos sobre o assunto, que continua por isso um problema a resolver.

nome não sabemos ([7]). Chegaram lá e foram bem recebidos do rei. Porém a terra estava tão infeccionada do pecado nefando, que havia ruas públicas de homens que açoravam deste torpe ofício, os quais tinham por sinal andarem com as barbas rapadas e sem crises, que são as suas armas. E como os frades andavam rapados e sem crises, cuidavam que eram destes e puxavam por eles. E foi o negócio de feição que lhes foi necessário deixarem crescer as barbas e andarem com crises polos deixarem, que tão soltos andavam os maus. E vendo estes servos de Deus esta abominação tão semelhante às daquelas cidades nefandas, e arreceando viesse sobre esta ilha o fogo que do céu caiu naquelas cidades, a deixarem e se tornaram para Malaca, não pouco admirados do que tinham visto.

([7]) O custódio de Malaca fr. Diogo da Conceição (1584-1588) logo na primeira oportunidade distribuiu os seus frades pelas terras a missionar. Data precisa em que o fez, não consta. Dos que enviou a Macáçar, fr. António dos Reis foi depois Custódio de Malaca desde 1588 a 1591 ou 1592. Em 1595 vivia na vigairaria de S. João de Cochim um fr. António dos Reis que pode ser ele mesmo *(Tábua de 1595,* 188). A vigairaria era de Recolectos ou Capuchos, e bem podia ele ao fim do governo da Custódia ter-se recolhido ali. De fr. Cosme da Anunciação já alguma coisa se disse no cap. 86. De fr. Bernardino de Marvão consta apenas que veio da Província da Piedade no grupo que em 1584 chegou à Índia a fundar a Custódia de Malaca.

COMO OS NOSSOS RELIGIOSOS POR CAUSA DA PREGAÇÃO FORAM AO REINO DE COCHINCHINA E DO QUE LÁ LHES ACONTECEU

CAPÍTULO 102

Entre o reino de Champá e a grande região de China fica Cochinchina chamada dos naturais Cacho. O primeiro português que foi ter a este reino se chamava Duarte Coelho, e corria a era de 1518, como parece por uma cruz que se achou sobre uma lágea em cujo pé estava posto por algarismos o sobredito ano e o nome do que aí a arvorou. É a sua costa muito perigosa e sujeita a tormentas e de grandes baixos, por cujo respeito os naturais não usam de navegação, ainda que alguns estrangeiros, como siames e malaios, a fazem para lá, movidos do grande proveito que naquela terra têm, o qual dizem que é tão grande que sobrepuja o perigo, e assim de quatro navios de ordinário se perdem dous e às vezes três, porém esse só que escapa se faz nele mais proveito que se todos os quatro fossem à China, que não é pequeno encarecimento. Também os portugueses que moram
1116 na cidade de Macau costumam fazer esta // viagem, por lhe ficar esta terra perto e terem muito proveito.

É terra muito fértil de mantimentos, e os montes produzem tantas ervas e árvores odoríferas que todos rescendem e se sente o seu cheiro de muito longe, porque neles se acha a águila, o sândalo e o precioso calambá, o qual é de tanto preço que se vende a peso de prata, os quais são mui estimados e buscados dos gentios, porque neles queimam os corpos dos seus defuntos, se são poderosos. Os moradores são gentios e têm rei também gentio. O trajo da gente é mui honesto e a condição singela. Governam-se por mandarim ao modo dos chins [...] (1) que adoram porque já oconteceu que um Religioso em um templo, quando os gentios estavam mui embebidos em celebrar a sua festa, à vista de todos tomou o ídolo e deu com ele em terra, e cuspindo com ele, e nem por isso lhe fizeram mal algum.

(1) O copista omitiu aqui quaisquer palavras ou frase do texto.

O rei desejou sempre muito que os portugueses que moram em Macau tivessem comunicação e trato com aquele reino pelo muito proveito que disso lhe vem; e para melhor assegurar o comércio com eles, escreveu uma carta ao bispo da China que era então D. Leonardo (2), pedindo-lhe que lhe enviasse frades de S. Francisco, porque desejava de ouvir pregar a fé de Cristo e baptizar-se ele e o seu reino todo. E posto que eram os frades que tínhamos então no convento naquela cidade, poucos, contudo não puderam deixar de satisfazer a esta petição do rei, ainda que entendiam se fundava mais no interesse do trato que pretendia ter com os Portugueses, que na Fé que quisesse receber. E foram mandados a esta missão dois Religiosos, dos quais o principal se chamava fr. Bartolomeu Roiz, pelos anos 1582 pouco mais ou menos (3) o qual parecendo-lhe que seria grande o ganho que ali teria de almas, por ver aquela gente benévola e que os recebiam com alegria e mostravam contentamento de os ter con-

---

(2) D. Leonardo de Sá, confirmado bispo da China ou de Macau em 1578, ainda em princípios de 1582 não estava na diocese, e quem ali governou até então foi o Governador Eclesiástico da China e do Japão D. Melchior Miguel Carneiro, bispo titular de Niceia nomeado coadjutor e futuro sucessor do Patriarca de Etiópia D. André de Oviedo, o qual morreu em Macau em 1583.

3) Os primeiros Franciscanos que entraram na Cochinchina, eram também espanhóis da Custódia de S. Gregório das Filipinas. Fr. Pedro de Alfaro escrevia ainda de Cantão em 13 de Outubro de 1579 ao guardião de Manila: «Sobrevinieron unos portugueses a ciertos negocios a esta cibdad [de Cantão], los quales holgaran mucho con nosotros. Y, entre otras muchas cosas que tratamos, nos dieron noticia del reyno de Cochinchina,tierra firme y contigua con esta donde venimos a parar, quatro dias de camino de donde los portugueses están poblados [Macau], los quales suelen tener con ellos alguna comunicacion, quando vienen de la Índia y toman alli puerto. Dizennos, por cosa muy cierta y el mesmo que en ello anduvo como testigo de vista, que an embiado deste reyno a pedir Padres y doctrina al senor Obispo que reside aqui en Macau, y que tenian cortada ya la madera para hacer yglesias [...]. An nos asomado con esta jornada [...]. Vamos agora a Macau y alli sabremos muy más por entero y con certidumbre lo que en esto ay» (em AIA, 4 (1915), 236). Já de Macau a 30 de Novembro escreveu: «No pense, hermano, que ya estoy olvidado de este negocio a que benimos a tratar de la Cochinchina [...]. Dice, pues, [o P. Coutinho] que lo de Cochinchina no es cossa que por agora cumple e que no es tanto como pensamos y que la gente es muy falsa y engañosa como los Chinos, que ya tenemos conocidos, mas que lo que le parece segun Dios y aun a el Señor Obispo, que tambien tiene grandes deseos de la conversion, es que primero se procure la conversion deste gran reyno y depues todo será facil» (em *Sinica Franciscana*, 2,25). Em 1582 o bispo pediu dois missionários para Cochinchina ao Comissário fr. Jerónimo de Burgos, então em Macau; mas provàvelmente o bispo da diocese que então chegou, sobreesteve e até escreveu ao governador de Manila que não fossem dali Religiosos à China e Cochinchina. Fr. Jerónimo todavia regressando a Manila a 16 de Março de 1583 promoveu o envio de missão de 8 Religiosos que se perdeu e foi parar à China e dali a Macau. E desses Religiosos, dois partiram para a Cochinchina, fr. Bartolomeu Roiz e outro companheiro de quem não ficou o nome, e foram ali bem recebidos (Lourenço Pérez, *Origen*, AIA, 3 (1915), 20 ss).

sigo, enviou seu companheiro a Manila para que quisessem alguns deles vir ajudá-lo àquela terra.

Mas, posto que de lá viessem alguns Religiosos desejosos de ganhar muitas almas para Deus, contudo foi pouco o fruito que uns e outros do seu trabalho colheram, porque, como a pretensão do rei não era mais que querer ter em seu reino alguns como penhores com que ficasse assegurado o comércio que queria sempre ter com os portugueses de Macau, como lá viu os frades, ainda que os recebeu alegremente e lhes deu liberdade para que pudessem fazer igrejas e pre-
1117 gar a fé de Cristo // em todo o seu reino, contudo nem ele a quis receber nem folgava que os vassalos a recebessem, ainda que esta sua tenção não queria que fosse manifesta aos frades. Os quais, posto que a poucos lanços vieram a dar na tenção, não desanimaram com nada, antes trabalharam por dar a conhecer àqueles bárbaros gentios a vaidade dos seus falsos deuses e a verdade da lei de Cristo, fazendo quanto neles era por lhes darem a entender que não havia outro caminho de salvação senão o do santo baptismo. E o P. fr. Bartolomeu Roiz se deteve naquele reino dois anos, em os quais não cessava de alumiar àqueles infiéis com a sua doutrina e de os edificar com o seu exemplo ([4]).

E como a pintura seja o livro por onde melhor e com mais facilidade aprendem os ignorantes, levou consigo da China um painel em que estava pintado o juízo final, o qual mostrava não sòmente em casa aos que o vinham visitar, mas na praça a quantos passavam e o queriam ver. E como lhe perguntavam com curiosidade o que aquela pintura representava, ele lho declarava, tendo consigo língua para lhes explicar os principais pontos da nossa santa Fé, como é a eternidade da alma, a graveza do pecado, as penas do inferno, a glória do paraíso, a encarnação do Filho de Deus e ainda o mistério da Santíssima Trindade, e finalmente do que aí estava pintado tomava motivo para lhes ensinar a necessidade de nossa Fé e baptismo. Nos dois anos que se deteve aqui, o servo de Deus trouxe alguns ao conhecimento da Verdade ainda que, por arreceio do rei, de que sabiam que não apro-

---

([4]) Também neste ponto as cousas não se passaram bem como vem no texto. Fr. Bartolomeu mandou o companheiro a Manila a pedir mais missionários; mas não lhe foram mandados. Intensificava-se a oposição dos portugueses a que os Franciscanos espanhois andassem em missão por aquelas nações do Oriente da Ásia, e em 1585 chegou a Malaca a Patente do Ministro Geral da Ordem Franciscana que, para os Capuchos portugueses enviados nesse ano à Índia, criava a Custódia de Malaca com territórios de Malaca, Sião e Cochinchina. E logo em 1585 ou já em 1586 de Malaca ou de Macau dois dos Capuchos da nova Custódia se apresentaram na Cochinchina a tomar conta da missão. Fr. Bartolomeu desejou ficar com eles, mas não lho consentiram (Lourenço Pérez, *Origen*, AIA, 3 (1915), 20 ss.) O nome destes dois Franciscanos que foram então para a Cochinchina, é desconhecido. Não parece que fossem os dois que o autor nomeia adiante como missionários da Cochinchina, pois provàvelmente não pertenceram ao grupo de Capuchos que passou a Malaca em 1584.

vava nem queria que nenhum recebesse o santo baptismo, deixaram muitos de o receber. Mas nem por isso dava por mal empregado o trabalho da pregação, contentando-se com fazer tudo que era em si e com estar dando testemunho da nossa santa Fé em meio de tantos infiéis e entre tantas idolatrias.

Sucedeu uma vez que não tinha chovido por muitos [meses], com que notàvelmente se danificava o que tinham semeado. E o demónio, inimigo de nossas almas, persuadiu a alguns gentios que não chovia por causa daquele religioso dos cristãos, e assim, se queriam chuva, o deitassem fora da sua terra. O que sabido por ele, lhes disse que se não inquietassem que ele rogaria a Deus lhes desse a água que desejavam. E alevantando uma cruz em alto, fez oração ao Senhor por aquela necessidade, e Ele houve por bem, para glória do seu nome e crédito do seu servo, de acudir com tanta abundância de água que se alagarem os cam // pos. Outra [vez], querendo-o matar porque cho- **1118**
via muito, dizendo que por sua causa lhes vinham aqueles males, fez oração ao Senhor e cessou a chuva totalmente (5). Vendo o pouco fruito que fazia a pregação naquela terra, se tornou para a obediência dos prelados para Macau.

A este mesmo reino de Cochinchina foram depois outros Religiosos nossos do convento de Malaca, como o P. fr. André dos Anjos e o P. fr. Jácome e outros ainda que, por acharem a mesma indisposição naqueles gentios, não fariam neles muito fruito com a sua pregação (6).

---

(5) Estes factos de maravilha conta-os também fr. Marcelo de Ribadeneira, *Historia de las Islas del Archipiélago y reynos de la Gran China, Tartaria, Cochinchina, Malaca, Sian, Cambox y Jappon.* Barcelona 1601, 1, 2, c. 18, obra que fr. Paulo da Trindade conheceu e utilizou. Ribadeneira que conviveu com fr. Bartolomeu, mais tarde, no Japão, diz que ele demorou na Cochinchina dois anos, durante os quais «le sucedieron muchas cosas, como estando los dos juntos en Japon, muchas vezes me contó».

(6) Não se sabe precisar o tempo em que pela Cochinchina andaram fr. André dos Anjos e fr. Jácome, nem quando a missão foi abandonada.

DO GRANDE REINO DA CHINA E DE ALGUMAS PARTICULARIDADES SUAS

CAPÍTULO 103

É tanto o que deste amplíssimo reino da China se pode dizer que, com haver alguns escritores que disseram muito, parece que foram curtos em relatar, porque, ou tratemos da bondade e fertelidade da terra, ou das riquezas e cousas preciosas que produz, ou da multidão dos seus moradores e da indústria e habilidade deles e do que inventaram e do muito que da Índia conquistaram e senhorearam, ou finalmente do modo do seu governo e da contínua paz em que se conservam, não sòmente excede com grandes vantagens a todos os reinos deste Oriente, mas ainda parece que pode competir com qualquer dos da nossa Europa. Está dividido em quinze províncias ou governanças como eles lhe chamam, em cada uma das quais preside um vizo-rei a que eles chamam *tutão*, debaixo do qual estão outros muitos magistrados. O próprio e natural nome deste grande império de *Toãõ* e dos seus naturais é *Tuangis* ou *Tanguis* (1), ainda que os estrangeiros lhe não chamem senão China e a eles chins, tomando o nome de uma cidade sua que em altura de 21 graus está na costa daquele reino, chamada Chinches, cujos moradores foram os que antigamente navegavam ao poente conquistando os mares e ilhas da Índia e fazendo todo o comércio das suas drogas. E como só estes chinches eram os de quem se tinha conhecimento no Oriente, vieram os estrangeiros a pôr o seu nome a todo o reino de que não tinham outro conhecimento mais
1119 que por via dos chinches, e assim com // pouca corrupção os vieram a nomear por chins.

---

(1) É leitura duvidosa, dado o mau estado do manuscrito. No Tratado sobre a China que fr. Jacinto de Deus transcreveu no seu *Vergel*, se diz que os chineses e os estrangeiros seus vizinhos chamavam à China *Taissim* e também *Tien-hiá* e *Taipin* (*ib.*, pág. 149, 150). Não se exclui que fossem quaisquer destes nomes os do manuscrito original que o copista nesta parte muito canhestramente trancreveu.

Este reino como fica da banda do norte na zona temperada, tem grande semelhança em tudo com a nossa Europa, assim na igualdade dos dias e noites como no mesmo verão e inverno, estio e outono, ares temperados, fruita e em tudo o mais que em ela há, não sendo porém tamanhos os seus frios por se chegar mais para a linha equinocial. A gente é tanta que só de soldados que assistem na guarda de seu muro de trezentas léguas e nos mais presídios que tem repartidos pelas partes mais principais e perigosas do reino, se acham seis milhões e setecentos mil. E posto que no esforço e calor do ânimo conheçam vantagem a muitas das nações deste Oriente, contudo na viveza dos engenhos a todas a fazem eles, que pelo menos na mecânica de todas as artes põem o risco sobre todas sendo prim[eir]os em todas elas. Eles foram os primeiros que inventaram a impressão e a infernal artilharia. Antigamente conquistaram por armas e senhorearam não sòmente as terras firmes mas as ilhas de todo este Oriente até ao Cabo da Boa Esperança, de que em muitos portos destas partes ficaram e duram ainda hoje os vestígios que testificam esta verdade; e ainda não falta quem diga que foram eles os primeiros que descobriram e povoaram a Nova Espanha, Peru, Brasil e Antilhas.

Mas considerando eles que na sua terra tinham em mor abundância e perfeição tudo quanto podiam haver das alheias, tiveram por melhor conselho contentarem-se com o seu, que andarem sempre com as armas nas mãos em perpétuas guerras para adquirirem o alheio de que tão pouca necessidade tinham, e assim o puseram em execução. E por que isto se conservasse para sempre, fizeram leis que inviolàvelmente guardam, em que se proibe aos naturais sairem fora do reino para nenhumas terras estranhas. São grandes astrólogos e notam os eclipses do sol e da lua com muita certeza, de que fazem seus livros e os mostram aos do povo. Os magistrados dão-se por letras; é este o reino em que elas são mais // estimadas, de todo o universo. Há 1120
entre eles trinta e duas seitas, e diabólicas superstições, das quais quatro são as principais que são as seguintes: Xaca, Amida, Gizom e Canon, as quais por antiguidade e autoridade precedem a todas as outras para lhes fazer dar mais crédito a seus enganos e falsidades. Têm muitos e mui sumptuosos templos e mosteiros em que vivem os manigrepos e conquiaes e talagrepos que são os seus sacerdotes. (2)

Há nas quinze províncias, que são como grandes reinos desta monarquia, mil e seiscentas cidades e vilas notáveis, das quais a principal e metrópole é Paquim ou Pequim como lhe eles chamam, a qual foi fundada pelo primeiro rei que teve o reino, chamado do mesmo nome, os anos de seiscentos e trinta e nove depois do dilúvio. Está situado em altura de quarenta e um grau da banda do norte. Tem

---

(2) A frase é de Fernão Mendes Pinto (*Peregrinação*, c. 107, pg. 159). *Conquiaes* é a *Conquães* que Dalgado (*Glosário*, 1, 304) diz ser na China o nome comum de determinadas autoridades administrativas, os chefes de Fazenda nas Províncias, etc.

trinta léguas de circuito, dez de comprido e cinco de largo. É toda fechada com duas cercas de muros muito fortes e de muita boa cantaria, onde tem trezentos e setenta portas, a cada uma das quais está um castelo roqueiro de duas torres muito altas e todas com suas cavas e pontes levadiças nelas. De muros adentro há nesta cidade três mil e oitocentas casas dos seus pagodes, em que sacrificam contìnuamente muitas aves e animais. Está toda retalhada com cento e vinte esteiros que há nela, de três braças de fundo e doze de largo, que atravessam toda a largura e comprimento da cidade, com mil e oitocentas pontes feitas sobre arcos de pedraria muito fortes. Tem mais esta cidade cento e vinte praças nobres, em cada uma das quais se faz cada mês uma feira, e cento e sessenta casas de açougues ordinários em cada uma das quais há cem talhos de todas as carnes, quantas se caçam na terra. Nos paços reais há setenta e nove salas, todas de inestimável fabrico, das quais quatro são as principais, cujas paredes e forros dos telhados são numa de metal, na outra de prata, na terceira de ouro de martelo, na quarta de um mosaico sem preço, de diamantes rubins, esmeraldas e mais pedras preciosas.

1121 Nesta // cidade de Paquim tem o rei o seu assento e corte de alguns anos a esta parte, tendo-o antigamente na de Nanquim, que é também uma das cidades notáveis do mundo, trinta e nove graus debaixo do norte. Está lançada ao longo de um famoso rio chamado Batampina que é o mesmo que «Frol do Peixe», o qual rio vem de Tartária de um lago de vinte e oito léguas de comprido; e está toda cercada de um muro muito forte e de cantaria, onde tem cento e trinta portas, e em todas elas suas pontes por cima de cavas, e doze fortalezas roqueiras com seus baluartes e torres muito altas. As casas dos grandes têm torres altas de seis e sete sobrados com coruchéus cosidos em ouro, aonde têm seus armazéns de armas, seus tesouros e seu móvel de seda e de peças muito ricas. Tem oitocentos mil vizinhos e vinte e quatro mil casas de mandarins, que são os seus magistrados e sessenta e duas praças muito grandes, e trinta casas de açouge de oitenta talhos cada uma, e oito mil ruas de que as seiscentas, que são as mais nobres, têm todas ao comprido, de uma e de outra banda, grades de latão muito grossas feitas ao torno. Há mais nesta cidade duas mil e trezentas casas de seus pagodes, de que as mil são mosteiros de religiosos e religiosas; e vinte prisões muito graves e fortes, em cada uma das quais há de ordinário dois ou três mil presos, e a cada uma destas prisões responde uma casa como de misericórdia que tem cuidado de prover os pobres. Afirma-se ter esta cidade dez mil teares de seda, porque daqui vai para todo o reino, e que rende a el-rei todos os dias dois mil taeis de prata, que são três mil cruzados de nossa moeda. Há aqui também paços reais mui sumptuosos e de grande riqueza e majestade, em que o rei morava e tinha sua corte por estar esta cidade quase no coração de todo o reino. Mas por razão das contínuas guerras que traz com os Tártaros com quem con-

fina, se passou para a cidade de Pequim que é mais fronteira, e por esse respeito a tem tão fortificada como temos visto ([3]).

E por melhor se assegurar dos Tártaros, dos quais por algumas vezes foram destruídos, um rei que então reinava na China, determinou de fechar com muro a // raia de ambos estes impérios. E para 1122
isto lhe deu o povo quinze contos de ouro e duzentos e cinquenta mil homens para trabalharem nesta obra, a qual durou vinte e sete anos. É o muro de trezentas e quinze léguas, e trabalhavam nele setecentos e cinquenta mil homens de que o povo, como está dito, deu a terça parte, e os sacerdotes e ilhas de Aynão outra terça parte e el-rei com os príncipes, senhores, chaens e enchacis do governo a outra terça parte ([4]).

É de seis braças de alto e quarenta palmos de largo no mocíço da parede, mas das quatro braças para baixo corre um entulho a modo de terrapleno, alamborado da face de fora de um betume como argamassa, de mais largura que o mesmo muro quase duas vezes, por onde fica sendo por extremo forte. E em lugar de torres ou baluartes, tem umas guaritas de dois sobrados, armados sobre esteios de pau preto, de grossura de uma pipa cada um. Em toda a distância deste há trezentas e vinte capitanias de quinhentos homens cada uma que fazem ao todo cento e sessenta mil homens, afora ministros e oficiais da justiça e outra mais gente necessária para a sustentação e governo deste povo, que por todos chegarão a duzentos mil homens contínuos. Deste espantoso muro, que bem se pode ter por uma maravilha do mundo, pudéramos escrever mais particularidades, como também desta grande monarquia da China; mas o dito basta, por não ser nosso intento mais que dar uma breve notícia das suas cousas, por guardarmos a ordem que até agora levamos de tratar primeiro das terras, e depois do que nestas fizeram os nossos frades.

E antes que digamos o que eles nestas fizeram, será bom vermos como antes de virem os portugueses a ela, tiveram notícia da nossa santa Fé pela pregação do glorioso apóstolo S. Tomé, o que faremos no capítulo seguinte.

([3]) Nesta descrição de Nanquim o autor teve presente Mendes Pinto (*Peregrinação*, cap. 88, pág. 123-124).

([4]) Dalgado diz que *chaem* é o nome de autoridade chinesa que nossos escritores não determinam bem: corregedor, visitador, juiz, oficial em sentido genérico (*Glosário*, 1, 250-251); e que *anchaci* é o nome do juiz provincial da China (*ib.* 38-39). Também esta frase é de Mendes Pinto (*Peregrinação*, cap. 95, pág. 135), bem como em suas linhas gerais a descrição da Muralha da China.

1123 // COMO O GLORIOSO APÓSTOLO SANTO TOMÉ PADROEIRO DA ÍNDIA FOI TER A ESTE GRANDE IMPÉRIO DA CHINA E NELE PREGOU A FÉ DE CRISTO

CAPÍTULO 104

Foram tantos e tão vários os reinos deste Oriente em que andou o glorioso apóstolo S. Tomé, e tão diversas as províncias que dele discorreu chegando com a sua pregação até o grande império da China, que com muita verdade disse dele (como também dos mais apóstolos) o Profeta-Rei em um salmo, que o seu som saiu por toda a terra e suas palavras chegaram até o fim dela (1). Porque não se contentando de ter pregada a fé de Cristo em Socotorá, Guardafui, Granganor, Coulão, [por que não] ficasse em este Oriente [terra] onde não fosse levar a luz do Evangelho para buscar as dragmas de muitas infindas almas de infiéis que estavam perdidas, passou à grande monarquia da China arvorando em o meio daquela gentilidade o sagrado estandarte da cruz (2), senão que, por que se verificassse mais nele que chegaram suas palavras aos fins das terras, não falta a vir quem diga que, antes que passasse ao Oriente, tinha já visitado o Ocidente e pregado em a grande terra do Brasil, afirmando ser tradição antiga dos seus naturais, que ficaram à sua despedida em uma pedra impressas as suas pegadas em memória de ter vindo e andado por aquela terra o sagrado Apóstolo, e [que] passando do Ocidente ao Oriente discorrendo por várias partes aportou à China (3).

---

(1) *In omnem terram exivit sonus eorum: et in fines orbis terrae verba eorum. Salmo* 18,5.

(2) Atrevemo-nos a interpolar o texto com as palavras entre colchetes, num esforço de o tornar mais claro.

(3) Não tem qualquer fundamento histórico mas é simples imaginação tudo quanto aqui se diz da ida de S. Tomé à América.

E que lá chegasse é cousa que se tem por muito certa e averiguada, e o prova bastantemente a tradição que ainda hoje dura em muitas partes da Índia, desta verdade. E não é pequena força o testemunho que acerca desta deu um bispo das terras do Preste João, chamado Jácome, que andava entre os cristãos do Malabar chamados comummente de S. Tomé, o qual afirmou que se achava nos seus anais, e os arménios o tinham por certo, que depois que os doze Apóstolos repartiram entre si as províncias do mundo onde cada um havia de pregar o Evangelho, // sairam de Jerusalém três deles juntos, que 1124
foram S. Bartolomeu, S. Judas Tadeu e S. Tomé, e foram ter a Barçorá que está junto de Ormuz, e daí se partiram cada um para a sua parte, S. Bartolomeu para a Arménia, S. Judas Tadeu para a parte da Arábia e Pérsia para detrás do monte Sinai e S. Tomé para Socotorá e de aí ao Cabo de Guardafui, e convertendo em ambas partes muita gente se passou à China onde, fazendo alguns milagres, converteu também muita gente, e de aí se tornou à Índia donde fora ter a Choromândel, a sua cidade Meliapor, onde acabou a vida e jaz sepultado (4).

E posto que ao sagrado Apóstolo se lhe representava a dificuldade e perigo do caminho, não deixou de o cometer, vendo o muito proveito espiritual que desta sua pregação da China poderia resultar, porque além de serem tão estendidos os seus limites, como naquele tempo eles eram senhores da conquista e comércio da Índia, como agora são os Portugueses, se eles se convertessem e recebessem a fé, fácil cousa seria receberem-na os outros orientais. E levado destes ardentes desejos de ganhar muitas almas para Deus, fechando os olhos a todos os trabalhos e inconvenientes foi ter àquela grande região, cheia de tantas idolatrias, onde começou a pregar o culto do verdadeiro Deus e a necessidade da sua fé e baptismo. E fazendo muitos milagres, trouxe muitos à lei de Cristo que ele pregava, tirando mui copioso fruito da sua pregação, e no meio daquela babilónia alevntou muitos templos em que o verdadeiro Deus era adorado.

E ainda quando os portugueses chegaram à China, acharam alguns vestígios e sinais desta cristandade em algumas imagens de Nossa Senhora com o Menino em os braços, a qual têm em grande veneração com alâmpadas que ardem sempre diante dela, posto que não sabem dar razão do que representa. E já pode muito bem ser que em algumas partes deste reino ainda haja alguns destes cristãos, que por ele ser tão estendido e por suas leis que inviolàvelmente se guar-

---

(4) Vejam-se textos que o autor teve presentes: Barros, *Década III*, l. 7, c. 11, pág. 233; Couto, Década IV, l. 10, c. 391 ss. A notícia, recolhida na tradição oral, de que S. Tomé evangelizara a China, não se prova. As primeiras infiltrações cristãs aí sèriamente documentadas, são obra dos Nestorianos e datam do século VII (veja-se *Chine*, em *Dictionnaire d'Archeologie Chrétienne et de Liturgie*, publicado por Dom Cabral, Vol. 3 (I Part.) Paris 1913, col. 1353-1385). Depois foram no séc. XIII a XV as missões dos Franciscanos, de que seriam relíquias as lembranças cristãs que os Portugueses foram encontrar.

dam, tão impenetrável aos estrangeiros, não temos por isso notícia deles. E a meu poder veio ter uma carta de pessoa muito digna de
1125 fé, em que conta que, // estando na China, tivera novas que na metrópole disseram (?) que em uma das suas províncias houve, não havia muitos anos, mais de vinte famílias de cristãos, e que pouco a pouco foram perdendo a igreja que tinham, e os chins a converterem em templo de seus ídolos; mas que ainda havia muitos deles. E assim como há estes nesta província, pode haver outros nas outras onde porventura melhor se conservem, pelos merecimentos do santo Apóstolo, assim como vemos que se conservam na costa do Malabar.

Além desta cristandade do apóstolo S. Tomé, há também na China outra plantada por um santo varão muitos anos antes que os Portugueses viessem à Índia. Chamava-se ele Mateus Escandel, húngaro de nação, natural de um lugar chamado Buda, o qual fora ermitão no monte Sinai, e partindo em companhia de uns mercadores do porto de Tanaçarim do reino de Sião, foi ter a uma cidade da China a qual se chamava Cohilousá, que quer dizer «Frol do Campo», por ser em seu tempo muito própera, onde começou a pregar a fé de Cristo, acompanhando a pregação com muitos e mui grandes milagres e maravilhas, ressuscitando em menos de mês cinco mortos, e assim foram muitos os que se converteram e receberam o santo baptismo. O que tomando mal os bonzos, que são os seus sacerdotes, e assim porque nas suas pregações desfazia nos seus ídolos tirando a gente da adoração deles, como porque os tinha muitas vezes confundido em públicas disputas que com eles tivera, determinaram de o matar. E para isso amotinaram o povo, dizendo que se não matassem aquele homem que era contrário aos seus deuses, eles os haviam de castigar; o que ouvindo o povo, com grande furor se foram à casa onde o santo varão pousava, que era de um tecelão, e o quiseram matar.

E porque acudiu o tecelão com dois genros e um filho a o defender, foram por eles mortos. E fazendo uma grande fogueira, lançaram ao santo ermitão nela; mas fazendo ele o sinal da cruz sobre o fogo, logo se apagou, com a qual maravilha ficaram todos espantados e começaram a dizer com grandes vozes: — «Grande deve ser o Deus deste homem, pois tais maravilhas faz». E não ousaram tocar nele. Porém os bonzos, cheios de ódio e fúria infernal, tomando pedras o mataram às pedradas e o lançaram no rio depois de morto.
1126 E em espaço de cinco dias que o corpo esteve // sobre o rio, suas águas estiveram paradas sem correr para baixo como soiam, com a qual maravilha muitos receberam a nossa fé. Mas não tardou Deus muito com o castigo, vingando naqueles malditos bonzos a morte do seu servo, porque nove dias depois do seu martírio tremeu a cidade toda, de feição que a gente do povo, com grande temor, a desampararam e se foram para o campo temendo serem mortos, e disseram que era aquilo castigo que lhes dava Deus pela morte

do inocente estrangeiro que mataram. Ao que zombando os bonzos, se deixaram ficar na cidade, dizendo que eles fariam com os seus ídolos que mandassem à terra que não tremesse mais. E estando eles ocupados em seus sacrifícios, se soverteu a cidade com todos eles, que eram mais de quatro mil, e ficou em um grande lago mais de cem braças de fundo, pelo qual respeito lhe puseram o nome Fiunganorsé que é o mesmo que «Castigo do Céu», chamando-se a cidade, como dito é, Cohilousá, que quer dizer «Frol do Campo».

Todas estas cousas foram sabidas por via de uns portugueses que os chins levavam presos a Pequim, os quais, chegando a este lugar, viram um terreiro pequeno cercado de árvores ao redor, em o meio do qual estava arvorada uma Cruz de pedra muito grande e muito bem feita. E perto daqui ficava uma aldeia de trinta ou quarenta casas, por nome Xifangao, cujos moradores eram todos cristãos e descendentes destes que o santo ermitão baptizou. Os quais vendo aos portugueses prostaram-se diante da Cruz e adoraram-na com grande reverência, se foram a eles e os abraçaram, e se deram a conhecer dizendo que eles tinham também a fé de Cristo e a sua Lei. E lhes mostraram um livro impresso em que estavam postas em memória todas as sobreditas cousas e outras muito maravilhosas que o Senhor por aquele santo varão aí tinha obrado, com que os portugueses ficaram muito consolados de acharem gente cristã em o meio de tanta idolatria e gentilidade. E isto aconteceu para os anos de 1540 pouco mais ou menos.

COMO OS PORTUGUESES FORAM À CHINA E DEPOIS DE VÁRIOS SUCESSOS EDIFICARAM NO PORTO DE MACAU A CIDADE DO NOME DE DEUS.

CAPÍTULO 105

O descobrimento da rica terra da China e o grosso comércio
1127 que nela têm os portu // gueses, se deve à singular indústria e prudência do grande governador e singular capitão Afonso de Albuquerque, porque não se satisfazia com conquistar reinos, vencer inimigos e desbaratar poderosas armadas, ganhando para a coroa de Portugal o principal que na Índia tem, como são Goa, Malaca e Ormuz; mas como aquele a quem a natureza tinha dotado além de muito valor de ânimo também de um vivo espírito e muita curiosidade e diligência em indagar e inquirir de todos os reinos deste Oriente, mandava por todos eles pessoas de confiança e de bom entendimento e discrição para se informarem de suas cousas, e em particular do comércio e trato que neles com maior proveito podiam ter os Portugueses, em que excedeu (sem fazer agravo a nenhum deles) a todos os vizo-reis da Índia. E depois que tinha estas informações e via que eram bastantes para o intento que delas se pretendia, as enviava a el-rei D. Manuel, por entender que lhe fazia nisso notável serviço e lhe dava muito particular gosto. E entre outras muitas informações, lhe enviou uma que ele muito estimou, que foi deste grande reino da China (1).

E considerando Sua Alteza as muitas riquezas que nele havia, e o proveito que de ter nele contrato e comércio, se podia seguir à sua fazenda real e seus vassalos, determinou mandar lá uma armada para assentar paz e amizade com aquele rei. E para isto

---

(1) O autor sobre os primeiros contactos dos Portugueses com a China resume o que traz Barros, em *Década III*, 1. 1o, c. 6-8, pp. 173 ss. Veja-se também Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, 4, 57-59.

nomeou por capitão de uma armada que na Índia se havia de fazer, a Fernão Peres Andrade, que na tomada de Goa e Malaca o tinha mui bem servido e mostrado quão merecedor era daquele e outros cargos muito maiores. E assim o mandou à Índia no ano de 1515 em companhia do governador Lopo Soares, o qual chegando a Goa lhe deu a armada que el-rei mandava, de quatro naus, com a qual partiu. E seguindo sua derrota chegou a Malaca, e dali se fez à vela, levando outras em sua companhia que foram número de oito, no mês de Junho do ano de 1517, com as quais chegou a 15 de Agosto do mesmo ano à ilha Tamao, a que os nossos chamam de Veniaga, que quer dizer «mercadoria», e daí se foi à cidade de Cantão onde foi mui bem recebido dos governadores dela, e deixando aí por ordem deles mesmos o embai // xador que havia de ir ao **1128** rei com um presente, se tornou para Malaca mui próspero e com muito ganho das fazendas que lá se venderam, assim suas como de partes, com as quais se fez muito proveito.

O embaixador que havia de ir ao rei, que se chamava Tomé Pires, se deteve quase um ano primeiro que chegasse a Pequim que é a corte, e lhe tomassem as cartas que levava assim de el-rei D. Manuel e do capitão Fernão Peres de Andrade como dos governadores de Cantão. Em o qual meio tempo sucederam algumas desordens que os nossos portugueses fizeram na ilha Tamao, pela qual causa e pelas queixas que el-rei de Malaca mandou fazer por um seu embaixador a el-rei da China, cujo vassalo era, de os Portugueses lhe terem tomado o reino, não foi bem despachado o nosso embaixador, antes mandou que se tornasse para Cantão, onde estivesse preso até que se tornasse a restituir Malaca ao seu próprio rei, e, quando isso se não fizesse, ele fosse morto e aos Portugueses se não consentisse vir a algum porto do seu reino. E com isto não sòmente se não assentou paz e amizade, mas antes se publicou cruel guerra com os nossos, a qual durou algum tempo, até que os mercadores de Cantão, vendo os grandes proveitos que tinham do comércio e trato com os portugueses, peitando grossamente aos seus governadores alcançaram deles não sòmente que pudessem eles vir a aquela cidade, mas ainda lhe concederam lugar em que fizessem uma povoação em a qual pudessem estar de vagar para de mais perto fazerem suas mercancias.

Este lugar lhe deram numa ilha chamada Liampó onde estiveram alguns anos. E foram tantos os portugueses que aqui vinham morar de todas as partes da Índia pela razão do muito que então aí ganhavam, dobrando o dinheiro três ou quatro vezes, que em breve tempo fundaram uma formosa cidade em que havia três mil vizinhos, de que os mil e quinhentos eram portugueses, e os mais da terra, de várias nações, que tinham recebido a nossa santa Fé, eram cristãos, e dos portugueses os quinhentos eram casados com mulheres portuguesas e mestiças. Havia nesta cidade casa de Mesericórdia em que se despendiam // cada ano mais de trinta mil cruzados. Havia **1129**

mais dois hospitais e a matriz que era da vocação da Conceição de Nossa Senhora. Afiança-se que passava então o trato dos portugueses de três contos de ouro, de que a maior parte era em prata de Japão que havia pouco se descobrira, e a câmara tinha seis mil cruzados de renda. E por que lhe não faltasse cousa alguma para ser uma perfeita cidade, havia nela capitão que era provido em o posto pelo capitão de Malaca, ouvidor, vereadores, provedor-mor dos defuntos e dos órfãos, juizes, almotaceis, e finalmente todos os mais oficiais da república como em qualquer cidade grande de Portugal. E se dizia geralmente que era a mais rica a abastada de quantas havia em toda a Índia.

Mas como a cidade não era sua mas dos chins, os quais não consentiam de nenhuma maneira que a fizessem fortificada com muros e baluartes, por se arrecearem que se alevantariam com ela, bastou uma desordem de um português para eles a destruirem e porem por terra, o que sucedeu na maneira seguinte: Tinham-se certos mercadres chins, a que eles lá chamam gueméns, alevantado com uns mil cruzados que um português lhe tinha dado em fazendas, o qual, querendo-se vingar deste agravo que estes lhe fizeram, com outros quinze ou vinte portugueses, uma noite que para isso escolheram, deram em uma aldeia dali duas léguas fazendo nela grande destruição, matando alguns dos seus moradores e outros levando cativos para Liampó, pagando, como se diz, o justo pelo pecador. Deste excesso teve logo notícia o chaem do governo, que é o vizo-rei daquela província, o qual mandou um altitao, que é o seu almirante, com uma armada de trezentos juncos e oitenta barcões em que iam sessenta mil homens, os quais dando uma manhã na nossa cidade de Liampó a destruiram toda e arrasaram com morte de doze mil pessoas em que entraram trezentos portugueses, e se queimaram trinta e cinco naus e quarenta e dous navios em que havia muita e mui rica mercadoria.

Sucedeu esta desaventura no ano de 1542, governando o estado da Índia Martim Afonso de Sousa, e sendo capitão de Malaca Rui Vaz Pereira Marramaque. E com ser esta desaventura tão grande e lastimosa, não bastou para ficarem escaramentados, porque daí a dous anos tornaram os chins a destruir outra povoação que tinham feito num porto chamado de Chincheo também por desmancho de outro português. Que estas e outras desgraças semelhantes padecem muitas vezes os portugueses que moram em algumas cidades que têm nos reinos dos gentios, onde são muitas vezes molestados e afrontados pelos senhores da terra, a que tudo eles fecham os olhos e dão passe por não perderem o interesse que em estas partes
1130 os de // têm. Depois destas duas destruições, moraram os portugueses na outra ilha chamada Lampacau onde faziam a sua veniaga com os chins, e aqui estiveram até o ano de 1557 que se passaram para a ilha de Macau onde fizeram a sua cidade a que chamaram do Nome de Deus que é onde agora estão.

É esta cidade mui grande e, depois de Goa, a maior que os Portugueses têm em todo este Oriente, e tem mui grandes e sumptuosos edifícios, as casas grandes e de largos pátios e hortas. É de grande trato e mui rica, e de mercadores mui grossos. Além da Sé e Misericódia, tem quatro mosteiros das quatro religiões mendicantes, Pregadores, Menores, Nossa Senhora da Graça e da Companhia de Jesus, afora o hospital e uma casa de lázaros e algumas freguesias. O capitão é provido por Sua Majestade, e é sempre o mesmo que o da viagem de Japão. No ano de 1622, em 24 do mês de Junho, vieram ter a esta cidade os holandeses com uma armada de dezassete velas com tenção de a tomarem; e lançaram em terra por a banda de Cacilhas oitocentos mosqueteiros. Aos quais saíram ao encontro duzentos portugueses dos moradores dela, e os acometeram com tanto ímpeto que, não o podendo eles suster, tornaram para as suas embarcações, ficando mortos no campo quatrocentos deles que era a melhor gente que Holanda trazia naquelas partes; e os outros se embarcaram com água pelo pescoço. E ficaram tão escaramentados com este sucesso que desistiram do propósito que tinham de conquistar esta cidade, e nunca mais aí aportaram. Por esta ocasião, provê cada três anos o vizo-rei da Índia de um capitão geral para assistir naquela cidade com gente de guarnição, a quem paga a mesma cidade seus soldados.

COMO OS FRADES MENORES FORAM À CIDADE DE CANTÃO NA CHINA E NELA PREGARAM A FÉ DE CRISTO.

CAPÍTULO 106

É a cidade de Cantão cabeça de uma província assim chamada das quinze do reino da China, que, com não ser das maiores dela, é tão grande e populosa como Lisboa, situada em um rio navegável de largura de duzentos passos e altura de três até sete braças, todo pela margem povoado de muitos lugares. É toda murada de um muro de três milhas de circuito, em que há noventa torres ao modo de baluartes, em cada uma das quais há uma maneira de guaritas
1131 onde se vigia // todas as noites. Por fora do muro, que é tão largo que por cima por onde ele corre todo terá mais de vinte palmos, corre uma cava mui larga cheia de água, e nas sete portas que tem a cidade, por onde se servem, há sete pontes de pedra e cal; e cada porta tem uma torre com a entrada requestada por três portas que, passando uma, fica defensão na outra; e por debaixo das pontes podem passar barcos se forem desemastreados. Em o meio da cidade, em um teso, está edificado um sumptuoso templo que, com seus coruchéus à maneira de pirâmides, faz uma mostra muito formosa, além do qual há outros muitos na cidade, ainda que não de tamanha grandeza e formosura. Tem duas ruas feitas em cruz que tomam quatro portas da cidade das sete que dizemos ter, e assim estão direitas e compassadas que querem se põe em uma ponta, pode ver a outra defronte. Sobre as quais duas ruas todas as outras vão ordenadas. E à porta de cada casa está plantada uma árvore que todo o ano tem folha, e todas postas por ordem. É esta cidade de grande tráfego por ser a em que vão os mercadores portugueses buscar a seda e as mercancias, e onde concorrem muitas embarcações de diversos reinos, que a fazem ser uma feira grande daquelas partes.

Aqui nesta cidade entrou a pregar a Fé em o ano do Senhor de 1575 o santo varão fr. Pedro de Alfaro, de quem acima no cap. 80 deste mesmo livro temos feito menção, com três companheiros

mais, fr. João Baptista, fr. Sebastião de Baeza e fr. Agostinho de Tordesilhas, todos da santa Província de S. Gregório das Filipinas, que então era ainda Custódia ([1]). Era este grande servo de Deus fr. Pedro de Alfaro castelhano, e tomou o hábito na Província de S. Tiago, da qual se passou para a de S. José dos Descalços, com desejo de maior perfeição. Foi de muito santa vida contemplativa. E por isto foi escolhido por primeiro Custódio da sobredita custódia de S. Gregório, aonde foi mandado pelos prelados da Ordem com vinte companheiros do seu espírito a fundar aquela Custódia, onde, tendo particular notícia do // grande reino da China por via dos chins mercadores 1132
que iam a Manila em seus juncos a comprar e vender suas mercadorias, lhe deu vontade de ir com alguns frades seus a pregar àquele reino e converter seus moradores à fé de Cristo.

E deixando encomendada a Custódia a fr. João de Plasência, pregador e grande servo de Deus que estava no convento de Manila, se partiu para Cantão onde chegou a salvamento com os seus com-

---

([1]) No cap. 80 [1] algo ficou dito acerca da expedição de fr. Pedro de Alfaro e companheiros à China em 1579. A descrição dada aqui no texto resume com bastante fidelidade relatórios que da expedição escreveram alguns que nela foram e também no cap. 80 [1] vão lembrados. Dos componentes da expedição:

Fr. Pedro de Alfaro professou na Província franciscana de Santiago de Compostela, depois de ter sido aí guardião no convento de Padrão passou para a Província de S. José dos Descalços, e em 1577 foi como Custódio da missão enviada às Filipinas. Tendo chegado aí em 1578, logo em 1579 tentou ir missionar na China; mas como os chineses não lhe consentiram então ficar aí, recolheu a Macau à espera de melhor oportunidade. Fundou ali o convento da Madre de Deus para recrutamento e formação dos missionários que haviam de empreender a evangelização da China e regeões de à volta. Os portugueses alarmaram-se, obrigaram-no a seguir para Goa com explicações ao vice-rei da Índia. Na viagem naufragou, e morreu frente à Cochinchina.

Fr. João Baptista Lucarelli, veja-se acima cap. 80.

Fr. Agostinho de Tordesilhas, nascido em Espanha na cidade de Tordesilhas em 1528, aos 30 anos professou na Província franciscana da Conceição donde passou para a de S. José dos Decalços. Acompanhou fr. Pedro de Alfaro às Filipinas e dali à China, donde regressou a Manila a 12 de Fevereiro de 1580. Outra vez tentou a missão da China, indo em 1582 com fr. Jerónimo de Burgos e companheiros por Macau. Destinado à missão do Sião com fr. João Pobre, outra vez teve de recolher a Macau, e foi aí nomeado guardião do convento que governou até que dele tomaram posse os frades portugueses em 1585. Recolheu então a Manila onde trabalhou, e cheio de anos morreu em 1629.

Fr. Sebastião de S. Francisco, natural de Baeza em Espanha e professo na Província de S. José dos Descalços, seguiu para as Filipinas em 1577 com fr. Pedro de Alfaro. No Capítulo que, chegados aí, logo em 2 de Agosto de 1578 se celebrou, foi destinado à missão de Panganisam onde abriu escola. Acompanhou fr. Pedro de Alfaro na viagem à China em 1579 e depois de longa infermidade sofrida na fragata em que poisavam, morreu quando já preparavam o regresso a Manila.

panheiros e um mancebo João, china ([2]) de nação que sabia a língua espanhola que, por tornar a sua terra, se ofereceu ao santo varão para servir de intérprete, e três soldados os quais com desejo de pregar a Fé e receber martírio, ([3]) lançando todas as armas no mar se vestiam de saco à maneira de donatos, descalços, em hábito pobre e humilde, e oferecidos a tudo aquilo que deles ordenasse Deus Nosso Senhor. Com toda esta companhia desembarcou naquela cidade o P. fr. Pedro de Alfaro, e chegando ao porto principal levantaram em uma hástea a imagem de Cristo crucificado com um lenço à maneira de estandarte, e pondo-se todos primeiro de geolhos cantaram *Te Deum Laudamus*, e acabado e feita oração, em forma de procissão começaram a cantar pelas ruas da cidade com grande admiração dos chins que estavam como pasmados de verem aquela novidade. Entrados como vinte passos da porta para dentro pregando a vozes o nome de Cristo, chegaram os guardas dela e lhes fizeram sinal que se tornassem a sair por não ser lícito a nenhum estrangeiro entrar em a cidade sem licença dos seus mandarins que são os governadores.

Eles o fizeram logo, saindo com a mesma ordem com que entraram. E estiveram aguardando na porta pelo mandarim, que não tardou muito, o qual mandou levar ante si aqueles estrangeiros e perguntou aos seus se havia alguém que entendesse a sua língua. E porque o mancebo chim que tinha levado consigo para intérprete, não ousou a abrir a boca diante do mandarim por medo dele, se

---

([2]) João, china, sangley, caíra prisioneiro dos espanhóis quando em 1574 o corsário chinês Li Ma-Hong com o japonês Sioco assaltara as Filipinas (veja-se Wyngaert, *Sinica Franciscana*, 2, 113 [3].

([3]) Chamavam-se — Francisco de Dueñas, natural de Velez-Málaga, que escreveu *Relacion de algunas cosas particulares que vimos y entendimos en el reino de la China*, que completa a de fr. Agostinho de Tordesilhas e está ainda inédita, em 1582 foi mandado a Maluco a colher informações e também dessa viagem, bem como da queda da fortaleza de Ternate, escreveu *Relacion* que está inédita, e aí em Maluco morreu (veja-se Wyngaert, *Sinica Franciscana*, 2, 476); — João Dias Pardo, natural de Zamora, militou em Frandes e depois, nas Filipinas, acompanhou fr. Pedro de Alfaro à China em 1579, e, quando em 1580 regressou a Manila, entrou na Ordem Franciscana e chamou-se fr. João Pobre; em 1582 foi a Macau e dada a situação em que encontrou aí o convento da Madre de Deus, dirigiu-se ao Japão, donde tornou a Macau e foi com fr. Agostinho de Tordesilhas a Sião; em 1584 voltou ao Japão e ainda uma terceira vez em 1596; em 1599 veio a Espanha e Roma donde regressou às Filipinas cumulado de favores, mas na viagem indo dar às ilhas Marianas aí demorou até 1603 a tratar dois missionários que encontrou doentes, em 1606 outra vez veio a Espanha para voltar às Filipinas em 1609 com grande leva de missionários, e vindo mais uma vez a Espanha em 1611, aí morreu em 1615; escreveu *Carta Apologética probando que los reinos de China, Japon y Siam, perteneciam al Rey de Espña, secun la demarcación hecha por Su Santidad* e outras *Relaciones* mais que tratam do Japão; — Pedro Villaruel de quem mais nada se conhece.

ofereceu para aquele ofício um arrenegado dos de Macau chamado Simão, homem cobiçoso e astuto, por meio do // qual lhe pergun- 1133
tara o mandarim quem eram e que buscavam e quem os havia encaminhado àquele porto. E respondendo por todos o Custódio, disse que eram sacerdotes espanhois que, vendo que os chins não conheciam o verdadeiro Deus, lhes vinham dar conhecimentto dele e do reino do céu e da fé em que se haviam de salvar. O intérprete arreceando que, se aquilo dissesse ao mandarim, havia de vir mal aos frades, porque os havia de julgar por espiões, que é o que de ordinário naquela terra se suspeita da gente estrangeira, trocando suas palavras disse que respondiam ser gente pobre e miserável que, por causa da tormenta, viera a dar naquelas partes, e que esperavam socorro e bom tempo para se tornarem. Ele o soube dizer tão bem que o mandarim se moveu a compaixão, e lhes disse algumas palavras de amor e piedade que o Simão com a sua astúcia fez crer aos nossos que eram demonstrações do gosto com que ouviu o que eles diziam. E desta cautela usou sempre com eles, trazendo enganados uns e outros por todo o tempo que ali estiveram.

Com isto ficaram os frades mui consolados, parecendo-lhes que eram já aquelas as primícias das palavras de Deus; e esperavam alcançar licença para a pregarem pùblicamente. E o mesmo lhes aconteceu com outro mandarim que o dia seguinte os veio visitar e tomar outra nova informação da parte do mandarim maior, o qual, vendo que conformavam ambas as informações, lhes mandou uma chapa ou licença para poderem andar livremente pela cidade. Levou-os Simão para sua casa, e ali dia do glorioso precursor de Cristo o Bem-aventurado João Baptista concertaram um altar, e à glória de Deus e do nosso Padre S. Francisco disseram as primeiras missas que se celebraram em aquela cidade, comungando os que não eram sacerdotes. E naquele mesmo dia foram apresentados diante de um juiz, a quem deram algumas mais claras notícias do seu intento e de como queriam ficar naquela terra para tratarem da cura dos enfermos e enterramento dos mortos, porque os enfermos pereciam à pura míngua e os mortos se lançavam no mar e no campo por não haver quem os levasse a enterrar; e isto nos que eram desam-
parados, que não eram poucos em cidade tão grande. // Muito con- 1134
tente ficou o juiz de os ouvir e se edificou do seu santo intento; porém respondeu que não tinha autoridade para lhe dar tal licença, mas que escreveria ao vizo-rei que estava perto, para o que tocava à sua seguridade e bom tratamento.

E porque souberam que os portugueses de Macau tomavam mal aquela vinda dos castelhanos por via das Filipinas, parecendo-lhes seria aquilo estorvo para os seus tratos e comércio com os chins, foi necessário ao Custódio escrever aos principais deles dando-lhes conta de quem eram e do intento de sua vinda, e pedindo-lhes houvessem por bem de escreverem aos mandarins daquela cidade cartas em seu favor. A sua se leu diante do capitão da cidade, ouvidor,

e de outras pessoas principais, e de alguns Religiosos e do Patriarca [4]. que então aí estava, que era da sagrada Companhia de Jesus, e era muito devoto do nosso Padre S. Francisco. E posto que procurasse ele muito pelos frades, mostrando não haver razão para que se lhes negasse o abono que pediam pois eram Religiosos que não procuravam mais que a salvação das almas daqueles infiéis, contudo não bastou para que quisessem mandar cartas de favor que se pediam para os chins, ainda que não faltaram alguns particulares devotos do nosso hábito os quais lhes escreveram cartas de grande consolação e muitos oferecimentos, e ainda lhes mandaram suas esmolas, pedindo-lhes mui encarecidamente que se não tornassem para Manila sem os ir ver e fundar naquela cidade de Macau convento da Ordem, encarecendo-lhes de quanta importância seria isso para aprender a língua dos chins e poder-lhes nela pregar a Fé sem as cautelas (?) dos intérpretes.

Muito estimaram os nossos frades a devoção que eles lhes mostravam, e com a esmola que lhes mandaram, se sustentaram alguns dias; mas depois que ela se acabou e o mantimento que na sua fragata tinham, começaram a pedir com seus alforjes pelas portas, o que, sabendo os mandarins, mandaram que à custa da casa real se lhes desse cada dia certa quantidade de prata para
1135 o seu gasto, tendo por caso de menoscabo seu andarem men // digando aqueles que eles tinham recebido debaixo de sua protecção. E como sua tenção era ocuparem-se naquela terra em converter os infiéis, fizeram uma petição aos mesmos mandarins em que lhes pediam lhes mandassem dar casas para morar, porque seu intento era curarem os enfermos e enterrar os mortos. Eles avisaram disso ao vizo-rei, o qual os mandou ir à sua presença à cidade de Ancheo [5]. Foram mui contentes, parecendo-lhes que se ia pondo em bom ponto o seu negócio. Deu-lhes audiência e mostrou-lhes bom rosto, mas não quis conceder-lhes mais que casas para morarem até ser tempo de se tornarem para Lução. E com isto os despediu para Cantão onde estiveram até Setembro do mesmo ano.

Mas poderando o Custódio, como prudente, por uma parte faltar-lhe a licença para morar entre aqueles infiéis que ele tão ardentes desejos tinha de converter, e por outra que não seria possível fazer

---

(4) D. Belchior Miguel Carneiro, sagrado bispo titular de Niceia, coadjutor e futuro sucessor do patriarca de Etiópia D. André de Oviedo, em 15 de Dezembro de 1560, foi para Macau em 1566 como Administrador Eclesiástico da China e Japão e nesse cargo se conservou até 1582 quando da chegada do bispo D. Leonardo de Sá, sem nunca ter ido à Etiópia nem ter tomado posse do patriarcado à morte de D. André de Oviedo. Morreu em Macau a 19 de Agosto de 1583. Wyngaert (*Sinica Franciscana*, 2 1271, 1293) publicou duas cartas dele, a fr. Pedro de Alfaro, uma de 3 de Julho de 1579, e a outra de 6 de Agosto.

(5) Fr. Agostinho de Tordesilhas em sua *Relacion* e bem assim Francisco Dueñas escreveram Soquim, que Wyngaert identifica com Tchaoking (*Sinica Franciscana* 2, 136).

entre eles muito fruito pois não sabiam a sua língua em que lhes haviam de pregar, lhe pareceu bom conselho ir-se aos portugueses de Macau para cumprir com a devoção dos que lá o desejavam. E assim ordenou que se dividissem e passassem ele e o P. fr. João Baptista a Macau, e fr. Agostinho de Tordesilhas com os mais companheiros e mercadores se tornassem a Lução. Para tudo deu o vizo-rei suas chapas e provisões, mandando que nos portos a custo do rei se lhes dessem passagem e matalotagem como a amigos. E indo-se uns para Lução, o Custódio com o seu companheiro se foi a Macau onde fundou o convento da Ordem que hoje ali temos, como no capítuo seguinte se verá ([6]).

([6]) Em 1582 fr. Jerónimo de Burgos, indo de Visitador a Macau, levou consigo grupo de frades que destinava à missão da China. O navio perdeu-se na viagem, e foi dar a Fokien onde os chineses aprisionaram os frades que depois Aires Gonçalves de Miranda mandou resgatar e conduzir a Macau. A ali não lhe foi possível organizar a missão da China, pelo que criou com os conventos de Macau e Malaca uma Custódia independente, e regressou a Manila com os frades que em Macau não foram precisos. Fr. Martim Inácio de Loiola que ficara nomeado Custódio da Custódia então criada, foi a Roma a pedir comissão apostólica para ele e seus frades poderem missionar na China, e com ela regressou a Macau onde chegou em 1586. E em 1587 entrou em Cantão. A já citada *Apologia,* manuscrito de 1602, conta desta forma o que então lhe sucedeu:

«Estando, pois, assim estes Padres [da Companhia de Jesus] em Cantão, sucedeu, faz agora 17 anos, vir de Espanha por Custódio, à China, por mandado de Filipe II rei das Espanhas, um Frade Menor, sobrinho de S. Inácio, fundador dos Padres da Companhia, por nome fr. Martinho Inácio de Loiola, pregador apostólico ornado de muita virtude e letras, o qual 2 mesees depois que chegou à cidade de Macau, povoação, como temos dito, de portugueses, sem dádivas nem presentes, sem pompa nem majestade, sem emprego nem cabedal, mas com um hábito todo remendado de vil e grosso burel, e com os pés descalços (porque era Capucho da Província de S. José em Castela), alcançou licença do aitão sobredito para fundar uma igreja no sobredito porto de Cantão, onde morasse com alguns frades mais e dissesse missa pública e patentemente às portas abertas, e pregasse o santo Evangelho a todos os infiéis naturais da dita província, como o fizeram e puseram por obra os ditos Frades Menores. Afeiçoaram-se os chinas tanto à vida apostólica e conversação santa dos frades que aí residiam, e edificaram-se de maneira da sua humildade e pobreza evangélica e desprezo dos bens terreais, que vinham cada dia sucessivamente à igreja que já aí tinham feita, estando sempre de contínuo aberta, quando a dos Padres da Companhia estava sempre fechada por mandado do aitão, inumerável multidão de infiéis a se encomendarem a Cristo nosso Deus oferecendo-lhes suas ofertas. Era isto feito por aqueles gentios com tanto fervor e devoção e glória do Senhor, que davam também licença a suas mulheres (coisa nova e desusada, porque as mulheres dos chinas em nenhum modo saem fora de casa nem ainda ao templo dos seus ídolos) para que muitas e muitas vezes viessem à igreja dos ditos frades a oferecer com fervor e devoção a Cristo Nosso Senhor e a sua sacratíssima Mãe inumeráveis pivetes feitos por elas mesmas de muitas e diversas confecções aromáticas e de suavíssimo cheiro, dos quais para prova da devoção e grande fruto que se esperava fazer nos

Depois que os frades da nossa província do S. Tomé povoaram o convento de Macau, alguns deles tornaram outra vez à cidade de Cantão, como o P. fr. Francisco de Arruda que então era Custódio de Malaca e depois foi da nossa de S. Tomé, com o seu companheiro

---

ditos infiéis (de que a este tempo havia já alguns baptizados) enviou o sobredito P. fr. Martinho Inácio a Macau grande número ao P. fr. Cosme da Anunciação, que então era guardião do convento que ainda agora têm aí os Frades Menores. [...] Estando as cousas neste termo e os ditos frades muito estimados, aceitos e favorecidos dos chins infiéis, foi avisado por escrito o mandarim (que é a justiça maior) como convinha ao bem comum daquele povo e toda a China serem lançados da dita cidade os Frades Menores que nela residiam, porque eram espias de Filipe rei das Espanhas, mandados por ele àquelas terras para que esquadrinhassem bem o como e com que poder se podiam conquistar. Tanto que o mandarim teve este aviso, os mandou logo lançar da cidade, havendo já quase dous meses que tinham sua igreja acabada e nela residiam. O sobrescrito P. fr. Martinho Inácio de Loiola vendo uma mudança tão grande, feita tão de repente onde os Frades Menores eram não só da gente popular mas também da principal e ainda mesmo do mandarim e aitão da terra muito queridos e estimados, como prudente concebeu haver por ventura procedido a dita mudança de alguma inveja, pelo qual se foi logo ver com o escrivão do dito mandarim com o qual, pelo conhecimento e amizade que com ele tinha, apertando lhe disse por que causa os mandava o mandarim lançar daquela cidade, respondeu-lhe por lhe haverem apresentado um papel escrito na língua dos chins em que o avisavam que ele e seus frades eram espiões de el-rei de Espanha para lhe conquistarem as terras. Vendo isto o Padre não cessou até não descobrir de todo a fonte destes sujíssimos regatos e o autor desta luciferina obra, por onde tornou a apertar com ele lhe dissesse quem fora autor do sobrescrito papel. Deu-lhe então o escrivão clarissìmamente a entender [... quais os portugueses que tinham sido], e lhe meteu logo na mão o mesmo papel que sobre ele e os mais frades fora presentado ao dito mandarim». O Padre «não deixou de tirar do original escrito na língua dos chins que o sobrescrito escrivão lhe dera, um treslado em língua portuguesa, escrito ao pé do original, abaixo do qual se assinou o dito escrivão do mandarim, afirmando haver sido aquele treslado fielmente tirado do original acima escrito, com o qual escrivão se assinaram ao pé do mesmo treslado (muito angustiados e sentidos de serem lançados daí os Frades Menores) todos os mercadores portugueses que então por causa das suas mercancias se achavam presentes na dita cidade de Cantão, afirmando e testemunhando o que o dito escrivão dizia, não só da verdade do original mas também do treslado dele, que logo se cotejou com o original diante dos portugueses, muitos dos quais eram casados em Goa, outros em Chaul e outros em Cochim». (*ib.*, 62-63) Alexandre Valignano contou as coisas doutra maneira (veja-se AIA, 2 (1914), 226); mas carta colectiva de fr. Martim Inácio com seus frades e Agostinhos de Macau faz pensar que o autor da *Apologia* dispunha de boa informação.

Fr. Martim Inácio veio então em 1588 expor o assunto da sua Custódia ou Comissão de Macau. Entretanto o convento de Macau passou a ser parte da Custódia de Malaca que assim viu incluída a China nos territórios da sua influência. E por então os franciscanos espanhóis das Filipinas desistiram de tornar à China, e só em 1633 repetiram a tentativa veja-se a *Relacion del viaje al reyno de la Gran China por Fr. Francisco de Jesus de Escalona*, em *Sinica Franciscana*, 2, 215-314).

o P. fr. Francisco do Horto,[7] pregador, com grandes desejos de conversão daquelas almas. Mas as muitas cautelas de que usam com a gente estrangeira e as delícias da carne e vícios dela em que vivem, são grande impedimento para neles frutificar a palavra divina e a pregação do santo Evangelho.

---

[7] Das tentativas que os Franciscanos portugueses da Custódia de Malaca tenham feito para entrar na China a missionar, conhece-se apenas esta de fr. Francisco da Arruda ao tempo em que era Custódio de Malaca e portanto antes de 1609, ano que ele entrou para Custódio de S. Tomé (veja-se Parte I, cap. 191). Do seu companheiro fr. Francisco do Horto, não aparece qualquer outra notícia.

1136 // DO CONVENTO DA ORDEM QUE SE FUNDOU EM MACAU E DOS SANTOS EXERCÍCIOS EM QUE SE OCUPAVAM OS SEUS MORADORES

CAPÍTULO 107

O convento que temos na cidade de Macau se fundou com título de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula no ano de 1579 pelo venerável P. fr. Pedro de Alfaro, de quem largamente temos falado no capítulo precedente, o qual vendo o pouco fruito que com a sua assistência fazia na cidade de Cantão na conversão dos seus moradores por não saber a sua língua, lhe pareceu ser bom remédio fundar-se em Macau um convento da Ordem, como alguns dos seus moradores lhe pediam e aconselhavam, em o qual finalmente poderia ele e os seus companheiros aprender aquela língua. E assim com este fundamento se veio da cidade de Cantão, onde o deixámos no capítulo passado, para a de Macau. Foi mui bem recebido do Patriarca e alguns cidadãos devotos do nosso Padre S. Francisco, que desejavam muito ver naquela terra seus filhos. E ajudando com suas esmolas, se deu princípio à igreja, escolhendo para ela posto dos melhores da cidade, uma ponta dela em um alto, com boas águas, ares e vista.

A igreja se acabou com muita brevidade, e para a morada dos fradres (que então não eram mais de dois, o P. fr. Pedro de Alfaro e o P. fr. João Baptista seu companheiro) se fizeram umas celinhas pequenas e estreitas, de madeira, arrimadas à mesma igreja em forma de convento. Aqui se recolhiam estes dois servos de Deus fazendo uma vida mais angélica que humana, de grande penitência e muito exemplo e mostras de muita virtude e de muita oração e contemplação. Diziam todas as horas no coro e celebravam o Divino Ofício com a maior solenidade que podiam, entoando as vésperas e missas, ajudados de alguns portugueses devotos que também cantavam. O seu comer era pão e água, seu dormir em terra ou sobre uma táboa, ocupados sempre de dia e de noite em estes divinos exercícios, do que não pouco se maravilhavam todos os moradores

de Macau. Pregava o P. fr. João Baptista, e o fazia com tanto fervor de espírito que ainda aos que não en // tendiam a língua, movia e 1137
atemorizava com sua presença (?). Iam três dias em a semana ao hospital dos leprosos onde varriam a casa, limpavam os serviços, lavavam os chagados mais asquerosos e beijavam-lhes os pés com tanta humildade e ternura que causavam aos que os viam, notável devoção e espírito. Era isto causa de tanta edificação que até os chins acudiam a vê-los, e se tornavam para as suas casas maravilhados do que viam, e o que mais é que de dentro do reino da China vinham muitos dos seus bonzos, que são os seus religiosos, movidos da fama destas obras, e um deles, sendo movido por Deus, recebeu a nossa santa Fé e se baptizou.

Receberam alguns noviços, aos quais criavam em grande santidade e perfeição, dos quais três professaram e se chamaram fr. António dos Mártires e fr. Boaventura de Lisboa e fr. Bernardino de Jesus. Vinham também, à fama destes servos de Deus, muitos dos sacerdotes dos chins, tão penitentes e solitários que té parece que não há em todo o mundo outros como eles. E vinham ver se era verdade o que deles ouviam contar. Faziam-lhes muitas perguntas acerca da nossa santa Fé e modo de viver que neles viam. E porque pareceu ser necessário ao P. fr. Pedro de Alfaro dar uma chegada a Goa para dar razão de si e do convento que tinham edificado, ao [vizo-]rei da Índia e arcebispo, pois [tinham] vindo àquela cidade não pelo caminho de Malaca mas de Manila, se embarcou em um junco deixando encarregado o convento a seu companheiro o P. fr. João Baptista.

Porém não foi Deus servido que seu fiel servo o P. fr. Pedro de Alfaro desse fim aos negócios que levava a seu cargo, levando-o para si nesta viagem, porque ia navegando com bons ventos pela costa da China e passando ao golfão que a divide do reino de Cochinchina, por fugir de uns baixos que estão à parte do mar, do meio dia, deram à costa, fazendo-se o junco em pedaços. Lançou o P. fr. Pedro mão de uma táboa vendo-se naquele perigo, na qual mui fàcilmente se salvara, se não foram tantos os que acudiam a ela e se puseram nela, que foi ao fundo com todos, e se afogou o servo de Deus, perdendo a vida por a querer dar aos outros. Mas nem por a morte ser assim desgraçada, deixou Deus de mostrar quão agradável lhe fora a sua vida, honrando o fim dela com um maravilhoso milagre que foi a // charem-no depois os que escaparam 1138
do naufrágio, em a praia posto de goelhos, que causou não pequena admiração neles.

Mas ainda que a morte deste grande servo de Deus foi de muito sentimento para este convento e seus moradores, como aqueles que o reconheciam por causa segunda de todos os bens espirituais dela, contudo nem por isso afroixou algum ponto a santidade em que se tinha fundado, sucedendo-se em seu lugar o venerável P. fr. João Baptista, que vendo quanto assim importava para o crédito

daquela casa e da nossa sagrada Religião que nela se representava, vigiava com muito cuidado e trabalhava por aqueles santos exercícios em que se criara, fossem por diante. E assim a tudo acudia com incrível satisfação de todos ao governo da casa, à criação dos noviços, à cura dos enfermos e dos leprosos, aos sermões que pregava aos fiéis e finalmente à conversão dos infiéis. E procedia com tanto fervor a todas estas coisas, que em breve tempo se começou a ver o fruito que naquela cidade delas resultava, porque dos cristãos, muitos melhoravam as vidas e mudavam os costumes, e dos gentios não poucos se baptizavam.

E para poder melhor conseguir o fim que se pretendeu na fundação daquele convento, que era aprender a língua da terra e com isso habilitarem-se para por si poderem pregar a Fé àqueles infiéis, fez junto a ele um colégio ou seminário onde se criassem meninos e mancebos de quase todas as nações daquelas partes para que, instruidos naquelas coisas da nossa santa Fé, pudessem dar notícia de Cristo e da sua lei em suas próprias terras aos seus naturais. E fez lavrar para isso, dentro da clausura do convento, algum tanto apartado da igreja, um quarto de celas pequenas e escolheu vinte meninos aos quais dava sua ração ordinária, e os vestiu de umas túnicas largas de burel grosso à maneira de donatos; e de caminho aprendia ele também a língua da China que tanto desejava.

E depois que lhe pareceu que a sabia bastantemente, se concertou em secreto com um chino principal, capitão de um navio, que o levasse escondido à cidade de Cantão, dizendo que tinha coisas de importância que tratar com seus magistrados. Porém vindo os portugueses
1139 a saber seus desenhos, se foram // ao navio onde estava já embarcado, e o fizeram tornar a terra, dizendo que os deitaria a perder a todos com o que pretendia, e que não era aquele o caminho por onde se havia de entrar em a China, como se os Apóstolos que foram os verdadeiros mestres da pregação evangélica e a quem o próprio Cristo tinha dado o modo de pregarem o seu Evangelho, tivessem usado outro. E vendo que por esta via não podia efectuar o que tanto procurava, por que de todo não fossem frustrados os acesos desejos que tinha de converter infiéis, fez pintar muitos painéis do juizo final em que havia glória e inferno, anjos e demónios, almas em descanso e outras em fogo e tormentos, e destes mandou um ao rei da Cochinchina e outros a outros reinos com cartas em suas línguas em que declarava a pintura. Assim que estes foram os princípios da fundação deste convento e estes os exercícios dos seus moradores, os quais se conservaram sempre enquanto foi de castelhanos(1).

---

(1) Sobre fundação do convento de Nossa Senhora dos Anjos de Macau, veja-se o que ficou dito acima, cap. 101 e 106. A descrição do texto no geral está concorde com as informações dadas pela documentação coeva. É, porém, de notar que, não obstante as mostras de devoção prestadas

E depois que se entregou a frades portuguesees (como acima fica contado), não foi menos a virtude e perfeição que lhes sucederam (?), levando sempre adiante o que ali acharam; com que se fizeram tão amados e respeitados do povo naquela terra, que é este um dos conventos de mais devoção e frequência que nela há, como o sabem os que por lá andaram (²). E para que isto conste mais

---

aos Franciscanos espanhóis pelos portugueses de Macau, muitos destes sistemàticamente se opuseram a que a cidade se tornasse base de influência espiritual dos espanhóis na China e nos demais povos à volta. E veio daí a pressão que fizeram para que fr. Pedro de Alfaro e depois fr. João Baptista Lucarelli fossem a Goa ao vice-rei a dar explicações dos seus intentos e a receber orientações. E se a pressão foi deveras veemente pois estavam em jogo altos interesses comerciais e políticos, todavia há que rever os relatos das perseguições de que foram vitímas os frades espanhóis segundo fàcilmente por aí se escreve. Em demasia frágil a base de tais relatos. Fr. João Baptista Lucarelli, por exemplo, escreve que na viagem de Macau até Malaca «io fui martire di martirio prolungato, perche non mi volevano i mei adversarii condur vivo all'India». A frase ditou-lha com certeza a sua doentia imaginação que lhe ampliava os factos a muito multiplicadas proporções, como se vê noutros casos em que o exagero é existente, tais os relatos do que viu em Ceilão e das maravilhas que fez na Índia com os cristãos de S. Tomé *(Viaggio dell'India,* em *Sinica Franciscana,* 2, 68, 76-78).

Fundado o convento em 1579, fr. Pedro de Alfaro em 1580, antes de se embarcar para Goa, nomeou para guardião dele a fr. João Baptista Lucarelli que era italiano, julgando dissipar assim as preocupações dos portugueses *(ib.* 53). Lucarelli, ao seguir para Goa em 1582, deixou no convento fr. Bernardino de Jesus com alguns noviços *(ib.* 68). Levantados em Custódia independente os dois conventos de Macau e Malaca pelo Comissário Visitador fr. Jerónimo dos Burgos nos fins de 1582 ou Janeiro de 1583, foi nomeado guardião de Macau fr. Jerónimo de Aguilar (P. Lourenço Pérez, *Origen,* em AIA, 2, 211). Em 1585 quando o convento foi entregue aos portuguese era guardião fr. Agostinho de Tordesilhas, e nele viviam os seguintes frades que passaram a Manila no ano seguinte: fr. Jerónimo de Aguilar, fr. Manuel de S. Tiago, fr. Diogo Jiménez fr. João Pobre, fr. Francisco Villorino, e os coristas portugueses fr. João da Assunção, fr. José da Madre de Deus, fr. Bernardino de Jesus *(ib.* 220).

(²) Porque o vice-rei da Índia, pelos franciscanos Capuchos que passaram a Goa em 1584 e em 1585 seguiram para Malaca, mandou que também o convento de Macau fosse entregue aos franciscanos portugueses da Custódia de Malaca, a cumprir suas ordens foi a Macau fr. Rogério, comissário pelo Custódio de Malaca fr. Diogo da Conceição ausente em Goa onde assistia ao Concílio Provincial, e houve «palavras e desinquietações» entre o dito comissário e os frades espanhóis no tomar posse da casa (Carta do bispo de Malaca ao rei, de 30 de Dezembro de 1588, em AS, Secretarias Provinciales, Livro 1551, fl. 276v-277), posse que teria sido feita em 11 de Agosto talvez do modo compulsivo que conta Lourenço Pérez *(o. c.,* 219-220). Mas porque fr. Martim Inácio de Loiola, com alguns companheiros regressou de Roma e Lisboa a Macau em 1586 feito comissário da missão da China, tomou conta do convento, e nele estiveram seus frades até que em 1589 ali foi o Custódio de Malaca, então fr. António dos Reis, e «com muita quietação dos Religiosos e edificação dos seculares», como ele diz, outra vez tomou posse da casa que definitivamente ficou incorporada na Custódia de Malaca (carta de fr. António dos Reis ao rei, de Macau a 9 de Outubro de 1589, em AS, Secretarias Provinciales, livro 1551, fl. 668).

claramente, relataremos aqui um lastimoso caso que lá sucedeu em o ano de 1611, que foi o incêndio daquele convento, em que se queimou e tornou em cinza ele e tudo quanto nele havia.

E foi o caso que tendo os padres feito um presépio na festa de Natal para mais mover o povo à devoção daquele mistério, sem se saber como, se ateou o fogo nele e foi lavrando de feição que, sem lhe poderem dar remédio por mais que nisso se trabalhou, tomou fogo a capela do presépio e dali a igreja toda e depois a torre onde estava todo o bem do convento, e foi logo ateando nos dormitórios. E assim em menos de meia hora ardeu tudo quanto nele havia, sem poderem salvar mais que o sacrário do divino Sacramento que se tirou com muito trabalho e risco de um frade dos ali moradores; e os cálices e as custódias das relíquias e a custódia em que em o seu dia se guardava o Sacramento, com umas gavetas do
1140 comum. E tudo o mais se // fez em cinza.

Estima-se esta perda em mais de quatro mil taéis que são trinta mil xerafins, porque estava o convento todo acabado, e era o mais formoso e alegre que nesta terra havia. E havia nele muitos ornamentos mui ricos de muito preço que tinham dados os devotos. Mas o que mais se sentiu nesta lastimosa perda, foram algumas preciosas relíquias que se queimaram, como foi um braço do santo mártir de Japão fr. Pedro Baptista e muitas cabeças, pernas, braços doutros santos mártires, e os retábulos que estavam pintados com admirável perfeição pelo afamado pintor da Ásia cujas obras tão estimados são cá na Índia pela sua perfeição. Mas é tanta a devoção que os desta terra têm ao nosso Seráfico Padre S. Francisco e a seus filhos que, saindo eles a pedir esmola para ajuda da restauração daquele convento, lhes [deram] em poucos dias seis mil taéis que são doze mil xerafins, e isto com muita vontade, oferecendo-se para tudo o mais que fosse necessário. Afora alguns devotos mais particulares que se quiseram avantajar em esta tão santa obra, dos quais um que é o síndico, tomou à sua conta a capela-mor para a pôr no mesmo estado e perfeição em que estava, e outro tomou o altar de Jesus, e outro o da Conceição com as imagens da Senhora e S. José e todo o paramento do altar, e outro tomou à sua conta o retábulo do nosso Padre S. Francisco, e outro depois de mandar trezentas patacas de esmola prometeu mais mil indo o seu navio a Manila, e outro deu quinhentas patacas na primeira viagem que fizesse, e a cidade prometeu de dar dois e mais por cento nas viagens de Japão e Manila. De sorte que hoje está a igreja e o convento acabado com mais e maior perfeição do que antes estava, o que tudo seja para glória de Deus e louvor do seu servo fiel, o nosso Padre S. Francisco.

COMO NA CIDADE DE MACAU SE FUNDOU UM MOSTEIRO DE FREIRAS DE SANTA CLARA POR VIA DE MANILA

CAPÍTULO 108

O nosso doutíssimo fr. Nicolau de Lira explicando com a sua acostumada sub // tileza e erudição aquela palavra do IV capítulo 1141
dos Cantares «*veni: coronaberis de capite Amana, de cubilibus leonum, de montibus pardorum*» (1), diz que era Amana um montezinho além do rio Jordão, muito alto e de muita frescura e cheio de muitas rosas e flores, em que, tendo os filhos de Israel saído do captiveiro de Egipto, chegando a este monte subiram ao cume dele para verem a Terra de Promissão que daí se descobria, e que foi tanta a alegria e contentamento de a verem, que colhendo rosas e flores, apesar dos leões e tigres que também aí não faltavam, fizeram grinaldas e coroas que puseram nas cabeças em sinal de alegria. Com muita conveniência podemos entender por este monte Amana o estado da Religião, monte onde se acolhem aqueles que querem fugir do mundo e seu cativeiro, monte alto por razão da alta perfeição que nela se professa, vivendo seus professores mui afastados da terra e suas cousas e mui chegados ao céu, e tendo sempre postos os olhos da alma em a Terra de Promissão da glória celestial se ocupam em colher boninas e flores de todas as virtudes, de que fazem formosas grinaldas de muitos merecimentos com que coroam suas almas, colhendo estas flores das covas dos leões e dos montes dos tigres que são os demónios e suas diabólicas tentações, as quais eles vencem sendo ajudados de Deus e armados com as fortes armas da sua graça.

E por entender o nosso Seráfico Padre S. Francisco o muito fruito que na igreja de Deus se colhe das Religiões que nela se fundam, com grande zelo da salvação das almas se não contentou com menos que com edificar três Ordens, que é [a dos Frades Menores,] a de Santa Clara e a Terceira para uns e outros indiferentemente, que é a dos Irmãos Penitentes. As quais três Ordens são três formosíssimos montes Amanas da igreja que chegam ao céu pela alta

(1) *Cântico dos Cânt.* 4, 8.

perfeição que nelas se professa e são abundantíssimas de todas as flores de virtudes, onde muitos subiram deixando o duro cativeiro de Faraó e seus enredos e falsidades, para gozarem, como gozam, da soberana vista dessa Terra da Promissão da glória. E com este mesmo zelo tratou sempre o Seráfico Padre S. Francisco, enquanto lhe durou a vida, de estender por diversas partes da cristandade estas três Ordens em que tantos e abalizados santos se criaram e floresceram.
1142 Cujas pisadas seguindo a bem-aventurada Madre Soror // Jerónima da Assunção, fundadora e abadessa do religioso mosteiro de Santa Clara de Manila, teve sempre, enquanto viveu, grande zelo de estender a Religião e edificar mosteiros, particularmente na cidade de Macau na China, e assim dizia muitas vezes que havia de resultar grande glória a Deus desta fundação e que havia ela de ser meio para se salvar grande número de almas.

E contou uma vez a suas religiosas que, estando ela um dia despedaçando seu corpo com penitência para cumprimento da fundação que se fez em Manila, um servo de Deus, estando arrebatado, teve uma grande revelação que comunicou à douta Madre, dizendo o havia levado o Senhor por mar a umas terras onde andavam uns homens grandes com roupas largas de cores, os cabelos compridos, toucados (como mulheres), e estando o santo varão diante do trono de Deus via que daquelas gentes caía tanta chuva de alma no inferno como quando chove mui a presa. E lastimado do caso, disse ao Senhor como permitia assim sua mesericórdia, e disse que lhe respondeu por três vezes: «Pede-me, Jerónima, que entre em estes minha fé». Este caso contou a mesma santa Madre no caminho de Toledo para Sevilha e que o mesmo que tivera visto esta revelação, levantando os olhos viu em aquela ocasião uma igreja com uma reja grande e lhe disse uma voz: «Aqui é abadessa Jerónima».

Tudo isto entendia a santa Madre pela fundação de Macau em a grã China, segundo o conta a venerável Madre Soror Ana de Cristo, abadessa do convento de Santa Clara de Manila, em uma carta que escreveu ao nosso Comissário Geral desta Índia Oriental, de que adiante faremos menção. E assim desejava se cumprisse nela a vontade de Deus em fazer aí uma casa de virgens em a profissão da primeira Regra da nossa Madre Santa Clara, sem rendas nem dotes, mais que viverem de esmolas sòmente. E posto que ela falecesse sem ver cumpridos estes seus tão santos desejos, não faltou quem os animasse e porfiasse nesta louvável pretensão, que são as senhoras do mesmo mosteiro de Santa Clara de Manila e os religiosos daquela santa Província de S. Gregório, e com eles a mesma cidade de Macau que com muitas veras procurou efeituar nela esta fundação. E assim cada um por sua parte meteu todo o cabedal de suas forças, gastando nesta demanda doze anos.

1143 E por fim, sendo já ven // cidas todas as dificuldades que por todo este tempo se puseram de permeio, se veio a tomar a última resolução,

assentando se escrevesse ao Comissário Geral desta nossa Índia Oriental, a quem pertence a jurdição do nosso convento de Macau, para com sua licença e do Ministro Provincial da Província da Madre de Deus cujo aquele convento é, se fundar o mosteiro que se pretendia. Estas cartas foram feitas no ano de 1632. E a do Padre Ministro Provincial e Definidores da Província de Manila não continha mais que fazer-nos saber como a cidade de Macau lhe pedia mui apertadamente enviasse religiosas do convento de Santa Clara para fundarem naquela cidade um mosteiro delas, e que tinham respondido ser, entre outras, cousa necessária que Sua Paternidade mandasse ordem de quem as havia de receber e governar espiritual[mente] por parte da nossa sagrada Religião, porquanto a Província de Manila não podia acudir ao seu ministério e serviço em Macau por ser diferente Coroa, pelo que lhe pediam a Sua Paternidade da sua parte fosse servido de mandar ordem para que o Padre Guardião da dita cidade as administrasse e recebesse, tendo por certo haver de ser esta nova fundação mui agradável a Nosso Senhor, de grande utilidade e proveito para a cidade de Macau e notável aumento da nossa sagrada Religião.

Isto era o que sumàriamente continha a carta da Província de Manila. E em conformidade dela vinha a da senhora Abadessa do mosteiro de Santa Clara da mesma cidade, Soror Ana de Cristo, ainda que mais larga, e nela dava conta do grande desejo que sempre acompanhou a santa Madre Jerónima enquanto lhe durou a vida, de vir a Macau edificar um mosteiro de freiras de Santa Clara. E conta mui miudamente e por extenso tudo quanto neste capítulo desta santa Madre temos referido, e do particular amor que aos Portugueses tinha, trazendo para prova disto que a primeira palavra que falou chegando a Manila, foi dizer a uma boa Madre: «Dize-me irmã, acodem aqui portugueses?» Ao que lhe respondeu com donaire: «E para que os quer, Madre, que os melhores lhos trarei aqui?». Com que folgou muito, dizendo: «São meus amigos, que S. António é meu camarada e me trouxe a Manila e lhe tenho prometido que o primeiro convento que sair de Manila se há-de chamar da Conceição.

E com isto dá juntamente relação como a mesma cidade // de **1144**
Macau em os meios do ano passado escrevia à dita Madre Jerónima sobre esta mesma pretensão, não tendo ainda notícia de sua morte; e que com a cidade escreveram também algumas pessoas particulares dela; e que os feitores e gente principal que vinha a Manila nas embarcações que todos os anos costumam ir lá da China, as visitam sempre pedindo com grandes veras esta fundação. E finalmente lhe conta como um cidadão de Macau chamado António Fialho tinha feito uma escritura pública à Santa Madre Jerónima de padroeiro do dito convento de Macau, e outras pessoas ofereciam por suas cartas boa parte da sua fazenda e que a uma voz diz aquela cidade

toda que querem monjas de S. Francisco. E acaba a carta com pedir ao dito Padre Comissário Geral queira dar o seu beneplácito e consentimento para esta fundação, e mandar ordem ao guardião do convento de Macau para correrem no espiritual com as Religiosas que lá forem e de novo se recebem.

Foram estas cartas e outras que também vieram sobre esta fundação, recebidas com muita alegria e contentamento espiritual de todos os Religiosos de ambas estas Províncias e do Padre Comissário Geral por entenderem que por este meio se fará serviço a Nosso Senhor pelo bom conceito que cá na Índia se tem (e com razão) das donzelas daquela cidade por terem diferente criação de maneiras, vivendo em casas de seus pais como em mosteiro com grande clausura e recolhimento e sem as liberdades e ocasiões delas que em outras costumam algumas ter. E assim sem dificuldade alguma se houve de condescender com esta pretensão e o Padre Comissário Geral a quem esta obra vinha remetida, a houve por de grande serviço de Deus, e louvou muito, como era razão, o espírito das sobreditas religiosas pois a partes tão remotas se ofereciam para edificação das almas e se dava ocasião a se abrirem as portas do santo Evangelho e luz da fé de um reino tão estranho como é o da China. E não só aprovou a fundação, mas a fez saber ao conde vizo-rei D. Miguel de Noronha, a quem da mesma maneira pareceu mui louvável e prometeu todo o favor que para isso fosse necessário.

E em resposta das sobreditas cartas escreveu uma por modo de patente ao Guardião do convento de Macau em que lhe dá
1145 conta do que lhe escreveram de Manila // e lhe roga e ainda para maior merecimento lhe manda que tanto que aí aportassem as sobreditas religiosas, ele as receba com toda a caridade e ampare e sirva em tudo que se oferecer, e finalmente que corra com elas assim e da maneira que se costuma em a nossa sagrada Religião em os mosteiros que são da sua jurdição. E juntamente escreveu outras a Manila ao Padre Ministro Provincial e à abadessa Soror Ana de Cristo louvando muito estes tão santos desejos e lhes [dando a] saber a ordem que mandava ao guardião de Macau, [para] com ela poderem passar as ditas Religiosas que haviam de começar esta fundação, da qual se espera colher muito fruito que redunde em serviço de Deus e glória da nossa sagrada religião e bem das almas.

Com esta licença partiram de Manila seis Religiosas professas de Santa Clara em a frota de António Fialho, o qual pela muita devoção que lhes tinha, as trouxe em a sua própria galeota esmerando-se muito em as servir e regalar em todo o tempo da viagem que, por ser o tempo próspero, foi mui breve. Chegaram a Macau a 4 de Novembro do ano de 1633 e foi sua vinda mui festejada de todos geralmente, crendo fazia Deus Nosso Senhor a esta cidade um favor e mimo mui particular, pois a fazia digna de tão precioso tesoiro como são estas esposas suas, as quais, como disse, eram

seis e são as que se seguem: a Madre Leonor de S. Francisco por abadessa e a Madre Maria Madalena por vigária, ambas monjas que professaram em Espanha e vieram fundar o mosteiro de Manila em companhia de Madre Jerónima, a primeira das quais é religiosa de singular virtude e exemplo e por ser essa tem licença para comungar todos os dias, o que ela faz com muito aparelho e devoção, sendo mui devido aos seus muitos merecimentos o ofício de abadessa em que foi posta pelo Padre Ministro Provincial e Definidores da Província de S. Gregório de Manila; a Madre Clara de S. Francisco que pelo mesmo Definitório veio provida com ofício de vigário do coro; a Madre Belchiora da Trindade por mestra das noviças; a Madre Margarida da Concepção por torneira. Afora estas vieram também uma noviça e duas meninas para o serviço.

Foram todas, em chegando (que foi uma sexta-feira), recolhidas em uma ermida que fica fora da cidade e é de muita devoção, chamada Nossa Senhora da Guia, onde estiveram com // elas sempre **1146** quatro santos Religiosos nossos para as acompanharem e assistirem ao que fosse necessário, recolhendo-se elas dentro de umas casas que ali estão e dormindo de noite fechadas todas numa câmara e os frades na igreja. E enquanto ali estiveram, que foram sòmente cinco dias, não faltaram nunca muitas visitas de todas as senhoras principais daquela cidade, que com muito alvoroço e devoção as iam ver levando-lhes muitos mimos e presentes, fazendo o mesmo as que por alguma causa não podiam ir vê-las. A terça-feira seguinte às quatro horas da madrugada foram trazidas desta ermida em arimones, que são como umas cadeiras cobertas e fechadas por todas as partes, ao nosso convento onde foram recebidas pelos Religiosos com *Te Deum laudamus* e levados à capela-mor da igreja que estava toda cercada de ricos e formosos biombos onde se meteram.

Houve missa solene e pregação a que acudiu todo o povo, com a cidade, cleresia e religiosos de todas as Ordens. Acabado o sermão que pregou o P. fr. Jerónimo, religioso da Província de Manila que veio com elas e as acompanhou nesta viagem, foram levadas em procissão mui solene, para o que mandou a cidade que todas as ruas e casas por onde havia de passar a procissão estivessem mui limpas e ornadas como estavam, com muitas alcatifas e cobertores ricos de bastidor. E ao passar da procissão, se disparou muita artilharia, assim do forte como das embarcações que na baia estavam mui bem empavesadas. E de muitas casas particulares dispararam muitas [?] e mosquetes, e das janelas que, como se disse, estavam todas de festa e ricamente concertadas, lançavam muitas rosas e água de cheiro.

Com este solene acompanhamento as levaram para o seu mosteiro, que eram as casas de um cidadão honrado e muito devoto, chamado Bartolomeu da Rocha, que [havia] dois meses as tinha despejadas para efeito de se concertarem para o seu recolhimento. E ali se recolheram a 8 de Novembro da mesma era de 1633 e esti-

veram até 30 de Abril do ano seguinte de 1634, que foi domingo de *Pastor bonus*, no qual dia as passaram para as suas casas que se compraram por dez mil patacas e estavam mui bem concertadas
1147 e acomodadas a modo de um // conventozinho com todas as suas oficinas. E a esta transladação se acharam também todos os religiosos e clérigos, e o Padre Governador em sé vagante levou na procissão as relíquias e disse a primeira missa no dito mosteiro. E não foi esta segunda procissão menos lustrosas e de menos aparato e festa que a primeira, estando todas as ruas por onde passavam mui bem juncadas e as paredes e janelas ricamente ataviadas e aparamentadas. E como o desejo que nesta cidade havia de ter estas Religiosas era grande, não se passou muito tempo que não começasse de haver muitas moças honradas e filhas dos principais cidadãos que procurassem de receber o hábito e ajuntar-se a aquela santa companhia. E assim se receberam algumas e cada dia se vão recebendo de novo, indo de cada vez multiplicando-se o número das esposas de Cristo. Nem também se passou muito tempo que o mesmo Senhor não chamasse para si uma destas seis Religiosas professas, que foi a Madre Soror Joana da Conceição que, como dissemos, veio provida no ofício de torneira, a qual aos quatro meses e meio depois de sua chegada faleceu em 23 de Março e foi mui sentida a sua morte assim das Religiosas como do povo por ser pessoa de muita virtude e de quem geralmente se tinha muita satisfação. Ao seu enterro que foi mui solene, se acharam todos os Religiosos das outras ordens e o Padre Governador com todos os clérigos, a Misericórdia com todos os seus irmãos. E foi tão grande o concurso da gente que com muito trabalho tiraram a tumba da igreja para fora, havendo nela tão grande multidão de gente que não cabiam nela, assim homens como mulheres, e todos derramavam lágrimas.

E foram acompanhando o corpo defunto até o Capítulo do nosso convento onde lhe deram a sepultura, que também se encheu de infinita gente, não podendo os Religiosos romper por ele com a procissão. E ao ofício que então se fez, assistiram todos com muita devoção até se meter o corpo na cova, o que se fez com muito trabalho por razão deste grande concurso que havia, pretendendo cada um tirar do corpo defunto alguma coisa por relíquia, como eram pedaços do velo que trazia sobre a cabeça, as contas que tinha no pescoço, pedaços do hábito; e quando não podiam achar alguma destas
1148 coisas, com as rosas que levava na tumba, se con // tentavam. Isto é sòmente o que ao presente sabemos destas religiosas, porque vieram estas novas no presente ano de 1639 (?), que é quando isto escrevemos(²).

(²) Fr. Jacinto de Deus desenvolvidamente história a fundação do mosteiro de S. Clara de Macau (*Vergel*, 127 ss). Soledade apenas a menciona mas informa que «andam em relações impressas» as vidas das Religiosas que ali se distinguiram em virtude. Na Biblioteca Nacional de Lisboa, ms. 178 do F. G., guarda-se *Vida da madre Leonor de S. Francisco, fundadora do mosteiro de S. Clara de Macau.*

DAS ILHAS DE JAPÃO E ALGUMAS COUSAS MAIS NOTÁVEIS SUAS

CAPÍTULO 109

As ilhas de Japão são três falando das principais, como fica dito no outro lugar, Nipongi e Xicoco e Ximo, e ficam lançadas pelo rumo a que os navegantes chamam do leste, e estão naquela parte do Oceano que divide a grande província da China de Nova Espanha, distando daquela 70 graus e desta 600 segundo as melhores estimações. São gentios, nós lhes chamamos japões, os chins *gipons* e eles *nipões*. É gente guerreira e de grande ânimo e esforço para as guerras, e pelas contínuas que entre si têm, mui exercitados nas armas.

São grandes sofredores de trabalho, para que os ajuda muito a aspereza da vida em que se criam desde meninos, exercitados o mais do tempo na caça entre os montes. São de grande entendimento e juizo, e até nos lavradores e gente do campo se acha neles o bom ensino e polícia, e de tal maneira se governam pela razão natural, que é impossível converter-se um japão se primeiro o não convencerem das falsidades da sua lei e lhe mostrarem a olho a verdade da nossa. Mas depois que uma vez a recebem, jamais a deixam, perseverando nela com grande constância, muito que lhe custe isso até perder a própria vida. São mui levados da honra, e assim se não acha entre eles nunca cousa que pareça desprimor, nem fazem alguma que seja menoscabo dela. Prezam-se de ter muito segredo e recato em suas acções, e por grande amigo que um de outro seja, jamais lhe descobre o seu coração, tendo por pouco entendimento descobri-lo em alguma ocasião. Em extremo são corteses e comedidos uns com os outros; porém, quando atreiçoados, crueis sobremaneira, cortando a um homem pelo meio com a catana com tanta facilidade com quanta entre nós pode um dizer uma palavra má a outro. Abominam o // furto, aborrecem a murmuração e de todo fogem de **1149**
jogar, e são estremados em sofrer com grande igualdade de ânimo qualquer revés da fortuna ainda que seja perder o reino, mostrando na serenidade absoluta com que ficam, que não menos grandes são no ânimo em o estado baixo em que se vêem que no alto em que se viam.

Em todo Japão, com serem tantas ilhas, não há mais que uma

só língua; mas esta mui copiosa, usando diferentes palavras quando se fala com o rei e quando se fala com o homem particular, e de tanta elegância que lhe não faz vantagem nenhuma outra do mundo. O mesmo corre no escrever, porque usam de quatorze séries de letras as quais ensinam os seus bonzos em os seus mosteiros aos meninos até chegarem a idade de doze ou quatorze anos, porque então começam a exercitar as armas, para qual ofício os armam cavaleiros os mesmos bonzos com muitas cerimónias e grande solenidade. Não havia em todas estas ilhas antigamente mais que um só rei que governava todas, mas de quinhentos ou seiscentos anos a esta parte se alevantaram contra ele os governadores das províncias, os quais tomaram o nome de faestas que [é] o mesmo que rei; e assim está hoje dividido Japão em sessenta e seis reinos cuja metrópole e cabeça é a cidade de Meaco. E desta divisão em muitos reinos, nascem as guerras civis em que de ordinário arde todo Japão; porque, como nas armas ponham eles o direito deles, sempre as movem ou para de novo conquistar algum reino se se vê com poder bastante para isso, ou para acrescentar aos que tem, outros de novo.

E com ser esta nação mui ambiciosa e amiga de honra, sendo a cousa que na vida mais estimam, guarda-se entre eles inviolàvelmente este costume que, como os reis entram já em idade e seus filhos chegam a 18 anos, lhe entregam o governo livremente, e eles se recolhem com aquilo sòmente que lhes basta para a sustentação, o que é causa de haver entre eles poucos alevantamentos de filhos contra os pais. As suas seitas são inumeráveis, porém duas são as principais, a dos camis que é própria dos japões e a dos fotoquis
1150 que aprenderam dos chins. // A primeira não reconhece a imortalidade da alma nem confessa haver na outra vida prémio para os bons e castigo para os maus, mas toda a sua profissão se ocupa nos bens temporais desta vida. A segunda que é dos fotoquis, ensina ser a nossa alma imortal e haver no outro mundo glória e inferno; mas na volta disto são infinitas as patranhas e desbaratos que faz crer àquelas miseráveis gentes.

Foi autor desta seita Xaca, natural do reino de Sião, o qual a inculcou, e perverteu muitos dos reinos deste Oriente até chegar à grande província da China onde foi mui bem recebido dos naturais. E depois de os ter bem instruidos, se passou a Japão a semear esta tão má semente entre os japões. Muitos dos que seguem esta falsa seita se matam a si mesmos com diversos géneros de mortes e alguns cruelíssimos, crendo que assim vão mais depressa a gozar do paraíso do seu Xaca. E os livros que compôs este malévolo Xaca têm eles por sua sagrada ecritura, sobre os quais escrevem depois alguns bonzos mais letrados que são como as suas grossas. Esta ciência que é a principal entre eles, se lê com mestres e nas universidades que têm em diversas partes deste reino, as quais fundaram e dotaram os reis de grossas rendas para salário dos mestres que nelas ensinam.

Têm muitos templos mui ricos e sumptuosos como já noutra parte temos tocado, particularmente em a cidade de Meaco, Xaca e na grande serra de Funoijama onde há quinhentos dos muitos que assolaram e destruiram as guerras. Os bonzos que são os seus religiosos e sacerdotes, não comem carne nem pescado, andam rapados da cabeça e barba em sinal de terem desprezados os mundos, e não podem ser casados. Andam vestidos de várias cores conforme a seita que cada um segue; trazem contas na mão e rezam e cantam em coro respondendo-se uns aos outros, o que fazem três vezes no dia: à meia noite, de madrugada e depois que nasce o sol; e se ajuntam para isso ao som de sinos, que para este efeito os têm muitos e muito bons, e com os mesmos fazem sinal ao povo em certos tempos para se porem de goelhos e fazerem oração com as mãos levan //tadas, como nós costumamos fazer quando rezamos **1151** Ave-Marias à boca da noite.

Em cada templo há um púlpito em que pregam ao povo, o qual é quadrado, de largura de duas ou três braças, com duas ordens de varandas umas sobre o auditório e outras metidas mais dentro, e é tanta a gente que acorre a ouvir os seus sermões que se ajuntam logo duas ou três mil almas. Há também mulheres que professam vida religiosa a que chamam biconis, e não podem casar e vivem em mosteiros em grande clausura, as quais também rezam em comunidade no coro, como os bonzos, três vezes no dia. E entre os bonzos há uns que se chamam Iundos que respondem aos bispos e arcebispos, e sobre todos há um sumo bonzo que eles chamam Zaco, o qual tem debaixo de sua jurisdição e poder a todos os bonzos, tem sua corte na cidade de Meaco e é um dos ricos e poderosos senhores em terras e vassalos e rendas. Também entre estes bonzos alguns professam a ordem militar cuja profissão é irem à guerra, os quais são tantos que passam de trinta mil homens: são senhores de dous reinos que conquistaram à força de armas, e é gente rica e alguns há que têm cinquenta e sete mil cruzados de renda.

Muitas outras cousas podéramos referir dos japões; mas estas bastam para o nosso intento que não é mais que nos reinos que entraram os nossos frades a pregar a fé de Cristo, dar alguma notícia deles para maior clareza da história. E assim, deixando o mais que se pudera relatar, trataremos do muito que em Japão eram desejados, e como Deus cumpriu estes tão santos desejos levando àquele reino seis deles que foram os primeiros que regaram aquela terra com o sangue do seu glorioso martírio, dando com isso princípio a outros muitos martírios que depois deles houve em Japão em que padeceram pela nossa santa fé muitos outros frades nossos e de outras Religiões, não faltando também inumeráveis seculares japões que, movidos com o exemplo deles, deram com muita vontade as vidas pela Fé que professavam, como tudo no capítulo seguinte mais largamente se verá.

1152 // COMO EM JAPÃO FORAM MUI DESEJADOS E PEDIDOS OS FRADES MENORES E DA OCASIÃO QUE HOUVE PARA ELES PODEREM LÁ IR.

CAPÍTULO 110

Esteve sempre a cristandade de Japão tão estendida e aumentada desde os seus primeiros princípios até aos nossos tempos que bem se deixava ver ter seu fundamento esclarecidos merecimentos do glorioso confessor e varão apostólico S. Francisco Xavier, honra da sagrada Religião da Companhia de Jesus, sendo ele o primeiro ministro do Evangelho que entrou em aquele reino e pregou e plantou nele a nossa santa Fé, cujas pisadas seguiram depois com mui copiosos fruitos os professores da mesma Companhia, convertendo e baptizando muitos milhares de japões, entre os quais foi D. Francisco rei de Bungo que, posto que quando recebeu o baptismo, havia já vinte e dois anos que o bem-aventurado S. Francisco Xavier tinha vindo de Japão, contudo da doutrina e pregação que então fez, lhe nasceram as raizes, e depois em seu reino brotaram com feliz sucesso a sua conversão e de todo o seu reino. Com cujo exemplo pôde tanto muita indústria e solícito cuidado que os religiosos desta sagrada Companhia tiveram em cultivar os ânimos dos japões e semear neles a soberana semente da palavra de Deus, que esta era uma das mais florescentes cristandades que havia em todo o Oriente.

Mas como seja às vezes necessário que se levante o norte e venha o sul e assopre no deleitoso jardim da Igreja, para que dêem maior cheiro as odoríferas flores de suas virtudes e corram com maior fragrância as espécies aromáticas das suas perfeições. permitiu a Divina Providência, cujos altos conselhos mal pode alcançar o humano entendimento, que se alevantasse contra a igreja de Japão um dos maiores tiranos que a cristandade teve desde os seus princípios, chamado Cambaco Dono (1), imperador de todos aqueles reinos, o qual, instigado pelo demónio cujo ministro era, alevantou tal perseguição entre os que militavam debaixo da bandeira de Cristo
1153 que mandou der // ribar todas as igrejas que lá havia e que nenhum

(1) Cambaco ou Combaco como também aparece escrito na documentação do tempo (Kwambaku), é nome de ofício que Taico ou Taicosama

pregador do Evangelho ousasse pregar em suas terras sob pena de perder a vida (2).

E foi tão grande esta tormenta que então se alevantou, que foi necessário aos ministros do Evangelho amainar as velas e andar um pouco a pairo, não ousando a vir em público, com as esperanças mui certas que alguma hora espertará o Senhor que parece dorme, e mande ao vento que se cale e às impetuosas ondas que se amansem, e torne a restituir àquela desconsolada cristandade a serenidade de que gozava. Com esta ocasião começaram os cristãos de Japão a sentir grande falta e desamparo dos ministros, não tendo, como soiam, os que com santa doutrina até então os tinham criados. E assim não faziam senão lançar no íntimo de seus corações lastimosos suspiros, pedindo a Deus que lhe não faltasse com o seu favor, tornando a descobrir a luz que naquele hemisfério andava tão escondida, para poderem gozar a paz de que tanto tempo e com tanto aproveitamento de suas almas e honra do nome cristão tinham gozado.

E tendo notícia da entranhável caridade com que os frades franciscos costumam tratar os novamente convertidos, tinham mui acesos desejos de os ter lá consigo para remédio daquele seu grande desamparo. E em manifestação desta sua vontade lhes escreveram e rogaram quisessem ir àquelas partes onde tanto serviço puderam fazer a Deus com a salvação de suas almas (3). Uma destas escreveram os cristãos de Solmanganhe, que eram treze ou quatorze mil, um dos quais era cunhado do mesmo imperador, chamado Tangunfa; outra escreveu um senhor de mais de oitenta mil vassalos, natural de Meaco, por nome Justo, a quem o ímpio Cambaco por não querer

---

havia desempenhado e pelo qual fora conhecido (Cambaco era o governador ou mordomo do Palácio Real). Taico, nascido em Owari em 1536 chamou-se Tokichi e esteve ao serviço de um lavrador, depois serviu o general Oda Nobunaga que foi guarda do selo imperial e presidente do Conselho do Imperador e morreu em 1582, e chamou-se então Tokichi Tacayoshi. À morte de Nobunaga apoderou-se de todos os grandes dáimios e pacificou o Japão. Em 1586 foi nomeado Cambaco e recebeu o nome de Toyotomi. Em 1591 passou o título de Cambaco a um seu sobrinho Hidetsugu e assenhoriou-se do governo, e como ditador governou o Japão até à sua morte em 1598. O rei legítimo ou imperador era Katahito que morreu em 1617 (veja-se P. Lourenço Perez, *Cartas y Relaciones del Japon*, em AIA, 4 (1915) 388-418; 6 (1916) 197-309).

(2) É de 1586 o decreto de Taico pelo qual expulsa do Japão todos os missionários. Recebeu-o no dia 24 de Julho desse ano o vice-provincial dos Jesuítas que então eram ali 120. Taico mandou também destruir as igrejas de Kioto ou Meaco, Osaka, Sakai, Akashi, Takatsuki e Kiushi, ao todo umas setenta.

(3) Em carta que S. Pedro Baptista escreveu ao rei D. Filipe II de Espanha em 23 de Junho de 1590 já lhe dizia que «algunos de aquellos Reyes [do Japão] le desean tanto, que an escrito a los Governadores destas Yslas [de Filipinas] con mucha ynstancia les enbien frayles de San Francisco, como ya vuestra Magestad sabrá», (e pelo menos há notícia de que assim pedira o dáimio de Heriado); e acrescentava mais que «unos japones que aqui

deixar a Fé tirou seus estados e títulos de senhor e grande do reino. Este, de seu nome e de toda a sua casa e terra que, como dissemos, são oitenta mil, pedia doutrina e em especial frades de S. Francisco. Outra escreveu D. Garcia Arinhâ e senhor de Amacusa com todos os grandes do seu reino e oitenta e nove povos de cristãos, em que pedia o mesmo, dizendo que queriam sòmente os
1154 nossos frades por serem pobres // e viverem de esmolas, a qual carta foi feita no ano de 1590. Outra escreveram certos cristãos que na gentilidade tinham sido bonzos, os quais, por conservarem a Fé contra o mandato do tirano, eram por ele mais perseguidos e andavam pelos desertos e montes sustentando-se com fruita silvestre deles sem comunicar com pessoa alguma. Os cristãos de Firando que eram três mil, e os de Xique e outros muitos, por suas cartas pediam o mesmo.

E posto que elas cortavam o coração aos nossos Religiosos, sentindo como era razão o seu desamparo por causa da perseguição do tirano Cambaco, e tivessem grandes desejos de irem a Japão por entregar suas vidas em as mãos do imperador à conta de socorrerem e ajudarem àqueles cristãos, contudo não o podiam fazer, porquanto as portas daquele reino estavão fechadas a todos os Religiosos por um breve do papa Gregório XIII em que mandava por santa obediência e sob pena de excomunhão que nenhum ministro do Evangelho pudesse pregar em Japão senão os Padres da Companhia (4). E assim não estava em sua mão satisfazer a estes tão santos desejos, contentando-se em não ficar cousa que não fizessem de sua parte a fim de os pôr em efeito, como em especial foi darem de tudo isto mui estreita relação a el-rei de Espanha, Filipe II e ao Sumo Pontífice Clemente VIII, que então governava a cadeira de S. Pedro.

[Manila] estaban, con el gran deseo que tienen de ber allá frayles de San Francisco, dieron una peticion al Obispo destas Yslas [Filipinas], que atento a que sabían cierto que en Japon ya no abia Padres, y que holgarian mucho los japones con Padres de nuestra Orden, y tambien que ellos no podian acudir a Sua Santidade a pedir remedio, por estar tan lexos, que pues él estava tan serca les probeyese de Padres» (em AIA, 4 (1915), 399, 400-401).

(4) Na preocupação de arredar os espanhóis da China, regiões do leste asiático e Japão, os portugueses repetidas vezes e de muitas maneiras instaram com a Santa Sé para que obrigasse os missionários destinados àquelas regiões a seguirem pela via Lisboa e Índia e não pela via América e Filipinas, e para que confiasse exclusivamente aos jesuitas idos de Portugal as missões do Japão. O facto de Portugal e Espanha serem governadas pelo mesmo rei a partir de 1580, não dissipou estas preocupações, pois os Conselhos de Portugal e de Castela, independentes, com emulação continuaram zelando os interesses das respectivas nações e repetindo as mesmas instâncias perante a Santa Sé. No que respeita a passarem por Lisboa e Índia os missionários destinados àquelas regiões, a Santa Sé nem sempre foi firme nas concessões que fez, e por exemplo aos Franciscanos da Custódia e depois Província de S Gregório das Filipinas autorizou que missionassem em todo o Extremo Oriente para além de Malaca.

Mas no que respeita à monopolização das missões do Japão para os jesuí-

Mas o que pelos meios humanos se não pôde efeituar, se efeituou pelos divinos, deparando Deus aos Frades Menores uma ocasião mui asada à medida destes seus desejos, com que puderam entrar em Japão sem que incorressem em desobediência e excomunhão de Sua Santidade. E foi que, vendo-se Cambaco Dono alevantado ao império e monarquia de todo Japão, porque de um pobre soldado e ainda, segundo alguns, de um pobre lavrador que de cortar lenha no mato sustentava sua vida, subiu por vários sucessos do tempo a ser dono absoluto e rei universal dos trinta reinos que há em Japão, e esvaecendo com tanta honra, veio-se a ensoberbecer de maneira que teve pensamentos de sonhorear o mundo todo, e fundado neles e movido do insaciável desejo que // tinha de mandar, enviou um **1155** grosso exército a conquistar o reino de Coreia ([5]) cento e cinquenta léguas distante de Japão; e pôs em seu ânimo conquistar a grande região da China que é a terra continuada, e, o que mais é, mandou por um embaixador seu uma carta no ano de 1590 ao governador das Filipinas em que lhe mandava dizer que, se não quisesse que o mandasse destruir, lhe pagasse tributo e se fizesse seu vassalo el-rei de Epanha.

Grande confusão causou em Manila, onde o Governador estava, este insolente recado do soberbo Cambaco. E segundo estava mal provido, não deixou de arrecear poder-lhe aquele tirano fazer algum mal, segundo era poderoso, determinado e, o que mais era, mimoso e favorecido da fortuna. E depois de muita deliberação se sentou no seu conselho que lhe mandasse um embaixador e lhe dissesse que eram muito contentes de terem paz e amizade com ele pelo grande proveio que ambas as partes daquele trato e comércio podiam ter; que, quanto ao tributo, não tinha que tratar nisso porque o

---

tas, nisso transigiu, e o papa Gregório XIII publicou Motu Proprio *Ex pastorali officio nostro* de 23 de Janeiro de 1585 que assim determinava. Os das Filipinas reagiram e já desde 1590 encontramos fr. Pedro Baptista expondo a Filipe II de Espanha a conveniência de se instar com a Santa Sé para que revogue o dito Motu Proprio (Carta ao rei, datada de Manila a 23 de Junho de 1590, em AIA, 4 (1915), 398-402). Das instâncias feitas resultou que Clemente VIII em 12 de Dezembro de 1600 no seu Breve *Onerosa Pastoralis offici* abrisse o Japão a todos os missionários que ali passassem pela via da Índia portuguesa, o que ainda não satisfazia os interesses dos das Filipinas. Pelo que continuaram a instar pela revogação simples do Motu Proprio, e para isso mandava o Definitório da Província de S. Gregório à Europa o custódio e ex-provincial fr. Pedro Matias com fr. João Pobre (cartas do mesmo Definitório ao rei, de 23 de Junho de 1605, em AIA, 4 (1915, 449-450). E foi Paulo V quem pelo Breve *Sedis Apostolicæ providentia* de 11 de Junho de 1608 abriu o Japão aos missionários de todas as Ordens religiosas de Espanha e Portugal.

([5]) Esta guerra da Coreia ainda corria em 1595, conforme testemunho de fr. Jerónimo de Jesus em carta desse ano para Luis Pérez Dasmarinas: «la guerra de la Coria tan larga y prolixa se va acabando, y son tantas y tan diferentes las cosas que se dicen acerca de las paces que á de aver, que no só cosa cierta que escrivir» (em Colin-Pastells, 2, 692-693).

rei de Espanha, que era o mais poderoso monarca do mundo. não costumava pagar tributo; recebê-lo, sim.

Para se levar esta embaixada se buscou pessoa que fosse de muita autoridade e satisfação. E foi escolhido o P. fr. Pedro Baptista (6), grande religioso, que tinha sido Custódio da Custódia de S. Gregório das Filipinas, e de tão excelentes partes de virtude, letras, prudência e gravidade que disse dele o primeiro bispo de Cogarem ou da Nova Segóvia, fr. Miguel de Benavides, estando em México diante de muitos Religiosos oito dias antes que tivesse a nova do seu martírio, tratando dele, que, se nele estivera a eleição do Sumo Pontífice, que a ninguém elegera senão a ele; e um ano antes que morresse foi eleito bispo de Camarines e, por estar em Japão o deixou de ser, querendo-lhe Deus trocar a mitra com a auréola de mártir que lhe deu. E por ser este, foi sua eleição bem aprovada
1156 e de todos bem recebida, e ele aceitou com muito gosto // por entender que por este modo podia cumprir os seus santos desejos de pregar a Fé aos japões.

Foram-lhe assinados três companheiros: o P. fr Bartolomeu Ruiz (7), sacerdote de grande virtude, e os irmãos fr. Francisco de Parrilha (8) e fr. Gonçalo Garcia (9), leigos, os quais sabiam mui bem a língua dos japões.

---

(6) S. Pedro Baptista, nascido em Santo Estevan del Valle, provincia de Avila em Espanha a 24 de Junho de 1542, entrou para os Franciscanos em 1566 e seguiu para as Filipinas em 1581 onde chegou em 1584. De 1588 a 1591 governou como Custódio a Custódia das Filipinas; em 1591 ficou de guardião do convento de Manila; em 26 de Maio de 1593 embarcou para o Japão com embaixada do governador das Filipinas e depois no Japão continuou como Comissário dos Franciscanos que ali começaram de missionar. Foi martirizado em 5 de Fevereiro de 1597, beatificado em 19 de Julho de 1627 por Urbano VIII e canonizado por Pio IX em 10 de Julho de 1862. Em *Cartas y Relaciones del Japón*, Lourenço Perez com notas de muito interesse publicou suas cartas e pareceres, e vasta documentação a propósito (em AIA, 4 (1915), 389-418; 6 (1916), 197-309).

(7) Fr. Bartolomeu Ruiz, nascido em Cabra (Espanha) entrou na Ordem Franciscana no México e aí se associou em 1577 à missão que seguia para as Filipinas. Em 1583 foi à Cochinchina, mas daí o expulsaram. Voltou em 1584 e aí ficou até que em 1586 os Franciscanos portugueses tomaram conta da missão. Em 1593 acompanhou S. Pedro Baptista ao Japão e voltou depois às Filipinas onde morreu em 1600.

(8) Fr. Francisco de Parrilha ou fr. Francisco de S. Miguel, embarcou-se para as Filipinas na grande missão que partiu de Sevilha em 1581. Em 1593 acompanhou S. Pedro Baptista ao Japão, e com ele ali ficou e foi martirizado em 1597. Pio IX canonizou-o em 1862 com os demais companheiros de martírio.

(9) Fr. Gonçalo Garcia nasceu em Baçaim, na Índia, de pai português a mãe indigena, por 1557. Trabalhou no Japão com o jesuíta P. Sebastião Gonçalves e aí em Hirado viu passar fr. João Pobre, em 1582. Tendo-se depois dedicado ao comércio, em viagem que fez a Manila em 1587 vestiu o hábito franciscano a 7 de Julho e ao fim de um ano professou. S. Pedro Baptista levou-o consigo em 1593 na embaixada ao Japão para lhe servir de intérprete. Foi martirizado com ele em Nangazaki e com ele foi beatificado e depois canonizado (veja-se notíca biográfica em AIA, 4 (1915), 405-406).

COMO OS FRADES MENORES ESTIVERAM EM JAPÃO E O QUE LÁ FIZERAM NA CONVERSÃO DOS INFIÉIS

CAPÍTULO 111

Estando já preparadas todas as cousas que para aquela embaixada eram necessárias, se embaracaram os quatro benditos Religiosos em dous navios no ano de 1592. E posto que na viagem lhes não faltaram algumas tormentas por ser aquele mar de Japão mui bravo, chegaram todos a salvamento ao porto de Firando, onde, tendo desembarcado, foram visitados de muitos cristãos que ali havia, os quais lhes mostraram muita devoção, espantando-se do seu modo, considerando a aspereza e novidade do hábito. E foram estes os primeiros pregadores da lei evangélica que da nossa Ordem Seráfica houve em Japão, porque ainda que é verdade que já antes deles tinha lá ido o irmão fr. João Pobre, leigo, que, indo de Manila para a China, por causa de uma tormenta foi lá ter, contudo foi por caso fortuito, não teve ofício de pregar, ainda que com o seu bom exemplo deixou a todos os japões que o viam e tratavam, mui admirados e afeiçoados.

Aqui, em Firando se detiveram por alguns dias, descansando do trabalho da viagem e esperando por recado de El-Rei a quem fizeram saber da sua chegada, o qual despediu logo um criado seu com embarcações em busca deles, e os levaram por mar aonde o rei estava, que era daí uma jornada [1]. E passados alguns dias, lhes quis o rei dar audiência, e para isso os mandou buscar com alguns cavalos dos seus, indo bem adornados. Mas os santos Religi // osos não quiseram senão ir ao pé. E chegados na presença **1157**
do rei, ele os recebeu benignamente e com muita honra e lhes deu colação com sua mão, como se usa em Japão, fazendo-lhes nisso

---

[1] Desta embaixada e modo como foi recebida por Taicosama há documentação vasta, e entre ela, como de mais preço, a carta-relatório enviada por S. Pedro Baptista ao governador de Manila Gómez Pérez Dasmarinas, de Meaco a 7 de Janeiro de 1594 (em AIA, 4 (1915), 402-418).

grandíssimo favor. E depois disso, soltando as rédeas da sua soberba, começou a dizer muitas palavras de muita arrogância, dizendo que todos lhe haviam de pagar tributo e fazerem-se seus vassalos, e o que o não quisesse ser, havia de mandar destruir e pôr por terra.

E porque as respostas que o santo Comissário dava, se não astrevia o japão que lhe tinham dado por intérprete, a dizer assim e da maneira que ele dizia por arrecear o furor do rei, mandou ao irmão fr. Gonçalo que, como dissemos, sabia mui bem aquela língua, que respondesse, o qual assim o fez, ainda que o contradiziam todos os grandes que aí se acharam presentes, não querendo que falasse senão o seu intérprete. Mas o irmão fr. Gonçalo se chegou mais perto do rei e, fazendo-lhe sinal o santo Comissário, lhe disse que não tinha razão de querer que lhe oferecessem tributo, pois na sua carta lhes dizia que os queria por amigos; e que se desse por servido de que entre eles houvesse paz e amizade e corresse o trato e comércio que havia de ser de muito proveito para o seu reino, e que no mais se não podia tratar porque o rei de Espanha só a Deus, que é Senhor do Céu e da terra, costumava pagar tributo e reconhecer vassalagem.

A isto mandou o rei, cheio de muita cólera, que todos tornassem para Manila, mas o irmão fr. Gonçalo tais razões lhe soube dar que veio a domar a cólera que mostrava e mostrar-se amigo e favorável, concluindo por fundas razões que queria ser amigo dos espanhóis, ainda que não era necessário conhecer em Japão outro Deus senão os que nele havia, que eram bastantes. E dizendo-lhe os frades que eles queriam ficar em Japão em confirmação desta amizade e de ter a ele por pai, ele respondeu que era muito contente disso e que os recebia por filhos, e disse que lhes daria lugar para fazerem casa e os proveria de todo o necessário. E por mostrar que tinha ânimo de os favorecer, os mandou convidar em um aposento
1158 // pequeno todo coberto de chapas de ouro e que um filho seu adoptivo os servisse, sendo tudo [servido] em baixela de ouro. E o que mais é, estando comendo veio o rei a conversar com eles familiarmente, e tomando a corda do santo Comissário começou a dar com ela em as espaldas dizendo que lhe doia muito. E por fim mandou que fossem levados a Meaco, que era onde tinha a sua corte.

Em Meaco lhes mandou dar lugar para fundarem casa, que eles escolheram capaz de nele fazerem igreja, casa e horta. E com grande favor que no rei achavam e por seu respeito em todos os grandes, afora algumas esmolas com que ajudaram os cristãos, foi tudo feito com tanta pressa que em breve tempo foi tudo posto com perfeição. E foi a igreja chamada de Santa Maria dos Anjos. Não se pode declarar a alegria que os japões cristãos tiveram vendo levantada esta igreja por ser em tempo em que todas as que havia naquele reino, que eram muitas, estavam postas por terra por mandado deste cruel tirano e inimigo da nossa santa Fé. E assim vinham

eles de muito longe e de outras aldeias e lugares a ouvir missa e a ouvir as pregações dos santos mártires, os quais não acabavam de dar graças a Nosso Senhor por verem o estado em que as cousas da sua cristandade estavam, e não cessavam de ajudar aquelas novas plantas com a sua doutrina e de pregar aos infiéis, dos quais converteram e baptizaram muitos. Rezavam o Ofício Divino no coro e faziam todos os outros serviços que os religiosos da nossa Ordem costumam fazer, e com tanta liberdade como se estiveram em uma das cidades de Espanha. E até sinos tinham, com que tangiam às Matinas e à missa e noutros tempos acostumados. E de tudo isto era informado El-Rei e consentia; e ainda diziam alguns que alguma vez de noite os ia escutar por ver o que faziam, e que dizia que era boa a sua vida.

Depois de estarem um ano em aquela terra, lhes foram mandados de Manila quatro companheiros que os ajudassem, os quais eram fr. Agostinho Rodrigues, fr. André de Santo António, fr. Jerónimo de Jesus // e fr. Marcelo de Ribadeneira, dos quais um **1159**
faleceu no caminho, que foi fr. André de Santo António, e chegaram os outros três (²). De pós os quais foram também enviados a esta vinha do Senhor outros dous obreiros, que foram os padres fr. Martinho da Ascensão e fr. Francisco Branco. E finalmente em uma nau de Manila que veio a dar com a tormenta em Japão, vieram outros dous religiosos, fr. João Pobre, leigo, e fr. Filipe de Jesus, corista. Assim que nesta ocasião estavam em Japão onze religiosos da nossa sagrada religião.

E vendo o santo Comissário o favor que El-Rei lhes fazia, determinou de ir a Nangasaqui, que é o porto onde vão ter os portugueses que partem da China e aí residem enquanto estão em Japão, e com as suas largas esmolas e caridade fundar aí outra casa da Ordem. E estando ainda aí, escreveu ao Presidente que tinha posto em Meaco para que acabasse um hospital que mandou fundar para

---

(²) Também estes Franciscanos foram enviados ao Japão pelas autoridades de Manila por motivos relacionados com a embaixada de S. Pedro Baptista. Taicosama enviara ao governador das Filipinas carta de resposta à sua embaixada e a essa carta respondeu o Governdor com outra carta e presente, e escolheu a estes Franciscanos para os levarem. Partiram de Manila para o Japão em fins de Julho ou princípios de Agosto de 1594. A correspondência de S. Pedro Baptista a propósito deste envio de frades está publicada em AIA, 4 (1915) 395-418, e 6 (1916), 197-309. Fr. Jerónimo de Jesus escreveu depois *Relación del glorioso martirio de seis frayles Descalços de San Francisco y veynte japones que padecieran a 5 de Febrero o segun otra cuenta a 4 de 1597*. Fr. Marcelino de Ribadeneira publicou: *Historia de las islas del Archipiélago y reynos de la Gran China, Tartaria, Cuchinchina, Malaca, Sian, Camboxa, y Jappon, y de lo sucedido en ellas a los Religiosos Descalços de la Provincia de San Gregorio de as Philippinas, compuesta por Fray Marcello de Ribadeneyra, compañero de los seys Frayres, hijos de la misma Provincia martyres gloriosissimos de Jappon, y testigo de vista de su admirable martyrio.* Barcelona 1601. Desenvolvido Prólogo e Bibliografia valorizam a última edição, feita em Madrid 1947.

a cura dos leprosos, o qual também se acabou com vocação da gloriosa Santa Ana, e se recolheram nele cinquenta leprosos, aos quais os Religiosos iam lavar os pés cada dia pelo menos uma vez e lhes beijavam as chagas ainda que fossem de insofrível fedor, e lhes cortavam as unhas dos pés e mãos com estranha caridade. E isto mesmo faziam noutro hospital que também fundaram depois deste e o dedicaram ao glorioso S. José. E destes hospitais se encarregaram dous japões, Leão e Paulo, e depois foram também companheiros no martírio e foram gloriosos mártires, pagando-lhes Deus com tão grande glória a muita caridade que exercitavam com os leprosos destes hospitais.

Com a fama destas cousas que corria por diversas partes deste reino, acudiam muitos dos naturais dele e vinham ao convento de Meaco, uns com a curiosidade de verem aquela nova gente e o novo modo que tinham de viver, e outros movidos pelo Espírito Santo a ouvir a palavra de Deus, dos quais muitos se convertiam e baptizavam. E em o feito bem se deixa ver claramente que o Espírito Santo foi o que levou estes servos seus àquele reino em tal tempo,
1160 querendo-os tomar por instrumento // para levantar o estandarte da Fé em a própria cidade de Meaco que era a cabeça daquele grande império, tendo nela igreja em ocasião que por edito público estavam postas por terra todas as que havia em Japão e os ministros do Santo Evangelho desterrados do reino com pena de morte e aquela cristandade, que era a mais florente destas partes, quase perdida e acabada. E assim não cabia em si de pra[zer] o santo Comissário de ver estes bons princípios, dos quais se prometia colher, com o favor divino, grande fruito das almas, como sem falta depois se colheu, sem embargo de que pela astúcia do diabo foi incitado o imperador a lhes mandar tirar a vida, a ele e a cinco dos seus companheiros, como no capítulo seguinte mais por extenso se contará.

COMO SEIS DOS NOSSOS RELIGIOSOS QUE ESTAVAM EM JAPÃO FORAM PRESOS E CRUCIFICADOS PELA PREGAÇÃO DA FÉ E COM ELES VINTE JAPÕES.

CAPÍTULO 112

Grande era a raiva que o demónio, inimigo de nossas almas, tinha de ver o estado em que as coisas da cristandade estavam por meio do santo Comissário fr. Pedro Baptista. E assim pôs todas as suas forças, por meio dos seus ministros os bonzos e outros inimigos da nossa santa Fé, [por] danar o ânimo do imperador, como em efeito danaram, permitindo-o Deus Nosso Senhor que queria por aquele modo honrar a nossa sagrada Religião, ordenando que os seus filhos fossem os primeiros que naquela terra derramassem sangue e dessem a vida por seu amor, ficando com a glória de serem eles os proto--mártires do Japão. [Procuraram, pois, os] inimigos da fé de arredar a vontade que o Cambaco mostrava aos nossos Religiosos, dizendo-lhe entre outras coisas que pregavam pelo Japão pùblicamente e tinham convertido com sua pregação muitos gentios, com grande quebra e menoscabo do que ele tinha mandado sob graves penas aos outros atrás quando mandou // derribar as igrejas todas que houve em **1161** Japão e que os ministros do Evangelho fossem desterrados. E como este tirano tinha concebido grande ódio contra a nossa santa Fé e seus professores, mandou que os nossos Religiosos fossem presos e crucificados e com eles juntamente os japões que eles tinham convertido e baptizado (1).

---

(1) O facto de os Franciscanos da embaixada de 1593 com os demais que depois chegaram nos anos próximos, terem ficado no Japão em ministério missionário, provocou questão entre Franciscanos e Jesuítas. Dois assuntos se debateram: a legalidade ou ilegalidade do ministério dos Franciscanos dado o Breve de Gregório XIII que proibia entrarem no Japão a missionar outros que não fossem os Jesuítas, e por outra parte o Breve da criação da Província franciscana das Filipinas que lhe dava como campo de actividade missionária todo o Extremo Oriente menos Malaca, Sião e Cochinchina; e

Estavam os benditos mártires nas Vésperas quando chegaram os ministros da maldade que os vinham prender. E o santo Comissário, depois de todos darem muitas graças a Deus pela mercê que lhes fazia em padecerem por seu amor, tomou um crucifixo que estava dependurado no coro e depois de, com muita devoção, lhe beijar os pés o pôs ao pescoço, e descendo à igreja arremeteram a ele os algozes, e com cordas que para isso levavam, os ataram a todos com as mãos para trás com muita crueldade, e os levavam ao cárcere público da cidade onde lhes cortaram a todos parte da orelha esquerda, e tirando do cárcere os puseram em umas carretas e os levavam pelas ruas do Meaco com grande aparato de gente e lanças. Tornaram-nos a levar ao cárcere e ao outro dia os levaram, as mãos atadas atrás, à cidade de Usaca, onde os passearam em cavalos pelas ruas dela. E o mesmo lhe fizeram em as cidades de Zacai e de Bengaia. E finalmente foram levados a Nangasaqui para ali serem crucificados.

Os Religiosos eram os bem-aventurados P. fr. Pedro Baptista, Comissário, e o P. fr. Martinho da Ascensão, e o P. fr. Francisco Branco, o Irmão fr. Filipe de Jesus, o Irmão fr. Francisco de Parrilha e o Irmão fr. Gonçalo Garcia, filho de Baçaim; e os japões vinte, em que estavão três meninos dos dez até doze anos de idade, chamados Tomé, António e Luís.

Tendo chegado ao lugar do martírio onde já as cruzes estavam aparelhadas e feitas as covas em que [haviam de ser encravadas, na presença de] portugueses como japões que tinham concorrido para verem aquele santo espectáculo, os algozes que para isto estavam deputados, apegaram deles para os pôr em as cruzes, tirando aos Religiosos os seus pobres mantos. Os quais, cheios de muita fortaleza e com grande devoção e alegria, começaram a louvar ao Senhor e chegando-se às cruzes as abraçaram e beijaram. Para cada um deles
1162 havia quatro algozes. E assim sem confusão em breve espaço // de tempo foram postos em as cruzes e atados pelos braços e pernas e postos em seus pés e mãos e gargantas argolas de ferro. Estavam os seis Religiosos no meio dos japões, dez a uma das partes, dez a outra por assim o pedirem os portugueses que estavam presentes; e todos foram quase a um tempo levantados em alto com grande alarido e lágrimas dos cristãos que ali estavam vendo tão triste espectáculo. Sendo levantados, começaram os benditos mártires japões

---

métodos missionários mais desembaraçados e desprendidos nos Franciscanos, e mais atentos a prudências humanas nos Jesuítas, interessados nas viagens ao Japão para haverem meios de sustentar sua obra vasta de missionação. A história deste episódio triste que desandou na tragédia do martírio de S. Pedro Baptista e companheiros, tem sido feito sem a amplitude dos horizontes em que se debatia questão enorme de influências políticas e de preocupações de mercados, e sem uma suficiente documentação, não por falta dela que é abundante mas porque fàcilmente se prescinde ou da documentação portuguesa jesuita ou da documentação espanhola franciscana.

com muito espírito a pregar aos gentios a falsidade dos seus ídolos e a verdade da lei de Cristo, enquanto verdugos com agudas lanças começaram a lanceá-los, começando pelos derradeiros, dando a cada um duas ou três lançadas pelos lados que, trespassando o coração, saiam os ferros das lanças ao ombro.

Grande foi a devoção e espírito que todos estes benditos mártires e cada um por si mostraram nesta ocasião de dar a vida por Cristo. E assim o santo Comissário, tanto que chegou ao lugar onde as cruzes estavam, logo perguntou qual era a sua. E sendo-lhe mostrada, se foi correndo a ela, e com muito fervor a abraçou. E quando lhe ataram as mãos na cruz pediu ao algoz que lhas pregasse nela por morrer mais conforme a Cristo. Sendo levantado na cruz e vendo aquele glorioso esquadrão de verdadeiros soldados de Cristo, alegre em espírito lhes lançou a todos seus a bendição como Prelado que era, ficando-lhe a mão direita com que a lançou na mesma forma que, tendo-a atada, os pôde benzer, como agora se vê. E a tempo que o lancearam disse: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.*

O P. fr. Martinho da Ascensão, quando viu as cruzes, começou a cantar o salmo *Benedictus Dominus Deus Israel,* e depois subiu à cruz cantando com grande júbilo *Laudate Dominum omnes gentes.* E ao tempo que dizia o *Gloria Patri,* foi lanceado pelo costado. E querendo o algoz tirar a lança para lhe dar outro golpe, ficou o ferro dentro do corpo; e subindo acima, o tirou com muita crueldade, rasgando-lhe as entranhas. E dando-lhe a segunda lançada, acabou cantando sempre como cisne celestial.

O P. fr. Francisco Branco, vendo-se // junto à morte, falando **1163**
com Deus lhe oferecu com muito espírito a vida e muitas se tivera. E vendo vir a lança, começou a cantar *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum.* E tendo saído uma mão da argola de ferro quando lhe deram a primeira lançada, com valorosa fortaleza a tornou a meter dentro como estava.

O irmão fr. Filipe de Jesus acabou pronunciando três vezes com muita devoção o Santíssimo Nome de Jesus.

Fr. Francisco de Parrilha, tendo levantado os olhos ao céu, com as duas lançadas deu seu espírito a Deus.

O irmão fr. Gonçalo Garcia em chegando donde havia le ser crucificado, depois de ter feito uma breve prática em a língua japoa com que deu testemunho da nossa santa Fé pela qual morria, perguntando qual delas era a sua cruz, se chegou a ela e, pondo-se de goelhos, a beijou devotamente. E alevantando os olhos ao céu deu graças a Deus pela mercê que lhe fazia de morrer pelo seu santo Nome e de novo lhe tornou a oferecer a sua vida. E sendo alevantado na cruz, pôs o capelo na cabeça. E uma conta benta presa com um fio de um dos lados do capelo posta na boca, dizendo em alta voz o Padre Nosso e Ave Maria e nomeando muitas vezes o Santíssimo nome de Jesus para ganhar a indulgência, foi trespassado

com a lança, [e ficou] que parecia estar dormindo. E muitos dias esteve tão inteiro que todos os que o viam, se admiravam e davam graças a Deus.

E não só os Religiosos mas também os japões que com eles foram crucificados, tomaram a morte com muito ânimo e fervor, dando mostras de ferventíssima caridade com que por seu Deus davam as vidas, particularmente os três meninos Tomé, António e Luís. Porque Tomé, quando lhe cortaram parte da orelha, disse ao algoz que lha cortou com grande fortaleza: — «Farta-te bem do sangue dos cristãos. Se queres mais, corta!» E quanlo se viu posto na cruz perto da morte,
1164 nomeava muitas vezes o Santíssimo Nome // de Jesus, e com ele na boca acabou a vida. E António, que não era mais que treze anos, tendo sofrido com singular esforço tudo o que tinham sofrido os varões de muitas forças, quando o quiseram pôr na cruz, vendo a seus pais que se vieram a despedir dele, lhes deu os seus vestidos dizendo-lhes, com a boca cheia de riso, que se não desconsolassem nem chorassem por sua morte porque ia ao paraiso com os frades. E sendo alevantados na cruz, ele e o santo menino Luís que ficavam à mesma esquerda do Comissário, começaram a cantar o salmo *Laudate, pueri, Dominum*, que os frades lhes tinham ensinado e costumavam com eles cantar no coro, pondo mui grande devoção nos que os viam que com grande cópia de lágrimas celebravam aquele acto. E acabando de cantar o salmo, vendo que ainda não chegava a lança, como ficava mais perto do Comissário, chamou por ele duas vezes perguntando-lhe que cantariam. E virando o rosto o santo Comissário para lhe responder, chegou a lança e com duas lançadas lhe tirou a vida. O menino Luís que era de doze anos e sendo de um e meio fora baptizado, mostrou tanta constância que, dando-lhe o juíz a escolher qual queria, se morrer ou deixar a Fé, disse que queria antes morrer porque ia ao paraiso. E vendo as cruzes, perguntou: — «Qual destas é a minha cruz?» E sabendo qual era, foi correndo e se abraçou com ela, pondo espanto a todos os que presentes estavam. E o mesmo fizeram os outros japões, três dos quais eram irmãos da Companhia de Jesus, e todos correram a sua carreira com muito esforço, dando mostras de grande virtude e amor de Deus. Foi o seu martírio a uma quarta feira 5 de Fevereiro do ano do Senhor de 1597, em Nagasaqui.

// DE ALGUMAS MARAVILHAS COM QUE DEUS NOSSO SENHOR FEZ ILUSTRE E GLORIOSO O MARTÍRIO DOS MÁRTIRES DE JAPÃO, AS QUAIS SUCEDERAM ASSIM ANTES COMO DEPOIS DA SUA BENDITA MORTE. 1165

CAPÍTULO 113

Promessa é da suma Verdade, Cristo Senhor Nosso, em que não há nem pode haver falência alguma, que todo aquele que o servir será honrado pelo seu Eterno Padre, o que se entende não só no céu o fará participante da sua glória e bem-aventurança pondo-o no número dos seus escolhidos, mas também na terra fazendo-o ilustre e glorioso na sua igreja militante. Quem considerar quanto os benditos Frades Menores fizeram no reino de Japão por espaço de quatro anos, que ela nele lhes durou [1], os exercícios em que se ocuparam, as obras que fizeram, verá claramente que se não empregaram em outra coisa mais que no serviço de Cristo Senhor Nosso, pois de nenhuma outra trataram senão de ensinar sua lei, manifestar seu nome, arvorar sua cruz e finalmente converter infiéis e curar e lavar com suas mãos os pés dos leprosos e limpar e beijar suas chagas, obras todas a Ele mui aceitas e agradáveis. E assim era impossível faltar o que por Ele estava prometido, que era honrar seu Eterno Padre aos que nelas se ocupassem, como de feito os honrou não só nos céus dando-lhes uma coroa de glória que Ele costuma dar a todos os predestinados, mas também na terra honrando-os com tantas e tão estranhas maravilhas, assim antes como depois da sua bendita morte, que foram bastantes para fazer ilustre o seu martírio, glorioso o seu triunfo e célebre e esclarecido o seu nome.

Porque, primeiramente, depois de mortos ficaram seus corpos mui bem assombrados e de muito bom gosto, uns tendo os olhos

---

[1] Assim no manuscrito, pelo que é de crer houve qualquer frase omitida pelo copista.

1166 alevantados ao céu e outros // sem fealdade alguma com as cabeças inclinadas para um lado, que até os mesmos gentios que tinham visto muitos que cada dia se crucificavam em aquela terra e a fealdade com que ficam depois de mortos, se admiravam de os ver e o tinham por cousa digna de notar. Cheirando mal os outros crucificados aos quatro dias, estes nem aos sessenta deitavam de si algum mau cheiro; e sendo costume naquelas partes acudirem os corvos (de que nelas há grande cópia e mui carniceiros) aos corpos mortos e comerem-lhe os olhos, a esses benditos nenhum corvo ousou nunca chegar a algum deles nem se viu junto donde eles estavam.

E quando os portugueses se tornaram de Japão para Macau, havia 40 dias que era passado este glorioso martírio, se foram primeiro despedir dos santos corpos para poderem testemunhar tudo o que tinham visto, os acharam da maneira que está dito, sem mau cheiro nem fealdade alguma em todos e sem alguma corrupção. E ainda alguns deles afirmaram que depois de ser morto o santo Comissário dous dias, cortando-lhe um homem o dedo polegar do pé com os dentes, saiu muito sangue que esteve gotejando por grande espaço de tempo. E o que ainda é mais digno de espanto, havendo 60 dias que o Comissário era morto, estremeceu três vezes o seu corpo em a cruz ficando mui branco e formoso, e saiu das suas feridas grande abundância de sangue, o que sabido pelos cristãos de Nagasaqui foram lá e molharam alguns panos e papéis nele.

E achava-se aí presente um italiano chamado João Baptista, [que] colheu em um chapéu muito sangue do Comissário e dos bem-aventurados mártires fr. Martinho e Paulo japão e de outro japão, e depois o lançou em um bule de porcelana e o guardou, e nove meses depois do martírio em presença do Vigário Geral do bispado de Macau, estando presentes dous padres da Ordem do Patriarca S. Domingos
1167 e outro da Companhia com um irmão e seis frades // nossos e outras pessoas uma das quais era médico, se quebrou a vasilha onde o sangue estava, o qual foi achado líquido e sem nenhum mau cheiro, como consta do testemunho que disto se tomou. E aos 5 de Setembro do ano de 1631 me mostrou o Rdo. P. fr. António de S. Jorge (²), Ministro Provincial da santa Província da Madre de Deus, uma âmbulazinha de vidro com este sangue do santo Comissário, o qual estava líquido e com a sua própria cor como se então saíra das veias e

---

(²) Fr. António de S. Jorge, natural de Lisboa e professo na Recoleição da Custódia de S. Tomé da Índia, foi eleito Ministro Provincial da recentemente criada Província da Madre de Deus da Índia no Capítulo celebrado em 5 de Janeiro de 1631 e levou o seu governo até à dominga infra-oitava da Epifania de 1634. Antes, no Capitulo Provincial de 1623, fora eleito guardião do convento de Damão, e no Capítulo Custodial de 3 de Fevereiro de 1625, Custódio de governo, e governou a Custódia num triénio muito conturbado de muito graves desassossegos (veja-se Parte I, cap. 48). Morreu entre 1640 e 1643, como consta das Tábuas Capitulares publicadas por fr. Jacinto de Deus (*Vergel*, 459 ss).

eu assim o vi com meus próprios olhos, o qual lhe trouxe do convento de Macau um Religioso nosso, súbdito seu, que dizia fora achado em Japão no tesouro de uma senhora japoa que fora martirizada pela nossa santa Fé, entre outras relíquias destes santos mártires. E eu tive nas minhas próprias mãos a dita âmbulazinha, e movendo-a de uma parte para outra se movia o sangue por estar líquido.

Por algum tempo, todas as sextas-feiras depois destes benditos mártires serem crucificados, se viram muitas vezes luzes como candeias no lugar do seu martírio, as quais saíam em procissão, e daí baixavam ao hospital dos lázaros que [fora] a primeira casa onde eles se tinham recolhido quando foram àquela terra, e daí iam à ermida de Nossa Senhora. E era voz pública dos japões cristãos de Nagasaqui que a figura do santo Comissário que estava na cruz era visão que se lhes punha diante, e não porque na verdade fosse ele morto, porque eles o viam as sextas-feiras e sábados, revestido, dizer missa no hospital dos leprosos como costumava, e que um dia inteiro havia desaparecido da cruz. Cousas todas por certo mui maravilhosas e dignas de admiração.

Nem tão pouco faltaram outras não menos estranhas que sucederam antes do seu glorioso martírio. E daremos o primeiro lugar ao que aconteceu, antes que estes santos // fossem a Japão, ao se- 1168
nhor de Nagasaqui (que, como se disse, foi o lugar do seu martírio), o qual era juntamente rei de Omura e havia pouco que era baptizado pelos Padres da sagrada Companhia de Jesus e se chamava D. Bartolomeu. E saindo ao campo, com mui desigual partido deu batalha a certos inimigos com que trazia guerra, e os venceu e desbaratou, sendo muitos em número e sua gente muito pouca. E recolhendo-se do campo com a glória daquela vitória, foi à igreja dos mesmos Padres a dar a Deus graças por ela, e contou aos mesmos Padres como na maior força da briga lhe apareceu um Santo, o qual o ajudara a vencer seus inimigos, tomando nas suas mangas, que eram largas, todos os pelouros e setas que eles lhes tiravam. E como não soubesse dizer que Santo era, por haver pouco que tinha recebido o santo baptismo, lhe mostraram os Padres todas as imagens que tinham de diversos santos para que entre eles visse se conhecia ao que lhe tinha dado a vitória; e chegando à imagem do nosso Padre S. Francisco, disse, não sem muitas lágrimas de devoção e alegria, que aquele era o que lhe aparecera na batalha e o ajudara a desbaratar seus inimigos, que, como daí a pouco havia aquela terra de Nagasaqui de ser regada com o sangue dos filhos do Seráfico, já desde então a queria de tomar por sua e tê-la debaixo da sua protecção e amparo, e à sua conta com tão maravilhoso milagre a quis defender a ela e a seu senhor. E por que se entendesse que a Cruz havia de ser o instrumento deste seu glorioso triunfo, aconteceu também que junto do lugar onde foram postas as cruzes e eles foram crucificados, indo um lavrador véspera do Natal do Senhor a cortar lenha achou no meio de uma grande árvore que tinha cortado uma

mui formosa e bem feita cruz do mesmo pau, inda que de diferente
1169 // cor, da qual, como de cousa milagrosa, se fizeram depois muitas cruzinhas pequenas que pelos cristãos se repartiram, algumas das quais chegaram à cidade de Macau na China, que foram de todos mui estimadas. Também foi grande maravilha o que sucedeu no mesmo tempo em que estes gloriosos mártires foram presos, que foi verem suar sangue uma imagem de nosso Padre S. Francisco que estava na igreja que eles tinham em Meaco, de Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula, mostrando o céu, com este maravilhoso pronóstico, o sangue que os filhos deste Patriarca haviam de derramar naquela terra de Japão. Finalmente em Meaco choveu terra como cinza e em Usaca terra vermelha como sangue, afora outros muitos pronósticos e maravilhas que deixamos para evitar prolixidade.

COMO O BISPO DE JAPÃO E OS PORTUGUESES QUE ESTAVAM EM AQUELA OCASIÃO EM NAGASAQUI FORAM COM MUITA DEVOÇÃO VISITAR OS CORPOS DOS SANTOS MÁRTIRES DEPOIS DO SEU GLORIOSO MARTÍRIO.

CAPÍTULO 114

Por que o triunfo destes proto-mártires do Japão fosse mais glorioso e a todos mais manifesto, ordenou a divina Providência que fossem crucificados na cidade de Nagasaqui que, além de ser quase toda de cristãos, estavam actualmente nela muitos portugueses que tinham ali vindo de Macau, como costumam, e alguns castelhanos de Manila, os quais todos se acharam presentes a este triunfo e foram testemunhas de vista dele. Estava outrossim nela nesta sazão o bispo de Japão D. Pedro Martins [1], religioso que foi da Companhia de Jesus e varão de singular prudência, doutor em a sagrada Teologia, cuja casa ficava tão perto do lugar do martírio que não distava dele mais que um tiro de arcabuz. E ele com alguns Padres da mesma Companhia estava a uma janela ao tempo // que se exe- **1170**
cutou o martírio, e assim pôde muito bem ver o tropel e a gente, o dar das lançadas, e ouvir o pranto, o grito e alarido dos cristãos que presentes se achram àquele espectáculo. E tanto que os santos mártires foram alanceados, que seria para as dez horas do dia, se foi ao lugar do martírio acompanhado de muitos Padres a visitar os gloriosos corpos, e quando chegou ainda viu correr o sagrado sangue das feridas.

---

(1) D. Pedro Martins foi confirmado pelo Papa como bispo do Japão em 27 de Fevereiro de 1592, e entrou na sua diocese em 14 de Agosto de 1596. Do proceder que teve para com os Franciscanos, se queixou S. Pedro Baptista em carta que lhe dirigiu e noutras cartas e exposições suas que Lourenço Pérez publicou em AIA, 6 (1916), 240-275. Morreu em Fevereiro de 1598 cerca de Singapura, em viagem para Goa onde ia tratar com o vice-rei a situação da cristandade de Japão (veja-se Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 3 (Parte II), 1022).

E inteirado da causa por que foram mortos, que foi por pregaram a fé de Cristo segundo a sua sentença rezava, e [da] alegre vontade com que receberam aquela mercê, tendo-os por verdadeiros mártires os venerou como a tais, rezando-lhes a comemoração dos mártires pedindo com muita devoção seu favor diante da Majestade divina. E o primeiro dia de festa pregou em a igreja da Companhia aos castelhanos e portugueses que nela se acharam, grandes louvores dos benditos mártires, dizendo que seu martírio honrava a igreja católica.

E como era bispo Ordinário daquela terra, tirou de ofício uma informação de tudo o que tinha sucedido, para enviar a Sua Santidade e a el-rei de Espanha na primeira ocasião que se oferecesse (2). E foi grande a devoção que este excelente prelado tomou aos gloriosos mártires, assim por ver que eles foram os primeiros que regaram com o seu sangue e honraram com a sua morte aquela igreja de Japão, cujo pastor ele era, como por ver o grande ânimo que mostraram no seu martírio, o qual à sua vista e diante dos seus próprios olhos foi executado.

E assim, estando ainda na mesma cidade de Nagasaqui, escreveu uma amorosa e devota carta ao P. Provincial da santa Província de S. Gregório das Filipinas cujos Religiosos estes santos mártires foram, escrita a 19 de Fevereiro do mesmo ano de 1597, vinte e dois
1171 dias depois deste glorioso sucesso, // em que dá os parabéns à nossa sagrada Religião das felicíssimas mortes destes seis filhos seus, engrandecendo muito o insigne exemplo que deixaram assim a todos de sua grande caridade e fortaleza com que animados estavam para pelejar varonilmente, com suas vidas sacrificadas, por causa tão santa e de tanta honra da nossa santa Fé, e [diz] que os portugueses ficaram edificados das palavras santas com que morreram nas cruzes, uns dizendo hinos e salmos e outros pedindo a Deus perdão para quem os matava. E fez particular menção do que o santo Comissário fez quando o puseram na cruz, porque, quando lhe ataram um braço com uma argola, disse apontando com o dedo em a palma da mão: «Encrava aqui, irmão». E finalmente vai toda a carta cheia destas singulares grandezas dos santos mártires.

Estando na cidade de Macau, para onde se tornou o bispo naquele mesmo ano, passou, a petição do P. fr. Jerónimo de S. Lou-

---

(2) Paulo Pastells nas notas a Francisco Colin, *Labor Evangelica de la Compañia de Jesus en las islas Filipinas*, Barcelona 1900, 2, pág. 694, publica uma *Relação que o bispo do Japão manda a Sua Magestade da morte de seis Religiosos Descalços da Ordem de São Francisco*. No Museu Britânico, Colecção Egertoniana, Ms adicionais, n.º 9856, conservam-se algumas *Certidões* de D. Pedro Martins acerca do martírio dos frades e cristãos de Nangazaqui em 1597 e outras notícias sobre o mesmo. E é abundante a literatura que o facto logo provocou, publicada quer pelos Jesuítas portugueses quer pelos Franciscanos espanhóis.

renço (3), filho desta nossa santa Província de S. Tomé e Custódio actual da Custódia da Malaca, um instrumento autêntico em que certifica como Taicosama, rei de Japão, mandou crucificar, por pregarem em suas terras nossa santa lei, a estes seis Religiosos da nossa seráfica Ordem, e põe traslado da sentença do tirano em que diz que os manda crucificar por pregarem a lei de Cristo que ele tinha proibido; e declara [com] que estranha alegria e devoção tomaram esta morte. E conclui com dizer que, conforme ao que viu na tábua da sua sentença, sem dúvida tinha que foram mortos pela nossa santa Fé católica como valorosos cavaleiros de Cristo. E foi este público instrumento deste bispo de Japão de grande importância para a beatificação destes gloriosos mártires.

E quando chegou ao porto de Macau, indo visitar os nossos Religiosos moradores // do convento que naquela cidade temos, os **1172** abraçou com muito amor, e alevantando a voz disse com grande fervor: — «Padres, alegrem-se que têm em Japão irmãos que são tão verdadeiros mártires como S. Lourenço». E isto me contou o P. fr. Damião da Ascensão (4) que foi a quem ele isto disse em particular.

Também os portugueses moradores da China que se acharam em aquela ocasião em Nagasaqui com a sua nau, mostraram sempre muita devoção a estes gloriosos mártires, assim na vida deles ajudando-os com as suas esmolas e indo-os visitar a eles e suas igrejas e oferecendo-se para o que deles lhes cumprisse, como também ao tempo do seu glorioso martírio; porque, sabendo que vinham para serem crucificados, quando chegaram a Nagasaqui eles os sairam a visitar no caminho meia légua antes de chegar ao lugar do seu glorioso triunfo, rompendo por todos os perigos que havia, porque o juiz que os havia crucificar tinha mandado pôr guarda por todos os caminhos por onde eles haviam de passar para que não consentissem vir alguém a eles. E português houve que, ouvindo dizer que havia pena de morte para os que fossem falar com os santos mártires, sem temor dela se confessou primeiro pondo-se a todo perigo que houvesse, que tanta era a devoção que todos tinham destes verdadeiros soldados de Cristo.

E posto que eram maltratados daqueles crueis carniceiros, não deixaram de se apresentar aos gloriosos mártires lançando-se aos seus pés e tomando-lhes a todos a bênção e beijando-lhes as mãos com muitas lágrimas e sentimento de os verem tão maltratados como vinham daquele comprido caminho, e lhes ofereciam com muita caridade doce e outras cousas de conforto para cobrarem forças para o mais que restava daquele // conflito. E os santos os receberam amo- **1173**

---

(3) Fr. Jerónimo de S. Lourenço em 1595 ficou de morador no convento da Madre de Deus de Chaul (*Tábua de 1595*, 186). Não conheço outras notícias dele.

(4) Não conheço qualquer notícia mais deste capucho fr. Damião da Ascenção que em 1597 vivia em Macau.

rosamente, agradecendo-lhes a devoção e amor que lhes mostravam consolando-os com suavíssimas palavras e mostrando grande alegria e contentamento de perderem a vida pelo Dador dela. E os regalos que lhes trouxeram, comeram e repartiram com os algozes e com os que lhes traziam as cruzes que traziam ao pescoço, com grande edificação dos portugueses que se desfaziam em lágrimas e soluços notando todos estas circunstâncias.

E depois que os santos mártires foram crucificados, foram visitar seus corpos, ainda que as guardas que estavam postas os estorvavam e tratavam mal, mas era tanta a sua devoção que, rompendo por tudo, chegavam às cruzes. E não se contentavam em beijar os pés dos que estavam postos nelas, mas rompiam todas as fraldas dos seus hábitos e os vestidos dos santos japões que do chão podiam alcançar, e levavam a terra donde haviam estado e derramado o seu sangue, procurando cada um de se enriquecer daquelas santas relíquias. E porque receavam os algozes que de noite furtassem os portugueses algum daqueles santos corpos, os quais mandava o tirano que estivessem nas cruzes até cairem por si mesmos como era costume em Japão, cercaram-nos com uma estacada ou cerca de paus para que ninguém pudesse entrar dentro a venerar aqueles santos corpos. E os que não podiam, de longe o faziam; e tinham por grande culpa se cada dia não iam rezar alguma cousa diante deles. E quando em tempo de monção se tornaram para Macau, levaram consigo muitas relíquias dos benditos mártires, que daí se espalharam por toda esta Índia Oriental, como adiante mais largamente diremos.

COMO EM DIVERSAS PARTES DA CRISTANDADE FORAM FESTEJADAS AS NOVAS DESTE GLORIOSO MARTÍRIO E DA SOLENE PROCISSÃO QUE OS NOSSOS RELIGIOSOS FIZERAM EM MACAU EM FAZEMENTO DE GRAÇAS.

CAPÍTULO 115

// Estranhos foram os efeitos de alegria e devoção que nos 1174
corações dos cristãos causaram as novas deste glorioso martírio, porque, considerando a multidão de mártires que nesta ocasião deram as vidas pela confissão da nossa santa Fé e modo do seu martírio e as maravilhas com que quis o céu aprovar seu triunfo, todos davam graças a Deus de quem nasce todo o nosso bem e que foi servido dar a estes verdadeiros soldados tanto ânimo e fortaleza para darem as vidas por Seu amor e depois da sua morte confirmar e abonar com tantos milagres a santidade dela.

E assim se viu nesta ocasião o que na primitiva Igreja algumas vezes causava o sangue dos mártires derramado pela confissão de Fé, que era um singular esforço e fortaleza nos cristãos para, pela mesma causa, oferecerem e porém alegremente nas mãos dos tiranos suas vidas. Porque assim se afervorou o ânimo dos japões cristãos vendo diante dos seus olhos o sangue destes gloriosos mártires por Cristo derramado, que muitos que estavam frios na Fé pela perseguição passada deste mesmo tirano Cambaco Dono, se confirmaram mais nela, e os que estavam firmes se animaram para se oferecerem ao martírio como o fizeram só em Meaco quatro mil japões e em outras diversas partes vinte mil, nos quais fez este glorioso martírio tanto abalo que com muito alvoroço se ofereceram a dar suas vidas em companhia deles, dos quais muitos eram senhores de estados e principais que com alegres rostros o[s] queriam deixar por gozarem da coroa do martírio. E o que mais é de espantar que até meninos de tenra idade e mulheres fracas se queriam oferecer a este sacrifício,

sendo uma delas a rainha D. Gracia, mulher de el-rei de Bongo de que acima temos feito menção, a qual tanto que teve novas do cruel mandado do tirano Taicosama, se apercebeu com todas as mulheres
1175 cristãs que // tinha em sua companhia, para receberem martírio, o que servia de fazer a esses gloriosos proto-mártires de Japão mais gloriosos e celebrados em toda a cristandade.

Porque onde quer que chegavam as novas do seu glorioso triunfo, eram de todos mui festejadas particularmente em Espanha por serem espanhóis estes benditos mártires, e não se fartavam todos de saber miudamente as circunstâncias todas do seu martírio, tendo por bem afortunados os que naquela ocasião se acharam em Japão para poderem ver este tão maravilhoso espectáculo. El-rei Filipe, como príncipe tão católico, foi estranho o contentamento que recebeu, quando soube as novas do seu martírio, a quem com a relação dele apresentaram juntamente um painel em que estava pintado todo o seu processo, com cuja vista recebeu grande gosto e mandou em seu nome se imprimisse. E o Sumo Pontífice que então era Clemente VIII, e o sagrado Consistório dos cardiais se alegraram também em espírito por tão admirável triunfo.

E o Sumo Pontífice leu com particular devoção a relação deste glorioso martírio que compôs o Padre fr. João de S. Maria [1], Provincial da santa Província de S. José, a qual traduzida de castelhano em italiano se imprimiu em Roma e se dedicou à santidade do mesmo Sumo Pontífice Clemente VIII. E se trata com muito cuidado e diligência da canonização destes santos mártires e Sua Majestade deu suas cartas de muito favor para o Sumo Pontífice e para o seu embaixador. E esperamos em Deus que cedo vejamos o fim dos nossos desejos, segundo está este negócio posto em mui bons termos, pois o Papa Urbano VIII que é o que ao presente tem a cadeira de S. Pedro, tem passado um breve, feito aos 14 de Setembro do ano do Senhor de 1627, em que dá licença para que os Frades Menores possam rezar destes gloriosos mártires e celebrar a sua festa no mesmo dia do seu martírio que, como fica dito, foi a 5 de Fevereiro.

1176 E o Monsenhor // Pina, meritíssimo auditor de Rota, tem tomado muito à sua conta este negócio favorecendo-o com estranho gosto; e ao sobredito tratado que da vida destes religiosos e gloriosos mártires compôs o P. fr. João de Santa Maria, fez uma adição mui douta em que da doutrina de concílios e doutores e santos exemplos prova com muita erudição serem eles verdadeiros mártires de Cristo, o qual tratado se imprimiu também em Nápoles e se dedicou ao Conde de Lemos Vizo-Rei, depois do qual saiu à luz a mesma história

---

[1] Fr. Juan de Santa Maria, *Relation del martirio que seys Padres Descalços Franciscos, tres Hermanos de la Compañia de Jesús y decisiete japones christianos padecieron en Japon.* Madrid 1601.

deste glorioso martírio composta mais difusamente por o P. fr. Marcelo de Ribadeneira (2), um dos companheiros destes gloriosos mártires, de quem nos aproveitamos para o que aqui deles escrevemos.

Mas onde as festas deste glorioso martírio foram mais celebradas foi na cidade de Manila em as Filipinas e em a de Macau na China. Numa porque dela saíram estes gloriosos mártires quando foram com a embaixada quando foram por parte do Governador ao tirano Taicosama, em a outra porque nela se recolheram quase todas as relíquias que os portugueses que se acharam presentes à sua morte, trouxeram consigo de Japão. Em Manila se fez uma solene procissão concorrendo as Religiões todas e o povo em oferecimento de graças por tão sinalada mercê como os fez àquela cidade de a querer honrar com o triunfo de tão esclarecidos mártires. E em Macau da mesma maneira se fez outra procissão também solene, achando-se nela alguns padres das três Ordens que lá moram, do Padre S. Domingos, S. Agostinho e da Companhia, e a cidade encorporada, e se puseram muitos epigramas e versos em honra dos gloriosos mártires para mais solenidade da festa, o que tudo se fez por ordem do Padre fr. António da Madre de Deus (3), leitor de Teologia e filho desta santa Província de S. Tomé, que naquela ocasião estava na China onde fora por ordem // do nosso Custódio a visitar a Cus- 1177
tódia de Macau que naquele tempo era sujeita, como se tem dito no seu lugar. E para que melhor viesse ao conhecimento de todos este glorioso martírio, se fez pintar em muitos painéis, dos quais uns foram mandados a Espanha, e outros vieram cá para a nossa Índia Oriental e depois se fizeram estampar em Roma.

---

(2) Fr. Marcelo de Ribadeneira, natural de Palência em Espanha, cursou estudos em Salamanca, ensinou Teologia, e em 1593 embarcou-se para as Filipinas. Apenas ali chegado em 1594, logo foi enviado ao Japão, esteve em Kioto e Osaka, e ao tempo em que foram presos os mártires do Japão em 1596, encontrava-se em Nagasáqui. Detidos os frades aí residentes na nau portuguesa, conseguiu ele escapar-se por uns dias mas ao fim teve de se apresentar, porque todas as portas se lhe fechavam com medo às autoridades japonesas. Em Março de 1597, já os mártires haviam sido crucificados, recambiaram-no para Manila, onde todavia só chegou em Janeiro de 1598. O navio em que seguiu, apanhado por tempestade, tivera de se refugiar em Macau. De Manila nesse mesmo ano de 1598 tomou o caminho de Roma como procurador da causa dos mártires a fim de promover sua canonização. Em 1600 estava em Madrid, e ainda vivia em 1610. A sua *Historia de las islas del Archipiélago de la Gran China*, editada em 1601, a qual tanta voga teve, é um dos mais autorizados testemunhos sobre o martírio de S. Pedro Baptista e companheiros, pois foi escrita por quem assistiu ao preparar e deflagrar da perseguição, e, embora enclaudurado na nau portuguesa, em Nagasáqui assistiu nos dias da grande tragédia.

(3) Fr. António da Madre de Deus em 1595 ficou no convento de S. Francisco de Goa e era aí um dos padres mais graves da comunidade (*Tábua de 1595*, 183).

E estas mesmas festas se fizeram depois em Malaca por ordem deste mesmo Religioso quando aí veio ter, pregando ele sempre as excelências e louvores dos verdadeiros soldados de Cristo. E finalmente chegando este Padre a esta cidade de Goa, procurou que fizessem as mesmas festas como se fizeram com avantajada solenidade, espertando-nos para isso mais em particular as sagradas relíquias que o dito Padre trouxe para esta Província como no capítulo seguinte se dirá.

DAS SAGRADAS RELIQUIAS DOS GLORIOSOS MÁRTIRES DE JAPÃO QUE FORAM TRAZIDAS A ESTA NOSSA SANTA PROVÍNCIA DE S. TOMÉ E DOS MUITOS [MILAGRES] QUE POR SEUS MERECIMENTOS OBRAM CADA DIA.

CAPÍTULO 116

Mui ordinário estilo foi sempre Deus permitir que os corpos dos escolhidos sendo vivos andem nas mãos dos maus para que os atormentem, e sendo mortos passá-los às mãos dos bons para que os honrem. Muitos exemplos pudéramos trazer das divinas letras desta verdade, mas dous por agora nos bastam, um seja do grande Baptista e outro do proto-mártir S. Estêvão, ao primeiro dos quais degolou o adúltero Herodes e depois lhe deram a sepultura os seus santos discípulos, e ao segundo os infiéis judeus o apedrejaram e sendo morto os pios e temerosos de Deus o sepultaram. O mesmo tem sucedido a outros, assim dos antigos como dos modernos, os quais, sendo na vida maltratados // dos inimigos da Fé, na morte foram seus corpos tratados 1178
com honra dos fiéis. E um e outro é efeito particular da divina Providência, porque, se permite serem seus servos maltratados, é para que nos tormentos que padecem mostrem o muito que eles amam a Deus; e se também ordenou que seus corpos na morte sejam honrados, é para que se veja o muito que Deus os ama a eles. Quão maltratados foram estes gloriosos proto-mártires do Japão, sendo vivos, do ímpio tirano Cambaco Dono e seus ministros, visto o temos atrás bastantemente. Quão honrados e veneradas foram, depois, dos fiéis suas relíquias, é bem que o mostremos agora (1).

---

(1) P. Lourenço Pérez publicou em AIA largo estudo que intitulou singelamente *Cartas y Relaciones del Japon*. No trecho publicado em AIA, 14 (1920) 161-206, relata quanto se passou com os corpos dos mártires enquanto estiveram na cruz e o destino que levaram suas relíquias. Além da já citada *História* de fr. Marcelo de Ribadeneira da qual fr. Paulo da Trindade resumiu quanto diz sobre os Mártires do Japão, conforme ele confessa, outra larga

Para o que se há-de saber que, como quer que o tirano na sua sentença mandasse que os corpos destes benditos mártires estivessem nas cruzes até que eles mesmos por si caíssem delas, o governador de Nagasaqui a quem a execução desta sentença estava cometida, lhe fez pôr muitas guardas para que de dia e de noite com muito cuidado os vigiassem, entendendo que se assim o não fizesse os portugueses e castelhanos, de que aquela cidade estava toda cheia, haviam de recolher as santas relíquias para as honrarem e venerarem. Mas por muitas deligências que nisto pôs, não foram bastantes para que muitas das santas relíquias deixassem de vir às mãos dos cristãos, mormente que, como os guardas também o eram ainda que faziam o que o governador lhes mandava, sendo já passados alguns meses, quando lhes pareceu que se não atentaria por isso em Meaco onde o rei e a sua corte estava, eles começaram a tomar das santas relíquias e consentiam que outros cristãos também as tomassem. E por este modo se recolheram algumas, ainda que a medo, às escondidas.

Passados porém nove meses, vieram uns embaixadores de Fi-
1179 lipinas a Japão a pedir ao // tirano Taicosama os corpos dos benditos mártires, que ele concedeu fàcilmente. Porém, quando eles tornaram de Meaco a Nagasaqui, já acharam mui poucas relíquias que recolher, porque como os portugueses e castelhanos que ali estavam, tivessem certeza de que o tirano tinha dado licença aos sobreditos embaixadores para poderem tomar os santos corpos, antes que eles chegassem se encheram à vontade de quantas relíquias quiseram; de maneira que, quando os embaixadores chegaram, já acharam muitas poucas que recolher. Estas que eles então recolheram, levaram a Manila e de ali se repartiram por diversas partes de Espanha, porque umas se puseram no convento de S. Francisco de Salamanca, outras ficaram em Sevilha e outras no mesmo convento de Manila, e um osso do bendito Comissário se enviou a el-rei nosso senhor, e finalmente outras a outras diversas partes.

Mas quem melhor aquinhoado e enriquecido ficou deste tesouro precioso, foi a cidade de Macau, porque aí vieram ter não só os portugueses que estavam em Japão, mas também os castelhanos que lá se acharam, que, partindo em um navio para Manila, arribaram com tempo contrário a Macau. E assim aí se veio a recolher a maior parte destas santas relíquias porque, como dissemos, estes portugueses e castelhanos foram os que se encheram mais delas.

A esta nossa santa Província de Santo Tomé nos coube também

---

relação feita também por testemunha presencial já hoje está publicada. Publicou-a P. Lourenço Pérez no seu estudo *Fr. Jerónimo de Jesus restaurador de la misiones del Japon. Sus cartas y relaciones*, inserto em AFH, 18 (1925), 94-113; 19, 559-584; 20, 385-419, 575-588, 21, 304-330; 22, 139-162, e intitula-se *Relacion del glorioso martirio de seis frayles Descalços de San Francisco y veynte Japones que padeciron a 5 de Febrero o, segun otra cuenta a 6, de 1597*. Também esta *Relacion* conta o destino que levaram as relíquias dos mártires.

nosso quinhão que muito estimamos, porque como naquele tempo estivesse em Macau o P. fr. António da Madre de Deus que fora lá por visitador da Custódia de Malaca, como atrás apontamos, quando tornou para esta cidade de Goa trouxe consigo, entre outras, duas relíquias insignes, uma cabeça que era do santo fr. Martinho, a qual se pôs neste convento de S. Francisco de Goa onde está encastoada em prata e o dia em que se celebra o martírio destes gloriosos mártires se mostra ao povo para ser de todos venerada, e outrossim um osso do braço do irmão fr. Gonçalo Garcia, o qual se pôs no convento de S. António de Baçaim // por este bendito mártir ser natural da- 1180
quela cidade e [?] nela.

Afora destas, temos também outra cabeça que é do santo mártir fr. Filipe, que se pôs no convento de S. Bárbara de Chaul, a qual está também encastoada em prata. E faz Deus Nosso Senhor por seus merecimentos muitos milagres, porque, como fica dito quando tratamos deste convento, os mais dos dias é levada aos enfermos que com muita fé e devoção a mandam buscar para lhe pedirem saúde, e aos mais deles é o Senhor servido de lhes dar; em particular as mulheres que estão em perigo de parto, se aproveitam de seus merecimentos, pelos quais as mais delas são alumiadas; e assim é ela tida naquela terra em grande veneração de todos. Esta cabeça trouxe a este convento de S. Francisco de Goa um italiano por nome João Baptista de quem acima temos feito menção, o qual foi e veio com os portugueses que naquele ano foram de Macau a Japão onde entre outras relíquias pôde recolher esta santa cabeça que trouxe a Goa para daqui ir a Roma onde determinava levá-la. Mas parece que não foi Deus servido disso porque, estando agasalhado neste convento de S. Francisco de Goa por ser devoto de nossos frades, veio a adoecer e falecer da sua doença, e por sua morte nos deixou aquele sagrado tesouro do qual logo se encarregou um guardião que aqui ainda estava, de Chaul, e o levou consigo com licença dos prelados para pôr naquele convento. E pois destes três santos mártires temos nesta Província suas sagradas relíquias, será razão os demos mais em particular a conhecer para maior devoção dos que lerem esta história.

O bem-aventurado fr. Martinho da Ascensão foi biscainho de de nação, nascido na Vila de Vergara, e tendo estudado as Artes e alguns anos Teologia com grande nome de grande estudante, tocado de Deus tomou hábito na santa Província // de São José, onde se 1181
deu à oração e mais exercícios de humildade. E comunicou-lhe o Senhor grande vontade e desejo de, por seu amor, ir a terra de infiéis a lhes pregar a sua santa lei, e para este fim se foi dispondo sempre com muita oração e jejuns de pão e água e com grande desprezo de si mesmo beijando muitas vezes os pés aos Religiosos e fazendo morficações de grande aspereza. Seu comer ordinàriamente eram ervas, e se algum manjar lhe sabia bem, tendo-o por regalo, o deixava. Foi mui pobre sempre porque nunca teve mais que o hábito e breviário,

quando muito os seus cartapácios de Artes e Teologia. Guardou perpétua castidade, e como testificou o P. fr. Jerónimo de Jesus que em Japão o confessou de toda sua vida geralmente, era virgem. Tendo seis anos de hábito lhe cumpriu Deus os seus desejos de vir à Nova Espanha para se ocupar na conversão dos infiéis; mas como tinha aproveitado muito no estudo das letras, em chegando à cidade de México lhe mandaram ler um curso de Artes. E sendo mandado a Manila, lá leu outro de Teologia e alcançou grande opinião de letrado, que, junta com a que teve sempre de grande servo de Deus, o fazia de todos ser muito estimado. Um dia do Natal, estando dizendo missa, se deteve, desde antes de consumir (?) até acabada, quase hora e meia, estando em todo aquele tempo sem mover-se, como absorto em o Menino Jesus de quem era mui devoto e recebia particulares favores do céu em sua festa. E como era pessoa de tanta satisfação, puseram os prelados em ele os olhos para o ocuparem em a missão de Japão, o que ele aceitou com muita vontade por ser empresa à medida do seu desejo. E levou por companheiro ao P. fr. Francisco Branco que era seu discípulo e mui conforme a seu coração. Em Japão se deu mui deveras a aprender a língua da terra e a soube em breve tempo com muita perfeição, o que era de muita importância para aproveitar às almas. Estando em Usaca por presidente daquela
1182 casa, foi preso e levado // a crucificar a Nagasaqui em companhia de outros santos mártires, e morreu cantando como acima fica contado.

O santo mártir fr. Filipe de Jesus foi natural do México em Nova Espanha, filho de pais honrados e ricos. Tomou o hábito da Religião em Manila onde esteve quatro anos, depois dos quais o mandou a obediência a tomar ordens à Nova Espanha por naquele tempo não haver bispos em Manila, e se embarcou na nau S. Filipe, a qual por ter os tempos mui contrários arribou a Japão. E indo em busca do Comissário que estava, como dito é, em Meaco, lá foi preso com ele e com os mais. Ao tempo que o crucificavam, mostrando o grande gosto que tinha de dar a vida por a nossa santa Fé disse estas palavras com muito espírito: — «Ditosa perdição por tal ganho, pois se perdeu a nau S. Filipe por que se ganhasse fr. Filipe». Foi o primeiro a quem estando na cruz alancearam, e morreu dizendo: — «Jesus, Jesus, Jesus».

O bem-aventurado fr. Gonçalo Garcia nasceu na cidade de Baçaim bem conhecida nesta Índia Oriental. Seu pai foi português e sua mãe natural daquela terra. Sendo de pouca idade foi entregue aos Padres da Companhia em cujo leite se criou com bons costumes; e sendo de 15 ou 16 anos foi com eles a Japão onde aprendeu a língua tão curiosamente que veio a sabê-la perfeitamente e servia aos Padres que administravam a cristandade. Neste exercício gastou 8 anos, depois dos quais se tornou para Macau; e aí com a ajuda de alguns portugueses começou a contratar fazendo-se mercador, e nisto gastou 18 anos. E oferecendo-se ocasião de ir a Manila se foi; e lá, sendo ajudado da graça de Deus, deixou o mundo e o que nele tinha, e

tomou o hábito da nossa sagrada Religião para leigo, onde esteve até que o deram por companheiro ao santo Comissário para ir a Japão por saber aquela língua // excelentemente. Assim foi a sua **1183** companhia de muita importância, assim para a embaixada que o santo Comissário levava como para a cristandade que depois se fez, na qual ele trabalhou muito e ajudou aos novamente convertidos. Foi muito humilde, penitente e caridoso, e teve sempre mui grande desejo de ser mártir, o qual o Senhor lhe concedeu sendo um dos que pela pregação foram crucificados em Nagasaqui onde lhe aconteceu o que acima no seu lugar fica escrito.

COMO DEPOIS DO MARTÍRIO DESTES GLORIOSOS SANTOS TORNARAM OUTRA VEZ OS NOSSOS FRADES A JAPÃO E DOS QUE DEPOIS FORAM TAMBÉM NO MESMO REINO MARTIRIZADOS

CAPÍTULO 117

Agudamente pondera o grande padre e doutor da Igreja S. Agostinho:«Pediu o santo rei David a Deus Nosso Senhor asas de pomba para fugir dos seus inimigos em certa ocasião em que mais perseguido se via deles, dizendo em um salmo «*Quis dabit mihi pennas sicut columba, et volabo et requiescam* (1). E a razão diz o santo doutor que foi porque, entre todas as aves, tem a pomba esta natureza e condição que, ainda que a molestem e lhe tomem os amados filhos que no ninho tinha, nem por isso deixa outra vez de tornar ao mesmo ninho e pôr nele outros filhos de novo, como se tal agravo por ela não passara, o que não se vê nas outras aves que, se uma vez lhe dão no ninho e lhe tocam nos filhos que neles tinham, jamais tornam àquele lugar mas buscam outros onde lhes parece estão mais seguros e livres de semelhantes perigos. Pomba foi sempre a sagrada Religião do meu seráfico Padre S. Francisco, pois nem porque lhes matem os filhos, deixa de mandar outros de novo a esse mesmo lugar onde lhos matavam e com os mesmos perigos de os tornarem a matar, não estimando a vida destes filhos (com os estimar muito) à conta de sair pela honra de Deus, propagar a Fé, converter
1184 almas e estender a cristandade por todo // o mundo.

Grande foi a tormenta que o tirano Taicosama imperador do Japão tinha alevantado contra os nossos Religiosos que no seu reino pregavam a fé de Cristo, pois de onze que eram, seis mandou crucificar em Nagasaqui e os outros cinco, presos, os fez embarcar para fora em uma nau de castelhanos que no porto estavam para partir para Manila, para onde os desterrou com pena de morte se mais tornavam ou eles ou outros como eles para Japão. Mas nem com tudo

(1) *Salmo* 54,7.

isso deixou a sagrada Religião dos Menores esta empresa, antes como amorosa pomba criada nos buracos da pedra, as chagas de Cristo impresas em seu alferes o seráfico Francisco, nesse mesmo ninho onde lhe tinham sido mortos os filhos, tornou a pôr outros de novo, continuando com aquela missão e mandando outros, os quais, pondo diante dos olhos o bem das almas que naquele reino tão desamparadas estavam com aquela perseguição, não estimavam por elas perder as vidas animando-se para isso com o sangue fresco de seus irmãos que naquele reino havia pouco fora pelo mesmo tirano derramado.

Estes foram os Padres fr. Jerónimo de Jesus e fr. Gomes de S. Luís, dos quais o primeiro era português e nascido em Lisboa, e tomou o hábito na santa Província de Granada no convento de S. Francisco de Córdova e com zelo da salvação se veio a Manila, e foi um dos companheiros do santo Comissário fr. Pedro Baptista que depois do seu glorioso martírio foram desterrados de Japão. O qual, saindo de Japão, depois de ter passado alguns trabalhos e perigos foi Deus servido que o navio aonde ele ia, arribasse a Macau, daí se tornou com os outros companheiros a Manila e logo no ano seguinte, que foi o de 1598, se tornou a embarcar a Japão levando por companheiro ao dito P. fr. Gomes de S. Luís, o qual era Religioso de grande porte, porque além de ser mui nobre de geração era mui modesto, humilde, casto e obediente, e tão [devoto] // da Paixão 1185
de Cristo Nosso Senhor que estava em altíssima contemplação dela, postos os braços em cruz, uma e duas horas. E havia grande dificuldade em poderem ir a Japão porque, além das graves penas com que o imperador daquele reino tinha proibido e posto interditos aos portugueses que residiam em Nagasaqui e contratavam com seus navios em Manila, sob pena de morte e cem cruzados, que não levassem de Manila a Japão algum Religioso nosso. Mas como ao verdadeiro amor de Deus nada seja impossível, pois seus ímpetos são como ímpetos de fogo que tudo atropela e por tudo passa por sair com a sua, eles acharam modo como pudessem efeituar sua pretensão embarcando-se em um navio de um gentio no ano já dito de 1598 para o mês de Maio (2).

Quando chegaram a Japão inda acharam vivo o tirano Taicosama, e na força da sua perseguição que contra a nossa santa Fé tinha ele levantado. E assim foram grandíssimos os trabalhos e perigos que estes servos de Deus passaram em aquele reino, porque, sendo sabida a sua vinda, foram mandados [procurar] pelo tirano a seus governadores com muito cuidado por todo Meaco com prisão pública sob pena de morte de toda a rua inteira adonde se achasse que estavam agasalhados. E pela muita diligência que em os buscar se pôs, foi achado o P. fr. Gomes de S. Luís; e depois de estar quatro meses preso, foi desterrado para Manila. E no caminho, perdendo-se a embarcação

(2) O mesmo fr. Jerónimo de Jesus na sua acima citada *Relacion* conta seu regresso ao Japão em 1598, e leva a história da missão do Japão até 1605.

em que ia, se afogou. O P. fr. Jerónimo de Jesus, para não ser achado, se meteu entre palha e debaixo da terra em um canavial cuja frialdade o penetrou de maneira que esteve um mês à morte.

Mas como não desampara Deus aos que por seu amor vê postos em trabalhos, houve por bem de dar fim ao que este seu servo padecia pela honra do Seu nome, permitindo que morresse o tirano Taicosama. O qual, estando para morrer, fez ajuntar os grandes da sua corte e lhes tomou juramento que teriam por rei a seu filho, o
1186 qual por melhor // assegurar suas cousas casou com a filha d'el-rei de Quanto, a quem por isso deixou por governador universal de todo Japão até seu filho ter idade para poder governar. E tendo-lhe ordenado e mandado que não admitissem a lei dos cristãos, lhe mandou que o adorassem e tivessem a ele por seu Deus. E eles assim o fizeram depois de morto, pondo sua imagem em a maravilha chamada Daibut que quer dizer do grão-Deus, a qual ele em vida fabricara com muitos templos juntos a ela mui curiosamente lavrados, e aí lhe levantaram estátua e o adorou o povo por um dos seus fatoquis tendo-o por avogado das guerras. No que se vê claramente como é a natureza de soberba que quer sempre subir, como o disse o Espírito Santo em um salmo: *Superbia eos ascendit semper* (3). Pois vemos que este Taicosama que foi o mais soberbo homem do seu tempo, sendo um pobre soldado de baixa geração e nascido das ervas, se não contentou com o ter a fortuna (falemos assim) alevantado a ser imperador de todos os reinos de Japão, mas como outro Lúcifer aspirava ser Deus, querendo pôr a sua cadeira nas nuvens e ser semelhante ao Altíssimo, mandando que como a deus lhe levantassem templos e o adorassem.

Com a morte deste cruel tirano teve algum descanso a igreja de Japão que tão perseguida foi em todo seu tempo, porque o rei de Quanto, ainda que gentio idólatra, não se mostrava tão zeloso de sua falsa seita, antes levado de um ponto de honra tratou de enobrecer e fazer nomeado a seu reino de Quanto. E com este fundamento assentou de ter paz com os cristãos, procurando por via deles houvesse comércio e trato naquele seu reino, parecendo-lhe que com isso o faria nobre e rico e nomeado. E tendo notícia que andava em Meaco um frade escondido, que era o dito P. fr. Jerónimo, o fez
1187 buscar com grande deligência por todo ele // mandando declarar que o buscava para o mandar por seu embaixador a Manila e fazer honras e mercês, com o qual pretexto foi fácil de se descobrir. E sendo levado à sua presença lhe perguntou como se atrevera de tornar outra vez a Japão sabendo as rigorosas penas que por isso lhe estavam postas. A que o verdadeiro soldado de Cristo respondeu com muito ânimo que tornara a Japão por ver se lhe cabia tão ditosa sorte de morrer por Deus como seus irmãos. Com a qual resposta ficou el-rei mui espantado. E alguns dos que presentes estavam que eram mais

(3) *Salmo* 73.23.

de quarenta senhores [?], começaram a dizer entre si, pois por certo que não se achará em Japão bonzo que para pregar a lei de Xaca e Amida se quisesse pôr a semelhante perigo.

Dando-lhe conta da sua pretensão, lhe perguntou como poderia ter que os espanhóis fossem a sua terra. O Padre lhe respondeu que com ter paz e amizade com eles. Assim que por este modo foi ele mui favorecido do rei de Quanto que lhe fazia muitas honras e mercês, e lhe dava ração na sua casa e licença para edificar algumas igrejas em a sua terra, com a qual começou a respirar aquela afligida cristandade e estarem em melhores termos as cousas dela, de feição que no ano de 1607 tinha nossa Ordem em Japão oito ou nove igrejas e no ano de 1613 havia em diversas partes daquele reino trinta Religiosos nossos, dos quais vinte e cinco eram ministros mui doutos e graves, e os mais eram leigos que serviam os japões de médicos e cirurgiões, porque já neste tempo podiam entrar livremente em Japão Religiosos de todas as Religiões por virtude de um breve do Papa Paulo V que apareceu no ano do Senhor de 1608 que era o quarto do seu pontificado.

Mas como as cousas da nossa santa Fé nunca estão muito seguras nas terras dos infiéis, inimigos dela, veio a parar esta paz em uma cruel perseguição, e maior ainda à passada de Taicosama, que lá // dura até o presente, porque os japões se baptizavam quando 1188
mesmo (?) lhes tiravam as rendas e ofícios públicos e mais aos ministros do Evangelho indispensàvelmente lhes tiravam as vidas com muita crueldade. E assim no ano de 1622 foram queimados vivos quatro frades nossos, o P. fr. Apolinário Franco (4) grande religioso e pregador, fr. Ricando de S. Ana e fr. Pedro de Ávila, sacerdotes, e fr. Vicente, leigo (5). E no ano de 1628 foram também queimados vivos outros dois Religiosos nossos, fr. António de S. Boaventura e fr. Domingos (6). E posto que enquanto durou a maior força do rigor da perseguição se impediu a conversão dos infiéis, contudo em o ponto que abranda qualquer cousa, não cessam de se converter e baptizar inumeráveis deles. E segundo achamos escrito, desde o mês de Junho de 1625 até dez de Maio de 1628 baptizaram os nossos

---

(4) No texto está *fr. Jerónimo* Franco. Ou o copista do manuscrito ou o mesmo autor dele fr. Paulo da Trindade errou de certeza o nome.

(5) Do apostolado e martírio de fr. Apolinário Franco, fr. Ricardo de S. Ana, fr. Pedro de Ávila e fr. Vicente de S. Francisco e outros Franciscanos do mesmo tempo trata P. Lourenço Pérez nos seguintes estudos: *Martires del Japon en el año de 1623*, em AIA, 20 (1923), 333-353; *Martires del Japon en el año de 1624*, em AIA, 21 (1924), 5-27; *Apostolado y martirio del B. Luis Sotelo en el Japon*, em AIA, 22 (1924), 324-383; 23 (1925), 59-83, 145-220, 289-348; 24 (1925), 5-64, 145-185.

(6) Destes mártires e outros destes tempos trata P. Lourenço Pérez em *Héroes del cristianismo en el Japon en el siglo XVII*, em AIA, 29 (1928), 308-351, e *Los Mártires del Japon del siglo XVII*, em AIA, 29 (1928), 5-20.

Religiosos em Japão quase cinco mil cristãos, e vinte seis mil que haveria hoje em Japão, a maior parte deles foram baptizados e convertidos à Fé pelos nossos Religiosos sem temor dos estranhos e extraordinários tormentos com que muitos deles são por essa causa atormentados, fazendo o tirano altíssimas diligências polos achar. Este é o estado em que ao presente estão as cousas de Japão, regadas com o sangue de santos mártires não só da nossa Religião mas também de todas as outras que lá estão, e ainda dos mesmos naturais que com incrível ânimo e fortaleza dão a vida pela Fé que receberam. O Senhor, por quem é, se lembre de dar-lhe a paz, que só Ele a pode dar.

REMATE E UM COMO EPILOGO DE TODA ESTA OBRA DA CONQUISTA ESPIRITUAL DO ORIENTE.

CAPÍTULO 118

Como é certo que se o autor do livro de que no prólogo fizemos menção, tivera notícia das cousas que nesta nossa // história relata- **1189**
mos e de outras que por estarem quase sepultadas no esquecimento se não contam, não houvera de afirmar o que com tanta temeridade escreveu dos Frades Menores que residem nesta Índia Oriental, a saber, que não se ocupavam nela mais que em enterrar mortos e cantar missas de Requiem, como diz bem a falsidade deste dito a verdade do que aqui escrevemos. Não negamos que também nos ocupamos nestas obras, nem nos envergonhamos de as fazer, porque não são elas de qualidade que nos façam dignos de vitupério, mas antes merecedores de muito louvor. Santo era o santo velho Tobias e a esta virtude de enterrar os mortos em que se ocupava, atribuía em particular o santo anjo Rafael, quando se lhe deu a conhecer, o haver-lhe feito tantas mercês quantas em seu livro se referem: «Quando oravas com lágrimas, lhe diz, e davas sepulturas aos defuntos, eu oferecia a tua oração a Deus» (1). Rei era David e famoso por nome, ilustre por armas, excelente por virtudes; e contudo sabemos dele que [no dia] em que deu sepultura a certos mortos, mereceu alcançar para si grande nome: «*Fecit quoque sibi David nomen*, diz a divina Escritura em o segundo Livro dos Reis, capítulo 8, *cum reverteretur capta Syria in valle Salinarum, caesis decem et octo millibus* (2). E parecer é de muitos expositores deste lugar, como se pode ver no nosso Lira, que naquela guerra, depois de alcançar a vitória em que deixou mortos no campo dezoito mil dos inimigos, mandou o excelente capitão David, movido da sua natural nobreza, que sepultassem aqueles corpos mortos, e por esta obra foi de todos aclamado por varão famoso no mundo e digno de imortal nome.

---

(1) *Tob.* 12,12.
(2) *2 Reis*, 8,13

Pois se Tobias sendo santo e David sendo santo e rei, por darem sepultura aos mortos mereceram um para com Deus mercês singulares e o outro para com os homens nome imortal, como se avalia por
1190 menoscabo nosso acompanhar os defuntos e levá-los à sepultura? // Dão por certo os Frades Menores desta Índia Oriental (como também em mais partes do mundo) sepultura aos mortos e cantam missas de Requiem. Com isso está que também sabem converter reis, baptizar príncipes, trazer ao grémio da Igreja inumeráveis infiéis, pregar a Fé e autorizar a sua pregação com ilustres milagres, derramar sangue e ainda perder as próprias vidas à conta de ganhar muitas almas para Deus. Dão sepultura a mortos e cantam missas de Requiem, mas juntamente com isso souberam discorrer por todo este Oriente, levando a luz do santo Evangelho a mais de trinta reinos, sendo os primeiros soldados de Cristo que com grande glória do seu nome deram princípio a esta conquista oriental, edificando nestas partes muitas igrejas, arvorando muitas cruzes, arrasando muitos pagodes destruindo idolatrias, e finalmente acrescentado três reinos à coroa de Portugal. E querer pôr em silêncio todas estas grandezas e excelencias, e fazer só menção do que nos olhos da carne menos ilustra e menos vale, é imitar o ânimo malévolo do pérfido rei de Balac que, por que Balaão se movesse a amaldiçoar o exército de Israel, o levou a certa paragem onde não pudesse ver o arraial todo mas parte dele e esta a menos lustrosa (3).

A Deus graças que houve por bem que não faltasse a esta Província de S. Tomé o que com liberal mão tem dado a todas as Províncias da Ordem, enchendo-a de excelentes varões, uns por letras, outros por virtude e milagres e outros em dignidades eclesiásticas. E se o doutor da Igreja S. Jerónimo em a Epístola 43 chama ao ventre da mãe dos santos mancebos Eusébio e Cromácio ventre de ouro por ter produzido estes dous Santos, cujo ventre, diz, *aureus dici potest quia talis vos genuit*, também diremos o é o ventre desta
1191 santa Província, pois gerou // não dous mas muitos mártires que pela pregação da Fé deram a vida, muitos pregadores que pregando aos infiéis converteram muitos deles e os baptizaram, muitos confessores ilustres em a vida e em milagres, muitos bispos e inquisidores, por certo que com muita razão podemos chamar ao tal ventre, ventre de ouro, *cujus venter aureus dici potest*. E ainda podemos dizer deste ventre o que do ventre da esposa santa disse o divino esposo nos Cantares onde diz que é de marfim, adornado de pedras preciosas: *venter eius eburneus distinctus sapphiris* (4). Ou como lêem os hebreus: *Cingulus medius in quo sunt similitudines stelarum*, o cinto do meio, isto é, o zodiaco do céu o cinge pelo meio e está cheio de semelhança de estrelas», o que são os doze signos celestiais.

---

(3) *Num.* 23,13.
(4) *Cânt. dos Cânt.* 5,14.

E por esta causa é esta santa Província tão cheia de tantos e tão semelhantes filhos que são um precioso vaso de marfim adornado de formosas safiras. É um celestial zodíaco esmaltado de muitas e de formosas estrelas. E assim com razão lhe foi sempre dado, ainda em tempo que era Custódia, o nome de santa, sendo por essa conhecida e estimada de todos, como se viu no muito respeito e particular devoção que sempre lhe tiveram os mais dos vizo-reis da Índia, muitos dos quais [se distinguiam] tanto nesta devoção que lhe tiveram, quanto deles temos dito quando deles tratámos. Não sendo menos o favor que sempre nos fizeram e farão os reis de Portugal, como consta das mesmas suas cartas que aos prelados escreveram, das quais se conservam ainda muitas no cartório deste convento de S. Francisco de Goa. Não ficam de fora do contento os Romanos Pontífices que, conhecendo bem os quilates dos serviços que estes seus humildes filhos lhes fazem neste Oriente no particular da conversão das almas, nos honraram com muito privilégios apostólicos que no mesmo lugar se guardam. E posto que não nos faltaram émulos que com danadas [?] trataram de nos [?] e desacreditar com falsas informações, e // **1192**
trabalharam por nos infamar, contudo nunca nos faltou o favor do céu, permitindo como se aclarasse a verdade e se tirasse a limpo nossa honra. Nem por o casto José ser santo, faltaram muitos que lhe tocaram na honra alevantando-lhe aleives em que não pouco o exasperaram, ou, como tem a letra hebreia, encheram seu coração de amargura, *amaricaverunt eum;* mas como teve sempre sua confiança em Deus, que isso quer dizer *sedet in forti arcus eius,* mereceu alcançar dele livrá-lo, com muita glória sua, de semelhantes calúnias, *et disoluta sunt vincula brachiorum et manuum illius per manus potentis Jacob.*

Não por poucas vezes se viu esta santa Província exasperada e cheia de amargura por os que antepondo ao temor de Deus seu próprio interesse e pretensão, levaram (?) dela a Portugal muitos aleives e falsidades, caluniando aleivosamente os ministros da cristandade que cá temos, impondo-lhes cousas que iam mui fora da verdade; mas sempre foi ajudada da verdade de Deus em que tinha posta toda a sua confiança E quando esperavam os émulos alcançar os fins dos seus desejos à custa de nossa honra, então se viram mais desenganados de o poderem alcançar, podendo mais com o peito real de Sua Majestade a opinião e crédito que sempre teve dos filhos desta santa Província, que as sinistras informações de seus adversários. Que enfim não debalde estavam no frontespício do templo de Deus coroas de ouro e escudos, *ornaverunt faciem templi coronis aureis et scutulis* (5), mostrando esse Senhor clementíssimo e poderosíssimo que, para os que o servem em a sua casa que é a Religião, não só tem

---

(5) *1 Macb.* 4,57.

coroas de ouro com que agalardoar seus serviços, mas escudos de aço com que defendê-los dos seus perigos. Assim o experimentamos sempre neste Oriente onde tivemos a Deus com coroa numa mão e
1193 em a outra escudos, // já enchendo-nos de seus favores, já defendendo-nos em nossos trabalhos. A Ele sejam dados louvores, pois d'Ele como de fonte nos nascem todos os bens.

Tudo quanto digo nesta obra da Conquista Espiritual do Oriente sujeito à censura da Santa Igreja Romana que é coluna da verdade ([6]).

Fr. Paulo da Trindade

Ego infrascriptus fidem facio et attestor presens transumptum Históriæ Patris fratris Pauli a SS.ma Trinitate cui titulus est *Conquista Espirtual de las Indas Orientales, etc.* in tres partes seu libros distributæ, quarum prima pars continet capitula septuaginta duo, pars secunda octoginta novem capitula et tertia pars centum et octodecim capita, de mandato Reverendissimi Ministri Generalis Patris nostri fratris Joseph Ximenez Samaniego scriptum et absolutum in hoc conventu Sancti Francisci Matritensi hodie die vigesima quinta mensis Martii, an. 1679, fideliter et de verbo ad verbum concordare cum suo originali in hoc archivio generali Ordinis asservato, salvo semper etc. In cuius veritatis testimonium, etc., mense et anno supradictis.

Fr. Marcus Brunus, Archivista Generalis Ordinis

([6]) À margem: 1638.

POSFÁCIO

As notas com que se procurou ilustrar o texto da Conquista Espiritual do Oriente *de Fr. Paulo da Trindade, foram compostas em 1960 e entregues para a tipografia em 1961. Os anos que sobre elas passaram, desactualizaram-nas em muitos pontos.*

Por um lado animava-as uma alegria que em grande parte se esvaeceu. Ao tempo da sua redacção, os territórios portugueses do Oriente formavam um estado independente do estado que se chama a Índia. E terra cristã que era, sem os emperramentos ocasionados pelas dependências políticas ou administrativas, mantinha-nos na esperança de que continuaria a ser, no coração da Índia, um foco intensíssimo de irradiação cristã. Tudo fazia crer que a circunstância da sua posição a tranformara numa missão de grandeza e esplendor como nenhuma outra o cristianismo até hoje montara.

Absorvida entretanto pelo colosso que é o estado da Índia, nele de facto dissolvido ou a dissolver-se, sem a liberdade de actuação de que dispunha, essa alegre esperança que enchia tantas das notas então feitas, amorrinhou para não dizer que morreu. O valor cristão dos territórios da Índia portuguesa diminuiu imenso, e se as circunstâncias políticas não ajudarem, pode dizer-se que entrou num período de extinção. Uma perda enorme para a cristandade. E uma tristeza para quem considera o cristianismo a doutrina sobremaneira criadora de coragem para a humanidade se meter aos caminhos certos da vera felicidade. Afrouxada assim a animação que recheava as notas feitas ao texto, hoje soam um tanto a oco algumas delas.

Por outro lado apareceram entretanto algumas publicações que de tal modo esclareceram certos factos que bem se pode dizer que corrigiram em parte afirmações que nas ditas notas se fizeram. Duas dessas

publicações fomos nós mesmo que as fizemos: A Custódia de S. Francisco de Malaca, sua fundação, *e* Os Franciscanos no Oriente Português de 1584 a 1590. *Pudéramos nas provas tipográficas ter feito as precisas correcções. Não o fizemos por motivo do respeito que nos merece o trabalho das tipografias, ou só excepcionalmente fizemos qualquer pequeno retoque. Sempre nos pareceu que seria intolerável substituir, em provas, um texto por outro diferente do já apresentado, embora numa apresentação que datasse de há seis anos, como no caso. Coibidos, assim, de agir por tal respeito, não ficaríamos bem connosco se não advertíssemos que algumas das notas, também por velhas, estão desactualizadas.*

F. FÉLIX LOPES

GLOSSÁRIO

ADIGAR. «Aquele que possui autoridade, administrador, director» (Dalgado, 1, 11).

AGRA. Mina de pedras preciosas.

ALCARIA. Vila.

AMANÃO. «Medida de capacidade em Ceilão, correspondente a seis alqueires», (Dalgado, 1, 29).

ARACHE. «Capitão do exército indígena de Ceilão» (Dalgado, 1, 50).

ARECA. Fruto usado na confecção do masticório chamado bétele.

BABA. «Tesoureiro ou arrecadador das rendas públicas de aldeia ou comarca, em Ceilão» (Dalgado, 2, 460).

BADAGÁS. «Antigo nome do povo de Bisnaga» (Dalgado, 1, 76).

BAILEU. «Tribuna, alpendre, varanda, eirado de vista, sala de banquetes públicos» (Dalgado, 2, 461).

BALALA. «Indivíduo da casta agrícola na Índia meridional e Ceilão» (Dalgado, 1, 84).

BANEÁ. O mesmo que «vandá» que Dalgado (2, 403) define: Rico-homem ou duque em Ceilão; actualmente o principal funcionário indígena duma divisão da Província Oriental».

BANTIM. «Embarcação mercante de dois mastros» (Dalgado, 1, 97).

BARE. Peso oriental de valor variável, conforme os lugares.

BICO. «Religioso budista que vive de esmolas» (Dalgado, 1, 126-127).

BRÂMANE. «Indivíduo da casta sacerdotal hindu» (Dalgado, 1144).

CAREÁS, CAROÁS. «Casta de pescadores de Choromândel e de Ceilão, secção dos paravás, os quais são também bons mergulhadores» (Dalgado, 1, 216). Pescadores e mergulhadores na colheita do aljófar.

CAPUA.

CANACÁPOLE. «Escrivão, contador, gerente, administrador, no sul da Índia» Catequista. (Dalgado, 1194).

CHALIÁ. Casta de indivíduos de Ceilão que se ocupam em preparar a canela ou transportar palanquins.

CHAMPANA. Penquena embarcação da Malásia, China e parte da Índia.

CHINGALÁ. Natural de Ceilão, o que hoje dizemos singalês.

CHANDEÁ. Chandeu e chandehó define Dalgado (1, 258), «feira, arraial, na China», e aduz como autoridade Fernão Mendes Pinto que emprega a palavra para significar feira que se faz «nos dias dos seus pagodes».

CHATIM. Mercador ou comerciante da Índia meridional.

CHUNAMBO. Cal obtida pela calcinação das conchas de mariscos» (Dalgado, 1, 28).

CORJA. Vintena de objectos da mesma natureza. Enfiada de vinte pedras preciosas.

CORLA. Subdivisão do distrito administrativo, em Ceilão.

CRIS. Punhal malaio de dois a três palmos de comprido, de dois gumes e lâmina ondulada.

CULE. CÚLI. Operário, jornaleiro, portador de palanquim.

DISSAVA. Província ou distrito administrativo, em Ceilão. O governador da província ou distrito.

DURIÕES. São frutos «da feyção d'alcachofras e do tamanho de grandes cidras, e de tão singular sabor que diz a gente que naquelle pomo pecou Adão» (Castanheda, **História**, 2, c. 112.)

FOTOQUI ou **FOTOQUE.** «Nome genérico das divindades adoradas pelos budistas japoneses, as quais eram todas originàriamente homens» (Dalgado, 1, 405).

GUINDE. «Jarro para água, gomil», e também «bacia de lavar a cara» (Dalgado, 1, 448).

GURU. «Sacerdote hindu, preceptor espiritual» (Dalgado, 1, 452).

JADECA ou **JADESSA.** O que Dalgado (1, 474) diz «jadaca» e «jedaca», «religioso mendicante, mas não budista, em Ceilão».

JANGATARES. É o que Dalgado (1,259) chama «changatá, changatar, sangatar», o «presidente da assembleia dos budistas; prelado».

LARIM. Moeda de prata com quase cinco gramas, que corria no Golfo Pérsico e Índia Ocidental e valia entre 60 e 100 réis. «Os portugueses chamavam-lhe por vezes «tanga larim» (Dalgado, 1, 513).

LASCARES. Mestres ou pilotos de navios; tripulação de uma armada; senhores e governadores de cidades.

LASCARIM. Soldado indígena na Índia e Ceilão.

MANCHUA. «Embarcação malabárica de um mastro e vela quadrada; galeota. Havia também manchuas de luxo» (Dalgado, 2, 19). O nome passou mais para Oriente a significar outras espécies de barcos.

MANGELIM. Pequeno peso de joalheiro, usado de modo particular para pesar diamantes.

MOCADÃO. «Arraias ou patrão, chefe da tripulação; capataz; mordomo; caseiro; administrador de palmar» (Dalgado, 2, 58).

MODELIAR. Chefe ou capitão indígena de Ceilão.

MUTRA. Selo, sinete, firma.

NAIQUE. Capitão ou chefe dos soldados de infanteria; mas no Choromândel é o título de senhores com senhorios ou reis subordinados.

PALANQUIM. Andor ou machila para transporte de pessoas, carreada por homens.

PANICAL. «Mestre de esgrima e ginástica militar, e de instrução primária» (Dalgado, 1, 161).

PARÓ ou **PARAU.** Pequena embarcação quer de guerra quer de mercadoria.

RAJO ou **RAJA.** Rei, régulo.

RAMADA. «Barraca de olas ou de panos» (Dalgado, 2, 246); tenda.

SANGUICE ou **SANGUICEL.** «Pequena e ligeira embarcação de guerra» (Dalgado, 2, 248), usada por indígenas e portugueses.

SANGANE.

SUMBAIA ou **ZUMBAIA.** Saudação de profundo respeito ou homenagem.

TALAPOI. Religioso budista da Indochina.

TALEAR. Maioral ou chefe de aldeia; guarda de aldeia.

TONE ou **TONA.** «Pequeno barco fluvial ou costeiro de um mastro e de remo, na Índia meridional» (Dalgado, 2, 378).

TOPAZ. O que, na Índia, pretendia descender de português, trajava à portuguesa e professava o catolicismo. Cristão indígena.

VIDANA. Em Ceilão, regedor de aldeia, chefe, capataz.

XERAFIM. Moeda antiga, de oiro e depois também de prata, com o valor de cinco tangas ou trezentos réis. Depois o seu valor variou, e houve também xerafins de cobre.

ÍNDICE ANALÍTICO

Os antropónimos são alfabetos pelos sobrenomes ou apelidos, menos os dos reis, papas, santos canonizados e religiosos que adoptaram como apelido nome de Santos e de Mistérios cristãos ou das terras da sua naturalidade, pois estes tais vão alfabetados pelos nomes próprios, menos também os dos homens célebres ou celebrizados que vão alfabetados pelos nomes por que são geralmente conhecidos.

Os números indicam sempre a página deste livro; e, quando em itálico, são de referência às notas da dita página.

ABIAGÃO, alevantado em Ceilão, 117.

ABREU (Pero de), 424.

ABREU (Simão de), síndico dos Franciscanos, 253-254.

ABREU LIMA (Gaspar de), 343.

ACHÉM, reino da Samatra: — Guerras com os portugueses, 406-408, 413-426, 439, 486. — Galé tomada ao Achém, sua perda, 123.

ACHUTA RAI ou ACHIUTARAJA, rei de Bisnaga, 278, 279, *283*.

ADEN, 328.

AFONSECA (Bernardino de), prior de Columbo, 64-65, *66*.

AGAÇAIM, reitoria no território de Baçaim, *312*.

AGOSTINHO DE TORDESILHAS (Fr.), franciscano da Província de S. Gregório das Filipinas que foi com outros confrades à China e Sião, *376-377*, *378*, 438, 511-515.

AGOSTINHOS: — Em Columbo, 14, 132, 144. — Em Negapatão, 318. — Em Malaca, 402. — Em Sião, 451. — Em Macau, 509.

AINÃO, pescaria de pérolas, 321.

ALBERTO (Cardeal), governador de Portugal, *130*.

ALBUQUERQUE (Afonso de), governador da Índia, 13, 286, *287*, 374, 506.

ALBUQUERQUE (Fernão de), governador da Índia, 212; capitão de Malaca, *438*, 439, 440.

ALBUQUERQUE (Jorge de), capitão geral de Ceilão, *16*.

ALBUQUERQUE (Matias de), vice-rei da Índia, 50, 72, 95, 185, 202.

ALICÃO ou LICÃO, reitoria de Ceilão, *36*, *41*, *42*, *133*, *134*, 141, 165, 171.

ALIPITE, reitoria na ilha de Tanadiva, 191, 246.

ALMEIDA (D. Francisco de), vice-rei da Índia, 12, 278, 284-285, *291*.

ALMEIDA (Jorge de), capitão geral de Ceilão, *16*, 123.

ALMEIDA (D. Lourenço de), foi encontrar Ceilão, 12, 13.

ÁLVARES (Francisco), ouvidor em Cota.

ÁLVARES BOTELHO (Nuno), capitão dos galeões no cerco de Malaca, *123*, 417-426.

ÁLVARES PEREIRA (Nuno): — capitão geral de Ceilão, *16*, *35*, *77*, 119. — capitão da armada de socorro a Malaca, 406-407, 412-413. — governador da Índia, 424.

ÁLVARES DA SILVA (Henrique), capitão morto em Cândia, 104.

ÁLVARO DA PURIFICAÇÃO (Fr.), franciscano em Ceilão, 156.

AMBOÍNO, nas Molucas, *484*; aí esteve S. Francisco Xavier, *490*; missão franciscana aí, 486.

AMBRÓSIO (Fr.), *390*.

AMEIXOEIRA (Pedro de), português morador em Ceilão, 155.

ANA, mãe do modeliar Bique Narcinga, 61.

ANA DE CRISTO, abadessa do mosteiro de S. Clara de Manila, 524.

ANCHEU, cidade da China, 514.

ANDRÉ DOS ANJOS (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca: — missionário em Champá, 483, em Solor, 483-484, na Cochinchina, 497. — custódio de Malaca, *391*, 470.

ANDRÉ DO ESPÍRITO SANTO (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário no Sião, *427*, *431*, 440-464, nas Molucas, 484-485.

ANDRÉ DA ÍNSULA ou DA ÍNSUA (Fr.), ministro geral da Ordem Franciscana, *26*, 488, 489-490, *491*.

ANDRÉ LÁZARO (Fr.), franciscano e engenheiro, 406-407, 414, 415.

ANDRÉ DE OVIEDO, jesuita, patriarca da Abissínia, 514.

ANDRÉ DE S. MARIA (Dr. Fr.), franciscano, bispo de Cochim: — Promotor do culto de S. Tomé e trabalhos no seu túmulo, 292, 299-306. — Promotor da ida dos Jesuitas para a missão de Ceilão, *131*, *134*. — Procurador do rei de Cota, 45. — Vária, *189*, 191, 260, 261.

ANDRÉ DE S. MARIA (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca: — Em Malaca, *390*, 414, *391*; em Sião, 464. — Custódio de Malaca, 370-371, *391*.

ANDRÉ DE S. ANTÓNIO (Fr.), franciscano das Filipinas, mandado ao Japão, 539.

ANDRÉ DE S. JOSÉ (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, missionário no Jafanapatão, *186*, 187.

ANGAMA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 139.

ÂNGELO (Fr.), franciscano missionário em Cândia, 56.

ANGEDIVA, ilha próxima de Goa, *285*.

ANDUGÃO, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 146.

ANNACUTI, escultor de Jafanapatão, 249-252.

ANTÓNIA (D.), rainha de Jafanapatão, 240.

ANTÓNIA (D.), princesa das Sete Corlas, 60.

ANTÓNIO (D.), rei cristão das Sete Corlas, 61.

ANTÓNIO (D.), cristão indígena de Chitiveli, 196-197.

ANTÓNIO (Esquipano), jesuita prisioneiro em Cândia, 96, *97*.

ANTÓNIO DE BARCELOS, assassino do rei Bonegabago, 37.

ANTÓNIO DO CASAL (Fr.), franciscano custódio da Custódia de S. Tomé, *35*, *36*, 308.

ANTÓNIO DE CÓRDOVA (Fr.), franciscano jurista, 52.

ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO (Fr.), franciscano comissário em Malaca, 419.

ANTÓNIO DO LOURO (Fr.), Comissário dos franciscanos na Índia, *308*.

ANTÓNIO DA MADALENA (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Camboja e no Sião, *390*, *438*, 464, *466*, 476.

ANTÓNIO DA MADRE DE DEUS (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, leitor de Teologia: — guardião de Cananor, 185. — visitador da Custódia de Malaca e promotor das festividades aos Mártires do Japão, 555-556, 559.

ANTÓNIO DOS MÁRTIRES (Fr.), franciscano professo em Macau entre os frades vindos das Filipinas, *377*, 382, *390*, 519.

ANTÓNIO DE NOSSA SENHORA (Fr.), franciscano refém em Ceilão, 233.

ANTÓNIO PADRÃO (Fr.), franciscano, suas actividades em Ceilão e S. Tomé, *25*, *40*, *64*, *65*, 307-308, 324.

ANTÓNIO DA PIEDADE (Fr.), franciscano cronista da Província da Arrábida, *385*, *414*, *438*, *439*, *440*, *464*, *466*, *476*, *479*, *482*.

ANTÓNIO DA PIEDADE (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Camboja, 468, 469.

ANTÓNIO DA PORCIÚNCULA (Fr.), franciscano custódio da Custódia de S. Tomé, 263-264.

ANTÓNIO DOS REIS, franciscano da Custódia de Malaca, *390*, *521*: — missionário em Macaçar, 492. — custódio da sua Custódia *391*, *484*.

ANTÓNIO DE S. ANA (Fr.), franciscano das Filipinas em Malaca, 485.

ANTÓNIO DE S. MARIA (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, missionário em Mantota, 195.

ANTÓNIO DE S. MARIA (Fr.), franciscano das Filipinas, *390*.

ANTÓNIO DE S. BERNARDINO (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, missionário em Jafanapatão, 190, *211*, 241, 247.

ANTÓNIO DE S. BOAVENTURA (Fr.), mártir no Japão, 565.

ANTÓNIO DE S. FILIPE (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, missionário em Jafanapatão, 220.

ANTÓNIO DE S. JOÃO (Fr.), franciscano, *390*.

ANTÓNIO DE S. JORGE (Fr.), custódio e provincial da Custódia e Província da Madre de Deus da Índia, 309, 546.

ANTÓNIO DE S. TIAGO (Fr.), franciscano, missionário em Ceilão, *78*.

ANTÓNIO DE S. TOMÉ (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, que pregava em Ceilão na língua da terra, 170.

ANTÓNIO DE VILLANUEVA, *377*.

APER RAGERA CHEGARA PANDARA, rei posto pelos portugueses em Jafanapatão, *175*, 186.

APOLINÁRIO FRANCO (Fr.), franciscano das Filipinas mártir no Japão, 565.

ARÁBIA, 271, 295, 321, 373.

ARCA GUERARI PANDARA, irmão do rei de Jafanapatão e tutor do príncipe, 207-208.

ARIPO, reitoria dos franciscanos em Mantota, 159, 161, 194.

ARRACÃO, país missionado pelos franciscanos, *80*, *331*-332, 335, 336-339, 342-343, 345, 346, 359.

ARRAIAL dos portugueses em Ceilão com reitoria dos franciscanos, 146.

ARU, reino da Samatra missionado pelos franciscanos, 486.

ATAIDE (Gabriel), capitão em S. Tomé, 304.

ATAIDE INFERNO (Pedro de), capitão de Columbo, *15*, 54, *55*.

ATALETOTA, presídio em Ceilão com reitor franciscano, *41*.

AVA, reino na Ásia, 327, *345*.

AZEVEDO (D. Jerónimo de), capitão geral da conquista de Ceilão, 15, *16*, 20, 50, 77-78, 82-84, 96-98, 101, 104-106, *132*, *134*, 135, 262.

AZEVEDO (Luís de), 343.

BAÇAIM, cidade do território de Cambaia: — guardião do convento franciscano de S. António, *97*, 260, 413. — Pátria de S. Gonçalo Garcia, mártir do Japão, 542, 559; de Fr. Gaspar dos Reis, 104. — Vária, 44, 62, 310.

BADUR, sultão de Cambaia, 327.

BAIÃO (António), historiador português, *45*, *72*.

BALAGATE, 287.

BALANA ou VALANE, reitoria dos franciscanos no Jafanapatão, 246.

BALANÊ, presídio português sobre as terras de Cândia, 11, 68, 82-83, 107, 129, 130.

BAMBARANDA, vid. BOHOUBARANDA.

BANHA (Fr. Manuel), franciscano da Província da Madre de Deus nas guerras de Cândia, 130.

BANQUOC, rio do Sião, 447.

BAPTISMOS GERAIS, em Ceilão, 168-172.

BARBOSA (Francisco), capitão-mor do campo prisioneiro em Cândia, 118.

BARBOSA Machado (Diogo), bibliógrafo português, *130*, *169*.

BARBOSA PINHEIRO (António), historiador de Ceilão, *4*.

BARBUDO (Duarte), sua ida a Ceilão, *34*, *35*.

BARCELOR, cidade e senhorio no Canará, 123, 124.

BARCUNDA, reino na Ásia, 327.

BARDÊS, no território de Goa, 44, 161, 242, 370. — Colégio dos Reis Magos, 51, 75, 234, 236.

BARRETO (António), arrenegado de Cândia, 78.

BARRETO (Francisco), governador da Índia, 18, *40*, 93.

BARRETO (Francisco), nome cristão do camareiro-mor do rei de Cota, 93.

BARRETO (Manuel), sua ida a Malaca, 406.

BARRETO DA SILVA (Manuel), capitão de Manar, 204-205.

BARROS (João de), historiador, 4, *9*, *10*, *13*, *14*, *285*, *288*, *290*, *291*, *327*, 346, *372*, *374*, *427*, *478*, *484*, 492, *503*.

BARTOLOMEU DA PIEDADE, franciscano da Custódia de S. Tomé, natural de Lisboa, reitor de Alicão em Ceilão, 171, *386*.

BARZEU, jesuita, *290*.

BATECALOU, porto e fortaleza em Ceilão, 5, *9*, *65*, *80*, 109, 118-121, 194.

BATEGEDRA, presídio com igreja em Ceilão, *41*.

BATOCHINA DO MORO ou Gilolo, na Indonésia, *484*.

BEATRIZ, rainha das Sete Corlas, 60.

BEDAS ou BERAS (terra dos), territórios em Ceilão, 9, 60-61, 68.

BELARMINO (Cardeal), traduzido em tamil, 248.

BELCHIOR DE LISBOA, custódio da Custódia de S. Tomé, morto em Jafanapatão, 43, 56, 176-182, 184, 266.

BELIGÃO, reitoria em Ceilão, *39*, 90, 110, 115, 134, 138, 171.

BELITOTE ou Vilitota, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 110.

BENGALA, reino da Índia: — Descrição, 327-330. — Assistência dos Franciscanos aí, *80*, 331-333. — Vária, 255, 288, 336, 407.

BENIGNO DE GÉNOVA (Fr.), ministro geral dos Franciscanos, 309.

BERBERIM ou BARBARIM, cristandade de Ceilão, *36, 39, 42,* 90, *133.*

BERNARDINO DE JESUS (Fr.), português professo em Macau entre os franciscanos das Filipinas, 519, *521.*

BERNARDINO DE MARVÃO (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Macáçar, *389,* 492.

BERNARDO DE S. MARIA (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, em Ceilão, 129.

BETAL, reitoria dos franciscanos em Ceilão, *134,* 136.

BETANCOR (Francisco), arache modeliar de Jafanapatão, 240.

BETANCOR (Fr. Pedro de), franciscano da Custódia de S. Tomé missionário em Mantota e Jafanapatão, *187,* 188-189, 192-193, 194-197, *231,* 241, 260-263, 251.

BETANCOR (D. Pedro de), o modeliar branco, de Jafanapatão, 193, 231, 240, 262.

BERMUDES (Fr. Diogo), dominicano na Índia, *40.*

BERNARDO DA CONCEIÇÃO (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, morto em Negumbo, 106.

BERNARDO DA CRUZ (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, refém em Cândia, 79.

BIERMANN (Benno M.), historiador, *465, 468.*

BINTÃO, 373, 404.

BIQUE NARCINGA, vid. DOMINGOS CORREIA.

BIRBIRI, aldeia no território de Alicão em Ceilão, 171.

BISNAGA, reino e cidade da Índia: — Descrição, 270-283, 292, 294-297. Embaixadas aos portugueses, 284-287. — Tomada da cidade, 280, 301. — Vária 175, 301, 310, 317, 327, 427.

BOAVENTURA DE CALTAGIRONE (Fr.), ministro geral dos Franciscanos, 391.

BOAVENTURA DE LISBOA (Fr.), português professo em Macau entre os franciscanos das Filipinas, *377,* 519.

BOAVENTURA DOS REIS (Fr.), franciscano de Achém, 414.

BOAVENTURA DE S. FRANCISCO (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, morto em Balanê, *106,* 107.

BOLAMBOÃO ou BOLUMBOÃO, reino na ilha de Java, missionado pelos Franciscanos, 79, 487, 479-481.

BOHOUBARANDA ou BAMBARANDA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 137.

BOMBAIM, reitoria franciscana no território de Baçaim, 106.

BONAVOLANA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 144.

BONEGABAGO ou BHUVANECA BAHU, rei de Cota, que pediu missionários para o seu reino, 8, 22-24, 24-37, *38,* 59, *64-65,* 67, *177, 181.*

BONIFER (Fr. Pedro), franciscano francês, missionário na Índia portuguesa, 362-366.

BORNAGOLATE, rei dos careás, 219, 221.

BORNEO, ilha do Pacífico, missionada pelos franciscanos, 486.

BOTELHO (Jerónimo), em Jafanapatão e Malaca, 215, 406.

BOTO (António), no cerco de Malaca, 412.

BOXER (C. R.), historiador, *184.*

BRAMÁ, reino que conquistou o Pegu, 344-345, 347, 436, 447.

BRÁS DA MADRE DE DEUS (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, *390.*

BRASIL, lenda da passagem por ali de S. Tomé, 502.

BREMALINA, reino na Ásia, 327.

BRIQUE E NAGINGE ou BIQUE NARCINGA ou D. Francisco Correia, modeliar de Ceitavaca, 61.

BRITO (D. Luís de), bispo de Meliapor, governador da Índia, 417, 424.

BRITO DE CASTRO (Simão de), capitão de Columbo, *15*, 55, 69, 71.

BRITO NICOTE (Filipe de), *332*, *340*, *345*.

BUDA ou BUDÃO, 10; o dente dele, 177, 181-183.

BULLARIUM PATRONATUS, *39*, *45*, *160*.

BUNGO, reino do Japão, 532.

BRUNO (Fr. Marcos), secretário geral da Ordem Franciscana, 571.

BUTUANO, reino, 489.

CABO DA BOA ESPERANÇA, 244.

CABO RACHADO, junto de Malaca, 409.

CABRAL (Jorge), governador da Índia, 293.

CABRAL (Luís), dissava no Jafanapatão, 212.

CACHAI, reitoria dos franciscanos no Jafanapatão, 245.

CAIMEL, reitoria dos franciscanos em Ceilão, *41*, 106, *134*.

CAIS DOS ELEFANTES ou S. JOÃO BAPTISTA, reitoria franciscana na ilha Tanadiva frente a Jafanapatão, 187, 190, 191-193, 209, 214, 215, 246, 255, 261-262.

CALAMINA, nome antigo da cidade de Meliapor, 288.

CALANE: — Paço do rei de Cota, *37*. — Reitoria dos franciscanos *41*, *134*, 135, 136, 166. — Pagodes, 48. — Baptismo geral, 171. — Vária, 156.

CALATURÊ ou CALITURÊ: — Fortaleza portuguesa, 111, 142. — Reitorias das Chagas de S. Francisco de N. Senhora da Saúde, *39*, *41*, 90, *134*, 142.

CALECOULÃO, 134, *175*.

CALECUTE, 285, 322.

CALEPETI, 403.

CÂMARA (Manuel da), capitão-mor da armada do Cabo de Comorim, 126.

CÂMARA NORONHA (Baltasar da), capitão geral de Jafanapatão, 265.

CAMAREIRO-MOR de Darmapala, *60*.

CAMBACO ou COMBACO ou TAICOSAMA do Japão, 557.

CAMBOJA, reino da Ásia: — Situação 465. — Reis e guerras, 436, 437, 438, 444, 472-477. — Embaixada a Malaca e Manila, *467*. — Missão dominicana, *465*, 475. — Missão franciscana, 451, 465-477.

CAMISINO, rei cristão no Mindanau, 489.

CANANOR, 185, 284-285, 364.

CÂNDIA, reino em Ceilão: — Seus reis, 63-85, *110*, 119. — Guerras com portugueses, 72, 77, 82-85, 94-98, 104-126. — Alianças com Jafanapatão, 204, 233. — Doação do reino a Portugal, 70. — Tentativas de missionação, *33*, *35*, *36*, 64-72. — No tempo de Pedro Lopes de Sousa, 56, 95-103; de D. Jerónimo de Azevedo e Constantino de Sá, 56, 104-107, 108-126, 129-131. — Reis baptizados, 63-76. — Religiosos reféns e prisioneiros, 77-81, 99-103, 114, 120, 169. — Reitoria, 146. — Referências, 6, 8, 9, 11, 18, *25*, 50, 261.

CANJEVARÃO, grande pagode no reino de Bisnaga, 272.

CANTÃO, cidade da China, 507-518. — Ida aí de franciscanos, 510-517.

CAPÍTULOS CUSTODIAIS, 261, 268, *310*, 311, 314, 325.

CARAGAMA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 145.

CAPAPATÃO, combate naval em, 84-85.

CARDIVA, ilha adjacente a Ceilão, 185, 209, 255.

CARDOSO DE PINA (João), capitão de Maturê, 147.

CAREÁS, 61-62, 159, 161, 177, 211, 209, 219, 221, 241.

CARNEIRO (Melchior Miguel), bispo coadjutor do patriarca da Etiópia e governador eclesiástico da China e Japão, *495*, *514*.

CARVALHO (Álvaro de), capitão-mor da armada de Malaca, 406, 407, 410.

CARVALHO (Domingos de), dissava do Maturê, 85, 118.

CARVALHO (Fernão de), capitão de Columbo, *15*, *39*.

CARVALHO (Manuel de), morador em Manar, 254.

CASTRO (D. Álvaro de), *64*.

CASTRO (Francisco de), 498.

CASTRO (D. João de), *34*, *35*, *36*, 37, 64, 177.

CASTRO (Martim Afonso de), vice-rei da Índia, 405-415.

CATAMUÇÁ, capitão mouro de armada, 84, *184*-185.

CATARINA (D.), rainha de Portugal, 18, 24, 43, *137*, *297*.

CATARINA (D.), rainha de Cândia, *63-64*, 95-97, 99, 72.

CATARINA (D.), rainha dos Beres, 61.

CATARINA (D.), rainha de Ceitavaca, 61.

CATARINA, filha do modeliar grande Brique Narcinga, 61.

CATARINA (D.), filha do rei de Jafanapatão, 240.

CATAXAVA RAI ou SADAXIVA, rei de Bisnaga, 279, 280, *283*, 292.

CATECURANDA, aldeia de Ceilão, 152.

CATEVELI, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 246.

CEILÃO, ilha e reinos e missões, 3-269.

CEITAVACA, reino de Ceilão, reis e guerras, 8, *9*, 16, 23, 25, *35*, 61, 69, 71-72, 84, 92-93, *95*, 99, *133*, *134*. — Missões e igreja: *41*, 54, 61, 73-76.

CHAMBÁ PERIMAL, rei de Jafanapatão, 174.

CHACOMAS, 336.

CHAMPÁ, reino da Ásia e missão franciscana, 373, 483.

CHANGALI, rei de Jafanapatão, o mesmo que CHINGALI.

CHANOCA (Fr. Duarte), franciscano da Custódia de S. Tomé, missionário em Ceilão, *55*, 56, 60, *61*, 72, *267*.

CHARAVANE, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 191.

CHARDRIGUIR, capital da Bisnaga, 301.

CHATIGÃO, rio, 327, 336.

CHAUL, cidade da Índia, 78, 84, 172, 224, 314, *414*, *559*.

CHAVAQUEIRA, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 221-222, 245, 264.

CHELOMBARÃO, pagode da Bisnaga, 273.

CHENI, naique de Tanjaor, 219.

CHICA RAU, rei de Bisnaga, 281-282.

CHILAU, 9, 309, 317.

CHINA, império na Ásia: — Descrição e relações com outros países, 346, 373, *376-379*, 414, 426, 427, 434, 437, 498-501. — Feitorias portuguesas, 506-509, 406.— Missões franciscanas e convento, 439, 464, 510-515, 576-577. — Cristandades antigas, 503-505.

CHINCEU, feitoria na China, 508.

CHINGALI, rei de Jafanapatão, 79, *175*, *188*-189, 207-213, 214, 230, 231-232, 237, 263.

CHITAVELI, reitoria dos franciscanos em Mantota, 194, 196-197.

CHOAMPÁ, reino confinante com Sião, 428.

CHOROMÂNDEL, costa oriental da Índia, 288, 291, 317, 504.

CHUDOCOLIM, reitoria dos franciscanos no Jafanapatão, 246.

CHUNAPITI, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 144.

CILABALÃO, pagode de Bisnaga, 199.

CIVEZZA (Marcelino da), historiador franciscano, *169, 484.*

CLARA (D.), rainha de Jafanapatão, 233-234, 237, 240, 247.

CLÁUDIO, imperador romano, 11.

CLEMENTE VIII, papa, 534.

COCHIM, *35, 36, 42,* 44, 50, *59,* 88, 95, *111,* 114, 115, 117, 124, 125-126, 127, *131, 133,* 158-162, 178, 191, 198, 228-230, 242, 264, 269, 302, 304, 306, 312, 313, 318, 323-325, 464.

COCHIM NEIRA, rei de Jafanapatão, 174, 175.

COCHINCHINA, reino de Ásia, contactos com portugueses e missões franciscanas, 8, *377,* 378-*379, 386, 466,* 494-497.

CODAVASCÃO, reino na Ásia, 494.

CODAGOLIM, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 139-140.

COELHO (André), 216.

COELHO (Duarte), 494.

COELHO (Francisco), *177.*

COELHO (Gaspar), vigário de S. Tomé, 304, 306.

COGALA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 139, 150-152.

COHILOUSÁ, cidade da China, 504, 505.

COIMBRA, cidade de Portugal, 75.

COLUMBO, cidade e fortaleza portuguesa em Ceilão, com convento de franciscanos e colégio ou seminário, 13-15, 33, *39, 42,* 45, 46, 47, 50, *55,* 61, 71, 73, 74, 88, 90, 91, 105, 106, 112-115, 117, 119, 127, 132, *133,* 135, 136-137, 148, 151, *184,* 232, 233-234, 241, 273.

COMARÁ SINGA ASTANA, filho do rei de Cândia, feito rei de Uva, 119, 121.

COMISSÁRIO GERAL DA ÍNDIA, 309, 311-312.

CONGREGAÇÃO DA PROPAGANDA FIDE, *169.*

CONSTANTINO (D.), vice-rei da Índia, 56, 92, 175-180, 245, 266-267, 294-297, 301, 322.

CONTREIRAS (Fr. Francisco), franciscano da Custódia de S. Tomé, em Cândia, 95-96.

COPAI, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 179, 245.

CORDEIRO (Domingos), 331, 332.

CORDEIRO (Fr. Francisco), franciscano da Custódia de S. Tomé, 314-316.

COREIA, reino da Ásia, 535.

CORLAS, 54, 74, 91.

CORREIA (Gaspar), historiador da Índia, *175, 291.*

CORREIA (Domingos), modeliar de Ceitavaca, Brique ou Bique Narcinga, 105.

CORREIA (Simão), modeliar de Ceitavaca, apóstata, *105.*

CORREIA DE BRITO (João), capitão de Columbo, *15,* 55.

COSGADEM, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 141.

COSME DA ANUNCIAÇÃO (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Bolamboão, Macáçar e Solor, 481, 483-484, 492, *390,* 414, 415.

COSME DA PAZ (Fr.), franciscano na Índia, *390,* 414, 415.

COSTA MONTEIRO (António da), capitão de Balanê, 82.

COSTA DA PESCARIA, 177, 179-180, 297, 321-326.

COSTA TRAVASSOS (António da), capitão de armada, 88-89.

COTA, cidade e reino de Ceilão, missionado pelos franciscanos, 3-172.

COTAMALUCO, reino do Decão, 280.

COTAVATA no Maturê, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 110, 138, 147-149.

COULÃO, cidade e reino do Malabar, *15*, 312, *313*, 314, 502.

COURTENAY, historiador de Ceilão, 26, 39.

COUTINHO (Diogo), capitão interino de Columbo, *39*.

COUTINHO (D. Francisco), vice-rei da Índia, 64.

COUTINHO (D. João), vice-rei da Índia, *212*, 213, 439.

COUTINHO (D. Luís), mandado em socorro de Cândia, 68.

COUTINHO DOCEM (FRANCISCO), capitão de armada, 416-425.

COUTO (Diogo de), cronista da Índia, *4*, *8*, *10*, *11*, *15*, *24*, *25*, 37, *38*, *39*, *40*, *46*, *49*, *54-55*, *57*, *60*, *63*, *64*, *65*, *66*, *67*, *85*, *87*, *89*, *92*, 93, *137*, *175*, *178*, *181*, *182*, *267*, *272*, *273*, *275*, *276*, *283*, *294*, 306, *308*, 325, *345*, *431*, *438*, *439*, *464*, *481*.

CRANGANOR, cidade e reino no Malabar, 51, 502.

CRISNA RAI ou CRISNARÁ ou CRISNADEVA, rei de Bisnaga, 278, 279, 283.

CRISÓSTOMO DA MADRE DE DEUS (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, 45, 313.

CRISTÃOS DE S. TOMÉ, *284*, *324*.

CRISTÓVÃO DA CONCEIÇÃO, franciscano da Custódia de Malaca, 340-343.

CRISTÓVÃO DE LISBOA (Fr.), bispo de Malaca e arcebispo de Goa, 212, 399, *462*.

CUNHA (Nuno da), governador da Índia, *288*.

CUNHA RIVARA (H. da), historiador, *417*.

CUNHALE, senhorio no reino de Calecute, *184*, *207*.

CURA ADAAS, filha de Bonagabago, mãe de Darmapala, 24.

CUSTÓDIA DAS FILIPINAS, 377, *386*, 390, 539.

CUSTÓDIA DA MADRE DE DEUS, 309.

CUSTÓDIA DE MALACA, *169*, 170, 309, 312, 341, 370-371, *390*, *391*, 414, 463, 464, 470, 483-484, 492, 497, *521*, 539.

DAÇA (Fr. António), cronista franciscano, *491*.

DALADE, pagode e igreja de S. Salvador, junto de Cota, 47.

DALGADO (Sebastião Rodolfo), escritor, *154*, *165*, *167*, *199*, *241*, *254*, *271*, *272*, *276*, 277, 344, 347, 364.

DAMÃO, porto e cidade do reino de de Cambaia, 178, 308.

DAMIÃO DA ASCENSÃO (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca que vivia em Macau, 551.

DAMIÃO DA TORRE (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Sião e Camboja, *390*, *438*, 439, *466*, 476.

DAMIÃO DA TORRE (Fr.), comissário geral dos franciscanos em Portugal, *439*.

DAMPÊ, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 135.

DARMAPALA, vid. D. JOÃO PEREAPANDAR.

DECÃO, reis daí que venceram Bisnaga, 280, 287.

DEVANUVARA o mesmo que Tavanarê, 138.

DEVA RAJURUVU, pagode de Tavanarê, 138.

DIAGAMA, aldeia de Ceilão, 142.

DIAS (António), jesuita que foi a Ceilão, *39*.

DIAS DA LOMBA (Afonso), escritor acerca de Ceilão, *4*.

DIAVELA ou DICUELA, reitoria em Ceilão.

DINAMARQUESES em Cândia e Jafanapatão 119-120. 214, 217-218.

DINAVACA, região do reino de Cota, 8, *9*.

DIO, porto e cidade do reino de Cambaia, *35*, *177*, 224.

DIOGO (D.), cunhado do rei de Jafanapatão, 234.

DIOGO DA CONCEIÇÃO (Fr.), primeiro custódio de Malaca, *309*, 377-379, *382*, 389, 439, 464, 479, 492.

DIOGO DE OROZESA (Fr.), franciscano da Custódia das Filipinas, *390*.

DOMINGOS (Fr.), mártir do Japão, 565.

DOMINGOS DO ESPÍRITO SANTO (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Martavão, 341-343.

DOMINICANOS, missionários na Índia, Malaca e Indonésia, 14, *132*, 227, 256, 259, *269*, 318, 381, 451, 475, 484, 546.

DRAGO (Fr. Pedro), franciscano da Custódia de S. Tomé em Manar, 70-71.

DUARTE (D.), capitão de Columbo, 92.

ELAUR ou LAUR, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 189, 247.

ELEUTÉRIO DE S. TIAGO (Fr.), franciscano reféns em Cândia, missionário em Bengala, Arracão e Pegu, 79-80, 148, 332-335, 336-339, 365, 367-371.

EÇA (Duarte de), capitão de Columbo, *15*, *39*, 90.

ENARATH BANDAR, irmão de D. João de Cândia que se apossou do reino, *64*.

ENDE, na ilha das Flores, missão dos franciscanos, 483-484.

ESCANDEL, húngaro que fundou cristandade na China, 504.

ESTÊVÃO DE JESUS (Fr.), que sofreu prisão e corte do nariz em Cândia, *103*, 104-105.

FALCÃO (João) e FALCÃO (António Lobo), informadores sobre sepultura de S. Tomé em Meliapor, *288*.

FEIO (António), capitão dos portugueses que ajudavam Maastana de Cândia, 67, 68.

FERNANDES (António), cristão de Jafanapatão, *103*, 186.

FERNANDES (Diogo), morador em S. Tomé, *288*, 291, 304.

FERNANDES (Jerónimo), ermitão na reitoria de Mapitigão, 106, 135.

FERNANDES (Miguel), modeliar em Cândia, 71.

FERNANDES (Sebastião), informador sobre tradições de S. Tomé, *288*, 291.

FERNANDES DE ATAÍDE, capitão de Manar, *69*.

FERNANDES TINOCO (Pedro), português na Índia, *285*.

FERNANDO DA SOLEDADE (Fr.), cronista da Província franciscana de Portugal, *61*, *72*, *73*, *76*, *97*, *105*, *106*, *110*, *169*, *178*, *324*, *332*, *341*, *363*, *368*, *370*, *383*, *385*, *392*, *398*, *414*, *438*, *439*, *440*, *464*, *467*, *481*, *484*, *485*.

FERNANDO DA VISITAÇÃO (Fr.), franciscano reitor de Chitiveli, 196.

FERREIRA (António), 346.

FERREIRA (Miguel), informador sobre tradições de S. Tomé, *289*.

FIALHO (António), que trouxe as clarissas de Manila para Macau, 526.

FILIPE I, rei de Portugal, 70, 263-264, *340*, *376*, *377*, 381, 384, 414, *438*, *533*, 534.

FILIPE II, rei de Portugal, 80, 263-264

FILIPE (D.), a Chingali rei de Jafanapatão, 212.

FILIPE (D.), rei de Cândia, 56, *63*, 68, 69-72, 73, 95, *186*, 237.

FILIPE (D.), rei de Ceitavaca, filho do Raju, 61, 74-76, *95*.

FILIPE, filho do modeliar Francisco Correia, 61.

FILIPE, filho do modeliar branco Pedro Betancor, 240.

FILIPE, filho do arache Francisco Betancor, 240.

FILIPE DE JESUS (S.), mártir do Japão, 539, 542, 543, 559, 560.

FILIPINAS, ilhas, *368*, *376-379*, *438*, 485, *495*, 535-536.

FONSECA (D. Fr. Vicente da), arcebispo de Goa, 70.

FORTUNATO DE ALMEIDA, historiador, *70*, *265*, *381*, *438*, *462*.

FRANCISCANOS: — Em Ceilão, 27-172. — Sua entrada, 22-37; missionação do reino de Cota, 38-62, 90-93; no reino de Cândia, 63-85, 104-126; no de Jafanapatão, 176-190, 231-242, 198-206. — Religiosos assassinados e cativos aí, 86-89, 94-107, 127-132, 163-167. — Reitorias em Cota, 133, 146-162; em Cândia, 146; em Jafanapatão, 191-197, 224-230, 243-269. — Baptismos gerais, 168-172.
— Em Bisnaga, 284-287, 307-310; em Negapatão, 317-320; em Tutucurim, 321-326; em Bengala, 331-335; em Arracão, 336-339; em Martavão, 340-343, 367-371. — Em Pegu, 362-371; em Malaca, 376-404; em Sião, 435-464; em Cambaja, 465-477; em Jaoa, 478-481; na Indonésia, 482-493. — Na Cochinchina, 494-497; na China, 510-528; no Japão, 532-566.
—Nas armadas, 405-415.—Franciscanos e línguas indígenas, 160, 162, 245, 247-248.
— Veja-se também: CUSTÓDIA e PROVÍNCIA.

FRANCISCO (D.), rei do Bungo no Japão, 532.

FRANCISCO (D.), princepe das Sete Corlas, 61.

FRANCISCO DA ARRUDA (Fr.), custódio de Malaca, e de S. Tomé, 311-312, *391*, 516-517.

FRANCISCO BRANCO (S.), mártir do Japão, 539, 542, 543.

FRANCISCO DE BRAGA (Fr.), franciscano, *40*.

FRANCISCO DE CANANOR (Fr.), franciscano morto em Caimel, 106.

FRANCISCO DAS CHAGAS (Fr.), franciscano morto em Cândia, 56, 96.

FRANCISCO DE CHAVES (Fr), custódio de S. Tomé, 62, 93.

FRANCISCO DA CRUZ, clérigo de Tuticurim, 325.

FRANCISCO DA GATA (Fr.), franciscano das Filipinas, *390*.

FRANCISCO DO HORTO (Fr.), franciscano que foi a Cantão, 517.

FRANCISCO DE JESUS (Fr.), franciscano no Jafanapatão, 264-265.

FRANCISCO DAS LAPAS (Fr.), franciscano morto em Malvana, 106, *135*.

FRANCISCO DE MONTEPRANDONE (Fr.), franciscano italiano missionário em Ceilão, *26*, *35*, *64-65*.

FRANCISCO DE MONTILHA (Fr.), franciscano das Filipinas, *390*.

FRANCISCO DA NATIVIDADE (Fr.), franciscano primeiro custódio da Madre de Deus, 309.

FRANCISCO NEGRÃO (Fr.), missionário em Ceilão, custódio de Malaca, *4*, *44*, *79*, 85, 120, 169-172, *267*, *391*, 467.

FRANCISCO DO ORIENTE (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, grande missionário, 56, *61*, 67, 72, 74, 95, *97*, *186-187*, 187-188, 191-193, *267*, 310, *317*, 319-320.

FRANCISCO DE PARRILHA (S.), franciscano mártir do Japão, 536.

FRANCISCO DE PORCIÚNCULA (Fr.), franciscano em S. Tomé, *308*.

FRANCISCO DO SALVADOR (Fr.), franciscano leigo em Columbo, *42*, *55*.

FRANCISCO DE S. MARIA (Fr.), franciscano, *390*.

FRANCISCO DE S. ANTÓNIO (Fr.), reitor em Nelur e N. S. das Vitórias, escritor em língua tamil, 241-242, 247, 248, 249.

FRANCISCO DE S. MIGUEL (Fr.), comissário geral na Índia, 309.

FRANCISCO XAVIER (S.), *34*, *36*, *59*, *177*, *325*, *485*, *490*, *492*, 532.

FRANZÃO DE VASCONCELOS, historiador, *184*.

FREITAS (Ambrósio de), vedor da fazenda em Ceilão, 234.

FRIAS (Manuel de), feitor da Costa de Choromândel, 291.

FROIS (Luís de), jesuíta, *40*, *363*.

FURTADO DE MENDONÇA (André), governador da Índia, actividades em Jafanapatão e Malaca, *69*, *72*, 74, *103*, 174, 184--186, 199, 207, 408-415.

FUNOIJAMA, serra do Japão povoada de templos, 531.

GALALUA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 145.

GALE, porto, ponta, fortaleza portuguesa, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 5, *9*, 11, 12, *36*, 39, 41, 42, *64*, 90, 111, 112, 115, *133*, *134*, 140, 150-152, 171.

GALEGO (Fr. Pedro), franciscano das Filipinas em Malaca, *391*.

GALPATA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 142.

GALVÃO (António), 488-489.

GAMA (D. Estêvão da), governador da Índia, *24*, 323.

GAMA (D. Francisco da), vice-rei da Índia, *41*, 75, 234, 264.

CAMPHA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 145.

GANDOLE, presídio em Ceilão, 118.

GANGES, rio sagrado da Índia, 276. 327.

GANUR, rio e povoação de Cândia, 67.

GARCIA (Fr. António), franciscano no cerco de Malaca, 312, 413, 414.

GASPAR (D.), arcebispo de Goa, 183, 308.

GASPAR DOS ANJOS (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, conhecedor da língua tamil, 248.

GASPAR DA CONCEIÇÃO (Fr.), ministro provincial da Província de S. Tomé, 232-234.

GASPAR DE LISBOA (Fr.), custódio de S. Tomé, 29, 70, 84-85, 186, 306, 313, 378-379, 386, 390, 479.

GASPAR DA MADALENA (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé em Ceilão, 77, *78*, 82-83, 129-130.

GASPAR DA NATIVIDADE (Fr.), guardião de S. Francisco de Lisboa e procurador da Custódia de S. Tomé, *45*.

GASPAR DOS REIS (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, morto em Ceilão, 104-105.

GIL (Gonçalo), *285*.

GINGI, naique de Bisnaga, 271, 280. 310.

GOA, cidade: — Conquista, 13, 36, 59, 286-287; embaixada de Cândia, 118-119; socorro a Cândia, 123; referências, 66, 70, 74, 426, 506, 242, 341.
— Diocese: 127, *131*, 183, 212; sínodos, *5*, 160; inquisição, 263.
— Franciscanos: convento de S. Francisco, 45, 56, 60, 70, 73, 81, 103, 127, 130; noviço, 236; socorro às reitorias de Ceilão, 120; festas e relíquias de mártires de Japão, 556, 559; convento da Madre de Deus, 184, 414; fra-

des daí naturais, 60, 104, 106, 264; estudo de teologia, 44.

GÓIS (Damião de), historiador, *271*, 285, *372*, *374*, *506*.

GOLGONDA, reino da Índia, 280.

GOMES (Pero), governador de Sundivá, *332*.

GOMES LEITÃO (Francisco), capitão de Ceilão, 54.

GOMES DE S. LUÍS (Fr.), franciscano das Filipinas, 563-564.

GONÇALO (Fr.), franciscano prisioneiro em Cândia, 56, 64, *65*, 95-96.

GONÇALO GARCIA (S.), franciscano português mártir no Japão, 536, 537-538, 542, 543-544, 559, 560-561.

GONÇALVES (Pedro), morador em Mandanale, 155.

GONÇALVES DE MIRANDA (Aires), 381, *515*.

GONÇALVES TIBÃO (Sebastião), capitão de Sundivá, 332, 341.

GONZAGA (Fr. Francisco), ministro geral dos franciscanos, historiador, 29, 33, 306, *377*, 385, 386-388.

GORCAMA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 143.

GOUVEIA (D. António), *301*.

GOURO, 328, 329.

GREGÓRIO XIII, papa, 44-45, 52, 383, 534.

GREGÓRIO XV, papa, *169*.

GREGÓRIO DA CRUZ (Fr.), franciscano missionário em Camboja, *466*.

GREGÓRIO DE S. FRANCISCO, (Fr.), franciscano missionário em Camboja e Sião, *389*, *438*, *466*, 476.

GUARDAFUI, ida aí de S. Tomé, 502.

GUEDES DE SOUSA (Baltasar), capitão de Columbo, *15*, 54, 87.

GUERRA (Duarte), no cerco de Malaca, 410.

GUILAPANE, aldeia de Ceilão, 155.

GUIRANDÃO, livros religiosos da Índia, 199.

GURUBABELE, tranqueira de defesa de Ceitavaca, 71.

GUZARATE, reino da Índia, 174. 407.

HENRIQUE (D.), cardeal, *34*, *59*, 306, 381.

HENRIQUE (Fr.), franciscano em Ceilão, *25*.

HENRIQUE DE S. ANTÓNIO (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, em Ceilão, 104.

HENRIQUE DE S. LUÍS (Fr.), franciscano em Malaca, *390*.

HENRIQUES (João), capitão de Columbo), *15*, *39*.

HOLANDESES, tentativas de conquista de Malaca e Macau, 408-413, 509.

HOMEM DE MASCARENHAS (Manuel), capitão geral de Ceilão, *16*.

HOMEM PEREIRA (Pedro), capitão de Columbo, *15*, 61, 72.

HOMEM PEREIRA (Pedro), sogro do modeliar grande, 61.

IDALCÃO, reino no Decão, 279, 280, 286-287.

ILHA DOS BRÂMANES, adjacente a Jafanapatão, reitoria dos franciscanos aí, 247.

ILHA DAS FLORES, na Indonésia 483-484.

ILHA DOS FORÇADOS, adjacente a Jafanapatão, reitoria dos franciscanos aí, 191, 247.

ILHA DO PAGODE, adjacente ao Jafanapatão, reitoria dos franciscanos aí, 191.

ILHA DAS VACAS, adjacente ao Jafanapatão, reitoria dos franciscanos aí, 191, 211, 247, *175*.

INÁCIO (S.), *40*, *290*.

INÁCIO DE S. LUZIA (Fr.), franciscano em Ceilão, 105.

ÍNDIAS DE CASTELA, 161.

INDULGÊNCIAS DA CRUZADA, 178.

INOCÊNCIO DE SETÚBAL (Fr.), franciscano para Malaca, *390*.

INQUISIÇÃO DE GOA, 263.

IXVARA NAIQUE, rei de Narcinga, 278, 283.

JACINTO DE DEUS (Fr.), cronista da Província da Madre de Deus, *130, 238, 308, 383, 392, 440, 464, 476, 481, 484, 485, 486, 498, 528*.

JACINTO DA ENCARNAÇÃO (Fr.), cronista dominicano, 484.

JÁCOME DA CONCEIÇÃO (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Camboja, Champá e Cochinchina, 470, 483, 497.

JAFANAPATÃO, reino em Ceilão: — Descrição e história, 173-175, 194, 207-209, 232-233.

— Relações com os Portugueses: castigo dado por D. Constantino de Bragança, 176-182; por André Furtado de Mendonça, *72*, 184-190; derrota do Chingali, 207-213; jurado rei de Jafanapatão o rei de Portugal, 213; alevantamentos contra os portugueses, 214-223; ajudas dadas a Cândia, 204; doação do reino e Portugal, 237.

— Cristandade, sua fortaleza e dificuldades, 177, 198-206; referências, 242.

— Franciscanos, com D. Constantino de Bragança, 56, 176-180; ficam em Manar, 179-180, 266-269; voltam a Jafanapatão, 184-190; cristandades e reitorias nas ilhas adjacentes, 159, 161, 191-193; nas terras de Mantota, 194-197; baptismos da família real, *195*, 231-234; baptismos de 1624 a 1626, 239-242; Reitorias, 228-230, 243-248; reitoria da Senhora dos Milagres, 184-190, 224-227, 249-265; princepe feito franciscano, 236-238; comissário de Jafanapatão, 191, 264.

— Dominicanos e Jesuítas aí, 227.

JANGOMÁ, reino na Ásia, 359, 370, 429.

JAOA ou JAVA: descrição, 478-479; missões franciscanas, 79, 375, 479-481.

JAPÃO: — Descrição, 529-531; referências, 244, 406, 509.

— Franciscanos, pedidos 532-536; sua ida aí, 537-540; martírio de alguns 541-544; maravilhas que acompanharam o martírio, 545-548; visitados os seus espólios pelos portugueses, 549-552; festejos no seu martírio, 553-556; suas relíquias, 557-561; outros missionários e martírios, 562-566.

JAVIRA BANDAR, rei de Cândia, *63*, 64-67.

JAXADRA BIU PANDARÁ ou D. MARIA, mãe do rei D. Filipe de Cândia, 70.

JENDUEM, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 140.

JERÓNIMO DA ASSUNÇÃO (Madre), clarissa de Manila, promotora da fundação do mosteiro de clarissas de Macau, 524.

JERÓNIMO (Fr.), franciscano de Manila acompanhou clarissas a Macau, 527.

JERÓNIMO (Fr.), franciscano leigo na armada contra Jor, 487; missionário em Panaruca, 479.

JERÓNIMO DE AGUILAR (Fr.), franciscano das Filipinas, sua ida a Macau e Sião, *377, 438, 521*.

JERÓNIMO DE BURGOS (Fr.), franciscano das Filipinas, *377*, 383, *386, 495, 515, 521*.

JERÓNIMO DO ESPÍRITO SANTO (Fr.), comissário geral e Custódio da Índia, seus trabalhos por Ceilão, *42*, 74, *75*, *134*.

JERÓNIMO DE JESUS (Fr.), da Custódia das Filipinas, no Japão, *390*, 539, *558*, 563-665.

JERÓNIMO DE S. LOURENÇO (Fr.), custódio de Malaca, 308, 391, 550-551.

JERÓNIMO DE S. DOMINGOS (Fr.), dominicano, *438*.

JESUITAS, em Ceilão, 14, 96, *131, 132, 134,* 159-162, 227, 258-259, 308; outras referências, *39,* 318, *485, 515, 541-542.*

JIMENEZ (Fr. Diogo), franciscano de Filipinas em Sião, *438.*

JOÃO II, rei de Portugal, 492.

JOÃO III, rei de Portugal, 22, 24, 25, 26, 27, *36,* 42, *60,* 62, 177, 305, 322, 488, 489, *491.*

JOÃO (D.), rei de Cândia, Maastana, *63.*

JOÃO (D.), rei aclamado de Cândia, filho do rei D. Filipe, 70, 72, 73-76.

JOÃO (D.) ou D. JOÃO DE ÁUSTRIA, rei de Cândia por usurpação, 63, 74; suas guerras com os portugueses, 77-89, 94-107, 186.

JOÃO (D.), rei de Sião em Macáçar, 490.

JOÃO (D.), sobrinho de Bonegabago, 34, 43, 59, *177.*

JOÃO (D.), filho de Bonegabago, *39,* 60.

JOÃO, chim que acompanhou à China os franciscanos das Filipinas, 512.

JOÃO (Fr.), franciscano morto em Jafanapatão, *179.*

JOÃO DE ALBUQUERQUE (D. Fr.), bispo de Goa, *36.*

JOÃO BAPTISTA (Fr.), missionário no Pegu, *370.*

JOÃO BAPTISTA, italiano que assistiu ao martírio dos mártires do Japão, 546, 559.

JOÃO BAPTISTA (Lucarelli) (Fr.), franciscano italiano que foi das Filipinas, China, Macau e Malaca, *376,* 377-379, *386-387,* 510-515, 518-522.

JOÃO DE CAPISTRANO (Fr.), franciscano, *398.*

JOÃO DAS CHAGAS (Fr.), *390.*

JOÃO DA CRUZ, embaixador de Calecute a Lisboa, 322-326.

JOÃO DA CRUZ, sacerdote em Ceilão, 95-96.

JOÃO CALVO (Fr.), ministro geral dos Franciscanos, *26.*

JOÃO CALVO (Fr.), franciscano missionário em Ceilão, *26, 40,* 64, *66,* 84.

JOÃO DE CEITA (Fr.), custódio de S. Tomé, 308.

JOÃO DA CORDA (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, grande missionário, *80,* 332-335, 336-339, 368-371.

JOÃO DE GUIMARÃES (Fr.), franciscano da recoleição da Índia, *308.*

JOÃO DA MADALENA (Fr.), franciscano em Manar, 267, 308.

JOÃO NOÉ (Fr.), franciscano custódio de S. Tomé, *36, 133.*

JOÃO PEREA PANDAR ou PAREA PANDAR, ou Darmapala, de seu nome indígena, rei de Cota, amigo dos Portugueses e que doou o reino a Portugal, 3, 8, 15, 22, 24, 38-57, 59, 60-61, 181-182, 237.

JOÃO POBRE (Fr.), franciscano das Filipinas que foi à China e Japão, *438, 512, 521,* 537, 539.

JOÃO DE S. MARIA (Fr.), franciscano em Malaca, *390.*

JOÃO DE S. MARIA (Fr.), franciscano da Província de S. José em Espanha, cronista, 554.

JOÃO DE VILA DO CONDE (Fr.), franciscano da Província da Piedade, fundador da missão de Ceilão, 25-42, 43, 48-49, 54, 55, *64-65,* 133, *308.*

JOÃO DE TURIM (Fr.), franciscano prisioneiro em Cândia, 111.

JOR, reino cujas gentes cercaram Malaca, 411, 439, 487.

JORGE DOS ANJOS (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, 486.

JORGE DE VISEU (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário de Bolamboão, *389,* 479, 481.

JOÃO DE MADRE DE DEUS (Fr.), franciscano refém em Cândia e morto, 197, 130.

JOÃO DE NOSSA SENHORA (Fr.), franciscano refém em Cândia, 78-79, 119.

JOÃO DE SANTA MARIA (Fr.), franciscano comissário de Ceilão e visitador de Jafanapatão, 124-125, 151.

JOÃO DE S. FRANCISCO (Fr.), franciscano refém em Cândia, 80, 110.

JUDICE BIKER (J. F.), escritor, *57, 77, 78, 118.*

JUGO, filho de Bonegabago, *34, 64.*

JULFAR, pescaria de aljófar nas costas da Arábia, 321.

LAFETAR (Cosme), capitão geral de Ceilão, *15*, 74.

LAINES (Diogo), jesuita, *298.*

LAMPACAU, feitoria na China, 508.

LANCHAM, reino na Ásia, 436.

LANCILLOTO (Nicolau), jesuita, *34, 40.*

LANDEIRO (Fr. Francisco), franciscano no Pegu, 370.

LAZAMANE, capitão do Achém, 417, 425, 426.

LEAL (Fr. António), franciscano em Malaca, na armada contra Jor, *389*, 487.

LEÃO DE S. BERNARDINO (Fr.), franciscano para Malaca, *390.*

LEITÃO (Pero), *285.*

LEONOR DE S. FRANCISCO (Madre), primeira abadessa do mosteiro de S. Clara de Macau, 527-528.

LEQUIOS, 373.

LIAMPÓ, feitoria na China, 507-508.

LIGOR, reino na Ásia, 347.

LIMA (D. Paulo de), na armada contra Jor, e sua perda no mar, 464, 487.

LIVROS DAS MONÇÕES, *9, 75, 77, 80, 169, 332, 340, 406.*

LISBOA, convento de S. Francisco, 75.

LOBATO (Pedro), dominicano no Sião, *439.*

LOBO (Luís), 406.

LOBO FALCÃO, *288.*

LOEQUE, capital de Camboja, 474.

LOILA (Fr. Martim Inácio de), franciscano que veio das Filipinas a Macau e Malaca, *313, 377-379*, 383, *386-387, 515-516, 521.*

LOPES (David), escritor, *110, 121, 283.*

LOPES (F. Félix), *26, 29, 379, 391.*

LOPES DA FONSECA (Diogo), síndico dos franciscanos em Malaca, 418.

LOPES MOREIRA (João), embaixador ao Achém, 406.

LOPES DE SIQUEIRA (Diogo), governador da Índia, 278-279, 287.

LOPES DE SOUSA (Pedro), capitão geral de Ceilão, 16, 56, 67, *72*, 74, 95, 99, 119.

LOPO DE ALMADA (Fr.), franciscano em S. Tomé, 301.

LOURENÇO DE GÓIS (Fr.), 324.

LUCAS (Fr.), franciscano na defesa de Cota, 54-55.

LUCAS DOS SANTOS ou LUCAS DE S. FRANCISCO (Fr.), franciscano morto em Cândia, 56, 74, 95-96, 99, 186.

LUCENA (João de), jesuita biógrafo de S. Francisco Xavier, 491.

LUÇÕES, 373.

LUÍS (D.), rei de Supa, 490, 492.

LUÍS (D.), filho de Bonegabago, *34*, 43, 59.

LUÍS (D.), arache no Jafanapatão, 211, 214-216, 219-223, 232.

LUÍS (Fr.), morto em Cota, *55*, 86-87.

LUÍS DA CONCEIÇÃO (Fr.), franciscano em Ceilão, *42*, 55, 111, 118.

LUÍS DA CRUZ, comissário geral na Índia, 239, 309.

LUÍS DA CRUZ (Fr.), franciscano leigo em Malaca, 392-404, 421.

LUÍS DE S. DIOGO (Fr.), franciscano no Jafanapatão, 231-232.

LUÍS (DO SALVADOR) (Fr.), franciscano embaixador em Bisnaga, 278, 284-287, *291*.

MAASTANA ou D. JOÃO, rei de Cândia, 56, *63*, 67-68.

MAASTANA ou RAJA SINGA, rei de Cândia, *77*.

MACÁÇAR, missão franciscana aí, *414*, 488-492.

MACAU, feitoria e cidade na China: Descrição e entrada dos Portugueses, 506-509; convento de franciscanos, *376-378*, 378-382, *385-386*, 393, 514-515, 518-522; custódia criada por Fr. Jerónimo de Burgos, 521; mosteiro de clarissas, 523-528; festas em honra dos mártires do Japão, 555; conventos de outras Ordens, 509; referências, *379*, 546.

MACEDO (Luís de), morador em S. Tomé, 292-293.

MACUNÊ ou MACU, reitoria dos franciscanos em Ceilão, *39*, 90, 142, 171.

MADAMPÊ, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 24, 140-141, 170.

MADELIF (Cornélio), capitão holandês da armada contra Malaca, 410-411.

MADRE DE DEUS, reitoria dos franciscanos junto de Negapatão, 320.

MADUNE, 223.

MADUNE PANDAR, rei de Ceitavaca, 23, 25, 37-42, 43, 45, *64-65*, 67, *84*, 87-89, 91, *134*; pretensões dele a imperador de Ceilão, 92-93.

MADURÊ, ao sul da Índia, 174, 271, 280.

MAGALHÃES (António), que acompanhou o rei D. Filipe a Cândia, 71.

MAIM, reitoria no território de Baçaim, *105*.

MALABAR, região da Índia a sudoeste, *184*.

MALACA, cidade: — Descrição, 372, 375; cercos, 405-426, 439; capitães, 399, 440, 479; referências, 12, 13, 288, 291, 293, 328, 370, *312*, 328, 347, *368*, 370.

— Bispado e bispos, 398, 399, 462; dominicanos, 381; agostinhos, 402.

— Franciscanos, sua vinda e fundação de convento, 376-383, 408, 412, 421-422, 437, *438*, 463, 479, 482-487; frade de virtude eminente, 392-404; festas, 556.

— Custódia de Malaca: *377*, 384-391, 479, *484*, *489*, 550, 551; custódios, 391; missões, vid. *Pegu, Sião, Martavão, Jaoa, Ende, Camboja, Supa, Macaçar, Champá, Maluco, Amboim, Borneo, Solor, Pão, Pera, d'Aru, Macau*. Vid. também *Custódia de Malaca*.

MALDIVA, ilhas, 5, 12, 125.

MALUCO ou Molucas, missão franciscana portuguesa, 484; espanhola, 485.

MALVANA, presídio dos portugueses com igreja, 18, 19, *41*, 71, 106, 111, 135, 165.

MANAPACER, colégio em Salsete de Baçaim, 51, *169*.

MANAR, ilha adjacente a Jafanapatão, fortaleza portuguesa, 175, 177, 178, 179, 193, 204, 230, 244, 253, 266-269; franciscanos aí, 70-71, 72, 95, *97*, 159, 194, 244, 261-262; reitoria de Madre de Deus, 261-263, 266-269; reitoria de S. João Baptista, 269; jesuitas aí, *267*.

MANDADIVA, reitoria dos franciscanos em Tanadiva no Jafanapatão, 191.

MANDANALE, igreja dos franciscanos em Ceilão, 154-157.

MANGUL CORLA, 11.

MANHÓS (Fr. Pedro), para Malaca, *390*.

MANICRAVARÊ, presídio português entre Cota e Cândia, com igreja, *41*, 111, 118, 129, 146.

MANILA, cidade das Filipinas, donde vieram franciscanos para a China, Macau, Malaca, Japão, *376-379*, 384, *437-438*, *465-467*, 485, 524, 525, 555.

MANIPAI, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 245-246.

MANSILHAS (Francisco), jesuíta, 177.

MANTOTA, terras pegadas com o Jafanapatão pelo sudoeste, cristandades e reitorias dos franciscanos, 159, 193, 194-197, 244, 247, 260-262, 263, *414*.

MANUEL, rei de Portugal, 13, 178, 229, 285, *287*, *322*, 333, 374, 375, 506, 507.

MANUEL, rei das Sete Corlas, 60.

MANUEL, rei de Cândia que não perseverou na fé, ou javira Bandar, *63*, *65*.

MANUEL, príncipe dos Beras, *61*.

MANUEL DA CONCEIÇÃO (Fr.), franciscano morto em Paredua, 110.

MANUEL DE ELVAS (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário no Bolamboão, na armada contra Jor, 479, 480-481, 487; comissário no Jafanapatão, refém em Cândia, 79, 217, 325, *389*.

MANUEL DE JESUS (Fr.), franciscano em Columbo, *55*.

MANUEL DOS MÁRTIRES (Fr.), reitor de Panadurê, 171.

MANUEL DE MONFORTE (Fr.), cronista monástico, *385*.

MANUEL RANGEL (D. Fr.), dominicano bispo de Cochim.

MANUEL DE S. LUZIA (Fr.), franciscano de Malaca, 486.

MANUEL DE S. MARIA (Fr.), franciscano, reitor de N. Senhora dos Milagres, 211.

MANUEL DOS SANTOS (Fr.), guardião e comissário de Ceilão, 61.

MANUEL DE S. DÂMASO (Fr.), escritor, *169*.

MANUEL DE S. JOSÉ (Fr.), franciscano em Cândia, 82-83.

MANUEL DE S. MATEUS (Fr.), franciscano em Ceilão, 42, 48-49, 55.

MANUEL DE S. MATIAS (Fr.), franciscano, em Jafanapatão, 199-202, 204-206, 261, *267*, 268.

MANUEL DA TRINDADE (Fr.), franciscano, prisioneiro em Cândia, e depois morto, 105, 110.

MAPANE, em Columbo, 113.

MAPITIGÃO, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 135, 156, 165.

MAPRAVERA MABAHU, rei de Jafanapatão, 173.

MAR ROXO, 12.

MARCELO DE RIBADENEIRA (Fr.), missionário do Japão e historiador, 497, 539, 554, *558*.

MARCOS DE S. CATARINA (Fr.), franciscano reitor de Diavela e aí morto, 110.

MARGARIDA DE ÁUSTRIA, nome cristão da mulher do Chingali de Jafanapatão, 212.

MARIA (D.), nome cristão, da mulher do modeliar grande, 61; da princesa de Jafanapatão, 234; da irmã do rei de Jafanapatão, 234; da mulher do modeliar branco, 240.

MARIA MADALENA (Madre), vigária do mosteiro de S. Clara de Macau, 527.

MARIZ (Pedro de), escritor, 492.

MARRASA, general dos Achéns, 425.

MARTICOTA, reitoria dos franciscanos de Jafanapatão, 246-247.

MARTAVÃO, reino onde os franciscanos missionaram, 340-343, 347, 370, 463.

MARTINHO DA GUARDA (Fr.), guardião de Ceilão e morto em Cota, 46, 48-49, 54, *55*, 86-87.

MARTINS (Pedro), jesuíta bispo do Japão que presenciou o martírio dos franciscanos, 549-551.

MÁRTIRES DO JAPÃO, 541-566.

MASCARENHAS (António de), capitão geral de Ceilão, *16*.

MASCARENHAS (Fernando de), em Malaca, 408, 411-412.

MASCARENHAS (Filipe de), capitão geral de Ceilão, *16*, 114-115, 117.

MASCARENHAS (Francisco de), capitão de nau, 84.

MASCARENHAS (Jerónimo de), dominicano no Sião, *439*.

MASCARENHAS (Manuel de), capitão geral de Ceilão e da armada a Malaca, 14, *16*, 406.

MASCARENHAS (Pedro de), contra Achém e contra holandeses, 407, 411, 412.

MASCATE, cidade onde existe convento de Agostinhos, 172.

MARTINHO DA ASCENSÃO (S.), mártir do Japão, 539, 542, 543, 546, 559-561.

MATEUS DE CRISTO (Fr.), franciscano em Jafanapatão e conhecedor da língua 247-248.

MATHALA, senhorio no reino de Cândia, 119.

MATOS (Manuel de), em Bengala, 335-337.

MATUAL, reitoria dos franciscanos em Ceilão, *41*, *134*, 136.

MATURÊ, presídio dos portugueses e reitoria dos franciscanos, 85, 117, 118, *134*, 138, 147, 159, 165, 171.

MAURÍCIO (Domingos), jesuíta historiador, *36*.

MEACO, cidade do Japão, onde assistiam os franciscanos, 531, 538, 542.

MECON, rio do Sião, 428.

MEERSMAN (Achiles), franciscano historiador da Índia, *363*, *368*.

MELIAPOR, 503.

MELO (Gaspar de), capitão de Malaca, 418.

MELO (Roque de), capitão de Malaca, 479.

MELO DE CASTRO (Jorge), capitão de Columbo, *15*, 174.

MELO COUTINHO (Diogo de), capitão de Columbo), *15*, *16*, 55, 120.

MELO DE SAMPAIO (João), capitão de Manar, 70-71.

MENÃO, rio do Sião, 432.

MENDES PINTO (Fernão) *345*, *364*, *499*.

MENDES DE VASCONCELOS (Mateus), 74, *175*.

MENESES (D. Fr. Aleixo de), arcebispo de Goa, 75, *131*, 160.

MENESES (Álvaro de), em Malaca, 406, 412.

MENESES (António de), capitão na armada do Achém, 407.

MENESES (D. Duarte de), governador da Índia, 70, *288*, 291, 300.

MENESES (D. Diogo de), 68.

MENESES (Francisco de), em Malaca, 406.

MENESES BAROCHE (Jorge), capitão de Columbo, *15*.

MER (Alexandre), capitão natural de Malaca, 417-418.

MESA DE CONSCIÊNCIA E ORDENS, 159-162.

METEVEL, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 141.

MIGUEL DE CAMPO MAIOR (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, *390*.

MIGUEL DA ILHA (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, *389-390*, 414.

MIGUEL DA MADRE DE DEUS (Fr.), franciscano da Custódia de S. Tomé, em Manar, 124-126.

MIGUEL DA PURIFICAÇÃO (Fr.), franciscano da província de S. Tomé, *313*.

MIGUEL DE S. BOAVENTURA (Fr.), custódio e comissário geral da Índia, *186-187*, 261, 331.

MIPÉ, igreja em Ceilão, 171.

MIRANDA (Francisco de), capitão de galeões, 486.

MIRANDA COUTINHO (António), vidana das agras, 18.

MIRSEU, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 138-139.

MODELIARES, reitoria própria deles em Jafanapatão, 247.

MOGOR, embaixador daí enviado, 84.

MONIS BARRETO, em Cândia, *35*, *65*.

MONROI (Fernando de), capitão de Columbo, *15*.

MONTILHA (Fr. Francisco), no Sião, *438*.

MORAIS (Manuel), jesuíta que foi a Ceilão, *39*.

MORENO (João), informador sobre coisas de S. Tomé, *288*.

MORRO (S. Cruz), reitoria dos franciscanos em Ceilão, 144, 154.

MORRO DE MAPANE, reitoria em Ceilão, *134*.

MOTA (António da), capitão em Ceilão, 117, 215, 221.

MOTA (Fr. Jorge da), dominicano no Sião, *438*, *447*.

MOURA (Cristóvão de), marquês de Castelo Rodrigo, 75.

NACOLAGÃO, passo das serras para Cândia, 111.

NANATA, reitoria dos franciscanos em Montota, 194.

NANGASAQUI, cidade onde foram martirizados os mártires do Japão, 542, 544, 549, 551-552, 561.

NANQUIM, cidade da China, 500--501.

NARCINGA, vid. Bisnaga.

NARCINGA DEVA RAI, rei de Bisnaga, 278, 283.

NAVACULI, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 246.

NEGAPATÃO, cidade com convento franciscano, 114, 219, 222, 253, 255, 298, 317-320.

NEGUMBO, fortaleza dos portugueses e reitoria dos franciscanos em Ceilão, *41*, 42, 87, 105, 106, 111, 112, 115, 118, *133*, *134*, 144, 159, 165, 166, 403.

NELUR, lugar onde assentavam os paços do rei de Jafanapatão, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 85, 201, *207*, 222, 241--242, 245.

NELUR, reitoria dos franciscanos em Bardês, *314*.

NICOBAR, ilhas, 406, 412, 424.

NICOLAU DA CRUZ (Fr.), visitador do bispado de Cochim pelo bispo D. Fr. André de S. Maria, 189.

NIPONGI, ilha do Japão, 529.

NISAMALUCO, reino no Decão, 280.

NOGUEIRA (Miguel), português em Chaul, 314.

NORONHA (Afonso de), vice-rei da Índia, *23*, *37*, *38*, *41*, *60*.

NORONHA (D. António de), capitão de Columbo, *15*.

NORONHA (Francisco de), morto em Malaca, 412.

NORONHA (Henrique de), em Malaca, 410-411.

NORONHA (Julião de), 95.

NORONHA (D. Miguel de), vice-rei da Índia, 123, 237.

NOSSA SENHORA DOS MILAGRES, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, fundação, 186--190, 243-248; milagres atribuídos à Senhora dos Milagres, 224--227, 249-259; frades sepultados na igreja, 260, 265; convento e colégio, 188, 189, 193, 244; reitores, 191, *195*, 211, 231, 241; baptismos, 240, 241-242.

NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS, primeiro nome da reitoria e convento de Nossa Senhora dos Milagres.

ODIÁ, capital do Sião, 349, 352, 431--434, 437, 447, 448, 474; conven-

to de franciscanos a edificar aí, 463.

ODIAVER, deus de Bisnaga, 273, 276.

OLIVEIRA (Filipe de), capitão de Jafanapatão, 189, *195*, 207, 210--213; venceu o primeiro levantamento, 214-218; venceu o segundo, 219-227, 229, 232; pede franciscanos para fazer cristandade, 239-242, 256, 259.

ORIXÁ, 255, 327, 328, 329, 347.

ORMUZ, 286, 287, 321, 506.

ORTIZ CABEZAS (Fr. Pedro), franciscano no Sião e Camboja, *438*, *467*.

OSÓRIO (Jerónimo), escritor, 306.

PAGODES célebres, 10, 47-48, 137, 164, 174, *179*, 185, 199, 209, 215--216, 219, 272-273, 274-277, 318.

PAIVA (António de), que foi com franciscanos a Macáçar, 490-491.

PAIVA (João de), vigário de Ceilão, 151.

PALANCHENA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, *41*, *105*, *134*, 145.

PALEACATE, cidade na costa oriental da Índia, *175*, 291, 309.

PALENDA ou PELANDA, 23, 40.

PALNAGURE, capital de Cândia, e igreja, 66, 67, 95.

PANADURÊ ou PANATURÊ, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 39, 90, 134, 143, 171.

PANANGAMO, povoação de Jafanapatão, 241.

PANANGARO ou PANANGURO, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 193, 262.

PANARUCA, reino de Jaoa, onde foi missão franciscana, 478, 479.

PANTALEÃO DA MADRE DE DEUS (Fr.), franciscano, reitor de Nelur, 245.

PÃO, reino onde foi missão dos franciscanos, 486.

PARA RAXA CHEGRA PANDARÁ ou PERA RAXA, rei de Jafanapatão, 207, 231, 240.

PARAVÁS, povo da Costa da Pescaria, 322-326.

PARADUA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 110, 138.

PAREANGELI, terra entre Jafanapatão e Mantota, 194.

PARIS, universidade, 363.

PASCÁSIO (Fr. Pedro), franciscano, *363*, 364.

PASCOAL (Fr.), franciscano missionário em Cândia que baptizou Maastana, *26*, 56, *64*, *65*, 67, 72.

PATANA, reino, 347.

PATANGATI, chefe dos careás, baptizado, 62.

PATIM, povoação de Manar onde foram martirizados muitos careás, 177, 267.

PAULO V, papa, *169*, 172, *301*, 309.

PAULO, cristão de Jafanapatão, 199--200.

PAULO DA ESTRELA (D. Fr.), bispo de S. Tomé, 265.

PAULO DE JESUS (Fr.), custódio das Filipinas, *377*.

PAULO DA PAIXÃO (Fr.), franciscano em S. Tomé, *308*.

PAULO DE SANTARÉM, (Fr.), franciscano em Ceilão, *25*, *26*.

PAULO DA TRINDADE (Fr.), *4*, *10*, *13*, *72*, *78*, *87*, *285*, *294*, 332, *427*, *431*, *441*, *484*, 571.

PEDRO (D.), renegado, *207*.

PEDRO DE ÁLFARO (Fr.), franciscano das Filipinas, que veio à China, Macau e Sião, 376, 378--379, *385*, 386, *437*, *495*, 510--515, 518-522.

PEDRO DOS ANJOS (Fr.), franciscano refém em Cândia, 79, 139, 150-152, 268.

PEDRO DE AROUCA (Fr.), franciscano da Custódia de Malaca, missionário em Panaruca, *389*, 479, 480.

PEDRO DE ÁVILA (Fr.), franciscano mártir no Japão, 565.

PEDRO BAPTISTA (S.), franciscano mártir do Japão, 522, *533*, 536, 541-544, 546.

PEDRO DE BELÉM (Fr.), franciscano em Ceilão, 43, *55*.

PEDRO DE CRISTO (Fr.), franciscano prisioneiro em Cândia, 56, 95-98, 99-103, 186.

PEDRO DE LISBOA (Fr.), franciscano prisioneiro em Cândia, 96-97, 105.

PEDRO DA MADALENA (Fr.), franciscano em Ceilão, *26*, 64, *66*, *87*.

PEDRO DA MADRE DE DEUS (Fr.), franciscano em S. Tomé, *308*.

PEDRO DOS SANTOS (Fr.), prisioneiro no Sião, *438*.

PEGU, reino da Ásia: — Descrição e guerras, 8, 288, 293, 336, 339, *340*, 344-361, *427*, 435, 436. — Missão franciscana, 362-371. — Buda e seu dente, 181-183.

PEIXOTO (Fr. António), franciscano em Ceilão, sabedor da língua indígena, reitor de Belitote, 109-111, 113-114, 117, 121-122, 147-148.

PENTEADO (Álvaro), informador sobre coisas de S. Tomé, *289*, 291.

PEQUIM, cidade da China, 499-500, 507.

PERA, reino na península de Malaca, missionado pelos franciscanos, 486.

PEREANGALI, reitoria dos franciscanos em Mantota, 194.

PEREAPULI, rei de Jafanapatão, 174, *175*.

PERA XAGRA PANDARA ou rei Torto, rei de Jafanapatão, 174, *175*, 184, 207.

PEREIRA (Fr. Manuel), franciscano morto em Cândia, 56, 74, 95-96.

PEREIRA DE LACERDA (Afonso), capitão de Columbo, *15*, *40*, 62, 84, 91-93.

PEREIRA DE SAMPAIO (Mateus), capitão de Columbo, *15*.

PEREIRA VELHO (Francisco), em Jafanapatão, 215.

PERES ANDRADE (Fernão), primeiro embaixador à China, 507.

PÉREZ (Lourenço), franciscano historiador, *368*, *376-379*, *385*, *390*, *438*, *466*, *485*, *496*, *521*, *533*, *557*, *558*, *565*.

PÉREZ DASMARINAS (Gomes), governador das Filipinas, 537.

PÉRSIA, 271, 295, 373.

PESSOA (André), no cerco de Malaca, 413.

PETIGALDENÊ, presídio entre Columbo e Cândia, 118.

PICO DE ADÃO, montanha em Ceilão, 9, 10.

PIMILARANO, no Mindanau, rei cristão, 498.

PINA (Mons.), auditor da Rota, 554.

PINA (Fr. Manuel de), franciscano na armada de Malaca, 414.

PINHEIRO (Fr. António), franciscano em Negapatão, *317*.

PINTO (Fr. Manuel), custódio de S. Tomé, *186*, 309.

PINTO (Manuel), que foi a Macáçar, *490*.

PINTO (Simão), modeliar de Cândia, 105.

PINTO DE MORAIS (João), que foi a Malaca, 406.

PIRES (Tomé), na primeira embaixada à China, 507.

PISSULANCAR, historiador, *207*, *214*, *217*, *230*.

PITIGÃO CORLA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 144.

PLÍNIO, escritor romano, 11.

PONTA DAS PEDRAS, reitoria dos franciscanos em Jafanapatão, 193, 222, 246, 262.

PONTE DE ADÃO, série de ilhas que liga Ceilão ao continente indiano, *275*.

PORCÁ, reino, 312.

PRAKASAR, historíador de Ceilão, *26*.

PRAUNCAR I e II, reis de Camboja, *466*, 467, 471.

PREACOTA, passo na cidade de Cota em Ceilão, 54-55, 87-88.

PRINCEPE PRETO, do Sião, 348-349, 351-356.

PRÍNCEPS BRANCO, do Sião, 348. 435-436, 458.

PROITA RALA ou RADARAKSA, o embaixador do rei de Cota a Lisboa, 24, 30-31, *39*, *137*.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA ALEMANHA INFERIOR, *268*.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA ARRÁBIDA, *377-378*, 384, *438*.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA MADRE DE DEUS, *130*.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DA PIEDADE, *26*, 79, *308*, 377-378, *389*.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DE PORTUGAL, *239*.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DE S. ANTÓNIO, *377-378*, 389.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DE S. GREGÓRIO DAS FILIPINAS, 536-540, 550.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DE S. JOSÉ, 384.

PROVÍNCIA FRANCISCANA DE S. TOMÉ, 309, 568-570.

PTOLOMEU, geógrafo, 4, 5.

PUNARIM, reitoria franciscana de Jafanapatão, 247.

PUNI RAJA RAJU, rei de Jafanapatão, 184.

PURGANDIVA, ilha adjacente a Jafanapatão, com reitorias franciscanas, 191.

PUNICALE, na Costa da Pescaria, *40*, 179-180, 266, 322-326.

PUTALÃO, na Costa da Pescaria, 23, 268.

PUTUR, pagode e reitoria no Jafanapatão, 216, 221, 246.

QUATRO CORLAS, senhorio ou reino em Ceilão, 8, *9*, 16, 18, 23.

QUEIRÓS (Fernão de), historiador de Ceilão, *4*, *13*, *14*, *25*, *26*, *37*, *38*, *40*, *44*, *49*, *55*, *64*, *67*, *69*, *71*, *72*, *74*, *76*, *77*, *78*, *79*, *80*, *84*, *85*, *87*, *89*, *93*, *97*, *103*, *105*, *106*, *110*, *111*, *122*, *123*, *124*, *128*, *132*, *134*, *135*, *139*, *140*, *141*, *145*, *150*, *154*, *165*, *169*, *175*, *179*, *184*, *186*, *187*, *188*, *189*, *190*, *191*, *193*, *194*, *195*, *207*, *208*, *211*, *214*, *220*, *231-232*, *233*, *240-242*, *247*, *249*, *254*, *263*, *298*.

QUÍLOA, fortaleza na costa oriental da África, 373.

RACHOL, junto a Goa, conquistada pelo rei de Bisnaga, 279, 287.

RADARAKSA PANDITA, fid. PROITA RALA.

RAFAEL DE JESUS (Fr.), missionário no Pegu, *370*.

RAIGÃO CORLA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 143.

RAJAPURE, povoação de Ceilão, junto da qual havia ruinas julgadas romanas, 10, 11.

RAJA SINGA RAJU, rei de Cândia, *64*, *110*, *111*.

RAJU, rei de Ceitavaca, conquistador dos reinos de Cota e Cândia, 23, 40, 45, *46*, 55, *61*, *63*, 67-68, 69-72, 74, 84 87-89, 92, 94-95, *133*, *134*, 137.

RAMA, deus de Bisnaga, 275.

RAMACUNÊ, reitoria dos Agostinhos em Ceilão, 144.

RAMANANCOR ou RAMANCOR ou REMANANCOR, celebrado pagode em pequena ilha entre Ceilão e a Índia, 174, 209, 214, 216, 275, 321.

RAMA RAJU ou RAMAJARA, rei de Bisnaga que atacou a cidade de S. Tomé, 279-280, 283, 292, 294-297, 301.

REBELO (António), português se-

nhor da ilha das Vacas adjacente a Jafanapatão, 211.

REBELO (Francisco), ido a Malaca. 409.

REI PRETO, do Sião, vid. SIÃO.

REI TORTO, vid. PERA XANGRA PANDARA.

REIGAMA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 140, 152-153, 165.

REIGÃO CORLA, senhorio ou reino de Ceilão, 23.

REIGÃO PANDAR, rei de Reigão, 23.

REITORIAS FRANCISCANAS, procura o bispo de Cochim que passem para o clero diocesano, 158-162.

REITORIAS FRANCISCANAS: — Em Cota, Ceitavaca e Cândia, *36*, *39*, *41*, 133-146. — Em Jafanapatão, 244-247. — Em Mantota, 194-197. — Em Manar, 266-269.

RIBEIRO (António), secretário do rei D. João Perapandar, 49.

RIBEIRO (João), historiador de Ceilão, *9*, *85*, *110*.

RIBEIRO GAIO (D. João), bispo de Malaca, *377*, *381*-382, 345, 462.

RIBEIRO DE SOUSA (Salvador), em Sirião, *345*.

RICARDO DE S. ANA (Fr.), mártir no Japão, 565.

RIMALA REJU, sobrinho do rei de Bisnaga, 271-272.

ROCHA (Bartolomeu da), agasalhou as clarissas vindas para Macau em casa sua, 527.

RODRIGO DA CRUZ (Fr.), franciscano em Malaca, *389*, *466*.

RODRIGO DAS CHAGAS (Fr.), franciscano em Manar, 70-71.

RODRIGUES (Fr. Manuel), franciscano canonista, 51-52.

RODRIGUES COUTINHO (Manuel), capitão de Punicale, 266.

RODRIGUES TEIXEIRA (Manuel), mercador português, 255.

RODRÍGUEZ (Fr. Agostinho), franciscano das Filipinas ao Japão, 539.

ROIZ (Fr. Bartolomeu), franciscano das Filipinas que foi à Cochinchina e Japão, 495, 536.

ROLIM (Francisco), capitão de navio. 84.

ROMANOS, ruinas em Ceilão a eles atribuídas, 10-11.

ROXO (Francisco de Meneses, o), capitão geral de Ceilão, 14, *16*.

ROXO DE MENESES (Francisco), capitão de armada, 340-343.

RUANELA, lugar de Ceitavaca, 71.

SÁ (Garcia de), governador da Índia, 293.

SÁ (Fr. José de), agostinho em Malaca, 402.

SÁ (D. Leonardo de), bispo da China ou Macau, 495, *514*.

SÁ (Fr. Mateus de), franciscano reitor de N. Senhora da Luz em S. Tomé, *310*.

SÁ NORONHA (Constantino de), capitão geral de Ceilão, *16*, 63, 79, *80*, 85, *105*, 108-117, 119, 127, 136, 164, 167, 212, 215-216, 232, 233, 234.

SALDANHA (Aires de), vice-rei da Índia, 132, 204-205.

SADÁXAVA o mesmo que CATÁXAVA.

SAGAMO, rei de Bisnaga, 293.

SALGADO (Gaspar), síndico dos franciscanos em Columbo, manda socorro a Jafanapatão, 56, 210.

SALPÉ, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 145, 171.

SALSETE de Baçaim, reitorias, 161, 242.

SALSETE de Goa, 287.

SALTIPITE Corla, povoação de Ceilão, 155.

SAMATRA, ilha, 4, 12, 416.

SAMORIM de Calecute, auxílio prestado a Madune de Ceitavaca, 87, 286.

SANTIGANO, ilha ao norte de Maluco onde foram missionários, 489.

SÃO TOMÉ, cidade na costa oriental da Índia: — Cidade, 110, 253, 280-281, 284, 288-298. — Diocese, 253, 300-301, 304, 417, 426. — Convento e reitoria franciscana, 44, 307-310, 311-316.

SÃO TOMÉ, reitoria em Ceilão, casa de catecúmenos, *41*, *134*, 136-137, 159.

SATIGÃO, em Bengala, 327.

SAVEIARES, reino conquistado pelo Sião, 436.

SCHURHAMMER (G.), historiador de Ceilão, *23*, *25*, *26*, *33*, *34*, *35*, *37*, *39*, *40*, *41*, *55*, *59-60*, *64*, *65*, *137*.

SEBASTIÃO, rei de Portugal, 43, *45*.

SEBASTIÃO DE BAEZA (Fr.), franciscano das Filipinas ido a China, 511-515.

SEBASTIÃO DA LUZ (Fr.), franciscano prisioneiro em Cândia, 105.

SEBASTIÃO DE S. FILIPE (Fr.), franciscano em Manar, *267*.

SEBASTIÃO DE S. FRANCISCO (Fr.), franciscano das Filipinas, *326*.

SEBASTIÃO DE S. JOSÉ (Fr.), franciscano das Filipinas em Malaca, 485.

SEBASTIÃO DE S. PEDRO (D. Fr.), bispo de Cochim, 127-128, 156-162, 228-230.

SECO MONIZ (Agostinho), morador em Gale, 151.

SEIXAS (Lançarote de), vedor da fazenda, 192, 262.

SENHORA DA LUZ, reitoria dos franciscanos em S. Tomé, 310.

SENHORA DOS MILAGRES, vid. NOSSA SENHORA DOS MILAGRES.

SENHORA DA SAÚDE, reitoria dos franciscanos junto de Negapatão, 320.

SETE CORLAS, senhorio ou reino de Ceilão, 8, *9*, 16, *40*, 60, 61, 76, 85, 91, 118, 216.

SIÃO, reino da Ásia: — Descrição e história, 8, *345*, 347, 351-357, 359, 373, 407, 427-440, 444, 472-477, 530. — Missão franciscana, 435-464, 475-476. — Outras missões, 451, 475.

SIÃO, reino em Macáçar, missão franciscana, 488, 490, 492.

SILVA (Bento da), escritor sobre coisas de Ceilão, 4, *69*.

SILVA (Francisco da), português de Columbo, 74. 95.

SILVA (Gomes da), capitão de campo em Ceilão, 129.

SILVA (D. Gonçalo da), bispo de Malaca, 398, 399.

SILVA (João da), capitão de Malaca, 439, 487.

SILVA (Pedro da), síndico do convento de S. António de Columbo, 50, 67.

SILVA REGO (António da), historiador, «Documentação para a história das Missões», *33*, *34*, *36*, *40*, *133*, *179*, *285*, *286*, *289*, *290*, *292*, *298*, *308*, *363*. — «História», *323*.

SILVEIRA (Diogo da), capitão de armada, 26.

SILVEIRA (João da), capitão da fortaleza de Columbo, 14.

SILVESTRE (Fr. António), franciscano, morto em Ceitavaca, 106.

SIMÃO DE COIMBRA (Fr.), franciscano em Ceilão, *26*, *64-65*.

SIMÃO DA LUZ (Fr.), franciscano morto em Cândia, 56, 74, 95.

SIMÃO DA NAZARÉ (Fr.), franciscano no cerco de Cota, *54-55*, 88-89.

SINGAPURA, 373, 426.

SINICA FRANCISCANA, publica-

ção sobre trabalhos dos franciscanos na China, *377*, *386*, *387*.

SIRIÃO, fortaleza no Pegu, *340*, *345*.

SOARES (Lopo), governador da Índia, ida a Ceilão, 13-14.

SOARES (Sebastião), no cerco de Malaca, 413.

SOCOTORÁ, ilha na entrada do Mar Vermelho, *26*, 502.

SODRINO DE MESQUITA (Rui), inquisidor de Goa, procurador do rei de Cota, *45*, *72*.

SOFRAGÃO, fortaleza dos portugueses e reitoria dos franciscanos, 9, 10, 18, 111, 117, 118, 143.

SOLIGANO, cidade na ilha de Santigano, 489.

SOLOR, ilha da Indonésia, missão franciscana e dominicana, 483-484.

SOUTOMAIOR (Francisco), em Malaca, 406, 413.

SOUSA (André de), português em Ceilão, *34*, *59*, *64*.

SOUSA (Fr. André de), franciscano em Cândia, 56, 68.

SOUSA (Diogo de), morador em Columbo, 113.

SOUSA (Francisco de), capitão de navio, 255.

SOUSA (Fr. Manuel de), guardião do convento de S. Tomé, *308*.

SOUSA (Martim Afonso de), vice-rei da Índia, *37*, *60*, 175, *177*, 508.

SOUSA COUTINHO (Manuel de), governador da Índia, *15*, 55, 69, 84, 484.

SOUSA VITERBO, escritor, *73*, *76*.

SUGREM PRACHEU SALEU, rei de Sião, 427.

SUNDIVÁ, ilha em Bengala, 331, 341, 343.

SUPA, reino em Macáçar, missão franciscana, 488, 490, 492.

TABARIJA, rei no Maluco, *485*.

TAICOSAMA, governante no Japão, 532-533, 562, 563-564.

TALAPITIM, povoação de Ceilão, 106.

TAMAO, ilha da China onde se fazia «veniaga», 507.

TANAÇARIM, porto e reino em Sião, 7, 8, 370, 459-460, 504.

TANADIVA, ilha adjacente a Jafanapatão, e reitorias franciscanas, 187, *188*, 189, 191, 205, *207*.

TANAVARÊ, cidade, pagode e reitoria dos franciscanos, 5, 40, 137-138, 165.

TANJAOR, naicado em Bisnaga, 209, 219-223, 224-227, 266, 271, 280, 310.

TANGUT ou TANGU, reino da Ásia, *345*, 359-360, 447, 463.

TANOR, reino no Malabar, 492.

TANQUES rituais em Bisnaga, 276.

TAPROBANA, 3, 11.

TATACHARI, sacerdote em Bisnaga, 272.

TAVARES DE MELO (B. J.), escritor português, *15*.

TAVEI, reino, 436.

TEBILICARÊ, pagode perto de Calecoulão, *175*.

TEIXEIRA (Duarte), escrivão de Ceilão, *34*.

TEIXEIRA (Luís), dissava das Sete Corlas, 118, 216-217.

TEODÓSIO (D.), capitão chingalá, traidor, 108, 117, *122*.

TELHEIRAS, convento franciscano aí, *73*.

TEMUDO (D. Fr. Jorge), bispo de Cochim, 178, 302, 306.

TERNATE, ilha das Molucas, missão franciscana, *484*, 485, 488.

TIDOR, ilha das Molucas, *484*.

TIMOJA, informador de A. de Albuquerque sobre Goa, 286-287.

TIRUMULA RAJU, rei de Bisnaga, 279, 281, *283*.

TOMÉ (S.), seu templo e relíquias em Meliapor e processos feitos sobre elas, 280, 284, 288-293, *297-298*, 297-299 300-302, 303-306; em Negapatão, 318-319; sua passagem em Sião, 428; na China, 501, 502-505.

TOSCANO (Tomé), vigário de Negapatão *317*.

TRANQUEIRA GRANDE, 71, 164-165.

TRANQUEIRA PEQUENA, 71.

TRANQUEIRINHA DOS MORTOS, 130.

TRAVANCOR, costa de, 321.

TRAVASSOS DE SOUSA (Amador), capitão de N. Senhora dos Milagres, 250-251.

TREMEL e TREMELEM, pagode de Bisnaga, 175, 274-277.

TRIBULI PANDAR, pai do rei de Cota D. João Pereapandar, *24*, *38*, *39-40*, 42, 90-93, *133*, 177, 178-179, *181*.

TRINQUIMALÊ ou TRINCOMALI, senhorio, porto e fortaleza em Ceilão, *9*, 56, 68, 79, *80*, 119, 192, 194.

TUTICURIM ou TUTUCURIM, porto na costa oriental da Índia, reitoria franciscana, 88-89, *184*, 321-326, 343.

ULUDU MATUAL, reitoria dos franciscanos no Jafanapatão, 246.

URUIUR, reitoria dos franciscanos no Jafanapatão, 246.

URUPETI, reitoria dos franciscanos no Jafanapatão, 246.

UVA, senhorio de Cândia ou reino, 8, 9, 69, *78*, 110, 119.

VAICOTA, povoação em Ceilão, 74.

VACUELA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 140.

VALANA, reitoria dos franciscanos em Tanadiva, 191, 193, 246.

VALENTE (Fr. Jerónimo), franciscano para Malaca, *390*.

VALÉRIO DE S. MIGUEL (Fr.), franciscano, 311-316, 414.

VALIGNANO (Alexandre), jesuita, *386*, *466*, *484*, *516*.

VARANA GULATA, rei dos careás, 209, 211.

VARANI, reitoria franciscana de Jafanapatão, 246.

VARELA (Fr. Miguel), dominicano em Jafanapatão, 256.

VATABLÉ (Francisco), escritor, 450.

VAZ (Miguel), vigário geral de Goa, *308*, 323-324, *491*.

VAZ DE MATOS (Miguel), vigário da vara de Gale, 151.

VAZ PEREIRA (Rui), capitão de Malaca, 490, 508.

VAZ PALHA (Gil), morador em S. Tomé, 301.

VELOSO (Belchior), mordomo da igreja de Mandanale em Ceilão, 155.

VEDÃOS, 199.

VELUR, capital de Bisnaga depois da conquista da cidade de Binava, 280-282.

VERAL, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 144, *154*.

VICENTE (Fr.), franciscano que acompanhou D. Lourenço de Almeida a Ceilão, 13.

VICENTE DE LAGOS (Fr.), franciscano, 492.

VIDIA PANDAR o mesmo que TRIBULI PANDAR.

VIDIAPALA ASTANE, neto de Bonegabago, irmão de Darmapala, 24.

VIEGAS (P. Vicente), missionou em Macaçar, *490-491*.

VIETNAM, *465*.

VIGEBAGO PANDAR, rei de Ceilão, 23.

VIGE SUNDRA ou VIRA SUNDRA,

modeliar que foi rei de Cândia D. João, *63*, 68.

VIGIAPALA ASTANA, filho do rei de Cândia, feito rei de Mathala, 119, 121, *169*.

VILACEM ou WALASSA, senhorio ou reino em Ceilão, *9*, 26, 60, 76.

VILICARÊ, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 145.

VILITOTA, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 141, 170.

VILEGAS (António), embaixador ao Achém, 407.

VINGATIPATI RAJU, rei de Bisnaga, 280-281, *283*.

VIRA NARCINGA, rei de Bisnaga, *283*.

VIRILO, reino do Decão, 280.

VRUMGUR, príncepe das Sete Corlas, 91.

VRAVARÊ, reitoria dos franciscanos em Ceilão, 143.

XAVIER (Manuel), biógrafo de Nun'Álvares Botelho, 123.

XISTO V, papa, 383.

Ximenez Samaniego (Fr. José), ministro geral da Ordem Franciscana, 571.

ALGUMAS DAS ERRATAS A CORRIGIR

Pág.	*linha*	*onde está*	*leia-se*
23	16 (nota)	Putulacão	Putalão
40	33 (nota)	João Frois	Luis Frois
48	10 (nota)	1562	1563
56	3 (nota)	cc. 19 e 35	cc. 12, 19 e 35
65	25 (nota)	1551	1550
70	25	Dr. Fr. Vicente	D. Fr. Vicente
79	5 (nota)	F. Manuel	Fr. Manuel
80	8 (nota)	Constantino de Sá Meneses	Constantino de Sá Noronha
105	23 (nota)	Constantino de Sá Meneses	Constantino de Sá Noronha
111	22	embaixdores	embaixadores
137	27	Prtugal	Portugal
184	13 (nota)	Padre Custodia	Padre Custódio
209	31	Tangoar	Tanjaor
244	29	guardinia	guardiania
261	5	Cânlia	Cândia
268	22	Putulão	Putalão
270	27	agúlia	águila
	28	crndo	crendo
271	25	Panjaor	Tanjaor
288	7	Mliapor	Meliapor
309	20	Paderes	Padres
	30	caminh	caminho
	31	Chilão	Chilao

Princeton Theological Seminary Libraries
1 1012 01291 2491

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS
ESCOLAS TIPOGRÁFICAS
DAS
OFICINAS DE S. JOSÉ

GUIMARÃES